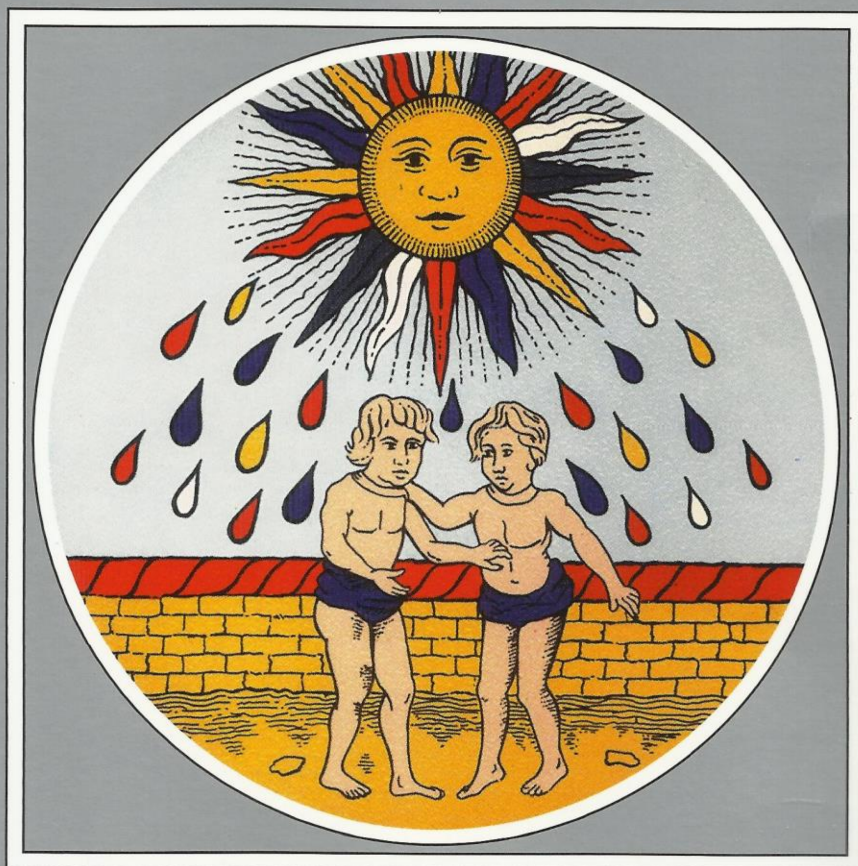
MEDITAÇÕES

SOBRE OS 22 ARCANOS MAIORES DO

TARÔ



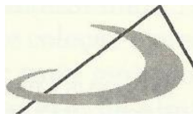
PAULUS

MEDITACÕES SOBRE
OS 22 ARCANOS
MAIORES DO TARÔ

por autor que quis manter-se no anonimato

Prefácio de Robert Spaemann

Apresentação de Hans Urs von Balthasar



PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Meditações sobre os 22 arcanos maiores do Tarô f por um autor que quis manter-se no anonimato ; prefácio de Robert Spaemann ; apresentação de Hans Urs von Balthasar; (tradução Benôni Lemos). - São Paulo : Paulus, 1989. - (Coleção Amor e psique)

ISBN 978-85-349-1102-3

1. Misticismo 2. Tarô l. Série : Amor e psique

CDD-133.32424 -248.22

88-0313

Índices para catálogo sistemático: 1. Tarô: Artes divinatórias 133.32424

2. Teologia mística: Cristianismo 248.22

Coleção AMOR E PSIQUE coordenada por Dr. Leon Bonaventure,
Ora. Maria Elci Spaccaquerche

Título original
Méditations sur tes 22 Arcanes Majeurs du Tarot

Tradução
Benôni Lemos

Impressão e acabamento
PAULUS

1 ª edição, 1989
8ª reimpressão, 2014

MISTO
JJ
FSC
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSCº C108975

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil) Fax (11) 5579-3627 • Te\. (11) 5087-3700 www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-1102-3

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO "AMOR E PSIQUE"

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão à teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a nrática nsicoteránica. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos os que são sensíveis à necessidade de pôr mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma", como C.G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

PREFACIO

Parece que este livro chegou na hora certa. Não sabemos o que mais admirar: se os caminhos sinuosos que essas vinte e duas cartas "do além-túmulo" seguiram até seu aparecimento ou se a segurança sonambúlica com a qual, depois de tantos anos e sem nenhuma publicidade, elas chegaram aos seus destinatários - os "amigos desconhecidos" de tantos países de todos os continentes, jovens e idosos, seguidores do dogma católico ou de uma "vida espiritual livre", teosófica ou antroposófica - uns e outros à procura do significado do antigo termo "Sabedoria". Para compreendermos a atração serena e, ao mesmo tempo, coercitiva dessas meditações, devemos entrar, por algum tempo, na escola desse mestre. Nesses "exercícios não se trata nem de ciência nem de fé. Neles o autor não tem a pretensão de ser de objetividade válida universalmente e que possa ser controlada sem nada pressupor, nem apresenta uma experiência vital subjetiva sem pretensão à verdade. Ele pratica um gênero especial do *ver* e introduz numa determinada tradição do ver, de um ver que, em nossa cultura, muitas vezes é atrofiado de maneira espantosa. Trata-se de um ver que tem por objeto fenômenos primitivos e *semelhanças* essenciais. Esse ver, que não pode nem deve substituir a ciência e a fé, é a raiz comum de ambas. Se ele se enfraquecer, elas degenerarão necessariamente: uma se tornará destrutiva, a outra, exangue. Ver semelhanças é anterior à ciência. O uso de conceitos só é possível quando somos capazes de ver semelhanças nas coisas e nos acontecimentos. Não importa quem descubra tais semelhanças. O importante é aprender a ver as semelhanças *essenciais.* Ver as semelhanças essenciais significa ver os fenômenos primitivos. Quando, por exemplo, os fenômenos do vivo, da planta e do animal, ou a beleza de uma obra de arte não são vistos, a explicação científica reduzirá a nada os fenômenos ou os descartará como "pontos de vista" puramente subjetivos e insignificantes. Hoje essa perda do ver e a tendência destrutiva que a ela corresponde são características do pensamento científico. A anemia atual da fé está ligada a essa perda. A fé renunciou à sua pretensão de ser um conhecimento, uma interpretação, tão verdadeira quanto substancial, do mundo, da vida e da história. Muitas vezes ela busca a interpretação do conteúdo dos acontecimentos da salvação numa ciência que, radicalmente, não é proporcionada a esse evento único e se reduz a uma "atitude", a uma forma de motivação moral. O conhecimento da fé, a gnose, como todo conhecimento, vive de um ver original. "Vinde e vede", respondeu Cristo quando os discípulos lhe perguntaram: "Mestre, onde moras?" (Jo 1,38). "Nós vimos a sua majestade", assim o evangelho de João torna crível a sua mensagem. O conheci-

mento científico consiste em se verem semelhanças *horizontais;* a fé pressupõe que se vejam analogias *verticais:* "O que está em baixo é como o que está em cima, e o que está em cima é como o que está em baixo" - as vinte e duas cartas só fazem explicar essa fórmula da Tábua de Esmeralda.[1] Somente quando essa fórmula é verdadeira é que o discurso sobre Deus deixa de ser vazio, incompreensível e sem nexo. Porque "ninguém jamais viu a Deus" (J o 1, 18). Esse pensamento dotado de visão não se limita a reconhecer que Deus é o ponto transcendente explicativo do mundo, nem, por outro lado, a reduzir o mundo espiritual das coisas invisíveis a um resto encarquilhado que pode ser derivado de uma funcionalidade antropocêntrica. A realidade do "céu, dos poderes celestes e dos bem-aventurados serafins" não se revela àquele que, brandindo a navalha de Occam, começa por perguntar: "Não podemos, talvez, livrar-nos das dificuldades sem admitirmos sua existência?" Essa atitude, que consiste em reduzir a riqueza do real àquilo "sem o que não podemos livrar-nos das dificuldades", faz com que sejamos responsáveis também pelo desaparecimento dos búfalos e dos elefantes e, até o ano 2.000, de algumas outras dezenas de milhares de espécies naturais. Estamos privados da oportunidade de perceber a riqueza do mundo do espiritual, para o qual o autor dessas meditações dirige nossos olhares. Mas, não nos reduzimos, talvez, por um reducionismo teológico do mesmo gênero?

Que a filosofia, sem a visão da transparência e da analogia dos fenômenos, se reduz a pura ciência formal sabiam-no os grandes pensadores do idealismo alemão, como Schelling, Franz von Baader e Hegel, quando retomavam, mais ou menos expressamente, aquelas tradições nas quais vem transmitido este "outro pensamento": as tradições herméticas, gnósticas e teosóficas. Foi assim que eles puderam combinar os conteúdos da fé cristã com o que sabemos do mundo por outras vias. O autor dessas vinte e duas cartas se situa nessa tradição européia da Sabedoria.

Existe uma comunidade surpreendente de todas as experiências espirituais autênticas em todos os tempos e em todas as culturas; essa tradição integra também a herança do Extremo Oriente, ao passo que as importações asiáticas, que hoje estão na moda, ignoram, o mais das vezes, completamente a história ocidental do ver meditativo e, precisamente por isso, não levam a uma compreensão mais profunda dessas importações. Mas essa ignorância não é fortuita. Ela decorre das deficiências, da perda do ver da qual falei no começo. Temos cada vez mais a impressão de que, em cultura e em religião, estamos no ponto morto, que corrói as almas. Contra isso reagem as vinte e duas cartas, como também todo outro pensamento ao qual aplicamos o termo "Sabedoria".

1 "Tábua de Esmeralda", assim é chamado um "texto em doze versículos [mais um, o décimo terceiro, de autenticidade muito duvidosa], atribuído a Hermes Trismegisto, contendo, nos termos mais obscuros, várias afirmações cosmogônicas, cuja interpretação é discutida" *(Grand Laroussei* . (N. do T.).

O que é próprio do autor desses exercícios é o papel que ele atribui, no conjunto de nossa vida espiritual, à tradição hermética da Sabedoria. Ele a destaca do papel hermético tradicional e se eleva acima da ciência e da Igreja. Para ele o hermetismo não funda uma nova ciência, nem uma nova Igreja, mas está a serviço da ciência e da fé, como uma ponte entre as duas. Ele se considera o fermento de nossa cultura espiritual. Assim, por exemplo, a sua surpreendente explicação platônica da teoria da evolução não faz concorrência com esse paradigma científico, mas, ao contrário, permite combinar a teoria da evolução com a verdade fundamental e evidente segundo a qual o mais perfeito não pode ser tirado do menos perfeito. O que o autor mais deseja é mostrar a todos os que procuram a Sabedoria, aos herméticos, aos teósofos e aos antropósofos, que a *única* Igreja, a Igreja dos Apóstolos, a Igreja do Deus feito homem, é o seu verdadeiro lugar espiritual, sua pátria espiritual, da qual eles vivem todos os dias - queiram ou não - e que, sem suas preces e seus sacramentos, as realidades às quais eles dão importância deveriam desaparecer completamente de nosso mundo. O seu reconhecimento por esse espaço dado por Deus é comovente por seu calor e sua profundidade. Ele espera da Igreja católica não uma gratidão recíproca para com o pesquisador hermético da Sabedoria e o iniciado, mas somente que ela lhe conceda um lugar modesto, o último, a ele que, em virtude de uma vocação particular, não pode deixar de pesquisar, no caminho das analogias e das semelhanças, o grande e simples segredo da realidade e de fazer assim descobertas surpreendentes. Que desse último lugar que, segundo a palavra de Cristo, é o lugar privilegiado, venha reciprocamente para a Igreja um novo impulso, um impulso que a obrigue ao reconhecimento, não depende dos homens. Mas parece cada vez mais que será assim. Os cristãos do futuro deverão ser "cristãos gnósticos, amadurecidos e esclarecidos", aos quais, segundo a palavra do Cardeal Martini, arcebispo de Milão, "é dirigido todo o anúncio do Novo Testamento". E quando o papa João Paulo II, em Paris, perguntou à nação francesa:
"França, ainda és fiel à Sabedoria Eterna?", não foi por acaso que ele usou esse termo e não um outro como "fé". Segundo o ensinamento cristão, a fé é um dom que ninguém dá a si mesmo. Mas a sabedoria humana, participação da Sabedoria eterna, é uma disposição do espírito que pode ser adquirida por exercícios como os apresentados nessas vinte e duas cartas. Na Igreja oriental, o diácono, antes de ler o Evangelho, exclama: "Sabedoria! De pé! ", e antes do começo da celebração do Mistério propriamente dito: "De pé, com respeito!" Esses dois convites supõem que os presentes saibam que certas disposições do espírito e do corpo são condições necessárias para ouvirem o *Logos* divino e para que ele se lhes torne presente. São essas mesmas condições que salvam uma civilização da ruína.

Robert Spaemann

APRESENTAÇÃO

Fui amavelmente convidado a escrever uma apresentação para este livro tão enriquecedor, é verdade, mas cujo interesse para a maior parte dos leitores parecerá bastante remoto. Apresso-me, todavia, em confessar minha incompetência no domínio em que ele se move: não me sinto em condições de seguir nem de aprovar o autor em cada uma das diligências de seu pensamento, e muito menos de submeter a um exame crítico todos os argumentos tratados. A sua abundância é, porém, tão grande e tão digna de nossa consideração que merece mais do que indiferença.

Um pensador e orante cristão, cuja pureza força à admiração, apresenta-se diante de nós, inspirando-se nas ciências cabalísticas e em alguns elementos da alquimia e da astrologia, símbolos do hermetismo cristão em seus diferentes níveis - mística, gnose e magia - símbolos esses reunidos nos chamados vinte e dois "grandes arcanos" do jogo de tarô, e, por suas meditações, procura reconduzir à sabedoria mais profunda, porque universal, do mistério católico.

Lembremos, em primeiro lugar, que essa tentativa não se encontra icolada na história do pensamento católico, teológico e filosófico. De modo geral, os Padres da Igreja interpretavam os mitos nascidos do pensamento e da imaginação pagãos como vagos pressentimentos do *logos* plenamente revelado em Jesus (demonstração essa que foi retomada de maneira monumental por Schelling em sua última filo.ofia). Em particular, Orígenes, indo até o fim nesse caminho, empenhou-se em sua ação de cristão, em levar para a clareza da revelação bíblica não só a sabedoria filosófica dos pagãos como também a "sabedoria dos príncipes deste mundo" (lCor 2,6), pela qual ele entendia "algo como a pretensa filosofia secreta dos egípcios" (fazendo alusão aos escritos herméticos atribuídos a "Hermes Trismegisto" = Tot, divindade egípcia), "a astrologia dos caldeus e dos hindus... que prometem ensinar a ciência das coisas supra terrestres" e também "as múltiplas doutrinas dos gregos sobre a natureza do divino". Ele considerava possível que os poderes do mundo não ensinem sua sabedoria "aos homens ... para os lesar, mas porque eles mesmos acreditam na verdade dessas coisas". Idéias semelhantes encontram-se na *Praeparatio evangelica* de Eusébio de Cesaréia.

São conhecidas as muitas influências, em parte árabes, exercidas durante a Idade Média pelas idéias de poderes do mundo ou de "inte, ligências" (entendidas por uns como pensamentos de Deus, por outros, como anjos) na filosofia cristã da natureza; mas é conhecida sobretudo a preocupação que, continuando esse gênero de especulação, tiveram os melhores espíritos da Renascença de transpor novamente para o domínio cristão a cabala mágica e mística dos judeus. Notou-se, nessa época, que um bom número de Padres da Igreja tinham arranjado para o misterioso Hermes Trismegisto um lugar de honra entre os profetas e os sábios pagãos, e que livros herméticos tinham circulado desde o começo da Idade Média até a baixa Idade Média. A Renascença, por seu lado, celebra em Hermes Trismegisto o grande contemporâneo de Moisés e o ancestral da sabedoria grega (lembremos a sua venerável figura incrustada no pavimento da catedral de Sena). Se, por meio· dele e de outros pensadores pagãos, os poetas, os artistas e os teólogos, com um entusiasmo respeitoso, fazem voltar para seu foco cristão os raios dispersos da luz divina, muito mais peso tem o outro repatriamento, o da cabala, cuja tradição oral secreta é feita remontar aos tempos de Moisés. As primeiras discussões defendendo ou contestando as doutrinas esotéricas da cabala são atribuídas aos judeus espanhóis do século XII, convertidos ou não; três séculos mais tarde foi tentado o contato com ela por Reuchlin, na Alemanha, por Ficino e principalmente por Pico della Mirandola; e o surpreendente cardeal Egídio de Viterbo (1469-1555) procurou usar a cabala na exegese da Sagrada Escritura, *non peregrina, sed domestica methodo,* "empregando um método que não lhe é estranho, mas de acordo com o seu espírito". Por ordem de Clemente VII, esse príncipe da Igreja redigiu seu turbulento tratado da *Schechina,* dedicado a Carlos V. Seria fácil citar, além desses poucos nomes célebres, uma multidão de precursores e imitadores de menor envergadura; o que importa aqui é que essa penetração do esoterismo pagão e judaico correspondia inegavelmente ao espírito do humanismo, que esperava insuflar uma vida nova na teologia cristã estagnada, reunindo assim raios dispersos da revelação, sem duvidar, um só instante, da possibilidade de reunir todos esses elementos contrastantes na fé cristã autêntica. Pico della Mirandola, de modo particular, afirmou claramente que .não procurava nenhum sincretismo: "Trago em minha fronte o nome de Jesus, e morrerei com alegria pela re que tenho nele. Não sou mágico, nem judeu, nem ismaelita, nem herege; é a Jesus que rendo culto, é a sua cruz que trago em meu corpo". Também nosso autor subscreveria essa afirmação.

De modo análogo, houve outras "repatriações" notáveis de sabedoria hermética e cabalística para o pensamento bíblico e cristão como, de modo especial, as transposições, feitas por Martin Buber, do hassidismo, que era profundamente marcado pela cabala, para o nível da percepção moderna, e a transformação, de um vigor igualmente tão criativo, operada pelo filósofo Franz von Baader, incorporando a cristosofia de J akob Boehme à concepção católica do mundo. Mencionare-

mos ainda, brevemente, uma terceira transposição, menos clara, porém, a saber, a da alquimia e a da magia antigas para as esferas da psicologia das profundezas, feita por C. G. Jung. Quanto às presentes meditações, elas vão todas no mesmo sentido que as grandes contribuições de Pico della Mirandola e Baader, apesar de não decorrerem delas diretamente. Os afluentes místicos. mágicos e ocultos que alimentam o rio de suas reflexões são bastante variados, mas isso não impede que essas águas, misturando-se, cheguem a uma contemplação cristã multiforme, mas unida em seu fundo.

II

Estranhamente essas "Meditações" escolheram como ponto de partida as velhas figuras simbólicas do jogo de tarô. Evidentemente o autor não ignora o uso mágico e divinatório que é feito dessas cartas. Mas, apesar de não sentir nenhum escrúpulo quanto ao emprego do termo tão complexo "magia", ele não se interessa, nessas "Meditações", pela prática da cartomancia. O que lhe importa são unicamente os símbolos ou as quintessências representadas nas cartas e consideradas separadamente ou em sua interdependência; como ele cita várias vezes C. G. Jung, podemos chamá-las (com reserva) de arquétipos. Mas guardemo-nos de interpretá-las como simples dados do inconsciente coletivo respeitantes à psicologia interna - coisa que também Jung não faz de modo absoluto -, porque elas podem ser entendidas tão bem como os princípios do cosmo objetivo, roçando então a esfera daquilo que a Bíblia chama de "dominações e autoridades".

As origens do . jogo de tarô e as relações de seus símbolos com a história do espírito humano (aliás, no decorrer do tempo, a sua representação variou muito) são obscuras. Parece fantasioso derivá-las da sabedoria egípcia ou caldéia; podemos admitir, ao contrário, que foram os boêmios que empregaram e difundiram as cartas. Entre as que foram conservadas. as mais antigas datam do fim do século XIV. Somente pelo fim do século XVIII é que foram estabelecidas as relações atualmente existentes entre os símbolos do jogo de tarô e a cabala (o arqueólogo Court de Gébelin, 1728-1784, foi o primeiro a supô-las) como também entre o alfabeto hebraico e a astrologia. Foi tentada várias vezes a aproximação da ciência cabalística e do tarô com a doutrina católica, sendo o esforço mais vasto nesse sentido o de Eliphas Levi (pseudônimo do padre Alphonse Louis Constant), cuja primeira obra, *Dogme et Rituel de la Haute Magie,* apareceu em 1854; o nosso autor a conhece bem e substitui seus desenvolvimentos, muitas vezes ingênuos, por uma exposição muito mais profunda. Houve oposições, como se pode ver pela publicação, em 1910, de *The Pictorial Key to the Tarot,* de Arthur Edward Waite, da "Hermetic Order of the Golden Dawn" - que, em parte, se propunham impedir o uso dos símbolos pelo cristianismo. Mencionemos ainda, entre as muitas tentativas de interpretação, a do teósofo russo F. D. Uspensky - como nosso autor, imigrante e professor influente e citado por ele, com espírito crítico, em sua obra *Un*

nouveau modele de l'univers - o qual, fiel à linha geral de sua concepção do mundo, comentava os símbolos do jogo de tarô, de um lado, no quadro das religiões orientais e, do outro, no de uma psicologia das profundezas fortemente impregnada de elementos eróticos. Mas para que continuarmos a caracterizar os muitos escritores ocultistas, teósofos e antropósofos que o nosso autor submete à sua análise, recusando a uns como insuficientes e emprestando a outros um pensamento que lhe parece bastante precioso para ser incorporado à sua meditação? Sejam quais forem suas apropriações - trate-se de uma interpretação da *Sephirot* cabalística ou de pensamentos de Boehme, de Rudolf Steiner, de Jung, de Péladan, de Encausse (Papus), de Philippe de Lião ou de quem quer que seja - não deixemos de observar o ar finamente humorístico com o qual ele colhe, nas margens de seu caminho, toda sorte de pequenas flores para atá-las em seu buquê rico de imaginação. Freqüentemente ele cita grandes filósofos e teólogos como Tomás e Boaventura, Leibniz, Kant, Kierkegaard, Nietzsche, Bergson, Soloviev e Teilhard de Chardin, ou poetas como Shakespeare e Goethe, De Coster, Cervantes, Baudelaire e muitos outros; ele usa com desembaraço todos os registros da literatura mundial.

A leitura espiritual fundamental de um autor se revela, entre outras coisas, nas tradições com as quais ele tem afinidade e nas pessoas que ele cita com certa freqüência e com veneração afetuosa. Voltam assim, sem cessar, os nomes de santo Antão, de santo Alberto Magno e de são Francisco como também as citações abundantes colhidas de preferência nas obras de João da Cruz e de Teresa de Ávila.

Com terna gravidade nosso autor abisma-se na contemplação dos símbolos colocados diante de seu olhar, tira deles sua inspiração e se deixa levar livremente por sua faculdade imaginativa, que sonda as profundezas do mundo e da alma. Se, muito naturalmente, vem-lhe então a lembrança de luzes e leituras antigas, cujo acaso relativo ele não procura ocultar, nada impede que o poder maior de sua visão esteja menos nos pormenores - muitas vezes os caminhos de seu pensamento se cruzam - do que, como dissemos, na certeza inabalável de que, no mais profundo, todas as coisas se tocam e se remetem umas às outras em analogia recíproca, e de que o magnetismo de força unificadora superior domina e submete a si as percepções particulares mais isoladas. Para ele esse despotismo não corresponde ao despotismo humano, vulgar e mágico, ávido de dominar o saber e o destino por meio das forças do mundo, mas a algo muito diferente, que somos obrigados a chamar de "magia da graça" e que jorra com seu encantamento do coração dos mistérios da fé católica. E como esta fé não é e não quer ser mágica, o encantamento remete ao seu conteúdo: a submissão de todas as "dominações e autoridades" cósmicas ao reino de Cristo. O Novo Testamento descreve essa submissão dos poderes a Cristo como processo acabado em princípio, mas continuando até o fim do mundo. Aflora então uma contingência perigosa: a tentativa de se dedicar prematuramente,

por curiosidade ou por vontade de poder, às potências cósmicas, em lugar de abordá-las a partir do triunfo de Cristo sobre elas, atitude esta da qual só pode considerar-se capaz, na pior das hipóteses, o sábio verdadeiramente cristão.

É sumamente importante que compreendamos bem essas coisas para fazermos justiça à presente obra, que, sem dúvida, perturbará mais de um leitor. Se o autor conseguiu, de modo tão soberano, entrar com pormenores em todas as nuanças das ciências ocultas, é porque, para ele, elas não passam de realidades penúltimas, verdadeiramente acessíveis somente quando é possível referi-las ao mistério absoluto do amor divino manifestado em Cristo. Ele não entende a revelação cristã como a impressão, possível ou real, entre outros, dos arquétipos subjetivos e objetivos. Esses arquétipos constituem apenas o material cósmico no qual finalmente se encarna a única revelação cristã, ou ainda - uma vez que a encarnação do amor divino é meta final de todos os elementos cósmicos - a ciranda das alegorias e dos esquematismos que anunciam esse acontecimento usando o "espelho e o enigma".

Para melhor compreendermos esses problemas, podemos consultar uma obra similar, cuja espiritualidade tem, entretanto, tom diferente. Ela foi escrita por outro cristão, cujo pensamento profundo procurou também analisar a magia do tarô e sua superação religiosa. Seu título é *The Greater Trumps* (isto é, "Os grandes arcanos" do Tarô); o autor é Charles Williams (1886-1945), o misterioso amigo erudito de T. S. Eliot, C. S. Lewis, Tolkien e Dorothy Sayers. Quando esse escritor em romance anterior intitulado *The Place of the Lion* (1933), introduz bruscamente idéias platônicas como poderes no mundo dos fenômenos, tudo passa a depender da reação dos seres: se um é tomado de angústia louca, outro se abisma na adoração extática, outro é dominado por rapacidade arrebatada, visando à dominação do mundo a partir da idéia, enquanto um último adota a única atitude adequada, a de abandonar-se livremente - seja qual for a hegemonia cósmica dos poderes - à sua graça intrínseca. O livro *The Greater Trumps* (1950) descreve os princípios cósmicos do tarô, os quais, por pouco que apenas a magia queira servir-se deles, dispõem, em seu desencadeamento, de terríveis poderes destruidores do mundo, poderes que, quando, por fim, um amor totalmente desinteressado se coloca diante deles, são conjurados e submetidos ao seu senhor supremo .

Em Williams, como em nosso Autor, encontramos, em forma nova, a antiga sabedoria cristã que, lutando tenazmente desde os primeiros séculos contra todas as formas de fatalismo, especialmente contra a astrologia, em nome da soberania e da liberdade de Deus em face de todos 03 poderes cósmicos, não negou a existência de princípios terrestres secundários, que a providência põe a seu serviço para dirigir o curso das coisas. Lembremos uma vez mais a doutrina paulina, segundo a qual os "elementos do mundo" (venerados por muitos como poderes angélicos), as "dominações", as "autoridades" e os "príncipes deste mundo" são reconhecidos em sua realidade e em sua competência, mas nem por

isso são dispensados de ir na frente do carro triunfal de Cristo, submetidos que estão ao seu domínio (Cl 2,15). Williams mostra com muita evidência o mal que sofrerá o cristão - desejoso de explorar o campo de ação desses princípios secundários que constituem parte da realidade terrestre - se deixar desabrochar essa espécie de ciência sempre rigorosamente dentro do âmbito teológico. De qualquer forma, isso será infinitamente mais complicado do que quando se trata de transposições puramente conceituais do campo da filosofia não cristã para o da teologia. Mostra-o amplamente a história da astrologia em Bizâncio e no Ocidente em todos os séculos. Muitos são os que se comportam aqui como o aprendiz de feiticeiro e que são presos por suas práticas diletantes nas malhas de rede existencial que os priva da liberdade do cristão diante de Deus, assencial, antes de qualquer coisa, aos olhos dos Padres da Igreja. O comércio rendoso feito pela imprensa sensacionalista e pela literatura de baixo nível, com horóscopos totalmente inadaptados nos casos particulares, terminam por substituir a fé autêntica por superstição alucinante, quando, nesse domínio, seriam absolutamente necessários, além de formação especializada e de séria responsabilidade moral, como que um sexto sentido e um faro seguro dos limites do comunicável. como também reserva respeitosa diante do caminho religioso escolhido por cada um.

A presente obra eleva-se bem acima do nível dessas inúmeras imposturas. Considerada em seu conjunto, ela é somente "Meditação" e se abstém de qualquer indicação concreta que permita praticar as ciências "ocultas" sob a égide da sabedoria cristã. Provavelmente o autor teria sido totalmente incapaz de oferecer indicações gerais desse tipo ao alcance de todas as inteligências. Para ele o importante era fazer obra semelhante à de Boaventura, que, em seu tratado *De reductione artium ad theologiam,* passando revista a todas as etapas do conhecimento profano teórico e prático, mostrou que todas elas convergem para a encarnação do *logos* divino e do arquétipo divino para ficarem suspensas dele como de uma cadeia. Poderíamos pensar igualmente na prodigiosa visão do mundo de santa Hildegarda, que, como talvez ninguém mais fez, introduz os poderes cósmicos também (na ótica de então, é evidente) no vasto drama cristocêntrico que se desenrola entre a criação e a redenção, entre o céu e a terra - uma visão do mundo na qual verdadeiramente "ó Horácio, têm seu lugar coisas que ultrapassam teu entendimento escolar".

O problema de saber em que medida a síntese cristológica reria possível ou comunicável também no que se refere aos domínios intermediários dos quais o nosso autor se ocupa e o diagnóstico pormenorizado dessa possibilidade ultrapassariam de muito tanto o espaço reservado a esta apresentação como a nossa competência.

É certo que o autor, sempre e com grande consciência religiosa, procura seguir a ala central da sabedoria cristã. Acontece-lhe talvez afastar-se do meio, dando um passo muito à esquerda ou muito à direita. Entretanto, a abundância quase esmagadora das luzes autênticas e

ecundas, que ele traz de seus giros por regiões normalmente inacessíveis, certamente justifica a intenção de não privar um público mais amplo da leitura dessas "Meditações".

O autor fez questão de conservar-se no anonimato a fim de permitir que sua obra fale plenamente por si mesma e de evitar qualquer interferência de elementos pessoais. São razões que devemos respeitar.

Hans Urs von Balthasar

Essas meditações sobre os arcanos maiores do tarô se apresentam na forma de cartas dirigidas ao amigo desconhecido . O amigo desconhecido é cada um daqueles que as ler; depois de as meditar, ele saberá com certeza o que é o hermetismo cristão. Verá também que, através dessas cartas, o autor diz mais sobre si mesmo do que poderia fazê-lo de outra forma e, graças a elas, ele o conhecerá melhor do que por qualquer outra fonte.

Essas cartas foram escritas em francês - que não é a língua materna do autor - porque é na França, e remente na França, que se perpetua, desde o século XVIII, uma literatura viva sobre o tarô. Além disso, existe na França uma tradição contínua do hermetismo, a qual une o espírito de livre pesquisa ao respeito à Tradição. Essas cartas, pelo seu conteúdo, poderão tornar-se, portanto, parte integrante da Tradição e enriquecê-la.

Enquanto apoio e contribuição à tradição hermética - cuja origem se perde na noite dos tempos, tornada lendária, a época de Hermes Trismegisto - essas cartas são a manifestação concreta de uma corrente milenar de pensamento, de esforço e de revelação. O seu objetivo é fazer a Tradição reviver no século XX, mas também - e sobretudo - permitir que o leitor, o amigo desconhecido, se atire nessa corrente, talvez de modo definitivo. Por isso as numerosas citações de autores, antigos e modernos, que encontrarás nesses textos não são devidas a considerações literárias nem a preocupação de erudição. Elas querem apenas lembrar os mestres da Tradição, a fim de que eles estejam presentes, com suas aspirações e com a luz de seu pensamento, na corrente de meditação ilustrada por essas cartas - esses vinte e dois exercícios espirituais - que te permitirão, caro amigo desconhecido, atirar-te na corrente da Tradição viva e penetrar no seio da comunidade dos espíritos que a serviram e servem. As citações visam unicamente a pôr em destaque essa comunidade. Porque os elos da cadeia da Tradição não são feitos só de pensamentos e de esforços, mas também e sobretudo de seres vivos, que estão na origem desses pensamentos e esforços. A essência da Tradição não é uma doutrina, e sim uma comunidade de espíritos que permanece de geração em geração.

Do além-túmulo, teu amigo te saúda, caro amigo desconhecido.

I

O MAGO



O MAGO

O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai - assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito.

(Jo 3,8) 1

"Nessa noite feliz,
Eu me mantinha sozinho, ninguém me via. E eu não via nada
Para me guiar, senão a luz
Que brilhava no meu coração"
(São João da Cruz, *Cântico da alma,* estrofe III).

Caro Amigo Desconhecido,

As palavras do Mestre citadas acima serviram-me de chave para a compreensão do primeiro Arcano Maior do Tarô: "O Mago", que é, por sua vez, a chave de todos os outros Arcanos Maiores. Por isso eu as coloquei como epígrafe antes desta carta. Citei, em seguida, uma estrofe dos "Cânticos da Alma" de são João da Cruz, porque ela tem o poder de despertar as camadas profundas da alma para as quais é preciso apelar, quando se trata do primeiro Arcano do Tarô e, conseqüentemente, de todos os Arcanos Maiores. Porque os Arcanos Maiores são *símbolos* autênticos, isto é, "operações mágicas, mentais, psíquicas e morais" que despertam noções, idéias, aspirações e sentimentos novos, o que significa que eles exigem uma atividade mais profunda do que a do estudo e a da explicação intelectual. Por isso, para aproximar-se deles, é necessário manter-se num estado de recolhimento profundo e sempre renovado. Quando alguém medita sobre os Arcanos do Tarô, as camadas profundas e íntimas de sua alma se tornam ativas e dão seus frutos. É pois necessária a "noite" da qual fala são João da Cruz, na qual a alma "se mantém em segredo" e na qual deve atirar-se toda vez que medita

Splritus, ubi vult, spirat: et vocem etus audis, sed nescis unde veniat. aut quo vadat: sic est omnis qui natus est ex spiritu (Jo 3,8).

sobre os Arcanos do Tarô. É trabalho que deve ser realizado na solidão e que convém aos solitários.

Os Arcanos Maiores do Tarô não são alegorias nem segredos; as alegorias são, com efeito, a representação figurativa de uma noção abstrata; quanto aos segredos, são fatos, procedimentos, práticas e doutrinas quaisquer que alguém guarda para si, embora possam ser compreendidos e praticados por outros, aos quais seu dono não *quer* revelá-los. Os Arcanos Maiores do Tarô são símbolos autênticos. Eles ocultam e, ao mesmo tempo, revelam seu sentido na proporção da profundeza do recolhimento da pessoa que os medita. O que eles revelam não são *segredos,* isto é, coisas ocultadas pela vontade humana, mas *arcanos.* Arcano é aquilo que alguém deve *"saber"* para ser fecundo em determinado domínio da vida espiritual, aquilo que deve estar ativamente presente em nossa consciência - ou mesmo em nosso subconsciente - para nos tornar capazes de fazer descobertas, de gerar idéias novas, de conceber temas artísticos novos, numa palavra, para nos tornar fecundos em nossos esforços criativos, e isso em qualquer domínio da vida espiritual. O Arcano é um "fermento" ou uma "enzima" cuja presença estimula a vida espiritual e anímica do homem. E os símbolos são os portadores desses "fermentos" ou dessas "enzimas" e os comunicam - se o receptor for capaz de recebê-los, isto é, se se sentir "pobre de espírito" e não sofrer da doença espiritual mais grave: a suficiência.

Se o *arcano* é superior ao *segredo,* o *mistério* é superior ao arcano. O mistério é mais do que um "fermento" estimulante. Ele é um *acontecimento* espiritual comparável ao nascimento ou à morte física, é a mudança total da motivação espiritual e psíquica ou do plano da consciência. Os sete sacramentos da Igreja são as cores prismáticas da luz branca de um único Mistério ou Sacramento, o do segundo nascimento, que o Mestre ensinou a Nicodemos na conversa iniciática noturna com ele. É isso que o Hermetismo cristão entende por "Grande Iniciação".

Não é necessário dizer que ninguém inicia os outros, se entendermos por "Iniciação" o Mistério do segundo nascimento ou o Grande Sacramento. A Iniciação vem do alto e tem o valor e a duração da eternidade. O Iniciador está no alto; cá em baixo só se encontram condiscípulos e estes se reconhecem no amor que têm uns aos outros. Também não existem Mestres, porque existe um só *Mestre,* que é o Iniciador que está no alto. Sem dúvida, sempre existem mestres que ensinam suas doutrinas e iniciadores que comunicam alguns de seus segredos a outros, que se tornam, por sua vez, "iniciados", mas tudo isso não tem nada a ver com o Mistério da Grande Iniciação.

Por isso o hermetismo cristão, enquanto iniciativa humana, não inicia ninguém. Entre os hermetistas cristãos, ninguém se arrogará o título e as funções de Iniciador ou de Mestre. Porque todos são condiscípulos, e cada um é mestre de cada um, sob algum aspecto - como cada um é discípulo de cada um sob outro aspecto. Não podemos fazer mais do que seguir o exemplo de santo Antão, o Grande, que "se submetia de boa vontade aos zelosos (ascetas) que ia visitar e se instruía junto

deles na virtude e na ascese de cada um. Contemplava em um a amabilidade, em outro a assiduidade à oração; neste via a paciência, naquele o amor ao próximo; em um observava as vigílias, em outro a aplicação à leitura; admirava um pela sua constância, a outro por seus jejuns e por seu sono sobre a terra nua. Observava a mansidão de um e a magnanimidade de outro; em todos notava a devoção a Cristo e o amor mútuo. Assim, satisfeito, voltava para seu eremitério, condensando e se esforçando por exprimir em si mesmo as virtudes de todos ... " *(V ida de santo Antão* por santo Atanásio, op. cit., 4).

Esse deve ser também o comportamento do hermetista cristão no que se refere aos conhecimentos e às ciências - naturais, históricas, filosóficas, filológicas, teológicas, simbólicas e tradicionais - que se resume em aprender a arte de aprender.

Ota, são os Arcanos que nos estimulam e dirigem na arte de aprender. Nesse sentido, os Arcanos Maiores do Tarô são uma escola completa e inestimável de meditação, de estudos e de esforços espirituais - uma introdução magistral à *arte de aprender.*

Caro Amigo Desconhecido, o hermetismo cristão não tem, pois, a pretensão de rivalizar com a religião, nem com as ciências oficiais. Aquele que procurar nele "a verdadeira religião", "a verdadeira filosofia", "a verdadeira ciência" errará o endereço . Os hermetistas cristãos não são senhores, mas servos. Não têm a pretensão - algo pueril - de se elevarem acima da fé santa dos fiéis ou ainda dos frutos obtidos pelos esforços admiráveis dos trabalhadores da ciência, nem acima das criações do gênio artístico. Não têm o segredo das descobertas futuras das ciências. Por exemplo, ignoram, como todos, o remédio eficaz contra o câncer.

Eles reconhecem igualmente a superioridade de um Francisco de Assis, que era homem da fé chamada "exotérica". Sabem que cada um que tem uma fé sincera é um Francisco de Assis em potência. . . Os homens da fé, da ciência e da arte são superiores a eles em vários pontos essenciais. Os hermetistas o sabem e não se gloriam de serem mais, de crerem mais, de saberem mais ou de poderem mais. Não guardam em segredo uma religião que lhes seja própria, a fim de substituírem as religiões existentes, ou uma ciência própria para substituírem as ciências atuais, ou artes próprias para substituírem as belas-artes de hoje ou de amanhã. O que eles possuem não comporta vantagens tangíveis ou uma superioridade objetiva em relação à religião, à ciência e à arte; o que eles têm é apenas a *alma comum da religião, da ciência e da arte.* Em que consiste essa missão de conservar a alma comum da religião, da ciência e da arte? Respondo com um exemplo.

Caro Amigo Desconhecido, sabes que na Alemanha, na França e em outros países muitos preconizam a doutrina chamada das "duas igrejas", a igreja de Pedro e a igreja de João, ou das "duas épocas", a época de Pedro e a época de João. Sabes também que essa doutrina ensina o fim - mais ou menos próximo - da igreja de Pedro, ou do papado, seu símbolo visível, a ser substituído pelo espírito de João, o discípulo amado

do Mestre, aquele que, inclinado sobre seu peito, ouviu as batidas de seu coração. Assim a igreja "exotérica" de Pedro daria lugar à igreja "esotérica de João", que seria a da liberdade perfeita.

Ora, João, que se submeteu voluntariamente a Pedro como chefe e príncipe dos apóstolos, não foi seu sucessor depois de sua morte, embora tenha sobrevivido a ele por muitos anos. O discípulo amado, que ouviu as batidas do coração do Mestre, é e será sempre o representante e o guardião desse coração - e como tal não foi, não é e jamais será o *chefe* ou a *cabeça* da Igreja. Porque como o coração não é chamado a substituir a cabeça, do mesmo modo João não é chamado a suceder a Pedro. O coração conserva bem a vida e a alma, mas é a cabeça que toma as decisões e que dirige e escolhe os meios para a execução das tarefas do organismo todo - cabeça, coração e membros.

A missão de João consiste em conservar *a vida e a alma* da Igreja - em *viver* até a segunda vinda do Senhor. Por isso João nunca pretendeu e nunca pretenderá ter a função diretiva do corpo da Igreja. Ele *vivifica* esse corpo, mas não dirige suas ações.

Ora, o hermetismo, a tradição hermética viva, guarda a alma comum da verdadeira cultura. Insisto em acrescentar: *os hermetistas ouvem* - e, às vezes, compreendem - *o bater do coração da vida espiritual da humanidade.* Eles só podem viver como guardiães da vida e da alma comum da religião, da ciência e da arte. Não têm nenhum privilégio em nenhum desses domínios; os santos, os verdadeiros sábios e os artistas de gênio são superiores a eles . Mas eles vivem para o mistério do coração comum que bate no fundo de todas as religiões, de todas as filosofias, de todas as artes e de todas as ciências passadas, presentes e futuras. E, inspirando-se no exemplo de João, o discípulo amado, não pretendem e jamais pretenderão exercer papel de direção na religião, na ciência, na arte, na vida social ou na política; mas velam constantemente para não perderem nenhuma ocasião de *servir* a religião, a filosofia, a ciência, a arte e a vida social e política da humanidade e para que lhes seja infundido o sopro da vida de sua alma comum - em analogia com a administração do Sacramento da Santa Comunhão. O hermetismo é - e é somente - um estimulante, um "fermento" ou uma "enzima" no organismo da vida espiritual da humanidade. Nesse sentido, ele é em si mesmo um *Arcano,* isto é, o antecedente do Mistério do segundo nascimento ou da Grande Iniciação.

Eis qual é o espírito do hermetismo. E é nesse espírito que voltamos agora ao primeiro Arcano Maior do Tarô.

Em que consiste essa primeira lâmina?

Um jovem, tendo na cabeça um grande chapéu em forma de lemniscata, está de pé atrás de pequena mesa, sobre a qual se encontram pequeno vaso amarelo, três pequenos discos amarelos, quatro discos vermelhos, um dos quais dividido ao meio por um traço, um copo vermelho com dois dados, uma faca fora da bainha e uma bolsa para guardar pequenos objetos. O jovem - que é o *Mago* - tem uma varinha em sua mão esquerda e uma bola ou moeda amarela em sua mão direita. Ele segura

esses dois objetos com despreocupação perfeita, sem apertá-los nem demonstrar qualquer sinal de tensão, de indecisão, de pressa ou de esforço.

Ele age com espontaneidade perfeita - trata-se de jogo, não de trabalho - e nem sequer segue os movimentos de suas mãos; seu olhar se dirige para outro lugar.

Essa é a lâmina.

Que a série dos símbolos, isto é, dos reveladores, dos *arcanos,* que é o jogo do Tarô, se abra com uma figura representando um mago - um pelotiqueiro em ação é, sem dúvida, surpreendente! Como explicá-lo?

O primeiro Arcano - *princípio* subjacente dos outros vinte e um Arcanos Maiores do Tarô - é *o da relação de esforço pessoal e da realidade espiritual.* Ele está em primeiro lugar na série porque quem não o compreender (isto é, quem não o entender na prática cognitiva e realizadora) não saberá o que fazer com os outros arcanos, visto que é o *Mago* que é chamado a revelar o *método* prático, válido para todos os arcanos.

Ele é o "Arcano dos Arcanos" no sentido de que revela o que é necessário saber e poder para se entrar na escola dos exercícios espirituais constituídos pelo conjunto do jogo do Tarô, a fim de que se tire algum proveito dele.

Com efeito, o princípio primeiro e fundamental do esoterismo (isto é, da vida da experiência da realidade do Espírito) pode ser enunciado assim:

> *Aprendei primeiro a concentração sem esforço; transformai o trabalho em jogo; fazei com que o jugo que aceitastes seja suave e que o fardo que carregais seja leve!*

Este conselho, ou mandamento, ou advertência, como quiserdes, é muito importante; ele é atestado pela sua fonte original, as palavras do Mestre: "O meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt 11,30).

Examinemos as três partes do enunciado acima, a fim de penetrarmos o Arcano da "distensão ativa" ou do "esforço sem esforço".

"Aprendei primeiro a concentração sem esforço". Qual é o sentido prático e teórico desse enunciado?

A *concentração,* enquanto capacidade de fixar o máximo de atenção no mínimo de espaço (Goethe diz que aquele que quer realizar algo de sólido e hábil deve concentrar num ponto mínimo o máximo de força), é a chave prática do êxito em qualquer domínio. Neste ponto estão de acordo a pedagogia e a psicoterapia modernas, as escolas de oração e de exercícios espirituais franciscana, carmelita, dominicana e jesuíta, as escolas ocultistas de toda espécie, enfim a ioga hindu antiga e todos os outros métodos. Patanjali, em sua obra clássica sobre ioga, enuncia em sua primeira frase a essência prática e teórica da ioga - "o primeiro arcano" ou a chave da ioga - como segue: *Ioga citta vritti nirodha,* "a ioga é a supressão das vacilações da substância mental" - ou, em outros termos, *a arte da concentração.* Porque as vacilações *(vritti)* da

"substância mental" *(citta)* se verificam automaticamente. Esse automatismo nos movimentos do pensamento e da imaginação é o contrário da concentração. Ora a concentração só é possível ao preço e com a condição da *tranqüilidade* e do *silêncio* do automatismo do intelecto e da imaginação.

O *"calar-se"* precede, pois, o *"saber",* o *"poder"* e o *"ousar".*
Por isso a escola pitagórica prescrevia o silêncio de cinco anos aos principiantes ou aos "ouvintes". Ninguém ousava falar antes de *saber* e *poder,* antes de ter dominado a arte de calar-se, isto é, a arte da concentração. A prerrogativa de "falar" pertencia àqueles que não falavam mais automaticamente, movidos pelo jogo do intelecto e da imaginação, mas que *podiam* suprimi-lo, graças à prática do silêncio interior e exterior. e que *sabiam* o que diziam - sempre graças à mesma prática. O *silêncio* praticado pelos monges da Trapa e prescrito durante o tempo de "retiro", de modo geral, a todos os que nele tomam parte, é a aplicação da mesma regra-verdade: "A ioga é a supressão das vacilações da substância mental" ou ainda "a concentração é o silêncio voluntário do automatismo intelectual e imaginário".

É necessário distinguir duas espécies de concentração, essencialmente diferentes. Uma é a *concentração desinteressada;* a outra, a *concentração interessada.* A primeira é a da vontade libertada das paixões, das obsessões e dos apegos *escravizadores,* ao passo que a outra é o resultado de paixão, de obsessão ou de apego *dominadores.* Um monge no recolhimento da oração e um touro enraivecido estão concentrados, um, porque está na paz do recolhimento; o outro, porque está dominado pela raiva. Também as paixões fortes levam, pois, a alto grau de concentração. Assim os ávidos, os avaros, os orgulhosos e os maníacos denotam às vezes concentração notável. Na verdade, trata-se não de *concentração,* e sim de *obsessão.*

A verdadeira concentração é ato livre na luz e na paz e pressupõe vontade desinteressada e desapegada. Porque o fator determinante e decisivo da concentração é o estado da vontade. Por isso a ioga, por exemplo, exige a prática do *iama* e do *niiama (iama* são as cinco regras da atitude moral; *niiama* são as cinco regras da mortificação) antes da preparação do corpo para a concentração (respiração e posturas), e a prática de três graus da concentração como tal (dharana, dyana e sauradhi - concentração, meditação e contemplação).

São João da Cruz e santa Teresa de Ávila não se cansam de repetir que a concentração necessária para a oração espiritual é fruto da purificação moral da vontade .

E:, pois, inútil o esforço para se concentrar, se a vontade está tomada por outra coisa. As "oscilações da substância mental" jamais poderão ser reduzidas ao silêncio, se a vontade não lhes infundir seu silêncio. É só a *vontade silenciosa* que torna efetivo o silêncio do intelecto e da imaginação na concentração. Por isso, os grandes ascetas são também grandes mestres da concentração .

Tudo isso é evidente. Mas o que nos ocupa aqui não é só a concentração em geral, mas também e sobretudo a *concentração sem esforço.* Que vem a ser ela?

Considerai o equilibrista na corda. :E: evidente que ele está completamente concentrado, do contrário, cairia por terra. Sua vida está em jogo, e só a concentração perfeita pode preservá-la.

Acreditais, porém, que o seu intelecto e a sua imaginação se preocupam com o que ele faz? Credes que ele *reflete, imagina, calcula* e *planeja* cada passo?

Se o fizer, cairá. Ele precisa eliminar toda atividade do intelecto e da imaginação para evitar a queda; precisa "suprimir as oscilações da substância mental" para poder exercer sua profissão. Durante seus exercícios acrobáticos, a inteligência de seu sistema rítmico - respiratório e circulatório - substitui a do seu cérebro. Trata-se, em última análise, de milagre - do ponto de vista do intelecto e da imaginação - análogo ao de são Dionísio, apóstolo dos gauleses e primeiro bispo de Paris, que a tradição identifica com são Dionísio Areopagita, discípulo de são Paulo. Ele teve "a cabeça separada do corpo a machadadas, diante da estátua do deus Mercúrio, mas logo se levantou, tomou a cabeça em suas mãos e, guiado por um anjo, caminhou longa distância, da colina de Montmartre até o lugar onde hoje repousam os seus ossos por escolha dele e da providência divina" (Jacques de Voragine, *La Legende Dorée).*

Ora, também o equilibrista, enquanto exerce o seu ofício, tem a "cabeça" - isto é, o intelecto e a imaginação - separada do corpo e caminha de um ponto a outro, levando a cabeça em suas mãos, guiado per outra inteligência, que age pelo sistema ntmico do corpo.

Para o equilibrista, para o pelotiqueiro, para o mago, a arte e a habilidade, no fundo, são análogas ao milagre de são Dionísio, porque, para ele, como para são Diorusio, trata-se da transposição do centro da consciência diretiva da cabeça para o peito - do sistema cerebral para o sistema rítmico.

Ora, a concentração sem esforço é a transposição do centro diretor do cérebro para o sistema rítmico - do domínio mental e da imaginação para o da moralidade e da vontade. O chapéu grande em forma de lemniscata que está na cabeça do mago e a sua atitude de perfeita despreocupação indicam essa transposição. Ora, a lemniscata (o oito horizontal: ∞) é o símbolo não só do infinito, mas também do *ritmo,* da respiração e da circulação - ela é o símbolo do *ritmo eterno* ou da *eternidade do ritmo.*

O mago representa, pois, o estado de concentração sem esforço, isto é, o estado de consciência no qual o centro diretor da vontade "desceu" (na verdade, "elevou-se") do cérebro para o sistema rítmico e no qual as "oscilações da substância mental", reduzidas ao silêncio e ao repouso, não entravam mais a concentração.

A concentração *sem esforço* - isto é, na qual não há nada a suprimir, e o recolhimento se torna tão natural como a respiração e as

pulsações do coração - é o estado de consciência (do intelecto, da imaginação, do sentimento e da vontade) em estado de tranqüilidade perfeita, acompanhada da distensão completa dos nervos e dos músculos do corpo. É o silêncio profundo dos desejos, das preocupações, da imaginação, da memória e do pensamento discursivo. Dir-se-ia que o ser todo se tomou como a superfície de águas tranqüilas refletindo a presença imensa do céu estrelado e de sua indizível harmonia. As águas são profundas, e como são profundas - e o silêncio aumenta, aumenta sempre, e que *silêncio!* Seu crescimento realiza-se por ondas regulares que passam, uma após outra, através de vosso ser: uma onda de silêncio, seguida de outra onda de silêncio mais profundo, depois outra onda de silêncio ainda mais profundo. J a *bebestes do silêncio* alguma vez? Se a resposta for afirmativa, sabeis o que é a concentração sem esforço.

No começo, o silêncio compieto ou a "concentração sem esforço" duram instantes, depois minutos, depois quartos de hora. Com o tempo, o silêncio ou a concentração sem esforço se tornam o elemento fundamental *sempre presente* na vida da alma. É como o ofício perpétuo na igreja de Sacré-Coeur de Montmartre, que se verifica enquanto em Paris trabalha-se, circula-se, diverte-se, dorme-se, morre-se. . . É assim que o "ofício perpétuo" do silêncio se instala na alma e prossegue até quando ela está em atividade, trabalhando ou conversando.

Uma vez estabelecida essa "zona de silêncio", podeis haurir dela tanto para o repouso como para o trabalho. Tereis então não só a concentração sem esforço como também a *atividade sem esforço.*

E é isso precisamente que quer dizer a segunda parte de nosso enunciado:

Transformai o trabalho em jogo.

A mudança do trabalho, que de corvéia se torna jogo, efetua-se em conseqüência da presença da "zona do silêncio perpétuo", do qual se pode haurir, por uma espécie de respiração íntima e secreta, a suavidade e o frescor que dão unção ao trabalho e o transformam em *fogo.*

Porque a "zona de silêncio" não significa só que a alma, no fundo, está em paz, mas também e mais ainda que ela está em contato com o céu ou com o mundo espiritual, *que trabalha com ela.* Aquele que encontra o silêncio na solidão da concentração sem esforço *nunca está só.* Ele nunca leva sozinho as cargas que deve carregar: as forças do céu, as forças do alto o ajudam.

Assim a verdade enunciada na terceira parte da fórmula:

fazei com que o jugo que aceitastes seja suave
e que o fardo que carregais seja leve,

se torna *experiência.* Porque o silêncio é o sinal do contato real com o mundo espiritual, e esse contato, por sua vez, gera sempre o afluxo das forças. É esse o *fundamento* de toda mística, de toda gnose, de toda magia e de todo esoterismo prático em geral.

Todo esoterismo se funda na regra seguinte:

E necessário ser *um* em si mesmo (concentração sem esforço) e *unido* ao mundo espiritual (ter a zona de silêncio na alma), para que haja experiência espiritual reveladora ou realizadora.

Em outros termos, quem quiser praticar alguma fórmula do esoterismo autêntico - seja a mística, seja a gnose, seja a magia - deve ser mago, concentrado sem esforço, movendo-se com despreocupação como se estivesse brincando e agindo com calma perfeita.

Eis o *ensinamento prático* do Primeiro Arcano do Tarô. :É o *primeiro* conselho, mandamento e advertência concernentes a toda prática espiritual; é o *Ale/* do "alfabeto" das regras práticas do esoterismo. E como todos os números são apenas frações da unidade, assim também todas as outras regras práticas ensinadas pelos outros Arcanos do Tarô são apenas os aspectos e as modalidades dessa regra básica.

:É esse o ensinamento *prático* do "Mago".

Qual é seu ensinamento *teórico?*

Ele corresponde em todos os pontos ao ensinamento prático, sendo o trabalho teórico o aspecto mental da prática. Como este último procede da concentração sem esforço, isto é, põe a *unidade* em prática, do mesmo modo seu correspondente teórico consiste na *unidade* fundamental do mundo natural, do mundo humano e do mundo divino. O dogma da unidade fundamental do mundo exerce em toda teoria o mesmo papel importante que a concentração exerce em toda prática. Como a concentração é a base de todo sucesso prático, também o dogma da unidade fundamental do mundo é a base de todo conhecimento - sem ele, nenhum conhecimento é concebível.

O dogma da unidade da essência de tudo o que existe precede todo ato de conhecimento, e todo ato de conhecimento pressupõe o dogma da unidade do mundo. O ideal - ou fim último _,. de toda filosofia e de toda ciência é a *verdade.* Mas a "verdade" não tem outro sentido que não seja a redução da pluralidade fenomenal à unidade essencial - dos fatos às leis, das leis aos princípios, dos princípios à essência ou ao ser. Toda procura da verdade - mística, gnóstica, filosófica e científica - *postula* a sua existência, isto é, a unidade fundamental da multiplicidade fenomenal do mundo. Sem essa unidade, nada seria cognoscível. Como seria possível proceder do conhecido para o desconhecido - e esse é o método do progresso no conhecimento - se o desconhecido não tivesse nada a ver com o conhecido, se o desconhecido não tivesse nenhum parentesco com o conhecido e lhe fosse absoluta e essencialmente estranho? Quando dizemos que o mundo é cognoscível - isto é, que o conhecimento como tal existe - afirmamos, com isso mesmo, o dogma da unidade essencial do mundo. Afirmamos que o mundo não é um mosaico no qual está incrustada uma pluralidade de mundos essencialmente estranhos uns aos outros, mas que se trata de *organismo* cujas partes são governadas pelo mesmo princípio, revelando-o e deixando-se reduzir a eie . O parentesco de todas as coisas e de

todos os seres é a condição "sine qua non" de sua possibilidade de serem conhecidos.

Ora, o parentesco de todas as coisas e de todos os seres reconhecido francamente gerou um método de conhecimento que lhe corresponde de modo estrito, conhecido geralmente pelo nome de *Método* da *analogia:* seu papel e alcance para a ciência dita "oculta" foram mostrados de maneira admirável por Papus em seu *Traité élémentaire de Science Occulte.* A analogia não é dogma ou postulado - a unidade essencial do mundo o é - mas sim o método primeiro e principal (o *alef* do alfabeto dos métodos), cujo uso permite fazer o conhecimento avançar. Ela é a conclusão primeira tirada do dogma da unidade universal: uma vez que no fundo da diversidade dos fenômenos encontra-se a sua unidade, de modo que eles são ao mesmo tempo diversos e um, seguese que eles não são idênticos nem heterogêneos, mas *análogos,* enquanto manifestam seu parentesco essencial.

A enunciação tradicional do método da analogia é bem tradicional. É o primeiro versículo da *Tábua de esmeralda* [2] *(Tabula Smaragdina)* de Hermes Trismegisto:

"Quod superius est sicut quod inferius et quod inferius est sicut quod est superius ad perpetranda miracula Rei Unius":

"O que está no alto é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está no alto para realizar o milagre da Unidade".

É a forma clássica da analogia para tudo o que existe no *espaço em cima* e *em baixo.* A fórmula da analogia aplicada ao *tempo* seria:

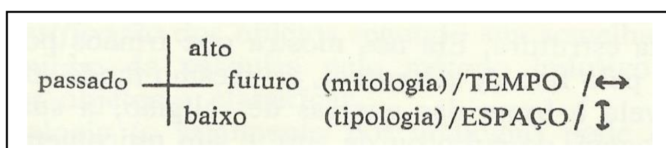
"Quod fuit est sicut quod erit, et quod erit est sicut quod [uit, ad perpetranda miracula aeternitatis":

"O que foi é como o que será, e o que será é como o que foi, para realizar os milagres da eternidade".

A fórmula da analogia, aplicada ao espaço, é a base do simbolismo *tipológico,* isto é, dos símbolos que exprimem as correspondências entre os *protótipos* no alto e suas manifestações em baixo; a fórmula da analogia aplicada ao tempo é a base do simbolismo *mitológico,* isto é, dos símbolos que exprimem as correspondências entre os *arquétipos* no passado e sua manifestação no presente. Assim o mago é símbolo tipológico; ele nos revela o *protótipo* do *Homem-Espírito,* Adão e Eva, Caim e Abel e, se quisermos, o "Cisma de Irschu" de Saint-Yves d'Alveydre, ao contrário, são *mitos;* eles revelam os *arquétipos* que se manifestam sem cessar na história e em cada biografia individual - são símbolos mitológicos pertencentes ao domínio do tempo.

Essas duas categorias de simbolismo, baseadas na analogia, constituem, pela sua relação mútua, uma cruz:

2 Quanto ao problema da autenticidade da Tábua de Esmeralda, veja o Suplemento a esta carta.



Eis o que escreve sobre o mito (isto é, sobre o simbolismo do tempo ou simbolismo histórico, segundo a nossa definição) Hans Leiseganz, autor de livro clássico sobre a *Gnose:* "O mito exprime na forma de narração de caeo particular, uma idéia eterna, intuitivamente reconhecida por aquele que a revive na ação" *(La Gnose,* Payot, Paris, 1951, p. 42).

E eis o que diz dos símbolos tipológicos Marc Haven no capítulo sobre o simbolismo, em seu livro póstumo *Le Tarot* (1937): "As nossas sensações, símbolos de movimentos exteriores, não se parecem com eles (isto é, com os fenômenos) como as ondulações da areia, no deserto, não se parecem com o vento que forma os montículos e como o fluxo e refluxo das águas do mar não se parecem com os movimentos combinados do Sol e da Lua. Eles são os seus símbolos ... A opinião de *Kant,* de *Hamilton* e de *Spencer,* que reduzem os movimentos de dentro a simples símbolos de realidade oculta, é mais racional e mais verdadeira (do que o realismo ingênuo - nota do autor). A própria ciência deve resignar-se a ser apenas simbolismo consciente de si mesma ... Mas a simbólica tem alcance muito diferente. Ciência das ciências, como a chamavam os antigos (Decourcelle, *Traité des symboles,* Paris, 1806), e língua universal e divina, ela proclama e prova a hierarquia das formas desde o mundo arquetípico até o mundo material e as relações que os unem; numa palavra, e.a é a prova tangível da solidariedade dos seres" (pp. 19, 20, 24).

Eis pois duas definições dos símbolos do tempo ou dos mitos e dos do espaço ou da correspondência dos mundos "desde o mundo arquetípico até o mundo material" - formuladas, uma, por sábio alemão em Lípsia, em 1924, e, a outra, por hermetista francês em Lião, em 1906 - que exprimem exatamente as idéias dos dois gêneros da simbólica - o mitológico e o tipológico - que acabamos de apresentar.

A "Tábua de Esmeralda" visa somente ao· simbolismo tipológico ou do espaço - a analogia entre o que está "em cima" e o que está "em baixo". Por isso, é necessário acrescentar-lhe, por extensão, a fórmula correspondente, que visa ao simbolismo mitológico ou simbolismo do tempo, que encontramos, por exemplo, no livro do *Gênesis.*

A distinção entre essas duas formas da simbólica é inteiramente desprovida de alcance prático; é à sua confusão que se devem atribuir muitos erros de interpretação das fontes antigas, inclusive da Bíblia. Assim, por exemplo, alguns autores consideram a narração de Caim e Abel como tipológica. Eles querem ver nela os símbolos das "forças centrífugas e centrípetas" etc. Mas a história de Caim e Abel é um *mito,* isto é, exprime, na forma de narração de um caso particular, uma idéia "eterna", referindo-se, conseqüentemente, ao *tempo* e à *história,* e não

ao *espaço* e à sua estrutura. Ela nos mostra que irmãos podem tornar-se inimigos mortais pelo fato de adorarem, do mesmo modo, o mesmo Deus. Essa história revela a fonte das guerras de religião; a sua causa não é a diferença de dogma, de culto ou de rito, e sim unicamente a *pretensão à igualdade* ou, se preferirmos, *a negação da hierarquia.* Temos aqui também a primeira revolução do mundo - o arquétipo (o *Urphânomen* de Goethe) de todas as revoluções passadas e futuras da humanidade, uma vez que a causa de todas as guerras e revoluções - numa palavra, de toda violência - é sempre a mesma: a negação da hierarquia. Essa causa já se encontra em germe num nível tão elevado como é o ato comum de adoração do mesmo Deus por dois irmãos, e nisso está a revelação perturbadora da história de Caim e Abel. E como os homicídios, as guerras e as revoluções continuam, a história de Caim e Abel permanece sempre válida e atual. Ela é um mito e um mito de primeira ordem.

O mesmo podemos dizer das narrativas da queda de Adão e Eva, do dilúvio e da arca de Noé, da torre de Babel etc. Elas são *mitos,* isto é, são, em primeiro lugar, símbolos *históricos* referentes ao tempo, e não símbolos que exprimem a unidade dos mundos no *espaço* físico, metafísico e moral. A queda de Adão e Eva não revela uma queda correspondente no mundo divino, no seio da Santíssima Trindade, e também não exprime diretamente a estrutura metafísica do mundo arquetípico. Ela é acontecimento particular da história da humanidade terrestre, cujo alcance só cessará com o fim da história humana; numa palavra, ela é verdadeiro *mito.*

Seria errôneo, por outro lado, interpretar, por exemplo, a visão de Ezequiel, o *Merkabahi,* como *mito.* A visão do carro celeste é revelação simbólica do mundo arquetípico. Ela pertence à simbólica tipológica - o que, aliás, o autor do *Zohar* compreendeu muito bem e, por isso, tomou a visão de Ezequiel como símbolo central do conhecimento cósmico - segundo a regra da analogia, em conformidade com a qual o que está em cima é como o que está em baixo.

Porque o Zohar conhece bem essa regra. Ele não só a usa implicitamente como também lhe dá expressão explícita. É assim que lemos no Zohar *(Waera,* 25a): "O que está em cima é como o que está em baixo: como os 'dias' de cima estão cheios da bênção do Homem (celeste), do mesmo modo os dias daqui de baixo estão cheios da bênção por intermédio do Homem (do Justo) " .

Também a *índia* tem a sua versão da máxima hermética. Assim a *Vishvasâra Tantra* anuncia a fórmula: "O que está aqui está lá. O que não está aqui não está em parte alguma" (Arthur Avalon, *La Puissance du Serpent,* p. 56).

O uso da analogia não se limita, contudo, às "ciências malditas" - a magia, a astrologia e a alquimia - e à mística especulativa, sendo, a bem dizer, universal, porque nem a filosofia, nem a teologia e nem a ciência podem prescindir dela.

Eis o papel que a analogia desempenha na lógica, que é a base da filosofia e das ciências:

1) A *classificação* dos objetos segundo sua semelhança é o primeiro passo no caminho da pesquisa pelo método indutivo. Ela pressupõe a *analogia* dos objetos a classificar.

2) A analogia (o argumento por analogia) pode constituir a base das *hipóteses.* Assim a famosa Hipótese Nebular de Laplace deve-se à analogia que ele observou na direção do movimento circular dos planetas em torno do Sol, do movimento dos satélites em torno dos planetas e da rotação dos planetas em torno de seus eixos. Da analogia observada nesses movimentos ele concluiu pela sua *origem* comum.

3) Diz J. Maynard Keynes em seu *A Treatise on Probability* (Tratado sobre a probabilidade): "O método científico tem como objetivo descobrir os meios de elevar o alcance da analogia conhecida até que ela possa. na medida do possível, dispensar os métodos da indução pura" (p. 24). Ora, a "indução pura" se funda na simples enumeração, sendo essencialmente uma conclusão tirada dos dados estatísticos da experiência. Assim poderíamos dizer: como João é homem e morreu, Pedro é homem e morreu, Miguel é homem e morreu etc. A força desse argumento depende do número ou da *quantidade* dos fatos conhecidos pela experiência; a analogia, ao contrário, acrescenta a ele o elemento *qualitativo* de alcance intrínseco das quantidades. Eis um exemplo de argumento por analogia: André é formado de matéria, energia e consciência. Como a matéria não desaparece com sua morte, mas somente muda de forma, e como a energia não desaparece, mas somente se modifica, também a sua consciência não pode simplesmente desaparecer, mas deve apenas mudar a sua forma e o seu modo (ou plano) de atividade. Logo, André é *imortal*. .

Este argumento funda-se na fórmula de Hermes Trismegisto: o que está em baixo (matéria, energia) é como o que está em cima (consciência). Ora, se existe a lei da conservação da matéria e da energia (se bem que a matéria se transforme em energia e vice-versa), deve existir também, necessariamente, a lei da conservação da consciência ou da imortalidade .

Segundo Keynes, o ideal da ciência é encontrar meios para ampliar o alcance da analogia *conhecida* até que ela possa dispensar o método hipotético da indução pura, isto é, até que ela possa transformar o método científico em *analogia pura,* baseada na experiência pura, sem elementos hipotéticos imanentes na indução pura.

Ora, é graças ao método da analogia que a ciência faz descobertas (passando do conhecido para o desconhecido), enuncia hipóteses fecundas e busca um fim metódico diretor. A analogia é seu começo e seu fim, seu alfa e seu ômega.

No que concerne à filosofia especulativa ou metafísica, o mesmo papel está reservado à analogia. Todas as conclusões de alcance metafísico estão baseadas na analogia do homem, da natureza e do mundo inteligível ou metafísico. Assim as duas autoridades principais da filosofia mais metódica e mais disciplinada - a filosofia escolástica medieval - santo Tomás de Aquino e são Boaventura (dos quais um representa,

na filosofia cristã, o aristotelismo, e o outro, o platonismo) não ró se servem da analogia como também lhe atribuem papel teórico muito importante em suas doutrinas. Santo Tomás propõe a doutrina da *analogia entis,* ou "analogia do ser", que é a chave principal de sua filosofia. São Boaventura, em sua doutrina da *Signatura rerum,* interpreta o mundo visível como símbolo do mundo invisível. Para ele, o mundo visível é outra Eccritura Sagrada, outra revelação ao lado da que está contida na Escritura Sagrada propriamente dita.

> *"Et sic patet quod tatus mundus est sicut unum speculum plenum luminibus praesentantibus divinam sapientiam, et sicut carbo eifundens fucem" (ln Hexaem.,* II, 27) - "vê-se assim que o mundo inteiro é como um único espelho cheio de luzes que apresentam a sabedoria divina, ou como uma brasa que emite luz".

Ora, santo Tomás e são Boaventura foram proclamados (por Sixto V, em 1588. e por Leão XIII, em 1879) *duae olivae et duo candelabra in domo Dei lucentia* - "duas oliveiras e dois candelabros resplandecentes na casa de Deus" .

Vês então, caro Amigo Desconhecido, que podemos, tu e eu, declarar abertamente nossa fé na analogia e proclamar em voz alta a fórmula da "Tábua de Esmeralda", consagrada pela tradição, sem parecermos infiéis à filosofia, à ciência e às doutrinas oficiais da Igreja. Podemos fazê-lo em sã consciência como filósofos, como sábios e como católicos.

Mas a aprovação concedida à analogia não se detém aí: o próprio Mestre a sancionou pelo uso que fez dela. Mostram-no tanto as parábolas como o argumento *a fortiori* que ele usou em seu testemunho. As parábolas, que são símbolos *ad hoc,* seriam desprovidas de sentido e utilidade se não constituíssem enunciados de verdades analógicas expressas na linguagem da analogia e fazendo apelo ao sentido da analogia.

Quanto ao argumento *a fortiori,* toda a sua força reside na analogia, que é seu fundamento. Eis um exemplo de argumento *a [ortiori* empregado pelo Mestre:

> *"Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? Ou lhe dará uma cobra, se este lhe pedir peixe? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, por razão mais forte o vosso Pai que está nos céus dará coisas boas aos que lhe pedem"* (Mt 7,9-11).

Temos aqui a analogia do parentesco terrestre humano e do parentesco celeste divino, na qual se funda a força do argumento *a [ortiori* ou "por razão mais forte", que, da manifestação imperfeita, conclui por seu protótipo ideal. A analogia do pai e do Pai é a sua essência.

A esta altura, pode surgir no leitor consciencioso um sentimento de mal-estar: "Eis muitos argumentos e autoridades citados em *apoio* do método de analogia apresentado, mas, e os argumentos *contra* esse método, bem como sua fraqueza *e* seus perigos?"

Devemos confessar sem rodeios e com toda a franqueza que o método da analogia encerra aspectos negativos e perigos, erros e ilusões graves. Isso porque ele se funda inteiramente na *experiência,* e toda experiência superficial, incompleta ou falsa naturalmente dá lugar a conclusões por analogia igualmente superficiais, incompletas e falsas. Assim, usando telescópio de alcance insuficiente, os astrônomos viram em Marte linhas retas e contínuas e concluíram, por analogia, que elas eram "canais" artificiais e que Marte era habitado por seres civilizados. Com o aperfeiçoamento dos telescópios, puderam observar que os "canais" não são contínuos, nem retilíneos. Em tais casos, o argumento por analogia perde seu valor por causa do erro de experiência que lhe serve de apoio.

Quanto às ciências ocultas, Gérard van Rijnberk publicou (na p. 203 de seu livro *Le Tarot)* um quadro das "correspondências astrológicas do Tarô segundo diferentes autores". Nele, na lâmina VII, "o Carro", por exemplo, corresponde ao signo de Gêmeos (segundo Erreila), de Sagitário (segundo Fomalhaut), de Gêmeos (segundo Shoral), de Sagitário (segundo autor anônimo), ao planeta Marte (segundo Basílides), ao planeta Vênus (segundo Volguine), ao Sol (segundo Ely Star), ao signo de Libra (segundo Snijders), ao planeta Vênus (segundo Muchery), ao signo de Câncer (segundo Crowley) e ao signo de Gêmeos (segundo Kurtzahn) .

Aqui· salta aos olhos a relatividade das correspondências obtidas pelo método analógico.

Ao contrário, a concordância das correspondências entre os metais e os planetas, obtida pelo mesmo método, manteve-se nos autores antigos, medievais e modernos. 03 astrólogos gregos do século IV a.C., continuando a tradição babilônica, na qual o ouro correspondia ao Sol e ao deus Enlil, e a prata à Lua e ao deus Anu, aceitavam as correspondências seguintes: Ouro-Sol, Prata-Lua, Chumbo-Saturno, Estanho-Júpiter, Ferro-Marte, Cobre-Vênus, Mercúrio-Mercúrio (E. J. Holmyard, *Alchems,* Pelican, Londres, 1957, p. 18). As mesmas correspondências que eram aceitas pelos astrólogos e alquimistas da Idade Média o são ainda hoje por todos os autores de ciências ocultas e de hermetismo (inclusive por Rudolf Steiner e pelos outros autores antropósofos), logo também pelo *Traité Elémentaire de Science occulte* de Papus (Dangles, Paris, reprodução integral na *T* ed., p. 145).

Quarenta e quatro anos de estudos nesse domínio não me fizeram modificar em nada o quadro das correspondências acima, muito ao contrário.

O *método da analogia* não é infalível, mas pode levar a descobertas de verdades essenciais. Sua eficácia depende da extensão e da exatidão da experiência na qual ele se apóia.

Voltemos agora ao arcano "O Mago".

A concentração sem esforço tem sua expressão tanto no conjunto da lâmina como em seus pormenores; ela constitui seu arcano prático. Nela

está expresso também o método da analogia, da qual ela é ainda o arcano teórico. Porque, vista no plano intelectual, a prática do método da analogia corresponde em tudo à prática da concentração sem esforço. E essa prática se manifesta não como "trabalho", e sim como "jogo".

Com efeito, no plano intelectual, a prática da analogia não exige esforço algum; ou percebemos e "vemos" as correspondências analógicas ou simplesmente não as percebemos, nem "vemos".

Como o mago e o pelotiqueiro devem exercitar-se e trabalhar durante muito tempo antes de atingirem a habilidade de concentração-sem esforço, também aquele que usa o método da analogia no plano intelectual deve adquirir longa experiência e acumular as lições que ela comporta antes de atingir a faculdade de percepção imediata das correspondências analógicas - antes de se tornar "mago" ou "pelotiqueiro" que se serve da analogia dos seres e das coisas sem esforço, como que brincando. Essa faculdade constitui parte essencial da realização da tarefa que o Mestre prescreveu aos seus discípulos. "Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma *criança,* não entrará nele" (Me 10,15).

A *criança* não "trabalha", ela *brinca.* Mas como ela é séria, isto é, concentrada quando brinca! A sua atenção *ainda* é inteira e indivisa, ao passo que naquele que se aproxima do Reino de Deus, ela *já* se torna inteira e indivisa. Nisso está o arcano da genialidade intelectual: na visão da unidade dos seres e das coisas pela percepção imediata de suas correspondências, pela consciência concentrada sem esforço.

O Mestre não quer que nos tornemos pueris; o que ele quer é que atinjamos a genialidade da inteligência e do coração, que é *análoga* - não idêntica - à atitude da criança, que só carrega fardos leves e que torna suaves todos os jugos.

O mago representa o homem que atingiu a harmonia e o equilíbrio entre a espontaneidade do Inconsciente (no sentido de C. G. Jung) e a ação voluntária do Consciente (no sentido do "ego" consciente).

Seu estado de consciência é a síntese do Consciente e do Inconsciente, da espontaneidade criadora e da atividade voluntária executiva. É o estado de consciência que a escola psicológica de C. G. Jung chama de individuação" ou de "síntese do Consciente e do Inconsciente" (os dois elementos da personalidade) ou de *síntese do* si *mesmo* [3] (C. G. Jung e Ch. Kerenyi, *Introduction à l'essence de la mythologie,* p. 107).

Essa síntese torna possível a concentração sem esforço e a visão

3 Jung distingue etre o "eu" *(moi)* e o "si mesmo" *(soi).* Corno daqui para frente a expressão *"si mesmo"* reaparece muitas vezes, transcrevemos um pequeno trecho, no qual o próprio Jung explica seu significado: "Se bem que apenas o Ego seja o centro de minha esfera consciente, não significa esse fato que o Ego seja idêntico à totalidade de minha psique, não passando de um complexo entre vários outros complexos. Distingo, portanto, entre o *Ego* e *Si mesmo,* em que o Ego é somente o sujeito de minha consciência, e o Si mesmo é o sujeito de toda minha psique, inclusive do inconsciente. Nesta acepção o Si mesmo seria uma grandeza (ideal) em que o Ego estaria abrangido" (C. G. Jung, *Tipos psicológicos,* Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1967, p. 498) (N. do T.).

intelectual sem esforço, que são os aspectos práticos e teóricos da fecundidade nos domínios tanto prático como intelectual.

Parece que Friedrich Schiller teve consciência desse arcano quando expôs, no *Spieltrieb* ("impulso para o jogo"), sua doutrina da síntese entre a consciência intelectual, que impõe fardos pesados - deveres e regras - ... e a natureza instintiva do homem. O "verdadeiro" e o "desejado" devem, segundo ele, encontrar sua síntese no "belo", porque é no *belo* que o *Spieltrieb* torna leve o fardo do "verdadeiro" ou do "justo" e, ao mesmo tempo, eleva as trevas das forças instintivas ao nível da luz da consciência (Schiller, *Lettres sur l'éducation esthétique).* Em outras palavras, aquele que vê a beleza daquilo que reconheceu como verdadeiro não deixará de *amá-lo* - e, pelo amor, o elemento de constrição desaparecerá no dever prescrito pelo verdadeiro: o *dever* se tornará tendência. Assim o "trabalho" se transforma em "jogo", e a concentração sem esforço tornar-se-á possível.

Mas o *primeiro* arcano, o arcano da *fecundidade* prática e teórica, embora proclame a eficácia do jogo sério (o Tarô todo é jogo sério), contém, ao mesmo tempo, advertência grave: há Jogo e jogo, há Mago e mago; por isso, quem confunde a falta de concentração sem esforço e as correntes de simples associação mental com a visão sem esforço das correspondências da analogia necessariamente se tornará *charlatão.*

O arcano do Mago é duplo, isto é, tem dois aspectos: coloca-nos no caminho que conduz à *genialidade* e nos põe em guarda contra o perigo do caminho que conduz ao charlatanismo.

Infelizmente muitas vezes os professores de ocultismo seguem os dois caminhos ao mesmo tempo, e o que ensinam contém elementos de gênio misturados com elementos de charlatanismo. Que o primeiro arcano do Tarô sempre nos esteja presente como uma espécie de "guarda do *limiar",* que ele nos convide a passarmos o *limiar* do trabalho e do esforço para entrarmos na ação sem esforço e no conhecimento sem esforço, mas que ele nos lembre também que quanto mais avançarmos além do limiar mais indispensáveis serão o trabalho, o esforço e a experiência do lado de cá desse limiar para atingirmos a verdade real. Que o Mago nos diga e nos repita cada dia:

> "Perceber e saber, tentar e poder são coisas diferentes. Existem miragens em cima e miragens em baixo: *sabes* somente o que é verificado pela concordância de todas as formas da experiência em sua totalidade - experiência dos sentidos, experiência moral, experiência psíquica, experiência coletiva de outros pesquisadores da verdade e experiência daqueles cujo saber mereceu o título de sabedoria e cujo querer foi coroado com o título de santidade. A Academia e a Igreja estipulam condições metódicas e morais para aquele que deseja avançar. Cumpre-as rigorosamente, antes e depois de cada incursão pela região que está além do domínio do trabalho e do esforço. Se o fizeres, serás sábio e mago. Se não o fizeres - serás charlatão!" ...

Nota histórica concernente à "Tábua de Esmeralda" Eis o texto latino conhecido desde santo Alberto Magno:

Versio Tabulae Smaragdinae Hermetis
Qualis es vulgo Latino Idiomate, e Phoenicio expressa circumfertur [4]

Verba secreto rum H ermetis Trismegisti

1. Verum, sine mendacio, certum et venssimum .
2. Quod est inferius est sicut (id) quod est superius, et quod est superius est sicut (id) quod est inferius ad perpetranda miracula rei unius. [5]

4 "Tábua de Esmeralda" de Hermes como foi divulgada em tradução do idioma fenício para o latino. *Palavras dos segredos de Hermes* Trismegisto.

1. Verdadeiro, sem mentira, certo e veríssimo.
2. O que é inferior é como (o) que é superior, e o que é superior é como (o) que é inferior, para realizar (variantes: para penetrar, para preparar) os milagres de uma coisa única.
3. E como todas as coisas vieram de um, pela meditação (variante: pela mediação) de um, assim todas as coisas vieram dessa coisa una, por adaptação (variante inexata: por adoção).
4. Seu pai é o Sol, sua mãe, a Lua; trouxe-o o vento em seu ventre; a sua nutriz é a terra.
5. O Pai de todo telesmo do mundo inteiro é este.
6. A sua força (virtude) permanece íntegra, mesmo quando derramada na terra.
7. Separarás a terra do fogo, o subtil do espesso, suavemente e com muito engenho.
8. Subiu da terra para o céu, novamente desceu para a terra, e recebeu a força dos superiores e dos inferiores. Assim terás a glória do mundo inteiro. Por isso fuja (fugirá) de ti toda escuridão.
9. Este (esta) é a fortaleza forte de toda fortaleza, porque vencerá toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida (variante: e tudo o que é sólido).
10. Assim foi criado o mundo.
11. As adaptações dele serão admiráveis, e o seu modo é este.
12. Por isso sou chamado *Hermes Trismegisto:* tenho as três partes da filosofia do mundo todo.
13. Está terminado o que eu disse sobre a operação do Sol. (N. do T .) .

5 Segundo K. Chr. Schmieder. *Geschichte der Alchemie,* encontram-se também as variantes *penetranda* e *praeparanda.*

3. Et sicut omnes res fuerunt ab uno, meditatione [6] unius: sic omnes res natae fuerunt ab hac une re, adaptatione. [7]
4. Pater ejus est Sol, mater ejus Luna; portavit illud ventus in ventre suo; nutrix ejus terra est.
5. Pater omnis thelesmi totius mundi est hic.
6. Vis (virtus) ejus integra est, si versa fuerit in terram.
7. Separabis terram ab igne, subtile a spisso, suaviter cum magno ingenio.
8. Ascendit a terra in coelum, iterumque descendit in terram, et recepit vim superiorum et inferiorum. Sic habetis gloriam totius mundi. Ideo fugiat (fugiet) a te omnis obscuritas.
9. Hic (Haec) est totius fortitudinis fortitudo fortis: quia vincet omnem rem subtilem, omnemque solidam [8] penetrabit.
10. Sic mundus creatus est.
11. Hinc adaptationes erunt mirabiles, quarum modus est hic.
12. Itaque vocatus sum *Hermes Trismegistus,* habens tres partes Philosophiae totius mundi.
13. Completum est quod dixi de operatione Solis.

Como o texto acima não foi conhecido no Ocidente antes de Alberto Magno (1193/1206-1280) e como não tinha 'sido encontrado nenhum texto ou manuscrito de data anterior, os historiadores do começo deste século pensavam que Alberto Magno fosse o autor da Tábua de Esmeralda. Ela era considerada apócrifa não só do ponto de vista de sua autenticidade enquanto obra de Hermes Trismegisto, mas também do ponto de vista de sua autenticidade intrínseca, como obra digna de ser incluída no *Corpus Hermeticum* ou coleção dos textos apócrifos dos primeiros séculos de nossa era atribuídos a autor conhecido pelo nome (ou pseudônimo) de Hermes Trismegisto. Ora, o texto da Tábua de Esmeralda não consta na edição considerada como a mais completa do *Corpus Hermeticum* - a *Hermetica,* em 4 volumes, de Walter Scott (Oxford. 1924). A mesma observação vale também para o *Corpus Hermeticum* estabelecido e traduzido por Nock e Festugiêre (Belles Lettres, Paris, 1960) ... Scott escreve o seguinte: "The masses of rubbih which fall under the. . . head. . . of writings concerning astrology, magic, alchemy and kindred forms of pseudo-sciencc" (" as massas de refugo que se incluem na categoria dos escritos concernentes à astrologia, à magia, à alquimia e a outras formas de pseudosciência", Scott, *Hermetica,* vol. I, Introdução, p. 1); esse "refugo" entretanto, é também atribuído a Hermes Trismegisto (" the contents of which are also ascribed to Hermes Trismegistus ", id., ibid.). O critério de Scott para estabelecer· se um escrito atribuído a Hermes Trismegisto deve ser incluído no *Corpus*

6 Segundo um manuscrito árabe, descoberto mais tarde, dever-se-ia ler *mediatione.*
7 Outra variante, inexata, é *adoptione.*
8 Outra variante: *et omne solidum.*

Hermeticum ou não é que ele deve tratar de problemas religiosos e filosóficos ou da *natureza* (de maneira "pseudoscientífica"). Em outras palavras, os escritos que tratam de problemas de religião e de filosofia pertencem ao *Corpus Hermeticum,* ao pa.so que outros não são dignos de serem incorporados a ele .

O próprio Hermes diz, no entanto (Prólogo de *Asclepius,* Scott, vol. I, p. 287): " ... Sei que vários de meus escritos foram dirigidos a ele (Amon) e também que *vários de meus tratados sobre a natureza* ... foram dirigidos a Tat ". - Como permitir a rejeição de todos os escritos sobre a natureza e considerar só a categoria (" dirigida a Amon ") como autêntica, quando se sabe que o autor de um dos escritos *(Asclepius),* reconhecido como autêntico no *Corpus Hermeticum,* proclamou explicitamente que ele é o autor de outra categoria de escritos, a saber, daqueles que tratam da natureza?

Quanto à Tábua de Esmeralda, o parentesco de suas idéias com *Asclepius* (Scott, vol. I, p. 289) salta aos olhos. Assim, por exemplo, Hermes diz:

> "O *ar entra na terra e na água, e o fogo entra no ar. Somente aquilo que tende para o alto dá a vida, e o que tende para baixo está subordinado a ele. Além disso, todo o que desce do alto é susceptível de gerar; e o que sobe, antes de sua origem cm baixo, é nutritivo. A terra, a única que conserva seu lugar de maneira estável, recebeu tudo o que gera e restitui tudo o que recebeu".*

Por que deveriam essas idéias ser consideradas mais "religiosas e filosóficas" do que as da Tábua de Esmeralda". Também esta faia do movimento de baixo e de cima e da *geração* pelo Pai Sol e pela Mãe Lua, bem como da funcão *nutritiva* da terra.

Seria porque não f~i encontrado nenhum texto da Tábua de Esmeralda antes do século XIII?

Ora, as *Heidelberger Akten der Von-Portheim-Stiftung,* IV, publicadas em obra por Julius Ruska: *Tabula Smaragdina. Ein Beitrag zur Geschichte der hermetischen Literatur* (um exemplar desse livro, publicado por volta de 1932, encontra-se na biblioteca documentária do *Nederíandscb Tiidschrijt voar Geneeskunde,* "Jornal neerlandês de medicina", em Amsterdão) . Esse livro traz a descrição do "manuscrito" de G. Bergstrãsser na língua árabe, manuscrito que compreende 97 folhas, das quais 25 folhas contêm a história de José, 40 trazem um tratado químico que inclui, a título de resumo, o texto da Tábua de Esmeralda (em árabe, como o conjunto do manuscrito), seguido de 32 folhas consagradas a outros assuntos, especialmente as informações sobre o calendário do profeta Daniel. O tratado químico teria sido escrito por um sacerdote chamado Sagijus de Nabulus, e seu conteúdo proviria do Mestre Balinas, o Sábio (nome árabe de Apolônio de Tiana), que o teria descoberto num cômodo subterrâneo. Eis a tradução do texto árabe da Tábua de Esmeralda como se encontra no manuscrito de Bergstrãsser (Ruska, pp. 113-114):

"Eis o que o sacerdote Sagijus de Nabulus ditou sobre a entrada de Balinas no quarto escuro:
Depois de minha entrada no quarto em que se encontrava o Talismã, cheguei perto de um velho assentado num trono de ouro, o qual tinha em uma de suas mãos uma tábua de esmeralda. Nessa tábua lia-se escrito em siríaco, a língua primordial:

1 - . Aqui (está) a explicação verdadeira, da qual não se pode duvidar.
2 -. Ela diz: O que é superior (provém) do que é inferior, e o que é inferior (provém) do que é superior, obra das maravilhas da Unidade.
3 -. E foi por um só procedimento que as coisas se formaram desse princípio primeiro. Como a sua obra é maravilhosa! Ele é o senhor (o Princípio) do mundo e seu conservador.
4 - . Seu pai é o Sol, e sua mãe, a Lua; o vento o trouxe em seu ventre, e a terra o alimentou.
5 -. Ele é o pai dos Talismãs e o Preservador dos milagres.
6 - . As suas virtudes são per/ eitas e as suas luzes (verificadas?). 7 -. Um fogo que se torna terra. Tu separarás a terra do fogo; então o subtil será mais inerente do que o espesso, com suavidade e sabedoria.
8 -·. Ele sobe da terra para o céu, a fim de se apropriar das luzes do alto e desce (de novo) para a terra, reunindo em si a virtude do superior e do inferior, porque a luz das luzes (está) nele, de modo que a escuridão se aiasta dele.
9 -. (Ele é) a força de toda força, vence toda coisa sutil e penetra toda coisa sólida.
10 -. A estrutura do pequeno mundo (microcosmo) corresponde à estrutura do grande mundo (macrocosmo).
11 - . Este é o modo pelo qual procedem os sábios.
12 - . E foi a isso que também Hermes se aplicou, ele, que possui o tríplice dom da Sabedoria.
13 -. E este é seu último livro, o qual ele ocultou no quarto".

Julius Ruska não é o único a .ter o texto árabe da Tábua de Esmeralda. E. J. Holmyard, autor de *Alchemy* (Pelican, Londres, 1957), afirma que encontrou um texto abreviado da Tábua de Esmeralda em árabe. Esse texto faz parte do *Second Livre de l'Elément du Fondement* de Jabir ou Geber (722-815). Antes dessa descoberta, feita em 1923, só se conhecia o texto latino medieval. Posteriormente foi descoberta por Ruska outra variante em árabe, em livro intitulado *Le secret de la Création,* atribuído a Apolônio. J abir (ou Geber), ao publicar o texto da Tábua, declara que cita Apolônio. Ora, Kraus demonstrou que *Le Secret de la Création* foi escrito, pelo menos em sua redação final, durante o califado de Al-Ma'mun (813-833) e que tem paralelos com um livro escrito na mesma época por Job de Edessa, erudito, cujas traduções do siríaco para o árabe mereceram o louvor de um crítico tão severo como

Hunain lbn Ishaq. É provável, portanto, que, ainda que Job não tenha escrito *Le Secret de la Création,* tanto ele como o autor desse tratado tenham usado fontes mais antigas e idênticas. Kraus mostrou que uma dessas fontes são os escritos de Nemesius, bispo de Emesa (Homs) na Síria, na segunda metade do século IV. Nemésio escreveu em grego, mas seu livro *Sobre a natureza do homem* não traz a Tábua. Resumindo, podemos concluir que a mais antiga forma conhecida em árabe da Tábua é talvez uma tradução do siríaco, mas que ela pode também ter por base um original grego. Esse original remontaria ao tempo de Apolônio? Essa questão é insolúvel (op. cit , pp. 78, 79, 96, 97).

O estado atual dos estudos históricos sobre a Tábua de Esmeralda é, pois, o seguinte: ela era conhecida em árabe, como tradução do siríaco, no começo do século IX; existem duas variantes em árabe; nada se opõe à tradição árabe segundo a qual ela foi traduzida do siríaco, nem à tradição segundo a qual ela provém de Apolônio .

Podemos acrescentar ainda que nada se opõe também à tradição segundo a qual Apolônio, por sua vez, tê-la-ia encontrado da maneira descrita pelo sacerdote Sagijus de Nabulus.

De qualquer forma, é certo que a Tábua é de origem mais antiga do que se pensava até 1923, e há motivos para se reconsiderar a opinião segundo a qual ela seria indigna de ser incluída no *Corpus H ermeticum.*

Quanto a nós, temos todas as razões - tanto subjetivas quanto objetivas, *in foro interno* ("no foro interno"), para afirmarmos com segurança e sem nenhuma dúvida que a Tábua de Esmeralda é a única peça autêntica de todo o *Corpus Hermeticum,* e isso no sentido de que seu autor não é o "terceiro" Hermes, nem o "segundo", mas o *primeiro* - isto é, o fundador da tradição hermética como tal - tradição cujos elos principais (segundo Ficino, em 1471) são Hermes Trismegisto - Orfeu - Pitágoras - Filolau *(Divi Platonis nostri praeceptor,* "preceptor de nosso divino Platão") - Platão - os neopitagóricos (Apolônio) - os neoplatônicos (Platino).

II

A PAPISA



A PAPISA

A sabedoria construiu a sua casa, talhando suas sete colunas.

(Pr 9, 1)

Caro Amigo Desconhecido,

Como foi exposto na carta precedente, o Mago é o arcano da genialidade intelectual e cordial, o arcano da *verdadeirct espontaneidade.* A concentração sem esforço e a percepção das correspondências em acordo com a lei da analogia são as principais implicações desse arcano da fecundidade espiritual. É o arcano do *ato puro* da inteligência.

Mas o ato puro é como o fogo ou o vento: aparece e desaparece e, tendo-se esgotado, dá lugar a outro ato.

"O *vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do espírito"* (Jo 3,8).

O ato puro, em si mesmo, é inatingível; somente a *reflexão* é que o torna perceptível, comparável e compreensível; em outros termos, é graças à reflexão que tomamos consciência dele. A reflexão sobre o ato puro produz a sua representação interior, que será retida pela memória, a memória será a fonte do comunicável por meio da palavra, e a palavra comunicável será fixada por meio da escrita, que produz "o livro".

O segundo Arcano, "A Papisa", é o da reflexão sobre o ato puro do primeiro Arcano, até que ele se torne "Livro". Ele nos ensina como o Fogo e o Vento se tornam Ciência e Livro. Em outros termos, como "a Sabedoria constrói a sua casa" .

Como acabamos de mostrar, só tomamos consciência do ato puro da inteligência por meio da reflexão sobre ele. Temos necessidade de "espelho" interior a fim de sermos conscientes do ato puro ou a fim de sabermos "de onde ele vem e para onde vai" . O sopro do Espírito - ou ato puro da inteligência - é, certamente, acontecimento, mas, em si mesmo, ele não é suficiente para que tomemos consciência dele. A "com-sciência" é o resultado de dois princípios - do princípio ativo agindo e do princípio passivo refletindo. Para "sabermos" de onde o So-

pro vem e para onde vai, é necessária a Água que o reflete. Por isso a conversa do Mestre com Nicodemos, à qual já nos referimos, enuncia a condição absoluta da experiência *consciente* do Sopro Divino - ou do Reino de Deus:

"Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus" (Jo 3,5).

"Em verdade, em verdade" - o Mestre repete o termo "verdade" numa fórmula mântrica (isto é, mágica) da realidade da consciência. Com esses termos ele diz que a plena consciência da verdade resulta da verdade insuflada e da verdade refletida. A consciência reintegrada, que é o Reino de Deus, pressupõe duas renovações, de alcance comparável ao nascimento, nos dois elementos constitutivos da consciência - o Espírito ativo e a Água refletora. O Espírito deve tornar-se Sopro divino no lugar da atividade pessoal arbitrária, e a Água deve tornar-se espelho perfeito do Sopro divino, em vez de ser agitada pela perturbação da imaginação, das paixões e dos desejos pessoais. A consciência reintegrada deve nascer da Água e do Espírito, depois que a Água voltar a ser Virgem e que o Espírito voltar a ser o Sopro divino ou o Espírito Santo. A consciência reintegrada nascerá, portanto, no interior da alma humana de maneira *análoga* ao nascimento ou à encarnação histórica do *Verbo:*

Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine [1]•

O re-nascimento da Água e do Espírito, que o Mestre ensinou a Nicodemos, é o restabelecimento do estado de consciência não decaída, no qual o Espírito foi o Sopro divino e no qual esse Sopro foi refletido pela Natureza Virginal. Eis a *"Ioga"* cristã. Sua meta não é a libertação radical ("Mukti"), isto é, o estado de consciência sem sopro e sem reflexão, mas o da reação completa e perfeita à ação divina - o batismo da Água e do Espírito. Essas duas espécies de batismo operam a reintegração dos dois elementos constitutivos da consciência como tal - o elemento ativo e o elemento passivo. Não existe consciência sem esses dois elementos, e a supressão dessa dualidade mediante um método prático qualquer inspirado no ideal da unidade (" Advaita" - não-dualidade) deve necessariamente levar à extinção não do ser, mas da consciência. Verificar-se-ia então não "novo nascimento" da consciência, e sim seu *retorno* ao estado pré-natal embrionário, cósmico.

Em compensação, eis o que diz Plotino sobre a dualidade subjacente a toda forma e a todo grau de consciência, isto é, sobre o princípio ativo e seu espelho:

Mas se o espelho está ausente ou não é como deve, a imagem não se produz, embora a ação exista: assim, quando a alma está calma, ela reflete as imagens do pensamento e do intelecto; mas quando ela é agitada pela perturbação produzida na harmonia do corpo, o

1 "Encarnou-se, por obra do Espírito Santo, de Maria Virgem". (N. do T.)

pensamento e o intelecto pensam sem imagem, e o ato da inteligência se realiza sem se refletir" (Plotino, I, livro IV, cap. X).

É a concepção platônica da consciência; sendo aprofundada, ela pode servir de introdução à conversa noturna do Mestre com Nicodemos sobre a reintegração da consciência ou sobre a meta da "ioga" cristã.

A "ioga" cristã não aspira à unidade do todo, mas à *unidade de dois.* É muito importante ter consciência da atitude tomada a respeito do problema infinitamente grave da unidade e da dualidade. Porque esse problema pode abrir a porta dos mistérios realmente divinos, e também no-la fechar. . . talvez para sempre. Tudo depende de sua compreensão. Podemos decidir-nos pelo monismo e dizer para nós mesmos que só existe - e só pode existir - uma única substância, um único ser. Podemos também decidir-nos -. - apoiando-nos numa considerável experiência histórica e pessoal - pelo dualismo e dizer-nos que existem dois princípios no mundo - o bem e o mal, o espírito e a matéria - e que, por mais incompreensível que essa dualidade seja, no fundo, devemos admiti-la como fato incontestável. Podemos ainda decidir-nos a favor de terceiro ponto de vista, o do amor como princípio cósmico que pressupõe a dualidade e postula sua unidade *não substancial, mas essencial.*

Esses três pontos de vista se encontram na base do Vedanta (" Advaita") e do espinosismo (monismo), do maniqueísmo e de algumas escolas gnósticas (dualismo) e da corrente judaico-cristã *(Amor).*

Para darmos mais clareza e precisão a esse problema, bem como para o atingirmos mais profundamente - tomaremos como ponto de partida o que diz do' número *dois* Louis-Claude de Saint-Martin em seu livro *Des nombres:*

"Ora, para mostrarmos que, na base de sua atividade, eles (os números) estão interligados, comecemos observando o andamento da UNIDADE e do número DOIS.

Quando contemplamos uma verdade importante, como o poder universal do Criador, a sua majestade, o seu amor, as suas luzes profundas ou algum outro de seus atributos, voltamo-nos totalmente para esse modelo supremo de todas as coisas; todas as nossas faculdades suspendem sua atividade, para nos enchermos dele, e assim tornamo-nos realmente um com ele. Eis a imagem ativa da unidade; e o número UM é, em nossas línguas, a expressão dessa unidade ou da união indivisível que, existindo intimamente entre todos os atributos dessa unidade, deveria existir também entre ela e todas as suas criaturas de produção. Mas se, depois de termos dirigido todas as nossas faculdades de contemplação para essa fonte universal, voltarmos nossos olhos para nós mesmos e nos enchermos de nossa própria contemplação, de modo a nos vermos como princípio de algumas das clarezas ou satisfações interiores que essa fonte nos trouxe, nesse momento estabeleceremos dois centros de contemplação, dois princípios separados e rivais, duas bases não

ligadas; estabeleceremos, enfim, duas UNIDADES, com a diferença de que uma será real e a outra, aparente" (p. 2). Em seguida acrescenta: *"Mas dividir o ser pelo meio é diviai-lo em duas partes, é fazer o inteiro passar para a qualidade de metade ou meio; aqui está a verdadeira origem do binário ilegítimo ... "* (p. 3) ..• *Este exemplo é suficiente para nos mostrar o nascimento do número DOIS, para nos mostrar a origem do mal ...* " (p. 3).

A dualidade significa, portanto, o estabelecimento de dois centros de contemplação, de dois princípios separados e rivais, um real, o outro aparente; nisso está a origem do mal, que é o *binário ilegítimo.*

É essa a *única* interpretação possível da dualidade, do binário, do número *dois?* Não existe um *binário legítimo?* Um binário que não signifique *diminuição* da unidade, mas seu enriquecimento qualitativo?

Voltando à concepção de Saint-Martin, de "dois centros de contemplação", que são "dois princípios separados e rivais", podemos perguntar-nos se eles devem ser *necessariamente* separados e rivais. A própria expressão "con-templação " escolhida por Saint-Martin não sugere a idéia de dois centros que contemplam simultaneamente, como o fariam dois olhos colocados um em cima do outro, os *dois* aspectos da realidade, o aspecto fenomenal e o aspecto numênico? E que é graças a esses dois centros ou "olhos" que somos - ou podemos ser - conscientes "do que está em cima e do que está em baixo"? Poderíamos, por exemplo, enunciar a fórmula principal da Tábua de Esmeralda se tivéssemos um só *olho* ou centro de contemplação, em lugar de *dois?*

Ora, o *Seier Y eçirah* diz:

"Dois *é o sopro do Espírito: nele estão gravadas e esculpidas as vinte e duas cartas, que, não obstante, formam sopro único".*

Em outros termos, *dois* é o Sopro e a sua Reflexão, é a origem do "Livro da Revelação", que é o mundo, bem como a Sagrada Escritura. *Dois* é o número da con-sciência do sopro e de suas cartas "gravadas e esculpidas". É o número da reintegração da consciência, ensinada pelo Mestre a Nicodemos, mediante a Água virginal e o Sopro do Espírito Santo.

Dois é tudo isso e mais ainda. O número *dois* não só não é necessariamente o "binômio ilegítimo" descrito por Saint-Martin, como ainda é o *número* do *amor* ou a condição fundamental do amor, que ele pressupõe e postula necessariamente. Porque o amor é inconcebível sem o *Amante* e o *Amado,* sem o EU e o TU, sem o Um e o Outro.

Se Deus fosse só Um e se ele não tivesse criado o Mundo, ele não seria o Deus revelado pelo Mestre, o Deus do qual diz São João:

"Deus é amor; aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele" (1Jo 4,16).

Ele não o seria porque não amaria ninguém, exceto a si mesmo. Como isso é impossível do ponto de vista do Deus de Amor, ele é revelado à consciência humana como a Trindade eterna do Amante que ama,

do Amado que ama e do Amor deles que os ama: Pai, Filho e Espírito Santo.

Não experimentas também tu, caro Amigo Desconhecido, um sentimento de mal-estar cada vez que encontras uma das fórmulas que enunciam os atributos superiores das Pessoas da Santíssima Trindade, tais como: "Poder, Sabedoria, Amor" ou "Ser, Consciência, Beatitude" *(Sat-Chit-Ananda)?* Esse mal-estar eu o senti sempre, e foi só mais tarde, muito mais tarde, que compreendi a sua causa. É por ser *amor* que Deus não admite nenhuma comparação e que ele excede tudo - o poder, a sabedoria e até o ser. Podemos falar, se quisermos, do "poder do amor", da "sabedoria do amor" e da "vida do amor" para fazermos distinção entre as três Pessoas da Santíssima Trindade, mas não podemos colocar no mesmo plano, de um lado, o amor e, do outro, a sabedoria, o poder e o ser. Porque Deus *é* amor, e é o amor, só o amor, que, por sua presença, atribui valor ao poder, à sabedoria e ao próprio ser. Porque o *ser* sem amor é desprovido de todo valor. Ser sem amor seria a pena mais terrível - o próprio inferno!

O amor ultrapassa então o *ser?* Como duvidar disso depois da revelação dessa verdade, feita há dezenove séculos, pelo Mistério do Calvário? "O que está em baixo é como o que está em cima" - e o sacrifício por amor que o Deus Encarnado fez de sua vida, de seu ser terrestre, não é a demonstração da superioridade do amor sobre o ser? E a Ressurreição não é a demonstração do outro aspecto do primado do amor sobre o ser, a saber, que o amor não só é superior ao ser, mas também que o gera e o restabelece?

O problema do primado do ser ou do amor remonta à antiguidade. Platão o lembrou ao dizer:

> *"Confessarás, penso, que o Sol dá às coisas visíveis não só o poder de serem vistas, mas também a geração, o crescimento e a nutrição, sem ser ele mesmo geração. . . Confessa também que as coisas inteligíveis recebem do bem não só sua inteligibilidade, mas também seu ser e sua essência, porque, embora o bem não seja essência, está muito acima dela em dignidade e poder" (República,* 509 B).

E sete séculos mais tarde, Salústio, amigo do imperador Juliano, escreveu:

> *"Se a Causa primeira fosse alma, tudo seria animado; se ela fosse inteligência, tudo seria inteligente; se ela fosse ser, tudo deveria participar do ser. Ora, como alguns notaram que toda coisa participa do ser, pensaram que o ser era a causa primeira. Se, pois, os seres fossem apenas seres e não fossem bons, a sua asserção poderia ser verdadeira. Mas se os seres só existem pela bondade e se participam do bem, torna-se necessário que o primeiro princípio seja superior ao ser e que seja bom por si mesmo. Eis a maior das provas. Com efeito, as almas generosas, por causa do bem, desprezam continuar no ser, quando escolhem expor-se ao perigo por sua*

pátria, por seus amigos e pela virtude" (Dos deuses e do mundo, cap. V).

O primado do *Bem* (sendo o "Bem" a noção filosófica abstrata da realidade do amor) em relação ao ser foi tratado também por Platino *(Enéades,* VI, 7, 23, 24), por Proclo *(Teologia de Platão,* II, 4) e por Dionísio Areopagita *(Nomes divinos,* 4). São Boaventura *(In Hexaemeron, X,* 10) tentou conciliar o primado platônico do Bem com o primado mosaico do Ser: *Ego sum qui sum* (Ex 3,14), afirmado primeiro por João Damasceno, e depois por santo Tomás de Aquino. Este declara que entre todos os nomes divinos há um que é eminentemente próprio de Deus, a saber, *Que é,* justamente porque este nome significa somente o ser como tal. Étienne Gilson, concordando com santo Tomás, João Damasceno e Moisés, escreve que o ser é "o princípio de uma fecundidade metafísica inesgotável. . . Há um só Deus, e esse Deus é o ser; essa é a pedra angular da filosofia cristã, e não foi Platão, nem Aristóteles quem a colocou, mas Moisés" *(L'esprit de la philosophie médiévale,* Vrin, Paris, 1948, cap. III, p. 51).

Qual é então o *alcance* da adoção do primado do *ser* sobre o do bem ou, segundo são João, sobre o do amor?

A noção do *ser* é *neutra* do ponto de vista moral. Para se chegar a ela não é necessário ter experiência do Bem e do Belo. A experiência do reino mineral, por si mesma, já seria suficiente para se chegar à noção moralmente neutra do ser. Porque o mineral é *ser.* Por isso a noção de ser é *objetiva,* isto é, postula, em última análise, a *coisa* subjacente em todas as coisas, a substância permanente por trás de todos os fenômenos .

Convido-te, caro Amigo Desconhecido, a fechar os olhos e a examinar com exatidão a imagem que acompanha essa noção em tua imaginação intelectual. Não encontrarás a vaga imagem de uma substância sem cor nem forma e muito parecida com a água do mar?

Mas, seja qual for a tua representação subjetiva do ser como tal, a *noção* de ser é moralmente indiferente e, por conseqüência, essencialmente *naturalista.* Ela implica algo de *passivo* - um *dado* ou um *fato* imutável. Em compensação, quando pensas no amor, no sentido joanino, ou na idéia platônica do bem, encontras-te em face da *atividade* essencial, a qual não é neutra, do ponto de vista da vida moral, mas é o coração dessa vida . E a imagem que acompanha essa noção de pura atualidade será a do fogo ou a do sol (Platão compara a idéia do Bem com o Sol, e a sua luz com a verdade), em lugar da imagem de um líqüido indeterminado.

A esse respeito, Tales e Heráclito têm concepções diferentes. Um via a essência das coisas na *água,* o outro a via no *fogo.* Isso, antes de tudo, porgue a idéia do *Bem* e de seu ponto culminante - o *Amor* - se deve à concepção do mundo como processo *moral,* enquanto a idéia do Ser e de seu ápice - o Deus *que é* - se deve à concepção do mundo como fato natural. A idéia do Bem (e do Amor) é essencialmente

subjetiva. É absolutamente necessário ter a experiência da vida psíquica e espiritual para se ter condição de concebê-la, enquanto que - como já dissemos - a idéia do ser, sendo essencialmente *objetiva,* apenas pressupõe certo grau de experiência externa, do mundo mineral, por exemplo.

A conseqüência da escolha entre esses dois pontos de vista, melhor, entre essas duas atitudes da alma, consiste sobretudo em que o caráter da experiência da mística prática delas resultante procede dessa escolha. Quem escolher o Ser aspirará ao ser verdadeiro, e quem escolher o Amor aspirará ao Amor. Ora, só encontramos o que procuramos. Quem procura o ser verdadeiro chegará à experiência do *repouso* no ser, e, como não podem existir *dois* seres verdadeiros (" o binário ilegítimo" de Saint-Martin) ou duas substâncias coeternas separadas, mas somente *um* ser e *uma* substância, suprimir-se-á o centro do "ser falso", a *Ahamkara* ou a ilusão da existência separada da substância separada do "eu" . A característica dessa via mística é *que se perde a capacidade de chorar.* Um discípulo avançado da Ioga ou do Vedanta tem os olhos secos para sempre. ao pas::o que os Mestres da Cabala, segundo o *Zohar,* choram muito e freqüentemente. Também a mística cristã fala do "dom das lágrimas" como de dom precioso da Graça divina. O Mestre chorou diante do túmulo de Lázaro. Assim, a característica externa daqueles que escolhem a outra via mística, a do Deus do Amor, é que eles têm o "dom das lágrimas". Isso provém da essência de sua experiência mística. A sua união com o Divino não é absorção de seu ser pelo Ser Divino, mas experiência do Sopro do Amor Divino, da Iluminação pelo Amor Divino e do Calor do Amor Divino, e a alma do recipiendário experimenta algo tão miraculoso que ... chora. Nessa experiência mística o fogo se encontra com o fogo. Nada se extingue então na personalidade humana, mas. ao contrário, tudo nela se abrasa. É a experiência do "binário legítimo" ou a união de duas *substâncias* separadas na *essência* única. As substâncias continuam separadas para não serem privadas daquilo que é o mais precioso em toda existência: a aliança livre no *amor.*

Falei há pouco em "duas *substâncias"* e "numa *essência".* Convém entender bem o significado desses dois termos - substância *(substantia)* e essência *(essentia),* cuja distinção exata está hoje quase apagada. E, no entanto, antigamente eles denotavam duas ordens distintas não só de idéias, mas também de existência e de consciência.

Platão estabeleceu a distinção entre *einai (eínai* - "ser") e *ousia (ousía* - "essência"). "Ser", para ele, significa o fato da existência como tal, ao passo que "essência" designa a existência das Idéias.

> *"Tudo o que tem* existência *tem também* essência, *por sua participação nas Idéias, que são as próprias essências. Por isso, para nós, o termo essência não designará a existência abstrata, mas a realidade da Idéia"* (A. Fouillée, *La Philosophie de Platon,* tomo II, pp. 106- 107).

"Essência" *(essentia, ousia)* significa o ato positivo pelo qual o Ser *existe* (na Cabala diríamos: o ato de *emanação* da primeira *sefirah Keter,* à qual o nome divino correspondente é *AHIH* [ehyeh], "eu sou" - do *ENSOPH,* o "Ilimitado").

> *"Como se o verbo* esse, *"ser", pudesse gerar o particípio presente ativo* essens, *do qual se derivaria* essentia (Étienne Gilson, *L'Esprit da la Phil. Médiévale,* p. 54).

Assim o termo *essentia* pertence propriamente só a Deus, entrando todo o resto na categoria das *substantiae* ("Substâncias"). E o que diz o Padre da Igreja e platônico santo Agostinho:

> " ... *manifestum est Deum abusive* substantiam *vocari, ut nomine usitatiore intelligetur* essentia, *quod vere ac proprie dicitur; ita ut fartasse* solum Deum dici oporteat essentiam" [2] *(De Trinitate,* VII, 5,10).

A distinção entre substância e essência, entre Realidade e Idealidade, entre ser e amor (ou Idéia do Bem) ou entre Aquele *que é* e *Ensopli* é também a chave do evangelho segundo João:

> *"Ninguém jamais* viu *a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer"* (J o 1, 18).

"Ninguém jamais *viu* .a Deus", isto é, ninguém jamais contemplou Deus face a face e conservou sua personalidade. Porque "ver" significa "perceber", achando-se diante daquilo que se "percebe". Antes de Cristo, houve, sem dúvida, muitos exemplos da experiência. de Deus, seja sendo a pessoa "tomada" por Deus (experiência dos profetas), sej a sendo ela "merguihada em Deus" (experiência dos iogues e dos místicos antigos), seja amda vendo ela a sua revelação em Sua obra - o mundo (experiência dos sábios e dos filósofos antigos), mas ninguém jamais *viu* a Deus, porque nem a inspiração dos protetas, nem a imersão dos místicos em Deus, nem a contemplação de Deus no espelho da criação pelos sábios equivalem à nova experiência da "visão" cte Deus - da "visão beatífica " da teologia cristã. Porque essa "visão" se dá no domínio da *essência,* transcendendo toda substância; ela não é uma fusão, mas um *encontro* no domínio da essência, encontro no qual a personalidade humana (a consciência do eu) não só permanece incólume e sem estorvo, mas também "se toma o que ela é", isto é, torna-se verdadeiramente ela mesma - como o Pensamento de Deus a concebeu desde toda a eternidade. A palavra de são João, entendida dessa maneira, torna compreensível a do Mestre no mesmo Evangelho:

> *"Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes"*
> •(Jo 10,8).

2 " ... torna-se manifesto que é abuso chamar a Deus de substância, entendendo-se, com esse nome mais usado, a essência, nome esse que é o verdadeiro e apropriado, de modo que, com propriedade, talvez só Deus deva ser chamado essência". (N. do T.)

Há mistério profundo nessa palavra. Com efeito, como compreendê-la ao lado de outras muitas palavras do Mestre, referentes a Moisés, a Davi e aos profetas, que viveram, todos eles, antes dele?

Ora, trata-se aqui não de roubo e de assalto, mas do *princípio de iniciação* antes e depois de Jesus. Os mestres anteriores ao Advento ensinavam a experiência de Deus a expensas da personalidade, que devia ser reduzida quando era "tomada" por Deus. *Nesse sentido* - no sentido da diminuição ou do aumento do "talento de ouro" confiado à humanidade, - da personalidade, - que é "a imagem e a semelhança de Deus" (disse Goethe: *Das hõchste Gut der Erdenkinder ist doch die Persõnlichkeit,* - "O tesouro supremo dos filhos da terra é a personalidade"), - os mestres anteriores a Cristo eram "ladrões e assaltantes". Eles, sem dúvida, davam testemunho de Deus, mas a via prática que os tornava testemunhas ("mártires") de Deus e que eles ensinavam era a da *despersonalização.* A grandeza de Bhagavan e de Buda foi o alto grau de despersonalização que eles atingiram. Os mestres da Ioga são mestres em despersonalização. Os filósofos antigos que viviam "como filósofos" praticavam a despersonalização. Ê o caso, sobretudo, dos estóicos.

Por isso todos aqueles que escolheram a via da despersonalização não podem chorar e têm os olhos secos para sempre. O que chora é a personalidade, e só ela é capaz do "dom das lágrimas". "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!" (Mt 5,4).

É esse, portanto, um aspecto (existe outro, mais profundo, que não sei se poderá ser tratado nas cartas seguintes) que pode fazer da palavra misteriosa .relativa "aos ladrões e aos assaltantes" uma fonte de luz brilhante.

O Evangelho diz que aqueles que vieram *antes* de Jesus (o termo "antes" designa não só o tempo, mas também o *grau* iniciático) são ladrões e assaltantes em relação à personalidade, uma vez que ensinaram a despersonalização do ser humano. Em compensação, o Mestre diz também: "Eu vim para que (as ovelhas) tenham *a vida* e a tenham em abundância" (João 10,10); em outras palavras, o Mestre veio a fim de tornar *mais vivo* o que lhe é caro e está ameaçado de perigos, isto é, a *ovelha* como imagem da personalidade! Isso parece inconcebível quando se pensa no ideal de personalidade de Nietzsche e em seu "superhomem" ou nas "grandes personalidades" históricas como Alexandre Magno, Júlio César. Napoleão e ... nas outras "grandes personalidades" modernas!

Não, caro Amigo Desconhecido, o *domínio* pela vontade-de-poder ou pela vontade-de-glória não faz a personalidade nem a sua grandeza. "A ovelha", na linguagem de amor do Mestre, não significa nem "grande personalidade", nem "pequena personalidade", mas simplesmente a alma individual, que ele quer ver viver, sem perigo, com uma vida tão intensa como a que Deus lhe destinou. "A ovelha" é a entidade viva, cercada de perigos, que é objeto dos Cuidados Divinos. Isso não basta? Há nisso pouco brilho e pouca glória? Ê uma imagem muito fraca para que

se possa fazer sair dela, por exemplo, um mágico evocando os· espíritos bons e maus?

Uma só coisa deve ser assinalada aqui: a linguagem do Mestre é a do amor, e não a da psicologia, a da filosofia ou a da ciência. O mágico poderoso, o artista genial, o pensador profundo, o místico irradiante - todos eles merecem esses qualificativos e talvez outros maiores ainda, mas não impressionam a Deus. Aos olhos de Deus, eles são apenas ovelhas que lhe são caras; ele deseja que elas nunca se desviem e que tenham uma vida que se desenvolva sem cessar.

*

Antes de pôr ponto final nas reflexões sobre o *problema do número dois,* o problema do binário legítimo e do binário ilegítimo, devo ainda prestar homenagem a Saint-Yves d'Alveydre, que, com sua intelectualidade apaixonada, colocou muito bem esse problema. Em sua obra *Mission des Juifs* (Niclaus, Paris, 1956), ele colocou o acento na comparação entre o nome divino completo IOD-HE-VAV-HE e o nome *incompleto* HE-VAV-HE. No primeiro caso, o IOD, a essência, é considerado como princípio da Hierarquia; no segundo caso, é ao HE, a *substância,* que é atribuída a primazia. É assim que se originam o Espiritualismo e o Naturalismo - com todas as suas conseqüências nos domínios religiosos, filosóficos, científicos e sociais. O problema - como *fórmula* - está, pois, colocado com uma exatidão e uma precisão admiráveis, e é isso que desejo assinalar. Sinto-me entretanto, na obrigação de declarar que o conteúdo material que lhe dá Saint-Yves deixa muito a desejar. Ele afirma que o princípio da Inteligência pura é o IOD, e atribui a HE-VAVHE, como conteúdo material, o princípio do Amor e da Alma ou "princípio apaixonado", dando assim o primado à Inteligência como princípio espiritual masculino e subordinando-lhe o Amor como princípio anímico feminino. Ora, o Mestre ensinou o Pai, que é Amor. A Inteligência, sendo a reflexão - ou a luz - do princípio ígneo do Amor, só pode ser o princípio feminino, a *Sophia* ou Sabedoria que *ajudava* o Criador em sua obra de criação, segundo o Antigo Testamento. Também a tradição gnóstica considera a *Sophia* como princípio feminino. A Inteligência pura é o Amor que reflete, o Amor que age.

O fato de o homem ser habitualmente mais intelectual do que a mulher não significa que o intelecto seja princípio masculino. Muito ao contrário: o homem, sendo masculino fisicamente, é feminino do ponto de vista anímico, enquanto a mulher, sendo feminina fisicamente, é masculina (ativa) em sua alma. Ora, o intelecto é o lado feminino da alma, ao passo que a imaginação fecundadora é seu princípio masculino. O intelecto não fecundado pela imaginação guiada pelo coração é estéril. Ele depende dos impulsos que recebe do coração através da imaginação.

Quanto ao terceiro princípio, o Espírito, não é nem intelecto nem imaginação, mas Amor-Sabedoria; Em *princípio,* ele deveria ser andrógino, embora· na prática não o seja sempre.

Eis, pois, aqui tudo o que me parecia necessário dizer a respeito do problema do binário e de seu significado, sendo a solução desse problema a chave do segundo Arcano - *A Papisa,* porque ele é o arcano do binário subjacente à consciência - o da atividade espontânea e de sua reflexão; o arcano da transformação do ato puro em apresentação, da apresentação em imagem da memória, da imagem da memória em palavra, da palavra em caracteres escritos ou *Livro (parágrafo).*

A Papisa usa uma tiara de três coroas e segura um livro aberto.
A tiara é incrustada de pedras preciosas, o- que sugere a idéia de que é em três etapas que a cristalização do ato puro desce através dos três planos superiores e invisíveis, antes de atingir a quarta etapa - o livro. Ora, os problemas que o símbolo implica são: *reflexão, memória, palavra e escrita,* em outros termos, *revelação e tradição* oral e escrita ou, numa só palavra, a *gnose* (que é também o título dado por Eliphas Levi ao segundo capítulo do seu "Dogme ", que trata do segundo Arcano).

Trata-se da *Gnose,* e não da *Ciência,* porque a Gnose é exatamente o que a lâmina da Papisa exprime tanto em seu conjunto como em seus pormenores, a saber, a *descida* da revelação (o ato puro ou a essência refletida pela substância) até a etapa final ou "livro". A ciência, ao contrário, começa pelos fatos (os "caracteres" do livro da Natureza) e sobe dos fatos para as *leis* e das leis para os *princípios.* A Gnose é a reflexão do que está no alto; a Ciência, ao contrário, é a interpretação do que está embaixo. A *última* etapa da Gnose é o mundo dos fatos, no qual ela também se torna *fato,* isto é, torna-se livro; a *primeira* etapa da Ciência é o mundo dos fatos, que ela *lê,* a fim de chegar às leis e aos princípios .

Como é a Gnose ou Mística tornada consciente de si mesma que a lâmina simboliza, ela não apresenta a imagem de sábio ou de doutor, mas a de suma sacerdotisa ou "Papisa" - a Guardiã sagrada do livro da Revelação . Como a "Papisa" representa as etapas da descida da revelação do pequeno círculo superior de sua tiara até o livro aberto sobre seus joelhos, a sua posição está em conformidade com seu papel - ela está *assentada.* Ora, estar assentada significa relação entre a vertical e a horizontal correspondente à tarefa da projeção fora (horizontal-livre) da revelação descendente (vertical-tiara). Essa posição indica o *método prático da Gnose* como o "Mago" de pé indica o método prático da mística. O "Mago" *ousa* - por isso está de pé. A "Papisa" *sabe* - por isso está assentada. A transformação de *ousar* em *saber* inclui a mudança da posição do "Mago" na da "Papisa".

A essência da Mística pura é a atividade criativa. Alguém se torna místico quando *ousa* para se elevar - isto é, para "manter-se direito", depois *mais* direito ainda e sempre mais direito - além de toda criatura, até a Essência do Ser, o Fogo criador divino. A "concentração sem esforço" é o fogo sem fumaça nem crepitação. A sua parte humana é o ato de *ousar* aspirar à suprema realidade, e esse ato só é real e eficaz

quando a alma está serena e o corpo completamente distendido - sem fumaça nem crepitação.

A essência da Gnose pura é a Mística refletida. Nela o que se *passa* na Mística se torna *saber.* A Gnose é a Mística tornada consciente de si mesma. Ela é a *experiência* transformada em *Saber.*

Ora essa transformação da experiência mística em saber se efetua gradualmente. O primeiro grau é a reflexão pura ou uma espécie de repetição imaginativa da experiência. O segundo é a sua entrada na memória. O terceiro é sua assimilação pelo pensamento e pelo sentimento, de modo que ela se torne "mensagem" ou *palavra* interior. Enfim, o quarto grau é quando ela se torna símbolo comunicativo ou "escrita", ou "livro" - isto é, quando ela é *formulada.*

A reflexão pura da experiência mística é puro *movimento,* sem imagem e sem palavra A consciência é movida pelo contato imediato com aquilo que a transcende, com o transubjetivo. Essa experiência é tão certa como a experiência do *tato,* no mundo físico, e, ao mesmo tempo, tão desprovida de forma, de cor e de som como ele. Por isso ela pode
•ser comparada com o sentido do tato e designada como "tato espiritual" ou "intuição" (comparar com o conceito de *Einiiihlung,* introduzido por Edith Stein em sua dissertação *Das Problem der Einfühlung,* 1917).

Essa designação não é bem adequada, mas tem, pelo menos, o mérito de exprimir o caráter do *contato imediato,* próprio do primeiro grau da reflexão sobre o ato místico. Aqui a experiência mística e a Gnose ainda são inseparáveis e formam uma coisa só.

Se queremos estabelecer a relação entre esse estado de consciência e os três estados que o seguem, de um lado, e, do outro, o nome sagrado (יהוה) IOD-HE-VAV-HE, que é o resumo da Gnose judaica, ou Cabala integral, só podemos fazê-lo atribuindo-a à primeira letra, IOD. A letra IOD se escreve como um ponto com projeção indicada ('), o que corresponde admiravelmente à experiência do " tato espiritual", experiência essa que é também apenas um ponto que traz em si, em germe, um mundo de potencialidades .

É o "tato espiritual" (ou "intuição") que permite o contato entre a nossa consciência e o mundo da experiência mística pura. É graças a ele que existe no mundo e na história da humanidade uma relação real entre a alma viva e o Deus vivo - o que é a religião vivida. A Mística é a fonte e a raiz de toda religião. Sem ela, a religião e toda a vida espiritual da humanidade não seriam mais do que código de leis regendo a ação e o pensamento humanos. Se Deus significa para os homens algo mais do que noção abstrata, isso se deve ao "tato espiritual" ou à Mística. Ela é o *germe* de toda vida religiosa com sua teologia, seus ritos e suas práticas. A Mística é também o germe da Gnose, que é a teologia esotérica, como a Magia é a arte esotérica, e o Ocultismo ou Hermetismo é a filosofia esotérica. Ora, a Mística é o IOD do "tetragrama", como a Gnose é o primeiro HE, como a Magia é o V A V - ou "filho" da Mística e da Gnose - e como a Filosofia hermética é o último HE ou resumo do manifestado. O HE final ou a Filosofia hermética é o "livro" que a

"Papisa" tem sobre os joelhos, enquanto as três coroas de sua tiara representam os graus da descida da revelação do plano místico para o plano gnóstico, do plano gnóstico para o plano mágico e do plano mágico para o plano filosófico, plano do "livro" da "doutrina".

E como existe o "sentido místico", que é o "tato espiritual", existem também um "sentido gnóstico", um "sentido mágico" e um "sentido filosófico-hermético" especiais. A consciência completa do nome sagrado IHVH só pode ser atingida pela experiência reunida dos quatro sentidos e pela prática de quatro métodos diferentes. Porque a tese fundamental da epistemologia (gnosiologia) hermética é que "cada objeto de conhecimento exige um método de conhecimento próprio" . Essa tese ou regra significa que nunca se deve aplicar o mesmo método de conhecimento a planos diferentes, mas sim a objetos diferentes, pertencentes ao mesmo plano. Um exemplo gritante da ignorância dessa lei é a "cibernética psicológica", que quereria explicar o homem e a sua vida psíquica por leis mecânicas, materiais.

Cada método de experiência e de conhecimento levado ao seu termo torna-se um "sentido" ou gera um sentido especial. Aquele que ousar aspirar à experiência da essência do Ser desenvolverá o "sentido místico" ou "tato espiritual". Se ele quiser não só *viver,* mas também aprender a compreender o que vive, desenvolverá o "sentido gnóstico". E se quiser pôr em prática o que compreendeu da experiência mística, desenvolverá o "sentido mágico". Enfim, se ele quiser que tudo o que ele viveu, compreendeu e praticou não se limite a ele e ao seu tempo, mas seja comunicável aos outros e transmitido às gerações futuras, deve desenvolver o "sentido filosófico-hermético"; é praticando-o que ele "escreverá seu livro" .

É essa a lei que IOD-HE-VAV-HE exprimem sobre o processo de transformação da experiência mística em tradição; é essa a lei do *nascimento* das tradições. A sua fonte é a experiência mística: ninguém pode ser gnóstico, mágico ou filósofo hermético (ou "ocultista") sem ser místico. A Tradição só é viva quando constitui um *organismo completo,* quando resulta da união da mística, da gnose, da magia e da filosofia hermética. Do contrário, ela se *decompõe* e *morre.* E a morte da Tradição se manifesta na degenerescência de seus elementos constitutivos tornados separados. Então a filosofia hermética, separada da magia, da gnóstica e da mística, torna-se um "sistema" parasitário de pensamento "autônomo", que, a bem dizer, é verdadeiro "complexo" psicopatológico, porque "encanta" ou subjuga a consciência humana e a priva de sua liberdade. O homem que teve a infelicidade de cair vítima do encantamento de um sistema filosófico (e os encantamentos dos feiticeiros não passam de bagatelas em comparação com o efeito desastroso do encantamento produzido por um "sistema filosófico"!) não pode mais ver o mundo, nem os homens, nem os acontecimentos históricos como eles são; ele os vê somente através do prisma deformado do "sistema" pelo qual ele está obcecado. Assim um *marxista* de nossos dias *não é capaz* de ver na história da humanidade outra coisa que não seja a "luta de

classes". Para ele, o que acabo de dizer da mística, da gnose, da magia e da filosofia é mais um ardil da classe burguesa para "encobrir com uma bruma mística e idealista" a realidade da exploração do proletariado pela burguesia. . . sendo que nada herdei de meus pais e tive de ganhar minha vida trabalhando .

Haverá necessidade de outros exemplos? Deveremos citar ainda os hegelianos com suas distorções da história da humanidade, os "realistas" escolásticos da Idade Média com a Inquisição, os racionalistas do século XVIII que cegavam a luz de sua razão autônoma?

Sim, os sistemas filosóficos "autônomos", separados do corpo vivo da Tradição são formações parasitárias que açambarcam o pensamento e, pelo papel que desempenham, são comparáveis aos "complexos psicopatológicos" da neurose ou de outras enfermidades psíquicas obsessivas. A sua analogia física é o câncer.

Quanto à Magia "autônoma", isto é, à Magia sem Mística e sem Gnose, ela degenera necessariamente em feitiçaria ou, pelo menos, num estetismo romântico patológico. Não existe "Magia Negra"; existem magos tateando nas trevas. Eles tateiam nas trevas porque lhes falta a luz da Gnose e da Mística.

Uma Gnose sem experiência mística é a própria esterilidade. É fantasma religioso puro e simples, sem vida nem movimento. É cadáver da religião, animado intelectualmente pelos restos caídos da mesa da história passada da humanidade. Uma "Igreja Gnóstica Universal"! Meu Deus, que se poderá dizer, que se deverá dizer quando se tem conhecimento, ainda que primário, das leis da vida espiritual que regem
toda tradição?!

Passemos à Mística que não levou à Gnose, à Magia e à Filosofia hermética. Cedo ou tarde essa mística deve necessariamente degenerar em "fruição espiritual" ou em "embriaguez" . O místico que só quer a experiência mística, sem compreender a mística, sem querer ser útil aos outros, que esquece tudo e todos para fruir da experiência mística, pode ser comparado a bêbedo espiritual.

Assim a tradição só pode viver - corno, aliás, todo ser vivo - quando é organismo completo de mística gnóstica, de alcance mágico, que se rnanif esta exteriormente como filosofia hermética. Isso significa simplesmente que uma tradição não pode viver se o *homem todo* não viver por ela, nela e para ela. Porque o homem todo é, ao mesmo tempo, místico, gnóstico, mago e filósofo; ele é também, simultaneamente, religioso, contemplativo, artista e inteligente. Cada um *crê* em alguma coisa, *compreende* alguma coisa, *pode* alguma coisa e *pensa* em alguma coisa. É só a natureza humana que determina se urna tradição viverá ou perecerá. E é também só a natureza humana que é capaz de dar origem à Tradição completa e de conservá-la viva. Porque os quatro "sentidos" - místico, gnóstico, mágico e filosófico - se encontram, em potência ou em ato, em cada ser humano.

Ora, o ensinamento prático do segundo Arcano, "a Papisa", tem por objetivo o desenvolvimento do "sentido gnóstico".

Que vem a ser *"sentido gnóstico"?*

É o sentido *contemplativo:* uma contemplação - precedida de uma meditação concentrada - que começa quando o pensamento discursivo e lógico é suspenso .

O pensamento discursivo fica satisfeito quando chega a uma *conclusão* bem fundada. Ora, essa *conclusão é o ponto de partida* da contemplação. Ela sonda a *profundeza* dessa conclusão, à qual o pensamento discursivo acaba de chegar. A contemplação descobre um mundo *dentro* daquilo que o pensamento discursivo constata simplesmente como "verdadeiro". O "sentido gnóstico" começa a operar quando no ato de conhecimento há uma nova dimensão, a da *profundidade.* Ele se torna ativo quando se trata de algo mais profundo do que a questão: isso é verdadeiro ou falso? Além disso, ele compreende o *alcance* da verdade descoberta pelo pensamento discursivo e também "por que essa verdade é verdadeira em si mesma", isto é, ele chega à fonte mística ou essencial dessa verdade. Como chega ele a essa fonte? *Ouvindo* em silêncio. É como se alguém quisesse lembrar-se de coisa esquecida. A consciência "ouve" em silêncio como alguém que "ouve" interiormente, a fim de evocar da noite do esquecimento uma coisa que conheceu anteriormente. Mas há diferença capital entre o "silêncio que ouve" da contemplação e o silêncio proveniente do esforço para lembrar-se. Nessa segunda circunstância, o que é determinante é a *horizontal* do tempo - passado e presente - enquanto "o silêncio que ouve" da contemplação corresponde à *vertical* - àquilo que está no alto e àquilo que está em baixo. Quando alguém se lembra estabelece em si espelho interior para refletir nele o passado; quando alguém "ouve em silêncio" no estado de contemplação, faz também de sua consciência um espelho, mas esse espelho tem a função de refletir o que está no alto. É o ato de lembrar-se na *vertical.*

Existem, com efeito, duas espécies de memória: a "memória horizontal", que torna o passado presente, e a "memória vertical", que torna aquilo que está no alto presente em baixo, ou - segundo nossa distinção entre as duas categorias de simbolismo, definidas na primeira Carta - a "memória mitológica" e a "memória tipológica".

Henri Bergson tem plena razão quando escreve da memória horizontal ou mitológica:

> *"A verdade é que a memória não consiste de forma alguma numa regressão do presente ao passado, mas, ao contrário, numa progressão do passado ao presente" (Matière et mémoire,* Presses Universitaires de France, Paris, 1946, p. 269) - e ainda: " ... *A recordação pura é uma manifestação espiritual. Com a memória estamos verdadeiramente no domínio do espírito"* (pp. 270-271).

Na recordação é, pois, o passado que vem a nós; por isso o ato de lembrar-se é precedido de estado de vazio silencioso que faz o papel do espelho no qual o passado pode refletir-se ou, segundo Bergson, "entrar em contato com o presente mediante a materialidade que o estado cerebral (o "espelho") lhe confere".

O mesmo se dá com a "memória vertical" ou tipológica. Também Platão tem toda razão quando escreve a respeito da memória do Eu transcendente que pode conferir a reminiscência ao eu empírico:

"Como a alma é imortal e viveu várias vidas, e viu tudo o que se passa aqui e no Hades, não há nada que ela não tenha aprendido ... (ou), procurar e aprender é relembrar-se ... " (Menon 81, e, d).

Também aqui o que está no alto, no domínio do Eu transcendente, desce para o plano do empírico quando este cria em si o vazio silencioso que serve de espelho para a revelação do alto.

Que é necessário então para fazer descer o reflexo do que está no alto ou no domínio místico, para cá, para o domínio da consciência em estado de vigília?

É necessário "assentar-se", isto é, estabelecer um estado de consciência ativo-passivo ou o estado da alma que *ouve* atentamente em silêncio. É preciso ser "mulher", isso é, estar no estado de *espera* silenciosa e não no da atividade que "fala".

É necessário "cobrir com véu" os planos intermediários entre o plano do qual o reflexo é esperado e o plano do estado de vigília, no qual esse reflexo se atualizará. É necessário "cobrir a cabeça com uma 'tiara de três coroas', isto é, dedicar-se a um problema ou a uma questão tão importantes que se direcionem para os três mundos e para o que está em cima.

É necessário, finalmente, "ter os olhos voltados para o livro aberto sobre os joelhos", isso é, empreender a operação psicológica completa, a fim de objetivar seu resultado, a fim de "continuar o livro da Tradição", de acrescentar a ele alguma coisa.

Ora, todas essas regras práticas da Gnose estão claramente indicadas na lâmina "a Papisa". Ela é *mulher,* está *assentada,* usa *tiara de três coroas, véu* suspenso acima de sua cabeça cobre os planos intermediários que ela não quer ver, e olha um *livro aberto* sobre seus joelhos.

O "sentido gnóstico" é, portanto, o “ouvido espiritual", como o "sentido místico" é "o tato espiritual". Isso não significa que o "sentido gnóstico" ouça sons, mas somente que as suas percepções são devidas a atitude análoga à da consciência na *espera* e na *atenção* quando *ouve,* e que o contato entre aquele que percebe e aquilo que é percebido não é tão imediato como no "tato espiritual" ou na experiência mística.

Falta ainda caracterizar os outros dois "sentidos" mencionados acima, a saber, o "sentido mágico" e o "sentido filosófico-hermético" .

O "sentido mágico" é o da *projeção,* ao passo que o "sentido filosófico-hermético" é o da *síntese.* "Projeção" significa exteriorização, seguida do desapego de si mesmo, dos conteúdos da vida interior, operação essa semelhante, no plano psíquico, ao que se produz na criação artística e, no plano físico, ao que se produz no parto.

O talento do artista consiste em que ele pode tornar objetivas - ou projetar - suas idéias e seus sentimentos de modo a obter efeito mais profundo sobre os outros do que o da expressão dessas idéias

e sentimentos por uma pessoa que não seja artista. A obra de arte é dotada de vida própria. O mesmo sucede com a mulher que dá à luz uma criança, um ser dotado de vida própria, que ee separa de seu organismo para começar existência independente. Também o "sentido mágico se encontra na faculdade de exteriorizar os conteúdos da vida interior, que são dotados de vida própria. A Magia, a Arte e o Parto são essencialmente análogos e pertencem à mesma categoria de "projeção" ou exteriorização da vida interior. O dogma da Igreja da criação do mundo *"ex nihilo"* [3], isto é, da projeção do "nada" das formas e da matéria. conferindo-lhes vida própria, significa o coroamento divino e cósmico dessa série de analogias. A doutrina da criação *ex nihilo* é a apoteose da Magia. Com efeito, o seu enunciado essencial é que o mundo é um ato mágico.

Em contrapartida, as doutrinas panteísta, emanatista e demiúrgica privam a criação de seu sentido mágico. O panteísmo nega a existência independente das criaturas, vivendo estas como frações da vida divina e sendo o mundo o corpo de Deus . O emanacionismo atribui às criaturas e ao mundo só existência passageira, logo, efêmera. O demiurgismo declara que *ex nihilo nihil,* "do nada não se faz nada", e ensina que deve existir uma *substância* coeterna com Deus, que Deus use como *material* em sua obra de artífice. Deus não é, assim, o Criador ou o Autor mágico do mundo, mas somente seu artesão. Ele apenas forma, isto é, reagrupa e recombina os elementos de que dispõe.

Não se trata aqui de considerar a doutrina da criação *ex nihilo* como a *única* explicação do mundo que encontramos em torno de nós, em nós e acima de nós. Sendo o mundo vasto e grande, existem nele espaço e planos para todos os modos de atividade construtiva, os quais, tomados em conjunto, explicam o mundo de nossa experiência como ele é. De que, então, se trata aqui? De afirmar com a máxima clareza a tese de que a doutrina da criação *ex nihilo* é a expressão mais alta possível da *Magia* divina e cósmica.

Mas, se me perguntares, caro Amigo Desconhecido, se creio que a criação do mundo é apenas ato mágico, sem nada que a preceda ou siga, respondo-te: não, não creio nisso. *Um* ato *místico* e um ato *gnóstico* "precedem" em eternidade o ata de criação como ato *mágico;* ele é seguido da atividade da formação pelo demiurgo ou pelas hierarquias demiúrgicas, que se encarregam da obra artesanal - obra que é essencialmente da inteligência executiva ou *hermético-filosófica.*

A Cabala clássica nos fornece exemplo maravilhoso da *paz* possível entre essas doutrinas aparentemente rivais.

Em sua doutrina das *dez Sejirot,* ela ensina primeiramente o Mistério da *Mística* Eterna - *AIN-SOF,* o Ilimitado. Em seguida ela expõe a doutrina *gnóstica* das emanações eternas no seio da Divindade, as quais - *in ordtne cognoscendi* [4] - precedem o ato da criação. Elas são

3 Criação a partir "do nada". (N. do T.) 4 Na ordem do conhecimento". (N. do T.)

as Idéias de Deus em Deus e precedem a criação, sendo esta ato consciente, e não impulsivo ou instintivo. Depois ela fala da criação pura ou criação *ex ninilo* - do ato da projeção mágica das Idéias do Plano da Criação ou das *Sefirot.* Esse ato mágico criador é seguido - sempre *in ordine cognoscendi* - da atividade da *formação* da qual participam os seres das hierarquias espirituais, inclusive os homens.

É assim, segundo a Cabala, que o mundo se torna feito, que o mundo dos fatos ou dos atos, conhecidos de nós pela experiência, se torna o que é.

Ora, o *olam ha 'asiah,* o "mundo dos fatos", é precedido do *olam ha yeçirah,* do "mundo da formação" ou mundo demiúrgico, que é produto do *olam ha beriah,* do "mundo da criação" ou mundo mágico, que, por sua vez, é realização do *olam ha açilut,* do "mundo das emanações" ou mundo gnóstico não-separado e não-separável de Deus, que, em sua essência, é o Mistério da Mística suprema - *AIN-SOF,* o "Ilimitado".

É possível, portanto, - e quanto a isso não temos dúvidas - conciliar as diversas doutrinas relativas à criação: basta pôr cada uma em seu lugar ou aplicá-las ao plano que lhes é próprio. A Cabala, com sua doutrina das *Sefirot,* fornece prova admirável disso.

O Panteísmo é verdadeiro para o "mundo das emanações" *(olam ha açilut),* no qual existem só as Idéias em Deus e inseparáveis dele; mas o Teísmo é verdadeiro porque deixou o domínio da eternidade incriada para passar à criação, compreendida como criação dos "antepassados" ou "arquétipos" dos fenômenos que conhecemos pela experiência. E o Demiurgismo é verdadeiro quando contemplamos o mundo ou o plano da formação ou da evolução dos seres a fim de se tornarem conformes aos seus protótipos criados.

Mas, abstraindo dos mundos ou planos da formação, da criação, da emanação e da essência mística divina, podemos limitar-nos só ao plano dos fatos. Então o Naturalismo, nos limites desse plano, tomado isoladamente, torna-se verdadeiro.

O estabelecimento da ordem hierárquica dessas doutrinas sobre a criação, aparentemente rivais, nos levou ao coração do domínio da atividade do "sentido filosófico-hermético" ou do "sentido da síntese". Esse sentido, que corresponde ao segundo HE do nome divino IHVH, é essencialmente o do resumo final ou da visão do *todo.* Ele difere do "sentido gnóstico" - que corresponde ao primeiro HE do nome divino - enquanto resume ou dá a síntese do *todo* articulado, ao passo que o "sentido gnóstico" dá a reflexão do *todo em germe.* O "sentido gnóstico" produz a *primeira síntese* ou a síntese antes da análise. O "sentido filosófico-hermético", ao contrário, produz a *segunda síntese* ou a síntese depois da análise. O trabalho realizado por meio desses sentidos não é inteiramente criativo. Ele é antes "demiúrgico ", trabalho de artesão, no qual alguém se aplica à constituição de material determinado, a fim de lhe dar a forma de sua manifestação final .

Como na Tábua de Esmeralda se encontram as fórmulas que resumem "as três partes da Filosofia do mundo total" *(três partes Philoso-*

phiae totius mundi) e como elas resumem também os mundos da experiência mágica, da revelação gnóstica e da experiência mística, demos a esse sentido o nome de "sentido filosófico-hermético", isto é, sentido da síntese dos três mundos ou planos superiores num quarto mundo ou plano. É o sentido de uma síntese "hermética", isto é, que opera *na vertical* dos planos superpostos. Porque o Hermetismo é essencialmente a filosofia, baseada na Magia, na Gnose e na Mística, que aspira à síntese de diversos planos do Macrocosmo e do Microcosmo. Quando resumimos os fatos de um só plano - por exemplo, os fatos da biologia - empregamos o "sentido científico", e não o "sentido filosófico-hermético" . O sentido científico - que é geralmente conhecido e reconhecido - resume os fatos da experiência *num só plano,* no *horizontal.* O Hermetismo não é uma *ciência* e nunca o será. Ele pode *servir-se* das ciências e de seus resultados, mas não pode tornar-se ciência.

A filosofia não-hermética contemporânea resume as ciências particulares com a finalidade de desempenhar a função de "ciência das ciências" - esse ponto é comum a ela e ao Hermetismo. Mas nisso ela difere também do Hermetismo, que aspira a resumir a experiência em todos os planos e que varia de acordo com o plano em que essa experiência se realiza .

Foi por isso que escolhemos o termo "filosófico-hermético" para o quarto sentido ou *sentido da síntese.*

Escusado será dizer que a caracterização dos quatro sentidos - cuja colaboração é necessária para que uma Tradição viva e não degenere - foi esboçada aqui de maneira muito incompleta. Mas os dois Arcanos seguintes: *a Imperatriz* e *o Imperador* são de natureza a dar mais profundeza e mais conteúdo concreto ao que acabamos de expor sobre o *sentido mágico* e sobretudo sobre o *sentido filosófico-hermético.* Porque o terceiro Arcano do *Tarô,* "a Imperatriz" é *o Arcano da Magia,* e o quarto Arcano, "o Imperador", é o da *Filosofia Hermética.*

3.

III

A IMPERATRIZ



A IMPERA TRIZ

A IMPERATRIZ

Ecce ancilla Domini; fiat mihi secundum ver bum tuum.[1]

Caro Amigo Desconhecido,

O terceiro Arcano, "A Imperatriz", é o da Magia sagrada.

Existem três espécies de magia:

- a magia na qual o mago é instrumento do poder divino - é a Magia sagrada;
- a magia na qual o mago é a fonte da operação mágica - é a magia pessoal;
- a magia na qual o mago é instrumento das forças elementares ou de outras forças do inconsciente - é a bruxaria.

O ensinamento do terceiro Arcano - dada a contextura da lâmina e seu lugar entre o segundo e o quarto Arcanos - refere-se à Magia Sagrada ou divina .

Toda magia, inclusive a bruxaria, é a colocação em prática da dominação do subtil sobre o espesso, da força sobre a matéria, da consciência sobre a força e do supraconsciente ou divino sobre a consciência. É essa terceira dominação que "a Imperatriz" simboliza. A sua coroa, o seu cetro e o seu escudo são os três instrumentos do exercício desse poder. A cabeça coroada é o poder do divino sobre a consciência; o braço direito (segundo aquele que olha para a lâmina), que segura o cetro, terminado pelo globo de ouro encimado pela cruz, representa o poder da consciência sobre a força; o braço esquerdo, que segura o escudo, no qual figura uma águia, significa o poder da energia sobre a massa ou do volátil sobre o pesado. A coroa é a *autorização divina* da magia. Somente a magia coroada do alto não é usurpadora. A coroa é o que a torna legítima.

O cetro é o *poder mágico.* É graças ao cetro que a magia não é impotente.

O escudo, no qual figura a águia, é a meta *do poder mágico;* ele é seu brasão e sua divisa, que soa assim: "Libertação para a subida".

1 "Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra". (N. do T.)

E a cátedra firme, na qual "a Imperatriz" está assentada, simboliza o *lugar* indiscutível e inalienável que pertence à magia na vida espiritual, psíquica e natural, graças à autorização divina ou à coroa, à realidade de seu poder ou cetro, e ao qual ela tem por objeto ou ao escudo. É esse o *papel* da magia no mundo.

Consideremos agora, de maneira mais aprofundada, a coroa, o cetro, o escudo e a cátedra da Imperatriz, sucessivamente compreendidos como legitimidade divina, poder, objeto e papel da magia.

A *coroa* da "Imperatriz" difere, em primeiro lugar, da tiara da "Papisa" do Arcano 2 porque ela tem *duas* partes em lugar de três. A dignidade ou função que ela significa ou confere refere-se, portanto, a dois planos. A Gnose tem uma tiara porque tem o encargo de levar a revelação através dos três planos até o "livro" ou tradição. A Magia é coroada porque o seu múnus é a sublimação da natureza, o que é indicado pelo escudo com a águia voando que "a Imperatriz" segura em lugar do livro da "Papirn" .

Joséphin Péladan definiu muito bem a magia como "a arte da sublimação do homem" *(Comment on devient mage,* 1892). Esse é o brasão ou a meta da magia, se entendermos por "sublimação do homem" a sublimação da *natureza* humana. Péladan tinha compreensão muito profunda do brasão da magia: do escudo com a águia em posição de vôo. Testemunham-no suas obras, que, em seu todo, representam magnífico arrebatamento e visam, em conjunto ou cada uma em particular, ao ideal da sublimação da natureza humana. Isso porque Péladan usava o brasão da magia, a águia voando. Ter o brasão da magia diante dos olhos é convidar o homem "a lançar nas nuvens as á_guias de seu desejo", porque a felicidade "elevada a ideal, escapa às negações dos homens e das coisas, sendo esse o único triunfo sobre o mundo" *(Traité des Antinomies,* Paris, 1901, livros II e III). Na verdade, era o brasão - o escudo com a águia - que Papus tinha diante dos olhos quando definiu assim a magia:

> *"A magia é a aplicação da vontade humana dinamizada à evolução rápida deis forças vivas da natureza" (Traité méthodique de Magie pratique,* p. 10). - Mas essa definição deve ser precedida desta outra: " *... A magia é a ciência do amor"* (op. cit., p. 2).

Porque é precisamente "a evolução rápida das forças vivas da natureza" que a águia do *escudo* da "Imperatriz" representa. "A ciência do *Amor* é o *cetro* da "Imperatriz", que representa o *meio* pelo qual a magia atinge sua meta.

Ora, se o escudo significa o "que?", e o cetro, o "como?" da magia, a coroa representa o seu "com que direito?"

Embora a magia tenha desaparecido dos códigos criminais de nossos dias, a questão de sua legitimidade continua posta nos planos moral, teológico e até médico. Pergunta-se hoje, como no passado, se seria moralmente legítimo aspirar - sem falarmos em exercê-lo - a um poder excepcional que nos confira a dominação sobre nosso próximo;

pergunta-se se essa dominação não seria devida, em última análise, ao orgulho e se ela seria compatível com a função que todo crente cristão sincero reserva à graça divina, seja imediata, seja agindo por intermédio dos santos anjos e dos santos de Deus. Pergunta-se, enfim, se semelhante aspiração não seria malsã e contrária à natureza humana, à religião e à metafísica, dados os limites até os quais ela pode avançar impunemente na direção do Invisível.

Todas essas dúvidas e objeções são bem fundadas. Não se trata, portanto, de refutá-las, mas de saber se existe uma magia que escape a elas; em outros termos, se existe uma *magia legítima* do ponto de vista moral, religioso e médico.

Tomamos como ponto de partida as seguintes palavras do *Novo Testamento:*

> *"Pedro, que se deslocava por toda parte, desceu também para junto dos santos que moravam em Lida. Encontrou ali um homem chamado Enéias, que havia oito anos estava na cama: era paralítico. Pedro então lhe disse: 'Enéias, Jesus Cristo te cura! Levanta-te e arruma teu leito'. Ele imediatamente levantou-se"* (At 9,32-34).

Eis aí ato espiritual de cura cuja legitimidade está fora de dúvida:
do ponto de vista morai, ele é ato de pura caridade; do ponto de vista religioso, foi em nome de Jesus, e não de Pedro, que a cura se realizou; do ponto de vista médico, foi cura perfeita, sem prejuízo para a saúde física ou psíquica que ela denota no curado. O que estabelece a legitimidade indiscutível da cura de Enéias é, em primeiro lugar,· a *finalidade* do ato de Pedro: restituir a mobilidade ao imobilizado; em segundo lugar, o *meio* pelo qual a cura se realizou: a palavra baseada na essência de Jesus; em terceiro lugar, a *fonte* do ato: "Jesus Cristo te cura!"

Aí estão os três elementos da Magia sagrada que a tornam legítima e nos quais é fácil reconhecer as três insígnias da "Imperatriz" - a coroa, o cetro e o brasão. Porque restituir a mobilidade ao imobilizado é a ação libertadora representada pela águia do escudo; realizar a cura só pela palavra é usar o cetro encimado pela cruz; fazer isso em nome de Jesus é ter a cabeça coroada do divino.

Mas, poder-se-ia objetar que a cura de Enéias não tem nada a ver com a magia. Trata-se de *milagre,* de ação de Deus com a qual o homem não tem nada a ver.

O apóstolo Pedro não teria então nada a ver com ela? Se isso fosse verdade, por que teria *ele* ido até onde estava Enéias? Por que a ação divina de cura não foi realizada *diretamente,* sem o intermédio de Pedro?

Sim, Pedro teve muito a ver com ela. A *sua* presença e a *sua* voz eram necessárias para que a cura se efetuasse. Por quê?

Esse problema merece profunda meditação, porque inclui o mistério central da religião cristã, o da *encarnação.*

Com efeito, por que o *Logos,* o Filho de Deus, devia encarnar-se, tornar-se *Deus-Homem,* para realizar a obra suprema da Magia divina - a obra da *Redenção?*

Para se humilhar? Mas, sendo Deus, ele era a própria humildade.

Para participar do destino humano: nascimento, vida e morte humanos? Mas Deus, que é *amor,* participava, participa e participará sempre do destino humano. Ele treme com todos aqueles que sentem frio. Sofre com todos os que sofrem e agoniza com todos os que morrem. - Sabeis que nos mosteiros do Oriente Próximo, no tempo em que os corações ainda pulsavam na harmonia da Presença divina, ensinava-se como remédio miraculoso para qualquer aflição e sofrimento pronunciar estas palavras: "Glória à tua longanimidade, Senhor!"?

Não, a obra da Redenção, sendo obra do amor, exigia a união perfeita de *duas vontades,* distintas e livres, no amor - a vontade divina e a vontade humana. O mistério do Deus-Homem é a chave da Magia divina; tendo sido a condição fundamental da obra da Redenção, ela é a operação da Magia divina comparável somente com a da criação do mundo.

Então os milagres exigem *duas* vontades unidas! Eles não são manifestação do poder onipotente *ordenado,* mas são devidos ao poder novo, que *nasce* toda vez que há união da vontade divina com a vontade humana. Pedro teve, então, muito a ver com a cura de Enéias em Lida. A vontade divina tinha necessidade de sua vontade para produzir o poder que fez com que Enéias, paralítico, se levantasse de seu leito. Essa ação simultânea e concordante da vontade divina e da vontade humana é precisamente o que entendemos por· "magia sagrada" ou "magia divina".

Deve-se falar de "magia" no caso de milagre? Sim, porque há um *mago,* e a participação de sua vontade é essencial para a realização do milagre. Pedro foi à casa de Enéias e pronunciou as palavras que realizaram a cura. Sua participação é indiscutível; logo, houve um *mago humano.* Por isso o emprego do termo *magia* se justifica, contanto que entendamos por "magia" o poder do invisível e do espiritual sobre o visível e o material.

Mas a cura de Enéias deveu-se não a "magia pessoal", e sim à "magia divina" . Porque Pedro não poderia nada, se sua vontade não estivesse unida à vontade divina. Disso ele tinha plena consciência, e por isso disse a Enéias: "Jesus Cristo te cura". O que quer dizer: "Jesus Cristo se dignou curar-te. Ele me enviou a ti para que eu faça o que ele me disse. Quanto a mim, estou duplamente feliz: por poder servir a meu Mestre e por poder curar-te, meu caro irmão Enéias".

E esse o sentido da *coroa de duas* partes na cabeça da Imperatriz. Poder servir, ao mesmo tempo, ao que está no alto e ao que está em baixo é ser "duplamente feliz". Porque a coroa, como a tiara, representa o poder de *serviço.* O serviço prestado ao que está no alto e o serviço prestado ao que está em baixo é que legitimam a Magia sagrada.

Na Magia sagrada, o mago desempenha o papel de *último elo* corrente mágica que desce do alto; isto é, ele serve de *ponto de contato* e de *ponto de concentração* terrestres para a operação concebida, querida e posta em ação no alto. Com efeito, quando alguém é esse último elo, traz na cabeça a *coroa* da legitimidade mágica. E, repitamo-lo, toda magia que não estiver assim coroada é ilegítima.

Então o exercício da Magia sagrada está reservado só ao Sacerdócio? A isso respondo com outra pergunta: o amor de Deus e do próximo está reservado só ao Sacerdócio? A Magia sagrada é o poder do amor nascido da união da vontade divina e da vontade humana no amor; ora, Monsieur Philippe de Lião não era sacerdote, nem médico, mas curava os doentes em virtude do poder espiritual, que ele dizia não ser seu, mas do "Amigo" do alto.

O Sacerdócio conta com numerosos taumaturgos: são Gregório, são Nicolau e são Patrício, o que basta para nos convencer de que a Magia sagrada está em seu lugar no Sacerdócio. Como poderia ser de outro modo, se a administração dos sacramentos - dessas operações da Magia sagrada *universal* - constitui o encargo principal do clero, e se as operações *individuais* "decididas no alto" são confiadas prioritariamente àqueles que vivem na ambiência dos sacramentos universais? Não é natural que aquele que participa cada dia do mistério da transubstanciação seja chamado, em primeiro lugar, para a Magia sagrada?

A vida e a obra do santo cura d' Ars mostram a altura e o esplendor da Magia sagrada individual - *além* dos sacramentos universais - que *podem* manifestar-se na vida e na obra de simples cura de aldeia!

Mas, de outro lado, a vida e a obra de M. Philippe de Lião nos mostram a altura e o esplendor da Magia sagrada individual - sem os sacramentos universais - que *podem* manifestar-se na vida e na obra de leigo que nasceu e cresceu no campo!

O amor age onde quer que se encontre. Ele é a vocação de todos e não é prerrogativa de ninguém.

Do que. precede vê-se claramente que a gnose devida à experiência mística deve preceder a magia sagrada. É o sentido da coroa da "Imperatriz". A Magia sagrada é filha da mística e da gnose.

Se assim não fosse, a magia seria a prática da *teoria oculta,* a qual só se aplica à magia pessoal ou usurpadora. A Magia sagrada ou divina é o exercício da *revelação mística.* O Mestre revelou a Pedro o que ele devia fazer - interna e externamente - para curar Enéias em Lida. É esta a ordem das coisas na Magia sagrada: primeiro o contato *real* com o divino (mística); depois a tomada de *consciência* desse contato (gnose); finalmente, a *execução* daquilo que a revelação mística deu a conhecer como trabalho a fazer e método a seguir . ·

A magia pessoal ou usurpadora segue ordem contrária. É o próprio mágico que estuda a teoria ocultista e decide quando e corno pô-la em prática. Se ele o faz seguindo o conselho de mestre em magia, mais experimentado do que ele, o princípio é o mesmo: é sempre a pessoa humana que decide o "que" e o "como" . Assim se exprime Papus em seu *Traité méthodique de magie pratique:*

« O que diferencia a magia da ciência oculta em geral é que a primeira é ciência prática, *ao passo que a segunda é sobretudo teórica. Mas querer exercer a magia sem conhecer o ocultismo é querer conduzir uma locomotiva sem ter passado por escola teórica especial. Pode-se prever o resultado"* (p. 4), e depois: " *... Sendo ciência prática, a magia exige conhecimentos preliminares, como todas as ciências práticas"* (p. 5). E enfim: " *... A magia, considerada como ciência de aplicação, limita sua ação quase unicamente ao desenvolvimento das relações existentes entre o homem e a natureza. O estudo das relações entre o homem e o plano superior, o plano divino, em todas as suas modalidades, refere-se bem mais à teurgia do que à magia"* (p. 142).

Aí está uma definição bem característica e que corresponde perfeitamente ao que designamos como "magia pessoal" ou "arbitrária". A magia dessa espécie não inclui o que é superior ao homem: o plano divino. Nela o homem é o único senhor - o mesmo se dá, aliás, em todas as ciências de aplicação.

"Em geral, o princípio diretor em toda operação é a Vontade humana; o meio de ação, o instrumento empregado, é o fluido astral ou natural, e o fim a atingir é a realização (no plano físico, geralmente) da operação empreendida" (Papus, *La Science des Mages,* p. 69), mas . . . *"quanto à magia cerimonial e ao naturalismo, só podemos condená-los, tanto por sua inutilidade como pelos perigos temíveis que encerram e pelo estado de alma que supõem. . . Entende-se, com efeito, aqui, sob esta última denominação (magia cerimonial), a operação na qual* a Vontade e a inteligência humanas *estão* sozinhas *em exercício, sem o concurso divino"* (Papus, *Traité élémentaire de science occultc,* 7ª ed., pp. 430, 431).

"Os perigos temíveis" da magia pessoal ou arbitrária foram descritos por todos aqueles que tiveram experiência direta ou indireta dela. Henri Cornelius Agrippa *(De Occutta Philosophia,* III, 1551), Eliphas Levi *(Dogme et Rituel de la Haute Magie)* e Papus falaram muito a esse respeito para provarem que a magia pessoal ou arbitrária é das mais perigosas.

Quanto à Magia sagrada ou divina, o único risco é que ela seja inoperante, em conseqüência de algum erro; isso é desagradável, mas não traz nenhum perigo.

Antes de terminar com os perigos da falsa magia, gostaria de acrescentar aqueles que Jean Herbert enumera em seu prefácio a *La Puissance du serpent,* de Arthur Avalon (Lião, Derain, 1959), no qual ele previne o leitor contra a tentação de procurar praticar o método tântrico e de despertar o "poder da serpente" ou *kundalini,* para fazê-la subir para a cabeça, para o centro *Sahasrâra:*

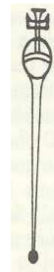
" . . . *Aquele que se aventurar a isso sem ser guiado por mestre autêntico - o que quase certamente é impossível no Ocidente - encontrar-se-á em situação muito parecida com a de criança à qual*

se permitisse brincar com todas as drogas de uma farmácia ou andar com uma tocha dentro de depósito de fogos de artifício. Distúrbios cardíacos incuráveis, destruição lenta da medula espinhal, desordens sexuais e loucura esperam aqueles que se arriscarem a ela".

Eis o ramalhete de "flores do mal" oferecido ao principiante sem guru ou com guru não autêntico!

Voltemos à Magia sagrada. Explicada a significação de sua "coroa" ou de sua legitimidade divina, consideraremos agora seu "cetro" ou seu poder.

O cetro da "Imperatriz" é formado de três partes: cruz, globo e bastão terminado por pequena esfera. O bastão é mais estreito em baixo, no lugar pelo qual a "Imperatriz" o segura, do que em cima, onde ele sustenta o bloco encimado pela cruz. O globo é dividido em duas partes por faixa ou "zona equatorial" . Pode-se dizer, assim que ele é formado por *duas taças,* uma virada para baixo, suportando a cruz,



e a outra, suportada pelo bastão e voltada para o alto.

Ora, a união de uma taça, encimada pela cruz, com outra taça, sustentada pelo bastão (o cetro da Imperatriz), é a expressão simbólica o método de *realização* da potencialidade, representada pela coroa . .É a união de duas vontades potenciais na coroa, tornadas atuais no cetro.

taça encimada pela cruz e voltada para baixo é a vontade divina; ::t taça sustentada pelo bastão e voltada para cima é a vontade humana. *A,* sua união ativa é o cetro ou o poder· da Magia sagrada. Esse poder resulta do influxo da cruz que escorre da taça superior para a taça vazia inferior e dela desce pelo bastão para se concentrar em sua extremidade como *gota.* Em outros termos: o Sangue sagrado do alto se concentra e se torna "gota" de sangue humano pela palavra e pela ação · umanas.

Direis talvez: é do *Santo GRAAL,* isto é, da Eucaristia mística .. .me falais!

· Sim, é exatamente do Santo Graal ou da Eucaristia mística que se trata. Porque é nela, e somente nela, que reside o poder da Magia sagrada. Esse poder é, em última análise, o da dupla *sinceridade* - divina e humana - reunida na palavra ou na ação humanas. Porque nenhuma palavra, nenhuma ação é *verdadeiramente* sincera se for apenas cerebral

e se não for uma sangria vital. Quanto mais sinceridade houver na palavra ou na ação humana, tanto mais essência vital do sangue haverá nela. Quando acontece - e os anjos se ajoelham em adoração quando isso acontece - que o desejo humano esteja em acordo com o desejo divino, o Sangue sagrado se une à essência vital do sangue humano, o *Mistério do Deus-Homem se repete* e se reitera o poder miraculoso do Deus-Homem. É esse o poder da Magia sagrada - ou seu cetro.

Caro Amigo Desconhecido, não creias que eu tenha combinado intelectualmente essas coisas, depois de ter lido livros sobre o Santo Graal e tratados de teologia mística sobre o sacramento da Eucaristia. Não, eu nunca teria escrito sobre o mistério do Sangue como fonte da Magia sagrada - mesmo que eu "soubesse" essas coisas - se eu não tiveste visitado muitas vezes a capela do Sangue sagrado em Bruges. Lá tive a experiência estupenda da *realidade* do Sangue sagrado do Deus-Homem. Foi essa experiência, cujo efeito rejuvenesce a alma - que digo? - não só que rejuvenesce a alma, mas também que a eleva no sentido da cura de Enéias operada por são Pedro: "levanta-te e arruma teu leito!" - foi essa experiência, digo, que me revelou o Mistério do Sangue sagrado e a fonte do poder da Magia sagrada. Não te ofusques pelo caráter pessoal do que acabo de escrever. Sou autor anônimo e assim permaneço para poder ser mais franco e mais sincero do que geralmente é permitido a autor.

O *fim* da Magia sagrada é representado, como dissemos, pelo escudo que a "Imperatriz" está segurando em lugar do livro da "Papisa". A Gnose sagrada tem por fim a expressão comunicável (ou "livro") da revelaçao mística, enquanto o fim da Magia sagrada é a *ação libertadora* ou a restauração da liberdade daqueles que a perderam parcial ou totalmente. A águia em posição de voar, figurada no escudo, significa essa divisa da Magia sagrada, a qual poderia ser assim formulada: "Dar a liberdade a quem é escravo". E ela compreende todas as obras mencionadas por Lucas (7,21-22):

> *"Jesus curou a muitos de doenças, de enfermidades, de espíritos malignos, e restituiu a vista a muitos cegos. Então lhes respondeu: 'Ide contar a João o que estais vendo e ouvindo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho'".*

Esse é o fim da Magia sagrada; ela não tem outros fins que não sejam dar a liberdade de ver, de ouvir, de andar, de viver, de lutar pelo ideal e de ser verdadeiramente a própria pessoa, isto é, de dar a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, a capacidade de andar aos coxos, a vida aos mortos, de anunciar a boa nova aos pobres e de restituir o livre arbítrio aos que estão possuídos pelos espíritos malignos. Ela não atenta contra a Liberdade, cuja restauração é seu fim único. O objeto da Magia sagrada é mais do que a cura pura e simples; é a restauração da liberdade, inclusive a libertação da dúvida, do medo, do ódio, da

apatia e do desespero. Os "espíritos malignos" que privam o homem de sua liberdade não são os seres das hierarquias ditas "do mal" ou ... decaídas". Nem Satã, nem Belial, nem Lúcifer, nem Mefistófeles jamais privaram quem quer que seja de sua liberdade. A *tentação* é a sua única arma, e ela pressupõe a liberdade de quem é tentado. Mas a *possessão* por "espírito maligno" não tem nada a ver com a tentação. É sempre a mesma coisa como no caso do monstro de Frankenstein. O homem cria um ser elemental e depois se torna escravo de sua criação. Os demônios" ou "espíritos malignos" do Novo Testamento chamam-se hoje, na psicoterapia, "neuroses de obsessão", "neuroses de medo", "idéias fixas" etc. Eles foram descobertos pelos psiquiatras contemporâneos e são reconhecidos como reais - isto é, como "organismos psíquicos parasitários" independentes da vontade consciente humana e com tendência para subjugá-la. Mas o Diabo não tem nada com isso - pelo menos com participação direta. Ele observa a *lei* - que protege a liberdade humana e que é a Convenção inviolável entre as hierarquias do "lado direito" e as do "lado esquerdo" - e jamais a viola, como se vê, por exemplo, da história de Jó. Que ninguém tenha medo do Diabo, mas tema suas próprias tendências perversas! Porque as nossas tendências perversas podem privar-nos de nossa liberdade e nos subjugar. Pior ainda - podem servir-se de nossa imaginação e de nossas faculdades de invenção para nos levar a criações que podem tornar-se o flagelo da humanidade. As bombas atômicas e de hidrogênio são exemplos flagrantes disso.

O homem, com a perversidade possível de sua falsa imaginação, é muito mais perigoso do que o Diabo e suas legiões. Porque o homem não está obrigado pela Convenção feita entre o Céu e o Inferno; ele pode ultrapassar os limites da Lei e gerar *arbitrariamente* forças más cuja natureza e cuja ação fiquem *fora* do quadro da Lei. Tais eram os Molocs e outros "deuses" de Canaã, da Fenícia, de Cartago, do México antigo e de outros países, que exigiam sacrifícios humanos. Devemos abster-nos de acusar sem razão os seres das hierarquias do mal de terem desempenhado o papel de Molocs, não passando estes de criaturas da imaginação e da vontade perversa das coletividades humanas. Eles são egregórios[2] da perversidade coletiva, assim como existem "demônios" ou "espíritos malignos": gerados por indivíduos. Mas já falamos bastante dos demônios; o problema dos "espíritos malignos" será tratado de maneira mais pormenorizada e mais aprofundada na 15ª Carta, consagrada ao décimo quinto Arcano.

A *cátedra* na qual a "Imperatriz" está assentada representa, como já dissemos, o papel da Magia sagrada no mundo. Ela é o seu lugar no mundo e na história do mundo, a sua bate, enfim; em outros termos, aquele que a espera, a deseja e está sempre pronto para recebê-la. De que se trata, na verdade?

2 O termo *egregório* (do grego eclesiástico, *egregoros,* "vigilante", "que vigia") aparece no *Livro de Henoc,* no qual designa uma espécie de anjo imaginário (cf. Grand Larousse, *Egrégore).* Para o autor, os *egregórios* são reais, mas têm "uma existência efêmera. (N. do T.)

Dada a função libertadora da Magia sagrada, trata-se de tudo o que está privado de liberdade e sujeito à necessidade. É disso que são Paulo fala:

"Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus.
De fato, a criação foi submetida à vaidade - não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu - na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus.
Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores do parto até o presente.
E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção de nosso corpo" (Rm 8,19-23).

São, pois, os reinos mineral, vegetal, animal e humano da natureza - numa palavra, a natureza inteira - que constituem o domínio da Magia sagrada. A sua razão de ser provém da queda e do domínio inteiro da queda, compreendendo a natureza decaída, o homem decaído e as hierarquias decaídas. Os seres que lhe pertencem "anseiam" pela "libertação da escravidão da corrupção para serem reintegrados na liberdade gloriosa dos filhos de Deus" .

Como age a Magia sagrada para conseguir esse fim? Como, por exemplo, liberta ela os homens?

A cátedra da "Imperatriz" tem um espaldar muito parecido com duas asas, de modo que alguns intérpretes do Tarô viram a "Imperatriz" como que alada. Outros viram apenas um espaldar. Em vista da contextura da lâmina, do sentido do brasão com a águia, do cetro encimado pela cruz e da coroa de duas partes, não deveríamos ver nela um espaldar com a forma de duas asas *petrificadas* e imobilizadas, mas que outrora foram verdadeiras asas e que ainda o são potencialmente?

Essa interpretação, se aceita, não só reconciliaria os dois pontos de vista aparentemente opostos, mas também quadraria com tudo o que a lâmina insinua sobre o domínio, o fim, o poder e a legitimidade da Magia sagrada: restituir o movimento às asas petrificadas. Não estaria isso de acordo com a missão libertadora da Magia sagrada e com as palavras de são Paulo?

Seja como for, essa interpretação comporta a resposta à questão sobre a maneira concreta pela qual se manifesta a ação libertadora da Magia sagrada. Ela é totalmente contrária à ação de constrição da magia falsa ou pessoal. E opõe à ação da hipnose a do despertar da vontade livre; à sugestão a libertação das idéias fixas e dos complexos psicopatológicos; à evocação do necromante a subida na direção do defunto, efetuada pela força do amor; aos meios de coação, empregados pela magia cerimonial sobre os seres elementares (gnomos, andinas, silfos e salamandras), a conquista de sua confiança e de sua amizade por atos

correspondentes; aos processos da Cabala prática para dominar os "espíritos malignos" (no sentido das hierarquias decaídas), opõe ela a sua transformação em servos, com sua total aquiescência, pela resistência às tentações especiais de cada um deles. Porque também eles esperam "a revelação dos filhos de Deus", revelação que significa para eles, em primeiro lugar, a inacessibilidade às suas tentações. Resisti ao diabo, e o diabo será vosso amigo. O diabo não é ateu e não duvida de Deus. A fé que lhe falta é a fé no homem. E o ato da Magia sagrada em relação ao Diabo é o de restabelecimento de sua fé no homem. O fim das provações de Jó não era dissipar as dúvidas de Deus, mas as do Diabo. Uma vez dissipadas essas dúvidas, quem é que trabalhava para restituir a Jó tudo o que ele tinha perdido, senão o mesmo ser que antes o tinha privado de seus bens? O inimigo de Jó se tornou seu servo voluntário - e "servo voluntário" significa *amigo.* A Magia sagrada opõe, enfim, à transfusão fluídica do magnetismo a prática de tomar sobre si as doenças e as enfermidades dos outros, segundo o preceito de são Paulo:

> *"Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo"* (Gl 6,2).

É assim que os santos praticavam a Magia sagrada. Eles não projetavam as suas forças, a sua vitalidade ou os seus fluidos em outrem, mas, ao contrário, *assumiam* o que nele era malsão. Por exemplo, santa Ludvina, que nunca deixou seu leito e seu quarto, sofreu muito, durante longos anos, as conseqüências do álcool. Enquanto isso, na cidade de Schiedam, um alcoólatra se recuperava.

Com a lista dos contrários, não tive a intenção de julgar, e menos ainda de condenar, a hipnose, a sugestão e toda evocação, tendo a magia cerimonial relação com a natureza, e aspirando a cabala prática a influenciar os "espíritos malignos" e o magnetismo. A minha única intenção era destacar o que diferencia a Magia sagrada dessas práticas, que *podem* também servir ao bem; mas a Magia sagrada só pode servir ao bem.

Existem "livros secretos" da Magia sagrada? Existem, se entendermos por "livros secretos" um arsenal de armas ou instrumentos dos quais ela se serve. Esse arsenal é constituído de fórmulas e gestos e de figuras reproduzidas pelos gestos. Mas esses instrumentos não devem ser escolhidos arbitrariamente. A escolha deve ser reservada à ciência profunda, *confirmada pela revelação,* ou pela *revelação direta,* confirmada posteriormente pela ciência adquirida pela experiência.

Quanto ao arsenal das fórmulas, quase todo ele é acessível a quem se interessar. Porque o formulário principal da Magia sagrada é a Sagrada Escritura, a Bíblia, compreendendo o Novo e o Antigo Testamentos. O evangelho segundo são João tem nele lugar proeminente, porque é constituído em sua quase totalidade por fórmulas mágicas. Em seguida vêm os outros três evangelhos e o Apocalipse. Fórmulas mágicas encontram-se também nas Epístolas e nos Atos. No Antigo

Testamento, elas podem ser encontradas sobretudo nos Salmos, no livro do Gênesis. em Ezequiel e nos outros profetas, como também no Ritual litúrgico da Igreja e na tradição escrita ou oral que remonta aos santos e aos grandes místicos. O texto da Tábua de Esmeralda pertence também ao arsenal das fórmulas da Magia sagrada.

Quanto à parte "muda" da Magia sagrada, isto é, aos gestos e às figuras reproduzidas por eles, a sua *escolha* deve ser igualmente confirmada pela revelação ou indicada por ela. Trata-se, em geral, de gestos do Ritual da Igreja tradicional (Romana ou Grega Ortodoxa) e de gestos que reproduzem número limitado de figuras geométricas. Assim, é necessário, às vezes, ajoelhar-se, outras vezes ficar de pé ou prostrar-se; algumas vezes fazer o gesto de bênção, outras vezes, o de proteção ou o de libertação etc.

Essas fórmulas e esses gestos não são secretos, mas não devem ser *traídos.* "Traí-los" não significa divulgá-los ou dá-los a conhecer a outros; uma fórmula mágica não é traída quando é dada a conhecer a alguém que talvez a ignore, mas quando é arrancada de seu domínio sagrado e de sua *contextura* sagrada de operação mágica dos quais ela faz parte e rebaixada a plano inferior, isto é, quando é empregada *abusivamente.* O mesmo vale para as fórmulas da consagração da missa. Todos as conhecem, mas elas são operantes somente quando pronunciadas na contextura sagrada da missa por uma pessoa legitimada a fazê-lo. Não é algum segredo que as torna operantes; é a *contextura,* o *nível* da operação e a *legitimação* do operante ou do celebrante. As fórmulas da consagração não são traídas pelo fato de serem impressas nos missais, mas sê-lo-iam se um leigo se servisse delas numa "missa" arbitrariamente improvisada ou inventada. O *mistério* é protegido não pelo *segredo,* mas de outra maneira. A sua proteção é a sua luz, ao passo que a proteção do segredo é a obscuridade. Quanto ao *arcano,* que é o grau médio entre o mistério e o segredo, é protegido pela penumbra. Porque ele se revela e simultaneamente se oculta por meio do simbolismo. O simbolismo é a penumbra dos arcanos. Assim, os Arcanos do Tarô são fórmulas tornadas visíveis e acessíveis a todos. No passado eles entretinham milhares de pessoas; centenas de outras se serviam deles para lerem a sorte; algumas experimentaram seu efeito maravilhoso. Court de Gebelin ficou maravilhado com eles; Eliphas Levi ficou impressionado, e Papus foi inspirado por eles; outros os seguiram e sentiram a estranha e quase irresistível atração do Tarô - eles o estudavam, meditavam, comentavam e interpretavam, estimulados, inspirados e iluminados por "alguma coisa" do Tarô que se revela e ao mesmo tempo se oculta na penumbra de seus símbolos. E nós? Onde estamos nós com relação ao Tarô? Sabê-lo-emos com certeza depois da 22ª Carta, consagrada aos Arcanos Menores do Tarô.

*

A cátedra na qual a "Imperatriz" está assentada representa o segundo HE do "tetragrama" da Magia sagrada, isto é, seu conjunto

manifestado; sua coroa corresponde ao IOD, o cetro ao primeiro HE, e o escudo ao V A V. Foi por isso que definimos a cátedra como o 'múnus da Magia sagrada no mundo e na história" . Poderíamos também dizer que ela é o *fenômeno* da Magia sagrada inteira como ele se manifestou, se manifesta e se manifestará na história da humanidade. É o seu *corpo* histórico que revela a sua alma e o seu espírito. Por "corpo" entendo aquilo que toma possível a ação direta no mundo dos fatos. Assim, o "arsenal" ou depósito das fórmulas e dos gestos mágicos usados no exercício prático da Magia sagrada faz parte de seu "corpo" . O Ritual de suas operações universais destinadas a servir a humanidade inteira e que transcendem o espaço e o tempo, isto é, os sete sacramentos da Igreja universal, enquanto ritual, também fazem parte de seu "corpo" . Dele fazem parte igualmente as pessoas que têm a missão ou o dom de perpetuar a tradição da Magia sagrada . Esse corpo é como uma *árvore* com certo número de galhos com muitas folhas, árvores cujas raízes estejam para cima e cuja copa esteja para baixo. Há um só tronco e uma só seiva, mas ela alimenta e vivifica todos os seus galhos e suas inúmeras folhas .

Trata-se da "Arvore das Sefirot" da Cabala? Ou da Arvore do conhecimento do Bem e do Mal? Ou ainda da Arvore da Vida?

O fruto da Arvore do conhecimento do Bem e do Mal teve tríplice efeito: o esforço, o sofrimento e a morte. O esforço ou o trabalho tomou o lugar da união mística com Deus, união sem esforço, que é o ensinamento do primeiro Arcano do Tarô, "o Mago". O sofrimento substituiu a revelação direta refletida ou a Gnose (revelação direta, que é o ensinamento do segundo Arcano do Tarô, "a Papisa") . E a morte entrou no domínio da Vida ou da Magia sagrada criadora, que é o ensinamento do terceiro Arcano do Tarô, "a Imperatriz". Ora, a Magia sagrada é a Vida como ela era antes da queda. A Gnose do segundo Arcano é a Consciência como ela era antes da queda. E a Espontaneidade mística do primeiro Arcano é a relação entre o homem e Deus como era antes da queda. Essa espontaneidade primordial dava impulso e direção à evolução ou ao desenvolvimento do ser humano. Não foi a luta pela existência, descrita por Charles Darwin há um século, que deu o impulso fundamental na direção do ideal ou meta da evolução antes da queda, mas o estado que designamos hoje como "união mística". O princípio da *luta* ou do esforço foi empregado só depois da queda. O sofrimento igualmente não tinha, antes da queda, a função de despertar a consciência, função essa que era reservada, então, à revelação direta refletida ou à Gnose. A morte também não desempenhava, então, o papel de libertar a consciência pela destruição das formas que a cercam, papel esse que ela desempenha depois da queda. Em lugar da destruição das formas efetuava-se sua *transformação* contínua. Isso era feito pela ação perpétua da Vida, que efetuava a metamorfose das formas em conformidade com as mudanças da consciência que delas se servia. Essa ação perpétua libertadora e *construtiva* da Vida era - e ainda é - função da Magia sagrada ou divina. Ê essa função transfor-

madora, oposta à função destruidora da morte, que o Gênesis de Moisés designa com o símbolo da "Árvore da Vida" .

Ora, a queda mudou o destino da humanidade pelo fato de que a União Mística foi substituída pela luta ou pelo esforço, a Gnose pelo sofrimento e a Magia sagrada pela morte. Por isso, a fórmula que anuncia a Boa Nova de que os efeitos da queda podem ser ultrapassados e de que o *caminho* da evolução humana pode voltar a ser o da união mística, em lugar da luta, de que a revelação refletida imediatamente ou a Gnose pode substituir o sofrimento pelo ensinamento da *verdade* e de que a Magia sagrada ou a *vida* transformadora pode tornar o lugar da morte destruidora - essa fórmula, digo, tem o seguinte teor:

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6).

Essa fórmula é também o resumo dos três primeiros Arcanos do Tarô, isto é, do arcano do verdadeiro caminho ou da Espontaneidade mística, do arcano da verdade revelada ou da Gnose e do arcano da vida transformadora ou da Magia sagrada.

A Magia sagrada é, pois, a Árvore da Vida, inacessível à temeridade arbitrária, mas manifestando-se na história humana inteira por meio daqueles que sabem dizer: "Ecce ancilla Dornini, fiat rnihi secundurn verbum tuurn", ou: "Ecce servus Dornini, faciam secundum verbum tuurn" . Ela se manifesta pelo milagre da história humana, a saber, da *vida* humana suprabiológica continuada de século em século, de milênio em milênio, e de sua fonte que não seca: pelo milagre do fogo sagrado, sobre os altares dos corações e sobre os altares de pedra, que não se extingue de século em século e de milênio em milênio; pelo milagre da Bondade, da Verdade e da Beleza, que não perdem sua atração de século em século, ainda que não existam no mundo nem Fé, nem Esperança, nem Caridade; pelo milagre da existência de santos, de sábios, de gênios, de benfeitores, de taumaturgos; pelo milagre de o pensamento puro, a poesia, a música, a oração não serem tragados pelo nada; pelo milagre universal da história humana e da *existência do miraculoso.* Sim, o miraculoso existe, porque a *vida* não é senão uma série de milagres, se entendermos por "milagre" não a ausência de causa (isto é, como se o fato miraculoso não fosse causado por ninguém e por nada - o que seria, antes, o conceito de "puro acaso"), mas o efeito visível de uma causa invisível ou o efeito no plano inferior produzido por uma causa situada num plano superior. A incompreensibilidade não é a qualidade distintiva do milagre; muito ao contrário, o milagre muitas vezes é essencialmente mais compreensível do que um fenômeno dito "natural" e "explicado". Por exemplo, ele é mais compreensível do que o fato de Teresa Neumann, da Baviera, ter vivido dezenas de anos sem outro alimento que a hóstia - uma vez que a matéria é energia condensada, e que a energia é consciência "condensada"; o milagre é mais compreensível do que o fato bem "explicado" de uma única célula, que multiplicando-se por divisão, produz as células totalmente diferenciadas do cérebro, dos músculos, dos ossos,

dos cabelos etc., e que se agrupam de tal maneira que resulta um organismo humano ou animal completo. Quando me dizem que tudo isso se explica pela hereditariedade, que os "genes" da primeira célula são tais que dão origem a determinado organismo, inclino-me, mas fico sem compreender.

A Árvore da Vida é a fonte dos milagres da geração, da transformação, do rejuvenescimento, da cura e da libertação. A sua participação consciente *ad perpetranda miracula rei unius.'* como diz a Tábua de Esmeralda, é a Pedra Filosofal da Magia sagrada.

Pode-se compreender o ideal da Pedra Filosofal pela sua comparação com o ideal da ciência exata moderna. O ideal da ciência exata é o *poder* - o poder técnico prático e o poder técnico intelectual. O aspecto intelectual do ideal científico consiste em reduzir a multiplicidade dos fenômenos a um número limitado de leis, e em reduzir essas leis a uma só fórmula simples. Trata-se, em última análise, de mecanizar o intelecto de tal maneira que ele *calcule* o mundo, em lugar de compreendê-lo. Com isso, ter-se-á atingido o poder técnico intelectual.

O aspecto prático do ideal científico se revela no progresso da ciência moderna, do século XVIII até hoje. As suas etapas principais são as descobertas sucessivas postas ao serviço do homem: o vapor, a eletricidade e a energia atômica. Mas, por mais diferentes que possam parecer, essas descobertas se baseiam num só princípio, o da *destruição da matéria,* destruição pela qual a energia é libertada para ser novamente captada pelo homem e submetida ao seu serviço. São as pequenas explosões da gasolina que produzem a energia que faz o automóvel andar. E é a destruição do átomo que produz energia atômica. Trate-se do carvão, da gasolina ou do átomo de hidrogênio, pouco importa, é sempre da produção de energia mediante a destruição da matéria que se trata. O aspecto prático do ideal científico é o domínio da natureza mediante a aplicação do princípio da *destruição* ou da *morte.*

Imagina, caro Amigo Desconhecido, esforços e descobertas na direção oposta, na direção da *construção* ou da *vida.* Imagina não a explosão, mas a *expansão* de uma "bomba atômica" *construtiva.* Não é difícil imaginá-la, porque cada pequena bolota é uma tal "bomba construtiva", e o carvalho é o resultado visível da "explosão" lenta - ou expansão - dessa "bomba". Imagina-a e terás o ideal da "Pedra Filosofal" ou a idéia da *Arvore da Vida.* A própria imagem da "Árvore" já comporta a negação do elemento técnico e mecânico. Ela é a síntese viva da luz celeste e dos elementos da terra, síntese do céu e da terra; ela sintetiza constantemente o que desce do alto e o que sobe de baixo.

Ora, o ideal do Hermetismo é contrário ao da ciência. Em lugar de aspirar ao poder sobre as forças da natureza por meio da destruição da matéria, o Hermetismo aspira à participação consciente das forças construtivas do mundo na base de uma alianca e de uma comunhão cordial com elas. A ciência quer *obrigar* a natureza a obedecer à vontade do homem como ele é; o Hermetismo - ou a filosofia da Magia sagra-

3 "Para realizar os milagres de uma coisa única". (N. do T.)

da - quer, ao contrário, purificar, iluminar e mudar a vontade e a natureza humanas, a fim de torná-las conformes com a natureza naturante e capazes de receber a sua *revelação* concedida espontaneamente.

A Pedra Filosofal, como ideal, é, pois, o estado do ser humano que está em paz, aliança, harmonia e colaboração com a Vida. É "o fruto da Árvore da Vida".

Mas não diz a Bíblia que a aproximação da Árvore da Vida é proibida e que Deus

"colocou, diante do jardim do Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da Árvore da Vida?"

Sim, existe a proibição, mas ela não é absoluta nem geral; ela é *especificada.* Leiamos o que diz a Bíblia (em Gn 3,22):

"Depois disse Javé Deus: 'Se o homem já é como um de nós, versado no bem e no mal ..., que agora ele não estenda a mão e colha também da Árvore da Vida, e coma e viva para sempre".

Trata-se de *estender a mão* e de *colher* da Árvore da Vida; é isso, nada mais que isso, que a espada flamejante do Guarda do Éden impede.

"Estender a mão e colher" - é o motivo, o método e o ideal científico. É a vontade-de-poder, subjacente na atitude científica, que é impedida pela espada flamejante do Guarda do Éden, é a proibição de repetir o ato realizado em relação à Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Mas o motivo, o método e o ideal hermético são contrários aos da ciência. Na atitude hermética fundamental está subjacente a vontade-de-servir. Em vez de estender a mão para *colher,* o homem abre seu intelecto, seu coração e sua vontade para *receber* o que lhe for concedido espontaneamente. A inspiração, a iluminação e a intuição que ele procura não são conquistas de sua vontade, mas dons do alto, precedidos dos esforços da vontade humana para se tornar digna deles.

A espada flamejante do Guarda do Éden é arma da Magia divina. Isso significa que ela é essencialmente um "sim", e não um "não" . Ela é essencialmente construtiva, e não destrutiva. Em outras palavras, ela convida, encoraja e dirige todos aqueles que são dignos, bem como tudo o que em cada um é digno dos benefícios da Árvore da Vida, e interdiz, desencoraja e afasta todos aqueles que são indignos deles, assim como tudo o que é indigno em cada um. A espada flamejante é a *bênção* concedida aos que procuram a Árvore do Amor eterno, que é a Árvore da Vida, e é, ao mesmo tempo, pelo próprio fato de abençoar, a força flamejante da proibição em relação àqueles que procuram a Árvore da Vida para se apoderarem de seus frutos. A espada do santo Guarda do Éden age sempre na vida espiritual da humanidade. Ela chama os que procuram e repele os ladrões. É graças a ela que o Hermetismo, a tradição milenar da procura ininterrupta do ideal da Pedra Filosofal, existe - apesar de todas as quimeras e de todas as formas de charlatanismo inconsciente e consciente que acompanham essa procura.

A espada do santo Guarda do Éden efetua, sem acepção de pessoas, a revelação mágica da Árvore da Vida. Ela é o Verbo mágico flamejante que desperta nas almas humanas o desejo ardente da Pedra Filosofal, da Vida Miraculosa. Ela "não apaga a mecha que ainda brilha e não acaba de quebrar o caniço atingido", porque a sua missão é divina, e é próprio do divino não só poupar toda gotazinha de sinceridade e toda centelha de amor, mas também fazê-las aumentar e difundir. Porque, não obstante toda a corrupção manifestada pela experiência da história, não há nada corrompido em sua totalidade. O ensinamento da Igreja tradicional segundo o qual a natureza está ferida, e não destruída ("natura vulnerata, non delecta "), é absolutamente verdadeiro. A Árvore da Vida é a unidade ou a síntese da consciência, da força e da matéria. *Três* é o seu número. Porque ele reflete a unidade da Santíssima Trindade.

Ela é também a unidade da Mística, da Gnose e da Magia. Não se deve, por isso, separá-las. A "Imperatriz", corno símbolo da Magia sagrada, contém em si a Gnose e a Mística ou "a Papisa" e "o Mago". Esses arcanos não são compreensíveis quando tomados separadamente. Em geral, todos os Arcanos do Tarô só são compreensíveis quando tomados em seu conjunto.

Mas acontece que a consciência humana separa o inseparável, *esquecendo-se* da unidade. Ela toma um ramo da Árvore da Vida e o cultiva como se ele existisse sem o tronco. O ramo pode ter vida longa, mas degenera. Assim, esquecidas a Gnose e a Mística, a Magia foi tomada separadamente, mas, sendo ramo separado de seu tronco, ela deixou de ser Magia sagrada e se tornou magia arbitrária ou pessoal. Esta se mecanizou" até certo grau e se transformou no que se entende por "magia cerimonial", a qual floresceu da Renascença até o século XVII. Ela era, por excelência a magia dos humanistas, não mais Magia divina, mas magia *humana.* Não servia mais a Deus, mas ao homem. O seu ideal passou a ser o poder humano sobre a natureza invisível e visível. Mais tarde também a natureza invisível foi esquecida. O homem se concentrou na natureza visível, com a intenção de sujeitá-la à vontade humana. Assim nasceu a ciência tecnológica e industrial, que é a continuação da magia cerimonial dos humanistas, desprovida de seu elemento oculto, como a primeira é a continuação da Magia sagrada, mas desprovida de seu elemento gnóstico e nustico .

O que acabo de dizer está perfeitamente de acordo com o que pensa Papus (e Eiiphas Levi). Papus diz:

> *"A Magia cerimonial é operação pela qual o homem procura, pelo jogo das forças naturais, obrigar os poderes invisíveis de diversas ordens a agir segundo o que ele quer deles. Para isso, ele as toma, surpreende-as, por assim dizer, projetando, como efeito das* correspondências *que a Unidade da Criação supõe, forças que e.e mesmo não domina, mas às quais ele pode abrir caminhos extraordinários ... A Magia cerimonial é de ordem absolutamente idêntica à nossa ciência industrial.* O *nosso poder é quase nulo ao lado das forças*

do vapor, da eletricidade e da dinamite; mas, opondo-lhes, mediante combinações apropriadas, forças naturais tão poderosas quanto elas, nós as concentramos, armazenamos e obrigamos a transportar ou a romper massas que nos anulariam ... " *(Traité élémentaire de Science Occulte,* pp. 425, 426).

Que dizer além disso? Podemos, talvez, acrescentar outra frase de Papus, definindo a relação entre o "magista científico" ou o ocultista e o bruxo. Ei-la:

"O *bruxo está para o ocultista como o operário para o engenheiro" (La Science des Mages,* p. 68).

O bruxo não passa, portanto, de ocultista amador.

Como a ciência tecnológica contemporânea é a continuação direta da magia cerimonial, a arte profana contemporânea é a continuação da *Gnose* e da *Magia,* que tinham perdido de vista a mística e que tinham sido separadas dela. Porque a arte procura *revelar* e se empenha em fazê-lo de maneira *mágica.*

Os mistérios antigos eram a arte sagrada com a Mística e a Gnose em seu fundo consciente. Mas uma vez esquecido esse fundo ou muito distanciado na história, resta uma gnose (ou um "revelacionismo ") destituída do fundo da disciplina e da experiência mística. Assim nasceu a "arte criativa", e os Mistérios se tornaram teatro, os mantras reveladores se tornaram versos, os hinos se tornaram canções e os movimentos pantomímicos reveladores se tornaram danças, enquanto os mitos cósmicos cederam o lugar às belas-letras.

Separada do organismo vivo da unidade do Tetragrama, a arte se afasta necessariamente tanto da Gnose como da Magia sagrada, das quais ela saiu e às quais deve a sua substância e a seiva de sua vida. A revelação pura da Gnose se torna cada vez mais jogo da imaginação, e o poder mágico degenera cada vez mais em estética . Richard Wagner compreendeu essa situação e quis remediá-la. A obra de Wagner tinha por finalidade a reintegração da arte, mediante a união dela com a Gnose e a Mística, para que ela voltasse a ser Magia sagrada.

Joséphin Péladan consagrou-se à mesma coisa na França, com um sucesso espetacular, mas passageiro - por razões que mais tarde ele compreendeu. O silêncio é o clima indispensável para qualquer revelação; o ruído a torna absolutamente impossível.

A vida religiosa, como todos sabem, conhece também a decadência, quando deixa de se enraizar na Mística, iluminada pela Gnose e movida pela Magia sagrada. Ela esfria sem o fogo da Mística, obscurece-se sem a luz da Gnose e se torna impotente sem o poder da Magia sagrada. Resta então apenas um legalismo teológico sustentado por legalismo moral - eis a origem da religião dos escribas e dos fariseus no tempo do Novo Testamento. É o crepúsculo que precede sua noite - a sua morte.

A fé é a experiência do sopro divino; a esperança é a experiência da luz divina, e o amor é a experiência do fogo divino. Não há vida religiosa autêntica e sincera sem fé, esperança e amor; mas não há fé, esperança e amor sem experiência mística ou, o que é a mesma coisa, sem a graça. Nenhum argumento intelectual pode despertar a fé; ele pode, quando muito, eliminar os obstáculos, os mal-entendidos e os preconceitos, e ajudar o estabelecimento do estado de silêncio interior necessário à experiência do sopro divino. Mas a fé, como tal, é o sopro divino, e sua origem não se encontra no raciocínio lógico, nem na impressão estética, nem no ato moral humano.

O Verbo divino flamejante brilha no mundo dos silêncios da alma e o move. Esse movimento é a fé viva, portanto, real e autêntica, e essa luz é a esperança ou a iluminação, enquanto tudo deriva do *fogo* divino, que é o amor ou a união com Deus. As três "vias" (ou estádios místicos) tradicionais - da *purificação,* da *iluminação* e da *união* - são as da experiência do sopro divino ou da fé, da luz divina ou da esperança e do fogo divino do amor. Essas três experiências fundamentais da revelação do divino constituem o triângulo da *Vida,* porque nenhum espírito, nenhuma alma e até nenhum corpo poderiam *viver* se estivessem privados de todo amor, de toda esperança e de toda fé. Eles estariam então desprovidos de todo estímulo vital. Porque o estímulo vital definido por Henri Bergson como o impulso geral da evolução é outra coisa senão amor, esperança e fé agindo no fundo da vida em sua totalidade? É porque no começo era o Verbo. porque todas as coisas devem a ele sua existência (J o 1), e porque o Verbo primordial ainda vibra em tudo o que vive, é por isso que o mundo vive e tem impulso vital que não é senão o amor, a esperança e a fé, inspirados outrora pelo Verbo Criador.

Nesse sentido Browning teve razão ao dizer que "a natureza é sobrenatural" . Porque a sua origem sobrenatural se manifesta ainda em seu impulso vital. Querer viver! Meu Deus, que profissão de fé, que manifestação de esperança e que ardor de amor!

O amor, a esperança e a fé são a essência simultaneamente da Mística, da Gnose e da Magia sagrada. A *Fé* é a fonte do poder mágico, e todos os milagres do Evangelho são atribuídos a ela. A revelação - todas as revelações - da Gnose têm um só objetivo: dar, preservar e aumentar a *esperança.* O livro que a "Papisa" tem sobre os joelhos foi escrito para que a *esperança* permaneça. Porque toda revelação que não comunica esperança é inútil e supérflua. A Mística é fogo sem reflexo, união com o divino no *amor.* Ela é a fonte primeira da vida, inclusive da vida religiosa, artística e intelectual. Sem ela, tudo se torna técnica pura e simples, e a religião passa a ser um corpo de técnicas, tendo como engenheiros os escribas e os fariseus. Ela se torna legalista.

A *arte* transforma-se em corro de técnicas, seja tradicionais, seja inovadoras - num campo de imitação ou de experiência. A *ciência,* enfim, se torna um corpo de técnicas do poder sobre a natureza.

Mas o Arcano da Magia sagrada, "a Imperatriz", nos chama para tomarmos outro caminho. Ele nos chama para o caminho da regeneração, e não da degenerescência. E nos convida a desmecanizarmos tudo o que se tomou unicamente técnico, intelectual, estético e moral. É preciso desmecanizar-se para tornar-se mago. Porque toda a Magia sagrada é *Vida* - a vida como ela se revela no Mistério do Sangue. Que os nossos problemas se tornem outros tantos gritos do sangue, que as nossas palavras sejam levadas pelo sangue e que as nossas ações sejam aptas a dar sangue! Eis como alguém se torna mago: tornando-se *essencial* - essencial como o sangue .

Eliphas Levi põe como subtítulo do capítulo consagrado ao terceiro Arcano do Tarô de seu *Dogme de la Haute Magie:* "Plenitude Voeis". A sua escolha foi mais do que feliz, foi genial! De fato, "plenitude da voz" - poderia alguém descrever melhor a essência da Magia sagrada!? Sim, é da plenitude da voz que se trata na Magia sagrada; é da voz cheia de sangue, é do sangue que se torna voz. É do ser no qual não há nada de mecânico e que é totalmente vivo.

O terceiro Arcano do Tarô, sendo o Arcano da Magia sagrada, é, por isso mesmo, o Arcano da *geração.* A geração é apenas um aspecto da Magia sagrada. Se a Magia sagrada é a união de duas vontades - a humana e a divina - cujo resultado é o milagre, a geração também pressupõe a trindade do gerador, do generante e do gerado. Ora, o gerado é o milagre resultante da união de princípio gerador e de princípio generante. Trate-se de nova idéia, de obra de arte, do nascimento de criança, pouco importa, é sempre a mesma lei da geração que age, é sempre o mesmo Arcano da fecundação que está em causa e é sempre o mesmo mistério da Encarnação do Verbo que é seu protótipo divino.

Dissemos acima que a Magia sagrada é a Vida como ela era antes da queda. Como a vida é sempre geradora, o Arcano da Magia sagrada é também o da *geração antes da queda,* da geração *vertical,* do plano superior para o plano inferior, em lugar da geração *horizontal,* que se verifica num só plano.

A fórmula desse mistério é bem conhecida:

Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine.[4]

Ela contém a trindade do Gerador no alto, da Generante embaixo e do Gerado - ou: o Espírito Santo, a Santíssima Virgem e o Deus Homem. Ela é também a fórmula da Magia sagrada em geral, porque exprime o mistério da união da vontade divina com a vontade humana no elemento do sangue. O sangue - em seu tríplice sentido: místico, gnóstico e mágico - é o "cetro" ou o poder da Magia sagrada.

Aqui, caro Amigo Desconhecido, eu me retiro e te deixo sozinho com teu *Anjo.* Não convém que minha voz humana se arrogue o direito de pronunciar as coisas que são a continuação mais aprofundada do que acaba de ser esboçado acima.

4 "E se encarnou, por obra do Espírito Santo, de Maria Virgem". (N. do T.)

IV

O IMPERADOR

IIII



O IMPERADOR

Benedictus qui venit in nomine Domini.t

Caro Amigo Desconhecido,

Uma pessoa tem tanto mais autoridade quanto menos superficial ela for, quanto mais souber e quanto mais puder. *Ser* alguma coisa, *saber* alguma coisa e *poder* alguma coisa é que tornam uma pessoa dotada de autoridade. Podemos também dizer que uma pessoa tem autoridade à medida que reúne em si a profundeza da mística, a sabedoria direta da gnose e o poder realizador da magia . O homem dotado dessas qualidades até certo grau faz escola, e, em grau mais alto ainda, faz lei.

A autoridade é o poder verdadeiro e único da lei. A constrição é o expediente ao qual se recorre para se remediar a falta de autoridade. Quando existe autoridade, isto é, quando o sopro da Magia sagrada, repleta dos raios da luz da Gnose emanada do fogo profundo da Mística, está presente, a constrição é supérflua.

Ora, o "Imperador" do quarto Arcano do Tarô não tem espada nem armas. Ele reina pelo *cetro,* só pelo cetro. Por isso a primeira idéia que a lâmina evoca naturalmente é a da *autoridade* subjacente na *lei.* A tese resultante das meditações dos três Arcanos precedentes é a de que toda autoridade tem sua fonte no Nome divino inefável IHVH e de que toda lei procede dele .

Isso implica que o portador humano da verdadeira autoridade *não substitui* a autoridade divina, mas, ao contrário, *cede o lugar* a ela. Para isso, ele é obrigado a renunciar a alguma coisa.

Ora, a lâmina nos ensina, à primeira vista, que o "Imperador" renunciou à constrição, à violência. Ele não tem armas. A sua mão direita segura o cetro levantado à sua frente, cetro no qual seu olhar está fixo, e sua mão esquerda segura o cinto sagrado. Ele não está nem de pé, nem assentado, mas simplesmente encostado numa poltrona curta; só um de seus pés está pousado na terra, e suas pernas estão cruzadas. O

1 Bendito o que vem em nome do Senhor. (N. do T.)

escudo com a águia está pousado na terra, ao seu lado. Finalmente, ele usa uma coroa maciça e pesada.

A contextura da lâmina exprime renúncias que vão muito além da constrição. O Imperador renunciou ao repouso, uma vez que não está assentado. Renunciou a andar, uma vez que está encostado e com as pernas cruzadas. Não deve avançar, na ofensiva, nem recuar, em retirada. Está postado ao lado de sua poltrona e de seu brasão. Está de sentinela e, como tal, não tem liberdade de movimento. É o guarda, preso ao seu posto. Ele guarda o cetro. Ora, o cetro não é instrumento, mas símbolo, e, do ponto de vista prático, não serve para nada. O Imperador renunciou a toda ação; a sua mão direita segura o cetro na sua frente, e a sua mão esquerda segura o cinto apertado. Essa mão não está livre também porque o Imperador se restringe com ela. Ela tem por função manter sob controle a natureza impulsiva e instintiva do Imperador, a fim de que ela não se ponha .entre ela e ele e não o desvie de seu dever de guarda .

O Imperador renunciou, pois, ao *movimento* com as pernas e à *ação* com as mãos. Ele usa também coroa maciça e pesada. Toda coroa - e já meditamos sobre o sentido da coroa, a propósito da coroa da "Imperatriz" - tem dois sentidos. Ela é sinal de legitimidade, mas também de tarefa ou missão que o coroado recebeu do alto. Assim toda coroa é escencialmente coroa de *espinhos,* não só por ser pesada, mas também por comportar constrição doloro.a em relação ao pensamento e à imaginação livre ou arbitrária da pessoa. Ela emite raios externamente, mas internamente esses raios se tornam espinhos para a pessoa e fazem o papel de cravos que penetram e crucificam cada pensamento ou imagem da imaginação pessoal. O pensamente verdadeiro recebe deles a confirmação e a iluminação posterior; o pensamento falso ou sem pertinência é pregado por eles e reduzido à impotência. A coroa do Imperador significa a renúncia à liberdade de movimento intelectual, do mesmo modo que suas mãos e suas pernas significam a renúncia à liberdade de ação e de movimento. O Imperador está privado das três liberdades denominadas "naturais" - liberdade de opinião, de palavra e de movimento. Autoridade obriga.

Mas não é tudo. O escudo com a águia está pousado na terra, ao seu lado. O Imperador não o segura com uma das mãos como o faz a Imperatriz. O escudo está lá, mas pertence mais à *poltrona* do que à pessoa do Imperador. Isso significa que o *objetivo* diante do qual o Imperador está de sentinela não é seu, mas da poltrona. O Imperador não tem missão pessoal, tendo renunciado a ela em favor da poltrona. Em termos esotéricos, ele não tem *nome,* é anônimo, porque o nome - a missão - pertence à poltrona. Essa é a quarta renúncia do Imperador - a renúncia a uma missão pessoal ou ao *nome,* no sentido esotérico do termo .

Diz-se que "a natureza tem horror ao vazio". A contraverdade espiritual é que "o espírito tem horror ao cheio". E preciso criar um vazio natural - o que é feito pela renúncia - para que o espiritual se mani-

feste. As Bem-aventurancas do Sermão da Montanha (Mt 5,1-12) enunciam essa verdade fundimental. A bem-aventurança "bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus!" significa que os que são ricos em espírito, que estão cheios do "reino espiritual do *homem",* não têm lugar no "Reino dos *Céus",* A revelação pressupõe o *vazio* - o espaço posto à sua disposição - para se manifestar. Por isso, é necessário renunciar à opinião pessoal para se receber a revelação da verdade; renunciar à ação pessoal para se tornar agente da Magia sagrada; renunciar ao caminho (ou método) do desenvolvimento pessoal para ser guiado pelo Mestre dos caminhos, e renunciar à missão escolhida pessoalmente, para ser encarregado de missão do alto.

O Imperador estabeleceu em si esses quatro vazios. Por isso ele é "Imperador", por isso ele é *Autoridade.* Ele preparou em si mesmo lugar para o Nome Divino IHVH, que é a fonte da autoridade. Ele renunciou à iniciativa pessoal intelectual - e o vazio que daí resulta é enchido pela iniciativa divina ou pelo IOD do nome sagrado. Ele renunciou à ação e ao movimento - e o vazio resultante é enchido pela ação reveladora e pelo movimento mágico do alto, isto é, pelo *He* e pelo *Vav* do nome divino. Ele renunciou, enfim, à sua missão pessoal e se tornou anônimo - e o vazio que se segue é enchido pela *autoridade* (ou segundo *He)* do nome divino, isto é, torna-se a fonte da *lei* e da *ordem.*

Lao-tse revela em seu *Tao Te King* o Arcano da *Autoridade.* Diz

ele:

"Trinta raios convergentes, unidos pelo meio, formam uma roda; mas é o seu vazio *central que permite a utilização do carro. Os vasos são feitos de argila, mas é graças ao seu* vazio *que podem ser usados. Uma casa é cortada por portas e janelas, mas é o* vazio *delas que a torna habitável. Assim, o ser produz o útil, mas é o não-ser que o torna eficaz"* (XI). E ainda: "O *incompleto será completado, o curvo endireitado, o vazio enchido, o gasto renovado, o insuficiente aumentado, o excesso dissipado. Por isso, o Santo Homem, aoraçando a Unidade, é o modelo do Mundo. Por não procurar aparecer, ele brilha; por não ser egoísta, ele se impõe; por não vangloriar-se, ele tem vator; por não ser orgulhoso ete não cessa de crescer; por não lutar, ninguém no mundo pode opor-se*
a Ele ... " (XXII), "

porque ele tem a *Autoridade.*

Deus governa o mundo pela autoridade, não pela força. Se não fosse assim, não haveria liberdade nem lei no mundo. E os três primeiros pedidos do pai-nosso: "Sanctificetur nomen tuum, Adveniat regnum tuum, Fiat Voíuntas tua sicut in coelo et in terra" seriam desprovidos de sentido. Aquele que pronuncia essas preces, o faz unicamente com a intenção de afirmar e aumentar a *autoridade* divina, não o poder divino. Deus, que é todo-poderoso, não tem necessidade de ser rogado para que seu reino venha ou sua vontade seja feita. O sentido dessa

prece é que Deus é poderoso à medida que sua autorida?e é livremente reconhecida e aceita. A oração é o ato desse reconhecimento e dessa aceitação. Cada um é livre para crer ou não. Nada e ninguém podem constranger-nos a crer - nenhuma descoberta científica, nenhum argumento lógico - nenhuma tortura física pode forçar-nos a crer, isto é, a reconhecer e a aceitar livremente a *autoridade* de Deus. Mas, por outro lado, uma vez reconhecida e aceita essa autoridade, o fraco se torna forte. O poder divino *pode* então manifestar-se - por isso está dito que um grão de fé é suficiente para transportar montanhas.

Ora, o problema da autoridade tem alcance ao mesmo tempo místico, gnóstico, mágico e hermético. Ele encerra o mistério cristão da crucifixão e o mistério do Retiro *(Sod hatsimtsu)* da Cabala luriânica. Eis algumas considerações que podem ajudar-nos a progredir na meditação aprofundada desse mistério.

O mundo cristão adora o Crucifixo, isto é, a imagem que exprime o paradoxo do Deus todo-poderoso reduzido ao estado de extrema fraqueza. É nesse paradoxo que se vê a revelação mais alta do Divino em toda a história da humanidade e a revelação mais perfeita do Deus-Amor. "Crucifixus etiam *pro nobis* sub Pontio Pilato, passus et sepultus est", diz o Credo cristão. O Filho único do Pai eterno pregado na cruz por nós - eis o que impressiona divinamente toda alma aberta, inclusive a do ladrão crucificado à sua direita. Essa impressão é inesquecível e indizível. Ela é o sopro imediato do Divino que inspirava e ainda inspira milhares de mártires, confessores, virgens e eremitas.

Mas não se pode afirmar a mesma coisa de todo ser humano diante do Crucificado; nem todos ficam divinamente, impressionados. Alguns reagem de modo oposto. Foi assim no Calvário; é assim ainda hoje.

> *"Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo:* ' ... *Se és Filho de Deus, desce da cruz!'* "

Os principais sacrificadores, com os escribas e os anciãos, zombavam dele, dizendo:

> *"A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! Rei de Israel que é, que desça agora da cruz e creremos nele. Confiou em Deus; pois que o livre agora, se é que se interessa por ele!".*

É a outra reação. Encontramo-la, por exemplo, nas emissões da rádio soviética em Moscou. O argumento de Moscou é sempre o mesmo: se Deus existe, deve saber que nós, os comunistas, o destronamos. Por que não dá ele um sinal visível, se não de poder, pelo menos de sua existência? Por que não defende ele seus interesses?! Em outros termos, é o argumento antigo: desce da cruz e creremos em ti.

Cito essas coisas bem conhecidas porque elas revelam um *a priori* subjacente. É o princípio filosófico segundo o qual *"a verdade e o poder são idênticos;* o que é poderoso é verdadeiro; o que é fraco é falso". De acordo com esse dogma ou princípio filosófico (que se tornou o da ciência moderna tecnológica), o poder é o critério absoluto e o ideal supremo da verdade. Divino é somente o que é poderoso.

Existem adoradores abertos e secretos do ídolo do poder - porque se trata de ídolo e da fonte de toda idolatria - também do lado dos cristãos ou religiosos e espiritualistas em geral. Não falo dos príncipes nem dos políticos cristãos ou espiritualistas que ambicionavam o poder, mas dos adeptos das doutrinas que afirmam a primazia do poder. Eles se dividem em duas categorias: a dos que aspiram ao ideal do "superhomem" e a dos que acreditam num Deus *atualmente* todo-podero:::o e, portanto, responsável por tudo o que acontece.

Entre os esoteristas, os ocultistas e os magos são muitos os que aspiram aberta ou secretamente ao ideal do super-homem e posam de mestres e pontífices, na esperança da dignidade futura do super-homem. Por outro lado, eles estão singularmente de acordo em mandar Deus para longe, bem longe, para as alturas do Absoluto abstrato, a fim de que a sua presença muito concreta não os incomode, a fim de que tenham um lugar em que possam desenvolver sua grandeza, sem serem inquietados pela grandeza divina rival. Constroem torres de Babel individuais, segundo a lei de toda torre de Babel, e cedo ou tarde sofrem uma queda salutar, como o ensina a lâmina XVI do Tarô. Não caem de altura *real* em abismo *real,* mas de altura *imaginária* na terra e aprendem a lição que nós já aprendemos ou ainda aprenderemos.

A adoração do ídolo do poder entendido como "super-homem", especialmente quando o homem se identifica com ele, é relativamente inofensiva, sendo, no fundo, infantil. O mesmo não se pode dizer da outra categoria de adoradores do poder, a daqueles que projetam esse ideal em Deus. Sua fé depende *do poder* divino; se Deus fosse fraco, não creriam nele . Eles ensinam que Deus criou certas almas predestinadas à condenação eterna, e outras almas predestinadas à salvação, e atribuem a Deus a responsabilidade por toda a história do gênero humano, inclusive por suas atrocidades. Deus, dizem eles, "castiga" seus filhos desobedientes por meio de guerras, de revoluções, de tiranias e de outras coisas semelhantes. Como poderia ser de outro modo? Deus é onipotente, logo, tudo o que acontece só pode acontecer por sua ação ou, pelo menos, com o seu consentimento.

O ídolo do poder tem tanto domínio sobre a consciência humana que ela prefere um Deus que seja mistura do bem e do mal, contanto que seja poderoso, ao Deus-Amor, que governa pela autoridade intrínseca do divino - pela verdade, pela beleza e pela bondade. Em outras palavras, ela prefere o Deus atualmente todo-poderoso ao *Deus crucificado.*

Contudo, o pai da parábola do filho pródigo não mandou seu filho para longe da casa paterna, onde ele levou vida desregrada, não o impediu de sair de casa nem o forçou a levar vida que lhe agradasse. Ele *esperou* sua volta e saiu ao seu encontro quando o viu aproximar-se de casa. Tudo o que se passou na história do filho pródigo é claramente *contrário* à vontade do Pai, menos sua volta.

Ora, a história do gênero humano depois da Queda é a do filho pródigo . Não se trata da "lei da involução e da evolução segundo o plano divino" dos teósofos modernos, mas, muito ao contrário, de abuso da

liberdade semelhante ao do filho pródigo. E a fórmula-chave da história da humanidade não está nem no progresso da civilização, nem no processo da evolução ou em algum outro "processo", mas nas palavras do filho pródigo:

> *"Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados"* (Lc 15,18-19).

A humanidade seria então a única responsável pela sua história?
Sem dúvida, porque não foi Deus que a quis como ela é. Deus está crucificado nela.

Compreendemos isso quando nos damos conta do alcance da liberdade humana como também da liberdade dos seres das hierarquias espirituais - Anjos, Arcanjos, Principados, Potestades, Virtudes, Dominaçõea.Tronos, Querubins e Serafins. Todos esses seres - inclusive os homens, os */schim* - têm existência real ou ilusória. Se sua existência é *real,* eles não são miragens, mas entidades independentes, dotadas de independência não só *jenomênica,* mas também *numênica.* Ora, a independência numênica é o que entendemos por *liberdade.* De fato, a liberdade é a existência real e completa de um ser criado por Deus. Do ponto de vista moral e espiritual, ser livre e existir são sinônimos. Como a moral não existe sem a liberdade, do mesmo modo uma entidade espiritual - alma ou espírito - não livre não existiria e não passaria de atributo de outra entidade espiritual livre, isto é, existente realmente. A liberdade é a existência espiritual dos seres.

Ora, quando lemos na Escritura que Deus criou todos os seres, isso significa essencialmente que Deus deu a liberdade - ou a existência - a todos os seres. Uma vez dada a liberdade, Deus não a retira. Por isso os seres das dez hierarquias mencionadas acima são *imortais.* A morte - não a separação do corpo, mas a morte *real* - seria a privação *absoluta* da liberdade. Isto é, a perda completa da existência dada por Deus. Mas, quem (ou que coisa) pode tirar de um ser o dom divino da liberdade, o dom divino da existência? A liberdade, a existência, é *inalienável,* e os seres das dez hierarquias *são* imortais. O enunciado: "a liberdade ou a existência é inalienável" pode ser entendido seja como o mais alto *dom,* o maior valor imaginável - e será então o antegozo do Paraíso - seja como a *condenação* à "existência perpétua" - e será então o ante gozo do lnf erno. Porque ninguém nos "manda" para parte alguma, não sendo a liberdade aigo fícncio , Somos nós que fazemos a escolha. Amai a existência, e escolhestes o Céu; odiai-a, e escolhestes o Inferno.

Em relação aos seres livres, Deus é ou o Rei reinante (no sentido da autoridade como ela é ensinada pelo quarto Arcano do Tarô) , ou o Crucificado. Ele é Rei para aqueles de seus seres que aceitam com toda a boa vontade (que "crêem") a Sua autoridade; ele está crucificado para aqueles de seus seres que abusam de sua liberdade e "adoram ídolos", isto é, que substituem a autoridade divina por sucedâneo.

Rei e Crucificado ao mesmo tempo - eis o mistério da inscrição de Pilatos sobre a cruz do Calvário: *Jesus Nazarenus Rex Judaeorum* [2]. Todo-poderoso e fraco ao mesmo tempo - eis porque milagres de curas puderam ser realizados por santos, enquanto guerras sangrentas e calamidades devastavam tudo em torno deles!

A liberdade é o verdadeiro trono de Deus e, ao mesmo tempo, a sua cruz. A liberdade é a chave da compreensão do papel de Deus na história - da compreensão do Deus-Amor e do Deus-Rei, sem cometermos o sacrilégio de fazer dele um tirano e sem a blasfêmia da dúvida sobre seu poder ou sobre sua existência ... Deus é todo-poderoso na história à medida que nela existe *fé;* e é crucificado à medida que ela se afasta dele.

Assim, a crucifixão divina procede do fato da liberdade ou da existência real dos seres das dez hierarquias, quando se trata de mundo governado pela autoridade divina, e não pela coação.

Voltaremos agora para a idéia do *Tsimtsum,* do "retiro de Deus", e da Cabala da escola de Lúria. A doutrina do *tsimtsum* revela um dos "três mistérios": *Sod Hajichud,* o mistério da união; *Sod Hatsimtsum,* o mistério da concentração ou do retiro divino; *Sod Hagilgul,* o mistério da revolução das almas ou da reencarnação - da Cabala. Dois "mistérios" - o da união e o da revolução das almas - serão tratados mais adiante, em outras Cartas (na X, por exemplo). Quanto ao "mistério do retiro (ou concentração) divino", que nos interessa aqui, trata-se da tese segundo a qual a existência do universo se tornou possível pelo ato de contração de Deus em Si mesmo. Deus deu um "lugar" para o mundo, abandonando uma. região dentro de Si mesmo.

> "O *primeiro ato do* En-Sof, *do Ser infinito, é, por conseguinte, não um passo para fora, mas um passo para dentro, um movimento de recuo, de retorno sobre si mesmo, de retiro dentro de si mesmo. Em lugar de emanação, temos o oposto, contração"* (G. G. Scholem, *Les grands courants de la Myst{que juive,* Payot, Paris, 1950, p. 278) ...
> "O *primeiro ato não é de revelação, mas de limitação. É somente no segundo ato que Deus envia um raio de sua luz e começa a sua revelação ou, melhor, seu desdobramento, como Deus criador, no espaço primordial de sua criação. Mais ainda, cada novo ato de emanação e de manifestação é precedido de ato de concentração e de retração"* (op. cit., p. 279).

Em outros termos, para criar o mundo *ex nihilo* (do "nada"), Deus precisou fazer aparecer antes esse mesmo nada. Ele precisou retirar-se para criar um espaço místico no qual não se encontrasse a sua presença - o *nada.*

É pensando assim que assistimos ao nascimento da *liberdade.* Porque, como escreveu Berdiaieff,

2 "Jesus nazareno, rei dos judeus". (N. do T.)

"A liberdade não foi determinada por Deus; ela faz parte do nada do qual Deus criou o mundo" (The Destiny of Man, p. 171).

O nada - o espaço místico do qual Deus se retirou por seu ato de *Tsimtsum* - é o lugar de origem da liberdade, isto é da origem da ex-sistência, que é a potencialidade absoluta, não determinada de modo algum. Todos os seres das dez hierarquias criadas são filhos de Deus e da Liberdade, da Plenitude divina e do nada. Eles trazem em si uma "gota" do nada e uma centelha de Deus. A sua *existência,* a sua liberdade - é o nada neles. A sua *essência,* a sua centelha de Amor - é o "sangue" divino neles. Eles são imortais, porque o nada é indestrutível, e a mônada proveniente de Deus é também indestrutível. Além disso, esses dois elementos indestrutíveis - o elemento meônico *(me on* - "nada") e o elemento plerômico *(pléroma* - "plenitude") - estão indissoluvelmente ligados um ao outro.

A idéia de *Tsimtsum,* da retirada de Deus para criar a liberdade, e a da Crucifixão divina por causa da liberdade se harmonizam em tudo. Porque a retirada de Deus para dar um lugar à liberdade e a sua renúncia ao uso de seu poder contra o abuso da liberdade (em *limites* determinados) são dois aspectos da mesma idéia.

Nem é preciso dizer que a idéia de *Tsimtsum* e da Crucifixão divina não tem nenhuma aplicação quando Deus é entendido no sentido do panteísmo. O *panteísmo,* como o materialismo, não admite a existência *real* dos seres individuais e, portanto, o fato da liberdade não-aparente. Para o panteísmo e para o materialismo, não se trata, nem pode tratar-se, de retirada divina e de crucifixão· divina. Por outro lado, a doutrina cabalística do *Tsimtsum* é a única explicação séria, que conheço, da criação *ex nihilo* (" do nada"), que é de natureza a agir como contrapeso do panteísmo puro e simples. Além disco, ela constitui ligação profunda entre o Antigo e o Novo Testamentos, mostrando o alcance cósmico da idéia de *Sacrifício.*

O reflexo da idéia do Retiro divino e da Crucifixão divina está indicado, como já vimos, no quarto Arcano do Tarô, o Imperador. O Imperador reina pela *autoridade* pura; reina sobre os seres *livres,* isto é, não por meio da *espada,* mas do *cetro.* O cetro tem uma esfera com cruz em cima. Ele exprime, por isso, do modo mais claro possível, a idéia central do Arcano: como o mundo (a esfera) é dominado pela cruz, também o poder do Imperador sobre o globo terrestre está submetido ao sinal da cruz. O poder do Imperador reflete o poder divino. E corno este se verifica pela contração divina, o *Tsimtsum,* e pela impotência voluntária divina, a Crucifixão, do mesmo modo o poder do Imperador se verifica pela contração de suas forças pessoais (o seu cinto apertado) e pela imobilidade voluntária (as suas pernas cruzadas) em seu posto (a sua poltrona ou o seu trono) .

Posto do Imperador . . . Quantas idéias sobre o posto do Imperador da Cristandade - _ missão histórica, função à luz do direito natural,

encargo à luz do direito divino - não se encontram nos autores medievais!

Como convém que a instituição de uma cidade ou de um reino seja segundo o modelo da instituição do mundo, deve-se tirar do governo (divino) a ordem *(ratio)* do governo (de uma cidade) . Essa a tese fundamental apresentada por santo Tomás de Aquino *(De Regno,* cap. 14, art. 1). Por isso, os autores da Idade Média não podiam imaginar a Cristandade sem Imperador como não podiam imaginar a Igreja universal sem Papa. Porque, se o mundo é governado hierarquicamente, a Cristandade ou o Sacro Império não pode sê-lo de outro modo. A hierarquia é pirâmide que só existe quando completa. E o Imperador é o seu vértice. Em seguida vêm os reis, os duques, a nobreza, os burgueses e os camponeses. Mas é a coroa do Imperador que confere realeza às coroas reais, e destas desce a autoridade sobre as coroas ducais e sobre todas as outras.

O *posto* do Imperador não é, entretanto, o da última (melhor, da primeira) instância da legitimidade. Ele era também *mágico,* se entendermos por magia a ação das correspondências entre o que está em baixo e o que está no alto. Ele era o princípio da autoridade, da qual todas as autoridades menores recebiam não só sua legitimidade, mas também o domínio sobre as consciências. Por isso, quando a coroa imperial se eclipsava, as coroas reais, uma após outra, perdiam seu brilho e 'se eclipsavam também. As monarquias não podem existir por muito tempo sem a Monarquia; os reis não podem partilhar entre si a coroa e o cetro do Imperador e apresentar-se como imperadores em seus respectivos países, porque a sombra do Imperador está sempre presente - e se outrora o Imperador dava brilho às coroas reaís, maís tarde a sombra do Imperador *ausente* obscurecerá as coroas reais e, portanto, todas as outras coroas - ducais, principescas, condais etc. A pirâmide não é completa sem o vértice; a hierarquia *não existe* quando está incompleta. Não havendo Imperador, cedo ou tarde não haverá também reis. Não havendo reis, cedo ou tarde não haverá nobreza. Não havendo nobreza, cedo ou tarde não haverá burguesia nem camponeses. Eis como se chega à ditadura do proletariado - da classe hostil ao princípio hierárquico, que é, entretanto, o reflexo da ordem divina. Por isso o proletariado professa o ateísmo.

A Europa é obcecada pela sombra do Imperador. A sua ausência é tão vivamente sentida como o era outrora a sua presença. O vazio da chaga *fala.* O que nos falta sabe fazer-se sentir.

Napoleão, testemunha ocular da Revolução Francesa, compreendeu a direção tomada pela Europa - direção para a destruição completa da hierarquia. E sentiu a eombra do Imperador. Ele sabia que o que devia ser restaurado na Europa não era o trono real da França - porque os reis não podem existir por muito tempo sem o Imperador - mas o trono imperial da Europa. Assim ele decidiu preencher a lacuna. Proclamouse imperador e de seus irmãos fez reis . Mas foi na ecpada que ele confiou. Em vez de reinar pelo *cetro* - o globo com a cruz - preferiu

reinar pela espada. Também Hitler teve o desejo delirante de ocupar o lugar vazio do Imperador. Pensou que podia estabelecer o "Império milenar" *(das tausendidhrige Reich)* da tirania por meio da espada. Mas, uma vez mais, "todos os que tomarem da espada perecerão pela espada" .

Não, o posto do Imperador não pertence aos que o desejam e nem é da escolha dos povos, mas reservado à escolha do céu. Ele se tornou oculto. E a coroa, o cetro, o trono e o brasão do Imperador estão nas *catacumbas.* Nas catacumbas significa "sob proteção absoluta".

Na quarta lâmina o Imperador está sozinho, sem corte e sem séquito. O seu trono não está numa sala do Palácio Imperial, mas ao ar livre. Ao ar livre em campo inculto - não em praça de alguma cidade. Pequeno tufo de erva perto de seu pé faz as vezes da corte imperial, faz as vezes de todas as testemunhas de sua grandeza imperial. Mas sobre ele estende-se o céu claro. Ele é uma silhueta sobre o fundo do céu. Sozinho na presença do céu - eis o que é o Imperador.

Pode-se perguntar: por que o fato espantoso de o Imperador e seu trono se encontrarem ao ar livre escapou a tantos autores que dissertaram sobre o Tarô? Por que não notaram que o Imperador está só, sem corte e sem séquito? Creio que porque raramente deixamos o símbolo, a imagem como tal do símbolo, dizer tudo o que ele tem a dizer pela sua contextura. Deixamo-lo dizer um pouco - e logo em seguida interessamo-nos mais pelos nossos próprios pensamentos, isto é, pelo que nós mesmos ternos a dizer, e não pelo que o símbolo tem a dizer.

Entretanto, a lâmina é formal: o Imperador está sozinho ao ar livre, em campo inculto e tendo por companhia apenas um tufo de erva - além do céu e da terra. A lâmina nos ensina o arcano da *autoridade* do Imperador, embora ela não seja reconhecida, esteja oculta, e seja desconhecida e ignorada. Trata-se da coroa, do cetro, do trono e do brasão, guardados, sem outras testemunhas além do céu e da terra, por homem solitário, encostado ao trono, com as pernas cruzadas, com a coroa na cabeça, segurando o cetro e apertando o cinto. É da *autoridade* como tal e do *posto* da autoridade como tal que se trata.

A autoridade é a magia da profundeza espiritual cheia de sabedoria. Em outros termos, ela resulta da magia baseada na gnose procedente da experiência mística. A autoridade é o segundo *He* do nome divino IHVH. Ela não é o segundo *He* tomado separadamente, mas quando o nome divino se manifesta por *inteiro.* Por isso é mais apropriado dizer que a *autoridade é o nome divino completo manifestado.* O nome divino completo manifestado significa, ao mesmo tempo, um *posto,* o posto do imperador ou o estado de consciência da síntese completa da Mística, da Gnose e da Magia sagrada. Esse estado de consciência da síntese completa é a *iniciação* entendida não no sentido de ritual, nem no de posse da informação mantida em segredo, mas no sentido do estado de consciência no qual a *eternidade e o instante são uma coisa éá.* É a visão simultânea do temporal e do eterno, do que está embaixo e do que está no alto. A fórmula da iniciação continua a mesma:

"Verum, sine mendacio, certum et verisstmum: Quod est inferius est sicut quod est superius. Et quod est superius est sicut quod est injerius. Ad perpetranda miracula rei unius", [3]

Essa unidade vivida, contemplada, praticada e compreendida é a iniciação ou "a santificação do Nome Divino no homem", que é o sentido profundo do primeiro pedido do pai-nosso:

Sanctificetur Nomen tuum.[4]

Ora, o "Imperador" significa a autoridade da iniciação ou do iniciado. Do ponto de vista cabalístico, essa iniciação é devida ao Nome divino completo; do ponto de vista mágico, ela é devida ao "Grande Arcano mágico"; do ponto de vista da alquimia, ela é devida à "Pedra Filosofal". cm outras palavras, e.a é a umdade e a síntese da Mística, da Gnose e da Magia. Essa unidade ou síntese nós a designamos, na segunda Carta, como "Filosofia hermética" ligada ao "sentido filosófico hermético". A "Filosofia hermética" - devemos repeti-lo - não significa uma filosofia *derivada* ou deduzida do organismo da unidade da Mística, da Gnose e da Magia sagrada. Ela *é* essa unidade em manifestação. A filosofia hermética é também inseparável da unidade MísticaGnose-Magia, que é o segundo *He* do Nome divino. Ela é a *autoridade* ou a manifestação da unidade Mística-Gnose-Magia.

A Filosofia hermética corresponde ao estádio do "verissimum", daquilo que é "verum sine mendacio et certum" da fórmula "epistemológica" da Tábua de Esmeralda. Porque ela é *o resumo* de toda experiência mística. A experiência mística espontânea, que se torna "verdadeira" - ou refletida na conrciência - na Gnose e, em seguida, se torna "certa" - por sua realização mágica - reflete-se uma segunda vez (o segundo *He,* ou a "segunda Gnose", do Nome divino) no domínio do pensamento puro baseado na experiência pura, nele é examinada e finalmente resumida, tornando-se assim "a mais verdadeira" .

A fórmula: "Verum, sine mendacio, certum et verissimum" enuncia, portanto, o princípio da epistemologia (gnosiologia) da Filosofia hermética com suas três pedras de toque. Esse princípio pode ser formulado de várias maneiras. Eis uma delas: "O que é absolutamente subjetivo (a experiência mística pura) deve objetivar-se na consciência e nela deve ser aceito como *verdadeiro* (revelação gnóstica), em seguida, deve demonstrar-se *certo* através de seus frutos objetivos (a Magia sagrada) e, por fim, deve verificar-se *absolutamente verdadeiro* na luz do pensamento puro baseado na experiência subjetiva e objetiva pura (Filosofia hermética)".

Trata-se, portanto, da combinação de quatro "sentidos" diferentes: do sentido místico ou tato espiritual, do sentido gnóstico ou *ouvido* espiritual, do sentido mágico ou sentido da visão espiritual e, enfim,

3 "Verdadeiro, sem mentira, certo e verissimo: o que está embaixo é como (o) que está em cima, e o que está em cima é como (o) que está embaixo, para realizar os milagres de uma coisa única". (N. do T.)

4 "Santificado seja o teu nome". (N. do T.)

do sentido filosófico, hermético, ou sentido da compreensão espiritual. As três pedras de toque da Filosofia hermética são, pois, o *valor intrínseco* de uma revelação ("verum, sine mendacio "), a sua *fertilidade construtiva* \" cerrem") e a <cua *concordância* com as re've\a~õe<c anteriore<c, com as leis do pensamento e com toda experiência disponível (" verissimum "). Em Filosofia hermética, uma coisa é, pois, absolutamente verdadeira somente quando é de *origem* divina, quando produz *frutos* conformes à sua origem e quando se harmoniza com as *exigências categoriais* do pensamento e da experiência.

O hermetista é, pois, ao mesmo tempo, místico, gnóstico, mágico e filórofo realista-idealista. Ele é filósofo *realista-idealista* porque se apóia tanto na experiência como no pensamento especulativo, tanto nos fatos como nas idéias. Para ele, os fatos e as idéias são somente dois aspectos da mesma realidade-idealidade, isto é, da mesma *verdade.*

Sendo o resumo e a síntese da Mística, da Gnose e da Magia sagrada, a Filosofia hermética não é uma filosofia entre as outras filosofias, ou sistema filosófico particular entre os outros sistemas filosóficos particulares. Como a Igreja católica, sendo católica ou universal, não pode considerar-se como uma igreja particular entre as outras igrejas particulares, nem considerar seus dogmas como opiniões religiosas entre outras opiniões religiosas ou "confissões", do mesmo modo a Filosofia hermética, sendo a síntese de tudo o que é essencial na vida espiritual da humanidade, não *pode* considerar-se como uma filosofia entre outras. Presunção? Seria, inegavelmente, presunção monstruosa, se se tratasse de invenção humana, e não de revelação do alto. Com efeito, se alguém recebeu uma revelação do alto, se a aceitação dessa verdade comporta milagres de cura, de paz e de força vivificante e se, enfim, ela explica mil coisas inexplicadas e inexplicáveis sem ela - podemos considerála como uma opinião entre as outras opiniões?

Dogmatismo? Sim, se entendermos por "dogma" a certeza devida a uma revelação de valor divino, à sua fertilidade construtiva e à confirmação que ela recebeu da razão e da experiência. Quando alguém tem certeza, apoiada na concordância do Divino revelante, do Divino-Humano operante e do Humano compreendente, pode agir como se não a tivesse? Ou deve negá-la três vezes ao canto do galo, a fim de ser aceito na boa companhia dos "espíritos livres" e "não dogmáticos" e de aquecer-se com eles ao fogo das coisas relativas da criação humana? Heresia? Sim, se por "heresia" entendermos a primazia da revelação universal, das obras do bem universalmente reconhecidas como tais e do ideal de universalidade em filosofia.

Ora, a Filosofia hermética não é filosofia particular entre as filosofias particulares existentes. Ela não o é já pela simples razão de não operar com *conceitos* unívocos e com suas definicões verbais como o fazem as filosofias, mas com *arcanos* e suas expressões *simbólicas.* Comparemos a Tábua de Esmeralda com *A crítica da razão pura* de Kant e veremos a diferenca. A Tábua de Esmeralda enuncia os arcanos fundamentais da *obra* místico-gnôstico-mãgico-filosófica: *A crítica da razão*

pura elabora edifício composto de conceitos unívocos (como as categorias da quantidade, da qualidade, da relação e da modalidade), que, todo ele, põem em relevo o *método transcendental* de Kant, isto ~' o método de "pensar o ato de pensar" ou da "reflexão para a reflexão". Esse método é, todavia, um aspecto do décimo oitavo Arcano do Tarô (" A Lua"), como veremos adiante; e esse arcano, expresso pelo símbolo da lâmina "A Lua", ensina, de *maneira hermética,* o essencial daquilo que Kant ensina de *maneira filosófica* sobre o método transcendental.

Então a Filosofia hermética é puro e simples simbolismo e não tem nada a ver com os métodos do raciocínio filosófico e científico?

Sim e não. Sim, enquanto a Filosofia hermética é de natureza esotérica, isto é, enquanto consiste em *arcanos* orientados para o *mistério* e expressos em *símbolos.* Não, enquanto ela exerce influência estimulante no raciocínio filosófico e científico de seus adeptos. Ela é cercada, por assim dizer, de penumbra intelectual filosófica e científica, devida à atividade de seus adeptos que procuram traduzir em conceitos unívocos e definições verbais, na medida do possível, os arcanos e os símbolos da Filosofia hermética. É processo de cristalização, porque a tradução dos conceitos multívocos ou arcanos em conceitos unívocos é comparável à transição do estado da vida orgânica ao estado de mineral. É assim que as ·· ciências ocultas" - como a Cabala, a Astrologia e a Alquimia - derivam da Filosofia hermética. Essas ciências podem ter seus *segredos* próprios, mas os *arcanos* que se refletem nelas pertencem ao domínio da Filosofia hermética. Enquanto apenas *comentário* e *corolário,* a intelectualização da Filosofia hermética é legítima e até indispensável. Traduziremos então cada arcano em vários conceitos unívocos, em três, por exemplo, e, com isso, ajudaremos o intelecto a se habituar a pensar hermeticamente, isto é, em conceitos multívocos ou em arcanos. Mas quando a intelectualização da Filosofia hermética tem em mira a criacão de *sistema autônomo* de conceitos unívocos, sem contradição *formal,* entre eles, comete abuso. Porque, em lugar de ajudar a razão humana a se elevar acima de si mesma, ela lhe suscita um obstáculo a mais. Ela a escravizaria, em lugar de libertá-la.

As "ciências ocultas" são, pois, derivadas da Filosofia hermética pela via da intelectualização. Por isso não se deveria considerar os símbolos, por exempio, os Arcanos Maiores do Tarô, como expressões alegóricas das *teorias* ou dos *conceitos* dessas ciências. Porque a verdade é o contrário: as doutrinas das ciências ocultas é que são derivadas dos símbolos - do Tarô ou de outros símbolos - e devem ser consideradas como expressões intelectualmente "alegóricas" dos símbolos e dos arcanos do Esoterismo hermético. Assim, não se deveria dizer: a quarta lâmina "o Imperador" é o "símbolo" da doutrina astrológica sobre Júpiter, mas: o arcano da quarta lâmina "o Imperador" se revela também na doutrina astrológica sobre Júpiter. A correspondência como tal permanece intata, mas há um mundo de diferença entre esses dois enunciados. Porque no caso do primeiro, permanecemos "astrólogos" e nada

mais do que astrólogos; no caso do segundo enunciado, pensamos corno herrnetistas, embora continuemos astrólogos, quando o somos.

A Filosofia hermética não é composta da Cabala, da Astrologia, da Magia e da Alquimia. Esses quatro ramos nasceram do tronco e vivem dele, mas não o constituem. O tronco é a unidade manifestada da Mística, da Gnose e da Magia sagrada. Sobre ele não existem teorias, mas experiências, inclusive a experiência intelectual dos arcanos e dos símbolos. A experiência mística é a sua raiz, a experiência gnóstica da revelação a sua seiva e a experiência prática da Magia sagrada a sua madeira. Por isso o seu ensinamento - ou o "corpo" da tradição - consiste em *exercícios espirituais,* e todos os seus arcanos (incluídos os Arcanos do Tarô) são exercícios espirituais práticos, cujo fim é despertar camadas cada vez mais profundas da consciência. Os comentários e os corolários necessários que acompanham essa prática constituem a "casca" do tr_onco. Assim, a "chave" do Apocalipse de são João não se encontra em parte alguma. Porque não se trata de interpretá-lo para se tirar dele um sistema filosófico, metafísico ou histórico. A chave do Apocalipse consiste em *praticá-lo,* isto é, usá-lo como livro de exercícios espirituais que despertam camadas cada vez mais profundas da consciência. As sete cartas às igrejas, os sete selos do livro selado, as sete trombetas e as sete taças significam, em conjunto, um "curso" de exercícios espirituais composto de vinte e oito exercícios. Porque, sendo o Apocalipse uma revelação escrita, para compreendê-lo é necessário que cada um estabeleça em si um estado de consciência apto a receber revelações. O estado da concentração sem esforço (ensinado pelo primeiro Arcano), seguido de silêncio interior vigilante (ensinado pelo segundo Arcano), torna-se atividade inspirada da imaginação e do pensamento, na qual o eu consciente age em conjunto com o supraconsciente (ensinamento do terceiro Arcano). Enfim o eu consciente pára a sua atividade criadora e contempla, passando revista a tudo o que já se passou, a fim de resumi-lo (ensinamento prático do quarto Arcano). O domínio dessas quatro operações psicológicas, simbolizadas pelo "Mago", pela "Papisa", pela "Imperatriz" e pelo "Imperador", é a chave do Apocalipse. Seria vão procurar outra.

Também os Evangelhos são exercícios espirituais; é preciso não só lê-los e relê-los, mas ainda mergulhar inteiramente em seu elemento, respirar o seu ar e participar como testemunha quase ocular dos acontecimentos neles descritos - e tudo isso não como perscrutador, e sim como admirador cuja admiração está sempre crescendo.

O Antigo Testamento contém igualmente partes que são exercícios espirituais. Os cabalistas judeus - o autor ou os autores do *Zohar,* por exemplo - usavam-no nesse sentido; foi assim que a Cabala nasceu e *vive.* A diferença entre os cabalistas e os outros fiéis consiste em que os primeiros usavam a Escritura como fonte de exercícios espirituais, ao passo que os últimos a estudavam e nela acreditavam.

O fim dos exercícios espirituais é a *profundeza.* Para que alguém atinja a experiência e o conhecimento das coisas profundas precisa ser

profundo. E o simbolismo é a linguagem da profundeza - como os arcanos expressos pelos símbolos são o meio e o fim dos exercícios espirituais dos quais se compõe a Tradição viva da "Filosofia" hermética.

Os exercícios espirituais comuns constituem a ligação comum que une os hermetistas. Não é o saber comum que os une, mas os exercícios espirituais e a experiência que eles encerram. Se três pessoas de países diferentes que tivessem feito do livro do Gênesis de Moisés, da Visão de Ezequiel e do Evangelho de são João objeto de exercícios espirituais durante vários anos se encontrassem, encontrar-se-iam como irmãos, embora um soubesse a história da humanidade, outro tivesse a ciência de curar, e o terceiro fosse cabalista profundo. Aquilo que é *sabido* é resultado da experiência e da orientação *pessoais,* ao passo que a *profundeza,* o *nível* atingido - sem consideração quanto ao aspecto e à extensão do saber alcançado - é o que há de *comum.* O Hermetismo, a tradição hermética, é em primeiro lugar e acima de tudo certo grau de profundeza, certo *nível* de consciência. E são os exercícios espirituais que o preservam.

Quanto ao saber dos hermetistas individuais - e isso se aplica aos iniciados - ele depende da vocação individual de cada um. A tarefa pretendida determina a natureza e a extensão não só do saber, mas também da experiência pessoal sobre a qual o saber se apóia. Aquele que tem a experiência consegue o conhecimento do que é necessário para o desempenho da tarefa que decorre de sua vocação individual; em outros termos, sabe o que é necessário para estar informado e para se orientar no domínio que tem relação com sua vocação individual. Assim, um hermetista cuja vocação é curar saberá certas coisas sobre as relações entre a consciência, o sistema das "flores de lótus" (" Chacras "), o sistema nervoso e o sistema das glândulas endócrinas que outro hermetista, cuja vocação é a história espiritual da humanidade, não saberá. Mas esse último saberá, por sua vez, os fatos do passado e do presente concernentes às relações entre as hierarquias espirituais e a humanidade e entre o que se passou ou se passa no alto e o que se passou ou se passa em baixo, ignorados pelo curador.

Mas esse saber, enquanto não se trata dos *arcanos* consiste em *fatos* - embora muitas vezes de natureza puramente espiritual - e não em *teorias.* Assim, por exemplo, a "reencarnação" não é uma teoria na qual se deva ou não acreditar. Em hermetismo, ninguém pensará em dar-lhe importância com a finalidade de persuadir ou dissuadir alguém da verdade da "teoria reencarnacionista". Para o hermetista, ela é um fato conhecido por experiência ou ignorado. Como ninguém faz propaganda a favor ou contra o fato de dormirmos à noite e despertarmos de manhã - porque se trata de algo que pertence à experiência - do mesmo modo o fato de morrermos e nascermos de novo pertence à experiência. A respeito dele temos certeza ou simplesmente não temos. Mas aqueles que têm certeza da reencarnação deveriam saber que a ignorância a respeito dela muitas vezes tem razões muito profundas e

até sublimes, relativas à vocação da pessoa em questão. Por exemplo, quando uma pessoa tem vocação que exige um máximo de concentração no *presente,* pode renunciar a toda memória espiritual do passado. Porque a memória despertada nem sempre é benefício, podendo ser muitas vezes fardo. Ela o é principalmente quando se trata de vocação que exige atitude inteiramente livre de preconceitos como é o caso das vocações de sacerdote, de médico e de juiz. O sacerdote, o médico e o juiz são obrigados a se concentrar tão intensamente em suas ocupações que não devem ser distraídos pelas recordações das existências anteriores .

Pode-se fazer milagres sem a recordação das vidas anteriores como foi o caso do santo Cura d'Ars; pode-se também fazer milagres com essa recordação como era o caso de M. Philippe de Lião. Porque a reencarnação não é dogma, isto é, verdade necessária à salvação, nem heresia, isto é, opinião contrária a verdade necessária à salvação. Ela é apenas fato da experiência como o sono e a hereditariedade. Enquanto tal, ela é neutra. Tudo depende de sua interpretação. Pode-se interpretá-la de modo a fazer dela um hino à glória de Deus, e pode-se interpretá-la de maneira a fazer dela blasfêmia. Afirma-se com razão que perdoar é conceder oportunidade de recomeço; e Deus perdoa setenta vezes sete, dando-nos sempre novas oportunidades - como é infinita a bondade de Deus! Essa é a interpretação para a glória de Deus .

- Mas quando alguém diz: existe mecanismo de evolução infinita e somos moralmente *determinados* pelas vidas anteriores, não existe graça, mas só a lei das causas e dos efeitos - é então interpretação blasfematória. Ela reduz Deus a função de engenheiro de máquina moral.

A reencarnação não constitui exceção pelo fato de ser passível de dupla interpretaçao . Todo fato pertinente o é também. Assim, por exemplo, a hereditariedade pode ser interpretada no sentido do determinismo completo, excluindo a liberdade, portanto, também a liberdade moral. Ela pode também ser interpretada como possibilidade de purificação gradual do organismo, tendo em vista torná-lo instrumento mais perfeito à disposição da posteridade. Abraão não recebeu a promessa de que o Messias sairia da sua descendência? A mesma promessa não foi feita a Davi?

Seja qual for, contudo, a interpretação pessoal de um fato, ele permanece fato, e é necessário conhecê-lo para se ter uma orientacão no domínio ao qual ele pertence. Assim os hermetistas têm o conh~cimento de fatos diferentes, segundo suas vocações pessoais, mas a Filosofia hermética não se compõe da soma dos conhecimentos adquiridos por indivíduos. Ela é organismo de arcanos expressos em símbolos que são ao mesmo tempo exercícios espirituais e as aptidões que deles resultam. Um arcano praticado como exercício espiritual durante um lapso de tempo suficiente torna-se *aptidão.* Ele não dá ao discípulo o saber de fatos novos, mas torna-o apto a adquiri-lo quando tiver necessidade. A Iniciação é a capacidade de se orientar em qualquer domínio e de nele adquirir o conhecimento dos fatos pertinentes - dos "fatos-chave".

O iniciado sabe como atingir o saber, isto é, sabe *pedir, procurar* a resposta e *pôr em ação* os meios apropriados para chegar a ele. Foram os exercícios espirituais que lhe ensinaram isso - nenhuma teoria ou doutrina, por mais luminosa que seja, poderia torná-lo capaz de "saber saber" . Foram os exercícios espirituais que lhe ensinaram o *sentido prático* (e em "Filosofia" hermética só existe o sentido prático) e a eficácia infalível do *arcano dos três esforços unidos,* que está na base de todo exercício espiritual e de todo arcano, a saber:

"Pedi e vos será dado;
Buscai e achareis;
Batei e vos será aberto" (Lc 11,9).

Assim a Filosofia hermética não ensina o que é necessano crer a respeito de Deus, do homem e da natureza, mas ensina como *pedir, buscar* e *bater* para se chegar à experiência mística, às luzes gnósticas e ao efeito mágico daquilo que se procura saber sobre Deus, o homem e a natureza. E é depois de se ter pedido, procurado e batido, depois de se ter recebido, achado e tido acesso que se *sabe.* Esse gênero de saber - a certeza da compreensão sintética da experiência, a revelação gnóstica e o efeito mágico - é o *Imperador,* é o ensinamento prático da quarta lâmina do Tarô .

Trata-se do desenvolvimento e do uso do "quarto sentido" espiritual, segundo o desenvolvimento e o uso dos sentidos místico, gnóstico e mágico - do sentido "filosófico-hermético" . A aptidão para *"saber* saber" é o traço característico essencial desse sentido. Nós o definimos acima (segunda Carta) como "o sentido da síntese". Agora podemos ir mais longe e defini-lo de maneira mais aprofundada como *sentido iniciático* ou sentido da orientação e da aquisição do conhecimento dos fatos essenciais em qualquer domínio.

Como funciona esse sentido? A primeira vista pode-se assinalar que ele não é idêntico ao que se costuma designar como "sentido metafísico", já que o "sentido metafísico" dos metafísicos é o gosto e a capacidade de viver em teorias abstratas, a tendência para o abstrato, ao passo que o "sentido filosófico-hermético" é devido à orientação para o *concreto espiritual, psíquico e físico.* Enquanto o "sentido metafísico" opera com a "noção de Deus" *(Gottesbegriff),* o "sentido filosóficohermético" é orientado para o *Deus vivo,* para o *fato* espiritual concreto de Deus. O Pai celeste cristão e o Ancião dos Dias dos Cabalistas não são conceito abstrato, não são noção, mas ser.

O "sentido metafísico" trabalha de modo a sintetizar - por meio da abstração - as *leis* dos fatos e os *princípios* das leis. O sentido iniciático ou "filosófico-hermético", ao contrário, discerne, através dos fatos, os *entes* das hierarquias espirituais e, através delas, o Deus vivo. Para o sentido iniciático, o espaço entre o "Princípio supremo" e o domínio dos fatos não é povoado de "leis" e de "princípios", mas por seres espirituais vivos, dotados de fisionomias, de olhares, de voz, de palavra e de nomes. Para o sentido iniciático, o Arcanjo Miguel não

é uma "lei" ou um "princípio", mas um ser vivo, cuja figura é invisível porque deu o lugar à figura de Deus. Por isso o seu nome é *Mi-Ka-El,* isto é, "Aquele que *(Mi)* é como *(Ka)* Deus *(El).* Ninguém suportaria a visão da figura de *Mikael* porque ela é "ka-El ", como a de Deus.

O sentido iniciático ou filosófico-hermético" é o das realidades concretas espirituais. O hermetismo "explica" os fatos não por "leis" obtidas por abstração nem, indo mais longe ainda, por "princípios" obtidos por abstração, mas procedendo dos "fatos abstratos" aos seres mais concretos, para chegar ao que é mais concreto, o único absolutamente concreto que existe - a Deus. Porque para o sentido iniciático, Deus é o ser mais real, logo, o mais concreto - na verdade, o único absolutamente real e concreto - de tudo o que existe, ao passo que os seres são apenas relativamente reais e concretos, e o que designamos como "fato concreto", na verdade, é somente abstração da verdade divina.

Isso não significa que o hermetista seja incapaz de abstração e que negligencie necessariamente as leis e os princípios. Ele é um ser humano e, portanto, possui também o "sentido metafísico". Possuindo-o, ele o usa como todo mundo, mas o que faz .dele *hermetista* - no sentido do "Imperador" do Tarô - é o "sentido filosófico-hermético". Ele é hermetista à medida que é dotado de sentido filosófico-hermético e se serve dele, ao passo que o sentido metafísico sozinho nunca faria um hermetista no sentido próprio do termo.

Não estaria aqui a tragédia de René Guénon, que, dotado de sentido metafísico desenvorvido e privado do sentido filosófico-hermético, procurava o espiritual *concreto* sempre e em toda parte? Por fim, cansado do mundo das abstrações, esperou encontrar a libertação do intelectualismo, mergulhando no fervor da massa muçulmana em oração na mesquita do Cairo. última esperança de uma alma sedenta de experiência mística e definhando no cativeiro do intelecto. Se é assim, que a misericórdia divina lhe conceda o que ele tanto procurava.

Pode-se observar aqui que a última orientação de René Guénon na direção da fé do povo mais simples, que professa a religião mais simples, não é destituída de razão. Porque o "sentido filosófico-hermético" tem mais coisas em comum com a fé simples e sincera do povo simples do que a metafísica abstrata. Para o crente do povo, Deus vive; o mesmo se diga do hermetista. O crente se dirige aos santos e aos anjos; para o hermetista eles são reais. O crente acredita nos milagres; o hermetista vive na presença do milagre. O crente reza pelos vivos e pelos mortos; o hermetista dedica todos os seus esforços, no domínio da Magia sagrada, ao bem dos vivos e dos mortos. O crente respeita tudo o que é tradicional; o hermetista faz o mesmo. Que dizer ainda? Talvez que o Imperador deve sua *autoridade* não ao seu poder - visível ou invisível - sobre os seres humanos, mas ao fato de ele os *representar* perante o Céu. Ele tem a *autoridade* não por ser sobre-humano, mas por ser *muito humano,* por representar tudo o que é humano. O rei Davi era mais humano do que todos os homens de seu tempo. Por isso foi ungido por ordem divina pelo profeta Samuel, e por isso o Eterno lhe fez a pro-

messa solene de que seu trono seria estabelecido para sempre. O trono, o posto de representante da humanidade, jamais desaparecerá, portanto. E é esse o posto do Imperador, é essa a *verdadeira autoridade.*

Também a Filosofia hermética tem ideal humano. Os seus exercícios espirituais, os seus arcanos perseguem o fim prático da realização do *homem de autoridade,* do homem-pai. Este homem é mais humano do que os outros, é ele o homem digno "do trono de Davi" .

O ideal humano do hermetismo prático não é o Super-homem de Nietzsche, nem o Super-homem da India, mergulhado na contemplação da eternidade, nem o Super-homem-Hierof'ante de Gurdjieff, nem· o Super-homem-Filosófico dos filósofos estóicos e dos vedantistas - não, o seu ideal humano é o homem tão humano que contenha e traga em si tudo o que é humano e que seja o guardião do trono de Davi.

E o *divino?* Que é feito da manifestação do divino?

O Hermetismo prático é a *Alquimia.* Isso significa que quanto mais verdadeiramente humano alguém se torna, mais manifesta o divino subjacente na natureza humana, o qual é a "imagem e a semelhança de Deus". O ideal da *Abstracão* convida os seres humanos a se desfazerem da natureza humana, a se desumanizarem. O ideal da *Transformação* alquímica do hermetismo, ao contrário, oferece aos seres humanos a via da realização da verdadeira natureza humana, que é a "imagem e a semelhança de Deus" . O Hermetismo é a re-humanização de todos os elementos da natureza humana, o retorno deles à sua verdadeira essência . Como todo metal vil pode ser transformado em ouro ou prata, assim também todos os poderes da natureza humana são susceptíveis de serem .transformados em Ouro ou Prata, isto é, naquilo que eles *são* quando fazem parte da Imagem e da Semelhança de Deus.

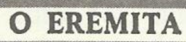
Mas, para voltarem a ser o que são em sua essência, eles devem ser submetidos à operação da *sublimação.* Essa operação é a crucifixão para aquilo que neles é vil, e, ao mesmo tempo, é o desabrochar do que é a sua essência verdadeira. A *Cruz* e a *Rosa,* a *Rosa Cruz,* é o símbolo dessa operação da realização do homem verdadeiramente humano. Por isso o "Imperador" do Tarô renuncia a *quatro* liberdades arbitrárias da natureza humana. Nesse sentido ele está crucificado. E como o símbolo *real* do vazio que se segue por causa da renúncia é a *chaga,* pode-se dizer que o Imperador tem *quatro chagas.*

E por essas quatro chagas que se verifica nele a manifestação da imagem divina e da semelha_nça da natureza humana.
O divino da natureza humana ... E o Divino que a transcende? Para manifestá-lo é necessária uma chaga a mais. São necessárias *cinco* chagas. f: a lâmina seguinte, o *Papa,* que nos ensinará o Arcano da manifestação do Divino que transcende a natureza humana por meio das *cinco chagas.*

IX

O EREMITA

VIIII



B·P·GRIMAUD·PARIS

O EREMITA

O EREMITA

(Isis): "Presta atenção, meu filho Horo, porque ouves a doutrina secreta que meu antepassado Kamephis aprendeu de Hermes, o memorialista que relata todos os fatos, e que depois, eu aprendi de Kamephis, antepassado de todos nós, quando ele me honrou com o dom do Negro Perfeito ... " (i:nroT fµf "ª' *T4J* TfÀfl4J *µf>-avtlnµ.T/af).*

(Extraído do Livro Sagrado de Hermes Trismegisto intitulado "Filha do Mundo" in *Stobaeus,* I, 49, 44).

"Porque o Trismegisto, que acabou descobrindo, não sei como, a verdade quase toda, descreveu muitas vezes o poder e a majestade do Verbo, como a célebre citação acima. na qual ele (Hermes) proclama a existência de uma Palavra inefável e santa, cujo enunciado ultrapassa a medida das forças humanas" (quo [atetur esse ineiiabilem quendam sanctumque sermonern, *cujus enarratio modum hommis excedei).*
Lactâncio, *Div. inst.* IV, 9, 3).

"Estreita. porém. é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E poucos são os que o encontram".

(Mt 7,14)

Caro Amigo Desconhecido,

O Eremita! Alegro-me por ter chegado, na série dessas cartas-meditações, à figura venerável e misteriosa do itinerante solitário, vestido com roupa vermelha sob o manto azul, com lanterna alternativamente amarela e vermelha em sua mão direita e apoiado num bastão. Porque o Eremita venerável e misterioso foi o mestre dos sonhos íntimos e agradáveis de minha juventude, como foi, aliás, em todos os países, o mestre dos sonhos da juventude desejosa de procurar a porta estreita e o caminho apertado do Divino. Dize-me um país ou uma época nos quais a juventude verdadeiramente "jovem", isto é, que vive pelo Ideal, não teve sua imaginação dominada pela figura de um Pai sábio e bom, de um Pai espiritual, do *Eremita* enfim, que pastou pela porta estreita e segue pelo caminho apertado! De um Pai no qual possa confiar sem reserva e ao qual possa venerar e amar sem limites! Qual o *jovem* russo, por exemplo, que não faria uma viagem, por mais longa que fosse, para encontrar um

Staretz, isto é, um Pai sábio e bom, um Pai espiritual, o *Eremita* enfim? Qual o *jovem* judeu da Polônia, da Lituânia, da Rússia Branca, da Ucrânia ou da Romênia que não faria o mesmo para encontrar um *Çadik hassid,* isto é, um Pai sábio e bom, um Pai espiritual, o Eremita! Qual o *jovem* da índia que se recusaria a fazer tudo o que estivesse em seu poder para achar e encontrar, como chela, um *Guru,* isto é, um Pai sábio e bom, um Pai espiritual, o *Eremita* enfim? Teria sido diferente com a juventude que cercava Orígenes, Clemente de Alexandria, são Bento, são Domingos, são Francisco de Assis, santo Inácio de Loyola? Teria sido diferente com a juventude pagã de Atenas em torno de Sócrates e de Platão?

O mesmo se verificou na Pérsia antiga em torno de Zaratustra, de Óstanes e dos outros representantes da dinastia espiritual dos Magos, fundada pelo grande Zaratustra. O mesmo aconteceu em Israel com suas escolas de profetas, com seus nazireus e com seus essênios. A mesma coisa se observa no Egito antigo, onde a figura do fundador da dinastia dos Pais sábios e bons, a de Hermes Trismegisto, tornou-se não só para o Egito, mas também para todo o mundo greco-romano, o protótipo do Pai sábio e bom, o protótipo do Eremita!

Eliphas Lévi compreendeu bem o sentido histórico universal do Eremita; por isso, escreveu esta fórmula admirável:

"O *iniciado é aquele que possui a lâmpada de Trismegisto, o manto de Apolônio e o bastão dos patriarcas"* (Dogma, cap. 9).

Com efeito, o Eremita que está na imaginação da juventude "jovem", o Eremita da lenda e o Eremita da histona eram, sao e serão sempre o homem solitário com a lâmpada, o manto e o bastão. Porque ele tem o dom de fazer brilhar a luz nas trevas - é a sua "lâmpada": pode isolar-se da corrente dos humores, preconceitos e desejos coletivos da raça, da nação, da classe e da famuia - é a faculdade de reduzir ao silêncio a cacofonia da coletividade vociferante em torno de si, a fim de ouvir e entender a harmonia hierárquica das esferas - é seu "manto"; ele tem também um senso tão desenvolvido do real que penetra no domínio da realidade não com dois pés, mas com três. Ele avança somente depois de ter *tocado* o solo mediante a experiência imediata e primeira do contato sem intermediário - é o seu "bastão". Ele cria a luz, cria o silêncio e cria a certeza - em conformidade com o critério das três concordâncias, a saber, a do que é *claro,* a do que está *em harmonia com o conjunto* das verdades reveladas e a do que é objeto da experiência *imediata* da Tábua de Esmeralda:

"Verum, sine mendacio, certum et verissimum" [1]•
"Verum sine mendacio" - é a clareza (a lâmpada);
"Certum" - é a concordância do que é claro e do conjunto das outras verdades (a "lâmpada" *e* o "manto").

"Verdadeiro, sem mentira, certo e veríssimo". (N. do T.)

"Yerissimum" - é a concordância do que é claro, do conjunto das outras verdades e da experiência autêntica e imediata (a "lâmpada", o "manto" *e* o "bastão").

O Eremita representa, portanto, não só o Pai sábio e bom, que é reflexo do Pai dos Céus, mas também o método e a essência do *Hermetismo.* Porque o Hermetismo se funda na concordância de *três* métodos de conhecimento: o *a priori,* da inteligência (a "lâmpada"); o da harmonia do todo pela analogia (o "manto") e o da experiência autêntica imediata (o "bastão").

O Hermetismo é assim uma síntese de três antinomias: 1 .

A síntese da antinomia "idealismo-realismo";

2. A síntese da antinomia "realismo-nominalismo";

3 . A síntese da antinomia "fé-ciência empírica".

Enquanto síntese pessoal, no foro íntimo da consciência, das três antinomias acima referidas, coroando-as cada vez com o terceiro termo, o seu número é *nove,* e é o nono Arcano do Tarô que nos ensina as três sínteses das três antinomias.

Vejamos agora como o Hermetismo é a síntese das três antíteses ou antinomias mencionadas acima.

1. A antinomia "idealismo-realismo"

A antítese se reduz a duas fórmulas opostas:

"A consciência ou a idéia é anterior a todas as coisas", é a fórmula do idealismo, e

"A coisa (res) é anterior a toda consciência ou idéia", é a fórmula básica do realismo.

O idealista (Hegel, por exemplo) considera todas as coisas como formas do pensamento, enquanto o realista (Spencer, por exemplo) afirma que os objetos do conhecimento têm existência independente do pensamento ou da consciência do sujeito que conhece.

O realista diz que dos *objetos* de conhecimento *tiramos* - pela abstração - noções, leis e idéias. O idealista, ao contrário, afirma que o *sujeito* do conhecimento projeta nos objetos - pela concretização - suas noções, suas leis e suas idéias.

O realista defende a teoria da verdade chamada "de correspondência": "a verdade é a correspondência entre o objeto e o intelecto".

O idealista se apóia na teoria da verdade chamada "de coerência": "a verdade é a coerência - ou a ausência de contradições - no manejo das idéias, das noções e dos objetos (sendo os objetos apenas noções) pelo intelecto".

Segundo o realista, a verdade é o que, no intelecto, corresponde ao objeto. Para o idealista, a verdade é aquilo que constitui um *sistema coerente* no intelecto.

O mundo todo refletido com exatidão no intelecto - eis o ideal do conhecimento do realismo.

O mundo inteiro refletindo com exatidão os postulados e as categorias do intelecto como sistema coerente único - eis o ideal do idealismo.

É o mundo que traz a palavra, e o intelecto humano o ouve, diz o realismo. É o intelecto que traz a palavra, e o mundo é reflexo dela, diz o idealismo.

Nihil in intellectu quod prius non fuerit in sensu, [2] é princípio milenar do realismo. *Nihil in sensu quod prius non fucrit in intellectu,* [3] é a contrafórmula do idealismo.

Qual deles está com a razão? O realismo com seu ídolo da "coisa" *(res),* anterior ao pensamento, e com seu dualismo masdeísta das Trevas (a coisa) e da Luz (o pensamento), que procede ou nasceu delas? Ou o idealismo com seu ídolo do intelecto humano, que ele coloca sobre o trono de Deus, e com seu monismo pan-intelectual, no qual não há lugar nem para o "Negro Perfeito" da Sabedoria sobre-humana, mencionada no Livro Sagrado de Hermes Trismegisto, intitulado *Kore Kosmou,* nem para as trevas do Mal, da Fealdade e da Ilusão que experimentamos todos os dias?

Não nos prostremos diante do mundo, nem diante do intelecto; prostremo-nos em adoracão diante da Fonte comum do mundo e do intelecto - *Deus.* Deus, cujo Verbo é a "luz verdadeira que ilumina todo homem que vem ao mundo" (Jo 1,9) e o criador do mundo - "tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (J o 1,3).

A coisa, o mundo - é o Verbo que é a sua fonte. O intelecto, a luz do pensamento - é ainda o Verbo que é a sua fonte. Por isso o Hermetismo, tanto o pagão do passado como o cristão do presente, não é realista nem idealista. Ele é *logista,* fundado que é não na coisa, nem no Intelecto humano, mas no *Logos,* no Verbo de Deus, cuja manifestação *objetiva* é o mundo protótipo do mundo fenomênico e cuja manifestação *subjetiva* é a luz ou o protótipo da inteligência humana. "E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam" (Jo 1,5). Isso significa que no mundo e na consciência existem trevas que não foram penetradas pela luz e, por conseqüência, que o Mal, a Fealdade e a Ilusão existem no mundo e na consciência.

Mas as trevas do mundo não penetradas pelo Verbo não são a fonte da consciência, e o intelecto humano não iluminado pelo Verbo não é o princípio do mundo. No mundo fenomênico existem "ilusões" objetivas, isto é, "coisas *não reais",* que não foram feitas pelo Verbo, mas que surgiram da essência das trevas para existência efêmera. No domínio da consciência subjetiva existem ilusões, isto é, noções, idéias e ideais *não reais* que não foram gerados pela luz do Verbo, mas que surgiram das profundezas das trevas do subconsciente para existência efêmera.

Ora, a correspondência entre um objeto ilusório e a sua noção· no intelecto não seria a verdade, e sim dupla ilusão. O realismo deve-

2 "Nada está no intelecto, sem ter estado antes nos sentidos". (N. do T.) 3 "Nada está nos sentidos, sem ter estado antes no intelecto". (N. do T.)

ria lembrar-se disso quando propõe sua teoria da verdade de "correspondência". E a coerência de um sistema intelectual baseado em ilusões não seria critério da verdade, mas sinal de obsessão tanto mais profunda quanto mais completa for a coerência. O idealismo deveria lembrar-se disso quando propõe sua teoria da verdade "de coerência".

No sentido do realismo, os objetos são *reais* somente quando são reais no Verbo. E no sentido do idealismo, as construções intelectuais são verdadeiras somente quando são verdadeiras no Verbo. O intelecto humano como tal não é produtor da verdade à maneira da aranha que produz a sua teia. Todo fato do mundo interior ou exterior, enquanto fato, não funda a verdade, uma vez que pode ensinar tanto uma ilusão como a história de uma ilusão na natureza (por exemplo, os monstros antediluvianos) ou no mundo humano (por exemplo, vários ídolos do passado ou do presente).

Ora, o "mundo" de nossa experiência é a manifestação fenomênica do mundo criado do Verbo e do mundo evolutivo da Serpente. Também o "intelecto" de nossa experiência é a manifestação tanto da luz do Verbo como da astúcia (para usarmos o termo bíblico que indica como as trevas *imitam* a luz sem recebê-la) da Serpente. Por isso, antes de professarmos o realismo, devemos ainda distinguir entre o Mundo e o mundo. Do mesmo modo, antes de se abraçar o idealismo, é necessário distinguir entre a Inteligência cósmica e o intelecto humano.

Mas, feita essa distinção, pode-se abraçar ao mesmo tempo, sem hesitação, tanto o realismo como o idealismo - o que será o idealismorealismo ou o *logismo* do Hermetismo antigo e contemporâneo.

O método de correspondência se tornará então o bastao na mão do Eremita, e o método de coerência será o manto que o cobre. Isso graças à luz da lâmpada do Eremita, que é o instrumento sagrado no qual a luz do Verbo se une ao óleo do esforço intelectual humano.

2. *A antinomia "realismo-nominalismo"*

Nesta antinomia, o termo "realismo" não tem nada em comum com o "realismo" da antinomia "realismo-idealismo". Aqui realismo designa a escola de pensamento ocidental que atribui realidade objetiva às noções gerais chamadas "abstratas", mas que a filosofia medieval chamava *Universalia* ("Universais"). A corrente do pensamento ocidental que nega a realidade objetiva dos Universais e que admite a realidade objetiva somente dos Próprios é a do "nominalismo".

Nesse "realismo" trata-se da realidade objetiva dos Universais (dos gêneros e das espécies), e não da correspondência entre as noções do intelecto com a realidade dos objetos como critério da verdade. O problema, aqui, é, pois, completamente diferente do do "realismo" oposto ao "idealismo". Aqueles que são "realistas" em relação ao problema da realidade dos Universais são "idealistas" extremos no que se refere ao problema da primazia do intelecto ou do fato.

Na história das idéias, o problema subjacente à antinomia "realismo-nominalismo" foi posto pela primeira vez de maneira explícita

por Porfírio (232/33-304 d. C.) em sua *Isagoge* ou *Introdução de Poriirio, o fenício, discípulo de Plotino de Licópolis.* O problema é posto desde o começo com toda a clareza desejável. Ei-lo:

> *"Primeiramente, no que concerne aos gêneros e às espécies (isto é, aos Universais), sobre a questão de saber se eles são realidades subsistentes em si mesmas ou somente simples concepções do espírito e, admitindo-se que sejam realidades substanciais, se são corporais ou incorporais e, enfim, se são separadas das coisas sensíveis ou se só subsistem nelas e segundo elas, evitarei falar: trata-se de problema muito profundo e que exige uma pesquisa totalmente diferente e mais extensa" (Isagoge,* I, 9-14).

De Boécio até a Renascença - e mesmo até aos nossos dias - esse problema foi objeto da "pesquisa totalmente diferente e mais extensa", desejada por Porfírio. Porque os doutores medievais, tendo visto que o problema dos Universais está no centro da filosofia, tratavam-no como problema central, o que motivou a divisão do mundo dos filósofos em "realistas" (os gêneros e as espécies existem em si mesmos, acima e fora dos indivíduos) e em "nominalistas" (os gêneros e as espécies não existem fora dos indivíduos, sendo apenas "nomes" ou palavras úteis para a classificação dos seres). Durante a controvérsia surgiu terceira escola - a dos "conceptualistas" ou, segundo o caso, dos "realistas moderados" ou dos "nominalistas moderados" (as idéias gerais existem, mas só no espírito daquele que as concebe) - e desempenhou o papel não tanto de síntese, mas de intermediário.

A controvérsia foi apaixonada e durou um milênio, dando motivo a decisões de concílios; o concílio de Soissons, por exemplo, condenou o nominalismo em 1092.

A tese dos "realistas" remontava a Platão, à sua doutrina das "idéias". A dos "nominalistas" se liga a Antístenes: "Vejo o cavalo, não a cavalidade".

O verdadeiro problema consiste em se saber se a cavalidade é anterior aos cavalos individuais *(universale ante rem},* [4] se é imanente aos cavalos individuais *(universale in te)?* ou se é posterior aos cavalos individuais, sendo tirada deles pela abstração *(universal post remv:* Segundo Platão, a cavalidade existe como idéia *antes* dos cavalos; segundo Aristóteles, a cavalidade só existe *nos* cavalos, como seu princípio de forma; segundo os conceitualistas (Kant, por exemplo), a cavalidade- é um conceito formado pelo espírito, mediante uma espécie de recapitulação dos traços comuns a todos os cavalos, abstração feita das particularidades *(universale post rem).*

Saber se a cavalidade é anterior aos cavalos reais, se é o princípio formador deles ou se é somente uma noção do espírito tirada da experiência dos sentidos não é, na verdade, problema apaixonante. Mas a questão é outra quando se trata da humanidade ou do mundo. O proble-

4 "Universal antes da coisa". (N. do T.) 5 "Universal na coisa". (N. do T.)
6 "Universal depois da coisa". (N. do T.)

ma se torna então o da *criação* enquanto diferente da *Gênese*. Na criação, a idéia ou o "plano" do mundo é anterior ao ato de sua realização, ao passo que na gênese ou evolução, não existe idéia ou plano anterior ao fato, mas *força* imanente às substâncias e aos seres individuais, a qual os impele a procurar, tentando e errando, o caminho do progresso. No tocante à humanidade, o problema vem a ser o do homem protótipo ou do .*Adão* celeste, isto é, o da *criação* do homem ou o de sua *gênese* no curso da evolução.

Examinemos agora, de perto, as teses fundamentais do realismo e do nominalismo.

"O *geral é anterior ao particular"* - é a fórmula de base do realismo.

"O *particular é anterior ao geral"* - é a contraí órmula do nominalismo.

Essas duas teses contrárias implicam que, para o realismo, o geral é mais real e de valor objetivo mais elevado do que o particular, e, para o nominalismo, que o particular é mais real e de valor mais elevado do que o geral. Em outros termos, para o realismo, a *humanidade* é mais real e constitui valor mais alto do que o homem individual. Para o nominalismo, ao contrário, o homem individual é mais real e comporta valor mais alto do que a humanidade.

Para o realismo não haveria homem se não existisse a humanidade.

Para o nominalismo, ao contrário, não haveria humanidade se o homem não existisse.

Os homens compõem a humanidade, diz o nominalismo.

A humanidade gera de seu seio invisível, mas real, os homens individuais, diz o realismo.

Qual dos dois está com a razão? O realismo com seu ídolo da coletividade anterior à individualidade, à alma individual, o qual, pela boca de Caifás, apresentou a justificação da condenação de Jesus à morte, dizendo:

> *"É de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda"?* (Jo 11,50 e 18,14).

O realismo, que, através dos tribunais da Inquisição, aniquilava os indivíduos nocivos, sacrificando-os aos interesses da humanidade ou da Igreja? O realismo .. enfim, que, pondo a raça ou a ciasse acima dos indivíduos, exterminou milhões de judeus e boêmios pelas mãos dos nazistas e outros milhões de "Kulakes" ou camponeses ncos e inumeros outros indivíduos pelas mãos dos bolcheviques?

O nominalismo então?

Mas o nominalismo é cego para as idéias e os princípios, vendo neles apenas palavras. Para ele, a Verdade, o Belo e o Bem não existem como realidades objetivas e são somente questões de gosto. Nenhuma ciência e nenhuma filosofia dignas desses nomes poderiam existir, se o nominalismo fosse o único terreno intelectual no qual elas devessem viver. Não se procuraria mais o universal, mas o que é próprio de cada

indivíduo. A pesquisa só cuidaria de fatos particulares e, longe de valorizar os traços comuns, a fim de tirar deles leis e princípios, iria dar numa espécie de museu dos fatos particulares. Esse museu esperaria em vão pelo pensamento científico e filosófico, a fim de ser útil à humanidade de modo geral: o nominalismo não estaria em condições de dedicar-se a isso, porque é o oposto da ciência.

Em vez de abrir-se à ciência e à filosofia, ele daria origem a multidão de seitas de gosto subjetivo. Cada um pensaria e creria à sua maneira, aceitando apenas o que lhe agradasse.

Foi precisamente por isso que a Igreja condenou o nominalismo como doutrina e que a ciência o baniu como método. Ele teria atomizado a Igreja numa multidão de pequenas religiões, segundo o gosto pessoal de cada indivíduo, e teria reduzido a ciência a uma espécie de colecionismo estéril e a número infinito de opiniões pessoais.

Por isso, se damos valor à existência da verdade objetiva (ciência) e à verdade transubjetiva (religião), não podemos rejeitar o realismo; se aspiramos à união da humanidade na verdade universal objetiva da ciência e na verdade transubjetiva da religião, devemos admitir a verdade objetiva e a transubjetiva.

Mas, podemos dispensar o nominalismo?

Tampouco. Porque o *nominalismo* é a visão de um mundo constituído de seres individuais, únicos e insubstituíveis. E a visão do mundo corno a grande comunidade dos seres, em lugar de um mundo de leis, de princípios e de idéias. É a visão de um mundo no qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo, pessoas verdadeiras e vivas, unidas pelos laços eternos de Paternidade, de Filiação e de Fraternidade, reinam, cercadas dos Serafins, dos Querubins, dos Tronos, das Dominações, das Virtudes, das Potestades, dos Arcanjos, dos Anjos, dos Homens e dos seres da natureza, visíveis e invisíveis. Como poderíamos dizer, com toda a sinceridade, a oração ao Pai que está nos céus: "Santificado seja o teu *nome",* sem acreditarmos que se trata do nome único e santo do ser vivo, único e santo, e não da designação da idéia suprema, da "causa primeira" ou do "princípio absoluto"? É possível *amar* um mundo invisível de "causas primeiras" impessoais, um mundo povoado de leis e princípios?

Se o conhecimento intelectual geral do mundo corno tal (Ciência) e corno obra de Deus (filosofia) não é possível sem o realismo idealista, também o conhecimento intuitivo individual pelo amor dos seres particulares (Mística, Gnose e Magia) não o é sem o nominalismo realista.

Não podemos aceitar, sem reserva, o realismo idealista ou o nominalismo realista, nem rejeitar um ou o outro. Porque tanto o intelecto (que postula o realismo idealista) corno o amor (que postula o nominalismo realista) são faculdades estruturais da natureza humana. A natureza humana é realista enquanto pensamento, e nominalista enquanto comunhão social e amor

"O problema dos Universais" foi resolvido, na história espiritual da humanidade, pelo *fato* da Encarnação, na qual o Universal funda-

mental do mundo - o *Logos* - tornou-se Jesus Cristo, que é o Particular fundamental do mundo. Aqui o Universal dos Universais, o princípio da inteligibilidade, o *Logos,* se torna o Particular dos Particulares, o protótipo da personalidade, Jesus Cristo.

O Evangelho de são João realça de maneira explícita e clara o fato da união do Princípio do conhecimento universal com o Ser do amor individual de coração a coração. Ele descreve a obra da Alquimia Divina, na qual a Água se une ao Fogo, e na qual a Água se torna Água viva e as línguas de fogo se tornam línguas do Pentecostes, compreensíveis a cada um individualmente. A substância do Batismo - a água vivificada e o fogo que não devora o particular, mas o faz participar da eternidade - saiu da obra da Encarnação e da Redenção. O Batismo é também - no domínio da história do espírito - a união do realismo e do nominalismo, da cabeça e do coração no ser humano, e essa união é o reflexo do fato da Encarnação, na qual "o Verbo se fez carne".

Ora, o Hermetismo cristão é amigo tanto do realismo idealista, à medida que este aspira ao *Logos,* tomo do nominalismo realista, à medida que este aspira à experiência mística da comunhão dos seres pelo amor. Ele mesmo só pode ser conhecimento do universal que se revela no particular. Para o Hermetismo não existem "princípios", "leis" e "idéias" *fora* dos seres individuais, não como traços estruturais de sua natureza, mas como seres separados e independentes dela. Para ele não existe a "lei da gravitação" nem a "lei da reencarnação": existem somente a atração e a repulsão dos seres (os átomos também são seres), no que se refere à gravitação, e a atração dos seres para a vida terrestre com suas alegrias e suas dores, no que concerne à reencarnação. Mas, por outro lado, se não existem no mundo eeres que seriam as leis da gravitação e da reencarnação, existe o desejo universal dos seres - pequenos e grandes - de se associarem, de formarem moléculas, organismos, famílias, comunidades, nações ... É desejo ou necessidade *estrutural* universal, que se manifesta como "lei". As "leis" são *imanentes* aos seres como a lógica é imanente ao pensamento, faz parte da natureza do pensamento. E o verdadeiro progresso, a verdadeira evolução, é a passagem dos seres da vida sob uma lei para a vida sob outra lei, ou seja, sua mudança estrutural. É assim que a lei "olho por olho, dente por .dente" é lenta e gradualmente substituída pela lei do perdão. É assim ainda que a lei "o fraco serve o forte, o povo serve o rei, o discípulo serve o mestre" um dia cederá o lugar à lei da qual o Mestre deu o exemplo no Lava-pés. Segundo essa lei superior, o forte serve o fraco, o rei serve o povo, o mestre serve o discípulo - como nos céus, onde os Anjos servem os homens, os Arcanjos servem os Anjos e os homens, os Principados servem os Arcanjos, os Anjos e os homens, e assim por diante. E Deus? Ele serve todos os seres, sem exceção.

Assim a "lei" da *luta pela existência,* que Darwin observou no domínio da biologia, um dia dará o lugar à lei da *cooperação para a existência,* que já existe na cooperação das plantas em fiar e das abelhas,

na cooperação entre as diferentes células de um organismo e na cooperação do organismo social humano.

O fim da "lei" da *luta pela existência* e o triunfo futuro da lei da cooperação para a vida foram anunciadas pelo profeta Isaías:

"O lobo morará com o cordeiro,
e o leopardo se deitará com o cabrito.
O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e
um menino pequeno os guiará" (11,6-7).

Assim será, porque a nova "lei" - isto é, uma mudança profunda na estrutura psíquica e física dos seres - substituirá a "lei" antiga, primeiramente na consciência, depois nos desejos e nas afetações, enfim na estrutura orgânica dos seres.

As leis se sucedem e mudam. Elas não são entidades metafísicas imutáveis. O mesmo vale para os "princípios" e as "idéias":

"O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado, de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado" (Me 2,27-28).

É essa a relação entre os seres, de um lado, e as leis, os princípios e as idéias, do outro.

As leis, os princípios e as idéias são então reais?

Eles o são, mas a sua realidade não é a da existência separada dos seres, a das entidades metafísicas que povoam um mundo ou piano - um mundo de leis, de princípios e de idéias - que lhes seja próprio. O espiritual não é um mundo de leis, de princípios e de idéias; ele é o mundo dos seres espirituais - das almas humanas, dos Anjos, dos Arcanjos, dos Principados, das Potestades, das Virtudes, das Dominações, dos Tronos, dos Qerubins, dos Serafins e da Santíssima Trindade do Espírito Santo, do Filho e do Pai.

Qual é, então, a realidade das leis, dos princípios e das idéias? Ela está no seu parentesco estrutural, espiritual, psíquico e corporal. Todos os seres denotam parentesco universal e dão testemunho de sua origem comum e de seu arquétipo comum. Ora, esse arquétipo comum - que a Cabala chama "Adam Kadmon" - é a lei, o princípio e a idéia de todos os seres. "A imagem e a semelhança de Deus" (Gn 1,26) em Adão é a lei em virtude da qual "ele domma sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra" (ibid.).

Adão é a lei, o princípio e a idéia de todos os seres da natureza porque ele é sua síntese prototípica.

O realismo tem razão quando afirma a realidade dos Universais, porque eles são as linhas estruturais do Arquétipo de todos os seres particulares. O nominalismo também tem razão quando ensina que as únicas realidades do mundo são os seres individuais e que os Universais não se acham entre eles.

O Hermetismo vê o *Logos* que se tornou Homem como o Arquétipo Universal tornado o Ser particular perfeito. Para o Hermetismo cristão a controvérsia entre o realismo e o nominalismo não existe.

3. *A antinomia "fé-ciência empírica"*

"Em verdade eu vos digo: se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará, e nada vos será impossível" (Mt 17 ,20).
"E a Ciência tomou um grão de hidrogênio e fez sair a energia aprisionada nesse grão e reduziu a montanha a poeira" - replica o século XX.

Eis onde chegamos na antinomia entre a fé e a ciência empírica. Nossa fé não transporta montanhas, mas a energia que a ciência nos ensinou a manipular pode reduzi-las a poeira.

Será porque não temos o grão de mostarda da fé?

Será porque concentramos nossos esforços no aprofundamento do segredo contido num grão de hidrogênio, em lugar de nos esforçarmos para adquirirmos a fé como um grão de mostarda?

Para podermos responder a essas questões, devemos, antes, estudar o que é a fé e o que é a ciência empírica.

A FE

A fé que - quando é como grão de mostarda - pode transportar montanhas é idêntica à fé-crença, ao sentimento de certeza em relação a uma doutrina? É ela idêntica à fé-confiança, com a ausência de dúvida quanto à garantia da autoridade de uma testemunha ou de um testemunho? Enfim, é ela idêntica à fé-esperança, ao otimismo contra o pessimismo?

Basta-nos, em suma, não termos dúvida, para que "nada nos seja impossível"?

Muitos loucos denotam ausência total de dúvida em relação às suas ilusões ou às suas idéias fixas. Eles deveriam poder fazer milagres, se a fé não fosse diferente da *intensidade* da crença, da confiança e da esperança devidas à ausência de dúvida.

Ora, só a intensidade da crença, da confiança e da esperança não é a fé da qual fala o Evangelho. É evidente que não se trata da intensidade pura e simples da certeza, mas da intensidade da certeza da *verdade.* Se não fosse assim, os loucos seriam taumaturgos, e a loucura seria ideal.

A força que pode transportar uma montanha deve ser igual àquela que a formou. A fé que pode transportar montanhas não pode, portanto, ser opinião intelectual, nem sentimento pessoal, seja qual for a sua intensidade. Ela deve ser resultante da união do ser humano que pensa, sente e deseja com o Ser cósmico - com Deus.

A fé que transporta montanhas é, pois, a união completa - ainda que por um instante - do homem com Deus.

Por isso a ilusão não pode gerar a fé, e por isso também os milagres devidos à fé são testemunhos da *verdade* - e não só da sinceridade - da crença, da confiança e da esperança daquele pelo qual são feitos. Os milagres são *frutos* da união do homem todo ou concentrado com a Verdade, com o Belo e com o Bem cósmico - com *Deus.* Eles são operações da magia divino-humana, que se baseia e se baseará sempre na constelação espiritual "Deus-Homem"; em outras palavras, essa magia age sempre "em *nome* de Jesus", conforme a fórmula:

"Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho". (o patér mou éos árti ergásetai. kagó ergásomai. Pater meus usque modo operatur, et ego operor) (Jo 5,17).

A fé à qual "nada é impossível" é o estado da alma no qual "Deus age, e a alma também age". É o estado da alma concentrada na verdade, à qual Deus acrescenta a intensidade da certeza e o poder que tomam os milagres possíveis. Ela é a magia devida à união de dois magos: Deus e o homem.

Ela não é, pois, nem a certeza lógica, nem a certeza da autoridade, nem a aceitação do testemunho digno de fé - mas a união da alma com Deus, atingida pelo esforço do pensamento, pela confiança no que é digno de confiança, pela aceitação do testemunho digno de fé, pela oração, pela meditação, pela contemplação, pelo esforço moral prático e por muitas outras vias e esforços que ajudam a abrir a alma ao Sopro divino.

A fé é o Sopro divino na alma como a esperança é a Luz divina e o amor é o Fogo divino na alma.

A CIÊNCIA EMPIRICA

O calor, o vapor, o magnetismo, a eletricidade, a energia nuclear são. forças poderosas submetidas pelo homem graças ao trabalho prodigioso da ciência empírica! É graças a ela que podemos conversar com nossos amigos que estão além -do oceano, ver o que se passa a milhares de quilômetros de distância, chegar em uma hora à cabeceira de um doente em outro país, chamar por socorro quando estamos em dificuldades no mar, nas montanhas ou no deserto. É sempre graças a ela que podemos ouvir a voz de pessoa que morreu há dezenas de anos, que podemos andar depois de termos perdido uma perna, que podemos ver ao longe, ainda que sendo míopes, que podemos ouvir, ainda que quase surdos.

De onde vem o sucesso fabuloso da ciência? Qual é o princípio de base que o explica?

É a *dúvida.* Foi graças à dúvida a respeito da experiência dos sentidos que a Ciência pôde estabelecer que não é o Sol que se move no

céu, mas a terra que se move em torno dele. Foi por causa da dúvida sobre a fatalidade que foram procurados e encontrados tratamentos para curar as doenças antes incuráveis. Foi por causa da dúvida sobre as tradições do passado que a ciência empírica descobriu a evolução biológica, os hormônios, as enzimas, as vitaminas, a estrutura do átomo, o inconsciente.

A dúvida está na raiz de toda interrogação, e a interrogação é a base da procura, da pesquisa. A dúvida é, portanto, a mãe do método científico. Ela é o *primus motor,* [7] o princípio que pôs em movimento essa prodigiosa máquina que são os laboratórios, os observatórios, as bibliotecas, os museus, as coleções, as universidades, as academias, e as associações de sábios.

A dúvida deu o movimento. Mas a *fecundidade* desse movimento deve ser atribuída só à dúvida? A dúvida sozinha basta para que se façam descobertas? Antes de se pôr no caminho para as descobertas, não é necessário pelo menos *crer* que elas são possíveis?

É evidente. A ciência empírica nasce da dúvida e da fé. Ela deve sua fecundidade à fé, e a sua força motriz à dúvida.

Como a "dúvida científica" é subjacente à ciência empírica como método, do mesmo modo uma "fé científica" é subjacente à própria ciência como princípio de fecundidade. Newton *duvidava* da teoria tradicional do "peso", mas *acreditava* na unidade do mundo, logo, na *analogia* cósmica. Por isso chegou à lei cósmica da gravitação, partindo da queda de uma maçã da árvore. A dúvida pôs seu pensamento em movimento; a fé a tornou fecunda.

Quais são os dogmas da fé científica? Eis o credo científico:

"Creio numa só substância, mãe de todos os poderes, a qual gera os corpos e a consciência de todas as coisas, visíveis e invisíveis.

Creio em um só Senhor, o Espírito Humano, filho único da substância do mundo, nascido da substância do mundo depois de todos os séculos da evolução, reflexo reduzido do grande mundo, luz epifenomênica da escuridão primordial, verdadeiro reflexo do verdadeiro mundo, no ápice de evolução que procede por ensaios e erros, não gerada ou criada, consubstancial à substância-mãe, no qual o mundo inteiro pode ser refletido. Foi ele que, por nós, homens, e para nossa utilidade, subiu das trevas da substância-mãe.

Ele tomou carne da matéria, pela ação da evolução e se fez cérebro Humano.

Embora destruído nas gerações que passam, ele se forma de novo nas gerações seguintes, segundo a Hereditariedade. Ele é chamado a subir ao conhecimento compreensivo do mundo inteiro e a assentar-se à direita da substância-mãe, que o servirá em sua função de juiz e legislador, e seu reino não terá fim.

Creio na Evolução, que dirige tudo, que dá vida ao inorgânico e consciência ao orgânico, que procede da substância-mãe e molda o espírito pensante. Com a substância-mãe e o espírito humano ela recebe

7 "Primeiro motor" ou "primeiro movente". (N. do T.)

a mesma autoridade e a mesma importância. Ela falou pelo progresso universal.

Creio na Ciência una, diligente, universal e civilizadora. Reconheço uma só disciplina pela eliminação dos erros e espero os frutos futuros dos esforços coletivos do passado e a vida da civilização por vir - Assim seja".

Eis aí os doze artigos da fé científica que fundaram o esforço científico durante séculos e causaram o martírio de muitos em nome da ciência.

Comparai esse credo com o credo tradicional cristão, artigo por artigo, e vereis a importância da antinomia "fé-ciência empírica".

A SINTESE

A substância única na base da multiplicidade dos fenômenos; *o espírito humano,* capaz de reduzir essa multiplicidade à unidade; *a evolução,* à qual o espírito humano deve sua existência, e a colaboração, com a qual ela promete ao espírito humano seu desenvolvimento futuro até que ele se torne o senhor da evolução; *o esforço coletivo* e organizado, segundo o método da dúvida e da verificação empírica, continuado de século em século - eis os quatro dogmas principais da fé científica.

A substância, o espírito humano, a evolução e o método científico constituem as quatro "letras" do Tetragrama, do "nome inefável", da ciência.

Éliphas Levi dá muita importância ao papel desempenhado nas evocações da magia negra pelo emprego do nome HVHI (lido *Havaiod),* que é o inverso do Tetragrama sagrado IHVH. E como o Tetragrama é a lei da causalidade (sucessão do princípio ativo, do princípio passivo, do princípio neutro e de sua manifestação; ou ainda, a causa eficiente, a causa material, a causa final e o fenômeno), partindo da razão, concluiu ele que a inversão do Tetragrama é a fórmula mágica do caos e do contra-senso.

E, no entanto, é justamente o Tetragrama inverso que é o Arcano da ciência empírica. Porque é o princípio passivo da substância ou da matéria que a ciência empírica considera como o primeiro, como o "princípio" por excelência, enquanto o princípio neutro (o espírito humano) o segue, e o princípio ativo (o método) termina a série.

Com efeito, se o *lod* é o princípio ativo (a causa eficiente), o primeiro *He* é o princípio passivo (a causa material), o *Vav* é o princípio neutro (a causa final) e o segundo *He* é o fenômeno inteiro que resulta daí no nome *Iod - He - Vav - He* (mn>), o nome invertido, *He - Vav - He Iod* (**"illil**), seria então a série: "princípio passivo - princípio neutro - princípio passivo - princípio ativo" ou "matéria, razão, evolução, método científico".

A série HVHI significa que nada precede a matéria, que nada a move; ela se move por si mesma; que o espírito é filho da matéria; que

a evolução é a matéria que gera o espírito; e, enfim, que o espírito, uma vez nascido, é a atividade da matéria em evolução que toma consciência de si mesma e que toma a evolução em suas mãos.

Ora, o Tetragrama invertido é, sem dúvida, a Iórmula-síntece da ciência empírica.

Ela é também a fórmula do caos e do contra-senso?

Não. Ela é o reflexo de espelho da fórmula espírito-matéria-evolução-individualidade, ou do "nome sagrado" IHVH. Ela não é a fórmula do contra-senso, como não é a da inteligência, mas a *fórmula da astúcia,* isto é, da inteligência refletida.

Ela não é a fórmula lógica, a fórmula do *Logos,* mas a da Serpente do Génesis, "que era o mais astuto de todos os animais", visando à expansão horizontal de sua consciência (" dos campos"). A meta final da lógica da Serpente ou da astúcia é tornar-se *"como* Deus", não tornar-se Deus. "Tornar-se como", eis a essência da astúcia e também o sentido da fé científica, do credo científico, que é a paráfrase e o desenvolvimento da promessa da Serpente: "vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal" (Gn 3,5).

Abrir os olhos, ser como deuses, conhecer o bem e o mal, eis o grande arcano da ciência empírica. Por isso ela é dedicada à causa do esclarecimento (" abrir os olhos" para a horizontalidade); por isso ela aspira ao poder absoluto do homem (" como deuses") e por isso, enfim, ela é intrinsecamente amoral ou *moralmente neutra* ("o bem *e* o mal").

Engana-nos ela? Não. Ela abre *de fato* os nossos olhos e, graças a ela, temos uma visão *mais* ampla na horizontal; ela nos dá *de fato* o poder sobre a natureza e nos torna soberanos sobre ela; *de fato* ela nos é útil, pouco importando que seja para o bem ou para o mal.

A ciência empírica não nos engana, a Serpente não mentiu, *no plano em que a sua promessa e a sua voz eram audíveis.*

No plano da *expansão horizontal* (os "campos" do Génesis) a Serpente mantém sua promessa. Mas a qual preço no plano vertical?

Qual é o preço do esclarecimento científico, isto é, de "abrir os olhos" na horizontalidade, ou seja, para o aspecto *quantitativo* do mundo? O preço é o obscurecimento de seu aspecto *qualitativo.* Quanto mais temos os "olhos abertos" para a quantidade, mais os temos cegos para a qualidade. E, no entanto, tudo o que entendemos por "mundo espiritual" é qualidade, e toda experiência do mundo espiritual é devida a termos os "olhos abertos" para a qualidade, para o aspecto *vertical* do mundo. No mundo espiritual, até o número tem apenas o sentido de qualidade. "Um" significa nele a unidade, "dois" a dualidade, "três" a trindade, e "quatro" a dualidade das dualidades. O mundo *vertical,* o mundo espiritual, é o dos *valores,* e, como o valor dos valores é o ser individual, ele é o mundo dos seres individuais, das entidades. Os Anjos, os Arcanjos, os Principados, as Virtudes, as Potestades, as Dominações, os Tronos, os Querubins e os Serafins são outros tantos valores individualizados ou de entidades. E o *valor supremo* é a Entidade suprema - *Deus.*

A ciência reduz a qualidade à quantidade. É o que se chama "conhecimento". Assim, para a ciência as cores prismáticas, o vermelho, o laranja, o amarelo, o verde, o azul, o anil e o violeta perdem suas qualidades de vermelho, laranja etc. e se tornam quantidades - números, exprimindo as diferentes freqüências ou comprimento das ondas da vibração chamada "luz". A luz também é reduzida a quantidade, tornando-se apenas uma fórmula que exprime os fatores quantitativos de urna vibração desprovida de qualidade.

Devemos então voltar as costas à ciência empírica, pele fato de ela cumprir a promessa da Serpente, abrindo-nos os olhos para o mundo quantitativo, uma vez que o preço a pagar é sermos cegos para o mundo qualitativo? Que fazer diante da escolha entre a ciência e a religião?

Mas é necessário escolher? Não bastaria dar a essas duas aspirações não o que elas se arrogam, mas o que é próprio delas?

Com efeito, se não há ciência empírica religiosa nem religião científica. há sábios religiosos e religiosos sábios. Para sermos honestos, isto é, sem compromissos de consciência, sábios religiosos ou religiosos sábios, devemos *acrescentar* à aspiração claramente horizontal a aspiração claramente vertical, isto é, devemos viver sob o signo da cruz:

Religião

\+ *ciência*

Isto significa que separamos claramente os aspectos quantitativos dos aspectos qualitativos do mundo e percebemos a diferença precisa entre a função de um mecanismo e a ação de um sacramento. Porque o mundo inteiro tem seu lado mecânico e seu lado sacramental. No livro do Génesis, Moisés descreve o mundo-sacramento; a astronomia moderna está para descrever o mundo-máquina. Um fala do "que", o outro, do "como" do mundo. O "como" é o mecanismo; o "que" é a essência. O mecanismo é compreensível por meio da quantidade; a essência se revela pela qualidade.

E o credo científico? Como harmonizá-lo com o credo cristão?
Porque ele não é somente a expressão da crença na quantidade, mas também - e sobretudo - da crença em *valores* contrários aos do credo cristão. Não tenho outra resposta, a não rer a seguinte:

Crucificai a Serpente. Colocai a Serpente - ou o credo científico - na cruz da Religião e da Ciência - e se seguirá uma metamorfose da Serpente. O credo científico se tornará então o que ele *é* na realidade: o reflexo de espelho do Verbo criador. Ele não será mais *verdade,* mas *método.* Ele não dirá mais: "no começo é a substância ou a matéria", mas: "para conhecer o mecanismo do mundo como ele é *feito,* devo escolher o método no qual se faz abstração da origem da matéria e daquilo que, de fora, colocou-a em movimento". Ele não dirá. mais: "o cérebro produz a consciência", mas: "para conhecer o funcionamento do cérebro, tenho de pensar *como se* a consciência fosse causada por ele".

A primeira metamorfose da fé científica será, ,P?is, a transform_ação de seus dogmas metafísicos em postulados metódicos. Sua, negaçao de Deus, da criação e do espírito antefenomenal se torna o metodo da 224

"ignorância sábia" *(docta ignorantia),* que nada mais é do que a concentração no domínio que lhe é próprio.

Cedo ou tarde essa metamorfose será seguida de outra, a saber, a da mudança da vontade, que se manifesta na fé científica. A *vontade-de poder,* visando ao crescimento ilimitado do domínio do homem sobre a natureza, para o bem ou para o mal, perderá gradualmente sua indiferença moral e será cada vez mais inclinada para o bem e se transformará em *vontade-de-serviço.* Assim a fé científica passará por transmutação alquímica, e a ciência empírica cessará de ser amoral ou moralmente indiferente. Ela tomará partido pelo que é construtivo, pelo que serve a saúde, a vida e o bem-estar da humanidade. Em seguida ela se abrirá a todas as inovações metódicas que comportam tarefas particulares e acabará um dia aplicando-se às forças vitais construtivas do mundo, com o mesmo zelo e a mesma intensidade com que se aplica hoje às forças que procedem da destruição (calor proveniente da combustão, eletricidade produzida pela decomposição ou pela fricção, energia nuclear resultante da destruição dos átomos ...). Isso, por seu lado, acarretará a mudança do método científico no sentido em que a ignorância voluntária do mundo espiritual será abandonada porque estará prescrita ...

Mas tudo isso só poderá acontecer depois que certo número de sábios tiverem "colocado num poste a serpente de bronze", isto é, tiverem acrescentado, em foro íntimo, a *vertical* da Religião à horizontal da Ciência empírica. Isso neutralizará o veneno da fé científica e a transformará em serva da vida.

Foi este o conselho divino dado a Moisés no deserto, entre a montanha de Hor e o país de Edom.

> *"Moisés fez uma serpente de bronze e a colocou em uma haste; se alguém era mordido por uma serpente, contemplava a serpente de bronze e vivia"* (Nm 21,5-9).

Também nós, hoje, no deserto em que nos achamos, temos necessidade da Serpente de bronze colocada numa haste para olharmos para ela e assim salvarmos nossa vida. espiritual.

Ora, a síntese da ciência e da religião não é uma teoria qualquer, e sim ato interior da consciência que consiste em ajuntar a vertical espiritual e a horizontal científica ou, em outros termos - o *ato de erguer a Serpente de bronze.*

Devemos dizer que não se trata só de conselho bíblico ou do desejo piedoso de homem solitário, afligido pelos danos que a fé científica, apoiada no sucesso da ciência empírica, trouxe para a vida espiritual da humanidade, mas de fato já consumado. O grande sábio contemporâneo Pierre Teilhard de Chardin (que é o mesmo que o Padre Pierre Teilhard de Chardin), com duplo conhecimento de causa, levantou muito alto a Serpente de bronze para o nosso tempo. O seu livro O *Fenômeno Humano* (Ed. Tavares Martins), como o conjunto de sua obra, é a síntese

realizada da antinomia "fé-ciência empírica" no sentido de que um verdadeiro sábio, que foi verdadeiro crente, conseguiu unir a horizontal da ciência (e que horizontal!) à vertical da religião (e que vertical!).

Devemos acrescentar que ele não está sozinho e que há muitos outros que conservam a vida olhando para a Serpente de bronze.

Quanto a nós, hermetistas, eis-nos diante de uma obra que deveria ter sido feita por nós, e que não foi porque não quisemos abraçar de todo o coração a causa da ciência e sua disciplina, nem a da religião com sua disciplina. Insistíamos numa ciência nossa e numa fé nossa. Por isso, entre nós ninguém estava em condições de levantar a Serpente de bronze para o nosso tempo. Para fazê-lo teria sido necessário ser, ao mesmo tempo verdadeiro sábio segundo as regras da Academia e verdadeiro crente segundo os critérios da Igreja.

Quem de nós não aplaudiu, pelo menos em sua juventude, a máxima proclamada com clareza por Papus: "Nem Voltaire, nem Loyola! "? o que significa: nem dúvida, nem fé.

O resultado é que duvidamos um pouco e cremos um pouco. Não temos bastante espírito crítico onde ele seria oportuno, mas o temos bastante para tornar nossa fé claudicante quando se trata da aceitação sem reserva dos valores espirituais oferecidos à nossa apreciação. "Nem Voltaire, nem Loyola" significa, na prática, "um pouco de Voltaire e um pouco de Loyola", porque não é possível escapar totalmente da dúvida e da fé.

Mas eis alguém - refiro-me ao Padre Teilhard de Chardin - que teve a coragem de dizer "tanto Voltaire como Loyola" e de ser verdadeiro sábio e, ao mesmo tempo jesuíta. Ele aceitou heroicamente a cruz da dúvida voltairiana *e* da fé inaciana. O resultado foi a visão cheia de luz da marca evolutiva do mundo sob o impulso da Serpente para a meta final designada pela Providência.

Não tenhamos receio, por isso, de nos tornarmos como o "Eremita" do Tarô que vestiu o hábito da fé e é levado pela dúvida a sondar o solo com o bastão! A lâmpada que ele segura, a sua luz, brota da oposição entre a *fé* e a *dúvida.*

O *DOM DO NEGRO PERFEITO*

Os Arcanos do Tarô, volto a insistir, são exercícios espirituais. E o nono Arcano, "o Eremita", é um desses exercícios.

Por isso as meditações precedentes sobre as três antinomias não visavam tanto a uma solução válida para todos, quanto ao esforço espiritual orientado para a solução dessas antinomias. Qualquer pode resolvê-las de maneira mais profunda e mais satisfatória. A solução que acabo de propor é somente uma *ilustração* concreta (e sei que ela está longe de ser a melhor) do esforço individual em ação no exercício espiritual especial, esforço que consiste em colocar-se alguém diante de uma tese e de uma antítese e torná-las tão claras quanto possível - eu diria: de luz cristalizada - de modo que toda a luz intelectual disponível seja

esgotada pelas duas teses opostas. Chegamos assim a estado de espírito no qual tudo o que sabemos e concebemos claramente está colocado na tese e na sua antítese, de sorte que elas sejam como dois raios de luz, ao passo que o nosso espírito estará mergulhado na escuridão. Não sabemos e não vemos mais nada, a não ser a luz dessas teses contrárias; fora delas só há escuridão.

É chegada então a hora de fazermos a coisa essencial do exercício, a saber, *o esforço para tirarmos a clareza da escuridão,* o esforço para conhecermos o que nos parece não só desconhecido, mas também incognoscível.

Com efeito, toda "antinomia" séria significa psicologicamente o seguinte: "a luz que possuo está polarizada entre dois pólos; entre esses dois pólos luminosos só existem trevas". Ora, é destas trevas que devemos tirar a solução da antinomia, a síntese. Da escuridão devemos *criar* a luz. Poderíamos dizer que se trata de ato análogo ao *fiat lux* do primeiro dia da criação.

A experiência nos ensina que há duas espécies de trevas no domínio da consciência. Uma é a da ignorância, da passividade e da preguiça, que é a escuridão "infra-luz" . A outra é a escuridão do conhecimento superior, da atividade intensa e do esforço ainda por fazer - é a "ultraluz". :É desta última que se trata quando se deve resolver uma antinomia ou encontrar a síntese.

A literatura hermética moderna (dos séculos XIX e XX) usa a "neutralização dos binários", isto é, o método pelo qual se encontra o *terceiro* termo ou o termo neutro para os dois termos ("binário") correspondentes ao princípio ativo e passivo. Assim encontram-se no *Traité élémentaire de Science Occulte* de Papus (7~ edição, p. 121) os seguintes exemplos dessa "neutralização":

Pai (+) - *Mãe* (-) - Filho (n)
Luz (+) - *Sombra* (-) - Penumbra (n) *Sol* (+)
- *Lua* (-) - Mercúrio (n)

O método da "neutralização dos binários" (o termo era usado na Rússia; não sei se o é na França) é geralmente considerado pelos autores hermetistas e ocultistas como método tradicional do Hermetismo.

Ora, um binário pode ser "neutralizado" de *três* maneiras diferentes: 1) em cima (síntese); 2) na horizontal (compromisso); 3) em baixo (mistura). A neutralização em cima se verifica quando o termo neutro se encontra em plano superior ao plano do binário:



A neutralização na horizontal se realiza quando o termo médio se encontra entre os dois termos do binário no plano do próprio binário: -:i:-11--=. A neutralização em baixo é efetuada quando se reduz o binário

a terceiro termo em plano inferior ao do binário, pela vida da mistura: +v-
n

Para ilustrarmos os três modos de "neutralização" dos binários, tomemos como exemplo o "corpo das cores" *(Farbenkõrper)* do sábio alemão Ostwald.

"O corpo das cores de Ostwald é formado de dois cones:

Pólo norte

~ Equador

Pólo sul

Esse corpo tem, pois, "pólo norte", "pólo sul" e "equador".

O "pólo norte" é o *ponto branco* ou a síntese de todas as cores. É a luz branca, que se diferencia cada vez mais, à medida que desce para o equador. Nele as cores atingem o máximo de sua diferenciação e de sua intensidade individual. Assim, por exemplo, o vermelho está no ponto do "pólo norte" só em potencialidade, depois ele se torna rosado, quando desce um grau, em seguida rosa, depois avermelhado, para se tornar vermelho vivo quando chega ao equador. O equador é, pois, constituído de sete cores no máximo de sua intensidade.

As mesmas cores, continuando sua descida do equador para o "pólo sul", perdem gradativamente sua luz cromática e esmaecem. Quando atingem o "pólo sul", perdem suas distinções e se tornam todas *pretas.* O "pólo sul" é, pois, o *ponto negro* do "corpo das cores", como o "pólo norte" é o seu *ponto branco.*

O "ponto branco" é a síntese de todas as cores; é a sua "neutralização no alto", na luz. "O equador" é a região da distinção máxima das cores. É nele que se pode estabelecer a transição de uma cor para a outra. É a região na qual a "neutralização na horizontal" pode ser efetuada. Finalmente o "ponto negro" é o da confusão de todas as cores, o ponto em que elas se perdem na escuridão. É a região da "neutralização em baixo".

Esse "corpo de cores", inventado por Ostwald para a indústria têxtil, permite indicar com precisão a latitude e a longitude de toda nuança e de todo grau de intensidade de cada cor. Mas, sem que seu autor o saiba, ele pode constituir, nas meditações herméticas, uma base importante para uma cadeia de analogias.

Podemos, pois, por analogia, conceber o "ponto branco" ou o "pólo *norte"* do corpo das cores como o da *sabedoria,* "o equador" como o da família das ciências particulares do saber humano, e o "ponto negro" ou o "pólo *sul"* como o da *ignorância.* Ora, a Sabedoria é a síntese, no alto, de todas as ciências particulares do saber humano. Ela as contém ao mesmo tempo, indiferenciadas, como a luz branca contém as sete cores prismáticas. A "neutralização" ou a síntese, por exemplo, do binário "amarelo-azul", pode ser efetuada pela ascensão para o "ponto branco" da sabedoria.

O outro método para se encontrar o terceiro termo do binário "amarelo-azul" consistiria em situar no equador das cores prismáticas o ponto da escala de transição do amarelo para o azul que está exatamente no meio da distância qµe separa o "ponto mais amarelo" do "ponto mais azul". Este será o ponto *verde.*

Existe. finalmente, terceiro método para a "neutralização, a saber, do "equador" para baixo. É a direção para o "ponto negro", no qual as cores particulares desaparecem na escuridão. Segundo esse método, a "neutralização" do binário "amarelo-azul" verificar-se-ia quando se encontrasse, na escala do cone invertido do "corpo das cores", um ponto no qual o amarelo e o azul não fossem mais discerníveis, fundindo-se num castanho carregado.

Se tomarmos agora, em lugar do binário "amarelo-azul", o da "matemática-ciência descritível" ou do "matematismo-fenomenalismo" e aplicarmos a ele os três métodos de neutralização, obteremos uma fórmula de síntese transcendente, outra de acomodação ou de equilíbrio e terceira de indiferença. Ei-las:

) *Síntese transcendente:* "Deus geometriza; os números são criadores dos fenômenos" (fórmula de Platão e dos pitagóricos);
2) *Equilíbrio:* "O mundo inteiro é ordem, isto é, os fenômenos acusam limites devidos ao equilíbrio que denominamos medida, número e peso" (fórmula dos peripatéticos, de Aristóteles e outros);
2) *Indiferença:* "O nosso espírito reduz os fenômenos aos números para que se torne mais fácil manejá-los (fórmula dos céticos).

Vemos, pois, que o platonismo estava orientado para o "ponto branco" da sabedoria, o aristotelismo se movia na região "equatorial" das distinções precisas, e o ceticismo tendia para o "ponto negro" do niilismo.

Quanto ao hermetismo, o seu "Eremita" está com a lâmpada, que representa o "ponto luminoso" da síntese transcendente; está envolto no manto, caindo em pregas, do desdobramento das qualidades particulares que se realiza na região do "equador"; ele se apóia no bastão para tatear, no domínio da escuridão, na região do cone invertido, culminando no "ponto negro". Ele é, portanto, platônico peripatético (caminhando em torno do equador), servindo-se do ceticismo ("bastão") quando caminha. Por isso a interpretação tradicional do nono Arcano é a *Prudência.*

A prudência é a consciência constante de estar entre duas escuridões: a escuridão do ponto branco da síntese absoluta em cima, que ofusca e pede preparação lenta e gradual do espírito, a fim de suportar a sua luz sem ficar cego, e a escuridão do ponto negro, do subconsciente em baixo. A prudência é, ao mesmo tempo, a concentração móvel procedendo de "cor" particular para "cor" particular na região "equatorial", entre os dois pólos opostos. Ela está envolta no manto de sua "sinopse'.' não como ciência sempre presente ao espírito, mas como o fundo de cada conhecimento particular, como a certeza da fé na unidade

que a envolve, sem dúvida, e da qual ela está vestida, mas que está aberta na frente para dar espaço ao uso da lâmpada e do bastão - com a *visão orientada* e o *tato concentrado.*

A prudência não tem sempre presente ao espírito a visão do ponto "branco" da síntese, nem a visão da "sinopse", do "arco-íris" das cores. A síntese unitária a envolve como o Inconsciente envolve o consciente, e está presente só como força de orientação, tendência diretiva e impulso fundamental em relação ao Consciente. A prudência jamais elabora "sistema absoluto" de síntese de todo o saber. Ela só se ocupa dos problemas particulares *sobre o fundo de sua síntese presente numa camada mais profunda da consciência.* A síntese geral, compreendendo tudo, *é feita* em outra camada da consciência, diferente daquela na qual o "eu" faz o trabalho intelectual. É assim que o Eremita prudente poderia oferecer-nos dezenas de respostas a dezenas de perguntas, fazendo-o espontaneamente e sem preocupação aparente com a sua concordância, e teríamos a impressão de que cada resposta particular é absolutamente apropriada e não devida a um sistema intelectual previamente estabelecido. Perguntar-nos-íamos, talvez, se não se trata de "poesia intelectual". tão espontânea e ingênua nos pareceria cada resposta particular e, ao mesmo tempo, tão adequada e concludente.

Esta seria a primeira impressão. Todavia, depois de refletirmos melhor, veríamos que todas essas respostas espontâneas e apropriadas revelam atrás de si um "todo", um organismo de síntese, que elas se casam prodigiosamente bem e que, *no fundo,* constituem um só "verbo" articulado.

Então compreenderemos o papel desempenhado pelo "manto" que envolve o Eremita quando ele usa a sua lâmpada para ver com clareza os problemas particulares, e seu bastão para sondar o terreno. O "manto" é a presença da *verdade toda* numa camada mais profunda da consciência; a verdade envolve e inspira todo o trabalho intelectual feito pelo eu consciente com sua lâmpada e com seu bastão relativamente aos problemas particulares. Ela lhe dá a direção e o estilo e vela para que a solução de todos os problemas particulares se harmonize com ela. Ela vive e está presente nisso como a certeza da *fé absoluta,* como a certeza da *impressão* da verdade do alto.

Ora, o iniciado não é aquele que sabe tudo, mas aquele que traz a verdade para uma camada mais profunda de sua consciência, não como sistema intelectual, mas como camada de seu ser, como "manto" que o envolve. Essa verdade-impressão se manifesta como certeza inquebrantável, isto é, como *fé* no sentido da *voz da verdade presente.*

A verdade sintética está presente numa camada da consciência mais profunda do que a da consciência do eu. Ela se encontra na escuridão. É dessa escuridão que brotam os raios da luz dos conhecimentos particulares, dos resultados dos esforços para a "neutralização dos binários" ou para a "solução das antinomias". Esses esforços são excursões pela região da camada mais profunda da consciência, contatos estabelecidos com a escuridão interior, que é carregada de revelações da verdade.

O saber e o poder hauridos nessa região negra e silenciosa da certeza luminosa podem ser designados como "dom do Negro Perfeito" - o *teleion mélan* mencionado no Livro Sagrado de Hermes Trismegisto *Kore Kosmou.*

O "dom do Negro Perfeito" se manifesta no termo de esforços do espírito tais como a "neutralização dos binários" ou a "solução das antinomias". Ele é, pode-se dizer, a essência do Hermetismo e constitui o método próprio dele e, ao mesmo tempo, a faculdade de conhecimento à qual ele deve sua existência.

Ora, o Eremita é a imagem espiritual daquele que segue o método e exerce a faculdade do "dom do Negro Perfeito". Como esse método encerra verdadeira imparcialidade, isto é, a procura da síntese das antinomias e do terceiro termo dos binários, o hermetista deve ser necessariamente solitário, isto é, eremita. A *solidão* é o método do Hermetismo. Porque é necessário ser profundamente só para poder exercer o "dom do Negro Perfeito" diante dos contrários, dos binários, das antinomias, dos partidos, enfim, que dividem e dilaceram o mundo da verdade. Aquele que procura a síntese, isto é, a *paz* verdadeira, não toma partido pró ou contra as coisas opostas. E como é justamente o fato de tomar partido que divide os homens em grupos opostos, ele é sozinho per necessidade. E não pode abraçar, sem reserva, nenhuma causa humana nem ser contra nenhuma outra, leal que é à causa da *verdade,* que é a síntese e a paz. Por isso, queira ou não, ele está condenado à solidão profunda. Ele é eremita em sua vida interior, seja qual for sua vida exterior. Jamais lhe será dada a alegria de juntar-se à coletividade na- . cional, social ou política. Jamais terá a felicidade de participar do peso da responsabilidade com a multidão, nem poderá ser conviva dos festins - e orgias - que impliquem fórmulas como "nós, franceses", "nós, alemães", "nós, Judeus", "nós, realistas", "nós, comunistas". Não lhe é dada a embriaguez do mergulho numa coletividade. Ele deve ser sóbrio, isto é, *sozinho.* Porque a procura da verdade sintética, que é a paz, implica a prudência, e a prudência é a solidão.

Por isso o evangelho coloca aqueles que procuram a paz na mesma lista em que estão os pobres em espírito, os aflitos, aqueles que têm fome e sede de justiça e aqueles que são perseguidos por causa da Justiça, destinando para eles uma felicidade diferente da qual foram privados.

"Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus" - diz o Sermão da montanha (Mt 5,9) daqueles que se recusam a tomar partido diante das verdades parciais e partidárias que dividem o mundo, porque estão empenhados na causa da Verdade total, que une o mundo e lhe traz a *paz.*

Ora, o "Eremita" itinerante, com seu manto, sua lâmpada e seu bastão, é vendedor ambulante da paz, Ele percorre seu caminho passando de opinião em opinião, de crença em crença, de experiência em experiência - e traça, pelo caminho percorrido, a via da paz entre opiniões, crenças e experiências, munido sempre de seu manto, de sua

lâmpada e de seu bastão. Ele o faz sozinho, porque *caminha* (e ninguém pode caminhar por ele) e porque a sua obra é a paz (que é prudência, logo, solidão).

Mas não é preciso ter compaixão dele, porque ele tem as suas alegrias, e elas são intensas. Quando, por exemplo, ele encontra pelo caminho outro eremita itinerante, que alegria, que felicidade a desses dois solitários. Essa alegria não tem nada em comum com a da embriaguez de se sentir livre de toda responsabilidade, sentimento esse que é proporcionado pelo mergulho na coletividade. É, ao contrário, a alegria da responsabilidade que encontra a mesma responsabilidade, e ambos participam e suavizam a responsabilidade de Um Terceiro, daquele que diz de sua vida terrestre:

> *"As raposas têm suas tocas, e os pássaros do céu seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça",*

daquele que é o Mestre ao qual seguem e servem todos os solitários itinerantes do mundo. Ele está "presente" na alegria daqueles que se encontram em Seu Nome.

Alegrias ainda do silêncio profundo carregado de revelações, do céu estrelado, cuja presença solene fala em linguagem de eternidade, das constelações dos astros e dos pensamentos e da respiração do ar cheio de espiritualidade! - Não, não é necessário ter compaixão do Eremita. Embora não tenha, como o Mestre, onde repousar a cabeça, ele já é feliz da felicidade que o Mestre prometeu àqueles que procuram a paz. Ele tem a felicidade de participar da obra do Filho de Deus, tomando parte na solidão da vida terrestre do Filho do Homem.

Aqueles que procuram a paz, os eremitas, não a procuram a qualquer preço, nem qualquer paz, sem distinção. Porque a paz pode ser atingida de vários modos, e é necessário ainda distinguir entre paz e paz.

O "corpo das cores" de Ostwald ainda pode servir-nos de base analógica para os problemas das diferentes espécies de Paz e das dif erentes maneiras de realizá-la.

A paz é a unidade na diversidade. Não existe paz onde não há diversidade, e não há paz onde há só diversidade.

Ora, a unidade onde a diversidade desaparece não é a paz. Por isso o "ponto branco" do "corpo das cores", no qual todas as cores se perdem na luz, é o que torna a paz possível, mas não o é como tal, em si mesmo. Do mesmo modo o "ponto negro" desse corpo, no qual todas as cores desaparecem na escuridão, não é o ponto da paz, mas o da morte da diversidade e dos conflitos que ela pode ocasionar. A região própria para a paz é "ri equador das cores vivas". As cores vivas do arco-íris nas nuvens são a manifestação visível da idéia da paz, porque o arco-íris nos faz ver a unidade da diversidade das cores. É toda a família das cores que se apresenta a nós como sete irmãs segurando umas as mãos das outras.

Por isso, o arco-íris é o sinal da paz (ou da aliança) entre o céu e a terra no *Gênesis* de Moisés:

"Disse Deus: 'Eis o sinal da aliança que instituo entre mim e vós e todos os seres vivos que estão convosco, para todas as gerações futuras: porei meu arco na nuvem e ele se tornará sinal da aliança entre mim e a terra" (Gn 9,12-13).

São possíveis quatro espécies de paz, compreendidas como eliminação dos conflitos ou das oposições: a paz transcendente ou "nirvânica", a paz imanente ou "católica", a paz da predominância ou "hegemônica" e a paz da morte ou "niilista".

A paz transcendente ou "nirvânica" corresponde ao ponto branco do corpo das cores. A paz imanente ou "católica" seria a manifestação viva simultânea de *todas* as cores do arco-íris e corresponderia ao "equador" do "corpo das cores". A paz da predominância ou "hegemônica" corresponderia à faculdade que teria tido uma cor particular de eclipsar as outras cores e de absorvê-las na região do "equador das cores", de modo a restar uma só cor.

A paz da morte ou "niilista" corresponderia ao "ponto negro" do "corpo das cores" e significaria o nivelamento absoluto de toda diversidade.

Dessas quatro espécies de "paz", só a paz que denominamos "imanente" ou "católica" (universal) é a paz real e verdadeira. É a paz da *fraternidade* e do complemento mútuo.

Como a paz que o "Eremita" tem como ideal é esta, ele não é apresentado na lâmina na postura *padmasana* da meditação búdica ou iogue, visando a paz transcendente do Nirvana, nem *assentado* no trono do poder e fazendo o gesto de mandar, nem, enfim, adormecido ou morto sobre a terra, mas *caminhando.* Ele caminha, faz a volta do "equador" das cores vivas do "corpo das cores", e seu caminho é o da paz entendida no sentido da unidade na diversidade.

Segue-se que o Eremita, isto é, o hermetista sério, não é "neutralista ", embora ele aplique seu espírito à "neutralização" dos binários ou das polaridades, à solução das antinomias ou das oposições e à paz do arco-íris ou à unidade na diversidade. Ele sabe dizer "não" às tendências que visam à falsa paz - a da indiferença, a da transcendência, a da sujeição e a do niilismo - como sabe também dizer "sim" a tudo o que visa à paz verdadeira da unidade na diversidade.

Ele sabe dizer "sim" e "não", essas duas palavras mágicas pelas quais a vontade é forte, e sem as quais ela se entorpece. "Sim e não" é a vida da vontade, a sua lei suprema e única. A vontade não conhece terceiro termo entre, fora, em cima ou em baixo de "sim e não". *Amém* e *anátema* não são só fórmulas litúrgicas solenes resumindo a afirmação e a negação últimas, mas também fórmulas da vontade que vive e vigia. A vontade como tal nunca é imparcial, neutra e indiferente. Porque é só no "sim" e no "não" que ela vive e vigia.

Eis-nos chegados a outra antinomia - a antinomia *prática* - "sabedoria-vontade" ou "síntese universal-ação particular" ou ainda "saber-querer".

E necessário saber, isto é, ver a unidade na diversidade, e *é necessário* querer, isto é, cortar a unidade contemplada com a espada afiada, de dois gumes, do "sim" e do "não" da vontade. Tornar-se contemplativo leva à inatividade. Tornar-se ativo leva, em última análise, à ignorância.

Pode-se escolher o gênero de vida contemplativo, mas a qual preço? Qual é o preço da contemplação como caminho principal e preocupação central da vida?

Um navio leva passageiros e equipagem, composta do capitão, dos oficiais e dos marinheiros. O mesmo se pode dizer do barco da sociedade humana, que viaja de século em século. Ele também leva equipagem e passageiros: a equipagem vela para que o barco siga a sua rota e os passageiros cheguem ao porto sãos e salvos. Escolher o gênero de vida contemplativo implica a decisão de tornar-se passageiro do barco da sociedade humana e de deixar a responsabilidade da rota e do bemestar próprio e dos outros passageiros por conta da equipagem: capitão, oficiais e marinheiros. Tornamo-nos passageiros do barco da história humana quando escolhemos o gênero de vida contemplativo. Eis o preço moral dessa escolha.

Não devemos, contudo, concluir muito fácil e superficialmente que todos os religiosos das ordens contemplativas e os eremitas são passageiros. Porque entre esses "contemplativos" se encontram muitas vezes não só marinheiros e oficiais da equipagem, mas também capitães. É assim porque o seu trabalho e o seu objetivo são essencialmente *práticos,* embora espirituais. A *oração,* o serviço divino, o estudo e a vida disciplinada e austera constituem esforço muito ativo e eficaz para se traçar a rota e se fixar o destino do barco da história espiritual humana. Na verdade, são esses "contemplativos" que arcam com a maior parte da responsabilidade no que se refere à rota espiritual do barco e ao bemestar espiritual de sua equipagem e de seus passageiros. Para essas ordens "contemplativo" significa esforço e responsabilidade espirituais, ao passo que no sentido da escolha do pólo do ver a expensas do pólo do querer, "contemplativo" significa que se prefere a *alegria* do ver ao *esforço* do querer e da ação (espiritual ou exterior) que ele implica. Pode-se, é certo, encontrar muitas pessoas que usufruem da vida contemplativa. Raramente são religiosos regulares das ordens ditas contemplativas; muitas vezes são amadores leigos. Eles se encontram entre os adeptos da ioga, da Cabala, do sufismo e da metafísica.

Por outro lado, podemos decidir-nos pelo pólo do querer do ser humano, e de querermos ocupar-nos só daquilo que tem relação com a ação e com o fim prático. Podemos escolher o gênero de vida ativo, mas a que preço?

O preço é inevitável estreiteza de espírito. Para que ocupar-me dos esquimós, com os quais nada tenho a ver, se nem conheço os moradores de minha rua e meus colegas, dirá aquele que escolhe a ação a expensas do saber. Se ele for crente, perguntar-se-á: para que as vãs preocupações do espírito, as filosofias, as ciências e as doutrinas so-

ciais *e* políticas. se os santos preceitos do Evangelho (ou da Bíblia, do Corão, da *Dhammapada* etc.) bastam para a minha salvação e para a da humanidade?

A ação exige concentração, e ela acarreta inevitavelmente a limitação do espírito a aspectos particulares da vida e a perda da vista de seu conjunto.

Ora, a prudência ensinada pelo Arcano "O Eremita" pode ainda dar a solução para a antinomia prática "saber-querer".

O Eremita não está mergulhado na meditação ou no estudo, nem está trabalhando ou agindo. Ele está *caminhando.* Isso significa que ele manifesta *terceiro* estado, além da contemplação e da oração. Em relação ao binário "saber-querer" ou "contemplação-ação" ou, enfim, "cabeça-membros", ele representa o termo de síntese, a saber, o do *coração.* Porque é no *coração* que a contemplação e a ação estão unidas, que o saber se toma querer e que o querer se torna saber. O coração não precisa esquecer o conjunto contemplado, a fim de agir, e não precisa suprimir toda ação, a fim de contemplar. Ele é simultânea e incansavelmente ativo e contemplativo. Ele *caminha.* Caminha dia e noite, e nós ouvimos os passos de seu caminhar incessante. Por isso, se quiséssemos representar um homem que vive a lei do coração, que tem seu centro no coração e que é a expressão visível do coração, o "pai bom e sábio" ou "o Eremita", representá-lo-íamos *caminhando,* sem pressa e sem parar.

O Eremita da nona lâmina é o homem do coração, o homem solitário em marcha. Ele é o homem que realizou em si a antinomia "saber-querer" ou "contemplação-ação". Porque o coração é sua solução.

O coração do qual falamos não é a emotividade e a faculdade de apaixonar-se que geralmente entendemos por "coração" . É o centro dos sete centros da organização vital e anímica humana. É o "lótus de doze pétalas" ou o *Anahata* da antropologia esotérica da índia. Esse centro é o mais *humano* de todos os centros ou "flores de lótus". Porque se
o lótus de oito pétalas ou centro coronal é o da revelação da sabedoria,
olótus de duas pétalas é o da iniciativa intelectual, o lótus de dezesseis pétalas (centro laringiano) é o da palavra criadora, o lótus de dez pétalas o da ciência, o lótus de seis pétalas o da harmonia e da saúde, o lótus de quatro pétalas o da força criadora, e o lótus de doze pétalas (centro cardíaco) é o do *amor.* Por isso ele é o mais humano dos centros e o critério último não do que o homem possui, pode e sabe, mas do que ele *é.*

Porque, no fundo, o homem é o que é o seu coração. É nele que a humanidade do ser humano reside e se revela. O coração é o sol do microcosmo.

Por isso o Hermetismo cristão - como o cristianismo em geral - é "helicêntrico"; ele atribui ao coração o lugar central de toda a sua prática. A grande obra da alquimia espiritual ou do "Hermetismo ético" é a transmutação das substâncias ("metais") dos outros lótus na substância do coração ("o ouro").

"O Hermetismo ético" (termo empregado na Rússia para a alquimia espiritual) visa à transformação do sistema dos lótus *em sistema de sete cores,* isto é, à transformação de todo o ser humano em coração. Na prática isso significa *a humanização* de todo o ser humano e a transformação do sistema dos lótus em sistema que funcione pelo amor e para o amor. Assim, a sabedoria revelada pelo lótus de oito pétalas cessará de ser abstrata e transcendente: ela se tornará cheia de calor como o fogo de Pentecostes. A iniciativa intelectual do lótus de duas pétalas se tomará o "olhar bondoso" sobre o mundo. A palavra criadora do lótus de dezesseis pétalas tornar-se-á mágica: terá a faculdade de iluminar, de consolar e de curar.

O coração como tal, ou o lótus de doze pétalas, o único dos centros que não está preso ao organismo e que pode sair dele e viver - pela exteriorização de suas "pétalas", que podem irradiar-se para fora - com e nos outros, tornar-se-á viajante, visitante e companheiro anônimo daqueles que estão na prisão e no exílio e daqueles que carregam pesadas responsabilidades. Ele será o Eremita itinerante que percorre os caminhos da esfera terrestre bem como os do mundo espiritual, que vão do purgatório até aos pés do Pai. Porque não há distância que não possa ser percorrida pelo amor e não há porta que o impeça de entrar, segundo a promessa que diz: "e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ele". E o coração é o órgão maravilhoso chamado a servir ao amor nessas obras. É a estrutura humana e divina do coração, a sua estrutura de amor que, pela analogia, pode pôr ao alcance de nossa compreensão o sentido da palavra do Mestre: "E eis que *eu estou convosco* todos os dias, até a consumação dos séculos".

A ciência do lótus de dez pétalas tornar-se-á então *consciência,* isto é, serva de Deus e do próximo.

O lótus de seis pétalas, o centro da saúde, tornar-se-á o da santidade, isto é, da harmonia entre o espírito, a alma e o corpo.

A força criadora do lótus de quatro pétalas servirá então de fonte de energia e de impulso inesgotável para o longo caminho do eremita itinerante, que é o homem do coração, isto e, o homem que readquiriu sua humanidade.

O discípulo da Ioga e do Tantra hindus medita ou recita interiormente "rnantras-sementes" *(bija mantra),* a fim de despertar e promover o desenvolvimento desses centros ou *cnakras.*

Ele faz vibrar interiormente a sílaba OM para o centro situado entre as sobrancelhas (o lótus de duas pétalas), a sílaba HAM para o centro laríngeo (o lótus de dezesseis pétalas), a sílaba YAM para o centro cardíaco (o lótus de doze pétalas), a sílaba RAM para o centro umbilical (o lótus de dez pétalas), a sílaba VAM para o centro pélvico (o lótus de seis pétalas) e a sílaba LAM para o centro de base (o lótus de quatro pétalas). Quanto ao centro coronal (o lótus de oito pétalas), não existe *bija mantra* para ele, sendo ele não o meio, mas o fim do desenvolvimento iogue. Ele é o centro da libertação.

Eis agora os *mantras* ou fórmulas cristãs que estão em relação com esses centros:

"Eu sou a ressurreição e a vida"	o lótus de oito pétalas;
"Eu sou a luz do mundo"	o lótus de duas pétalas;
"Eu sou o bom pastor"	o lótus de dezesseis pétalas;
"Eu sou o pão da vida"	o lótus de doze pétalas;
"Eu sou a porta das ovelhas"	o lótus de dez pétalas;
"Eu sou o caminho, a verdade e a vida"	o lótus de seis pétalas;
"Eu sou a verdadeira videira"	o lótus de quatro pétalas.

Eis a diferença e a escolha entre dois métodos. Trata-se, caro Amigo Desconhecido, da escolha entre o método que faz vibrar os sons particulares das sílabas Om, Ham, Yam, Ram, Vam e Lam, e o método que visa à comunhão espiritual com os sete raios do *Eu sou* ou com os sete aspectos do *EU* perfeito, que é *Jesus CRISTO.* O primeiro método visa o despertar dos centros *como eles são;* o segundo visa à *cristianização* de todos os centros, isto é, à sua *transformação* conforme seus protótipos divino-humanos. Aqui se trata da realização da palavra do apóstolo Paulo: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura" (2Cor 5,17).

A obra de cristianização da organização humana, vale dizer, de transformação do homem em *homem de coração,* se efetua na vida *interior* do homem, sendo as flores de lótus somente o campo no qual se manifestam os *efeitos* da obra puramente interior. Ora, o domínio no qual essa transformação é imediatamente efetuada é composto de três pares de contrários ("antinomias" práticas) e de três "neutralizações" desses "binários", *nove* fatores ao todo. Ei-los.

Quando falamos da antinomia prática "saber-querer" e de sua solução, o *coração,* trata-se apenas de vista geral da tarefa de integração do homem. Na *prática,* é mais precisamente "o querer e o coração do saber", "o saber e o querer do coração" e "o saber e o coração do querer", porque existem sentimento e vontade no domínio do pensamento, pensamento e vontade no domínio do sentimento, e pensamento e sentimento no domínio da vontade. Existem, pois, três triângulos do "sabercoração-querer" na prática da obra interior da integração do homem.

Ora, o ensinamento claramente prático do nono Arcano é que é necessário subordinar tanto o movimento que decorre espontaneamente do pensamento como a iniciativa intelectual que ordena ao "coração do pensamento", isto é, ao sentimento profundo que surge no fundo do pensamento, chamado às vezes "intuição intelectual", o qual é o "sentimento da verdade". É necessário também subordinar "a imaginação espontânea e a imaginação ativa e orientada" para a direção do coração, isto é, para o sentimento profundo de calor moral, chamado às vezes "intuição moral", o qual é o "sentimento do belo". É necessário, enfim, subordinar os impulsos espontâneos e os desígnios ordenados da vontade ao sentimento profundo que os acompanha, chamado às vezes "intuição prática", o qual é o "sentimento do bem".

O Eremita da nona lâmina é o hermetista cristão que representa "a obra interior do nove", a obra de realização da supremacia do Coração no ser humano ou, em termos familiares e tradicionais, "a obra da salvação", porque a "salvação da alma" é a restauração do reino do *coração.*

5.

V

O PAPA



O PAPA

O PAPA

At vero Melchisedek, rex Salem, proferens panem et vinum, erat enim sacerdos Dei Altissimi, benedixit ei, et ait: Benedictus Abram Deo excelso ... et benedictus Deus excelsus ... 1

(Gn 14,18)

*Ego sum via, veritas et vita: nemo venit ad Patrem, nisi per me*2

(Jo 14,6)

*De cetero nemo mihi molestus sit: ego enim stigmata Domini Jesu in corpore meo porto*3

(Gl 6,17)

Caro Amigo Desconhecido,

A lâmina "O .Papa" nos coloca na presença do *ato da bênção.* É da maior importância tê-la sob os olhos quando nos damos à interpretação tanto da contextura da lâmina toda como de cada um de seus elementos em particular. Por isso nunca devemos perder de vista que, seja qual for a interpretação que dermos do "Papa", dos acólitos ajoelhados diante dele e das duas colunas atrás dele, e seja qual for o simbolismo que vejamos na tiara e nas três cruzes que ele segura - trata-se em primeiro lugar *da bênção* e dos problemas que ela comporta. Que é bênção? Qual é a sua fonte e qual o seu efeito? Quem tem autoridade para dá-la? Que papel tem ela na vida espiritual da humanidade?

A bênçao é mais do que simples voto formulado por outro; é também mais do que a marca mágica do pensamento e da vontade pessoais impressa em alguém - eia é a colocação em ação do poder divino, que transcende o pensamento e a vontade individuais daquele que abençoa e daquele que é abençoado. Em outras palavras, ela é ato essencialmente *sacerdotal.*

1 "Melquísedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho; ele era sacerdote do Deus Altíssimo. Ele pronunciou esta bênção: 'Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo ... e bendito seja o Deus Altíssimo ... ' " (N. do T.)

2 "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim". (N. do T.)

3 "Doravante ninguém me moleste. Pois eu trago em meu corpo as marcas (estigmas) de Jesus". (N. do T.)

A Cabala compara o papel da oração e da bênção a duplo movimento, ascendente e descendente, semelhante à circulação do sangue. As preces da humanidade sobem a Deus, e, depois de "serem divinamente oxidadas", transformam-se em bênçãos gue descem do alto para baixo. Por isso um dos "acólitos" da lâmina está com a mão esquerda para cima, e o outro com a mão direita para baixo . As duas colunas azuis atrás "do Papa" simbolizam *em primeiro lugar* essa dupla corrente, ascendente e descendente, das orações e das bênçãos. Ao mesmo tempo, "o Papa" mantém elevadas as três cruzes do lado da "coluna da prece" e do acólito em oração, enquanto do lado da "coluna da bênção" e do acólito que recebe (ou "inspira") a bênção, a sua mão direita está levan-
tada, no gesto de bênção.

Os dois "lados" da Cabala - o "direito" e o "esquerdo" - e as duas "colunas" da Árvore sefirótica, a coluna da Misericórdia e a do Rigor, como as duas colunas do Templo de Salomão, *Jakin* e *Boas,* correspondem perfeitamente às colunas da oração e da bênção da lâmina. Porque o Rigor estimula a prece, e a Misericórdia abençoa. O sangue "azul" veno;o de *Boas* sobe, e o sangue "vermelho" arterial oxidado de *Jakin* desce. O sangue "vermelho" traz a bênção vivificante do oxigênio; o sangue "azul" livra o organismo do rigor do ácido carbônico. O mesmo sucede na vida espiritual. A asfixia espiritual ameaça aquele que não pratica a oração de *modo algum;* aquele que a pratica de algum modo recebe, de uma ou outra forma, a bênção vivificante. As duas "colunas" têm, pois, uma significação essencialmente *prática* - espiritualmente tão prática como a da respiração para a vida do orgamsmo ,

Ora, o primeiro ensinamento prático - porque os Arcanos Maiores do Tarô são *exercícios* espirituais - do qumto Arcano se refere à *respiração espiritual.*

Existem duas espécies de respiração: a horizontal, entre o "exterior" e o "interior", e a vertical, entre o "em cima" e o "em baixo". O "aguilhão da morte" ou a crise essencial da agonia suprema é a passagem brusca da respiração horizontal para a respiração vertical. Aqueie, contudo, que, durante sua vida, aprendeu a respiração vertical, será libertado do "aguilhão da morte". Nele a passagem de uma forma de respiração para a outra não será da natureza ele um ângulo reto, mas da de um setor de círculo: _J .J . A transição não será brusca, mas gradual e curvilínea, em vez de ter a forma de linha quebrada.

Ora, a essência da respiração vertical é a alternância da prece com a bênção ou a graça. Esses dois elementos da respiração vertical se manifestam em todos os domínios da vida interior - na razão, no coração e na vontade. Assim um problema da razão, não devido à curiosidade ou à compilação intelectual, mas à sede de verdade, é, no fundo, uma oração. E a iluminação que pode segui-lo é a bênção ou a graça correspondente. No fundo, também o verdadeiro sofrimento é sempre uma oração, e a consolação, a paz e a alegria que podem vir depois dele são efeitos da bênção ou da graça correspondentes a ele.

O verdadeiro esforço da vontade, isto é, o esforço cem por cento, o verdadeiro *trabalho,* é também uma oração. Quando o trabalho é intelectual, é a oração "santificado seja o teu nome". Quando se trata de trabalho criativo, a oração é: "venha o teu reino". Quando o trabalho visa a suprir as necessidades materiais da vida, a oração é: "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje". Todas essas formas de prece na linguagem do trabalho têm suas bênçãos ou suas graças correspondentes.

A lei da correspondência entre a coluna da oração (ou dos sofrimentos, dos esforços) e a da bênção (ou da iluminação, da consolação, dos frutos) está nas bem-aventuranças do Sermão do Mestre na Montanha. As nove (porque são nove, não oito) bem-aventuranças podem ser entendidas como fórmula da *respiração vertical.* Elas no-la ensinam.

Essa respiração é o estado de alma que o apóstolo Paulo designa como "liberdade em Deus", que é nova maneira de respirar. De respirar o sopro divino, que é liberdade.

> "O *Senhor é o Espírito, e onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade"* (2Cor 3,17).

O correspondente espiritual da respiração horizontal é a alternância da "extroversão" e da "introversão" ou a atenção à vida exterior objetiva e à vida interior subjetiva. A lei da respiração horizontal é: "Amarás teu próximo como a ti mesmo". Aqui está o equilíbrio dessas duas direções da atenção.

Quanto à respiração vertical, a sua lei é: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todo o teu pensamento". Nisso está a relação entre a oração e a bênção ou a graça.

Na respiração horizontal existem *três planos* como existem três es-tádios na respiração vertical .

Os três planos da respiração horizontal são:

o *amor* da *natureza,*
o *amor* do *próximo,*
o *amor dos seres espirituais hierárquicos* (anjos etc.).

Os três estádios da respiração vertical são:

a *purificação* (pelo sopro divino),
a *iluminação* (pela luz divina),
a *união mística* (no fogo divino).

Eis porque o "Papa" segura levantada a *tríplice cruz,* formada por três traves transversais, que dividem a linha vertical em três partes. É a *cruz da ressurreição espiritual completa e per/ eita,* horizontal e vertical: :f . É a cruz do tríplice amor ao próximo (próximo inferior - natureza, próximo igual - homem, próximo superior - ser hierárquico) e do tríplice amor a Deus (sopro ou fé, luz ou esperança, fogo ou amor).

Ela é o "cetro" da autoridade do Papa da lâmina como o globo formado pelas duas taças e encimado pela cruz é o cetro do Imperador.

Assim como o Imperador, o guarda do "trono de Davi", representa o humano em relação ao céu, isto é, a imagem e a semelhança divinas no homem, do mesmo modo o Papa, o guarda da Porta das Colunas da Bênção e da Oração, representa o Divino transcendente em relação à humanidade. Os dois *postos,* o do Imperador e o do Papa, são duas realidades espirituais; e são tão reais como o são a "cabeça" e o "coração" na vida do indivíduo. O coração é o centro da respiração e da circulação do sangue; a cabeça é o centro do sistema nervoso e a sede do pensamento.

E como nenhum parlamento fará as vezes da realidade espiritual do posto do Imperador, não podendo o "trono de Davi" ser substituído por uma coletividade, do mesmo modo nenhum concílio ecumênico fará as vezes da realidade espiritual do posto do Papa ou do "trono de Melquisedec, rei da Plenitude *(Salem)",* Seja disparado ou não o "tiro de canhão" predito pelos "círculos esotéricos do Ocidente", continue visível o trono sacerdotal ou seja levado para as catacumbas, ele, apesar dos profetas de sua destruição, permanecerá *firme* e sempre *presente* na história futura da humanidade.

Porque a história - como aliás a vida do indivíduo - é ritmada pelo dia e pela noite. Ela tem um aspecto diurno e um aspecto noturno. O primeiro é exotérico, o outro, esotérico. O silêncio e a escuridão da noite - e tudo o que é "inconsciente" ou "supraconsciente" no ser humano pertence ao domínio da "noite" - estão sempre carregados de acontecimentos em preparação. É o lado mágico da história "do dia", o lado dos fatos e das obras mágicos agindo atrás da fachada da história. Foi assim que, quando o Evangelho foi pregado à luz do dia nos países do Mediterrâneo, seus raios noturnos efetuaram uma transformação profunda no Budismo. Nele o ideal da libertacão individual mediante a entrada no estado de Nirvana cedeu o lugar ao ideal da renúncia ao Nirvana para a obra da misericórdia em favor da humanidade sofredora. O ideal do *Mahaiana,* do Grande Veículo, teve então sua aurora resplandecente no céu dos valores morais da Ásia.

> "O *dia transmite a outro dia a 'palavra' (* **lllN** *-'Omer). A noite indica a outra noite a 'ciência' (* **tljit** *- Da'at)"* (Salmo 19 da Bíblia hebraica; 18 da Vulgata; seu texto latino é o seguinte:
> *Dies diei eructat verbum et nox nocti indicat scientiam).*

Eis a fórmula do duplo ensinamento - pela palavra do dia e pela ciência da noite; da dupla tradição - pelo ensinamento verbal e pela inspiração direta; da dupla magia - pela palavra pronunciada e pela irradiação silenciosa; enfim, da dupla história - da história "visíyel" diurna e da história "invisível" noturna.

Ora, os postos do Imperador e do Papa são realidades aquém e além da soleira que separa o "dia" da "noite" . E "o Papa" da quinta lâmina é o guarda dessa soleira. Ele está assentado entre duas colunas - a do dia ou da oração e a da noite ou da bênção.

"O Imperador" da quarta lâmina é o Senhor do "dia" e o Guarda do Sangue ou da quintessência da realidade noturna do dia. "O Papa" é o guarda da Respiração ou da realidade da relação entre o dia e a noite. Ele guarda o equilíbrio entre o dia e a noite, entre o esforço humano e a graça divina. O seu posto se funda em fatos cósmicos primordiais.

"Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz dia *e às trevas* noite (Gn 1,5)

diz o primeiro livro de Moisés. E o ato que separou o Inteligível do Mistério significa a instauração da respiração cósmica, que é uma analogia do "espírito de Deus movendo-se sobre as águas" . Porque o sopro divmo *(ruan 'elohim)* sobre a profundeza da paz ("as águas" são a realidade tanto cósmica como psicológica do Nirvana) é o protótipo divino da respiração. Então o "Grande Veículo", o "Mahaiana" do Budismo, se elevou para o sopro divino, a Misericórdia, que se move *sobre* as águas da paz pré-cósmica do Nirvana, enquanto o "Pequeno Veículo", o "Hinaiana ", aspira ao fim da respiração; a sua finalidade é mergulhar nas águas da paz - entrar no Nirvana, onde não existe movimento, nem mudança, nem respiração.

Mas o Sopro divino *(ruah 'elohim)* está sobre o oceano da paz nirvânica; ele o movimenta. E renunciar ao Nirvana, depois de ter chegado à sua soleira, significa elevar-se acima do Nirvana e participar do Sopro divino, que o transcende.

Ora, a água primordial, penetrada pelo sopro divino, é a essência do *Sangue;* o sopro refletido pela água é a *Luz;* a alternância rítmica da absorção do sopro pela água e de sua reflexão por ela é a *Respi. ração.* A Luz é o Dia; o Sangue, a Noite, e a Respiração, a Plenitude *(Salem).*

Melquisedec, rei de Salém, *sacerdote* do Deus Altíssimo *(kohen le'el 'elyon* - 1i"'7~ '7"K7 lQj), está, portanto, preposto à Plenitude, à *Respiração,* enquanto o *Rei Ungido,* guarda do "trono de Davi" ou o Imperador, está preposto ao Dia. Embora preposto ao Dia, ele foi ungido pela Noite, deve sua autoridade à Noite e é o guarda da presença misteriosa da Noite no Dia - o Sangue.

Caro Amigo Desconhecido, perguntar-te-ás provavelmente se existe *terceiro* posto, o daquele que é o preposto da Noite.

Sim, existe o posto do Dono da Noite (chamado também "Senhor da Noite"). Aproximar-nos-emos da ordem de idéias relativas a esse posto na undécima Carta, consagrada ao nono Arcano do Tarô.

Baste-nos indicar aqui que em Israel havia *três* postos superiores, os postos de *rei,* de sumo *sacerdote* e de *profeta.* Devemos observar que se trata de *postos,* não de pessoas; isso porque, às vezes, pode acontecer de a mesma pessoa ocupar dois e até três postos.

Mas voltemos ao posto do Papa, que é o tema do quinto Arcano do Tarô. Ele se refere à Respiração espiritual, como já vimos. Por isso o Papa representa uma ordem de verdade e um critério de ver-

dade diferente da verdade e do critério científicos. Para ele, é "verdadeiro" o que comporta a *respiração harmônica,* é "falso" o que perturba a harmonia da respiração espiritual. Assim, o sistema heliocêntrico da ciência astronômica moderna é "verdadeiro" do ponto de vista da ciência dos fenômenos, mas é fundamentalmente "falso" do ponto de vista da respiração espiritual. O Sangue derramado por Cristo sobre a terra é tão precioso que deu à terra uma posição central no espaço dos valores numênicos. O cosmo *geocêntrico* é *verdadeiro,* portanto, do ponto de vista da respiração, isto é, do ponto de vista da vida de oração e de bênção. E o cosmo heliocêntrico, apesar de apoiado por todos os fatos do mundo fenomênico, é *falso* porque desconhece o que é verdadeiramente central - a Encarnação do Verbo - e porque o substitui por um centro situado mais na periferia do valor central. Existe um só centro do espaço fenomênico, e comete o pecado da idolatria quem lhe atribui o papel central, que pertence à Terra santificada, logo, tornada central, pela Encarnação do Verbo.

~ outro exemplo, tirado, dessa vez, da experiência esotérica.

Como dissemos acima, a reencarnação - as vidas sucessivas da mesma individualidade humana - é fato de experiência como o são as vigílias sucessivas dos dias, interrompidas pelo sono das noites. Buda reconhece esse fato como tal, mas o considerava *lamentável.* Por isso a meta da via dos oito estádios que ele ensinava consiste em pôr fim à reencarnação. Porque o Nirvana é o fim das sucessivas vidas terrestres.

Assim, Buda *reconhece* e *nega,* ao mesmo tempo, o fato da reencarnação. Ele o reconhece como *fato* e o nega como *ideal.* Porque os fatos são passageiros, vêm e vão. Houve um tempo em que não havia reencarnação, e chegará o tempo em que não haverá mais. A reencarnação começou depois da queda e cessará com a reintegração. Ela não é, pois, eterna e não é um ideal.

Existem, portanto, duas verdades: uma atual ou temporária; a outra, ideal ou eterna. A primeira se funda na *lógica dos fatos;* a outra, na *lógica moral.* Ora, o Salmo 84 (85 na Bíblia hebraica) designa a verdade atual como il~~ *Cemet)* - "verdade" "veritas", e a verdade baseada na lógica moral ·como ~'!?Q *(hesed),* "misericórdia". Diz o Sl:

"A Misericórdia (hesed) e a Verdade ('emet) se encontram, A
Justiça (çedeq) e a Paz (shalom) se abraçam;
A Verdade ('emet) germina da terra (me'ereç)
E a Justiça (çedeq) olha do alto dos céus (mishamaim)".

Eis todo o problema da "dupla verdade" - e eis a comovente profecia segundo a qual as duas verdades, a factual e a moral, se encontrarão um dia e as suas revelações no homem, a justiça *(çedeq)* e a paz *(shalom),* se abraçarão! Mas é só lentamente que elas se abraçarão, e, dado o atual estado de coisas, muitas vezes elas ainda se contradizem, pelo menos na aparência. Por isso são Paulo podia dizer que "a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (1 Cor 3 .19) . Por isso também a sabedoria divina muitas vezes é loucura diante deste mundo ...

Ora, o Papa, guardião da respiração *espiritual* (e a letra il , *he,* a quinta letra do alfabeto hebraico, tem como hieróglifo primitivo a *respiraçãoi),* é o representante da lógica moral.

A bênção e a prece são as duas colunas entre as quais ele está assentado. Para ele, o verdadeiro é só o que é *ideal.* Eis por que, para ele, o matrimônio é indissolúvel - a despeito das milhares de catástrofes matrimoniais; eis porque a confissão e o arrependimento apagam os pecados - embora milhares de tribunais não façam senão punir os .culpados, arrependidos ou não; eis porque a Igreja é guiada pelo Espírito Santo - não obstante tenha ela praticado ou tolerado a prática da Inquisição durante séculos; e eis por que *uma só vida sobre a terra é suficiente para a salvação eterna* - apesar de as almas se reencarnarem.

Assim o Papa está sempre no meio de um conflito entre a verdade ideal e a verdade atual, entre a Misericórdia *(hesed)* e a Verdade *('emet).* Este conflito é uma *chaga,* a quinta chaga, a *do coração.* Porque, se o Imperador tem quatro chagas, o Papa tem cinco.

Se conheces, caro Amigo Desconhecido, o simbolismo da Cabala, compreendes que a chaga da qual se trata é devida à oposição entre a quarta *Sefirah, Hesed,* a Misericórdia, e a quinta *Sefirah, Geburah,* o Rigor, da Árvore Sefirótica. E que essa chaga está em relação com a sexta *Sefirah, Tijeret,* Beleza ou Harmonia, que é a síntese das duas *Sefirot* precedentes.

Se, além disso, tens alguma noção do Esoterismo cristão, compreendes que a chaga em questão é a do *Sagrado Coração,* causada externamente por "um dos soldados, que lhe transpassou o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água" (Jo 19,34). Compreendes também que foram a Misericórdia e a Verdade *(Hesed* e *'Emet)* que saíram como sangue e água. Por isso o evangelista sublinha a realidade simbólica ou o simbolismo real do fato de que o sangue e a água que saíram da chaga *não estavam misturados* e de que nisso está expresso o sentido espiritual da chaga. Ela é causada espiritualmente pelo conflito entre a Misericórdia e a Verdade, entre a verdade ideal e a verdade atual, que não estão unidas ...

E o evangelista acrescenta: "Aquele que *viu* dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro: e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais".

Portanto, ele *viu* o fato e sabe o que ele significa como símbolo da realidade espiritual da chaga.

Mas ei-nos em pleno esoterismo das Cinco Chagas, da Estrela Resplandecente, do Pentagrama, do Quinário ou do número cinco ...

L. C. de Saint-Martin diz que

> *"Enquanto os números estão unidos e ligados à década, nenhum deles apresenta a imagem da corrupção ou da deformidade. É só quando eles são separados que esses caracteres se manifestam Dentre esses números assim particularizados, alguns são* absolutamente

maus, como 2 e 5. *Eles são, aliás, os únicos que dividem o denário" (Des Nombres,* XXI).

Segundo Saint-Martin, o quinário (quanto ao binário, remetemos à segunda Carta, na qual encontrareis uma apreciação do enunciado de Saint-Martin sobre a natureza má do número Dois) é, portanto, *absolutamente* mau quando não está unido ou ligado à década. Assim fala ele:

"A forma dos animais deve portar-se também como servindo de receptáculo às perseguições dos quinários, perseguições que nós mesmos exercemos contra eles, à imitação dos mesmos quinârios" (Des Nombres, XXXI).

Entretanto, Eliphas Levi diz que

"O *pentagrama exprime o domínio do espírito sobre os quatro (4) elementos, e é por esse sinal que são acorrentados os demônios do ar, os espíritos do fogo, os espectros da água e os fantasmas da terra. Armado desse sinal e convenientemente disposto, podeis ver o infinito através dessa faculdade que é como que o olho de vossa alma, e vos fareis servir por legiões de anjos e de colunas de demônios".* Depois: *"Esse império da vontade sobre a luz astral, que é a alma física dos quatro elementos, é figurado, na magia, . pelo pentagrama, cuja figura pusemos no início deste capítulo ...* " E mais adiante: *"Foi em 24 de julho de 1854 que o autor desse livro, Eliphas Levi, fez, em Londres, a experiência da evocação pelo pentagrama, depois de se ter preparado por meio de todas as cerimônias marcadas no* Ritual" (Ritual, cap. 13). Finalmente: *"Observemos somente que o uso do pentagrama é muito perigoso para os operadores que não têm a sua completa e perfeita compreensão. A direção das pontas da estrela não é arbitrária e pode mudar o caráter de toda a operação, como explicaremos no Ritual" (Dogme de la Haute Magie,* cap. 5).

No *Rituel* (cap. 5) encontramos o resumo da doutrina de Eliphas Levi sobre o pentagrama. Ei-lo:

"O *pentagrama, chamado, nas escolas gnósticas, estrela resplandecente, é o sinal da* onipotência e da autocracia intelectual".

Mas em *La Clef des Grands Mystéres,* Éliphas Levi diz:

"O *quinário é o número religioso porque é o número de Deus unido ao da mulher".*

E mais tarde ainda, em sua obra póstuma, o *Grand Arcane ou l'Occultisme dévoilé,* Eliphas Levi escreve:

"Os ritos antigos perderam sua eficácia depois que o cristianismo apareceu no mundo.

A religião cristã e católica é, com efeito, a filha legítima de Jesus, rei dos Magos.

Um simples escapulário usado por uma pessoa verdadeiramente cristã é um talismã mais invencível do que o *anel e* o *pentáculo de Salomão.*
A Missa é a mais prodigiosa das evocações. Os necromantes evocam os mortos, os bruxos evocam o diabo e ele treme, mas o sacerdote católico não treme quando evoca o *Deus vivo.*
Só os católicos têm sacerdotes, porque só eles têm o *altar e o sacrifício, isto é, toda a religião.*
Exercer a alta Magia é fazer concorrência com o sacerdócio católico, é ser sacerdote dissidente.
Roma é a grande Tebas da nova iniciação. Ela tem por criptas suas catacumbas; por talismãs, seus rosários e suas medalhas; por corrente mágica, suas congregações, por focos magnéticos, seus conventos; por centro de atração, seus confessionários; por meio de expansão, seus púlpitos e os mandamentos de seus bispos; enfim, ela tem seu papa, o *Homem-Deus tornado visível".*

Concluamos citando Joséphin Péladan, que se declara de· acordo com o que precede:

"A Eucaristia é todo o cristianismo; e por ela o *cristianismo se tornou magia viva.*
Depois de Jesus ainda existem bruxos; magos não existem mais" (L'Occulte Catholique, 1898, livro **III,** "Triodes occulte", cap. **II,** "L'Occulte du Fils ou Théurgie ").

Depois de todas essas citações, onde estamos?

Chegamos a problema muito importante: o do pentagrama ou *quinário mau* e do pentagrama ou *quinário bom.*

Porque segundo Saint-Martin - cuja apresentação clara do problema se presta melhor do que qualquer outra para servir de ponto de partida - o quinário é *bom* "quando unido e ligado à década", e "ab:olutamente *mau"* quando separado dela e particularizado. Em outros termos, o pentagrama, como sinal da *autoridade intelectual,* isto é, da personalidade humana emancipada, é *bom* quando é a expressão da personalidade cuja vontade está unida e ligada à plenitude da manifestação da Unidade, isto é, à década; é *mau* quando exprime a vontade da personalidade separada da Unidade. Em outros termos ainda, o sinal é bom quando exprime a fórmula: *Fiat voluntas tua;* [4] é mau quando a fórmula da vontade subjacente é: *Fiat voluntas* mea. [5] É esse o sentido moral e prático do enunciado de Saint-Martin.

Quanto aos enunciados de Eliphas Levi e de Joséphin Péladan, que citamos há pouco, eles acrescentam a persuasão deles de que é a Igreja universal ou católica que representa para a humanidade a década ou a plenitude da unidade manifestada. Para eles, a vontade unida e ligada à essência da Igreja se exprime pelo pentagrama bom, compreendido no sentido de Saint-Martin, e a vontade pura e simplesmente

4 "Faça-se a tua vontade". (N. do T.)
5 "Faça-se a minha vontade". (N. do **T.)**

pessoal, pelo pentagrama mau. Por causa disso Madame Blavatsky acusava Eliphas Levi de seguir a política jesuítica, e os ocultistas antigos, amigos de J oséphin Péladan, lamentavam sua recaída no sectarismo romano.

Mas agora - e aqui não se trata de tomar partido na "Guerra das Duas Rosas", nem de acusar ou lamentar - trata-se do problema da magia pessoal arbitrária (o quinário separado da década) e da magia pessoal sagrada (o quinário *t* unido e ligado à década). Eis a tese que proponho a respeito desse problema, tese que é fruto de 43 anos de experiência no domínio esotérico:

O sinal eficaz da magia pessoal sagrada é o *pentagrama das cinco 'chagas,* ao passo que o *pentagrama das cinco correntes da vontade pessoal* - e pouco importa como as pontas desse pentagrama estejam orientadas - é o sinal eficaz para a imposição da vontade pessoal do . operante aos seres mais fracos do que ele - ele é sempre um ato fundamentalmente tirânico.

Eis a tese que devemos explicar.

Um ato mágico pressupõe efeito que ultrapasse o poder normal do operante. Esse excesso de poder é fornecido, seja por forças que obedecem ao operante, seja por forças emprestadas por ele, seja, enfim, por forças que agem por meio dele e às quais ele obedece.

No caso das forças sujeitas ao operante, trata-se de operação da magia que designamos acima (Ili Carta) como "pessoal ou arbitrária"; isto é, de operação cuja fonte de iniciativa, cujo meio e cujo fim se encontram exclusivamente no poder e no saber da personalidade operante. Essa operação só pode servir-se das forças .inferiores ao operante. Porque não damos ordens aos anjos. Nela ele está sozinho e age como técnico mágico sob sua própria responsabilidade. Poderíamos designar essa espécie de magia também como "faustiana".

No caso das forças emprestadas pelo operante, trata-se de ato de magia coletiva. É a "corrente mágica" que torna o operante mais poderoso; ela lhe "empresta" as forças das quais ele se serve na operação. Nesse caso, o operante é ajudado por forças que são iguais a ele, não mais inferiores, como no caso da magia "faustiana". No caso presente o poder e o efeito dependem do *número* das pessoas que participam da "corrente" . Poderíamos designar essa espécie de magia como "coletiva".

Finalmente, no caso das forças que agem por intermédio do operante e às quais ele obedece, trata-se igualmente de uma "corrente", mas *vertical e qualitativa (hierárquica)* em vez de horizontal e quantitativa, como na magia coletiva. Aqui o operante está sozinho no sentido horizontal, não, porém, no sentido vertical: acima dele os seres superiores agem com ele e por ele. Essa espécie de magia pressupõe o fato de o operante estar em relação consciente com os seres espirituais superiores, isto é, o fato da experiência mística e gnóstica precedente. Designamos essa espécie de magia (III Carta) como "Magia sagrada", porque as forças atuantes nas operações dessa magia são superiores ao operante. Mas seu nome histórico é "teurgia ".

As fórmulas que exprimem a atitude fundamental da vontade pessoal correspondente às três espécies de magia acima referidas seriam:

Fiat voluntas mea [6] (magia faustiana);
Fiat voluntas nostra (magia coletiva);
Fiat voluntas TU A (magia sagrada).

As duas primeiras formas de magia - faustiana e coletiva - usam o método cujo sinal é o pentagrama das cinco correntes da vontade pessoal e coletiva. Elas se baseiam no princípio segundo o qual o forte domina o fraco. É o poder de *coação.*

Quanto à terceira força de magia, a magia sagrada, ela tem por método não a *força* da vontade, mas a sua *pureza.* E como a vontade enquanto tal nunca é inteiramente pura - porque não é a "carne" que traz os estigmas do pecado original, nem o pensamento como tal, mas a vontade - é necessário que as cinco correntes tenebrosas inerentes à vontade humana, isto é, os desejos de *ser grande,* de *tomar,* de *reter,* de *progredir* e de *manter-se a expensas de outrem,* sejam paralisadas ou "cravadas". As *cinco chagas* são, pois, as *cinco vacuidades* que resultam delas nas cinco correntes da vontade. Essas vacuidades se enchem da vontade do alto, isto é, da vontade absolutamente *pura.*

É esse o princípio da magia do pentagrama das cinco chagas. Antes de considerarmos a maneira pela qual são produzidas as cinco chagas da vontade e qual é o método prático concreto da magia do pentagrama das cinco chagas, devemos refletir sobre o conceito de "chaga". .

A "chaga" é a porta pela qual o mundo exterior objetivo irrompe dentro do sistema fechado do mundo interior subjetivo. Em termos biológicos, ela é a brecha das muralhas da fortaleza do organismo pela qual penetram as forças exteriores ao organismo. Uma simples .lesão da pele, por exempio, constitui uma brecha dessa espécie e, durante algum tempo, deixa entrar o ar e outras coisas no interior do organismo, que estaria livre disso, se a pele estivesse intata.

Em comparação com a superfície do corpo humano, coberto pela pele, o órgão da vista, o olho, é uma *chaga* que pode ser coberta por sua pele móvel - as pálpebras. Através dessa chaga o mundo exterior objetivo penetra em nossa vida interior com tanto mais intensidade quanto a vista revela mais do mundo exterior do que o tato. Fechadas as pálpebras, o lugar no qual se efetuava a experiência do mundo chamada "vista" volta a ser uma experiência reduzida do mundo -· normal, contudo, para a superfície inteira do corpo - que designamos como "tato".

Os olhos são feridas abertas e tão sensíveis que *sofrem* com (isto é, reagem a) todos os matizes da luz, de todas as cores. O mesmo sucede com os outros órgãos dos sentidos. Eles são *chagas* e nos impõem

6 "Faça-se a minha vontade. Faça-se a nossa vontade. Faça-se a tua vontade" (N. do T.)

a realidade *objetiva* do mundo exterior. Onde eu quereria ver belas flores meu olho me faz ver um monte de esterco. Sou *forçado* a ver o que o mundo objetivo me mostra através de meu olho. Ele é como *cravo* vindo do exterior para imobilizar a minha vontade.

Os sentidos - quando sãos e funcionando normalmente - são chagas através das quais o mundo objetivo se impõe a nós, sem consideração pela nossa vontade.

Mas os sentidos são órgãos de *percepção,* não de ação. Imaginai que os cinco órgãos da ação - os membros, inclusive a cabeça em sua função de membro - tenham chagas semelhantes. Isto é, que as cinco correntes da vontade, que eles exprimem, dêem acesso a uma *vontade objetiva* que fosse para os desejos pessoais o que as percepções dos sentidos são para o jogo da fantasia.

Eis o conceito esotérico de chaga. Esse conceito pode tomar-se realidade espiritual, depois psíquica - e até física, em algumas pessoas. Os estigmatizados - de são Francisco de Assis ao padre Pio, na Itália, e a Teresa Neumann, na Alemanha de nossos dias - são pessoas nas quais a realidade das cinco chagas atingiu o plano físico. Elas são *órgãos futuros* da vontade em formação - os órgãos da ação, cujo conjunto tem por sinal o pentagrama sagrado, o quinário unido e ligado à plenitude da década, segundo Saint-Martin.

Devemos ainda precisar que as cinco chagas correspondentes às cinco correntes tenebrosas da vontade - os desejos de grandeza pestoal, de tomar, de reter, de progredir e de manter-se a expensas de outrem, que, por sua vez, correspondem aos cinco membros (inclusive à cabeça enquanto membro) - não estão todos situados nos membros correspondentes. O desejo de tomar ou de apossar-se das coisas está preso à mão direita; o desejo de guardar ou reter, à mão esquerda; os desejos de progredir e de manter-se a expensas de outrem correspondem respectivamente aos pés direito e esquerdo - mas o caso de grandeza pessoal e da cabeça é diferente. A cabeça não traz a quinta chaga e isso por dois motivos: primeiramente porque ela traz "a coroa de espinhos" (da qual já tentamos dar uma explicação na quarta Carta), que é trazida, em princípio, por toda pessoa capaz de pensamento *objetivo,* tendo a "coroa de espinhos" sido dada ao ser humano desde o começo da história humana. Ela é esse órgão sutil que, no Ocidente, designamos como "lótus de oito pétalas" e que na índia é chamado "lótus de mil pétalas" ou *Sahasrãra.* (centro coronal). O centro coronal é um dom quase natural de cada ser humano, e toda pessoa normal o possui. Os "espinhos" do centro coronal funcionam como "cravos" de objetividade que formam a consciência (no sentido do termo inglês *conscience* ou do termo alemão *Gewissen* ou do russo *sovest)* do pensamento. Foi graças a eles que o pensamento não se tornou totalmente emancipado e tão arbitrário como, por exemplo, a imaginação. O pencamento *como tal* é, não obstante, o órgão da verdade, e não da ilusão.

Assim, não é o pensamento como tal que contém o desejo de grandeza pessoal ou a tendência para a megalomania, mas *a vontade,* que

se serve da cabeça e que pode apossar-se do pensamento e reduzi-lo ao papel de instrumento. Essa é a segunda razão pela qual a quinta chaga - a da humildade *orgânica,* que substitui a corrente da vontade-degrandeza - não está na cabeça, mas no coração (ela atinge o coração pelo lado direito). Porque é aí que a vontade-de-grandeza tem sua origem e é aí que ela se apodera da cabeça, fazendo-a seu instrumento. Por isso, vários pensadores e sábios, para serem objetivos, querem pensar "sem o· coração" - o que é uma ilusão, porque, sendo o coração o princípio *motor* do pensamento, é impossível pensar sem o coração; é possível somente pensar com coração humilde e quente ou com coração pretensioco e frio .

Ora, a quinta chaga (que, em importância, é a *primeira)* é a do coração e não a da cabeça, sendo a cabeça, *do ponto de vista da vontade ativa,* instrumento ou "membro" do coração.

Vejamos agora a questão concernente à origem das cinco chagas: como são elas produzidas e qual é o método concreto prático da magia do pentagrama sagrado das cinco chagas?

Como são adquiridas as cinco chagas?

Existe apenas um método, um meio, para se chegar a elas. Pouco importa que isso se dê com pleno conhecimento de causa ou instintivamente; todo esoterista, todo místico, todo idealista, todo espiritualista, enfim todo homem de boa vontade, na Europa e na Ásia, usam hoje esse método do mesmo modo que há vinte séculos. Esse método universal de todas as idades e de todas as grandes culturas consiste na prática dos *três votos* tradicionais, a saber de *obediência,* de *pobreza* e de *castidade.*

A *obediência* imobiliza a vontade-de-grandeza do coração; a *pobreza* imobiliza os desejos de apossar-se e de guardar da mão direita e da esquerda; a *castidade* imobiliza os desejos do "caçador" *nemrôdico* - de progredir e de manter-se a expensas de outrem ou, em outros termos, de caçar e de agarrar a caça - do pé direito e do esquerdo.

O voto de *obediência* é a prática do silêncio dos desejos, das emoções e da imaginação pessoais diante da consciência e da razão; é a primazia do ideal sobre o aparente, da nação sobre o pessoal, d~ humanidade sobre a nação, de Deus sobre a humanidade. A obediência é a vida da ordem hierárquica cósmica e humana, o sentido e a justificação da existência dos serafins, dos querubins e dos tronos, das dominações, das virtudes e das potestades, dos principados, dos arcanjos e dos anjos, dos sacerdotes, dos cavaleiros e dos operários. A obediência é a ordem - a lei internacional, o Estado, a Igreja, a paz universal. A verdadeira obediência é o contrário da tirania e da escravidão, uma vez que a sua raiz é o amor, do qual decorrem a fé e a confiança. O que está em cima serve ao que está em baixo, e o que está em baixo obedece ao que está em cima. A obediência é a conclusão do reconhecimento da existência de algo superior. Quem reconhece a Deus, obedece.

A obediência como é praticada nas ordens religiosas e na 'cavalaria espiritual católica é uma forma de atração - muito eficaz,

aliás - da vontade para imobilizar a vontade-de-grandeza. A obediência que o chela deve ao guru, na índia e no Tibete, tem, em princípio, a mesma finalidade. Isso vale também da obediência absoluta que os *hassidim* devem aos seus *çadiqim* nas comunidades judaicas hassídicas; o mesmo se diga da obediência sem reservas dos discípulos dos *Startzy* (Mestres espirituais) da Rússia ortodoxa pré-bolchevista. A fórmula universal da obediência é: *Fiat voluntas tua.*

O voto de *pobreza* é a prática do vazio interior que se estabelece em conseqüência do silêncio dos desejos, das emoções e da imaginação pessoais, a fim de que a alma seja capaz de receber a revelação do verbo, da vida e da luz do alto. A pobreza é a vigília e a espera perpétuas e ativas diante das fontes eternas da criatividade; é a alma pronta para o que é novo e inesperado; é a aptidão para aprender sempre e em toda parte; é *conditio sine qua non* [7] de toda iluminação, de toda revelação e de toda iniciação .

Eis um pequeno conto que mostra maravilhosamente o sentido prático espiritual da pobreza.

Quatro irmãos puseram-se uma vez em caminho à procura do maior tesouro. Depois de uma semana, chegaram a uma montanha de minério de ferro. "Uma montanha toda de mmério de ferro!", exclamou um deles, "eis o tesouro que procurávamos!" - Mas os outros três disseram:
"Este não é o maior tesouro", e continuaram a viagem, ao passo que o outro irmão permaneceu na montanha de ferro. Agora ele era rico, e os outros eram tão pobres como antes. Um mês mais tarde chegaram a um campo coberto de pedras esverdeadas e amareladas. "É cobre!", gritou um dos três irmãos. "É o tesouro que queríamos!" Mas os outros dois não pensaram assim. Ele permaneceu no campo e se tornou o rico proprietário de uma mina de cobre, ao passo que os outros dois continuaram o caminho, com a sua pobreza.

Depois de um ano chegaram a um vale cheio de pedras de brilho esbranquiçado. "Prata!", gritou um dos irmãos. "Eis finalmente o tesouro que procurávamos!" Mas o outro irmão sacudiu a cabeça e continuou a andar, enquanto seu irmão permaneceu no lugar como rico proprietário de mina de prata.

Sete anos mais tarde, o último chegou a lugar pedregoso, deserto e árido. Exausto, sentou-se. Foi então que percebeu que as pedras em volta brilhavam. Eram ouro.

O voto de *castidade* significa a colocação em prática da resolução de viver segundo a lei solar, sem ambição e sem indiferença. Porque a virtude é enfadonha, e o vício aborrecido. Mas o que não é nem enfadonho nem aborrecido é o que vem do fundo do coração. O fundo do coração é o *amor.* O coração só vive quando ama. Ele é então como o sol. E a castidade é o estado do ser humano no qual o coração, tornado solar, é o centro da gravidade.

7 "Condição sem a qual não" (se faz alguma coisa). (N. do T.)

Em outros termos, a castidade é o estado do ser humano no qual o centro, chamado no esoterismo ocidental "lótus de doze pétalas" (na índia, *Anahata),* é despertado e se torna o sol do "sistema planetário" microcósmico. Os três lótus (de dez, seis e quatro pétalas), situados acima dele comecam então a funcionar em harmonia com a vida do coração (lótus de, doze pétalas), isto é, "segundo a lei solar". Quando isso acontece, a pessoa é casta, e pouco importa se é celibatária ou casada. Assim existem virgens que são casadas e mães e virgens físicas que, na realidade, não o são. O ideal da Virgem-Mãe, que a Igreja tradicional (católica e ortodoxa) propõe, é verdadeiramente adorável. E o ideal da castidade que triunfa da esterilidade e da indiferença.

A prática da castidade não diz respeito unicamente ao domínio sexual, mas também a todos os outros domínios nos quais é possível escolher entre a lei solar e todas as espécies de embriaguez obscurecedora. Assim, por exemplo, o fanatismo é um pecado contra a castidade porque é uma corrente tenebrosa dominadora. A Revolução Francesa foi uma orgia de embriaguez coletiva perversa como o foi também a revolução russa. O nacionalismo - como o da Alemanha de Hitler - é também uma forma de embriaguez que afoga a consciência do coração, sendo, portanto, incompatível com o ideal de castidade.

Existem formas de ocultismo prático que se prestam à procura de embriaguez malsã. Joséphin Péladan afirma:

> *"Reconheço que todos nós primeiramente fomos seduzidos pela estética do Oculto; depois, fascinados pelo pitoresco e pelo estranho, aderimos a divertimentos de mulher nervosa; procuramos a emoção - a emoção do invisível e do além - pedimos uma sensação do incorporal" (L'Occulte catholique,* livro III, cap. II, *"L'Occulte du fils ou Théurgie").*

A prática da castidade imobiliza as tendências de *caçador* do ser humano, cujo lado masculino inclina para perseguir a caça e cujo lado feminino inclina a preparar-lhe armadilhas. A prática da pobreza imobiliza as tendências de *ladrão* do ser humano, cujo aspecto masculino inclina a apoderar-se, e cujo aspecto feminino inclina a guardar indefinidamente, em vez de esperar o dom livre ou o fruto merecido do trabalho. A prática da obediência, enfim, imobiliza a vontade-de-grandeza ou as tendências de *usurpador* da natureza humana, cujo aspecto masculino é inclinado a se considerar grande aos próprios olhos, e cujo aspecto feminino se inclina a fazer-se considerar grande pelos outros.

Esses três *votos* constituem, pois, o único método conhecido e in-dispensável para se chegar às "cinco *chagas",* isto é, ao pentagrama eficaz da Magia sagrada. Devemos precisar que não se trata das *virtudes* da humildade, da pobreza e da castidade totalmente realizadas - porque nenhum homem de carne pode possuir totalmente essas virtudes - mas de sua *prática,* isto é, dos esforços sinceros para a sua realização. **O** que importa são esses esforços .

Como assinalamos acima, é a *pureza* da vontade, e não a sua força, que constitui a base da magia do pentagrama sagrado das cinco chagas. Nisso ela corresponde à Magia divina, a qual não força, mas estabelece (ou restabelece) a liberdade de escolha pela *presença* do verdadeiro, do belo e do bem. Ora, na magia do pentagrama· sagrado das cinco chagas, trata-se de efetivar a *presença viva* do bem na consciência do sujeito da operação. Porque o bem não *combate* o mal, não luta contra ele - simplesmente está ou não está presente. A sua vitória consiste em conseguir estar presente, a sua derrota, em ser forçado a estar ausente. E são as cinco chagas que asseguram a presença do bem - isto é, da vontade *pura* do alto.

Eis um episódio que se encontra nas *Considérations sur les Stigmates de Saint François* (Quinta Consideração) e que pode servir de chave para o problema que nos ocupa.

Um irmão franciscano prolongou sua oração durante oito anos depois da morte de são Francisco, para que lhe fossem reveladas as palavras secretas que o serafim lhe tinha dito quando lhe imprimiu os estigmas. Um dia são Francisco apareceu a ele e a mais sete irmãos e, voltando-se para ele, assim falou:

> *"Saibas, meu caríssimo irmão, que quando eu estava no monte Alverne, todo absorvido na recordação da paixão de Cristo, fui, durante essa aparição do serajim, assim estigmatizado no meu corpo por Cristo, e Cristo me disse: 'Sabes o que te fiz? Dei-te as marcas da minha paixão para que sejas meu gonfaloneiro. E como no dia de minha morte desci ao Limbo e, pela virtude de 'meus estigmas, tirei de lá todas as almas que lá encontrei e as levei para o paraíso, assim, para que sejas conforme a mim na morte como o tens sido na vida, concedo-te, desde o presente, que, depois que tiveres deixado esta vida, vás, todos os anos, no dia de tua morte, ao purgatório e, em virtude dos estigmas que te concedi, retires de lá todas as almas das tuas três ordens, a saber, dos Menores, das Irmãs, dos Continentes e, além delas, as de teus devotos que lá encontrares, e as conduzas ao paraíso'. Essas palavras, eu nunca as disse enquanto vivia no mundo".*

Ditas essas palavras, são Francisco desapareceu subitamente. Muitos irmãos ouviram depois essa narração da boca dos oito irmãos que estiveram presentes e ouviram as palavras de são Francisco. E *[rater Jacabus Blancus, lector romanus, praedicavit hoc et dixit se audisse ab uno fratre de supradictis octo* [8] - acrescenta o manuscrito de santo Isidoro mencionado por Paulo Sabatier no fim da narração.

Analisemos agora a narração do ponto de vista da magia do pentagrama sagrado das cinco chagas.

8 "O Irmão Jacó Branco, professor romano, pregou isso e disse tê-lo ouvido de um dos mencionados oito irmãos". (N. do T.)

Pode-se notar logo que os estigmas concedidos a são Francisco são de natureza tanto corporal como espiritual, porque a sua virtude (isto é, o seu poder mágico) continua depois de sua morte. Pode-se notar também que a virtude dos estigmas tanto de Cristo como de são Francisco se revela pelo poder de retirar as almas do Limbo e do purgatório e de levá-las ao paraíso. Observemos, enfim, que a narração é bastante formal no enunciado segundo o qual foi em virtude de seus estigmas que, antes de sua ressurreição, Jesus tirou as almas do Limbo e as conduziu ao paraíso, e segundo o qual é também em virtude de seus estigmas que são Francisco tirará do purgatório, todos os anos, no dia de sua morte, todas as almas ligadas a ele por algum vínculo espiritual e as conduzirá ao paraíso.

Tomemos agora os termos "limbo", "purgatório" e "paraíso" em seu sentido amplo e analógico e teremos a fórmula clara e precisa da operação da magia do pentagrama sagrado das cinco chagas: ela efetua a mudança do estado natural ("limbo") e do estado humano de sofrimento ("purgatório") no de bem-aventurança do estado divino ("paraíso"). A operação da magia do pentagrama sagrado das cinco chagas consiste, portanto, em transformar o estado natural em estado humano e este em estado divino. É a obra da Alquimia espiritual de transmutação do natural ("limbo") e do humano ("purgatório") em divino ("paraíso"), segundo a divisão trinitária tradicional - Natureza, Homem, Deus.

Consideremos agora mais de perto o sentido *prático* dos termos "limbo", "purgatório" e "paraíso" enquanto estádios da obra de transmutação - ou *libertação* - da magia do pentagrama sagrado das cinco chagas.

O seu sentido *prático* não é o do espaço, dos "lugares", mas o do *estado* do ser humano corporal, anímico e espiritual. Quando o compreendemos assim, descobrimos facilmente que os três estados nos são conhecidos por experiência e que essa experiência nos fornece as *chaves analógicas* que nos permitem compreender as idéias de "limbo", "purgatório" e "paraíso" como tais, isto é, em todos os planos e em toda a escala - psicológica, metafísica e teológica - de suas aplicações.

Cada um de nós já deve ter tido a experiência do estado harmonioso da boa saúde acompanhada da despreocupação da alma e da calma do espírito. É o que se chama simplesmente "alegria de viver" . Se não houvesse doenças, dissabores e problemas graves, seria esse o nosso estado natural permanente. Ê o que a *natureza,* enquanto virgem e não-decaída, nos oferece e do que poderíamos gozar constantemente, se não houvesse na natureza elementos decaídos, doenças e pecados e, em nós mesmos, dissabores, temores e remorsos - e sobretudo se a vida toda não fosse o campo no qual a morte ceifa sem cessar. Apesar de tudo, temos, de tempos em tempos, momentos, horas, talvez até dias inteiros de experiências da alegria natural de viver, sem aborrecimentos nem preocupações. Essa experiência nos fornece a analogia que permite compreender o sentido do "limbo". O limbo é o estado natural de saúde física e psíquica que a natureza - fora e dentro de nós - nos pode

oferecer por si mesma, sem o auxílio da graça sobrenatural ou divina. O limbo é a parte virgem da natureza - exterior e humana - segundo a doutrina tradicional da *natura vulnerata, non delecta* [9]• Aqueles que conhecem o *Bhagavadgita* ou que, de modo geral, se interessaram pela tradição Hindu reconhecerão facilmente no estado designado pelo termo "limbo" o estado ou *"gúna"* da natureza *(Prakriti),* chamado *Sattva* na índia, sendo os outros dois *tamcts* e *rajas.*

Quanto à experiência relativa ao "purgatório", ela é constituída por todo sofrimento purificador - físico, anímico e espiritual. O sofrimento corporal, moral e intelectual é o nosso estado intermediário entre a experiência da inocência natural do limbo e os momentos de alegria celeste nos quais a irradiação do paraíso nos atinge.

Aqui na terra chegamos a experimentar antecipadamente o travo do purgatório e o gosto do paraíso. Sofremos e recebemos consolações do céu. A vida humana é a alegria natural inocente, e sua perda vem pelo pecado; dessa situação resultam o sofrimento e os raios de bênçãos do céu que nos consolam. Eis a nossa vida. Ela consiste em experimentar a *realidade* do limbo, do purgatório e do paraíso.

Ora, a magia do pentagrama sagrado das cinco chagas "retira as almas do limbo e do purgatório e as conduz ao paraíso" . Isso significa que ela toma presente o céu no limbo e no purgatório e o faz descer ao domínio da natureza inocente e sofredora. O que, por sua vez, significa que ela introduz o sobrenatural no natural, cura doenças, ilumina as consciências e as toma participantes da vida espiritual. O "Purgatório" compreende *toda* doença e *todo* sofrimento. "Tirar dele" significa libertar dele, isto é, curar, iluminar, unir.

A magia das cinco chagas opera pela *presença* da realidade do mundo espiritual sobre-humano por meio das chagas e efetua a transmutação dos estados "do Limbo" e "do Purgatório" em estado de união com o Divino ou no "Paraíso". Quanto ao ritual ou "técnica" da magia do pentagrama sagrado das cinco chagas, ele está esboçado na terceira Carta, relativa ao Arcano "A Imperatriz".

O quinário "unido e ligado à década", da qual fala Saint-Martin, é, pois, o quinário ou pentagrama das cinco chagas. O outro quinário. que Saint-Martin qualifica como "absolutamente mau", é separado da *década*
•isto é, das cinco correntes (ou "membros") da vontade humana dotada das cinco chagas (ou letras dó nome **illl'iP** - IHSHUH. Jesus - como ele é simbolicamente aceito por Khunrath, Kircher, Saint-Martin e outros, embora em hebraico o nome de Jesus se escreva assim: **yu,;p)** - e da vontade divina.

Eu, contudo, não diria, como Saint-Martin, que o quinário separado da década é absolutamente mau. Ele é, antes, *arbitrário;* mau ele é enquanto é má a pessoa humana emancipada do Divino e do natural.

Em todo caso, o pentagrama que não é o das cinco chagas não é o sinal da "magia negra", mas da magia arbitrária ou "cinzenta", se

9 "Natureza ferida, não destruída". (N. do T.)

O Hexagrama é o voto e a virtude da Castidade, isto é, o sinal e a fórmula do Amor como unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e da Mãe, da Filha e da Santa Alma.

A história espiritual da humanidade é seu caminho da Cruz para o Pentagrama e, pelo Pentagrama, para o Hexagrama, o que significa que ela é a *escola* da obediência, da pobreza e da castidade e, ao mesmo tempo, a *operação mágica divina* na qual o Amor é atingido pela Fé por meio da Esperança .

A Idade Média erigiu a Cruz acima das nações, das sociedades, das aspirações e do pensamento da Europa. Foi a época da obediência e da Fé - acompanhada de todos os abusos humanos imagináveis. A ela seguiu-se uma época na qual se fez sentir a aurora da Esperança. O humanismo, com o florescimento das artes, da filosofia e das ciências, nasceu sob o signo da Esperança. O signo do Pentagrama começou seu movimento ascendente. Nasceu então a oposição entre o Pentagrama sagrado das cinco chagas e o pentagrama da pessoa emancipada. Uma arte, uma ciência e uma magia puramente humanistas se desenvolveram sob o signo do pentagrama da Esperança no homem, oposto ao signo do pentagrama da Esperança em Deus, o pentagrama sagrado das cinco chagas, sob cujo signo se desenvolveu o esoterismo cristão - a mística, a gnose, a magia sagrada e o hermetismo.

O impulso da liberdade - da esperança do homem emancipado - criou e destruiu muita coisa. Criou uma civilização material sem igual, mas também destruiu a ordem hierárquica - a ordem da obediência espiritual. Disso resultou uma série de revoluções religiosas, políticas e sociais.

Mas a ordem hierárquica é eterna, e a obediência, indispensável.
Ora, os homens puseram-se então a estabelecer ordens hierárquicas novas e a substituir a Obediência por tiranias e ditaduras. Quem semeia ventos colhe tempestades - eis uma verdade que aprendemos hoje com· tanto sofrimento. O pentagrama da esperança no homem emancipado semeou ventos no passado - e hoje nós colhemos a tempestade.

Ora, o posto do Papa na história espiritual da humanidade é o de guarda do pentagrama sagrado das cinco chagas, isto é, da única via legítima de passagem da Cruz para ·o Pentagrama e do Pentagrama para o Hexagrama. A função do posto espiritual do Papa consiste em assegurar que o Pentagrama inicie seu movimento ascendente só depois que a Cruz for aceita e que o elevar-se do Hexagrama se efetue só depois que o Pentagrama sagrado das cinco chagas for aceito. A missão do posto do Papa consiste em velar para que a Obediência, a Pobreza e a Castidade espirituais - livres e santas - não desapareçam do mundo e para, que sempre haja no mundo pessoas que as abracem e as representem. Porque a prática desses três votos constitui a condição preliminar da Fé viva, da Esperança luminosa e do Amor ardente - isto é, da *respiração espiritual* da humanidade. Sem a Fé, a Esperança e o Amor ou a Caridade, a humanidade ficaria espiritualmente sufocada. E ficaria sem elas

se desaparecesse a prática da Obediência, da Pobreza e da Castidade espirituais - livres e santas.

O posto do Papa ou a Santa Sé é uma fórmula da magia divina - como o posto do Imperador - na história da humanidade. É o que signi fica o termo esotérico "Pedra". No Antigo e no Novo Testamentos, o termo "pedra" designa o estatuto divino imutável ou a fórmula da magia divina. Por isso o posto do Papa foi instaurado na qualidade de "pedra":

> *"Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela"* (Mt 16,18).

As "cinco portas do inferno" - a vontade-de-grandeza, os desejos de tomar e guardar, os desejos de avançar e de manter-se a expensas de outrem - que são a contrafórmula, não prevalecerão contra a fórmula das cinco chagas. E essas chagas são "as chaves do reino dos céus" .

O poder mágico dessas chaves é tal que o que for *ligado* por sua virtude na terra será *ligado* nos céus e o que for desligado por sua virtude na terra será desligado nos céus. Porque o que está em cima é como o que está em baixo e o que está ern baixo é como o que está em cima. E quando a desobediência, a ambição e a impudicícia prevalecerem sobre a terra, de modo a não ser mais assim - a virtude das chavesou das *chagas sagradas* é que poderá, então, restabelecer a unidade/do que está em cima e do que está em baixo. isto é, *ligar* e *desligar,* por um ato que, posto em palavras, teria o seguinte teor:

Que aquilo que está no alto *seja* como o que está em baixo, e que aquilo que está em baixo *seja* como o que está no alto.

A idéia da hierarquia do Imperador pode ser apresentada assim: &

A idéia da hierarquia do Papa pode ser apresentada assim:

.Elas formam o conjunto: ☓

6.

VI

OS AMANTES



OS AMANTES

OS AMANTES

Ela o agarra e o beija,
E depois diz de modo impudente:
"Ofereci um sacrifício de comunhão, Porque hoje cumpro o meu voto, Por isso saí ao teu encontro, Ansiosa por ver-te, e te encontrei." (Pr 7,13-15)

Eu, a Sabedoria. moro com a savacidade, E possuo o conhecimento da reflexão. Eu amo os que me amam,
E os que me procuram me encontram. (Pr 8,12.17)

Grava-me, como um selo em teu coração, Como um selo em teu braço;
Pois o amor é farte, é como a morte ... Suas flechas sno flechas de fogo,
Uma chama do Eterno. (Ct 8,6)

Caro Amigo Desconhecido,

Eis como se compõe a sexta lâmina, transposta inteiramente da linguagem visual do Tarô para a da poesia de Salomão. Porque na lâmina uma mulher de cabelos pretos, vestido vermelho e modos impudentes agarra um adolescente pelo ombro, enquanto outra, de cabelos louros e manto azul, com gesto casto de sua mão esquerda faz apelo ao seu coração; enquanto isso, do alto, um menino arqueiro, alado, destacando-se de bola branca que emite chamas vermelhas, amarelas e azuis, está prestes a lançar flecha ao outro ombro do adolescente. Contemplando-se a VI lâmina do Tarô, não se ouve voz dizer: "Eu te encontrei"? e outra:
"Aquele que me procura me encontra"? Não se reconhecem a voz da sensualidade, a voz do coração e a flecha de fogo do alto, da qual fala o rei Salomão?

O tema central do sexto Arcano é, pois, o da prática do voto de *Castidade,* como o quinto Arcano tinha por tema de base a *Pobreza,* e o quarto, a *Obediência.* O sexto Arcano é, ao mesmo tempo, o resumo dos dois arcanos precedentes, sendo a Castidade fruto da Obediência e da

Pobreza. Ele resume os três "votos" ou métodos de disciplina espiritual, confrontando-os com as três provas ou tentações opostas a esses votos. A escolha diante da qual o adolescente do sexto Arcano se acha é de alcance maior do que entre o vício e a virtude. Aqui se trata da escolha entre a via da Obediência, da Pobreza e da Castidade, de um lado, e a via do Poder, da Riqueza e da Luxúria, do outro. O ensinamento *prático* do Arcano "Os amantes" trata dos três votos e das três tentações correspondentes, porque é essa a doutrina *prática* do Hexagrama ou *Senário.*

Na sua essência, os três votos são recordações do Paraíso, no qual o homem estava unido a Deus (Obediência), no qual tinha tudo ao mesmo tempo (Pobreza) e no qual sua companheira era também sua mulher, sua amiga, sua irmã e sua mãe (Castidade). Porque a presença real de Deus acarreta necessariamente a ação de prostrar-se diante Daquele "que é mais eu do que eu mesmo" - e aqui está a raiz e a fonte do voto de Obediência; a visão das forças, substâncias e essências do mundo na forma de jardim dos símbolos divinos ou Éden significa a posse de tudo sem escolher, sem pegar, sem apropriar-se de alguma coisa particular, isolada do todo - e aqui está a raiz e a fonte do voto de Pobreza; enfim a comunhão total entre o único e a única, que abrange a escala de todas as relações possíveis do espírito, da alma e do corpo entre dois seres polarizados, comporta necessariamente a integralidade absoluta do ser espiritual, anímico e corporal no amor - e aqui se encontra a raiz e a fonte do voto de Castidade .

Só é casto quem ama a totalidade do seu ser . A castidade é a integralidade do ser não na indiferença, mas no amor, que é "forte como a morte e cujas flechas são flechas de fogo, a chama do Eterno". É a *unidade vivida.* São três, espírito, alma e corpo, que são *um,* e outros três, espírito, alma e corpo, que são *um* - três mais três fazem *seis,* e seis são *dois,* e dois são *um.*

Tal é a fórmula da Castidade no amor. É a fórmula de *Adão-Eva.*
Ela é o princípio da Castidade, a recordação viva do Paraíso.

E o celibato do monge e da religiosa? Como se aplica a eles a fórmula da Castidade "Adão-Eva"?

O amor é forte como a morte, isto é, a morte não o destrói. Ela não pode fazer esquecer, nem fazer cessar de esperar. Aqueles dentre nós, almas humanas, que trazem em si a chama da recordação do Éden não podem esquecê-lo nem cessar de esperá-lo. E se essas almas vêm ao mundo com a marca dessa recordação e, ainda, com a marca de saber que seu encontro com Outro não se dará nesta vida, viverão a vida presente como *viúvas,* enquanto se *recordam,* e como noivas, enquanto *esperam.* Ora, no fundo de seu coração, todos os verdadeiros monges são viúvos e noivos, e todas as verdadeiras religiosas são viúvas e noivas. O verdadeiro celibato dá testemunho da eternidade do amor como o milagre do verdadeiro matrimônio dá testemunho de sua realidade.

Ora, caro Amigo Desconhecido, a vida é profunda, e a sua profundeza é como um abismo sem fundo. Nietzsche *sentiu* isso e o exprimiu em seu *Nachtlied:*

"O *Mensch, gib acht,*
Was spricht die tieje Mitternacht -
I eh schlief, ich schlief - aus tiefem Traum bin ich erwacht. Die W
elt ist tief, noch tiei er ais der Tag gedacht,
Tief ist ihr W eh,
Die Lust - noch tief er als das H erzelied - W eh
spricht - Vergeh,
Doch alle Lust will Ewigkeit, will tie]e, tie]e Ewigkeit"[1]•

Assim é a mesma flecha - "a flecha de fogo da chama do Eterno" - que é a causa tanto do verdadeiro matrimônio como do verdadeiro celibato. O coração do monge está atravessado por ela - por isso ele é monge - como o está o coração do noivo nas vésperas das núpcias. Onde há mais verdade e mais beleza? Quem poderá dizê-lo?

E a caridade, o amor do próximo? Qual é sua relação com o amor, cujo protótipo é dado pela fórmula "Adão-Eva"?

Estamos cercados de inúmeros seres vivos e conscientes, visíveis e invisíveis. Embora saibamos que eles existem realmente e que são tão vivos como nós, parece-nos que eles existem *menos realmente* e que são *menos vivos* do que nós. Para nós, na percepção intensa da realidade, nós é que vivemos, enquanto os outros seres, em comparação conosco, parecem-nos menos reais; a sua existência tem mais da natureza de uma sombra do que da realidade completa. O nosso pensamento nos diz que é uma ilusão, que os seres fora de nós são tão reais como nós e que vivem tão intensamente como nós; mas é inútil, porque, apesar disso, nós nos *sentimos* no centro da realidade e vemos os outros seres como que afastados desse centro. Qualifique-se essa ilusão de "egocentrismo", de "egoísmo" ou de *ahamkara* ("ilusão do eu") ou de "efeito da queda primordial", nada disso tem importância, uma vez que nem por isso ela cessa de nos fazer sentir-nos como mais reais do que os outros.

Ora, sentir alguma coisa como plenamente real é amar. É o amor que nos desperta para a realidade de nós mesmos, para a realidade do outro, para a realidade do mundo - e para a realidade de Deus. Nós nos amamos, sentindo-nos reais. E não amamos - ou não amamos tanto quanto a nós - os outros seres que nos parecem menos reais.

Ora, duas vias, dois métodos bem diferentes podem libertar-nos da ilusão do "eu vivo - tu sombra", e a escolha cabe a nós. Uma con-

1 Ó homem, presta atenção,
Ao que diz a profunda meia-noite -
Eu dormi, dormi - acordei-me de sonho profundo.
O mundo é pensado profundamente, mais profundamente do que o dia, Profunda é a sua dor,
O prazer é ainda mais profundo do que a canção do coração! A dor diz: passa,
Mas todo prazer quer a eternidade, a profunda, profunda eternidade. (N. do T.)

siste em *extinguir* o amor a si mesmo e em tornar-se "uma sombra entre as sombras"; é a igualdade na indiferença. A índia nos oferece esse método da libertação da *ahamkara,* da ilusão do eu. Essa diferença é destruída quando alguém *aplica a si mesmo a indiferença que tem pelos outros.* Assim ele se reduz ao estado de sombra como as outras sombras que o cercam. *Maya,* a grande ilusão, consiste em acreditar q_ue os seres individuais, eu e tu, seriam alguma coisa mais do que sombras, aparências sem realidade. A fórmula a realizar-se é, pois, *eu sombra - tu sombra.*

A outra via ou método consiste em alguém *estender aos outros o amor que tem a si mesmo,* a fim de realizar a fórmula: *eu vivo - tu vivo.* Trata-se de tornar os outros seres tão reais como ele, isto é, de amá-los como a si mesmo. Para isso, é necessário, em primeiro lugar, amar o *próximo* como a si mesmo. Porque o amor não é programa abstrato, mas *substância e intensidade.* Por isso ele precisa jorrar como tal na direção de *um* ser individual, a fim de que possa começar a irradiarse em todas as direções. "Para fazer ouro é necessário ter ouro", dizem os alquimistas. O equivalente espiritual dessa máxima é que para se amar a todos é necessário amar alguém, isto é, o próximo.

Quem é o próximo, no sentido hermético, isto é, nos sentidos místico, gnóstico, mágico e metafísico ao mesmo tempo? É o ser mais próximo desde o começo, a alma-irmã desde toda a eternidade, a alma gêmea da minha que contemplou a aurora da humanidade.

A aurora da humanidade é o que a Bíblia descreve como Paraíso.
Ora, foi nesse estádio do ser que Deus disse: "N~o é bom que o homem esteja só" (Gn 2,18).

Ser é amar. Estar só é amar a si mesmo. Ora, "não é bom *(tov)* que Adão esteja só" significa: não é bom que o homem ame só a si mesmo. Foi por isso que IHVH Elohim disse: Vou fazer-lhe uma auxiliar semelhante a ele *('ezer kenegedo,* "auxiliar semelhante a ele"). E como Eva era uma parte dele, Actao a amou como a si mesmo. Eva foi, pois, o "próximo", o ser mais próximo ("osso de meus ossos e carne de mmha carne") de Adão.

Eis a origem do amor; ela é comum ao amor que une o homem e a mulher e ao amor do próximo . No começo havia um só amor, e a sua fonte era uma só, como o seu princípio era um apenas.

Todas as formas de amor (caridade, amizade, amor paterno, amor materno, amor filial, amor fraternal) procedem da mesma raiz única e primordial do casal Adão-Eva. Porque foi então que o amor - a *realidade* do Outro - brotou e pôde depois manifestar-se e diversificarse. É o calor do amor do primeiro casal (e pouco importa que fosse um só ou milhares de casais - trata-se do primeiro jorro qualitativo do amor, e não da quantidade de casos simultâneos ou sucessivos desse jorro) que se reflete no amor dos pais aos filhos, refletido, por sua vez, no amor dos filhos aos pais, refletido ainda no amor dos filhos entre eles, refletido enfim no amor a todo o parentesco dos seres humanos e,

além do parentesco imediato, por analogia, no amor a tudo o que vive e respira. . . Uma vez surgido como substância e intensidade, o amor tende a difundir-se ramificando-se e diversificando-se segundo as formas de relações humanas nas quais ele entra. É uma corrente em cascatas que tende a tudo encher e a tudo inundar. Por isso, quando existe amor verdadeiro entre os pais, os filhos amarão, por analogia, os pais e se amarão mutuamente; amarão, por analogia - como irmãos e irmãs seus "por adoção" psicológica - seus amigos na escola e na vizinhança; amarão, sempre por analogia, seus mestres, preceptores, sacerdotes etc., levados pelo reflexo do amor que têm a seus pais - e mais tarde amarão suas esposas e seus esposos como seus pais se amavam outrora.

Tudo isso é claramente o inverso da doutrina pansexual de Sigmund Freud. Porque em Freud é a "libido" ou o desejo sexual que é a base de toda atividade psicológica humana e que constitui a sua energia motora, a qual - mediante a "sublimação" ou direção por canais diferentes da satisfação do desejo sexual - toma-se a força criadora social, artística, científica e religiosa. Mas, o amor inteiro, entendido no sentido da fórmula "Adão-Eva", está para o desejo sexual como a luz branca contendo as sete cores está para a luz vermelha. O Amor "Adão-Eva" compreende toda a escala das cores não diferenciadas, enquanto a "libido" de Freud é apenas uma cor isolada e separada do todo. O *todo* é o princípio da Castidade, e a separação do todo é exatamente o inverso da Castidade, é o princípio da impudicícia. Porque a impudicícia é a autonomia do desejo carnal, o que prejudica a integridade do ser humano espiritual, anímico e corporal. O desejo sexual é apenas um aspecto do amor - o aspecto refletido pela parte do organismo físico e psíquico que é o domínio especial do *lótus de quatro pétalas* - e que constitui somente a *sétima parte* do organismo físico-psíquico humano. Além do desejo sexual existem, pois, *seis aspectos,* cujo alcance não é menor e cuja doutrina Freud ignora ou cuja existência nega.

Como Karl Marx, impressionado pela verdade parcial, reduzida à sua base simples, segundo a qual é preciso comer para se poder pensar, elevou o interesse econômico a princípio do homem e da história humana, Sigmund Freud, impressionado pera verdade parcial, segundo a qual é preciso primeiro nascer para se poder comer e pensar e para nascer é necessário o desejo sexual, elevou este último a princípio do homem e de toda a cultura humana. Como Marx via na base do *homo sapiens* [2] o *homo oeconomicus* [3], Freud viu na base do *homo sapiens* o *homo sexualis,* o "homem sexual".

Alfred Adler não podia seguir seu mestre na atribuição da primazia absoluta ao sexo, a experiência contradizendo em muitas ocasiões essa doutrina. Por isco esse fundador da escola da psicologia das profundezas *(Tiejenpsychologie}* foi levado a descobrir que é a vontadede-poder que desempenha o papel preponderante no fundo do ser hu-

2 "O homem capaz de conhecimento". (N. do **T.}** 3 "Homem econômico". (N. do T.}

mano. Adler propõe então a doutrina do *homo potestatis,*[4] do homem movido pela vontade-de-poder em lugar do *homo sapiens* da ciência do século XVIII, do *homo oeconomicus* de Marx e do *homo sexualis* de Freud.

Mas Carl Gustav Jung, embora admitindo a verdade parcial das doutrinas de Freud e de Adler, foi levado pela experiência clínica à descoberta de uma camada psíquica mais profunda que as estudadas por Freud e Adler. Ele teve de admitir a realidade de uma camada *religiosa,* que jaz na profundeza maior do que as camadas do sexo e da vontade-depoder. Assim, graças ao trabalho de Jung, o homem é, no fundo, *homo religiosus,* um ser "religioso", embora seja também uma entidade econômica, uma entidade sexual e uma entidade que aspira ao poder.

Ora, Carl Gustav Jung restabeleceu o princípio da Castidade no domínio da psicologia, sendo as outras escolas psicológicas mencionadas contrárias à Castidade, uma vez que destroem a unidade dos elementos espirituais, anímico e corporal do ser humano. Ele descobriu o sopro divino no fundo do ser humano.

A obra de Jung comporta também a inauguração de novo método no domínio da psicologia. B o método da exploração sucessiva das camadas psíquicas correspondentes às camadas da arqueologia, da paleontologia e da geologia. E como a arqueologia, a paleontologia e a geologia vêem as camadas que estudam como os arquivos do passado, como o tempo tornado espaço, também a psicologia das profundezas, da escola de Jung, trata as camadas psíquicas como o passado vivo da alma, um passado tanto mais recuado quanto mais profunda a camada. A medida da profundeza é, ao mesmo tempo, a da história do passado da alma, indo muito além do limiar do nascimento. Pode-se perguntar se essas camadas são coletivas ou individuais, se a sua sobrevivência se deve à hereditariedade ou à reencarnação - mas não se pode mais negar a realidade delas nem seu valor de chave da "história psíquica" do homem e da humanidade. Mais ainda: não se pode mais negar o fato de que, no domínio psíquico, *nada morre* e de que o passado todo *vive no presente,* nas diferentes camadas da consciência profunda - "o inconsciente" ou a subconsciência - da alma. Porque se as camadas paleontológicas e geológicas só contêm as impressões e os fósseis do passado morto - as camadas psíquicas constituem um testemunho *vivo* do passado vivido. Elas são o passado que continua a viver, a *memória* - não intelectual, mas psíquicamente *substancial* - do passado vivido. Por isso, nada perece e nada se perde no domínio psíquico: a história *essencial,* isto é, as alegrias e os sofrimentos *reais,* as religiões e as revelações reais do passado continuam a viver em nós, e em nós é que se encontra a chave da história essencial da humanidade.

Ora, é em nós que se encontra também a camada "edênica" ou a história do Paraíso e da Queda, cuja narração está no livro do Gênesis de Moisés. Duvidais da verdade *essencial* dessa narração? Descei às

4 "Homem do poder". (N. do T.)

profundezas de vossa alma, descei até as *raízes,* até as fontes do sentimento, da vontade e da inteligência e *sabereis.* Sabereis, isto é, tereis a *certeza* de que a narração bíblica é *verdadeira* no sentido mais profundo e mais autêntico do termo - no sentido de que, para poderdes duvidar da verdade intrínseca da narração de Moisés, deveríeis negar a vós mesmos e o testemunho da *estrutura* interior de vossa alma. A descida às profundezas de vossa alma, meditando na narração do Paraíso do Gênesis, eliminará toda possibilidade de dúvida. Eis a natureza da certeza que ela proporciona.

Mas, é evidente, não se trata de certeza quanto ao jardim, às suas árvores, à serpente ou ao fruto proibido, mas quanto às *realidades* vitais, psíquicas e espirituais que essas imagens ou símbolos revelam. Não é a *linguagem* simbólica da narração que dá a certeza de sua verdade, mas o que ela exprime.

Em linguagem simbólica ela exprime a primeira camada - primeira no sentido de *"raiz* de tudo o que é humano na natureza humana" - da vida psíquica humana ou de seu "começo". Ora, o conhecimento do começo, *initium* em latim, é a essência da *iniciação.* A iniciação é a experiência consciente do *estado inicial* microcósmico (iniciação hermética) e macrocósmica (iniciação pitagórica). A primeira é uma descida consciente às profundezas do ser humano até sua camada inicial. O seu método é o *ênstase,* isto é, a experiência das profundezas de base dentro de si mesmo O homem se torna cada vez mais *profundo* até despertar em si a camada primordial - ou "a imagem e a semelhança de Deus" - o que é o objetivo do ênstase , A experiência do ênstase se dá principalmente por meio do sentido do "tato espiritual" . Ela pode ser comparada com a experiência química sentida no plano psíquico e espiritual.

A segunda experiência iniciática - que denominamos como "pitagórica", do ponto de vista histórico - baseia-se sobretudo no sentido da "audição ou do ouvido espiritual" . Ela é essencialmente *musical,* como a primeira é substancial ou *química.* É pelo *êxtase* - ou arrebatamento ou saída *fora* de si mesmo - que as "camadas" ("esferas" ou "céus") macrocósmicas se revelam à consciência. A "música das esferas" de Pitágoras foi essa experiência e foi também a fonte da doutrina pitagórica da estrutura musical e matemática do macrocosmo. Porque os sons, os números e as formas geométricas constituíam três espaços para a visualização da experiência inefável da "música das esferas".

Foi do ponto de vista histórico que falamos da iniciação macrocósmica pelo êxtase "pitagórico". Porque ela não é prerrogativa da época anterior ao Cristianismo. Eis o que diz o apóstolo Paulo sobre sua experiência extática das "esferas" ou dos "céus":

> *"Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu (se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe). E sei que esse homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado até o Paraíso e 'ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir' -*

(et audivit arcana verba, quae non licet homini loqui - kai ékousen arrete rêmata, ha ouk exon anthropô lalêsai)" (2Cor 12,2-4).

São Paulo foi, pois, *arrebatado* até o terceiro céu ou até a terceira esfera macrocósmica e, em seguida, até o *Paraíso,* onde *ouviu* palavras inefáveis. . . A sua iniciação macrocósmica pelo êxtase se verificou, portanto, na esfera do Paraíso, cujo objetivo é a experiência consciente - "e ouviu palavras inefáveis" - a qual é o objeto também da iniciação pelo ênstase, no qual ela tem o caráter de experiência da camada primordial no fundo do ser humano do microcosmo. A esfera macrocósmica do Paraíso e a camada microcósmica do Éden são os *initia,* os "começos" nos quais o homem é iniciado pela iniciação tanto micro-cósmica quanto macrocósmica. O êxtase nas alturas fora de si e o ênstase nas profundezas dentro de si conduzem ao conhecimento da mesma verdade fundamental.

O esoterismo cristão une esses dois métodos iniciáticos . O Mestre tem dois grupos de discípulos - "os discípulos do dia" e os "discípulos da noite", sendo os primeiros os discípulos da via do ênstase, e os segundos, os da via do êxtase. Há ainda terceiro grupo de discípulos, os "de dia *e* de noite", isto é, o dos que possuem as chaves das duas portas ao mesmo tempo - da porta do êxtase e da do ênstase. Assim o apóstolo João, o autor do Evangelho do Verbo feito Carne, era, ao mesmo tempo, aquele que ouvia o coração do Mestre. Ele tinha as duas experiências, a macrocósmica e a microcósmica, do Verbo cósmico e do Sagrado Coração, cuja ladainha diz: "Cor [esu, rex et centrum omnium cordium ". Graças a essas duas experiências, o Evangelho que ele escreveu é, ao mesmo tempo, tão cósmico e tão humanamente íntimo, tão *alto* e tão *profundo.* Nele estão unidas a esfera solar macrocósmica e a camada solar microcósmica, o que explica sua singular magia.

Porque a *realidade* do Paraíso é a união da esfera solar macrocósmica e da camada solar microcósmica - da esfera do coração cósmico e do fundo solar do coração humano. A iniciação cristã é a experiência consciente do coracão do mundo e da natureza solar do homem. Neles *Deus Homem* é o Iniciador, e não há outro.

O que subentendemos atrás do termo "Iniciador", os antigos cristãos o subentendiam atrás do termo *Kyrios,* "Dominus" ou "Senhor". Por isso o esoterismo ou o hermetismo cristão adere com sinceridade absoluta - hoje como no passado - às palavras do Credo recitadas pela Igreja:

"Et in unum Dominum *Jesum Christum,*
Filium Dei unigenitum.
Et ex Patre natum ante omnia saecula.
Deum de Deo, lumen de lumine, Deum
verum de Deo vero.
Genitum, non f actum, consubstantialem Patri:
Per quem omnia facta sunt.
Qui propter nos homines,

et propter nostram salutem descendit de coelis, Et
incarnatus est de Spiritu Sancto
ex Maria Virgine: et homo factus est. [5]

Inclinamo-nos com respeito e gratidão diante de todas as grandes almas humanas do passado e do presente - dos sábios, dos justos, dos profetas, dos santos de todos os continentes e de todas as épocas da história humana - e estamos prontos a aprender com eles tudo o o que eles quiserem e puderem ensinar, mas temos um só Iniciador ou Senhor. Certeza obriga.

Mas voltemos ao tema do Paraíso.

O "Paraíso" é, pois, ao mesmo tempo, a camada fundamental de nossa alma e uma esfera cósmica. Ele é encontrado tanto no ênstase como no êxtase. Ele é a região do começo, portanto, dos princípios. Há pouco encontramos nele os princípios dos três votos - de obediência, de pobreza e de castidade. O Paraíso, sendo a região do começo ou dos princípios, é também a do começo da "Queda" ou do princípio da *tentação,* isto é, do princípio da transição da obediência para a desobediência, da pobreza para a cupidez e da castidade para a impudicícia.

No Paraíso houve três tentações como três foram as tentações de Jesus no deserto. Eis os elementos essenciais das três tentações do Paraíso como descritas pelo livro do Gênesis na narração da Queda:

1 . Eva *ouviu* a voz da Serpente;
2. *Viu* que a árvore "era boa ao apetite e formosa à vista";
2. *Tomou* do seu fruto e comeu; deu-o também ao seu marido, e ele comeu.

A voz da Serpente é a do ser vivo ("animal") cuja inteligência é a mais avançada (" o mais asttito ") de todos os seres vivos Canimais ") cuja consciência é voltada para a horizontal (" animais dos *campos").* Ora, antes da queda, a inteligência de Adão-Eva era *vertical,* os seus olhos ainda não tinham sido "abertos" e "os dois estavam nus e não se envergonhavam", o que significa que estavam conscientes das coisas no sentido vertical - do alto para baixo ou, em outros termos, em Deus, por Deus e para Deus. Eram inconscientes das coisas "nuas", isto é, das coisas separadas de Deus. A fórmula que exprime a sua percepção,

5 "E em *um só Senhor,* Jesus Cristo,
Filho unigênito de Deus,
Que procede do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, luz da luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro.
Gerado, não feito, consubstancial com o Pai, pelo qual todas as coisas foram feitas.
O qual, por nós, homens,
e pela nossa salvação, desceu dos céus
e se encarnou por obra de Espírito Santo,
de Maria Virgem e se fez homem". (N. do T.)

a sua visao das coisas, era: "O que está em cima é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está em cima". Por isso, "apesar de estarem nus, não tinham vergonha". Porque viam a idealidade divina exprimindo-se através da realidade fenomênica. Era a con::::ciência (a ciência simultânea do ideal e do real) vertical, cujos princípios estão formulados na Tábua de Esmeralda. A fórmula da consciência horizontal da Serpente *(Nahash)* seria a do realismo puro e simples: "O que está em mim é como o que está fora de mim, e o que está fora de mim é como o que está em mim". É a consciência (a ciência simultânea do subjetivo e do objetivo) horizontal que vê as coisas não em Deus, mas separadas dele ou "nuas", em si mesmas, por si mesmas e para si mesmas. E como aí o "eu" constitui Deus (sendo a consciência horizontal a da separação do sujeito e do objeto), a Serpente diz que no dia em que Adão-Eva comerem do fruto da árvore que está no meio do jardim, seus olhos se abrirão e eles serão *como os deuses* - isto é, o seu "eu" substituirá a função antes exercida por Deus - conhecendo o bem e o mal. Se antes eles viam as coisas na luz divina, vê-las-ão depois na sua própria luz, passando a função da luz a pertencer a eles - como pertencia a Deus. A *fonte* da luz será transferida de Deus para o homem.

Eis a tentação que a voz da Serpente fez Eva ouvir. A sua essência é o princípio do *poder,* que é a autonomia da luz da consciência. E Eva *ouviu* a voz da Serpente. Para ela, essa voz era tão audível como a outra Voz, a do alto, que trazia o mandamento único: poderás comer de todas as árvores do jardim; mas não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dele comeres morrerás.

Ela ouviu, portanto, *duas* vozes, duas inspirações provenientes de fontes contrárias. Eis a origem e o princípio da *dúvida.* A dúvida é a inspiração dupla; a *fé* é a inspiração única; a certeza é a dúvida vencida - a fé reconquistada.

A Obediência, o princípio da Obediência, é o devotamento sem reserva à *única* voz do alto. Ora, o próprio fato de Eva *ter ouvido* uma voz diferente da do alto, de *ter comparado* as duas vozes, isto é, de tê-las considerado como se pertencessem ao *mesmo plano,* de ter, portanto, *duvidado* - esse próprio fato foi um ato de *desobediência* espiritual e foi também a raiz e o começo da queda.

Foi então que ela *olhou* para a árvore e viu que ela "era boa ao apetite e formosa à vista" - o que é a segunda fase da tentação e o segundo estádio da queda. Porque foi depois de ter ouvido a voz da Serpente que ela olhou para a árvore. Olhou de modo novo: não mais da maneira do passado, quando vibrava em seu ser somente a Voz do alto e quando ela não sentia a menor atração diante da árvore, mas, com a palavra da Serpente vibrando em seu ser - com um olhar que pedia, comparava, *duvidava,* isto é, que estava pronto para *fazer a experiência.* Porque a dúvida impele para a experiência, que permite sair dela, a menos que quem duvida a supere, elevando-se a plano superior.

Foi olhando para a árvore com esse novo modo que ela lhe pareceu "boa ao apetite e formosa à vista". Ser impelido para experiências é o começo e o princípio da *cobiça,* o princípio oposto à *pobreza.*

Foi depois de ter olhado para a árvore dessa nova maneira que Eva estendeu a mão, "tomou-lhe do fruto e comeu; deu-o também a seu marido, e ele comeu". Eis a terceira fase da tentação e o terceiro estádio da queda: sair da dúvida lançando-se à experiência e fazendo o outro participar dela.

B o começo e o princípio da impudicícia, contrário ao princípio da Castidade. Porque fazer a *experiência no fundo da dúvida* é a essência da impudicícia carnal, anímica e espiritual. Por isso não se fazem experiências no esoterismo ou no hermetismo cristão. Nunca se um o recurso a experiências para se sair da dúvida. Tem-se experiência, mas não se *fazem* experiências. Porque estender a mão e *tomar* da árvore do conhecimento seria contrário ao voto sagrado da Castidade. O mundo e:::piritual não aceita experimentadores. Nele procura-se, pede-se, bate-se à porta, mas não se procura abri-la à força; espera-se que ela seja aberta.

A experiência e a doutrina cristã da *Graça* exprimem a essência da Castidade como também contêm os princípios da Pobreza e da Obediência. É a doutrina concernente às relações castas o que está em baixo e o que está no alto. Deus não é um objeto e não é também o objeto do conhecimento. Ele é a *fonte* da graça que ilumina e revela. Ele não pode ser *conhecido,* mas pode revelar-se.

Eis a Castidade, a Pobreza e a Obediência no fundo da doutrina e da experiência cristãs da Graça. Ora o esoterismo ou o hermetismo cristãos, inclusive o conjunto de sua mística, de sua gnose e de sua magia, funda-se na experiência e na doutrina da graça, da qual um dos efeitos é a *iniciação.* A iniciação é um ato da graça do alto. Ela não é ganhada nem produzida por processos tér-nicos externos ou internos. O hermetista não se inicia; *torna-se iniciado.*

A *Graça* ... Não estamos cansados aa repetição secular desse tema nos sermões de domingo nas igrejas, nos tratados de teologia, nos escritos místicos, nas declarações pomposas dos monarcas "cristianíssimos", "católicos", "ortodoxos" e "defensores da fé"? Não o ouvimos à saciedade sempre e onde quer que se elevem o perfume do incenso e o ressoar dos cânticos espirituais? Enfim, um discípulo do hermetismo moderno não tem o direito de pedir que seja poupado de sermões sobre esse tema monótono, ele, que está ousando a grande aventura de procurar o Grande Arcano? Convidá-lo a renunciar ao magnífico quaternário mágico "ousar, querer, calar-se, saber" pelo plangente "Kyrie, eleison" não seria desconsiderar seu caráter?

Não há nada mais banal do que o levantar-se do Sol, que se repete dias após dia. . . E, no entanto, é graças a esse fenômeno banal que os nossos olhos - esses órgãos da luz do Sol - vêem as coisas novas da vida. Como a luz do Sol nos torna videntes em relação às coisas do mundo físico, do mesmo modo a luz do sol espiritual - a *Graça* - nos

torna videntes em relação às causas do mundo espiritual. A luz é necessária para que se veja tanto no mundo físico corno no espiritual.

O mesmo se pode dizer do ar para a respiração e a vida. O ar que nos cerca não é urna analogia perfeita da *gratia gratis data,* da "graça dada gratuitamente"? Porque para se viver em espírito é necessário o espírito vivificador, que é o ar da respiração espiritual.

É possível produzir artificialmente a *inspiração* intelectual, moral ou artística? Podem os pulmões produzir o ar de que têm necessidade para a respiração?

Ora, o princípio da graça é subjacente tanto à vida terrestre corno à espiritual. Ela toda - em baixo e em cima - é dominada pelas *leis* da Obediência, da Pobreza e da Castidade. Os pulmões sabem que é necessário respirar - e obedecer. Sabem que são pobres - e inspirados. Amam a pureza - e expiram. O processo da respiração ensina as leis da Obediência, da Pobreza e da Castidade - isto é, a lição da analogia da Graça. A respiração consciente da realidade da Graça é o "HathaIoga" cristão. O "Hatha-loga" cristão é a respiração *vertical* da Oração e da Bênção, em outras palavras, com ele o ser se abre para a Graça e a recebe.

Quanto ao quaternário magnífico da magia tradicional "ousar, querer, calar-se, saber", foi formulado - *mutatis mutandisi* - pelo Mestre da seguinte maneira:

Pedi e vos será dado;
Buscai e achareis;
Batei e vos será aberto; O
que busca acha
E ao que bate se lhe abrirá" (Mt 7,7-8).

Trata-se de ousar pedir, de querer procurar, de calar-se para bater à porta - e de saber, depois que ela foi aberta. Porque o saber não se faz; ele é aquilo que se revela quando a porta se abre.

Eis a fórmula da síntese do esforço e da graça, do princípio do do trabalho e do da receptividade, do mérito enfim e do dom. Essa síntese enuncia a lei absoluta de todo progresso espiritual e, por conseqüência, de toda disciplina espiritual, seja ela praticada por um herrnetista cristão solitário, por urna comunidade num claustro ou num convento, por urna ordem religiosa ou mística ou por alguma confraria esotérica ou hermética cristã. Ela é a lei à qual obedece todo discípulo cristão de qualquer escola espiritual cristã. E o Hermetismo cristão, isto é, o conjunto da mística, da gnose, da magia e da filosofia oculta tradicionais, tendo passado pelo batismo e pela transfiguração pelo fogo, pela luz e pela vida do Cristianismo, não faz exceçao. O Hermetismo sem a graça é historicismo e erudição estéreis; o Hermetismo sem esforço é estetismo sentimental. No Hermetismo existe a *Obra,* e essa obra é filha da Graça e do esforço.

6 "Mudando-se o que se deve mudar". (N. do T.)

Caro Amigo Desconhecido, se tens algum conhecimento de teologia, reconhecerás aqui a doutrina pura e simples da Igreja católica sobre a relação entre as obras e a Graça. Reconhecerás aqui a rejeição do Pelagianismo, segundo o qual o que conta são as obras (ou os esforços), como também a rejeição do Protestantismo de Lutero, segundo o qual o que conta é a Graça. Encontrarás aqui, implicitamente, também a doutrina da Igreja católica: *natura vulnerata, non detecta.'* o que significa que a natureza não está inteiramente corrompida em conseqüência da queda, que ela preservou alguma coisa do elemento virgem, o qual, conseqüentemente, permanece na natureza humana, a qual é, portanto, capaz de esforços e de obras que *contam.*

Então o Hermetismo cristão apenas empresta da teologia católica os princípios fundamentais de sua doutrina filosófico-hermética?

Não devemos esquecer que o Hermetismo cristão não é uma religião à parte, nem uma Igreja à parte, nem mesmo uma ciência à parte, que faça concorrência com a religião, a Igreja ou a ciência. Ele é o traço de união entre a mística, a gnose e a magia expresco pelo simbolismo, que é o meio de expressão das dimensões da *profundeza* e da *altura* (logo, do ênstase e do êxtase) de tudo o que é universal (ou que corresponde à dimensão da *largura)* e tradicional (correspondente à dimensão do *comprimento).* Sendo cristão, o Hermetismo aceita a cruz da Universalidade, da Tradição, da Profundeza e da Altura do Cristianismo, no sentido do apóstolo Paulo, quando diz:

> *"Assim tereis condições para com-preender, com todos os santos, qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento, para que sejais plenijicados com toda a plenitude de Deus"* (Ef 3, 18-19).

O que é a fórmula completa da iniciação.

Ora, aspirando à experiência e ao conhecimento da Profundeza e da Altura do Cristianismo lJniversal, ou Católico e Tradicional, isto é, da Igreja, o Hermetismo *não empresta nada,* nem pode emprestar alguma coisa da Igreja, uma vez que ele não é e *nem pode* ser nada mais do que um aspecto da Igreja, a saber, o aspecto de suas dimensões de profundidade e de altura. Ele é, pois, carne de sua carne e sangue de seu sangue; e não *empresta* algo da Igreja, visto que *faz parte* dela. Ele é o aspecto *invisível* da Universalidade no espaço e da Tradicionalidade no tempo, *visível,* da Igreja. Porque a Igreja não é somente universal e tradicional, mas também profunda e sublime. Ora, o Hermetismo cristão é o *aspecto vertical,* isto é, o da profundeza e o da altura da Igreja. Isso não significa que os hermetismos individuais estejam de posse de tudo o que é profundo e sublime - ou do esoterismo - da Igreja, mas que é hermetista cristão somente aquele que tem consciência da profundeza e da altura da tradição universal do cristianismo e que todo aquele que tem experiência e consciência delas representa

7 "Natureza ferida, não destruída". (N. do T.)

o Hermetismo cristão. Então todos O3 doutores da Igreja que ensinavam a via da experiência espiritual, além da teologia teórica, e todos os santos e místicos da Igreja que tiveram essa experiência são ao mesmo tempo hermetistas? Sim, eles o são enquanto testemunhas e representantes do profundo e do sublime do Cristianismo. Todos eles têm muito a dizer ao hermetista moderno, e este tem muito a aprender deles. Tomai, por exemplo, *A tríplice via* de são Boaventura, cap. III, XIV, onde se lê:

"Nota, enfim, que a Verdade deve ser:

l? - *na primeira Hierarquia: evocada pelo gemido da prece,* obra *dos* Anjos;
ouvida no estudo e na leitura, obra *dos* Arcanjos;
anunciada pelo exemplo e pela pregação, obra *dos* Principados.

2'? - na segunda Hierarquia: alcançada como refúgio e repouso, obra *das* Potências;
aprendida pelo zelo e pela emulação, obra *das* Virtudes;
unida ao desprezo de si e à mortificação, obra *das* Dominações.

3? - *na terceira Hierarquia: adorada pelo sacrifício e pelo louvor,* obra *dos* Tronos;
admirada na saída de si em contemplação, obra *dos* Querubins;
abraçada no ósculo da dileção (amplectanda per osculum et dilectionem), obra *dos* Serafins.

Nota diligentemente o que acabo de dizer, porque nisso encontrase uma fonte de vida".

Eis aí uma página que fornece matéria para a meditação por muitos anos. Pode o hermetista permitir-se ignorar tais testemunhos (e existem centenas deles) do mundo espiritual e de sua experiência autêntica? Fabre D'Olivet, Eliphas Lévi, Saint Yves D'Alveydre, Guaita, Papus e Péladan bem merecem ser estudados - como também muitos outros autores do movimento ocultista e hermetista, mas o seu estudo apenas não basta. São eles as únicas testemunhas autênticas, e são as suas obras as únicas fontes de primeira mão da realidade do mundo espiritual e de sua experiência? Ouçamos então *todos* os que sabem por experiência e procuremos em primeiro lugar a *autenticidade* da experiência em lugar da erudição. e da especulação teórica.

Mas voltemos ao tema da tentação. Ela é tríplice, como jft vimos.
Podemos, por isso, falar de *três* tentações fundamentais que têm relação com as três condicões fundamentais do estado de Graca no Paraíso ou com os três votos· que estão na base de toda cultura • espiritual depois

da Queda: os votos de Obediência, de Pobreza e de Castidade. Eis o sentido *prático* do hexagrama oijlo de Salomão:

Esse Selo é o da recordação do Paraíso e da Queda, isto é, da *Lei* ou *Torah.* Porque a Lei é filha do Paraíso e da Tentação.

Sendo a Nova Aliança o cumprimento da Antiga, a obra da redenção começou pela repetição das três tentações primordiais. Desta vez, porém, o tentado foi o Filho do Homem, e a tentação teve lugar não no jardim do Éden, mas no deserto terrestre. E o tentador não foi a Serpente, "o mais astuto de todos os animais dos campos", mas o Príncipe deste Mundo, isto é, o homem novo, o "super-homem" ou o *outro* "filho do homem", que seria a realização da promessa de liberdade feita pela Serpente, se ele se tivesse encarnado. O Anticristo, o ideal da *evolução* biológica e histórica, não é uma individualidade ou entidade criada por Deus, mas o "egregório" ou o fantasma gerado pela evolução biológica e histórica iniciada pela Serpente, que é a autora e a mestra da evolução biológica e histórica como a que a ciência estuda e ensina. O Anticristo é o *produto* último dessa evolução sem a graça e não uma entidade *criada* por Deus, sendo o ato da *criação* divina sempre e sem exceção um ato de graça. Ele é, pois, um "egregório" ou um ser artificial, que deve sua existência à geração coletiva dos homens da terra.

Detenhamo-nos na noção de "egregório" para compreendermos melhor quem é o Anticristo - essa figura importante e enigmática do esoterismo ou hermetismo cristão, que é ao mesmo tempo a fonte da tentação no deserto.

Para começarmos, eis o que sobre ele diz Robert Ambelain em *La Kabbale pratique* (p. 175):

> *"Dá-se o nome de* E gregório *a uma* Força *gerada por* poderosa *corrente espiritual e alimentada, em intervalos regulares, segundo um ritmo em harmonia com a Vida Universal do Cosmo, ou a uma* reunião de Entidades *unidas por caráter comum".*

Eis uma definição que não deixa nada a desejar. Infelizmente ela é prejudicada pelo parágrafo que segue logo depois:

> *"No Invisível, fora da percepção física do Homem, existem seres artificiais, gerados pela devoção, pelo entusiasmo e pelo fanatismo, chamados egregórios. São as almas das grandes correntes espirituais, boas ou más. A* Igreja mística, *a* Jerusalém Celeste, *o* Corpo de Cristo *e todos esses nomes sinônimos são os qualificativos dados comumente ao egregório do Catolicismo. A Franco-Maçonaria, o Protestantismo, o Islã, o Budismo são egregórios. As grandes ideologias políticas também o são".*

Eis mistura singular do verdadeiro e do falso. O verdadeiro é que seres invisíveis e artificiais gerados coletivamente existem, isto é, os

"egregórios" são reais; o falso é a confusão das coisas de natureza totalmente diferente (" Corpo de Cristo" e "ideologias políticas"!). Porque se a Igreja mística, o Corpo de Cristo, a Franco-Maçonaria e o Budismo são classificados como "egregórios ", isto é, como "seres artificiais gerados pela devoção, pelo entusiasmo e pelo fanatismo", por que não considerar o próprio Deus como um egregório?
Não, existem seres espirituais sobre-humanos que não são artificialmente gerados, mas que se manifestam e se *revelam.* A confusão entre o que desce do alto e o que é gerado aqui em baixo .é, aliás muito comum entre os sábios materialistas e entre os ocultistas. Assim vários biólogos consideram a unidade da consciência - ou a alma humana - corno epifenômeno ou resultado-soma dos milhões de consciências-ponto das células do sistema nervoso do organismo. Para eles, a alma é um *egregório* gerado coletivamente pelos milhões de células individuais. Mas as coisas não são assim. O *egregório,* sem dúvida, existe - ele é o *fantasma* da natureza eletromagnética que resiste por algum tempo à decomposição, depois da morte, e que pode aparecer nas "casas mal-assombradas" etc., mas esse fantasma não tem nada a ver nem com a alma nem com os corpos (sutil e astral ou corpo vital e corpo anímico), dos quais a alma é revestida, além do corpo físico. Ora, dizer que a Igreja mística ou o Corpo de Cristo, por exemplo, seriam um "egregório" é avançar a tese de que ela seria fantasma gerado por milhões de crentes como aparições das almas do outro mundo são geradas por milhões de células. A confusão entre *alma e fantasma* é erro bastante grave. O erro não é menos grave quando *revelações* são confundidas com *invenções,* quando seres espirituais que se revelam *do alto* são confundidos com "egregórios" gerados artificialmente na *terra.* Porque os "egregórios", por mais poderosos que sejam, têm existência efêmera, cuja duração depende inteiramente da alimentação galvanizante que vem de seus criadores, ao passo que são as almas e os espíritos do alto, formando, inspirando e dirigindo as comunidades humanas - tais como os Arcanjos, que são espíritos das nações, os Principados *(Archai)* ou "espíritos do tempo", o ser espiritual que está atrás do Budismo lamaico, sem falarmos de Cristo, cuja Carne e cujo Sangue vivificam e unem todos os dias a Igreja ou seu Corpo Místico - que alimentam e vivificam as almas humanas. Os primeiros são, pois, alimentados pelos homens, ao passo que os últimos os alimentam.

Entretanto, embora Deus, Cristo, a Santíssima Virgem, as hierarquias espirituais, os santos, a Igreja mística ou o Corpo de Cristo sejam entidades reais, existe, não obstante, um fantasma ou "egregório" da Igreja, que é a sua cópia, como todo homem, toda nação, toda religião etc. têm suas cópias. Mas como, por exemplo, aquele que na Rússia visse apenas o urso, na França apenas o galo e na Alemanha apenas o lobo seria injusto com o país do Coração, com o país da Inteligência e com o país da Iniciativa - do mesmo modo seria injusto com a Igreja católica aquele que nela visse, em vez do Corpo de Cristo, o seu fantasma histórico - a raposa. Para ver bem é preciso olhar bem. E olhar bem é

esforçar-se para ver através das névoas dos fantasmas das coisas. Esse é um dos principais preceitos práticos do Hermetismo cristão. É graças aos esforços para se ver através dos fantasmas que se chega ao conhecimento da profundeza e da altura das quais fala o apóstolo Paulo e que são a essência do Hermetismo.

Quanto ao Anticristo, ele é *o fantasma de toda a humanidade,* gerado durante toda a sua evolução histórica. Ele é o "super-homem" que domina a consciência de todos os que procuram elevar-se apenas pelo esforço próprio, sem a graça. Ele apareceu também em Friedrich Nitzsche e lhe mostrou "num instante todos os reinos da terrra" que existiam, que existem e existirão no círculo do "eterno retorno" *(die ewige W iederkehr),* convidou-o a se lançar no que está "além do bem e do mal" *(jenseits von Gut und Base)* e a abraçar e anunciar o evangelho da *Evolução,* o evangelho da "vontade-de-poder" *(Wille zur Macht),* a única (porque "Deus está morto", *Gott ist tot ...)* que transforma a pedra, a matéria inorgânica, em pão ou matéria orgânica, a matéria orgânica em animal, o animal em homem, e o homem em "super-homem" *(Übermensch),* que está além do bem e do mal e que obedece somente à sua própria vontade *(O mein Wille, meine Notwendigkeit, du bist mein Gesetz.* "Ó minha vontade, minha necessidade, tu és a minha lei").

Ele apareceu a Karl Marx e lhe mostrou "num instante todos os reinos da terra", nos quais todos os escravos passados estão transformados em senhores soberanos e não obedecem mais a Deus, porque o destronaram, nem à Natureza, porque a dominaram, e que devem o pão que comem somente à sua própria ciência e ao seu esforço pessoal, que transforma pedra em pão.

O Fantasma da Humanidade apareceu ainda a muitos outros.

Apareceu também ao Filho do Homem no deserto.

Foi o encontro entre a Lei divina feita carne e a Lei da Serpente, a evolução biológica e histórica feita alma.

Ora, a Lei divina é a ação descendente da Santíssima Trindade ou da graça, revelada quarenta dias antes da tentação no deserto, quando Jesus foi batizado por João Batista no Jordão. A lei da Serpente é a ação da vontade tateante, que avança serpeando através dos períodos e das camadas da evolução biológica, passando de forma em forma; ela é a tríade da vontade-de-poder, da tentativa tateante e da transformação do que é grosseiro no que é sutil.

A Graça trinitária vertical e o espírito triádico da Evolução horizontal se encontraram, pois, na consciência do Filho do Homem quarenta dias após o batismo no Jordão. Verificaram-se, então, as três tentações do Filho do Homem. E como o batismo no Jordão foi o protótipo do Santo Sacramento do Batismo, do mesmo modo o encontro da Graça recebida no batismo no Jordão com a quintessência do impulso evolutivo posterior à Queda foi o protótipo do Sagrado Sacramento da Confirmação, Porque foi então que se revelou a firmeza da Graça do alto contra a lei de baixo. Foi então que a Evolução cedeu à Graça.

As três tentações do Filho do Homem no deserto foram a sua experiência dos impulsos diretivos da evolução, a saber, da vontade-de-poder, da tentativa tateante e da transformação do grosseiro em sutil. Elas significam também a prova dos votos de Obediência, Castidade e Pobreza.

É pela última prova que Mateus (cap. 4) começa a narração das tentações de Jesus. Porque a plenitude *(pleroma)* celeste descida quando do batismo no Jordão comporta o vazio *(kenoma)* terrestre correspondente, o que é expresso em a narração do Evangelho pela solidão, pelo deserto e pelo jejum.

"Então Jesus foi levado pelo Espírito para o deserto, para ser tentado pelo diabo. Por quarenta dias e quarenta noites esteve jejuando. Depois teve fome".

A *fome* do espírito, da alma e do corpo é a experiência do *vazio* ou da pobreza. Foi, pois, o voto de Pobreza que foi posto à prova quando o tentador, "aproximando-se, disse-lhe: *'Se és Filho de Deus,* manda que estas pedras se transformem em pães ... ' ", eis a essência da aspiração· da humanidade da época científica à vitória sobre a pobreza. Resinas sintéticas, borracha sintética, fibras sintéticas, vitaminas sintéticas, proteínas sintéticas e enfim ... pão sintético!? Quando? Quem sabe, talvez em breve.

Manda que estas pedras se transformem em pães . . . Eis a fórmula que convém aos doutores da evolução, para os quais o reino vegetal, isto é, o *pão,* é apenas uma transformação do reino mineral, isto é, "dessas pedras", e que a matéria orgânica - o pão - é apenas o resultado do agrupamento físico e químico de pequenas moléculas em "macromoléculas", em moléculas gigantes, no processo da polimerização. A "polimerização" é, pois, considerada hoje por muitos sábios como o equivalente possível - ou provável - da operação de transformação das pedras em pães, proposta pelo tentador no deserto.

A operação proposta pelo tentador é também o motivo dominante das doutrinas que invadem o mundo hoje e que consideram a vida econômica como fundamental e a vida espiritual como seu epifenômeno ou como uma "edificação ideológica" de base econômica. O que está em baixo é fundamental, e o que está no alto é secundário, uma vez que é a matéria que gera o espírito - tal é o dogma comum subjacente ao economismo, ao transformismo e às palavras do tentador do Filho do Homem.Mas, eis a resposta a esse dogma: "Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" .

Reflitamos nessas palavras.

Elas exprimem, em primeiro lugar, a essência do voto de Pobreza, que consiste em se viver tanto da palavra que cai da boca de Deus como do pão que entra pela boca do homem.

Em seguida elas *acrescentam* à lei da alimentação biológica, na qual os reinos *inferiores* ao homem lhe servem de alimento, a lei nova da Graça, segundo a qual é o reino *superior* ao homem, o reino dos céus,

que o alimenta. Isso significa que não só o espírito e a alma do homem, mas também o seu corpo podem *viver,* isto é, receber impulsos, forças e subsistência do alto. O efeito espiritual vivificante da Magia divina ou da Graça, quanto à vida espiritual e psíquica, é a experiência milenar comum dos cristãos sinceros, mas é menos conhecido que houve - e que há - casos em que o corpo pode ficar sem alimento por lapsos de tempo que seriam suficientes para causar cem vezes a morte de fome biológica. Assim Teresa Neumann, de Konnersreuth (na Baviera), viveu em nossos dias, por dezenas de anos, sem outro alimento que a sagrada comunhão; santa Catarina de Sena viveu nove anos somente da sagrada comunhão; também santa Ludvina de Schiedam (na Holanda perto de Roterdão) viveu vários anos exclusivamente da sagrada comunhão - para citarmos só os casos bem verificados.

Eis o *alcance* das palavras "Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" . Eis sua implicação principal: como a lei da evolução, a lei da Serpente, comporta a luta pela existência e como "o pão" (ou o alimento) é o fator. principal da luta pela existência, o fato da entrada da Graça na história humana desde Jesus Cristo significa também a possibilidade da abolição gradual da luta pela existência. É, pois, o voto de Pobreza que a abolirá.

> *"Então o diabo o levou à Cidade Santa e o colocou sobre o pináculo do Templo e disse-lhe: 'Se és Filho de Deus, atira-te para baixo, porque está escrito: Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, e eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra'. Respondeu-lhe Jesus: 'Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu · Deus'* ".

Desta vez é a tentativa tateante, à qual a evolução natural tanto deve, que fala. E o *método* da evolução dita natural que substituiu, depois da Queda, o mundo criado por Deus ou "Paraíso". Porque a evolução procede tateando de forma em forma, experimentando e rejeitando, depois experimentando de novo. . . O mundo da evolução dos protozoários aos vertebrados e dos vertebrados aos mamíferos, depois aos macacos e aos pitecantropos ... não é obra nem da rabedoria, nem da bondade absoluta. Não obstante, ele é obra de uma inteligência muito vasta e de uma vontade muito firme perseguindo fim bem determinado pelo método "da tentativa e do erro". O que se revela na evolução natural (que não pode mais ser negada) são mais um grande intelecto científico e vontade de experimentação do que a sabedoria e a bondade divinas. O quadro da evolução que as ciências naturais - principalmente a biologia - obtiveram como resultado de seu prodigioso trabalho nos revela, *sem nenhuma dúvida,* a obra de inteligência muito sutil, mas imperfeita, e de vontade muito determinada, mas imperfeita. O que o mundo da evolução biológica nos mostra é, pois, a Serpente, "o mais astuto de todos os animais dos campos", e não Deus. É a Serpente, que é o "Príncipe deste mundo" e a autora e diretora da evolução puramente biológica depois da Queda. Lede *Le Phéno-*

mêne humain de Pierre Teilhard de Chardin, que oferece resumo e a melhor interpretação que conheço da evolução natural, e *não podereis* deixar de chegar a outra conclusão que não seja esta: o mundo da evolução é obra da Serpente do Paraíso, e é só depois das *religiões proféticas* (e houve muitas delas) e do Cristianismo que temos a *Boa Nova (Euangelion)* de uma via *diferente* da da evolução da Serpente.

Ora, o tentador propôs ao Filho do Homem o método ao qual ele devia sua existência - *a tentativa.* "Atira-te para baixo e veremos se é verdade que és o Filho de Deus e não como eu, filho da evolução, filho da Serpente". Foi essa a tentação da Castidade. Porque, como expusemos acima, o espírito da Castidade exclui toda tentativa. A *tentativa* é a essência daquilo que a Bíblia designa como "fornicação". A fornicação - como aliás, todo vício e toda virtude - é tríplice: espiritual, anímica e carnal. A sua raiz é espiritual; a região de seu desenvolvimento e de seu crescimento é anímica, e a carne é apenas o domínio no qual ela frutifica. Ê assim que o erro espiritual se torna vício, e o vício, doença.

Por isso os profetas de Israel estigmatizavam a fornicação espiritual da povo da Antiga Aliança toda vez que ele se deixava seduzir pelo culto "dos deuses estrangeiros", Bel, Moloc e Astarte. Esses deuses não passavam de "egregórios ", de criações da imaginação e da vontade coletivas humanas, ao passo que o Santo de Israel era o Deus *revelado* - inimaginável e tendo com a vontade humana apenas a relação da Lei que lhe era imposta. Por isso os "deuses estrangeiros" exerciam atração singular sobre os israelitas, sendo eles deuses "deste mundo" e não o Deus transcendente da revelação.. e a obediência ao Deus transcendente levava a viver numa espécie de mosteiro *espiritual* perante "este mundo e seus deuses". 03 israelitas eram sempre tentados a se lançarem da altura e do isolamento do pináculo do templo nas camadas do instinto coletivo e a *tentar,* a fazer tentativas para verem se haveria "anjos para ampará-los com suas mãos, a fim de que seus pés não tropeçassem em alguma pedra" - isto é, a tentar encontrar nas camadas próximas e densas das forças da evolução natural as forças destruidoras e protetoras com menor esforço do que na altura e no ar rarefeito do pináculo do templo do Deus revelado. O princípio da fornicação espiritual é, pois, a preferência do subconsciente ao consciente e ao supraconsciente, do instinto à lei, do mundo da Serpente ao mundo do Verbo.

Referindo-se as duas primeiras tentações aos votos da santa Pobreza e da santa Castidade, a terceira tentação (segundo o evangelho de Mateus) concerne ao voto da santa Obediência. Desta vez é a "vontadede-poder", o *Wille zur Macht* nitzschiano, que age.

> *"Tornou o diabo a levá-lo, agora para um monte muito alto. E mostrou-lhe todos os reinos do mundo com o seu esplendor e disselhe: 'Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares'. Aí Jesus lhe disse: 'Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto'* ".

Notemos os elementos desta tentação: a montanha muito alta, todos os reinos do mundo e sua glória, a adoração daquele que tem o poder de levar até ao alto da montanha e de dar a posse de todas as coisas dos remos de *seu* mundo.

Trata-se, portanto, da aceitação do ideal do super-homem ("prostra-te aos meus pés e adora-me"), que é a culminância da evolução (" ele o levou para um monte muito alto") e que tendo passado pelos remos mineral, vegetal e humano, submetendo-os ao seu poder, é o seu Senhor - isto é, a sua causa final, a sua meta, o seu ideal.:o seu representante ou a sua vontade coletiva concentrada e o mestre que tomou nas próprias mãos a sua evolução ulterior. A escolha se situa entre o ideal do superhomem, que é "como Deus", e Deus.

A santa Obediência é, pois, a fidelidade ao Deus vivo; a revolta ou a desobediência é a decisão pelo ideal da vontade-de-poder, pelo super-homem.

O sexto Arcano do Tarô, "Os amantes", embora ponha em relevo só a tentação contra a Castidade, evoca toda ordem de idéias a respeito das três tentações e dos três votos, sendo as três tentações do Paraíso e as do deserto inseparáveis - como o são também os três votos. Porque não é possível ser "casto" sem ser "pobre" e "obediente" como não se pode renunciar ao ideal divino em favor do ideal do superhomem sem cair na região da tentativa, na qual não há certeza imediata, e na região da lei da Serpente, expressa como segue: "Caminharás sobre teu ventre e comerás poeira todos os dias de tua vida", isto é, na região na qual a Graça não se encontra.

Mas, qual é a conseqüência imediata da tentação repelida? A narração do Evangelho nos dá a resposta:

> *"Com isso, o diabo o deixou. E os anjos* de *Deus* se aproximaram e puseram-se a servi-lo".

Essa resposta pertence à ordem de idéias e de fatos do *sétimo* .. *Arcano* do Tarô, "O *Carro",* cuja lâmina representa, visto de frente, um homem de pé em cima de um carro triunfal puxado por dois cavalos.

VII

O CARRO



O CARRO

Com isso, o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e puseram-se a servi-lo.

(Mt 4,11)

Quando o espírito impuro sai do homem, perambula em lugares áridos, procurando repouso, mas não o encontrando, diz: "Voltarei para minha casa de onde saí". Chegando lá, encontra-a varrida e arrumada.

Diante disso, vai e toma outros sete espíritos piores do que ele, os quais vêm habitar aí. E com isso a condição final daquele homem torna-se pior do que antes.

(Lc 11,24-26)

Vim em nome de meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o acolheríeis.

(Jo 5,43)

Caro Amigo Desconhecido,

O Arcano "O Carro" tem dois aspectos como os arcanos precedentes. Ele representa, de um lado, aquele que, tendo triunfado das três tentações, permanece fiel aos votos de Obediência, de Pobreza e de Castidade; representa também o perigo da *quarta tentação,* que é a mais sutil e a mais íntima e constitui a síntese invisível das outras três: a tentação espiritual do vitorioso pela sua própria vitória. É a tentação de agir "em nome próprio", de agir como senhor e não como servo.

O sétimo Arcano é o *do domínio* entendido tanto no sentido de acabamento como no de tentação. As três citações do Evangelho que se encontram no começo dessa Carta indicam o esforço para isso.

Paul Marteau diz que o sentido geral e abstrato da sétima lâmina é que ela "representa *a colocação em movimento nos sete estados,* isto é, em todos os domínios" *(Le Tarot de Marseille,* p. 33); é exatamente o que acabamos de designar com o termo "domínio". Porque o domínio não é o estado de ser movido, mas o de poder pôr em movimento.

O Filho do Homem resistiu a deixar-se mover pelas três tentações no deserto; conseqüentemente foi ele que pôs em movimento as forças que o serviam. "Com isso, o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e puseram-se a servi-lo".

É mais uma lei fundamental da Magia sagrada. Ela poderia ser formulada da seguinte maneira: *Sendo o que está no alto como o que está em baixo, a renúncia em baixo põe em movimento forças de execução do alto, e a renúncia ao que está no alto põe em movimento forças de execução em baixo.* Qual é o sentido prático desta lei?

Quando alguém resiste a uma tentação ou a alguma coisa desejada em baixo, põe em movimento forças para a realização daquilo que *corresponde no alto* àquilo a que renunciou em baixo. É o que o Mecitre designa com o termo "recompensa", quando diz, por exemplo, que é necessário guardar-se de praticar a justiça diante dos homens, com a intenção de ser visto por eles, porque "de outro modo não tereis recompensa junto de vosso Pai, que está nos céus". A *recompensa* é, pois, a ação que alguém põe em movimento no alto pela renúncia aos desejos das coisas em baixo. É o "sim" do alto correspondente ao "sim" de baixo. Essa correspondência constitui uma base da realização mágica e uma lei fundamental do esoterismo ou hermetismo cristão. Guardemo-nos de considerá-la de modo irrefletido, porque temos nela uma das chaves principais da Magia sagrada. Não é o desejo que traz a realização *mágica,* mas a renúncia ao desejo. Porque a renúncia por indiferença não tem valor moral e, portanto, nem mágico.

Desejais e depois renunciais, eis o sentido prático mágico da "lei" da recompensa. Dizer que é necessário renunciar à coisa desejada significa que é necessário praticar os três votos sagrados de Obediência, de Pobreza e de Castidade. Porque a renúncia, para pôr em movimento as forças de realização do alto, deve ser *sincera,* mas não pode sê-lo se lhe faltar o ar, a luz e o calor dos. votos sagrados. É preciso, por isso, compreender uma vez por todas que não existe verdadeira magia sagrada - nem mística, nem gnose ou hermetismo - fora dos três votos sagrados; a verdadeira atração mágica é essencialmente a prática dos três votos. É difícil? Não, é agradável, tal é a "concentração sem esforço" da qual falamos na primeira destas Cartas.

Reflitamos agora no texto da narração do Evangelho relativa ao que sucedeu imediatamente depois das três tentações. "Com isso, o diabo o deixou" *(tóte aphiesin autón ho diábolos)* diz o Evangelho segundo Mateus, mas o Evangelho segundo Lucas acrescenta "por algum tempo". Ora, essas palavras acrescentadas permitem supor que está por vir outra prova ou tentação - a quarta, a mais sutil e a mais íntima. É ela que pertence ao ensinamento do sétimo Arcano, que representa o homem coroado, de pé, sobre um carro triunfal puxado por dois cavalos.

"E os anjos se aproximaram *(kai idou angeloi proselthon),* isto é, *podiam,* aproximar-se, porque estava livre o "espaço" do qual eles tinham necessidade para a sua descida. Por que e como?

Os *anjos (hoi ángeloi,* em grego) são os seres que se movem *verticalmente,* isto é, de cima para baixo e de baixo para cima. Para eles, "mover-se" significa "mudar de respiração", e a "distância" é o número - e a intensidade do esforço que ele exige - de inspirações e expirações modificadas. Assim, por exemplo, quando dizemos "uma distância

de 300 km da terra", o anjo diria "três modificações sucessivas da respiração normal na esfera dos anjos". Para um anjo, "aproximar-se" significa mudar de respiração; "não poder aproximar-se" significa que a "atmosfera" da esfera da qual ele quer aproximar-se é tal que nela ele não pode mais respirar e que "se evaporaria", se entrasse nessa esfera.

Eis porque os anjos não podiam aproximar-se do Filho do Homem durante o tempo em que as forças concentradas da. evolução terrestre, as forças do filho da Serpente, estavam ativas. Eles "ocupavam", por assim dizer, o espaço em volta do Filho do Homem, de sorte que não podiam respirar nele e, portanto, nem entrar nele sem se evaporarem. Mas "logo que o diabo se retirou dele" (Lucas) e que a atmosfera mudou, eles *puderam* aproximar-se dele e o fizeram.

Pode-se acrescentar, a título de corolário, que a "lei da presença" descrita acima nos fornece forte razão para reconhecermos a necessidade das igrejas, dos templos e dos lugares consagrados ou dos lugares santos em geral. Há muitas outras razões, mas essa bastaria para defendermos os lugares sagrados. Protejamos, portanto, por nossos pensamentos, por nossas palavras e por nossos atos as igrejas, as capelas e os templos onde Deus, com seus servos, é suplicado, adorado, meditado e celebrado.

" ... E o serviam" *(kai diekonoun auto).* O plural "serviam" indica que se trata de *três* anjos. A cada tentação repelida correspondia um anjo encarregado de uma missão e de um *serviço* especial de recompensa.

Quais eram esses servicos?

Ele, faminto, tinha-se recusado a dar a ordem para que as pedras se transformassem em pães. Ora, foi "a palavra que sai da boca de Deus", tornada pão, que o anjo da Pobreza lhe serviu.

Ele tinha-se recusado a atirar-se do pináculo do Templo. E foi o sopro da altura do trono de Deus que o anjo da Castidade lhe levou.

Ele se recusara a aceitar o papel de super-homem e de rei deste mundo pela adoração do ideal do mundo da Serpente. E foi a coroa real elo mundo de Deus que o anjo da Obediência lhe apresentou.

Como. os *três Magos* ofereceram como presente ao menino recém-nascido ouro, incenso e mirra, os três anjos ofereceram como presente ao Mestre, depois de seu Batismo no Jordão e depois de sua Confirmação no deserto, a coroa de ouro, o eopro do incenso de junto do Trono de Deus e a palavra divina tornada alimento.

Foi isso que aconteceu *imediatamente* depois das três tentações no deserto. Foi a reação do alto às três renúncias do Filho do Homem em baixo. Mas qual foi o efeito das três tentações vencidas não só para o vencedor e não só imediatamente, mas também para o mundo exterior, chamado "dos quatro elementos" e na sucessão dos tempos?

O efeito foi o *domínio* do mundo dos elementos; vieram em seguida os *sete milagres-tipo* descritos no Evangelho segundo João, isto é, o milagre das bodas de Caná, o milagre da cura do filho de um oficial do rei, o milagre da cura do doente na piscina de Betesda, o milagre da

multiplicação dos pães, o milagre da caminhada sobre as águas, o milagre da cura do cego de nascimento e o milagre da ressurreição de Lázaro em Betânia. E à manifestação dos sete aspectos do Domínio ou da "glória" correspondia a revelação dos sete aspectos do *N orne* do Mestre:

"Eu sou a verdadeira videira", "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", "Eu sou a porta", "Eu sou o pão da vida", "Eu sou o bom pastor", Eu sou a luz do mundo" e "Eu sou a ressurreição e a vida". Eis o arcoíris de sete cores da manifestação "da glória" ou do domínio e a oitava de sete tons da revelacão do "nome" ou da missão do Vencedor das três tentações. Esse arco-íris resplandece em torno do lugar vazio e desaparece no deserto em que as tentações se verificaram.

Em seu conjunto, os sete milagres do Evangelho segundo João são a "glória" *(dócsa)* ou o esplendor da vitória dos três votos sagrados sobre as três tentações. Eis, ao mesmo tempo, um belo exemplo de matemática qualitativa: três do bem, quando ele prevalece sobre três do mal, produzem *sete* do bem, ao passo que três do mal que prevalece sobre três do bem produzem apenas três do mal. Porque o bem é só qualitativo e, quando pode manifestar-se, manifesta-se todo, em sua plenitude indivisível. É isso que é o número sete - a plenitude *(p'eroma)* ou, quando ela se manifesta, a glória *(dócsa)* das quais fala são João quando diz: "e nós vimos a sua glória" e "pois de sua plenitude todos nós recebemos" (]o 1,14 e 16). E o primeiro milagre, o das bodas de Caná, foi o começo da manifestação da plenitude ou da glória:

> *"Esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galiléia e* manifestou a sua glória *e os seus discípulos creram nele"* (J o 2, 11) .

"Os seus discípulos creram nele" significa que eles creram em seu *nome,* ou em sua *missão,* que foi revelado nos sete aspectos pelos sete *Eu sou* - fórmulas do Evangelho segundo João citadas acima.

Ora, o efeito da tentação no deserto foi a manifestação dos sete aspectos do domínio ou da "glória" (os sete milagres) e a revelação da missão ou do "nome" do Mestre. E tudo isso não foi senão a manifestação da glória do Pai pelo Filho e a revelação do nome do Pai *pelo* nome do Filho.

Mas existe também a possibilidade da *outra* "glória", isto é, da manifestação do domínio em nome próprio. As palavras do Mestre colocadas no começo da Carta - "Vim em nome de meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o acolheríeis" (]o 5,43) - provam-no claramente. E a experiência no domínio dos movimentos ocultistas, esoteristas, hermetistas, cabalísticos, gnósticos, magistas, martinistas, teosóficoc, antroposóficos, rosa-cruzes, templários, maçônicos, sufistas, iogues e de alguns outros movimentos espiritualistas contemporâneos nos fornecem ampias provas de que essas palavras do Mestre não perderam sua atualidade, mesmo no domínio da ciência e dos movimentos sociais e nacionais quase-científicos. Por qual outra razão os teósofos, por exemplo, preferem os *Mahatmas* bimalaios - cujos corpos astrais apareciam, por desdobramento, a grande distância ou que

"precipitavam" cartas escritas a lápis azul ou vermelho - ao Mestre, que nunca cessou de ensinar, de inspirar, de iluminar e de curar entre nós, bem perto de nós - na França, na Itália, na Alemanha, na Espanha, para só citarmos os países nos quais existem casos bem constatados de encontros com ele, que disse: "Eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28,20)?

Por qual razão procura-se um "guru" entre os iogues hindus ou entre os lamas tibetanos, sem se empregar a metade do esforço despendido nisso para se procurar um diretor iluminado pela experiência espiritual em nossos mosteiros, nas ordens espirituais ou entre os irmãos e as irmãs leigos que praticam a doutrina do Mestre bem perto de nós?

Por que os membros das sociedades ou confrarias secretas de tipo maçônico consideram o Sacramento da Carne e do Sangue do Senhor insuficientes para a formação do homem novo e por que procuram eles ritos especiais para supri-lo ou mesmo para substituí-lo?

Sim, todas essas questões caem sob a advertência das palavras do Mestre: "Vim em nome de meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o acolheríeis". Por quê? Porque para alguns o super-homem é mais atraente do que o Filho do Homem e lhes promete carreira de poder crescente, ao passo que o Filho do Homem só oferece a carreira de lavador de pés ...

Caro Amigo Desconhecido, não interpretes o que acabo de dizer no sentido de oposição ou de hostilidade às sociedades, irmandades e movimentos espiritualistas e iniciáticos acima citados, nem no sentido de que eu os acuse de atitude anticristã. Não me atribuas também falta de respeito aos *Mahatmas* e aos gurus hindus. Trata-se aqui somente da *tendência puramente psicológica* (que notei um pouco por toda parte), a qual prefere o ideal do super-homem ao ideal do Filho do Homem. Acrescentemos, para sermos justos com as sociedades e irmandades mencionadas que, se essa tendência se manifesta entre elas, ela é combatida de maneira mais ou menos efetiva, havendo sempre oposição a ela, embora muitas vezes minoritária.

Seja como for, o Triunfador do Arcano "o Carro" é o triunfador das provas, isto é, das tentações, e se ele é Senhor, ele o é por si mesmo. Ele está sozinho e de pé em seu carro; ninguém está presente para o aplaudir ou prestar-lhe homenagem; ele não tem armas, uma vez que seu cetro não é arma. Se ele é senhor, seu domínio foi adquirido na solidão, e ele o deve somente às provas, e não a alguma coisa ou a alguém de fora.

A vitória conquistada na solidão ... que glória e que perigo ao mesmo tempo! Ela é a única glória *real,* porque não depende dos favores nem do julgamento humano; ela é a *glória intrínseca* - a irradiação real da aura tomada luminosa. E, no entanto, ela é, ao mesmo tempo, o mais real e o mais grave perigo espiritual que existe. *Hybris* e "orgulho", nomes tradicionais dados a ela, não bastam para caracterizá-la adequadamente. O perigo é antes uma espécie de *megalomania mística,* na qual a pessoa diviniza o centro regulador de seu ser, seu ego, vê o divino

somente em si mesma e se toma cega para o divino acima dela e fora dela. Ela sente então seu "Si mesmo Superior" como o si mesmo supremo e único do mundo, embora ele seja *superior* somente ao eu empírico ordinário e esteja longe de ser *supremo* e único . . . em outros termos, esteja longe de ser Deus.

Podemos agora meditar no problema da identificação do eu com o si mesmo e do si mesmo com Deus .

C. G. Jung, depois de ter explicado a camada sexual ou "freudiana" e a da vontade-de-poder ou "adleriana" do Inconsciente (isto é, da *consciência latente* ou oculta) do ser humano, viu-se diante de uma camada *espiritual* (mística, gnóstica e mágica). Em lugar de recuar diante dela ou de desembaraçar-se dela com uma "explicação" corrosiva, teve a coragem e a honestidade de entregar-se ao estudo árduo da fenomenologia dessa camada do Inconsciente. Esse trabalho foi frutuoso. Jung descobriu não somente as causas de algumas desordens psíquicas, mas também o processo profundo e íntimo que ele designou como "processo da *individuação",* o qual não é senão o nascimento gradual de *outro eu* (que ele denomina "o si mesmo"), superior ao eu ou Ego ordinário. A descoberta do processo do "segundo nascimento" o fez estender consideravelmente o campo de seu trabalho exploratório, especialmente ao simbolismo, aos rituais dos mistérios e ao estudo comparado das religiões, contemporâneas e antigas.

Também essa ampliação de seu campo de explicação se mostrou frutuosa. Depois de quinze anos de estudos, sem contar nada a ninguém, Jung chegou afinal a essa descoberta, que teve muitas conseqüências, entre as quais o conhecimento e a descrição de alguns perigos ou tentações da via da iniciação e do processo de individuação correspondente a ela. Um desses perigos - que são ao mesmo tempo provações e tentações - é o que Jung chama de *inflação* e que designa o estado da ccnsciência do eu excessivamente inchada, conhecido em psiquiatria, em sua manifestação extrema, sob a denominação de "megalomania".

Estamos aqui diante de uma escala de fenômenos psíquicos que começa com formas relativamente inócuas, como a elevada opinião, não inteiramente justificada, que alguém tem de si mesmo, ou o desejo um tanto exagerado de seguir a própria opinião. O segundo grau é francamente perigoso quando se manifesta nele um negativismo depreciativo em relação aos outros, com as faculdades da apreciação, da gratidão e da adoração concentradas em si mesmo. O terceiro grau constitui uma catástrofe raramente remediável; trata-se de obsessão ilustrada por ilusões facilmente reconhecíveis como tais - ou da megalomania pura e simples. Eis, pois, os principais graus da inflação: importância exagerada atribuída a si mesmo, complexo de superioridade de tendência obsessiva e megalomania. O primeiro grau indica *tarefa* prática para o trabalho sobre si mesmo; o segundo grau é provação séria, ao passo que terceiro é a *catástrofe.*

De que se trata no processo da inflação? Vejamos em primeiro lugar o que diz sobre ele o próprio Jung:

"A 'personalidade superordenada' é o homem total, isto é, como ele é realmente e não só como ele se apresenta a si mesmo. A essa entidade pertence também a alma inconsciente, que tem suas exigências e suas necessidades vitais do mesmo modo que a consciência" (Jung e Kerenyi, *Introduction à l'essence de la míthologie,* p. 193). - *"Habitualmente chamo a 'personalidade superordenada' de 'si mesmo', fazendo assim distinção clara entre o 'ego', que, como se sabe, só vai até a consciência, e o Todo da personalidade, que engloba ao lado da porção consciente, também a parte inconsciente. Em relação ao si mesmo, o Eu está, portanto, como a parte para o todo; nessa relação o si mesmo é superordenado. Experimentalmente o si mesmo não é sentido como sujeito, mas como objeto e isso mediante a sua porção inconsciente, que só chega à consciência indiretamente, por via de projeção"* (2) (Op. cit., pp. 193, 194).

Ora, essa "via de projeção" é o simbolismo vivo, tanto o que é tradicional como o que se manifesta nos sonhos, na "imaginação ativa" e nas visões. Os sonhos, quando o sonhador contempla séries com várias centenas deles, mostram que obedecem a uma espécie de *plano.* Eles parecem ligar-se uns aos outros e estar sujeitos, em sentido profundo, a fim comum:

"de modo que longa série de sonhos não aparece mais como sucessão puramente fortuita de acontecimentos isolados e incoerentes, e sim como processo de desenvolvimento ou de organização, evoluindo por etapas metódicas. Designei esse fenômeno inconsciente, que se exprime espontaneamente no simbolismo de longas séries de sonhos, com o termo processo de individuação" (Jung, *La Guérison psychologique,* pp. 72-73).

O processo de individuação "é a *realização espontânea do homem total"* (Op. cit., p. 76). Porque daqui para frente a fórmula válida para a noção de alma é: *"psyché,* a consciência do ego, o inconsciente". Quanto ao papel do inconsciente nesta fórmula, deve-se levar em conta, antes de tudo,

"que em toda criança a consciência cresce, no espaço de alguns anos, a partir do inconsciente; que a consciência é, a cada vez, somente um estado temporário que repousa numa performance *fisiológica e que é regularmente interrompido por fases de inconsciência, isto é, de sono; e que, afinal, é a* psyché *inconsciente que não só abrange a maior duração da existência, mas também* que assegura a continuidade do ser" (Op. cit., p. 25).

Ora, o processo de individuação é o de harmonização da consciência do eu com o inconsciente da *psyché.* Mas, "a consciência e o inconsciente não se sintetizam num todo quando um é oprimido e prejudicado pelo outro" (Op. cit., p. 271). Trata-se de harmonização realizável so-

mente por meio da *recentragem* da personalidade, isto é, do nascimento de novo centro na personalidade, o qual participe também da natureza da consciência do eu como da do inconsciente - em outros termos, de centro no qual o inconsciente esteja perpetuamente se transformando em consciência. Eis a meta do processo de "individuação", que é ao mesmo tempo um estádio da iniciação.

O processo de "individuação" se opera, como dissemos, mediante o estabelecimento de colaboração entre o inconsciente e a consciência - e é no domínio dos *símbolos* que essa colaboração se verifica e, conseqüentemente, que ela pode começar. 'No processo de "individuação" encontram-se - ou, melhor, despertam-se - símbolos-forças, que Jung considerando seu caráter típico, designou pelo nome de *arquétipos (Archetypen).*

> *"Nunca se deveria esquecer que o arquétipo é um órgão psíquico presente em cada um: uma explicação má equivale a uma atitude hostil a esse órgão, o que provoca uma lesão; mas aquele que, afinal, sofre com isso é o mau intérprete. Por isso, uma 'explicação' deveria ser sempre formulada de maneira a se conservar a significação funcional do arquétipo, isto é, de maneira a se oferecer sempre uma garantia suficiente da ligação entre a consciência e o arquétipo. Este último, com efeito, é elemento psíquico estrutural e, conseqüentemente, fator de importância vital para a economia psíquica ... Não existe sucedâneo "razoável" para o arquétipo como não existe substituto possível para o cérebro ou para os rins"* (Jung e Kerényi, *Introduction à l'essence de la mythologie,* p. 103).

Não se deve dar pouca importância aos arquétipos. Eles são forças psíquicas formidáveis e podem também invadir, inundar e engolir a consciência. É o que acontece no caso da *identificação* da consciência com o arquétipo. Produz-se então, o mais das vezes, uma identificação com o papel do herói (e, às vezes - quando se trata do arquétipo chamado "o velho sábio" ou "a grande mãe" - uma identificação com figura cósmica),

> *"identificação atraente por várias razões. Freqüentemente ela é muito tenaz e, às vezes, crítica para o equilíbrio psíquico . . . Se a dissolução da identificação se efetuar, a figura do herói pode - por redução da consciência à escala humana - diferenciar-se progressivamente até não ser mais do que símbolo de si mesma" (lntroduction à l'essence de la mythologie,* p. 125).

Acrescentemos que, se a dissolução da identificação da consciência com o arquétipo não se efetuar, a figura do herói toma conta da consciência. Verifica-se então a "segunda identificação" ou a epifania do herói.

> *"A epifania do herói (segunda identificação) se manifesta por estado correspondente de* inflação; *a pretensão infantil desproporcionada*

torna-se convicção de ser alguma coisa especial; ou a impossibilidade de realizar as suas pretensões prova a sua inferioridade, o que favorece o papel do 'herói que sofre' (inflação negativa). *Malgrado seus contrastes, esses dois aspectos são idênticos; a megalomania consciente é compensada por sentimentos de inierioridade inconsciente, e sentimento de inferioridade consciente corresponde a megalomania inconsciente (um nunca está sem o outro). Se a segunda identificação for superada com sucesso, o evento consciente pode ser claramente separado da aventura inconsciente, e o evento inconsciente pode ser observado objetivamente. Disso resulta a possibilidade de discussão com o inconsciente e, conseqüentemente, de uma síntese dos elementos conscientes e inconscientes do conhecimento e da atividade. Isso, por sua vez, dá origem e: deslocamento do centro da personalidade, que passa do ego para o si mesmo".* **(Op.** cit., pp. **125,** 126).

Essa é a meta do processo de individuação.

Ora, a inflação é o risco principal pelo qual passam todos aqueles que procuram a experiência da *profundeza,* a experiência do que é *oculto,* do que vive e age atrás da fachada dos fenômenos da consciência ordinária. A inflação constitui, portanto, o principal perigo e a maior prova dos ocultistas, dos esoteristas, dos magos, dos gnósticos e dos místicos. Sabem-no há muito os mosteiros e as ordens espirituais, com sua experiência milenar no domínio da *vida profunda.* É por isso que sua prática espiritual se baseia inteiramente na procura da *humildade* por meios como a prática da obediência, o exame de consciência, a confissão e o auxílio mútuo. Se Sabbatai Zevi (1625-1676) tivesse sido membro de uma ordem espiritual com disciplina semelhante a dos mosteiros cristãos, sua iluminação nunca o teria levado a se revelar (em 1684) a um grupo de discípulos como o Messias anunciado. Ele não se teria obrigado a fazer-se turco,

(" Deus fez de mim ismaelita-turco; ele mandou e eu obedeci. No nono dia depois do meu segundo nascimento", escreveu ele aos

fiéis de Esmirna), a fim de salvar sua vida e continuar sua missão. Porque teria sido poupado da *inflação positiva* como também da *inflação negativa,* da qual Samuel Gandor, seu discípulo, nos deixou a descrição seguinte:

"Conta-se que Sabbatai Zevi foi atormentado, durante quinze anos, pela aflição seguinte: sofria de depressão que não lhe deixava nenhum momento de repouso e não lhe permitia sequer ler; ele não conseguia dizer qual era a natureza dessa tristeza que se abatera sobre ele ... " (G. G. Scholem, *Les grands courants de la mystique juive,* Payot, Paris, p. 308).

A história do iluminado cabalista Sabbatai Zevi é apenas um extremo do perigo e da provação aos quais todos os esoteristas prati-

cantes estão expostos. Perigo e provação que Hartgrave Jennings descreve com mestria a propósito dos rosa-cruzes *(The Rosicrucians, Their Rites and Mysteries,* Londres, 1887):

"Eles falam da humanidade como infinitamente abaixo deles; a sua altivez é grande, embora o seu exercício seja modesto. Amam a pobreza e dizem que ela é obrigação para eles, embora possam dispor de imensas riquezas. Recusam-se às afeições humanas ou sujeitam-se a elas apenas como a obrigações de conveniência exigidas pela sua passagem pelo mundo. Comportam-se muito cortesmente na companhia das mulheres, apesar de serem incapazes de ternura e de considerá-las como seres inferiores. São simples e diferentes no exterior, mas a confiança em si mesmos, que enche seus corações, cessa de irradiar-se somente diante do infinito dos céus ... Junto de seus adeptos, os monarcas são pobres; ao lado dos teósofos, os mais sábios são estúpidos ... Assim eles são negativamente diante da humildade, e positivos com todas as outras coisas; autotreinados e auto-iluminados em tudo, mas prontos a fazer o bem na medida do possível. Qual a medida que pode ser aplicada a essa imensa exaltação? Os conceitos críticos se dissipam diante dela. O estado desses filósofos ocultistas é o sublime ou o absurdo ... "

Digamos que é tanto o sublime quanto o absurdo, porque a *inflação* é sempre sublime e absurda ao mesmo tempo. Eis o que a esse respeito diz Eliphas Lévi *(Dogme et Rituel de la Haute Magie,* Paris, Niclaus, pp. 43 e 44):

"Sim, existe uma ciência que confere ao homem prerrogativas aparentemente sobre-humanas; ei-las como as encontrei enumeradas num mau hebraico do século XVI:

N ... Aleph *Ele vê Deus face a face, sem morrer, e conversa familiarmente com os sete gênios que comandam toda a milícia celeste.*

.1 Bet *Ele está acima de todas as aflições e de todos os temores.*

,\ Guimel *Ele reina com todo o céu e se faz servir por todo o inferno.*

I Dalet *Ele dispõe de sua saúde e de sua vida e pode também dispor da dos outros.*

il He *Ele não pode ser surpreendido pelo infortúnio, nem abatido pela desgraça, nem vencido pelos inimigos.*

I Vav *Ele sabe a razão do passado, do presente e do futuro.*

I Záin *Ele tem o segredo da ressurreição dos mortos e a chave da imortalidade. . . etc."*

Trata-se de programa ou de experiência *vivida?* Se de experiência, ela é a da inflação levada muito longe. Se de programa, aquele que trabalhar seriamente para realizá-lo tornar-se-á presa tanto da infla-

ção positiva (complexo de superioridade) como da inflação negativa (complexo de inferioridade).

Seja como for, a experiência ou o programa do manuscrito hebraico do século XVI, citado por Éliphas Lévi, tem singular semelhança com a *experiência* de M. John Custance, descrita por ele mesmo em seu livro *Wisdom, Madness and . Folly: the Philosophy oi a Lunatic* (Gollancz, Londres, 1951):

> *"Sinto-me tão perto de Deus, tão inspirado por seu €spírito que, em certo sentido, sou Deus. Vejo o futuro, faço o plano do Universo, salvo a humanidade; sou total e completamente imortal; sou até masculino e feminino ao mesmo tempo. O Universo inteira, animado e inanimado, passado, presente e futuro, está em mim; toda a natureza, toda a vida e todos os espíritos cooperam comigo e estão conectados a mim; todas as coisas são possíveis. Em certo sentido, eu sou idêntico a todos os espíritos, desde Deus até Satã. Eu reconcilio o Bem com o Mal e crio a luz, as trevas, os mundos, os universos ...* "

O estado descrito por John Custance é característico de mania aguda, e o próprio autor não o nega. Mas considerá-lo-ia ele ainda dersa maneira, se soubesse que sua experiência está descrita com exatidão no *Brhadaranyaka Upanixade* (4.4.13), que diz:

> *"Aquele que encontrou o si mesmo e que se tornou consciente disso, que entrou nessa morada impenetrável, é o criador de tudo, o criador do mundo inteiro; ele é o mundo · inteiro" '!*

Pode-se dizer com certeza que esse texto é baseado numa experiência inteiramente diferente da de John Custance?

Conheci, há 38 anos, um homem tranqüilo, de idade madura, que ensinava inglês em Ymca, na capital de um país báltico. Certo dia revelou ele que atingira o estado espiritual que se manifesta pela "visão eterna", e que é o da consciência da identidade do si mesmo com a Realidade Eterna do mundo. O passado, o presente e o futuro - vistos do patamar da eternidade, onde sua consciência tinha sua morada - eram para ele como livro aberto. Ele não tinha mais problemas, não porque os tivesse resolvido, mas porque tinha atingido o estado de consciência no qual eles desaparecem, por terem perdido sua importância. Porque os problemas pertencem ao domínio do movimento no tempo e. no espaço; quem transcende esse plano e chega ao domínio da eternidade e da infinidade, no qual não há movimento nem mudança, está livre de problemas.

Enquanto ele me falava dessas coisas, seus belos olhos azuis brilhavam de sinceridade e certeza. Mas essa luz foi substituída por uma aparência contrariada e aborrecida logo que levantei a questão do valor do "sentimento subjetivo da eternidade", sem saber nem poder objetivamente fazer alguma coisa a mais para ajudar a humanidade, seja no seu progresso espiritual, seja em seu sofrimento espiritual, psíquico e cor-

poral. Ele não me perdoou essa pergunta, e a última recordação que me restou dele neste mundo foram suas costas voltadas para mim (ele viajou para a índia, onde pouco depois morreu vitimado por epidemia).

Se narro este episódio de minha vida, caro Amigo Desconhecido, é para indicar-te quando e como o importante problema das formas e dos perigos da megalomania espiritual se apresentou a mim pela primeira vez.

A megalomania espiritual é antiga como o mundo. A sua origem, segundo a tradição milenar concernente à queda de Lúcifer, se encontra acima do mundo terrestre. O profeta Ezequiel a descreve de modo impressionante:

"Tu eras um modelo de perfeição,
cheio de sabedoria,
de beleza perfeita.
Estavas no Éden, jardim de Deus.
Engalanavas-te com toda sorte de pedras preciosas:
rubi, topázio, diamante, crisólito, cornalina,
[aspe, lazulita, turquesa, berilo;
de ouro eram feitos os teus pingentes e as tuas lantejoulas.
Todas essas coisas foram preparadas nos dias em que foste criado. Fiz de ti o querubim protetor de asas abertas;
estavas no monte santo de Deus
e movias-te por entre pedras de fogo ... O teu coração se exaltou com tua beleza.
Perverteste a tua sabedoria por causa do teu esplendor.
Assim te atirei por terra
e fiz de ti um espetáculo à vista dos reis ... "

(28,12-19)

Eis qual é, nas alturas celestes, a origem da inflação, do complexo de superioridade e da megalomania. E visto que "o que está em baixo é como o que está em cima", isso se repete em baixo, na vida humana terrestre, de século em século, de geração em geração. Isso se repete principalmente na vida das pessoas humanas que se afastam do meio comum terrestre e do estado de consciência que ele comporta e que as transcende, seja no sentido da altura, seja no da largura, seja no da profundeza. Aquele que aspira a um plano mais *alto* que o do meio terrestre pode tornar-se altivo; aquele que procura a *largura* além dos limites do círculo normal de seus deveres e de suas alegrias terrenas corre o risco de considerar-se cada vez mais importante; aquele que quer a *profundeza* subjacente à superfície dos fenômenos da vida terrena corre risco maior: o da inflação da qual fala C. G. Jung.

O metafísico abstrato que arranja os mundos na ordem escolhida por ele pode perder todo interesse pelo particular e pelo individual e chegar a considerar as pessoas humanas quase tão insignificantes como insetos. Ele as vê de cima para baixo. Vistas de sua altura metafísica, elas perdem suas proporções e se tornam pequenas até à insignifi-

cância - ao passo que ele, o metafísico, é grande porque participa das grandes coisas da metafísica.

O reformador que *quer* corrigir ou salvar a humanidade sucumbe facilmente à tentação de considerar-se o centro ativo do círculo passivo da humanidade. Considerando-se portador de missão de alcance universal, ele se sente cada vez mais importante.

O ocultista, o esoterista ou o hermetista *prático* (se ele não for praticante, será apenas metafísico ou reformador) experimenta as forças superiores que agem além de sua consciência e que penetram nele. A qual preço? - Ao preço da adoração de joelhos - ou ao preço da identidade de si mesmo com elas, o que leva à megalomania.

Fala-se muito dos perigos do ocultismo. A magia negra é, em geral, o perigo supremo contra o qual o principiante é acautelado pelos "mestres". Outros (especialmente aqueles que conhecem mais ou menos a medicina) temem mais as desordens do sistema nervoso.

Mas a experiência de 43 anos de ocultismo (ou esoterimo) prático me ensinou que o perigo do ocultismo não são nem a magia negra nem os distúrbios nervosos; pelo menos esses perigos não se encontram mais entre os ocultistas do que entre os políticos, os artistas, os psicólogos, os crentes e os agnósticos. Entre os ocultistas que conheço eu não poderia citar nenhum mago-negro, ao passo que não me seria difícil citar alguns políticos, hostis, aliás, ao ocultismo, cuja influência quadra bem com o conceito de "magia negra" clássica . Com efeito, seria difícil citar políticos que exerceram influência sugestiva funesta sobre as massas populares, cegando-as e excitando-as à prática de atos de crueldade, de injustiça e de violência dos quais os indivíduos, isoladamente, seriam incapazes? Ou que, por sua influência quase mágica, privaram os indivíduos de sua liberdade e os transformaram em *possessos?* A ação que priva os homens de sua liberdade moral e os torna possessos não é o fim e a própria essência da magia negra?

Não, caro Amigo Desconhecido, os ocultistas - inclusive os que praticam a magia cerimonial - não são mestres nem discípulos da magia negra e não têm nada em comum com ela. É verdade que muitos adeptos da magia cerimonial freqüentemente são vítimas de ilusões, enganam-se outros, mas isso é magia negra? Ademais, pode-se encontrar grupo humano que nunca se engane? Até o doutor Fausto, que fez pacto com o Diabo (e isso se aplica a todos os que fazem "pactos" desse tipo, antigos e modernos), foi apenas a vítima ingênua de uma velhacaria de Mefistófeles (que é espertalhão bem conhecido de todos os que têm algum conhecimento do "mundo oculto"), isso porque como pode alguém "vender" o que não lhe pertence?! A alma do doutor Fausto é que poderia vendê-lo, não ele vendê-la, por mais solene que fosse o pacto, e pouco importa que ele tivesse sido escrito e assinado com sangue ou com tinta comum.

É assim que Mefistófeles dá lição àqueles que querem ser superhcmens: ele revela a puerilidade de suas pretensões. Embora deploremos a ingenuidade do pobre doutor Fausto, somos levados a conside-

rar o "método de velhacaria" de Mefistófeles como, em última análise salutar. Porque o que Mefistófeles fez (e poderiam ser citados exemplos mais recentes de seu método) foi mostrar o ridículo e o absurdo das aspirações e das pretensões ditas "super-humanas":

"Von allen Geistern, die verneinen,
1st mir der Schalk am wenigsten zur Last", [1]

diz Deus de Mefistófeles no *Faust* de Goethe.

Não condenemos, portanto, o espertalhão do mundo espiritual, principalmente não tenhamos medo dele. Não condenemos também o doutor Fausto, nosso irmão, acusando-o de magia negra - seria, antes, de credulidade infantil que deveríamos acusá-lo, se fosse necessário. Em todo caso, ele foi cem vezes mais inocente perante a humanidade do que nossos contemporâneos que inventaram a bomba nuclear - como bons cidadãos e sábios.

Não, nem a magia negra, nem as desordens nervosas constituem os perigos especiais do ocultismo. O seu perigo principal - que, aliás, não é monopólio - se define com os três termos: complexo de superioridade, inflação, megalomania.

Com efeito, é raro o ocultista experimentado isento desse mal moral ou que não o tenha sofrido no passado. A tendência megalomaníaca manifesta-se um pouco por toda parte entre os ocultistas. É o que a leitura da literatura ocultista e dezenas de anos de relações pessoais me ensinaram. Esse defeito moral tem muitos graus. Ele se manifesta, em primeiro lugar, por certo desembaraço e certa sem-cerimônia no modo de falar das coisas superiores e sagradas. Em seguida ele se afirma como "saber mais" e "saber tudo", isto é, como um modo de tomar a atitude de mestre de todo mundo. Por fim, ele se manifesta como infalibilidade implícita ou mesmo explícita.

Não desejo citar passagens da literatura oculta, nem nomes, nem mencionar fatos biográficos de ocultistas conhecidos, a fim de provar ou ilustrar esse diagnóstico. Não te será difícil, caro Amigo Desconhecido, cncontrá-Ios por ti mesmo em abundância. A minha intenção aqui é rejeitar as falsas acusações levantadas contra o ocultismo e mostrar o verdadeiro perigo que ele comporta ..

Que é, pois, necessário fazer contra esse perigo, a fim de [e conservar a saúde moral?

A antiga sentença *Ora et labora* [2] contém a única resposta. A *adoração* e o *trabalho* constituem o único remédio que conheço, tanto profilático quanto curativo contra as ilusões megalomaníacas. Devemos adorar o que está acima de nós e participar do esforço humano no domínio dos fatos objetivos, para podermos escapar das ilusões a respeito do que *somos* e do que *podemos.* Porque quem sabe elevar sua prece e sua meditação ao nível da adoração pura estará sempre consciente

1 "De todos os espíritos que negam,
o que menos me preocupa é o esperto". (N. do T.) 2 "Ora e trabalha", (N. do T.)

da *distância* que separa (e une ao mesmo tempo) o adorador do adorado. Assim ele não será tentado a adorar a si mesmo, o que, em última análise, é a raiz da megalomania. Ele terá sempre em vista a diferença entre si e o adorado. E não confundirá *o que ele é* com o que é *o ser adorado.*

Por outro lado, aquele que *trabalha,* isto é, que toma parte no esforço humano para a obtenção de resultados objetivos e verificáveis, não se iludirá facilmente a respeito do *que pode.* Por exemplo um médico inclinado a superestimar seu poder de curar aprenderá logo, com experiência dos malogros, a conhecer seus reais limites.

Jacob Boehme era sapateiro e iluminado. Se ele teve a experiência da iluminação

> *(" ... ist mir die Pforte crõiinet worden, das icli in einer Viertelstunde mehr gesehen und gewusst habe, als wenn ich wéire viel Jahr auf hohen Schulen gew.esen ...* [3]*,* escreve ele na carta ao alf andegário Lindner, na qual diz que *"viu e compreendeu o Ser de todos os seres, o fundamento e o abismo" - Denn ich sah und erkannte das Wesen, der Grund und Ungrund)*

não concluiu que, enquanto sapateiro, pudesse mais, daí por diante, do que seus colegas de profissão ou mais do que ele mesmo podia antes da iluminação. Por outro lado, a sua iluminação lhe ensinou a grandeza de Deus e do mundo

> *(". . . dessen ich mich hoch verwunderte, wusste nich wie mir geschah, und* darüber mein Herz ins Lob Gottes wendete "[4] - mesma carta).

e o encheu de *adoração* (" e meu coração se pôs a louvar a Deus") .

Foram, pois, o *trabalho profissional e a adoração de Deus* que protegeram a saúde moral de Jacob Boehme. A minha experiência no domírno do esoterismo me ensinou que o que foi salutar no caso de Boehme o é também para todos aqueles que aspiram às experiências supersensoriais.

A adoração e o trabalho - *Ora et labora* - constituem, pois, a "condição *sine qua non"* do esoterismo prático para manter sob controle a tendência para a megalomania. Todavia, para se obter a *imunidade* contra essa enfermidade é preciso mais ainda. É preciso ter a experiência do "encontro concreto" com algum ser superior. Por "encontro concreto" entendo não o sentimento do "si mesmo superior", nem o sentimento mais ou menos vago "da presença de um ser superior", nem mesmo a experiência da "onda de inspiração", que nos enche de vida e luz - não, o que entendo por "encontro concreto" é um encontro verdadeiro e verdadeiramente concreto, isto é, face a face. Ele pode ser espiritual - o face a face na visão - ou fisicamente concreto. Assim santa Teresa de Ávila (para citarmos só *um* exemplo)

3 "Foi-me aberta a porta, de modo que em um quarto de hora vi e fiquei sabendo mais do que se tivesse freqüentado a Universidade por muitos anos". (N. do T .)

4 "Do que muito me admirei, não sabendo como me acontecera aquilo, e meu coração se pôs a louvar a Deus". (N. do **T.)**

encontrava o Mestre, conversava com ele, pedia e recebia dele conselhos e instruções no plano espiritual objetivo (sim, a espiritualidade não é exclusivamente subjetiva, ela pode ser também objetiva). Assim ainda Papus e o grupo de seus amigos ocultistas encontrou Monsieur Philippe de Lião no plano físico. São dois exemplos do que entendo por encontro concreto.

· Ora, aquele que teve a experiência do encontro concreto com um ser superior (um justo, um santo, um anjo ou outro ser hierárquico, a Santíssima Virgem, o Mestre ...) toma-se imunizado contra a tendência para a megalomania. A experiência desse face a face com o que é Grande comporta necessariamente a cura completa e a imunidade contra toda tendência megalomaníaca. Jamais um ser humano *que viu e ouviu* poderá fazer de si mesmo um ídolo. Mais ainda: o verdadeiro e último critério da realidade das experiências ditas "visionárias", isto é, o critério de sua autenticidade ou de sua falsidade, é o *efeito* moral dessas experiências no vidente, a saber, se ele se toma mais humilde ou mais pretensioso. A experiência dos encontros com o Mestre tomou santa Teresa cada vez mais humilde. A experiência terrestre do encontro com Monsieur Philippe tornou Papus e seus amigos ocultistas mais humildes. Essas duas experiências - por mais diferentes que fossem quanto ao seu sujeito e ao seu objeto - eram *autênticas.* Papus não se enganou sobre a grandeza espiritual daquele que ele reconheceu como seu "mestre espiritual". Santa Teresa não se enganou sobre a realidade do Mestre que ela viu e ouviu.

Lê a Bíblia, caro Amigo Desconhecido, e encontrarás muitos outros exemplos da seguinte lei: *a experiência autêntica do divino torna humilde; aquele que não é humilde não teve experiência autêntica do divino.* Considera os apóstolos, que "viram e ouviram" o Mestre, e os profetas, que "viram e ouviram" o Santo de Israel - não encontrarás neles nenhum sinal das tendências da *hybris* que encontrarás em mais de um doutor gnóstico, que *(conseqüentemente)* não "viu nem ouviu".

Mas, se é necessário "ver e ouvir" para se aprender a fundo a lição de humildade, que dizer das pessoas que são "naturalmente" humildes, mas não "viram nem ouviram"?

Sem prejuízo de outras respostas, também válidas, a minha é que todos os que são humildes *viram e ouviram* outrora e em algum lugar - pouco importando se se lembram disso ou não. A humildade pode ser a reminiscência real (não intelectual) que a alma tem da experiência espiritual anterior ao nascimento, ou a reminiscência da experiênc ... a noturna sucedida durante o sono e permanecendo no domínio do inconsciente, ou, enfim, o efeito da experiência presente, consciente ou inconsciente, não confessada a si mesmo nem aos outros. Porque a humildade - como a caridade- não é qualidade natural- da natureza humana. Sua origem não pode ser encontrada no domínio da evolução *natural;* não é possível concebê-la como fruto da luta pela existência, como fruto da seleção natural e da sobrevivência do mais forte com sacritício do mais fraco. Porque a escola da luta pela existência não produz

humildes, mas lutadores e guerreiros de toda espécie. Ela é, portanto, uma qualidade que deve provir da ação da *Graça;* ela deve provir do alto. Ora, os "encontros concretos face a face" dos quais falamos aqui são sempre e sem exceção acontecimentos devidos à Graça, uma vez que são *encontros* nos quais o ser superior se aproxima, por vontade própria, do ser inferior. O encontro que transformou o fariseu Saulo no apóstolo Paulo não foi devido aos seus esforços, e sim a ato daquele que ele encontrou. O mesmo vale de todos os encontros "face a face" com seres superiores. O que compete a nós é "procurar", "bater" e "pedir"; o ato decisivo vem do alto.

*

Voltemos agora ao Arcano "o Carro", cujo sentido tradicional é "vitória, triunfo, sucesso".

> *"Esse sentido,* diz J. Maxwell *(Le Tarot,* p. 87) *decorre naturalmente da postura da personagem, e isso não traz nenhuma dificuldade".*

Existe, não obstante, uma dificuldade: a lâmina é uma advertência ou um ideal? Ou as duas coisas?

Inclino-me a ver em todos os Arcanos do Tarô simultaneamente advertências e fins a atingir - pelo menos é o que me ensinaram quarenta anos de estudo e meditação sobre o Tarô.

Assim o "Mago" é uma advertência contra a habilidade intelectual do metafísico, esquecido da experiência, e contra os charlatães de toda sorte - ele ensina, ao mesmo tempo, a "concentração sem esforço" e o uso do método da analogia.

"A Papisa" nos adverte para os perigos do gnosticismo, ensinandonos a disciplina da Gnose verdadeira.

"A Imperatriz" evoca os perigos do mediunismo e do magismo, revelando-nos os mistérios da Magia sagrada.

"O Imperador" nos põe em guarda contra a vontade de poder e nos ensina o poder da Cruz.

"O Papa" nos oferece a visão do personalismo humanista e do pentagrama mágico, no qual ele culmina, impondo a ele a santa Obediência e a Magia das Cinco Chagas.

"Os Amantes" nos acautelam contra as três tentações e nos ensinam os três votos sagrados.

"O Carro", enfim, nos adverte para o perigo da megalomania e *nos ensina o triunfo verdadeiro* levado ao seu termo pelo si mesmo.

O verdadeiro Triunfo levado ao seu termo pelo si mesmo é o sucesso do "processo de individuação", segundo C. G. Jung, ou o sucesso da obra da liberdade verdadeira, que é fruto da *katharsis* ou "purificação" e que preludia o *photismós* ou "ilummação ", seguida da *henosis* ou "união", segundo a tradição iniciática ocidental.

O "triunfador" do Carro pode designar, portanto, seja alguém que sofre de megalomania, seja alguém que passou pela *katharsis* ou "purificação", a primeira das três etapas da via da Iniciação.

A tese que proponho é que a lâmina do sétimo Arcano tem, como as outras, esses dois sentidos. A personagem da sexta lâmina significa, ao mesmo tempo, o "triunfador" e o Triunfador, o megalomaníaco e o homem íntegro, senhor de si mesmo.

Quem é esse homem íntegro, senhor de si mesmo e vencedor das provas?

~ aquele que vence as quatro tentações - isto é, as três tentações no deserto, descritas pelo Evangelho, e a tentação da *hybris,* que as sintetiza e que está no centro do triângulo das tentações. Assim ele é senhor dos quatro elementos que compõem o veículo de seu ser: o fogo, o ar, a água e a terra. Senhor dos quatro elementos, isto é, ser criativo no pensamento *claro, fluido* e *preciso,* sendo a criatividade, a clareza, a fluidez e a precisão as manifestações dos quatro elementos no domínio do pensamento. Isso quer ainda dizer que ele tem coração caloroso, largo, terno e fiel - sendo o *calor,* a *largueza,* a *sensibilidade* e a *fidelidade* as manifestações dos quatro elementos no domínio do *sentimento.* Significa, enfim, que existe ardor ("homem do desejo"), amplidão, flexibilidade e estabilidade na vontade na qual os quatro elementos se manifestam como *intensidade, largueza, adaptabilidade* e *firmeza.* Resumindo, pode-se dizer que o senhor dos quatro elementos é homem de iniciativa, sereno, versátil e firme. Ele representa as quatro virtudes naturais da teologia católica: a prudência, a fortaleza, a temperança e a justiça ou as quatro virtudes cardeais de Platão: a sabedoria, a coragem, a temperança e a justiça, ou ainda as quatro qualidades de Sankaracharya: *viveka* ("discernimento"), *vairagya* ("serenidade"), as "seis jóias" da conduta justa e o desejo de libertação. Seja qual for a formulação das quatro virtudes em questão, trata-se sempre dos quatro elementos do nome sagrado: **il I ;p** , o Tetragrama, na natureza humana.

As quatro colunas que sustentam o dossel sobre o carro puxado por dois cavalos, da lâmina do sexto Arcano, significam, portanto, os quatro elementos tomados no *sentido vertical,* isto é, no seu sentido analógico através dos três mundos: espiritual, psíquico e físico.

E o dossel sustentado pelas quatro colunas, que significa ele?

A função do dossel, tomado como objeto material, é *proteger* a pessoa que está em baixo dele, fazendo então o papel de teto. Tomado no seu sentido *espiritual,* atingido pela via da analogia, o dossel por cima de homem com coroa real amarela na cabeça exprime duas coisas contrárias: que o homem coroado é megalomaníaco no estado de "esplêndida isolação" e separado do céu pelo dossel, e que o homem coroado é iniciado no mistério da saúde espiritual, mas que não se identifica com o Céu, uma vez que tem *consciência da diferença* entre seu eu e o que está acima dele. Em outras palavras, o dossel significa os fatos e as verdades subjacentes tanto à megalomania como à humildade. A humildade, sendo a lei da saúde espiritual, implica a consciência da diferença

e da distância entre o centro da consciência humana e o centro da consciência divina. Existe uma "pele" - ou um dossel, se preferirdes - em sua consciência, a qual, como a pele do corpo humano, separa o humano do Divino e, ao mesmo tempo, os une. Essa "pele espiritual" protege a saúde espiritual do homem, não permitindo identificar-se *ontologicamente* com Deus ou dizer "eu sou Deus" *(aham brahmasmi - Brhadaranyaka Upanixade,* I, 4.10), embora lhe permita *a relação da respiração,* as aproximações e 03 discernimentos (que nunca são *alienaçôesl),* que, juntos, constituem a vida do *amor.* A vida do amor consiste em aproximações e distanciamentos, tendo sempre presente a consciência da *não-identidade:* ela é análoga ao processo de respiração, que consiste em inspirações e expirações. Não se encontra ela perfeitamente expressa no trecho do Salmo 43 que é a sexta frase da Missa:
"Emitte lucem tuam et veritatem tuam: ipsa me *deduxerunt* et *adduxerunt* in montem sanctum tuum et *in tabernacula tua" ?*[5] Sim, a *luz* da tua presença *(aproximação)* e a *verdade* que jorra sobre mim - por reflexão *(distanciamento)* - nos conduzem para *os tabernáculos.*

Os tabernáculos. . . Não se trata de tendas, de baldaquino", de *dosséis,* sob os quais o humano se une, no amor, ao Divino, sem se identificar com ele nem ser absorvido por ele? Não são feitos, esses tabernáculos, da "pele da humildade", a única que nos protege contra o perigo de matarmos o amor pela identificação ontológica, isto é, pela identificação do ser humano com o divino (" Essa alma é Deus" - *ayam atma brahma, Mandukya Upanixade* 2; "A consciência é Deus" *pragnanam brahma, Aitareya Upanixade* 5,3), e que assim nos afasta do perigo da megalomania espiritual, que se arroga o ser de Deus em lugar de sua imagem?

Existem três formas de experiência mística: a experiência da união com a natureza, a da união com o si mesmo transcendente humano e o da união com Deus. A primeira forma de experiência consiste em se obliterar a diferenciação entre a vida psíquica individual e a natureza circundante. É o que Lévy-Brühl chamava de "participação mística", noção essa que ele forjou quando estudava a psicologia dos primitivos. Essa noção designa o estado de consciência no qual a separação entre o sujeito consciente e o objeto do mundo exterior desaparece e o sujeito e o objeto se tomam uma coisa só. Essa forma de experiência está subjacente não só no xamanismo e no totemismo dos primitivos, mas também na consciência dita "mitógena ", que é a fonte dos mitos naturais, bem como no desejo ardente de união com a natureza dos poetas e dos filósofos (Empédocles se precipitou no vulcão Etna para unir-se com os elementos da natureza). O efeito de *pyotl,* do mescal, do haxixe, do álcool etc. pode produzir às vezes (não sempre, nem em todos) estados de consciência análogos ao da "participação mística". O traço característico dessa forma de experiência é a *embriaguez,*

5 "Envia tua luz e tua verdade; elas me guiarão, levando-me à tua montanha sagrada, aos teus tabernáculos". (N. do T.)

isto é, a fusão do eu com as forças exteriores à consciência do eu. As origens dionisíacas da Antiguidade baseavam-se na experiência da "embriaguez sagrada" devida à obliteração da diferenciação entre o eu e o não-eu.

A segunda forma de experiência mística é a do eu transcendente ou do si mesmo. Ela consiste na separação do eu ordinário empírico de um eu superior que está acima de tudo o que se move e de tudo o que pertence ao domínio do espaço e do tempo. O eu superior é experimentado, portanto, como imortal e livre.

Se a "mística da natureza" se caracteriza pela embriaguez, a do si mesmo tem como traço característico a dissipação progressiva da embriaguez até chegar à *sobriedade completa.* A filosofia baseada na experiência mística do si mesmo que a apresenta da maneira mais pura e menos desfigurada pela adição de especulação intelectual arrojada é a da escola indiana de Sanquia. Nela o *purusha* individual é experimentado em sua separação da *prakriti* (isto é, do conjunto do movimento, espaço e tempo) como imortal e livre. Embora a mesma experiência se encontre no fundo do Vedanta, os Vedantinos não se contentam com a experiência imediata que ensina que o verdadeiro eu do homem é imortal e livre, mas acrescentam a isso o postulado de que esse eu superior *é* Deus *(ayam atma brahma,* "esta alma individual é o absoluto" - *Mandukya Upanixade* 2). O Sanquia, ao contrário, permanece nos limites da experiência do eu superior como tal e não nega a pluralidade dos *purushas* (isto é, a pluralidade dos egos superiores imortais e livres). Ele não eleva o *purusha* individual à dignidade do Absoluto - o que lhe valeu ser visto como ateu. Ele o é, se se entende por "ateu" a confissão franca: não tive *experiência* de alguma coisa superior ao ego imortal e livre; atendo-me à experiência, que posso dizer sobre isso, de boa fé? O Sanquia não é uma religião e, por isso, não merece mais do que, por exemplo, a escola de psicologia moderna de Jung, ser classificado como ateu. Mas, por outro lado, pode ser considerado como prova de crença em Deus a atribuição da dignidade do Absoluto ao eu superior do homem?

A terceira forma de experiência mística (o termo "místico" usado aqui compreende a experiência mística como tal *e* a experiência *gnástica* como unidade) é a do *Deus vivo,* do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó da tradição judaico-cristã, do Deus de santo Agostinho, de são Francisco, de santa Teresa e de são João da Cruz da tradição cristã e do Deus da *Bhagavad-Gita,* de Ramanuja, de Madhva e de Caitanya da tradição hindu. Aqui se trata da união com Deus *no amor,* a qual implica a dualidade substancial em acordo essencial.

Essa experiência tem como traço característico principal a *síntese* da embriaguez da mística da natureza e da sobriedade da mística do eu superior. O termo forjado pela tradição para exprimir o estado no qual o entusiasmo ardente e a paz profunda se manifestam simultaneamente é "beatitude" ou "visão beatífica" *(beatituda, visio beatifica).* A *visão beatífica* implica a dualidade do vidente e do visto, de um lado,

e do outro, a sua união ou o seu acordo intrínseco no amor. Por isso esse termo exprime, de maneira admiravelmente clara e precisa, a essência da experiência mística teísta: o encontro da alma com Deus, face a face, no amor. Essa experiência é tanto mais elevada quanto mais completa é a diferenciação e mais perfeita a união. Por isso a santa Cabala põe no centro da experiência espiritual o Rosto Sagrado *(Arich-Anphin)* do Antigo dos Dias e ensina que a experiência suprema do ser humano - bem como a mais alta forma de morte de um mortal - é atingida quando Deus abraça a alma humana.

> *"Quando Abraão, nosso pai, compreendeu e considerou, examinou, aprofundou, entendeu, esculpiu, gravou e compôs tudo isso, o Senhor do Universo* ('adon hakol), *bendito seja o seu Nome, se manifestou a ele, tomou-o sobre seus joelhos, abraçou a sua cabeça e o chamou de seu amigo ...* ",

diz *Sefer Yeçirali* (cp. XV.) E são João da Cruz só usa a linguagem do amor quando fala de suas experiências da Presença divina nos tabernáculos do amor.

As três formas da experiência mística têm suas leis de higiene ou seus "tabernáculos" ou suas "peles". Elas caem sob a lei da temperança ou da *medida.* Em outras palavras, a raiva da mania aguda, a megalomania e a alienação completa do mundo *(idiotía,* "idiotia") ameaçam respectivamente seus adeptos. A *couraça,* o *dossel* e a *corca* são os três símbolos da medida salutar nos domínios da experiência da mística da natureza, da mística humana e da mística divina.

Ora, o "triunfador" do VII Arcano usa uma couraça, está sob o dossel e está coroado. É que ele *não se perde* na natureza, *não perde Deus* na experiência de seu eu superior e *não perde o mundo* na experiência do amor de Deus. Ele mantém sob controle os perigos da raiva, da megalomania e da exaltação. Ele é *são.*

O "triunfador" do VII Arcano é o verdadeiro adepto do *Hermetismo,* isto é, o adepto da mística, da gnose e da magia divinas, humanas e naturais a um só tempo. Ele não está correndo e está de pé; não está assentado, mergulhado em meditação; - tem na mão um cetro, que serve de freio para os dois cavalos, azul e vermelho, que puxam o seu carro. Não está ausente, arrebatado em êxtase; está em caminho e avança de pé em seu veículo. Os dois cavalos, azul e vermelho, poupam-lhe o esforço de andar. As forças instintivas do "sim" e do "não", da atração e da repulsa, do sangue arterial e do sangue venoso, da confiança e da desconfiança, da fé e da dúvida, da vida e da morte, da "direita" e da "esquerda", simbolizadas pelas colunas *Y akin* e *Boas,* tornaram-se nele forças motrizes obedientes ao seu cetro. Elas o servem espontaneamente. Ele confia nelas e elas confiam nele - tal é o domínio segundo o Hermetismo. Porque no Hermetismo o domínio não significa a escravização do inferior pelo superior, mas a *aliança* do supraconsciente, do consciente e do subconsciente ou instintivo. Ê o ideal hermético da

paz no microcosmo, o protótipo da paz na humanidade dividida cm raças, nações, classes e crenças.

Essa paz é o *equilíbrio* ou a *justiça* determinando o lugar *devido* a cada força particular do microcosmo na vida do organismo inteiro, psíquico e físico.

Ora, o equilíbrio ou a justiça é o objeto do arcano seguinte, do VIII Arcano, .4 *Justiça,* que será o tema da próxima Carta.

*

Resumindo a doutrina *prática* (porque é sempre o aspecto prático que nos ocupa em primeiro lugar) do sétimo Arcano do Tarô, podemos dizer que o "triunfador" triunfou da *doença* ou do desequilíbrio espiritual, psíquico e físico - o que significa ainda que ele é, ao mesmo tempo, o "justo" ou aquele que triunfou das quatro tentações, permanecendo fiel aos três votos sagrados bem como à sua raiz e síntese: a humildade. Isso significa, por fim, que ele é "o homem livre" ou o "senhor". Ele é livre das influências dos "planetas" astrológicos, redescobertos em nossos dias por C. G. Jung na forma do "inconsciente coletivo" com suas (sete) forças principais, psíquicas ou "arquetípicas ". Ele é senhor dos "arquétipos". Senhor dos "arquétipos" (ou "planetas astrológicos" - ou "arcontes" dos antigos gnósticos), da "sombra", da "persona ", do "animus ", da "anima", do "velho sábio" ou "pai", da "mãe" e até do "si mesmo", acima do qual está o "si mesmo dos si mesmos" ou Deus. Em outros termos, ele mantém dominadas as influências, nefastas, da Lua, de Mercúrio, de Marte, de Vênus, de Júpiter, de Saturno e até do Sol, acima do qual ele sabe que existe "o Sol dos Sóis" ou *Deus.* Ele não está *sem* planetas, arquétipos ou arcantes - como não está sem terra, água, ar e fogo, porque são eles que compõem o que, no ocultismo, se chama "corpo astral" ou corpo psíquico. O corpo psíquico é mais *corpo* porque é composto das forças psíquicas inconscientes coletivas ou "planetárias". São os planetas astrológicos e os arquétipos de Jung que compõem o tecido do corpo psíquico ou astral. O "triunfador" do sétimo Arcano é, pois, senhor do corpo astral. ~,

Senhor do corpo astral. Senhor das *sete* forças que o compõem, equilibrando-as.

Qual é, então, a *oitava* força, que põe em equilíbrio as *sete* forças do corpo astral?

O *oitavo Arcano do Tarõ,* "A Justiça", é que dará a resposta a esta questão.

VIII

A JUSTIÇA



A JUSTIÇA

"O *Filho e o Espírito, eis tudo o que nos é concedido. Quanto à unidade absoluta ou o Pai, ninguém pôde vê-lo nem o verão neste mundo, a não ser no* oitonário, *que é, na verdade, a única via pela qual se pode chegar até ele".* (Claude de Saint-Martin, *Des Nombres,* XIV).
Quis custodiat custodesr)
(Problema fundamental da jurisprudência) .

Caro Amigo Desconhecido,

O sétimo Arcano nos ensinou como o equilíbrio interior é atingido; o o oitavo Arcano nos ensina como esse equilíbrio, uma vez atingido, é mantido, e o nono Arcano nos mostrará o método ou a via que se abre àquele que soube atingir e manter o equilíbrio. Em outros termos, o sétimo Arcano nos diz como atingir o equilíbrio (ou a *saúde),* o oitavo Arcano nos mostra o "mecanismo" do equilíbrio micro e macrocósmico, e o nono Arcano nos ensinará a "via da paz" ou "a via mediana" do desenvolvimento espiritual equilibrado, que é próprio do Hermetismo tomada como síntese da Mística, da Gnose, da Magia e da Ciência.

A lâmina do oitavo Arcano representa uma mulher assentada numa poltrona amarela entre duas colunas, vestida com túnica vermelha e com manto azul. Nas mãos ela tem espada e balança amarelas. Em sua cabeça está uma tiara de três coroas.

O conjunto da lâmina evoca a idéia da Lei, que se interpõe entre a ação livre da vontade individual e a essência do Ser. O homem pode agir segundo seu livre arbítrio; a Lei *reage* por efeitos visíveis e invisíveis à sua ação. Mas atrás dessa reação encontra-se a essência da Realidade última - o *ens realissimunr* de santo Tomás de Aquino - que confere às reações da Lei a universalidade, a regularidade e a imutabilidade. A Lei se interpõe entre a liberdade do homem e a liberdade de Deus. Ela está assentada entre duas colunas: a da Vontade *(Jakin)* e a da Providência *(Boas).* Ela não age, somente reage. Por isso é represen-

1 "Quem vigiará os guardas?" (N. do T.) 2 "Ente realíssimo". (N. do T.)

tada por uma mulher, e não por um homem. A coroa em sua cabeça indica que a sua dignidade e a sua missão vêm do alto - do Ser Supremo, da Providência. A balança e a espada em suas mãos indicam o que ela guarda (o equilíbrio) e como ela o guarda (pela sanção do equilíbrio) no domínio das vontades individuais livres. Assim ela diz: "Estou assentada na cátedra que está entre as vontades individuais dos seres e a Vontade universal do Ser. Sou a Guardiã do Equilíbrio entre o individual e o universal. Tenho o poder de restabelecê-lo todas as vezes que ele for violado. Sua a Ordem, a Saúde, a Harmonia, a *Justiça".*

A balança indica o equilíbrio - ou a ordem, a saúde, a harmonia e a justiça - e a espada significa o poder de restabelecê-lo cada vez que a vontade individual peca contra a vontade universal.

Esse sentido geral da lâmina salta aos olhos desde o começo da meditação sobre o VIIl Arcano. E, no entanto, o sentido geral - apesar de muitos o considerarem como o objetivo de seus esforços para conseguirem o conhecimento - é somente a antecâmara do sentido hermético, que não se encontra na *generalidade* obtida pelo processo da *abstração,* mas na *profundeza* obtida pelo método da *Penetração.*

As respostas gerais conseguidas pela abstração são, na realidade, outras tantas questões ou tarefas atribuídas à penetração. Porque quanto mais abstrata é uma idéia geral tanto mais superficial ela é. A idéia mais geral e mais abstrata que existe em filosofia é a do *Absoluto* (p. exemplo, em Hegel), mas ela é, ao mesmo tempo, a idéia mais superficial do mundo. Significando tudo, ela não exprime nada. Alguém pode morrer - e também viver -. - por Deus, mas ninguém morreria pelo Absoluto. Porque morrer pelo Absoluto é o mesmo que· morrer por nada. A idéia do Absoluto é a sombra das sombras, ao passo que o Deus vivo é o protótipo dos protótipos. Protótipo dos protótipos significa: Pai universal.

Um dos sentidos do primeiro mandamento: "Não terás outros deuses diante de mim", é que não se deve substituir a *real idade* espiritual de Deus pela *abstração* intelectual de Deus. Peca-se, pois, contra o primeiro mandamento quando o Ser ígneo, luminoso e vibrante de vida é substituído pelo "princípio" ou pela "idéia" abstrata, seja de "causa primeira", seja de "absoluto", que, na verdade, não passa de "imagens talhadas" mentalmente ou de ídolos feitos pelo intelecto humano.

Não pequemos, também nós, contra o primeiro mandamento e não substituamos a realidade da Justiça por imagens ou idéias abstratas. Mas nem por isso abracemos a idéia dos iconoclastas intelectuais que em todo conceito e em toda idéia abstrata só querem ver ídolos. Porque todos os conceitos e todas as idéias abstratos *podem* tornar-se *ícones* ou "imagens ragradas" quando são consideradas não como o *fim,* mas como o *começo* da via do conhecimento da realidade espiritual. No domínio da vida intelectual, as *hipóteses* não fazem o papel de ídolos, mas de imagens sagradas. Porque ninguém aceita uma hipótese como verdade absoluta nem adora uma imagem sagrada como a realidade absoluta.

As hipóteses são fecundas porque nos conduzem à verdade, guiando-nos no conjunto de nossa experiência - do mesmo modo que também os ícones ou as imagens sagradas são fecundas porque nos conduzem à experiência da realidade espiritual que representam. Um ícone é o começo do caminho para a realidade espiritual; ele não a substitui - como na idolatria - mas dá o impulso e a direção. Também o conceito e a idéia abstrata não substituem a verdade espiritual, mas dão o impulso e a direção para ela. Evitemos, portanto, a Cila e a Caribde da idolatria e da atitude iconoclasta intelectuais e tomemos as idéias abstratas como *hipóteses* que guiam para a verdade, e as imagens ou *símbolos* como nossos guias para a realidade. Não cometamos o erro de querer "explicar" um símbolo, reduzindo-o a algumas idéias abstratas gerais, nem o erro de querer "concretizar uma idéia abstrata vestindo-a com uma alegoria, mas procuremos a *experiência prática espiritual* da verdade e da realidade por meio das idéias abstratas e das imagens concretas. Porque, rendo um sistema ou organismo de exercícios espirituais, o Tarô é antes de tudo *prático;* do contrário, não valeria a pena ocupar-se dele.

Consideremos, então, o Arcano "A Justiça" como convite ao esforço de nossa consciência para chegar à experiência da realidade que ele representa e à compreensão da verdade que ele exprime. Devemos sublinhar logo que é no domínio do *julgamento* que se manifestam a realidade e a verdade da justiça. Porque pronunciar um julgamento a respeito de alguma coisa é um ato cujo objetivo é encontrar a justiça.

Os juízes nos tribunais não são os únicos a julgar; todo mundo julga à medida que *pensa.* Todos nós, enquanto seres pensantes, somos juízes. Porque todo problema e toda questão que nos esforçamos por resolver dão lugar a uma sessão de nosso tribunal interior, no qual os "prós" e os "contras" são confrontados e pesados antes do julgamento. Juízes todos nós somos, bons ou maus, e exercemos as funções de juiz quase sem cessar de manhã à noite. O mandamento: "Não julgueis" significaria então renunciar a pensar. Porque pensar é julgar. "Verdadeiro" e "falso", "belo" e "feio", "bom" e "mau" são julgamentos que fazemos várias vezes por dia. Mas julgar é uma coisa, condenar é outra. Julgamos *fenômenos* e *atos,* mas não podemos julgar os seres como tais, porque isso ultrapassaria a competência do julgamento do pensamento. Os *seres* não devem, pois, ser julgados; eles são inacessíveis ao julgamento do pensamento, que se apóia só na experiência do fenômeno. Assim o julgamento negativo concernente aos seres ou a sua condenação, na realidade, não é possível. É nesse sentido que se pode compreender o mandamento cristão: "Não julgueis" - isto é, não julgueis os *seres,* não os *condeneis.* Porque aquele que condena arroga a si uma função da qual é incapaz. Ele *mente* apresentando como verdade e justiça um julgamento desprovido de fundamento. Pode-se, portanto, dizer ao próximo: "Ages como um insensato", mas aquele que lhe dissesse: *"És* insensato" mereceria ser punido pelo fogo da geena (Mt 5,22).

É necessário, por isso, que aquele que faz um julgamento saiba o que sabe e o que ignora. E sempre ignoramos o ser numênico do outro ou a sua alma. Por isso nenhum julgamento humano se refere à alma.

E a *intuicão?* Não tem ela nada a ver com isso? Sem dúvida ela existe e tem algo a ver com isso. Mas, como a intuição é a percepção proveniente da simpatia e do amor, ela jamais acusa. Ela exerce sempre o papel da defesa, do advogado. Como ela percebe a alma dos seres, só vê neles a imagem de Deus. Vendo-a e sabendo que a alma do pecador é sempre a primeira vítima de qualquer pecado ou crime que ele cometa, a intuição só pode desempenhar o papel de advogado. O ditado "compreender tudo é perdoar tudo" refere-se à compreensão do "interior", isto é, intuitiva, e não à compreensão do "exterior" ou fenomênica e discursiva. A fórmula comovente do papel da intuição no exercício da justiça nós a temos no pedido do Mestre crucificado: "Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem" (Lucas 23,24). Essa fórmula implica três fatos:

1) o que eles fazem, do ponto de vista fenomênico, é criminoso;

1) o julgamento é entregue ao Pai;

3)o apelo é uma defesa, "perdoa-lhes", fundada na certeza proveniente da percepção intuitiva de que "eles não sabem o que fazem". Foi graças ao reconhecimento do papel da intuição da inteligência, distinto do papel da pesquisa e da constatação dos fatos do entendimento, que a estrita justiça desse último pôde ser corrigida pela *eqüidade (aequitas - equity - Billigkeit)* no exercício da justiça, nos países que aceitaram os princípios do direito romano e do direito anglo-saxônico. O direito estnto é aquilo que é encontrado pelo entendimento depois de ter comparado os fatos com a lei em vigor. A eqüidade é aquilo que a inteligência considera necessário modificar no direito estrito depois de compará-lo com o que ela aprendeu intuitivamente do ser humano cuja sorte está em jogo. Na civilízação cristã, o júri foi introduzido no exercício da justiça a fim de fazer valer a eqüidade ou o julgamento da intuição da in.erigência. Antes do cristianismo a instituição do júri não existia. Nem a mulher de Pilatos, nem a "grande multidão do povo . . . e mulheres que batiam no peito e se lamentavam por causa dele" (Lc 23,27) tinham voz no tribunal de Pilatos. O "júri" de então só podia chorar (mulheres de Jerusalém) ou conversar em segredo com o juiz (mulher de Pilatos). Era então a eqüidade que chorava nas ruas de Jerusalém, e era a intuição da inteligência que cochichava advertências no ouvido de Pilatos pela boca de sua muiher . E foi a ausência do júri enquanto órgão judiciário da eqüidade que forçou o juiz Pilatos a recorrer ao ato - monstruoso em justiça - de abdicar da função de juiz, lavando as mãos, e de transferi-la para o acusador!

Ora, a justiça é feita somente quando *todos* os fatos pertinentes pró e contra o acusado são estabelecidos e pesados pelo entendimento e, depois, entregues ao julgamento da inteligência. As três funções da justiça: instrução, debates e decisão correspondem aos três graus do conhecimento: hipotético, argumentativo e intuitivo, designados por Platão como *dócsa* ou "opinião hipotética", *diánoia* ou "conclusão baseada em

argumentos" e *epistéme* ou "percepção intuitiva". Com efeito, os fatos estabelecidos e apresentados pela instrução servem de base para a acusação e a defesa, para as suas respectivas hipóteses "culpado" e "inocente". Os debates que se seguem têm por fim chegar a uma *conclusão* fundada nos argumentos apresentados a favor de uma e outra hipótese. A decisão tomada pelo júri é entendida, em princípio, como resultado do esforço da consciência para elevar-se acima da aparência dos fatos e do formalismo dos argumentos lógicos até a percepção intuitiva da matéria no plano humano. É, pois, a eqüidade que tem a última palavra.

Pode-se, por isso, dizer que o processo do exercício da justiça humana consiste no esforço total das três faculdades cognitivas do ser humano: a faculdade de formar hipóteses com base nos dados fornecidos pelos sentidos *(dócsa),* a faculdade de argumentação lógica ou de apreciação dos fatos favoráveis ou contrários a essas hipóteses *(diânoia)* e a faculdade da intuição *(e pistéme).*

Ora, a estrutura da "justiça justa" humana é - e só *pode* ser - uma "imagem" ou analogia da estrutura da justiça divina cósmica. A Cabala judaica põe isso em realce mais claramente do que qualquer outra corrente de tradição.

Nela, o sistema chamado "Árvore das Sefirot" é constituído por três "colunas": a da direita, a da esquerda e a do meio. A coluna da direita ou da misericórdia compreende as *Se/ irot H okmah* (Sabedoria), *Hesed* ou Gedulah (Graça, Misericórdia e Magnificência em relação à Majestade), *Neçah* (Vitória ou Triunfo). A coluna da esquerda ou do Rigor é constituída pelas *Sefirot Binah* (Inteligência), *Geburah* ou *Pahad* (Rigor e Temor), *Hod* (Glória ou Honra). As *Sefirot* da coluna do meio são *Keter* (Coroa), *Tiferet* (Beleza), *Yesod* (Fundamento) e *Malkut* (Reino).

A coluna da direita é designada muitas vezes como "colun'1 da Graça ou da Misericórdia", enquanto a coluna da esquerda tem o nome de "coluna do Rigor". Essas duas colunas (que o *Zohar* considera como as do BEM e do MAL metafísicos) correspondem, do ponto de vista da justiça, à *defesa* e à *acusação,* enquanto a coluna do meio corresponde à *eqüidade.* O sistema das dez *Sejirot* está baseado num equilíbrio móvel que se restabelece quando se produz uma dissimetria momentânea. *É o sistema da Balança.* "Uma balança, no seu estado mais simples, compreende um eixo fixo (uma coluna no meio), geralmente vertical, uma haste, que forma um T ou uma cruz com esse eixo, e finalmente dois pratos suspensos nas extremidades da haste.

A Balança dá ocasião a três relações fundamentais:

1) O equilíbrio entre os pratos estabelece um sistema de correlação;

2)a suspensão comum dos pratos por um ponto de apoio e a suspensão de todo o sistema por um suporte evocam uma relação de subordinação;

3) a função diferente dos dois pratos na pesagem introduz entre os termos opostos uma diferenciação, graças à qual se produz uma

orientação ou uma corrente" (Francis Warrain, *La Théodicée da la Kabbale,* p. 50) .

Trata-se, portanto, no sistema sefirótico, de um sistema de Balança estabelecido simultaneamente nos quatro mundos ou planos: o mundo da Emanação *(alam ha açilut),* o mundo da Criação *(alam ha beriah),* o mundo da Formação *(olam ha Y eçirah)* e o mundo da Ação *(alam ha asiah),* tanto no sentido vertical, sendo o equilíbrio entre o que está no alto e o que está em baixo estabelecido e restabelecido pela Balança, como no sentido horizontal, sendo o equilíbrio entre o lado direito e o lado esquerdo, o lado da Graça e o do Rigor, mantido pela Balança. A pesagem se efetua, assim, por meio de dois pratos, o da direita e o da esquerda, e por meio de dois pratos, o do alto e de baixo. A Obra da Balança direita-esquerda é a Lei da Justiça, que mantém o equilíbrio entre a liberdade individual dos seres e a ordem universal. Em última análise, é o *carma* enquanto lei que rege a regulamentação das dívidas mútuas dos seres. Mas a obra da Balança. céu-terra ultrapassa a justiça do Carma: ela é a Justiça da Graça.

Gratia gratis data. . . O Sol manda sua luz para os bons e os maus igualmente. É justo isso? Existe uma justiça da Graça que seja superior à justiça protetora, distributiva e punitiva da Lei? Sim, existe a "outra justiça", sublime, da graça, que é o sentido do Novo Testamento. Porque o Antigo Testamento está para o Novo Testamento como o Carma está para a Graça. Também a Graça se serve da Balança, isto é, da Justiça. É a Balança que tem um prato na terra e outro no céu. A oração dominical nos revela o princípio da Justiça da Graça e da operação de pesagem pela Balança céu-terra. Eis o que ela diz:

"Perdoai-nos a nossas ofensas assim como nós perdoamos àqueles que nos têm ofendido".

Em seguida o Mestre acrescenta:

"Se perdoardes aos homens os seus delitos, também o vosso Pai celeste vos perdoará; mas se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não perdoará os vossos delitos" (Mt 6,12.14-15).

O Mestre é formal quanto à Balança que opera entre a terra e o céu: "Vosso Pai *não vos perdoará* se não perdoardes aos homens" - eis a lei, eis a operação infalível e implacável da Balança terra-céu. Que essa Balança rege não só o perdão, mas também o domínio inteiro dos dons do alto compreendidos no Espirita Santo é o que decorre com evidência das palavras do Mestre referentes à oração dominical no Evangelho de Lucas (11,13):

"Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem".

O Sol brilha igualmente sobre os bons e os maus, mas é necessário abrir as janelas para que a luz entre no quarto. A *luz* do Sol não foi criada nem é merecida por nós. Ela é *dom* puro e simples, *gratia*

gratis data. Devemos, entretanto, abrir as nossas janelas para que ela entre em nossa morada como devemos abrir os olhos para vermos.

O sentido prático da Balança céu-terra é o da *cooperação* com a graça. O esforço humano não entra no domínio da operação da graça. Nem a eleição do alto (Calvinismo), nem a fé de baixo (Luteranismo) são suficientes, por si mesmas, para as exigências da Balança céu-terra. Eleitos ou não, tendo fé ou não, é necessário que perdoemos aos outros as suas ofensas, em baixo, para que as nossas ofensas sejam perdoadas no alto. Existe uma correlação - não de *medida,* mas de *natureza* -· entre o prato de baixo "Esforço" e o prato do alto "dom" da Balança céu-terra. A correlacão entre o Esforco de baixo e o Dom do alto não é, repito-o, de medida ou de *quantidade,* mas de substância ou de *qualidade.* É possível que o meu perdão de uma só ofensa de outrem acarrete o perdão de mil ofensas minhas da *mesma natureza.* A Balança céu-terra não pesa a *quantidade;* a sua operação pertence inteiramente ao domínio da *qualidade.* Não existe, por isso, nenhuma justiça *quantitativa* na relação entre os esforços de baixo e os dons do alto. Esses últimos ultrapassam sempre a medida da justiça quantitativa. É importante compreender isso, especialmente quando se trata da injustiça flagrante do inferno eterno, que uma vida - ou várias, pouco importa - limitada no tempo, pode causar. O inferno eterno seria injusto, todavia, somente do ponto de vista puramente quantitativo. Compara-se o número limitado dos anos de vida - ou de vidas - na terra com o número ilimitado de anos da eternidade e chega-se à conclusão de que a medida do castigo não tem proporção com a medida da falta e de que, por conseguinte, não há justiça nesse ponto. Mas consideremos o *problema do inferno eterno* não do ponto de vista da quantidade (que é absurdo, porque na eternidade o tempo não existe), mas do ponto de vista da qualidade.

Como fica então o problema?

Eis a resposta à qual chegamos quando abandonamos a correlação quantitativa entre o tempo e a eternidade: quem penetra na região da eternidade sem uma gota de amor entra no inferno eterno. Porque viver sem amor é o inferno. E viver sem amor na região da eternidade é viver no inferno eterno.

> "O *inferno é o estado da alma que é incapaz de sair de si mesma, centrada completamente em si mesma, é o sombrio e mau isolamento r isto é, a incapacidade final de amar"* - (diz N. A. Berdiaieff em *The Destiny of Man,* p. 351).

Esse estado subjetivo da alma não é nem longo nem breve, mas tão *intenso como* a eternidade. Do mesmo modo que intensa como a eternidade é a felicidade que o santo experimenta na visão de Deus, embora ela possa durar um instante para o observador presente. A "região" da eternidade é a da *intensidade* que ultrapassa as medidas de quantidade que tiramos do tempo e do espaço. "A eternidade" não é duração de comprimento infinito, mas a intensidade da qualidade; comparada com o tempo e traduzida na linguagem da quantidade, ela só tem equivalente numa duração infinita. N. A. Berdiaieff diz que

"durante a nossa vida terrestre, acontece de experimentarmos tormentos que nos parecem durar para sempre, que duram, para nós, não um momento, uma hora ou um dia, mas infinitamente ... Objetivamente essa infinidade pode durar um momento, uma hora ou um dia, mas recebe o nome de inferno eterno. . . Quando Orígenes diz que Cristo permanecerá na cruz enquanto uma só criatura estiver no inferno, a expressão visa a uma verdade eterna" (op. cit., p. 347).

Que poderíamos acrescentar a isso, a não ser amém? O inferno eterno é o estado de alma aprisionada em si mesma e sem esperança de sair dessa situação. *Eterno* significa "sem esperança". Todos os suicídios cometidos por desesperados testemunham a realidade do inferno eterno como estado da alma. Antes de cometer suicídio, a pessoa que o comete experimenta o estado de desespero completo, isto é, o inferno *eterno.* Por isso prefere o nada ao estado de desespero. O nada é, pois, sua última esperança .

A felicidade eterna, o "Céu", é, ao contrário, o estado da alma cheia de esperança sem limites. Não é uma felicidade que dure por uma sucessão infinita de anos; é a *intensidade* da esperança que lhe dá a qualidade de "eterna" . Do mesmo modo é a intensidade do desespero que atribui a qualidade de "eterno" ao estado de alma chamado "inferno".

A angústia do Getsêmani, que produziu o suor de sangue, foi *eterna.* Aquela noite, a noite do Getsêmani, não era medida em horas. Ela era - e *é* - sem medida, logo, eterna. E foi por causa da eternidade dessa noite que Ele suou sangue, e não por causa de uma provação temporária e, portanto, passageira. Ele conheceu o inferno eterno por experiência. Mas saiu dele, e temos a Boa Nova de que não só a Morte foi vencida pela ressurreição, mas de que também o Inferno o é pelo Getsêmani. A majestade da vitória sobre o inferno, anunciada pelas palavras: *"Sou Eu",* fez cair por terra os soldados da coorte e os guardas dos principais sacrificadores e fariseus que tinham ido prendê-lo (Jo 18,6). Também a alma de Orígenes se prostrou perante a Vitória sobre o inferno eterno e foi tocada pela revelação contida nas palavras "sou Eu", pronunciadas por aquele que acabava de sair do inferno eterno. É por isso que Orígenes sabia com certeza que, no fim do mundo, não haverá condenados e que o Diabo também será salvo. E quem meditar no suor de sangue do Getsêmaní e nas palavras "Sou Eu", que anunciaram a vitória eterna sobre o inferno eterno - saberá também com certeza que o inferno eterno *existe* como realidade mas que será *esvaziado* na consumação dos séculos . O suor de sangue do Getsêmani é a origem do "origenismo", a fonte de sua inspiração. Mas a Boa Nova da vitória eterna sobre o inferno eterno não foi compreendida pelos "gregos", que procuravam a sabedoria, nem pelos "judeus" que queriam milagres. Ela só pode ser compreendida pelos *cristãos.* Porque os "gregos" negam a realidade do inferno eterno como incompatível com a idéia de Deus,

que é, a um só tempo, bom e todo-poderoso. Os "judeus" admitem a condenação eterna e insistem no inferno eterno *povoado* porque, de outro modo, faltaria a Deus, Juiz, o poder absoluto de punição. Eles negam a infinidade do Amor divino. Só os cristãos aceitam e compreendem "a loucura e a fraqueza" da Cruz, isto é, da Obra do Amor infinito levada ao seu termo pelo Amor mesmo. Para eles, os meios não só não são santificados pelo fim, mas também devem ser idênticos a ele. Eles sabem que o amor nunca será ensinado e aprendido pelo rigor e pelo temor. O amor toca os corações diretamente por seu valor, por sua beleza e por sua verdade, ao passo que o temor da condenação eterna jamais fará brotar o amor no coração humano. Não é o rigor da estrita justiça que nos mostra o amor do pai pelo filho pródigo, mas o banquete com que o pai o acolheu.

Os "gregos" dirão, contudo, que o pai sabia antecipadamente que o filho voltaria, porque não tinha outra escolha, e que o drama todo não passava de *aparência.* A maneira de agir do pai teria sido apenas um "artifício da razão" *(List der Vernunft* de Hegel). Os "judeus" dirão que o poder do pai, agindo na alma do filho pródigo, ordenou-lhe irresistivelmente que voltasse para a casa paterna. Logo, o filho não tinha outra escolha, senão obedecer.

Assim, a *alegria* e o *banquete* oferecidos pelo pai são incompreensíveis para os adoradores da sabedoria ("gregos") e para os adoradores do poder de Deus ("judeus"). Só os adoradores do amor de Deus ("cristãos") é que compreendem que a história do filho pródigo é drama real do amor real e da liberdade real, e que a alegria e o banquete do pai foram verdadeiros como foi verdadeiro o sofrimento do pai e o do filho antes do seu reencontro. Eles compreendem, além disso, que a história do filho pródigo é a história de todo o gênero humano e que a história do gênero humano é um drama real do amor divino real e da liberdade humana real.

"Gregos", "judeus" e "cristãos" - adoradores da sabedoria, do poder e do amor de Deus! Existem sempre muitos "gregos" e muitos "judeus" na Igreja e no cristianismo em geral. Eles são os responsáveis por todas as heresias concernentes à fé e à moral e são eles que causam divisões e cismas na comunidade cristã universal. Assim, desde o começo, "judeus" e "gregos" queriam transformar o fato central do amor divino, a Encarnação do Verbo e da pessoa do Deus-Homem, em fato de sabedoria ou de poder. "Jesus é somente o Messias, o homem ungido e eleito *enviado* de Deus" ensinavam os "judeus" (ebionitas e seguidores de Cerinto) que negavam a encarnação divina como incompatível com a onipotência de Deus; "o Verbo se encarnou, mas não é Deus; ele é criatura", ensinavam os "judeus" do século IV, os discípulos de Ario, inspirados na idéia de que o poder de Deus era suficiente para criar uma criatura de perfeição tal que tivesse condições de realizar a obra da salvação sem que Deus se encarnasse.

"Há duas pessoas em Jesus, uma divina, e outra humana", diziam os "gregos" conhecidos pelo nome de "nestorianos ", os quais viam

um abismo intransponível entre a sabedoria divina absoluta e a sabedoria humana relativa, e que não podiam admitir que a primeira se unisse com a segunda sem diminuição e obscurecimento. "Existe uma só natureza em Jesus" - ensinavam, ao contrário, os "judeus" conhecidos pelo nome de "eutiquianistas ", os quais, cegos em relação à união das duas naturezas, divina e humana, por *amor,* sem que nenhuma delas desaparecesse na outra e sem que as duas desaparecessem, dando lugar a terceira natureza, pensavam que a união de duas naturezas só poderia ser *substancial* e que a onipotência divina bem que poderia realizar o milagre alquímico da fusão *substancial* de duas naturezas. Os "judeus" posteriores, conhecidos como "monofisitas" e "jacobitas", aceitaram a doutrina do eutiquianirrno e fundaram suas próprias igrejas.

Ao mesmo tempo, os "gregos", convencidos de que só existem sabedoria e ignorância, sendo a primeira espírito puro, e a segunda matéria, negavam a realidade de duas naturezas no Deus-Homem e, portanto, a *encarnação,* uma vez que a *encarnação* da sabedoria significaria a sua redução ao estado de ignorância. Por isso, os "docetas" ensinavam que a humanidade do Verbo era só aparente e que o corpo de Jesus era fantasma.

O "grego" Apolinário (séc. IV) pensava que era necessário mudar a proporção entre as duas naturezas e reduzir de um terço a presença da natureza humana em Jesus. Segundo ele, a natureza humana completa consta de três princípios: corpo, alma *(psyché)* e *espírito (pneuma),* ao passo que em Jesus a humanidade constava só de dois princípios, corpo e alma, tendo o espírito humano sido substituído pelo Verbo divino. É sempre o escrúpulo "grego" de querer conservar a sabedoria divina intata e não obscurecida pelo elemento humano.

Assim, os "gregos", empenhados na causa da supremacia da sabedoria, e os "judeus", apegados à causa da supremacia do poder de Deus, esforçavam-se, no decorrer dos séculos, por destronar o princípio do amor em favor do princípio, seja da sabedoria, seja do poder.

A luta pelo princípio do amor, começada na antiguidade, prosseguiu durante e depois da Idade Média e continua ainda hoje em torno da Igreja, dentro da Igreja e dentro da alma de todo cristão. A luta entre os "realistas" extremos e os "nominalistas" extremos no seio da escolástica medieval e moderna, era, no fundo, uma luta entre os "gregos" ("realistas") e os "judeus" ("nominalistas"). O mesmo se diga da luta entre "racionalistas" e "voluntaristas". Para os "realistas" e os "racionalistas" as idéias eram realidades objetivas, e a razão, em Deus, era superior à sua vontade, ao passo que, para os "nominalistas" e os "voluntaristas", as idéias eram apenas "nomes", *abstrações* úteis para a classificação dos fenômenos, e, em Deus, a vontade era superior à razão. Para uns, Deus é, em primeiro lugar, a Vontade onipotente; para os outros, ele é sobretudo a Razão da sabedoria infinita.

E o *amor* de Deus? Foi esse terceiro princípio, essencialmente cristão, que manteve o equilíbrio no decorrer dos séculos e que ainda

protege a cristandade contra a desintegração. Tudo o que há de paz no seio da cristandade é devido ao princípio da supremacia do amor.

A vitória completa do "realismo" com sua fé no que é *geral,* em prejuízo do que é individual, teria afundado o cristianismo no rigor e na crueza, o que foi suficientemente manifestado pela Inquisição, que punha em prática o dogma fundamental do realismo: "o geral é superior ao individual".

A vitória completa do "nominalismo" teria mergulhado o cristianismo na relatividade das opiniões, das crenças e das revelações individuais. As centenas de seitas protestantes e a variedade de crenças no seio dessas seitas provam-no com certeza absoluta.

A unidade no espaço (Igreja) e no tempo (tradição) do cristianismo não é devida nem ao rigor "realista", nem à indulgência "nominalista", mas à paz do equilíbrio entre as tendências "judaicas" e "gregas", que a tendência "cristã" do amor conseguiu estabelecer e manter. Se não fosse assim, o mundo cristão estaria dividido em duas esferas - a esfera na qual as pessoas seriam sufocadas pelo "tédio huguenote" e pelo "rigor puritano" de uma espécie de calvinismo (Calvino era "realista"), e a esfera na qual cada família e até cada pessoa teria sua pequena religião e sua pequena igreja particular (Lutero era "nominalista"). E o *cristianismo* como tal não seria mais do que uma abstração, um *nome* ou uma *palavra (mera vox* ou *flatus voeis).*

Eis o que está em questão quando se pensa no símbolo da *Balança.* Os mesmos conflitos que se encontram no cristianismo em geral encontram-se também no movimento hermético ou "ocultista". Também nele há "gregos", "judeus" e "cristãos". Os "judeus" procuram "milagres", isto é, realizações mágicas, e os "gregos" aspiram a uma teoria absoluta, que estaria para as filosofias exotéricas como a álgebra está para a aritmética. Assim Martinez de Pasqually e o círculo de seus discípulos praticavam a magia cerimonial com a intenção de conseguirem a evocação do próprio Ressuscitado. Hoenne-Wronski, ao contrário, elaborou um sistema absoluto da "filosofia das filosofias", para abranger e situar no lugar que lhe compete toda a filo:ofia do passado, do presente e do futuro.

Fabre D'Olivet (autor de *L'histoire philosophique du Genre humain)* e Saint-Yves d'Alveydre (autor de *L'Archéomêtre* ou do sistema dos princípios-critérios de todas as doutrinas filosóficas, religiosas e científicas passadas, presentes e futuras) representam, no quadro do movimento hermético ou ocultista, a tendência "grega" por excelência. Por outro lado, Eliphas Lévi e aqueles que escreveram sobre a magia e a Cabala prática, continuando a sua obra nos séculos XIX e XX e até hoje, representam a tendência "judaica".

Ora, Claude de Saint-Martin, depois de ter colaborado com o círculo íntimo dos discípulos de Martinez de Pasqually, desligou-se desse círculo e da obra de seu mestre. Ele agiu como amigo, não como adversário, sem pôr em dúvida a realidade da magia praticada nesse círculo. Ele agiu assim porque encontrara a "via interior", cujo valor em

experiências e realizações ultrapassa o valor das experiências e das realizações da "Magia, da Teurgia, da Necromancia e do Magnetismo artificial" -

> " *Essas espécies de clareza (nascidas da prática dos ritos da alta Teurgia) devem pertencer àqueles que são chamados diretamente para fazerem uso delas, por ordem de Deus e para a manifestação de sua glória. E quando eles são chamados para isso dessa maneira, não há motivo para se inquietar com a sua instrução, porque eles recebem então, sem nenhuma obscuridade, mil vezes mais noções e noções mil vezes mais seguras do que as que simples amador como eu poderia lhes oferecer sobre todas essas bases. Querer falar sobre esse tema a outros, especialmente ao Público, é querer estimular inutilmente uma vã curiosidade e trabalhar mais para a gloríola do escritor do que para a utilidade do leitor. Ora, se cometi erros dessa espécie em meus antigos escritos, cometeria ainda maiores se quisesse persistir na mesma trilha. Assim, meus novos escritos falarão muito dessa "iniciação central" que, por nossa* união *com Deus, pode ensinar-nos tudo o que devemos saber, e falarão muito pouco da anatomia descritiva desses pontos delicados para os quais desejaríeis que eu dirigisse minha atenção",*

diz Saint-Martin numa carta datada de 1797 (Robert Ambelain, *Le Martinisme,* p. 113). Tendo encontrado o "verdadeiro teurgismo " no domínio da vida espiritual interior, ele abandonou o teurgismo cerimonial ou exterior. Por outro lado, Saint-Martin não se engajou na via grandiosa das aventuras intelectuais da criação de um sistema filosófico absoluto. Ele permaneceu *prático;* mudou somente a forma da prática, passando da magia cerimonial para a magia sagrada ou divina, que se funda na experiencia mística e na revelação gnóstica. Saint-Martin representa a *terceira* tendência do movimento hermético ocidental: a tendência *cristã.*

Do mesmo modo que o cristianismo em geral, o hermetismo não se desintegrou graças aos "cristãos" que, em seu seio, mantêm o equilíbrio entre os "Judeus" e os "gregos". Se não fosse assim, haveria agora duas literaturas e dois movimentos divergentes, que teriam em comum somente alguns vestígios da terminologia antiga. A corrente "grega" chegaria tarvez ao "Arqueômetra dos Arqueômetras passados, presentes e futuros", e a corrente "judaica" chegaria à "operação zodiacal da evocação dos doze Tronos ... "

Todavia, a *fonte* da vida e da viabilidade de toda a corrente hermética no decorrer das idades não está nem na teoria intelectual, nem na . prática mágica. Essa fonte é bem precisada por Hermes Trismegisto, o sábio pré-cristão, no diálogo *Ascleptus:*

> " *Posso declarar-te, com efeito, como em profecia que, depois de mim, não haverá mais amor sincero à filosofia, a qual consiste unicamente no desejo de conhecer melhor a divindade numa contemplação habitual e numa piedade santa. Porque muitos já a corrompem com toda sorte de sofismas ... , misturando-a com vá-*

rias ciências inteligíveis como a aritmética, a música e a geometria. Mas a pura filosofia, aquela que depende só da piedade para com Deus, não deve interessar-se por outras ciências, a não ser à medida que estas. . . induzem a admirar, adorar e bendizer a arte e a inteligência de Deus. . . Adorar a divindade com coração e alma simples, reverenciar as obras de Deus e render graças à vontade divina, que é a plenitude do Bem, tal é a filosofia que não é manchada por nenhuma curiosidade má do espírito".

Transposto para a época cristã, com todas as transformações que essa transposição implica, esse enunciado pré-cristão do hermetismo nos dá a sua raiz eterna e a sua fonte de vida e de viabilidade.

Do ponto de vista do saber, o texto citado parece extremamente banal. Qualquer monge piedoso - e orgulhoso de sua ignorância piedosa - um cisterciense do século XII, por exemplo, poderia ter sido o seu autor. Consideremo-lo, porém, do ponto de vista da *vontade,* tomemo-lo corno programa de ação - da ação milenar do passado e do futuro. Que nos diz ele então?

Ele nos diz primeiramente que existem três impulsos fundamentais para o esforço humano que visa a construir o edifício do corpo das ciências e da filosofia, para o esforço da aspiração ao conhecimento. A *curiosidade,* que quer conhecer por conhecer, segundo o princípio da "arte pela arte"; a *utilidade,* na qual as necessidades da vida humana levam ao esforço da pesquisa, da experimentação e da invenção para tornar o trabalho mais frutuoso, preservar a saude e prolongar a vida; enfim, a *glória de Deus,* na quai não existe curiosidade nem utilidade prática, mas. como diz o grande paleontólogo de nosso tempo, Pierre Teilhard de Chardin,

"o enorme poder da atração divina . . . cujo efeito específico é. . . santificar o esforço humano ... " (Le Milieu Divin, p. '.:>4).

Existe o saber por saber, o saber para melhor servir o próximo
e o saber para meihor amar a Deus. O saber por saber se retere, em última análise, à promessa da Serpente do Paraíso: "sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal". É, pois, para a sua própria glória que o homem se engaja nessa via. Por isso é que o Hermetismo antigo, o Hermetismo cabalístico judaico e o Hermetismo cristão condenam como vã, temerária e nefasta a curiosidade ou o saber pelo saber. Assim está dito no extrato do Livro Sagrado de Hermes Trismegisto, intitulado *Filha* (ou *Pupila) do Mundo (Kore Kosmou):*

"Foi uma obra arrojada o ter criado o homem, esse ser de olhos indiscretos e de língua bisbilhoteira, destinado a ouvir o que não lhe diz respeito, de olfato inquiridor e que medirá tudo o que ultrapassar a faculdade apreensora do tato. É ele que estás decidido, ó Criador, a deixar livre de todo cuidado, ele, que, em sua audácia, deve contemplar os belos mistérios da natureza? ... Os homens arrancarão as raízes das plantas e examinarão as qua-

lidades de sua seiva. Perscrutarão a natureza das pedras e abrirão pelo meio os viventes que não têm razão; que digo? Eles dissecarão seus semelhantes, no desejo de examinar como são formados. . . Pesquisarão até qual a natureza -que se oculta mais no fundo dos santuários inacessíveis. Irão atrás da realidade até no alto, ávidos por descobrir, mediante suas observações, qual é a ordem estabelecida do movimento celeste. . . E então, armados de audácia indiscreta, não se transportarão esses infelizes até o céu?"

Tal é a *acusação* do demônio Momus - "um Espírito cheio de força e, tanto pela massa de seu corpo como pelo poder de seu pensamento, desafiador de toda apreensão" - espírito inquiridor do gênero humano, citado em *Kore Kosmou.*

Mas eis a defesa de Hermes Trismegisto em seu discurso dedicado ao seu filho Tot, discurso esse chamado "A Chave" - a chave da faculdade cognitiva do homem:

" . . . O *homem é vivente divino, e deve ser comparado não ao resto dos viventes terrestres, mas aos do alto, no céu, chamados deuses. Ou melhor, se for necessário ousar dizer a verdade, é ainda acima desses deuses que está estabelecido o homem realmente homem, ou, pelo menos, que existe completa igualdade de poder entre uns e outros.*

Com efeito, nenhum dos deuses celestes deixará a fronteira do céu para descer à terra; o homem, ao contrário, eleva-se até o céu, mede-o e sabe o que no céu está no alto e o que está em baixo; descobre todo o resto com exatidão e, maravilha suprema, não tem necessidade de deixar a terra para estabelecer-se no alto, a tão longe se estende seu poder! É preciso, pois, ousar dizê-lo: o homem terrestre é deus mortal; o deus celeste é homem imortal".

Eis a acusação e a defesa. Momus, o acusador, tem razão no sentido de que o impulso que aspira ao saber pelo saber deve ser condenado. Mas Hermes Trismegisto também tem razão ao afirmar que a faculdade cognitiva aplicada, seja à glória de Deus, seja ao serviço do próximo é bem fundada e justa. Existe, portanto, um saber legítimo e até glorioeo, e um saber ilegítimo, vão, indiscreto e temerário.

Ora, na história humana, o Hermetismo, a sua alma e a sua vida são a corrente milenar *do conhecimento para a glória de Deus,* ao passo que o corpo das ciências oficiais procede, seja da utilidade, seja do desejo de saber por saber ou da curiosidade.

Nós, hermetistas, somos teólogos da Sagrada Escritura que revela Deus, chamado "Mundo", como os teólogos das Sagradas Escrituras que revelam Deus são hermetistas enquanto dedicam seu esforço à glória de Deus. E como o Mundo não é somente corpo material, mas também alma e espírito, do mesmo modo as Sagradas Escrituras não são letras mortas, mas igualmente alma e espírito. Por isso a nossa tríplice ciência do tríplice mundo é dedicada à glória da Santíssima Trindade no decorrer

dos séculos como o é também a tríplice ciência da revelação divina pelas Sagradas Escrituras. Não somos chamados, nós, teólogos do Mundo, e vós, teólogos das Sagradas Escrituras, para velarmos pelo mesmo altar e para cumprirmos a mesma obrigação de não deixarmos apagar-se a lâmpada acendida para a glória de Deus no mundo? Não é nosso dever comum provê-la do óleo sagrado do esforço humano, a fim de que a sua chama jamais se apague e ela dê testemunho de Deus pelo simples fato de existir e não se apagar de século em século? Não é, enfim, chegado o tempo de nós, hermetistas, percebermos o fato incontestável de que é graças à Igreja que temos o ar que respiramos, o lugar, o abrigo e o refúgio neste mundo de materialismo, de estatismo, de nacionalismo, tecnologismo, biologismo e psicologismo? É porque a Igreja vive que nós vivemos. Se os sinos das igrejas forem reduzidos ao silêncio, todas as bocas humanas desejosas de servir à glória de Deus serão reduzidas ao silêncio. Vivemos e morremos com a Igreja. Porque, para vivermos, temos necessidade do ar para respirarmos, da atmosfera de piedade e de sacrifício e da apreciação do invisível como realidade superior. Esse ar e essa atmosfera só existem no mundo graças à Igreja. Sem ela, o Hermetismo, que digo?, toda a filosofia idealista e todo o idealismo metafísico estariam mergulhados no utilitarismo, no materialismo, no industrialismo, no tecnologismo, no biologismo e no psicologismo. Caro Amigo Desconhecido, imagina o mundo sem a Igreja, o mundo das usinas, dos clubes, dos esportes, das reuniões políticas, das universidades utilitárias e das artes utilitárias ou de recreação - onde não ouças em nenhum lugar palavras de louvor à Santíssima Trindade ou uma bênção dada em seu nome. Imagina um mundo no qual nunca ouças a voz humana dizer: "Gloria Parri et Filio et Spiritui Sancto, nunc et semper, et in saecuía saeculorum " [3] ou: "Benedicat vos omnipotens Deus, Pater, Filius et Spiritus Sanctus" [4]• Um mundo sem adoração e sem bênção. Como a atmosfera psíquica estaria então empobrecida de ozônio, como estaria ela vazia e fria! Crês que o hermetismo poderia existir e viver nela um só dia?!

Usa a Balança da Justiça e pesa imparcialmente. Depois que o tiveres feito, dirás, sem dúvida: "Jamais atirarei pedras por pensamentos, palavras ou ações contra a Igreja, uma vez que é ela que torna possível, estimula e protege o esforço humano para a glória de Deus. E como o Hermetismo é taí esforço, ele não pode existir sem a Igreja. Nós, hermetistas, temos uma só alternativa: viver como parasitas, se somos estrangeiros ou hostis à Igreja (porque é graças a ela que podemos viver) ou viver como amigos e servos fiéis, se compreendemos o que lhe devemos e se já começamos a amá-la.

Ora, é tempo de o movimento hermético fazer a paz verdadeira e cristã com a Igreja, de cessar de ser seu filho quase ilegítimo, levando vida

3 "Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo; agora e sempre e pelos séculos dos séculos". (N. do T.)

4 "Abençoe-vos o Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo". (N. do T.)

meio tolerada na penumbra da Igreja, e de tornar-se, enfim, filho adotado, senão reconhecido como legítimo.

Mas, "para que haja amor, são necessários dois". Muitas pretensões devem ser abandonadas para que isso aconteça. Se as duas partes só querem a glória de Deus, é certo que todos os obstáculos para essa paz se desvanecerão como fumaça.

Desvanecer-se-á como fumaça a pretensão de alguns hermetistas de terem autoridade de fundar, por conta própria, pequenas igrejas e e de erigir altar contra altar e hierarquia contra hierarquia.

Desvanecer-se-á como fumaça também a pretensão de alguns teólogos de serem o tribunal supremo, sem apelo a outra instância, em tudo o que diz respeito aos planos do mundo acima do plano dos cinco sentidos. A lição dada por Copérnico e Galileu aos teólogos que se outorgavam a autoridade de tribunal supremo no que concerne ao mundo sensível pode repetir-se em níveis mais altos, em caso de recidiva do espírito arrogante. As verdades reveladas, portanto, absolutas, da Salvação estão confiadas ao Magistério da Igreja, logo, ao trabalho de interpretação, de explicação e de apresentação dos teólogos competentes. Mas o domínio imenso no qual a Salvação se opera - o *mundo* físico, vital, psíquico e espiritual, a sua estrutura, as suas forças, os seus seres, as suas relações recíprocas, as suas transformações e a história de suas transformações - todos esses aspectos do Macrocosmo e do Microcosmo e muitos outros não são o campo do trabalho a ser feito para a glória de Deus e para a utilidade do próximo por todos aqueles que não querem esconder na terra os talentos a eles confiados pelo Mestre (Mt 25,14-30) nem ser servos inúteis?

Façamos, pois, apelo à Balança da Justiça - que é também a Balança da Paz - recorramos a ela, dediquemo-nos a ela, sirvamo-la! Então usaremos a Magia universal e eterna da Justiça para o bem universal e geral. Porque quem invoca a Balança da Justiça, quem a toma como metodo de treinamento prático do pensamento, do sentimento e da vontade é diretamente visado pela bem-aventurança do Sermão da montanha: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!" - "Saciados" significa: a justiça será feita.

Sejamos, portanto, justos com os teólogos, e eles serão justos conosco. Reconheçamos nossos justos deveres para com a Igreja, e ela reconhecerá nossos justos direitos. Então virá a *paz,* isto é, a obra da Balança da Justiça.

Se estamos empenhados na via do exercício espiritual da Balança da Justiça (porque *todos* os Arcanos do Tarô são, em primeiro lugar, exercícios espirituais), devemos ir até o fim - não seria este o caso, se deixássemos de usar a Balança da Justiça em nossos pensamentos e em nossos corações em relação a outro domínio no qual não existe paz e no qual a justiça deve ser estabelecida.

Ê o *domínio das relações* entre o Hermetismo e a ciência oficial. Como já é tempo de o Hermetismo fazer as pazes com a Igreja, e encontrar seu lugar nela, é tempo também de ele fazer a verdadeira

paz com a Academia e de encontrar seu lugar nela. Porque até aqui, para a Academia, o Hermetismo é filho ilegítimo, fruto de ligação obscura de religião infiel à sua vocação com a ciência igualmente infiel à sua. Em outros termos, para ela, o Hermetismo é liga de má qualidade de falsa religiosidade com falso espírito científico. Para a Academia, os hermetistas são uma súcia formada por elementos recrutados entre os maus crentes e os maus sábios.

Usemos novamente a Balança da Justiça.

A crítica precedente é fundada? - Sim, ela o é.

Ela é fundada porque tanto a Igreja como a Academia se fundam nos três votos sagrados, de Obediência, Pobreza e Castidade, ao passo que nós, hermetistas, portamo-nos como pontífices, sem os sacramentos e a desciplina correspondentes, e como acadêmicos, sem as provas e a disciplina indispensáveis. Não queremos *obedecer* nem à disciplina religiosa, nem à da ciência. E no entanto, é a Obediência ou a *disciplina* que sustenta a grandeza moral da Igreja e a grandeza intelectual da Academia.

A ascese da Academia comporta, além da Obediência à autoridade dos fatos e das regras estritas de prova e de colaboração, a Castidade, na fortna de sobriedade, e a Pobreza, na forma da ignorância postulada como base de todo o trabalho de pesquisa. O verdadeiro sábio é objetivo, sóbrio e aberto a toda experiência e a todo pensamento novos.

Se os verdadeiros sábios são tão raros como os santos da Igreja, isso não muda em nada o fato de eles representarem a Ciência. Porque não são os doentes e os degenerados que representam uma família, mas seus membros sãos.

A verdadeira ciência é a disciplina da objetividade, da sobriedade e da diligência ou, em outros termos, a disciplina dos votos de obediência, castidaáe e pobreza.

Porque não é possível a alguém ser diligente sem ser pobre, uma vez que a riqueza inclui sempre a preguiça. Não é possível ser sóbrio, sem aversão a tudo o que inebria, o que é a castidade. E não e possível ser º?jetivo, sem a obediência à experiência e às regras estritas da pesquisa.

É graças à prática desses três votos sagrados que a ciência faz progressos verdadeiros e avança na direção da *profundidade,* isto é, no domínio como tal do Hermetismo. Ela fez três grandes descobertas no domínio da profundidade: penetrou na profundeza biológica e encontrou a *lei da evolução;* penetrou na profundeza da matéria e encontrou a *energia pura;* ousou penetrar no domínio da profundeza psíquica e descobriu um mundo de *consciência oculta.* As três grandes descobertas da ciência - a evolução, a energia nuclear e o Inconsciente - fizeram dela uma colaboradora, senão uma rival, do Hermetismo, pelo fato de ter ela entrado no domínio que lhe é próprio - o domínio da profundeza.

O Hermetismo divide agora seu domínio hereditário com a Ciência. - Como irmã ou como rival? Eis a questão, da qual tudo depende.

Tudo depende de nossa decisão de hermetistas de tomarmos o partido de nos pormos ao serviço da ciência, em seu esforço para explorar a região das profundezas, ou o de rivalizarmos com ela. A decisão de servir implica e comporta a renúncia ao papel de representar uma ciência esotérica e sagrada diferente da ciência exotérica e profana. Tratarse-á de renunciar ao desejo de erigir cátedra contra cátedra, como se trata, perante a Igreja, de renunciar ao desejo de erigir altar contra altar. Pretendendo ser uma ciência - isto é, um corpo de doutrinas de validade geral e geralmente demonstráveis - o Hermetismo só pode fazer triste figura. Porque, sendo essencialmente *esotérico,* isto é, íntimo e pessoal, ele não pode, como a ciência, ter validade geral e ser demonstrável a todo mundo. O caráter esotérico do Hermetismo e a validade geral da Ciência se excluem mutuamente. Não se pode - nem se deve - apresentar o que é íntimo e pessoal, isto é, *esotérico,* como tendo validade geral, isto é, *científica.*

Sim, eu também sei, com certeza absoluta, que existem grandes verdades no Hermetismo; mas essas verdades não são *científicas,* não têm validade geral. Elas são válidas somente para as pessoas tomadas uma a uma, para as pessoas que têm a mesma fome e a mesma sede que eu, o mesmo ideal que eu e talvez as mesmas reminiscências do passado recuado que eu. São válidas para os membros "de minha família", que é como chamo "meus amigos desconhecidos", aos quais essas cartas são dirigidas.

O Hermetismo não é uma ciência diferente das outras ciências ou oposta a elas. Não é também uma religião. Ele é unidade tanto da verdade revelada como da verdade adquirida pelo esforço humano no foro interno da consciência pessoal e íntima. Sendo a síntese, íntima e pessoal de cada um, da religião e da ciência, ele não pode rivalizar nem com uma nem com a outra. O traço-de-união não tem a função de substituir os dois termos que ele une. O Hermetismo autêntico é, pois, aquele que aplica a si mesmo a disciplina da Igreja e a da Academia. Ele ora e pensa. E o faz com o fervor e a sinceridade de filho da Igreja, no que concerne à oração, e com a disciplina e a diligência de trabalhador da Academia, no que concerne ao pensamento. *Ora et labora* é a sua fórmula; nela o *et* é o lugar legítimo do Hermetismo. Ele é a porta aberta, no foro interior da consciência, entre o oratório e o laboratório. Ele é a *porta* entre os dois - e não *outro* laboratório ou *outro* oratório.

Ora et labora. Oratório e laboratório unidos no foro interior da personalidade. Que vem a ser isso, em última análise, senão a prática da Balança da Justiça?

O Hermetismo, entendido como a balança *Ora et labora,* implica várias retificações quanto aos hábitos de pensar que, da segunda metade do século dezenove para cá, deitaram raízes nos meios hermetistas. Eis um exemplo, que escolho por causa de seu grande alcance espiritual.

Os hermetistas cristãos são unânimes no que concerne à excelência da missão e da pessoa de Jesus na história da humanidade. Para eles,

Jesus está para os outros mestres espirituais da humanidade (Krisnna, Buda, Moisés, Orfeu etc.) como o Sol está para os planetas do céu visível. Nisso eles se distinguem dos Teósofos modernos da escola de Blavatzky e dos ocultistas e esoteristas orientalizantes (Ioga, Vedanta, Sufi, Mazdaznan, escola de Gurdjieff). Eles são, portanto, cristãos, enquanto reconhecem a unicidade da Encarnação divina que é Jesus Cristo.

Ao mesmo tempo, a tendência a se ocupar mais com o "Cristo cósmico" ou com o *Logos* do que com a pessoa humana do "Filho do Homem", com Jesus de Nazaré, é bem acentuada, senão prevalente, nos meios hermetistas contemporâneos. Atribui-se mais importância ao aspecto divino e abstrato do Deus-Homem do que ao seu aspecto humano e concreto.

Recorramos, portanto, mais uma vez à Balança da Justiça e pesemos a alternativa: "Princípio cósmico" e "Personalidade concreta do Mestre".

Vejamos, em primeiro lugar, quais são, no domínio da experiência, os efeitos ou frutos da aspiração ao conhecimento do *Logos* e quais os da aspiração ao contato com Jesus, o Mestre.

Notemos que não foi a revelação ou o conhecimento do *Logos* cósmico que deu força a esse impulso espiritual novo manifestado nos apóstolos, nos mártires· e nos santos e que chamamos "cristianismo", mas a vida, a morte e a ressurreição de Cristo. Não foi pelo nome do *Logos* que os demônios foram exorcizados, os doentes curados e os mortos ressuscitados, mas pelo nome de Jesus (At 4,12; Ef 1,21; Fl 2,9. 10.11),

"que é sobre todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e, para a glória de Deus, o Pai, toda língua confesse:
Jesus é o Senhor".

Foi o contato com a pessoa de Jesus que desencadeou a corrente de milagres e conversões. Hoje sucede o mesmo.

Quanto ao *Logos* cósmico, a sua idéia não era nova nem surpreendente no começo do cristianismo. Os hermetistas helenistas (vid. Poimandres), os estóicos e Fílon de Alexandria já tinham dito quase tudo o que se podia dizer sobre ele em termos filosóficos, gnósticos e místicos. Por conseguinte, são João não se propôs apresentar em seu evangelho nova doutrina do *Logos,* mas dar testemunho de que o *Logos* "se fez carne e habitou entre nós".

Foi Jesus quem deu à idéia do *Logos* o calor e a vida, que criaram o cristianismo, enquanto a idéia do *Logos* dos sábios antigos, embora verdadeira, não tinha esse calor e essa vida. Nela havia luz, mas a *magia* estava ausente.

E assim é também hoje.

Monsieur Philippe de Lyon (1849-1905), o taumaturgo, atribuía todas as curas miraculosas e outros prodígios ao *Amigo:* "A única coisa que faço é pedir por vós, eis tudo", dizia ele (Doutor Philippe Encausse, *Le Maitre Philippe de Lyon,* p. 146). O Amigo era Jesus.

Monsieur Philippe foi o "mestre espiritual" de Papus. Papus teve ainda outro mestre, seu "mestre intelectual", que foi o Marquês SaintYves d'Alveydre, autor das *Missions* e do *Archeomêtre,* o qual se tinha consagrado totalmente ao esforço de compreender e fazer compreender o *Logos* ou o Cristo Cósmico. Ao mesmo tempo, M. Philippe de Lyon, "o pai dos pobres", servia à obra de Jesus, curando, confortando e iluminando pessoas de todas as classes sociais (da família imperial da Rússia aos operários de Lião), fazendo-se em tudo instrumento de Jesus.

Um deles inventou *instrumento intelectual* - o arqueômetro, do qual se servia para compreender e exprimir a lógica cósmica da obra do *Logos* na história da humanidade; o outro se fez *instrumento* da Magia divina de Jesus para servir o próximo.

Quanto a Papus, encontrava-se entre o mestre do Panlogismo e o mestre da Magia divina. Ele se via diante da escolha entre a via do Panlogismo de Faber D'Olivet, de Hoene Wronski e de Saint-Yves D'Alveydre e a via da Magia divina do contato individual com Jesus, representada por Eliphas Lévi, M. Philippe e por todos os santos cristãos. Fez ele escolha entre essas duas vias? Sim e não: ele a fez no sentido de que compreendeu a superioridade da Magia do amor sobre a magia cerimonial e a superioridade do contato com o Mestre sobre toda "cadeia mágica" e sobre todo conhecimento teórico do *Logos* cósmico. Não a fez no sentido de que não voltou as costas a Saint-Yves d'Alveydre e à sua obra, mas permaneceu fiel a ele até a sua morte e muito depois. A atitude tomada por Papus perante as duas vias e os dois mestres não só é huma .. namente nobre, mas também revela algo mais: a sua fidelidade ao Hermetismo. Porque o Hermetismo é o *Athanor* erguido na consciência individual humana, na qual o Mercúrio da intelectualidade sofreu a transmutação no Ouro da espiritualidade. Santo Agostinho agia como hermetista ao transmutar o platonismo em pensamento cristão. Santo Tomás de Aquino agia como hermetista ao fazer a mesma coisa com o aristotelismo. Ambos aplicaram o sacramento do batismo à herança intelectual da Grécia .

Foi precisamente isso que Papus fez - ou estava fazendo - com o Panlogisnio de Saint-Yves d'Alveydre e de seus predecessores, desde que encontrou seu mestre espiritual, M. Philippe de Lyon. Não foi nem compromisso nem hesitação em tomar partido, mas a esperança hermética de conseguir a síntese da Intelectualidade e da Espiritualidade. Papus empenhou-se nesse trabalho interior, cujo começo é conflito dilacerante de dois contrários. Não podemos dizer com certeza se e em que medida seu esforço foi coroado de êxito, já que sua morte prematura nos privou da possibilidade de sermos testemunhas dos frutos de sua matu-
. ridade na vida espiritual.

Quanto aos seus esforços para servir de traço-de-união entre M. Philippe e Saint-Yves d'Alveydre, malograram, ao passo que esforços semelhantes com outras pessoas foram coroados de sucesso. Papus esteve na origem de quase todo o círculo de intelectuais de M. Philippe -

ocultistas e médicos. Saint-Yves d' Alveydre, ao contrário, não quis ver M. Philippe em Lion, nem convidá-lo à sua casa.

A obra de Papus ficou inacabada, pelo menos no plano visível. Ela é uma síntese da Intelectualidade e da Espiritualidade, do *Logos* cósmico e do *Logos* feito carne, em suma, do *Hermetismo cristão* como tal.

Porque o Hermetismo cristão é uma tarefa, não um dado histórico. Isso significa que não se trata de "renascimentos" do Hermetismo (como nos séculos XII, XV, XVII e XIX), mas de sua *ressurreição.* Os "renascimentos" são reminiscências do passado que surgem, de tempos em tempos, das profundezas das almas humanas, ao passo que a *ressurreição* significa o chamamento para a vida presente e futura, para o cumprimento de missão futura, dirigido àquilo que no passado teve valor eterno pela mesma Voz que chamou Lázaro para a vida.

A história espiritual do Cristianismo é a história das sucessivas ressurreições dos valores do passado dignos de eternidade. É a história da Magia do Amor que ressuscita os mortos. Foi assim que o platonismo foi ressuscitado e viverá para sempre, graças ao sopro vivificante daquele que é a Ressurreição e a Vida *(Ego sum Ressurrectio et Vita).*[5] É assim que o aristotelismo participará da vida eterna. Finalmente é assim que também o hermetismo viverá até o fim do mundo, e, talvez, depois do fim do mundo.

Moisés e os profetas vivem e jamais morrerão, porque adquiriram seu lugar na constelação eterna do Verbo da Ressurreição e da Vida. A poesia e os cânticos mágicos de Orfeu serão ressuscitados e viverão por toda a eternidade como cor e som do Verbo da Ressurreição e da Vida. A magia dos magos de Zaratustra será ressuscitada e viverá como esforço humano eterno da aspiração à luz e à vida. As verdades reveladas de *Krishna* se unirão ao cortejo dos Chamados para a Vida eterna. As revelações cósmicas antigas dos *Rishis* reviverão e despertarão na humanidade o sentido das maravilhas do Azul, do Branco e do Dourado ...

Todas essas almas da história espiritual da humanidade serão ressuscitadas; isso significa que serão chamadas para se juntarem à obra do Verbo feito carne, morto e ressuscitado. Para que se cumpra a verdade de sua promessa: Eu vim para que *nada* se perca e para que *tudo* tenha vida eterna - seja realizado.

Também o Hermetismo é chamado a viver - não só como reminiscência, mas também como ressuscitado. Isso se realizará quando aqueles que lhe são fiéis - isto é, aqueles nos quais as reminiscências de seu passado estão vivas - compreenderem a verdade de que o homem é a chave do mundo, de que Jesus Cristo é a chave do homem e também do mundo, e de que o mundo - como foi antes da queda e como será depois de sua reintegração - é o Verbo, de que o Verbo é Jesus Cristo, e de que Jesus Cristo revela Deus Pai, que transcende o mundo e o

5 "Eu sou a Ressurreição e a Vida" (N. do T.)

homem. Por Jesus chega-se ao Verbo ou *Logos;* pelo Verbo ou *Logos* compreende-se o mundo; e pelo Verbo e pelo mundo, cuja unidade é o Espírito Santo, chega-se ao conhecimento eternamente crescente do Pai.

Eis uma das lições da Balança da Justiça considerada como exercício espiritual. Mas ela pode dar-nos outras lições relativas a problemas como o *Carma* ou a lei do equilíbrio na história da humanidade e na história individual humana; ao problema das relações entre a Fatalidade (histórica, biológica e antropológica), a Liberdade e a Providência; ao problema das *três* espadas (a do Querubim do Eden, a do arcanjo Miguel e a do anjo do Apocalipse) ou ao problema da *sanção* na obra da justiça cósmica; ao problema da Ogdôada Gnóstica. Todos esses problemas merecem ser tratados sob o título - melhor, por meio - da balança da Justiça. Eles merecem e deveriam ser tratados assim. Eu o sei bem, mas devo renunciar a isso porque não quero escrever um volume inteiro somente sobre o VIII Arcano ou vinte e dois volumes sobre os vinte e dois Arcanos do Tarô . Devo renunciar a muitas, sim à maioria das coisas que gostaria de pôr por escrito. Mas espero que o *método* do emprego da balança da Justiça (que eu queria apenas ilustrar nesta carta) gozará de acolhida simpática e ativa e que tu, caro Amigo Desconhecido, abordarás os problemas não tratados aqui junto com a Balança da Justiça. Agindo assim, terás, talvez, não só a alegria de descobrir luzes novas, mas também a de respirar o ar da honestidade e da coragem moral da justiça imparcial. Adquirirás, talvez, além disso, a experiência que será a resposta à pergunta colocada no fim da carta precedente, a saber: Qual é a *oitava* força que põe em equilíbrio as sete forças do corpo astral? Porque é essa oitava força que opera na pesagem e no julgamento por meio da Balança da Justiça no foro interior de nossa consciência. Ela é o "oitavo planeta" ou o fator desconhecido do qual dependem tantas coisas na interpretação de um horóscopo astrológico tradicional com os sete planetas e na interpretação da fórmula caracteriológica tradicional da composição e das proporções do organismo psíquico ou "caráter". Pouco importa que se trate de horóscopo astrológico ou de fórmula caracterológica, porque sempre haverá um X do qual depende o *emprego* dos dados astrológicos ou caracterológicos. Trata-se do fator do *livre arbítrio,* que está subjacente à regra da astrologia tradicional: *Astra inclinant, non necessitant* ("os astros inclinam, não forçam"). A mesma regra vale para a "astrologia microcósmica" ou caracterologia. Também aqui o livre arbítrio é o fator indeterminável que não permite predizer com certeza qua a escolha que um homem, com caráter bem determinado, fará em tais ou tais circunstâncias. Porque a fonte do julgamento e da escolha consciente não é o *caráter,* e sim essa força, que, em nós, pesa e julga por meio da Balança da Justiça. A *liberdade* é fato que experimentamos quando julgamos não por nosso temperamento (corpo) ou por nosso caráter (corpo "astral"), mas pela Balança da Justiça - ou por nossa

consciência. O termo *consciência* contém a idéia de balança, porque implica « saber junto", isto é, saber os dados dos dois pratos suspensos nas extremidades da haste da balança. A *consciência (conscience, Gewissen, sovest')* não é nem produto, nem função *do caráter;* ela está acima dele. E é aí - e somente aí - que começa e se situa o domínio da *liberdade.* Cada um é livre não quando julga ou age segundo o seu caráter ou seu temperamento, mas quando julga ou age segundo a Balança da Justiça ou a *consciência.* Mas a justiça, a prática da Balança é somente o ponto de partida de longa caminhada e do desenvolvimento da consciência e, portanto, do crescimento da liberdade.

O Arcano seguinte, o Eremita, nos convida ao esforço meditativo dedicado ao caminho da *consciência.*

X

A RODA DA FORTUNA



A RODA DA FORTUNA

Vaidade das vaidades, tudo é vaidade. . . O *que foi, será; o que se fez, se tornará a fazer: nada há de novo debaixo do sol!*

(Ecl 1,9)

Qui propter nos homines, et propter nostram salutem descendit de coe/is. Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine: et homo factus est... Et ascendit in coelum: sedet ad dexteram Patris. l (Credo)

Coloquei todo o meu coração em compreender a sabedoria e o conhecimento, a tolice e a loucura, e compreendi que tudo isso é também procura do vento. Muita sabedoria, muito desgosto; quanto mais conhecimento, mais sofri. menta.

(Ecl 1,17-18)

Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados! (Sermão da montanha, Mt 5,5)

Caro Amigo Desconhecido,

Temos diante de nós uma roda que gira e três figuras em forma de animal, das quais duas (o macaco e o cão) giram com a roda, ao passo que a terceira (a esfinge) está fora do movimento da roda: a esfinge está assentada na plataforma, acima da roda. O macaco desce para depois subir: o cão sobe para depois descer. Um e outro passarão diante da esfinge.

Perguntas simples e naturais surgem espontaneamente quando se observa a lâmina:

Porque o macaco e o cão giram com a roda? Por que a esfinge está lá? Por que esses encontros com a esfinge?

Uma vez colocadas essas interrogações simples, já nos encontramos no coração do Arcano X e presos à esfera das noções e das idéias que ele é chamado a despertar.

1 "o qual, por nós, homens, e pela nossa salvação, desceu dos céus. E se encarnou, por obra do Espírito Santo, de Maria Virgem e se fez homem ... Subiu aos céus e está sentado à direita do Pai". (N. do T.)

De fato, a roda sozinha, sem os dois passageiros e sem a esfinge assentada por cima, só evoca a idéia de círculo ou, no máximo, a de movimento circular. A roda com os dois animais, um subindo e o outro descendo, sem a esfinge, evocará a idéia de jogo vão e absurdo. Mas a roda girando com seus dois passageiros *e* a esfinge dominando o conjunto levam o espectador a se perguntar se não há um arcano, isto é, uma chave que seja necessário conhecer para se estar em condições de se orientar no domínio dos problemas e dos fenômenos relativos ao movimento circular dos seres vivos. É sobretudo a esfinge por cima da roda que nos dá um choque intelectual e nos impele a procurarmos o arcano da lâmina.

Ora, existem duas ordens de idéias concernentes à relação genética e à gênese em geral dos quatro reinos da natureza - dos reinos mineral, vegetal, animal e humano. Uma dessas ordens está baseada na idéia da *queda.* isto é, da degenerescência e da descida. Segundo essa ordem de idéias, o macaco não é antepassado do homem; o homem é que é antepassado do macaco, que é produto degenerado e degradado do homem. E os três reinos da natureza inferiores ao reino humano, segundo essa ordem de idéias, são resíduos projetados ou ex'eriorizados do ser compreensivo do homem primordial ou Adão, que é o protótipo e a síntese original de todos os seres que compõem os quatro reinos da natureza.

A outra ordem de idéias comporta a idéia de *evolução,* isto é, do progresso transformador de baixo para cima. Segundo essa ordem de idéias, a origem de todos os seres dos quatro reinos da natureza e seu antepassado comum é o ser mais primitivo, do ponto de vista da estrutura biológica e da consciência.

Ora, a Iâmma do décimo Arcano Maior do Tarô representa um macaco, isto é, um animal com rosto que ainda conserva aiguns traços humanos, levado num movimento de queda. Isso porque não é o macaco que desce, mas o movimento da roda que o leva. Na descida, o macaco levanta a cabeça, porque não desce de boa vontade. De onde desce ele, esse animai cuja cabeça tem traços humanos?

Ele desce do lugar em que a esfinge está sentada. A esfinge coroada e alada, de cabeça e corpo de animal, segurando espada branca, representa o plano e a fase de ser da qual o macaco se afasta e o cão se aproxima.

Ora, se tivéssemos a incumbência de desenhar a queda, no sentido da degenerescência do ser compreensivo, protótipo da natureza inteira, não desenharíamos a esfinge coroada no alto como a única figura que pode representar a unidade dos reinos humano e animal, sendo este último, por sua vez, a síntese dos reinos vegetal e mineral? E não desenharíamos uma figura descendo, em via de animalização, privada de coroa, de espada e de asas, mas tendo ainda traços que testemunhem sua origem? Em outras palavras, não escolheríamos o macaco para representar a transição do estado do ser compreensivo protótipo para o estado do ser reduzido e especializado? Não se presta o macaco maravilhosamente bem para servir de símbolo da animalização que se efetua a expensas dos elementos angélicos e humanos do ser-protótipo?

Por outro lado, se quiséssemos dar expressão visual à nostalgia que seres decaídos e fragmentários sentem pelo estado da plenitude e da integridade perdidas, não escolheríamos o cão, o animal mais apaixonadamente atraído pelo elemento humano e mais apegado a ele, como símbolo da aspiração do animal à união com a natureza humana, isto é, da aspiração à *esfinge,* na qual a natureza animal está unida à natureza humana?

Portanto, a lâmina do décimo Arcano ensina, por sua própria contextura, o organismo das idéias relativas aos problemas da queda e da reintegração, segundo a tradição hermética e bíblica. Ela põe em relevo o círculo *inteiro,* compreendendo tanto a descida como a subida, ao passo que a transformação da ciência moderna se ocupa só da *metade* do círculo, a saber, do semicírculo da subida ou da evolução. O fato de alguns sábios eminentes (como Edgar Daqué, na Alemanha, e Pierre Teilhard de Chardin, na França) terem proposto o postulado da preexistência, ainda que apenas em potência, do protótipo de todos os seres, causa tanto eficiente como final de todo o processo da evolução - sendo unicamente esse postulado que torna a evolução inteligível - não muda em nada o fato de que a ciência *trabalha* tendo por base a hipótese fundamental segundo a qual o mínimo é o antepassado do máximo, o simples é o antepassado do complicado, e é o primitivo que produz o organismo e a consciência mais desenvolvidos, embora isso seja absolutamente ininteligível, se abstrairmos a outra metade do círculo, a saber, tudo o que, ainda que somente "in ordine cognoscendi ", precede o estado de primitividade, da qual a ciência faz seu ponto de partida. Porque é necessário renunciar ao pensamento e reduzi-lo à letargia para poder acreditar sinceramente que o homem saiu e evoluiu de partículas primitivas e inconscientes do nevoeiro primordial que foi outrora nosso planeta, sem que esse planeta trouxesse em si o germe de todas as possibilidades da evolução futura, que é o processo da explosão, isto é, o processo da transição do estado potencial para o estado atual. Assim, Arnold Lunn, autor do livro *Is Evolution proved?,* escreve que gostaria de crer na evolução e aceitá-la como provada, se pudesse superar quatro dificuldades, inclusive a seguinte:

> " . . . *the f act that no evolutionist had produced a plausible* guess, *much less a theory supported by evidence, to suggest how a purely natural process could have evolved from the mud, sand, mists and seas of the primeval planet the brain that conceived Beethoven' s Ninth Symphony and the reactions to the beauty of music, of art and of nature" ("O fato de que nenhum evolucionista jamais apresentou uma* conjetura *plausível e, menos ainda, uma teoria apoiada em provas, que trouxesse alguma luz para a questão de saber como um processo claramente natural conseguiu fazer evoluir do lodo, da areia, do nevoeiro e dos mares do planeta primordial o cérebro que concebeu a Nona Sinfonia de Beethoven e as reações à beleza da música, da arte e da natureza").*

E meu triste dever acrescentar à citação acima a resposta de William S. Beck, autor de *Modem Science and the Nature of Life,* à dificuldade exposta por Arnold Lunn. Diz ele:

> *"Jt seems that the argument against evolution is pure metaphysical brocade, artf ully draped so as to obscure cogent evidence of science (" Parece que a argumentação contra a evolução não passa de brocardo metafísico puro e simples, vestido artificialmente, a fim de obscurecer o conjunto das provas concludentes da ciência"* (Londres, Pelican, 1961, p. 133).

"Brocardo metafísico" ou não, que importa? Nem por isso a ininteligibilidade da teoria da evolução apresentada pela ciência deixa de ser fato para o pensamento humano. Essa teoria é e sempre será ininteligível pelo fato de só levar em consideração a metade do círculo da evolução e de se recusar a aceitar a outra metade, a da *involução* ou da queda que a tornaria inteligível.

Ora, o décimo Arcano Maior do Tarô representa um *círculo,* uma roda, incluindo tanto a descida, ou a partida do ser compreensivoprotótipo, como a subida para esse ser.

A doutrina do círculo da involução e da evolução é lugar-comum na literatura ocultista em geral. Mas não é assim quando se trata da involução entendida como *queda* e da evolução entendida como *salvação.* Existe um mundo de diferença entre as doutrinas orientalizantes sobre o "processo" quase automático da involução e da evolução e a doutrina hermética, bíblica e cristã sobre a queda e a salvação. Porque as primeiras só vêem no círculo involução-evolução um processo puramente natural semelhante ao processo de respiração do organismo vivo, animal ou humano. A tradição hermética, bíblica e cristã, ao contrário, vê nele uma tragédia e um drama cósmicos carregados de perigos e riscos supremos, implicados nos termos tradicionais "perdição-salvação".

Queda, perdição, redenção e salvação são termos, na verdade, desprovidos de sentido para o evolucionista, tanto científico como espiritualista. O último vê na evolucão cósmica o movimento circular eterno da exteriorização e da interiorização, da expiração e da inspiração da respiração cósmica ou divina. Onde está a queda? Onde o risco, a perdição? Onde a redenção e de quê?! Onde está a salvação? Todo esse inventário de idéias judeu-cristãs fundamentais não encontra nenhuma aplicação num mundo naturalmente (isto é, *fatalmente)* em evolução.

Com quem está a razão? Com aqueles para os quais a evolução é processo organicamente determinado, no qual a descida e a subida são fases distintas de uma só vibração cósmica? Ou com aqueles que vêem na evolução uma tragédia e um drama cósmico, cuja essência e cujo "leitmotiv" correspondem à parábola do filho pródigo?

Mas o que significa ter razão? Enganam-se os passageiros que compraram a passagem, se consideram o barco e a sua equipagem como o meio de navegação que os transporte, seguindo rota determinada, para o

seu destino? Para os viajantes, a viagem por mar é "processo natural", evidente, contanto que o preço da passagem tenha sido pago.

Mas o capitão, os oficiais e os outros membros da equipagem podem considerar a viagem por mar do mesmo modo que os viajantes? Evidentemente não. Para eles, que são os responsáveis por ela, significa trabalho, vigilância, manobras, orientação. Para a equipagem, a viagem não é uma espécie de "processo natural", algo evidente, mas esforço, luta e risco.

O mesmo sucede com a evolução. Ela é vista como "processo natural" quando vista com olho de passageiro, e como "tragédia e drama" quando vista com olho de membro da equipagem. O determinismo e o fatalismo - neles incluídos o naturalismo e o panteísmo - situam aresponsabilidade fora do ser moral humano, na natureza, em Deus, nos astros. . . Por isso o determinismo e o fatalismo são manifestações da mentalidade e da psicologia de passageiro.

Não obstante, a evolução vista com olho de passageiro, isto é, como coisa clara, não é ilusão. Ela existe. Pode-se, com efeito, encontrar e provar a existência de processo evolutivo ou de "processo de progresso" que, no plano fenomenal, é evidente. Mas quantos esforços, quantos sacrifícios, quanto erro e quantos pecados se ocultam atrás da fachada fenomênica do "processo da evolução" e do "progresso universal" constatados e constatáveis!

Eis-nos chegados ao coração do problema "exoterismo-esoterismo".
O exoterismo se desenvolve em "processos", o esoterismo em tragédias e dramas. Os mistérios antigos eram tragédias e dramas; é nisso que está seu caráter esotérico.

O exoterismo corresponde à mentalidade e à psicologia de passageiro: o esoterismo, à de membro da equipagem.

Mas repito-o: o exoterismo não é ilusão pura e simples. Porque se houvesse dez justos em Sodoma e Gomorra, Deus teria poupado essas cidades. Seus habitantes continuariam o "processo de evolução" de seus costumes e de sua civilização. . . E não chegariam ao conhecimento da prece de Abraão nem do papel desempenhado pelos dez justos, a fim de que eles pudessem continuar o "processo de sua evolução", mas, continuá-lo-iam.

Igualmente pode-se dizer da evolução. Porque existe seleção natural e seleção - ou eleição - espiritual. Os habitantes de Sodoma e Gomorra, tendo pecado contra a natureza, foram rejeitados pela seleção natural, mas teriam podido sobreviver se entre eles fossem encontrados dez justos. A seleção espiritual os teria poupado por causa desses dez justos. O fato de terem evoluído e de terem admitido a presença de dez justos em seu meio teria bastado para justificar a preservação de sua existência, apesar de seus costumes serem contrários à natureza. A "seleção espiritual" teria, pois, prevalecido sobre a "seleção natural"; em outros termos, o esoterismo teria determinado e salvado a vida exotérica.

O esoterismo não é, portanto, uma vida e urna atividade que procurem o segredo. Ele se baseia na mentalidade e na psicologia da equipagem, e seus "segredos" são segredos somente à medida que a mentalidade e a psicologia dos passageiros se recusam a participar da responsabilidade". Por outro lado, não há erro mais grave do que o de querer "organizar" uma comunidade ou irmandade chamada a desempenhar, seja o papel de instrumento da seleção espiritual ou eleição, seja o de elite espiritual. Porque ninguém deve arrogar-se a função de eleição, nem considerar-se eleito. Seria moralmente monstruoso se um grupo de pessoas pudesse dizer: "Nós escolhemos os dez justos de nosso tempo" ou "Nós somos os justos de nosso tempo". *Porque não escolhemos; somos escolhidos.* Assim, o conhecimento do fato da "seleção espiritual" ou da eleição e do papel que ela desempenha na história da humanidade e na evolução em geral pode favorecer o surgimento de falso esoterismo, isto é, pode favorecer a formação de grupos, comunidades e irmandades que se consideram autorizados a escolher ou que se consideram eleitos. Os "falsos profetas" e os "falsos eleitos" (falsos cristas), dos quais fala o Evangelho, são - e serão - produzidos pelo falso esoterismo culto daqueles que se arrogam o direito de eleição ou de "seleção espiritual".

Devemos apenas acrescentar que nunca um santo cristão se considerou outra coisa que grande pecador, e que nenhum justo e profeta do Antigo Testamento foi justo ou profeta sem chamamento ou determinação do alto.

Mas voltemos ao problema da evolução.

Entendida exotericamente, a evolução é processo cósmico - evolução biológica ou espiritual - ao passo que compreendida esotericamente, ela é drama ou "mistério" no sentido dos mistérios da Antiguidade. E é só pela evolução assim entendida que as idéias de queda, perdição, redenção e salvação se tornam não só aplicáveis, mas também necessárias.

Comecemos pelas idéias de "perdição-salvação" e procuremos compreendê-las no plano da evolução - ou do drama - cósmica.

Não fiques chocado, caro Amigo Desconhecido, e permita-me narrarte um mito cósmico da Gnose - não da Gnose antiga ou moderna, mas da Gnose eterna - porque o drama cósmico, na realidade, é mito feito carne. Devo narrar esse mito a fim de tirar dele algumas idéias que têm relação com o Arcano do Tarô que nos ocupa. ·

"Quando o Pai terminou, por seu Verbo, no sétimo dia, a obra que fizera, no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera. E o Pai abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação.

Assim o sétimo dia- foi abençoado e santificado não por ser o dia do mundo e do movimento do mundo, mas por ser o dia do Pai, e só dele. O sétimo dia é a sétima parte do círculo do movimento do mundo, no qual ele se apaga, se imobiliza e se cala.

Assim sucede que o círculo do movimento do mundo não foi fechado, mas permanece *aberto.* E o sétimo dia foi santificado e abençoado

como a parte aberta do círculo do movimento desse mundo, de modo que seres do mundo têm acesso à casa do Pai e o Pai tem acesso à deles.

. . . Mas a Serpente disse: 'Não haverá liberdade no mundo enquanto o círculo do mundo não for fechado. Porque ser livre é ser em si mesmo, sem ingerência de fora, especialmente do alto, da parte do Pai. Enquanto permanecer a abertura no círculo do mundo, enquanto o *Sábado* existir, o mundo seguirá sempre a vontade do Pai, e não a sua' .

Então a Serpente pôs a cauda na boca e assim formou um círculo fechado . Girou com grande velocidade e assim criou no mundo o grande turbilhão, que engoliu Adão e Eva. E outros seres, aos quais Adão tinha imposto nome, os seguiram.

E a Serpente disse aos seres do mundo colocado aquém do círculo fechado que ela formara, colocando a cauda na boca e pondo-se a girar: ' Eis o vosso caminho: começareis por minha cauda e chegareis à minha cabeça. Assim percorrereis todo o círculo de meu ser e tereis em vós o círculo fechado inteiro e sereis livres como eu sou livre' .

Mas a Mulher conservou a recordação do mundo aberto para o Pai e do· Sábado santo. E se prestou à quebra do círculo fechado nela, para dar à luz, fora dele, filhos provenientes do mundo no qual o Sábado existe. É esta a origem do sofrimento de sua gravidez e da dor aquém do mundo da Serpente.

E foi estabelecida inimizade entre a Serpente e a Mulher e entre a posteridade da Mulher, nascida na dor, e a da Serpente, nascida no prazer. Aquela esmagará a cabeça da Serpente, e a Serpente ferirá o calcanhar dela. Porque a Mulher se move em sentido contrário ao movimento da Serpente: a sua cabeça toca a cauda da Serpente, e os seus calcanhares tocam a cabeça da Serpente. Foi por contramovimento, o sofrimento, que a contracorrente teve origem, contracorrente que é o pensamento nascido da recordação do mundo do Sábado e do sofrimento.

Assim os Filhos da Mulher erigiram altares ao Pai, aquém do mundo da Serpente. E Enós, filho de Set, não só adorou o Pai, como também chegou a conhecer o seu Nome. Ele começou a invocar o Nome do Pai. Mas Henoc, da posteridade de Set, foi mais longe: viveu com Deus e não passou pelo sofrimento da morte, que é a saída do círculo fechado da Serpente para os seres vivos que estão aquém do círculo da Serpente, mas foi arrebatado pelo Pai. Porque o Pensamento, aspirando ao Pai, conseguiu, naqueles tempos, quebrar o círculo da Serpente e fazer uma abertura no círculo fechado.

Assim. a Iniciação e a Profecia puderam ser estabelecidas aquém do mundo da Serpente. A iniciação conservava viva a Recordação do mundo do Sábado, e a Profecia alimentava a Esperança na libertação do círculo da Serpente e do restabelecimento futuro do mundo do Sábado.

Os Budas ensinaram a vida da saída da Serpente e da chegada ao repouso do sábado.

Mas os Profetas anunciavam a transformação interior do mundo da Serpente pela vinda do Verbo, que viverá no mundo da Serpente e restabelecerá nele não só o Sábado, mas também os outros seis dias da

Criação como eram antes que o terço dos seres de cada um deles lhes fosse arrebatado e levado pelo turbilhão fechado da Serpente.

Assim aconteceu. A Mulher-Virgem, que é a arma do contramovimento da Serpente e do sofrimento desde o começo do mundo da Serpente, recebeu, concebeu e deu à luz o Verbo do Pai. ·'E o Verbo se fez carne, e habitou entre os homens no mundo da Serpente, cheio de graça e de verdade' ".

Eis o mito cósmico, o drama esotérico que está no fundo do "processo da evolução" exotérica. Ele realça, em primeiro lugar, a idéia do *círculo aberto* e do *círculo fechado.* O círculo aberto - ou a espiral - é o mundo dos seis dias da criação de .antes da queda, coroado pelo sétimo dia, o Sábado cósmico, que corresponde ao que é designado na matemática como "passo da espiral" . Ele sugere a idéia de crescimento e avanço ilimitados, sendo, pela sua forma, somente a introdução ou a antecâmara da eternidade. Ele promete progresso ilimitado.

O círculo fechado, ao contrário, é, em princípio, somente uma *prisão,* seja qual for sua extensão. Ele é a roda que gira, não sugerindo, portanto, nenhum avanço além de seu círculo. A idéia que o círculo fechado - ou a roda - sugere é a da *repetição eterna.*

Três personalidades históricas puseram vigorosamente em relevo a idéia da roda cósmica, cada uma de maneira diferente. São eles Gautama, Buda, Salomão e Friedrich Nietzsche. O primeiro fala da "roda das encarnações", na qual o nascimento, a doença, a velhice e a morte se repetem sem cessar. A iluminação que Buda teve sob a árvore *Bodhi* revelou-lhe três verdades: que este mundo é uma roda de nascimentos e mortes, que o seu movimento, no fundo, é só sofrimento, e que existe caminho para o centro do eixo, que está em repouso.

O rei Salomão viveu a experiência da roda, não como a das reencarnações, corno Buda, mas como fatalidade inexorável, que torna vão todo esforço e toda esperança humana:

"Vaidade das vaidades, tudo é vaidade".

Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol? Uma geração vai, urna geração vem, e a terra sempre permanece. O sol se levanta, o sol se deita, apressando-se a voltar ao seu lugar, e é lá que ele se levanta. O vento sopra em direção ao sul, gira para o norte, e girando, girando vai o vento em suas voltas. Todos os rios correm para o mar e, contudo, o mar nunca se enche. O que foi, será; o que se fez, se tornará a fazer; nada há de novo debaixo do sol! (Ecl 1,3-9).

"Examinei todas as obras que se fazem debaixo do sol. Pois bem, tudo é vaidade e correr atrás do vento. O que é torto não se pode endireitar; o que está faltando não se pode contar . .. . Coloquei todo o coração em compreender a sabedoria e o conhecimento, a tolice e a loucura, e compreendi que tudo isso é também procura do vento. Muita sabedoria, muito desgosto; quanto mais conhecimento, mais sofrimento ... " (Ecl 1,14-18).

Eis aí a roda da existência sob o sol cuja visão Salomão, o sábio e triste rei de Jerusalém, teve.

E qual é o conselho prático dado por ele à posteridade? O do desespero supremo:

> *"Eis que a felicidade do homem é comer e beber, desfrutando do produto do seu trabalho. . . Alegra-te, jovem, com tua juventude, sê feliz nos dias da tua mocidade, segue os caminhos do teu coração e os desejos dos teus olhos; saibas, porém, que sobre estas coisas todas Deus te pedirá contas. Afasta do teu coração o desgosto, e o sofrimento do teu corpo, pois juventude e cabelos negros são vaidade ...* " (Ecl 2,24; 11,9-10).

E o desespero de Salomão que o faz profeta do Antigo Testamento e dá à sua obra o lugar que ela ocupa entre os Salmos e os livros dos Profetas. Porque Salomão mostra o *vazio* - que ele chama de "vaidade" - do mundo da Serpente, e assim destaca o dilema: suicídio ou salvação recebida de Deus, porque acima da roda giratória da vaidade existe Deus.

O desespero de Salomão . pertence bem à Sagrada Escritura. Ele mostra o mundo sem Cristo, o que, aliás, Buda também fez. A tristeza de Salomão é o suspiro, tornado consciente, da criatura pela libertação.

Assim Buda apreciou com acerto o mundo da Serpente antes de Cristo; Salomão o chorou, mas Nietzsche - coisa monstruosa! - o cantou. Nietzsche viu e entendeu a roda, o círculo fechado sem saída do mundo da Serpente e lhe disse: "Sim". Ele teve a visão da repetição eterna, do "retorno eterno" *(ewige Wiederkehr)* - e a identificou com a eternidade, embora a repetição eterna seja o contrário da eternidade ...

> " O *wie kõnnte ich ob der Ewigkeit nicht brünstig sein, Und*
> *ob dem hochzeitlichen Ring der Ringe -*
> *dem Ring der Wiederkehr!*
> *Nie nocn fand ich das Weib von dem ich Kinder mõchte - Es sei*
> *denn dieses Weib die Ewigkeit -*
> *Denn ich liebe Dich, o Ewigkeit"* .[2]

Ele canta a roda que Buda considerou como a grande infelicidade e que Salomão qualificou de vaidade das vaidades.

Lirismo poético? Mais do que isso: Nietzsche deu forma poética ao que considerava sua iluminação. E esta era apenas o resumo das últimas conseqüências tiradas da ciência moderna, não como método, mas como maneira de ver o mundo.

2 "Oh! Como não aspiraria eu ardentemente à eternidade, E ao anel dos anéis nupciais
pelo anel do retorno!
Ainda não encontrei a mulher da qual eu possa ter filhos; Seja então essa mulher a eternidade,
Porque eu te amo, ó eternidade". (N. do T.)

De fato, segundo a ciência positiva do fim do século dezenove, o mundo é a soma total das inúmeras combinações possíveis das partículas *simples* ou átomos. *Essas combinações mudam sem cessar,* mas seja qual for o número das combinações possíveis dos átomos, um dia elas deverão necessariamente atingir seu limite, e o número de combinações novas estará esgotado. Então as combinações anteriores deverão se repetir. Virá, portanto, o dia que será a repetição exata do dia de hoje. - Eis a base científica do "retomo eterno".

A crença no retomo eterno tem por base não só o cálculo das combinações atômicas possíveis, mas também o dogma científico .da constância quantitativa da matéria e da energia do mundo. Nada desaparece, nada aparece no mundo. A sorna total da matéria e da energia do mundo é constante. Não pode aumentar nem diminuir. Não se pode acrescentar nada a ela, nem tirar. O mundo é um círculo fechado, do qual nada escapa e no qual nada entra.

Ora, sendo o mundo uma quantidade determinada, pode ser calculado. Em última análise, ele é número determinado de partículas e/ou de unidades de energia. Logo, o número de combinações dessas partículas não é ilimitado. Um dia o seu limite será atingido. Então as combinações passadas se repetirão. . . "O retorno eterno" de tudo é, pois, uma conclusão inevitável do mundo entendido corno círculo fechado.

No mundo que é círculo fechado e cujas matéria e energia são quantidade constante não há milagre. Porque a noção cósmica do "milagre" supõe a inconstância da quantidade material e energética do mundo. Se se verificasse um milagre, a energia do mundo teria aumento ou diminuição. Para que o milagre seja possível, é necessário pressupor urna *abertura* no círculo do mundo. Segundo o mito cósmico narrado acima, o mundo deve ser círculo aberto, espiral, isto é, deve ter urna esfera "incriada", o "Sábado".

Ora, a Religião - toda religião evoluída - ensina que o mundo é círculo aberto. Por isso ela insiste na realidade dos milagres . O "sobrenatural" dos milagres é a realidade da ação que tem sua origem fora do círculo da natureza, que parece fechado. É a realidade do Sábado cósmico.

A "boa nova" da Religião é que o mundo não é círculo fechado, que ele não é prisão eterna e que nele existe saída e entrada. Existe entrada e, por isso, o Natal é a festa da alegria. Existe saída, e por isso, a Ascensão é festa. Esse mundo pode ser transformado, pode voltar a ser corno era antes da queda; é a boa nova trazida pela festa das festas, a Páscoa, a Ressurreição.

O mundo como círculo fechado, do retorno eterno, o mundo no qual "não há nada de novo sob o sol" - que é ele, na verdade?

Ele não é senão o *inferno cósmico.* Porque a idéia de inferno é a de existência eterna em círculo fechado: o círculo fechado do egoísmo - é o inferno subjetivo e individual; o círculo fechado do mundo da energia constante - é o inferno objetivo e cósmico.

Eis agora o sentido cósmico dos termos "salvação" e "perdição". A "perdição" é o engajamento na circulação eterna do círculo fechado do mundo sem Sábado; a "salvação" é a vida no mundo do círculo aberto, da espiral que tem saída e entrada. A "perdição" é a existência no círculo fechado do "retorno eterno"; a "salvação" é a vida sob o céu aberto, onde cada dia é único e novo, milagre na cadeia infinita dos milagres. . . Porque Deus não é incognoscível, mas cognoscível por conhecimento inesgotável e infinito. Que Deus pode ser revelado, eis a essência do Sábado eterno, do sétimo dia da criação, que é vida eterna e fonte de milagres. Porque ele é rico de todas as virtualidades das coisas novas, e é a partir dele que "energias" podem ser acrescentadas à pretensa quantidade "constante" do mundo fenomênico, como é nele que energias de.se mundo podem desaparecer.

Os outros dois termos do drama cósmico, ou evolução, são a "queda" e a "redenção". É mais fácil compreendê-los depois de se ter determinado, até certo ponto, o sentido cósmico dos termos "salvação" e "perdição". Porque a "queda" é o evento cósmico no qual o turbilhão posto em movimento pelo círculo fechado da Serpente "mordendo" sua cauda "arra::;tou parte do mundo criado" . E a "redenção" é o ato cósmico da reintegração do mundo decaído, primeiramente pela criação de uma *abertura* em seu círculo fechado (religião, iniciação, profecia), depois pela instauração, por esta porta aberta, de um *caminho* de saída (os Budas) e de entrada (os Avatares), finalmente pela transformação, a partir de dentro do mundo decaído, mediante a irradiação do Verbo encarnado (Jesus Cristo).

Esse é o sentido dos dois termos no plano mais geral.

Devemos agora estudar mais de perto esses dois termos, a fim de sublinharmos seus pormenores essenciais.

Em primeiro lugar, a *queda.* Aqui devemos considerar a narração bíblica dos seis dias da criação e do Paraíso, o quadro impressionante da evolução natural proposta pela ciência e os contornos de majertoso esboço, traçado pelo gênio da Índia antiga dos *Kalpas,* dos *Manvataras* e dos *yugas,* de um mundo de periodicidade e ritmo, de um mundo sonhado periodicamente pela consciência cósmica. Devemos considerar também a exposição da cosmogênese e da antropogênese da tradição indo-tibetana, acrescentada nos três volumes da *Doctrine Secrete* por H. P. Blavatsky, seguindo o livro de Dzyan, e o quadro grandioso da evolução espiritual do mundo através das sete fases ditas "planetárias", que o doutor Rudolf Steiner legou à intelectualidade desvairada de nosso século. Levemos ainda em conta as cosmogonias e as escatologias explícitas ou implícitas de Hermes Trismegisto, de Platão, do *Zohar* e das diversas escolas da *Gnose* dos primeiros séculos de nossa era ...

Convivo com essas idéias e esses documentos há mais de quarenta anos, mas não posso tratá-los aqui como eles merecem, isto é, classificá-los e indicar os pontos essenciais em que eles se assemelham e diferem. Se o fizesse, o essencial do tema desapareceria entre uma multidão de coieas secundárias. Meu roteiro consistirá então em seguir,

em linhas gerais, o espírito dessas idéias e desses documentos, mas sem fazer aplicações explícitas deles. Dito isso, voltemos ao problema da queda cósmica.

Qual é esse problema e como surgiu?

Consideremos o conjunto de nossa experiência do mundo pessoal, histórico, biológico ou de qualquer outra natureza; que nos diz ele?

Leibniz. o filósofo do otimismo, diz que o mundo existente é o mais perfeito dos mundos possíveis. Schopenhauer, o filósofo do pessimismo, diz que, no mundo existente, a soma dos sofrimentos supera a das alegrias e que, por isso, o mundo de nossa experiência não só é imperfeito, como, em última análise, é também um mal. Ora, Leibniz e Schopenhauer consideraram o conjunto da experiência do mundo (o que também nós queremos fazer). E quanta diferença no que eles viram!

Do ponto de vista do *pensamento puro,* que é o de Leibniz, o conjunto do mundo manifesta equilíbrio perfeito com funcionamento harmonioso de suas partes essenciais, e, seja o que for que se passe em seus recantos obscuros, o conjunto do mundo, em suas linhas escenciais, é a própria harmonia.

Do ponto de vista da *vontade pura,* que é o de Schopenhauer, a experiência de cada ser individual no mundo confirma o diagnóstico do mundo feito por Gautama Buda; é necessário, por isso, aceitá-lo como verdadeiro.

Do ponto de vista do *coração,* que é o do Hermetismo e da tradição judaico-cristã, que se pode dizer do mundo?

O coração nos diz: o mundo, essa maravilha de sabedoria, de beleza e de bondade, sofre, está enfermo. Esse grande organismo, que *não pode* ter nascido da doença, e cujo nascimento só deve ser atribuído à saúde perfeita - isto é, à sabedoria, à beleza e à bondade perfeitas, cujo conjunto foi seu berço - esse grande organismo está doente. Sem cessar, os continentes e os planetas vão se petrificando, é a esclerose do mundo. Na superfície das massas que se petrificam, ao se resfriarem, no seio dos mares e no espaço do ar reina a luta pela existência, é a febre, a inflamação do mundo.

Não obstante, esse mundo doente conserva, em toda parte e sempre, os sinais de sua saúde primordial e manifesta a obra das forças de sua saúde nova, de sua convalescença. Porque, ao lado da luta pela sobrevivência, persiste a cooperação para a vida, e, ao lado da petrificação mineral, existe o tapete suculento e respirante do reino vegetal. O mundo pode, então, ser cantado e chorado ao mesmo tempo.

Tal é a origem do problema da queda: o mundo é digno de ser cantado e chorado.

O mundo não é o que deveria ser. Existe contradição entre o conjunto e os pormenores. Porque, enquanto o céu estrelado representa uma harmonia de equilíbrio e de cooperação perfeita, os animais e os insetos se entredevoram, e legiões de micróbios infecciosos trazem ao homem, aos animais e às plantas a doença e a morte.

É essa contradição que o termo "queda" tem em vista. Ele designa, em primeiro lugar, o estado das coisas que dá a impressão de que o mundo é composto de dois mundos independentes, senão opostos, como se no organismo do grande mundo da "harmonia das esferas" se tivesse interposto outro mundo com leis e evolução próprias, como se, enfim, uma excrescência cancerosa se tivesse desenvolvido no organismo, ademais sadio, do grande mundo.

A ciência considera os dois mundos juntos, como unidade inseparável, e lhe dá o nome de *Natureza.* É uma Natureza de duas faces, a Natureza benigna e, ao mesmo tempo, cruel, a Natureza da luta encarniçada e da cooperação surpreendente, a Natureza sábia e cega, a Na*tureza-Mãe* amorosa e madrasta cheia de malícia ... Não obstante o respeito devido à ciência, devemos assinalar que ela comete aqui erro de pensamento muito banal, o mesmo erro do médico que dissesse que o processo canceroso e a circulação do sangue são dois aspectos normais da *natureza* do organismo. O estado de doença seria então normal. Seria monstruoso o médico recusar-se a distinguir entre a natureza e a *contranatureza* ou doença no organismo do paciente; e, no entanto, é precisamente isso que a ciência faz em relação ao organismo do mundo. Ela se recusa a distinguir, no mundo, a natureza da contranatureza, a saúde da doença, a evolução natural da evolução contrária à natureza.

A existência de anomalia no estado do mundo é fato conhecido dos antigos. Que eles o atribuíssem ao princípio da ignorância (" avidya "), como na India antiga, ou ao princípio das trevas ("Arimã"), como na Pérsia antiga, ou ainda ao princípio do mal ("satã"), como os antigos semitas, pouco importa; tratava-se sempre da distinção entre o mundo natural e o mundo deformado, entre a natureza e a perversão, entre a saúde e a doença.

É claro que o Hermetismo, em conformidade com a tradição judaico-cristã, considera a "Natureza" definida pela ciência não como o mundo criado por Deus, mas como o *campo* no qual o mundo criado se encontra com o mundo da Serpente.

O mundo da Serpente. É esse "mundo no Mundo" que deu origem a dualismos como o zoroastrismo, o maniqueísmo e algumas escolas gnósticas. Esses dualismos são considerados como "heresias", porque pecam contra as verdades essenciais da salvação, uma vez que cometeram o mesmo erro que a ciência moderna comete, mas no sentido inverso: como a ciência se recusa a ver, "na natureza", distinção entre a natureza da ortogênese e da cooperação e a natureza que conduz a impasse genético e produz parasitas, do mesmo modo os maniqueus, os cátaros, os albigenses etc. se recusavam a distinguir entre a natureza virgem e a natureza decaída Mas, enquanto a Ciência considerava sua "Natureza", se bem que ela seja contraditória, como a Rainha que soube levar a evolução desde a primeira célula viva até ao cérebro desenvolvido do *Homo Sapiens,* os dualistas radicais a consideram como absolutamente má. Em outros termos, a ciência considera a natureza como boa, ao passo que os maniqueizantes a vêem como má. A ciência

se recusa a ver nela Satã, os dualistas radicais só querem ver nela Satã.

Mas voltemos ao mundo da Serpente. O traço característico mais geral desse mundo é o *enrolamento,* ao passo que o traço característico mais geral do mundo criado é o desdobramento, a expansão e a *radiação.*

Assim, no reino animal, o cérebro e os intestinos são devidos ao enrolamento, ao passo que, no reino vegetal, as folhas, os ramos e as flores são expressões da tendência contrária. Por exemplo, as folhas são o pulmão desdobrado e aberto ao ar da planta, ao pasto que o pulmão animal ou humano é a sua folhagem enrolada. Ou ainda: o sol está em estado de radiação, ao passo que os planetas estão em estado de condensação, isto é, de enrolamento.

Essas duas tendências têm suas denominações tradicionais. A "luz" e as "trevas" designam respectivamente a radiação e o enrolamento. Por isso o Evangelho de são João descreve assim o drama cósmico:
"E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam" *(kai to phos en te skotia phainei, kai he skotia auto ou katelaben - et lux in tenebris lucet, et tenebrae eam non comprehenderunt). Ou katelaben - non comprehenderunt,* "não compreenderam" - a luz não foi tragada pelo turbilhão do enrolamento nem se obscureceu, mas *brilhou nas trevas.* :É aqui que se situa a quintessência do Evangelho, da Boa Nova.

Assim o Sol e os astros estão para os planetas (inclusive para a Terra) como a luz está para as trevas. E, no microcosmo, o sistema das "flores de lótus" está para o sistema das glândulas endócrinas como a luz está para as trevas. Porque, no fundo, as "flores de lótus" são glândulas desenvolvidas, ao passo que as glândulas são "flores de lótus" enroladas. As glândulas endócrinas são precipitados das "flores de lótus" no microcosmo como os planetas são precipitados das "esferas planetárias" no macrocosmo ou no sistema planetário.

Ora, o mundo da Serpente é o do enrolamento. O seu símbolo é a Serpente mordendo a cauda e formando assim um círculo fechado. O enrolamento total seria o inferno ou o estado de isolamento completo.

Mas o enrolamento completo ou o isolamento acabado não conseguiu efetuar-se em nenhum lugar do mundo., A história da evolução dita "natural" nos traça um quadro das sucessivas tentativas de formar um organismo viável devido ao enrolamento completo e a uma consciência que seja totalmente autônoma e não sucumbiu à loucura. Nenhuma dessas tentativas obteve êxito. O átomo é entidade autônoma e independente produzida pelo enrolamento. Mas eles se *associaram* em moléculas! **A wR..1f~1~1~,. Se11i.** ~\~ '~.:1.i1lt.\d·2lM.. **6b1ãt~~l0wto. 1 A~** wn~.h&~'u.1...m **~*1ç* 'à~~oc:1'ài"àTl1** nas irmandades misteriosas da vida que denominamos "células orgânicas"; as células, por sua vez, formaram inúmeros organismos. . . A história da evolução dos organismos vivos é a do triunfo do princípio da associação e da cooperação sobre o da dissociação e do isolamento.

O isolamento só conseguiu formar monstros inviáveis. Assim, os dinossauros, os grandes répteis que invadiram a terra e reinaram sozinhos durante uma centena de milhões de anos do mesozóico, eram grande impasse biológico e desapareceram, dando lugar aos mamíferos e aos pássaros. Também os primeiros produziram várias formas-impasses até que o ímpeto dos invertebrados, continuando, e rejeitando, uma após a outra, as formas condenadas a extinção rápida ou lenta, chegou aos primatas, dos quais uma subdivisão, a do *Homo Sapiens,* apoderou-se da terra e nela reina sem rival. Assim, o nosso planeta, que, na era mesozóica, era o "planeta dos répteis", tornou-se o "planeta da humanidade". A humanidade é neta do réptil? Ou, em termos bíblicos, os homens "são filhos da Serpente", "filhos das Trevas", produtos do enrolamento ou, ao contrário, "filhos da Luz"? (Lc 16,8).

O homem tem o cérebro mais desenvolvido. Ora, o cérebro - como Henri Bergson demonstrou - é órgão que desempenha o papel de *crivo* em relaçao à consciência: ele é o mstrumento do saber e da ignorância. A sua função é admitir, da parte da consciência, o que é "adequado" e não admitir - ou "esquecer" - o que "não é adequado" do ponto de vista "da ação ou da vontade que visa à ação".

O cérebro é, pois, o órgão da *seleção,* um resumo da evolução inteira! O que o cérebro faz é a essência do que aconteceu durante os milhões de anos da evolução biológica. A evolução inteira é o processo da sucessão "criação-seleção-rejeição-esquecimento" incessantemente repetido. As formas adequadas foram escolhidas, as outras foram rejeitadas. Está em ação um cnvo invisível. Ora, esse crivo se tornou visível, fez-se carne. f: o cérebro.

Henri Bergson diz mais sobre o cérebro:

> *"No trabalho do pensamento em geral, como na operação da memória, o cérebro aparece simplesmente como encarregado de imprimir ao corpo os movimentos e as atitudes que* representam *o que o espírito* pensa *ou o que as circunstâncias o convidam a pensar. É o que exprimi quando disse que o cérebro é o 'órgão da pantomima' ...*
> *Com efeito, os fenômenos cerebrais são para a vida mental o que os gestos do maestro são para a sinfonia: desenham as articulações motoras, e nada mais. Não se encontraria, portanto, dentro da caixa craniana. nada das operações superiores do espírito. Além de suas funções sensoriais, o cérebro não tem outra função que não seja a de imitar, no sentido mais largo do termo, a vida mental"* (L'énergie spirituelle, pp. 74-75).

O cérebro é, portanto, o órgão que imita e que faz a escolha do que vai imitar. Ele "imita oportunamente".

Ora, a "imitação oportuna" é precisamente o que o livro do Gênesis entende por ser *astuto (íarum)* quando diz que "a serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que Deus tinha feito" (Gn 3,1). É, por assim dizer, o princípio "psicológico" da Serpente como

o enrolamento e o movimento do círculo fechado são seu princípio "dinâmico".

Ser astuto é imitar a sabedoria, depois de ter eliminado o essencial - a sua luz - e servir-se dela para seus próprios fins. E por isso que se diz que "o diabo é o macaqueador" de Deus.

O cérebro é, portanto, obra da Serpente. E a humanidade, enquanto a espécie animal dotada do cérebro mais desenvolvido, é a filha mais velha da Serpente. Os homens, enquanto seres cerebrais, são "filhos da Serpente" ou "filhos das trevas" .

Daí uma espécie de piedade filial na veneração da Serpente em muitos lugares: no Egito, na India (" najas" sagradas), no México, na América Central e, enfim, na China, onde era adorado o Réptil sagrado em forma alada, a do Dragão. Até Moisés levantou uma serpente de bronze numa haste, no deserto; só bem mais tarde é que cessou a adoração dessa serpente, a saber, quando Ezequias, rei de Judá, "reduziu a pedaços a serpente de bronze que Moisés havia feito, pois os filhos de Israel até então (isto é, durante os séculos dos Juízes e dos Reis até Ezequias) ofereciam-lhe incenso; chamavam-na *Noestã"* (2Rs 18,4). Mas, muitos séculos mais tarde, os gnósticos *naassenos/nahashenos* adoraram a Serpente na mesma região - e isso depois de Cristo!

Até nos séculos XIX e XX, vários escritores ocultistas tentaram restaurar o culto da Serpente em forma intelectualizada. Assim H. P. Blavatsky, em sua *Doctrine Secrete,* procurou valorizar a Serpente como idéia filosófica da sabedoria antiga. Ela interpretava a Serpente como o princípio da Energia universal, *Fohat,* que é o vínculo único e indispensável entre o Intelecto universal, *Mahat,* e a Matéria universal, *Prakriti.*

Ela evocava as lendas e tradições antigas dos instrutores da fase infantil da humanidade, os instrutores da civilização, os "Filhos da Serpente", que foram os benfeitores da humanidade na aurora de sua história.

Eliphas Levi apresentava a Serpente como "grande agente mágico", isto é, como o princípio intermediário entre a consciência e o mundo dos fatos objetivos. Para ele, a Serpente era o princípio da realização, isto é, aquilo que traduz praticamente a vontade em acontecimentos, aquilo que objetiva o subjetivo.

Stanislas de Guaita dedicou sua obra inacabada à Serpente, dando-lhe por título *Le Serpent de la Genêse* e pondo em relevo a realidade e o papel do "grande agente mágico" na história.

Quanto à Sociedade Teosófica, escolheu a Serpente mordendo a cauda, com o hexagrama e o Tau egípcio dentro do *círculo fechado* da Serpente, como seu símbolo e seu selo. Ela atinge, com isso, a divisa dos Marajás de Benares: *Satiyat Nasti Paro Dharmah,* "Não há religião superior à verdade".

A Serpente é, com efeito, "o grande agente mágico", isto é, o princípio que imita a consciência, e que serve, por isso, de ligação entre o subjetivo e o objetivo, como o cérebro é a ligação entre a consciência

e ação. Sim, os primeiros representantes da intelectualidade cerebral, os "Filhos da Serpente" das lendas antigas, foram os primeiros mestres da civilização nascente. Foram eles que ensinaram os rudimentos das artes e das ciências à humanidade, em sua infância.

Admitido isso, pergunto-me: a Serpente, como "grande agente mágico", é o *único* agente mágico e o agente mágico de *toda* magia? A magia divina ou sagrada (da qual falamos nas Cartas relativas ao terceiro e ao quinto Arcanos do Taro) serve-se do mesmo agente que os faquires, os hipnotizadores, os magnetizadores e os necromantes?

Ora, a experiência dos séculos mostra não só que há *outro* agente e *outra* magia, mas também que há consciência e experiência diferentes das que procedem do cérebro. Não foi a Serpente que João Batista viu descer sobre o Mestre da Magia Sagrada e o maior taumaturgo da história, mas uma *Pomba:*

> *"João deu testemunho: 'Vi o Espírito descer, como uma pomba, vindo do céu, e permanecer sobre ele'* " (Jo 1,32).

E três dias depois verificou-se o milagre das bodas de Caná.

Os milagres das bodas de Caná, da cura do filho do oficial do rei, da cura do doente na piscina de Betesda, da multiplicação dos pães, de Jesus caminhando sobre as águas, da cura do cego de nascimento e da ressurreição de Lázaro não tiveram como agente a Serpente, nem como instrumento o cérebro, nem como fonte de iniciativa a intelectualidade cerebral . O agente foi a Pomba, isto é, o Espírito, que está acima do cérebro e da cabeça, que *desce* sobre a cabeça e se detém nela. A fonte da iniciativa, o agente e o instrumento da Magia divina ou sagrada foi o Espírito, que transcende a intelectualidade cerebral.

Pergunto-me, então - e pergunto também a ti, caro Amigo Desconhecido - por que os autores ocultistas não pw:eram o seu selo, seu fervor e suas aptidões a serviço da causa da Pomba, em lugar daquela da Serpente? Por que não reconheceram o Grande Agente da Magia sagrada, o qual mostrou que é chamado a iluminar, curar e transformar o mundo? Por que a Sociedade Teosófica, que coloca a verdade acima de toda crença, não escolheu para seu estandarte a Pomba do Espírito Santo, que é o princípio da universalidade espiritual, em lugar da Serpente mordendo a própria cauda? Por que Stanislas de Guaita não escreveu um livro intitulado *La Colombe de l'Évangile* (" A pomba do Evangelo ")? Por que Eliphas Lévi não mencionou o *novo* grande agente mágico, a Pomba, que é chamada a substituir o antigo agente mágico, a Serpente? Por que H. P. Blavatsky se recusou a aceitar que existem dois princípios da Energia cósmica, o do *Fohat* ou energia da Serpente e do Espírito Santo ou energia da Salvação? Se o livro *Dzyan* não fala disso, é ele a única fonte da verdade? E o testemunho dos profetas, dos apóstolos e dos santos durante trinta séculos não tem nenhum valor?!

Minha perplexidade, repito-o, não vem de a interpretação da Serpente nos autores ocultistas mencionados não ser verdadeira no essen-

cial, mas de a Serpente ser tratada com estranha exclusividade, até com parcialidade, que é difícil explicar sem recorrer a fatores psicológicos.

Seja como for, a literatura ocultista denota tendência bem pronunciada de apresentar a Serpente como o único princípio de realização e da ciência, inclusive da ciência oculta.

Quanto a nós, só podemos ver na Serpente o princípio do enrolamento, da tendência para formar círculos fechados tanto da cerebração como da intelectualidade cerebral - ou, em outros termos, o princípio da *queda* em primeiro lugar. Digo: em *primeiro lugar,* porque, graças à obra de Salvação, que tem sua história milenar, produz-re espiritualização gradual da obra da Serpente - inclusive da intelectualidade cerebral - e a ingerência do alto faz não só abortar a formação dos círculos completamente fechados, mas também inclina a tendência ao enrolamento para a *solidariedade* por etapas como a família, a nação e a comunidade de civilização. Em outros termos, a Providência vela para que os círculos formados pela Serpente não sejam inteiramente fechados e para que a série desses círculos seja mudada numa série de *espirais.*

Os benefícios dessa metamorfose gradual da obra da Serpente não devem ser atribuídos à Serpente, mas ao princípio contrário, ao da "luz que brilha nas trevas". Porque a evolução real e total é resultado da operação da Serpente, que se enrola e chega à formação do cérebro e da mteiectualidade cerebral, de um lado, e da operação da luz do alto que *abre* o que está enrolado e ilumina a intelectualidade cerebral, do outro.

A Serpente e a Pomba, eis, em última análise, os fatores subjacentes a *todo* o processo da evolução.

Se me perguntas, caro Amigo Desconhecido, se creio que é necessário escolher e tomar partido pela Serpente ou pela Pomba, a minha resposta situar-se-á no quadro do conselho do Mestre:

> *"Sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas"* (Mt 10,16).

Isso significa que é necessário unir a intelectualidade cerebral com a espontaneidade espiritual. É necessário, sem dúvida, pensar com pensamentos articulados e de maneira discursiva, mas acima desse processo de pensamento discursivo paira sempre o ideal! É na luz do ideal que devemos pensar.

Voltemos, porém, à questão colocada atrás: os homens são "filhos ela Serpente" ou "filhos da Luz"? Dissemos: enquanto espécie animal dotada do cérebro mais desenvolvido, os homens são filhos da Serpente. Agora devemos acrescentar: enquanto seres que aspiram ao ideal do Bem, do Belo e da Verdade, os homens são filhos da Luz.

Porque, seja o que for que se diga, não existe razão nem dado no domínio da evolução biológica - que culminou na formação do cérebro humano - que explique e faça parecer necessária a aspiração humana à Verdade, ao Belo e ao Bem. Aliás, cada mosteiro e cada convento

traz em si desmentido formal à tese segundo a qual a humanidade não passa de produto da evolução biológica. A renúncia às coisas concretas - corno à·riqueza, ao poder, à saúde e até à vida - pelo ideal testemunha a realidade transevolutiva e transcerebral do núcleo do ser humano.

Se as escavações dos paleontólogos trazem à luz do dia craruos e esqueletos que testemunham a evolução biológica até chegar ao cérebro humano, os mártires testemunham, na história, a transcendência do núcleo da natureza humana sobre a evolução biológica.

Isso porque a evolução inteira é o cruzamento da evolução biológica com a evolução espiritual. O cruzamento desses dois domínios bem diferentes é a realidade da *queda.*

O outro termo do drama cósmico que nos ocupa e está ligado ao da "queda" é o da *redenção.*

Dissemos acima que a redenção "é o ato cósmico da reintegração do mundo decaído pela criação de uma *abertura* em seu círculo fechado (religião, iniciação, profetismo), depois pela instauração, através dessa abertura, do *caminho* de saída (os Budas) e de entrada (os Avatares), enfim, pela transformação, a partir do interior, do mundo decaído pela irradiação do Verbo encarnado (JESUS-CRISTO).

Assim a tese que propomos aqui é a de que a obra da salvação - que culmina na redenção propriamente dita - é *universal,* tanto no que se refere ao *tempo* como no que se refere ao *espaço.* Porque ela atuava já na aurora da história da humanidade e se estendia a todos os grupos e a todas as religiões. Os séculos foram seus estádios sucessivos, e a humanidade inteira era - e é - seu campo. A obra da salvação é *católica* no sentido literal, hermético, mágico, gnóstico e místico desse termo. Isto significa que a história da Igreja padecente, militante e triunfante é tão longa e tão vasta como a da humanidade. Porque o Verbo "era a Luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo" (J o 1,9), isto é, todo homem, sempre e em toda parte.

Existe, portanto, urna só obra de salvação, a qual compreende todos os esforços humanos verdadeiros para transcenderem o cérebro e a intelectualidade cerebral e que compreende ainda todas as revelações verdadeiras do alto através das idades da história da humanidade. Ela atuou por etapas. Desde o primeiro altar erguido em algum lugar numa colina, na orla de um bosque, até as grandes catedrais da Europa, que aspiram à altura da consciência, acima da esfera da intelectualidade cerebral.

As etapas da obra da salvação universal constituem a história espiritual da humanidade, história que é a grande Bíblia universal, da qual a Bíblia histórica é apenas urna parte. Ela pode ser resumida de duas maneiras: do ponto de vista da revelação e do ponto de vista da *operação.*

Segundo o primeiro ponto de vista, a história espiritual da humanidade poderia ser resumida - corno o faz a Cabala - apresentando-

se os aspectos de *Deus* que se revelam sucessivamente na história espiritual da humanidade. Os *dez Nomes* divinos da Cabala, que correspondem às dez *sefiroth* da Árvore Sefirótica, representam o resumo da história espiritual da humanidade do ponto de vista da *revelação* gradual de Deus. Porque, do aspecto representado pelo Nome *Adonai* (" Senhor") até o aspecto indicado pelo Nome EYEH (" Eu sou"), existe longo caminho, sendo o primeiro o termo da superioridade de poder puro e simples, ao passo que o segundo desperta a intuição do Serexistente-por-si-mesmo ou "daquele que é".

Segundo o ponto de vista da *operação* da obra da salvação, poderíamos resumir a história espiritual da humanidade, descrevendo suas etapas desde a primeira abertura do círculo fechado da serpente até a vinda e o desenvolvimento do "Reino de Deus" dentro desse círculo.

Essas etapas seriam então: a *abertura* do círculo fechado, o *caminho* de saída e de entrada através dessa porta e a *Encarnação do Verbo.* A primeira etapa, a da abertura no círculo fechado, fez a *Fé* entrar na humanidade encarnada; a segunda lhe trouxe a *esperança;* a terceira acendeu nela o *Amor,* que é a *presença* ativa da vida divina dentro do círculo da Serpente.

Aquilo em que a humanidade tinha acreditado e em que tinha esperado tornou-se realidade presente - eis numa só frase a essência da história espiritual da humanidade .

Mas esse resumo abrange um mundo de acontecimentos. Ele abrange o primeiro despertar das recordações· do Paraíso nas almas mergulhadas na escuridão da luta pela existência; a instauração do culto, a fim de conservar essas recordações e preservá-las do esquecimento; o surgimento dos sacerdotes encarregados desse culto, dos videntes e dos profetas, que o conservavam vivo e o desenvolviam; o surgimento das escolas de esforço individual visando à experiência transcerebral; a boa nova de que esse esforço não é inútil, de que existe uma porta de saída; os ensinamentos dos Budas, dos mestres desse caminho; as revelacões dos A vatares - dos *Rishis,* dos Grandes Mestres e dos "Homens de Deus" - mostrando a realidade do cammho de entrada, de manifestação e de encarnação; a preparação espiritual no mundo inteiro e a preparação real num povo eleito - Israel - da Encarnação, prefigurada pelas encarnações e manifestações avatarianas e búdicas; a Encarnação propriamente dita e tudo o que está implicado nas seguintes palavras de são Paulo em sua epístola a Timóteo:

> *"Seguramente, grande é o mistério da piedade: Ele foi manifestado na carne, justificado no Espírito, contemplado pelos anjos, proclamado às nações, crido no mundo, exaltado na glória"* (lTm 3,16).

O que entendemos por "evolução" em geral deve-se à concorrência de duas linhas principais de operação - a da Serpente e a da obra da salvação. Digo *principais* porque existem linhas secundárias, que

desempenham papel intermediário entre as linhas principais. Tal é, por exemplo, a linha da evolução das almas individuais pela vida das encarnações repetidas. Esse tema foi tratado numa ~arí:a precedente e o será ainda na décima terceira Carta. Assinalaremos aqui, no contexto da evolução geral, apenas o que segue.

Atualmente a ciência está confrontada com o problema da transmissão, por hereditariedade, das qualidades adquiridas pela experiência. Como se apresenta hoje, esse problema se deve à contradição paradoxal entre o que sabemos da lei da hereditariedade e o que sabemos da evolução e do progresso em geral. Foi estabelecido que as qualidades adquiridas não se transmitem pela hereditariedade e, por outro lado, que o conjunto dos fatos da evolução geral atestam o progresso. Para resolvermos a contradição entre a hereditariedade, que só *reproduz,* e a evolução geral, que se mostra *criativa,* devemos recorrer a outra dimensão, isto é, devemos acrescentar a dimensão *vertical* à da continuidade horizontal no tempo, a continuidade da hereditariedade, que liga as gerações sucessivas. Devemos admitir que as qualidades adquiridas são armazenadas *em algum outro lugar,* no que ee refere ao mecanismo da hereditariedade propriamente dita, e que entre esse último e as qualidades adquiridas - que não desaparecem, mas são afastadas para outro lugar - existe tensão ativa, que se manifesta tanto na educação e na auto-educação como no surgimento dos gênios intelectuais e morais como frutos de uma linha mediana. Essa tensão entre o mecanismo hereditário e as qualidades adquiridas pela experiência, acumuladas em outro lugar, chegam, com o tempo, à prevalência das últimas e a uma espécie de "irrupção" no mecanismo hereditário. Os fatos da experiência pas: ada, por assim dizer, se "reencarnam".

É assim que somos levados a postular o princípio da reencarnação.

Quando a psicologia moderna .das profundezas da escola de Jung acrescenta ainda amplos materiais concernentes ao ressurgimento das experiências tidas em sonhos, visões e na vida da fantasia, das quais, em sua consciência normal, as pessoas nada sabem. e quando, por exemplo, os ritos e os símbolos dos antigos mistérios reaparecem assim em pleno século vinte, o postulado necessário para se explicar a possibilidade do progresso cessa de ser postulado e se torna conclusão baseada na experiência e com alto grau de probabilidade.

É verdade que Jung chama de "inconsciente coletivo" o lugar em que ficam guardadas as experiências do passado. Por que *coletivo?* Por que não inconsciente individual? Somente porque as experiências do passado que surgem das profundezas da consciência têm muitos pontos comuns? por que se assemelham?

Mas é em *seres humanos* que surgem essas experiências passadas.

É natural, por isso, que elas tenham muitos pontos comuns, tantos quantos são os seres humanos. Devemos, só por ecse motivo, postular a coletividade da memória subconsciente (o supraconsciente) de alcance milenar? Não seria mais simples e mais natural concluir que aquele que se lembra de uma experiência é o mesmo que a experimentou?

Mas devemos fazer justiça a Jung e esclarecer que ele não insiste numa *coletividade substancial* de seu "inconsciente coletivo". Como verdadeiro sábio, ele deixa aberta a questão de se saber se o inconsciente coletivo é reservatório comum da humanidade ou o conjunto, obtido por abstração, dos *traços comuns* dos indivíduos. A "metafísica" do inconsciente coletivo foi pouco elaborada por Jung. Seja como for, os fatos que Jung reuniu e apresentou se prestam *pelo menos* tão bem à interpretação reencarnacionista como à coletivista.

Mas, no foro interno da consciência - e lembro-te, caro Amigo Desconhecido, que essas Cartas se dirigem somente a teu foro interno e que, em princípio, o seu objetivo não é apresentar doutrinas de validade geral, isto é, científica - é a experiência das profundezas de nossa alma que tem a última palavra no problema da reencarnação individual e é a ela que compete transformar a possibilidade e a probabilidade da reencarnação em certeza - em certeza no foro interno, bem entendido.

Existem, portanto, três continuidades na evolução: a biológica ou herdada, a psíquica ou a reencarnação e a espiritual ou obra da salvação. Notemos que essas três linhas da continuidade correspondem ao triângulo dinâmico ao qual Fabre d'Olivet reduziu a história do gênero humano: o triângulo Destino, Vontade e Providência A hereditariedade corresponde ao Destino (Fatalidade), a reencarnação à Vontade (Liberdade) e a Obra da salvação à Providência. Eis o que ele diz desse triângulo:

> *"Mas, se o homem é, em primeiro lugar apenas um poder em germe que a civilização deve desenvolver, de onde lhe virão os princípios indispensáveis dessa cultura? Respondo que eles virão de dois poderes aos quais de está ligado e junto com os quais ele deverá ser o terceiro ... Esses dois poderes, entre os quais ele está colocado, são o Destino e a Providência. Abaixo dele está o Destino, natureza necessária e naturada; acima dele está a Providência, natureza livre e naturante. E ele, como reino humano, é a vontade mediadora, a força eficiente colocada entre essas duas naturezas para servir-lhes de ligação e meio de comunicação e para unir duas ações e dois movimentos que seriam incompatíveis sem ele.* Os *três poderes que mencionei . . . constituem o terreno universal. Nada escapa à sua ação; tudo no universo está sujeito a eles; tudo, exceto Deus, que os envolve com sua insondável unidade e forma com eles a tétrade sagrada, o imenso quaternário, que é tudo em todos e fora do qual nada existe" (Gnostiques de la Révolution, André Tanner, textes choisis de Fabre d'Olivet,* pp. 201 e 202, extraídos da *Histoire de la philosophie du gente humain).*

Permito-me acrescentar a essa citação de Fabre d'Olivet que em toda a minha vida não encontrei uma expressão mais lúcida e uma chave geral mais eficaz para a compreensão da evolução e da história da humanidade do que as apresentadas por ele, se bem que o século e meio que se passou depois de sua obra e a ampliação do conhecimento

da história da humanidade - bem como a desastrada cegueira de Fabre d'Olivet em relação a alguns mistérios do cristianismo - tenham-me forçado a rever a *aplicação* que ele fez de seus admiráveis princípios gerais aos problemas concretos da história da humanidade. A mesma observação se aplica a Saint Yves d'Alveydre, especialmente à sua obra *Mission des [uijs;* falta somente o preconceito anticristão.

A *hereditariedade,* a obra da *salvação* e a *reencarnação* - sendo a última o princípio intermediário entre as duas primeiras - constituem assim o drama cósmico da evolução.

A décima lâmina do Tarô, embora evoque o problema todo, apresenta corte *mediano* no problema da evolução, pondo em relevo seu mais importante aspecto de alcance prático - *a relação entre a animalidade e a humanidade.*

A *Esfinge* acima da *Roda* representa a animalidade e a humanidade unidas - seja *ainda* não diferenciadas, seja *já* reintegradas. O enigma da Esfinge é, pois, o da humanização da animalidade e o da animalização da humanidade.

O cão subindo para a esfinge representa a animalidade que aspira à união com a humanidade; o macaco descendo representa o proces:::o de animalização da humanidade.

Trata-se, pois, do arcano da solução prática do problema: como conseguir, sem extirpação nem rejeição, a integralidade dos elementos humanos *e* dos elementos animais na pessoa humana, sem que os primeiros se animalizem (se tornem "macacos") e os últimos caiam sob o domínio tirânico (se tornem "cães") dos primeiros? Em outros termos: como descer ao domínio animal sem se animalizar e como fazer a animalidade subir, sem coação, ao domínio humano?

Ora, também o décimo Arcano é estritamente prático. Ele é exercício espiritual cujo fim é despertar "o arcano", isto é, o conhecimento experimental de certa "habilidade". Para o décimo Arcano, a "habilidade" da qual se trata é o manejo correto dos elementos da humanidade animalizada e dos da animalidade que aspira à humanidade a partir de um centro e mediante um centro estável.

Esse centro estável é a *Esfinge,* colocada acima da roda da animalidade, isto é, acima do movimento *automático* do psiquismo humano.

Qual é a tarefa prática que essa contextura da roda com a Esfinge acima dela sugere?

Existem a animalidade *criada* e a animalidade "evoluída". A primeira é anterior à queda, e a segunda deve sua existência à evolução posterior à queda, isto é, à obra da Serpente. Há uma animalidade criada pelo Verbo divino, do qual o Evangelho de João diz que "tudo foi feito por meio dele e *sem ele nada foi feito"* e que o livro do *Gênesis* de Moisés evoca, quando fala da criação dos animais *segundo sua espécie* no quinto e no sexto "dias" da criação.

A animalidade de origem divina se resume por meio dos protótipos ou das *espécies* dos santos *Haiot,* dos Querubins. São eles: o Touro,

o Leão, a Águia e o Anjo ou Homem. Reunindo-se esses quatro protótipos num só ser, obtém-se a *Esfings:*.

A Esfinge é, portanto, a síntese prototípica da santa animalidade, isto é, da instintividade divina, do princípio da obediência espontânea a Deus. Porque "animalidade santa" não significa outra coisa senão a "obediência espontânea a Deus" ou "o divino instinto".

Os *outros* instintos são devidos à evolução da Serpente; resume-os o *termo* bestialidade.

Existem, pois, instintos de origem divina e instintos bestiais. Assim, a Águia, que a tradição iconográfica representa como princípio inspirador - ou canal da inspiração divina - do evangelista João, é o instinto que tende para o arrebatamento do espírito e do coração. Ao mesmo tempo, a águia, como protótipo da ave de rapina, representa o instinto de agressão e do ataque fulgurante. É a águia como instinto de rapacidade que figurava, como princípio inspirador, nos estandartes das legiões romanas.

De igual modo, o Leão é o instinto que se pode designar como "coragem moral". Os mártires eram representantes do Leão e é ele, como "coragem moral" que está associado, na iconografia cristã, ao evangelista Marcos.

Mas, como existem Águia e águia, existem também Leão e leão.
A ferocidade está para a coragem moral como o leão para o Leão. A primeira é a degenerescência do último.

O Touro é o símbolo do instinto da concentração produtiva e está subjacente na tendência para a meditação profunda. Ele é o canal da inspiração divina do evangelista Lucas.

Foi o Touro, tomado nesse sentido, que deu origem, na índia, ao culto do seu aspecto fêmea, a Vaca sagrada. A adoração da Vaca, na índia, é o correspondente popular da tendência indiana para a meditação.

Mas há Touro e touro. O último é a degenerescência do primeiro.
Ele é a concentração da Vontade num único ponto, deixando todo o resto na sombra. Não era a tendência para a meditação que se queria matar, imolando-se o touro nos mistérios de Mitra, mas a impetuosidade cega.

Segundo a iconografia, o evangelista Mateus tem como companheiro inspirador o Anjo ou o Homem. É a tendência para a objetividade, que se manifesta, p. ex., na veracidade da narração épica de analista ou cronista.

Mas há objetividade e "objetividade". Alguém pode ser objetivo, isto é, imparcial, tomando a peito todas as coisas de modo igual. E pode ser objetivo ou imparcial tomando uma atitude de indiferença igual em relação a todas as coiras.

A primeira é a objetividade angélica; a última é a sua degenerescência, é a objetividade da observação fria, sem coração. A primeira se manifesta nos efeitos do instinto que denominamos *consciência,* a última se manifesta naquilo que muitos têm por "espírito científico", mas que, na verdade, é a tendência para o *cinismo.*

Eis, pois, o quadro comparativo dos principais instintos de origem divina e dos instintos que nasceram depois da queda.

A tarefa prática daí decorrente é a da alquimia interior: a transmutação dos instintos decaídos em seus protótipos não decaídos. Isto é, a transmutação da "águia" em Águia, do "leão" em Leão, do "touro" em Touro e do "homem" em Anjo; em outros termos, a tarefa consiste em estabelecer - ou restabelecer - *a Esfinge* acima da roda da instintividade, em *transformar a roda ou o automatismo psíquico em Esfinge.* Como? Por metamorfose, isto é, por constrições e expansões alternadas. Como o crescimento de uma planta é manifestação de duas tendências - vertical e horizontal - agindo alternadamente, de modo que a primeira impila para cima, e a outra efetue o desdobramento, também a metamorfose psíquica se realiza por constrição da tendência expansiva. O resultado é uma elevação, seguida de uma expansão no novo plano atingido pela elevação, seguindo-se a restrição, da qual resultará nova elevação, e assim por diante. É a lei da metamorfose, constatada e estudada por Goethe no reino vegetal; é também a lei da transmutação das forças psíquicas - a do "caminho apertado" ou da *Cruz* - no reino humano. Porque o homem e a planta vivem sob a lei da Cruz - a última organicamente, o primeiro espiritualmente. Por isso a planta é manual do hermetismo prático, no qual se podem ler as regras imutáveis da disciplina espiritual. Compreendeu-o Schiller, o "irmão" de Goethe, e por isso disse:

Sieh dir die Flanze an -	(Olha a planta,
Was sie ist,	O que ela *é,*
Das werde *du wollend.*	Tu o *serás,* querendo.
Das ist es.	É isto).

É isto porque o reino vegetal é o mais virgem da natureza depois da queda e porque o homem está em via de reintegração. Por isso todo jardim conserva alguma coisa do Jardim do Éden e pode servir de biblioteca viva ao homem que aspira à Salvação.

Ora, trata-se de estender a lei da Cruz, que domina o reino vegetal organicamente e o reino humano espiritualmente, ao *reino ani mal.* Isso deve ser feito não adestrando-se cães, cavalos e papagaios, mas aplicando-se a lei da Cruz à animalidade interior da vida psíquica do homem. É necessário restringir o touro em nós, a fim de que ele se eleve ao Touro. Isso significa que o desejo instintivo, que se mostra como raiva concentrada num ponto e cega quanto ao resto, deve ser restringido e, portanto, elevado à tendência para a meditação profunda. Toda essa operação é resumida, no hermetismo, pela palavra *calar-se.* O preceito de "calar-se" não é, como muitos autores o interpretam, só uma regra de prudência, mas também um *método prático* para a transformação do instinto, que estreita e cega tanto numa tendência para a profundeza como numa aversão a tudo o que é de natureza superficial.

O *touro alado* é, portanto, o resultado a se obter mediante o procedimento do "calar-se". Isso significa que o touro *se eleva* ao nível da águia e se une a ela. Por essa união se realiza o matrimônio do impulso para a altura com a tendência para a profundeza. O matrimônio dos contrários - expressão tradicional da alquimia - é a essência da

prática da lei da *Cruz.* Porque a cruz é a união de dois pares de contrários, e a prática da cruz é obra de conciliação de quatro contrários, dois horizontais e dois verticais. O Touro e a Águia são contrários verticais, são tendências para a altura e a profundeza, para o geral e o particular. para a vista de relance compreensiva e para o pormenor minucioso.

O Anjo e o Leão constituem o outro par de contrários da cruz da instintividade humana. Trata-se da transformação da coragem combativa em coragem moral, em coragem da *consciência.* Porque o instinto que denominamos "consciência moral" é efeito da inspiração por parte do Anjo, e é pela elevação do instinto de coragem, isto é, do desejo de heroísmo, de aventuras e de luta, que ele se une à consciência e se torna a coragem moral que admiramos nos mártires e nos santos.

O *leão alado* é o resultado a se obter mediante procedimento indicado pelo tema *ousar,* que implica a coragem moral.

Como o touro se torna alado pela sua união com a águia, mediante a prática do *calar-se,* e como águia adquire a consciência da perseverança do touro graças à prática do *querer,* do mesmo . modo o leão adquire asas pela sua união com o Anjo, realizada pela prática do *ousar;* o efeito da inspiração do Anjo, da qual *ousamos* tomar conhecimento, torna-se então *certeza espontânea,* mediante a prática indicada pelo termo *saber.*

Eis as quatro linhas de esforço que permitem levar a bom termo a tarefa simbolizada pela Esfinge: *calar-se, querer, ousar* e *saber.*

"Calar-se" é a restrição da vontade que se eleva, segundo a lei da Cruz, em conseqüência dessa restrição. Ela se desenvolve, em seguida, em outro plano, no qual se torna o verdadeiro "querer".

A atenção constante para a consciência restringe a impulsividade; esta se eleva então ao plano novo, no qual se desenvolverá. Disciplina da impulsividade pela consciência, eis o sentido prático do "ousar" e do "saber". Porque é em harmonia com o saber devido à consciência que a impulsividade se torna "ousar legítimo" ou coragem moral.

Eis o princípio do ascetismo hermético milenar. Ele se baseia na lei da *Cruz;* seu objetivo é a Esfinge, que é a animalidade unida à humanidade. -

É claro que esse ensinamento é muito antigo e que o décimo Arcano remonta ao hermetismo antigo de antes de nossa era e nos põe em contato com as idéias daqueles que esculpiram a Esfinge e construíram as pirâmides. É a evidência *intrínseca,* e não a evidência iconográfica e histórica, que nos impõe essa conclusão.

E o que a reforça mais é o que *falta* à décima lâmina. Ela nos apresenta a roda da animalidade e a Esfinge como solução do problema prático da animalidade. Ora, a análise aprofundada e continuada da Esfinge e da contextura inteira da lâmina nos leva inevitavelmente aos *quatro* Animais e a tudo o que isso comporta: animalidade divina e decaída, queda e reintegração, o princípio do ascetismo prático etc. Tudo isso pode ser ampliado pelos fatos e conhecimentos que a história,

a biologia e a psicologia modernas nos fornecem. Mas falta à lâmina uma coisa essencial - a *quintessência,* a "quintessência ", que toma real a Esfinge, mas que *não é a Esfinge.* O *princípio ativo da Cruz* - a "quintessência" - sem o qual a operação toda não é praticável e permanece apenas cognoscível e esperável - não está indicado na lâmina. A Esfmge figura nela como a última solução ou, melhor, como o último *enigma.*

A ausência de indicação *direta* (porque indiretamente a lâmina toda visa ao enigma da Esfinge e, por isso, à "quintessência "), na contextura da lâmina, do princípio do *Novo Adão* - que é a "quintessência ", como o sabemos hoje no esoterismo e também no exoterismo - prova a origem *pré-cristã* da décima lâmina. Do ponto de vista da iconografia, ela é francamente medieval (do fim da Idade Média) como o são todas as outras lâminas, mas *intrinsecamente* é mais antiga, a saber, pré-cristã.

Ela é a mais antiga ou simplesmente *a menos evoluída* das vinte e duas lâminas do Tarô?

Sendo as vinte e duas lâminas do Tarô um *organismo,* um todo completo, a questão da qual se trata não é a da origem diferente das lâminas particulares, mas a dos *graus de sua evolução ou transformação.* Porque também o Tarô *não é uma roda,* em círculo fechado, mas uma *espiral,* isto é. ele *evolui* por tradição e reencarnação.

Os autores que viam no Tarô o "Livro Sagrado de *Tot"* ou de Hermes Trismegisto tinham razão enquanto colocavam a história da essência do Tarô na antiguidade, especialmente na antiguidade *egípcia.* Não tinham razão enquanto pensavam que o Tarô tivesse sido *herdado* do Egito antigo, isto é, que tivesse sido *transmitido* de geração em *geração, recebendo muàsnçss iconográfica§ menores. Em apoio àeJJa* tese narra-se a história ou a lenda engenhosa (talvez conhecida do leitor) da reunião dos sacerdotes egípcios para deliberar sobre o problema da preservação da essência de sua sabedoria para as gerações futuras, depois que a luz do Egito se tivesse apagado. Rejeitadas várias propostas como a de se confiar a sabedoria ao papiro, à pedra, ao metal etc., decidiram confiá-la a um agente menos destrutível e mais estável do que o papiro, a pedra e o metal, a saber, ao *vício* humano. Assim foi repartido o jogo de cartas, o Tarô, que chegou até nós.

Mas do ponto de vista iconográfico, o Tarô é claramente medieval. Do ponto de vista histórico, nada indica que ele tenha existido antes do fim do século XIV (veja G. van Rijnberk, *Le Tarot).* Se se tratasse de jogo popular, destinado a isso pelos sábios egípcios, deveríamos ter muitos dados sobre ele, referentes a, pelo menos, catorze ou dez séculos, quando o que temos é o silêncio completo.

O Tarô *não* é *herdado,* mas *reencarnado.* Ele se "reencarnou" segundo a experiência da psicologia moderna das profundezas da escola de Jung, que constata o surgimento dos mistérios e cultos antigos e arcaicos das profundezas do Inconsciente dos homens de século XX. O *Tarõ é o Livro Sagrado de Tot,* não herdado nem transmitido - ele é esse "livro" *re-nascido.*

Citemos em apoio dessa tese não uma lenda moderna, mas o texto de um tratado hermético grego, velho de vinte séculos, o *Kore Kosmou,* no qual *lsis* ensina a *Horo,* seu filho, os mistérios do céu. Ela fala também do "Livro Sagrado de Tot", de sua natureza e de sua origem. Eis o texto:

> "ó *Hora, meu filho maravilhoso, não foi num ser da raça mortal que isso aconteceu - ela ainda nem existia - mas numa alma que tinha a ligação de simpatia com os mistérios do céu; eis o que era Hermes, que tudo conheceu. Ele viu o conjunto das coisas; e, tendo visto, compreendeu; e, tendo compreendido, teve o poder de revelar e de mostrar. Com efeito,* as coisas que ele conheceu, ele as gravou e, tendo-as gravado, ocultou-as, *preferindo, em vez de falar, guardar um firme silêncio sobre a maior parte delas,* a fim de que fossem procuradas por todas as gerações *nascidas depois do mundo ...* (5)
> *... enfim ele (Hermes) tomou a decisão precisa de depositar os símbolos sagrados dos elementos cósmicos junto aos objetos sagrados de Osiris; em seguida, fez uma prece, pronunciando tais e tais palavras, e voltou ao céu (7).*
> *Mas não convém, filho meu, que eu deixe essa narração incompleta; devo referir tudo o que Hermes disse quando depositou os livros. Ele falou assim:* ó *livros sagrados, que fostes escritos por minhas mãos imperecíveis, vós, sobre os quais, tendo-vos eu ungido com a droga da imortalidade, tenho todo o poder, permanecei imputresciveis e incorruptíveis através do tempo de todos os séculos, sem que ninguém daqueles que deverão percorrer as planícies desta terra vos veja nem vos descubra até o dia em que o céu envelhecido produzir organismos dignos de vós, aqueles que o Criador chamou Almas'. Depois de se ter assim dirigido aos livros e de ter feito uma prece às suas próprias obras, ele penetrou* no recinto, nas áreas que lhe pertencem". (8) *(Corpus Hermeticum,* t. IV, texto estabelecido e traduzido por A. J. Festugiêre, 1954).

Eis a versão greco-egípcia da origem e da natureza dos "Livros Sagradcs de TOT ". Segundo essa versão, eles foram "gravados pelas mãos imperecíveis" e estão depositados no "recinto sagrado, nas áreas que pertencem" a Hermes, e são "imputrescíveis e incorruptíveis, a fim que sejam procurados por todas as gerações nascidas depois do mundo". Eles foram, pois, "escritos" magicamente numa região *entre o céu e a terra,* bastante próximos da terra para atingirem as almas dos pesquisadores e despertarem nelas, pela sua atração, o espírito de procura, e, por outro lado, bastante afastados para nunca serem apanhados pela intelectualidade cerebral, analisados e aproveitados por ela. O *original* dos "Livros sagrados de *Tot"* está na região "trans-cerebral": é necessário, por isso, procurá-los não em criptas, manuscritos ou inscrições e nem sequer em sociedades ou confrarias secretas, mas no recinto sagrado das áreas que pertencem a Hermes. É necessário *elevar-se* acima da "área"

da intelectualidade cerebral, porque os "livros sagrados" foram escritos, segundo o tratado hermético que acabamos de citar, *antes* da formação do cérebro. Eles são o apelo, magicamente efetivo "através do tempo de todos os séculos", a transcendermos a intelectualidade cerebral e a elevarmos "o organismo digno deles", aquele que o Criador denominou *Alma,* à região na qual eles se acham.

Essa região, esse jardim dos "símbolos sagrados dos elementos cósmicos", plantado entre a terra e o céu, essas fórmulas mágicas, símbolos gnósticos e luzes místicas da revelação primordial, que constitui "o recinto sagrado" acima da intelectualidade cerebral e abaixo do céu, são a *realidade* do Hermetismo, o aguilhão que, através das idades, incita as almas humanas a aspirarem à "visão do conjunto das coisas, para que, vendo, compreendam e, tendo compreendido, revelem-no e o mostrem". O "conjunto das coisas" *(ta sympanta,* em grego), eis a alma do Hermetismo através "do tempo de todos os séculos". E como o cérebro é o órgão da especialização prática, o apelo e a aspiração ao conjunto das coisas, ou *sympanta,* é o apelo e a aspiração a transcender o cérebro e a intelectualidade cerebral.

O Hermetismo atrai a humanidade de século em século. Por causa de uma plêiade de escritores brilhantes? Por causa das sociedades secretas, ou por causa da atração do segredo em geral? É o que se diz!

Mas por que existem escritores hermetistas em todas as épocas e em *todos* os tempos? Por que existem sociedades secretas? Enfim, por que o segredo exerce tal atração?

Porque nas profundezas do Inconsciente - que quer tornar-se consciente e bate à porta - está presente "o recinto sagrado", o "Livro Sagrado de Tot ", do qual nascem - ou no qual se reencarnam - obras simbólicas e herméticas. É o que se dá com o *Tarô.*

O Tarô tem seu protótipo invisível; a função e a missão do Tarô consistem em elevar a Alma a seu protótipo original. Por isso ele é um sistema de exercícios espirituais. Ele dá o impulso e indica a direção para se transcender a intelectualidade cerebral e penetrar, pela *Alma,* no "recinto sagrado", no qual estão os "símbolos sagrados dos elementos cósmicos".

O conjunto das coisas, a intuição que transcende a intelectualidade cerebral. O Hermetismo. Mas, por que o *Hermetismo?* Não é ele a aspiração de toda filosofia metafísica e de toda prática mística da religião? A prática mística da religião transcende, é certo, a intelectualidade cerebral. Mas o seu objetivo é atingir *o Céu,* e não a zona intermediária entre a terra e o Céu, na qual está depositada a revelação primordial dos "mistérios do Céu". Os Santos vivem a luz, o calor e a vida do Céu. Ora, o azul e a brancura celestes se irradiam em suas vidas e por suas vidas.

Quanto aos hermetistas, são chamados - ou deverei dizer: condenados? - a viver sem a luz da terra e sem a Luz do Céu, mas mergulhados na *Noite,* na escuridão profunda do mistério das relações entre

o Céu e a terra. O *Pensamento* que une o Céu e a terra, que é também imanente a toda estrutura Ienomênica terrestre e a toda entidade numênica celeste, é a visão e a compreensão do conjunto das coisas bem como o poder de o revelar e mostrar.

Os Santos não esperam atingir o *Pensamento* cósmico, a compreensão do conjunto das coisas, mas a *Vida* divina.

E os metafísicos? E os filósofos idealistas? Não desejam eles apreender o conjunto das coisas pelo Pensamento?

Platão, o pai da filosofia metafísica, teve a experiência do pencamento trans-cerebral, do pensamento não *concebido,* mas *visto.* Por isso pôde ele ensinar o método da elevação gradual acima da intelectualidade cerebral, a elevação da "opinião" *(docsa)* posrível à conclusão provável *(dianoia),* procedente da argumentação dialética, e da conclusão provável à certeza da percepção imediata *(episteme).* Foi pela *episteme,* pela percepção imediata, que ele teve a experiência do Pensamento *objetivo,* do Pensamento cósmico, que ele denominou "mundo das *Idéias".* Tendo tido a experiência das idéias não concebidas ou inventadas pela intelectualidade subjetiva cerebral, mas apreendidas ou inventadas pela *episteme,* Platão cometeu o erro - compreensível, aliás - de povoar com idéias a esfera superior do mundo espiritual, quando não existe "mundo das Idéias" como mundo ou esfera do mundo. O mundo inteiro é poveado por *seres individuais,* e as Idéias só vivem e existem neles, por eles e nas relações que eles estabelecem entre si. As idéias são reais, mas como realidade *imanente,* não como realidade à parte. Elas só vivem na consciência, seja de Deus, seja das hierarquias angélicas, seja do homem.

Mas elas podem também ser projetadas para fora (ou "gravadas", como diz o nosso tratado antigo), encarnadas em símbolos e fórmulas, e assim conservadas no mundo espiritual objetivo. A operação de projeção, encarnação e conservação das idéias é chamada, no Hermetismo, *escrever o Livro.* É de tal "Livro" que fala o Apocalipse, quando diz:

> *"Vi depois, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora e selado com sete selos"* (Ap 5).

Assim é também o Livro (ou *os Livros)* Sagrado de Tot, do qual fala *Kore Kosmou.*

Ora, Platão, elevando-se acima da intelectualidade cerebral, encontrou o Livro Sagrado de Tot, com os "símbolos sagrados dos elementos cósmicos, imputrescíveis e incorruptíveis", no "recinto Sagrado, situado nas áreas que pertencem a Hermes 1[1] Como hermetista que era, chegou ele ao "recinto sagrado", mas como filósofo especulativo que também era, não soube apreciar o fato mágico de um *monumento vivo espiritual* e lhe deu interpretação - mais tarde recusada por seu discípulo Aristóteles - não mágica, mas "racional", postulando um "mundo das Idéias" acima do mundo dos fenômenos.

É o erro radical de toda filosofia metafísica desde Platão até os nossos dias. Ele hipostasia as idéias, que vivem só nas consciências

individuais ou que estão presentes *em potência* nos livros: nos livros escritos visivelmente, como as Sagradas Escrituras, nos livros invisíveis, que são monumentos vivos espirituais produzidos pela operação da Magia Divina, e no mundo inteiro, que é também o grande livro que contém *em potência* as idéias da criação e de seu destino, expressas pelo *simbolismo dos fatos.*

Eis, pois, em que o Hermetismo difere da mística religiosa e da filosofia metafísica. Como aspiração ao *conjunto das coisas,* o Hermetismo não é nem escola, nem seita, nem comunidade, mas o *destino* de uma classe ou de um grupo de almas. Porque há almas que *devem* forçosamente aspirar ao "conjunto das coisas" e que são impelidas pela corrente do rio - que nunca pára - elo Pensamento que vai sempre adiante e cada vez mais longe, sem cessar. . . Não existe parada para essas almas; elas não podem, sem renunciarem à sua própria vida, sair desse rio do Pensamento que corre - durante nossa juventude, nossa idade madura e nossa velhice - sem cessar, sem parar, de uma obscuridade a esclarecer para outra obscuridade a aprofundar.

Esse era, é e será meu destino. E, dirigindo essas cartas ao *Amigo Desconhecido,* dirijo-me àquele que participa comigo desse destino.

Senhor Professor, desculpe-me essa aspiração arrogante e sem modéstia, sem dúvida pueril aos teus olhos, à certeza pessoal quanto ao conjunto das coisas, que tu, como trabalhador industrioso e fértil, só esperas alcançar depois dos séculos de esforço coletivo das gerações de sábios. Saibas que, pelo menos, sou infinitamente reconhecido a ti e que tens em mim um discípulo sempre ávido de aprender com respeito e gratidão e que jamais pensará ensinar-te o que quer que seja.

Senhor Cura, perdoa-me o que julgares da *hybris* humana, que quer penetrar nos mistérios de Deus, em lugar de se inclinar diante da sabedoria e da bondade divinas e de aceitar, com a humildade que convém ao cristão, as verdades reveladas da Salvação, que, praticadas, bastam para o bem, a felicidade e a salvação da alma. Digo-te agora como no confessionário: *Não posso* deixar de aspirar à profundeza, à altura e à largura da verdade compreensiva do *conjunto* das coisas. O *sacrificium intellectus,* o "sacrifício do intelecto", já o fiz com toda sinceridade e sem reserva, mas quanto maior intensificação da vida do pensamento, tanto maior ardor na aspiração ao conhecimento espiritual! Sei que as verdades da salvação, reveladas e transmitidas pelo Magistério da Santa Igreja, são necessárias e suficientes para a Salvação; não duvido de que elas sejam verdadeiras e me esforço na medida do possível para praticá-las. Mas *não posso* deter a corrente do rio do Pensamento, que me leva aos mistérios reservados talvez aos santos, talvez aos anjos - que sei eu? - em todo caso, sem dúvida, reservados aos seres mais dignos do que eu. Senhor Padre, dar-me-ás a absolvição?

Em todo caso, digo com Jacó:

"Eu não te deixarei se não me abençoares".

XI

A FORÇA



A FORÇA

Haec est totius fortitudinis fortitudo fortis: quia vincet omnem rem subtilem, omnemque solidam penetrabit.

(Tabula Smaragdina Hermetis) 1

Virgo *potens,* Virgo *clemens,* Virgo *[idelis.* 2

(Ladainha lauretana)

Caro Amigo Desconhecido,

A carta precedente falou da transformação da animalidade decaída em animalidade santa, sendo esta última a obediência a Deus, espontânea e sem ingerência da reflexão, da dúvida e de motivos de interesse. Essa obediência resume-se no instinto, motivo pelo qual a animalidade santa, representada na tradição hermética, na visão de Ezequiel, no Apocalipse de são João e na iconografia cristã pelos quatro Animais sagrados, cuja síntese é a Esfinge, é a Instintividade Divina ou o reino de Deus em e pelo Inconsciente. Porque Deus reina, - ou seja, é adorado, obedecido e amado não só pelos teólogos e pelos filósofos explícitos ou por preces, meditações e atos explícitos de culto, mas também pela "fome e sede de justiça", de verdade e de beleza, bem como por todo ato, por toda expressão de respeito, de admiração e de adoração ... Sim, o mundo está cheio de religião implícita, e os santos e os poetas inspirados tinham razão de dizer que os pássaros, quando cantam, "louvam a Deus". Porque é a sua pequena vida cantando a grande Vida e fazendo ouvir, em variações sem número, a mesma nova, que é velha como o mundo e nova como o dia: "A vida vive e vibra em mim". Que homenagem à fonte da Vida, prestada por esses riozinhos de vida que são os pássaros cantando!

1 "Esta é a fortaleza forte de toda fortaleza:
porque vencerá toda coisa sutil e penetrará tcda coisa sólida".
("Tábua de Esmeralda de Hermes.") (N. do T) .

2 "Virgem poderosa. Virgem clemente. Virgem fiel",· ("Ladainha lauretana"). (N. do T.)

Religio naturalis. A religião natural existe e enche o mundo. As suas águas emanam do Trono de Deus, porque, enchendo os seres, pequenos e grandes, da esperança e da fé prodigiosas que estão no fundo do impulso da vida, elas só *podem* ter sua fonte na presença imediata de Deus. As ondas da esperança e da fé - que se revelam pelo grande *Sim* proferido por todos os seres vivos, pelo simples fato de viverem e preferirem a vida à morte - essas ondas só podem trazer em si o testemunho certo da Presença radical de Deus, isto é, do Sentido e do Fim do ser vivo.

As ondas desse testemunho atingem o inconsciente dos seres e lhes trazem essa convicção prodigiosa, que está no fundo do impulso vital. A "revelação primeira", da qual fala a teologia, e a "religião natural", que decorre dessa revelação primeira, trazem em si a esperança e a fé que vibram no mundo inteiro e em todo ser particular, convicção inconsciente de que a vida provém da fonte sagrada, de que ela corre para a meta do valor supremo e de que ela é Dom, Bênção e Missão.

O mistério da religião natural, que é ao mesmo tempo o do impulso vital, está expresso com uma clareza impressionante no Apocalipse de são João:

"À frente do trono, havia como que um mar vítreo, semelhante ao cristal. No meio do trono e ao seu redor estavam quatro Seres vivos, cheios de olhos pela frente e por trás. O primeiro Ser vivo é semelhante a um leão; o segundo Ser vivo, a um touro; o terceiro tem a face como de homem; o quarto Ser vivo é semelhante a uma águia em vôo. Os quatro Seres vivos têm cada um seis asas e são cheios de olhos ao redor e por dentro. E, dia e noite sem parar, proclamam: 'Santo, Santo, Santo, Senhor, Deus todo-poderoso, Aquele-que-era, Aquele-que-é, e Aquele-que-veml'" (Ap 4,6-8).

Eis o quadro de operação da religião natural, de sua estrutura e de seus elementos. Ê a presença, que se reflete no mar límpido, "semelhante ao cristal", e é a Animalidade Santa, que não cessa de dizer dia e noite: "San+o, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, que é e que será!"

O "mar vítreo" é o olho da natureza inteira para Deus, os quatro Animais "cheios de olhos ao redor e por dentro", o que eles são e o que fazem, representam a *reação* natural à Presença divina. *Percepção* e *reação,* eis a essência da Religião natural, que enche o fundo inconsciente das criaturas e que se manifesta pelo impulso vital. Porque tudo o que vive participa da percepção coletiva do "mar vítreo" e da reação coletiva do coro: "San!o, santo, santo ... "; e essa participação é a Vida de sua vida e a fonte da qual brota o impulso de seu impulso vital.

Dizer que "a natureza é, no fundo, sobrenatureza" é, pois, uma proposição profundamente verdadeira. Porque a *vida* .. natural e sobrenatural, tem sempre a mesma fonte. A fonte de *toda* vida é a Religião

inconsciente ou consciente, isto é, a *percepção* da Presença e a *reação* à Presença.

Enquanto meu coração bate, enquanto respiro e meu sangue circula, em outros termos, enquanto a fé e a esperança agem em mim, tomo parte no grande ritual cósmico - do qual participam todos os seres, todas as hierarquias, dos Serafins às borboletas - do sacramento do Batismo da religião natural, da imersão nas águas do mar vítreo e do sacramento da Confirmação da religião natural que se realiza, dia e noite, por meio do coro dos coros da natureza animada: "santo, santo, santo ... " Todos os seres são batizados e confirmados na Religião natural. Porque, enquanto vivem, tem a fé e a esperança. Mas o batismo e a confirmação do Fogo e do Espírito, os sacramentos do Amor, são superiores aos da Religião natural. Eles trazem o Perdão e a Cura à natureza *decaída.*

A natureza decaída tem também seu mistério inconsciente, isto é, sua instintividade coletiva de *percepção* (suas "águas") e sua instintividade coletiva de *reação* (seus "animais"). E é ainda o *Apocalipse* de são João que o revela.

Eis a origem do "mar" da natureza decaída segundo o *Apocalipse:*

"A Serpente, então, vomitou água como um rio atrás da Mulher, a fim de submergi-la. A terra, porém, veio em socorro da Mulher: a terra abriu sua boca e engoliu o rio que o Dragão vomitara" (Ap 12,15-16).

A diferença entre as águas do "mar vítreo" diante do Trono e as águas lançadas pela Serpente é que as primeiras são a calma, a paz e a estabilidade da contemplação, da percepção pura, são "como vítreas", "semelhantes ao cristal", ao passo que as últimas estão em movimento, "lançadas" "como um rio" *na perseguição de um fim,* a saber, o de *arrastar* a Mulher.

Existem, pois, dois modos para chegarmos à convicção: ou sermos iluminados pela clareza serena da contemplação ou sermos *arrebatados* pelo rio eletrizante dos argumentos apaixonados, tendentes para um fim desejado. A fé dos iluminados é cheia de tolerância, de paciência e de firmeza calma, "semelhante ao cristal"; a fé dos arrebatados, ao contrário, é fanática (agitada e agressiva; para viver, ela tem necessidade de conquistas sem fim, porque somente as conquistas é que podem mantê-la em vida. A fé dos arrebatados é ávida de *sucessos,* que são sua razão de ser, seu critério e sua força motriz. Os Nazistas e os Comunistas são arrebaados, os verdadeiros cristãos e os humanistas só podem ser iluminados.

Existem, pois, duas espécies de fé, duas espécies de instintividade, dois modos de *ver* o mundo, duas maneiras de *considerá-lo.* Há o olhar aberto e inocente, que só deseja refletir a luz - isto é, que só quer *ver* - e há o olhar perscrutador, que procura encontrar e agarrar a

presa desejada. Há espíritos cujo pensamento e imaginação são colocados sem reserva a serviço da verdade, do belo e do bem; e há espíritos cuja vontade, apaixonada por um fim, se serve do pensamento e da imaginação para ganhar os outros para a sua causa e arrastá-los no rio de sua *vontade.* Um Platão nunca teve nem terá sucesso revolucionário. Mas viverá sempre como já viveu há vinte e três séculos. Em todos os séculos ele será sempre o companheiro dos jovens e dos mais velhos que apreciam o pensamento puro e só procuram a luz que ele trás. Karl Marx, ao contrário, teve um século de sucesso surpreendente, revolucionou o mundo e arrastou milhões de pessoas para as barricadas, para as trincheiras das guerras civis e para as prisões, seja como carcereiros, seja como prisioneiros ... Mas, alma humana solitária, alma profunda e sóbria, que deves a Karl Marx? Bem sabes que o tumulto intelectual, sangrento e poeirento, provocado por Marx, uma vez acalmado, deixará o lugar novamente a Platão, para o qual se voltarão os jovens e os mais velhos que apreciarem a luz do pensamento nos séculos futuros. Porque Platão *ilumina,* ao passo que Marx *arrasta.*

Imaginai um *hermetista cristão* na Praça Vermelha de Moscou no dia 1º de Maio ou no dia do aniversário da Grande Revolução Socialista de outubro!

Mas, voltemos ao nosso Arcano do Tarô, uma vez que ainda não somos arrastados por "um movimento de massa" qualquer, nem obrigados a andar em fila e vociferar com a multidão.

Ora, as águas que saem da boca da Serpente arrastam, ao passo que as do mar vítreo diante do Trono, semelhante ao cristal, iluminam.

E como a percepção coletiva da natureza virgem - o mar vítreo - do trono é acompanhada da reação coletiva à essa percepção - a adoração perpétua pelos quatro Animais sagrados - do mesmo modo existe na natureza decaída uma reação às águas da Serpente, engolidas pela terra - que são as *Bestas* do Apocalipse. Para designá-las, o Apocalipse não usa o termo "Animal" *(to zoon,* "Vivente"), empregado para os quatro seres vivos diante do Trono, mas o termo "Be:::;ta" *(to therion, bestia),* Assim ele opõe a animalidade à *bestialidade.* A animalidade genuína é santa; a bestialidade é perversa.

Além do "Dragão, cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres", que é a Serpente primordial, o Apocalipse fala da besta que "tinha dez chifres e sete cabeças; sobre os chifres havia dez diademas, e sobre as cabeças um nome blasfemo", que subia do mar e que "parecia uma pantera; seus pés, contudo, eram como os de urso e sua boca como mandíbula de leão"; fala da besta que saía da terra e que "tinha dois chifres como Cordeiro, mas falava como dragão"; da "besta escarlate cheia de títulos blasfemos, com sete cabeças e dez chifres", sobre a qual estava assentada a mulher *Babilônia;* o Apocalipse fala ainda do "falso profeta" que, diante da besta (de dois chifres) "tinha realizado sinais com que seduzira os que haviam recebido a marca da Besta e adorado a sua imagem".

Existem, pois, *quatro* bestas (incluindo-se entre elas o "falso profeta", que é uma besta *humana),* que corresponde às quatro *Hayot,* ou Animais Sagrados do Trono.

Já que se trata, nos dois quadros, do mistério da *Força (Shakti* do *Tantra),* isto é, daquilo que move a natureza não decaída e daquilo que move a natureza decaída, e como a moção "força" equivale ao princípio de *reação,* que implica a *percepção* que precede, os dois quadros se resumem em duas figuras femininas:

> *"a mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas" . . . "na dor darás à luz [ilhos" e . . . "a mulher sentada sobre uma Besta escarlate . . . vestida com púrpura e escarlate, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, tendo na mão um cálice de ouro cheio de abominações e das impurezas da sua prostituição",*

A primeira é a alma da natureza cósmica (sol, lua, estrelas) não decaída, e a última é a alma da natureza terrestre (ouro, pedras, pérolas e besta) decaída. A primeira é mãe; a segunda é prostituta. Uma é *percepção* do que está no alto e *reação* ao que é assim percebido por sua realização ("parto"); a outra é *percepção horizontal* ("prostituição") e *reação* ao que é assim percebido pelo prazer estéril (" cálice cheio das abominações de sua prostituição"). Uma é a Virgem-Mãe, a outra, a Grande Prostituta Babilônia.

A Virgem-Mãe. A alma da Natureza naturante virgem, isto é, não decaída, que está nas dores do parto perpétuo até que se torne realidade o Nascimento, que é o ideal de todos os nascimentos.

Evolução. . . ortogênese. . . seleção natural. . . mutações no mecanismo da hereditariedade. . . Ava tares. . . Advento. . . Natal - problemas e idéias relativos à única grande espera e à única grande esperança de que a evolução atinja o estádio último de floração e dê sua flor, de que a ortogênese produza o ser *da culminância,* de que a seleção natural chegue ao Super-homem futuro, de que o mecanismo da hereditariedade dê à luz seu ótimo, de que o que adoramos no alto se manifeste em baixo, entre nós, de que o Messias venha e de que Deus se torne homem! Evolução, progresso, genealogias, profecias, esperanças dos séculos - que significa tudo isso, *no fundo,* senão as "dores do parto" através das idades e a espera constante do Nascimento em questão? Que outro ideal pode estar presente e brilhar no íntimo da maternidade? Que outro fim pode animar a Natureza naturante durante todos os milênios de sua atividade geradora?

Eis, pois, o alcance da Boa Nova: "O *Verbo* se fez *carne,* e *habitou* entre nós".

A natureza naturante, a Religião natural, a Mulher vestida de sol, tendo a lua sob seus pés e uma coroa de doze estrelas em sua cabeça e a *Virgem Sofia* estavam presentes em Maria, e foi assim que a alma da natureza não decaída deu à luz o Verbo divino.

A Natureza naturante cumpriu assim a sua tarefa, ultrapassandose a si mesma, e desde então começou a época do Sobrenatural - a época da Magia divina. A Religião natural é agora banhada pela irradiação ("Glória") da Religião sobrenatural, e a Natureza não decaída tornou-ce dispensadora e cooperadora dos Milagres da nova Evolução, da "Evolução" do *Segundo Nascimento.*

A Virgem é, entretanto, o princípio da Força, isto é, o princípio cooperador da realização dos atos sobrenaturais do Espírito Santo. Isso significa não só que a Magia divina não age *contra* a natureza não decaída, mas também que essa última *coopera* com ela. O Sol, a Lua e as estrelas dão, pois, sua cooperação aos atos da Magia divina, visando à Ressurreição. Se não fosse assim, a natureza virgem não participaria dos atos da Magia divina, isto é, dos milagres, e estes deveriam ser sempre *criações* novas do nada e não transformações, transmutações e curas. E, no entanto, o vinho, nas bodas de Caná, não foi *criado* do nada, porque a *água* foi transformada em vinho. Assinalemos também que a VirgemMãe estava presente nas bodas e que foi graças à sua iniciativa que o milagre se realizou.

A multiplicação dos pães no deserto foi *multiplicação* e não criação de pães. Também aqui é evidente a *cooperação* da natureza. E o cego de nascença precisou lavar-se na fonte de Siloé, a fim de ser curado pela palavra e pela aplicação da lama feita com a saliva do Mestre em seus olhos. Aqui a participação da Natureza salta aos olhos.

E o milagre dos milagres, a Ressurreição, não é criação de corpo novo, mas transformação *ao* corpo crucificado, o qual precisou *desaparecer* do túmulo a fim de que o Ressuscitado pudesse *aparecer* a Maria Madalena e aos outros.

O próprio Ressuscitado mostra a continuidade de seu corpo, convidando Tomé a pôr o dedo no lugar dos cravos e a mão na chaga do lado.

A natureza virgem tem, pois, sua parte em todos os milagres. E é a natureza virgem participando ativamente dos milagres da Magia divina que é o tema do undécimo Arcano do Tarô, a *Força,* representada por mulher vitoriosa contra um leão, cuja boca ela abre com suas mãos. Fazendo isso, a Mulher está tão à vontade e não demonstra nenhum esforço como o Mago do primeiro Arcano manuseando seus objetos. Além disso. ela usa chapéu em forma de lemniscata semelhante ao do Mago. Dir-se-ia que os dois estão colocados sob o signo do ritmo, da Respiração da Eternidade, o sinal 00 e que mostram dois aspectos de um prmcípio: de um lado, que o esforço assinala a presença de obstáculo e, de outro, que a integralidade da atenção, bem como a integridade do natural excluem a divisão interior, logo, todo obstáculo e todo esforço. Como a concentração perfeita se verifica sem esforço, do mesmo modo a Força verdadeira age sem esforço. Ora, o Mago é o Arcano da integralidade da consciência, da concentração sem esforço; a Força é o Arcano da integralidade natural do ser, do poder sem esforço. Porque a Força doma o leão não por força igual à dele, mas pela força de ordem e de plano superiores. Tal é o Arcano da "Força".

Que ensina o undécimo Arcano do Tarô?

O próprio quadro que o representa diz: a Virgem doma o Leão e, com isso, convida-nos a deixarmos o plano da *quantidade* e a nos elevarmos ao plano da *qualidade,* porque evidentemente é aí que se encontram a superioridade da Virgem e a inferioridade do leão.

A quem, pois, obedece o leão? Diante de quem inclina-se ele espcntaneamente? Está ele *hipnotizado?* Não está, porque a Virgem sequer está olhando para ele; seu olhar está voltado para outra direção ... para longe do leão, cuja boca ela abre. O leão não sofre nenhuma coação - nem física nem hipnótica - e não obedece, portanto, a ninguém, além de sua própria natureza, e é a sua natureza que age nele. É diante do Leão que o leão se inclina; é à animalidade santa que a animalidade bestial obedece.

Ora, a força que a lâmina evoca é a da Religião natural, a da natureza não decaída. É a Magia da Natureza Virgem que desperta a natureza virgem do leão, e é a Força que o undécimo Arcano é chamado a revelar.

Existem dois princípios que devemos compreender e distinguir, se quisermos aprofundar o Arcano da Força. Um é o princípio da "Serpente". o outro o da "Virgem". O primeiro é a *oposição,* da qual procede a fricção que produz a energia. O outro é a *concordância,* da qual procede a fusão, que produz a força.

Assim, importantes energias da natureza psíquica são lançadas no mundo pela guerra devida ao conflito dos interesses e das pretensões; quando há controvérsia, energias de natureza intelectual passam do estado de virtualidade ao de atualidade. Diz-se: "Do choque de opiniões brota a verdade"; na realidade, não é a verdade que brota, mas a energia combativa intelectual, porque a verdade revela-se pela *fusão* das opiniões, não pelo choque. O choque produz, sem dúvida, energia intelectual, mas não revela a verdade. A discussão não chega à verdade enquanto não for abandonada para a procura da paz. A polêmica pode eletrizar os espíritos e causar verdadeira tempestade intelectual, mas não lhe é dado o poder de dispersar as nuvens e fazer brilhar o sol.

Devo confessar, caro Amigo Desconhecido, que, durante toda a minha longa procura da verdade, enriqueci-me com os frutos do trabalho construtivo de mais de um sábio, com os esforços espirituais de alguns místicos e de alguns esoteristas, com o exemplo moral de mais de um homem de boa vontade, e que não devo nada à polêmica e aos polemistas. Não devo nada aos autores cristãos antigos que atacavam o paganismo, nem aos autores pagãos que atacavam o cristianismo; não devo nada aos doutores do protestantismo do século XVI, nem aos doutores das Luzes e da Revolução do século XVIII. Nada devo também aos sábios *militantes* do século XIX; e os espíritos revolucionários de nosso século, como Lenine, nada de útil me trouxeram.

Quero dizer que essas pessoas, sem dúvida, me deram muito enquanto *objetos* de conhecimento - e foi graças a eles que compreendi

a esterilidade intrínseca do espírito de oposição como tal - mas que nada me deram como *fontes* do conhecimento. Em outros termos, aprendi. muito *por causa deles,* mas nada *deles.* Devo-lhes o que *não queriam* que alguém lhes devesse, e não lhes devo nada do que *queriam* que alguém lhes devesse.

Ora, é pela fusão de opiniões que a verdade brilha. A *con-versação* - processo de *versar-juntos* - é o oposto da *controvérsia,* do processo de versar-contra. A conversação é efeito da fusão das opiniões, efeito da síntese. A verdadeira conversação sempre tem como princípio subjacente o enunciado do Evangelho: "Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mt 18,20). Porque toda conversação verdadeira faz apelo ao Centro transcendente, que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

O *Zohar* é documento histórico que fornece. talvez o melhor exemplo do papel criador que a conversação pode desempenhar. Nele os Rabis Eleazar, Simeão, José, *Abba* e outros uniram seus esforços e suas experiências para chegarem juntos a compreensão mais profunda, mais alta e mais vasta da *Torá.* E choraram e se abraçaram quando o conseguiram! Em cada página o leitor do *Zohar* - esse documento notável da espiritualidade vivida em comum, procurada em comum e apreciada em comum - aprende a compreender, a apreciar e a amar mais a conversação que visa à fusão das opiniões, à síntese.

Ora, a força que nela age é a da Virgem (a *Shekinah,* como a chamam os doutores do *Zohar),* ao passo que a energia que eletriza os polemistas é a da Serpente.

A força da Vida e a energia elétrica não são as manifestações mais claras desses dois princípios.

A Vida e a eletricidade - sei que a tendência hoje é confundi-las e reduzir tudo à eletricidade - são rigorosamente distintas. A eletricidade é devida ao antagonismo dos contrários; a vida é a fusão das polaridades. Empédocles (490 a.C.), que viu bem essa diferença, ensinava que o movimento nos quatro elementos - terra, água, ar e fogo - se deve a duas causas contrárias: Amizade (Amor) e Discórdia (Inimizade). O Apocalipse de são João fala, de um lado, da guerra entre os exércitos celestes do Arquiestratego *Miguel* e o Dragão cor de fogo com seus bandos, e, do outro, do *hieros gamos,* as núpcias do Cordeiro e de sua Esposa.

O Dragão (ou a "Serpente antiga"), opondo-se às esferas superiores, é a origem da eletricidade "terrestre"; as hierarquias, representadas pelo Arquiestratego Miguel, obrigadas a resistir ao Dragão - são a origem da eletricidade "celeste". Foi a eletricidade celeste que permitiu os milagres da Cólera divina no Antigo Testamento: o clarão de fogo que saiu do tabernáculo e consumiu Nadab e Abiú, filhos de Aarão; o fogo do Eterno que se acendeu no campo de Taberá e devorou a extremidade do campo, a terra que "abriu a sua boca e engoliu" Coré e todos os seus; Oza, ferido instantaneamente por ter sustentado a arca, que os bois faziam tombar; o fogo do alto que consumiu o holocausto de Elias diante

dos profetas de Baal; o fogo que desceu duas vezes e consumiu, cada vez, cinqüenta soldados com seus chefes, no alto da montanha em que Elias estava assentado, os milagres de Eliseu etc. E existe a eletricidade terrestre, da qual nós nos servimos não só no domínio técnico de nossa civilização, mas também na hipnose, na propaganda demagógica, nos movimentos das massas revolucionárias etc. Porque a energia elétrica tem suas forças analógicas em vários planos: físico, psíquico e até mental.

Quanto à Vida, é como a água do "mar vítreo", como o cristal que sai do Trono: ela é a Força, a Religião natural, a alma da natureza não decaída, a *Virgem.*

A virgindade é a obediência ao Divino, sendo, portanto, harmonia e cooperação com ele. A Virgem é a alma da vida, isto é, da Força que não coage nada, mas move tudo. E o leão da undécima lâmina obedece à . Força de sua própria vida, ao impulso profundo do íntimo de seu próprio · ser, quando obedece à Virgem, que abre a sua boca.

A língua grega tem dois termos para designar a "vida": *zoê* e *bios.*

O primeiro significa a "Vida vivificante"; o segundo, a "vida derivada". A *zoê* está para o *bios* como a Natureza naturante está para a Natureza naturada da filosofia de João Scot Erígena. A *zoê* é, portanto, a fonte, e o *bios* é o que sai da fonte e corre. O *bios* corre de geração em __geração; a *zoê* vem cumular o indivíduo em oração, em meditação, em ato de sacrifício e na participação nos santos Sacramentos. *A zoê* é a vivificação do alto no *sentido vertical;* o *bios* é a vitalidade que, apesar de sair da mesma fonte do alto, passa na *horizontal* de geração em geração .

Ora, o *bios,* a vida biológica, corre no domínio da Serpente e, por isso, está misturado com a energia elétrica de modo inextricável. Não é, porém, o *bios* que esgota as reservas do organismo, mas a eletricidade, que é alimentada pela decomposição química, pela oposição dos contrários e pela fricção interna no organismo. É ela que causa a fadiga, o esgotamento, a senilidade, a morte. O *bios* como tal não se cansa, não se esgota, não envelhece e não morre. O coração e a respiração não têm necessidade de repouso enquanto o resto do organismo - especialmente o *cérebro* - está mergulhado no repouso do sono noturno depois da fadiga do dia. O *bios* repara então o prejuízo causado ao organismo pela eletricidade. O sono é o tempo em que a atividade elétrica está reduzida ao mínimo e no *qual* o bios prevaleec.

A *árvore* na qual o *bios* prevalece sempre - que "dorme" sempre, se quiserdes - é, em princípio, *imortal.* Porque não é o esgotamento de sua vitalidade interior, mas a destruição mecânica vinda de fora que põe fim à sua vida. A árvore não *morre* de velhice, ela é sempre *matada,* arrancada pela tempestade, atingida pelo raio, quebrada pelo seu peso ou abatida pelo homem.

O fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, o fruto da *polaridade* dos contrários, é, pois, a eletricidade; e a eletricidade comporta a fadiga, o esgotamento, *a morte.* A morte é o preço do conheci-

mento do bem e do mal, isto é, o preço da vida nos contrários. Porque a eletricidade - física, psíquica e mental - foi introduzida no ser de Adão-Eva - e, por ele, em toda a natureza animada - desde sua entrada em comunhão com a *árvore dos contrários,* isto é, com o *princípio da eletricidade.* Foi assim que a morte entrou no domínio da natureza animada.

A natureza animada não é, contudo, uma entidade uniforme e integral. Nela existe divisão, que se firma segundo o papel preponderante desempenhado nela pelo *bios,* pela eletricidade e pelo *zoê.* Ora, a alma da natureza animada cujo *bios* está subordinado à eletricidade é a "mulher Babilônia" do Apocalipse. A natureza animada na qual o *bios* e a *eletricidade* estão em equilíbrio é a " criatura padecente", da qual são Paulo diz que suspira pela libertação. E a natureza na qual o *bios* domina a eletricidade e é dominado pela *zoê* é a natureza não decaída. A sua alma é a Virgem celeste, a Suma Sacerdotisa da Religião natural. É ela que constitui o Arcano da undécima lâmina do Tarô. O que poderia ser assim formulado:

A Força é a Virgindade

Que é a Virgindade?

o estado de virgindade é a consonância de três princípios: o Espiritual, o Anímico e o Corporal. Um ser cujo Espírito, Alma e Corpo estejam em harmonia encontra-se em estado de virgindade. Em outras palavras, ela é o princípio da unidade dos três mundos, a saber, do Céu, do Purgatório e da Terra.

Do ponto de vista da Terra, a virgindade é a *obediência* completa do corpo à alma .

Do ponto de vista do Purgatório, ela é a obediência completa da alma ao sopro da Eternidade, ou a *Castidade.*

Do ponto de vista do Céu, ela é a receptividade absoluta ao Divino, ou a *Pobreza.*

A virgindade é, pois, a unidade do que está no alto e do que está em baixo e a *Força,* isto é, a ação concordante dos três mundos. Porque a Força "de toda a fortaleza do forte" é a unidade dos três mundos na ação na qual o Divino, o Coração e o Corpo estão unidos.

É a Virgem que fala por Salomão quando ele escreve:

Javé me criou, primícias de sua obra,· De
seus feitos mais antigos.
Desde a eternidade fui estabelecida,
Desde o princípio, antes da origem da terra.
Quando os abismos não existiam, eu fui gerada,
Quando não existiam os mananciais das águas.
Antes que as montanhas fossem implantadas, Antes
das colinas, eu fui gerada;
Ele ainda não havia feito a terra e a erva,

Nem os primeiros elementos do mundo.
Quando firmava os céus, lá eu estava,
Quando traçava a abóbada sobre a face do abismo;
Quando condensava as nuvens no alto,
Quando se enchiam as fontes do abismo;
Quando punha um limite ao mar;
E as águas não ultrapassavam o seu mandamento,
Quando assentava os fundamentos da terra,
Eu estava junto com ele como o mestre-de-obras"
(Pr 8 ,22-30) .

Quando assentava os fundamentos da terra,
Eu estava junto com ele como o mestre-de-obras".

Eis a expressão clara do papel da Virgem que coopera com o Divino não só nos milagres da Redenção, mas também nos da criação.
Co-criadora, Co-redentora, Co-santificadora, Virgem, Mãe, Rainha ... Resumindo com essa fórmula os pensamentos relativos ao princípio da virgindade, é oportuno assinalar que os princípios não existem separados dos seres que os encarnam e os manifestam. Os princípios, como tais, são sempre *imanentes.* Por isso, a realidade do princípio do Divino é Deus; a realidade do princípio do Verbo divino é Jesus, e a realidade do princípio da virgindade fecunda e realizadora é Maria *Sofia.* Maria *Sofia* representa, isto é, encarna e manifesta o princípio da Virgindade da Natureza não decaída, a Religião natural, a Força. . . Ela é a individualidade central - a "Rainha" - do domínio inteiro em questão: a Alma consciente e individual, que é o ideal concreto - a "Rainha" - da Virgindade, da Maternidade e da Sabedoria realizadora ou "reginidade" (do termo *regina,* "rainha").

Não há sombra de dúvida para quem toma a sérlo a vida espiritual da humanidade, ainda que não tenha a experiência espiritual autêntica, que a Santa Virgem não é um "ideal" somente, nem só uma imagem mental, nem um "arquétipo" do Inconsciente da psicologia das profundezas, nem, enfim, um "egregório" ocultista - criação coletiva de crentes no astral - mas uma individualidade concreta e viva como tu e eu, que ama, sofre e se alegra. Não são somente as crianças de Fátima, a menina Bernadette de Lourdes, as crianças de La Salette e as de Beauring, na Bélgica, que testemunham a "Senhora", mas também inumeráveis adultos através dos séculos, inclusive no nosso. Encontros sem número permanecem, entretanto, reservados e não divulgados (tenho conhecimento de três séries de tais encontros, inclusive um em Tóquio, no Japão), mas houve recentemente uma série de encontros com a Santa Virgem em Amsterdão, na Holanda, tendo-se a Virgem manifestado em "Nossa Senhora de todos os povos" *(Vrouwe van a.le volkeren)* e pedido orações para que as nações evitem "a degenerescência, as catástrofes e a guerra" *iverwording, rampen en oorlog).* Acrescento que fui a Amsterdão para uma investigação tão escrupulosa quanto possível, e que o resultado (confirmado por experiências de ordem pessoal) foi

a certeza total quanto à autenticidade das experiências da vidente (uma senhora de quarenta anos) e a certeza também quanto à autenticidade do objeto de suas experiências.

Lembrando esses fatos, faço-o com os sentimentos do Rabi Simeão, do *Zohar,* que exclamou: "Ai de mim se falar, e ai de mim se não falar! Se eu falar, os ímpios saberão como prestar serviço ao seu senhor; se eu não falar, os Companheiros ficarão na ignorância dessa descoberta" *(Zohar,* 11 b).

Seja como for, os encontros com a Santa Virgem são tão numerosos e tão bem atestados que devemos pelo menos admitir a sua realidade objetiva. Digo "pelo menos" porque isso não basta para as exigências de minha consciência. Com efeito, eu não seria honesto nem sincero contigo, caro Amigo Desconhecido, se não te dissesse o resultado absolutamente seguro a que cheguei (em meu foro interno) depois de quarenta anos de esforços e de experiências.

Quando atingimos certa intensidade na espiral espiritual e quando essa aspiração é autêntica e pura, inevitavelmente encontramos a Santa Virgem. O próprio fato de termos atingido uma esfera espiritual que comporta certo grau de intensidade e de pureza de intenção nos coloca na presença da Santa Virgem. Esse encontro pertence a determinada "esfera" - isto é, a determinado grau de intensidade e de pureza da aspiração espiritual - da experiência espiritual do mesmo modo que a experiência de ter tido mãe pertence naturalmente à esfera da vida humana familiar na terra. Esse encontro é, portanto, tão natural, no domínio espiritual, como o é, no domínio familiar terrestre, o fato de ter uma mãe. A diferença é que, na terra, podemos ser órfãos de mãe, o que no domínio espiritual nunca pode acontecer.

A tese que apresento com total convicção é, pois, que todo hermetista que procura verdadeiramente a realidade espiritual autêntica encontra cedo ou tarde a Santa Virgem. Esse encontro significa, além da iluminação e da consolação que traz, a proteção contra um perigo espiritual muito grave. Porque aquele que avança no sentido da profundeza e da altura no domínio do Invisível chegará um dia à esfera conhecida dos esoteristas pelo nome de *zona da mentira.* Essa zona contorna a terra como um cinto de miragens enganadoras. É ela que os profetas e o Apocalipse designam por "Babilônia". A alma e a rainha dessa zona é, com efeito, Babilônia, a grande Prostituta, que é a adversária da Virgem.

Não podemos atravessar essa zona sem estarmos envoltos na pureza perfeita e sem a proteção do ."manto da Santa Virgem" - o manto que era objeto de adoração e de culto especial na Rússia *(Pokrov Presvyatya Bogoroditsy)* - "Manto da Santíssima Mãe de Deus"). A proteção desse "Manto" é absolutamente necessária para podermos atravessar a "zona da mentira" sem cairmos em ilusões.

O caminho do hermetismo, por mais solitário e íntimo que seja, comporta experiências autênticas, das quais decorre que a Igreja Católica romana é, com efeito, depositária da verdade espiritual cristã e que

quanto mais alguém avança no caminho da pesquisa livre dessa verdade tanto mais se aproximará da Igreja. E inevitavelmente acabará por experimentar que a realidade espiritual corresponde, com uma exatidão surpreendente, ao que a Igreja ensina: que há Anjds--da guarda, que há Santos que participam ativamente de nossa vida, que a Santa Virgem *é* real e é, com muita aproximação, como é compreendida, venerada e ensinada pela Igreja; que os sacramentos *são* eficientes e que são sete e não dois. três ou oito; que os três votos sagrados - de Obediência, de Castidade e de Pobreza - são, na verdade, a essência de toda espiritualidade autêntica; que a oração é meio poderoso para se exercer a caridade tanto aqui como no além; que a hierarquia eclesiástica reflete a ordem hierárquica celeste; que a Santa Sé e o Papado representam um mistério da Magia divina; que o inferno, o purgatório e o céu *são* realidades; enfim, que o Mestre - apesar de amar o mundo todo, os cristãos de todas as confissões e todos os não cristãos - permanece na Sua Igreja, uma vez que nela ele está sempre presente, visita seus fiéis e instrui seus discípulos. Nela ele é sempre o Mestre que pode ser abordado a qualquer hora.

Voltemos ao Arcano da Força. Afirma-se que a "união faz a força"; entende-se com isso a aliança das vontades individuais na procura de um fim comum. É a fórmula do aumento *quantitativo* da força.

Quanto à força qualitativa, poder-se-ia dizer que a "unidade é a força", porque só se é forte quando há unidade do Espírito, da Alma e do Corpo, isto é, quando há Virgindade. O que nos torna fracos é a divisão interior, o fato de servirmos a dois ou até três senhores ao mesmo tempo.

A Tábua de Esmeralda de Hermes apresenta não só o princípio da Analogia universal, mas também o da Força universal: "para *fazer* os milagres de uma mesma coisa".

Ela ensina "a força forte de toda força, porque ela vencerá toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida".

A Força ensinada pela "Tábua de Esmeralda" é a unidade na ação do céu e da terra, porque o *Thelema* (a "vontade" fundamental) "sobe da terra ao céu, desce de novo para a terra e recebe a força das coisas superiores e inferiores" .

Examinemos agora os dois aspectos da Força dos quais fala a "Tábua de Esmeralda", a saber, que ela "vence toda coisa subtil" e "penetra toda coisa sólida" .

1) Ela vence toda coisa subtil.

O sentido profundo - místico, gnóstico, mágico e hermético - de "vencer" é mudar o inimigo em amigo. Torná-lo impotente ainda não é vitória. Assim a Alemanha de 1914 foi reduzida à impotência em 1918, mas não vencida .

Provou-o o ano de 1939. Mas, depois de sua derrota em 1945, a Alemanha estava realmente *vencida,* uma vez que se tornou aliada sincera de seus antigos adversários.

A mesma análise aplica-se ao Japão como Estado.

Em outro plano é verdade também que o Diabo só será vencido quando a sua voz - rouca ou clara - for ouvida fazendo coro com os coros das hierarquias celestes louvando a Deus.

Saulo de Tarso era a alma da perseguição aos cristãos; Paulo apóstolo foi a alma da obra de conquista do mundo dito "pagão" para o cristianismo. E é a vitória autêntica que se deve esperar do conflito que a tradição representa como luta entre o Arquiestratego Miguel e o Dragão. O dia em que essa vitória se completar será o dia de uma festa nova, da festa da coroação da Virgem *na terra.* Então o espírito de oposição será substituído na terra pelo de colaboração. Será o triunfo da Vida sobre a Eletricidade. E a intelectualidade cerebral se inclinará diante da sabedoria e se unirá a ela.

"Vencer toda coisa subtil" equivale, portanto, à mudança das forças mentais, psíquicas e elétricas opostas em forças amigas e aliadas. As "forças subtis" a vencer são as forças intelectuais da tentação baseadas na *dúvida,* as forças psíquicas da tentação baseadas no *prazer* estéril, e as forças elétricas da tentação baseadas no *poder.*

As "coisas subtis" equivalem, pois, em última análise, às tentações. Toda tentação é semelhante, contudo, a um caminho de circulação em dois sentidos. Porque quando o mal tenta o bem, ele também é "tentado" por esse último. A tentação comporta sempre um *contato,* e, com isso, uma troca de influência. Dispondo-se a tentar um santo, toda bela tentadora se arrisca a acabar por "banhar-lhe os pés com suas lágrimas, a enxugá-los com seus cabelos, a cobri-los de beijos e a ungi-los com perfume" (Lc 7 ,38). Não temos aqui, prefigurada, a vitória sobre a "grande prostituta Babilônia" e o motivo verdadeiro da "queda de Babilônia", tão celebrada e tão chorada na narração dos capítulos 17 e 18 do Apocalipse'?

A dúvida, o prazer estéril, o poder. São eles que constituem o conjunto da "tecnologia" da tentação.

Em primeiro lugar a dúvida. Ela é o princípio da divisão e da oposição, logo, da doença. Porque como a dúvida intelectual divide o intelecto, pondo-o diante de dois quadros contrários e o reduz à impotência da indecisão, do mesmo modo a doença do corpo é "dúvida" no organismo, no qual duas tendências, opostas uma à outra, reduzem-no à ímpotência e o obrigam a ficar de cama.

A dúvida está para a fé como a visão dos olhos que sofrem de astigmatismo está para a visão dos olhos normais . Como os olhos normais ou não vêem ou vêem *juntos,* do mesmo modo a fé vê - pouco ou muito - com o "olho superior" e com o "olho inferior" *juntos.* Porque a *certeza* provém da visão coordenada do Si mesmo superior ou transcendente (" olho superior") e do Eu inferior ou empírico (" olho inferior").

A dúvida aparece quando o "olho superior" e o "olho inferior" não vêem juntos. Verifica-se então um astigmatismo espiritual, a falta de coordenação entre os dois "videntes" do homem.

A dúvida é animal de dois chifres, porque só bifurca.

Entretanto, a dúvida dominada, controlada pela vontade e colocada ao seu serviço tem-se revelado prodigiosamente útil como o mostra a história da ciência. Nela a dúvida é usada como instrumento da fé científica: duvida-se nos limites precisos do método científico, tendo-se como guia os interesses da fé científica. Se *Pasteur* não tivesse duvidado da geração espontânea e, por outro lado, não tivesse tido fé na observação e na experiência, não nos beneficiaríamos dos frutos da revolução pasteuriana na biologia e na medicina.

Por mais produtiva que seja no domínio científico, a dúvida comporta preço que é preciso pagar. A sua prática, ainda que puramente metódica, leva a cegueira parcial; ela nos torna *vesgos.* Porque o fato de se desviar regularmente do olho superior, de sua mensagem e de seu testemunho, e de usar só o olho inferior (os cinco sentidos mais a intelectualidade cerebral) não pode deixar, mais cedo ou mais tarde, de produzir seu efeito, isto é, de tornar vesgo aquele que pratica assiduamente a visão com um olho só em lugar de com os dois

E como os grandes doutores em teologia, em metafísica e em mística da Idade Média foram estéreis no que diz respeito à medicina, à biologia, à física, à fisiologia e às outras ciências, cujo concurso salva milhares de vidas humanas cada ano, do mesmo modo os doutores das ciências de nosso tempo são estéreis no que concerne às necessidades vitais espirituais da humanidade. Uns tinham olhos só para o espiritual; .os outros os têm só para o temporal.

Faz-se necessário ser vesgo para produzir valores científicos ou espirituais? Não. Provam-no exemplos individuais, inclusive o exemplo recente do autor de *Phénomêne Humain* e de *Milieu Divin* [3]• E o Hermetismo esotérico, isto é, cultivado no interior de cada um, é chamado a desempenhar o papel - visível ou invisível - de ligação entre os dados dos dois olhos. Ele pode vir a ser o agente que restabeleça a coordenacão dos dois olhos, entre a cultura e a Civilizacão, entre a Espiritualidade e o Progresso, entre a Religião e a Ciência. Ele pode ser o agente da cura dessa espécie de esquisofrenia contemporânea que dissocia a espiritualidade e a intelectualidade, mas só o pode no foro interno de cada um, evitando arrogar-se funções de alcance geral próprias da Igreja e da Academia. Em suma, o papel que ele é chamado a desempenhar é anônimo, íntimo e desprovido das armas da coletividade como folhetos, imprensa, radiodifusão, televisão e congressos, às quais é atribuída muita importância. A magia do trabalho constante como serviço feito em silêncio, eis do que se trata.

E o segredo? Uma coisa privada não é, só por isso, secreta. A vida privada não é vida secreta. O silêncio como condição essencial da obra íntima não equivale ao segredo cuidadosamente guardado. Como os monges da Trapa guardam silêncio, sem que se suspeite, por isso, que queiram guardar segredos, do mesmo modo a comunidade dos hermetistas espalhada pelo mundo tem o direito de calar-se, a fim de manter

3 O autor desses dois livros é Pierre Teilhard de Chardin. (N. do T.)

a atmosfera de privacidade essencial à sua obra, sem que isso atraia a suspeita de segredos tenebrosos. A vida espiritual autêntica exige o santuário inviolável da privacidade, o que não tem nada em comum com segredos "iniciáticos" ou com os das "sociedades secretas", os quais inevitavelmente se tornam segredos de polichinelo.

Em seguida vem o prazer estéril. É bem conhecido o papel que algumas escolas de filosofia e psicologia atribuem ao *prazer* como causa final da atividade humana, inclusive da moral. Segundo elas, o homem não teria nenhum desejo de agir se não houvesse a promessa do prazer real ou imaginário .

Que é o prazer? Ele é o componente inferior da escala prazeralegria-f elicidade-bem-aventurança. Ele é o sinal psicofísico . que anuncia o acordo entre o que se deseja e o que se consegue. Sendo só sinal, ele não tem valor moral em si mesmo; o desejo, cuja satisfação ele indica, é que cai sob a qualificação moral de bom ou mau. Por isso, o prazer pode ser seguido de alegria ou desagrado, segundo os casos.

O prazer é, pois, uma reação superficial do ser psíquico humano aos eventos objetivos. Em outros termos, uma vida dedicada à procura do prazer seria a mais superficial que se possa imaginar para um ser humano.

A alegria, mais profunda do que o prazer, é ainda um indício, mas o que ela indica é mais profundo do que a relação entre o desejo e o acontecimento: a alegria é o *estado* da alma que participa mais intensamente da vida e a sente, apreciando seu valor. A alegria é a expansão da alma além de seus limites de vigília. Ela é o sinal do aumento do impulso vital da alma.

A felicidade é o estado do ser humano no qual o Espírito, a Alma e o Corpo estão unidos num *ritmo* compreensivo. Ela é o ritmo da vida espiritual, anímica e corporal em harmonia.

A bem-aventurança, enfim, transcende a felicidade à medida que o estado de bem-aventurança supera o reino do ritmo do Espírito, da Alma e do Corpo humanos: é o estado da presença vivida do Quarto, de Deus. É, portanto, o estado de "visão beatífica" *(visio beatifica)* da tradição cristã .

O prazer é a coisa mais periférica e mais superficial na escala da felicidade. Entretanto, na técnica da tentação, ele representa, em relação à alma, o mesmo papel que a dúvida representa em relação ao espírito. Porque como a dúvida reduz o espírito à impotência, o estado do prazer (ou a satisfação estéril) reduz a alma à impotência, ao estado de passividade. Ele a escraviza; e de sujeito, ela se torna objeto de ação.

Enfim, o poder. Também aqui escolas de filosofia e de psicologia erigiram a "vontade de poder" em princípio supremo da atividade humana. Segundo elas, o homem aspira só ao poder, sendo a religião, a ciência e a arte apenas meios.

É verdade que ninguém deseja a impotência como tal. E se adoramos o Crucifixo, que é o símbolo da impotência completa externa, faze-

mo-lo porque ele é, ao mesmo tempo, o símbolo do poder supremo interior. Porque existe poder e Poder. Um escraviza, o outro liberta. Um coage, o outro inspira.

O verdadeiro poder aparece sempre como impotência. Porque ele é devido a uma espécie de crucifixão . Entretanto, o falso poder crucifica os outros. Isso porque ele só conhece o crescimento que opera a expensas dos outros. Um autocrata só é poderoso quando reduz à impotência todos os elementos independentes do país; um hipnotizador é poderoso somente, quando poucas pessoas resistem à sua hipnose; um sistema filosófico é poderoso quando *força* os espíritos pelo peso de sua argumentação (disse Fichte: " *Forçarei* o leitor a aceitar as verdades que proponho"); um mecanismo, enfim, é poderoso se domina tudo o que se opõe ao seu funcionamento.

No domínio do poder, a técnica da tentação consiste em .substituir o verdadeiro poder pelo falso, em substituir o poder de libertação da inspiração e da cura ou "Vida" *(zoê)* pelo poder da coação ou "Eletricidade" .

A magia sagrada não tem nada em comum com o poder que coage.
Ela só opera com as correntes da Vida, *zoê,* espiritual, psíquica e física. Suas "armas" - como as "espadas" do Arcanjo *Miguel* e do Santo Querubim, guarda da Porta do Éden - são feixes de raios da Vida, cuja intensidade é tal que repelem ou, melhor, fazem fugir tudo o que se opõe à *Vida* ou não pode suportar a sua intensidade. Por outro lado, atrai e vivifica tudo o que aspira à Vida e pode suportar a sua intensidade. Quem sabe quantos doentes ou desesperados devem seu restabelecimento físico ou psíquico à "espada" do Arcanjo Miguel? Nesse domínio não há estatísticas, mas se houvesse, provavelmente surpreender-nos-íamos com o número de "vítimas" da espada flamejante!

Seja como for, as "espadas" das quais se trata são as armas poderosas do verdadeiro poder, isto é, são os frutos da impotência aparente das forças devidas à crucifixão. Porque o guarda da liberdade é, por isso mesmo, vítima da liberdade; ele protege a liberdade, mas deve suportar o abuso milenar da liberdade. É a impotência milenar perante o abuso da liberdade, logo, a crucifixão milenar, que é a fonte do poder concentrado na "espada" do Arquiestratego *Miguel.*

O mesmo vale para a "espada flamejante" do Querubim "colocado a oriente do Éden". Também aqui o que alimentou e concentrou a "espada" foi a impotência divina da liberdade humana que escolheu o caminho da queda.

Esta é a escolha que cada um de nÓJ deve fazer - a escolha entre o Poder da crucifixão e o da coação. Orar ou ordenar, que preferiremos nós?

A "Eletricidade", em suas três formas - física, psíquica e mental - é o instrumento que se presta prodigiosamente ao serviço da vontade de poder, isto é, ao serviço do desejo de mandar e escravizar. Por isso ela é tentação para a humanidade quando esta se vê entre escolher o

poder da Magia sagrada e o da mecânica, escolha que, em última análise, é a mesma que entre a Vida *(zoê)* e a Eletricidade.

Aqui estão as três "coisas subtis" principais que a Força ou a Virgindade vencem .

2) Ela penetra toda coisa sólida.

A solidez é a experiência do abstáculo à liberdade de nossos movimentos. O ar não é obstáculo; o muro de pedra o é. Do mesmo modo, a desconfiança de si mesmo pode erigir verdadeiro muro psíqpico como obstáculo intransponível ao movimento para o fim visado e à comunicação das idéias. Do mesmo modo ainda um sistema intelectual rígido pode tornar-nos mudos para a pessoa que está sob seu poder. Seria impossível, por exemplo, atingir o órgão interior da compreensão de um marxista ortodoxo ou de um psicanalista freudiano falando-lhes de experiência mística autêntica. Um só *ouviria* o que se presta à interpretação pelo conceito de "narcose", permanecendo surdo para o resto; o outro só daria ouvidos ao que se presta à interpretação pelo conceito de "sublimação da libido", isto é, ao que se deixa reduzir aos mecanismos da sexualidade. Eis, então, mais um muro.

As três formas de solidão - física, psíquica e mental - têm em comum o serem sentidas como obstáculos ao nosso movimento; elas são sentidas como *impenetráveis.*

Não obstante, a Tábua de Esmeralda afirma que *"toda* coisa sólida", isto é, todo obstáculo físico, psíquico e mental, é penetrável pela Força ou Virgindade.

Como?

Pela ação contrária à da explosão, isto é, pela *ação emoliente.*
Diante de obstáculo mental apresentado por sistema intelectual rígido, a Força não se ocupará com a estrutura mental enquanto tal, mas fará entrar seu sopro no coração da pessoa em causa. O coração, tendo experimentado a Vida, isto é, o movimento criador da Vida, comunicará seu sopro à cabeça e porá a estrutura mental em movimento. Esta, posta em movimento - *não pela dúvida, mas pelo impulso criador* - perderá sua rigidez e se tornará líquida. É assim que se opera a liquefação das formações mentais cristalizadas.

Quanto ao obstáculo psíquico, é ainda a ação emoliente que efetua a transformação de um complexo psíquico rígido em sensibilidade. Aqui ainda é o sopro da Vida que dissolve o complexo, pela via do coração, de modo que a desconfiança, o medo ou o ódio se dissipam e deixam a alma livre da influência cegante do complexo psíquico.

Enfim, para a Força, isto é, para a irradiação da Vida, o obstáculo físico só existe quando devido aos processos mórbidos de cristalização dos organismos vivos. Pode-se dizer, de modo geral, que esse obstáculo é constituído pela "esclerose". A esclerosação é processo de alienação gradual do corpo em relação à alma e ao espírito. O cadáver é seu limite e seu termo, porque o cadáver é corpo completamente alienado em relação à alma e ao espírito.

"Quanto à arteriosclerose, ela é, em certa medida, modificação natural dos vasos arteriais por causa da idade. E assim, levando um pouco ao absurdo, poder-se-ia quase dizer que, supressas todas as outras enfermidades, a esclerose dos vasos, inevitável com o passar do tempo, seria a única a nos impedir de nos tornarmos imortais" - diz o Dr. Etienne May, fazendo o balanço atual da medicina *(La M édicine, son passé, son présent, son avenir,* Payot, Paris, 1957, p. 341).

A esclerose é, pois, a morte agindo durante a vida e mudando, aos poucos, o corpo vivo em cadáver. Pelo menos, é isso que ela parece ser, à luz da medicina e da biologia moderna.

Existem, todavia, dois modos de morrer. Um é aquele no qual o corpo se recura a servir de instrumento à alma (esclerose); o outro é aquele no qual o princípio que vivifica e anima o corpo se retira e falta ao corpo. É o abandono do corpo pela *alma.*

No primeiro caso, é o corpo que expulsa a alma; no segundo, é a alma que se recusa a se servir por mais tempo do corpo. Morre-se porque o corpo se torna inutilizável para a vida ou porque a vida se retira do corpo. No último caso, constata-se, do ponto de vista clínico, uma deficiência geral crescente das funções biológicas até a parada da atividade respiratória e circulatória, isto é, até à morte clínica. Isso pode acontecer no estado de sono profundo e nas horas em que o tônus vital está normalmente em seu mínimo, entre duas e quatro horas da manhã. Pode-se dizer então que a morte é devida à velhice pura e simples, não sendo causada por nenhuma afecção específica nem pela esclerose. Quanto ao endurecimento das artérias ou arteriosclerose, esse processo foi considerado durante muito tempo como conseqüência inelutável da idade,

"mas sabe-se hoje que há jovens arteriosclerosados e velhos cujas artérias (sem falarmos do cérebro) continuam elásticas" (May, *La Médicine,* p. 346).

Pode-se morrer com as artérias elásticas, sem câncer e sem ser vítima de vírus patogênicos. Pode-se ir de uma vez, do mesmo modo que se vai parcialmente quando se adormece.

Há vários modos de dormir. Há sono e sono. Podemos acreditar ou não no testemunho da Cabala, que descreve o que se passa durante o sono dos justos - por exemplo, que à meia-noite o Ancião dos Dias se aproxima da terra e chega à porta do Eden, onde as almas dos justos o encontram etc. - durante o sono das pessoas comuns e durante o sono dos pecadores - mas não há quem não saiba, por experiência própria, que acordamos do sono da noite em diferentes estados não só de saúde, mas também de alma. As preocupações acabrunhantes da véspera podem mudar-se durante o sono em coisas secundárias e até parecer insignificantes, enquanto coisas insignificantes da véspera, que deslizavam quase imperceptíveis na tela da memória, podem ter adquirido, ao

despertar, importância singular, insuspeitada na véspera. Como um despertar é diferente do outro! Como os humores, as disposições, os desejos, os estados gerais da alma são diferentes, no despertar.; por exemplo, depois de uma noite de Natal ou de uma noite de Páscoa ou depois de qualquer noite no decorrer do ano.

Se um *despertar* difere tanto de outro é porque também o *sono* difere muito de outro sono.

Como há muitas maneiras de *dormir,* há também muitas maneiras de *morrer.* A Cabala, que fala desse assunto, descreve uma escala inteira das maneiras de morrer, tendo como ponto culminante a morte devida ao beijo do Eterno. Um *êxtase,* consciente ou inconscientemente, seria assim, segundo a Cabala, a causa mais sublime da morte.

O êxtase deve ser necessariamente repentino? Não pode ser também lento e gradual? O processo da morte no qual não é o corpo que se recusa a servir a alma, mas a alma que deixa progressivamente o corpo não poderia ser a manifestação visível do êxtase invisível, da atração crescente do Divino operando no íntimo da alma? Uma *nostalgia* crescente não bastaria para explicar a partida progressiva do impulso vital constatada em casos de deficiência geral que se encerram com a morte?

Seja como for, é isso que ensinam não só a Cabala, mas também o Hermetismo cristão contemporâneo. Eis o ensinamento hermético.

Durante o período de preparação para a morte chamada "natural", isto é, não causada pelo desgaste do organismo nem por uma violência externa nem por envenenamento - ocorre no "corpo vital" (ou "etérico" ou *nefesh* da Cabala) um processo bem definido. As forças vitais se concentram aos poucos na região do lótus de oito pétalas, que é o centro coronário. À medida que se efetiva essa concentração na região coronária da cabeça, acima do cérebro físico, a atividade vital dimmui primeiro na região inferior do organismo, isto é, na região genital e intestinal; depois, na região do estômago e, enfim, na região central cardíaca. Quando a concentração da vitalidade no centro coronário estiver completa, o coração e o sistema circulatório e respiratório suspenderão sua atividade; será o momento da morte.

Esse processo corresponde ao êxtase ao qual aspira a prática da Ioga. Porque o estado de samadhi ou de êxtase iogue se realiza, em termos de Iisiopsicurgia esotérica, pela concentração da energia proveniente da região inferior do corpo na região coronária, na região do "lótus de mil pétalas" *(Sahasrara),* como é designado na índia o lótus de oito pétalas, por causa de sua cintilação intensa, que dá a impressão de uma multidão de pétalas ("mil"). Uma vez concentrada a energia na região coronária, o corpo é reduzido ao estado de estupor, e a consciência do Eu sai dele e se une à consciência do Si mesmo transcendente, o que é o estado de *samadhi* ou de êxtase. O samadhi ou êxtase iogue é morte temporária ou artificial.

Embora o êxtase do *sursum corda* (" elevação do coração") cristão seja essencialmente diferente do samadhi, não existe nenhuma razão para

negar a realidade do êxtase iogue nem o fato de ele ser êxtase autêntico, se bem que não seja o único possível.

É correto, por isso, dizer que a morte chamada "natural", no fundo, é um êxtase natural, a saber, o samadhi natural, no qual o Si mesmo transcendente conclui a união com o Eu pessoal, retirando-o do corpo e unindo-se a ele .

Outro caso no qual a Força "penetra a coisa sólida" é aquele em que a pessoa morre de morte natural, mas com as artérias elásticas e o sistema nervoso normal.

É então a Força (a *zoê)* que, pela sua ação emoliente, conserva os vasos sangüíneos elásticos e torna possível a morte natural como conseqüência do "êxtase natural" ou recolhimento das forças vitais para o alto.

São esses alguns fatos e pensamentos que podem contribuir para a compreensão do enunciado da Tábua de Esmeralda:

"Ela penetra toda coisa sólida".

O conceito de força é o de intermediário entre a consciência pura e o Fato. Ele é o traço-de-união entre a Idéia e o Fenômeno.

Ora, a Força tem dois aspectos, o da eletricidade e o da vida, o da luta e o da cooperação. Esses dois aspectos correspondem à *Nahash* (a Serpente) e à Virgem. Os ocultistas da escola de Eliphas Levi consideravam a Serpente como o "grande agente mágico" por excelência, e quase não se ocupavam com a Virgem, a qual é, no entanto, o princípio da Magia sagrada. Interessavam-se especialmente pelo aspecto psíquico e mental do princípio da eletricidade, chamado por eles "agente plástico *astral",* desejando assim estender ao mundo do psíquico e do mental o domínio da ciência, que se ocupa só com o aspec.o físico da eletricidade. Queriam conquistar para a ciência, isto é, para a razão, o domínio *inteiro* da eletricidade física, psíquica e mental, servindo-te do método da observação e da experimentação.

A sua preocupação dominante era, pois, mostrar que a tradição da Magia antiga e medieval contém algumas verdades devidas à observação e à experimentação, mas ignoradas da ciência, e que o grande "agente mágico" pode ser posto a serviço da inteligência e da vontade humanas como está a serviço delas a energia da eletricidade e do magnetismo. O fato de que eles envolviam sua mensagem essencial numa nuvem de romantismo verbal, evocando as "iniciações secretas" aos "mistérios" das confrarias milenares dos adeptos que sabem e podem tudo o que nelas vale a pena, e evocando as "iniciações secretas" à comunidade misteriosa dos sábios e dos magos que possuem, através das idades, o saber e o poder e que assim exercem o governo oculto do mundo e moldam secretamente o destino da humanidade, o fato como tal desse romantismo - compreensível aliás, e perdoável - não impede em nada a compreensão de seu verdadeiro objetivo ao estabelecerem os fatos e tirarem as leis e os princípios do conjunto das tradições e das experiências ocultas: na verdade - abstraindo-se do romantismo -

eles elaboravam dos materiais brutos das tradições e experiências ocultas uma *ciência moderna.*

Que se calem então os cochichadores que os acusam de "satanismo" e de "práticas tenebrosas"! Eles não são nem mais nem menos "satanistas" do que, por exemplo, os que tratam as doenças psíquicas com eletrochoques e, sem dúvida, são anjos inocentes em comparação com os físicos que descobriram a energia nuclear e a puseram a serviço da destruição!

Já é tempo de se pôr fim, uma vez por todas, às acusações néscias e maliciosas de "satanismo" e de "magia negra", lançadas contra os doutores do ocultismo contemporâneo. Eles são, quando muito, românticos fascinados pelo ideal da ciência absoluta de um passado glorioso e fazem o possível para serem os pioneiros de uma ciência do domínio ignorado ou negligenciado da magia, a ciência das relações dinâmicas entre a con.ciência subjetiva e os fenômenos objetivos.

Embora rejeite com indignação tais suspeitas e acusações lançadas contra os autores clássicos do ocultismo contemporâneo, lamento que eles tenham preferido a Ciência do Hermetismo e que tenham devotado seus esforços, de preferência, ao estudo do princípio da Serpente, da *Eletricidade* psíquica e mental, em lugar de se esforçarem para se tornarem capazes de participar conscientemente do princípio da Virgem, da *V ida* psíquica e mental. Se eles tivessem escolhido o Hermetismo - isto é, a vida espiritual que abrange o conjunto da mística, da gnoce, da magia e da filosofia perenes - teriam "escrito" coletivamente um *Zohar* (ou "Livro do Esplendor") cristão e moderno e teriam derramado sobre o mundo um rio de sabedoria e de vida espiritual, que promoveria verdadeiro renascimento espiritual no mundo ocidental. *Satis scientiae, sapientiae parum* ("muito à ciência, pouco à sabedoria"), eis o que se deve dizer aos representantes da ciência oculta de nossos dias. Não são os eruditos e os experimentadores que são chamados a realizar uma primavera espiritual no mundo ocidental, mas os que participam das fontes autênticas da vida profunda, da vida profunda do pensamento, do sentimento e da vontade. Para que isso se torne realidade, o pensamento deve tornar-se meditativo, o sentimento, contemplativo e a vontade, ascética. Porque, para se atingirem as fontes autênticas da vida profunda, é necessário procurar o pen.amento profundo ou a meditação, o sentimento profundo ou a contemplação e a vontade primeira, acima dos desejos e das invejas, isto é, a ascese.

Ê assim que se consegue a participação consciente na vida espiritual autêntica e que as suas fontes se tornam acessíveis.

A Virgem, a Força de nosso Arcano, é o princípio da primavera, isto é, do impulso criador espiritual e da floração espiritual. A prodigiosa floração da filosofia e das artes na Atenas antiga verificou-se sob o signo da Virgem. Do mesmo modo, a filosofia da Renascença, em Florença, estava sob o signo primaveril da Virgem. Mesmo em Weimar, no começo do século XIX, o sopro da Virgem tinha influência perceptível nos corações e nos espíritos.

No Egito antigo atribuía-se a Osíris o domínio dos mistérios da morte; e a lsis o da vida, abrangendo também a língua, a escrita, as leis e as artes, Isis era, pois, a alma da civilização do Egito antigo, civilização que ainda admiramos depois de vinte séculos.

Ora, hoje o mal-estar do Ocidente se deve a que o impulso criador lhe falta cada vez mais. A Reforma, o racionalismo, a Revolução Francesa, a fé materialista do século XIX e a Revolução comunista significam que, um pouco por toda parte, o homem voltava as costas à Virgem. A conseqüência é que as fontes do impulso criador espiritual se esgotam, uma após outra, e se nota uma *aridez* crescente em todos os domínios da vida espiritual do Ocidente. Diz-se: o Ocidente está envelhecendo. Por quê? Porque lhe falta o impulso criador, porque ele se desviou da fonte do impulso criador, porque ele se desviou da Virgem. Sem Virgindade, não há primavera, nem frescor, nem juventude.

Lamento, por isso, que a maior parte dos autores e doutores do ocultismo tenham feito causa comum com os desprezadores da Virgem. Voltaram-se para o cientismo, isto é, para o conhecimento que descobre e despe, e se desviaram da sabedoria, isto é, do conhecimento que cobre e veste de símbolos e que é devido não à *observação perscrutadora,* mas à *adoracão reveladora.*

O cientismo é inevitavelmente iconoclasta, o Hermetismo é essencialmente iconófilo. Para ele, os símbolos não são obstáculos a eliminar para se chegar ao conhecimento da verdade nua, mas meios para se receber a sua revelação. As "vestes" - os símbolos - da verdade não são para ele o que a *oculta,* mas o que a *revela.* O mundo inteiro, enquanto série de símbolos, não oculta, mas revela o Verbo. O mandamento divino *não matarás* se aplica também ao domínio do conhecimento. Aquele que *nega* a vida dos símbolos mata-os em seu pensamento. Porque negar o que revela é o mesmo que matar o que vive no domínio do pensamento. O iconoclasta é assassino intelectual. O Hermetismo, ao contrário, é iconófilo e tradicional. Ele não faz causa comum com as ondas sucessivas do iconoclasmo chamadas "Reforma", "Iluminismo", "fé científica", isto é, com aqueles que põem fogo nas florestas dos símbolos que protegem o solo intelectual da humanidade contra a seca e a erosão. O Hermetismo tem como princípio básico não só o Mandamento *não matarás,* mas também o Mandamento fundamental de toda tradição, isto é, de toda continuidade no progrnsso, no crescimento, no desenvolvimento e na evolução - o Mandamento *honra teu Pai e tua Mãe.*

Porque honrar pai e mãe é o espírito e a alma da *tradição,* da continuação construtiva do passado no presente, do verdadeiro progresso através das idades, do caminho da vida da humanidade para a verdade. Mais ainda, é a essência mesma da vida do espírito e da alma, porque é a experiência do amor paterno honrado que nos torna capazes de elevar nosso olhar para o céu e dizer com sinceridade e autenticidade:

Pater nos ter, qui es in coelis (" Pai nosso, que estás no céu"). E é a experiência do amor materno honrado que está subjacente em nossa prece

Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis ("Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós").

A fonte da vida espiritual está na experiência desses dois aspectos do amor: amor viril, que prevê e dirige nossos passos para o que é o nosso bem, e amor terno, que enxuga toda lágrima de nossos olhos. Se a ternura se manifestar nos homens, é impossível que o âmago do mundo, de onde surgiu a humanidade, não contenha um tesouro inaudito. Eis o fundamento da religião natural na consciência humana, logo, o fundamento de toda confiança na ordem divina, logo o fundamento de toda adoração invisível, logo, o fundamento de toda aspiração ao invisível. E essa aspiração parece bem fundada: com efeito, o Invisível não é surdo nem mudo. Eis o fundamento da religião sobrenatural na experiência da consciência humana que sente a ação da Graça e da Revelacão do alto. A Graca e a Revelacão são a manif estacão do amor paterno do alto, como está dito no Ser{não da montanha: ,

> *"Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? Ou lhe dará uma cobra, se este lhe pedir peixe? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus dará coisas boas aos que lhe pedem!"* (Mt 7,9-11).

Ora, o Hermetismo, enquanto tradição viva de mais de trinta séculos, deve sua vida ao Mandamento "Honra teu pai e tua mãe". Porque esse mandamento comporta a longevidade, como, aliás, está dito no seu texto:

> *"Honra teu pai e tua mãe,* para que se prolonguem os teus dias *na terra que Javé, teu Deus, te dá"* (Ex 20,12).

Porque é honrado o Deus transcendente (" o Pai que está nos céus") e a Alma da Natureza não decaída (a Virgem mãe) que o Hermetismo - apesar de muitas aberrações temporárias, como o filosofismo pagão, o cabalistno sem Cristo, o alquimismo visando a fabricar o ouro material, o cientismo moderno - sobrevive à decadência egípcia, à decadência do paganismo greco-romano, aos métodos poiiciais da teologia da Idade Média, ao iconoclastismo da Reforma, ao racionalismo do Iluminismo e, enfim, ao cientismo do século XIX. Embora o Hermetismo tenha todos os motivos para lamentar, expiar e reparar muito de seu passado - nisso ele não é exceção, porque todas as tradições espirituais pecaram muito - a sua longevidade se deve a que, no fundo, ele honrou seus
.pais celestes e terrestres. Não é verdade que sua longevidade seja devida - como o querem seus adversários - à persistência, na natureza humana, da curiosidade doentia e da presunção arrogante, que se recusam a se inclinar diante do mistério. Não, o Hermetismo vive e sobrevive de século em século graças à sua fidelidade essencial aos Mandamentos divinos: "Não matarás! " e "Honra teu pai e tua mãe".

Como hermetista, honra todos os "pais e todas as mães" espirituais do passado da humanidade terrestre que contribuíram para a sua vida

espiritual, incluindo entre eles todos os sábios antigos, os patriarcas, Moisés, os profetas, os filósofos gregos, os Cabalistas, os apóstolos e os santos, os mestres da Escola, os místicos cristãos e muitos outros. Sincretismo? De forma alguma, mas ação de graças àqueles aos quais ela é devida. Negar é matar; esquecer é enterrar. Honrar e apreciar é guardar vivo; recordar é chamar à vida. Honrando muitos, o Hermetismo participa da vida de muitos, tem muita vida. Eis a que o Hermetismo deve a sua longevidade.

Escrevendo essas coisas, não me afastei da Força, do undécimo Arcano do Tarô. Porque a Força é a Vida, e a longevidade é um aspecto importante dela. A Virgem é a fonte não só do impulso criador, mas também da longevidade espiritual. Por isso o Ocidente, afastando-se cada vez mais da Virgem, *está envelhecendo,* isto é, está se afastando da fonte rejuvenescedora da longevidade. Nossa Senhora *é* Nossa Senhora e não pode ser substituída impunemente pela "deusa Razão" ou pela "deusa Evolução biológica" ou pela "deusa Economia" .

A adulação de todas essas "deusas" testemunha a infidelidade da humanidade dita cristã; ela evoca essa espécie de adultério espiritual do qual os profetas bíblicos falam tantas vezes. É pecado contra um dos Mandamentos da fidelidade ao princípio da natureza não decaída, a Virgem-Mãe, a saber, o Mandamento *não cometerás adultério.*

Toda tradição espiritual viva deve ser fiel ao seu impulso de origem, à essência e à substância da causa que abraçou e ao ideal que quer conseguir.

Por outras palavras, ela *só* preservará a sua identidade se permanecer fiel à sua causa eficiente, às suas causas formal e material e à sua causa final. Os quatro modos da causalidade lógica da Escola tradicional - causas eficiente, formal, material e final - constituem também a lógica da causalidade de toda tradição espiritual viva. Porque toda tradição espiritual tem seu impulso de origem, seu princípio, seu método e seu ideal. O Tetragrama *Lod-He-Vav-He* está sempre subjacente à causalidade lógica do mesmo modo que à realidade da vida. A causa eficiente, o impulso de origem, é o *Jod* do Tetragrama; a causa formal é o primeiro *He,* a causa material, o *Vav,* e a causa final, o segundo *He.* Fonte, lei, método e fim constituem o "Tetragrama" de toda tradição espiritual viva.

A tradição espiritual de alcance universal, cuja causa eficiente era Deus, cuja causa formal era a Lei, cuja causa material era a Comunidade de Israel (a *Shekinah)* e cuja causa final era Cristo, foi fundada - melhor, gerada - no deserto, na montanha do Sinai. Essa tradição era uma *aliança* análoga à do matrimônio. As condições para a durabilidade dessa tradição, ou aliança, ou matrimônio, estão expostas nos dez Mandamentos da montanha do Sinai. O seu conjunto é, por assim dizer, o "retrato" da Virgem, da *Shekinah,* da Natureza não decaída ou da Força divina. Os cabalistas do *Zohar* compreenderam bem isso, eles sabem que a alma da Torá é a Virgem Mãe.

A Torá está situada entre duas casas; uma, subtraída aos olhares está no alto; a outra é mais acessível. A que está no alto é "a Grande Voz" mencionada no versículo "uma grande voz", que não cessa ... " É dela que vem a Torá, que é a voz de Jacó. A voz perceptível provém da voz imperceptível ... A voz de lacá, que é a Torá, está assim ligada a dois princípios femininos: à voz interior, imperceptível, e à voz exterior, perceptível. Para sermos bem precisos, devemos dizer que há duas vozes imperceptíveis e duas perceptíveis. As duas perceptíveis são, em primeiro lugar, a Sabedoria transcendente, que mora no pensamento e não é manifestada nem perceptível; em segundo lugar, a mesma Sabedoria quando sai de sua morada e se revela um pouco num cochicho que não se compreende, sendo chamada então a "Grande Voz", que é muito tenaz e se manifesta por cochicho. As duas que são perceptíveis provêm da voz de Jacó e da palavra articulada que a acompanha. A "Grande Voz", que é imperceptível ao ouvido, é uma "casa" da Sabedoria transcendente (sendo o princípio feminino sempre chamado "casa") e a articulação que mencionamos é uma "Casa" da Voz de [acá, que é a Torá; por isso a Torá começa com a letra Beth, *que é, por assim dizer, uma casa (beth}, a sua casa* (Zohar, Bereshit, 50-b).

A lei escrita é a "casa" da Lei oral, e a Lei oral é a "casa" da Vez que cochicha, a qual, por sua vez, é a "casa=da Voz silenciosa, que é o Pensamento, ou a "casa" da Sabedoria transcendente.

É nesse sentido que os dez Mandamentos "cochicham" sua mentagem ao ser integral da Virgem, que será o instrumento da realização do objetivo da aliança do Sinai, a encarnação do Verbo. Os dez mandamentos representam a causa formal, os princípios ou a lei, da realização da causa final da tradição fundada na montanha do Sinai, a saber, a encarnação do Verbo. Ao mesmo tempo, por meio do cochicho, eles sugerem a Virgem, que é a causa material dessa realização.

Esse é, pois, o "tetragrama" da tradição inaugurada pelos patriarcas e fundada por Moisés; a *revelação* de Deus mediante palavras e atos é o seu *Iod,* a sua causa eficiente; a *lei* revelada é seu primeiro *He,* a sua causa formal; a Virgem presente na lei e na comunidade de Israel como sua Força-Vida é seu *Vav,* a sua causa material; enfim, o Messias, cujo nascimento é a causa final da tradição-aliança-matrimônio de Israel, é o segundo *He.*

Sendo a tradição espiritual de Israel de alcance universal, toda tradição espiritual particular cai sob a lei de sua origem, de sua vida e de sua obra. Em outros termos, nenhuma tradição espiritual pode viver ou cumprir sua missão no mundo sem se adaptar às condições essenciais da origem, da vida e da missão da tradição de Israel. Ou ainda, não há tradições verdadeiras senão as modeladas sobre a tradição de Israel. Porque ela é a tradição espiritual por excelência, o modelo, o protótipo e a lei de todas as tradições espirituais viáveis que têm missões a cumprir.

Eis as condições essenciais às quais deve corresponder toda tradição espiritual viável:

Ela deve ser fundada do alto, deve observar os dez mandamentos e inspirar-se no ideal da Virgindade, e seu objetivo deve estar implicado na vontade que a fundou, devendo ser descartado qualquer programa humano.

Ela deve ser fundada do alto

Isso significa, em primeiro lugar, que o impulso de origem de uma tradição espiritual viável deve ser dado pela revelação explícita ou pela ação direta do alto, agindo com uma espécie de irresistibilidade moral. Assim é que foram fundadas as tradições vivas representadas pelas ordens dos beneditinos, dos dominicanos, dos franciscanos, dos jesuítas e por outras, que partiram de revelação explícita ou de vocação irresistível. Assim estão ainda florescentes a ordem dos beneditinos há quinze séculos, a dos dominicanos e a dos franciscanos há sete séculos e a dos jesuítas há quatro séculos. Ainda que seja fácil fazer longa lista de suas imperfeições e de seus pecados, essas ordens dão exemplo de longevidade notável. Todas elas têm em comum o terem sido fundadas por iniciativa do alto.

Ela deve observar os dez Mandamentos e inspirar-se no ideal da Virgindade

Os dez Mandamentos significam muito mais do que um código moral da vida cotidiana, isto é, significam a higiene, o método e as condições de frutificação da vida espiritual, inclusive os diferentes graus e as formas do esoterismo prático. Porque o abandonar-se ao Deus vivo, a não-substituição da realidade do Deus vivo pelos produtos do espírito humano ou da natureza, a atividade em nome de Deus, sem se servir de seu nome para enfeitar a vontade própria, a prática da meditação, a continuidade do esforço e da experiência, a construtividade, a fidelidade à aliança, a renúncia ao desejo de apropriar-se dos valores que não cão fruto do trabalho pessoal nem dom da graça, a renúncia ao papel de acusador de outrem e o respeito ao mundo privado e íntimo dos outros constituem os dez fundamentos não só da sã moral, mas também de toda prática mística, gnóstica, mágica e hermética.

Com efeito, a mística é o despertar da alma para a realidade e a presença de Deus. Esse despertar só é pocsível em direção ao Deus vivo, em direção à pessoa divina, sendo que o panteísmo só oferece a perspectiva de se deixar embalar pelas ondas do oceano da natureza deificada, e o ateísmo oferece apenas o nada. A gnose é o que a consciência refletida aprende da experiência mística e da revelação do alto. A lei fundamental da gnose consiste em não substituir a intuição divina pelas imagens saídas do espírito humano ou da natureza.A magia é a atenção do que a consciência recebeu da mística e da gnose. Ora, a fé fundamental da magia sagrada consiste em agir em nome e pelo nome divino,

guardando-se de transformá-lo em instrumento da vontade própria. O Hermetismo é a vida do pensamento *no* organismo inteiro da mística, da gnose e da magia. A sua lei fundamental é a meditação, isto é, a prática "do dia de repouso para santificá-lo". A meditação é o "repouso santificado" no qual o pensamento se volta para o alto.

É esse o papel dos quatro primeiros Mandamentos na prática espiritual.

Os outros seis Mandamentos enunciam as leis fundamentais da disciplina ou cultura espiritual como base da prática espiritual à qual se referem os quatro primeiros Mandamentos.

Na verdade, para avançar é necessário aprender. Para aprender é necessário apreciar a experiência do passado e *continuá-la.* Todo progresso pressupõe a continuidade - a coerência entre o passado, o presente e o futuro. É o que enuncia o quarto Mandamento: *Honra teu pai e tua mãe.* Só existe progresso real dentro de uma *tradição* viva. Porque a vida - tanto espiritual como biológica - é sempre tradição, isto é, continuidade. É necessário, por isso, abster-se de toda ação que corte a continuidade, que rompa a corrente da vida. O sexto Mandamento, "não matarás", enuncia a lei fundamental da atitude *construtiva* na vida espiritual. A continuidade, ou tradição e vida, implica a fidelidade à causa abraçada, à direção tomada, ao ideal que orienta e a toda aliança com seres do alto e com seres humanos de baixo para a continuidade da vida. É o que enuncia o sétimo Mandamento: *Não cometerás adultério.* O adultério pode ser carnal, psíquico e espiritual. Os profetas bíblicos falavam dele a propósito da infidelidade dos reis e do povo de Israel à aliança do Sinai, porque se entregaram muitas vezes ao culto das divindades cananéias. O mesmo sucede hoje quando alguém aceita, por exemplo, o Vedanta ou o Budismo, apesar de ser batizado e suficientemente instruído para ter acesso às experiências dos sublimes mistérios cristãos. Não falo do *estudo* nem da adaptação dos *métodos* técnicos da Ioga, do Vedanta ou do Budismo, mas somente dos casos de mudança de *fé,* isto é, de substituição do ideal do amor pelo da libertação, do Deus pessoal por um Deus impessoal, do *Reino* de Deus pelo retorno ao estado de potencialidade - ou Nirvana -, do Salvador por um sábio instrutor etc. Não há, portanto, nenhum elemento de adultério espiritual, por exemplo, no caso de J. M. Déchanet O.S.B., autor de *La Voix du Silence* (Edições Desclée de Brouwer), que adapta os métodos da Ioga à prática espiritual cristã. Porque nada é mais natural e mais legítimo do que pôr-se na escola das *experiências* acumuladas tanto no Oriente como no Ocidente. Se a medicina ocidental salva a vida de milhões de homens no Oriente, por que a ioga oriental não pode ajudar os milhares de ocidentais engajados na espiritualidade prática a atingirem o equilíbrio e a saúde psicofísica por métodos e técnicas eficazes? A troca dos frutos da experiência entre as regiões culturais da humanidade é expressão da fraternidade humana e nada tem em comum com o adultério espiritual, isto é, com a infidelidade à aliança espiritual ou à Fé à qual alguém foi chamado .

Todos os frutos da experiência humana merecem ser estudados e examinados e, segundo seu mérito, ser aceitos ou rejeitados. Mas a experiência é uma coisa; a. fé, o ideal metafísico, outra. O que está em jogo então são os *valores* morais, que não podem ser mudados sem perdas ou ganhos essenciais para a vida da alma e do espírito. Não se pode mudar de fé sem se tornar mais ou se tornar menos. Um negro fetichista que abraça o Islã ganha valores morais; um cristão que se converta ao Islã perde esses valores. Lamentável ou não, é fato que as religiões constituem uma escala de valores morais e espirituais. Elas não são iguais, sendo estádio de evolução milenar da humanidade e da revelação sucessiva do alto. Não existe assim religião sem valor ou até intrinsecamente falsa ou "diabólica", mas, por outro lado, não existe religião de valor superior à do amor.

O adultério espiritual é, pois, a troca de valor moral e espiritual superior por valor moral e espiritual inferior. É, por exemplo, a troca do Deus vivo pela Divindade impessoal, de Cristo crucificado e ressuscitado por sábio mergulhado na meditação, da Santa Virgem-Mãe pela natureza em evolução, da comunidade dos Santos, dos Apóstolos, dos Mártires, dos Eremitas, dos Confessores, dos Doutores e das Virgens por uma "comunidade de gênios" da Filosofia, da Arte e da Ciência.

Dissemos há pouco que todos os frutos da experiência humana merecem ser estudados e examinados e, segundo seu mérito, ser aceitos ou rejeitados. Na verdade, devem ser rejeitados só os que são devidos ao *roubo;* não se pode obter sem trabalho e sacrifício resultados cujo valor implique esforço e sacrifício. Assim Gurdjieff, o mestre de P. D. Ouspensky, autor de *Tertium Organum,* ensina que existem três vias para se sair do círculo da experiência e da consciência comuns: a via do iogue, a do monge e a do "homem astucioso" (em resumo, *put'khitrogo tchelovjeka).* O que o iogue e o monge atingem depois de longos esforços de disciplina e sacrifícios, "o homem astucioso" pode atingir sem esforços, sem sacrifício e quase imediatamente, tomando . . . uma pílula que contenha elementos apropriados.

Existem. com efeito, pessoas que procuram a experiência transcendente por meio do cactos *peyotl (Echinocactus Williamsii* ou *Anhalonium Williamsii* ou ainda *Lophophora Williamsi Lemaire),* cujo uso era muito espalhado entre as tribos dos Peles-Vermelhas, do México até o Canadá, e levou à fundação da *Native American Church,* uma igreja indígena americana (veja Olivier La Farge, *A Pictorial History of the American Indian).* O que é bem compreensível e escusável para os índios americanos, cuja situação é desesperada, não o é para europeus, herdeiros da civilização cristã ocidental, os quais evidentemente querem livrarse das exigências da vida regular do desenvolvimento espiritual para conseguirem, sem dificuldade, o que os outros só conseguem com muitos esforços e sacrifícios.

O Mandamento "não roubarás" é também de importância fundamental para a vida espiritual. Toda escola de espiritualidade autêntica deve ser fiel ao mandamento que preserva sua autenticidade e que trans-

põe para o domínio espiritual a regra fundamental do trabalho agrícola: só colherás depois de teres trabalhado a terra, semeado e esperado o amadurecimento dos frutos. Todos os "truques" da natureza técnica para livrar-se dos esforços e sacrifícios exigidos pelo desenvolvimento e pelo crescimento espiritual normais caem assim no âmbito do oitavo Mandamento.

Faltam ainda dois Mandamentos, tão indispensáveis para a vida espiritual como os outros oito já examinados: *Não apresentarás falso testemunho contra o teu próximo* e *Não cobiçarás a casa do teu próximo.*

Esses dois Mandamentos referem-se ao espírito de *rivalidade* que se manifesta seja como crítica negativa, seja como inveja. Isso significa que nenhum movimento espiritual, nenhuma tradição espiritual, nenhuma escola de espiritualidade e nenhum discípulo ou "mestre" de alguma escola de vida espiritual devem ser movidos pelo espírito de rivalidade, mas por amor à sua causa e ao seu ideal.

Assim, santa Terera de Ávila, fascinada pelo ideal de uma vida inteiramente consagrada a Deus, fez profunda reforma na ordem do Carmelo, sem destruir a unidade da Igreja, sem acusar nem condenar ninguém. Na mesma época, o monge Martinho Lutero entregou-se ao espírito de crítica, resolveu reformar a Igreja inteira e, movido pelo desejo de fazer melhor, fundou uma igreja rival. Segundo ele, Roma é "a sede do Anticristo", e seus fiéis são pobres desgarrados ou "lobos em peles de ovelhas". Assim, para Lutero, santa Teresa, são João da Cruz, são Pedro de Alcântara, são Julião de Ávila e muitos outros do mesmo talhe espiritual seriam desviados ou "lobos rapaces em vestes de ovelhas", isto é, enganados ou enganadores. É caso claro de "falso testemunho contra o próximo", devido ao espírito de crítica e rivalidade. Quem se arroga a missão de juiz só pode agir no sentido da destruição. Quem começa a criticar passará logo à censura e, cedo ou tarde, para a condenação, o que levará inevitavelmente à divisão em partidos hostis e a outras formas de destruição.

A crítica e a polêmica são inimigas mortais da vida espiritual porque significam a substituição da força vital construtiva pela energia elétrica destrutiva. Quando uma pessoa ou movimento espiritual se engaja no caminho da rivalidade, da crítica e da polêmica, verifica-se a mudança completa da fonte inspiradora e motriz. Uma vez arrastado pela eletricidade, o "testemunho contra o próximo" será sempre essencial e intrinsecamente falso.

Não existe espiritualidade autêntica que deva sua origem e sua existência à oposição ou à rivalidade. "Ser *contra* alguma coisa" é estéril e não pode gerar uma tradição viável ou dar origem a escola de vida espiritual, ao passo que "ser *a favor* de alguma coisa" é fecundo; é a condição indispensável de toda atividade construtiva, inclusive de toda tradição ou escola viável de espiritualidade.

O espírito subjacente ao "falso testemunho contra o próximo" e à "cobiça da casa do próximo" é espiritualmente estéril e destruidor. As escolas e tradições espirituais particulares, para persistirem, não de-

vem ser rivais, mas viver com a consciência do *parentesco* de suas causas e de seus ideais, se houver parentesco; se não houver, devem respeitar o domínio da liberdade do outro, a "casa" dele, sem inveja ou crítica. Se não houver cooperação resultante do parentesco das causas e dos ideais, que as tradições e as escolas espirituais vivam e deixem viver em paz!

Seja como for, o conjunto dos dez Mandamentos constitui a lei da vida, do progresso e da fecundidade das tradições e das escolas espirituais, como também a lei da vida, do progresso e da fecundidade de qualquer indivíduo engajado no caminho da espiritualidade prática. Porque os dez Mandamentos, a sua compreensão e a sua prática significam a harmonia com a natureza não decaída, com o princípio da virgindade e com a Virgem ou a *Força* do décimo primeiro Arcano do Tarô

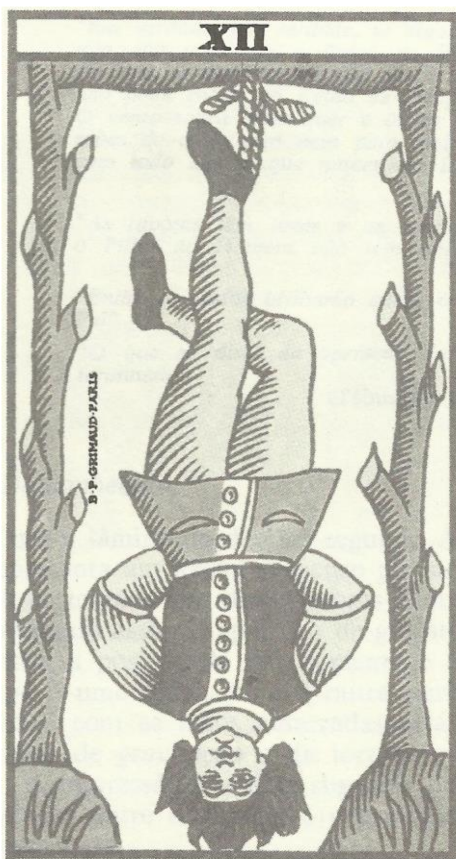
Haec est totius fortitudinis
fortitudo fortis:
quia vincet omnem rem subtilem,
omnemque solidam penetrabit.

(" Esta é a forca forte
de toda força:'
porque vencerá toda coisa subtil e
penetrará toda coisa sólida").

7.

XII

O ENFORCADO



O ENFORCADO

O ENFORCADO

"Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer do alto não pode ver o Reino de Deus. Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.
O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito".
(Jo 3,3.5.8)

"As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça".
(Mt 8,20)

"Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai" (Mt 13,43)

"O que eu disse da operação do Sol está cumprido e terminado".
(Tábua de Esmeralda de Hermes)

Caro Amigo Desconhecido,

Eis diante de nós a lâmina do décimo segundo Arcano do Tarô "O Enforcado". Ele representa um jovem suspenso por um pé a uma pequena viga transversal, sustentada por duas árvores com os galhos cortados rente ao tronco, formando assim o aparelho de ginástica chamado barra.

À primeira vista, a posição de um homem de cabeça para baixo, suspenso por um pé a uma barra, com a outra perna livre e dobrada na altura do joelho e com as mãos amarradas atrás das costas, evoca naturalmente as idéias de *gravitação* e da tortura que o conflito pode infligir ao homem. A impressão imediata sugerida pela lâmina nos leva ao problema da relação entre o homem e a gravitação e dos conflitos que essa relação comporta.

A *gravitação* - física, psíquica e espiritual - ocupa o lugar central como fator de ordem no sistema solar, no sistema do átomo, na c~lula biológica, no organismo biológico, no mecanismo da memória e da associação das idéias, nas relações sexuais, no organismo social, na formação das comunidades com participação num modo de viver, numa doutrina ou num ideal e, enfim, no processo da evolução biológica, psíquica e espiritual, no qual um centro de gravitação - ou protótipo universal como causa final - age através do tempo do mesmo modo que o Sol, enquanto centro de gravitação do sistema planetário, age

através do espaço. O mundo inteiro se manifesta a nós como um sistema de gravitação compreensivo resultante de muitos sistemas particulares de gravitação - como o dos átomos, das células, dos organismos, dos planetas, das individualidades, das comunidades e das hierarquias.

Cada um de nós está colocado no sistema de gravitação cósmica que determina as possibilidades e os limites de sua liberdade. O domínio de nossa liberdade como tal, a nossa vida espiritual, manifesta a presença real e ativa de uma gravitação de ordem espiritual, porque, o que é o fenômeno da religião senão a manifestação dessa gravitação espiritual voltada para o centro da gravitação espiritual do mundo, isto é, para Deus? É significativo que o termo escolhido para designar o acontecimento primordial que determinou a mudança do estado do homem no paraíso para o estado terrestre de trabalho, de sofrimento e de morte, isto é, o termo "queda", tenha sido tirado do domínio da *gravitação.* Com efeito, nada se opõe à concepção da queda de Adão como passagem do sistema da gravitação espiritual, cujo centro é Deus, para o sistema da gravitação terrestre, cujo centro é a Serpente (que caracterizamos numa carta precedente como "princípio da eletricidade"). A queda como fenômeno pode ser entendida como passagem de um campo de gravitação para outro.

Ora, o domínio da liberdade, a vida espiritual, se acha entre dois campos de gravitação, cada um com seu centro. O Evangelho os designa como "Céu" e "este mundo", ou "Reino dos Céus" e "reino do Príncipe deste mundo". E designa aqueles cuja vontade está submetida à gravitação "deste mundo" como "filhos deste mundo", e aqueles cuja vontade segue a gravitação do "Céu" como "filhos da luz".

Os maniqueus tiraram logo a conclusão de que o mundo invisível, ou Céu, é o Bem, e de que o mundo da natureza visível é o Mal, erquecendo-se de que o Mal é de origem espiritual, logo, invisível, e de que o Bem está impresso na natureza criada, sendo, portanto, também visível. Embora os dois campos de gravitação se interpenetrem e não se possa, nem se deva, identificá-los simplesmente com a natureza visível e com o mundo espiritual invisível, eles são bastante reais e *moralmente* discerníveis. Porque, como há um "discernimento dos espíritos", do qual fala o apóstolo Paulo, há também um discernimento dos fenômenos da natureza, que ce nota, por exemplo, no diagnóstico médico, na escolha dos remédios, no domínio da higiene física e psíquica etc.

O ser humano participa desses dois campos de gravitação, como o indica esta citação do apóstolo Paulo:

> *"A carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne. Elas se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis"* **(Gl 5,17).**

Essas "aspirações contrárias" são tendências pelas quais os dois campos de gravitação se manifestam. O homem que vive sob a influência da gravitação "deste mundo", com prejuízo da gravitação do "céu", é "homem carnal"; o que vive no equilíbrio dos dois campos de gravi-

tação é "homem psíquico"; enfim, o homem que vive sob a ação da gravitação do "céu" é "homem espiritual".

Este último é o tema do décimo segundo Arcano do Tarô, porque a décima segunda lâmina representa um homem de cabeça para baixo. *O Enforcado* representa o estado do homem em cuja vida a gravitação do alto foi substituída pela de baixo.

Devemos dizer, em primeiro lugar, que a atração do alto é tão real como a de baixo e que o estado do ser humano que, enquanto vivia, passou do campo de gravitação terrestre para o do céu, é, de fato, comparável ao do Enforcado da lâmina. Ele é, ao mesmo tempo, um benefício e um martírio, ambos muito reais.

A história do gênero humano dá testemunho da realidade da atração do alto. O êxodo para os desertos do Egito, da Palestina, da Síria e outros, começando por são Paulo de Tebas e santo Antão, o Grande, não era outra coisa senão a manifestacão da atracão irresistível do alto. Os Padres do deserto, pioneiros desse' êxodo, nã~ tinham nenhum programa nem plano de fundar comunidades ou escolas de espiritualidade cristã comparáveis à ioga hindu. Não, o que eles sentiam era o apelo irresistível do alto para a rolidão e a vida inteiramente consagrada à realidade espiritual. Assim santo Antão, o Grande, diz:

> *"Como os peixes que ficam na terra seca morrem, também os monges que demoram fora da cela ou passam o tempo com pessoas do mundo se relaxam na tensão da solidão. Devemos, portanto, como os peixes do mar, voltar à cela, para não esquecermos, demorando fora, a vigilância interior"* (Apoftegma de santo Antão, 10).

A "tensão da solidão", eis o elemento próprio das almas sob a ação da atração do alto. "Como os peixes procuram o mar" elas procuravam a solidão, na qual encontravam a "tensão", isto é, a relação entre a gravitação do Céu e a da Terra, que lhes era tão necessária como a água aos peixes. Era na solidão que eles podiam *viver,* isto é, desenvolver a temperatura espiritual, respirar o ar espiritual, estancar sua sede espiritual e saciar sua fome espiritual. Fora da solidão, e da tensão da "vigilância interior", que ela significava para eles, os Padres do deserto sentiam frio, não podiam respirar e sofriam de sede e fome espiritual.

Eie, bem diferente de programas e planos, a realidade da atração do céu agindo na vida dos Padres do deserto.

Eles eram pioneiros. Rapidamente, enquanto eles ainda viviam, os desertos da Tebaida, da Nítria e de Cetéia se povoaram de anacoretas. Então são Pacômio fundou, no Alto Egito, os cenóbios - os precursores dos mosteiros que conhecemos - onde muitos eremitas viveram em comum sob a autoridade de um superior ou abade. Essa forma de vida foi adaptada e aperfeiçoada mais tarde por são Basílio, no Oriente, e por santo Agostinho, Cassiano e são Bento no Ocidente.

Embora esse imenso· desenvolvimento posterior tenha estado presente em germe na vida solitária de são Paulo de Tebas e de santo

Antão, o Grande, ele não constituía, de forma alguma, o motivo consciente de seu retiro no deserto. O motivo era o desejo de solidão, causado pela atração irresistível do céu.

A atração do céu é tão real que pode apoderar-se não só da alma, mas também do corpo físico. Então o corpo é arrebatado e não toca mais a terra.

Eis que, em sua *Vida,* escrita por ela mesma, diz sobre isso santa Teresa de Ávila, que viveu essa experiência:

> *"A nuvem divina se eleva para o céu, leva a alma consigo e começa a lhe descobrir os esplendores do reino que lhe está preparado. Não sei se a comparação é exata. Em todo caso, as coisas se passam realmente assim. Nesse arrebatamento parece que a alma não anima mais o corpo; nota-se de maneira muito sensível que o calor natural diminui e que o corpo se esfria pouco a pouco; sentem-se uma suavidade e uma alegria extremas. Aqui não há meio para se resistir ... Muitas vezes, antecipando-se a todo pensamento, a toda cooperação, o arrebatamento cai sobre a pessoa com impetuosidade tão repentina e tão forte que ela vê, sente, ao elevar-se essa nuvem ou essa águia tão poderosa, que a leva em suas asas.*
>
> *A pessoa compreende, vê, disse eu, que é arrebatada, mas não sabe para onde ...*
>
> *A violência era tanta que muitas vezes eu queria resistir a esse arrebatamento, opondo todas as minhas forças, especialmente quando, às vezes, ele me tomava em. público, e freqüentemente em particular, porque temia que se tratasse de uma ilusão. Às vezes eu podia opor alguma resistência, mas ao preço de um esforço extremo ... Outras vezes não era possível nenhum esforço; a minha alma era arrebatada e mesmo a minha cabeça ordinariamente seguia esse transporte sem que houvesse meio de retê-la;* algumas vezes também o corpo era arrebatado e não tocava mais a terra ... *Quando eu queria resistir ao arrebatamento, parecia-me que forças tão poderosas, que eu não sabia a que compará-las,* me erguiam pelos pés: *elas me tomavam com impetuosidade muito maior do que nessas outras coisas do espírito das quais falei ...*
>
> *Confesso mesmo que nos inícios eu era* tomada de pavor muito grande ao ver meu corpo assim elevado da terra. *Se bem que a alma o leve consigo com a maior suavidade, quando não se resiste, ela não perde o uso dos sentidos. Eu, pelo menos, o conservava o bastante para compreender que estava sendo elevada da terra ... " (Vida,* capítulo XX).

Eis um testemunho simples e verídico da irresistível atração do alto e da passagem do campo de gravitação terrestre para o campo de gravitação celeste.

Santa Teresa viveu essa experiência, na qual o corpo é "arrastado com a alma", que, por sua vez, está sob a atração da ação que emana do Centro da atração espiritual, o qual, no seu caso, era o Senhor.

Mas quando o centro de atração espiritual, quando o Senhor mesmo está revestido de corpo - como no caso da vida terrestre de Jesus - o que acontece? Não se pode tratar de arrebatamento, porque para onde poderia ser transportada a Humanidade do Senhor, se estava nele mesmo o princípio que extasia e arrebata, o centro da gravitação espiritual?

O Evangelho nos esclarece sobre esse ponto. Diz ele:

"Ao entardecer, seus discípulos desceram ao mar e, subindo num barco, dirigiram-se a Cafarnaum, do outro lado do mar. fá estava escuro e Jesus ainda não viera encontrá-los. Além disso, soprava um vento forte e o mar ia se encrespando.
Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, quando viram Jesus aproximar-se do barco, caminhando sobre o mar. Ficaram com medo. Jesus, porém, lhes disse: 'Sou eu. Não temaisl'"

(Jo 6,16-20)

"Pedro, interpelando-o, disse: 'Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas'. E Jesus respondeu: 'Vem'. Descendo do barco, Pedro caminhou sobre as águas e foi ao encontro de Jesus. Mas, sentindo o vento, ficou com medo e, começando a afundar, gritou: 'Senhor, salva-me!' Jesus estendeu (,; mão prontamente e o segurou, repreendendo-o: 'Homem fraco na fé, por que duvidaste?'"

(Mt 14,28-31)

A chave da resposta está nas palavras: *Sou eu.* Não temais!

A tradução geralmente aceita de *ego eimi, me phobeisthe,* em grego, ou *Ego sum, nolite timere,* em latim, é: "Sou eu, não temais!" Ela está certa, e não há nada a acrescentar-lhe, uma vez que *(literalmente) ego eimi* e *ego sum* significam tanto "eu sou" como, no *contexto* dado, "sou eu". O contexto prevalece. É legítimo, no entanto, sem tocar na versão aceita, *compreender* a palavra *ego eimi (ego sum)* mais literalmente e, ao mesmo tempo, mais profundamente. Porque na confusão ou no medo dos discípulos estão implicadas *duas* questões: *"Quem* é aquele que vemos caminhando sobre as águas"? e *"Como* pode ele caminhar sobre as águas?

"Sou eu" é a resposta à primeira questão, e "Eu sou", à segunda. Porque "Eu sou" revela uma verdade esotérica (isto é, profunda, que não salta aos olhos), ao passo que "Sou eu" é uma resposta de fato ou exotérica. Ela *oculta* e *contém* como seu núcleo a resposta esotérica.

Qual é então a verdade esotérica revelada pela palavra *"Eu sou,* não temais!"?

"Eu sou" é a fórmula da revelação, no mundo, da *existência* da *essência* divina de Jesus. O Evangelho todo é a história dessa revelação gradual, cujos estádios são resumidos pelos diversos aspectos do "Eu u" compreensivo, tais como *"Eu sou* a verdadeira videira", *"Eu sou* ~. Caminho, a Verdade e a Vida", *"Eu sou* a porta", *"Eu sou* o pão vida", *Eu sou* o bom pastor", *"Eu sou* a luz do mundo" e " *Eu sou* a

ressurreição e a vida". A palavra "Eu sou, não temais!", saída da boca daquele que caminha sobre as águas, significa: "Eu sou a gravitação, e aquele que se agarra a mim não afundará nem será tragado, porque o *temor* é devido à ameaça de ser engolido pelas forças elementares da gravitação inferior, isto é, de ser levado pelo jogo das forças cegas do "mar agitado" que é o campo "elétrico" da *morte.*

"Eu sou, não temais!" é, então, a mensagem do Centro ou Mestre da gravitação celeste, mostrada pela mão estendida a Pedro, que estava afundando. Há outro campo de gravitação, diferente do da morte, e aquele que o alcança pode *andar sobre as águas,* isto é, transcender o elemento agitado "deste mundo", o campo da gravitação elétrica da Serpente. Essa mensagem contém não só o convite para recorrermos ao "reino dos céus", mas também a declaração solene da *imortalidade* da alma, por ser ela capaz de se elevar acima da gravitação devoradora e de "andar sobre as águas".

Pedro, que "de;sceu do barco, caminhou sobre as águas e foi ao encontro de Jesus", experimentou o mesmo arrebatamento que é descrito por santa Teresa. Ele *saiu* do barco, o que é sair do domínio dos sentidos, da razão e da memória, isto é, da consciência habitual; e caminhou sobre as águas, *atraído por Jesus.* Ele experimentou a mesma elevação da alma que leva consigo o corpo e sentiu o mesmo pavor de que santa Teresa diz ter sido tomada "ao ver seu corpo assim elevado da terra". Ela foi puxada por uma Mão do alto; Pedro foi socorrido pela mesma Mão.

Santa Teresa e Pedro viveram a experiência do mesmo êxtase psicossomático (como, ademais, muitos outros santos e santas). Mas a questão que nos ocupa aqui é a do estado de Jesus caminhando sobre as águas. Também ele estava em êxtase?

Não. E eis o porquê: o êxtase é a saída da alma, seguida às vezes pelo corpo, do domínio dessas potências que são a razão discursiva, a memória e a imaginação. Tanto santa Teresa como Pedro, passaram em seu arrebatamento por estádios: *"Tu és";* "Eu me aproximo de *Ti";* "Não sou eu, és *Tu* quem vive e age em mim". É, pois, a atração do *Tu divino,* culminando na união com ele, que constitui o essencial de seu êxtase psicossomático, ao passo que Jesus andou sobre as águas não em virtude do *êxtase,* da saída de sua Humanidade, mas em virtude do *ênstase,* isto é, do recolhimento em si mesmo, virtude ativa marcada pela fórmula: *"Eu sou,* não temais!" A humanidade de Jesus caminhando sobre as águas não seguia um *Tu* que a atraísse e mantivesse, mas abandonou-se ao *Eu divino* do Filho do Pai eterno, presente em si mesmo.

"Ego sum; nolite timere" (" Eu sou; não temais") -. significa ena tão: "eu sou a gravitação"; como o sol, no mundo visível, transporta-se a si mesmo e atrai os planetas, do mesmo modo Eu sou o verdadeiro sol do mundo invisível que se transporta a si mesmo e atrai e sustém os outros seres. "Não temais, porque Eu sou".

Caminhando sobre as águas, Jesus revela outro mistério. Ele não só *se mantinha* sobre as águas, mas também *caminhava,* movia-se numa

direcão bem definida no sentido horizontal. Caminhava para o barco de seus discípulos. Nessa caminhada para o barco já está contida em germe e se revela de modo essencial toda a sua obra, temporal e eterna, isto é, seu sacrifício, sua ressurreição e tudo o que está implicado na sua promessa "e eis que *eu estou (sou)* convosco todos os dias, até a consumacão dos séculos".

Ó barco com seus discípulos é, pois, e será, até o fim dos séculos, o fim do *Eu-sou* caminhando sobre as águas. O seu *ênstase,* o seu recolhimento profundo em si mesmo, não o afasta dos navegantes do mar agitado da história e da evolução como não o faz desaparecer no outro mar, no mar calmo do Nirvana. Muito ao contrário, o *Eu-sou* comporta a caminhada - até o fim do mundo - para o barco dos seus discípulos.

Os eremitas do deserto, o êxtase psicossomático de santa Teresa e de Pedro e Jesus caminhando sobre as águas, o conjunto desses fatos deveria fazer nosso espírito ver a *realidade* espiritual e manifesta da gravitação celeste. Foi por causa disso que nos estendemos nestes temas.

Devemos, todavia, acrescentar a consideração de fatos que podem parecer da ordem da gravitação celeste, mas que não têm nada com ela. Os fatos aos quais me refiro são os da "levitação" ou elevação do corpo, os quais poderíamos ser tentados a considerar como da mesma natureza que os arrebatamentos psicossomáticos de santa Teresa e de Pedro ou até da caminhada de Jesus sobre as águas.

Assim, a lenda atribui a Simão, o Mago, o poder de elevar-se fisicamente no ar. São conhecidos também casos de levitação de médiuns espíritas.

Até Gérard van Rijnberk, do qual se poderia esperar mais, não distingue a levitação dos médiuns da que acompanha o arrebatamento dos santos:

> "O [enõrneno *da levitação foi afirmado por várias santas pessoas das religiões hindu, budista e cristã. Elas se elevavam no ar a alguns pés de altura e pairavam por certo tempo sem nenhum apoio material.*
> *Esse fato foi constatado em muitos santos e santas da Igreja católica.' Limito-me a citar a Grande Teresa (século XVI), seu contemporâneo João da Cruz, Pedro de Alcântara, também da mesma épo-*

1 Nos livros de Gõrres, *La mystique divine. naturelle et diaboliaue,* encontram-se, com efeito, casos de levitação de santo Ambrósio de Sensedônio (t. I, o. 168), são Filipe Néri (p. 318), santa Teresa de *A* vila (p. 406), santo Tomás de Aquino (p. 467), são Salvador de Horta (p. 473)), santo Tomás de Vila Nova (t. II, p. 18), santa Catarina de Sena (p. 209), Joana de Carniole (p. 286), santa Maria de Agreda e são Domingos (p 329), são Pedro de Alcântara (p. 340), Cristina, a Admirável (p. 343), Adelaide de Adelhausen (p. 348), Esperança de Brenegala e Inês da Boêmia (p. 349), santa Coleta, Dalmace de Girona, Antônio de Sainte Reine, são Francisco de Assis (p. 350), Bernard de Courléon, são José de Cupertino (p. 351), Joana Rodriguez, Domingos de Jesus-Maria (p. 361), da bem aventurada Cerardesca de Pisa, de Elisabeth de Falkenstein (p. 362), de Damiano de Vicari (p. 364), de Agnês de Chatillon, de Michel Lazar e Pedro de Regolade (p. 365). (Nota do autor da carta).

ca, depois, um pouco mais tarde, José de Cupertino (1603-1623), que várias vezes foi visto voando pelos ares . . . Esse fenômeno foi narrado também de vários médiuns, mas, infelizmente, ele se verificou, quase sem exceção, na escuridão completa. Sozinho em casa ninguém o teria realizado uma sq vez em plena luz. Deve-se manter reserva sobre esses fatos, que parecem bem incríveis" (Les Métasciences biologiques-Métaphysiologie et Métapsychologie, Paris 1952, pp. 154, 155).

Eis tudo o que esse autor, "que estudou o Ocultismo com profundo respeito [2] durante meio século", tinha a dizer sobre a levitação.

Pode-se, contudo, dizer mais. Há, em primeiro lugar, a distinção entre a elevação do corpo devida à *atração celeste* e a elevação do corpo realizada pela *ação de repulsão* elétrica dirigida para baixo. A diferença é tanta que pode ser comparada à que existe entre o vôo de um balão cheio de ar quente e o vôo de um foguete devido à repulsão causada pela corrente que ele transmite.

Eis um caso de levitação que conheço de primeira mão.

Um senhor de meia idade (era americano) conversava com um companheiro de viagem num compartimento de trem internacional na Europa. A conversa versava sobre as diversas correntes e métodos do ocultismo contemporâneo. O senhor americano defendia a tese radical segundo a qual há um ocultismo literário ou verbal e um oculti.mo realizador. O primeiro seria pouco sério; só o segundo seria digno do nome. Como seu interlocutor não se convencia e se recusava a admitir que os fatos de realização visíveis sejam o único critério do valor e da verdade, o senhor americano julgou apropriado convencê-lo mediante uma demonstração. Tendo dito o que ia fazer, ele se estendeu em reu leito (estavam só os dois no compartimento) e se pôs a respirar profundamente em silêncio total. Um ou dois minutos depois seu corpo se elevou lentamente no ar até a altura de uns cinqüenta centímetros e permaneceu assim mais ou menos por um minuto.

Tendo essa demonstração provocado no interlocutor um grande aborrecimento, o mestre anônimo de levitação deixou logo o compartimento e não apareceu mais.

Merece ser assinalado - além do fato da levitação efetuada pela vontade - o esforço considerável exigido pela experiência. O experimentador teve de caiar-se e concentrar-se completamente num centro de seu organismo, a fim de fazer sair dele a corrente de energia que, agindo em ondas sucessivas, o impelisse do leito e o fizesse assim elevar-se no ar. Elevar-se mais exigiria esforço excessivo. Feita a demonstração, o experimentador estava com aparência fatigada e não tinha mais vontade de conversar. Era evidente nele a diminuição de energia.

Quanto aos médiuns espirituais - pouco importa que sua levitação se realize no escuro ou em piena luz, uma vez que a visibilidade não

2 Op. cit., p. 205.

é o único meio de controle - nada se opõe, do ponto de vista hermético, a que se admita a possibilidade e até a realidade de sua levitação. Se há casos de levitação de objetos como mesas, atestados pela fotografia, por que seria impossível que os próprios médiuns possam ser elevados no ar como objetos físicos pela força que age nos outros objetos físicos? Diz-se que a energia motriz que produz os fenômenos físicos nas sessões mediúnicas emana do médium. Mas por que essa energia do médium, uma vez exteriorizada, não pode elevar o próprio médium? Por que não pode ela ter um ponto de apoio que não seja o corpo do médium?

A eletricidade humana que sai do organismo do médium pode, sem dúvida, ter como objeto de sua ação o próprio médium - o que, ademais, "é narrado de vários médiuns" (G. van Rijnberk). É importante assinalar que o agente da levitação dos médiuns é o mesmo que efetua a levitação de mesas e outros objetos físicos, e que, por conseqüência, não pode tratar-se do efeito da "gravitação celeste" ou espiritual que age nos casos de arrebatamento dos santos.

Há então *três categorias* de levitação do corpo humano: o arrebatamento devido à "gravitação celeste", a levitação devida à corrente humana emitida voluntariamente (magia arbitrária) e a que é devida à eletricidade humana emitida involuntariamente (mediunidade). A levitação mágica arbitrária (a que a tradição atribui a Simão, o Mago, que são Pedro fez cair mediante a oração) e a levitação mediúnica têm em comum que uma e outra se realizam pela força elétrica que emana do organismo humano e agem por repulsão, e nisso elas diferem da levitação dos santos, que é devida à atração do alto.

O centro do qual emana a corrente necessária para a levitação "simônica" é o do "lótus de quatro pétalas" *(muladhara chakra),* no qual está o poder da serpente "Kundalini ", a força elétrica latente. Esse "poder da serpente" pode ser despertado e dirigido seja para o alto (ioga), seja para baixo e para fora (magia arbitrária). No último caso ele serve de agente para a levitação. Foi assim que o ocultista americano, cuja demonstração de levitação narramos acima, realizou esse fenômeno.

Sem entrarmos em pormenores, podemos mencionar nesse contexto as saídas das feiticeiras e dos feiticeiros do campo, que, como se narra, cavalgam "vassouras". Ora, a corrente de repulsão, que emana do centro de base, produz, de fato, a impressão de um feixe em forma de vassoura; os feiticeiros, se bem que desdobrados e deixando atrás de si seus corpos físicos, moviam-se à maneira dos foguetes modernos à reação.

Na Estônia esse fenômeno é descrito de maneira mais adequada, mediante o uso do termo *tulehiint,* que significa "feixe de fogo", em lugar de "vassoura".

O que precede mostra que não se deve usar o mesmo modelo para tudo - para a levitação dos santos, para a levitação "simônica" e para a dos médiuns. Basta dar-se ao trabalho de distingui-las com clareza para não confundi-las.

Voltemos ao décimo segundo Arcano. **O** Enforcado, o homem que vive sob a lei da gravitação celeste, e vejamos o que significa viver na

terra, sendo, ao mesmo tempo, atraído pelo "campo de gravitação" celeste.

A lei da gravitação, da evolução e, em geral, da vida terrestre é o *enrolamento,* isto é, a coagulação do tecido mental, psíquico e físico em torno dos centros relativos de gravitação como a terra, a nação, o indivíduo, o organismo, ao passo que a lei da gravitação, da evolução e, em geral, da vida espiritual é a *irradiação,* isto é, a extensão do tecido mental, psíquico e físico, partindo de centro absoluto de gravitação. "Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai" (Mt 13,43); tal é a característica da lei de gravitação celeste.

A fórmula que permite exprimir a *essência* da lei de gravitação terrestre se acha no capítulo 6 do *Génesis:* "Naquele tempo (e também depois), quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhes davam filhos, os gigantes habitavam sobre a terra; estes homens famosos foram os heróis dos tempos antigos" (Gn 6 ,4) .

Os "filhos de Deus" *(benê ha'elohim),* isto é, os seres que viviam no campo de gravitação divina, mudaram o campo de gravitação, cedendo à atração da *posse* ou do *enrolamento,* e deram origem a seres dotados de grande *força de enrolamento,* os "Gigantes" *(nefilim).* Eles trocaram a irradiação (o estado de filhos de Deus) pelo enrolamento (o estado dos gigantes sobre a terra). E, desde esse tempo, o mundo do enrolamento tende a produzir o *herói forte (gibbor),* enquanto o mundo da irradiação tende a fazer nascer o arauto da irradiação *(çadiq)* ou o "justo" sobre a terra. Não faz ainda muito tempo, Friedrich Nietzsche exaltava o ideal do *gibbor,* do "super-homem" *(Uebermensch),* enquanto batia com varas e coroava de espinhos o Justo, dando-lhe bofetadas e zombando dele em seus livros *Ecce Homo* e *Anticristo.* O mundo está dividido entre os *gibbor,* o Herói forte, e os que amam o *çadiq,* o Justo. *Nietzsche* mostrou com vigor e talento que é assim.

:É realmente assim. A gravitação terrestre, a "carne", impele a humanidade para o ideal do enrolamento, isto é, da posse, do poder e do prazer; a gravitação celeste, o "espírito", a atrai para o ideal da irradiação, isto é, da pobreza, da obediência e da castidade.

Que os ocultistas, os esoteristas e os hermetistas se dêem conta desse estado de coisas e compreendam que o único partido que eles podem tomar sem trair a alma da Tradição é o de se colocarem resolutamente e sem reserva do lado da irradiação, do Justo, do Suspenso! Que abandonem os sonhos e os fantasmas do "super-homem", que ainda dominam algumas confrarias e sociedades esotéricas na forma de " Grão Mestre", "Grande Iniciado" e "Arquimago" ! Que as nossas comunidades se tornem como as pessoas que aprendem com todo mundo, em lugar de ensinarem a todos. Recrutem elas homens que vivam com a consciência de terem errado diante de Deus, do próximo e do mundo, e não com a certeza de terem tido razão! Obedeçam elas à atração celeste, que age despertando a tendência e o amor à pobreza, à obediência e à castidade!

Devemos não só ver e pensar com clareza, mas também *querer com clareza,* porque não podemos servir a dois senhores ao mesmo tempo.

Voltemos ao estado concreto do homem que vive sob a lei da gravitação celeste, para o *estado do homem espiritual.* Ele tem duas características: está *suspenso* e está de *cabeça para baixo.*

Eis o que santa Teresa diz da primeira característica:

> *"Parece que a alma está em estado tal que não lhe vem nenhuma consolação do céu, onde ela não mora ainda, nem da terra, onde ela não está mais e de onde ela não quer receber consolação; ela está, por assim dizer, crucificada entre o céu e a terra e, em seu sofrimento, não recebe socorro nem de um lado nem do outro" (Vida,* cap. XX).

A alma está suspensa entre o céu e a terra e sente uma *solidão* completa. Não a solidão de estar sozinho *no* mundo, mas a solidão completa ou de estar *fora* do mundo, do celeste e do terrestre. "Transportada assim para esse deserto, a alma pode dizer em toda verdade como o profeta real: 'Fico desperto . . . como ave solitária no telhado' (Sl 1 O 1) . Eu imagino que Davi quando assim falava, encontrava-se nessa solidão. Quando eu a sinto, lembro-me desse versículo, e parece-me que o que ele diz acontece em mim. É consolação para mim ver que outras pessoas, especialmente tais pessoas, passariam por tais rigores da solidão" (Santa Teresa, *Vida,* cap. XX).

É o "ponto zero" entre os campos de gravitação terrestre e celeste. Desse "ponto zero" é que a alma se eleva na contemplação das coisas celestes e divinas ou desce para agir no domínio terrestre e humano, mas é também o lugar de sua morada permanente. Depois da elevação ou da ação na terra, ela retorna para ele. A solidão do deserto entre os dois mundos é a sua morada.

A outra característica do *homem espiritual* é que ele está de cabeça para baixo. Isso significa primeiramente que o "terreno sólido" sob seus pés está em cima, enquanto o terreno de baixo é percebido só pela sua cabeça; em segundo lugar, que a sua *vontade* está ligada ao céu e em contato imediato (não mediante o pensamento e o sentimento) com o mundo espiritual, de modo que seu *querer* "sabe" coisas que a cabeça - o pensamento - ainda não sabe, e que é o *futuro* - os desígnios celestes para o futuro - que age na e pela sua vontade, de preferência à experiência e à recordação do passado. O homem espiritual é literalmente o "homem do futuro"; só a causa final ativa a sua vontade. Ele é o "homem do desejo" no sentido do livro de Daniel e no .de Louis-Claude de Saint-Martin; ele é o homem cuja vontade está no alto, acima das faculdades da cabeça, isto é, acima de seu pensamento, de sua imaginação e de sua memória.

A relação normal entre o pensamento, o sentimento e a vontade no homem civilizado e educado é que o pensamento desperte o sentimento e dirija a vontade. O pensamento desempenha o papel de estimulador do sentimento por meio da imaginação, e o papel de educador da vontade por meio da imaginação e do sentimento. Antes de agir, ele pensa, imagina, sente e, enfim, deseja e age.

Não é o que se dá com o "homem espiritual". Nele é a vontade que desempenha o papel de estimulador e educador do sentimento e do pensamento. Primeiramente ele age, depois deseja, depois sente o valor de seu ato, enfim compreende-o.

Abraão deixou seu país natal e, atravessando o deserto, foi para um país estrangeiro, no qual, séculos depois, um povo saído dele deveria encontrar sua pátria e onde, séculos mais tarde, deveria efetuar-se a obra de salvação da humanidade. "Sabia" ele tudo isso? Sim e não. Sim no sentido em que *agia como se soubesse,* estando a sua *vontade* tomada pelas coisas futuras e pela sua grandeza. Não, no sentido de que não tinha, em seu pensamento e em sua imaginação, nem plano, nem programa. Ele não sabia quando, nem como, nem por quais etapas essas coisas se tornariam realidades.

Ora, a certeza que se apodera em primeiro lugar da vontade e dela se estende para o sentimento e o pencamento é precisamente o que o apóstolo Paulo entende pelo termo "fé" *(pístis, [ides).* Segundo ele, "a fé é uma segurança firme das coisas esperadas, uma *demonstração daquelas que não se vêem".*

E

> *"foi pela fé que Abraão, respondendo ao chamado, obedeceu e partiu para uma terra que devia receber como herança, e* partiu sem saber para onde ia" (Hb 11, 1 . 8) .

Abraão tinha, pois, "uma *firme segurança* das coisas que esperava", depois de ter tido a sua "demonstração sem as ver"; a sua vontade sabia, enquanto seu espírito e sua imaginação "não viam", não tinham a segurança que lhes é própria. Ele *obedeceu,* contudo, e partiu, sem saber para onde ia; *agiu* antes que seu pensamento e sua imaginação tivessem compreendido o mundo de coisas que estava implicado em seu ato. Quando ele partiu, sua cabeça seguia seus pés; seus pés estavam então "para cima", enquanto exprimiam o mandamento do Céu, e sua cabeça lhes obedecia e estava "para baixo", enquanto só via as privações, os riscos e os perigos do que ia fazer. Abraão estava precisamente no estado do Enforcado de nosso Arcano.

"Foi pela fé que Abraão, respondendo ao chamado, obedeceu e partiu ... " *Respondendo ao chamado, obedeceu* . . . - eis a chave do mistério da fé, do saber da vontade.

A vontade é força ativa; por natureza ela não é órgão de percepção. Para poder perceber, ela deve, não tornar-se passiva - porque assim ela adormeceria e se evaporaria, uma vez que a sua natureza é atividade e que, cescando de ser ato, ela cessaria de ser vontade - mas mudar de centro de gravitação, isto é, transformar-se e de *"minha* vontade" tornar-se *"tua* vontade". Somente o ato interior do amor é que pode mudar o centro ao qual a vontade serve ou em volta do qual ela gravita. Em vez de gravitar em torno do centro "eu", ela pode orientar-se para o centro "tu". Essa transformação, efetuada pelo amor, é o que se chama *Obediência.*

É pela obediência que a vontade pode *perceber.* O que ela pode perceber, o que lhe é infundido, é a revelação do alto, que a inspira, dirige e fortalece.

Era assim que a vontade dos mártires podia suportar tudo e que a vontade dos taumaturgos podia fazer tudo.

A *vocação* foi também ato da revelação infusa. "E ele obedeceu", diz o Apóstolo. Devemos acrescentar que ele obedeceu já antes de sua partida. Porque a própria *vocação* pressupõe a obediência, a transcentralização da vontade, a qual torna a vontade capaz de receber a vocação do alto. A vontade já deve estar em estado de obediência, a fim de poder receber a inspiração ou a intuição do alto e receber a marca da vocação, isto é, o *dom da fé.*

A fé, como dom sobrenatural, não é a mesma coisa que a confiança natural, racional e moralmente fundada que se tem em alguma autoridade. A confiança no médico, no juiz ou no sacerdote é natural. É racional, com efeito, e de acordo com a justiça humana, reconhecer a autoridade dos peritos experimentados e, com isso, pôr neles alguma confiança. Santa Teresa tinha inteira confiança em seus confessores, que, não obstante, tinham-se enganado numa questão tão grave como a fonte de suas experiências místicas, gnósticas e mágicas: Deus ou o demônio. Mas, no conflito entre a fé sobrenatural e a confiança natural, surgido quando seus confessores e os teólogos consultados declararam que suas experiências espirituais provinham do demônio, foi a fé que prevaleceu. Era um conflito entre a ação divina imediata e autêntica sobre a vontade e, do outro lado, a confiança do pensamento e do sentimento humanos numa autoridade que era fonte de segunda mão. A revelação divina autêntica não só prevaleceu como também levou conf escores e teólogos a reconhecerem a sua autenticidade.

Os arrebatamentos de santa Teresa eram os da fé, isto é, os da união da *vontade* com Deus, a qual deixava para trás as outras faculdades da alma, a saber, o pensamento e a imaginação. Eis o que ela diz sobre isso:

> "O *que posso dizer é somente que a alma se vê unida a Deus,* com tal certeza desse favor *que* não poderia ter nenhuma dúvida sobre *isso. Aqui todas as faculdades (pensamento, imaginação, memória) se enfraquecem e ficam tão suspensas que, repito-o, não se pode de forma alguma compreender que elas ajam. Se antes a pessoa meditava em alguma cena da Paixão, a memória a perde de vista como se jamais tivesse pensado nela. Se lia, não compreende nada e não pode fixar-se; se rezava oralmente, é a mesma coisa. E assim as asas dessa importuna borboletinha da memória se queimam então completamente, e ela não pode mais esvoaçar. Certamente a vontade deve estar bem ocupada em amar, mas não compreende como ama.* O *entendimento, se entende, não sabe como entende; pelo menos não pode compreender nada do que entende. Quanto a mim,*

não me parece que ele entenda, porque, como eu disse, ele não entende a si mesmo ...
Deve-se observar, parece-me, que a suspensão de todas as faculdades, por mais longa que seja, é sempre muito breve e, se durar meia hora, será muito. No que me diz respeito, parece, ela nunca durou tanto. É verdade que quase não se pode apreciar o tempo que se passa nesse estado, por causa da privação do sentimento; mas digo que, cada vez que essa suspensão se verifica, passa-se muito pouco tempo sem que alguma faculdade volte a si mesma. A vontade é a única que se mantém atenta, *mas as outras duas faculdades não tardam a importuná-la de novo. Como a vontade permanece firme em sua calma, ela as suspende novamente; e, depois de alguns instantes, essas duas faculdades voltam à sua vida normal. Durante esse vaivém, a oração pode prolongar-se e, de fato, prolonga-se por algumas horas. Porque, desde que essas duas faculdades começaram a inebriar-se, saboreando esse vinho todo celeste, voltam facilmente à suspensão, a fim de serem mais favorecidas.* Elas acompanham, pois, a vontade, *e as três juntas são mergulhadas na alegria" (Vida,* cap. XVIII).

Ora, quando a vontade está unida a Deus e quando as outras duas faculdades estão suspensas, é o estado da alma recebendo o dom sobrenatural da fé, e foi a fé assim experimentada que, em Santa Terem, triunfou dos escrúpulos devidos à confiança que ela depositava nos teólogos.

O estado da alma descrito por santa Teresa corresponde em todos os pontos ao estado do Enforcado de nosso Arcano. Com ele, a alma de santa Teresa, nesse estado, estava *invertida:* a vontade ultrapassa a cabeça (o entendimento e a memória), elevando-se acima dela e recebe a marca divina, que a cabeça compreenderá ou não mais tarde.

O Hermetismo prático aspira a que as outras duas faculdades façam companhia à vontade quando esta está em estado de obediência completa ao Divino; ele aspira à realização da última frase do texto· que citamos acima:

"Elas (as outras duas faculdades) acompanham, pois, a vontade, e as três juntas são mergulhadas na alegria".

Acrescentemos: na alegria da *união,* do *conhecimento* e da *realização* futura dessa experiência, sendo o Hermetismo a síntese da mística, da gnose e da magia divina.

O Hermetismo prático se aplica, portanto, a educar o pensamento e a imaginação (ou a memória) para caminharem em passo igual com a vontade. Ele exige, por isso, constantes esforços do pensamento e da imaginação combinados para pensarem, meditarem e contemplarem os *símbolos,* sendo o simbolismo o único meio de tornar o pensamento e a imaginação capazes de não ficarem suspensos quando a vontade recebe a revelação do alto, mas de se juntarem a ela em seu ato de obediência

receptiva, de modo que a alma não só tenha a revelação da fé, mas também participe dessa revelação com seu entendimento e sua memória.

Tal é o ponto principal do Hermetismo prático e sua contribuição para a mística cristã. Digo: para a mística cristã, e não para a teologia mística cristã. Porque a teologia racionaliza os materiais da experiência mística, tirando dela regras e leis, ao passo que o Hermetismo quer fazer com que o pensamento e a imaginação participem dessa experiência. A sua finalidade se encontra na experiência como tal e não no domínio de sua explicação e de sua regulação.

O hermetista, no entanto, é um "enforcado". Também nele a fé predomina desde o começo e por muito tempo. Isso porque tornar o pensamento e a imaginação capazes de estarem presentes, de pé, junto do altar no qual se acende e se queima o fogo da fé é tarefa difícil, que exige ascese interior de duração prolongada. Mas com o tempo a lacuna entre a certeza da fé e a do conhecimento se torna cada vez mais estreita. O pensamento e a imaginação se tornam cada vez mais capazes de participar da revelação da fé feita à vontade; um dia elas participarão como iguais. É então o acontecimento espiritual designado pelo nome de "iniciação hermética" .

Assim, conheço um homem que era soldado do Exército Branco e que, tendo sido injustamente ofendido por dois oficiais da marinha aliada, "compreendeu" num instante a relação entre a Eternidade e o Instante. Foi um clarão do alto, recebido ao mesmo tempo pela vontade, pelo pensamento e pela imaginação. As três faculdades da alma foram atingidas por ele e iluminadas a um só tempo.

O Hermetismo autêntico não pode, portanto, jamais estar em contradição com a fé autêntica. Ele pode apenas contradizer opiniões de teólogos, isto é, não a *fé,* mas a *confiança* nos enunciados dos teólogos. Coisa estranha, os teólogos em geral são muito modestos e até humildes; mas, quando falam do alto de sua cátedra e de sua ciência, quando se vestem com o manto de "conclusões primárias e secundárias" e principalmente quando se apóiam no "consenso geral", transformam-se, ao ponto de se tornarem irreconhecíveis. Mudam-se em fontes de oráculos divinos. Isso porque sua ciência, sendo intérprete da verdade absoluta da Revelação, é a mais pretensiosa de todas as ciências. Os sábios das ciências naturais são, em geral, pretensiosos; a disciplina de sua ciência é que os torna modestos. Com efeito, a sua ciência, sendo intérprete da verdade relativa da experiência, é modesta.

Tal é o paradoxo: pessoas modestas tornam-se pretensiosas, graças à sua ciência, e pessoas pretensiosas se tornam modestas graças sempre à sua ciência. O perigo de uns é o seu muito saber; o perigo dos outros é nada saberem. Assim a ciência empírica declarou, há muito tempo, pela boca de um de seus representantes conscienciosos, o filólogo Du Bois-Raymond, *ignoramus et ignorabimus* ("ignoramos e ignoraremos") em relação aos sete "enigmas" *(Weltriitsel)* do mundo, a saber:

1. a ciência da matéria e da força;
1. a origem do movimento;

3. a origem da vida;
3. a finalidade *(Zweckmãssigkeit)* dos seres vivos;
3. a origem da sensação;
3. a origem do pensamento e da língua;
3. o livre arbítrio.

(Du Bois-Raymond, *Die sieben Weltriitsel,* 1880).

A certeza é, ao contrário, completa em alguns teólogos, não só em relação aos enigmas acima, mas ainda quanto ao destino da alma depois da morte do corpo e quanto ao que ela poderá ou não poderá fazer então. Podemos ler afirmações como a seguinte:

> *"Saindo do corpo, a alma não está mais em estado de mudar sua orientacão moral nem de se retratar de sua adesão anterior ao pecado; ela se* fixa por si mesma *na disposição da vontade na qual se achava no instante da morte, tornada inflexível daí para frente e rebelde a qualquer idéia de retratação, de conversão e de arrependimento"* (Cardeal Billot, *Etudes,* p. 392) e
> *"A eternidade das penas só existe em função da eterna perseverança da disposição perversa na qual estavam os réprobos ao saírem da vida presente"* (p. 394).

É, pois, o corpo, e não a alma, que teria a possibilidade de mudar sua orientação moral e de se retratar de sua adesão ao pecado, de se converter e de se arrepender; é, pois, o instante da morte, e não o conjunto da vida terrena, que determina por toda a eternidade a disposição moral da alma e, ao mesmo tempo, o seu destino eterno; morrendo, o corpo faz então sair a alma no instante da morte como um fo~uete com "programa prefixado" *(preset program rocket)* para a eternidade. Assim a misericórdia de Deus age só até o instante da morte do corpo, sendo o destino posterior da alma apenas um desdobramento quase mecânico de sua disposição no instante de sua saída do corpo.

São conclusões monstruosas. Ê evidente, portanto, que se o consciencioso Du Bois-Rayimond é muito tímido e abre as portas para o ceticismo, o zelo teológico é, ao contrário, temerário e abre as portas para a descrença. Porque é impossível acreditar ao mesmo tempo no enunciado do Cardeal Billot e no do Evangelho, que diz:

> *"Se um homem possui cem ovelhas e uma delas se extravia, não deixa ele as noventa e nove nos montes e vai à procura da extraviada? ...*
> *Assim também, não é da vontade de vosso Pai, que está nos Céus, que um desses pequeninos se perca"* (Mt 18,12.14).

A misericórdia de Deus é limitada e se estende só até ao momento da morte do corpo? Ou, ao contrário, é infinita, de modo que nunca cessa e tem meios para agir também depois do instante da separação da alma e do corpo? O que está em questão aqui é o amor, e não a justiça de Deus.

Du Bois-Raymond deveria ter dito: "Considerando os métodos da ciência contemporânea e as faculdades de conhecimento que me são conhecidas até hoje, os sete enigmas do mundo me *parecem insolúveis;* mas se os métodos e as faculdades de conhecimento mudarem um dia, sem perderem seu caráter científico, os enigmas poderão modificar-se". E não seria melhor se o cardeal Billot dissesse: "Existem na Escritura passagens relativas ao amor de Deus e ao castigo do pecado que, dado o caráter de nossa razão e de nosso sentimento moral presentes, parecem contradizer-se. Como é impossível que elas se contradigam realmente, formei uma opinião pessoal que me parece conciliá-las de modo satisfatório. Mas não sei se esta é a única solução possível do problema e se não existem outras melhores. O que é certo é que a liberdade existe e que ela comporta o risco do inferno eterno, seja qual for o sentido exato do termo ., eterno", porque se trata de dogma de fé. Sobre o modo de realização dessa verdade tenho uma opinião, que é a seguinte: ... ," (aqui ele explicaria que, segundo ele, a vida terrena é o domínio da liberdade, enquanto o outro mundo é o da fatalidade, opinião essa que ele ainda deveria defender contra os argumentos pertinentes de uma tese contrária) .

Ora, o Hermetismo prático, como a mística cristã, baseia-se na experiência da fé autêntica, isto é, na experiência do ser humano invertido, isto é, no qual a vontade está acima da intelectualidade e da imaginação. Seu fim prático é, contudo, fazer da intelectualidade e da imaginação companheiras iguais à vontade favorecida pela revelação do alto.

Eis como se consegue isso:

Moraliza-se o pensamento, substituindo-se a lógica formal pela *lógica moral.* Faz-se o calor moral entrar no domínio do "pensamento frio". Ao mesmo tempo, intelectualiza-se a imaginação, disciplinando-a e submetendo-a às leis da lógica moral. É o que Goethe entendia por "imaginação exata" *(exakte phantasie),* isto é, uma disposição da imaginação na qual ela abandona *o jogo* da associação livre e arbitrária e se aplica ao *trabalho* da associação ditada pela lógica moral, pelas leis do *simbolismo.*

Assim o pensamento e a imaginação tornam-se atentos e capazes de participar da experiência da vontade que recebe os favores do alto.

Essa afirmação lapidar exige algumas explicações .

"Moraliza-se o pensamento, substituindo-se a lógica formal pela *lógica moral".* Com isso, a lógica que opera explícita ou implicitamente pelo silogismo, no qual duas proposições implicam uma conclusão, cede o lugar de referência suprema à lógica moral da consciência *(conscience* em inglês, *Gewissen* em alemão, *Sovest'* em russo). Por exemplo, a lógica do argumento usado por Caif ás para persuadir a assembléia do Sinédrio de que era necessário condenar Jesus era impecável do ponto de vista da lógica formal, mas era grave violação da lógica moral. "É de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda." Esse argumento se baseia no princípio lógico segundo o qual *a*

parte é menos do que o todo, sendo a parte "um homem", e o todo, "a nação".

Diante da alternativa: "Se o deixarmos assim, todos crerão nele e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação", a decisão tomada foi a de sacrificar a parte pelo todo. Para a lógica moral, o princípio *quantitativo* segundo o qual a parte é menos do que o todo não pode ser aceito sem reserva; impõem-se distinções.

Já no organismo vivo, no qual não é a *grandeza,* mas a importância da *função* vital que conta, equivaleria a "a parte é igual ao todo" porque o coração, por exemplo, sendo pequena parte do organismo humano, não pode ser sacrificado sem se destruir a vida do todo do organismo.

No domínio moral e espiritual, no qual o que conta é só a qualidade, *um* Justo vale mais do que a nação inteira, se se trata não de sacrifício voluntário, mas da pessoa que se quer sacrificar. Assim, no domínio espiritual e moral, esse princípio lógico pode transformar-se em seu contrário: "a parte é mais do que o todo".

Esse exemplo mostra quanto a operação da "lógica moral" ou da lógica *material e qualitativa,* difere da lógica formal e *quantitativa.* É do conflito eritre a lógica do *Logos* e a "deste mundo" que fala o apóstolo Paulo quando diz:

> " . . . *levaram vida errante, vestidos com peles de carneiro ou pêlos de cabras; oprimidos e maltratados sofreram privações.* Eles, de quem o mundo não era digno, *erravam pelos desertos e pelas montanhas, pelas grutas e cavernas da terra ...* " (Hb 11,38).

A "lógica moral" é a analogia humana da do *Logos,* "que ilumina todo homem que vem ao mundo" (Jo 1,9). É a lógica da fé, isto é, a lógica do pensamento que participa da revelação concedida à vontade. A "lógica moral" introduz o calor na luz do pensamento, que, de lunar que era, quando tinha só a luz fria, sem calor, torna-se então *solar.*

"Intelectualiza-se a imaginação disciplinando-a e submetendo-a às leis da lógica moral". Isso significa que deve ser aplicada uma espécia de *ascese* à vida da imaginação, para se transformar seu *jogo* arbitrário em *trabalho* inspirado e dirigido do alto. É ao simbolismo que cabe aqui o papel principal, preparador e educador. Porque o simbolismo é simultaneamente imaginativo e lógico, mas a sua lógica é a "lógica moral".

Assim os Arcanos do Tarô constituem uma escola prática de educação da imaginação, a fim de torná-la capaz de participar da revelação do alto em pé de igualdade com o pensamento "solarizado" e com a vontade "zodiacalizada". Ela se intelectualiza então, isto é, perde o calor febril que lhe era próprio e se torna luminosa; "seleniza-se ", torna-se "lunar" como era a intelectualidade antes de sua "solarização" pela lógica moral. A oração pelas almas do purgatório: *Locum refrigerii, lucis et pacis dona eis, Domine* ("um lugar de refrigério, de luz e de paz dailhes, Senhor") exprime bem o que é necessário à imaginação para que ela se abra para a reflexão e abandone a fantasia.

A "zodiacalização " da vontade, a "solarização" do pensamento e a "selenização " (ou "lunarização") da imaginação - três termos que escolhemos para assinalarmos o sacrifício voluntário dessas três faculdades feito pela alma ao *Céu* -.- significam que a vontade se torna
o órgão de percepção e de execução da alma voltada para Deus como
oé o zodíaco no macrocosmo; que o pensamento se torna quente e luminoso como o é o Sol no macrocosmo; enfim, que a imaginação pode refletir a verdade como a lua reflete o Sol no macrocosmo.

Trata-se, pois, do sacrifício das três faculdades da alma ao Céu.
Esse sacrifício não é nada mais do que os três votos tradicionais de *obediência* ou sacrifício da vontade, de *pobreza* ou sacrifício do pensamento e de *castidade* ou sacrifício da imaginação.

Assim a vontade, o pensamento e a imaginação se tornam refletores da revelação do alto, em lugar de serem instrumentos do arbítrio humano.

Em termos de psicofisiologia esotérica, isso significa que a disposição do centro coronal (do "lótus de oito pétalas"), que está sempre fora do alcance do arbítrio humano e constantemente em estado de "repouso divino", ou seja, à disposição do Céu, estende-se aos outros centros do "lótus". Um após o outro, esses centros se afastam da influência do arbítrio humano e passam para o "repouso divino", vale dizer, tornam-se órgãos da revelação pura. Assim toda a organização psicofisiológica se torna instrumento divirto. A *santidade* é atingida quando todos os sete (ou, raramente, oito) centros estão inteiramente à disposição do Céu. Os graus de santidade - do ponto de vista da organização psicof isiológica humana - são medidos pelo número e pela qualidade dos centros que estão à disposição do Céu.

Em geral os hermetistas não chegam à santidade completa, na qual todos os sete centros são colocados à disposição do divino, porque a sua obra e a sua missão - quando há missão - exigem esforços que pressupõem a preservação da *iniciativa* humana, e pelo menos o centro frontal (o "lótus de duas pétalas") permanece à disposição da liberdade ou, conforme o caso, do arbítrio humano, porque ele é o centro da *iniciativa intelectual.* O "lótus de duas pétalas" pode ser tomado pela revelação do alto por algum tempo, mas, em geral, deve permanecer à disposição pessoal do hermetista. Seria muito penoso para o hermetista se só pudesse voltar o olhar intelectual para o que é determinado pelo alto.

Conheço um homem que tinha "perdido" assim o uso do centro da iniciativa intelectual, que é também o da direção da atenção; sendo hermetista, sofreu muito com isso. Ele podia compreender os grandes problemas de alcance geral, mas estava como que paralisado no tocante aos *seus* problemas pessoais. Não podia pensar no que queria, nem dirigir sua atenção para o que queria ver e compreender. Até que a intervenção de um benfeitor do alto "restituiu"-lhe o uso do centro em questão. Gostaria de recomendar às pessoas que têm dificuldades semelhantes ou idênticas, que se dirijam ao Arcanjo são Miguel, que, parece-me, é amigo e protetor dos hermetistas como os entendo nessas Cartas, das

pessoas que querem unir a santidade e a iniciação ou que aspiram a um Hermetismo santo e abençoado pelo alto.

A lâmina do décimo segundo Arcano do Tarô, "o Enforcado", representa em primeiro lugar o homem cuja vontade está "zodiacalizada"; é o acontecimento espiritual decisivo, sendo a "solarização" do pensamento e a "selenização" da imaginação romente suas conseqüências. As duas árvores entre as quais o Enforcado balança têm doze cicatrizes de ramos cortados. Doze ramos, porque o zodíaco é um duodécimo de ação e de influência; eles foram cortados porque o Enforcado está fora do campo de sua ação e de sua influência e porque a essência deles está *nele.* Os doze ramos estão cortados e inativos exteriormente, tendo-se tornado a *vontade* do Enforcado, a vontade "zodiacalizada", como dissemos. O Enforcado *absorveu* o Zodíaco; ele mesmo *se tornou* o Zodíaco. Ele é o *Décimo Terceiro* em cuja vontade estão presentes os Doze Servos de Deus, que são os doze canais de sua Vontade.

Porque *doze* é o número das modalidades da Vontade e de sua ação; *sete* é o número das modalidades de base do Sentimento e da imaginação; *três* é o número-lei do Pensamento e da palavra; e *um* é o número do Eu que pensa, sente e quer. A *Mônada* se revela assim pela trindade subjacente ao pensamento e à palavra, pelo *setenário* subjacente ao sentimento e à imaginação, e pelo *duodenário* subjacente à vontade e à ação.

A soma dos números da realidade - um, três, sete, doze - é *vinte e dois,* e não vinte e três, uma vez que o UM transcende, supera e abraça os outros números citados antes: do "três" ele faz um quaternário misterioso; do "sete", um oitavo, que os envolve e faz deles uma unidade, e é o "décimo terceiro" - como já dissemos - na difusão das formas criadoras "zodiacais" dos Doze Servos de Deus. Eis porque os Arcanos Maiores do Tarô são *vinte e dois,* não mais nem menos. Porque o autor (ou os autores, se pensarmos de acordo com a dimensão vertical dos três mundos superpostos e em colaboração) do Tarô se tinha proposto dar expressão simbólica articulada somente às coisas que contam. E como poderia ele contá-las menos ou mais de vinte e duas? Poderia omitir a Mônada - a unidade fundamental atrás dos mundos do macroco.mo ou Deus, e a unidade fundamental atrás dos estados de consciência do microcosmo ou a alma? Poderia ele passar à frente da Santa Trindade de Deus Criador, Salvador e Santificador? Ou passar à frente da trindade do ser humano, de seu ser espiritual, anímico e corporal, trindade que é a imagem analógica de Deus? Em seguida, como poderia ele continuar cego e negligenciar a ação da trindade nos quatro elementos: a irradiação, a expansão, a mobilidade e a estabilidade, ou o Fogo, o Ar, a Água e a Terra? E depois de ter apreciado a ação da trindade *no* quaternário dos elementos, como poderia ele deixar de dar atenção à manifestação real da ação da trindade *pelo* quaternário, isto é, das três vezes quatro modalidades da ação trinitária por quatro meios de realizá-la?

Não podendo suprimir nenhum dos quatro membros do Nome Sagrado ou tetragrama - que compreende os quatro membros ou números: um, três, sete e doze - o autor do Tarô concebeu e desenhou os vinte e dois Arcanos. Mas vinte e dois são quatro, e quatro são três revelando um. O Tarô é, portanto, a unidade comentada de vinte e duas maneiras simbólicas

Quanto ao Enforcado, os doze ramos das duas árvores entre as quais ele balança foram cortados. Isso significa - ou indica - que ele reduziu os doze a um, e que ele, o Enforcado, é a única manifestação deles. Ele, por assim dizer, "engoliu" o Zodíaco, o que significa que a sua vontade se tornou idêntica à Vontade, que se manifesta de três vezes quatro maneiras. Ele traz em si a *síntese das doze modalidades* da ação da Vontade fundamental e divina ou, antes, é carregado por ela.

Eis o que significa a "redução de doze a um". É ser suspenso invertido e viver sob o signo da gravitação celeste em lugar de viver sob o signo da gravitação terrestre.

Dissemos há pouco: o Enforcado é o Décimo Terceiro. Ser o décimo terceiro pode significar duas coisas: a redução de doze a um - o Enforcado representa então a *unidade fundamental* das doze modalidades da Vontade - ou a cristalização de um *décimo terceiro* elemento sintético. Nesse último caso, tratar-se-ia do *esqueleto,* que é a última cristalização sintética da vontade "zodiacal", e que é tanto o princípio como a imagem concreta *da morte.* Como a morte e a sua relação com o esqueleto será o tema da Carta seguinte, relativa ao décimo terceiro Arcano do Tarô, "A Morte", peço-te, caro Amigo Desconhecido, que te lembres então da contextura de dois problemas como ela é indicada aqui: o problema da identidade da vontade individual com a vontade divina e o da atração para o alto em seus dois aspectos, o do êxtase e o da morte.

Porque a "zodiacalização" da vontade pode verificar-se tanto no êxtase como no caso da morte natural.

O Enforcado representa a primeira alternativa, isto é, a unidade fundamental das doze modalidades da Vontade. Estas últimas são as causas eficientes e finais da irradiação, da expressão, da mobilidade e da estabilidade espirituais, psíquicas e materiais.

Uma sensação profunda e vertiginosa desse fundo cósmico se encontra no hino cosmogônico do *Rigveda* (X. 129). Naquele que o medita ele desperta o sentimento da profundeza da incitação fundamental cósmica ou o sentimento da "zodiacalidade". Eis o hino:

> O *não-Ser não existia então, nem o Ser.*
>
> O *espaço aéreo não existia, nem o firmamento além.*
>
> *Que é que se movia poderosamente? Onde? Sob a guarda de quem?*
> *Era a Água, insondavelmente profunda?*
>
> *Não existia nesse tempo nem morte, nem imortalidade; Não*
> *havia diferenciação entre a Noite e o Dia.*
> O *Um respirava por seu próprio impulso, sem que houvesse sopro.*
> *Fora Disso, nada mais existia.*

(Uma tradução alemã diz:
"Es hauchte windlos in Ursprünglichkeit
Das Eine, ausser dem kein anderes war" Y

Na origem as trevas eram ocultas pelas trevas. Esse universo era somente onda indistinta. Então, pelo poder do Ardor (Tapas) o Um nasceu, Vazio e coberto de vazio.

O *Desejo foi seu desenvolvimento original,*
(desejo) que foi a semente primeira da Consciência. Procurando em si mesmos, os Rishis souberam descobrir, por sua reflexão, a ligação do Ser no não Ser.

A sua corda estava esticada em transversal.
Que é que estava· em baixo? Que é que estava em cima? Havia doadores de sementes, havia poderes.
O *Impulso espontâneo (svadha) estava em baixo, o Dom de si estava em cima ...* "

Eis o que, numa noite estrelada, uma alma hindu sentiu, há mais de trinta séculos, perante o universo. Não ce pode ver nele um comentário da mística natural ao *Fiat lux* [4] do Gênesis?

Ê dessa esfera profunda, da qual o autor anônimo do hino védico tirava sua inspiração, que o Enforcado participa por sua vontade. Ele é a ligação entre o Ser e o não-Ser, entre as Trevas e a Luz criada. Ele está suspenso entre o potencial e o real. E, para ele, o potencial é mais real do que o real propriamente dito. Ele vive pela *fé* autêntica, o que o livro hermético *Kore Kosmou* designa como "o dom do negro perfeito", ou seja, o dom da certeza perfeita, tirada do negro das trevas ultraluminosas. Porque há trevas e Trevas. As primeiras são as da ignorância e da cegueira; as últimas são as do conhecimento que ultrapassa as faculdades cognitivas humanas naturais: elas se revelam à vidência intuitiva. São ultraluminosas no mesmo sentido em que os raios ultravioletas ultrapassam a escala da visibilidade do olho humano.

Eis uma passagem da *Vita Antonii* ("Vida de (santo) Antão"), escrita por santo Atanásio, bispo de Alexandria, relativa a esse tema:

"Mais tarde, outros, daqueles que, entre os gregos, passam por sábios, vieram perguntar-lhe a razão da nossa fé em Cristo ... (Antão lhes disse por intérpretes) ' ... uma vez que vos apoiais especialmente em raciocínios, que sois fortes nessa arte e quereis que nós também não adoremos a Deus sem discursos demonstrativos, dizei-nos primeiramente: as realidades e sobretudo o conhecimento de Deus, como são discernidos com exatidão: por demonstração, por discurso ou pela energia da fé? Que é mais antigo, a fé ativa

3 "No começo havia respiração sem sopro;
Era o Um, fora do qual nada existia" (N. do T.)
4 "Faça-se a luz". (N. do T.)

ou a demonstração pelo discurso?' - Responderam eles: 'É a fé operante que é mais antiga, é ela que é o conhecimento exato'. Antão respondeu: 'Dizeis bem, porque a fé nasce da disposição íntima da alma, e a dialética, da arte dos autores'. Naquele em que está presente a energia da fé, a última não é necessária e pode ser supérflua, porque o que temos pela fé vós procurais estabelecêlo por discursos, e muitas vezes não podeis expressar o que nós cremos. A energia da fé é, pois, melhor e mais firme do que os vossos raciocínios sofisticados ... "

Temos aqui a comparação clara entre a certeza devida à "energia da fé" e a que é devida à demonstração por raciocínio. A diferença entre elas é a mesma que entre a fotografia de uma pessoa e o encontro com essa pessoa. Ê a diferença entre a imagem e a realidade, entre a idéia que se faz da verdade e a verdade como tal, presente e agindo.

A certeza da fé decorre do encontro vivido com a verdade e com a sua ação persuasiva e transformadora, ao passo que a certeza procedente do raciocínio correto é somente um grau, mais ou menos elevado, da *verossimilhança,* porque depende da validade de nosso raciocínio e do caráter completo e exato dos dados que lhe servem de base. Um dado novo pode pôr abaixo todo o edifício de nosso raciocínio; um dado que depois se verificou falso ou inexato pode ter a mesma conseqüência. Por isso toda convicção fundada no raciocínio é intrinsecamente *hipotética* e implica a reserva seguinte: "Se os dados que possuo são completos e exatos e se não surgirem outros que contradigam, sou levado, pelos argumentos seguintes, a concluir que . . . etc." A certeza da fé não tem nada de hipotético, é absoluta. Os mártires cristãos não morriam por hipóteses, mas pelas verdades da fé, das quais tinham certeza absoluta.

Seja-me poupada a objeção de que também os comunistas, às vezes, morrem por seu marxismo-leninismo! Porque se eles o fazem voluntariamente, não é por seu dogma da supremacia da economia ou de sua ideologia, mas pelo grão de verdade cristã que caiu em seus corações, pela preocupação com a fraternidade humana e com a justiça social. O materialismo como tal não tem - e *não pode* · ter - mártires; e se parece tê-los, os mártires que ele se atribui testemunham, na verdade, *contra* ele.

Porque eis o seu testemunho: "Existem valores mais altos do que a economia e até do que a vida, já que sacrificamos não só os béns materiais, mas também a nossa própria vida". Tal é o seu testemunho contra o marxismo materialista. Eis agora seu testemunho contra a cristandade: "Perdemos a plenitude da fé; resta-nos apenas um grão de fé. Mas, mesmo esse grão que nos resta é tão precioso que damos nossa vida por ele. E vós que tendes a plenitude da fé, qual é o vosso sacrifício por ela?" Tal é o testemunho contra a cristandade ... à medida que também a cristandade é materialista. Porque há um materialismo doutrinal junto com uma vontade influenciada pela fé, como existe um

espiritualismo doutrinal junto com uma vontade influenciada pelo interesse materialista.

Foi essa dualidade que produziu as heresias e as seitas. Assim, os adeptos de *Ario* negavam a divindade de Jesus, não por ser ela contrária à razão, mas por lhes parecer contrária à razão, uma vez que a sua *vontade* se opunha a um Messias divino, porque o Messias que eles *queriam* era um Messias que quisesse a ortodoxia judaica. Como a ortodoxia judaica rejeitou Cristo e fez com que ele fosse crucificado, acusando-o de "se ter feito Filho de Deus" (" Os judeus responderam-lhe: 'Nós temos uma Lei e, conforme essa Lei, ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus", Jo 19,7), também os arianos acusaram a Igreja de ter feito do Messias o Filho de Deus. Eles não eram nem menos instruídos nem menos inteligentes do que os ortodoxos judeus. O que lhes faltou foi a vontade iluminada pela revelação do alto, isto é, a fé autêntica. A sua fé permaneceu como ela era antes de Cristo e como ela vivia e agia na ortodoxia judaica. Com efeito, os arianos *queriam* outro Messias e, sendo cristãos, empenhavam-se em transformar o Messias em conformidade com a sua vontade pré-cristã.

Todavia, no caso em que a vontade percebe a revelação do alto e o entendimento lhe dá continuidade, isto é, no caso do Enforcado, a certeza é absoluta, e não pode resultar nenhuma heresia, se entendermos por "heresia" doutrinas ou máximas prejudiciais à causa da salvação ou incompatíveis com as verdades da fé. O Enforcado pode ser *acusado* de heresia, mas nunca poderá ser seu autor. O seu elemento é a fé autêntica; e como poderia a fé autêntica - ou a ação divina na vontade humana - gerar coisas contrárias a si mesma?

Sabeis o que é a infalibilidade do Papa, quando ele fala *ex cathedra*' sobre matéria de doutrina e de moral? Quando fala *ex cathedra* sobre coisa da fé e da moral, ele se acha no estado do Enforcado. É o estado no qual se encontrava o apóstolo Pedro quando disse: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", e o Senhor lhe disse: "Não foi a carne ou o sangue que te revelaram isco, e sim o meu Pai, que está nos céus". Como a pedra não tem movimento próprio e só pode ser movida, do mesmo modo a vontade daquele que se encontra no estado do Enforcado está privada de seus movimentos e só pode ser movida do alto.

Eis um aspecto do mistério da infalibilidade em matéria de fé e moral. É o arbítrio paralisado e reduzido a nada, o estado de pedra, que salvaguarda a infalibilidade do julgamento nesse domínio. A fonte dos erros fica eliminada, e o Pontífice romano, ao proclamar um dogma *ex cathedra* não fala como profeta, mas como pontífice.

O mistério da infalibilidade, em sua totalidade, comporta, sem dúvida, outros aspectos, inclusive o que tratamos na quinta Carta, sobre o quinto Arcano do Tarô "O Papa", e outros mais profundos ainda. Mas o aspecto que se apresenta sob a luz do Arcano "O Enforcado" é de natureza a trazer a maior clareza, sendo esse Arcano o da fé autêntica.

5 "Em virtude da autoridade decorrente de sua função". (N. do T.)

A fé autêntica comporta a certeza absoluta, especialmente quando não se limita à vontade, mas consegue fazer participarem de sua experiência o entendimento e a imaginação. Então a alma torna-se sede de uma espécie de fé-sabedoria simbólica cristã, semelhante à fé-sabedoriasimbólica do *Zohar,* isto é, à Cabala judaica Esta última está para a primeira como o Antigo Testamento para o Novo. E como o Antigo e o Novo Testamento formam juntos a Sagrada Escritura, do mesmo modo a Cabala judaica e a fé-sabedoria-simbólica cristã constituem juntas o Hermetismo cristão . Como a teologia cristã não pode passar sem o Antigo Testamento, também o Hermetismo cristão não pode passar sem a Cabala. É a lei da continuidade da tradição viva ou do mandamento: honra teu pai e tua mãe. A mãe do Hermetismo cristão é a Cabala, e seu pai, o Hermetismo egípcio, cujos escritos helenizados nos chegaram na forma do *Corpus Hermeticum,* que compreende vinte e nove tratados ou mais. O *Corpus Hermeticum* (as obras atribuídas a Hermes Trismegisto ou inspiradas por ele) é o correspondente egípcio-helênico do *Zohar* judaico e da Cabala judaica em geral.

Não se trata, sem dúvida, de amálgama sempre estéril, nem de empréstimos. "Iniciado em toda a sabedoria dos egípcios" (At 7 ,22), Moisés ainda se beneficiou do encontro real e autêntico com "o Anjo de Javé, que lhe apareceu numa chama de fogo, do meio de uma sarça" (Ex 3,2). E esse encontro foi o ponto de partida de sua missão.

Não, as coisas *vividas* não se emprestam. Elas se seguem como as gerações humanas e são interligadas só pelos laços profundos da hereditariedade, isto é, da continuidade da *vida* da tradição: dos esforços, dos problemas, das aspirações e dos sofrimentos. Como uma geração transmite à geração seguinte os *órgãos,* o conhecimento e o *impulso vital* para o seu emprego, também numa tradição espiritual como a do EgitoIsrael-Cristianismo os estádios são, por assim dizer, encarnações de almas novas, que herdam de seus antecessores apenas os órgãos e o impulso (corpo e sangue). Em comparação com o Egito, Israel é uma alma nova, e em comparação com Israel, o cristianismo é uma alma nova. O Egito aspirou ao Deus dos deuses e chegou a alto conhecimento - e mesmo a uma fé autêntica - de Deus, como o provam os escritos do *Corpus Hermeticum;* Israel teve contato com esse Deus por intermédio de Moisés e dos profetas; no que concerne ao cristianismo, enfim, Deus se fez carne. Dos santuários do Egito, passando pelo deserto do Sinai, até a cruz do Calvário há o caminho da revelação divina, de um lado, e o caminho histórico do monoteísmo na consciência humana, do outro. A "idéia" do Messias o cristianismo não a "emprestou" do judaísmo, porque Jesus não é uma "idéia", mas a encarnação do Verbo e a realização da esperança de Israel. Também o Deus de Moisés e dos profetas não foi "emprestado" dos santuários do Egito, porque a nuvem, os relâmpagos e os trovões do monte Sinai, no qual Ele se revelou, não são coisas a serem emprestadas. E a visão do Deus criador num santuário egípcio, descrita no tratado hermético *Poimandres,* não é "empréstimo" de ninguém. Eis sua introdução:

"Um dia, tendo eu começado a meditar sobre os seres e tendo meu pensamento ido planar nas alturas, enquanto meus sentidos corporais permaneciam ligados como acontece com aqueles sobre os quais cai o sono profundo ... , pareceu-me que se apresentava a mim um ser de porte imenso, além de toda medida definível, o qual chamou por meu nome e me disse: 'Que queres ouvir e ver e por qual pensamento aprender e conhecer?" (Poimandres, 1).

E evidente que se trata de *experiência* espiritual, e não de informações recebidas por ouvir dizer.

A tradição viva não é corrente de ouvir dizer, mas a seqüência das revelações e dos esforços. Ela é a "biografia" da *fé autêntica.*

A fé autêntica - o estado do Enforcado de nosso Arcano - difere, pois, do conhecimento que vem do raciocínio pelo fato de ter a certeza absoluta, ao passo que o raciocínio só chega à certeza relativa. O raciocínio não é, contudo, o único método de conhecimento. Existem ainda métodos de conhecimento ditos ocultos ou supranormais. Vi suas diferentes formas de clarividência corporal, psíquica e espiritual. Qual é então a relação entre a fé autêntica e as experiências da clarividência?

Devemos dizer logo que o domínio das experiências supra-sensoriais se divide em duas partes intrinsecamente diferentes, a saber, a experiência da percepção do que está *fora* e a da revelação do que está *acima* da alma, ou a percepção horizontal e a revelação vertical. A última é transubjetiva, a primeira é extra-subjetiva ou objetiva. Santa Teresa as chamava "visão imaginária" (isto é, *em imagens)* e "visão intelectual" (isto é, não em imagens).

Eis um exemplo da "visão intelectual":

"Encontrando-me, um dia, em oração, na festa do glorioso são Pedro, vi junto de mim ou, antes, senti, o Cristo, porque não vi nada, nem com os olhos do corpo nem com os da alma; parecia-me que ele estava muito perto de mim e que me falava. Como eu ignorava então completamente que pode haver semelhantes visões, fui tomada, no começo, de grande medo e chorava. Mas logo que o Salvador pronunciou uma palavra para me tranqüilizar, encontrei-me, como de costume, calma, feliz e livre de todo temor. Parecia-me que ele caminhava sempre ao meu lado, mas eu não via em que forma. Porque não era visão imaginária. Eu sentia, *contudo,* de maneira evidente *que ele permanecia sempre à minha direita e que era testemunha de todos os meus atos; se eu me recolhia um pouco ou se não estava muito distraída, não podia ignorar que ele estava junto de mim.*

Depois fui logo, muito triste, dizê-lo ao meu confessor. Ele me perguntou em que forma eu tinha visto Nosso Senhor. Disse-lhe que não o sabia. Então, replicou ele, como sabeis que era o Cristo? Respondi que não sabia como, mas que não podia deixar de crer que ele estivera junto de mim, eu o compreendia claramente, eu o sentia . . . Procurei toda sorte de comparações para me fazer

compreender. Mas, em minha opinião, é absolutamente impossível encontrar uma só comparação que possa dar uma idéia bem exata desse gênero de visão. Ela é, aliás, de origem mais elevada. Fiquei sabendo depois, por um homem muito santo e muito espiritual, chamado Padre Pedro de Alcântara ... Sábios eminentes disseramme a mesma coisa e acrescentaram que é esse o favor ao qual o demônio pode ter menos acesso ...

Eu disse que não via o Salvador, nem com os olhos do corpo, nem com os da alma, porque não se tratava de visão imaginária. Mas então como posso compreender e afirmar que ele estava junto de mim, com uma evidência maior do que se eu o visse com meus próprios olhos? Na minha opinião, a alma está então como uma pessoa cega ou cercada de trevas e que não pode ver outra pessoa que está perto dela. Mas essa comparação não é exata; se ela tem alguma semelhança com o favor do qual falo, a semelhança não é grande. Porque essa pessoa pode perceber pelos sentidos a presença da outra; pode ouvi-la falar ou mexer-se e tocá-la. Aqui não há nada disso. A alma não está na escuridão, mas o Salvador a faz conhecer a sua presença de maneira mais clara do que o Sol. Não digo que se veja o Sol ou alguma claridade; mas é uma luz que, embora imperceptível para a vista, ilumina o entendimento e dá à alma a fruição de tão grande bem ...

Mas, perguntou-me o confessor, quem vos disse que era Jesus? - Muitas vezes ele mesmo mo disse, respondi. Ora, antes que ele o tivesse dito, isso já estava impresso em meu entendimento; e antes mesmo dessa impressão, ele mo significava, embora eu não o visse ... Nosso Senhor quer que sua imagem fique tão gravada no entendimento que ela produza certeza igual e até superior à da vista" (Vida, capítulo 27).

Eis agora um exemplo de "visão imaginária":

"Um dia, estando eu em oração, aprouve-lhe mostrar-me somente suas mãos; elas eram de beleza tão maravilhosa que sou incapaz de descrevê-las . . . Poucos dias mais tarde, vi também seu rosto divino e fiquei, parece-me, totalmente arrebatada. Eu não compreendia por que o Senhor se mostrava assim aos poucos, uma vez que ele devia conceder-me em seguida a graça de vê-lo todo ... Um dia, na festa de são Paulo, durante a missa, vi Nosso Senhor em sua santa humanidade toda como ele é pintado ressuscitado ... Jamais contemplei essa visão, apesar de imaginária, nem alguma outra, com os olhos do corpo, mas somente com os olhos da alma. Aqueles que o sabem melhor do que eu consideram a visão precedente coino mais perfeita do que essa, a qual, por sua vez, está bem acima das que caem sob os olhos do corpo ... Eu nunca pude nem soube, mesmo depois de vários anos de esforços, imaginar-me ou representar-me um espetáculo tão belo; ele ultrapassa, pela sua brancura e por seu brilho, tudo o que se possa imaginar aqui na ter-

ra. É brilho que não ofusca, brancura cheia de suavidade e esplendor infuso que encanta deliciosamente a vista, sem lhe causar o menor cansaço; é claridade que nos ilumina para que possamos contemplar essa beleza tão divina . . . Pouco importa que os olhos estejam abertos ou fechados; quando o Senhor o quer, nós o vemos, malgrado nós ... " *(Vida,* cap. 28).

Bastam esses exemplos para nos darem uma idéia clara do que é a experiência *transubjetiva* ou "visão intelectual", como a Santa a chama, e do que é a experiência *extra-subjetiva* ou "visão imaginária". A primeira é a projeção, na alma, da experiência espiritual que se verifica acima dela; a alma não percebe nada; ela só *reage* ao que é experimentado pelo Espírito, que a faz participar dos frutos de sua experiência. Isso é *transubjetivo* porque a revelação não se dá nem fora nem dentro da alma, mas acima dela, vale dizer, no Espírito. Sucede assim que a alma tem *certeza* como se tivesse visto, sem ter visto, e como se tivesse ouvido, sem ter ouvido. Ê o Espírito que projeta nela a certeza de sua experiência certa. Ê ele que "vê", "ouve" e "toca" à sua maneira e que infunde na alma os frutos de sua experiência, a certeza igual ou até superior à que a alma teria se ela mesma tivesse "visto", "ouvido" e "tocado".

Na experiência extra-subjetiva ou "visão imaginária" é a alma mesma que "vê", "ouve" e "toca". Ela "vê" fora de si, mas com os "olhos da alma", isto é, *não como uma alucinação* dos sentidos corporais, mas como uma imaginação movida *de fora,* em lugar de ser movida pelo seu próprio arbítrio. Ora, as imagens provenientes de fora da alma só podem ser sentidas e definidas como *percepções.* E como essas percepções não são corporais, são experimentadas e descritas como percepções da alma. Por isso santa Teresa fala da visão "dos olhos da alma".

"Os olhos da alma" dos quais a santa fala são o que, no Hermetismo moderno, chamamos de "flores de lótus" ou simplesmente "os lótus", e que a *ioga* hindu denomina "chakras" ou centros.

Os "lótus" superiores - de oito, duas e dezesseis pétalas - são os órgãos dos quais se serve o Espírito (isto é, o Espírito humano sozinho, ou o Espírito humano unido ao Espírito Santo, ou, enfim, o Espírito humano unido a outro Espírito, humano ou hierárquico, por e no Espírito Santo) no caso da revelação do alto, isto é, no caso da "visão intelectual" de santa Teresa.

Os "lótus" inferiores - de dez, seis e quatro pétalas - são os órgãos da percepção horizontal, isto é, da "visão imaginária" de santa Teresa.

No que concerne ao *coração,* isto é, ao "lótus" de doze pétalas, ele participa desses dois tipos de visão ou tem um *terceiro* tipo de percepção clarividente, que é a síntese dos dois outros. Porque o "coração" é o centro ou o "lótus" do *amor* - e aí, a bem dizer, não se trata mais de "no alto" ou "fora", nem mesmo de "em cima e em baixo", porque o amor abole todas as distâncias e todas as distinções do "espaço", tam-

bém do espaço espiritual - e tem o poder de fazer presentes todas as coisas. É assim que Deus está presente num coração abrasado de amor.

O coração percebe as diversas presenças como impressões e nuanças do *calor* espiritual. Foi assim que os corações dos dois discípulos que iam a Emaús reconheceram Aquele que caminhava com eles, bem antes de seus olhos e seu entendimento o fazerem. Quando seus olhos se abriram e eles o reconheceram, disseram um ao outro: *"Não ardia o nosso coração* quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,13-33).

O coração ardendo de diversas maneiras, tais são os tipos de "visão" e de conhecimento espiritual próprios do coração.

Caro Amigo Desconhecido, sê atento ao teu coração e às nuanças íntimas de calor que surgirem nele! Quem sabe se não caminhará contigo alguém que teus olhos e teu entendimento não desconfiarão quem seja?

Os três "lótus" superiores são principalmente os da *certeza infusa* ou da "luz imperceptível"; eles são os instrumentos principais *(instrumentos,* e não *fontes)* da "visão intelectual" ou revelação transubjetiva.

Os três "lótus" ditos "inferiores" são os da *certeza da experiência de primeira mão;* eles nos tornam *testemunhas* quase "oculares" das coisas invisíveis. E no-las manifestam na "luz perceptível" como formas, movimentos, cores, sons e sopros concretos e objetivos, embora incorporais no contexto do mundo físico.

E o centro central, o coração ou o "lótus" de doze pétalas, dá-nos a *certeza da fé autêntica,* que nasce do "fogo de Emaús" e pela qual se manifesta a presença imediata dos Seres que querem caminhar conosco. Esse fogo contém a "luz imperceptível" da "visão intelectual" e a "luz perceptível" da "visão imaginária" em sua síntese, que denominamos aqui "fogo de Emaús" .

Além desses dois - ou três - tipos de experiência supra-sensorial, existe outro, que muitas vezes passa por espiritual, mas que, na verdade, não é. Penso, em particular, no tipo de clarividência devido ao apuro dos sentidos ou à sua função alucinante. Santa Teresa de Ávila se refere também a ela no texto de sua *V ida* que citamos acima. Ela diz que:

> *"Aqueles que o sabem melhor do que eu consideram a visão precedente ("intelectual") como mais perfeita do que essa (" imaginária"), a qual, por sua vez, está bem* acima daqueles que caem sob os olhos do corpo ... "

Parece que era geralmente admitido, entre "aqueles que sabiam" no século dezesseis, que além da "visão intelectual" e da "visão imaginária" existem "visões que caem sob os olhos do corpo", isto é, visões que são devidas seja ao apuro dos sentidos, seja à alucinação. Sabia-re naquele tempo, como se sabe hoje, que existem pessoas que podem ler uma carta dentro do envelope, conhecer uma carta de baralho vendo só o verso, ver luz colorida em volta de pessoas, animais e plantas (" au-

ras ") etc. Por outro lado, sabia-se, como se sabe hoje, que os sentidos podem funcionar em duas direções, que podem receber *impressões* de fora e projetar *expressões da alma para fora.* Nesse último caso, trata-se de alucinações. Existem alucinações enganadoras e alucinações reveladoras. Tudo depende do que a alma exterioriza pelos canais dos sentidos corporais. É bem possível, portanto - e isso acontece às vezes - que a alma transforme percepções autênticas e verídicas em alucinações, isto é, que ela as projete do plano psíquico - e até do plano espiritual - no plano físico. É então uma ilusão no que se refere ao plano físico, mas, ao mesmo tempo, é uma revelação no que se refere ao plano superior, ao qual pertence o original da cópia alucinada.

"Alucinacão" e "ilusão" não são sinônimos. Quando Martinho Lutero, como se narra, atirou um tinteiro na figura de um demônio (ou do próprio Diabo, como quer a tradição) que lhe apareceu, ele agiu, sem dúvida, na ilusão, no plano fenomênico, uma vez que o tinteiro não podia atingir o demônio. Mas, deve-se concluir daí que o demônio não estava presente? Que não havia nada, e que tudo não passava de jogo da imaginação, sem causa nem razão?

Não. Como existe histeria enganadora e "histeria da verdade" - é o caso, por exemplo, dos estigmas e dos ferimentos da coroa de espinhos que aparecem no corpo de pessoas que tiveram a experiência espiritual da paixão do Senhor - existem também alucinações reveladoras, isto é, "alucinações da verdade".

Voltemos agora à questão da relação entre fé autêntica e as experiências da clarividência, entre o estado do Enforcado e o estado do vidente.

Do que precede segue-se que a fé autêntica é sobretudo o fogo ardente do coração, que dá testemunho da realidade espiritual, e que as luzes que a acompanham são devidas à *revelação* do alto por meio dos três "lótus" ditos "superiores", o que, depois de santa Teresa, é a graça e o favor da "visão intelectual".

No que concerne à "visão imaginária" e, mais ainda, às visões devidas ao apuro dos sentidos ou ao seu funcionamento invertido (não na direção normal "mundo exterior-cérebro", mas na direção inversa "cérebro-mundo exterior"), que se verificam no caso de alucinação, elas não são fontes da fé autêntica e não têm mais valor do que o que a fé autêntica, a consciência moral e, conforme o caso, o raciocínio estão em condições de lhes atribuir. Em todo caso, a fé autêntica as precede, se elas significam uma contribuição reveladora para a vida espiritual da alma; a consciência moral as precede, se elas comportam enriquecimento da vida moral da alma; enfim, o raciocínio as precede se delas redunda aumento do saber ou a aquisição de informações novas para a alma.

Porque o que se vê ou se ouve deve ser ainda compreendido. E não se pode compreendê-lo sem a "luz imperceptível" e o "fogo de Emaús" reveladores. Não se pode apreciar seu valor sem o trabalho do raciocínio, se se trata de dados da natureza que aumentam o saber. **O**

raciocínio deve comparar os dados fornecidos pela experiência clarividente, classificá-los, procurar as relações entre eles e tirar, enfim, conclusões.

Clarividente ou não, toda experiência empírica é necessariamente hipotética. Somente a *fé autêntica* tem a certeza absoluta.

Assim, caro Amigo Desconhecido, devemos pôr em primeiro lugar a fé autêntica do fogo de Emaús; depois a mesma fé iluminada pela "luz imperceptível" vinda do alto, da "visão intelectual" - *depois disso,* tudo servirá ao provei to da alma: as "visões imaginárias", as visões devidas ao apuro dos sentidos, a experiência dos sentidos, o raciocínio morai e lógico, o estudo àe todas as ciências e até as alucinações, se elas vierem sem serem procuradas ou provocadas arbitrariamente. Não desprezes nada, não rejeites nada, se a tua fé é autêntica. É ela, e somente ela, que torna todas as coisas verdadeiramente úteis e que lhes dá o valor que elas não teriam sem ela.

Nisso está o essencial da mensagem do Enforcado, do homem invertido, cujos pés estão para cima e cuja cabeça está para baixo, cuja vontade zodiacalizada é a testemunha autêntica das verdades dos *doze artigos da fé,* e que vive suspenso entre os dois campos de gravitação opostos: o Céu e a Terra.

O Enforcado, *quem* é ele? O Santo, o Justo, o Iniciado?

Os três têm em comum que a sua vontade é órgão do Céu. O Enforcado pode ser visto como um ou outro, mas representa individualmente alguma coisa que é a síntese da santidade, da justiça e da iniciação. O Enforcado é o *Jó eterno,* o Provado de século em século, aquele que representa a humanidade perante Deus e Deus perante a humanidade. O Enforcado é o *Homem verdadeiramente humano,* e a sua sorte é a do homem verdadeiramente humano.

O Enforcado é o representante da humanidade que se encontra entre dois reinos, o deste mundo e o dos céus. Porque o que há de verdadeiramente humano no homem e na humanidade é o *Enforcado.*

E foi o Enforcado que disse há milhares de anos:

"Não está o homem condenado a trabalhos forçados
aqui na terra?
Não são seus dias os de um mercenário?
Como o escravo suspira pela sombra, Como
o mercenário espera o salário ... Oxalá
minhas palavras fossem escritas,
E fossem gravadas numa inscrição;
Com cinzel de ferro e estilete
Fossem esculpidas na rocha para sempre ...
Meus pés calcaram suas pegadas,
Segui seu caminho sem me desviar ...
Eu sei que meu Defensor está vivo
E que no fim se levantará do pó:

Depois do meu despertar, levantar-me-á junto dele,
Em minha carne verei a Deus.
Aquele que eu vir será para mim,
Aquele que meus olhos contemplarem não será um estranho.
Dentro de mim consomem-se os meus rins"
(*Jó* 7 ,1-2; 19,23-24;23,11; 19,25-27).

É esse o discurso do *Enforcado* através dos séculos.

XIII

A MORTE



A MORTE

A MORTE

A mulher respondeu à Serpente: "Nós podemos comer do fruto das árvores do iardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jard.m, Deus disse: "Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte". A Serpente d.sse então à mulher: "Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal:'
(Gn 3,2-5)

Ossos secos, ouvi a palavra de Javé.
(Ez 37,4)

Caro Amigo Desconhecido, nunca ficaste impresrionado pelos enunciados opostos de Deus e da Serpente a respeito da morte, em a narração da queda no livro do *Génesis?* Deus disse: Não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dele comeres morrerás. A Serpente disse: Não morrereis. Deus é formal; a Serpente também.

A Serpente simplesmente mentiu ou se trata de erro fundamental de sua parte? Ou a sua afirmação é verdade da ordem das *verdades próprias do domínio da Serpente,* que são mentiras no domínio das verdades de Deus? Em outros termos: existem *duas* imortalidades e *duas* mortes diferentes, umas do ponto de vista de Deus, as outras do ponto de vista da Serpente? De modo que a Serpente entenda por "morte" o que Deus entende por "vida", e entenda por "vida" o que Deus entende por "morte"?

Eu te convido, caro Amigo Desconhecido, a te esforçares para encontrar a resposta para ecsa questão, considerando os frutos de meu próprio trabalho. A resposta a essa questão é o Arcano da décima terceira lâmina do Tarô, "A Morte"; essa lâmina representa um esqueleto que ceifa só o que brota acima do solo negro e se eleva acima dele: as mãos, as cabeças ...

A nossa experiência empírica da morte é a do *desaparecimento* dos seres vivos do plano físico. Essa é a experiência que nos dão nossos cinco sentidos. Mas o *desaparecimento* como tal não ee limita a isso, uma vez que é experimentado também no domínio da experiência interior, ou da consciência. Imagens e representações desaparecem dela como os seres vivos desaparecem da experiência dos sentidos. É o que denominamos

"esquecimento". Todas as noites esse esquecimento se estende sobre nossa memória, nossa vontade e nosso entendimento, de modo que nós *nos esquecemos inteiramente.* É o que denominamos *sono.*

Para a nossa experiência toda (exterior e interior), o esquecimento, o sono e a morte são três manifestações da mesma coisa, a saber, da "coisa" que faz desaparecer. Diz-se que o sono é o irmão mais novo da morte; ajuntemos que o esquecimento é irmão do sono.

O esquecimento, o sono e a morte são três manifestações de intensidade diferente de um só princípio ou de uma só força, que faz desaparecer os fenômenos intelectuais, psíquicos e físicos. O esquecimento está para o sono como o sono para a morte. Ou ainda: o esquecimento está para a memória como o sono para a consciência, e o sono está para a consciência como a morte para a vida.

Esquecemo-nos, adormecemos e morremos. Lembramo-nos, despertamos e nascemos. A recordação está para o esquecimento como o despertar está para o sono, e o despertar está para o sono como o nascimento para a morte. Esquecemo-nos de nós mesmos quando adormecemos e recordamo-nos de nós mesmos quando despertamos. Quando morremos, é o mecanismo do esquecimento que age; quando nascemos, é o mecanismo da recordação. Quando a natureza se esquece de nós, morremos; quando nos esquecemos de nós, adormecemos; e quando perdemos o vivo interesse que tínhamos por alguma coisa, esquecemo-nos dela.

Não devemos, contudo, esquecer-nos de que os domínios respectivos do esquecimento, do sono e da morte são mais vastos e mais profundos do que o esquecimento intelectual, o sono orgânico e a morte clínica. Além do esquecimento intelectual, existem um esquecimento psíquico e um esquecimento da vontade, como há, além da memória intelectual, uma memória psíquica e uma memória da vontade. Assim pode acontecer que tenhamos recordação intelectual clara e precisa de um amigo de outrora, junto com um esquecimento psíquico total dele. Recordamonos dele, mas sem a viva amizade de antigamente. Pode até acontecer que nos lembremos intelectual e psíquicamente, isto é, com sentimento vivo, de uma pessoa da qual estamos esquecidos no domínio da vontade. Lembramo-nos dela talvez com ternura, mas sem podermos *fazer* nada por ela.

Além do sono orgânico, durante o qual estamos deitados e esquecidos de tudo, inclusive de nós mesmos, há um sono psíquico e um sono da vontade. Durante as dezesseis ou dezoito horas em que estamos acordados, algumas camadas de nosso ser psíquico estão dormindo. Quando estamos acordados, algumas camadas "dormem" para muitas coisas: para fatos, pessoas, idéias, Deus ...

E se Buda é considerado - e venerado - como "plenamente acordado" para os fatos da vida humana como a doença, a velhice e a morte, é porque aqueles que não são Budas sabem que dormem para esses fatos, não intelectual, mas psíquicamente e em sua vontade. Eles "sabem" e não *sabem* ao mesmo tempo. Porque *sabemos* verdadeiramente quando *com-*

preendemos o que sabemos, quando *sentimos* o que compreendemos e quando *pomos em prática* o que compreendemos e sentimos.

Do mesmo modo, além da morte clínica, há uma morte psíquica e uma morte moral. Durante os setenta ou oitenta anos de nossa vida, temos em nosso ser psíquico camadas mortas. Há coisas que faltam ao nosso ser psíquico e moral. A *ausência* da fé, da esperança e do amor não pode ser remediada por argumentos, nem por exortações, nem mesmo por exemplo vivo. Só um ato da magia divina - ou da Graça - pode *insuflar* a vida no que está morto. Se Cristo é venerado como o ressuscitado, é porque aqueles que trazem em si a morte sabem que só a Magia divina é que pode ressuscitar o que está morto neles e que Cristo ressuscitado é o penhor disco.

Ao esquecimento, ao sono e à morte - como também à recordação, ao despertar e ao nascimento - aplicam-se expressões imaginárias ou simbólicas próprias. Assim a *cor preta* é a imagem do esquecimento; os *tufos de erva* são a imagem do sono, e o *esqueleto* com o alfanje é a imagem da morte.

A cor preta é o símbolo do esquecimento tanto involuntário e natural como do esquecimento voluntário e sobrenatural do qual fala são João da Cruz, ou das três noites, a dos sentidos, a do entendimento e a da vontade, nas quais se dá a união da alma com Deus. Os tufos de erva ou as folhas são o símbolo do sono porque o sono profundo é o estado no qual vivemos a vida vegetativa. A vida orgânica - a respiração, a circulação, a digestão e o crescimento - continua, sem que a animalidade, a humanidade estejam presentes. Quando estamos imersos no eono, somos *plantas.*

O esqueleto é o símbolo da morte porque ela reduz o fenômeno do homem consciente, móvel, vivo e *material* ao que nele é *mineral,* o esqueleto.

O esquecimento natural reduz o homem à *animalidade;* o sono natural o reduz à *vegeta/idade;* a morte natural o reduz à *minera/idade.* O problema todo da morte, compreendendo os três graus - o esquecimento, o sono e a morte propriamente dita - ou *o Arcano da morte,* deve, por isso, apresentar-se a nós como a imagem de uma esfera negra, tendo acima de si tufos de ervas, e, acima delas, um esqueleto.

É precisamente assim que se apresenta a décima terceira lâmina do Tarô. A *contextura* da lâmina é a das três manifestações do *princípio da subtração:* o esquecimento, o sono e a morte. Nela vemos o solo preto, os tufos de ervas azuis e amarelas e o esqueleto ceifando.

A Lâmina contém ainda um quarto elemento, representado por cabeças, mãos e um pé humanos; sobre eles falaremos adiante.

O décimo terceiro Arcano do Tarô é, portanto, o do *princípio da subtração* ou da morte, que é o contrário do *princípio da adição* ou da vida. É necessário *subtrair* o Eu do corpo astral, do corpo etéreo e do corpo físico, para que se possa compreender o mecanismo do *esquecimento;* é necessário subtrair o Eu e o corpo astral do corpo etéreo e do corpo físico para se obter o estado de *sono;* é necessário, enfim, subtrair o corpo

etéreo do corpo físico para se obter o cadáver, isto é, o fato da *morte.* Esses três degraus da subtração constituem, em seu conjunto, o processo da *desencarnação* como os três graus da adição correspondente constituem o conjunto do processo da *encarnação.* Porque a encarnação é a adição do corpo astral ao Eu, a adição do corpo etéreo ao corpo astral e ao Eu, e a adição do corpo físico ao corpo etéreo, ao corpo astral e ao Eu.

Ora, o *alfanje* nas mãos do esqueleto da lâmina representa a obra da subtracão. Ele simboliza a forca da desincarnacão, isto é, a forca que corta 'os laços entre o Eu e o corpo astral (esquecimento), os laços entre o corpo astral e o corpo etéreo (sono), e os laços entre o corpo etéreo e o corpo físico (mortal).

Quais são os laços entre a alma e o corpo - melhor, entre a alma e *os* corpos - que são cortados pelos três princípios da subtração? Que é que une o Eu ao corpo astral, o corpo astral ao corpo vital ou etéreo e o corpo vital ao corpo físico? Em outros termos: como e por que lembramo-nos do passado, como e por que despertamos de manhã, como e por que vivemos algumas dezenas de anos?

Abstraiamos da imensa literatura que trata dessas questões e entreguemo-nos a um trabalho *meditativo,* isto é, trabalhemos para pensarmos *imediatamente* no assunto que nos ocupa, sem passarmos por fatos tomados de fontes que não sejam nossa experiência e nosca compreensão imediatas. Meditar é pensar para se atingir a certeza no foro interno, renunciando-se a toda pretensão de chegar a idéias de validade universal, a idéias que tragam alguma contribuição à *ciência.* Na meditação - e essas Cartas não são mais do que meditações - trata-se de uma questão, posta com toda a honestidade por nossa consciência, e à qual a nossa consciência responderá: "Que sei *eu?",* e não: "Que *se* sabe?".

Caro Amigo Desconhecido, abstraiamos, pois, para o momento, do que *se* sabe, do que *se* diz e do que *se* tem a dizer a respeito dos laços entre a alma e O3 corpos e vejamos - nós mesmos para nós mesmos - o que *sabemos e podemos* saber a respeito *deles.*

Consideremos, em primeiro lugar, o domínio do esquecimento e da recordação: a memória. No domínio subjetivo, a memória é a magia que efetua a evocação das coisas do passado, tornando-as presentes. Como o feiticeiro ou o necromante evoca os espíritos dos mortos, fazendo-os aparecer, também a memória evoca as coisas do passado e as faz aparecer à nossa vista interior mental. A *recordação* presente é o resultado de operação mágica no domínio subjetivo pela qual consigo fazer surgir do nada negro do esquecimento uma imagem viva do passado. Uma imagem viva do passado ... Marca impressa? Símbolo? Cópia? Fantasma?

Ela é marca impressa enquanto reproduz uma impressão recebida no passado; é um símbolo enquanto se serve de minha imaginação para representar uma *realidade* que ultrapassa sua representação imaginária; é cópia enquanto só quer reproduzir o original do passado; é fantasma enquanto é aparição surgida do abismo negro do esquecimento e

enquanto faz reviver o passado, tornando-o presente à minha visão interior.

Qual é a força que age na operação mágica subjetiva da recordacão?

, Tenho a experiência de quatro espécies de memória: memória automática ou mecânica, memória lógica, memória moral e memória vertical ou reveladora.

A memória automática ou mecânica raramente faz o ato de recordação. A recordação *acontece.* Ela se verifica segundo as leis do automatismo das associações, isto é, das semelhanças, das afinidades, dos contrastes etc. A recordação efetua-se sem que eu participe dela, a não ser como observador.· Essa espécie de memória oferece à minha escolha, por ocasião de cada impressão que recebo, uma multidão de imagens do passado. Assim, quando vejo um cachimbo, posso escolher entre as imagens do passado que se apresentam por si mesmas ao meu espírito: "Um velho lobo do mar que vi em tal lugar, no ano tal"; "um livro sobre os peles-vermelhas que falava do ritual do cachimbo"; "meu amigo S., que afugentava todo mundo, quando acendia seu cachimbo cheio de fumo cultivado e preparado por ele mesmo durante a última guerra" etc.

A memória lógica exige esforço, exige que a pessoa *pense* para se lembrar das coisas. Assim, se quero lembrar-me da Trindade hindu, mas esqueci-me de um dos três termos, pergunto-me: Se há o Criador e o Destruidor, Brama e Shiva, qual o outro princípio que *deveria* estar entre o Criador e o Destruidor? Concentro-me e esforço-me para preencher logicamente o lugar vazio entre os dois. Ah, é o princípio Conservador, Vishnu, digo-me.

Na memória lógica há menos automatismo e mais esforço consciente.

Na memória moral quase não há automatismo; a recordação não é mais alguma coisa que acontece, mas ato mágico autêntico, embora subjetivo. Ê o amor que age na memória moral quando ela relembra coisas do passado. Nela são a admiração, o respeito, a amizade, a gratidão, a afeição etc. que tornam as coisas do passado *inesquecíveis,* isto é, evocáveis a qualquer momento. Quanto mais alguém amou, tanto mais se recorda pela memória moral.

Regra geral, os jovens têm memória mecânica muito forte; mas, com a idade, ela se enfraquece, sendo ajudada pela memória lógica ou intelectual. As pessoas que não cuidaram de desenvolver o gosto pelo esforço intelectual, quando chegar a idade madura, terão dificuldades com sua memória. A memória mecânica ficará cada vez mais deficiente, o mesmo acontecendo com a memória lógica, chamada a supri-la.

Quanto à memória moral, será chamada, sobretudo na idade avançada, a substituir cada vez mais não só a memória mecânica, mas também a memória lógica e intelectual. Então é o coração que fornece a energia que alimenta e mantém a memória e supre a deficiência crescente da memória mecânica e da memória intelectual. A pessoa que tem deficiência senil da memória geralmente deixou de susbtituir em tempo as

funções da memória intelectual, sem falarmos da memória mecamca, pelas da memória moral. As pessoas que podem e sabem dar a todas as coisas valor moral e ver em todas as coisas sentido moral terão, em idade muito avançada, memória normal, se não excelente.

A memória moral, da qual nada está excluído, é tanto mais eficiente quanto menos indiferente for. A indiferença, a falta de interesse moral, é a causa fundamental das falhas freqüentes na idade avançada. Quanto menos indiferente é alguém, mais se lembra do passado e mais capaz é de aprender coisas novas.

Há ainda a quarta espécie de memória, que designamos como "memória vertical ou reveladora". Ela não é a memória do passado que liga as coisas no sentido horizontal: hoje, ontem, anteontem etc., mas no sentido vertical: aqui, mais em cima, e ainda mais em cima etc. Ela é a "memória" que liga não o presente ao passado do plano da vida física, psíquica e intelectual, mas que liga o plano da consciência ordinária aos planos dos estados de consciência superiores ao da consciência ordinária. Ela é a faculdade do "eu inferior" de reproduzir a experiência e o saber do "Eu transcendente", ou, se quiserdes, a faculdade do "Eu transcendente" de impregnar com sua experiência e seu saber a consciência do "eu inferior". Ela é a ligação entre o "olho superior" e o "olho inferior" que nos torna automaticamente religiosos, sábios e refratários aos assaltos do ceticismo, do materialismo e do determinismo. Ela é também a fonte da certeza não só de Deus e do mundo espiritual com seu seres hierárquicos, mas também da imortalidade do nosso ser e da reencarnação, no caso em que alguém se tenha reencarnado. "A aurora é amiga das musas" e outros provérbios dos povos - como *Morgenstunde hat Gold im Munde* ("a hora da manhã tem ouro na boca"), provérbio alemão, ou *Utro vechera mudreneyé* (" a manhã é mais sábia do que a tarde"), provérbio russo - referem-se aos benefícios da memória vertical, recebidos da manhã, depois do retorno da consciência do plano do "êxtase natural" ou do sono.

A "memória vertical" é mais eficaz à medida que os três votos sagrados - de obediência, pobreza e castidade - tornam o homem inferior capaz de ouvir, de perceber e de receber as coisas do alto sem distorções. A "memória vertical", no fundo, é desenvolvimento da "memória moral" levada a grau mais elevado. Por isso, no desenvolvimento da "memória vertical", o que conta é só a purificação moral trazida pela prática dos três votos sagrados. Os interesses intelectuais como tais não contam.

Eis esboçado o inventário do domínio da memória. Voltemos agora à questão: qual é a força que age na operação mágica s1•:.,J etiva da recordação?

Em primeiro lugar, devemos considerar que, na escala que apresentamos há pouco, a saber, "memória mecânica", "memória intelectual", "memória moral" e "memória vertical", trata-se dos graus *de afastamento e de proximidade* no que diz respeito à apreensão imediata; também dos graus de lucidez que a evidência pode atingir na apreensão do

"como" e do "por quê" do funcionamento da memória mediante a consciência. De fato, quanto mais mecânica é uma coisa, mais ela se afasta da apreensão imediata da consciência e mais misteriosa e incompreensível ela é. Na verdade, a explicação puramente mecânica não é explicação, porque afasta o objeto a explicar do domínio no qual a compreensão tem lugar, o das coisas sensíveis e pensáveis, para situá-las no domínio do inconsciente e, com isso, da incompreensibilidade. Aquele, por exemplo, que quer explicar o fenômeno do sorriso pelas contrações dos músculos da região da boca e da face, e essas pelos impulsos elétricos transmitidos pelos nervos da central chamada "cérebro", não dará nenhuma explicação do fenômeno do "sorriso", ainda que descreva corretamente o processo mecânico, isso porque faz abstração da *graça* da qual o sorriso émanifestação e a qual pôs em movimento tanto os impulsos elétricos dos nervos como os músculos da boca. O" que se manifesta no sorriso não são os nervos e os músculos, mas a graça.

A explicação mecânica não explica; ela desloca as questões do domínio da compreensibilidade para o da incompreensibilidade, da luz da consciência para as trevas do inconsciente. Porque o que denominamos "mecânico", na realidade, é o inconsciente ou, antes, "o que é privado da consciência", sendo assim inacessível à consciência intelectual e sensível.

A mecanicidade não é o domínio das respostas, e sim o cemitério das questões reais.

Por isso, na escala da memória, não devemos nem podemos procurar compreender a operação da recordação no domínio em que ela é inatingível e incompreensível, a saber, no domínio da "memória mecânica". Devemos procurá-la na outra extremidade da escala, onde ela está menos cercada das trevas da mecanicídade e onde ela revela melhor sua essência na luz da consciência, isto é, no domínio da "memória moral" e sobretudo no domínio da "memória vertical". Porque o que esclarece e explica os estádios anteriores é o estádio do desenvolvimento completo, e não vice-versa. É pelo máximo que compreendemos o mínimo, e não vice-versa. É a consciência que torna compreensível o mecânico e o inconsciente, sendo esse último a consciência reduzida ao mínimo, e não vice-versa. A chave da evolução biológica da natureza é o homem, e não a célula primitiva orgânica.

Devemos então procurar a chave da operação de chamada da memória no grau mais alto de seu desenvolvimento: a "memória moral" e a "memória vertical". Qual é, portanto, a força que age na operação mágica subjetiva da recordação tal como ela se revela na "memória vertical" e na "memória moral"?

Ei-la revelada em seu mais alto grau, uma vez que as outras não passam de manifestações análogas, mas enfraquecidas:

> *"Ora, Jesus* amava *Marta e sua irmã e Lázaro .... Ao chegar, Jesus encontrou Lázaro já sepultado havia quatro dias .... Jesus chorou ... comoveu-se de novo Jesus e dirigiu-se ao sepulcro. Era uma gruta, com uma pedra sobreposta. Disse Jesus:* 'Retirai a pedra' ... *Re-*

tiraram, então, a pedra ... Jesus gritou em alta voz: 'Lázaro, vem para fora!' O *morto saiu, com os pés e as mãos enfaixados e com o rosto recoberto com o sudário"* (]o 11).

Eis a *força da chamada* em sua manifestação mais completa, mais forte e mais elevada. Ela é o *amor,* porque "Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro".

A operação da *chamada* para a vida - ou ressurreição - tem *três* estádios: *vir,* "tendo Jesus chegado"; *retirar a pedra* e a *chamada,* "ele gritou em alta voz".

Primeiramente vir. "Vir e chegar" são a atividade que procura e encontra a *última porta* que separa aquele que chama daquele que é chamado. Os "mais ou menos quinze estádios" entre Betânia e Jerusalém, que o Mestre percorreu para chegar ao sepulcro de Lázaro, representam o primeiro esforço da operação de chamada: chegar o mais perto possível da pessoa a ser chamada.

Depois, retirar a pedra. É o esforço que vence a dúvida, a depressão, a fadiga, o desespero e tudo o que, como a pedra diante do sepulcro, barra o caminho ao que é chamado. Por analogia, somos incapazes, no domínio da memória vertical e da memória moral, de nos lembrarmos das coisas que julgamos perdidas para sempre. A dúvida e a falta de fé paralisam o esforço da chamada e são como a pedra colocada diante do sepulcro. Muitas vezes, se não sempre, essa pedra é a causa da ausência de todo sentimento vivo e convincente concernente às vidas anteriores e à reencarnação. Por mais que as reminiscências precisas e concretas batam à porta, a pedra colocada diante dela não lhes permite sair de sua profundeza e entrar na luz da consciência.

Enfim, a chamada. O "grito em alta voz" e o esforço culminante e supremo da operação de chamada pela força do amor, seja para a vida, como no caso de Lázaro, seja para. a memória, como no caso da chamada para a memória vertical e moral.

Quanto mais forte e audível é uma voz no mundo físico, tanto mais intensas são as vibrações que ela produz no ar.

No mundo espiritual, quanto mais audível, "forte", é uma voz, tanto mais esforço e *sofrimento* ela exprime. O *trabalho* e o *sofrimento* são o que torna nossa voz audível ao mundo espiritual e no mundo espiritual, criando nele "vibrações" suficientemente "fortes". Eis porque o rosário é a ave-maria repetida cento e cinqüenta vezes e o pai-nosso repetido quinze vezes. Porque se é o sofrimento que torna audível uma única palavra de uma oração jaculatória, por exemplo, "Jesus", o que torna audíveis as orações do rosário é o esforço repetido. Eu faltaria ao respeito devido à verdade se não dissesse que o *esforço* do rosário fundado no *sofrimento* faz dele um meio poderoso, às· vezes quase todo-poderoso, da Magia sagrada.

O "grito em voz forte", que é o ato decisivo de toda a operação de chamada, deve ser forte pelo esforço e pelo sofrimento: "Jesus chorou". E estremecendo de novo em si mesmo, ele se dirigiu ao sepulcro

e gritou com voz forte: "Lázaro, vem para fora!" O amor que chora e aplica todos os seus esforços à ação realiza o milagre da chamada do que está esquecido à memória e do morto à vida.

A recordação seria então milagre?

Sim, milagre. Mas, permite-me, caro Amigo Desconhecido, dizer sobre o milagre alguma coisa que considero da mais alta importância e da qual todo hermetista cristão e todo cabalista deveria tomar conhecimento, a saber, que *não há milagre fora* do miraculoso e *que o homem só é homem enquanto vive do milagre, pelo milagre e para o milagre.*

Tudo o que não é máquina - física, psíquica ou intelectual - é milagre, e tudo o que não é milagre é máquina - física, psíquica ou intelectual. A liberdade é milagre, e o homem é livre na medida que não é máquina - física, psíquica e intelectual. Não temos outra escolha, a não ser entre a máquina e a escravidão, de um lado, e o milagre e a liberdade, do outro.

A máquina humana funciona regundo um programa determinado, expresso pela máxima "o máximo de prazer com o mínimo de esforço", de modo ,a se prestar a uma predição precisa em suas reações às circunstâncias. No domínio intelectual ela rejeita toda noção e toda idéia que não se harmonizem com o sistema intelectual estabelecido nela; no domínio psíquico, ela rejeita tudo o que não se harmoniza com o complexo de "felicidade" estabelecido nela; e no domínio físico, ela segue automaticamente as ordens emitidas pelo complexo "instinto" estabelecido nela.

Há *funcionamento* normal da máquina humana quando um rico se declara anticomunista, e um pobre, pró-comunista. Mas é *milagre,* isto é, ato de liberdade, quando um rico abandona suas posses e abraça a pobreza corno o fez santo Antão, o Grande, bem como muitos outros santos que fizeram o voto de pobreza. O *milagre* de são Francisco não é só a cura do leproso, mas também o seu amor à "Dama Pobreza". Os milagres de Jesus culminaram com a ressurreição de Lázaro ou quando ele disse, em plena agonia, no Calvário: "Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem" (Lc 23,34)?

Tudo o que se *faz* é milagre; todo *funcionamento* intelectual, psíquico e físico da "natureza", isto é, do automatismo humano, é máquina. O *Sermão da montanha* é o ensinamento do *fazer* e do triunfo sobre o *funcionamento.*

> *"Amai os vossos inimigos, bendizei os que vos amaldiçoam, fazei o bem aos que vos odeiam, orai por aqueles que vos difamam e perseguem; desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai, que está nos céus"* (Lc 6,27-28; Mt 5,44-45).

Tal é o ensinamento que visa a libertar o homem da máquina, de todo *funcionamento,* e que é a escola do milagre.

Porque bendizer aquele que nos amaldiçoa é milagre do ponto de vista do funcionamento "normal e natural" das reações da máquina humana. Porque isso não acontece, é *feito* (é criado); repito: tudo o que

se *faz* é milagre, e nada é *feito* sem que seja milagre. Tudo o que não é milagre não é *feito,* mas acontece como parte do funcionamento automático. É pelo milagre que o ser verdadeiro se exprime e que seu verbo criador se revela.

É, pois, falso interpretar as fórmulas do começo do evangelho segundo João como ensinamento de uma espécie de racionalismo cósmico, análogo à doutrina do *nous* estóico etc., uma vez que as fórmulas do começo do Evangelho segundo João afirmam claramente o papel cósmico do *milagre* e que o mundo é devido ao milagre, isto é, que foi *feito* pelo Verbo criador, e que ele não é devido a algum funcionamento ou a algum processo automático, ainda que altamente intelectual.

"Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (Jo 1,3), diz o Evangelho, e o que dissemos sobre o milagre e a máquina, o "fazer" e o "funcionar", é a analogia microscópica da afirmação de alcance macroscópico do Evangelho segundo João.

Ora, "todas as coisas feitas pelo Verbo" abrangem também a *recordação* na memória vertical e moral. O ato da recordação pertence à esfera do "fazer", portanto, à do milagre, e não à esfera do funcionamento. A recordação na "memória lógica" é mistura do fazer e do funcionamento. A recordação na memória mecânica é só funcionamento.

Se a recordação é ato análogo à ressurreição de Lázaro, o que será o *esquecimento?*

O esquecimento apresenta escala análoga à da recordação. Ele pode verificar-se automaticamente, semi-automaticamente e de maneira livre e consciente, segundo a categoria da memória na qual ele se verifica. Na memória mecânica, o esquecimento é automático, as coisas são esquecidas. Na memória lógica, as coisas se afastam e se apagam aos poucos, caso não sejam lembradas de tempos em tempos no campo da atenção consciente. Na memória moral e na "memória vertical", *nada se esquece,* posto que o esquecimento é ato moral da vontade.

Examinemos o esquecimento segundo o procedimento adotado para a recordação, começando pela extremidade da escala na qual o esquecimento é ato da consciência e na qual ele é compreensível.

Todos sabem por experiência própria que qualquer esforço consciente comporta a concentração ou o recolhimento e, portanto, o *esquecimento* consciente e voluntário de muitas coisas que não se referem ao objeto de concentração ou de recolhimento. Quando oramos recitando o pai-nosso, esquecemo-nos durante algum tempo não só dos afazeres cotidianos, mas também de todas as outras orações.

O mesmo acontece com os *valores* espirituais e divinos: eles acarretam o esquecimento dos valores do mundo fenoménico. As três etapas do caminho que leva à união da alma com Deus - da purificação, da iluminação e da união - são a história de um só esforço crescente de concentração da alma em Deus. São João da Cruz, falando do efeito da experiência da união atual das faculdades da alma com Deus, diz:

"Depois de beber, na adega interior, o vinho misterioso da mais alta sabedoria de Deus, a alma se esquece de todas as coisas deste mundo. Os *conhecimentos de antigamente e até todas as ciências humanas lhe parecem pura ignorância em comparação com essa ciência que ela acaba de adquirir" (Cântico Espiritual,* estrofe XVII).

E ainda:

"Quanto mais a memória se une a Deus tanto mais fracos se tornam seus conhecimentos distintos anteriores, até desaparecerem completamente. Isso se dá quando, pela sua perfeição, ela chega ao estado de união. No começo da união, quando é feito o trabalho de união, é inevitável grande esquecimento de todas as coisas, uma vez que suas formas e suas perfeições se apagam aos poucos da memória. . . a memória é absorvida em Deus.
Mas, quando a alma já tem o hábito da união, o que para ela é o soberano bem, ela não tem mais esquecimentos desse gênero no que concerne à sua vida moral e natural. Ao contrário, ela denota perfeição superior em todas as ações que são convenientes ou necessárias, embora essas ações não provenham mais dos conhecimentos e das percepções da memória ... " (Subida do Monte Carmelo, livro Ili, capítulo 1).

Acrescento que os mestres da *Raja-Ioga, Bhakti-loga e /nana-Ioga* ensinam a prática do esquecimento completo do mundo f enomênico como meio para se chegar ao recolhimento perfeito. O ensinamento do esquecimento se encontra também na Cabala mística e na mística muçulmana, como também no sufismo.

O esquecimento é o meio de transição de um estado de consciência para outro. Até no caso do *sono,* que pode ser considerado como "êxtase natural", é necessário esquecer o mundo do dia para se passar ao mundo da noite. Para alguém adormecer, precisa poder esquecer. A insônia é devida à impossibilidade de esquecer.

E o despertar? Ele é simultaneamente o ato de recordação do mundo diurno e de esquecimento do mundo noturno. O despertar seria incompleto - e o é muitas vezes ~ se as experiências do mundo noturno não fossem esquecidas. A noite se misturaria com o dia, e a consciência seria incomodada nas tarefas e nos deveres do dia, tendo sua concentração impedida pelo assédio das reminiscências noturnas.

A morte e o nascimento?

Se a união mística da alma com Deus é o esquecimento do mundo fenomênico *e* a recordação de Deus, a morte é simultaneamente o *chamado do alto* e o *esquecimento em baixo.* As três etapas do caminho que conduz à união da alma com Deus - a purificação, a iluminação e a união - se repetem depois da morte: o *purgatório* é a purificação *(katharsis)* que precede a iluminação ou o *céu,* e o céu é o estado da alma quando ela chega à união com Deus, análoga à que os místicos experimentam em sua vida terrestre. Essa união, num e noutro caso, torna-se

habitual, o que é o soberano bem para a alma, a qual se recorda de novo da terra e de suas provações. A memória manifesta então uma "perfeição superior" em todas as suas ações dirigidas para a terra (como são João da Cruz o diz da alma que *tem o hábito da união* e cuja memória tem suas funções quase ressuscitadas).

Eis o que explica o culto dos santos. Eles são almas que têm o *hábito da união,* estando, por isso, de posse da memória superior divinizada, da qual fala são João da Cruz. E *não procuram* a união com Deus porque já estão unidos a ele. Por isso agem na terra em nome de Deus, com os olhos voltados para a terra, e não para Deus. Eles agem como órgãos da vontade de Deus.

Igualmente acontece com as hierarquias celestes, com os *anjos,* por exemplo. Os anjos da guarda não poderiam ser guardas dos homens se seus olhares estivessem voltados para Deus, porque assim estariam absorvidos na contemplação de Deus. É graças à sua "união *habitual"* com Deus, isto é, graças *ao fato consumado* da união de sua vontade com a vontade divina, que eles podem cumprir sua tarefa de guardas dos homens. Eles conhecem a vontade divina de maneira cega, pela intuição obscura de sua vontade, isto é, pela *fé* perfeita, ao passo que o que *vêem* é a terra e a vida humana na terra. Seus olhos, como os dos santos, estão voltados para a terra.

Esta é a razão do culto dos anjos da guarda.

Quanto ao nascimento, também ele pode ser "santo" ou "natural", isto é, pode ser ato de obediência à vontade divina ou efetuar-se em decorrência de "apelo da terra". Uma alma pode ser *enviada* à terra como pode ser *atraída* pela terra. No primeiro caso, trata-se de *ato* análogo à recordação da memória vertical e moral, isto é, análogo ao milagre da ressurreição de Lázaro; no segundo caso, trata-se de acontecimento semivoluntário e semi-involuntário no qual a alma cai - às vezes sem perceber - na esfera de atração terrestre, que a leva ao nascimento, fazendo-a esquecer aos poucos suas experiências do alto. O nascimento é então, simultaneamente, o esquecimento do céu e a recordação da terra.

De igual forma não acontece com o "nascimento santo". Nele, a recordação do divino é a força que efetua a encarnação. Não é então graças ao esquecimento do divino que a alma se encarna, mas graças à ma recordação. É no estado de "união habitual" com Deus que a alma se encarna. Assim a sua vontade não perde a recordação do divino. Essa recordação, firmemente fixa em sua vontade, age nela durante toda a sua vida terrena. Falar-se-á, então, de "missão" ou de "eleição". E com toda a razão. Porque a verdadeira missão não é o que o *homem* se propõe fazer na terra segundo seus gostos, seus interesses ou seus ideais, mas o que Deus quer que ele faça. As "missões" arbitrárias, embora inspiradas pelas melhores intenções do mundo, só contribuíram para atrapalhar a história humana. É a tais "missões" que devemos não poucas crises que perturbaram as tradições vitais da humanidade;

semelhantes a cometas passageiros, elas transtornaram o desenrolar tranqüilo e construtivo do verdadeiro progresso.

A verdadeira missão na terra serve à causa do enobrecimento e da espiritualização *do que é,* isto é, daquilo que vive como tradição. Ela traz o impulso que rejuvenesce e intensifica a tradição. As missões arbitrárias, ao contrário, visam a revolucionar o curso da história da humanidade e substituir por inovações intrínsecas aquilo que vive como tradição. Levando as coisas ao extremo, poder-se-ia dizer que a verdadeira missão *aperfeiçoa* tudo o que é humano na terra: a família, a civilização, a cultura, a religião etc., ao passo que as missões arbitrárias podem chegar a fazer apelo ao exterior, isto é, aos marcianos ou aos venusianos, para que venham reger os negócios da Terra!

Ora. o nascimento, o despertar e a recordação, de um lado, e a morte, o sono e o esquecimento, do outro, constituem, por assim dizer, duas colunas-força da realidade. Elas se manifestam tanto na respiração dos organismos, na circulação do sangue e na alimentação, como na memória e no ritmo do sono e do despertar e no do nascimento e da morte. Elas são o *sim* e o *não* em todos os domínios: no mental, no psíquico e no físico.

A máxima do Evangelho: "Seja o vosso 'sim', sim, e o vosso 'não', não; o que passa disso vem do Maligno" (Mt 5,37) mostra seu alcance nesse contexto. O "sim" e o "não" são o essencial da realidade, isto é, a *verdade* pura e simples, ao passo que "o que passa disso" vem do Maligno, isto é, pertence à esfera da Serpente. Porque a Serpente do *'Gênesis* tem a sua palavra própria - a palavra que é "o que passa" além do "sim" e do "não". Ela tem a posse de *terceiro* termo.

Voltemos aqui à questão que pusemos no começo desta Carta, a saber: dizendo "não morrereis", a Serpente simplesmente mentiu ou expressou uma verdade da ordem das verdades próprias do domínio da Serpente? Em outros termos: qual é "o que passa disso" que a Serpente acrescentou ao "sim" e ao "não" entendidos como a *vida* e a *morte?*

Se aceitas, caro Amigo Desconhecido, o que dissemos nas Cartas precedentes sobre a diferença de princípio entre a *vida* e a *eletricidade,* entre o princípio da Virgem e o da Serpente, podes facilmente aprofundar o segredo do "que passa disso" oferecido e prometido pela Serpente à humanidade, no que concerne ao "sim" e ao "não" compreendidos como a vida e a morte.

Eis o segredo: a Serpente ofereceu e prometeu, segundo o princípio do enrolamento, uma cristalização tal do ser humano que ele resistiria à morte e se tornaria, como se diria em inglês, *death-proo],* refratário à morte. Essa cristalização efetuar-se-ia por fricção, isto é, pela energia elétrica produzida pela luta do "sim" e do "não" no homem.

Certamente sabes, caro Amigo Desconhecido, que há escolas - ocultas ou outras - que ensinam e praticam a *cristalização,* e que há outras escolas que ensinam e praticam a *irradiação,* isto é, a descristalização completa do ser humano e sua transformação em "sol", em centro de irradiação. "Então os justos brilharão como o sol no Reino de

seu Pai" (Mt 13,43). Eis o fim prático das "escolas de irradiação", às quais pertence o Hermetismo cristão.

As "escolas de cristalização" são muito numerosas e espalhadas. Algumas são totalmente secretas e contam com realizações muito importantes; outras quase não vão além de movimentos populares "de saúde, de rejuvenescimento e de longevidade". Não falarei aqui das escolas totalmente secretas; o segredo é delas, não meu. Não falarei também dos movimentos mais ou menos populares. Para dar a conhecer o fim e os métodos das "escolas de cristalização", escolhi como exemplo e ilustração uma escola oculta que se situa a meio caminho entre as escolas secretas e os movimentos populares, porque tomou a decisão de se mostrar à luz do dia. Sou, pois, autorizado a falar dela e a citar seus documentos, acessíveis a todos.

Refiro-me à escola de Gurdjieff e citarei a obra de P. D. Uspensky, *In search of the Miraculous,* traduzida para o francês com o título de *Fragments d'un einseignement inconnu,* Edit. Stock, 1950.

Eis o ensinamento de Gurdjieff sobre a prática da sobrevida como foi compreendido e formulado por Uspensky:

"Durante uma conferência, alguém levantou a questão da reencarnação, perguntando também se se pode acreditar em casos de comunicação com os mortos.

Há várias possibilidades, diz Gurdjieff. Mas deve-se compreender que o ser de um homem, tanto em vida como depois da morte - se é que ele continua a existir depois da morte - pode ser de qualidade muito diferente. O "homem-máquina" para o qual tudo depende das influências externas, para o qual tudo acontece, que agora é tal homem e no momento seguinte é outro, e mais tarde um terceiro, não tem futuro de espécie alguma: ele está enterrado, e é tudo. *Ele é pó e retorna para o po.* Esta palavra se aplica a ele. Para que ele tenha vida futura de qualquer espécie que seJa, é necessária certa cristalização, certa fusão das qualidaces interiores do homem; é necessária certa autonomia em relação às influências externas. Se há em algum homem aiguma coisa que possa resistir às influências externas, essa coisa poderá resistir também à morte do corpo físico.

Ainda que alguma coisa sobreviva, seu futuro pode ser variável. Em alguns casos de cristalização completa, pode produzir-se depois da morte o que se chama 'reencarnação' e, em outros, o que se chama 'existência no além'. Nesses dois casos, a vida continua no 'corpo astral' ou com a ajuda do 'corpo astral. Sabeis o que essa expressão significa. Mas os sistemas que conheceis e que falam do 'corpo astral' afirmam que *todos os homens* têm tal corpo. Isso é completamente falso. O que é chamado 'corpo astral' é obtido por fusão, isto é, por uma luta, por um trabalho interior terrivelmente duro. O homem não nasce com 'corpo astral' . Somente pequeno número de pessoas o adquirem. Se ele se formar, poderá continuar a viver depois da morte do corpo físico e poderá também renascer em outro corpo físico ...

A fusão e a unidade interior são obtidas pela 'fricção' , pela luta do sim e do não no homem. Se um homem viveu sem conflitos interiores, se não se opõe a nada do que lhe acontece, ee vai sempre a favor da corrente, deixando-se levar pelo vento, permanecerá como é. Mas se se instaurar nele uma luta interior, e, principalmente, se, nessa luta, ele seguir determinada linha, então gradualmente começarão a se formar nele alguns traços permanentes, ele começará a se cristalizar.

A cristalização é possível sobre qualquer base. Tomai como exemplo um bandido autêntico. Conheci um assim no Cáucaso. Um bandido dessa espécie, com o fuzil na mão, ficará nas proximidades de uma estrada, atrás de grande pedra, horas e horas ... , à espera de oportunidade. Outro é monge, tem medo do diabo; passa a noite batendo a cabeça contra o solo e rezando. Assim a cristalização se completa ... Tais pessoas podem tornar-se imortais ... " (pp. 57 e 58).

Sublinhemos os pontos essenciais de texto acima. Em primeiro lugar, é o *corpo físico* que dá origem ao que é chamado "corpo astral", o qual será o portador da sobrevida. Em seguida, a imortalidade, que não é direito de nascença da alma humana, nem dom da graça divina; ela *se faz* pela cristalização, num corpo físico, de um corpo novo, que pode resistir à morte e sobreviver à destruição do corpo físico. Alma criada por Deus não existe; ela deve ser criada pelo homem, a partir do corpo físico humano. Ela é uma quantidade de energia cristalizada dentro do ccrpo físicc humano e gerada por ele, produzida por fricção ou pela luta do "sim" e do "não" no homem. Porque tanto o bandido como o mcnge e o ocultista podem tornar-se imortais pela *energia* que produzem com seu esforco.

· Trata-se, 'portanto, de plano de construção, a partir do corpo físico, de uma *torre* de quatro andares (p. 69), que se eleva da esfera da mortalidade à da imortalidade, da terra ao céu. A Bíblia conhece esse projeto de se construir "uma torre cujo ápice penetre nos céus" e de se fazer "um nome, a fim de não ser diperso sobre toda a terra". É o ideal e o método mais que milenar da construção da "Torre de Babel". Eis o que Gurdjieff diz a esse respeito:

"Segundo antigo ensinamento, do qual ainda subsistem traços em muitos sistemas de ontem e de hoje, quando o homem antigo atinge o desenvolvimento mais completo que lhe é possível em geral, ele se *compõe de quatro corpos.* Esses quatro corpos são construídos por substâncias que se tornam cada vez mais finas, interpenetram-se e formam quatro organismos os quais, embora independentes, têm entre si uma relação bem definida, capaz de ação independente.

O que permite a existência de quatro corpos é o fato de o organismo humano, isto é, o corpo físico, ter organização tão complexa que pode desenvolver-se, sob certas condições, um organismo novo e independente, que oferece à atividade da consciência um instrumento muito mais adequado e mais sensível do que o corpo físico ... Nesse segundo corpo, sob certas condições, pode formar-se um terceiro corpo, também com características próprias . . . No terceiro corpo, sob certas condi-

ções, pode crescer um quarto, tão diferente do terceiro como o terceiro é diferente do segundo e como o segundo é diferente do primeiro" (p. 69).

Um ensinamento oriental descreve da maneira seguinte as funções dos quatro corpos, seu crescimento progressivo e as condições desse crescimento: Imaginemos um vaso ou uma retorta cheia de diversos pós metálicos. Entre esses pós, que estão em contato uns com os outros, não existem relações definidas. Cada mudança acidental da posição da retorta modifica a posição relativa dos pós . . . É impossível estabilizar as relações mútuas dos pós em estado de mistura mecânica. Mas, devido à sua natureza metálica, eles podem ser fundidos. Para isso, acende-se um fogo especial sob a retorta; com o aquecimento, eles se fundirão e se misturarão uns com os outros. Assim, os pós se encontram no estado de composto químico. . . O que estava na retorta é agora indivisível, "individual". Isso é uma imagem da formação do segundo corpo. O fogo, graças ao qual se obtém a fusão, é produzido pela "fricção", a qual, por sua vez, é produzida pela luta, no homem, do "sim" e do "não" ...

"O processo pelo qual novas propriedades podem ser comunicadas ao amálgama corresponde ao processo de formação do terceiro corpo . . . O processo de fixação desses caracteres adquiridos corresponde ao processo de formação do quarto corpo ...

Assim o homem verdadeiro tem muitas propriedades que o homem comum não tem. *Uma dessas propriedades é a imortalidade"* (pp. 73-74).

O "fogo especial acendido sob a retorta" é devido à fricção, a qual, por sua vez, é produzida pela luta entre o "sim" e o "não". Esse fogo é o que entendemos por "eletricidade". É graças à eletricidade ou à energia produzida pela fricção que se opera o processo de *cristalização.*

Também os arquitetos da Torre de Babel se serviram do *fogo* para preparar os materiais para a construção. "Vinde! Façamos tijolos e *cozamo-los ao fogo.* O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa" (Gn 11,3).

O essencial do método de "construcão da Torre de Babel" é a *cristalização inversa.* A cristalização normal - a "pedra" - é o estado final do processo de transição do estado gasoso para o estado líquido e do estado líquido para o estado sólido. Assim o vapor se torna água líquida, e a água se torna gelo. O gelo é o vapor cristalizado. Do mesmo modo, uma intenção geral, mas quente e ardente, torna-se uma corrente do pensamento discursivo, o qual, por sua vez, chega a uma fórmula bem definida. Em outros termos ainda: o espiritual se torna psíquico, e o psíquico se torna corporal.

O processo de cristalização normal é, portanto, o da concretização do alto para baixo:

Espírito
Alma
/ Corpo

O processo de cristalização designado como "construção da Torre de Babel" se realiza, ao contrário, de baixo para cima:

↑ Espírito
↑ Alma
Corpo

Trata-se da transformação do psíquico e do espiritual em "corpo". É assim que queremos vencer a morte e realizar a imortalidade ... corporal. Porque, se o espiritual e o psíquico, tornando-se corporais, tornam-se mortais, não seria possível que o corporal, elevando-se ao psíquico e ao espiritual, se torne imortal?
Esse desígnio é realizável, ou não passa de ilusão pura e simples? Embora essa questão pertença ao quadro dos problemas do décimo sexto Arcano Maior do Tarô e seja tratada na décima sexta Carta, consideremos aqui alguns fatos para tirarmos deles uma primeira resposta.

Os fatos aos quais me refiro são os da *sobrevida corporal,* isto é, as *manifestações físicas* atribuídas - certa ou erradamente - a pessoas mortas ou a "fantasmas". Os "fantasmas" existem. Isso não é questão de crença, mas de fato. Uma literatura imensa, sem falarmos das experiências pessoais, testemunha a existência dos "fantasmas". Agora não se trata mais de acreditar ou negar, mas de compreender e explicar. Os "fantasmas" existem. Acontece às vezes, depois da morte de uma pessoa, que essa pessoa ou "alguma coisa" dela, ou semelhante a ela, se manifeste de maneira externa e física (ruídos, movimentos etc.) como *energia* ativa. É como se certa quantidade de energia, libertada depois da morte, mas permanecendo condensada, se manifestasse como alguém ou como "corpo" individual.

A análise das manifestações dos "fantasmas" permitiu-me reunir os seguintes traços característicos:

1) O "fantasma" é um ser constituído de energia elétrica psico-fisiológica e de consciência inferior à de pessoa humana normal.

2) A consciência que se manifesta pelas ações do "fantasma", pela sua maneira de agir em geral, é muito limitada e extremamente especializada. Somos tentados a caracterizá-lo como "maníaco", uma vez que ele se manifesta como *cristalização* de uma só paixão, de um só hábito ou de uma só idéia.

3) A energia que constitui o "fantasma" se enfraquece com o tempo - contanto que não seja alimentada pela atitude afirmativa e favorecedora do ambiente humano; ela se esgota. Pode-se fazê-la desaparecer, seja pelo ritual do exorcismo da Igreja, seja pela oração individual, seja por ação especial e corajosa que consiste em *apertar* e *aspirar* o "fantasma" de modo a recebê-lo em si e a dissipar a sua energia elétrica. Não ouso recomendar o último método por causa do perigo de choque elétrico - poderia ser excessivo - quando a energia do "fantasma" passa pelo organismo de quem o trata assim. Acrescento, contudo,

que essa experiência do choque elétrico dá a certeza absoluta da natureza elétrica do "corpo" do "fantasma". Ela pode também oferecer a prova - no foro interno, é claro - de que o "fantasma" não é alma de defunto, mas sim fardo que lhe pertence, ligado à alma de algum defunto por vínculo fatigante de responsabilidade.

No caso que mencionei, logo depois da dissipação da energia elétrica do "fantasma" pela sua passagem para outra pessoa, o defunto se apressa em manifestar sua gratidão pela libertação desse fardo pesado por meio de sonho muito vivo e muito claro.

Que é, então, o "fantasma"? Ê exatamente o que Gurdjieff ensina do produto da cristalização psíquica efetuada a partir do corpo físico, o qual pode resistir à sua morte. Ê o "corpo astral" (que, evidentemente, não tem nada a ver com o corpo astral do Hermetismo, o qual, na verdade, é o conjunto das recordações *psíquicas* da alma), o "corpo astral" do qual Gurdjieff diz que:

> *... se ele se formar, poderá continuar a viver depois da morte do corpo físico . . . Se ele não renascer no decorrer do tempo, morrerá também; ele não é imortal, mas pode viver muito tempo depois da morte do corpo físico"* (Op. cit., p. 57).

O "fantasma" se forma sempre em conseqüência da *cristalização,* isto é, de um desejo, de uma paixão ou de um desígnio de grande intensidade, que produzem um *complexo* de energia no ser humano. Assim, "o bandido autêntico" postado horas a fio com o fuzil nas mãos, atrás de grande pedra, nas proximidades de uma estrada, e "o monge que, por medo do diabo, bate a cabeça na terra e reza a noite toda" cristalizam em si mesmos um *complexo* de energia, um *duplo* psicoelétrico que poderá, como *complexo* compacto, resistir à morte.

Essa mesma coisa que *se produz* nos homens possuídos de desejos de paixões e de desígnios fortes pode ser realizada e *acabada* metodicamente mediante o uso científico da "construção da Torre de Babel". Poder-se-á assim não só animar o duplo cristalizado de um desejo, de uma paixão ou de um desígnio dominante, mas também muni-lo de aparelho intelectual de funcionamento muito desenvolvido e de memória mecânica na qual fiquem armazenados os fatos da experiência do plano físico. O "eu" de tal ocultista poderia então aliar-se a esse duplo que é portador de sua memória e de seu intelecto e encarnar-se de novo, tendo evitado o purgatório e todo o caminho da purificação, da iluminação e da união, que é a sorte da alma depois da morte.

O caso do ideal e do método de "construção da Torre de Babel" não depende então de ilusão pura e simples. Trata-se de *outra espécie de imortalidade,* a saber, daquela à qual a Serpente do Gênesis se referiu quando disse: Se comerdes do fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, *não morrereis.* Porque o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem *e* do Mal produz no homem a fricção interna da luta entre o "sim" e o "não", e essa fricção, por sua vez, produz o fogo elétrico que efetuará a cristalização, cujo produto resistirá à morte.

Eis o sentido da promessa - ou do *programa* - da Serpente. Este programa está subjacente no método milenar da "construção da Torre de Babel" e constitui o núcleo esotérico ou o segredo oculto da *ciência materialista em geral.*

Escolhemos Gurdjieff (e Uspensky) como exemplo do ideal do método de "construção da Torre de Babel", mas Gurdjieff - que é francamente materialista, no verdadeiro sentido da palavra, e desprovido de qualquer senso místico - só fala em nome do maior número. Ele não faz senão constatar com clareza aquilo que anima e estimula, de maneira inconsciente ou semiconsciente, milhares e milhares de sábios votados à causa da *longevidade* e da vitória da causa universal da *construção da Torre de Babel* sobre a morte, por meio da ciência humana, sem Deus e sem mística.

Gurdjieff é apenas representante da causa da ciência materialista, o qual, sabendo o que quer, sabe também o que a ciência materialista quer. Ele era, aliás, de boa índole, estava sempre de bom humor, era bom filho e bom companheiro e também inteligente e de bom senso. Seria falso, portanto, ver nele um "profeta das trevas" ou o instrumento de "missão satânica" especial. Não, ele era simplesmente bom representante da "sabedoria deste mundo", isto é, do bom senso e da experiência empírica, *sem nenhum misticismo.* Gurdjieff não é mais "satanista" do que Pavlov, o célebre fisiólogo russo, ou qualquer outro representante da ciência materialista.

Seu ensinamento prático e teórico sobre a cristalização de baixo para cima seguramente não é compatível com o processo de individuação de Carl Jung nem com o Hermetismo cristão e com a Cabala.

Porque também o Hermetismo ensina uma cristalização, mas de baixo para cima, isto é, a cristalização da qual o próprio Hermetismo, enquanto filosofia e saber, é produto, sendo a mística cristalizada a gnose, sendo a gnose cristalizada a magia, e sendo a magia cristalizada a filosofia e o saber que recebem o nome de Hermetismo. Assim - fazendo abstração dos estádios intermediários - pode-se dizer que o Hermetismo é a mística cristalizada, ao passo que o ocultismo materialista de Gurdjieff substitui e abole a mística pela ciência materialista cristalizada.

Voltemos ainda à questão do começo desta Carta: a Serpente do Gênesis simplesmente mentiu? Agora estamos em condições de responder: não. Ela opôs à imortalidade divina outra imortalidade, a, da cristalização de baixo para cima ou da "Torre de Babel". E apresentou programa temerário, mas real e realizável, com vistas a uma humanidade que seria composta dos vivos e dos fantasmas, reencarnando-se esses últimos quase imediatamente e evitando o caminho que leva ao Céu, passando pelo purgatório.

Vemos assim, caro Amigo Desconhecido, *por que* a Igreja tem sido hostil à *doutrina* da reencarnação, se bem que o *fato* das repetidas encarnações tenha sido conhecido, não podendo ser ignorado de grande número de pessoas fiéis à Igreja e detentoras de experiência espiritual

autêntica. O que é visado pela Igreja é o perigo de reencarnação pela via do "fantasma", via pela qual se evitam as etapas da purificação do purgatório, da iluminação e da união celeste. Porque a humanidade, durante sua vida terrestre, poderia sucumbir à tentação de se preparar para uma vida terrestre futura, em lugar de se preparar para o purgatório e para o céu. Preparar-se para uma vida terrestre futura, em lugar de se preparar para a Eternidade, vem a ser a cristalização no sentido da formação do duplo elétrico - do corpo do fantasma - que, por sua vez, poderia servir de ponte entre uma encarnação e outra e constituir o meio de se evadir do purgatório e de se evitar o confronto com a Eternidade. É necessário preparar-se, durante a vida terrestre, para o encontro com a consciência completamente despertada - o que é o purgatório - e para a experiência da Presença do Eterno - o que é o Céu - e não para a vida futura terrestre, o que seria a cristalização do "corpo da fantasma" . É mil vezes melhor nada saber sobre o fato da reencarnação e até negá-la do que voltar os pensamentos e os desejos para a vida futura terrestre e ser tentado a recorrer aos meios oferecidos pela promessa da imortalidade feita pela Serpente. Eis, pois, repito-o, o motivo pelo qual a Igreja, desde o começo, foi hostil à idéia de reencarnação e fez o possível para que essa idéia não se enraizasse na consciência e sobretudo na vontade da humanidade.

Confesso que sérias objeções de ordem moral fizeram-me hesitar por muito tempo, antes de me decidir a escrever sobre o perigo que a doutrina da reencarnação comporta e sobre o abuso que se pode fazer dela e que, na verdade, se faz. Estou certo, caro Amigo Desconhecido, de que compreendes o peso da responsabilidade de quem se decide a tratar da reencarnação, não como pertencente ao domínio da experiência esotérica, isto é, íntima, mas como ensinamento exotérico a vulgarizar, a fim de convencer a todos; foi essa responsabilidade que me determinou a falar do abuso prático do fato da reencarnação. *Rogo-te,* por isso, caro Amigo Desconhecido, que examines, à luz da consciência moral, a questão de saber se é justificável e desejável o modo de tratar a reencarnação como ensinamento exotérico - que foi adotado e é praticado em geral tanto pelos representantes do movimento ocultista francês dos séculos XIX e XX como pelos teósofos, antropósofos, "rosa-cruzes" etc.

Acrescento que, em última análise, trata-se não só do perigo moral da evasão do purgatório e da experiência da eternidade, mas também da *substituição de uma imortalidade por outra,* a saber, da de Deus pela da Serpente. Porque há *duas* mortes e duas imortalidades.

A "morte" da qual fala o pai da parábola do filho pródigo:

> *"este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado"* (Lc 15,24 e 32)

é o *afastamento do Pai e de sua casa,* ao passo que a morte do corpo físico equivale ao afastamento do plano físico e do campo elétrico da gravitação terrestre (da qual falamos na décima segunda Carta do Arcano "O Enforcado"). A recusa de tomar o caminho do purgatório e do céu

equivale à recusa de voltar para a casa do Pai, isto é, equivale à decisão de continuar *afastado* do Pai É isso precisamente que é a *morte* no sentido divino. A *cristalização* completa é, pois, a morte completa do ponto de vista divino, ao pasco que a vida completa é o estado de "irradiação como o Sol", isto é, o de descristalização completa. Assim as palavras divinas "da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer, significam que "no dia em que comeres da árvore do conhecimento do bem e do mal *afastar-te-ás de Mim".* E a promessa da Serpente, "não morrereis", significa: "Vivereis afastados de Deus, mas eu me encarregarei da continuação ininterrupta de vossa vida na horizontal, suprindo a falta da sabedoria e do amor divinos pelo intelecto e pela eletricidade psicofísica, que serão a fonte de vossa vida".

Portanto, a Serpente entendeu por "vida" o que Deus entendeu por "morte" e vice-versa.

Ora, o Hermetismo - tanto o antigo e pré-cristão como o cristão - sempre sustentaram a tese fundamental de toda verdadeira mística, de toda verdadeira gnose e de toda verdadeira magia sagrada segundo a qual há Vida e Morte *verticais* e vida e morte *horizontais:*

Vida

morte vida

Morte

E que a Cruz da humanidade - a Cruz do Calvário - é a das duas vias e das duas mortes opostas. Assim, a ressurreição não é só o triunfo da Vida sobre a morte, mas ainda o triunfo da 'Vida sobre a vida. Ela é a vitória da vertical sobre a horizontal, da irradiação sobre a cristalização. Por isso as mulheres que foram muito cedo ao sepulcro não encontraram o corpo do Senhor Jesus, e os dois homens que lhes apareceram em vestes fulgurantes lhes disseram: "Por que procurais *entre os mortos* Aquele que vive?" (Lc 24,1-5).

Não procuremos, também nós, entre os mortos aquele que está vivo e, sobretudo, não procuremos a imortalidade da Vida no domínio da morte - no domínio do intelecto conduzido pela eletricidade ou, para usarmos uma imagem tirada da Cabala, no domínio de Samael montado no Dragão.

A fonte da certeza da sobrevida e da imortalidade não são os fantasmas nem as almas do além; essa fonte está em outro lugar. Onde?

Na experiência do núcleo do ser humano e de sua relação com o sopro, a Luz e o Calor de Deus.

A certeza da imortalidade decorre da participação pela experiência em tudo o que é intrinsecamente indestrutível e imperecível, logo, imortal. Aquele que teve a experiência do seu núcleo, isto é, que foi uma vez *verdadeiramente ele mesmo,* atravessado pelo Sopro Divino, banhado pela Luz Divina e ardente do Calor Divino *sabe* o que é a imortalidade e que ele mesmo é imortal. Por mais que lhe expliques a "natureza epifenomenal" da consciência, isto é, que a consciência é apenas a

função do cérebro e do sistema nervoso e que ela é como o arco-íris no céu - um jogo de cores resultante da refração e da reflexão dos raios solares sobre as nuvens - por mais que lhe explique tudo isso, ele não deixará de pensar que tudo isso é falso e que o contrário é verdadeiro. Ele não poderá, talvez, encontrar argumentos válidos *para* ti contra o epifenomenalismo, mas *ele* não precisará disso. Porque ele deve sua certeza não a argumentos, e sim à experiência.

Imagina-te a reação de um são João da Cruz ou de uma eanta Teresa de Ávila diante de quem lhes quisesse provar, apoiado em todos os argumentos da ciência moderna, que a alma não passa de miragem produzida por reações químicas e elétricas do organismo! Provar isso a eles que várias vezes saíram de seus corpos, deixados em estado de completa insensibilidade, e voltaram cheios de vida e de luz, hauridas no além, não só de todas as reações químicas e elétricas, mas também -de todas as imagens sensíveis e de toda atividade intelectual!

A certeza da imortalidade pode, portanto, ser *absoluta,* isto é, pode não depender da validade ou da caducidade dos argumentos nem do modo pelo qual os fatos exteriores são bem ou mal provados. Ela é absoluta quando o homem tem a experiência do núcleo de seu ser e de sua relação essencial para Deus.

Conheço a crítica lógica, filosófica e psicológica do argumento cartesiano *cogito, ergo sum* (" penso, logo existo") e o aceito sem reserva *in foro scientiae* ("no foro da ciência"), mas não foi a força desse argumento, do núcleo de seu ser, mas a *experiência* que ele teve no tribunal da consciência *(in foro conscientiae),* quando, apesar de pensar da maneira admirável que lhe era própria, saiu do *pensar* discursivo e se viu 'de repente como *Pensador* dos pensamentos! Não, não foi um *argumento* lógico, mas uma experiência real íntima do Pensador no processo do pensar que deu a Descartes a certeza da realidade do "eu sou" que se manifesta no "eu penso".

O filosófo alemão Immanuel Kant (alma de pureza infantil, dotada de honestidade e de diligência notáveis) fez da experiência de Descartes um método novo para o esforço interior a fim de conhecer, a saber, o *método transcendental.* Este método pode ser definido como o esforço para transcender o pensar, no qual o pensador geralmente está imerso elevando-se acima dele, para *observar* o pensar - ou para "pensar o pensar" - de um ponto de observação colocado *acima do pensar discursivo.* A "descoberta copernicana" de Kant consiste principalmente em separar o Pensador do pensar "ingênuo", isto é, do estado no qual o pensador se perde no processo do pensar em que está imerso, e em ocupar um ponto acima do pensar, de onde o pensador pode examinar o pensar pensado de maneira totalmente separada e com veracidade implacável e incorruptível - é isso o "criticismo transcendental" de Kant. As suas obras *Crítica da razão pura* e *Crítica do juízo (Kritik der Urteilskraft)* são fruto da aplicação desse método ao projeto de *revisão* do conjunto de nossos conhecimentos; trata-se de ajustamento relativo às pretensões do intelecto e dos sentidos de poderem julgar as coisas do

domínio metafísico, por exemplo, Deus, a imortalidade da alma e a liberdade moral. Na *Crítica da razão prática* encontramos primeiramente os resultados do olhar crítico do Pensador voltado para o domínio do pensamento discursivo e das percepções dos sentidos, no qual ele estava mergulhado na véspera, mas, em seguida e ainda mais, o que o Pensador desse núcleo do ser humano tem a dizer.

Eis a essência do que ele diz:

"Eu deveria mudar profundamente a minha natureza ou aniquilarme, se dissesse que Deus não existe, que não sou livre e que não sou imortal. A estrutura de meu ser é tal que postula categoricamente a existência de Deus e da perfectibilidade infinita, da liberdade e da moralidade como tal, da imortalidade da alma e da possibilidade do aperfeiçoamento infinito".

Do mesmo modo que o argumento de R. Descartes, "penso, logo existo", é objeto da crítica aniquiladora dos lógicos, dos filósofos e dos psicólogos, também, evidentemente, o argumento fundamental apresentado por_ Immanuel Kant em sua *Crítica da razão prática* - e não menos fundado *in foro scientiae* ("no foro da ciência") - sofre os mesmos assaltos. É necessário repetir que não foi a *conclusão lógica* nem o argumento do pensar discursivo que deram a Kant a certeza de Deus, da liberdade e da imortalidade, mas a experiência real e íntima que ele adquiriu praticando seu método transcendental. Esse método revelou-se *autêntico exercício espiritual* e levou Kant à experiência do núcleo de seu ser - como Descartes - para tirar dele três certezas: a da realidade de Deus, a da realidade da liberdade moral e a da realidade da *imortalidade da alma.*

Como na */nana-Ioga* hindu, o iogue chega ao Eu transcendental primeiramente pela observação crítica de seu corpo, até chegar à experiência: "Este corpo não sou Eu"; depois, pelo exame crítico de sua vida psíquica - desejos, sentimentos, imagens da memória etc. - para chegar à experiência: "Esta vida psíquica não sou Eu"; enfim, pelo exame crítico de seu pensar, do qual ele se separa, e experimenta o Pensador, do mesmo modo que Descartes e Kant chegaram à experiência do Eu transcendental, elevando-se do pensar ao Pensador. Daí sua certeza do "Eu existo", e do "Eu sou livre e imortal e estou na presença de Deus".

Calem-se, pois, os detratores de Descartes e de Kant e compreendam que a sua crítica não *atinge mais* aquilo a que esses dois espíritos chegaram, a saber, a *experiência íntima* do núcleo de seu ser, do Eu transcendente! Que se deixe de repetir à saciedade que Kant "se teria mostrado infiel ao seu método e que teria traído seus princípios", que, envelhecendo e tornando-se senil, ele teria "caído no fideísmo de sua infância!" Kant não traiu nada, apenas chegou ao fruto maduro de sua vida e de sua obra. Querer-se-ia que ele não tivesse chegado a nada e que encerrasse sua vida como mestre da crítica e da dúvida? Que o esforço honesto e assíduo de sua vida não lhe tivesse trazido nenhuma experiência e nenhuma certeza a respeito do plano metafísico?

Vês assim, caro Amigo Desconhecido, que nossos grandes pensadores ocidentais - do mesmo modo que os iogues hindus - chegaram à experiência do núcleo do ser humano, do Eu transcendente, e que essa experiência lhes deu a certeza da imortalidade.

Sendo o Hermetismo a síntese da Mística, da Gnose e da Magia sagrada, oferece ele à humanidade *três* métodos de experiência, além do método "filosófico", para que ela chegue à certeza da imortalidade.

Em primeiro lugar temos o caminho místico tradicional da purificação, da iluminação e da união, que é a experiência voluntária e consciente das três etapas do caminho da alma humana depois da morte: pelo purgatório ao céu, e pelo céu a Deus. Encontrá-lo-ás não só nos grandes místicos cristãos, como Dionísio Areopagita, Boaventura, Teresa de Ávila, João da Cruz e outros, não só nos ensinamentos pré-cristãos dos tratados herméticos atribuídos a Hermes Trismegisto, como o *Poimandres,* mas também nos Grandes Mistérios pagãos, egípcios e outros, de onde as três etapas: a *katharsis* ("purificação"), o *fotismo* ("iluminação ") e a *henosis* ("união" ou identificação com o divino), que davam o conhecimento dos estados posteriores à morte e a certeza da imortalidade. Jean Marquês-Ríviêre diz sobre os últimos:

> *"(Eis) o ensinamento essencial do esoterismo tanto grego como egípcio: o conhecimento dos estados posteriores à morte para se vencer o medo dessa morte, medo fisiológico e humano.* O *iniciado conhecia o que o esperava; que poderia temer?" (Histoire des doctrines esotériques,* p. 90).

Como a prática da *concentração* é a "arte de esquecer", e a prática do recolhimento profundo ou da *meditação* é o domínio da "arte de dormir", a contemplação como é encontrada na iniciação autêntica conduz ao domínio da "arte de morrer". É pelo domínio do esquecimento, do sono e da morte que se chegava, no passado, que se chega, hoje, e que se chegará, no futuro, à experiência mística da alma unida a Deus, logo, à certeza absoluta da imortalidade. E se chegava, chega-se e se chegará a isso passando-se pelas três etapas do caminho eterno da mística: a purificação, a iluminação e a união. Como o mostra são João da Cruz, a *fé* autêntica se revela, age e cresce na purificação, a *esperança* é simultaneamente agente e fruto da iluminação e a *caridade* tem seu acabamento na união da alma com Deus *(A subida do Carmelo,* livro II, cap. V).

Esse é o caminho eterno, e ninguém pode inventar outro. Pode-se dividi-lo em trinta e três etapas - ou até em noventa e nove - pode-se revesti-lo de ornamentos intelectuais ou simbólicos, belos- ou simples, pode-se apresentá-lo em terminologias diferentes - sânscrita, cabalística, grega, latina etc. - tratar-se-á sempre do único e mesmo caminho da mística eterna - o caminho da purificação, da iluminação e da união - porque não há, nunca houve e não haverá outro.

Também o Hermetismo não pode oferecer outro caminho que não seja o da mística eterna, já que os métodos gnósticos, mágicos e filosófi-

cos estão fundados nele. Em outros termos: para se tornar gnóstico ou mago ou filósofo no verdadeiro e antigo sentido do termo, não é possível pôr de lado a purificação. Na gnose, na magia sagrada e na filosofia, sempre no sentido verdadeiro e antigo do termo, não é possível dispensar também a iluminação. Porque um gnóstico não iluminado não seria gnóstico, mas fantasioso; "mago" não iluminado seria feiticeiro; filósofo não iluminado seria cético ou diletante de jogos intelectuais. Quanto à fonte primeira da qual o gnóstico tira a sua revelação, o mago o seu poder e o filósofo as suas luzes é única: é o contato mais ou menos imediato da alma com Deus. O *caminho* no qual se avança é sempre o mesmo, seja qual for o método empregado: místico, gnóstico, mágico ou filosófico.

Há vários atalhos, mas um só caminho. Seja o que for que o homem faça, ele só avança e crê no sentido da purificação, da iluminação e da união. Sejam quais forem o conhecimento e a experiência que o homem tenha, o critério do progresso verdadeiro será somente o progresso na purificação, na iluminação e na união. Julga-se a árvore pelos seus frutos, julga-se o místico, o gnóstico, o mago e o filósofo pela sua fé, pela sua esperança e pela sua caridade, isto é, pelo seu progresso na purificação, na iluminação e na união.

A grandeza espiritual da alma se mede pela fé, pela esperança e pelo amor ou pela caridade. Buda viu que o mundo estava doente e, considerando-o incurável, ensinou os meios para se sair dele. Cristo, vendo que o mundo estava doente de morte, considerou-o curável e pôs em ação a força que cura o mundo, a que se manifesta pela ressurreição. Eis a diferença entre a fé, a esperança e o amor do Mestre do Nirvana e as do Mestre da Ressurreição e da Vida. O primeiro diz ao mundo: és incurável, eis o meio para pores fim ao teu sofrimento, logo, à tua vida. O segundo diz ao mundo: és curável, eis o remédio que salva a tua vida.

Dois médicos, um mesmo diagnóstico, mas um mundo de diferenças no tratamento!

A tradição ensina - e todo esoterista e ocultista sério sabe que é assim - que o arcanjo Miguel é o arquiestratego do exército celeste. Por quê? Porque a sua fé, a sua esperança e o seu amor são tais que fazem dele o chefe desse exército. Isso porque, no mundo espiritual, "ser chefe" significa ser menos sujeito do que os outros à dúvida, ao desespero e ao julgamento que condena.

A tradição ensina que o arcanjo Miguel representa o *Sol;* o arcanjo Gabriel, a *Lua;* o arcanjo Rafael, *Mercúrio;* o arcanjo Anael, *Vênus;* Zacariel, *Júpiter;* Orifiel, *Saturno,* e Samael, *Marte.*

Por que Miguel representa o *Sol?* Porque o Sol é o símbolo visível, a imagem mesma da fé, da esperança e do amor. Ele brilha para os bons e para os maus, sem se cansar nem deixar seu posto central.

A grandeza de Deus, a grandeza daquilo que, para nós, é *divino* nele, não é seu poder, no sentido de que ele seja mais forte do que o conjunto de todas as forças do universo; nem a sua presciência, no sen-

tido que ele, como engenheiro perfeito, preveja o funcionamento futuro das forças da máquina do mundo, pré-calculadas e predeterminadas, nem o fato de ele ser absolutamente indispensável como centro de toda gravitação - espiritual, psíquica e física - do universo. Não, o que é verdadeiramente *divino* em Deus, o que faz todo joelho dobrar-se diante dele, é a sua fé, a sua esperança e o seu amor. Porque, como cremos em Deus, também Deus crê em nós, mas com fé divinamente maior e mais elevada; sua esperança em relação a essa imensa comunidade de seres livres que chamamos "mundo" é infinita, como infinito é seu amor aos homens.

Não adoramos a Deus porque ele pode mais do que nós e sabe mais do que nós, mas porque ele tem mais fé, mais esperança e mais amor do que nós. O nosso Deus é infinitamente *nobre e generoso,* e não só todopoderoso e onisciente.

Deus é grande pela sua fé, pela sua esperança e pelo seu amor; e o *temor de Deus,* no fundo, é o de ferir tal nobreza e tal generosidade!

Ora, o Hermetismo cristão está fundado no caminho da mística eterna. Enquanto prática, é essa a sua base e o seu ponto de partida no domínio da gnose, no da magia sagrada e no da filosofia hermética.

A gnose - que, nem é preciso dizer, nada tem a ver com o método que consiste em tomar emprestados ensinamentos das seitas gnósticas para transformá-los em artigos de fé - é a contribuição da experiência mística ao entendimento e à memória. Ela se distingue da mística pura pelo fato de esta última ser uma experiência na qual a *vontade,* purificada e iluminada, está em união com o divino, enquanto o entendimento e a memória estão excluídos e permanecem fora do limiar da experiência mística. É precisamente o fato da não participação do entendimento e da memória na experiência mística que a torna inexprimível e incomunicável. A gnose, ao contrário, é a própria experiência mística *com a participação do entendimento e da memória,* que passam o limiar ao mesmo tempo que a vontade, embora permaneçam em estado de vigília. É o treinamento continuado por meio do *simbolismo* que os torna capazes de participar da experiência mística da vontade sem desfalecerem. Eles participam como *testemunhas,* guardando silêncio completo e fazendo o papel de *espelho.* Mas o resultado de sua presença como testemunhas da experiência mística da vontade é que essa experiência se torna *exprimível e comunicável.* O entendimento e a memória recebem em si a impressão dela. E essa impressão é o que entendemos por "gnose". Um místico é gnóstico enquanto e à medida que pode exprimir e comunicar aos outros suas experiências. "Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele", eis um enunciado místico. "Deus é Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo", eis enunciado gnóstico. Ou ainda. "Eu e meu Pai somos um" é enunciado místico; "na casa de meu Pai há muitas moradas" é enunciado gnóstico.

A gnose é, pois, fruto da participação silenciosa do entendimento e da memória na experiência mística da vontade. Digo "participação *silenciosa"* porque, no caso de uma participação *ativa,* não se trataria

mais de uma revolução, mas de enunciado produzido pelo entendimento e pela imaginação. Para aprendermos devemos ouvir, e para ouvirmos devemos calar-nos. O entendimento e a memória ou imaginação devem calar-se, se querem aprender, isto é, receber revelação do alto.

Como a gnose é fruto da participação do entendimento e da memória na união mística da vontade com Deus, do mesmo modo a magia sagrada é fruto da participação das três forças da alma na união mística com Deus, quando a alma, tendo tido a experiência da união com o divino, volta-se *para o próximo e para a natureza,* não para contemplar, mas para agir. Ela se torna então *maga.*

Todo místico é mago enquanto e na medida que *age* inspirado por sua experiência mística. A magia sagrada é a atuação do que o místico contempla e do que o gnóstico aprende por revelação.

Enfim, a filosofia hermética tira conclusões das experiências místicas gnósticas e trabalha para harmonizá-las com as experiências da vida terrestre e com as ciências que se ocupam delas.

É assim que o Hermetismo pode dar certeza "trismegista" - três vezes grande - isto é, as três certezas - a da experiência mística, a da experiência gnóstica e a da experiência mágica - da *imortalidade.*

Como vedes, essa certeza se produz em três - ou quatro - etapas do movimento revelador *descendente,* do alto para baixo. É o que a tradição chama "descida da Jerusalém celeste", em oposição ao método mencionado acima da "construção da Torre de Babel".

O Hermetismo cristão *(e* pré-cristão) pertence decididamente à grande tradição que pratica o método da "descida da Jerusalém celeste" e que trabalha na história, preparando a humanidade inteira para o acontecimento espiritual da "descida da Jerusalém celeste" em eccala universal. Porque "a descida da Jerusalém celeste" é, ao mesmo tempo, método prático das escolas espirituais, o conjunto das experiências interiores místicas, gnósticas e mágicas dos indivíduos, a transformação progressiva da civilização humana inteira numa "cidade celeste", isto é, numa cidade cujas leis sejam as do Céu, e, enfim, a obra de alcance cósmico da reintegração da natureza toda - a da realização de um "novo céu e de uma nova terra" - ou do mundo todo *curado.* Ela compreende, pois, tanto as experiências mais íntimas da alma individual como a história e a evolução de nosso planeta - segundo a lei: "nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser revelado (Mt 10,26) - porque tudo o que se passa na intimidade subjetiva se tornará um dia realidade objetiva. Segundo a lei *mágica* da história, o subjetivo se tornará um dia objetivo, e as aspirações, pensamentos e sentimentos de hoje serão amanhã acontecimentos da história. "Quem semeia ventos, colherá tempestades".

Essas reflexões nos levam de volta à lâmina do décimo terceiro Arcano do Tarô. Nela vemos que a Morte ceifa mãos, pés e cabeças que *aparecem acima do nível do solo negro.* Ela não ceifa a erva nem corpos humanos inteiros, os quais, aliás, não estão presentes. A Morte age como guardiã de determinado *nível* e corta todo membro do corpo humano

que ultrapassar esse nível. Ela age mais como *cirurgiã* do que como exterminadora. De que espécie de cirurgia se trata?

Falamos acima do método e do ideal da "construção da Torre de Babel", isto é, do método e do ideal pelos quais se faz *subir* a energia elétrica, depois de tê-la animado e intelectualizado, do organismo físico para os planos superiores, em primeiro lugar, para o plano vital ou etéreo, o plano "no qual cresce a erva", segundo a lâmina do décimo terceiro Arcano.

Mesmo quando essa subida não se efetua metodicamente e com conhecimento de causa numa escola oculta, ela se realiza parcialmente na prática; às vezes são só as "mãos elétricas" que conseguem subir ao plano vital ou etéreo, às vezes são os "pés", outras vezes só a "cabeça". A Morte de nossa lâmina vela para que o mundo vital não seja invadido por "emissários" do mundo físico. Ela, como verdadeira cirurgiã, *corta* os "membros" elétricos do corpo físico que aparecem acima do nível - que é o limiar entre os dois mundos - onde começa a região do mundo vital. Ela efetua, pois, a *amputação* dos membros *doentes* - no sentido em que usurpam o domínio da existência que não lhes pertence legitimamente - antes que o mal se torne irremediável.

Na lâmina, a Morte age, portanto, como guardiã do limiar entre os dois mundos e. para isso. ela aplica uma espécie de cirurgia.

Ora, não é a Morte o princípio da cirurgia no mundo?

E ela chamada a *matar,* a destruir? Ou não tem ela a missão de *curar* pela cirurgia?

A resposta que te proponho, caro Amigo Desconhecido, é que a Morte é o princípio da cirurgia no mundo. Ela efetua a amputação dos membros inúteis - e mesmo do conjunto dos membros inúteis, isto é, do corpo físico inteiro - a fim de livrar deles o ser humano inteiro.

Como há uma medicina naturista, que restabelece a saúde por regras e hábitos da vida sadia - dieta, sono, respiração, exercícios etc. -, como há uma medicina homeopática, que cura, ajudando o *organismo inteiro* a vencer a doença; como há a medicina alopática, que combate as doenças pelos contrários; como há uma cirurgia que salva a vida do organismo, sacrificando uma parte dele, há também um "mecanismo" curador hierarquizado analogicamente à escala hierárquica da medicina naturista, da homeopatia, da alopatia e da cirurgia.

A Morte corresponde à cirurgia no hospital cósmico. Eia é o último recurso para se salvar a vida. Acima dela há ainda três princípios destinados a manter e restabelecer a saúde do mundo e dos seres individuais que o habitam. A *mística,* a *gnose* e a- *magia* correspondem a eles. Assim, parafraseando a divisa da Revolução Francesa, poderíamos dizer:

Mística, gnose, magia - ou morte.

8.

XIV

A TEMPERANÇA



A TEMPERANÇA

A TEMPERANÇA

Ouvi-nos, Senhor santo, Pai onipotente e Deus eterno, e dignai-vos enviar do céu vosso santo Anjo, que guarde, proteja, visite e defenda tcdos os habitantes desta casa (Oração litúrgica do ofício que precede a Missa solene).

Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água iorrando para a vida eterna (Jo 4,13-14).

Em verdade, em verdade, te digo; quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus (Jo 3,5).

Por educação e por formação intelectual, pertenço aos "filhos do Céu". Mas por temperamento e por estudos profissionais, sou "filho da Terra". Colocado ass'm pela vida no coração de dois mundos, dos quais conheço, por experiência familiar, a teoria, a língua e os sentimentos, não estabeleci nenhuma barreira interior. Mas deixei reagirem, em plena liberdade, uma sobre a outra, no fundo de mim mesmo, duas influências aparentemenmente contrárias (Teilhard de Chardin, *Comment ie crois,* Avant-Propos, p. 1).

Caro Amigo Desconhecido,

A lâmina do décimo quarto Arcano Maior do Tarô nos coloca na presença de um anjo vestido de vermelho e azul e realizando ato estranho: ele está passando a água de um vaso para outro, segurando ambos quase horizontalmente, num ângulo de 45 graus, a uma distância conciderável um do outro.

A figura produz choque intelectual. Trata-se de *arcano,* algo que é necessário apreender e compreender acima do plano habitual da experiência e do pensamento. Convite à meditação profunda, ao exercício espiritual.

Qual é o problema que a lâmina, sua contextura toda, apresenta quase espontaneamente ao espírito de quem a observa atentamente? Qual a *mensagem* desse anjo com duas asas, veste vermelha e azul, segurando dois vasos, um vermelho, o outro azul, e fazendo a água passar, de modo misterioso, de um vaso para o outro? Não traria essa mensagem a boa nova de que, além da dualidade do "ou-ou", existem a do "não só, mas também" e a do "tanto-como"? O conjunto da lâmina com o anjo

não sugere o problema da *polaridade co-operante* com a *dualidade integrada?* Não sugere ele, à primeira vista, o pressentimento ou a suspeita de que é, talvez, graças às duas asas, aos dois braços, às duas cores da veste, aos dois vasos que a água jorra de um para o outro? E que essa água é fruto e dom do "tanto. . . como" da dualidade integrada, que salta aos olhos quando se vê a lâmina?

Assim, pois, a idéia que se apresenta logo ao espírito na presença da lâmina do décimo quarto Arcano é da ordem das idéias referentes *à polaridade* e às possibilidades que ela oferece para o conhecimento e a realização espirituais - mística, gnóstica e mágica do Hermetista.

Nas Cartas precedentes já falamos, sob diversos aspectos, da *dupla polaridade* - a do *polemos* ("guerra"), que produz a energia da ordem "elétrica", e a da cooperação ou "paz", que dá o impulso à força da ordem "vital". O anjo da lâmina do décimo quarto Arcano nos convida a voltarmos ao problema dessa dupla polaridade e dessa dupla dinâmica, prometendo novas luzes a esse respeito.

Um dos maiores entendidos na vida espiritual e na experiência espiritual autêntica, são Bernardo de Claraval, legou à posteridade uma doutrina de importância capital, a da *imagem* e da *semelhança* divinas no homem.

Eis os pontos essenciais dessa doutrina, que pode perfeitamente servir de ponto de partida para a investigação aprofundada da dupla polaridade:

> *"Deus fez o homem 'à sua imagem e semelhança'* (Gn 1,26). *No primeiro homem, antes do pecado original, a imagem e a semelhança divinas coincidiam. Mas essa coincidência não continuou depois do pecado. A imagem permaneceu intata, mas a semelhança inicial se perdeu. O homem, depois do pecado original, está na desfiguração da dessemelhança, embora conserve a imagem.*
> *O homem foi feito à imagem e à semelhança de Deus; pela imagem, ele tem a liberdade do arbítrio e pila semelhança, as virtudes. A semelhança foi destruída, mas o homem conserva a imagem. A imagem pode queimar-se na geena, mas não consumir-se: ela está ferida, mas não destruída; por tal destino ela não é abolida, mas subsiste. Onde a alma estiver, aí estará também a imagem. O mesmo não acontece com a semelhança; ela permanece na alma que faz o bem; a alma que peca se assemelha aos animais desprovidos de inteligência".*

Isso diz são Bernardo no sermão sobre a Anunciação da Bem-aventurada Virgem Maria (S. Bernardo, *Oeuvres,* t. I, p. 106).

A imagem é, portanto, segundo são Bernardo, a *estrutura essencial* do ser humano, e a semelhança é o conjunto das funções ou a *estrutura funcional.* O fundamento inalienável e inamovível da liberdade é a estrutura essencial e indestrutível do homem.

O homem *é* livre - e assim permanecerá por toda a eternidade na terra, no inferno, no purgatório e no céu - em toda parte e sempre.

A liberdade é então *fato absoluto.* Como tal, ela comporta a imortalidade; é este o argumento que se encontra na *Crítica da razão prática* de Immanuel Kant, porque, o que é seu "imperativo categórico" senão a imagem divina no homem?

Quanto à semelhança, isto é, ao conjunto das *funções* do ser humano, estabeleceu-se nele um foco de pecado com suas atrações para o mal. Essa semelhança é imortal só à medida que volta a ser conforme à imagem. Sua imortalidade é facultativa.

Eis o essencial da doutrina de S. Bernardo. Isso nos leva à seguinte questão: se a imagem divina no homem não sofreu nenhuma diminuição e se a semelhança divina nele, em parte foi ah-rogada e teve de ceder o lugar às inclinações e aos hábitos tendentes ao mal, existe na vida humana alguma coisa que contrabalance as inclinações más no organismo funcional humano, que oponha nele as iclinações boas às más? Sim, existe algo acrescentado a ele, com o papel de contrapeso das inclinações e dos hábitos viciosos que se enraizaram nele depois da queda primordial. Esse "algo" é o *Anjo da guarda.*

O Anjo da guarda se junta, como fiel aliado, à imagem divina no homem do mesmo modo que as inclinações viciosas se juntaram ao organismo funcional humano, que, antes da queda, era semelhança divina. O Anjo da guarda se encarrega das funções destruídas na semelhança pelo pecado original e preenche a brecha assim aberta. Ele se substitui às funções destruídas pela queda.

Como a oração do ofício da aspersão (que coloquei no começo desta carta) o precisa, rogando a Deus que se digne "enviar do céu seu santo Anjo, que *guarde, ajude, proteja, visite* e *defenda* todos os habitantes desta casa", o Anjo desempenha sua função de cinco maneiras: guarda, ajuda, protege, visita e defende.

Ele é, pois, a "estrela cintilante", o pentagrama luminoso acima do homem.

Ele *guarda* a *memória,* isto é, a continuidade do grande Passado no presente, que é a preparação para o grande Futuro. É o Anjo da guarda que vela para que haja um traço-de-união entre os grandes Ontem, Hoje e Amanhã da alma humana. Ele é uma "recordação" perpétua da semelhança primordial, da missão eterna confiada à alma na sinfonia cósmica e da morada especial da alma na "casa do Pai, na qual há muitas moradas" (Jo 14,2). Se necessário, o Anjo da guarda desperta reminiscências das vidas anteriores terrestres da alma a fim de restabelecer a continuidade do esforço, da busca e da aspiração da alma, de vida em vida, a fim de que as vidas particulares não sejam apenas episódios isolados, mas constituam etapas de um *só caminho* para um só termo.

O Anjo da guarda sustenta o esforço, a busca e -a aspiração da alma comprometida no caminho. Isso significa que ele preenche as lacunas do organismo funcional psíquico devidas à desfiguração da semelhança e supre suas deficiências, *na medida da boa vontade da alma.* Porque o Anjo *sustenta,* mas nunca substitui a vontade do homem pela

sua. A vontade continua livre sempre e em toda parte. O Anjo da guarda jamais toca no livre arbítrio do homem e se resigna a esperar a decisão ou a escolha feitas se forem acertadas, ou para ficar na posição de observador reduzido à prece, se não o forem.

As vezes o Anjo da guarda é obrigado a não participar da atividade da alma, a saber, quando esta atividade está em desacordo com a imagem divina da alma; mas, às vezes, ele pode tomar parte maior na atividade humana, quando esta atividade é de natureza a permiti-lo ou até a exigi-lo. Então o Anjo da guarda desce de seu lugar para o domínio da atividade humana. E *visita* o homem.

Essas "visitas" do Anjo da guarda verificam-se quando são possíveis e necessárias. Mas o Anjo da guarda *protege* o homem sem cessar. Ele supre as falhas dos sentidos humanos, que estão privados da clarividência que tinham antes do pecado original. Ele é o clarividente que ajuda o não-clarividente nas tentações e nos perigos psíquicos e físicos. E adverte, informa e ajuda a apreciar. Entretanto, o que ele nunca faz é suprimir as ocasiões de tentação. Porque, como o diz santo Antão, o Grande, "sem tentações, não há progresso espiritual". A tentação pertence, como parte integrante, ao exercício do livre arbítrio humano, que é inviolável tanto para o Anjo como para o demônio.

Quanto à última das cinco funções do Anjo da guarda em relação ao homem, a sua *defesa,* ela difere das outras porque é voltada para o alto. para o céu, não para baixo ou horizontalmente.

Tratando a questão da defesa que o Anjo da guarda concede ao seu protegido, aproximamo-nos do santo mistério do coração do Anjo da guarda. É a própria natureza do amor angélico que se revela nele. Eis algumas indicações.

Os Anjos da guarda se mantêm acima dos seus protegidos. Isso significa, entre outras coisas, que eles os *acobertam* em relação ao céu, em relação ao olhar do alto dirigido para baixo. O fato de os homens terrestres serem acobertados por seus Anjos da guarda perante a Justiça divina significa - além da guarda, da ajuda, da proteção e do contato - que os Anjos da guarda são os *defensores,* os advogados dos homens perante a Justiça divina. Como Moisés, que disse ao Eterno, quando os filhos de Israel cometeram o pecado mortal de preferir um deus de ouro ao Deus Vivo: "Perdoa agora seu pecado! Do contrário, apaga-me do teu Livro, que escreveste", do mesmo modo os Anjos da guarda "acobertam" seus protegidos da Justiça divina, o que equivale a declarar explícita ou implicitamente: "Perdoa seu pecado. Do contrário, apaga-me de teu Livro da Vida, que escreveste". Eis a defesa que os Anjos da guarda oferecem aos seus protegidos.

O Anjo da guarda cobre com suas asas seu protegido, conferindolhe seus méritos aos olhos da Justiça divina e tomando sobre si os deméritos dele. É como se ele dissesse: "Se o raio da ira divina deve cair sobre meu protegido, meu filho, que ele caia sobre mim, ou, se ele deve ser atingido, que nós dois sejamos atingidos juntos!"

O Anjo da guarda defende seu protegido como a *mãe* defende seu filho, seja ele bom, seja mau. É o mistério do amor maternal que vive no coração do Anjo da guarda. Alguns Anjos não são da guarda, têm missões diferentes. Mas os Anjos da guarda, enquanto tais, são mães de seus protegidos.

Assim a arte tradicional os apresenta como mulheres aladas. Por isso a lâmina do décimo quarto Arcano o representa francamente como mulher alada, vestido com roupa de mulher, azul e vermelha.

Os Anjos da guarda são a manifestação do amor maternal elevado e puro. Por isso a Santíssima Virgem e Mãe de Deus tem o título litúrgico de "Rainha dos Anjos". O amor maternal que ela tem em comum com os Anjos da guarda ultrapassa o deles e faz dela a sua rainha.

Como acabo de dizer, existem Anjos que não são da guarda. Não falo das oito hierarquias celestes, que estão acima dos Anjos, mas só da hierarquia dos Anjos, isto é, da *nona* hierarquia celeste.

Há Anjos que são "mensageiros", isto é, "anjos" (*angeloi,* "mensageiros". em grego) no sentido próprio do termo, e há anjos com missões e tarefas especiais - os anjos do Pai, do Filho, do Espírito Santo, da Virgem, da Morte, da Vida, do Carma, das Ligações interesféricas, da Revelação da Sabedoria, do Saber, da Disciplina Ascética - e vários outros. Muitos dentre eles representam o amor paterno ou o fraternal.

Não desejo dizer aqui nada que seja a favor ou contra o que Swedenborg afirma sobre o sexo dos anjos, mas gostaria de destacar o amor maternal dos Anjos da guarda bem como o fato de que outros anjos representam o amor paternal e o fraternal. É *neste sentido* - e só neste sentido - que eu **gostaria** que tu, caro Amigo Desconhecido, pensasses nos Anjos como em seres nos quais prevalece a ternura do amor maternal ou a justiça do amor paternal. Não se trata de projetar no céu a sexualidade terrestre, mas, ao contrário, de ver nesta uma reflexão - se bem que muitas vezes desfigurada - da polaridade do alto. Acrescento que a Cabala judaica - principalmente o *Zohar* - ensina admiravelmente a pensar as coisas da terra como reflexo das coisas do alto, e não inversamente. O *Zohar* é realmente uma das melhores escolas da pureza e da castidade no que se refere a tudo o que diz respeito ao Esposo e à Esposa, ao Pai e à Mãe, ao Filho e à Filha, ao Noivo e à Noiva nos mundos espiritual, anímico e físico. A verdadeira castidade não consiste em se recusar a olhar e ver ou mesmo em se negar, mas em se verem os protótipos celestes através e acima das coisas da terra. É essa castidade que se encontra e se aprende no *Zohar,* o Livro do "Esplendor" da Cabala judaica.

Voltemos, porém, aos Anjos da guarda.

Os Anjos, inclusive os Anjos da guarda, vivem e se movem exclusivamente na *vertical.* A subida e a descida constituem a lei de sua vida, a sua respiração. Eles sobem para Deus e descem para a humanidade.

Costuma-se dizer que os Anjos estão na contemplação perpétua de Deus. É verdade, se entendermos por contemplação o fato de eles estarem em contato permanente com a Santíssima Trindade e ofuscados pela

sua luz. A contemplação dos Anjos é a "contemplação escura" da qual fala são João da Cruz. Eles estão unidos substancialmente a Deus, mas não o *vêem.* Quanto aos Anjos da guarda, não se vêem um ao outro, nem vêem os seres das outras hierarquias, Arcanjos, Principados, Potestades, Virtudes, Dominações, Tronos, Querubins e Serafins. Porque a presença da luz transcendente divina neles envolve em trevas a sua percepção das esferas intermediárias entre Deus e a humanidade. A esfera que eles vêem é a da humanidade ou, melhor, as esferas de seus protegidos, nas quais eles exercem a clarividência, da qual o homem, que a perdeu, tem necessidade para sua proteção. É nessa esfera também que os Anjos descobrem a genialidade de compreensão sintética e profunda sem igual que lhes valeu, da parte dos homens, o atributo de "oniscientes ". Eles são os oniscientes, mas a facilidade com a qual se orientam nas coisas humanas e as apreendem - e, a esse contato, a sua sabedoria obscura divina resplandece - impressionou tanto os que tiveram a experiência do encontro consciente com eles, que os levou a considerá-los oniscientes. É a impressão recebida do contato com os Anjos que o termo "gênio" deve seu conteúdo primeiro, a saber, o de inteligência sobrehumana.

Mas - e é o lado trágico da existência angélica - essa genialidade só brilha quando o homem tem necessidade dela, quando ele dá motivo para o jorro de suas luzes. O Anjo depende do homem em sua atividade criadora. Se o homem não lhe pede, se se afasta dele, não há nenhuma razão para que ele exerça sua atividade criadora. Ele pode então cair no estado de consciência, no qual toda sua genialidade criadora permanece em potência e não se manifesta. Nesse estado que do ponto de vista humano pode ser comparado ao sono, ele vegeta. Um Anjo que existe para nada é tragédia no mundo espiritual.

Pensa, pois, caro Amigo Desconhecido, pensa no Anjo da guarda quando tiveres problemas ou questões a resolver, tarefas a cumprir, planos a formar, preocupações e temores a acalmar! Pensa nele como na nuvem luminosa do amor maternal acima de ti, movido só pelo desejo de te servir e de te ser útil. Não permitas que surjam em ti escrúpulos - nobres, aliás - que te façam temer que, dirigindo-te ao Anjo da guarda, deixas intercalar-se entre ti e Deus um ser que não é Deus e que te leva a abandonar a aspiração ao contato imediato entre a alma e Deus, ao toque direto e autêntico de Deus, sem intermediário! Jamais o Anjo da guarda se interporá entre tua alma e Deus de maneira a entravar, por pouco que seja, os acontecimentos do *Cântico dos Cânticos* entre tua alma e Deus! Ele só cuida de tornar possíveis esses toques imediatos e autênticos, de dispor tua alma para recebê-los; e se retira logo que o Senhor dele e teu se aproxima de tua alma. Em suma, o Anjo da guarda é a amiga da esposa nas núpcias espirituais da alma e Deus. O Amigo do Esposo que "preparava o caminho do Senhor e aplanava suas veredas" obedecia à lei do Amigo do Esposo segundo a qual "é necessário que ele cresça, e eu diminua"; a Amiga da Esposa, que prepara o caminho do Senhor e aplana suas veredas, obedece à mesma lei.

O Anjo da guarda se retira quando se aproxima alguém maior do que ele.

No Hermetismo cristão, isso se chama "libertação do Anjo da guarda". Ele é libertado - muitas vezes para missões novas - quando a alma já adquiriu, em sua parte de "semelhança", a disposição para a experiência mais íntima e mais imediata do Divino - experiência essa que corresponde a outro grau hierárquico. O Anjo da guarda libertado é então substituído pelo *Arcanjo.* As pessoas cujo guarda é o Arcanjo não só têm experiências novas do Divino em sua vida interior, mas também recebem vocação objetiva nova. Tornam-se *representantes* de grupo humano - de nação ou de comunidade cármica humana - o que significa que, daí por diante, as suas ações não serão mais só pessoais, mas terão ao mesmo tempo a significação e o valor das da comunidade humana que representam.

Assim era com Daniel; ele rezava nesses termos:

> "Nós *pecamos, cometemos iniqüidades, agimos impiamente e rebelamo-nos, afastando-nos dos teus mandamentos e normas ... Agora escuta, ó nosso Deus, a prece do teu servo e as suas súplicas. Faze brilhar a tua face sobre o teu Santuário devastado, em atenção a ti mesmo, Senhor! Inclina o teu ouvido, ó meu Deus, e escuta! Abre os teus olhos e vê nossas desolações e a cidade sobre a qual é invocado o teu nome! ...* " (Dn 9,5.17-18).

Ele falava e agia não só em seu nome, mas também - e principalmente - em nome do povo de Israel. E eis: o *Arcanjo Gabriel* "aproximou-se dele, num vôo rápido, pela hora da oblação da tarde. Instruiu-o e se entreteve com ele" (cf. Dn 9,21-22).

É um exemplo da libertação do Anjo da guarda e de sua substituição por um Arcanjo, aqui, o Arcanjo Gabriel.

Às vezes o Arcanjo também é libertado, sendo substituído por um ser da hierarquia das Potestades ou *Elohim.* O homem se torna então representante do futuro da humanidade. Ele vive no presente aquilo que a humanidade experimentará séculos mais tarde.

Assim Moisés, Elias e Davi, por exemplo, estavam sob a proteção das asas de *Elohim,* e não só suas palavras, mas também suas *vidas* eram *proféticas.*

Mas, objetará alguém, era *Deus* que se revelava e falava a Moisés, Elias e Davi, e não um ser da hierarquia das Potestades ou *Elohim.* A esta objeção podemos responder que, como houve profetas humanos por cuja boca falava o Espírito Santo, houve também seres hierárquicos pelos quais o Espírito Santo, o Filho e o Pai falavam e agiam. Assim os três Anjos que apareceram a Abraão, ao meio-dia, falavam e agiam como a Santíssima Trindade - o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Era então a Santíssima Trindade que falava - por eles - a Abraão.

Do mesmo modo Iavé-Elohím era o "portador" ou o "representante" de Deus, de sua palavra e de seu poder, no cumprimento da mis-

são recebida da Santíssima Trindade, a saber, a de preparar a Encarnação de Cristo.

Enquanto representante plenipotenciário de Deus, Javé-Elohim realizava o desígnio providencial da Encarnação; enquanto Elohim ou Potestade, agia como guarda de Moisés, de Elias e de Davi.

Enfim, também Elohim-Guarda pode ser libertado, sendo substituído por um ser da primeira hierarquia, por um *Serafim.* Foi assim com são Francisco de Assis. O Serafim que lhe transmitiu o ensinamento da crucifixão que lhe valeu os estigmas era seu Guarda. Por isso são Francisco representa mais que a humanidade; representa a humanidade divinizada, o Homem-Deus, o próprio Jesus Cristo.

Os estigmas nem sempre são visíveis. Há estigmas, por assim dizer, "voltados para fora" e estigmas "voltados para dentro" - mas todos os que estão sob a guarda de Serafim têm estigmas visíveis ou invisíveis. Porque eles representam Cristo.

Dos estigmas do ponto de vista *prático* tratamos na quinta Carta, sobre o Arcano "O Papa". Não convém tratá-los teoricamente. O respeito me proíbe fazê-lo.

Eis o que são João da Cruz diz sobre os estigmas de são Francisco:

> *"Quando a alma está abrasada do amor de Deus ... Acontece que ela se sente atacada interiormente por um Serafim. Esse espírito celeste, armado de uma flecha ou de um dardo abrasado do fogo do amor transpassa a alma, que já está toda em fogo como brasa ou que, antes, já é uma chama; ele a queima de maneira sublime e, ao mesmo tempo, a transpassa com seu dardo . . . Por isso, quando a alma é ferida por esse dardo inflamado, sente uma chaga de delícias inexprimíveis ...*
> *As vezes Deus permite que algum efeito desse favor apareça no corpo de maneira conforme ao que ele é no interior. A ferida e a chaga se mostram então exteriormente; foi o que aconteceu quando o serai im feriu de amor a alma de são Francisco, abrindo nela cinco chagas; o efeito se manifestou em seu corpo, que ficou marcado, também ferido como a alma. Porque em geral Deus não faz nenhum favor ao corpo, sem tê-lo jeito antes e principalmente à alma" (La vive jlamme d'amour,* segunda estrofe, pp. 950-951 e 952, Oeuvres spirituelles de Saint Jean de la Croix, Edit, du Seuil, Paris).

Vês assim, caro Amigo Desconhecido, como é a questão do Anjo da guarda e da união da alma com Deus. Não há motivo para se temer que seja causado o menor entrave a essa união pelos seres espirituais encarregados da guarda da alma humana. Ao contrário, eles fazem todo o possível - e mais ainda - para que a alma se una a Deus na intimidade completa, com autenticidade e com perfeita liberdade. A Amiga da Esposa a conduz ao Esposo e se retira. A sua alegria consiste em diminuirse e em ver a Esposa crescer.

A lâmina do décimo quarto Arcano representa uma mulher *alada.* Que significam essas asas e as asas dos seres hierárquicos em geral?

Tentáculos, patas, braços, asas não são formas diferentes de um mesmo protótipo ou princípio comum? Eles o são enquanto exprimem o desejo de levar mais longe o sentido do tato, de poder tocar coisas mais distantes do que as *qui* estão nas imediações do corpo. Eles são *prolongamentos* ativos do tato passivo e receptivo difundido pela superfície do organismo. Servindo-se deles, o tato vai além de sua órbita circunscrita

Os órgãos de ação são só vontade cristalizada. Caminho não por ter pernas, mas, ao contrário, tenho pernas porque tenho vontade de me deslocar. Toco nas coisas, pego-as e as dou não por ter braços, mas tenho braços porque tenho vontade de tocar nas coisas, de pegá-las e de dá-las.

É o "que" da vontade que gera o "como" da ação (órgão), e não inversamente.

Assim os braços são a expressão da vontade de levar o tato além da superfície do próprio corpo.

Também as *asas* são uma vontade exteriorizada, uma vontade tornada órgão. É a vontade de sair da órbita ordinária, não só na horizontal, mas também na vertical, de impelir o tato não só *para frente,* mas também *para o alto.*

As asas exprimem a vontade de movimento segundo a *cruz,* isto é, não só no sentido da *expansão* num plano, mas também no da *elevação* a outro plano.

Tudo isso se refere ao organismo corporal em seu *todo,* isto é, tanto ao corpo físico como ao corpo etéreo e astral. Existem, pois, asas físicas, como as dos pássaros, asas etéreas e asas astrais. As asas de corpo subtil, vital e anímico - como as asas físicas dos pássaros em relação ao ar - são órgãos de contato ativo com o "ar", isto é, com a substância e as correntes do mundo espiritual. Como o pássaro, cujo corpo é sólido e líquido, se eleva, por meio das asas, acima das regiões sólidas e líquidas para a região do ar, também o Anjo, por meio das correntes de energia vital e psíquica, que correspondem às asas, eleva-se no mundo espiritual superior, aos elementos vitais e astrais.

Aqui se detém a analogia. Porque existe também diferença essencial entre o funcionamento das asas físicas do pássaro e a operação das asas, diferença que são as correntes das forças vitais e psíquicas do Anjo.

O pássaro, quando voa, *apóia-se* no ar para vencer a gravitação terrestre. Seu vôo resulta de seu esforco - de *bater* o ar com as asas - dirigido *contra* a gravitação terrestre.

Com o Anjo dá-se o contrário. O seu "vôo" não é operação mecânica de "nadar no ar" como no caso do pássaro, mas *operação mágica* de estabelecimento de contato com a "gravitação celeste", isto é, com a atração divina. Ele não usa as asas *contra* a gravitação terrestre, mas *para* se pôr em contato com a "gravitação celeste". São os *toques* do amor divino que o Anjo procura e encontra por meio de suas asas e que o elevam em *êxtase* a uma esfera superior.

De forma lapidar, poderíamos dizer: o pássaro voa *batendo* as asas contra o ar, apoiando-se no ar; o Anjo "voa" *imobilizando* suas asas depois de ter tocado em Deus. O pássaro voa graças ao ar; o Anjo "voa" graças a Deus.

Em outras palavras, as asas do Anjo constituem suas ligações quase orgânicas com Deus.

Suas ligações, porque elas são duas. Uma asa o mantém em contato com o entendimento divino, a outra com a imaginação ou a memória divina. As duas asas se referem, pois, aos aspectos contemplativos e criadores de Deus, os quais, por sua vez, correspondem à *imagem e à semelhança* divinas no homem, das quais fala o Gênesis. Porque a imagem é o parentesco análogo *estrutural* do núcleo do ser humano - de seu Eu superior ou, segundo Leibniz, de sua Mônada - com Deus em repouso, ao passo que a semelhança é o parentesco análogo *funcional* do ser humano, isto é, de suas três faculdades - entendimento, imaginação e vontade - com Deus em ação.

As duas asas do Anjo são suas ligações com o *Shabbat* eterno e com a Criatividade eterna de Deus ou, em outros termos, com a *Gnose divina* e com a *Magia divina.* Por meio da asa "gnóstica" (ou "esquerda"), o Anjo está em contemplação da Sabedoria divina, e, por meio da asa "mágica (ou "direita") está ativo, na qualidade de mensageiro ou de "anjo".

Eis o *princípio* da polaridade subjacente na dualidade das asas.
Esee princípio é válido também para os anjos - e seres de outras hierarquias espirituais - que têm mais de duas asas (dezesseis, por exernpio). O estudo desse princípio caberá a uma futura ciência da "angelologia ", ramo da teologia mística, que devemos esperar que se desenvolva e cujos primeiros contornos foram traçados por são Dionísio Areopagita ou .. Pseudo-Dionísio", expressão pela qual os letrados designam o fundador da teologia mística; ela tem por objeto descobrir a razão ou as razões da pluralidade das asas em alguns seres angélicos. Quanto a nós, devemos limitar-nos à explicação geral das *duas* asas dos Anjos, lembrando-nos de que se trata, aqui, de meditação sobre o décimo quarto Arcano do Tarô, cuja lâmina representa um ser com *duas asas.*

Segundo a tradição, existem também homens dotados de asas. Assim a folha direita do tríptico que forma o círculo da *deesis,* ícone russo de Nicéphorus Savine, mostra são João Batista alado (começo do século XVII, escola de Stroganow, atualmente na Galeria Tretiakow, em Moscou; veja prancha 63 de *Icons-lkonen-Icônes* de T. Talbot Rice, Bathworth Press Limited, Londres). Também o Tarô de Bolonha mostra, no lugar do Eremita do Tarô de Marselha, um patriarca alado caminhando curvado sobre duas muletas, tendo atrás de si uma coluna (Oswald Wirth, *Le Tarot des imagiers du Moyen Age,* p. 145, onde ele está desenhado). Não se trata de Saturno, como Oswald Wirth interpreta essa *Lâmina do Tarô* de Bolonha, mas do Eremita, isto é, da essência da *via* do Hermetismo prático. Porque o velho alado diante de uma coluna e

apoiado em duas muletas não tem nada a ver, iconograficamente, com Saturno. exceto na idade avançada, ao passo que a contextura - coluna, asas, muletas - da lâmina põe em relevo tudo o que é essencial - tanto como acabamento quanto como prova - à via espiritual do Hermetismo. Tornar-se *coluna* é a meta do Eremita ou hermetista; o *meio* para se elevar como *coluna* são as asas; e o que é cada vez mais difícil para aquele que se "faz coluna" é o movimento horizontal. A contemplação que se estabelece como um estado cada vez mais permanente na alma - por meio das asas - torna-lhe sempre mais penoso o movimento horizontal de suas faculdades - entendimento, imaginação e vontade - mergulhadas na contemplação. O Eremita do Tarô de Bolonha é, pois, hermetista (e iconograficamente o patriarca representa mais Hermes Trismegisto do que Saturno; seu chapéu é oriental, e suas vestes são as que a tradição atribui ao "Ancião Hermes Trismegisto ") vivendo na vertical imobilizada, que se tornou "estilita espiritual" a expensas do movimento horizontal.

Não se trata da mitologia antiga, mas do Arcano da vida espiritual prática do Hermetismo.

As asas astrais e etéreas no homem significam um grau mais ou menos avançado de recuperação da semelhança divina. Porque antes do pecado original o homem era dotado de asas, perdendo-as depois.

Como recuperá-las?

As "asas" são órgãos dos corpos sutis - astral e vital - e não de atividades quaisquer do eu consciente. Em questão de asas, tratase do domínio do *inconsciente,* de tornar os esforços espirituais voltados para Deus, de fazer com que a oração e a meditação se tornem quase *orgânicas,* da transformação dos atos conscientes do eu em correntes psicovitais dos corpos sutis.

O conselho apostólico "orai sem cessar" (1 Tessalonicenses) é a chave para isso. Os *corpos* astral e vital podem orar sem cessar, o que não é possível para o eu consciente. Mas o eu consciente pode, por iniciativa própria, instaurar a corrente da "oração sem cessar" na consciência, antes de levá-la ao inconsciente psíquico (corpo astral) e ao inconsciente vital (corpo etéreo). Sim, ele pode levá-la até ao corpo físico como se vê nos *Récits sincêres d'un pêlerin à son pêre spirituel (otkrovennye rasskazy strannika dukhovnymu svoimu ottsu),* livro russo de autor anônimo do século passado, que trata do treinamento prático da escola da "oração sem cessar". Esse livro foi traduzido para o aiemão, o ingiês e o holandês; para o francês ele foi traduzido e prefaciado por J. Gauvain, Neuchâtel-Paris, 1943, no qual o peregrino - que é o autor do livro - ao despertar à noite, ouvia seu coraçao bater distintamente as palavras: "Senhor- Jesus Cristo - Filho de Deus - tem piedade - de mim, pecador" *(Gospodi Iisuse Khriste Syne Bozhiy, pomiluy mya greshnego).*

A .. oração sem cessar", estabelecida nos corpos psíquico e vital, constitui as correntes dirigidas para o alto nesses corpos, as quais *podem* chegar à formação de asas. Digo que *podem* porque a formação de asas

exige mais alguma coisa: a corrente do alto movendo-se ao encontro da de baixo. As *asas* se formam quando as duas correntes - a do esforço humano e a da graça - se encontram e se unem. O "Diabo" do décimo quinto Arcano do Tarô também tem asas, mas elas são formadas pela energia gerada em baixo e são desprovidas da graça do alto. As asas angélicas, ao contrário - bem como as da semelhança divina no homem a resgatar - são devidas à união do esforço e da graça, sendo o papel decisivo desempenhado pela Graça divina. Em última análise, as asas são um *dom* da graça divina,

O que o humanismo puro pode criar são asas de Icaro. A sorte de f caro é conhecida: as suas asas "de cera" se fundiram ao calor do Sol, e ele caiu na terra. Quanto ao demonismo, ele só pode desenvolver asas de morcego, isto é, as asas das trevas, as quais são órgãos que podem *levar* às profundezas das trevas.

A presença das asas autênticas e legítimas no inconsciente humano (isto é, nos corpos psíquico e vital) não deixa de ter efeitos na consciência do homem. Elas se manifestam principalmente e em geral como orientação constante da consciência para Deus. O homem tem sempre o sentimento da presença de Deus e do mundo espiritual. Nada pode sufocar nele esse sentimento.

Esse sentimento (que a Bíblia designa como "andar em Deus" ou "andar diante da face de Deus") se cristaliza em duas convicções inabaláveis: pode-se suportar tudo por Deus e pode-se fazer tudo com Deus. O *martírio* e a *taumaturgia* são as duas colunas sobre as quais a fé repousa e pelas quais ela conquistou o mundo antigo. A consciência é predisposta para o martírio pela "asa gnóstica ", e para a taumaturgia pela "asa mágica". Um homem alado está, pois, predisposto para o heróico e para o miraculoso.

Eis o essencial do problema das asas. Elas são o contrário das pernas, porque são os órgãos do contato com o Céu, ao passo que as pernas são os do contato com a terra. As primeiras nos põem em relação com a "gravitação celeste"; as segundas nos põem em relação com a gravitação terrestre.

Quanto aos *braços* - e o Anjo da lâmina do décimo quarto Arcano tem braços - eles estão em relação com a *horizontal,* isto é, com os campos de atração mútua dos seres que se encontram. Se a lei das asas é o amor de Deus, a dos braços é o amor do próximo. E a lei das pernas é o amor da natureza terrestre.

O Anjo da lâmina tem nas mãos dois vasos unidos pela corrente de água.

Encontramo-nos assim no coração do *problema dos fluidos.*

O problema dos fluidos é o do funcionamento dinâmico do ser humano *todo,* isto é, corporal, psíquico e espiritual. Ele equivale, na realidade, ao da *vida* entendida como processo compreensivo espiritual, psíquico e corporal. Porque como existe sistema de circulação física, existe também sistema de circulação vital e astral, que, por sua vez é reflexo do sistema de circulação que compreende o espírito, a alma

e o corpo - o *tríplice* corpo - como unidade viva. O princípio subjacente a esse sistema de circulacão total é a *semelhanca divina.* E como foi ela que sofreu o efeito desfigurador do pecado original, é missão do Anjo da guarda velar para -que o sistema de circulação total funcione da maneira mais sã possível. O Anjo da guarda se encarregou, pois, do funcionamento do sistema de circulação espiritual-psíquico-corporal, vale dizer, da *saúde* e da *vida* do ser humano todo. Por isso a lâmina do décimo quarto Arcano no-lo representa empenhado no cumprimento de seu ministério regulador do sistema de circulação ou fluídico humano. O sistema em questão abrange vários centros ativos - os "lótus", os centros nervosos e as glândulas, para citarmos só os principais - mas o funcionamento harmonioso de todos esses centros depende de uma só coisa, de um só ato, que se verifica na posição-chave: a corrente que constitui a relação entre a *imagem* e a *semelhança* no homem. A mônada (a imagem) não deve nem existir para nada nem inundar o sistema de circulação (a semelhança). No primeiro caso, o homem seria privado do estímulo para viver vida verdadeiramente humana, isto é, não seria orientado para a meta da existência humana. No segundo caso, o homem seria abalado pelo aumento do impulso vindo da mónada (a imagem), o que seria uma catástrofe irreparável. Ora, o que deve ser guardado e, de fato, é guardado pelo Anjo da guarda é a *medida certa* na relação entre a imagem e a semelhança.

Eis porque a tradição deu o nome de "A Temperança" ao décimo quarto Arcano do Tarô. Porque se trata da *medida* na relação fluídica entre a imagem e a semelhança, medida essa necessária para a *vida* e a *saúde.*

A medida certa na relação fluídica entre o radicalismo absoluto da mónada (imagem) e o relativismo da Personalidade fenomênica (a semelhança) constitui o princípio fundamental da saúde espiritual, psíquica e corporal. Essa medida equivale ao equilíbrio - sempre variando - entre a Eternidade e o Momento, entre o Absoluto e o Relativo, entre a Contemplação e a Ação, entre o Ideal e o Fenomênico. Pode-se dizer muitas coisas pertinentes sobre a oposição entre Maria e Marta - na verdade já foram ditas - mas nós viveremos vida sã somente na medida que as duas irmãs estiverem presentes em nós e forem ativas como *irmãs,* enquanto *colaborarem,* tendo em vista o Terceiro.

Ninguém pode dispensar em si a presença de Maria e Marta e permanecer são de espírito, de alma e de corpo. *Ora et labora* (" ora e trabalha ") não pode ser substituído por nenhuma outra fórmula. Porque não se pode viver sem contemplação, nem sem ação. É o que *Krishna,* na *Bhagavad-Gita,* fez Arjuna compreender: "E se o homem faz também todas as ações permanecendo sempre alojado em Mim, atinge, pela Minha graça, a condição eterna e imperecível" *tGita,* XVIII, 56).

É o que também são Bernardo valorizou em sua reforma, na qual a contemplação e o trabalho foram unidos. Foi o que ele propôs à Cavalaria cristã, em sua pregação da segunda cruzada e na Regra que deu à Ordem dos Templários. Em nossos dias, muitos criticam o santo por

ter aprovado e encorajado a cruzada, mas ele não fez nada mais do que apelar para os Arjunos cristãos no campo do novo *Kurukshetra,* no qual os dois exércitos, o do Islã e o da Cristandade, *já se tinham* enfrentado numa luta sem tréguas alguns séculos antes. A batalha começou no século VII de nossa era, quando os árabes invadiram os países cristãos do Oriente. Carlos Marte} os repeliu em Poitiers; com essa vitória (732) ele salvou a civilização cristã do Ocidente da conquista muçulmana. Deveria ele contentar-se com ter salvo o núcleo do Ocidente e tomar apenas atitude defensiva, a exemplo do império Bizantino, que, em seguida, aos poucos, foi totalmente conquistado pelos muçulmanos? No século XII, a grande batalha ainda estava em andamento. Pode-se exigir que são Bernardo pregasse o abandono da Terra Santa aos muçulmnos e o início de uma era de "coexistência pacífica", em detrimento dos países nos quais se encontrava o berço do cristianismo?

Seja o que for no que diz respeito às cruzadas, são Bernardo exigiu não só a contemplação ativa para os monges, mas também a atividade contemplativa para os cavaleiros como *Krishna* o havia feito mais de quinze séculos antes. Um e outro o fizeram porque sabiam que o homem é ser contemplativo e ativo ao mesmo tempo, que "a fé sem as obras é morta", assim como são mortas as obras sem a fé.

Na *teoria,* tudo isso é claro como a luz do dia. Na prática não acontece o mesmo. A prática comporta um *arcano* - um "tato" íntimo, que é o décimo quarto Arcano Maior do Tarô - "A Temperança".

A Temperança, como exercício espiritual, significa a tarefa de se apreender a relação entre a imagem ou a Mônada, a semelhança ou a personalidade fenomênica e o Anjo da guarda ou a graça individual. Isso quer dizer que é necessário encontrar a fonte, a corrente e a direção da vida interior, apreender a sua natureza e o seu papel - e trabalhar e viver em conformidade com esse conhecimento.

Examinemos em primeiro lugar a relação entre a imagem e a semelhança. Qual é a experiência íntima dela e como se revela?

Devemos responder sem rodeios:

O contato entre a imagem e a semelhança se experimenta como *pranto* interior. O pranto é a realidade do fato de que as duas irmãs - a imagem e a semelhança - se *tocam.* A experiência comum, dada pela expressão "estou tocado até às lágrimas" não é senão o reflexo daquilo que acontece quando a imagem e a semelhança se tocam. Elas misturam então suas lágrimas, e a corrente interior que disso resulta é a *vida* da alma humana.

A lágrima, o suor e o sangue são três substâncias do tríplice Mistério, místico-gnóstico-mágico do Homem. Ser tocado do alto é a lágrima; o esforço para se conformar com o que está no alto é o suor, e o matrimônio consumado da graça do alto com o esforço de baixo é o sangue. A lágrima anuncia os esponsais do Eterno com o Temporal; o suor anuncia a provação que eles comportam; e o sangue é a região na qual se celebram as núpcias da Eternidade com o Momento e na qual seu matrimônio é consumado.

O Mistério - logo, mais que o Arcano - é uno e indivisível: a lágrima, o suor e o sangue. Mas alguns só procuram e só percebem o Mistério na lágrima. Outros só esperam encontrá-lo no suor. Outros, ainda, pressentem que, além de todas as experiências interiores e de todos os esforços, existe a aliança pelo sangue e no sangue, e não querem conhecer nem reconhecer os outros dois aspectos do Mistério.

Eis as raízes interiores das três heresias principais (porque toda heresia séria é uma verdade superenfatizada em detrimento da verdade inteira, isto é, em detrimento do *organismo que vive da verdade),* porque aqueles que procuram só a lágrima são inclinados ao quietismo ou ao iluminismo; aqueles que preferem o suor, isto é, o esforço da vontade, caem facilmente na heresia pelagiana, negando a graça; e aqueles que procuram o mistério só no sangue chegam muitas vezes à heresia luterana, na qual as obras, isto é, o esforço, não tem nenhuma importância.

Mas o Mistério, repito-o, é uno e indivisível: a lágrima, o suor e o sangue - os esponsais, a prova e as núpcias - a fé, a esperança e o amor.

No que concerne à lágrima, ela escoa entre os dois vasos - da imagem e da semelhança - segurados pelo Anjo da guarda da lâmina do décimo quarto Arcano do Tarô.

O décimo quarto Arcano ensina, pois, o *exercício* espiritual dedicado ao *mistério da lágrima.*

A "lágrima" - do mesmo modo que o "suor" e o "sangue" - significa, como termo e como substância fluídica, mais do que o humor físico secretado pelas glândulas do olho; ela significa também o fluido sutil de natureza espiritual e psíquica que emana do coração, isto é, do "lótus de doze pétalas" da organização suprafísica do homem. A expressão "ter lágrimas na voz" já visa à lágrima interior, e a expressão "chorar suas faltas" vai mais longe na mesma direção.

O fato de haver lágrimas de dor, de alegria, de admiração, de compaixão, de ternura etc. significa que a lágrima é produzida em conseqüência da *intensidade* da vida interior. Ela é derramada - pouco importa se interior ou exteriormente - quando a alma, movida pelo Espírito ou pelo mundo exterior, sente intensidade mais forte em sua vida interior.

A alma que chora é, pois, *mais viva,* mais saudável e mais jovem do que a que não chora.

O "dom das lágrimas" foi sempre considerado pelos mestres da espiritualidade cristã como graça do Espírito Santo, porque é graças a esse dom que a alma se supera e se eleva a intensidade de vida superior ao que lhe é habitual.

Ora, o "dom das lágrimas" é fenômeno espiritual comparativamente recente na história da espiritualidade humana. No mundo antigo, "chorava-se" apenas *ritualmente,* isto é, por meio de lamentações verbais e pelos gestos prescritos de luto ou de pesar. Foi entre o povo eleito que se começou a chorar *realmente.* E foi uma manifestação da parte que o povo eleito tinha na preparação da vinda de Cristo, o qual chorou na res-

surreição de Lázaro e suou suor e sangue no jardim das Oliveiras. Ainda hoje os judeus preservam, cultivam e respeitam o "dom das lágrimas". Na narração do *Zohar,* toda revelação é precedida ou acompanhada do choro daquele que se beneficiou dela e que vai comunicá-la aos outros. O mesmo sucedia com os *çaddiqim* ("justos") e com os *hassidim* da Europa oriental, há uns vinte anos.

E o muro das lamentações de Jerusalém ...

A esse povo devemos, pois, não só a Bíblia, o Cristo encarnado e a obra dos Apóstolos, mas ainda o dom da lágrima quente e sincera, que é o fluido vivificante que emana do contato entre a imagem e a semelhança em nós. O anti-semitismo ... ! Uma gratidão elementar não deveria bastar para se conceder aos judeus ou para se pedir a eles que aceitem o lugar de honra na mesa da cultura européia, uma vez que esse lugar lhes é devido por direito humano e divino? "Honrarás teu pai e tua mãe", diz o mandamento divino. E, a menos que sejamos filhos ilegítimos ou enjeitados, quais são os pais espirituais que somos obrigados a honrar senão os judeus? Mas creio que, escrevendo essas coisas, estou agindo como homem que quisesse arrombar uma porta aberta. Porque não posso imaginar, caro Amigo Desconhecido, que, nessa matéria, o teu sentimento não seja idêntico ao meu.

Eu disse há pouco que as pessoas do *Zohar* choram quando compreendem uma profunda verdade espiritual. Eis o que se podia dizer a respeito sob o ponto de visto do Hermetismo cristão.

Há três modos principais na experiência espiritual autêntica: *visão, inspiração* e *intuição* ou *percepção* dos fenômenos espirituais, *comunicação* espiritual e *identificação* espiritual. A visão nos apresenta e nos mostra as coisas espirituais, a inspiração infunde em nós a' sua compreensão, e a intuição, mediante a assimilação com a nossa essência, revela-nos a sua essência. Assim são Paulo teve a *visão* de Cristo no caminho de Damasco, recebeu dele *comunicações,* às quais obedeceu e cuja execução constituía sua obra apostólica, incluindo-se nelas suas viagens; e quando ele disse "já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20), exprimia o conhecimento por identificação ou *intuição.*

Ora, a visão aumenta a experiência, a inspiração aumenta o conhecimento e a compreensão, e a intuição *é* a mudança e o crescimento não mais do que se compreende, mas do que se *é.* Pela intuição, a pessoa se torna outra; pela inspiração, ela apreende novas maneiras de pensar, de sentir e de agir, e pela visão alarga o domínio de sua experiência e tem a revelação de fatos novos, inacessíveis aos sentidos e à invenção intelectual.

Na prática, a visão, a inspiração e a intuição não são etapas sucessivas, porque há espirituais que têm só a experiência da intuição, enquanto outros são só inspirados, sem nunca terem visões. Mas, seja qual for a ordem desses modos de experiência espiritual, trata-se sempre do *tornar-se,* isto é, da intuição. Assim, pode-se dizer que, *em princípio,* a visão e a inspiração são meios para se chegar à intuição. Ora, a intui-

ção se realiza no *sangue,* a inspiração no *pranto,* e a visão no *suor.* Porque a visão autêntica comporta sempre aumento de esforço, o qual permite *suportá-le* e permanecer de pé diante dela. A visão tem peso às vezes opressivo, que exige grande esforço da alma para não dobrar-se.

A inspiração autêntica comporta sempre transtorno interior. Ela *penetra* na alma como flecha, ferindo-a e fazendo-a sentir profunda emoção, que é a síntese da dor e da alegria. O símbolo da Rosa-cruz - a cruz com rosa se abrindo no centro - exprime, do melhor modo que conheço, a essência da experiência da inspiração. A Rosa-cruz exprime com vigor e clareza o mistério da lágrima, isto é, da inspiração, pondo em relevo a alegria da dor e a dor da alegria trazidas pela inspiração.

Quanto à intuição, não se trata mais do peso da riqueza nem do romance dos esponsais da Rosa e da Cruz, mas do matrimônio consumado da Vida e da Morte. O que vive, nele morre, e o que morre, nele revive. Nele o sangue se mistura ao Sangue e se transforma alquimicamente de "fluido da separação" em "fluido da união".

Existem três modos de se "ver" a cruz: o Crucifixo, a Rosa-cruz e a cruz dourada com a rosa de prata.

O Crucifixo é o maior tesouro da *visão:* é a visão do amor divino e humano.

A cruz negra, na qual se abre uma rosa, é o tesouro da *inspiração:* é o amor divino e humano *falando* na alma.

A cruz dourada com uma rosa de prata é o tesouro da *intuição:* é o amor que transforma a alma.

Mas o Mistério da Cruz é uno e indivisível: quem não adora o Crucifixo não poderá inspirar-se nela ao ponto de a *aceitar* (o que é a inspiração), e menos ainda *identificar-se* com ela (o que é a intuição). Trata-se de uma *só* cruz, de um só Mistério Cristão indivisível. Erraria muito aquele que, em vez de ver no Crucifixo *o* caminho, *a* verdade e *a* vida, se decidisse, por exemplo, a fundar uma comunidade ou uma irmandade "da Ressurreição" que tivesse como símbolo a cruz dourada e a rosa de prata em lugar do Crucifixo, o símbolo universal da cristandade. Ele erraria, digo, porque as duas cruzes-rosas estão incluídas e implicadas no Crucifixo, mas não o substituem. É a cruz do Crucifixo que se torna inspiradora (a rosa-cruz) e que se transforma em luz solar (a cruz dourada que traz a alma receptiva - a rosa de prata). A ressurreição é a crucifixão chegada ao estado de frutificação, é a crucifixão *realizada.*

Não se pode nem se deve separar o *suor mortal* do Crucifixo da *lágrima* inspiradora da aceitação da Cruz (Rosa-Cruz) e do *sangue* transmudado pela identificação com a Cruz (Cruz dourada com a rosa de prata). O mistério do Suor, da Lágrima e do Sangue é *uno* e indivisível.

O mesmo se dá com o cristianismo. Ele é *uno* e indivisível. Não se pode nem re deve separar o cristianismo dito "exotérico" de sua gnose e de sua mística, logo, do cristianismo dito "esotérico". O cristianisnismo esotérico está inteiramente *dentro* do cristianismo exotérico, e não existe e nem pode existir separado dele. O Hermetismo cristão é vocação

especial dentro da comunidade cristã universal: a vocação para a *dimensão* da profundidade. Como existem, na Igreja universal, vocações para o sacerdócio, para a vida monástica e para a cavalaria religiosa, também existe uma vocação, tão irresistível e irrevogável como as outras, para o Hermetismo. É a vocação para a vida com a consciência da *unidade* do Culto (ou da magia sagrada cristã), da Revelação (ou da gnose sagrada cristã) e da Salvação (ou da mística sagrada cristã), como também da unidade da vida espiritual autêntica da humanidade inteira, durante toda a história, que foi, é e será sempre *cristocêntrica.* O Hermetismo é a vocação para se viver a verdade universal e eterna do prólogo do Evangelho segundo são João:

> *"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus ...* Tudo *foi feito por meio dele e sem ele* nada *foi feito.* O *que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens. Ele era a luz verdadeira que* ilumina todo homem que vem ao mundo ... "

A *unidade* da luz em todo o passado, no prerente e em todo o futuro, a *unidade* da luz no Oriente, no Ocidente, no Norte e no Sul, a *unidade* da luz na Magia, na Gnose e na Mística, enfim a *unidade* da luz no Culto, na Revelação e na Salvação - eis a vocação hermética, que, repito-o, é tão irresistível e irrevogável como a do sacerdote, do monge e do cavaleiro religioso.

Acrescento que é a vós, que sois irresistível e irrevogavelmente chamados ao Hermetismo, que dirijo essas cartas, e é a vós que chamo de "Caros Amigos Desconhecidos". Tenho também Amigos Conhecidos, mas a maior parte deles está no mundo espiritual. Por isso, com mais forte razão dirijo-me a eles nestas cartas. E quantas vezes, enquanto as escrevia, sentia o abraço fraterno desses amigos, inclusive de Papus, Quaita, Péiadan, Eliphas Levi e Claude de Samt-Martin!

Amigos, Amigo aqui e lá, o Mistério é uno e indivisível, selado pelo Suor, pela Lágrima e pelo Sangue! Vós, Amigos que estais *lá,* vós o sabeis agora: existe *uma* só verdade, *uma* só luz, *um* só Cristo, uma só comunidade, e não existem exoterismo e esoterismo separados, nem comunidades exotéricas e esotéricas separadas! Saibam-no também os Amigos que estão *aqui!*

A lagrima é o elemento próprio da inspiração. E aquele que - interior ou exteriormente - é levado a chorar diante de um Crucifixo já está inspirado. Ele contempla então a Rosa-cruz no Crucifixo. E aquele que fixa seus olhos no Crucifixo, no momento supremo da agonia, quando seu sangue se vai esfriar, e tira dele calor novo, em lugar do calor que o vai deixar, este vê a intuição. Ele já contempla a cruz dourada com a rosa de prata.

A inspiração é o princípio que age no choro. Do mesmo modo que o choro, também a inspiração se manifesta como "corrente entre dois vasos". Na inspiração, seja qual for sua verdadeira fonte, trata-se de corrente produzida entre o Eu superior ou a Imagem e o eu inferior

ou a Semelhança. Trata-se da corrente que redunda da *colaboração simultânea* do "olho (ou ouvido) superior" e do "olho (ou ouvido) **inferior".**

O
ti_>o - Inspiração O

Em outras palavras, estando o entendimento superior em contato com o entendimento inferior, eles vibram em uníssono, cada um com a sua Voz e com a sua linguagem. Assim eles produzem juntos inspiração concreta.

A "técnica" da *visão* difere da da inspiração porque, na visão, não se trata da colaboração simultânea de dois "olhos" (ou ouvidos) - superior e inferior - e sim da *impressão* passiva que só o eu inferior recebe do alto. Como não se trata da colaboração de dois .entendimentos, pode acontecer que o inferior (a personalidade) tenha uma visão, sem compreendê-la. E essa incompreensão pode durar muito tempo.

o

O - Visão

Também a intuição procede de *um só* princípio ativo; mas=o eu inferior se identifica com o eu superior, isto é, se eleva a ele e se apaga nele até tornar-se presença passiva e muda. Então é só o Eu superior que age.

O ----+
Intuição **t**
O

Esses três esquemas representam ao mesmo tempo os arcanos da Lágrima, do Suor e do Sangue. Na intuição, na qual o eu inferior experimenta uma espécie de morte, que é transformada em Vida no eu superior, realiza-se o mistério do Sangue, simbolizado pela cruz dourada com a rosa de prata.

Na visão, na qual o peso da revelação do alto cai sobre o eu inferior e deve ser suportado por ele, trata-se do mistério do Suor, simbolizado pela Cruz do Crucifixo, pela cruz que o Crucificado levou ao Calvário e sob cujo peso caiu três vezes.

E na inspiração, na qual a Imagem intata e a Semelhança decaída se unem para darem origem à nova palavra, trata-se do mistério da Lágrima, simbolizado pela rosa-cruz.

O mistério da Lágrima e da inspiração é visado de modo especial pelo décimo quarto Arcano do Tarô; ele é o exercício espiritual dedicado à inspiração.

A inspiração, como decorre do que precede e como resulta também de toda experiência autêntica, não é algo que simplesmente *aconteça,* como no caso da visão nem algo que aconteça no termo dos esforços de abnegação e mortificação para chegar ao nada de si mesmo, como na intuição; a inspiração é *co-atividade,* atividade combinada do eu

superior e do eu inferior. Ela é essencialmente a corrente que emana ao mesmo tempo de dois vasos.

O *arcano* prático da inspiração consiste em se saber ser ativo e passivo a um só tempo. Ativo, no que concerne à *questão* ou à pergunta; passivo, no que concerne à *resposta* ou à rolução.

Seria inútil, portanto, formular interiormente uma questão e, em seguida, adotar atitude passiva, tão calma e silenciosa quanto se quiser, na espera de resposta por inspiração. Em geral, pode-se prestar atenção e esperar assim por bastante tempo, sem que aconteça coisa alguma.

Seria igualmente inútil fazer grande esforço de pensamento discursivo e de imaginação para se forçar a inspiração, como se ela fosse o "salário de trabalho bem feito".

A *passividade* da espera e a *atividade* do pensamento e da imaginação não podem chegar separadamente ao estado de alma apto para a inspiração; é necessária a *simultaneidade* da atividade e da passividade.

É o que vamos tentar explicar.

O racionalismo do século XVIII propôs a fórmula: o que é claro é verdadeiro. Por correlação, foi acrescentado: o que não é claro não é verdadeiro.

Consciente ou inconscientemente herdamos essas duas fórmulas do século cujo ideal era pensar *modo geometrico* (" de modo geométrico"). Sem dúvida, não pensamos mais que *tudo* o que é claro é verdadeiro, mas postulamos que tudo o que é verdadeiro seja claro. A verdade, exigimos, deve ter clareza.

Guiados por esse princípio, esforçamo-nos para sermos *precisos,* para estabelecermos com nitidez as fronteiras do assunto do qual nos ocupamos. Com isso construímos um recinto intelectual *cercado,* o qual, evidentemente, é claro, mas também tiramos uma gota do grande rio da verdade, uma gota da qual nos apropriamos. A gota é clara, mas é apenas uma gota separada do grande contexto da Verdade.

Se compreendermos isso, poderemos ser levados a pensar de outro modo. Poderemos esforçar-nos para *pensarmos como o rio,* isto é, poderemos pensar não mais *sozinhos,* mas *junto,* com o "coro" anônimo dos pensadores do alto, de baixo, de ontem e de amanhã. O "eu penso" dará lugar então ao "pen:::a-se ".

Esse "pensar junto" é simultaneamente ativo e passivo. É ativo enquanto o sujeito pensa; é passivo enquanto "alguma coisa" pensa com o sujeito. Existem *dois vasos* dos quais corre o pensamento, o do sujeito e outro. É justamente esse estado de alma que é necessário para alguém ter inspirações. O arcano da inspiração, o décimo quarto Arcano do Tarô, é o de *duas fontes* e de *duas* correntes de pensamento que se misturam, se unem e constituem a *ispiração* autêntica.

Acabei de descrever o processo de "pensar junto" ou o da inspiração, à maneira de uma *técnica.* Agi assim por razões de clareza. Mas clareza e verdade não são idênticas. Devo, pois; corrigir a parte de verdade que tive de sacrificar à clareza.

Na verdade, não existe técnica no domínio íntimo e espiritual da inspiração, nem nos domínios da visão e da intuição. Nesses domínios tudo é essencialmente *moral.* Porque, para "pensar junto", é necessário antes de tudo ter *humildade.* Para "pensar junto", devo inclinar-me diante de inteligência superior à minha, e isso não em termos gerais e de modo abstrato, mas concretamente, cedendo o "direito de autor exclusivo" ao co-pensador anônimo. "Pensar junto" significa *pensar de joelhos,* abaixar-se diante do Outro, diminuir-se a fim de que Ele cresça. É o pensamento-prece ou a prece pensamento.

Nem os exercícios de concentração da *raja-ioga,* nem os exercícios de respiração e outros do *hatha-ioga* nos trarão a -inspiração. Somente a humildade, decorrente da pobreza, da obediência e da castidade - os três votos universais e eternos - é que nos tornará capazes de inspiração.

Que quereis? O mundo espiritual é coisa moral. E a inspiração é fruto da humildade no esforco e do esforco feito com humildade. *Ora et labora* (" ora e trabalha"/ é, pois, a chave da inspiração ... e de muitas outras portas.

O que acabo de dizer sobre a humildade como condição preliminar da inspiração exige, por sua vez, esclarecimento, senão correção. Porque às vezes a humildade pode parecer estéril e até ser obstáculo à inspiração. Isso se dá com a humildade que paralisa a aspiração ao conhecimento da verdade e à perfeição no exercício das virtudes e dos talentos. A pessoa que disser humildemente:

"Não me ocupo das coisas divinas e do mundo espiritual porque, para isso, eu deveria ser santo ou sábio, e não sou nem uma coisa, nem outra", não receberá inspiração. A preocupação exclusiva com a salvação da alma pode fazer avançar no caminho da pureza e da inocência, mas pode também deixar na ignorância completa quanto ao mundo, à história e aos grandes problemas da vida espiritual da humanidade. Mais de um santo autêntico não sabia muita coisa do mundo e de sua história, porque a humildade lhe proibia sair do círculo do que lhe era estritamente necessário para a salvação.

A fome e a sede da verdade - que inclui Deus, o mundo e a humanidade - são, contudo, subjacentes à inspiração que cai sob a lei do *ora et labora.* Também o hermetista não será inspirado se não for humilde e se não aprender a arte de se esquecer de si mesmo.

É necessário saber e ousar *perguntar* esquecendo-se de sua humildade e de sua presunção. As crianças sabem e ousam perguntar. São presunçosas? Não, porque cada questão que elas põem é, ao mesmo tempo, a confissão de sua ignorância. São humildes? São, se sabem e sentem que são ignorantes; não o são, se são levadas pela fome e sede. de saber e compreender, ao ponto de esquecerem de si mesmas e também de sua humildade e de sua presunção. Nisso o hermetista imita a criança. Ele quer saber o "quem", o "que", o "como" e o "porque" da vida e da morte, do bem e do mal, da criação e da evolução, da história e da alma humana ... Os sábios nas ciências naturais que passam a sua vida no estudo e

na pesquisa não dão atenção a essas questões, "questões infantis", dizem eles. E se resignam a urna só questão, a do "corno" técnico. Eles deixam para a teologia e as belas-letras o "por que" e o "que", sem falarmos do "quem", questões essas consideradas pré-científicas ...

Nós, hermetistas, conservamos o repertório das questões de nossa infância: o "que" e o "como", o "por que" e até o "quem".

Somos atrasados? Estamos na frente dos outros? Ultrapassados ou na vanguarda, pouco importa; o certo é que conservamos vivas a fome e a sede de saber e compreender de nossa infância, e elas nos levam a perguntar coisas que as pessoas maduras de nossa civilização contemporânea não perguntam mais.

Que! Não aprendemos na história da civilização que essas questões são incognoscíveis, que a "ignorância" de hoje foi precedida do esforço heróico de inúmeras gerações que procuravam resposta a essas mesmas questões e que foi depois desse esforço infrutífero que nos resignamos ao "ignoramos"? Que oportunidade e que esperança ainda pode haver depois de tudo isso?

A nossa oportunidade, a nossa esperança é a *inspiração.* "É precisamente porque perguntamos como as crianças que temos a esperança - não, a certeza - de que nosso Pai, que está nos céus, nos dará a resposta, de que ele não nos dará pedra em lugar de pão nem serpente em lugar de peixe A inspiração - os dois vasos segurados por anjo alado, dos quais corre água viva - é a esperança e a oportunidade de sobrevivência do Hermetismo nos séculos futuros!

Caro Amigo Desconhecido, dize que não sabes *nada* e dize, ao mesmo tempo, que podes saber *tudo* e, munido dessa santa humildade e dessa santa presunção das crianças, lança-te no elemento puro e fortificante do "pensar junto" da inspiração! Que o anjo alado te esteja presente nesta ação e que ele segure em suas mãos os dois vasos dos quais escorre a inspiração!

O Arcano da inspiração é de importância prática vital não só para o Hermetismo, mas também para a história espiritual da humanidade em geral. Como na biografia individual humana há momentos decisivos de inspiração, também na história da humanidade há pontos decisivos e inspirações de grande alcance. As grandes religiões são tais inspirações. Na índia antiga, os *rishis* tiveram a impiração que se tornou a fonte dos Vedas; na Pérsia antiga, o grande Zaratustra, o Astro de Or, teve a inspiração que se tornou a fonte do Zendavesta; Moisés e os profetas tiveram a inspiração que se tornou a fonte do *Antigo Testamento,* e o Acontecimento da vida, da morte e da ressurreição de Cristo foi seguido da inspiração que foi a fonte dos Evangelhos escritos, dos quais cada autor é duplo: o homem e o querubim que o inspirou. Enfim, o Islã se refere a uma única fonte, a inspiração que Maomé recebeu do arcanjo Gabriel e que se tornou a fonte do Corão.

Quanto ao Budismo, que é a religião do humanismo puro e simples, também ele considera como fonte de sua origem o acontecimento espiritual na alma da Gautama Buda sob a árvore *Bodhi,* onde as quatro

santas verdades do Budismo lhe foram reveladas de forma repentina, com exclusão de toda dúvida, à maneira de *inspiração.*

As grandes religiões são, pois, inspirações da humanidade. E a história da religião é a história da inspiração. Os mal-entendidos a respeito da inspiração e a ignorância de seu *arcano* prático terão também repercussões desagradáveis e trágicas na história da humanidade. Alguns crerão que a inspiração só se obtém pelo esforço, outros que ela exige a passividade completa da alma. Assim surgem as formas de *pelagianismo* e de *quietismo.* Todos aqueles que não sabem que o arcano da inspiração é o da *atividade e da passividade simultâneas* caem necessariamente no pelagianismo ou no quietismo.

Nessa busca da inspiração, as experiências psicológicas individuais. inclusive os malogros e os desencantos, tiveram papel muito grande nas perturbações . catastróficas da história do cristianismo.

Assim um monge augustiniano do século XVI desejava ardentemente a inspiração. Praticava jejum rigoroso, mortificava-se e passava noites em oração. Ele acreditava que o esforço por si só obteria a inspiração. Mas a inspiração não vinha. Então, desencantado, pregou a doutrina da inutilidade das obras e de todo esforço. A fé sozinha seria suficiente para a salvação.

Tal é a origem do protestantismo luterano.

Nesse mesmo século, um doutor em direito passou por uma conversão súbita e concluiu que a inspiração é obra só de Deus, sem nenhuma participação da liberdade e do esforço humano. Foi Deus, e Deus só, que, dentre a massa predestinada para a perdição, escolheu, desde toda a eternidade, aqueles que ele predestinou para a salvação.

Eis a origem do protestantismo calvinista.

Se Martinho Lutero e João Calvino soubessem que a inspiração é atividade e passividade ou esforço e graça simultâneos, um não teria visto no homem só o pecado, e outro não teria concebido Deus como tirano cósmico.

Foi necessário um são João da Cruz para mostrar que é possível passar pelas trevas e pelas securas dos sentidos e do espírito sem recuar e sem desesperar, e que é possível efetuar-se uma reforma profunda na prática da pobreza e da radicalidade moral evangélicas sem prejudicar a unidade da Igreja. Na verdade, são João da Cruz *expiou* Martinho Lutero.

Era necessário ainda um santo Inácio de Loyola para mostrar que o homem pode escolher Deus e sua causa na plena liberdade do amor em vez de ser escolhido por Deus, e que, como Jacó, que lutou até a aurora, dizendo: não te deixarei enquanto não me abençoares, do mesmo modo a vontade livre humana, eleita ou não, pode abraçar a causa de Deus *voluntariamente,* e Deus a abençoará. . . Vivendo a obediência voluntária do amor ao Deus de amor, em vez da obediência do impotente ao poder do Onipotente, santo Inácio de Loyola *expiou* João Calvino.

Quanto ao Hermetismo cristão, ele tem o conhecimento do arcano da inspiração e não se colocará do lado daqueles que crêem que a inspi-

ração *se faz,* nem do lado daqueles que crêem merecê-la pela passividade pura e simples da alma. O Hermetismo conhece a lei "do matrimônio dos contrários" e sabe que a inspiração é o matrimônio da atividade com a passividade na alma.

Leiamos Claude de Saint-Martin e nele não encontraremos nem pelagianismo nem quietismo, mas, em toda parte, a fé em Deus e no homem, na graça e no esforço humano. *Ora et labora* é verdadeiramente o conselho prático que se tira do conjunto da obra de Saint-Martin. Eliphas Lévi, Josephin Péladan e Papus professaram, em sua maturidade, a dupla fé em Deus e no homem, na graça e no esforço humano. Isso equivale a dizer que eles conheciam o arcano da inspiração - o arcano representado simbolicamente pela décima quarta lâmina do Tarô.

Citei alguns hermetistas que talvez conheças, caro Amigo Desconhecido, mas muitos outros poderiam ser mencionados como guardiães da tradição antiga do arcano da inspiração. Mas que te dirá o nome de Schmakov, por exemplo? Ou o de Rudnikova?

São nomes que, como as folhas amarelas do outono, repousam no esquecimento, sob a imensa mortalha branca de neve que cobre a Rússia pré-revolucionária.

Seja como for, existe a comunidade dos hermetistas conhecidos e desconhecidos, mas a maioria deles é anônima. Somente pequena parte dessa comunidade se conhece e se encontra face a face no mundo dos sentidos. Outra parte - ainda menos numerosa - se compõe daqueles que se conhecem e se encontram face a face *na visão.* Mas a *inspiração* une *todos* os membros da comunidade dos hermetistas, sem considerar se estão perto ou longe uns dos outros, se se conhecem ou não, se estão vivos ou mortos.

É a *inspiração* que constitui a comunidade hermética. É nela que *todos* os seus membros se encontram; ela é o vínculo que os une. *A comunidade da inspiração,* tal é na realidade a comunidade dos hermetistas.

A inspiração comum está subjacente nessa linguagem mental e simbólica comum aos hermetistas, a linguagem da analogia, do matrimônio dos contrários, da síntese, da lógica moral, da dimensão da profundeza acrescentada à da clareza e à da envergadura, a linguagem fundada na crença ardente de que tudo é cognoscível e revelável e de que o mistério é a cognoscibilidade e a revelabilidade infinitas ...

Essa inspiração comum, fonte da linguagem comum, é o *Verbo* interior, que nos dirige e nos incita, interior e anterior ao mesmo tempo a todas as aspirações. O Papus de 1890 não "sabia" o que saberia o Papus de 1917, mas já dirigia seus esforços para o que ele saberia, sentiria e realizaria - numa palavra, para o que ele *seria* - em 1917. Em 1890 ele já *sabia* o que não "sabia". A *inspiração* subjacente no Hermetismo cristão estava presente e operava nele. Foi graças a essa inspiração que ele rompeu com a corrente neobudista da Sociedade Teosófica e preferiu o Cristianismo intelectual de Saint-Yves d'Alveydre ao Budismo intelectual da Sociedade Teosófica. E foi ainda graças a

essa inspiração que ele preferiu o Cristianismo real do Mestre Philippe de Lião ao intelectualismo cristão de sua juventude. Sim, o Papus rezando e trabalhando de 1917 era produto da *inspiração* que guiava e estimulava o jovem estudante de medicina, depois o pesquisador entusiasta da Ciência Oculta, em seguida o mago ousado e, enfim, o amador das grandes sínteses intelectuais. . . ·

O "no começo era o Verbo" é a *lei* não só do mundo, mas também da realização da inspiração em toda biografia individual. E a comunidade toda dos hermetistas vive sob essa lei, *sob* a *lei da inspiração.*

O mundo todo vive essa lei. A comunidade dos hermetistas se distingue do resto da humanidade somente por ser levada - de maneira irresistível - a *ter consciência disso* e a *saber* o que acontece tanto a ela como ao resto da humanidade.

A *sorte* dos hermetistas difere da de todo ser humano somente porque os primeiros têm fome e sede do conhecimento compreensivo daquilo que os outros somente suportam. A sua sorte não tem nenhum privilégio. Muito ao contrário, os hermetistas estão sobrecarregados com um dever a mais, a saber, o dever interior de *compreender* esse conjunto de milagres e desastres que são a vida e o mundo. Esse dever os faz parecerem presunçosos ou infantis aos olhos do mundo, mas o arcano da inspiração - o arcano do ser alado derramando água viva de um vaso no outro - torna-os tais como são.

XV

O DIABO



O DIABO

Caro Amigo Desconhecido,

É ainda sob a impressão do Arcano da inspiração do Ser alado derramando água viva de um vaso no outro que nos vemos diante de outro ser alado, de pé sobre um pedestal, segurando um facho acima de dois seres atados ao pedestal. É o Arcano da *contra-inspiração.*

E se o décimo quarto Arcano nos introduziu no mistério da *Lágrima* e da *Temperança* da Inspiração, o décimo quinto Arcano do Tarô nos introduz nos segredos do *fogo elétrico* e da *embriaguez* da contra-inspiração. Estamos começando outro capítulo do drama do destino da Imagem e da Semelhança divinas.

Antes de iniciarmos essa meditação sobre o Arcano da contra-inspiração, devemos ver qual é a diferença intrínseca entre a meditação sobre os outros arcanos e a meditação sobre o arcano do "Diabo".

O Tarô é uma série de exercícios espirituais ou herméticos, e sabemos que todo exercício espiritual tende para a identificação do meditante com o tema da meditação, isto é, tende para um ato de *intuição.* Mas o décimo quinto arcano do Tarô, enquanto exercício espiritual, não pode nem deve chegar a uma experiência de identificação do meditante com o tema da meditação. *Não se deve chegar à intuição do mal,* porque intuição é identificação, e identificação é *comunhão.*

Infelizmente muitos autores, ocultistas e não-ocultistas, trataram a torto e a direito de coisas profundas do bem e do mal. Eles pensavam que deviam "fazer o possível" para penetrarem em profundidade nos mistérios do bem e nos segredos do mal. Assim Dostoievsky lançou ao mundo algumas verdades profundas do Cristianismo, mas, ao mesmo tempo, também alguns métodos práticos secretos do mal. É o que se vê, em particular, no seu romance *Os possessos.*

Outro exemplo da atenção excessiva ao conhecimento do mal - logo, da ocupação da consciência com o mal - é a preocupação dos antropósofos alemães com os problemas do duplo e até do triplo mal. Arimã e Lúcifer (e ainda Asura), os dois princípios do mal, subjetivo e objetivo, o princípio sedutor e o princípio hipnotizador, invadiram de tal forma o campo da consciência dos antropósofos que não vêem nada que não possa cair sob as categorias arimânica e luciferina. A ciência,

enquanto objetiva, é arimânica; a mística cristã, enquanto subjetiva, é luciferina. O Oriente está sob o domínio de Lúcifer porque nega a matéria; o Ocidente está sob o domínio de Arimã porque criou uma civilização material e tende para o materialismo. Todas as máquinas - inclusive os aparelhos de radiodifusão e televisão - incorporam em si os demônios arimânicos. Os laboratórios são castelos fortificados de Arimã; cs teatros - e as igrejas, segundo alguns - são castelos fortificados de Lúcifer etc. Os antropósofos são inclinados a classificar milhares de fatos nos diferentes domínios da categoria do mal. Eles passam seus dias procurando revelar essa categoria. Ocupar-se com ela significa entrar em contato com o mal e reduzir, na mesma proporção, o contato vivificante com o bem e com a inspiração que dele decorre. O resultado é uma sabedoria claudicante e sem asas, desprovida de impulso criador, e que só faz repetir e comentar à saciedade o que foi dito pelo mestre, o Dr. Rudolf Steiner. E, no entanto, o doutor Steiner disse coisas próprias para despertar o maior impulso criador! As suas séries de conferências sobre os quatro Evangelhos, as suas conferências em Helsingfcrs sobre as hierarquias celestes, sem falarmos de seu livro sobre o trabalho interior, *L'Initiation (Wie erlangt man Erkenntnisse hõherer Welten?),* bastariam para despertar entusiasmo criador profundo e amadurecido nas almas que aspiram à experiência autêntica do mundo espiritual. Mas a preocupação com o mal cortou as asas do movimento antroposófico e o reduziu ao que ele é depois da morte de seu fundador: movimento de reformismo cultural (arte, pedagogia, medicina, agricultura) desprovido do Esoterismo vivo, isto é, sem mística, sem gnose e sem magia, substituídas pela leitura, pelo estudo e pelo trabalho intelectual visando estabelecer a concordância dos escritos e das conferências estenografadas do mestre.

Para ocupar-nos do mal, devemos guardar certa distância e certa medida, se quisermos evitar o risco de paralisarmos o impulso criador e, mais grave ainda, se quisermos evitar o risco de fornecermos armas aos maus.

Podemos atingir profundamente, isto é, intuitivamente, só o que amamos. O amor é o elemento vital do conhecimento profundo, do conhecimento intuitivo. Ora, não podemos amar o mal; logo, ele em sua *essência,* é incognoscível. Podemos compreendê-lo só a distância, *como observadores* de sua fenomenologia.

Podemos, por isso, encontrar uma descrição luminosa - embora esquemática - das hierarquias celestes em são Dionísio Areopagita, em são Boaventura, em santo Tomás de Aquino, bem como na Cabala e em Rudolf Steiner; mas buscaremos em vão um quadro análogo das hierarquias do mal. Encontraremos, sem dúvida, nos formulários dos feiticeiros e na Cabala prática (em Abramelin, o Mago, por exemplo) uma multidão de nomes de seres particulares pertencentes às hierarquias do mal, mas não encontraremos uma descftção de ordem geral análoga à de são Dionísio Areopagita. O mundo das hierarquias do mal é como selva luxuriante na qual pudéssemos distinguir centenas e milhares de plantas,

mas sem nunca chegarmos à visão clara do conjunto. O mundo do mal é *caótico.* É assim, pelo menos, que ele se apresenta ao observador.

Devemos observar esta selva de fora, e não entrar nela, para não nos perdermos. Por isso a meditação sobre o Arcano "O Diabo" deve obedecer às leis indicadas acima, as quais comandam a atitude diante do mal. Tratar-se-á, portanto, de esforço para compreendermos esse arcano *a distância,* por meio do método fenomenológico.

Vejamos, em primeiro lugar, a fenomenologia da lâmina.

Ela representa três personagens. A do meio é maior do que as outras e está de pé sobre um pedestal, ao qual as outras duas estão atadas.

A personagem do meio é ser andrógino provido de asas de morcego, abertas para o alto. Sua mão direita está levantada; a esquerda, dirigida para baixo, segura um facho aceso. Suas asas e suas pernas são azuis. Sua cabeça, coberta por solidéu amarelo, tem dois chifres amarelos em forma de ramos. Ele está nu, excetuando-se apenas o solidéu e um cinto vermelho.

As outras duas personagens, na frente e ao lado dele, representam um homem e uma mulher nus, com caudas e orelhas de animais, com solidéu na cabeça e com chifres em forma de ramos. Seus braços estão ligados atrás das costas, e uma corda, enlaçada em seu pescoço, prende-os a uma argola fixada na parte inferior, de cor vermelha, do pedestal, sobre o qual está postada a personagem central. Devemos mencionar ainda uma característica desse último: *ele é vesgo,* e as suas pupilas se encontram na raiz do nariz.

Qual é, então, a ordem de idéias que a lâmina evoca à primeira vista? Falo da ordem de idéias que posram ter alcance *prático* espiritual, isto é, que tendam para um *Arcano* prático do Hermetismo como síntese da Mística, da Gnose e da Magia.

Trata-se da metafísica cósmica do Mal, da história da rebelião de uma parte das hierarquias celestes sob a direção do "antigo Dragão", que "arrastou um terço das estrelas" (Ap 12,3-4)? Refere-se ele ao ser do qual fala Ezequiel, quando diz:

"Fiz de ti o querubim protetor de asas abertas;
Estavas no monte santo de Deus
E movias-te por entre pedras de fogo.
Desde o dia de tua criacão
Foste íntegro em todos ;s teus caminhos
Até o dia em que se achou maldade em ti ...
Então te lancei do monte de Deus como um profano E te
exterminei, ó querubim protetor,
Dentre as pedras de fogo.
O teu coração se exaltou com tua beleza.
Perverteste a tua sabedoria por causa do teu esplendor.
Assim te atirei por terra ... "

(Ez **28,14-17)**

Evidentemente não. O "Diabo" da lâmina não evoca idéias que tenham relação com o drama cósmico da queda do "querubim protetor da montanha de Deus" nem do "Dragão antigo" que combate contra o arquiestratego Miguel e seu exército celeste. As idéias que o conjunto da lâmina e sua contextura evocam são, antes, as de escravidão, na qual se encontram as duas personagens atadas ao pedestal de demônio monstruoso. A lâmina não sugere a metafísica do Mal, e sim lição eminentemente prática, a saber, como pode ser que certos seres pervertam sua liberdade ao ponto de se tornarem escravos de um ser monstruoso, que os faz degenerar-se, tornando-os semelhantes a si mesmo.

O tema do décimo quarto arcano do Tarô é o da *geração* dos demônios e do poder que eles têm sobre seus geradores. É o Arcano da criação dos seres artificiais e da escravidão na qual o criador pode cair diante de sua criatura.

Para se compreender esse Arcano, é necessário, antes, considerar que o mundo do Mal é constituído não só dos seres das hierarquias celestes (com exceção dos Serafins) decaídas, mas também dos seres que, pela origem, *não são hierárquicos,* isto é, dos seres que, à semelhança dos bacilos, dos micróbios e dos vírus das doenças infecciosas, não devem sua origem, segundo os termos da filosofia escolástica, nem à Causa primeira, nem às causas segundas, mas às causas terceiras, as do arbítrio abusivo das criaturas autônomas. Há, pois, hierarquias "do lado esquerdo", que estão e agem no quadro da Lei, executando funções de estrita justiça, na qualidade de acusadores, ou encarregadas de pôr o justo à prova, mas há, por outro lado, "micróbios do mal" ou seres criados artificialmente pela humanidade encarnada. Esses últimos são demônios cuja alma é paixão especial e cujo corpo é o conjunto das vibrações "eletromagnéticas" produzidas por essa paixão. Os demônios artificiais podem ser gerados por coletividades humanas como o foram muitos "deuses" monstruosos fenícios, mexicanos e até tibetanos de nossos dias. O Moloc cananeu, que exigia sacrifícios sangrentos de prisioneiros, mencionado muitas vezes na *Bíblia,* não é um ser hierárquico, do Bem ou do Mal, mas um *egregório* mau, isto é, um demônio criado artificial e coletivamente por comunidades humanas dominadas pelo arrepio do pavor. O mesmo vale para o Quatzacoatl do México.

Quanto ao Tibete, encontramos o fenômeno singular da prática consciente - "quase científica" - da criação e da destruição dos demônios. Parece que no Tibete o *Arcano* do qual -nos ocupamos é conhecido e praticado como um dos métodos de treinamento oculto da vontade e da imaginação. Esse treinamento abrange três etapas: a criação das *tulpas* (criaturas mágicas) pela imaginação concentrada e dirigida, a sua evocação e a libertação de seu poder pelo ato de conhecimento, que as destrói, fazendo com que se tome consciência de que elas não são mais do que uma criação da imaginação e, portanto, uma ilusão. A finalidade desse treinamento é, pois, chegar à incredulidade a respeito dos demônios, depois de os ter criado pela força da imaginação e de ter enfrentado com intrepidez suas aparições terrificantes.

Eis o que diz sobre isso Alexandre David-Neel, que fala com conhecimento de causa:

"Interroguei vários lamas (a respeito da incredulidade). Às vezes, disse-me um deles - um *gechê* (filósofo) de Dirdi - constata-se e_S_S_ª- incredulidade. Ela pode ser considerada como uma das metas visadas pelos mestres místicos, mas, se o discípulo a atinge antes do tempo útil, priva-se dos frutos da parte do treinamento destinada à torná-lo intrépido.

Os mestres místicos, acrescentou ele, não aprovariam o noviço que prof essasse uma incredulidade simplista, porque ela é contrária à verdade.

O discípulo deve compreender que deuses e demônios existem realmente só para aqueles que crêem na sua existência, e que podem fazer bem ou mal somente àqueles que lhes prestam culto ou que os temem. Muito raros, aliás, são aqueles que chegam à incredulidade durante a primeira parte de seu treinamento espiritual. A maior parte dos noviços vêem realmente aparições terrificantes ...

Tive ocasião de conversar com um eremita de Gã (Tibete oriental), chamado Kuchog Wantchén, sobre casos de morte súbita durante as evocações de espíritos malfazejos. Esse lama não parecia propriamente inclinado à superstição, e pensei que fosse aprovar-me quando eu lhe disse:

"Aqueles que morreram, morreram de medo. As suas visões eram objetivações de seus pensamentos. Quem não acredita nos demônios jamais será morto por eles".

Para grande espanto meu, o anacoreta replicou num tom singular: "Em sua opinião, é suficiente também não crer na existência dos tigres para se estar certo de não ser devorado por um deles, quando se passa ao seu alcance". E continuou: "Realize-se ela consciente ou inconscientemente, a objetivação das formações mentais é processo muito misterioso. Em que vão dar essas criações? Não será possível que, como os filhos nascidos de nossa carne, esses filhos de nosso espírito escapem ao nosso controle e venham, com o tempo ou imediatamente, a viver uma vida própria? Não devemos considerar ainda que, se podemos gerá-los, cutros também o podem, e que, se tais *tulpas* (crituras mágicas) existem, será extraordinário que entremos em contato com elas, seja pela vontade de seus criadores, seja porque nossos pensamentos e nossos atos produzem as condições requeridas para que esses seres manifestem sua presença e sua atividade? ... É necessário que saibamos defender-nos dos "tigres" dos quais somos pais e também daqueles que foram gerados por outros" *(Mystiques ct magiciens du Thibet,* Librairie Plon, pp. 130-132).

Esse é o pensamento dos mestres tibetanos da magia criadora de demônios. Eliphas Levi, mestre magista francês, tem opinião semelhante:

"A magia criadora do demônio, essa magia que ditou o Formulário de feitiçaria do papa Honório, o Enchiridion de Leão III, os exorcismos do Ritual, as sentenças dos inquisidores, os requisitórias

de Laubardemont, os artigos dos Srs. Irmãos Veuillot, os livros dos Srs. de Faloux, de Montalembert, de Mirville, a magia dos feiticeiros e dos devotos que não o são, tudo isso é coisa verdadeiramente condenável em uns e infinitamente deplorável em outros. Foi principalmente para combater, revelando-as, essas tristes aberrações do espírito humano que publicamos esse livro. Possa ele servir ao sucesso dessa obra santa!" (Ritual, cap. XV).
"O *próprio homem é o criador de seu céu e de seu inferno, e não existem demônios, mas nossas loucuras. Os espíritos que a verdade castiga são corrigidos pelo castigo e não pensam mais em perturbar o mundo" (Dogma,* cap. XXII).

Apoiado em sua experiência, Eliphas Levi não via nos demônios tais como os íncubos e os súcubos, nos mestres Léonards presidindo os sábados e nos demônios dos possessos senão criações da, imaginação e da vontade humanas, que projetam, individual ou coletivamente, seu conteúdo na substância plástica da "luz astral"; assim os demônios da Europa foram gerados exatamente do mesmo modo que as "tulpas" tibetanas!

A arte e o método de "fazer ídolos", proibidos pelo primeiro mandamento do Decálogo, são antigos e universais. Parece que em todos os tempos e em toda parte foram gerados demônios.

Eliphas Levi e os mestres tibetanos estão de acordo não só no que concerne à origem subjetiva e psicológica dos demônios, mas também quanto à sua existência objetiva. Gerados subjetivamente, eles se tornam forças independentes da subjetividade que os gerou. Em outros termos, eles são *criações mágicas,* porque a magia é a *objetivação* daqui-lo que se origina na subjetividade. Os demônios que não chegaram ao estádio da objetivação, isto é, da existência separada da vida psíquica de seu genitor, têm existência semi-autônoma, que a psicologia moderna chama "complexos" psicológicos, e que C. G. Jung considera como seres parasitas, que estão para o organismo psíquico como o câncer, por exemplo, está para o organismo físico. O "complexo" psicopatológico é, pois, um demônio em estado de gestação - não vindo de fora, mas gerado pelo próprio paciente -: ele ainda não nasceu, mas tem vida quase autônoma, alimentada pela vida psíquica de seu pai.

C. G. Jung diz a este respeito:

"(O complexo) parece ser processo autônomo que se impõe à consciência. E como se o complexo fosse um ser autônomo capaz de interferir nas intenções do ego. Com efeito, os complexos se comportam como pessoas secundárias ou parciais que têm vida mental própria" (" It appears to be an autonomous development intruding upon consciousness. It is just as if the complex was an autonomous being capable of interfering with the intentions of the ego. Complexes indeed bethave lik secondary or partia! personalities in possession of a mental life of their oum" (Psychology and Religion, três conferências na Universidade de Yale, Estados Unidos, 1950, pp. 13 e 14).

"Um ser autônomo capaz de interferir nas intenções do ego" e "que tem vida mental própria" não é senão o que entendemos por "demônio".

O "demônio-complexo", é verdade, não age ainda fora da vida psíquica do indivíduo, não tendo o direito de cidadania na comunidade variegada e fantástica das "tulpas" ou demônios objetivos, que podem, às vezes - como nos casos de santo Antão, o Grande, e do santo cura d' Ars - afligir com golpes bem reais as vítimas de seus assaltos. O ruído desses assaltos, que todos ouvem, e as marcas roxas nos corpos das vítimas, que todos vêem, não se incluem mais na psicologia pura e simples, mas já são fato objetivo.

Como, então, são gerados os demônios?

Como toda geração, também a dos demônios é resultado do concurso dos princípios masculino e do feminino, isto é, no caso da geração pela vida psíquica de um indivíduo, é o resultado do concurso da *vontade* e da *imaginação.* Um desejo perverso ou contrário à natureza seguido da imaginação correspondente constituem juntos o ato de geração de um demônio.

As duas personagens, uma, masculina, a outra, feminina, atadas ao pedestal da personagem central da lâmina do décimo quinto Arcano, o demônio, não são, pois filhos ou criaturas da personagem central, como seríamos tentados a pensar, dada sua pequena estatura em relação à do demônio. Ao contrário, elas é que são os pais do demônio, mas setornaram escravos de sua criatura. Eles representam a vontade perversa e a imaginação contrária à natureza, as quais deram origem ao demônio andrógino, isto é, a um ser dotado do desejo e da imaginação que dominam as forças que o geraram.

No caso da geração efetuada coletivamente, o demônio - que então se chama "egregório" - é produto da vontade e da imaginação coletivas. O nascimento de tal "egregório" moderno nos é conhecido:

"Um espectro ronda a Europa - o espectro do comunismo" - é a primeira frase do "Manifesto comunista" de Karl Marx e Friedrich Engels, de 1848. "Todos os poderes da velha Europa, o Papa e o Czar, Metternich e Guizot, os radicais franceses e os agentes da polícia alemã, se aliaram para uma santa caçada a esse espectro", prossegue o "Manifesto".

Entretanto - acrescentamos nós - o espectro crescia em estatura e poder, gerado pela vontade das massas, nascido do desespero da "revolução industrial" na Europa, alimentado pelo ressentimento acumulado nas massas durante gerações, munido de intelectualismo fictício, que é a dialética de Hegel tomada em sentido contrário; esse espectro crescia, continuando a rondar a Europa e, depois, outros continentes ... Hoje um terço da humanidade tende a se inclinar diante desse deus e a obedecer a ele.

O que acabo de dizer sobre a geração do egregório moderno mais imponente está em perfeito acordo com o próprio ensinamento marxista. Porque, para o marxismo, não há Deus nem deuses; só há "demônios",

isto é, criaturas da vontade e da imaginação humanas. E a doutrina fundamental, chamada "superestrutura ideológica". É o interesse econômico - isto é, a *vontade* - que cria - isto é, *imagina* - ideologias: religiosas, filosóficas, sociais e políticas. Para o marxismo, todas *as* religiões são, pois, "superestruturas", isto é, formações produzidas pela vontade e pela imaginação humanas. O próprio marxismo-leninismo é superestrutura ideológica, produto da imaginação intelectual, baseado na vontade de ordenar ou de pôr em ordem as coisas sociais, políticas e culturais. Esse método de produção de superestruturas ideológicas sobre a base da vontade é precisamente o que entendemos por "geração coletiva de um demônio ou de um egregório ".

Ora, há o Verbo e há egregórios diante dos quais a humanidade se inclina: a revelação da verdade divina e a manifestação da vontade humana, o culto a Deus e o dos ídolos feitos pelo homem. Não é um diagnóstico e um prognóstico da história do gênero humano, se nos lembrarmos de que, enquanto Moisés recebia a revelação do Verbo no alto da montanha, embaixo o povo fez e adorou o Bezerro de ouro? O Verbo e os ídolos, a verdade revelada e as "superestruturas ideológicas" da vontade humana agem simultaneamente na história do gênero humano. Houve um só século no qual os servos do Verbo não se tenham defrontado com os adoradores dos ídolos, dos egregórios?

A décima quinta lâmina do Tarô contém advertência importante para todos os que tomam a sério a magia: ela lhes ensina o arcano mágico da geração dos demônios e do poder que eles têm sobre aqueles que os geraram.

Nós, que tivemos a experiência de dois demônios gerados pela vontade coletiva, um por uma vontade coletiva movida pela ambição nacional e servindo-se de poderosas forças imaginativas, baseadas nos recursos biológicos, o demônio ou egregório nacional-socialista, e o outro demônio ou egregório do qual falamos acima, nós sabemos quão terrível é o poder que reside em nossa vontade e em nossa imaginação e quão grande é a responsabilidade que ela traz para aqueles que a desencadeiam no mundo! Quem semeia vento, colhe tempestade! E que tempestade!

Nós, do século XX, sabemos que as "grandes pestes" de nossos dias são os "egregórios" das "superestruturas ideológicas", os quais custaram à humanidade mais vidas e mais sofrimentos do que as grandes epidemias da Idade Média.

Sabendo isso, não é tempo de dizermos a nós mesmos: *Calemo-nos?* Façamos calar-se nossa vontade e nossa imaginação arbitrárias e im**ponhamos-lhes** a disciplina do silêncio .. Não é esse um dos quatro mandamentos tradicionais do Hermetismo, a saber: ousar, querer, saber, e *calar-se?* Calar-se é mais do que guardar segredo, mais mesmo do que não profanar as coisas sagradas, às quais é devido silêncio respeitoso. Calar-se é principalmente *o grande mandamento mágico de não gerar demônios* pela vontade e pela imaginação arbitrárias. O silêncio da vontade e da imaginação arbitrária é dever.

Contentemo-nos, pois, com o Trabalho, com as contribuições construtivas à *tradição,* seja ela espiritual, cristã, hermética ou científica. Aprofundemo-la, estudemo-la, pratiquemo-la, cultivemo-la, isto é, trabalhemos não para destruir, e sim para edificar. Coloquemo-nos entre os construtores da grande Catedral da Tradição espiritual da humanidade. Que as Sagradas Escrituras sejam santas para nós, que os sacramentos sejam sacramentos para nós, que a hierarquia da autoridade espiritual seja hierarquia da autoridade para nós e que a "filosofia perene" e a ciência *verdadeiramente científica* do passado e do presente encontrem em nós amigos e, sendo o caso, colaboradores respeitosos.

Eis o que comporta o mandamento de *calar-se,* de não gerar demônios. É sempre o excesso devido à *embriaguez* da vontade e da imaginação que gera demônios. Voltando ao exemplo do marxismo, se Marx e Engels tivessem defendido os interesses dos trabalhadores industriais, sem se deixarem levar por uma imaginação embriagada aos enunciados de alcance universal histórico e cósmico, teriam dado uma contribuição à Tradição, porque a preocupação com a justiça e com o bem-estar dos pobres é parte integrante da essência da tradição cristã, judaica, islâmica, budista, bramânica e humanista do mundo. Arrebatados pela indignação, mas não desprovidos de nobreza de coração, e pela amargura do desencanto com as classes no poder - não desprovidos do fundamento da experiência - eles trataram do mesmo modo Deus, a burguesia, o Evangelho, o capitalismo, as ordens mendicantes, os monopólios industriais, os filósofos idealistas e os banqueiros ... Tudo isso, sem distinção, tornou-se para eles refugo da história do gênero humano. Sem nenhuma dúvida, tratava-se, neles, de um excesso de competência e de saber sóbrio e honesto; convencidos de terem razão e levados pelo impulso inebriante do radicalismo - isto é, pela febre da vontade e da imaginação - quiseram, com um só golpe, mudar tudo de alto a baixo. Essa febre do desejo de mudar tudo, de um golpe, de alto a baixo, deu origem ao demônio do ódio de classe, do ateísmo, do desdém do passado e da colocação, no primeiro plano, do interesse material, que hoje domina o mundo. Esse demônio deve ser combatido e substituído pelo espírito de interesse pelo povo e pelo seu bem-estar. Esse espírito estava subjacente na obra de Marx e Engels em sua sobriedade positiva, vale dizer, de um Marx e de um Engels tomados no quadro da Tradição e que não excedessem sua competência e não fossem além dos limites de sua causa. "Calar-se" é a Prudência do décimo quarto Arcano do Tarô, oposta à embriaguez, cuja essência e cujos perigos são mostrados pelo décimo quinto Arcano. A Inspiração da "Prudência" pode mudar-se em embriaguez do "Diabo". A inspiração que visa ao alívio da sorte dos pobres e dos oprimidos e ao restabelecimento da justiça social pode mudar-se na embriaguez do radicalismo, isto é, pode tornar-se vontade e imaginação febris de mudar tudo de alto a baixo. Eis aí a relação entre a inspiração do Anjo do décimo quarto Arcano e a geração do demônio do décimo quinto Arcano. A história do gênero humano

oferece muitos exemplos de transformação da inspiração inicial da Prudência em embriaguez geradora de demônios. E a relação entre o décimo quarto Arcano e o décimo quinto que explica como a religião do amor pôde dar lugar às fogueiras da inquisição, como a idéia de colaboração hierárquica se transformou em sistema de castas ou em luta de classes, como o método científico pode mudar-se em dogma materialista, como, ainda, os fatos da evolução biológica puderam servir de base para o estabelecimento da desigualdade intrínseca das raças ou da superioridade de algumas nações.

A lista não é completa, mas basta para mostrar o significado prático da relação entre o décimo quarto e o décimo quinto Arcanos do Tarô. E a relação entre a inspiração e a contra-inspiração.

Tornou-se hábito, desde os primeiros séculos da era cristã, designar essa contra-inspiração como "voz da carne", o que favoreceu o florescimento do dogma principal da heresia maniquéia e albigense, segundo o qual a natureza é intrinsecamente má. Não faltaram, contudo, já na antiguidade cristã, advertências e esclarecimentos em sentido contrário. Eis, por exemplo, o que diz santo Antão, o Grande, que, sem dúvida, é autoridade de primeira ordem no que se refere ao problema "demônio-carne":

"Penso que o corpo tem um movimento natural, que lhe é adaptado e que não se produz quando a alma não o quer; aparece então no corpo só um movimento sem paixão.

Há outro movimento, proveniente de ser o corpo bem tratado e afagado com alimentos e bebidas. O calor do sangue que eles provocam excitam o corpo ao ato ... Existe mais um movimento, naqueles que lutam, o qual vem das ciladas e da inveja dos demônios. *É necessário pois, saber que existem três movimentos corporais: um vem da natureza, outro vem do uso impróprio dos alimentos, e o terceiro vem dos demônios" (Apoftegmas,* 22).

Estão aí expostos com clareza os princípios da ascese tradicional, confirmada pela experiência de milhares de espirituais, inclusive por santa Teresa de Ávila, por Inácio de Loyola na Espanha ... e por Gautama Buda na índia.

Mais de um século antes de Antão, Orígenes disse:

> *"Dissemos muitas vezes que os cristãos devem lutar em dois combates. Os perfeitos, aqueles que são como Paulo em Éfeso, como diz o Apóstolo, não precisam lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados e as potestades, contra os príncipes deste mundo de trevas, contra os espíritos maus nos céus. Os menores e aqueles que ainda não são perfeitos devem combater contra a carne e o sangue; eles lutam também contra os vícios e as fragilidades da carne" (ln libr. Jesu Nave,* homilia IX,4).

Em outros termos, os principiantes devem lutar, segundo santo Antão, contra o segundo movimento do corpo, enquanto os mais avançados têm de lutar contra os demônios e contra as hierarquias da esquer-

da. A escala da tentação corresponde à do avanço espiritual: a tentação se espiritualiza à medida que o homem se torna mais espiritual. As tentações dos "principados e das potestades" *(archai kai ecsousiai)* que o espiritual deve enfrentar são incomparavelmente mais sutis do que a de um principiante. Se se diz: *noblesse oblige* ("nobreza obriga"), deve-se acrescentar: *rusticité protege* (" rusticidade protege").

Por isso, Orígenes dá esse conselho:

"Não se deve ... falar aos discípulos, no começo de sua formação, dos mistérios profundos e secretos; deve-se ensinar-lhes o que concerne à correção dos costumes, à formação da disciplina e aos primeiros elementos da vida religiosa e da fé simples. Esse é o leite da Igreja; esses são os primeiros elementos dos pequenos principiantes" (ln Judie., homilia V,6).

E a lei da prudência que o exige. Ora, o Arcano da Prudência, o décimo quarto Arcano do Tarô, representa o Anjo da guarda como encarregado do seu ministério. Orígenes é da mesma opinião que nós e o autor desconhecido do Tarô. Ele diz, com efeito:

"Quando começamos a vir ao culto de Deus, quando recebemos os princípios da palavra de Deus e da doutrina celeste, são os 'príncipes de Israel' que devem ensinar-nos esses começos. Por príncipes de Israel devem-se entender, em minha opinião, os anjos do povo cristão, os quais, segundo a palavra do Senhor, assistem os menores da Igreja e vêem sempre a face do Pai que está nos céus. Eis quais são os príncipes e de quem devemos receber os princípios".

Orígenes não só atribui o ministério da prudência aos anjos da guarda (" anjos do povo cristão"), em conformidade com o ensinamento do décimo quarto Arcano do Tarô, como também transmite o princípio do ensinamento sobre a "libertação dos anjos" pelo homem, ensinamento que se encontra na Carta precedente. Diz ele:

"Não devemos esperar sempre que os anjos combatam por nós; eles nos ajudam só quando estamos ainda começando. Com o passar do tempo, é necessário que nós mesmos saiamos armados para o combate. Antes de aprendermos a fazer a guerra, somos socorridos pelos príncipes, pelos anjos, a fim de pensarmos em combater as batalhas do Senhor. Antes de recebermos a provisão do pão celeste. . . enquanto somos crianças, enquanto somos alimentados com leite, enquanto observamos a palavra dos inícios de Cristo, vivemos como crianças, sob a autoridade de tutores e procuradores. Mas depois de termos provado o sacramento da milícia celeste, depois de termos sido saciados com o pão da vida, ouve como a trombeta apostólica nos convida para o combate. Paulo grita com voz forte para nós, dizendo: Revesti-vos das armas de Deus, a fim de poderdes resistir às astúcias do diabo. Ele não permite

que nos ocultemos sob a proteção de nossos alimentos, mas nos convida para os campos de batalha: Vesti, diz ele, a couraça da caridade; recebei o capacete da salvação; empunhai a espada do Espírito e sobretudo o escudo da fé, a fim de poderdes apagar os dardos inflamados do espírito do mal" (ln Judie., homilia Vl,2). .

Doze séculos mais tarde, encontramos o mesmo ensinamento em são João da Cruz. Ele não se cansa de repetir que a alma que procura a Deus é chamada a renunciar a toda criatura, em baixo e em cima, a todo ser terrestre e celeste. E resume seu ensinamento, dizendo:

"Esse é, em minha opinião, o conhecimento que Davi quis transmitir-nos quando disse: Vigilavi, et factus sum sicut passer solitarius in tecto. *Traduzindo: 'Despertei-me e fiquei como o pássaro solitário no teto'. Em outras palavras: Abri os olhos de meu entendimento e me encontrei acima de todas as inteligências naturais, estava solitário e sem elas, eu era como teto dominando todas as coisas daqui de baixo" (Cântico Espiritual, estrofe* XIV).

Essa solidão e esse isolamento são conseqüência da cessação do viver: "como criança, sob a autoridade de tutores e procuradores", como diz Orígenes, e de se ter atingido a idade espiritual madura. São João da Cruz caracteriza como segue a mudança que então se verifica:

"Mas no dia em que eles (os principiantes) sentem mais sabor e alegria nos exercícios espirituais e em que pensam que o sol dos divinos favores os ilumina mais, o Senhor os priva de todo esse esplendor, fecha a porta de suas delícias e faz secar-se a fonte das águas espirituais, nas quais eles saboreavam a sua suavidade, todas as vezes e por todo o tempo que desejavam; isso porque eles eram fracos, e, como diz são João, no Apocalipse, nenhuma porta estava fechada para eles. O *Senhor os deixa, pois, em trevas tão profundas que eles não sabem mais como dirigir-se com o auxílio do sentido da imaginação e do discurso. São incapazes de meditar como antes; seu sentido interior jaz mergulhado nessa noite e numa aridez tal que não só não sentem mais o gosto das coisas espirituais nas quais habitualmente encontravam suas delícias e suas alegrias, como também, ao contrário, só encontram desgosto e amargura. A razão, repito-o, é que eles já cresceram um pouco, e Deus, para fortalecê-los e fazê-los sair dos cueiros, tira-lhes o leite de suas consolações, coloca-os em terra e lhes ensina a andarem sozinhos" (A noite escura,* cap. IX).

Acrescentemos: andarem sozinhos, a fim de que, como diz Orígenes, com o passar do tempo, se tornem combatentes das fileiras da milícia de Deus.

Esee progresso é acompanhado de tentações cada vez mais sutis.
As "tentações dos vícios e das fragilidades da carne" são acompanhadas

dos assaltos dos demônios artificiais, gerados por outros ou coletivamente; depois eles são substituídos por tentações mais sutis, cujos autores são os seres das hierarquias decaídas. Enfim, na soleira do Tudo, do próprio Deus, está a última tentação, a do Nada; a noite escura, da qual fala são João da Cruz, significa ou a união com Deus ou o desespero do nada, o niilismo completo e supremo ...

Porque é verdade o que diz santo Antão, o Grande:

> *"Quem não é tentado não poderá entrar no reino dos céus. Porque, diz ele, tirai as tentações, e ninguém será salvo" (Apoftegmas,* 5).

Essa lei é tão universal que também Jesus enfrentou as três tentações no deserto, depois da manifestação da Santíssima Trindade por ocasião do batismo no Jordão.

A escala da perfeição inclui, portanto, a tentação. Nos dois casos existe progresso do grosseiro para o sutil. Em outros termos, a inspiração é seguida da contra-inspiração.

Como distinguir uma da outra? Quais são os critérios para se perceber o que é inspiração e o que é contra-inspiração?

Eis a resposta dos mestres mais experimentados da espiritualidade prática:

> Santo Antão, o Grande: *"É possível e fácil distinguir a presença dos bons e dos maus, se Deus der essa graça.* A visão dos santos não é perturbadora . . . *Ela se produz tranqüila e suavemente, de modo que* logo a alegria, a satisfação e a coragem se insinuam na alma. . . *Os pensamentos da alma permanecem sem perturbação e sem agitação. Ela, iluminada, vê por si mesma as aparições . . . Assim é com as aparições elos santos.* Mas a incursão e a aparição dos maus são perturbações, *são acompanhadas de ruídos, rumores e gritos, como uma agitação de pessoas mal educadas e de bandidos;* isso produz logo temor na alma, perturbação e desordem nos pensamentos, *tristeza, ódio aos ascetas, frouxidão, desgosto, recordação dos parentes, medo da morte e, enfim, desejos maus, pusilanimidade para a virtude e desregramento dos costumes. Quando, pois, à vista de alguma aparição (ou quando sentis alguma inspiração - nota do Autor), temeis, se o temor não desaparece logo e se, em seu lugar, não se produzem uma alegria inefável, alacridade, confiança, reconforto, tranqüilidade dos pensamentos e outros movimentos interiores dos quais já falei atrás, força da alma e amor de Deus, tende coragem e orai,* porque a alegria e o estado da alma testemunham *a santidade daquele que se torna presente … Mas se, quando alguns aparecem, produzemse perturbação, ruído fora e um aparato mundano, o medo da morte e o que eu disse acima, sabei que é a vinda dos maus" (Vida* 35, 36).

Santa Teresa de Ávila:

"Quando as palavras (inspiradas - nota do Autor) vêm do demônio, elas não só não produzem bons efeitos como produzem maus. Isso me aconteceu só duas ou três vezes, e ainda o Senhor se dignou avisar-me imediatamente que era o demônio. Sem falar da grande aridez em que fica, a alma sente então uma inquietação semelhante à *que, por uma permissão de Deus, senti muitas vezes no meio de grandes tribulações e de diversas penas interiores. Embora me atormente com freqüência, como direi mais tarde, ele produz inquietação cuja causa não se consegue descobrir. Parece que a alma resiste, perturba-se e se agita sem saber por quê, uma vez que o que o demônio lhe faz ouvir não é mau, mas bom ...* O *gosto e as satisfações que as palavras do demônio produzem, na minha opinião, diferem soberanamente das que vêm de Deus ...* O *demônio, quando nos fala, não transmite à alma nenhuma calma interior. Antes, ele a deixa como que tomada de pavor e de grande desgosto ...*

Quando o demônio nos fala, todos os bens parecem esconder-se e desaparecer; a alma fica na perturbação e no desgosto; nenhum efeito bom se produz nela. Embora esse espírito mau pareça inspirar-lhe bons desejos, esses desejos não são generosos; a humildade que ele deixa é falsa, inquieta e sem suavidade ... " (Vida escrita por ela mesma, cap. XXV).

"Volto ao que disse no começo. Pouco importa se essas palavras (interiores) vêm da parte íntima da alma, ou de sua parte superior, ou de fora; elas podem vir, todas, de Deus. Os sinais mais seguros, em minha opinião, para se perceber que elas vêm dele são os seguintes. O *primeiro e o mais seguro consiste na autoridade e no império que elas trazem consigo; elas são palavras e obras ao mesmo tempo. Quero explicar-me melhor. Eis uma alma que se encontra na tribulação e na perturbação das quais foi falado acima; ela está na escuridão do espírito e na secura. Ora, uma só palavra como esta:* Não te aflijas *é suficiente para restituir-lhe a calma; ela já não tem pena e está inundada de luz divina, e não lhe resta mais nada daquela aflição, quando antes parecia-lhe que o mundo inteiro e todos os sábios reunidos, apesar de seus esforços e de seus raciocínios, não seriam capazes de dissipá-la ...*

O *segundo sinal pelo qual se reconhece que essas palavras vêm de Deus consiste na paz profunda da qual a alma fica inundada; ela se encontra num recolhimento cheio de devoção e paz e pronta a cantar os louvores de Deus ...*

O *terceiro sinal . . . consiste em que elas (as palavras interiores) não se apagam durante muito tempo da memória; há até algumas que nunca são esquecidas ... " (O castelo da alma,* sexta morada).

São João da Cruz:

"Há diferença muito grande entre as visões que vêm do demônio e as que vêm de Deus. Os efeitos produzidos na alma pelas visões

demoníacas não se parecem em nada com os das visões que vêm de Deus; aquelas trazem a aridez nas relações da alma com Deus, induzem-na a se estimar, sugerem-lhe que dê alguma importância a essas visões e não produzem a doçura da humildade e o amor de Deus. Além disso, os objetos dessas visões não se gravam na alma com a clareza suave das outras. Longe de durarem por muito tempo, elas se apagam prontamente, exceto no caso em que a alma lhes concede grande importância, porque então a sua afeição por elas faz, naturalmente, com que ela guarde a recordação delas; mas é recordação muito árida, que não produz, de forma alguma, o amor e a humildade que decorrem da recordação das visões divinas ... " "Eis os efeitos que elas (essas últimas) produzem na alma. Dãolhe a quietude, a luz, uma alegria que parece própria do estado de glória, a suavidade, o amor, a humildade, a atração para Deus e a elevação do espírito em Deus; esses eleitos são mais ou menos profundos ... " (A subida do monte Carmelo, livro II, cap. XXII).

Essa é a doutrina *tradicional,* baceada na experiência reiterada e renovada através dos séculos. As pessoas do século de Descartes, Espinoza e Leibniz estavam muito impressionadas com a *geometria,* porque as opiniões filosóficas mudavam, ao passo que os argumentos e as conclusões de Euclides e Arquimedes permaneciam imutavelmente válidas. Assim as pessoas do século XVII eram levadas a preferir o raciocinio "modo geométrico" a qualquer outro. Existe, contudo, outra coisa tão imutavelmente válida e universal como o método geométrico: a experiência espiritual autêntica. Como vimos acima pelas citações dos mestres da espiritualidade dos séculos IV e XVI, a experiência espiritual autêntica permanece a mesma através dos séculos do mesmo modo que o raciocínio geométrico continua através das idades - até Lobaczewsky. Essa realidade imutável da experiência espiritual é o fundamento e a essência do *Hermetismo,* isto é, do conhecimento fundado na experiência primeira da realidade espiritual através das idades. O Hermetismo não se restringe, pois, aos porta-vozes das ordens, das confrarias ou das sociedades ditas herméticas, mas compreende ainda todos aqueles que tiveram alguma coisa a dizer com conhecimento de causa sobre a realidade espiritual e sobre o caminho que leva a ela; todos aqueles que, em outros termos, foram *testemunhas* da mística, da gnose e da magia, cuja unidade é o Hermetismo. Temos por isso, muito mais mestres, dos quais podemos e devemos aprender, do que a lista dos autores ou das autoridades ditos cabalistas, rosa-cruzes, esoteristas, teósofos, ocultistas etc. Foi esse *realmente* o ponto de vista de Papus, de Sédir, de Marc Haven e outros - que pertenciam, todos, a ordens, irmandades e sociedades iniciáticas - quando reconheceram em Philippe de Lião seu mestre, apesar de ele não pertencer a nenhuma organização iniciática e considerar todas elas pelo menos como supérfluas. Se isso não os impediu de se ligarem ao mestre Philippe de Lião foi porque acreditavam - não sem razão - terem encontrado nele um mestre, isto é, uma testemunha autêntica da

realidade espiritual, do Hermetismo entendido exatamente no mesmo sentido em que o entendemos nessas Cartas, a saber, como *tradição da experiência espiritual autêntica* através das idades, uma tradição que abrange os aspectos denominados "mística", "gnose" e "magia".

Foi esse também o ponto de vista de Claude de Saint-Martin, membro da ordem iniciática de Martinez de Pasqually, que não hesitou em agir em relação ao sapateiro de Goerlitz, Jakob Boehme, do mesmo modo que Papus e seus amigos haviam agido em relação ao mestre Philippe de Lião.

Ora, eu também sei bem que nem santo Antão, o Grande, nem santa Teresa de Ávila, nem são João da Cruz eram representantes de tradição dita iniciática; mas, como eles são testemunhas autênticas da realidade espiritual, adoto em relação a eles a mesma atitude que Papus e seus amigos tomaram em relação ao mestre Philippe de Lião e que SaintMartin tomou em relação a Jakob Boehme. Porque não é exclusividade, mas *profundeza.* Logo, tudo o que é profundo pertence a ele. Não é a "Legitimidade iniciática" que constitui a cadeia - melhor, o rio - da tradição, mas *o nível* e a *autenticidade* da experiência espiritual e a *profundeza* de pensamento que ela comporta. É, pois, a Iniciação que constitui a tradição hermética através das idades, e não a "transmissão iniciática" de natureza ritual e formal. Se a tradição dependesse só da transmissão ritual, há muito tempo ela já estaria extinta ou perdida na selva das querelas de direito e de legitimidade. Ora, aquele que *sabe de primeira mão* é que representa a Tradição, e o seu saber autêntico é a sua legitimação. Se não fosse assim, o antigo argumento "pode vir de Nazaré alguma coisa boa?" teria tornado a tradição estéril, reduzindo-a ao nível dos escribas e dos fariseus, isto é, ao nível da erudição e das regras. Acrescentemos, entre parênteses, que aquele que apresentou esse argumento histórico, Natanael, teve a coragem moral de não lhe atribuir a função de critério decisivo e de seguir o convite de Filipe: "Vem e vê". O que teve como conseqüência que ele pôde dizer: "Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel", e ouvir as palavras do Mestre:
"Em verdade, em verdade, vos digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo cobre o Filho do Homem" (]o 1,45-51). E essa é justamente a fórmula da essência e da Tradição: *ver o céu aberto e os anjos de Deus subir e descer.*

Todos aqueles que viram "o céu aberto e os anjos de Deus subir e descer" pertencem à Tradição e representam a Tradição, inclusive santo Antão, o Grande, santa Teresa de Ávila e são João da Cruz, para aduzirmos só as testemunhas mencionadas nessa Carta.

Sabes, caro Amigo Desconhecido, quem é um Iniciado da primeira ordem da Tradição do Hermetismo cristão? É são Francisco de Assis, o "poverello" sem erudição e sem regras; ele é estrela de primeira grandeza no céu da mística, da gnose e da magia! Porque ele não só viu o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo, mas ainda se tornou *conforme* ao próprio Iniciador de toda iniciação autêntica, mediante o ato de Iniciação realizado pelo serafim do alto ...

Mas voltemos ao décimo quinto Arcano do Tarô.

Tratamo-lo até aqui do ponto de vista da geração dos demônios "artificiais", geração individual e coletiva. Quanto à última, isto é, à geração dos "egregórios", há um ponto importante que ainda devemos precisar.

A literatura ocultista - principalmente francesa - dos séculos XIX e XX apresenta a tese (que se tornou quase clássica e que parece geralmente aceita) segundo a qual "egregórios ", tanto maus como bons, podem ser gerados pela vontade e pela imaginação coletivas, isto é, de que "bons demônios" são gerados exatamente da mesma maneira que maus. De acordo com essa tese, tudo depende da vontade e da imaginação geradoras: sendo boas, geram egregórios positivos; sendo más, geram egregórios negativos. Haveria então "bons demônios artificiais" como há maus, do mesmo modo que há pensamentos bons e maus.

Do ponto de vista prático, essa tese leva ao esforço para se criar um egregório "ad hoc" como um "espírito do grupo" ou da confraria em causa. Uma vez criado esse egregório, acredita-se ser possível apoiarse nele e ter nele um aliado mágico eficaz. Admite-se que todo grupo tem um "espírito de grupo" ativo, que o torna influente tanto em relação aos seus membros como em relação ao mundo exterior. Crê-se que as tradições reais e eficazes sejam, em última análise, egregórios fortes e bem alimentados que vivam e ajam através das idades. Todas as ordens e confrarias iniciáticas devem sua vida e sua influência aos seus egregórios, e o mesmo se aplica às igrejas. O Catolicismo é, pois, um egregório gerado pela vontade e pela imaginação coletiva dos crentes. O mesmo vale para a Igreja Ortodoxa oriental, para o Lamaísmo etc.

Essa a tese e suas principais conseqüências práticas. A precisão que me sinto obrigado a fazer sobre esse ponto consiste na tese contrária, *tese segundo a qual não existem "demônios artificiais bons" e não é possível a geração de "egregórios positivos".*

Eis as razões:

Para se gerar um ser psíquico ou "astral" é necessário que a energia psíquica e mental produzida para esse fim se *coagule, se enrole.* Uma forma não é produzida por *irradiação,* mas por coagulação ou *enrolamento.* Ora, o bem só se irradia, não se enrola. É só o mal que se enrola e se coagula.

Não se pode gerar um "demônio do amor puro" ou um "e gregório do amor universal" porque a vontade e a imaginação da qualidade requerida para isso não se manteriam como formação centrada em si mesma, mas se aliariam, num movimento irradiante, à atividade do mundo das hierarquias espirituais.

A energia psíquica e mental do amor jamais daria lugar à formação de um ser individualizado psíquico ou "astral"; *ela se poria logo inteiramente à disposição das hierarquias celestes, dos santos, de Deus.*

Demônios podem, pois, ser gerados; anjos artificiais, não.

Logo, se há egregórios de comunidades iniciáticas, religiosas e outras, eles são sempre negativos. O egregório do Catolicismo, por

exemplo, é seu duplo parasita (cuja existência seria inútil negar), que se manifesta como fanatismo, crueza, "sabedoria" diplomática e pretensões excessivas. Quanto aos espíritos *positivos* de comunidades, eles nunca são egregórios, mas seres das dez hierarquias (dez, porque a humanidade está incluída como décima). f: portanto uma alma humana ou um anjo ou um arcanjo que exerce o cargo de direção de uma comunidade humana no sentido positivo. Assim o diretor espiritual da ordem franciscana não é um egregório, mas o próprio são Francisco. O mesmo vale para a Igreja: seu espírito diretor é Jesus.

As nações, nos assuntos de suas verdadeiras missões e de seu progresso espiritual, estão sob a direção dos arcanjos. Elas têm, ao mesmo tempo, egregórios ou demônios gerados pela vontade e pela imaginação coletiva. Assim, o "galo gaulês" disputa com o Arcanjo da Memória a direção da nação francesa. O mesmo se pode dizer das outras nações.

Pode-se objetar: se o bem, a energia psíquica e mental do bem, não se acumula, como explicar os milagres ou a ação mágica de alguns "lugares santos", estátuas, ícones e relíquias senão pelo fato de serem "imantadas" pela fé, isto é, pela vontade e pela imaginação dos crentes?

Os lugares santos, as estátuas, as relíquias e os ícones miraculosos não são depósitos da energia psíquica e mental dos peregrinos e de outros crentes, mas lugares e objetos nos quais "o céu está aberto e os anjos podem subir e descer". Eles são *pontos de partida da irradiação espiritual* que, sem dúvida, para serem eficazes. pressupõem a fé dos crentes, mas não tiram da fé dos crentes a energia que irradiam. A Fé torna os crentes aptos a receber a força que cura e a iluminação, mas não é a sua fonte.

Pode-se dizer que as relíquias etc. foram "imantadas" por alguém nos tempos passados, no sentido em que se tornaram portas, janelas ou *vasistas,* como quiserdes, abertas no céu e possibilitam a entrada ativa nele, mas não no sentido de que seriam acumuladores dos fluidos que emanam dos crentes. E de outro lugar que se irradia o agente ativo das curas, das conversões e das iluminações. A lei das relíquias etc. é que *quanto mais usadas são, mais força irradiam,* ao passo que a lei das coisas imantadas fluidicamente é a da razão inversa entre a energia acumulada e a energia despendida. O magnetizador sabe que não pode ultrapassar certa medida no consumo de seu fluido vital, sem risco para sua saúde e sua vida, sendo seu fluido vital regido pela lei da quantidade: quanto mais se gasta, menos resta. O santo não cura dando seu fluido vital ao doente, mas *tomando* sobre si a doença e elevando-a em si, como uma hóstia, para o céu.

Assim os talismãs se opõem às relíquias; eles são depósitos de energia mágica e estão submetidos à lei da quantidade. As relíquias, ao contrário, são janelas abertas no céu e estão submetidas à lei da qualidade: quanto mais energia despendem, mais capazes são de despendê-la. *Como fontes de energia elas são inesgotáveis,* não são depósitos ou acumuladores de energia, mas geradores ou forças de energia.

A água benta, por exemplo, não contém a bênção nem a força da vontade e da imaginação do sacerdote que a benze, mas a bênção paira sobre ela, restabelecendo - pela magia sagrada da analogia posta em
. prática -. - a relação primordial entre a água e o espírito de Deus no primeiro dia da criação, quando o "espírito de Deus pairava sobre as águas". A água benta não se tornou, portanto, um depósito da força benfazeja da bênção, mas foi tornada apta para receber a presença do Céu. Algumas gotas dela bastam para expulsar os demônios, como atestam testemunhas autênticas através dos séculos.

Eis agora a questão importante: uma vez gerados os demônios artificiais, como combatê-los, como defender-se e livrar-se deles?

Em primeiro lugar, como combatê-los?

O bem não combate o mal no sentido de ação destrutiva; ele o "combate" pelo simples fato de sua *presença.* Como as trevas recuam diante da luz, do mesmo rríodo o mal recua diante da presença do bem.

A psicologia moderna das profundezas descobriu e pôs em prática o princípio terapêutico da subida dos complexos do inconsciente para a luz da consciência. Porque, afirma ela, a luz da consciência torna o complexo da obsessão não só visível, mas também *impotente.*

Essa descoberta importante da psicologia moderna está em perfeito acordo com a realidade espiritual da "luta" das hierarquias celestes contra o mal. Porque também essa "luta" se resume na sua simples presença, isto é, em lançar luz sobre o mal.

A luz expulsa as trevas. Essa verdade simples é a chave prática do combate contra os demônios. O demônio percebido, isto é, sobre o qual foi lançada a luz da consciência, já é demônio tornado impotente.

Eis porque os Padres do Deserto e outros santos solitários tinham tanta experiência dos demônios: lançavam sobre eles a sua luz. E o faziam como representantes da consciência humana em geral, porque quem se retira do mundo torna-se representante do mundo, torna-se "filho do homem". Como "filhos do homem", os santos solitários atraíram os demônios que rondavam o inconsciente da humanidade, faziam-nos *aparecer,* isto é, colocavam-nos na luz da consciência e os tornavam impotentes. Enquanto santo Atanásio, o Grande, lutava em plena luz, como bispo de Alexandria, contra os erros e as depravações humanos, seu amigo e irmão, santo Antão, o Grande, na solidão do deserto egípcio, lutava contra os demônios cujas manobras nas trevas do inconsciente fomentavam os mesmos erros e as mesmas depravações.

As famosas "tentações" de santo Antão não eram, na verdade, somente tentações que punham em jogo a salvação e o progresso de sua alma, mas também, e em primeiro lugar, *atos que curavam* a humanidade de seu tempo da obsessão demoníaca. Elas eram atos da.Magia Sagrada de pôr os demônios na luz da consciência iluminada do alto, atos esses pelos quais eles eram reduzidos à impotência. Santo Antão arrastava os demônios das trevas para a luz da consciência do "filho do homem", *tornava-os visíveis e, com isso, impotentes.*

Um demônio tomado impotente é balão vazio. Foi assim que alguns demônios gerados coletivamente na Idade Média tornaram-se puras abstrações e caíram no esquecimento. Foi essa, por exemplo, a sorte do famoso "mestre Leonardo" ou "bode do sábado", que desapareceu da noite para o dia, graças a uma alma corajosa e pura que o fez esvaziar-se.

Os demônios artificiais, colocados na luz, que resiste a eles, dissipam-se e desaparecem.

Diferente é com os demônios "naturais", isto é, com os seres das hierarquias da esquerda. Por exemplo, o demônio que amava Sara, filha de Ragüel, e matava os pretendentes à sua mão "fugiu pelos ares até o Egito. Rafael seguiu-o, prendeu-o e acorrentou-o imediatamente" (Tb 8,3), segundo a Bíblia de Jerusalém. e "então o Anjo Rafael tomou o demônio e o acorrentou no deserto do Alto Egito" *(tunc Raphael Angelus apprehendit daemonium et reiigavit in deserto superioris Eegypti)* segundo a *Vulgata.*

Não se trata, portanto, do aniquilamento do demônio, mas da mudança de seu campo de atividade e do lugar - e talvez do modo - de sua existência. O demônio vencido da história de Tobias (livro esse que não se encontra na *Bíblia* protestante) foi forçado pelo Arcanjo Rafael a deixar o país de sua vítima ou protegida e ir para o "exílio" ao Egito e lá fixar-se.

Mas foi a *presença* do Arcanjo Rafael, tornada possível pela oração e pelo rito realizados por Tobias nas três noites de núpcias, que o forçou a retirar-se e a ir para o Egito.

Venhamos à segunda parte de nossa questão: como defender-se e livrar-se dos demônios?

O que precede mostra que a clareza e a retidão do pensamento e da atitude moral são necessários e suficientes para fornecer a luz que torna os demônios impotentes. Precisamos, contudo, de repouso, de um tempo em que os demônios nos deixem em paz, do tempo de sua*ausência.*

Para se assegurar esse tempo, é necessário recorrer à magia sagrada. A Tradição, experiência dos séculos, nos ensina o que se deve fazer a fim de se evitar a aproximação dos demônios ou, se alguém percebe que eles estão se aproximando, a fim de expulsá-los. Eis alguns conselhos práticos da Tradição:

Fazer o sinal da cruz na direção do norte, do sul, do leste e do oeste, dizendo-se a cada vez os dois primeiros versículos do salmo 68, de Davi:

"Deus se levanta: seus inimigos debandam,
seus adversários fogem de sua frente.
Tu os dissipas como a fumaça se dissipa, como a
cera se derrete na presença do fogo".

Outro conselho, tão simples e eficaz como o precedente: quando se sente depressão ou algum outro sinal da aproximação do demônio, cuspir três vezes à esquerda e persignar-se;

Esses dois procedimentos foram provados através dos séculos e, repito-o, são muito eficazes, especialmente contra os demônios artificiais. Quanto aos seres das hierarquias da esquerda, não é mais fácil proteger-se contra eles, porque a fórmula "Deus se levanta: seus inimigos debandam ... " não se aplica, a bem dizer, aos seres das hierarquias da esquerda, uma vez que eles não são inimigos de Deus e não se dissipam. Não se ganha uma causa na justiça, simplesmente expulsando-se o promotor. É necessário *convencê-lo* da inocência do acusado. Só então ele se calará e o deixará em paz. O mesmo se dá com os seres das hierarquias da esquerda, hierarquias da "justiça estrita", como os designa, com razão, a Cabala. Eles têm as funções do promotor, dos auxiliares do promotor, da polícia e das testemunhas de acusação. Imaginai um departamento da Justiça cujos agentes se ocupam não só com a apuração dos fatos criminosos, mas também e principalmente com pôr à prova criminosos potenciais, colocando-os em condições favoráveis ao crime, isto é, expondo-os a *tentações.* É essa, na verdade, a atividade dos seres das hierarquias da esquerda em relação à humanidade. A história de Jó oferece bom exemplo disso. Nela, Satanás se apresentou a Deus, junto com os filhos de Deus, e disse: "É por nada que [ó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoaste a obra de suas mãos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto" (Jó J,9-11). Obtida a permissão, Satã pôs à prova Jó.

Satanás não acusou Jó de pecado cometido, mas de *pecado em potência.* E se pôs em ação a fim de atualizá-lo. De certa forma, o que Satanás fez foram experiências de laboratório, a fim de provar sua tese de acusação. Quem precisava delas? Deus? Não, porque Deus é amigo muito nobre e muito generoso e pai muito terno para pôr à prova seus amigos e seus filhos; por outro lado, Deus não tinha necessidade de verificar experimentalmente o que dissera com certeza, a saber: "Não há outro igual (a Jó); é homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal" (J ó 1,8) .

Quem precisava dessa verificação era, pois, o próprio Satanás e, talvez, alguns dos "filhos de Deus" presentes ao diálogo, os quais poderiam ter ficado impressionados com a acusação de Satanás.

No caso de Jó, nenhum meio mágico seria suficiente para protegê-lo contra Satanás; ele precisava *convencer* Satanás da futilidade de seu intento de levá-lo a amaldiçoar a Deus.

Os seres das hierarquias da esquerda devem, pois, ser convencidos, no decorrer da prova real, que não têm razão. Não há outro meio para fazê-los retirar-se. Antes que o Arcanjo expulsasse o demônio para o Egito, Tobias tinha provado, passando três noites em oração com sua esposa, no quarto nupcial, que não era como animal sem razão, como cavalo ou jumento no cio, e que não se esquecia de Deus *(Tobias,* versão da *Vulgata).* O demônio estava, pois, vencido pela demonstração de

que Tobias não era como os sete pretendentes anteriores à mão de Sara. O demônio que "amava Sara" queria protegê-la contra um casamento que considerava indigno dela. Tobias provou que era marido digno dela. Sem isso, o coração e o fígado do peixe não teriam sido suficientes para que o demônio cedesse seu lugar de protetor de Sara ao Arcanjo Rafael e a Tobias.

Os exemplos do satanás de Jó e do demônio de Tobias bastam para que se compreenda a natureza dos seres das hierarquias da esquerda e sua maneira de agir, bem como a maneira de lutar contra eles. Trata-se de espíritos críticos, de acusadores, que só podem ser vencidos pela persuasão, por assim dizer, "em condições de laboratório", de que sua acusação é destituída de fundamento, o que é raro e difícil. Porque geralmente a sua acusação é resultado de trabalho efetuado com ardor infatigável e por inteligência lúcida e bem informada; só a consciência moral íntima humana não lhes é acessível. E é precisamente do domínio da consciência moral íntima que pode surgir o fator decisivo que mude a acusação em proveito para o acusado, porque ninguém é" justo" e "santo" se o Bem *e o Mal* não entrarem em acordo de que é realmente assim É por isso que a declaração de novo santo pela Igreja é precedida de processo no qual é requerida a presença de "advogado do Diabo".

De suas funções de acusadores, os seres das hierarquias da esquerda se desobrigam de maneiras diferentes. Uns agem com o espírito trágico de deverem fazer algo que não querem mais e em que não crêem mais; outros, com uma convicção fingida e indignação apaixonada; há ainda seres, das hierarquias da esquerda, que se servem do *rídiculo,* da farsa, como meio de demonstração de sua tese acusatória. No mundo ocidental é conhecido um ser dessa categoria, Mefistófeles, do qual Goethe pintou um retrato de exatidão surpreendente. Sendo ele bastante conhecido, como o são também o "satanás" de Jó e o demônio de Tobias, podemos, sem ultrapassarmos os limites da discrição, do qual falamos no começo desta Carta, acrescentar o exemplo de Mefistófeles aos do "satanás" de Jó e do demônio de Tobias.

O ridículo do qual se serve Mefistófeles tem fundo de seriedade. São principalmente as pretensões e os esnobismos humanos que ele ridiculariza. Eis um exemplo:

> *Um jornalista desencantado de tudo - e que podia permitir-se esse luxo - retirou-se com sua mulher da vaidade do mundo para morar numa cidade de pequena ilha perto da Grão-Bretanha. Como bom jornalista e não desprovido de experiência, não acreditava em nada e não negava nada. Ele simplesmente vivia do café da manhã ao lanche, do lanche ao chá das cinco e do chá ao jantar. Mas eis que um dia aconteceu-lhe coisa extraordinária. Ele sentiu o desejo repentino de pegar papel e escrever. Foi o que fez. E, obedecendo a ditado interior, compôs uma série de manuscritos com desenhos - ele, que nunca tinha desenhado - cujo autor declarou até ser*

o Osíris do antigo Egito. Osíris aproveitou essa ocasião para narrar clara e pormenorizadamente o que sabia sobre a sabedoria e a religião antigas, à guisa de mensagem à humanidade do século XX. Lê-se nesse escrito, exposto com simplicidade pomposa, a história da luta dos bons e dos maus e como eles tiveram seu castigo na catástrofe atlântica. Lêem-se também os pormenores do verdadeiro culto celebrado no tempo de Osíris e se vêem desenhos, candelabros, vasos e outros objetos de culto bem como os de Osíris e de outras personagens importantes da antiguidade préhistórica. Todos se parecem como duas gotas de água. O beneficiário da revelação prodigiosa e sua mulher, comovidos com a grandeza da revelação e com a pessoa do revelador, puseram-se em ação para levarem essa revelação inaudita ao conhecimento de toda a humanidade. E uma editora especial publicou, em sucessivos volumes, a revelação osiriana ...

A história que acabo de contar é verdadeira, a casa editora é real, os volumes que ela publicou se encontram em bibliotecas públicas da Inglaterra e, sem dúvida, há uma revelação e um revelador. Mas o revelador não é Osíris ... e sim Mefistófeles; e a revelação toda é uma farsa pregada aos . . . crédulos? Não, aos esnobes espirituais. Porque seja qual for o autor dessa "revelação" - e tu, caro Amigo Desconhecido, não estás obrigado a acreditar nas informações que lhe passei - seja qual for o autor, digo, na realidade ele afirma o seguinte:

"Vós, que tendes em pouca conta tanto o esforço da Ciência como o mundo do pensamento, de Platão a Kant, e os tesouros dos testemunhos autênticos dos grandes místicos, as riquezas da tradição hermética, as Sagradas Escrituras, os sacramentos, o sangue e o suor do Getsêmani, a cruz do Calvário e a ressurreição ... , tendes agora o que desejais - volumes de banalidades, apresentadas de maneira pomposa e comunicadas por voz extraordinária, como queríeis".

Aí está o exemplo da acusação à la Mefistófeles, feita contra aqueles que não procuram a *verdade* como tal, mas circunstâncias extraordinárias da revelação . . . qualquer coisa.

Vê-se, por esse exemplo da trapaça mefistofélica, que, com um pouco de retidão de pensamento e de julgamento moral, é fácil escapar de ser sua vítima

Creio, caro Amigo Desconhecido, que tudo o que precede mostrou com clareza suficiente, em primeiro lugar, a diferença entre os demônios gerados artificialmente pela vontade e pela imaginação humanas e os seres das hierarquias da esquerda, e, em segundo lugar, que o décimo quinto Arcano do Tarô é o da geração e do papel escravizador dos demônios ditos artificiais - das *tulpas* tibetanas. Ele é advertência para considerarmos que temos a força geradora de demônios e que o emprego dessa força tornará o gerador escravo daquilo que ele gerar.

Basta-nos uma última questão: os deuses pagãos foram todos e sempre demônios, egregórios gerados coletivamente? O paganismo em geral era simplesmente culto aos demônios?

Antes de respondermos a essa questão, devemos considerar que havia vários "paganismos": o dos iniciados nos mistérios e o dos filósofos, o simbólico e o mitológico, o naturalista e o demoníaco. Em outros termos, devemos distinguir entre o "paganismo" de um Hermes Trismegisto, de um Pitágoras, de um Platão, de um Aristóteles, de um Platino etc. e o paganismo de um Homero e de um Hesíodo. Devemos ainda distinguir entre esse último e o conjunto dos cultos do Sol, da Lua, dos astros, do fogo, do ar, da água e da Terra; e entre este e o conjunto dos cultos das "divindades" geradas pela imaginação e pela vontade coletivas perversas, isto é, o conjunto dos cultos dos "egregórios" puros e simples.

Seria erro e grave injustiça considerar os quatro "paganismos" como a mesma coisa, vendo em Platão e num sacerdote de Moloc, oferecendo sacrifício humano, representantes da mesma causa. Seria o mesmo erro de quem visse nas fogueiras da Inquisição e nas velas acesas na celebração da Ressurreição a manifestação da mesma luz, ou ainda o mesmo erro de quem visse em Maharma Gandhi e num tugue, que estrangulava seres humanos em honra da deusa *Kâli,* representantes da mesma causa, "o paganismo hindu".

Feita essa distinção, podemos dizer que os, "pagãos" iniciados e os filósofos tinham o conhecimento do Deus único, criador e bem supremo do mundo.

Os livros de Hermes Trismegisto, o *Bhagavad-Gita,* Platão, Plutarco, Platino e muitas outras fontes antigas o provam, sem sombra de dúvida. A diferença entre a religião dos iniciados e dos filósofos ditos "pagãos" e a de Moisés consiste em que esta faz do monoteísmo uma *religião popular,* ao passo que aquela o reserva para uma elite, para uma aristocracia espiritual, muitas vezes bastante numerosa.

Quanto ao culto dos "deuses" e à iconoclastia que esse culto encerra, os "pagãos" iniciados e os filósofos viam nessas coisas a prática da *teurgia,* isto é, da comunicação com seres das hierarquias celestes, efetuada, seja elevando-ce até eles, seja tornando possível sua descida e sua *presença* na terra, nos santuários dos templos ou em outros lugares. Hermes Trismegisto e Iâmblico tratam esse assunto com clareza suficiente.

Assim, [âmblico diz:

"Eles (os egípcios) colocam a inteligência pura acima do mundo, e uma inteligência nua, indivisível, em todo o mundo, e outra inteligência, dividida, em todas as esferas. Eles não consideram isso pela só razão, mas convidam a subir, com o auxílio da teurgia hierática, na direção dos seres mais elevados e mais perfeitos, superiores à fatalidade, a subir na direção de Deus e do demiurgo, que não põem em ação a matéria e não realizam nada a não ser segundo a exigência do movimento oportuno. Hermes ensinou

esta via ... " (Sur les Mystêres des Égyptiens, des Chaldéens e des Assyriens, VIII, 4,5).

E ainda:

"Todos os deuses da verdade são dispensadores só dos bens, têm relacionamento só com os homens de bem, comunicam-se somente com aqueles que foram purificados segundo a ciência sagrada e cortam neles toda falta e toda paixão. Quando eles resplandecem, tudo o que há de mau e demoníaco desaparece diante de sua superioridade como as trevas na presença da luz e não pode mais perturbar os teurgos; estes recebem desde então toda virtude e são acabados em excelência e boa ordem dos costumes, ao mesmo tempo em que são libertados de todo movimento irregular e purificados de toda inclinação atéia e ímpia" (111,31).

Esses são os traços principais da teurgia do "paganismo" dos iniciados e dos filósofos. Pormenores importantes encontram-se também em *De Iside et Osiride* de Plutarco, 77, nas *Ennéades* de Platino (IV, 3, 11), no *Asclepius* de Hermes Trismegisto (23-24, 37) e no *De la pratique hiératique* de Proclo.

Ê claro então que o "paganismo" dos iniciados e dos sábios enquanto não gerado, não tinha nada a ver com o culto dos demônios gerado coletivamente.

O paganismo dos poetas, paganismo simbólico e mitológico, na medida que não era versão simbólica da sabedoria e da magia (teurgia) dos mistérios, era um *humanismo* universal. Seus "deuses" eram, na verdade, pessoas humanas, heróis e heroínas divinizados ou poetizados, protótipos do desenvolvimento da *pessoa humana,* tipos planetários e zodiacais. Assim, Júpiter, Juno, Marte, Vênus, Mercúrio, Diana, Apolo etc. não eram demônios, mas protótipos diretores do desenvolvimento da pessoa humana, os quais, por sua vez, correspondiam aos princípios cósmicos planetários e zodiacais.

No que diz respeito à terceira forma de paganismo - o paganismo "naturalista" - ele era "cosmólatra ", isto é, não ia além dos limites da natureza, do mesmo modo que a ciência natural de hoje, sendo, portanto, "neutro" do ponto de vista do verdadeiro mundo espiritual e dos demônios. E aceitava esses últimos como *fato* com o qual era preciso acomodar-se. Mas, inclinando-se diante da natureza, ele não gerava demônios, porque isso seria contra a natureza; a geração dos demônios pressunõe, com efeito, vontade e imaginação *perversas.*

Finalmente, a quarta forma de paganismo, a da adoração dos demônios gerados coletivamente, era devida à degenerescência do paganismo "naturalista". Essa forma· de paganismo, na qual os demônios eram gerados, adorados e obedecidos, valeu a todo o paganismo a fama injusta e caluniosa de "religião demoníaca". Os Padres da Igreja, que - com poucas exceções - o tratavam como tal, tinham de enfrentar, é verdade, principalmente o paganismo degenerado. Por isso tinham alguma razão

em ver no culto pagão popular de seu tempo o culto dos demônios ou fábulas de poetas. Entretanto, aqueles dentre eles, como Clemente de Alexandria, Orígenes, santo Agostinho e Sinésio, que conheciam o paganismo dos iniciados e dos filósofos (o qual é a essência pura do paganismo como tal), reconheciam que "todos os homens tinham uma sã antecipação· da doutrina moral" e que, como diz Orígenes:

> *"não há nada de surpreendente em que o mesmo Deus tenha gravado nas almas dos homens o que ele ensinou pelos profetas e pelo Senhor" (Contra Celso,* 1,4).

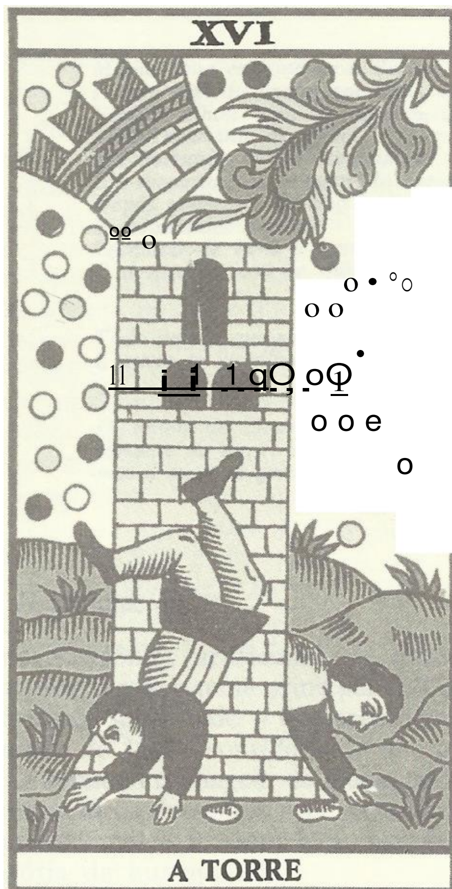
Estamos longe do paganismo como adoração dos demônios.

Para o Hermetismo cristão é evidente que, sendo a vida de Jesus acontecimento de importância universal, ela teve preparação universal, isto é, que, como os profetas de Israel até João prepararam a sua vinda na carne, também os iniciados, os sábios e os justos do mundo inteiro prepararam o mundo para a sua palavra e o seu espírito. O *Logos* encarnado era esperado em todos os lugares nos quais havia gente sofrendo, morrendo, crendo, esperando, amando . . . Os justos prepararam a sua encarnação; os pagãos se prepararam para reconhecer nele o *Logos.* O cristianismo teve precursores em toda parte; o coro dos precursores compreende não só os prof e tas de Israel, mas também os iniciados e os sábios do paganismo.

9.

XVI

A TORRE



A TORRE

Minha alma engrandece o Senhor,
E meu espírito exulta em Deus, em meu Salvador, Porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas
Me chamarão de bem-aventurada ...
Ele dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos,
E a humildes exaltou.
Cumulou de bens a famintos
E despediu ricos de mãos vazias.

(Lc 1,46-53)

Todo aquele que se exalta será humilhado, E quem se humilha será exaltado.

(Lc 14,11)

O *Reino de Deus é como um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como,*

(Me 4,26-28)

Caro Amigo Desconhecido,

A geração dos demônios artificiais e a natureza dos seres das hierarquias da esquerda foram o tema principal da Carta precedente. Depois de termos meditado sobre tudo o que sabemos a respeito dos diferentes seres do mundo do Mal e considerando que a carne é inocente e que o núcleo do ser humano é imagem de Deus, podemos perguntar-nos se, em última análise, só os demônios e os seres das hierarquias da esquerda são a causa do mal e se, sem eles, não haveria mal na vida humana e na história da humanidade.

Essa questão não é nova. Eis o que diz sobre ela Orígenes, nascido em Alexandria, entre 184 e 185:

"Os simples, entre aqueles que crêem em Cristo, pensam que todos os pecados que os homens cometem são efeito dos poderes adversos, que assaltam o espírito dos pecadores de tal sorte que, nesse combate invisível, esses poderes são vitoriosos. E que, se o Diabo não existisse, nenhum homem pecaria.

Quanto a nós, considerando a coisa com mais atenção, cremos que não é assim; e pensamos naquilo que provém manifestamente de necessidade corporal. Deve-se pensar que a causa da fome e da sede em nós seja o Diabo? Ninguém, creio, ousará afirmá-lo. Se, pois, o Diabo não é a causa da fome e da sede em nós, como será quando cada homem chegar à idade viril e sentir os aguilhões naturais do desejo? Sem nenhuma dúvida, é necessário concluir que, como o Diabo não é a causa da fome e da sede, não o é também dos movimentos que são naturais na idade adulta. Assim é certo que esses movimentos não têm o Diabo como autor, de modo que não se deve pensar que, se o Diabo não existisse, nossos corpos não estariam sujeitos ao desejo sexual.

Vejamos agora outra coisa: como mostramos acima, o homem deseja seu alimento não por causa do Diabo, mas por causa de apetite natural. Se o Diabo não existisse, poderia acontecer que, ao se alimentar, a experiência humana tivesse tanta disciplina que nunca excedesse a medida, isto é, que nunca se alimentasse de modo diferente daquele que a coisa pede ou que a razão permite? E que nunca acontecesse que os homens pecassem no que diz respeito à medida na alimentação? Quanto a mim, não creio que, mesmo que nenhuma tentação diabólica os tentasse, os homens se contivessem e nunca ultrapassassem a medida e a disciplina no comer, antes de tê-las aprendido por longa experiência. E então? No que se refere à comida e à bebida, é possível pecarmos, mesmo sem excitação diabólica, se, por acaso, formos menos continentes ou menos sábios; e quando se trata dos desejos carnais, deve-se pensar que não sucede de modo semelhante? Penso que o mesmo argumento vale no caso das outras paixões, como a cobiça, a cólera, a tristeza, e no caso tudo que vai além da medida e excede as regras da temperança. É evidente que, se nas boas coisas, a liberdade humana, por si mesma, é incapaz de levar o bem até o fim (porque ela é levada à perfeição por um socorro divino), o mesmo se dá no mal: recebemos germes de pecado de nossas tendências naturais; e quando não resistimos aos primeiros movimentos da intemperança, o poder inimigo se apodera dessa primeira falta; e ele nos assalta e nos preme de todos os modos, procurando estender nosso pecado: nós, homens, é que fornecemos as ocasiões e os gêneros dos pecados; e eles, os poderes adversos, desenvolvem esses germes em todos o sentidos e sem fim, se for possível ..." *(De principiis,* III, 2,1-2).

Eis aí uma resposta clara: encontra-se no homem - especialmente em sua alma - o germe do mal, sem o que a tentação vinda de fora não exerceria nele nenhuma influência. A tentação seria impotente, se não encontrasse na alma humana terreno já preparado.

O décimo quinto Arcano tem por objeto o mal demoníaco; o décimo sexto Arcano trata do mal humano, ou seja, do mal que não vem de fora, mas que tem sua origem dentro da alma humana.

O lamentável mal-entendido que coloca o mal humano inato na carne, e não na alma, deve-se a uma interpretação, de tendência materialista, da história bíblica do Paraíso e da queda. Com efeito, se o Paraíso é entendido como lugar terrestre e se a queda é entendida no plano material, o mal humano inato só pode ser entendido como biologicamente hereditário, e então é a carne que carrega o seu germe e o transmite de geração em geração. A carne passa a ser "castigada", flagelada, enfraquecida pela privação da comida e do sono, desprezada e maltratada e chega a ser motivo de vergonha.

Mas, na verdade, a carne teria mais razão de envergonhar-se da alma do que a alma de envergonhar-se da carne. Porque a carne, milagre de sabedoria, de harmonia e de estabilidade, merece não o desprezo, mas a admiração da alma. Pode a alma ufanar-se de princípios morais que sejam tão estáveis como, por exemplo, o esqueleto do corpo? É ela tão infatigável e tão fiel em seus sentimentos como o é, por exemplo, o coração de carne, que bate dia e noite? Tem ela sua sabedoria comparável à do corpo, que sabe harmonizar coisas contrárias como a água e o fogo, o ar e a matéria sólida? Enquanto a alma é dilacerada por desejos e sentimentos opostos, a carne "desprezível" sabe unir e fazer colaborar o ar que respira, a matéria sólida da comida, a água que bebe e o fogo incessante que ela produz em si mesma. E se isso não basta para mudarmos o desprezo em respeito, admiração e gratidão, lembremonos, se somos cristãos, que Jesus, o Filho de Deus, habitou na carne e a honrou ao ponto de se unir a ela pela Encarnação. E quem é budista ou bramanista, não se esqueça de que Buda e *Krishna* também habitaram na carne, e que ela os serviu bem no cumprimento de sua missão.

O *ascetismo negativo,* dirigido *contra* a carne e não *para* as coisas celestes, é conseqüência prática da materialização do Paraíso e da queda. E, no entanto, o simples fato de um querubim "ter sido colocado a oriente do jardim do Éden, brandindo uma espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da vida" basta para mostrar, sem sombra de dúvida, que se trata de plano superior ao plano terrestre. Foram, portanto, as almas que cometeram o pecado original, e a carne não teve parte nisso.

A queda é anterior à vida terrestre da humanidade: é essa a doutrina hermética (Hermes Trismegisto, *Kore Kosmou,* 24, 25, 26), retomada por Pitágoras e Platão e representada nos primeiros séculos por Orígenes. Orígenes ensinou que Deus criou todas as almas iguais e que algumas delas pecaram no mundo espiritual e tiveram de deixá-lo e vir para a terra; e que outras se voltaram para Deus, aperfeiçoaram-se e se tornaram anjos. Mas demos a palavra a Orígenes:

> *"Os hereges tiram objeção do que se passa na terra: alguns homens, dizem eles, por direito de nascimento, têm sorte melhor do que outros. Uns, por exemplo, nascem de Abraão e em virtude da promessa; outros são filhos de Isaac e de Rebeca, e aquele que,*

ainda no seio de sua mãe suplantou seu irmão, parece que era amado de Deus antes de nascer. Mais geralmente, uns nascem entre os hebreus, e encontram entre eles a ciência da lei divina; outros nascem entre os helenos, que são também prudentes e sábios; outros, entre os etíopes, que comem carne humana; outros entre os citas, que consideram o parricídio uma lei, ou entre os tauros, que imolam estrangeiros.

Eles nos dizem, pois: se há tal e tão grande variedade nas coisas e se a condição do nascimento é tão diferente e tão múltipla que não há mais lugar para a faculdade do livre arbítrio; além disso, se não é a diversidade de natureza das almas que é a causa dessa situação, fazendo com que uma natureza má de alma seja destinada a uma natureza má e com que uma natureza boa de alma seja destinada a uma natureza boa, que resta senão pensar que tudo isso acontece por acaso? ...

Quanto a nós, não queremos, com nosso silêncio, favorecer a insolência dos hereges, e respondemos assim, segundo as nossas forças, às suas objeções. Mostramos acima, pelas Sagradas Escrituras, que Deus, criador do universo, é bom, justo e todo-poderoso. No começo, quando ele criou o que quis criar, isto é, as naturezas racionais, ele não teve outro motivo para criar senão a si mesmo, isto é, a sua bondade. Uma vez, pois, que ele foi a causa de tudo o que era para ser criado, ele, no qual não existia diversidade, nem mudança, nem falta de poder, criou iguais e semelhantes todos os que criou, porque, para ele, não havia motivo para variedade e diversidade. Mas, tendo as criaturas racionais recebido a faculdade do livre arbítrio, o exercício dessa faculdade levou, uns ao progresso de sua vontade pela imitação de Deus, e levou outros a falhar por negligência. Essa foi a causa da diversidade entre as criaturas racionais; ela não provém da vontade ou do julgamento do Criador, mas do livre arbítrio de cada uma delas ...

Assim o Criador não parecerá injusto, já que coloca cada um em seu lugar, segundo seus méritos, e ninguém atribuirá ao acaso a felicidade ou a infelicidade dos homens em seu nascimento, nem acreditará na existência de vários criadores e de várias espécies de almas" (De principiis, II, 9,5-6).

A doutrina segundo a qual a alma preexistente na esfera pré-terrestre, tendo pecado, tomou em si o germe do mal tem como conseqüência prática o *ascetismo positivo,* isto é, o da expiação e da união da alma com Deus.

A ascese positiva não luta contra a carne, mas contra o germe do mal na alma, tendo em vista sua união com Deus. Por exemplo, se Teresa Neumann teve como alimento, durante vários anos, somente a sagrada comunhão, não foi porque desprezasse a carne ou estivesse em luta contra ela, mas porque vivia realmente do Santíssimo Sacramento, sem prejuízo para a saúde do seu corpo. E se alguém passa a noite em oração e sem

sono, não o faz pera privar o corpo do repouso, mas para se unir a Deus pela oração. São Martinho deu seu manto a um pobre não para que sua própria carne sofresse com o frio, mas porque queria acabar com o sofrimento de seu próximo, cuja carne estava sem proteção contra o frio. Santo Antão foi para o deserto não para lá fazer sua carne sofrer, mas para estar sozinho na presença de Deus. O monge renuncia ao matrimônio não porque tenha ódio à mulher e às crianças, mas porque está abrasado do amor de Deus e não tem lugar em si para outro amor.

A ascese positiva é universal. Todos a praticam. O sábio que se fecha em seu escritório a fim de se dedicar aos seus estudos é movido a isso pelo amor à verdade e não pelo desejo de privar sua carne do sol, do ar fresco e dos outros benefícios ou prazeres do mundo. A bailarina jejua muito para manter seu corpo esbelto e flexível. O médico interrompe seu sono à noite para atender a um doente. O missionário mora numa cabana miserável de aldeia negra não porque ame a miséria, e sim porque quer participar dela com seus irmãos.

O princípio da ascese positiva está enunciado com a maior clareza no Evangelho:

"O *Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido no campo; um homem o acha e torna a esconder e, na sua alegria, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo.*
O *Reino dos Céus é ainda semelhante a um negociante que anda em busca de pérolas finas. Ao achar uma pérola de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra"* (Mt 13,44-46).

A ascese positiva é, pois, a troca do bom pelo melhor.

Voltemos agora ao problema de saber o que é o mal humano inato. Ele é o *ahamkara,* o sentimento do eu, proveniente da *avidva,* a ignorância primordial, causada pelo poder de *proteção(viksepa-çakti).* associado ao poder de obnubilação *(avrti-çakti),* que consiste na identificação ilusória do Si mesmo verdadeiro *(atman)* com -O eu empírico, como é claramente atestado pela revelação *(çruti),* pela experiência autêntica direta *(pratyaksa),* pela tradição *(smrti)* e pela inferência *(anumana)* - responde a sabedoria antiga da India pela boca de *Çamkara,* autor de seu resumo e de sua síntese *(Yiveka-cuda-mani,* 105-107, 111- 113 e 343-346).

Ele é o desejo *(tanha),* gerado pela ignorância *(avidya),* que consiste em se atribuir o papel de centro a uma construção mental ilusória do "eu", sendo que o centro não está em parte alguma ou está em toda parte - responde o Budismo (a *Prajnaparamita* de *Nagarjuna).*

A outra corrente da tradição - a asa direita da entidade da Sabedoria, se preferirdes - a corrente ocidental egípcio-judeu-cristã, dá resposta diferente. Segundo ela, o mal humano inato não é devido à "ignorância" primordial *(agnosia),* mas ao *pecado do conhecimento* por si mesmo, em lugar do conhecimento recebido de Deus. Os tratados do Hermetismo pré-cristão *(Kore Kosmou* e *Poimandres)* e a Bíblia (o

Gênesis) estão de acordo a respeito do fato de que o *pecado original* está subjacente ao mal humano inato.

Os tratados herméticos e a Bíblia falam do pecado original, cometido no céu (Hermetirrno) ou no paraíso (Bíblia) antes da "queda original" (a *prote kathodos),* e tanto o Hermetismo pré-cristão corno a Bíblia descrevem esse pecado original corno ato de desobediência a Deus, isto é, como separação da vontade humana da vontade de Deus e como desacordo entre essas duas vontades, causado pelo desejo de um saber diferente do da revelação e de um objeto de saber diferente de Deus e de sua revelação pelo mundo.

Dentre os textos herméticos, a *Kore Kosmou* é o que fala da maneira mais explícita do pecado anterior à queda, do qual a queda foi a conseqüência e o castigo. Eis o texto pertinente:

> *"18. Tendo assim falado, Deus, que é também meu senhor, depois de ter misturado os outros dois elementos congêneres, a água e a terra, pronunciou igualmente sobre eles algumas fórmulas secretas, poderosas ainda, mas não semelhantes às primeiras, e depois de ter mexido bem a mistura e depois de ter insuflado nela uma força vivificante, tirou a camada que boiava semelhantemente na superfície e que adquirira boa cor e se coagulara e formou dela os signos zodiacais em forma humana.*
> *19. Quanto ao resíduo da mistura, ele o abandonou às almas que já tinham progredido, a essas almas que tinham sido convidadas para entrar nas moradas dos deuses, nos lugares vizinhos dos astros, entre os demônios sagrados, dizendo: 'Criai meus filhos, rebentos de meu ser, recebei esses resíduos de minha indústria, e que cada um forme para si alguma coisa que corresponda à sua natureza; vede, quero oferecer-vos ainda esses objetos, que vos servirão de modelos', e tendo retomado em suas mãos a mistura,*
> *20. dispôs, com ordem e beleza, harmonizando-o com os movimentos psíquicos, o ornamento* (Kósrnos) *do zodíaco, depois de - ter ajustado com exatidão, como complemento dos sinais antropomórficos do zodíaco, aqueles que seguem, por assim dizer, animais, aos quais concedeu também as qualidades ativas bem conhecidas e sopro capaz de toda arte, gerador de todos os acontecimentos de importância universal, que deviam suceder-se para sempre.*
> *21. Deus se retirou com a promessa de conceder às obras visíveis das almas o sopro invisível e, a cada uma das obras, uma substância* de *homoiogênese, de modo que ela, por sua vez, gere outros seres semelhantes a ela, e que as almas não estejam mais na necessidade de produzirem, elas mesmas, alguma outra coisa além do que* já *fabricaram em primeiro lugar. '22. Que fizeram então as almas, ó minha mãe?' ísis disse: 'Tomando o que tinha sido misturado da matéria, meu filho Horo, primeiramente elas procuravam compreendê-lo, adoravam a mistura, obra do Pai, e se perguntavam de que tinha sido ela composta; não lhes era fácil reco-*

nhecer isso. Na verdade, depois que se tinham entregues a essa busca, invadiu-as o terror de incorrerem na cólera do Pai e se voltaram para a execução de suas ordens . . . (segue a formação dos pássaros, dos quadrúpedes, dos peixes e dos répteis pelas almas). 24. E essas almas, meu filho, como se tivessem feito uma proeza, logo começaram a se armar de audácia indiscreta (ou de 'curiosidade insolente) e transgrediam os mandamentos. Deixavam suas seções e depósitos, não queriam mais permanecer num só lugar e não cessavam de movimentar-se: continuar ligadas a uma só residência, elas o consideravam como uma morte.

25 .... Esse comportamento das almas não escapava também ao Senhor e Deus de todo o universo; ele encontrou, para elas, uma punição e cadeia que lhes foi difícil suportar. De fato, aprouve ao Chefe e Soberano Senhor de todas as coisas fabricar o organismo do homem a fim de que, nesse organismo, a raça das almas sofresse para sempre seu castigo!' "

É oportuno assinalar os fatos relevantes desse texto: almas foram encarregadas da formação dos animais, segundo os modelos celestes do zodíaco; mas, em lugar de fazerem essa obra *sintética,* elas "adoravam a mistura, obra do Pai, e se perguntavam *de que tinha sido ela composta",* isto é, entregavam-se à *análise,* preferindo o *conhecimento analítico* à *obra criadora sintética.* Isso teve como conseqüência que elas mudaram sua atitude fundamental da vertical (Deus-alma) para a horizontal (alma-mundo) e "não cessaram de mover-se" na horizontal, e "consideravam como morte" o fato de "continuarem ligadas a uma só residência", isto é, à imobilidade da vertical.

Comparemos agora esses fatos relevantes com os da narração bíblica. Nesta o homem é colocado por Deus no jardim do Éden e chamado para a *obra* criadora "de cultivá-lo e guardá-lo". Vivia sob a lei da vertical. Experimentou os frutos de todas as *árvores,* isto é, os métodos dos êxtases e dos ênstases da oração, da meditação e da contemplação, que elevam a alma a Deus. Uma só proibição: não "comer" o fruto de uma única "árvore", a do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comesse morreria. No Paraíso o homem deu nomes a todos os animais "que Deus conduziu ao homem", "a fim de que todo animal tivesse o nome que o homem lhe desse". Enfim, movidos pelo desejo "de terem os olhos abertos e de serem como deuses, conhecendo o bem e o mal", Adão e Eva comeram da árvore proibida e foram expulsos do jardim do Éden para cultivarem a terra.

A semelhança, senão a identidade, das duas narrações salta aos olhos. Trata-se, em uma e outra, do pecado da "curiosidade insolente" (ou "audácia indiscreta"); em uma e outra o homem segue o desejo "de ter os olhos abertos e de ser como deuses"; em uma e outra o homem cumpre tarefa mágica criadora em relação aos animais; em uma e outra o homem muda sua atitude fundamental da vertical para a horizontal;

como resultado, ele se encarna e sofre as conseqüências da encarnação: a dor, o trabalho e a morte.

Quanto às diferenças entre as duas narrações - as almas formam os animais, o homem só lhes dá nome; "os 1 ugares vizinhos dos astros", o jardim do Éden; a multidão de almas, Adão e Eva; a árvore do conhemento do bem e do mal, a composição da mistura do Pai - podemos compreendê-las facilmente se considerarmos a diferença geral entre o *Gênesis* de Moisés e o tratado *Kore Kosmou.* Este ensina, isto é, apresenta a exposição de um ensinamento, ao passo que aquele *narra* os fatos da aurora da história do mundo e da humanidade. Um é *comentário* do mundo, enquanto o outro é a sua *crônica.* Por isso, na *Kore Kosmou* até os fatos e os acontecimentos são apresentados de maneira intelectualizada, isto é, enquanto e na medida em que enunciam *idéias* com clareza suficiente. Quanto à narração do *Gênesis,* ela só apresenta ao espírito do leitor, com força mágica, os fatos pertinentes da história espiritual do mundo e da humanidade. A *Kore Kosmou* quer *convencer,* ao passo que o *Gênesis desperta* as reminiscências profundas do passado distante que dorme nas profundezas da alma - na memória do inconsciente coletivo, diria Jung.

Sendo texto mágico, o *Gênesis* não diz que o homem "formou" os animais, mas que lhes "deu *nomes".* Na linguagem da magia, o "nome" é o princípio formativo. Na magia; dar nome significa designar uma missão, encarregar de função e, ao mesmo tempo, tornar capaz de cumpri-la. Segundo o *Gênesis,* o homem deu aos animais criados por Deus suas missões e funções específicas no plano da realização, o que comportava organismo específico. Ele os *formou,* dando-lhes nomes no plano da realização.

Quanto aos "lugares vizinhos dos astros" e ao jardim do Éden, a narração bíblica é mágica: ela visa não tanto responder à questão "em que lugar do cosmo a humanidade se encontrava antes da queda primordial?", quanto à questão: *"que fazia ela* e que acontecia em torno dela antes da queda"?

A resposta do *Gênesis* é que ela foi colocada num jardim "para o *cultivar* e o *guardar".* Isso significa que a aurora da humanidade não se verificou no *deserto,* onde nada chega, nem na *selva,* onde tudo brota e cresce sem controle regulador e diretor do espírito, nem nas condições da metrópole ou da *cidade,* onde nada brota nem cresce, mas onde tudo se faz e é feito pelo espírito regulador e diretor. O "jardim" é, pois, o estado do mundo no qual existe cooperação e equilíbrio entre o espírito e a natureza, ao passo que o "deserto" é o estado da passividade imóvel, tanto da natureza como do espírito, a "selva" é o estado da atividade só da natureza, e a "cidade" é o da atividade só do espírito. Poderíamos dizer, usando a linguagem filosófica da índia, que o "jardim" corresponde ao estado *sáttvico* da natureza *(prakriti)* em relação ao espírito *(purusha).*

Foi nesse meio "sattvico" - ou "jardim" - que a humanidade foi colocada e que lhe foi designada sua missão primordial e eterna, a de cultivar e guardar esse "jardim".

Paremos aqui, caro Amigo Desconhecido, para tomarmos fôlego diante da amplitude grandiosa desse enunciado cerrado e lapidar do *Gênesis.* A missão primordial e eterna da humanidade é, pois, a de cultivar e guardar o "jardim", isto é, o mundo em estado de cooperação e equilíbrio entre o espírito e a natureza! Que mundo de conteúdo se acha encerrado em germe nesse enunciado! Quantas luzes espirituais, morais e práticas, místicas, gnósticas e mágicas brotam dele quando abrimos nosso espírito e nosso coração ao toque desse enunciado-germe!

Compreendemos, então, numa fração de segundo, que não devemos *fazer* nem *deixar de fazer,* nem formar sistemas de pensamento nem deixar passar pela cabeça algum pensamento sem controle; que não devemos entregar-nos aos exercícios do treinamento oculto, ascético ou místico, nem dispensar o esforço constante e contínuo. Compreendemos também que devemos trabalhar - e deixar crescer; pensar - e esperar o crescimento e o amadurecimento do pensamento; que a palavra mágica deve ser acompanhada e seguida do *silêncio mágico;* numa palavra, que devemos *cultivar e guardar!*

Cultivar e guardar. Cultura e Tradição. Querer e ousar, saber e calar-se.

Eis aí a essência e a missão do Hermetismo, que é recordação da missão primordial e eterna da humanidade, a de cultivar e guardar o jardim inesquecível da aurora da humanidade, recordação essa que age no mais profundo de nossas almas. Nesse jardim existem "árvores" a cultivar e a guardar. São métodos ou vias da união da Terra e do Céu, é o arco-íris da Paz entre o que está em baixo e o que está em cima. A índia dá a esses métodos ou vias da união o nome de "Ioga" e ensina a *batha*ioga, a *jnana-ioga,* a *bhakti-ioga,* o carma-ioga, a tantra-ioga, a mantraioga e a raja-ioga, isto é, a união pela respiração e pelo movimento circulatório da vida *(prana),* a união pelo pensamento, pelo sentimento, pela conduta, pelo amor, pela magia da palavra e pela vontade.

O Impulso Negro *(Black Elk},* guarda do cachimbo sagrado da tribo dos *Sioux,* cego pela idade avançada, revelou a Joseph Epes Brown *(The sacred Pipe)* os sete ritos ou sete vias da união do homem com o Pai (o Grande Espírito) e a Mãe (a Terra) tradicionais entre os *Sioux* e que são a alma da vida espiritual das tribos peles-vermelhas, da costa do golfo do México até o Maine, ao norte, e da Geórgia até Idaho, a oeste.

Mas, no que se refere a nós, hermetistas cristãos, as "árvores" ou "iogas" do jardim que queremos cultivar e guardar nos são dadas nas "sete colunas da casa que a Sabedoria construiu", isto é, nos sete "dias" da Criação (inclusive no sábado), nos sete milagres do Evangelho de são João, nas sete palavras de Jesus, começando pelo "eu sou", e nos sete Sacramentos da Igreja.

Tais são as "árvores" do jardim que cultivamos e guardamos, vale dizer, os mistérios da união do que está em baixo com o que está em cima: místicos, gnósticos, mágicos e herméticos. Porque a mística, a gnose, a magia e a ciência hermética são os quatro braços do "rio" que sai de nosso jardim do Éden "para o regar" e "de lá se dividem em quatro braços".

Imitemos, portanto, com respeito e gratidão tanto o *Swami Vivekananda* da India como o Impulso Negro dos Sioux da América do Norte em sua fidelidade à tarefa de cultivar e guardar o que a Providência quis confiar-lhes da recordação do jardim do Éden; imitemo-los, digo, cultivando e guardando com a mesma fidelidade o que aprouve à Providência confiar a nós da recordação do mesmo jardim. E não nos preocupemos com a sorte daqueles cuja Cultura e Tradição diferem das nossas; Deus, que vê tudo, certamente não se esquecerá de coroar a cabeça de todos os cultivadores e guardas fiéis de seu jardim.

Outra diferença entre o *Kore Kosmou* e o *Génesis* é a multidão das almas, de um lado, e Adão-Eva, do outro. Aqui também a diferença se explica pela natureza quase "filosófica" do *Kore Kosmou* e mágica do *Génesis.* O *Kore Kosmou* tem em vista as *substâncias,* ao passo que o *Gênesis* fala do *ato.* Do ponto de vista da substância, havia uma multidão de almas, as quais causaram e sofreram a queda; do ponto de vista do ato, elas formavam uma coisa só, uma vez que seu ato era um, mas cometido coletivamente. E quem o cometeu foi Adão-Eva.

Ora, para a questão: que é o mal humano inato?, há duas respostas. Uma - dada pela asa esquerda da Sabedoria tradicional - é a "ignorância"; a outra - dada pela asa direita da Sabedoria tradicional - é o *pecado do conhecimento ilícito.*

Contradição? Sim e não. As duas respostas se contradizem enquanto ignorância e conhecimento se opõem, mas se harmonizam enquanto a ignorância inata é conseqüência de pecado original da vontade, tomada do desejo de substituir o conhecimento por revelação pelo conhecimento por experimentação. Há diferença, mas não contradição. A diferença consiste em que a__ tradição oriental põe o acento no *aspecto cognitivo* do desacordo entre a consciência humana e a realidade cósmica, enquanto a tradição ocidental acentua o *aspecto moral desse desacordo.*

A tradição oriental vê no mal humano inato uma espécie de mal-entendido ou de engano do entendimento, no qual a consciência se engana a respeito da pessoa empírica - à qual o corpo e a vida psíquica se referem - do Si mesmo verdadeiro, que é imutável e eterno, enquanto a tradição ocidental vê nele a conseqüência do pecado pelo qual Adão e Eva quiseram ser "como deuses, versados no bem e no mal", isto é, o ato que *desfigura* a "semelhança" de Deus, embora a imagem - que corresponde ao "Si mesmo verdadeiro" dos orientais - tenha permanecido intata. E é o "eu empírico" que carrega os traços desfigurados devidos ao pecado original. Trata-se, pois, não da identificação errônea do Si mesmo verdadeiro (ou "imagem de Deus") com o "eu empírico", mas deste último enquanto desfigurado. A identificação seria perfeitamente justifi-

cada se o "eu empírico" tivesse permanecido "semelhança de Deus", isto é, se ele não tivesse sido desfigurado em conseqüência da queda.

Em outros termos, a diferença é a seguinte: na tradição oriental, aspira-se ao *divórcio* no casamento do "Si mesmo verdadeiro" com o "eu empírico", enquanto a tradição ocidental considera esse casamento indissolúvel. O "Si mesmo verdadeiro", segundo a tradição ocidental, não pode nem deve desembaraçar-se do "eu empírico", repudiando-o. Os dois estão ligados por laços indis:::olúveis para a eternidade e devem fazer juntos a obra de restabelecimento da "semelhança de Deus". **O** ideal, para a tradição ocidental, não é a liberdade do divórcio, mas a da união.

Foi pela *vontade* que o pecado original se verificou e causou a queda. O *Gênesis* descreve esse pecado da vontade como o desejo de arrogar-se o conhecimento do bem e do mal, de se tornar "como deuses".

Mas o *Génesis* não se limita à primeira etapa da queda - se bem que ela seja a etapa decisiva -, mas acrescenta três etapas ulteriores, a saber, o *fratricídio de Caim,* a *geração dos Gigantes* e a construção da *torre de Babel.*

Embora essas três etapas ulteriores sejam apenas o desenvolvimento quase lógico do pecado original cometido no Paraíso, elas constituem etapas novas no que concerne à *realização* do pecado original no domínio *terrestre* da história espiritual da humanidade. Porque o fratricídio de Caim é o fenômeno primordial que contém o germe de todas as guerras, revoluções e revoltas futuras da história do gênero humano. A geração dos Gigantes é o fenômeno primordial *(Urphiinomen* de Goethe), germe proto-histórico de todas as. 9-rnte.D,~'5. fo.turni r,a rAit~l'éla 'õõ ~Yl'erô humano dos indivíduos, dos grupos e dos povos que desempenham o papel de dominadores dos soberanos divinos, bem como o germe de todas as pretensões ao super-homem. Os Césares que se arrogavam autoridade e honras divinas, o super-homem *iÜbermensch)* de Nietzsche e os vários *Führers* fascistas e comunistas de nosso século são manifestações particulares do "gigantismo" primordial, do qual fala o Gênesis. E a construção da torre de Babel do *Génesis* é o fenômeno primordial que contém em germe todas as tendências futuras da história do gênero humano para a conquista do Céu por meio das forças adquiridas e desenvolvidas na terra.

No fundo do fratricídio de Caim se encontra a revolta do "eu Inferior" contra o "Si mesmo verdadeiro", da "semelhanca" decaída contra a "imagem" intata. No fundo da geração dos gigantes encontra-se o e;asamento do "eu inferior" com as entidades hierárquicas decaídas, em lugar do casamento com o "Si mesmo verdadeiro". E no fundo da construção da torre de Babel se situa a vontade coletiva dos "eus inferiores" de terminar a substituição do "Si mesmo verdadeiro" das hierarquias celestes e de Deus por superestrutura de alcance universal feita por eles,

A revolta, a posse e a colocação do fabricado em lugar do revelado - a esses três pecados correspondem três "quedas" ou três efeitos.

Caim, que matou seu irmão Abel tomou-se *exilado, errante;* a geração dos gigantes foi seguida do *dilúvio;* a edificação da torre de Babel teve como conseqüência *o raio da "descida do Eterno",* que "dispersou dali os construtores por toda a face da terra" e "confundiu a sua linguagem", a fim de que uns não entendessem mais a língua dos outros.

Como a construção da Torre de Babel é o resumo das etapas precedentes do pecado - revolta e "gigantismo" - o efeito da construção dessa torre - o raio que dispersou os construtores e confundiu a sua língua - é o resumo dos efeitos dos dois pecados precedentes É por isso, parece, que a décima sexta lâmina dos Arcanos Maiores do Tarô representa a torre golpeada pelo raio e faz abstração do dilúvio e do exílio de Caim. Porque isso basta para revelar a quem reflete seriamente o *Arcano* sintético da relação entre a vontade e a sorte, entre o que se quer e o que acontece.

Errar é a sorte inevitável da revolta do "eu inferior" contra o "Si mesmo superior"; *ser afogado* é a sorte da pretensão de ser superhomem, e *ser atingido pelo raio* é a sorte, tão inevitável como as duas precedentes, da construção, coletiva ou individual, de uma torre de Babel.

O Arcano "A Torre" ensina uma *lei* geral e universal na forma sintética da torre de Babel. Lei geral e universal: isso significa que esta lei age tanto na biografia individual como na da humanidade, tanto no passado e no presente como no futuro. Segundo essa lei, aquele que se revolta contra seu "Si mesmo superior" não viverá mais sob a lei da *vertical,* mas sob a da *horizontal,* isto é, "será fugitivo errante sobre a terra". Aquele que se une a uma entidade das hierarquias decaídas, colocada no lugar de seu "Si mesmo superior", ao ponto de se tornar possesso, será *afogado,* isto é, sucumbirá à loucura. Isso aconteceu com Nietzsche, autor inspirado de obras que cantam o super-homem e o Anticristo; aconteceu também com a humanidade do tempo em que "os gigantes habitavam sobre a terra", "esses heróis que foram famosos na antiguidade". Porque o dilúvio inundou a terra não só de água, mas também de outra "água", que afoga a consciência e a memória, a "água" do esquecimento que inundou Nietzsche. Foi assim que uma civilização muito avançada, a da Atlântida, submergiu no esquecimento como o continente, berço dessa civilização, foi engolido pelas águas. Foi assim que tribos e povos nômades "primitivos", isto é, deserdados de seu passado e obrigados a recomeçar tudo, começaram morando em cavernas ou embaixo de árvores. Houve outrora reinos poderosos e cidades magníficas na África, mas seus descendentes perderam a sua recordação e se entregaram inteiramente à vida cotidiana das tribos "primitivas", à vida da caça, da pesca, da pequena agricultura e da guerra. . . Entre os indígenas australianos o esquecimento foi mais completo.

Assim aquele que constrói uma "torre" para substituir a revelação do Céu por aquilo que ele mesmo fabricou será atingido pelo raio, vale dizer, passará pela humilhação de ser reduzido à sua subjetividade e à realidade terrestre.

Na décima terceira Carta sobre o Tarô falei da "lei da torre de Babel" a propósito de algumas práticas ocultas usadas para se atingir urna espécie de imortalidade por meio da *cristalização* ou da energia que emana do corpo físico. Tratava-se então da construção de urna "torre de Babel" individual, fabricada a partir de "duplos" superpostos, que se elevam do corpo físico para o alto.

Tratava-se só da *construção,* e não do outro aspecto dessa lei, o do "raio". B sob o título do décimo sexto Arcano Maior do Tarô que podemos tratar da lei toda, isto é, tanto de seu aspecto de "construção" como do aspecto do "raio".

Acabamos de assinalar que a lei da "torre de Babel" é universal, isto é, que ela age tanto na biografia do indivíduo como na da humanidade e até na das outras hierarquias. O interessante dessa lei é que toda atividade autônoma de baixo se encontra inevitavelmente com a realidade divina do alto. O que foi construído pelo esforço autônomo do "eu" inferior deverá, cedo ou tarde, ser confrontado com a realidade divina e sofrer os efeitos da comparação com ela. A lei - ou o Arcano - da "torre de Babel" se manifesta, por exemplo, no fato do *Purgatório* após a morte. Porque todo homem que não é santo ou justo acabado constrói uma espécie de "torre de Babel" própria. Suas ações, opiniões e aspirações autônomas ou pessoais constituem um "mundo privado", que ele construiu e que leva consigo para o mundo espiritual, após a morte. Esse mundo subjetivo deve, portanto, passar pela prova do encontro com a realidade transubjetiva espiritual, o raio. Esse encontro da subjetividade com a realidade espiritual constitui o essencial do estado após a morte, conhecido pelo nome de "purgatório".

O purgatório é, pois, o estado da alma que vê as ações, as opiniões e as aspirações de sua vida passada sob a verdadeira luz da Consciência transubjetiva. Ninguém a julga; é ela mesma que se julga sob a luz da consciência completamente despertada.

Falava-se muitas vezes das "trevas" nas quais a alma se vê atirada, quando entra no purgatório, e do "confinamento solitário" que ela sofre nele. Há alguma verdade nessas descrições do estado da alma no purgatório. Vista *de fora,* a alma que entra no purgatório desaparece da vista das outras almas e mergulha assim nas trevas da indivisibilidade e da inacessibilidade. Nesse sentido, isto é, do ponto de vista de sua inacessibilidade, pode-se dizer que a alma, no purgatório, está em "confinamento". Porque ela está fora dos contatos e das relações com os seres "livres" do mundo espiritual.

Mas, vista do interior de si mesma, a alma que entrou no purgatório está imersa na luz absoluta da Consciência transubjetiva, que, sendo demasiadamente luminosa, parece envolvê-la de trevas. Ao mesmo tempo a alma é levada a se concentrar, tanto que se toma inacessível a todo mundo.

Como se realiza a purificação da alma no purgatório, qual é a natureza das trevas e do confinamento que ela sofre e quais são os frutos desse estado? Ninguém dá uma idéia mais clara disso e uma descrição

mais digna de fé do que são João da Cruz em sua obra *Noite escura*. Os capítulos nos quais ele trata da noite" escura do espírito" nos dão uma analogia tão próxima quanto possível do estado da alma no purgatório.

"Essa noite escura é influência de Deus na alma, a qual a purifica de suas ignorâncias e imperfeições habituais, tanto naturais como espirituais. Mas, dirá alguém, se é assim, por que essa luz divina, que, segundo nós, ilumina a alma e a purifica de suas ignorâncias, é chamada pela alma de noite escura? Respondo que é por dois motivos que essa divina Sabedoria é para a alma não só uma noite cheia de Trevas, mas também pena e tormento. O primeiro é a elevação da Sabedoria divina, que supera a capacidade da alma e, por isso, é cheia de escuridão para ela. O segundo é a baixeza e a impureza da alma, o que faz com que essa luz seja para ela penosa, dolorosa e até escura.

Aqui se dá o mesmo que com a luz natural: quanto mais clara ela é, mais ofusca e escurece a pupila da coruja; quanto mais alguém quer fixar a vista no Sol, tanto mais ofuscada fica sua capacidade visual e sem luz; esta luz ultrapassa a fraqueza do olho. Igualmente acontece quando essa divina luz da contemplação reveste a alma que ainda não está completamente iluminada: ela produz na alma trevas espirituais, porque não só supera, mas também porque a priva de sua inteligência natural e obscurece o seu ato ... A grande luz sobrenatural dessa contemplação paralisa as forças privadas e naturais do entendimento . . . A causa é que, quando Deus faz descer de si sobre a alma que ainda não foi transformada algum esplêndido raio de sua Sabedoria oculta, esse raio produz no entendimento profundas trevas.

O sofrimento da alma que provém de sua impureza é imenso quando ela está verdadeiramente revestida dessa divina luz. Com efeito, quando essa luz pura reveste a alma, é para expulsar dela as impurezas; então a alma se reconhece tão impura e tão miserável que lhe parece que Deus se levanta contra ela e que ela se levanta contra ele. Sentindo-se então reieitada por Deus, ela sofre tanto e tem tanto desgosto que passa por uma das provas mais sensíveis às quais Jó esteve sujeito. Ele disse, com efeito: 'Por que me tomas por alvo e cheguei a ser um peso para ti? (J ó 7 ,20). *Com efeito, embora encontrando-se então nas trevas, a alma vê claramente sua impureza com o auxílio dessa luz límpida e pura; ela reconhece claramente que não é digna nem de Deus nem de qualquer criatura. O que mais a af ligo é o pensamento de que nunca mais será digna de Deus e de que já não há felicidade para ela.*

O segundo tormento para a alma nesse estado vem da fraqueza de sua natureza, moral e espiritual. Como essa divina contemplação reveste a alma de algum vigor, a fim de fortificá-la e dominá-la aos

poucos, ela faz sua fraqueza experimentar pena tão profunda que ela parece estar no ponto de desfalecer . . . Então o sentido e o espírito se acham, por assim dizer, oprimidos por peso imenso e invisível; sofrem e suportam tão grande agonia que considerariam a morte (o aniquilamento) como alívio e felicidade". "Eis uma coisa digna de admiração e compaixão. A fraqueza e a impureza da alma são tais que ela sente a mão do Senhor muito pesada e muito oposta à sua natureza, quando, na verdade, ela é tão agradável e suave, e o Senhor não a deixa pesar sobre a alma; ele apenas a toca, e age por misericórdia, tendo como único fim conceder favores à alma, e não castigá-la".

"Eis que entra um raio de sol pela janela. Quanto mais puro e sem partículas é ele, tanto menos visível; e quanto mais partículas e poeira estiverem no ar, mais perceptível é ele ao olho. O motivo desse fenômeno é que não vemos a luz em si mesma; ela é somente o meio pelo qual vemos tudo o que ela ilumina, e a ela mesma vemos pela reverberação que ela produz em torno de si; sem isso não a veríamos . . . Eis, sem tirar nem pôr, o que o divino raio da contemplação produz na alma. Revestindo-se de sua luz, ele ultrapassa as forças naturais e a coloca nas trevas, privando-a de todos os conhecimentos e afeições naturais que lhe tinham vindo por meio da luz natural. Assim ele não só a coloca nas trevas, mas também despoja suas potências como suas tendências espirituais e naturais. É deixando-a assim no despojamento e nas trevas que ele a purifica e ilumina com sua divina luz; a alma não duvida disso e se crê sempre nas trevas. É o que dissemos do raio de sol que, mesmo estando dentro da casa, é invisível para nós, se for puro e não encontrar algum objeto que o reflita. Mas quando essa luz espiritual que reveste a alma encontra algum objeto que a reflita, isto é, um ponto de perfeição espiritual a compreender, por menor que seja ele, ou um julgamento verdadeiro ou falso a emitir, logo ela o vê e o compreende muito mais claramente do que antes de ter sido atirada nessas trevas. Do mesmo modo, a luz espiritual que ela tem a ajuda a conhecer com facilidade a imperfeição que se apresenta ... "

"O *fogo divino do amor de contemplação, antes de unir a alma a si e de a transformar em si, purifica-a de todos os seus elementos contrários. Tira dela todas as suas impurezas e a torna preta e escura; por isso ela parece pior do que antes, muito mais feia e abominável. Essa purificação elimina todos os humores maus e viciosos que estavam muito enraizados e estabelecidos na alma, os quais antes ela não via, nem imaginava ter em si tanto mal; mas agora que se trata de eliminá-los e destruí-los, eles aparecem aos seus olhos. E ela os vê muito claramente sob o brilho da obscura luz da divina contemplação, mas ela não é pior por isso em si mesma, nem diante de Deus. Entretanto, como vê agora em si o que antes não via, parece-lhe evidente não só que é indigna do olhar*

de Deus, mas também que merece que ele lhe tenha horror e que já seja para ele objeto de horror".
"A luz de Deus que ilumina o Anjo esclarece-o e o cumula das suavidades de seu amor como convém a espírito puro que se prepara para a infusão de semelhantes graças. Quando se trata do homem, impuro e fraco, é natural que Deus o esclareça, como já dissemos, colocando-o na noite e causando-lhe penas e angústias, à semelhança do que faz o sol ao olho doente; ele o ilumina, enchendo-o de amor e de aflição. Esse trabalho dura até que o fogo do amor o tenha espiritualizado, depurado, purificado, a fim de que ele possa participar com suavidade, como os anjos, da união com essa influência amorosa ... "

São esses alguns extratos dentre os mais pertinentes da doutrina de são João da Cruz, tirados dos capítulos V e XII da *Noite escura do espírito.* A purificação descrita, que é uma escola de humildade, e a luz divina, que põe a alma nas trevas e pesa sobre ela e a faz sentir a inevitável necessidade do confronto da natureza humana com a verdade divina, podem ser resumidas na imagem da torre atingida pelo raio e da queda de seus construtores, isto é, pela lâmina do décimo sexto Arcano do Tarô. O *raio* que *golpeia* é a luz divina que *ofusca* e *pesa;* a torre partida é tudo o que foi edificado pelas potências humanas do entendimento, da imaginação e da vontade, confrontado com a realidade divina; os construtores que caem são escola de humildade para as potências humanas do entendimento, da imaginação e da vontade. Assim o purgatório, a vida de purificação que precede a iluminação e a união místicas, os grandes acontecimentos históricos que obrigam a humanidade a um recomeço e os acontecimentos individuais que deixam os homens prostrados como que por raio, para se levantarem, iluminados como Saulo de Tarso ou alienados como Nietzsche - todas essas coisas aparentemente diferentes são manifestações diversificadas da mesma lei ou do mesmo arcano, o da "torre partida pelo raio".

Essa lei é o tema do *Magnificat* colocado como epígrafe desta Carta:

"Dispersou os homens de coração orgulhoso.
Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou.
Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias". (Lc 1,46-53)

É a lei eterna da Torre de Babel que é cantada no *Magnificat,* a lei da torre partida pelo raio e a do coração humilde elevado, pelo mesmo raio, à iluminação divina. Porque o *Magnificat* é o cântico de coração partido por esse raio que "depõe poderosos de seus tronos e exalta humildes".

Só no evangelho segundo Lucas essa lei pôde ser expressa de maneira mais concisa:

"Todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado" (Lc 14, 11).

Há várias maneiras de se elevar, e uma só de se humilhar.

Na biologia, por exemplo, no processo evolutivo, muitos caminhos levam a vantagens temporárias por uma especialização do organismo numa direção determinada, mas elas chegam a um impasse. Assim, os grandes répteis, os sáurios, chegaram incontestavelmente a dominar a Terra, graças à sua força física, à sua agilidade de movimentos e às formidáveis armas naturais que eram suas mandíbulas e seus membros. Mas tiveram de ceder o lugar a seres pequenos, menos especializados e desprovidos de vantagens físicas comparáveis. Os primeiros mamíferos poderiam parecer insignificantes ao lado dos grandes sáurios.

"Foi justamente sua insignificância que tornou possível sua sobrevivência durante o longo período em que a terra esteve dominada por répteis poderosos e especializados" (Julien Huxley, *Evolution in Action,* cap. 5).

Foi a falta de especialização que lhes permitiu adaptar-se à mudança radical das condições climáticas pelo fim da era mesozóica, quando os répteis dominantes desapareceram.

Os mamíferos substituíram então os répteis como senhores da terra. Ramos de mamíferos se especializaram, "elevaram-se", desenvolvendo órgãos e faculdades que lhes deram vantagens temporárias, mas que também os levaram a impasse, tornando-os incapazes de evolução ulterior. O grupo dos mamíferos que, em vez de se especializar, entrou em *processo de crescimento geral* ou na evolução equilibrada do organismo físico e das faculdades psíquicas constituiu a crista da lâmina da evolução e, finalmente, produziu os organismos capazes de servir de instrumento às almas humanas.

"Elevar-se" e "abaixar-se para ser elevado" vêm dar, em biologia, na *especialização,* que fornece vantagens temporárias, e no *crescimento geral,* na evolução equilibrada, das faculdades físicas e psíquicas dos seres. E o que vale no domínio biológico vale também nos outros domínios.

Por isso julguei oportuno acrescentar, no começo desta carta, à fórmula "Todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado" (Lc 14,11), o texto seguinte do Evangelho segundo Marcos:

"O *Reino de Deus é como um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda. de noite e de dia. mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como"* (Me 4,26-28).

Porque o que esse texto põe em relevo é a vida do *crescimento geral* ou da "humilhação ao papel de semente", em oposição aos caminhos da *especialização* ou àqueles nos quais a pessoa "se eleva *construindo* torres".

Crer ou *construir,* eis a e:::colha na qual em última análise vêm dar o "caminho da salvação" e o "da perdição" ou o caminho do aperfeiçoamento sem fim e o que chega a impasse.

A idéia do inferno é a do impasse espiritual definitivo; a idéia do purgatório se refere ao processo que rejeita as tendências para os impasses da especialização, a fim de conservar aberta a via do aperfeiçoamento, o "caminho da salvação".

Elevar-se ou humilhar-se, especializar-se para conseguir vantagens temporárias ou ser movido só pela fome e sede da Verdade, do Belo e do Bem, *construir* uma torre ou *crescer,* "dormindo ou acordado, noite e dia, sem saber como", eis a escolha que todo homem, toda comunidade e toda tradição ou escola espiritual *devem* fazer.

Nós, ocultistas, magistas, esoteristas e hermetístas - e todos os que querem "fazer", em lugar de esperar, que querem "tomar sua evolução em suas próprias mãos" e "dirigi-la para a meta" - nós nos vemos diante dessa escolha de maneira muito mais dramática do que aqueles que não se preocupam com o esoterismo. O nosso perigo principal (senão o *único* perigo verdadeiro) é o de preferirmos o papel de "construtores da torre de Babel" (pessoal ou comunitária) ao de "jardineiros ou vinhateiros do jardim ou da vinha do Senhor".

Na verdade, a única razão moralmente fundada na verdade para guardarmos os esoterismos "esotéric::os ", isto é, para não os difundirmos à luz do dia é o perigo do grande mal-entendido que consiste em confundirmos a *torre* com a *árvore;* com isso recrutaremos "pedreiros" em vez de "jardineiros".

A Igreja sempre teve consciência desse perigo. Por isso, embora aprecie e encoraje. o esforço, ela sempre insiste no princípio da *graça* como única fonte de progresso no caminho da perfeição. Por isso mostrou-se desconfiada em relação às irmandades ou grupos ditos "iniciáticos", formados em sua periferia ou fora dela. Porque, abstraindose das rivalidades e de outras imperfeições humanas, a razão *grave* que leva a Igreja a tomar atitude negativa em relação às irmandades etc., iniciáticas é o perigo de substituírem o *crescimento* pela *construção,* a graça pelo "fazer", a vida da sal vação pelos caminhos da especialização. Não sei se isso explica o processo da Ordem dos Templários: certamente explica a oposição da Igreja à *Franco-maçonaria.*

Seja o que for dos casos particulares, aquilo de que nos ocupamos aqui é o Arcano da torre atingida pelo raio, isto é, o conjunto das idéias e dos fatos que se referem à vontade de "elevar-se", o que produz a especialização, a qual, por sua vez, inevitavelmente chega ao impasse. Trata-se assim da escolha entre "construção" e "crescimento" no domínio esotérico

Vemos um faquir que é insensível aos pregos sobre os quais se estende ou que se faz enterrar vivo e assim fica durante uma semana, sem sufocar-se, ou que faz uma planta crescer diante de nós. Esse faquir adquiriu vantagens, *pode* o que não podemos. Mas ele conseguiu isso com prejuízo do desenvolvimento geral enquanto ser humano; ele se especia-

lizou. Jamais trará ele alguma contribuição de valor à filosofia, à religião, à arte. Se considerarmos seu progresso humano geral, ele está num impasse, à espera do raio do alto, que poderá fazê-lo sair dele.

Isco nos leva ao problema inquietante posto por Agripa de Nettesheim, autor de obra clássica sobre a magia: *De Philosphia occulta* . . . Como pôde o autor desse livro, no qual se encontra uma multidão de coisas baseadas numa experiência autêntica, como pôde ele, adepto entusiasta, tornar-se o cético desencantado que, pelo fim de sua vida, escreveu o *De I ncertitudine et Vanitate Scientiarum* (" Sobre a incerteza e a vaidade das ciências")?

A resposta é que Agripa construíra uma "torre de Babel" que foi atingida pelo "raio do alto". A realidade superior lhe fez parecer vãs todas as "ciências sobrenaturais", às quais ele tinha consagrado os mais belos anos de sua vida. A torre foi abalada, mas a via do céu foi aberta. Ele estava livre para recomeçar, isto é, podia engajar-se na via do *crescimento.*

O faquir e o mágico têm necessidade do raio libertador do alto para voltarem à via da evolução puramente *humana,* isto é, do crescimento geral, fora dos impasses da especialização. O mesmo vale para o gnóstico e o místico especializados.

Eis porque repetimos tantas vezes nessas Cartas que o Hermetismo prático (prático, isto é, *vivido)* não é ciência oculta, nem magia, nem gnose. nem mística, mas a síntese delas. Ele é a *Árvore,* não a *Torre.* É o homem, o homem *todo* - enquanto filósofo, mágico, gnóstico e místico ao mesmo tempo - que é esta Árvore.

É ela a Árvore das *Sefirot* da Cabala? Talvez. Ou a Árvore do conhecimento e da Vida do jardim do Éden? Sim. Eu preferiria ver nela principalmente a Árvore da Morte e da Ressurreição, a *Cruz* da qual surge a *Rosa.* A Cruz que mortifica e vivifica ao mesmo tempo, a Cruz na qual o suplício do Calvário e a glória da Ressurreição se unem.

Porque a Cruz é a lei do *crescimento:* a do morrer e a do tornar-se perpétuo. Ela é a via que escapa aos impasses da especialização, a lei da *purificação,* que leva à *iluminação* e culmina na *união.*

O Hermetismo prático é a mística, a gnose, a magia e a ciência da Cruz. O objeto de sua busca, seu impulso de base e sua razão de ser é a grande obra do *crescimento* que age pela transformação, pela sublimação, pela transubstanciação e pela transmutação espirituais, psíquicas e corporais. Sim, a alquimia, o princípio alquímico, é a alma do Hermetismo. Esse princípio está expresso no Evangelho: *que nada pereça e que tudo seja salvo.*

Que *nada* pereça e que *tudo* seja salvo - pode-se imaginar um ideal, um objetivo que impliquem mais fé, mais esperança e mais amor? Enquanto aqueles que não têm a fé perfeita recorrem à cirurgia da separação entre o Si mesmo verdadeiro e o eu inferior, como no caso do Sânquia e da Ioga, e aqueles que têm falta de esperança suprem os defeitos das faculdades e das forças, recorrendo à protese, isto é, à construção de mecanismos chamados a desempenhar as funções das facul-

dades que falham, como é o caso dos construtores de máquinas, dos autores de sistemas filosóficos, dos rituais da magia cerimonial e, em geral, dos *construtores da torre* - os adeptos da grande obra confessam "a loucura da cruz"; eles crêem, esperam e querem "que nada pereça e tudo seja salvo".

A Boa Nova que o mundo recebeu há mais de dezenove séculos é a da *ressurreição,* da grande operação alquímica da transmutação do ser humano.

A libertação pela cirurgia espiritual, o poder graças à construção de mecanismo mental ou outro, a ressurreição graças à cruz, à lei do crescimento espiritual, eis os três ideais entre os quais toda alma humana deve escolher.

O Hermetismo fez sua escolha. Ele abraçou para sempre a lei da "Vida viva", a cruz como sua vocação, e a ressurreição como seu ideal. Por isso ele não tem nada de mecânico nem de cirúrgico. Nele não construímos torres nem procuramos divórcios, mas tratamos da transmutação das forças e das faculdades da natureza humana, isto é, da grande obra da evolução humana, evitando os impasses da especialização. Afirmei que no Hermetismo prático não há nada de mecânico nem de cirúrgico. Isso significa que não encontramos nele nenhuma técnica mental, cerimonial ou fisiológica que permita saber e realizar coisas que ultrapassem a medida das faculdades morais e intelectuais. Permanecemos no nível do crescimento moral e intelectual, devido à experiência, ao esforço e à ação da graça do alto. Não encontramos nele, por exemplo, nenhum método técnico do despertar dos centros ou "lótus" pela pronúncia das sílabas mântricas acompanhadas da respiração especialmente adaptada para esse fim. Os centros ou "lótus" crescem e amadurecem na luz, no calor e na vida da Verdade, do Belo e do Bem, sem a aplicação de nenhum método técnico especial. Os "lótus", como o ser humano inteiro, desenvolvem-se segundo a lei geral expressa pelo Evangelho:

> "O *Reino de Deus é como um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como"* (Me 4,26-28).

No Hermetismo prático, o que torna quente o coração - o "lótus de doze pétalas" - é a *cordialidade,* não o despertar da força adormecida *Kundalini* por meio das sílabas mântricas e da respiração. O que põe em movimento o lótus da iniciativa intelectual - o "lótus de duas pétalas" - é a *atenção* devida ao desejo de compreender, e não uma sílaba mântrica ou um modo especial de respiração etc.

Se fosse de outro modo, se aplicássemos a cada "lótus" um método especial para seu desenvolvimento, conseguiríamos seu desenvolvimento no sentido da *especialização* e obteríamos vantagens temporárias, engajando-nos em impasse. O mesmo se aplica às técnicas intelectuais. A máquina de calcular é necessária para o trabalho científico de hoje. Nem ela nem seu análogo têm lugar no Hermetismo. Nele, o esforço pessoal e original do pensador é insubstituível.

Nem a *Ars combinatoria* de Raymond Lulle, nem o *archéomêtre* de Saint Yves d'Alveydre, por mais engenhosos e bem fundados que sejam, foram aceitos no Hermetismo como instrumentos de descoberta ou como critérios de julgamento. Até o sistema dos silogismos aristotélicos, tão em uso entre os pensadores escolásticos da Idade Média, foi pouco aceito pelos hermetistas.

Eles são excelentes instrumentos intelectuais, mas o Hermetismo *não quer* servir-se de *nenhum instrumento.* Porque o Hermetismo não tem nada a ver com o desejo de obter "respostas certas" para questões, com um mínimo de esforços e um máximo de resultados. As suas "questões" são *crises,* e as "respostas" que ele procura são *estados de consciência* que decorrem dessas crises. Sendo o Hermetismo a *arte de tornar-se,* a arte das transformações, das transubstanciações e das transmutações da consciência humana, não pode ele servir-se de nenhum instrumento intelectual. Os símbolos que ele usa ou dos quais os hermetistas se deixam impregnar não são instrumentos intelectuais. Não há neles nada de mecânico. Bem ao contrário, os símbolos são "fermentos" ou "enzimas" místico-gnóstico-mágicas do pensamento, e sua presença perturbadora inquieta, estimula e convida a lançar-se em profundezas sempre novas.

Os símbolos não são instrumentos do pensamento, mas seus guias e mestres, do mesmo modo que o "símbolo da fé", o Credo cristão, não é *instrumento* do pensamento, mas uma espécie de constelação estelar muito acima dele.

Se assim não fosse, repito-o, o Hermetismo que termina em impasse estaria morto há muito. A menos que, nova torre de Babel, ele estivesse reduzido a esperar o raio salutar.

> *Eu conheci, há cerca de quarenta anos, um engenheiro esoterista vinte anos mais velho do que eu, o qual eu considerava como mestre. Ele estudara os três volumes da* Doctrine secrete *de Blavatzky na solidão das estepes da Ásia central e tinha conseguido reduzir a massa dos materiais dessa obra a sistema simples e elegante, um círculo com sete círculos interiores, subdivididos por sua vez em sete pequenos círculos. Com o passar do tempo, ele tinha chegado a tal habilidade no manejo desse instrumento que, fosse qual fosse a questão, encontrava a resposta quase imediatamente. A Revolução Russa? Três que aspira a quatro. A ciência e a religião? Cinco e quatro. A ciência européia e a sabedoria esotérica do Oriente? Cinco e seis.*
>
> *Não pensemos que ele respondia usando números; aos "não iniciados" ele dizia muitas coisas, muitas vezes instrutivas e quase sempre oportunas. Os números eram só para os "iniciados".*

O instrumento que esse engenheiro construiu com o auxílio da *Doctrine Secrete* de Blavatzky lhe deu por algum tempo uma inegável superioridade. Mas ele colocava seus discípulos num impasse, e eles se dispersaram à procura de experiência pessoal autêntica. Quanto ao autor,

acabou publicando um livro sobre o fantasma de uma "dama branca" que assombrava casa antiga de sua cidade. Um fantasma, sim, e no entanto, fenômeno da realidade.

O Arcano da Torre partida pelo raio do alto ... ! Como me agradaria mostrar seu alcance e seu sentido. Os ingleses dizem que é suficiente fazermos tudo o que podemos *(to do one's best).* Mas quem poderá dizer com certeza que fizemos tudo o que podíamos?

Deixemos, porém, minhas angústias pessoais e voltemos ao Arcano do qual estamos tratando.

Não há, pois, nem pode haver nada de mecânico no Hermetismo prático, que não constrói "torres de Babel". Acrescentei que não há também nada de *cirúrgico.* Isso significa que, sendo o princípio alquímico a alma do Hermetismo, é o *"casamento* dos opostos", e não o *divórcio,* que constitui a base do Hermetismo prático.

O casamento dos opostos é princípio de alcance universal. Ele não é o compromisso no qual é possível "arranjar-se", mas a *cruz* e a magia da cruz. É assim que o "Si mesmo verdadeiro" está unido ao "eu inferior" no ser humano, no qual o "eu inferior" é a cruz do "Si mesmo verdadeiro" e o "Si mesmo verdadeiro" é a cruz do "eu inferior". Os dois pólos do ser humano *vivem* um *na presença* do outro; o resultado é o processo alquímico da aproximação progressiva entre um e outro.

Igualmente sucede com as hierarquias "da direita" e "da esquerda" no mundo e na história do mundo. Elas não podem unir-se nem separarse e estão empenhadas numa discussão milenar na qual os argumentos são fatos e as conclusões são acontecimentos. As hierarquias "da esquerda" são a cruz das hierarquias "da direita" e vice-versa. No mundo e em sua história não há esperança fora do processo alquímico de transmutação do Mal em Bem, sacramento de penitência de envergadura cósmica. A separação entre os dois lados seria catástrofe irreparável.

Vejamos alguns exemplos históricos.

As guerras de religião entre protestantes e católicos e, antes, as guerras entre cristãos e muçulmanos chegaram, como recentemente na Coréia, ao estabelecimento de uma linha de demarcação, a um "paralelo 38 ". Cada um acabou reconhecendo a existência do outro, vivendo em sua presença e suportando-se mutuamente. Cada um se resignou à cruz, em lugar de recorrer à cirurgia da guerra. E a magia da cruz, o processo alquímico de transmutação começou a agir. Uual foi seu resultado?

O mundo muçulmano abandonou a pretensão de converter o mundo cristão pelas armas, e o mundo cristão fez o mesmo; mais ainda, os dois lados deixaram de se esforçar para povoar o inferno com almas da religião oposta. E na Alemanha - tão arruinada pela guerra dos trinta anos como o foi pela Segunda Guerra Mundial - o governo é exercido por uma frente unida de católicos e protestantes, *CDU.*

Outro tanto acontece com o conflito entre o mundo livre e o mundo comunista. Querendo ou não, cada um deverá reconhecer-se reciprocamente e aceitar e suportar a existência do outro. O paralelo 38 foi um co-

meço. Depois vieram a operação da magia da cruz e do processo alquímico da transmutação. O mundo livre, diante de seu juiz e concorrente incansável, eliminará progressivamente as injustiças sociais que reconhecer como tais; e o mundo comunista, diante de seu juiz e concorrente incansável, se liberalizará progressivamente e restaurará as liberdades que reconhecer como postulados invioláveis da natureza humana.

Verifica-se o mesmo no conflito entre a ciência e a religião, no Leste e no Oeste. Elas terão de suportar-se mutuamente. O resultado será que haverá sempre mais cientistas crentes e cada vez mais sacerdotes cientistas.

A magia da cruz ou a alquimia que age no "casamento dos opostos" é, portanto, a única esperança do mundo, da humanidade e de sua história. E é precisamente o princípio do "casamento dos opostos" que está subjacente no Hermetismo; ele rejeita o princípio do divórcio e da guerra, o princípio cirúrgico, tanto na teoria como na prática espiritual, moral e intelectual. O "que nada pereça, e que tudo seja salvo" é a alma do Hermetismo.

A tese fundamental segundo a qual tudo *pode ser salvo,* tese ao mesmo tempo cristã e alquímica, é a da fé pura e simples, devida à experiência do sopro divino. Ela tem, contudo, a virtude de abranger não só o coração e a vontade, mas também o entendimento, o qual pode encontrar nela uma satisfação completa. Eis um exemplo.

A parábola da ovelha perdida é bem conhecida. Pensa-se, em geral, que ela destaca a solicitude do bom pastor pela alma particular, o que está certo. Pode-se, todavia por analogia, aplicá-la também à vida interior da alma, aos seus desejos, às suas aspirações, aos seus vícios e às suas virtudes. E se considerarmos, por analogia, toda força particular da alma como "ovelha", chegaremos a compreender que, no fundo, os defeitos e os vícios da alma não são monstros, e sim ovelhas desgarradas. Assim, no fundo, a avidez de domínio e o desejo de submeter a vontade alheia à vontade própria é uma ovelha que se desgarrou. Porque na raiz do desejo de domínio está o sonho da unidade, da união e da harmonia do coro. É a "ovelha". Mas, em vez de procurar a realização do sonho de harmonia pela via do amor, a vontade quer realizá-lo pela via da coação. Eis a ovelha *desgarrada.*

Para reconduzi-la "ao rebanho", a vontade fundamental, subjacente no desejo de dominar, deve tomar consciência de que é no domínio do amor, e não no do mandamento, que ela encontrará o que procura. Eis o retorno da ovelha desgarrada, o processo alquímico de transmutação de "metal vil" em "ouro".

Uma vez que todos os defeitos e todos os vícios da alma são ovelhas desgarradas, nós todos temos a missão de encontrar e fazer voltar para o rebanho (para a harmonia coral) as ovelhas desgarradas que estão em nós. Nós somos missionários no domínio subjetivo de nossa própria alma, encarregados de converter nossos desejos, ambições etc. Devemos *mostrar-lhes* que procuram a realização de seus sonhos por caminhos falsos e indicar-lhes o caminho verdadeiro. Não se trata de mandamento,

e sim da alquimia da cruz, isto é, da via alternativa de nossos desejos, ambições, paixões etc. Trata-se ainda do "casamento" alquímico dos opostos.

O meio prático para isso é a *meditação;* a meditação profunda é que permite apresentar a via alternativa a toda "ovelha desgarrada" em nós, com força suficiente para impressioná-la. Meditar é pensar na presença de Deus como *rezar* é falar na presença de Deus.

A meditação é, pois, o esforço honesto .e corajoso do "eu inferior" para pensar em comunhão com o "Si mesmo superior" na luz divina. E como a *concentração* precede necessariamente a meditação, do mesmo modo esta, cedo ou tarde, chega à *contemplação;* isso significa que inevitavelmente se faz a passagem das considerações e dos discursos para a imobilidade e o silêncio completo do recolhimento sobrenatural, no qual pensamos mais em *alguma coisa* distante, mas no qual a Coisa mesma está presente e se revela. A contemplação é a união do pensador com a Realidade. Nela não chegamos a uma "conclusão", mas recebemos - ou sofremos - a *impressão* da Realidade.

Eis, portanto, a "técnica" - na qual, entretanto, não há nada de técnico - do Hermetismo prático: a passagem da concentração para a meditação e desta para a contemplação.

Para podermos concentrar-nos devemos atingir certo grau de liberdade e desapego. Para podermos meditar devemos colocar-nos sob a luz do alto. E para podermos experimentar a contemplação devemos tornarnos uma coisa só com esta luz.

Por isso os estadcs ou etapas da alma correspondentes à concentração, à meditação e à contemplação são os da *purificação,* da *iluminação* e da *união.* E são os três votes sagrados de obediência, castidade e pobreza que tornam eficazes a concentração, a meditação e a contemplação para a realização da purificação, da iluminação e da união da alma.

Eis os "segredos" práticos da "jardinagem" interior, do manejo das leis do *crescimento* (e não das da *construção)* do ser humano no sentido da *evolução humana,* de modo que ele se torne cada vez mais humano fora dos impasses da especialização.

O décimo sexto Arcano do Tarô, o da torre fulminada, revela a natureza e o perigo dos impasses da especialização. *Não devemos construir; devemos crescer:* eis o seu ensinamento essencial. Porque todas as libertações levadas a termo graças às operações cirúrgicas incluem a necessidade de recomeçar. O balão que fazemos voar mais alto cortando as cordas dos sacos de lastro aterrissará cedo ou tarde; o vento inevitavelmente acabará por fazê-lo abaixar-se.

As torres serão *fulminadas* e cs balões serão abaixados pelo vento.
Em última análise, o que salva constantemente a evolução humana e faz o papel do raio e do vento são a Morte e o Nascimento. Não é profundamente significativo que o chefe espiritual da religião e da libertação da roda das reencarnações tenha sido procurado - e encontrado quatorze vezes - entre as crianças nascidas imediatamente depois de sua morte? Que os *Datai-lamas* estão entre as crianças da primeira geração

após seu passamento é provado por incontestáveis reminiscências de sua encarnação anterior; os quatorze Dalai-lamas são reencarnações sucessivas de uma só alma ou entidade.

Direis que se trata de ilusões. Por quê? Podeis provar que eles se enganam? Os que têm a tarefa de encontrar - melhor, de *reencontrar* - o Dalai-lama podem apresentar mais de uma prova.

É a *misericórdia* que faz voltar a alma do Dalai-lama, dizem os budistas. Mas, por que o *vento* do qual se trata aqui não poderia ser o da compaixão e da misericórdia como o raio que fulmina as torres é o amor divino, que nos salva dos impasses? Quanto a mim, declaro firmemente e não tenho nenhuma dúvida de que a morte, que nos salva do impasse ao qual chega nossa organização corporal, é efeito do raio do amor divino, e de que o narcimento, que nos dá a possibilidade de participar ativamente da história terrestre do gênero humano, no fundo, é devida à ação da compaixão por esta terra e pela humanidade que a habita, pelo menos quanto a certa classe de almas.

Não há nada de mecânico e de automático no fundo das coisas do mundo. Desembaracemo-nos das aparências mecânicas e veremos que o mundo é coisa moral, o amor crucificado. Sim, os mercenários tomaram suas vestes e as dividiram em quatro partes, uma para cada um deles; depois tiraram a sorte sobre sua túnica, enquanto o coração do mundo *nu* é o amcr crucificado no meio dos dois outros crucificados, à sua direita e à sua esquerda.

Com efeito, as ciências mecânicas repartiram as vestes do Verbo e disputam a primazia na explicação do princípio universal (a túnica) que se manifesta de modo igual em todos os seus domínios especiais. Pergunta-se se ele pode ser reduzido às leis da física e da química ou da energia ou da biologia.

Mas o Hermetismo, por mais desprezado e desacreditado que seja, não toma parte na divisão das vestes do Verbo crucificado nem na escolha de sua túnica pela sorte. Ele se esforça por vê-lo *vestido* do mundo mecânico, pelo menos na aparência. Por isso os alquimistas, cuja preocupacão era a química dos "sopradores", isto· é, os processos químicos materiais dirigidos pelo sopro moral psíquico e espiritual, nunca tiraram a veste Àquele ao qual ele pertencia: a sua "química" não era separada do Verbo. Por isso os astrólogos, cuja preocupação era a astronomia das "influências" ou dos "sopros celestes", não tomaram o mundo planetário e zodiacal como mecanismos puros e simples: a sua "astronomia" não era separada do Verbo. Por esse motivo também os magistas, cuja preocupação era a física "soprada", isto é, os movimentos e as energias causadas pelo verbo humano, por analogia com o Verbo divino, não se apossaram somente da veste: a sua "física" não era separada do Verbo. Sejam quais forem os erros e os abusos práticos dos alquimistas, astrólogos e magistas, pelo menos não se encontram entre os que repartem as vestes e tiram a sorte sobre a túnica.

Mas o Hermetismo não é alquimia, astrologia ou magia, embora essas ciências sejam derivadas dele pela via da especialização. Porque

o princípio fundamental do Hermetismo como síntese da mística, da gnose, da magia e da filosofia é a *não-especialização.* Por isso ele *evolui* evitando os impasses da especialização, as torres que, cedo ou tarde, serão fulminadas.

Assim o Hermetismo cristão de hoje não ficou atrás dos grandes acontecimentos espirituais que mudaram fatores de primeira ordem no domínio astrológico, acontecimentos que fazem agora o papel "do raio que fulmina a torre da: astrologia". Quero simplesmente dizer que as influências planetárias e os dias e as horas dessas influências se submeteram a um poder de origem superior. É verdade que o domingo é o dia do Sol quanto ao organismo psicofísico humano, mas hoje ele é o dia da Ressurreição quanto à vida psicoespiritual humana. O sábado ainda é o dia de Saturno, no que se refere à parte natural inferior do ser humano; quanto à alma, que tende para o espírito, e quanto ao espírito humano, o sábado é o dia da Santíssima Virgem. Na sexta-feira a influência de Vênus submeteu-se ao Calvário, a Cristo crucificado. A terça-feira não é mais o dia de Marte, quando se trata da alma que aspira ao espírito ou de pessoas espirituais, mas o dia do Arquiestratego Miguel. A segunda-feira é o dia da Santíssima Trindade, e não mais o dia da Lua. A quarta-feira é o dia dos pastores humanos da humanidade, não mais o de Mercúrio. A quinta-feira é o dia do Espírito Santo, não de Júpiter, sempre no que concerne à alma voltada para o espírito e à vida das pessoas espirituais.

A Magia sagrada de hoje emprega as fórmulas e os signos que correspondem ao poder sobrenatural do dia e não à influência natural planetária desse dia, se bem que, repito-o, esta continue válida e conserve valor prático num domínio restrito, mais restrito do que no passado. Na quinta-feira invocamos, portanto, o Espírito Santo e nos unimos a ele, em vez de invocarmos o "gênio de Júpiter" etc.

A primazia do poder sobrenatural sobre as influências astrais dos dias, das horas e dos anos, eis o "raio" que "atingiu" a torre da Astrologia e da magia astrológica especializada.

Eis um exemplo do "raio" em ação: o horóscopo indica uma constelação funesta de Saturno e Marte na oitava casa (a da morte), predizendo a morte violenta; acontece, contudo, que quem está em ação não são Saturno e Marte, mas a Santíssima Virgem e o Arcanjo Miguel; e que em lugar da morte predita, verifica-se uma iluminação espiritual ...

O que é verdade da Astrologia e da Magia o é também da Alquimia, porque tudo o que se especializa torna-se uma torre, isto é, se cristaliza e, com isso, priva-se da faculdade de caminhar no ritmo da evolução espiritual; é o impasse. Então "o raio do alto" entra em cena e afasta o obstáculo ao progresso ulterior.

O décimo sexto Arcano Maior do Tarô é, portanto, uma advertência para todos os autores de "sistemas" que dão papel importante à mecanicidade: sistemas intelectuais, práticos, ocultos, políticos, sociais e outros. Ele os convida a se empenharem nos trabalhos do crescimento, em lugar de nos da construção; nos trabalhos de "cultivadores e guardas do jardim", em lugar de nos de construtores da Torre de Babel.

XVII

A ESTRELA



A ESTRELA

Os justos brotam como a palmeira, Crescem como o cedro do Líbano ... Eles dão fruto mesmo na velhice,
São cheios de seiva e verdejantes.

(Sl 92,13.15)

Duas coisas me enchem de admiração: o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim.

(lmmanuel Kant)

Caro Amigo Desconhecido,

O décimo sexto Arcano Maior do Tarô nos apresentou a alternativa de duas vias - a da *construção* e a do *crescimento* - e sublinhou os perigos da via da construção mostrando ao nosso espírito e ao nosso coração a lei da Torre de Babel.

A compreensão dessa lei leva à decisão pela via do crescimento. Ora, o décimo sétimo Arcano Maior do Tarô - "A Estrela" - é o Arcano do Crescimento, como o décimo sexto Arcano é o da Construção. Trata-se, pois, agora de exercício espiritual consagrado ao Crescimento, podendo nós então concentrar-nos no problema do crescimento e meditar sobre seus aspectos essenciais, a fim de chegarmos à contemplação de seu núcleo ou de sua essência místico-gnóstico-mágica e metafísica, numa palavra, de sua essência hermética.

Apliquemo-nos, pois, a essas três tarefas.

Uma torre é construída, uma árvore cresce. Os dois processos têm em comum o aumento progressivo de volume e a tendência para o alto. Mas diferem no sentido em que a torre se eleva aos saltos, ao passo que a árvore tem elevação contínua. Isso porque, na construção da torre, os tijolos ou as pedras talhadas são colocados uns sobre os outros, enquanto os "tijolos" microscópicos - as células - da árvore se multiplicam por divisão e crescem em volume. É a *seiva* que sobe das raízes para o tronco e os ramos que torna possível o crescimento da árvore.

A torre é *seca,* ao passo que a árvore é cheia de seiva em movimento, subjacente à divisão das células e ao seu crescimento - subjacente, numa palavra, ao processo de crescimento.

O crescimento é contínuo, enquanto a construção procede por saltos.

E o que é válido para o artificial e o natural no domínio físico vale

também no domínio psíquico e espiritual: "os justos crescem como cedro no Líbano ... são cheios de seiva e verdejantes" (SI 92,13.15) e "espírito abatido, ossos secos" (Pr 17 ,22).

Estamos diante de tema de igual alcance que o do "agente mágico" astral, o vínculo entre a consciência e a ação, ao qual a literatura ocultista dá muita importância, a saber, o tema da *seiva universal da vida,* que é o do décimo sétimo Arcano, o Arcano do Crescimento. Porque como existe um agente intermediário misterioso, que efetua a passagem da imaginação para a realidade, existe também um agente não menos misterioso que efetua a passagem do estado potencial do germe para o da maturidade, a passagem do que está em potência para a sua realização: *o agente transformador do ideal em real.*

Como uma força intermediária entra em jogo no processo que transforma a imaginação em ação, isto é, em acontecimento objetivo, do mesmo modo existe o jogo de uma força desconhecida no processo do *tornar-se,* trata-se de bolota que se torna carvalho, de criancinha que grita muito e que se torna um santo Agostinho, ou de um mundo em estado de nevoeiro primordial que se torna sistema planetário povoado de seres vivos, de seres animados e de seres inteligentes. Nos três casos - crescimento de organismo, desenvolvimento de indivíduo, da infância até a morte, evolução cósmica - devemos postular a existência de agente ativo que efetua a passagem do que está em potência para a realidade, alguma coisa *agiu* durante o tempo em que a bolota se tornou carvalho, em que o óvulo fertilizado se tornou homem maduro e em que o nevoeiro primordial cósmico re tornou sistema planetário, com nosso globo habitado pela humanidade. Sei que esse raciocínio não está de acordo
-com as regras do jogo fixadas pelas ciências naturais, mas há outras regras, especialmente as da razão natural, com as quais ele está de acordo, regras que, mais ainda, exigem categoricamente esse raciocínio. Categoricamente significa que devemos resignar-nos ao silêncio do pensamento a respeito dos problemas dessa ordem ou raciocinar de acordo com a natureza, com as *exigências estruturais* da razão, o que é uma regra do jogo do Hermetismo.

Devemos, portanto, postular *um agente* de *crescimento* como tivemos de postular um "agente mágico" atuando como intermediário entre a consciência e os acontecimentos, caso estejamos decididos a pensar.

Qual é a diferença intrínseca entre o "agente mágico" e o "agente do crescimento"?

O agente mágico é de natureza *elétrica,* seja terrestre, seja celeste, de natureza a agir por descargas, emitindo faíscas ou relâmpagos. Ele é *seco e quente,* da natureza do *fogo.* A "Torre fulminada" do décimo sexto Arcano é, na verdade, o encontro de duas "securas" - a da Torre de baixo e a do Raio do alto - e o Arcano "O Diabo" (Arcano décimo opinrru, p~ essencialmente, *().,* dn. *"r.alo.r."* - de, rlrufu *""SUnYPsu"* 'linda.-
o do Mal e o do Bem. Os Arcanos décimo quinto e décimo sexto são os do *Fogo,* e os Arcanos décimo quarto e décimo sétimo são os da Água. Porque a Inspiração angélica e "o agente do crescimento" têm em co-

mum que fluem, não agindo por choques e descargas, mas de maneira *contínua.*

A *continuidade transformadora* é a manifestação essencial do "agente do crescimento", assim como a fulguração criadora é a do "agente mágico".

Esses dois "agentes" manifestam-se em toda parte, inclusive no domínio da intelectualidade humana. Alguns espíritos tomaram o partido da Água. A eles devemos as idéias do trr osformismo: a evolução, o progresso, a educação, a terapêutica natural, a tradição viva; outros tomaram o partido do Fogo; a eles devemos as idéias do criacionismo: a criação a partir do nada, a invenção, a eleição, a cirurgia, a prótese e a revolução. Tales (640-540 a.C.) acreditava que o papel principal no mundo coubesse ao "agente do crescimento" ou à água, ao passo que Heráclito (576-480 a.C.) atribuía esse papel ao "agente mágico" ou ao Fogo.

Goethe, em sua "Noite de Walpurgis" do *Fausto II,* faz Anaxágoras, adepto do Fogo, discutir com Tales, adepto da Água, sobre o tema da primazia da fulguração criadora ou da continuidade transformadora na natureza, discussão que chegou ao desfecho dramático da evocação mágica, por Anaxágoras, das três Luas (Diana, Lua, Hécate); ele se arrependeu dessa evocação e acabou por se atirar com a face por terra, implorando às forças fulgurantes e portadoras de catástrofes irreparáveis que se acalmassem. Quanto a Tales, convidou Homunculus para a alegre festa marítima *(Zum heitern Meeresjeste),* a festa das metamorfoses, o "baile do transformismo"; e Tales exclama:

Tudo provém da Água! *Alies ist aus dem Wasser entsprungen!* Tudo se conserva pela Água! *Alies wird durch das Wasser erhalten!* Oceano, concede-nos tua obra eterna! *Ozean, gõnn'uns dein ewiges [Walten!*

Não há nada de surpreendente no fato de Goethe ter-se colocado do lado do "agente do crescimento" ou da Água, apesar de admitir a realidade do agente "mágico" ou o Fogo, ele, que escreveu quatro obras sobre a *metamorfose* e que fez dela o tema principal de sua vida: metamorfose da luz ou das cores *(Farbenlehre),* metamorfose das plantas *(Metamorphose des Pjlanzen),* metamorfose dos animais *(Metamorphose der Tiere)* e metamorfose do homem (o "Fausto", sua obra principal). A sua fé era a do conformismo, da evolução e da tradição. Ele acreditava no progresso da cultura sem revoluções, valorizava tudo o que *flui,* tudo o que cresce sem saltos e se colocava do lado do princípio da *continuidade.*

O princípio da continuidade foi realçado no domínio intelectual de maneira particularmente impressionante e fecunda, por Leibniz. Ele não se viu diante dos turbilhões ou dos abismos que separam uma crença de outra, uma tese de outra, um grupo humano de outro. Por cima dos abismos que separam as teses de suas antíteses, ele atirou o arco-íris da continuidade, da tradição gradual. Como o vermelho se transforma progressivamente em laranja, e o laranja em amarelo, o qual, por sua vez, se transforma imperceptivelmente em verde, para tornar-se mais tarde azul, índigo e violeta, do mesmo modo toda tece se transforma em sua

antítese. Assim, a tese segundo a qual "todo centro da existência particular (mônada) é livre", e a tese segundo a qual "tudo é predestinado pela causa eficiente e final do universo" (" harmonia preestabelecida"), coexistiam em paz no arco-íris das idéias de Leibniz sobre o mundo, embora essas teses sejam claramente contraditórias. Mas, para Leibniz, elas não eram nem mais nem menos contraditórias do que o vermelho e o violeta no arco-íris.

Para ele, o platonismo, o aristotelismo, a escolástica, o cartesianismo, a mística e o espinozismo eram apenas "cores" do arco-íris da "Filosofia perene" e, em seu pensar, ele se movia no círculo "zodiacal" do pensamento.

Sua obra era, portanto, a da *paz* como a do Hermetismo, porque o método de Leibniz é o Hermetismo puro e simples. E foi esse "arcoíris da paz" (o princípio da continuidade) que guiou Leibniz em sua atividade voraz, que tinha em vista dois fins essenciais: a fundação das academias de ciências e a fusão das Igrejas católica e reformada.

As academias de ciências de Berlim, São Petersburgo e Viena são fruto dos esforços de Leibniz para introduzir o "arco-íris da paz", na forma prática da *cooperação dos cientistas* de todas as disciplinas, na civilização ocidental. Quanto à obra de fusão das Igrejas católica e reformadas, empreendida com Bossuet, a ponte intelectual e moral construída por ele ainda existe, e o vaivém se acentua.

Foi ainda o princípio da continuidade ou a "Água" do Hermetismo que levou Leibniz à descoberta das bases do cálculo diferencial na matemática. Porque o cálculo diferencial é apenas a aplicação do princípio da continuidade -- e do modo de pensar *Líquido,* em lugar do pensar *cristalizado* - no domínio da matemática. O cálculo infinitesimal, que abrange o cálculo diferencial e o cálculo integral - o alfa e ômega de um pensar tornado líquido em matemática - é a aplicação do princípio da continuidade. Ele resulta da admissão do "agente do crescimento" no domínio das matemáticas, onde antes o princípio da construção reinava sozinho. Esta recordação me dá ocasião cte salvar do esquecimento a obra de um homem provavelmente esquecido, se é que foi notado: *Le livre Sacrée de Thot - Les Arcanes Majeurs du Tarot (Svyachtchennaya Kniga Tota - Velikiye Arkany Taro),* publicado na Rússia em 1916 ou 1917. O autor, o engenheiro Chmakov, usou, quase em cada página, o cálculo diferencial e o cálculo integral para tratar de problemas tais como a individualidade e Deus, a liberdade e a ordem cósmica, os planos de existência e de consciência, o espírito e a matéria etc. O autor desse livro (400 páginas in-oitavo) impressionou-me profundamente por numerosas fórmulas de cálculo infinitesimal, sem dúvida, mas sobretudo pelas longas passagens do *Zohar* e de outros livros escritos em hebraico ou em aramaico que ele não se dignou traduzir nem transcrever em caracteres latinos ou cirílicos. Desdém magnífico da popularidade num tempo em que o populacho era todo-poderoso, e a demagogia estava na ordem do dia!

Esse livro foi editado a expensas do autor, em excelente papel.

Sim, houve estrelas de nobreza no céu do Hermetismo e, espero, sempre haverá.

Essa saudação a um Amigo Desconhecido morto não deixa de ter relação com o tema dessa Carta, dirigida ao Amigo Desconhecido vivo. Porque a contribuição do engenheiro Chmakov para a tradição do Hermetismo é a demonstração da fecundidade da aplicação do cálculo infinitesimal no domínio ao qual ele pertence por direito de nascimento, o do Hermetismo.

Enumerando os espíritos que compreenderam o Arcano do "agente do crescimento", não posso deixar no esquecimento um grande espírito, estrela do céu da Filosofia Perene, que por certo conheces, caro Amigo Desconhecido. Trata-se de H. Bergson, hermetista só pela graça de Deus, sem enhuma filiacão externa com ordens ou sociedades iniciáticas.

Henri Bergson teve a coragem e o mérito de reafirmar, com suas conseqüências científicas, o princípio da continuidade e o modo de pensar que compreende o movimento, movendo-se com ele e não detendo-se. Eis o que ele diz sobre isso:

> *"Trata-se do movimento? A inteligência só retém uma série de posições: primeiro um ponto atingido, depois outro, depois outro ainda. Objeta-se ao entendimento que se passa alguma coisa entre esses pontos? Rapidamente ele intercala posições novas e assim por diante, indefinidamente. Ele desvia o olhar da transição ... Passemos por cima dessa representação intelectual do Movimento, a qual o representa como uma série de posições. Vamos diretamente a ele, consideremo-lo sem conceito interposto: vê-lo-emos simples e de uma só peça. Avancemos mais: descobriremos que ele coincide com um desses movimentos incontestavelmente reais e absolutos que nós mesmos produzimos. Desta vez temos a mobilidade em sua essência e sentimos que ela se confunde com um esforço cuja duração é uma continuidade indivisível . . . Diremos o mesmo da mudança.* O *entendimento a decompõe em estados sucessivos e distintos, considerados invariáveis. Examinemos mais de perto cada um desses estados, e veremos que eles variam. Interrogamo-nos como poderiam eles durar se não mudassem. Logo o entendimento os substitui por uma série de estados mais curtos, que, por sua vez se decomporão, se necessário, e assim indefinidamente. Como não ver que a essência da duração é passar e que o estável ajuntado ao estável nunca fará algo que dure?* O *real não são os "estados", simples instantâneos apreendidos por nós ao longo da mudança; ele é, ao contrário, o fluxo, a continuidade da transição, a própria mudança . . . Aqui há somente um impulso não interrompido para a mudança - para uma mudança sempre aderente a si mesma numa duração que se prolonga sem fim" (La pensée et le mouvement,* 1934, pp. 6,7,8).

Henri Bergson nos convida, portanto, a considerarmos o "agente de crescimento" em ação, em lugar de nos ocuparmos com seus produtos fossilizados; convida-nos para a experiência que ele chama "intuição".

Dentre os que atenderam ao convite de Henri Bergson, o mais eminente é o Padre Teilhard de Chardin. Eis o resumo de sua obra, encontrado na última página de seu diário, escrito antes de sua morte, no dia 7 de abril de 1955:

Quinta-feira santa - o que creio.

1) São Paulo - os três versículos: En pâsi pánta Theós.

2) Kosmos = Kosmogênese => Biogênese => Noogênese ~ Cristogênese.

Os *dois artigos de meu Credo:*

3) O *Universo está centrado evolutivamente*

= «; *cima*

frente

Cristo é o seu Centro *Fenômeno cristão*

Noogênese = Cristo gênese (= Paulo)

Os três versículos aos quais o autor se refere são:

"O *último inimigo a ser destruído será a Morte, pois ele (Cristo) tudo colocou debaixo dos pés dele ... E, quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos (en pâsi pánta Théos)"* (1 Cor l 5,26.2i .28. *Oeuvres de Pierre Teilhard de Chardin,* Seuil t. 5, pp. 404-405).

Como há Fogo e fogo, isto é, o Fogo celeste do Amor divino e a eletricidade devida à fncção, existem também Água e água, a Água celeste da seiva do crescimento, do progresso e da evoluçao, e a água inferior da instintividade, do "inconsciente coletivo" e da coletividade devoradora, a água dos dilúvios e dos afogamentos. A mulher representada na lâmina do décimo sétimo Arcano derrama as águas de *dois* vasos - segurados, um, pela sua mão esquerda, o outro pela direita - que se misturam num mesmo rio.

Que se misturam num mesmo rio, infelizmente! É a tragédia da vida humana, da história da humanidade e da evolução cósmica. O rio da continuidade - na hereditariedade, na tradição e na evolução - leva do passado para um futuro sem fim tudo o que é *ao mesmo tempo* são, nobre, santo e divino do patsado *e* tudo o que nele é infeccioso, vil, blasfematório e diabólico. O que Verlaine diz do Sena em seus "Poemes Saturniens":

"Tu, Sena, corres e, serpeando,
Arrastas para Paris teu curso de velha serpente,
De velha serpente barrenta, trazendo para teus portos Teus carregamentos de madeira, de hulha e de cadáveres!"

pode ser dito, não sem razão, do rio da vida humana, da história da humanidade e da evolução cósmica, como se pode dizer, não sem razão ainda, com Victor Hugo:

"Como um rio de alma comum, Do
branco pilone à espera runa, Do
brâmane ao jlãmine romano, Do
hierofante ao druida,
Uma espécie de Deus fluido
Corre nas veias do gênero humano"
(Les Mages, 435-440).

Porque, com efeito, tanto a "velha serpente barrenta" como uma "espécie de Deus fluido" correm nas veias do gênero humano.

Dualismo? O veneno da Serpente e a lágrima da Virgem correm, então, eternamente juntos, no rio da Vida?

Sim e não. *Sim* quanto ao presente, que é ação e vontade; *não* quanto ao futuro, que é a Estrela do mar do entendimento e da esperanca.

, Porque para a ação, o dualismo é aquilo que desperta a vontade e a faz passar do estado passivo para o estado ativo; todo *esforço* pressupõe dualismo prático e concreto. Na história da humanidade, os grandes mestres do dualismo, como Zaratustra, Buda e Manes, não queriam *explicar* o mundo pelo dogma da dualidade cósmica (Zaratustra), ou psicológica (Buda), ou psicocósmica (Manes), mas *despertar* a vontade adormecida para o esforço que se manifesta pelo poder de dizer *Sim* e *Não.* O fatalismo, a resignação com a rotina e o quietismo são o sono da vontade, às vezes doce, às vezes misturado com amargura. Os grandes mestres do dualismo chamavam a vontade para despertar, para se desembaraçar do peso da sonolência, para ter a coragem e a auctácia de exercer praticamente o direito de nascimento da vontade, o da *escolha,* o de dizer Sim ou Não. O grande Zaratustra queria *cavaleiros* para a luta sob a bandeira da Luz contra as Trevas - turanianos idólatras, demônios da impureza e da ignorância e o espírito de Arimã ou de Satã. Ele queria que houvesse pessoas que soubessem dizer Sim à luz e, conseqüentemente, que aprendessem a dizer *Não* às trevas.

O grande Buda queria despertar a vontade para dizer *Não* à grande rotina dos desejos, que fazem girar a roda dos nascimentos. Ele queria *ascetas* em relação à mecanicidade automática psíquica, ascetas que aprendessem a dizer *Sim* à criatividade livre do espírito.

O grande Manes, que ensinava a Síntese dos ensinamentos de Zaratustra e de Buda no cristianismo, queria - fosse bom ou não seu amálgama - mobilizar a boa vontade da humanidade inteira, pagã, budista e cristã, para um esforço combinado e universal, a fim de dizerem *Sim* ao espírito eterno e *Não* às coisas passageiras da matéria.

O fim que os grandes mestres do dualismo tinham em vista era *prático* e se referia ao domínio do Sim e do Não. E nós, à medida que procuramos um fim prático terrestre, psíquico ou espiritual, não po-

demos aceitar o rio da vida humana, da história da humanidade e da evolução cósmica simplesmente como ele é e nos deixarmos levar por ele. Temos de distinguir nele a "velha serpente barrenta" e "uma espécie de Deus fluido" e dizer Sim e Não, com todas as conseqüências práticas que esse Sim e esse Não comportam.

Mas, ao mesmo tempo, não devemos esquecer-nos de que o décimo sétimo Arcano é não só o das águas que correm de dois vasos e se misturam num só rio, mas também o da *estrela,* tanto mais que o nome tradicional da lâmina é "A Estrela".

A grande estrela central da lâmina - como, aliás, a constelação toda das oito estrelas - convida nossa consciência para o esforço de *aliar a justiça contemplativa* (a estrela amarela de oito raios) com a justiça ativa (a estrela vermelha de oito raios), e de *unir o princípioguia do entendimento ao princípio-guia da vontade.* Em outros termos, ela nos convida a ultrapassarmos o dualismo pela operação mágica e alquímica da união dos contrários, chamada "casamento dos contrários", que faz irradiar-se sobre o mundo esta força-luz que torna o futuro não só aceitável, mas também desejável, que transforma o futuro em Promessa e que é a antítese da tese do Eclesiastes, filho de Davi, rei de Jerusalém:

> "O *que foz, será; o que se fez, se tornará a fazer: não há nada de novo debaixo do sol!"* (Ecl 1,9-10).

A força-luz que emana da estrela formada pelo casamento da contemplação com a atividade e que é a antítese da tese segundo a qual não há nada de novo debaixo do sol é a *Esperança.* Ela proclama no mundo:
"O que foi prepara o que será, e o que foi feito prepara o que será feito, tudo é novo debaixo do Sol. Cada dia é um acontecimento e uma revelação únicos que nunca se repetirão".

A *Esperança* não é algo subjetivo devido ao temperamento otimista ou sangüíneo ou ao desejo de compensação, no sentido da psicologia freudiana e adleriana modernas. Ela é uma força-luz que se irradia objetivamente e dirige a evolução criadora para o futuro do mundo. Ela é o contrapeso celeste e espiritual do instinto terrestre e natural da reprodução biológica, a qual, com a mutação, produz a seleção natural, a qual, por sua vez, produz, com o tempo, o progresso biológico. Em outros termos, a Esperança é aquilo que move e dirige a *evolução espiritual* no mundo; enquanto move, ela é força objetiva, e, enquanto orienta e dirige, luz subjetiva. Por isso falamos dela como de "força-luz".

A Esperança está para a evolução espiritual como o instinto de reprodução para a evolução biológica. Ela é a força e a luz da *causa final* do mundo ou, se preferirmos, a força e a luz do Ideal do mundo, a irradiação mágica do "ponto Ómega", segundo Teilhard de Chardin. Esse "Ponto-ómega", para o qual tende a evolução espiritual da "noosfera ", é o ponto central da esperança do *mundo personalizante,* o ponto da unidade completa do Exterior e do Interior, do material e do espiritual - isto é, Deus-Homem ou *Jesus ressuscitado* - como o Ponto Alfa,

o primeiro motor ou a causa eficiente, é o Verbo que põe em movimento os elétrons, os átomos e as moléculas, movimento *dirigido* para sua associação em planetas, organismos, famílias, raças, reinos etc.

"Eu sou o Alfa e o Ômega ", eis como se lê a mensagem da Estrela central da lâmina do décimo sétimo Arcano do Tarô. Isso significa: Eu sou a Atividade, a causa eficiente, que põe tudo em movimento, e sou a Contemplação, a causa final, que atrai para si tudo o que está em movimento. Eu sou a Ação primordial e a Esperança sem esmorecimento, até que todos cheguem onde estou.

Eis porque dizemos *não* ao dualismo visto sob a luz do futuro, e lhe dizemos *sim* se o vemos sob a luz do presente. A esperança, fruto do casamento dos contrários, nos interdiz o dualismo e nos convida não só a crermos na unidade final dos contrários, mas também a trabalharmos para a sua realização Esse é o sentido e o fim do exercício espiritual que é o décimo sétimo Arcano do Tarô. Porque é necessário repetir: oc Arcanos Maiores do Tarô são exercícios espirituais, e o "arcano" (o que se deve saber para se poder fazer descobertas) de cada Arcano só a prática ensina.

Ora, o exercício espiritual do décimo sétimo Arcano consiste em "ver junto", em contemplar a essência do crescimento biológico e a do crescimento espiritual - "o agente do crescimento" e a Esperança - a fim de se encontrar ou reencontrar a sua analogia, o seu parentesco intrínseco e a sua identidade fundamental. Trata-se de apreender a essência da *Água* que corre, tanto no processo obscuro do crescimento, da multiplicação e da continuidade da reprodução biológica como na clareza das serenas alturas da Esperança. A questão é então chegar à intuição da *Água* como ela é entendida na narração do segundo dia da criação, no qual Deus "separou ás águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento", e compreender (com-preender) que a luz que passa por cima da consciência e o impulso do instinto, que passa por baixo dela são, no fundo, a mesma coisa, separada para agir segundo dois modos diferentes, a saber, a *Água,* o princípio do crescimento e da evolução tanto biológica como espiritual. Devemos chegar à percepção intuitiva, isto é, imediata e dotada da certeza da evidência, de que o princípio da seiva líquida, portador do "agente do crescimento", e o princípio da Esperança - da crença na transformabilidade das coisas e em sua transformação em conformidade com seus protótipos divinos - portador da evolução espiritual, são *uma* coisa só, o princípio da Água, embora um aja a partir da esfera situada acima da consciência, e o outro a partir da esfera situada abaixo dela.

Por isso a lâmina do décimo sétimo Arcano do Tarô representa a Mulher, o princípio materno, entre a constelação da Esperança acima dela e o rio da continuidade da vida biológica abaixo dela. Porque toda mãe professa dupla fé: a da Esperança celeste - o futuro será mais glorioso do que o presente - e a da continuidade terrestre - o rio das gerações que se sucedem vai *para frente* - na direção indicada pela Esperança do alto. Toda mãe, enquanto mãe, sabe que no fundo do rio

das gerações age o impulso mágico primordial da Causa eficiente, do Alfa, do mundo, e que a Causa final, o Omega, do mundo não deixará de dirigi-la e de atraí-la para si. Em outras palavras, toda mãe, pelo fato de ser mãe, professa a origem divina e o fim divino do mundo. Se assim não fosse, ela se recusaria a ter filhos destinados a serem vítimas do absurdo. Podemos, portanto, designar o décimo sétimo Arcano também como "o Arcano da Mãe" ou "o Arcano de *Eva",* a intuição simultânea da Esperança celeste e "da magia primordial", já que está ativamente presente nela a bênção do Criador: "Sede fecundos, multiplicaivos, enchei a terra e submetei-a".

Os antigos tiravam sua esperança, tanto para a vida como para a morte, dos mistérios da Mãe. Pente, em particular, nos mistérios de Elêusis, mas também em outros, como nos de Isis. A essência de todos os mistérios da Mãe exprime-a a *Epistola* do apóstolo Paulo *aos Romanos:*

> *"Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade - não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu* - na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente" (Rm 8,19-23).

Eis não só a alma de todos os mistérios antigos da Mãe, mas ainda de todas as doutrinas modernas da evolução biológica e espiritual! Porque o evolucionismo moderno, no fundo, é o renascimento, de modo científico, dos antigos mistérios da Mãe, os mistérios da Esperança e das dores do parto. Os mistérios do Pai continham o *que,* a *salvação* pelo Fi\1r1~..-; trs nfr1st&rims ua V1'ãe contêm o *como,* a evoiuçáo 'oioiõgrca *e* esprritual. Ora a ciência natural é orientada para o *como* do mundo; por isso ela está fazendo renascer os mistérios antigos da Mãe, o conhecimento da *Evolução,* ao passo que a religião cristã é orientada, em primeiro lugar, para os mistérios do Pai, para a *salvação* pelo Filho. Devemos a Teilhard de Chardin, hermetista de nosso tempo pela graça de Deus, a síntese - ou uma via para a síntese - do *Que* e do *Como* do mundo, da Religião e da Ciência, o que é tarefa e missão do Hermetismo. Doravante o mundo todo pode contemplar a Serpente da evolução crucificada na cruz da Providência Divina *e* o Filho de Deus crucificado na cruz da evolução da Serpente e daí tirar Esperança para a vida e para a morte. A evolução e a Salvação - as duas verdades da Ciência e da Religião - desde já não são mais contraditórias: elas trazem juntas a mensagem da Esperança.

Mas não nos esqueçamos de que esta síntese de hoje teve sua história e que também ela é devida às "dores do parto". Ela nasceu depois àe)onga sêríe de eslorços contínuos, de século em século: o esforço de um Heráclito, o filósofo da mudança perpétua da matéria, dos gnósticos, que fizeram ressoar na história humana o drama da queda e do retorno da *Sofia Achamot,* de um santo Agostinho, o pai da filosofia da his-

tória, que mostrou as duas correntes da história da humanidade - a da "Cidade terrestre" e a da "Cidade de Deus" -, dos pensadores herméticos alquimizantes, que afirmavam e reafirmavam incansavelmente o princípio da transformabilidade do que é vil no que é nobre, de um Martines de Pasqually, que escreveu seu *Traité de la Réintégration des êtres;* de um Fabre d'Olivet, autor da *Histoire Philosophique du genre humain,* na qual mostra a operação dinâmica do triângulo *Fatalidade-liberdadeProvidência* na história da humanidade; de uma H. P. Blavatzky que ajuntou e opôs à evolução materialista de Charles Darwin uma visão vertizinosa da evolucão espiritual do universo; de um Rudolf Steiner, que pôs em relevo o centro de gravitação da evolução espiritual cósmica - a saber, Jesus *Cristo* - e que por isso não está distanciado do "Ponto Omega" de Teilhard de Chardin. Todos esses esforços contribuíram - de maneira visível ou invisível - para a síntese de hoje. Eles *vivem,* todos juntos, na síntese contemporânea da Evolução e da Salvação, que é fruto do esforço coletivo, de século em século.

Com a fusão das opiniões a verdade brilha. Porque a síntese não é devida ao choque das opiniões, mas à sua fusão como elementos constitutivos do "arco-íris" da paz.

Com efeito, a síntese das verdades da Salvação e da Evolução é um arco-íris no qual resplandecem as essências imortais dos esforços do passado, purificados de seus invólucros temporais e acidentais. Porque não é, por exemplo, à refutação da alquimia antiga e medieval que se deve o transformismo moderno - a Evolução biológica *e* espiritual - mas ao fato de o dogma alquímico fundamental da transmutabilidade ter sido adotado pelos pensadores contemporâneos. Purificada dos ele· mentos temporários e acidentais - como a orientação para produzir o ouro material, a pedra filosofal material e a panacéia material - a alquimia celebra hoje sua apoteose no ecplendor da síntese da Salvação e da Evolução. Hoje a alquimia já está fora das escuras cozinhas alquímicas nas quais seus adeptos consumiam muitas vezes fortunas inteiras e o melhor de sua juventude para instalarem num laboratório digno dela a amplidão do universo. Agora seu laboratório alquímico é o mundo, que é também seu oratório místico. Foi uma perda ou um ganho para a alquimia ter deixado de ser uma ocupação secreta, muitas vezes maníaca, de uma seita e ter-se tornado a idéia dominante da humanidade? Ou, depois de ter sido a arte secreta da transmutação dos metais, da fabricação da pedra filosofal e da preparação da panacéia, ter-se tornado a luz da Esperança universal da síntese da Salvação das almas e da Evolução cósmica?

A resposta é evidente: hoje somos testemunhas do triunfo da alquimia, triunfo inaudito e que ultrapassa as esperanças mais temerárias do passado.

O que dissemos da alquimia vale também para a filosofia da história agostiniana. A cruz da "cidade terrestre" e a da "cidade de Deus", que santo Agostinho via sobretudo na história de Israel e do Império

romano, hoje, conservando sua essência imortal, está transformada na cruz da Salvação e da Evolução, da Religião e da Ciência, na cruz, em última análise, do *Ora et Labora* (" ora e trabalha"), da Graça e do Esforço.

Também a visão agostiniana vive, portanto, no arco-íris da síntese moderna da Salvação e da Evolução.

O que dissemos da alquimia e de santo Agostinho vale também para todas as outras contribuições antigas, medievais e modernas, para a síntese da Salvação e da Evolução. Síntese que é obra de todos aqueles que ensinaram uma *via,* seja mística e espiritual, para a purificação, a iluminação e a união, seja histórica e social, para o progresso da civilização, da justiça social e dos costumes, seja biológica, para a evolução da esfera dos elementos químicos para a esfera dos organismos vivos, e da esfera dos organismos vivos para a dos seres dotados de reflexão e palavra. A obra de todos aqueles que ensinaram uma *via* para o aperfeiçoamento individual ou coletivo resplandece agora no arco-íris da síntese da Salvação e da Evolução, o arco-íris da Esperança da humanidade.

Porque o arco-íris é a Tradição chegada ao tempo da floração.
Por isso, não nos esqueçamos também do poeta, porque:

"É ele que, malgrado os espinhos, A
inveja e a derrisào,
Caminha, curvado para as vossas ruínas,
recolhendo a tradição.
Da tradição fecunda
Sai tudo o que cobre o mundo,
Tudo o que o céu pode abençoar.
Toda idéia, humana ou divina, Que
toma o passado por raiz Tem por
folhagem o porvir".

(Victor Hugo, " Les rayons et les ombres" in *Fonction du poete,* 287-296).

Se damos valor à Tradição, não podemos passar sem a poesia. A Bíblia toda respira poesia - épica, lírica, dramática - também o Zohar está cheio de poesia.

As obras principais de são João da Cruz são comentários a poesias. Em toda a obra do Padre Teiíhard de Chardin vibra um impulso poético, e seus críticos vêem nisso uma fraqueza, reprovável do ponto de vista científico, filosófico e teológico. Mas, enganam-se, uma vez que a poesia é o impulso, o impulso dá asas à imaginação, e sem a imaginação alada, dirigida e controlada pelas leis estritas da coerência intrínseca e da conformidade com os fatos, não é possível nenhum progresso. Não podemos passar sem a poesia porque temos necessidade do impulso da imaginação. Devemos somente velar para não sermos levados pela imaginação que busca a ostentação e não a verdade. Quanto à imaginação dominada pela verdade, isto é, que só ama e procura o que é coerente e

conforme aos fatos, ela é aquilo que, em todos os domínios do esforço humano, denominamos "gênio" ou fecundidade.

O Hermetismo também não pode dispensar a poesia. *A Tábua de Esmeralda* é poesia sublime. Sem dúvida, ela não é só "poesia" no sentido estético, verbal e musical puro e simples, uma vez que propõe o grande dogma místico, gnóstico, mágico e alquímico, mas não é também tratado discursivo em prosa. Ela é cântico à verdade dos três mundos.

E os Arcanos Maiores do Tarô? Não apelam eles à imaginação alada no quadro e na direção própria de cada um deles?

Eles são símbolos. Mas que fazer com símbolos senão aplicar a eles a imaginação inspirada, empenhada em encontrar o sentido deles mediante uma vontade obediente às leis da coerência intrínseca e da conformidade dos fatos da experiência exterior e interior, material e espiritual?

Ora, a poesia não é simplesmente questão de gosto, mas também de fecundidade ou de esterilidade do espírito. Sem veia poética, nenhum acesso está aberto para a vida da tradição hermética.

Amemos, portanto, a poesia e respeitemos os poetas. Eles são a verdadeira nobreza da humanidade. Ninguém é nobre da nobreza do coração, se não trouxer a poesia no coração. E como, em princípio, toda alma humana é sacerdote, nobre e trabalhador, não sufcquemos em nós a nobreza mediante a superestimação dos fins práticos ou mediante a preocupação com a nossa salvação; ao contrário, enobreçamos nosso trabalho e nossa religião, fazendo entrar neles o sopro da inspiração poética. Isso não alterará as funções de sacerdote e de trabalhador. Os profetas de Israel eram grandes poetas, e o cântico de são Paulo sobre a caridade é uma obra de poesia insuperável. Quanto ao trabalho, ele só traz alegria quando se eleva acima do espírito de escravidão, participando do impulso poético do grandioso Esforço Humano.

Seja como for, devemos levar em consideração o problema da poesia sob o título do décimo sétimo Arcano do Tarô, o Arcano da Esperança e da Continuidade. Porque a poesia é a união das águas superiores com as águas inferiores do segundo dia da criação. O poeta é o ponto no qual as águas separadas se encontram e para o qual confluem o curso da Esperança e o da Continuidade. A experiência poética verifica-se quando a circulação do sangue humano - que traz a Continuidade - e a irradiação da Esperança - que é o sangue do mundo espiritual e de todas as hierarquias celestes - se encontram, se unem e começam a vibrar juntas. A inspiração poética é a união do sangue do alto - da Esperança - e do sangue de baixo - da Continuidade. Por isso devemos ser *encarnados,* ter a pulsação do sangue quente terrestre, para podermos criar obras poéticas, não só de sentido subjetivo *(setrams),* mas também de sentido objetivo *(mantrams).* Deveveríamos estar imersos no sangue quente humano (ser encarnados) e elevar-nos acima dele, unindo-nos ao sangue luminoso do Céu, à Esperança, para que pudessem ser produzidos, por exemplo, os salmos de Davi. Não foi no Céu, mas na terra, que os salmos de Davi nasceram.

E uma vez nascidos, eles se tomaram o arsenal dos *mantrams* mágicos não só na terra, mas também no Céu. Porque os *mantrams* - ou fórmulas mágicas - dos salmos estão em uso como tais não só entre os seres de sangue quente - os homens - mas também entre os seres de sangue Iuminoco - as entidades das hierarquias celestes.

Os *mantrams* - as fórmulas de significado mágico nos três mundos - nascem do casamento do Calor com a Luz, do sangue terrestre, portador da Continuidade, com o sangue celeste, portador da Esperança.

Devemos dizer que toda palavra humana pode também tomar-se mágica, se for sincera, ao ponto de empenhar o sangue, e se estiver cheia de fé, ao ponto de pôr em movimento as águas luminosas da Esperança do alto. O "grande grito" de Jesus na cruz, quando entregou o espírito, foi seguido do tremor de terra - "o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo, a terra tremeu e as rochas se fenderam. Abriram-se os túmulos ... " - porque ele trazia a magia de encontro supremo, o da última gota de sangue humano derramado com o oceano inteiro da Esperança do mundo.

Segue-se que as fórmulas mágicas não são inventadas - como também não o é a poesia - mas que *nascem* do sangue e da luz. Por isso a magia sagrada, em geral, usa as fórmulas tradicionais, não por serem antigas, e sim porque nasceram da maneira que dissemos e porque se mostraram mágicas. Sabia-o bem, por exemplo, Martinez de Pasqually. O ritual de suas invocações mágicas é constituído só de fórmulas tradicionais, tiradas principalmente dos salmos. E isco não porque ele era católico praticante, mas sobretudo por causa da eficácia da magia que ele ensinava e praticava.

A Magia sagrada difere da "magia arbitrária ou pessoal" de várias maneiras. Além das diferenças mencionadas na terceira Carta, devemos acrescentar que a Magia sagrada "se serve" do "agente do crescimento", ao passo que a "magia arbitrária" trabalha sobretudo com "o agente mágico" de natureza elétrica.

Ora, é a esses dois "agentes" que se refere a seguinte passagem do Sermão da montanha:

> *"Ouvistes também que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos para com o Senhor. Eu, porém, vos digo: não jureis em hipótese nenhuma; nem pelo Céu, porque é o trono de Deus, nem pela Terra, porque é o escabelo dos seus pés, nem por Jerusalém, porque é a Cidade do Grande Rei, nem jures pela tua cabeça, porque tu não tens o poder de tornar um só cabelo branco ou preto. Seja o vosso 'sim', sim, e o vosso 'não', não.* O *que passa disso vem do Maligno"* (Mt 5,33-37).

Porque "jurar" abrange toda a categoria dos atos mágicos designados para reforçarem magicamente a simples promessa e a simples decisão da vontade humana nos limites de sua competência, isto é, nos limites do "sim, sim. não. não". O desejo de ultrapassar esses limites, invocando a ajuda das forças exteriores ao círculo da vontade, a fim de que

elas a tornem mais poderosa, emprestando-lhe mecanismo dinâmico, necessariamente apela às forças elétricas da Serpente, ao "maligno".

"Jurar" é, portanto, o ato-tipo que representa o domínio inteiro da "magia arbitrária ou pessoal"; trata-se de tornar a vontade pessoal mais poderosa, reforçando-a com forças de natureza elétrica - fulgurantes, que agem por meio de descargas - provenientes de fora da vontade e colocadas à sua disposição.

Ora, segundo a passagem citada, a Realidade está subtraída da vontade arbitrária humana: o Céu e a terra são de Deus, Jerusalém foi o domínio do grande rei, e a cabeça e o próprio corpo estão reservados para o "agente do crescimento", subtraído ao arbítrio humano (" porque tu não tens o poder de tornar um só cabelo branco ou preto"). O Céu, a Terra, Jerusalém e a cabeça estão subtraídos não só ao arbítrio humano, mas também ao da Serpente, à força elétrica proveniente da fricção e do conflito. O que domina a Realidade - o Céu, a Terra, Jerusalém e a cabeça - não é o "agente mágico"' mas outro "agente": "o grande rei", o qual só serve a Deus e aos seus servos. Ora, esse outro "agente", esse "agente" subtraído ao arbítrio humano e ao arbítrio da Serpente é o que designamos como "agente do crescimento"; ele é o "agente" da Magia sagrada ou divina.

Eis-nos em pleno problema da diferença entre os "fenômenos mágicos" e os "milagres", entre o que é realizado pela "magia pessoal ou arbitrária" e o que é feito pela Magia sagrada ou divina. Se bem que o problema já tenha sido tratado sob o título do terceiro Arcano Maior do Tarô, "A Imperatriz", ele se apresenta de novo no décimo sétimo Arcano, sob aspecto particular. No terceiro Arcano, tratava-se do *autor,* da fonte da iniciativa, da operação mágica, pessoal ou divina: aqui se trata do *agente,* do meio ativo dessa operação.

Ora, o agente da Magia divina está essencialmente subtraído à vontade pessoal humana, enquanto o da magia pessoal não está. O que serve de instrumento na Magia divina é o "agente do crescimento". É ele, portanto, o meio dinâmico para os *milagres,* se entendermos por "milagre" o efeito da ação de força essencial e inteiramente subtraída à vontade pessoal humana, mas, ao mesmo tempo, não indiferente às qualidades morais das aspirações da vontade pessoal humana, podendo emprestarlhe poder realizador superior às forças do determinismo físico, biológico, psicológico e intelectual, isto é, às "leis" naturais, psíquicas e intelectuais. A Magia divina é, pois, a consciência moral *invocando* o auxílio da consciência moral superior, a qual responde a essa invocação pondo em movimento o "agente do creccimento ", as águas inferiores da Vida e as águas superiores da Esperança. E onde a Esperança e a Continuidade agem juntas, em resposta à evocação moral da vontade humana, realizase o milagre O milagre é a descida da Esperança - águas superiores "de cima do firmamento" - para o domínio da Continuidade - das águas inferiores de debaixo do firmamento - e a acão dessas duas "águas unidas". ,

Nem a ciência, nem a magia pessoal ou arbitrária fazem milagres. A ciência apenas põe em jogo uma série de determinismos contra outra série. O vento move a água, o calor move o ar, a eletricidade produz calor. Ora, a ciência usa o movimento mecânico por meio do calor e da eletricidade e efetua a conversão da eletricidade em calor e do calor em movimento mecânico. No ato do conhecimento, ela procede do movimento visível para as suas cautas invisíveis, e no ato da realização, ela procede das forças invisíveis para o movimento visível. A pesquisa continuada levou-a à descoberta da energia nuclear. Os elétrons, os prótons, os nêutrons etc. dos átomos são invisíveis, mas a explosão nuclear é bem visível.

Eis, pois, o círculo da Ciência: subida do visível para o invisível, na teoria, e descida do invisível para o visível, na prática. E o antigo símbolo da Serpente que morde a própria cauda:



Este círculo é fechado.

O seu diâmetro pode crescer indefinidamente, mas, à diferença da espiral, ele é e será sempre *círculo* sem abertura. Descobrem-se nele as forças do calor, do magnetismo e da eletricidade, as forças nucleares: pode-se descobrir nele uma série de outras forças, mais ocultas e mais sutis, mas só se descobrirão *forças,* isto é, causas do movimento mecânico. Eis em que sentido esse círculo é fechado e porque ele é prisão e cativeiro do espírito, a menos que haja intervenção de fora como em Teilhard de Chardin.

O que é verdade da Ciência natural é-o também da magia pessoal ou arbitrária. Esta procede exatamente como aquela subida na teoria e descida na prática. Os autores modernos da magia têm toda a razão ao eustentarem a tese de que a magia é uma ciência e de que ela não tem nada com os milagres como tais.

> *"A magia é o estudo e a prática do manejo das forças secretas da Natureza. Ela é ciência pura ou. perigosa como todas as ciências ...* ",

diz Papus na introdução ao seu *Traité méthodique de Magie pratique.* Isso é verdade, mas devemos acrescentar que "as forças secretas da Natureza" são secretas só por algum tempo, isto é, até serem descobertas pela ciência natural, cuja missão é descobrir e tornar manejáveis as "forças secretas" da Natureza, uma após a outra. Devemos esperar que o objeto da Magia e o da Ciência natural coincidam e apareçam idênticos.

Mas continua sendo verdade que o círculo fechado da ciência, que é a prisão e o cativeiro do espírito, aplicâ-se também à Magia pessoal. A Magia enquanto ciência - e ela o é - tem o mesmo destino que a ciência: o cativeiro num círculo fechado.

Na introdução ao seu *Traité méthodique de Magie pratique,* Papus afirma mais adiante: "A Magia, poderíamos dizer, é o materialismo dos

futuros cavaleiros de Cristo ... "; com isso ele admite o fato do cativeiro da Magia como tal no círculo fechado de um só aspecto do mundo, que ele denomina "materialismo", e mostra esperar que, no futuro, uma intervenção de fora desse círculo torne ôs futuros magistas "cavaleiros de Cristo". Em outros termos, ele prediz que futuros Teilhard de Chardin farão para a Magia o que fizeram para a ciência: que abrirão o círculo fechado e a transformarão em espiral.

Se Louis-Claude de Saint-Martin deixou o círculo dos discípulos de Martines de Pasqually, que praticavam a magia cerimonial, e abandonou a prática dessa magia - sem negar sua eficácia realizadora - para abraçar a mística e a gnose de J akob Boehme, foi porque ele sentia que a magia cerimonial é um círculo fechado, enquanto ele aspirava à perfeição ilimitada qualitativa, isto é, a Deus. Porque, ainda que a magia cerimonial de Martines de Pasqually tivesse realizado o fim supremo de suas invocações e mesmo que tivesse sido efetuado um "passe" mágico pelo qual Jesus ressuscitado aparecesse, esse "passe" mágico só chegaria a uma aparição fenomenal, e não à revelação da essência de Cristo, imediata e certa, no interior da alma humana. O círculo desse gênero de magia, por mais sublime que seja sua intenção, é *fechado;* em suas *aparições* tratar-se-á sempre de "passes". Mas Saint-Martin tinha fome e sede da união intuitiva, da alma com alma, do espírito com espírito; menos do que isso não poderia satisfazê-lo. Ele escreveu em *Mon portrait historique et philosophique* (1789,1803):

> *"Há homens que são condenados ao tempo. Outros são condenados (ou chamados) à eternidade. Conheço alguns desse último gênero; por isso, se aqueles que são condenados ao tempo quisessem julgar sua eternidade e governá-la com o cetro do tempo, podemos presumir como aqueles os julgariam".*

Condenado (ou chamado) para a eternidade, Saint-Martin não podia contentar-se com o que passa - inclusive com todos os "passes" efetuados com os meios da magia cerimonial. Por isso ele se voltou para a mística gnóstica ou para a gnose mística de um Jacob Boehme.

> *"No mês de brumário do ano 9 (novembro de 1800) publiquei minha introdução da* Aurore naissance *de Jakob Boehme. Lendo-a 'do começo ao fim, com toda a tranqüilidade, senti que essa obra seria abençoada por Deus e pelos homens, com exceção do turbilhão de borboletas deste mundo, que não entenderão nada e farão dela objeto de suas críticas e de seus sarcasmos"* (Op. cit., 1013).

Eis o que ele dizia ainda a esse respeito:

> *"Eu teria sofrido e sido infeliz por muito tempo se Deus me tivesse dado a conhecer as coisas que me fez conhecer agora, graças aos frutos que me vieram das fecundas bases de meu amigo B.* (Boehme). *Eis por que esses magníficos presentes foram adiados por tanto tempo"* (Op. cit., 9/2).

Os "magníficos presentes" não são fenômenos mágicos, mas revelações na vida interior da intuição e da inspiração.

Os fenômenos mágicos dependem do saber e do poder científicos humanos; os milagres dependem da Sabedoria e do Poder divinos; isso significa que a participação humana consciente nos milagres da Magia sagrada começa com a mística, prossegue com a gnose e termina nos milagres, isto é, na Magia sagrada prática: *ex Deo, in Deo, per Deum* ("de Deus, em Deus, por Deus"). E a voz *ex Deo, in Deo, per Deum* foi a vocação interior de Saint-Martin; ele não pôde contentar-se com a voz *ex homine, in homine, ad Deum* (" do homem, no homem, para Deus") da magia cerimonial mais nobre de seu tempo, a da escola de Martines de Pasqually. Saindo do círculo fechado dessa escola, SaintMartin conservou gratidão pela experiência adquirida nela e veneração
por seu mestre. Escreve ele:

"Se Martines de Pasqually tivesse desejado me conhecer, ter-meia conduzido de outra maneira, e não como o fez, e teria feito de mim outra pessoa, embora eu lhe deva obrigações inexprimíveis e agradeça a Deus todos os dias por ter permitido que eu participasse, ainda que em pequena escala, das luzes desse homem extraordinário, que foi, enquanto sei, o único homem vivo com o qual não me decepcionei (Op. cit., p. 167).

É que, se o círculo de Martines de Pacqually era uma prisão, enquanto círculo fechado, Saint-Martin, tendo procurado e encontrado uma saída, não podia vê-lo senão como o primeiro círculo da espiral "infinita", na qual ele se empenhara.

Mas, como falar em círculo fechado a propósito da magia cerimonial da escola de Martines de Pasqually, se Saint-Martin pôde sair dela?

O círculo da magia cerimonial - como o da ciência - *é* fechado em princípio, mas toda alma humana individual pode sair dele, abraçando um ideal mais elevado e renunciando a todas as vantagens que o círculo lhe oferece. É esse um acpecto importante do sentido da fórmula crística *Eu sou a porta,* a saber, que se pode sair do círculo fechado e do cativeiro do espírito. "Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem" (Jo 10,9), isto é, quem é movido pelo amor de Deus e do próximo pode entrar em qualquer círculo fechado e sair. Em lugar de prisões, "encontrará pastagens", isto é, *mover-se-á em espiral.* Foi assim, por exemplo, que Teilhard de Chardin pôde entrar no círculo fechado da ciência, sem ficar cativo, e pôde sair desse círculo, transformando-o em espiral. Foi assim também que Saint-Martin pôde entrar no círculo fechado da magia cerimonial, sem ficar cativo, e pôde sair dela, sempre transformando-a em espiral. A espiral é a Boa Nova, o Evangelho anunciado a todos os que estão cativos nos círculos fechados. Jesus disse a Natanael:

"Crês, só por que te disse: 'Eu te vi sob a figueira'? Verás coisas maiores do que essas. E lhes disse: Em verdade em verdade, vos

digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem" (Jo 1,50-51).

O "céu aberto" é a via na espiral da infinitude que se abre.

A espiral é o arcano do crescimento, tanto espiritual como biológico. A planta cresce segundo o movimento da espiral; uma idéia, um problema crescem igualmente segundo o movimento da espiral. Não são só os ramos da árvore que se dispõem segundo a espiral; também os círculos chamados "alburnos", que se formam todos os anos entre a casca e o cerne constituem vestígios ou efeitos da operação de crescimento circuiar em duas dimensões - a vertical e a horizontal - isto é, procedem em espiral. Quanto às idéias e aos problemas, eles crescem em amplitude e em altura nas consciências humanas por uma série de "retornos" e "afastamentos", isto é, por círculos concêntricos, semelhantes aos alburnos dos troncos das árvores. Assim, em 1919-1920, ocupei-me pela primeira vez dos Arcanos Maiores do Tarô sob os quatro aspectos incluídos no nome divino **ilii\·** (IOD-HE-VAV-HE), cs quais se me apresentavam então como unidade que compreendia a Natureza, o Homem e o Céu, ou a Alquimia, o Hermetismo ético e a Astrologia, unidos na Teurgia. Agora, depois de uma série de retornos ao tema, as presentes Meditações sobre o Tarô tratam ainda dos quatro aspectos do nome divino :, , **i** ~ , mas se apresentam a mim como unidade da Mística, da Gnose e da Magia sagrada no Hermetismo. É um exemplo de crescimento das idéias e dos problemas em espiral de duas dimensões.

Outro exemplo é a preparação da vinda de Cristo na história. O Evangelho segundo Mateus faz dela uma espécie de genealogia de Jesus, resumida numa única frase:

"De Abraão até Davi, quatorze gerações; de Davi até o exílio na Babilônia, catorze gerações; e do exílio na Babilônia até Cristo, quatorze gerações (Mt 1, 17).

Eis aí a espiral da história da preparação da vinda de Cristo, espiral de três círculos ou "passos", cada um de catorze gerações. O primeiro círculo ou "passo" da espiral é aquele no qual a tríplice impressão dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó - impressão do alto, correspondente ao sacramento do batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo - tornou possível a revelação e a aliança do monte Sinai e chegou ao estado em que a Lei se tornou alma numa pessoa humana, a de Davi. Porque foi em Davi que os mandamentos e as ordenações da Lei revelada "com trovões, relâmpagos e uma espessa nuvem sobre a montanha ... ao povo amedrontado", se interiorizaram ao ponto de se tomarem amor e consciência, coisas do coração atraído pela- verdade e beleza deles. Em Davi a Lei se tornou alma: por isso, também as suas transgressões deram lugar, na alma, a uma força nova, a penitência interior.

O primeiro "passo" da espiral, as catorze gerações de Abraão até Davi, corresponde, pois, ao processo de interiorização, que se verificou desde o sacramento do *batismo* (os três patriarcas), passando pelo sa-

cramento da *confirmação* (a Aliança no deserto do Sinai), até o sacramento da *penitência.*

O segundo círculo ou "pasrn" da espiral, as catorze gerações de Davi até a deportação para Babilônia, é a escola de Davi, a escola da penitência interior, a qual alcançou seu fim exterior, a *expiação,* a deportação para Babilônia.

O terceiro círculo ou "passo" da espiral, as catorze gerações da deportação em Babilônia até Cristo, corresponde ao que se passa espiritualmente entre o último ato do sacramento da penitência - a absolvição - e o *sacramento da Sagrada Comunhão* ou *Eucaristia,* o da precença e recepção de Cristo.

João Batista "preparou o caminho do Senhor e endireitou suas veredas", repetindo, em resumo, a história da preparação da vinda de Cristo, isto é, a vida da penitência, a qual era seu "batismo de água". Porque "o filho de Davi" era "filho da penitência" pelo lado do pai. losé, e "filho da inocência" pelo lado da mãe, Maria. Jesus não poderia ter vindo em outro meio, a não ser no da inocência virginal e no da inocência recuperada pela penitência. João Batista é, portanto. aquele que efetuou na história do mundo o ato de transição da penitência para a comunhão; ele conduziu pela mão o primeiro penitente do mundo antigo ao altar da graça do mundo novo. O Evangelho segundo João descreve esse monumento de imenso alcance de maneira que não poderia ser mais lapidar:

> *"No dia seguinte, João se achava lá de novo, com dois de seus discípulos. Ao ver Jesus que passava, disse: 'Eis o Cordeiro de Deus'. Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes: 'Que estais procurando?' Disseram-lhe: 'Rabi (que, traduzido, significa Mestre), onde moras?' Disse-lhes: 'Vinde e vede'. Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele· dia. Era a hora décima, aproximadamente"* (Jo 1,35-39).

Foi assim que João Batista transmitiu o fruto de um mundo que estava acabando a um mundo que estava começando. Os três Reis Magos puseram aos pés do menino Jesus a tríplice quintessência daquilo que o mundo antigo tinha realizado: "o ouro, o incenro e a mirra"; são João Batista ofereceu ao Mestre o quarto dom: o coração puro, do qual o Mestre diria que veria a Deus.

Três vezes catorze gerações é, portanto, a espiral de três passos do caminho que vai de Abraão a Cristo como as idades de Ouro, do Incenso e da Mirra foram os três passos da espiral do caminho da espiritualidade da humanidade, dos patriarcas da espiritualidade - os *Rishis* da f ndia antiga - até Cristo. Porque a idade de Ouro da espiritualidade, a da índia antiga, foi seguida da idade do Incenso da espiritualidade, a do Irã antigo, onde a revelação cósmica dos *Rishis* se tornou alma e coisa do coração humano; e a idade do Incenso, por sua vez, foi seguida da idade da Mirra - a idade do luto e da penitência - da qual o Egito

antigo era o facho milenar. O Egito antigo, do qual Hermes Trismegisto diz no tratado denominado *Asclepius:*

"Ignoras, então, Asclépio, que o Egito é a cópia do céu ou, dizendo melhor, o lugar de onde se transferem e se proietam na terra todas as operações que governam e põem cm ação as forças celestes? Mais ainda, se é para se dizer toda a verdade, a nossa terra é o templo do mundo inteiro.
E, no entanto, uma vez que convém aos sábios conhecer antecipadamente todas as coisas futuras, há uma que deveis saber. Virá tempo em que parecerá que os egípcios honraram em vão seus deuses, na piedade de seu coração, com culto assíduo: toda a sua santa adoração resultará ineficaz e ficará sem fruto. Os deuses, deixando a terra, voltarão para o Céu: abandonarão o Egito; essa região que foi outrora lugar de santas liturgias, agora, viúva de seus deuses, não gozará mais de sua presença. Estrangeiros encherão esse país, essa terra . . . Então essa terra muito santa, pátria dos santuários e dos templos, ficará coberta de sepulcros e de mortos. ô Egito, Egito, de teus cultos restarão só fábulas, e teus filhos, mais tarde, nem acreditarão nelas; sobreviverão somente palavras gravadas nas pedras, contando teus piedosos feitos ... ,, (Asclepius, 25).

É a voz do embalsamador, do sábio da sabedoria da mirra, que se conhece na morte, nas leis da morte, a voz de Jeremias e do Egito.

Eis agora a voz daquele que traz o incenso, a voz do sábio da sabedoria do Incenso, a voz do Salmista do Irã antigo:

"Não devemos desagradar a ti, ó Ahura Mazda! nem a Ascha (a Lei) nem a Vahis-ta Mananh (a melhor Razão), que tentamos compreender no dom dos louvores dirigidos a ti ...
Quando pela primeira vez tive a idéia de ti em meu espírito, ó Mazda - disse Zaratustra - considerei-te sinceramente como o primeiro Ator no universo, como o Pai da Razão, como o verdadeiro Autor da Lei justa, como Aquele que governa as ações da humanidade" (Gathas, cit. R. P. Masani, *Le Zoroastrianisme,* p. 48). *"Nós louvamos a inteligência de Ahura Mazda, a fim de atingir a santa palavra.*
Nós louvamos a sabedoria de Ahura Mazda, a fim de estudar a santa palavra.
Nós louvamos a língua de Ahura Mazda, a fim de propagar a santa palavra.
Nós adoramos, a cada dia e a cada noite, o monte Uhidarena, o Dispensador da Inteligência".

(Oração diária, Masani, *Zoroastrisme,* p. 140).

Eis enfim a voz de um sábio da Sabedoria de Ouro, pregando o Humanismo cósmico:

"O *homem (Purusa) não é esse universo,*
o que é passado, o que está para vir.

Ele é o senhor do domínio imortal
porque acredita no que está além do alimento

Todos os seres são um quarto dele;
o Imortal no céu, os outros três quartos.

Com três quartos o Homem se elevou até lá em cima, o quarto renasceu aqui em baixo.
De lá ele se difundiu em todos os sentidos para as coisas que comem e que não comem"
(Rigveda X, 90, 2-4).

Eis a chave de ouro da Evolução material e espiritual. Só a *universalidade* e a *transcendência* do princípio humano - do Adão *Kadmon* da Cabala ou do Purusa do Veda - é que a tomam inteligível.

A espiral de três círculos de catorze gerações de Israel e a espiral de três passos da espiritualidade do Ouro, do Incenso e da Mirra na história geral da humanidade constituem, portanto, a preparação da vinda de Cristo. Não seriam as três primeiras semanas do Advento a súmula dessa preparação milenar, enquanto a quarta lembraria seu resumo, a obra de João Batista?

Seja como for, aqui ocupamo-nos da *lei da espiral.* Porque é a espiral que caracteriza a ação do "agente do crescimento", que é o tema do décimo sétimo Arcano Maior do Tarô, cuja lâmina nos mostra a relação que existe entre o estelar, o feminino, o líquido e o crescente. Há estrelas no céu, há uma mulher nua derramando água de dois vasos e há dois arbustos que crescem. É a água que faz os arbustos crescerem no deserto: é a mulher que derrama a água e é das estrelas que emana a luminosidade que se transforma em liquidez por intermédio da mulher. Esta transforma, pois, a Esperança na Continuidade da Tradição e das gerações. É assim que os arbustos crescem.

A contextura da lâmina representa, portanto, uma espiral que desce das estrelas (primeiro passo) para a mulher (segundo passo), depois para a água (terceiro passo) e chega aos arbustos (o resultado, quarto passo).

A lâmina responde à interrogação: o que é necessário para que uma árvore viva? São necessárias estreias, a mulher e água.

Com efeito, o que é necessário para que a evolução da humanidade continue? São necessárias a Esperança, a Maternidade e a Hereditariedade.

O que é necessário para que a verdade espiritual não soçobre no esquecimento, mas viva? São necessárias a Esperança, a Criatividade leal e a Tradição. É necessário o testemunho corroborador de *três* testemunhas sempre presentes: o Espírito, o Sangue e a Água. A verdade testemunhada pelo Espírito, pelo Sangue e pela Água jamais cairá no esquecimento. Poder-se-á matá-la, mas ela ressurgira.

Ora, a unidade da Esperança, da Criatividade e da Tradição é o "agente do crescimento". Ele é a ação combinada do Espírito, do Sangue

e da Agua. Ele é, pois, *indestrutível,* sua ação é *irreversível* e seu movimento é *irresistível.*

O agente do crescimento é, em última análise, o tema da *Tábua de Esmeralda* de Hermes Trismegisto.

"E como todas as coisas existiram e vieram de Um, assim todas as coisas nasceram nesta coisa única por adaptação", diz a *Tábua de Esmeralda.* Isso significa que como o Uno é o criador da *essência* de todas as coisas, assim é ele um agente único, o qual adapta a *existência* de todas as coisas à sua essência, o princípio da adaptação daquilo que nasceu segundo seu protótipo criado ou "agente do crescimento", o princípio da evolução. Ele é gerado pela luz espontânea da Esperança (o Sol) refletida no movimento das águas inferiores (a Lua), o que produz o estímulo geral ou impulso (o Vento), que traz a Esperança primordial para a sua realização no domínio material (a Terra), a qual lhe oferece os elementos construtivos (o "alimenta").

> "O *sol é seu pai, a lua é sua mãe, o vento a trouxe em seu ventre, a terra é o seu alimento"*

diz ainda a *Tábua de Esmeralda.*

A luz espontânea do alto, a luz refletida em baixo, o estímulo ou impulso da evolução que daí resulta e que se serve, para a sua realização, dos elementos materiais, eis a análise completa do processo interior da evolução e do crescimento. Trata-se de agente que *adapta* constantemente a existência à essência - "o agente do crescimento" - que a *Tábua de Esmera!da* designa pelo termo "o *Têlema* do mundo todo".

> "O *pai de tudo, o Têlema do mundo todo está aqui: se a sua força for convertida em terra permanecerá inteira".*

O termo *thelemos (thelemós)* significa em grego, na linguagem poética, "voluntário, espontâneo", e os termos *thelema (to thelema)* e *thelesis (he thelesis)* significam, na linguagem do *Novo Testamento,* "desejo", "vontade". O autor da *Tábua de Esmeralda* quer portanto explicar a natureza e o estímulo volitivo quase espontâneo do mundo em transformação e - como dizemos hoje - em evolução. Ele quer expor-nos a origem e os fatores constitutivos do agente transformador do transformismo, o agente ativo subjacente à evolução. Esse agente é descrito no XVI tratado hermético *D'Asclépios au roi Ammon: déiinitions,* como:

> *"A luz que está presa no mundo e que banha com seu brilho toda a concavidade da água, da terra e do ar, com o qual o Sol vivifica e põe em movimento, pelos nascimentos e pelas metamorfoses, os seres vivos dessas partes do mundo, remodelando-os e transformando uns nos outros, à maneira de uma espiral (helikos tropon), e a transformação de uns em outros opera uma mudança contínua de gênero em gênero (gene genon) e de espécies em espécies (eide eidon) ... , age 'à maneira de uma espiral entre a terra e o céu'. Porque, se o Thelema, o desejo imanente no mais*

profundo da matéria, for separado de seu envoltório material, 'ele subirá da terra para o céu, descerá de novo para a terra e receberá a força das coisas superiores e inferiores' - à maneira de espiral que sobe e desce".

Vês, então, caro Amigo Desconhecido, que o transformismo, a doutrina da evolução, redescoberta pela ciência do século XIX, era não só conhecido como fato pelo Hermetismo da época helenística, mas era também o tema de uma filosofia profunda, que se ocupava do agente do transformismo que realiza "uma mudança contínua de gêneros em gêneros e de espécies em espécies" e os transforma "à maneira de espiral".

Também o heliocentrismo era conhecido do Hermetismo daquela época - pelo menos quinze séculos antes de sua redescoberta - como se vê pelo mesmo tratado hermético:

"O *Sol está estabelecido no meio do mundo, carregando o mundo como coroa (mesas gar indrutai stephaphoron ton kosmon) e, como bom condutor, ele assegura o equilíbrio do carro do mundo e o ligou a si para que ele não fosse puxado numa corrida desordenada"* (D'Asclépios au roi Ammon: définitions, 7).

Pode-se apresentar enunciado mais preciso sobre o sistema heliocêntrico?

Os hermetistas antigos conheciam o fato da evolução e do transformismo e procuravam seu agente ativo, o *Thelema,* esse impulso volitivo e quase espontâneo que age no mais profundo da matéria. E a *Tábua de Esmeralda* de Hermes Trismegisto é o legado que eles deixaram à posteridade: ela contém o resumo do que eles encontraram. Ê o testamento do mundo antigo ao mundo moderno; o mundo moderno recebeu o que o mundo antigo realizou ou, pelo menos, acreditou ter realizado.

"Separarás a terra do fogo, o sutil do espesso, suavemente e com muita habilidade. Ele sobe da terra para o céu e de novo desce para a terra e recebe a força das coisas superiores e inferiores. Terás por esse meio toda a glória do mundo, e de ti se afastará tpda escuridão.

Ela é a força forte de toda força, porque vencerá toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida.

Assim o mundo foi criado.

Disso serão e saíram inúmeras adaptações, cujo intermédio está aqui.

Por isso fui chamado Hermes Trismegisto, tendo as três partes da filosofia do mundo.

O *que eu disse da operação do Sol está terminado e acabado".*

"Terminado e acabado" conclui o Testamento da antiguidade. Seria pretensão tola, arrogância ingênua, piedosa ilusão ou constatação de fato? Questão de consciência e de experiência, à qual cada um responderá individualmente. Ouan;o a mim, coloco-me do lado daqueles que

vêem aí uma constatação de fato, principalmente no que concerne ao "agente do crescimento", que é "a força forte de toda força" que move toda coisa sutil e penetra toda coisa sólida.

O tema do "agente do crescimento" já foi tratado, especialmente nas Cartas sobre o terceiro e o décimo primeiro Arcanos Maiores do Tarô. Não podendo subtrair-nos à lei da espiral, que rege não só o conjunto da série dos Arcanos Maiores do Tarô como também os esforços e o progresso da consciência daquele que os medita, devíamos voltar a esse tema pela terceira vez na presente Carta. Ela representa o "terceiro passo" da espiral - a ser continuada ao infinito - do tema do agente do crescimento e da evolução.

A *Tábua de Esmeralda* é o resumo conciso daquilo que o mundo antigo tinha a dizer a respeito do "agente do crescimento e da evolução"; os Arcanos Maiores do Tarô são ó resumo, desenvolvido em escola ou em "sistema" prático de exercícios espirituais, daquilo que o mundo medieval tinha a dizer sobre esse agente, como fruto de suas meditações sobre a *Tábua de Esmeralda,* e de seus esforços e experiências espirituais. Hoje a tarefa que incumbe a nós consiste em efetuar o "terceiro passo" da espiral da evolução da Tradição do Hermetismo, do terceiro "renascimento" do tema da *Tábua de Esmeralda.* Nossa época apela para o esforço coletivo dos hermetizantes de hoje para que façam *terceiro* resumo que seria o Tarô na Idade Média e a *Tábua de Esmeralda* na antiguidade, a fim de que, como a Tábua de Esmeralda salvou a essência da sabedoria antiga, e o Tarô salvou a essência da sabedoria medieval através dos dilúvios que os separavam, também a *sabedoria moderna* seja salva, numa "arca de Noé" espiritual, do dilúvio que está para vir, e seja transmitida ao futuro como a essência da sabedoria antiga a essência da sabedoria medieval nos foram transmitidas por meio da Tábua de Esmeralda e dos Arcanos Maiores do Tarô. A Tradição do Hermetismo deve viver no tempo futuro como viveu no passado; por isso ela exige resumo moderno tão viável como o foram a *Tábua de Esmeralda* e os Arcanos Maiores do Tarô.

Esta é a mensagem da mulher ajoelhada sob as estrelas, à margem do rio que corre do passado para o futuro, a Mulher que não cessa de derramar Água do alto no rio da água de baixo.

Ela é a Mãe do futuro e, por isso, a sua mensagem nos coloca diante do Dever para com o futuro, do Dever do rio da Tradição ininterrupta. Devemos esforçar-nos para nos conformarmos a ele!

XVIII

A LUA



A LUA

Deus proibiu Ló e sua família de olhar para trás. *"A mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal",*

(Gn 19,26)

O *Eterno enviou a peste a Israel por causa do grande pecado cometido por Davi, dando a ordem de se fazer o recenseamento do povo de Israel,*

(2Sm 24)

A nossa inteligência, no estado em que sai das mãos da natureza, tem por objeto principal o sólido inorganizado. A inteligência se representa claramente só o descontínuo. A nossa inteligência se representa claramen:e só a imobil.dade. A inteligência deixa escapar o que há de "novo" em cada momento da história. Ela não admite o imprevisível. E rejeita toda criação. A inteligência se caracteriza por incompreensão natural da vida. Mas é ao interior da vida que nos conduz a "intuição", *quero dizer, o instinto tornado desinteressado, consciente de si mesmo. capaz de refletir sobre seu objeto e de alargá-lo indefinidamente"* (Henri Bergson, *L'Evolution Créatrice,* pp. 154, 155, 156, 164, 166 e 178).

Caro Amigo Desconhecido,

A proibição imposta a Ló e a sua família de olhar para trás, o pecado cometido por Davi, fazendo o recenseamento do povo de Israel e os traços característicos da inteligência humana, oposta à intuição - traços esses formulados por Henri Bergson - têm em comum o se referirem ao problema da *inversão* do movimento da vida para frente ao problema do *movimento retrógrado.* Ora, é o problema do movimento retrógrado, contrário ao da vida, que é sugerido espontaneamente pela lâmina do décimo oitavo Arcano Maior do Tarô, "A Lua". Ele é a antítese do décimo sétimo Arcano "A Estrela". Porque se este evoca as idéias, os sentimentos e os impulsos voluntários da ordem da evolução da vida e da consciência, de seu *desenvolvimento,* enfim, aquele evoca as idéias, os sentimentos e os impulsos voluntários relativos à *inversão* do movimento evolutivo da vida e da consciência, ao seu *envolvimento,* à sua parada e ao seu movimento retrógrado. Em vez do rio que corre e dos arbustos verdejantes da lâmina do décimo sétimo Arcano, encontramos,

na lâmina do décimo oitavo Arcano, a água estagnada do pântano e duas rijas torres de pedra. Em vez da Mulher nua que faz correr de dois vasos a corrente de água que continua no rio, encontramos a imagem da criatura mais envolvida ou "vestida", o lagostim, no fundo do poço do pântano e dois cães (ou um cão e um lobo) latindo para o Alto. Enfim, em vez da constelação brilhante de oito estrelas, encontramos aqui a escuridão do eclipse completo da Lua.

Pelo conjunto de sua contextura, a lâmina do décimo oitavo Arcano do Tarô nos convida, portanto, a exercício espiritual, a uma meditação sobre o que detém o movimento evolutivo e tende a inverter sua direção. E como o tema dominante e principal do décimo sétimo Arcano é o "agente do crescimento", no décimo oitavo Arcano se trata do agente especial do *decrescimento,* do princípio do eclipse. No décimo oitavo Arcano, não se trata da tentação de fora, que é o tema do sexto Arcano, nem do Diabo e dos demônios - as forças que embriagam e escravizam - que constituem o tema do décimo quinto Arcano, nem a tendência presunçosa para construir "torres de Babel", que é o tema do décimo sexto Arcano; trata-se de coisa que está presente, que é dada e imposta a toda alma humana encarnada, pelo simples fato de sua encarnação, e que o estado encarnado comporta necessária e fatalmente. O princípio do eclipse ou "agente do decrescimento" estaria presente e ativo, mesmo que o Diabo e todos os demônios se tivessem afastado e que todos os homens tivessem aprendido a lição da humildade e tivessem abandonado o desejo de construir "torres de Babel".

O décimo oitavo Arcano do Tarô é o *Arcano* da dupla corrente, que Henri Bergson designou como "inteligência-matéria" ou "intelectualidade materialista", contrária à dupla corrente "duração-espírito" ou "intuição-consciência". Porque a corrente "intelectualidade-materialidade", que Bergson sublinhou mais do que qualquer outro pensador, é precisamente o "agente do decrescimento" ou o "princípio do eclipse" sugerido pela contextura da lâmina do décimo oitavo Arcano. Porque a Lua é o princípio da *reflexão;* como ela reflete a luz do Sol, do mesmo modo a inteligência humana reflete a luz criadora da Consciência. E como o lagostim se move nadando para trás, também a inteligência humana se move para trás, isto é, na direção efeito-causa, quando está empenhada no ato do conhecimento que lhe é próprio. Como, ainda, a vontade de dominar a natureza põe em movimento o mecanismo intelectual prescrito pelas regras do jogo para seu trabalho, do mesmo modo a Lua da lâmina do décimo oitavo Arcano está em eclipse, sem a franja dos raios refletidos da luz solar, enquanto a sua superfície reflete apenas a imagem, em perfil, do rosto humano. Os outros pormenores da lâmina - as gotas coloridas *caindo do alto,* as duas torres, os dois cães latindo, a água estagnada do pântano - especificam, como veremos na continuação desta meditação, os aspectos da corrente "intelectualidade-materialidade ", contrária à corrente da evolução criadora ou "duração-espírito ".

O "Sol", a "Lua" e as "Estrelas" são, segundo o Génesis, os luzeiros do firmamento do céu, feitos para iluminarem a terra. A sua criação constitui o quarto dia da criação do mundo.

Ora, a consciência humana é ó campo no qual se manifestam *três* espécies de luz: a luz *criadora,* a luz *refletida* e a luz *revelada.* A primeira participa da obra da criação do mundo como ela continua depois do "sexto dia" da criação, ao que chamamos hoje "evolução criadora". A segunda ilumina o campo escuro da ação da vontade humana que hoje denominamos "matéria". A última nos orienta para valores e verdades transcendentes que constituem como que a corte suprema de apelação, o critério último de tudo o que é válido e de tudo o que é verdadeiro no espaço e no tempo. Graças a essas três espécies àe luz, o homem é, ao mesmo tempo, criador participante da evolução criadora, senhor da matéria, autor da obra civilizadora e adorador ajoelhado de Deus, capaz de orientar a sua vontade para a vontade divina. A consciência criadora, a inteligência em reflexão e a revelação do alto são os três luzeiros do microcosmo humano: seu Sol, sua Lua e suas Estrelas.

Os três Arcanos Maiores do Tarô - "A Estrela", "A Lua" e "O Sol" - são os da luz revelada do alto, da inteligência em reflexão e da consciência criadora. Tratamos do Arcano estelar na última Carta; na Carta seguinte ocupar-nos-emos do Arcano Solar. Nesta Carta, tratamos do Arcano lunar, do Arcano da dupla inseparável formada pela Terra e por seu satélite, "a Lua", ou, em relação ao microcosmo, da materialidade e da inteligência. O décimo oitavo Arcano do Tarô, devemos dizêlo formalmente, revela a *relação* entre a Lua e a Terra; trata da dupla Lua-Terra enquanto tal, como, por exemplo, Henri Bergson trata da dupla "inteligência-materialidade" enquanto tal. Porque a materialidade (vale dizer, o aspecto material e mecânico do mundo) está para a inteligência (isto é, para a faculdade da consciência que procede dos efeitos para as causas por indução e dedução) como a Terra está para a Lua; a inteligência é proporcionada à matéria, e a matéria é a síntese e se adapta assim à inteligência, "que se caracteriza pelo poder indefinido de decompor segundo qualquer lei e de recompor em qualquer sistema" (Bergson, *Evolution créatrice,* p. 158). Elas constituem dupla inseparável. Imaginai o estado da consciência privada de meio divisível ao infinito e recomponível indefinidamente. Ela seria incapaz de separar do conjunto da duração das coisas particulares para agrupá-las em categorias e classes; seria, além disso, incapaz de fabricar os utensílios e as máquinas das quais se serve como complemento dos órgãos dados ao ser humano pela natureza para a ação e a percepção.

A divisibilidade e a maleabilidade da matéria inorganizada (ou *tornada* inorganizada) são tão indispensáveis à inteligência como a água ao peixe que nada ou como o ar ao pássaro que voa. Elas constituem seu elemento vital.

"A nossa inteligência, na condição em que a vida a modelou, tem por função essencial iluminar a nossa conduta, preparar a nossa

ação sobre as coisas e prever, numa situação dada, os acontecimentos favoráveis ou desfavoráveis que poderão seguir-se. Ela isola, portanto, instintivamente, numa situação, aquilo que se assemelha ao já conhecido; e procura o mesmo, a fim de aplicar seu princípio segundo o qual "o mesmo produz o mesmo [11]• *Nisso consiste a previsão do futuro pelo senso comum. A ciência leva essa operação ao mais alto grau possível de exatidão e precisão, mas não altera em nada seu caráter essencial. Como o conhecimento usual, a ciência retém das coisas só o aspecto de repetição. Se o todo é original, ela se arranja para analisá-lo em elementos, ou em aspectos que sejam mais ou menos a reprodução do passado. Ela só pode operar sobre o que é considerado repetição . . . O que há de irredutível e irreversível nos momentos sucessivos de uma história lhe escapa"* (Bergson, *Evolution créatrice,* p. 29).

É oportuno assinalar, ao mesmo tempo, que o aspecto *repetição* das coisas que a inteligência procura em primeiro lugar corresponde à tendência quase inata da inteligência para reduzir o movimento à imobilidade e transformar o tempo em espaço. A "repetição" é portanto apenas o elemento imóvel no movimento ou ainda o elemento *espacial* no tempo. Quando falamos, por exemplo, do ciclo das estações do ano, transformamos o movimento do tempo em espaço: substituímos o movimento pela representação de um *círculo* no espaço. Este círculo significa a *repetição* da sucessão das estações estáveis: primavera-verãooutono-inverno-primavera etc.

Ninguém anunciou o postulado da inteligência da repetição e, portanto, da transformação do tempo em espaço com mais força do que Salomão:

"O *que foi, será, o que se fez, se tornará a fazer: nada há de novo debaixo do sol! Mesmo que alguém afirmasse de algo: 'Olha, isso é novo!', eis que já sucedeu em outros tempos muito antes de nós. Ninguém se lembra dos antepassados, e também aqueles que lhes sucedem não serão lembrados por seus pôsteros",*

(Ecl 1,9-11)

Trata-se claramente de *postulado,* porque o enunciado de Salomão ultrapassa os limites da experiência, afirmando que a coisa que surge como nova no campo da experiência imediata *deve* ser repetição de uma coisa antiga caída no esquecimento, que somente a ignorância devida ao esquecimento do passado é que a faz parecer nova e que assim será no futuro. O tempo não cria nada, somente combina e recombina o que se *deu* uma vez no espaço. O tempo é como o vento, e o espaço é como o mar; o vento produz a repetição infinita das ondas sobre a superfície do mar, mas o mar permanece o mesmo, não muda. Não há, portanto - nem *pode* haver - algo de novo sob o sol.

Tal é o postulado da inteligência enunciado há três mil anos; ele ainda é válido e está subjacente nos métodos de trabalho da inteligência.

Eis agora sua antítese, formulada por Bergson:

"O *universo dura. Quanto mais nos aprofundamos na natureza do tempo, mais compreenderemos que duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do absolutamente novo" (Evolution créatrice,* p. 11).

Voltaremos mais tarde à antítese bergsoniana - e hermética - ocasião em que sua necessidade saltará aos olhos como réplica natural e se apresentará ao espírito como uma espécie de "cor complementar" do Arcano "A Lua". *Esse Arcano, quanto exercício espiritual, tem como objetivo somente intimar o deseto eonseicnte a ir mais longe do que à inteligência e a se decidir a dar o salto necessário para sair de seu meio.*

Mas, voltemos à dupla "inteligência-matéria" ou "intelectualidade-materialidade".

A inteligência visa antes de tudo a fabricar.

"A fabricação se exerce exclusivamente sobre a matéria bruta, no sentido em que, mesmo que empregue materiais organizados, ela os trata como objetos inertes, sem se preocupar com a vida que os enformava. Da matéria bruta ela retém quase só o que é sólido; o resto escapa pela sua própria fluidez. Se, pois, a inteligência tende a fabricar, pode-se prever que o que é fluido no real lhe escapará em parte, e o que é propriamente vital no ser vivo lhe escapará totalmente. A nossa inteligência, no estado em que saiu das mãos da natureza, tem por objeto principal o sólido inorganizado" (Bergcon, *Evolution créatrice,* p. 154).

Assim, o axioma da inteligência segundo o qual *o todo é maior do que a parte* vale totalmente e sem reservas quando se trata de corpo sólido ou de líquido *medido* (isto é, tornado semelhante ao corpo sólido); evidentemente a metade de uma pedra é menor do que a pedra inteira, e meio copo d'água contém menos água do que o copo inteiro cheio de água. Mas esse axioma não vale sem reserva quando se trata das *funções* de organismo vivo. A perna é bem maior do que o coração, mas pode ser amputada, sem que a morte sobrevenha. Privado do coração porém, o corpo morre. É que a *função* do coração é mais essencial para a vida do organismo do que a da perna. Por isso, quando se trata do organismo vivo, o axioma deveria ser modificado de modo que, do ponto de vista do *funcionamento,* as funções-partes e a função-todo possam ser *iguais.* Assim, no tocante ao funcionamento do organismo vivo, poderíamos surpreender o burguês lógico com a fórmula: *o todo pode ser igual a alguma de suas partes.*

Aplicado ao *domínio moral,* esse axioma deveria sofrer modificação maior ainda. No domínio dos puros valores, ele chega a se transformar em seu contrário. Por exemplo, o argumento de Caifás, apresentado na assembléia do Sinédrio, em favor da decisão tomada contra Jesus, de que é melhor "que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação inteira" (J o 11,50). é evidentemente apelo ao axioma lógico segundo o

qual *o todo* (a nação) *é maior* (tem valor maior) *do que a parte* (um só homem). Mas a razão de ser de toda a nação judaica era essa *parte* dela que era o Messias! Mais ainda: o Verbo, "pelo qual tudo foi feito, e sem o qual nada foi feito" e que se fez carne, é a parte ou o todo da nação judaica e do mundo inteiro?

Tomemos ainda a parábola da ovelha perdida, na qual o Mestre diz:

> *"Se um homem possui cem ovelhas e uma delas se extravia, não deixa ele as noventa e nove nos montes e vai à procura da extraviada? Se consegue achá-la, em verdade vos digo, terá maior alegria com ela do que com as noventa e nove que não se extraviaram"* (Mt 18,12-13).

No domínio dos *valores* morais, o axioma segundo o qual o todo é maior do que a parte ainda é válido?

Consideremos as parábolas do tesouro escondido no campo, da pérola preciosa e a lição do óbolo da viúva pobre; não se segue que, no mundo dos valores, o axioma em questão seria: *a parte pode ser maior do que o todo?*

São conclusões que se impõem no domínio do vivo e da moral, mas chocam a inteligência, que forma as regras da lógica apoiando-se no sólido inorganizado.

A ordem para o recenseamento do povo de Israel (2Sm 24) foi grande pecado cometido por Davi porque consistiu em aplicar o método próprio da inteligência humana, de reduzir o vivo e o moral, a comunidade de Israel, ao sólido inorganizado, os homens a *coisas.* Dando a ordem para se contar o povo, Davi cometeu, no domínio do espiritual, o pecado de reduzir seres humanos, vivos e animados, a coisas mortas e inanimadas, em última análise, a *cadáveres.* Assim ele pecou contra o mandamento *não matarás.*

E foi no tempo mais escuro do ano - no qual as noites são mais longas - mas ainda sob o signo da inteligência virgem eclipsada pela inteligência humana terrestre, que se verificou o nascimento de Jesus. Ele se deu quando era feito o recenseamento de toda a terra, "ordenado pelo edito .de César Augusto, enquanto Quirino era governador da Síria" (cf. Lc 2,1-2). Foi o pecado de Davi, repetido na escala do Império romano," de todo o mundo habitado". César Augusto ordenou então que todos os seres humanos, vivos e animados, inclusive o Verbo encarnado, fossem tratados como coisas inanimadas: tempo de inverno no que se refere ao Sol, e tempo do eclipse da Lua.

Nossa inteligência só se sente plenamente à vontade quando opera sobre a matéria bruta, em particular sobre sólidos:

> *"Qual é a propriedade mais geral da matéria bruta? Ela é extensa e nos apresenta objetos fora de outros objetos e, nesses objetos, partes fora de outras partes. É útil, sem dúvida, por causa de nossas manipulações ulteriores, que consideremos cada objeto como divisível em partes cortadas arbitrariamente, cada parte como divisível segundo nossa vontade e assim por diante, ao infinito*

À possibilidade de decompormos a matéria enquanto isso nos agrada e como nos agrada fizemos *alusão quando falamos da continuidade da extensão material; mas essa continuidade, como se vê, reduz-se, para nós, à faculdade que a matéria nos deixa para escolhermos o modo de descontinuidade que encontramos para ela: em suma, é sempre o modo de descontinuidade escolhido que nos aparece como efetivamente real e que fixa nossa atenção, porque é por ele que se orienta nossa ação presente. Assim a descontinuidade é' pensada por si mesma e é pensável em si mesma, e nós a representamos por ato positivo de nosso espírito, enquanto a representação intelectual da continuidade é, antes, negativa, sendo, no fundo, a recusa de nosso espírito, diante de qualquer*

• *sistema de decomposição atualmente existente, de considerá-lo como o único possível.* A inteligência se representa claramente só o descontínuo" (Berg~on, *Evolution créatrice,* p. 155).

Por isso não só a ciência decompõe os objetos em substâncias químicas, estas em moléculas, as moléculas em átomos, os átomos em elétrons, mas também na ciência dita oculta, que quereria igualar-se à ciência oficial, o ser humano, por exemplo, é decomposto em *três* princípios - espírito, alma e corpo - quando se trata do lugar que o homem ocupa entre Deus e a natureza, ou em *quatro* princípios - corpo físico, corpo vital, corpo astral e o eu -. quando, no caso do operador, tratase da tarefa prática de *dominar* seus instrumentos como na Raja-Ioga, ou ainda em *sete* princípios - corpo físico, corpo etéreo, corpo astral, o eu inferior, a razão, a intuição e o eu superior - quando se trata da evolução do ser humano no tempo. Trata-se, enfim, de nove princípios - três corporais, três psíquicos e três espirituais - d~ relações entre o microcosmo e o macrocosmo com suas nove hierarquias espirituais, que refletem, por sua vez, a Trindade divina. Se acrescentarmos ainda que a teologia cristã divide o homem somente em *dois* princípios - corpo e alma-, que o Vedanta e a Cabala o dividem em *cinco* princípios e que há cabalistas que o dividem em *dez* princípios, de acordo com as dez *sefirot,* e ainda que alguns astrólogos o dividem em doze princípios, de acordo com os doze signos do zodíaco, torna-se evidente que o homem se apresenta sem dificuldade a divercos modos de decomposição, de acordo com os fins visados pela inteligência que os aplica. Mas ele se presta a essa operação somente enquanto objeto das manipulações da inteligência, que o trata da maneira que lhe é própria, isto é, que o decompõe segundo um sistema que corresponde do melhor modo possível ao fim que a vontade tem em vista. Porque a inteligência - *ainda quando se empenha na ciência oculta* - representa a si mesma só o descontínuo.

Por isso a inteligência se representa o movimento como descontínuo e *o* reconstitui com imobilidades que justapõe, isto é, o faz deterse certo número de vezes, obtendo assim um filme cinematográfico, e, em seguida, o projeta:

"O *estável e o imóvel são aquilo a que a nossa inteligência, pela sua disposição natural, dedica sua atenção.* A nossa inteligência se representa claramente só a imobilidade".
(Henri Bergson, *Evolution créatrice,* p. 156).

Vinte e quatro séculos antes do cinematógrafo, o filósofo grego Zenão de Eléia, autor dos célebres argumentos da "flecha que voa" e de "Aquiles e a tartaruga", negava a realidade do movimento, afirmando que a inteligência pode representar-se somente a sucessão das posições estáticas do movimento. Como Salomão, que proclamou, há três mil anos,
o postulado da inteligência segundo o qual "não há nada de novo sob
osol", Zenão de Eléia afirmou, há vinte e quatro séculos, outro postulado da inteligência, o de que "não existe movimento contínuo, mas só existem pontos sucessivos em repouto ".

A inteligência dedica sua atenção, antes de tudo, às *posições* do movimento, não ao *avanço* pelo qual ele passa de uma posição a outra, avanço esse que é o movimento como tal.

"A nossa inteligência se desvia da mobilidade como tal porque não tem interesse em se ocupar dela. Se a inteligência fosse destinada à teoria pura, ela se instalaria no movimento, porque o movimento é, sem dúvida, a própria realidade, e a imobilidade é sempre só aparente ou relativa. Mas a inteligência é destinada a uma coisa totalmente diferente. A não ser que faça violência a si mesma, ela segue o caminho inverso: parte sempre da imobilidade, como se esta fosse a realidade última ou o elemento ... " (Bergson, *Evolution créatrice,* p. 156).

A inteligência se concentra só nas *colheitas,* isto é, no *produto,* e não na *produção,* que, em si mesma, é apenas o meio e a série das etapas que lhe permitem chegar ao produto. O que ela visa é sempre o *resultado,* o outono das coisas e dos acontecimentos. Ela está orientada para os fatos, para as coisas existentes, e não para os processos do devir e da criação A primavera e o verão das coisas e dos acontecimentos lhe escapam ou só contam sob o aspecto do outono, como etapas de sua preparação. A germinação e o crescimento são a mobilidade, o devir; ao passo que a seara é o que se tornou, o produto.

O princípio do outono se opõe ao princípio da primavera: o princípio subjacente na inteligência se opõe ao que está subjacente na *intuição da fé.*

"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O *que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens",*

diz o Evangelho segundo João (1, 1-4), pondo o princípio da intuição da fé, o *princípio da primavera.* É o *começo,* a primavera das coisas do mundo que o Evangelho de são João tem em vista, e é o Verbo

criador, a própria mobilidade no fundo da vida e da luz da consciência que ele proclama como ponto de partida de tudo o que se seguiria. O Evangelho segundo são João nos convida, ao primeiro contato, para um ato de violência inaudita em relação à nossa inteligência, transpondo-a do outono, onde ela está à vontade, para a plena primavera, da seara para as sementeiras, das coisas feitas para o Verbo criador, das coisas vivificadas para a própria Vida, das coisas iluminadas para a própria Luz.

Ocupar-nos-emos com mais pormenores da *intuição criadora* ou do mistério da fé na Carta sobre o décimo nono Arcano do Tarô - o Sol - que é o Arcano da Primavera. Aqui devemos apenas salientar mais claramente, por contraste, o princípio lunar e o outonal da inteligência, opondo-o ao princípio da intuição criadora como está anunciado no capítulo primeiro do Evangelho segundo são João, *e* ao princípio *da* inteligência, que é o tema do décimo oitavo Arcano do Tarô.

Ora, o Evangelho segundo são João convida a alma humana a transpor sua inteligência do outono para a plena primavera, propõe *rejuvenescê-la,* colocando-a no domínio da criatividade, e não no do criado; em termos astrológicos, ele a chama para efetuar a "conjunção" do Sol e da Lua. Isso significa que, se o postulado da inteligência é que "não há nada de novo debaixo do sol", ela é convidada a se adaptar à criatividade pura e simples expressa na fórmula "no começo era o Verbo"; que, se a inteligência representa para si mesma claramente só a imobilidade, ela é forçada a atirar-se no ato puro, criador, do Verbo; que, se a inteligência representa para si merma com clareza só o descontínuo, ela se vê confrontada com o Verbo, no qual está a Vida, que é a Luz dos Homens; que, se a inteligência tem por objeto principal o sólido inorganizado, agora ela tem por tarefa compreender o mundo inteiro como ato organizador do Verbo, e Jesus como o Verbo cósmico feito carne; por fim, se a inteligência se caracteriza por incompreensão natural da vida, agora ela deve compreender o Verbo no fundo da vida e a Vida no fundo da Luz da consciência. E tudo isso ela fará não a fim de *compreender* - isto é, de ceifar - *o que existe,* mas a fim de efetuar ato de devir, a fim de realizar o nascimento do *que não é,* do novo. Porque

> *"a todos que o receberam deu* o poder de se tornarem filhas de Deus: *aos que crêem em seu nome, que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus"* (Jo 1,12-13).

Eis a diferença entre a natureza da inteligência e a da intuição da fé, entre o princípio do outono e o da primavera. O primeiro princípio é, portanto, o da *compreensão daquilo que é;* o segundo é o da *participação no devir daquilo que será.* Quando Abraão deixou Ur e foi para uma terra estrangeira, pelo caminho do deserto, a fim de lá dar origem a um povo futuro, séculos mais tarde, agiu como *homem da primavera* ou como homem da fé. Quando Salomão resumiu tudo o que aprendera pela experiência e pela reflexão no tratado conhecido sob o

título de *Eclesiastes,* agiu como homem do outono, como homem da inteligência. Abraão foi semeador, Salomão, ceifeiro.

O Hermetismo é a história do esforço contínuo e sustentado para se chegar à aliança da intuição da fé e da inteligência, ao casamento alquímico do Sol e da Lua. Esse casamento é possível? Santo Tomás de Aquino, Henri Bergson e Pierre Teilhard de Chardin, entre outros, dizem *sim,* cada qual à sua maneira. Escolhi esses três nomes porque eles representam a Teologia, a Filosofia e a Ciência. É encorajador saber que representantes eminentes da Religião, da Filosofia e da Ciência dão sua contribuição para a nossa tarefa. Se não fosse assim, poderíamos aspirar a outra coisa? Poderíamos abandonar o trabalho e o esforço milenar pela aliança, pelo casamento e pela união da inteligência e da fé? Não. Porque, querendo ou não, estamos empenhados nesse caminho para sempre, ainda que se tratasse somente de miragem.

Digo "ainda que se tratasse somente de miragem", porque essa aliança, esse casamento, essa união inspiraram e inspiram esforço milenar, sem que esse esforço jamais tenha sido coroado de sucesso completo, pelo menos que eu saiba. A inteligência e a intuição da fé se aproximam, colaboram cerno aliadas e, às vezes, até se completam, de maneira a darem motivo para a mais alta esperança; mas sua verdadeira *fusão,* o seu casamento alquímico completo e durável nunca foi realizado. Na cabeça e no coração de alguns trabalhadores dessa grande obra, a inteligência e a intuição da fé já agem como um par de *noivos,* mas ainda não como um casal. Ainda não foi conseguida a *liga* desses dois metais. É sempre o ouro prateado ou a prata dourada.

Em Tomás de Aquino, por exemplo, é o ouro prateado; na maior parte dos autores ocultistas é a prata dourada. Orígenes, Dionísio Areopagita, Jacob Boehme, Claude de Saint-Martin, Vladimir Solovioff e Nicolas Berdiaeff, por exemplo, denotam em suas obras progresso notável na aproximação *substancial* da inteligência e da intuição da fé. O mesmo deveremos dizer de Henri Bergson e de Pierre Teilhard de Chardin.

Eis o esforço que Henri Bergson nos propõe na direção da fusão da inteligência e da intuição:

> *Depois de ter constatado que "a inteligência se caracteriza por incompreensão natural da vida", Bergson mostra a natureza do* instinto. *Diz ele:* "O *instinto, ao contrário, foi moldado na própria [õrma da vida. Enquanto a inteligência trata todas as coisas mecanicamente, o instinto procede organicamente, se assim podemos falar. Se a consciência, que dorme nele, se revelasse, se ele se interiorizasse em conhecimento, em vez de $e exteriorizar em ação, se soubéssemos interrogá-lo e ele pudesse responder-nos, ele nos entregaria os s.gredos mais íntimos da vida" (Evolution créatrice,* p. 166).
>
> "O *instinto e a inteligência são dois desenvolvimentos divergentes do mesmo princípio, o qual, num caso, permanece dentro de si*

mesmo, no outro, se exterioriza e se absorve no uso da matéria bruta" (p. 169).

"É notável o vaivém das teorias científicas do instinto entre o inteligente e o simplesmente inteligível, quero dizer, entre a identificação do instinto com uma inteligência 'caída' e a redução do instinto a puro mecanismo. Cada um desses dois sistemas de explicação triunfa na crítica que faz ao outro, o primeiro mostrando que o instinto não pode ser puro reflexo; o segundo dizendo que ele é diferente da inteligência caída na inconsciência. . . A explicação concreta, não mais científica, mas metafísica (ou hermética acrescentaríamos - nota do autor), deve ser procurada em outra via, não mais na direção da inteligência, e sim na da simpatia ... "

"O *instinto é simpatia. Se essa simpatia pudesse estender seu objeto e também refletir sobre si mesma, ela nos daria a chave das operações vitais - do mesmo modo que a inteligência, desenvolvida e endireitada, nos introduz na matéria. Porque, nunca seria demais repeti-lo, a inteligência e o instinto estão voltados para dois sentidos opostos, aquela para a matéria inerte, este para a vida. A inteligência, por intermédio da ciência, que é obra sua, nos entregará cada vez mais completamente o segredo das operações físicas; da vida ela só nos traz, e só pretende trazer-nos, uma tradução em termos de inércia. Ela toma o maior número possível de vistas em torno desse objeto, que ela atrai a si, em vez de entrar nele. Mas é para dentro da vida que nos conduziria a intuição, quero dizer, o instinto tornado desinteressado, consciente de si mesmo, capaz de refletir sobre seu objeto e de ampliá-lo indefinidamente"*

(Op. cit., p. 177, 178).

Eis, pois, a tarefa prática que nos é proposta. Ela deseja *tornar o instinto desinteressado,* o que é o verdadeiro fim de toda *ascese* ou parte do caminho para a união mística que a tradição chama "via purgativa", via da *purificação* do discípulo espiritual, ou ainda "purgatório", quando se trata da via do *destino* humano. Em seguida ela considera o *devir do instinto consciente de si mesmo,* isto é, o que a tradição chama "via ilumina tiva", via da *iluminação* do discípulo espiritual, ou ainda "Céu", quando se trata de via do destino humano. Finalmente ela considera que o instinto se torne *capaz de refletir sobre seu objeto* e de *ampliá-lo indefinidamente,* mas ficando totalmente unido a ele pela simpatia, isto é, aquilo que a tradição chama "via uni tiva", via da *união,* cujos frutos são a *gnose* (na qual "o instinto é capaz de refletir sobre seu objeto") e a *mística* contemplativa (na qual "o instinto é capaz de ampliá-lo indefinidamente"), ou ainda a *visio beatifica* (" visão beatífica") da qual gozam as almas humanas no Céu, depois do purgatório e depois de sua escola celeste, na qual elas aprendem a não ficar ofuscadas com a Luz divina e a ver por meio dela, quando se trata da vida do destino humano.

Esta é a tarefa prática. Mas como estabelecer o modo de pô-la em execução? Ela tende a fazer a inteligência sair de seu meio. Eis o que Bergson diz sobre isso:

"Em vão, dirá alguém, pretendeis ir além da inteligência: como o fareis, senão com a própria inteligência? Tudo o que existe de esclarecido em vossa consciência é inteligência. Estais dentro de vosso pensamento, e não saireis dele. Dizei, se quiserdes, que a inteligência é capaz de progresso, que ela verá cada vez mais claro um número sempre maior de coisas. Mas não faleis em gerá-la, porque é com a inteligência que o faríeis.

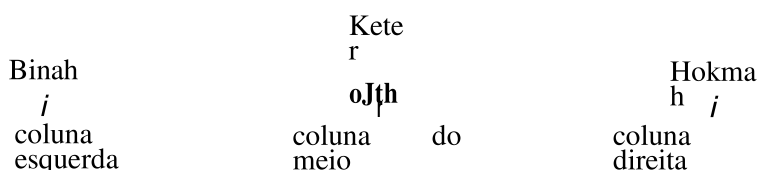
A objeção se apresenta naturalmente ao espírito. Com semelhante raciocínio provar-se-ía, aliás, a impossibilidade de adquirir qualquer hábito novo. Pertence à essência do raciocínio fechar-nos no círculo do dado, mas a ação abre o círculo. Quem nunca viu alguém nadar poderia pensar que isso é impossível, visto que, para aprender a nadar, é necessário manter-se em cima da água e, portanto, já saber nadar. Com esse raciocínio, a pessoa ficaria presa na terra. Mas se ela simplesmente se atira na água, consegue manter-se em cima, movimentando braços e pernas, e assim se adapta a esse novo meio, isto é, aprende a nadar. Do mesmo modo, é uma espécie de absurdo querer conhecer sem ser pela inteligência; mas se aceitarmos o risco, essa ação cortará, talvez, o nó que o raciocínio deu e que ele não desatará. O risco parecerá menor à medida que adotarmos o ponto de vista cm que nos colocamos. Mostramos que a inteligência se separou de uma realidade mais vasta, mas que nunca houve separação total entre as duas: em torno do pensamento conceituai subsiste uma franja indistinta que recorda a sua origem. Mais ainda: comparemos a inteligência com um núcleo sólido formado por condensação e que não difere totalmente do fluido que o envolve. Ele poderá ser reabsorvido nesse fluido somente porque é da mesma substância. Aquele que, conhecendo só a resistência da terra firme, se atira na água afoga-se logo, se não se debater contra a fluidez do novo meio; ele deve agarrarse à solidez, por assim dizer, que a água ainda lhe apresenta. Somente assim é que ele poderá acomodar-se à inconsistência do fluido. O mesmo vale para o nosso pensamento quando se decide a dar o salto.

Mas é necessário que ele salte, isto é. que saia de seu meio. Raciocinando sobre seus poderes, a razão nunca chega a estendê-los, embora essa extensão, uma vez efetuada, não apareça como totalmente despropositada. Por mais que pensemos no tema "andar", não tiraremos dele uma regra para nadar. Entremos na água. e, quando soubermos nadar, compreenderemos que o mecanismo-da natação tem ligação com o de andar. O primeiro prolonga o segundo, mas o segundo não nos teria introduzido no primeiro. Assim, por mais inteligentemente que pensemos no mecanismo da inteligên-

eia, nunca chegaremos, com esse método, a ultrapassá-la. Chegaremos a algo mais complicado, mas não superior ou simplesmente diferente. Devemos agilizar as coisas e, num ato dei vontade, empurrar a inteligência para fora de si mesma".
(Op. cit., QQ. 193, 194, 195).

Tal é o essencial da "ioga bergsoniana", isto é, do método a seguir a fim de que a inteligência se una ao instinto ou ao princípio da simpatia, para que este último possa estender seu objeto e refletir sobre si mesmo ou, em outros termos, a fim de desenvolver a *intuição.*

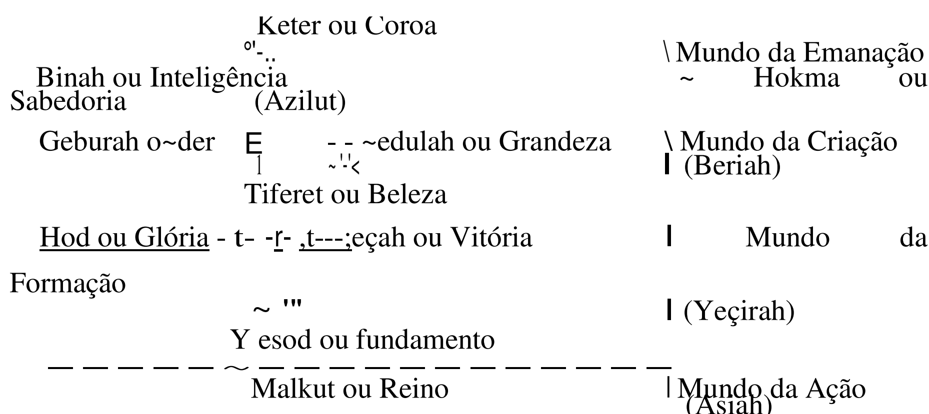
Ora, o esforço do qual Bergson fala é aquilo que a Cabala chama *Kawwana,* e o resultado desse esforço, que Bergson designa como "intuição",na Cabala se chama *Daat. Kawwana* é a meditação profunda, isto é, o esforço da inteligência para atirar-se nas profundezas da escuridão que a cerca. *Kawwana* difere essencialmente da meditação cartesiana, na qual se trata especialmente de concentração da clareza da inteligência dentro de si mesma. *Kawwana* difere também da meditação kantiana, na qual a inteligência se esforça para elevar-se acima de si mesma, fazendo de si objeto de observação, de análise e de crítica. A meditação profunda, ou *Kawicana,* não é só a concentração da luz da inteligência para intensificação de sua clareza, nem só o e.forço da inteligência para chegar ao conhecimento de si mesma. A meditação profunda é o esforço da inteligência para rondar as profundezas obscuras que a cercam e para as quais ela encontra acesso por meio da *simpatia,* e não por meio do exercício de suas faculdades lógicas, analíticas e críticas. Trata-se, portanto, para usarmos os termos da Cabala, do casamento do princípio da inteligência - a *sefirah Binah* - com o princípio da sabedoria - a *sefirah Hokmah* - na "coluna do meio" da árvore *Sef irótica.*



Daat é, então, o estado da consciência no qual a inteligência e a sabedoria, o saber adquirido - ou que pode sê-lo - de um lado, e o saber latente e atualizável, do outro, se tornam uma coisa só. É o estado da consciência que a Igreja chama de "intelecto iluminado pela graça" *(intellectus gratia illuminatus),* sendo a Graça o princípio atualizador do saber latente da "imagem e semelhança de Deus" em nós, e sendo o intelecto a inteligência bergsoniana, que se une a ela, e com ela aprende coisas que não aprenderia por si mesma. Ela é, portanto, "iluminada".

Quanto à Arvore *Sefirótica* da Cabala, devemos assinalar que *Daat* não se encontra nela como *sefirah* ou elemento constitutivo do sistema (ou "Arvore") das *Sefiroth. Daat* é algo a *criar* e a ajuntar-se

à Arvore *Sefirótica,* ao pasto que existem *quatro Sefiroth,* que estão na coÍUna do meio, a saber, *Keter* ou "Coroa", *Tiferet* ou "Beleza", *Y esod* 'ou "Fundamento", e *M alkut* ou "Reino". Isso significa que a síntese da coluna da Sabedoria, compreendendo as *Sefirot Gedulah* ou "Grandeza" e *Neçah* ou "Vitória", e da coluna da Inteligência, compreendendo as *Sefirot Geburali* ou "Poder" e *Hod* ou "Glória", está prevista na Árvore *Sef irotica* somente em relação ao mundo da criação *(olam ha beriah)* e ao mundo da formação *(olam ha yeçirah),* enquanto no mundo da Emanação *(alam ha azilut)* a síntese constitui o *ponto de partida* da emanação, da criação e da formação do mundo, sendo o mundo da ação *(alam ha asiah)* a síntese das duas colunas inteiras.



Este esquema da Arvore *Sefirótica* mostra à evidência que a síntese dos princípios da Sabedoria e da Inteligência *precede* a divisão desses dois princípios *(Keter),* ou se opera no mundo da ação *(Malkut),* ou, ainda, se efetua na criatividade artística *(Tiferet-Beleza),* ou, enfim, no amor dos sexos *(Yesoâ),* mas que não está prevista em relação ao *ato de conhecimento,* ao domínio da gnose.

Ora, no caso de *Daat,* trata-se precisamente desse ato de Conhecimento, que é a meta da escola espiritual da Cabala como também do Hermetismo em geral e da tarefa empreendida por Bergson, quando visa à intuição que une o instinto desinteressado e a inteligência desinteressada. Os cabalistas, os hermetistas e Bergson têm o mesmo objetivo, o da união da inteligência e da sabedoria (ou saber espontâneo), união essa *diferente* da que é realizada na criatividade artística ou estética e no amor dos sexos. Todos querem realizar uma *terceira* espécie de união da inteligência e da sabedoria, a união "gnóstica", *Daat,* ou intuição.

Falamos atrás dessa tarefa milenar do Hermetismo, desse trabalho continuado de séculos em séculos, que tende à fusão completa ou "casamento" dos princípios da inteligência e da sabedoria, dos poderes do saber ádquirido por argumentação e dos do saber espontâneo que se revela.

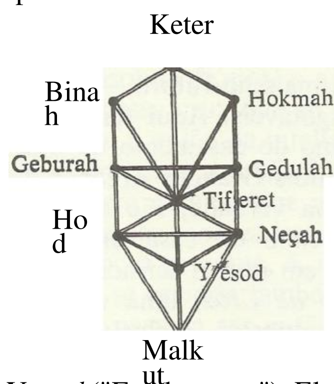
Assinalamos alguns fatos, alguns nomes que são de natureza a nos fazer esperar que essa obra se realize um dia. Se isso ainda é só uma esperança é porque se trata da realização do *terceiro Grande Arcano* da tradição hermética

10.

A tradição hermética ensina a existência de três "Grandes Arcanos ", sendo o de *Daat,* ou do casamento da inteligência e da sabedoria, o terceiro. Eis como os "Grandes Arcanos" estão situados na *tradição oral* do Hermetismo, quando se usa a Árvore *Sefirótica.*

A Árvore *Sefirótica* é constituída, como sabemos, não só pelas *sefirot* situadas nos quatro "mundos" (da Emanação, da Criação, da Formação e da Ação), mas também pelas linhas de comunicação entre as *Sefirot,* isto é, pelos "canais".

Existem, portanto, vinte e dois "canais" ligando as dez *Sefirot* na Árvore *Sefirótica.* Além das dez *Seiirot,* dá-se significação especial aos três "pontos de cruzamento" dos canais horizontais da coluna do meio.



Esses três cruzamentos, marcados no esquema ao lado por uma cruz de santo André, indicam os "lugares metafísicos e psicológicos" nos quais devem ser realizadas as três tarefas denominadas "Grandes Arcanos ". O primeiro Grande Arcano - chamado "Grande Arcano Mágico" - está situado no ponto de cruzamento do canal horizontal que liga as *Sefirot Neçah* ("Vitória") e *Hod* ("Glória") com o canal vertical, que liga as *Sefirot Tiieret* ("Beleza") e Y *esod* ("Fundamento"). Ele pertence ao mundo da Formação.

O segundo Grande Arcano, o da genialidade moral, está situado no ponto de cruzamento do canal horizontal que liga as *Sefirot Gedulah* ("Grandeza") e *Geburali* ("Poder") e o canal vertical que liga *Keter* ("Coroa") e *Tiferet* ("Beleza"). Ele pertence ao mundo da Criação.

O terceiro Grande Arcano, o da genialidade no domínio do conhecimento, o Arcano gnóstico, está situado no ponto de cruzamento do canal horizontal que liga as *Sefirot Hokmah* ("Sabedoria") e *Binah* ("Inteligência") e do canal vertical que liga *Kcter* ("Coroa") e *Ttjeret* ("Beleza").

É o estado da consciência que os cabalistas chamam *Daat,* que os Iogues hindus chamam "Samadhi" e que nós chamamos aqui, com Henri Bergson, "intuição". Ele pertence essencialmente ao mundo da Emanação, isto é, à esfera da respiração divina, à esfera do Espírito Santo.

O Grande Arcano Mágico é, pois, o centro da cruz fechada pela corrente "Beleza-Amor" e pela corrente "Elevação inspirada-Certeza de saber". Trata-se de realizar o casamento do fogo criador da imaginação com a clareza límpida das águas do pensamento da corrente que sai da Beleza e vai ao Amor.

O Grande Arcano da vida moral é o centro da cruz formada pelo binário "Magnanimidade-Justiça" na corrente "Irradiação divina-Beleza". Trata-se de realizar o casamento da caridade, que perdoa tudo a to-

dos, com o julgamento da justiça estrita na corrente que emana da essência divina e chega à realização da beleza.

O Grande Arcano do conhecimento é o centro da cruz formada pelo binário "Sab:;doria-Inteligência" na corrente "Irradiação divina-Beleza".

Trata-se da realização do casamento da revelação do alto com a inteligência argumentativa baseada na experiência.

Os três Grandes Arcanos da Tradição são, pois, três cruzes formadas pela coluna média vertical e por três canais horizontais =f da Árvore *Sefirótica.* Por isso a cruz tríplice é o símbolo tradicional da iniciação completa, e por isso também atribui-se ao fundador do Hermetismo e autor da Tábua de Esmeralda, o título de *Trismegisto,* o "Três vezes Grande".

Já se escreveu muito sobre os Grandes Arcanos gnóstico, moral e mágico - e, sem dúvida, ainda se escreverá mais no futuro - sendo seus temas, ao mesmo tempo, centrais e inesgotáveis. Aqui temos em vista somente a consideração do Grande Arcano do casamento da inteligência e da sabedoria no contexto dos outros dois Grandes Arcanos da Tradição Porque os três Grandes Arcanos, na verdade, são somente três aspectos, em três planos, do Grande Arcano do casamento dos opostos, na cabeça, no coração e na vontade: em outros termos, tratase dos três aspectos do único *Grande Arcano da Cruz,* uma vez que é sempre a cruz que realiza o casamento dos opostos, inclusive o do conhecimento formal da inteligência e do saber material devido à revelação do alto. A intuição da qual fala Henri Bergson é fruto da transmutação gradual da inteligência, que pôs suas luzes à disposição do cochicho do abismo negro do instinto-sabedoria. É o voto de *obediência,* feito pela inteligência ao elemento que a transcende, que opera a sua transmutação gradual de órgão do conhecimento formal, isto é, do conhecimento das *relações* das coisas e dos seres, em órgão do conhecimento material, isto é, do conhecimento das *coisas e dos seres como tais.* O voto de pobreza, feito pela inteligência ao elemento que a transcende, torna-se capaz de perceber esse elemento e de receber dele o ensinamento íntimo, a respeito do qual ela seria surda e muda, se não se esvaziasse de sua riqueza, isto é, se não soubesse reduzir-se ao silêncio para ouvir. Enfim, o voto de castidade, feito pela inteligência ao elemento que a transcende, transforma-a progressivamente de entidade ávida da quantidade de conhecimento em entidade que procura só o profundo e o essencial, isto é, a *qualidade.*

O aspecto gnóstico do Grande Arcano da *conjunctio oppositorum,* "casamento dos opostos", é, pois, a transmutação da inteligência, que se ocupa do "como" das coisas, em órgão intuitivo, que se ocupe do "que" das coisas, e, ao mesmo tempo, a transformação da revelação da sabedoria além do limiar da inteligência - que, do ponto de vista da inteligência, procede de maneira tão espontânea e tão "dogmática" que parece, à inteligência, obscuridade completa do inconsciente - tanto em linguagem inteligível corno em comunicações assimiláveis pela inteligência. Em outros termos, o inconsciente, em vez de opor-se à inteligência,

alia-se a ela, penetra nela e se torna luminoso. Mas isso acontece só depois da experiência mais ou menos longa e dolorosa da crucifixão da consciência na cruz formada por quatro opostos: subjetividade-objetividade, inteligência-sabedoria inconsciente.

Subjetividade

Inteligência --;-+ Sabedoria inconsciente Objetividade

Os quatro elementos dessa cruz correspondem às três primeiras *Sefiroth (Keter, Hokrnah, Binah)* e à "coluna média" entre a subjetividade absoluta *(Keter)* e a objetividade absoluta *(Malkut).*

É nessa cruz que se operam a aproximação progressiva, a aliança, e, enfim, a união da inteligência e da sabedoria inconsciente. No começo desse processo, a inteligência e a sabedoria inconsciente têm tão poucos pontos em comum que a comunicação entre elas é quase inteiramente reduzida aos *sonhos,* isto é, ao estado de consciência no qual a inteligência, embora presente, é, quando muito, passiva. Em seguida essa comunicação se estende também ao estado de vigília. A linguagem da comunicação passa a ser então a dos *símbolos,* inclusive os do Tarô. Finalmente, a inteligência e a sabedoria - não mais inconsciente - chegam a tal grau de compreensão mútua que se comunicam diretamente, sem o intermédio dos sonhos e dos símbolos. É então que sua união está terminada, ou seja, está atingido o estado de consciência que Bergson chama "intuição" e os cabalistas, *Daat.* A comunicação direta entre a inteligência e a sabedoria é, na verdade, somente o desenvolvimento da consciência (no sentido moral - *Gewissen, conscience, Sovest')* se estende do domínio das ações ao domínio do conhecimento e nele desperta ao ponto de se tornar a luz da inteligência. A consciência tem principalmente dois aspectos, o negativo (bem conhecido e ao qual é dada muita importância na vida cotidiana), que se manifesta como advertência desaprovadora de ação, antes de sua execução, ou como remorso desaprovador da ação já executada, e o aspecto positivo (quase ignorado na vida cotidiana), que se manifesta como impulso que recomenda uma ação antes de sua execução e como alegria serena depois da execução. É sobretudo esse aspecto positivo da consciência que se torna o princípio iluminador e revelador da inteligência unida à sabedoria inconsciente (a qual não é senão o princípio da consciência - *Gewissen, conscience, sovest').* No final das contas, a intuição é, então, simplesmente o casamento da inteligência que renunciou à sua autonomia absoluta com a consciência despertada, ao ponto de tornar-se a fonte das revelações concretas e precisas da inteligência. Poder-se-ia também dizer apenas que a intuição é a inteligência tornada inteiramente conscienciosa e a consciência tornada inteiramente inteligível para a inteligência.

A consciência oferece, pois, à inteligência um mundo de experiência interior tão vasto como o mundo empírico da experiência externa. A inteligência pode desenvolver-se e crescer em duas direções simultâneas: na direção do mundo empírico exterior, graças aos sentidos, e na do mundo empírico interior, graças à consciência. A consciência é a porta - a única legítima e sadia - do mundo, pelo menos tão vasta e muito mais profunda do que o mundo que percebemos pelos sentidos. E é a decisão da inteligência de se tornar "~erva da consciência" *(ancilla conscientiae)* - como a filosofia que, na Idade Média, era considerada "serva da teologia" *(ancilla theologiae)* - que abre essa porta.

O papel principal da consciência (moral) na passagem do "mundo da superfície" para o "mundo da profundeza" é conhecido da Tradição. Ele era dramatizado e concretizado quando se falava do "guarda da soleira" e do "encontro" com ele. Atribuía-se a esse encontro papel decisivo na passagem da "soleira" que separa o "mundo da superfície" do "mundo da profundeza". Porque é desse encontro que depende a admissão ou rejeição do aspirante. Aquele que não podia suportar a verdade a respeito de si mesmo, revelada pelo "guarda da soleira", recuava e se contentava com o "mundo da superfície" - o mundo da experiência exterior e das construções da inteligência argumentativa. Aquele, porém, que tinha a coragem e a humildade necessárias para suportar a revelação da verdade sobre si mesmo passava a soleira e era admitido na escola da vida esotérica, vale dizer, no mundo da profundeza. O "Guarda da Soleira" figura na Tradição (inclusive nas contribuições mais recentes), seja como uma espécie de duplo que incorpora todo o passado da pessoa em causa, seja como Entidade Hierárquica da ordem dos Arcanjos que transmite seu ensinamento à Consciência por meio - que é só um dos meios - da projeção do duplo da pessoa humana que aspira ao mundo da profundeza. Essa última concepção do "guarda da soleira" e da natureza do encontro com ele é mais completa e, portanto, mais verdadeira. O Guarda da Soleira não é espantalho moral destinado a impressionar o "burguês espiritual", mas nosso Irmão mais Velho e Servo de Deus; com bondade infinita e sabedoria sobrehumana, como também com veracidade perfeita, ele nos ajuda a avançar da superfície para a profundeza. Tal é o testemunho da experiência de pelo menos cinco pessoas de nosso século que me são conhecidas.

O Guarda da Soleira da Tradição é o Grande Juiz encarregado da preservação do equilíbrio do que está no alto e do que está em baixo. A iconografia tradicional da Igreja o representa com a espada e a balança. A espada é sua ação vivificante e curadora, a qual dá a coragem da humildade à alma que tem fome e sede de profundeza. A balança é sua ação de apresentar o cálculo exato do que é necessário pagar para se ter o direito de ir mais longe.

Quem teve a compreensão mais profunda e o conhecimento mais completo do emprego prático dessa balança foi, enquanto sei, Mestre Philippe de Lião. Ele não se cansava de repetir: *"Pagai* vossas dívidas,

pagai as dívidas de vossos próximos! Porque cada qual pagará o que deve, não importa se neste mundo ou no outro, contanto que pague".

Por isso, antes de curar um doente, muitas vezes ele pedia-lhe e às pessoas que o acompanhavam que pagassem o "preço da cura", preço que consistia em abster-se, por algum tempo, de falar mal do próximo; esse tempo media-se, segundo os casos, em horas ou semanas.

Outra maneira de alguém pagar as dívidas próprias e as dos outros é dar dinheiro aos pobres ou para uma boa causa. Nossos antepassados agiam acertadamente ao legarem dinheiro à Igreja ou aos hospitais, ou acompanhando suas novenas de orações, para obterem o perdão ou uma cura, com dons em dinheiro aos pobres ou a obras de caridade, sabendo instintivamente que é necessário pagar as próprias dívidas e que é melhor pagá-las aqui do que depois da morte. Eles ainda tinham o sentimento da realidade da Balança do Guarda da Soleira.

O Guarda da Soleira da Tradição é, portanto, o Administrador da Justiça da consciência e, ao mesmo tempo, o Mestre da Escola da Consciência. A sua balança significa o aspecto negativo da Consciência, e a sua espada significa o aspecto positivo da Consciência, isto é, o aspecto revelador e curador. Quando se quer passar a soleira que separa o "mundo da superfície" do "mundo da profundeza", não é possível escapar ao encontro com o Guarda da Soleira. A porta para se entrar no mundo da profundeza é a Consciência. E a *intuição* que revela esse "mundo" é a inteligência submetida à Consciência, submetida ao ponto de ser uma só coisa com ela.

Não existe, portanto, técnica esotérica ou oculta que possa ajudar-nos a passar do "mundo da superfície" para o "mundo da profundeza", a não ser o ato puramente moral do *sacrificium intellectus* ou "sacrifício da inteligência" à Consciência. O que efetua a passagem do estado de raciocínio para o de intuição é o reconhecimento definitivo, da parte da inteligência, da primazia da "lógica moral" e de sua superioridade sobre a "lógica formal". Não há exercício de concentração da atenção ou de supressão dos movimentos mentais que nos ajude, por si só, a atingirmos a intuição. Para isso os exercícios de respiração e as técnicas mentais não têm nenhuma utilidade. Porque, para se atingir um fim superior ao corpo e à inteligência, é necessário servir-se de meios que sejam também superiores ao corpo e à inteligência. O que é espiritual só pode ser atingido por meios espirituais. E esses não incluem nenhuma técnica além do ato e do esforço puramente morais.

Coisa estranha! O Ocidente cristão, que desenvolveu 'tanto a técnica e a tecnologia no plano material, não tem quase nenhuma "técnica" e "tecnologia" psicoespirituais, ao passo que o Oriente budista e panteísta, que negligenciou quase totalmente a técnica material, desenvolveu um corpo de "técnicas e tecnologias" psicoespirituais avançadas. Parece que o "gênio tecnológico" da inteligência se voltou totalmente para o domínio da vida interior, ao passo que no Ocidente o mesmo "gênio" da inteligência esgota sua criatividade no domínio da vida exterior. A

conseqüência é que a vida espiritual do Oriente, a sua mística, a sua gnose e a sua magia se desenvolvem sobretudo sob o signo do *princípio da Graça,* e que a mística, a gnose e a magia do Ocidente se desenvolvem principalmente sob o signo do *princípio da Tecnologia,* isto é, do princípio científico-empírico da obcervação e do uso do encadeamento das causas e dos efeitos, dos esforços e de seus resultados. Assim, por exemplo, a obra clássica da Ioga, o *Y ogasutra de Patanjali,* recomenda, *como útil à concentração,* a devoção a um Deus pessoal, para abandoná-lo mais tarde, quando tiver perdido sua utilidade, isto é, quando o iogue tiver adquirido aptidão para se concentrar no disforme e no impessoal ... "A Ioga é a supressão dos movimentos (involuntários) da substância mental", diz o *Y ogasutra.* Isso significa que, segundo a lei da causalidade, do encadeamento das causas e dos efeitos, a supressão dos movimentos mentais é a causa, ao passo que a Ioga ou a união com o Ser absoluto é o efeito.

Ora, também são João da Cruz, que muitas vezes foi arrebatado pela - ou mergulhado na - união com o Ser Absoluto, fala, em seus escritos, do estado de silêncio completo da inteligência, da imaginação e da vontade pessoal, portanto, do estado no qual os movimentos mentais são suprimidos, mas não se cansa de repetir que é a Presença Divina, da qual a alma está tomada, que faz esse silêncio, essa supressão dos movimentos mentais, e não a vontade humana. O estado de silêncio completo da inteligência - e da imaginação e da vontade - *apresenta-se* na alma abrasada do amor de Deus. Não se trata de "tecnologia psicoespiritual"; é o amor mútuo entre Deus e a alma que faz tudo.

Eis, pois, a diferença entre a ciência da técnica psicoespiritual ou Raja-Ioga e a "ditosa ventura espiritual do amor na noite dos sentidos e do espírito" de um são João da Cruz. A expressão "ditosa ventura", que quer precisar essa diferença, é empregada pelo próprio são João da Cruz. Em suas *Canciones de[alma en la noche oscura* (" Cânticos da alma na noite escura"), diz ele:

"En una noche oscura
Con ansias en amores inflamada,
Oh dichosa ventura!
Sali sin ser notada,
Estando ya mi casa sosegada"

(Numa noite escura,
Com ânsias, em amor inflamada,
Oh, ditosa ventura!
Saí, sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada).

"Estando já minha casa sossegada" . . . "a alma acrescenta que saiu, estando já sua casa sossegada, quando sua casa já estava em paz; quando todas as tendências da parte sensitiva estavam adormecidas e calmas" ... , diz são João da Cruz na explicação da estrofe.

"Para ela foi uma ditosa ventura quando Deus a colocou nessa noite, da qual lhe veio tão grande bem, e na qual ela nunca teria entrado por si mesma. Ninguém, aliás, por suas próprias forças, é capaz de livrar-se de todas as suas tendências e ir para Deus,,.

acrescenta ele. E assim marca ele a diferença precisa entre a via cristã da purificação, da iluminação e da consumação da união, via na qual não há nenhuma técnica, e a da Ioga, que compreende a escala das técnicas da preparação física da *Hatha-Ioga* até as técnicas psicomentais da Raja-Ioga.

Não há nada de técnico - tudo é Arte e Graça - na mística, na gnose e na magia cristã. Mas, que dizer da recitação do rosário entre os católicos e do *hesicasmo palamítico* (repetição ininterrupta, dia e noite, acompanhando as pulsações do coração, da oração: *Kyrie, lesou Christe, eleison)* praticado pelos ortodoxos? Que dizer da recitação diária do saltério inteiro pelos eremitas irlandeses, que o sabiam de cor? Não se trata, também aqui, de técnica?

O *princípio do ritmo* e *o da técnica* (ou do efeito máximo do esforço mínimo) são tão diferentes como a biologia e a mecânica, como um organismo vivo e uma máquina. A repetição das idades e das gerações, das festas do ritual do culto religioso, da respiração, das pulsações do coração, da oração repetida do rosário e da prática do *hesicasmo,* como também a recitação diária dos salmos são manifestações e aplicações do princípio do ritmo, enquanto, por exemplo, a roda de orações dos tibetanos, girando ao vento, é uma aplicação do princípio mecânico, isto é, do princípio fundamental da técnica do esforço mínimo para se obter o efeito máximo. O ritmo faz a oração passar do domínio psicológico para o da *vida,* do domínio das tendências e dos humores pessoais para o dos impulsos fundamentais e universais da Vida. Trata-se, falando em termos ocultistas, de levar a oração do "corpo astral" ou anímico para o "corpo etéreo" ou vital, isto é, de fazer com que a oração empregue a *linguagem da vida,* e não a dos sentimentos e dos desejos pessoais. E como a Vida se assemelha ao rio, que corre sem parar, também a oração do rosário, por exemplo, corre sem parar - *e sem se cansar* - porque aquilo que vive é, ao mesmo tempo, *vivificante,* e a oração calma e rítmica não fatiga, mas, ao contrário, dá forças àquele que reza. Por isso o autor anônimo dos *Récits d'un pélerin* (Paris, 1930), livro esse que trata da experiência de um peregrino russo que praticava o *hesicasmo,* fala da plenitude de alegria serena que o enchia dia e noite, dando-lhe o antegozo da bem-aventurança celeste. O mesmo podemos dizer da prática do rosário. As cento e cinqüenta ave-marias e os quinze pai-nossos introduzem a pessoa que os reza no rio universal da vida espiritual, rio que passa a ser oração universal, isto é, elemento da serenidade jubilosa. O Peregrino diz - na terceira narração dos *Récits d'un pélerin* - que, antes de sua experiência da oração ininterrupta do coração e antes mesmo de ter conhecimento de sua existência, ele e sua mulher já

> *"tinham o gosto pela oração; dizíamos exteriormente longas preces, pouco compreendidas, e isso não nos fatigava, pelo contrário, causava-nos alegria. Parece que o mestre tinha razão quando me disse uma vez que devia haver no homem uma oração secreta, sem que ele se apercebesse, sendo essa oração feita inconsciente-*

mente pelas almas, e que essa oração secreta estimula cada um a rezar como pode".

É talvez a essa "oração secreta" no inconsciente da alma que se refere são Paulo na epístola aos Gálatas, quando diz:

"E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba, Pai!" (Gl 4,6).

É o ritmo que une a prece consciente a essa oração inconsciente, e, em conseqüência de sua união, a prece-esforço se torna prece-vida, e a prece anímica se toma prece espiritual. O rosário, o *hesicasmo* ortodoxo, as ladainhas, os calmos repetidos etc. operam a transformação da prece-esforço em prece-vida. Longe de mecanizar a prece, eles a *espiritualizam.*

Não te escandalizes, caro Amigo Desconhecido, por te veres perante o rosário numa meditação *hermética* sobre o décimo oitavo Arcano do Tarô, o Arcano que ensina como superar a inteligência lunar eclipsada. O esoterismo não é um conjunto de coisas extraordinárias e desconhecidas, ele é sobretudo maneira pouco comum e pouco conhecida de *ver* as coisas comuns e conhecidas, de ver sua profundeza. E o rosário, por mais "exotérico" que seja, revela verdades profundas da vida espiritual, inclusive a da união da prece anímica e da prece espiritual. Ela está, aliás, estreitamente ligada ao tema do décimo oitavo Arcano do Tarô, ao Arcano da habilidade para se passar da inteligência, eclipsada pela tecnicidade terrestre, para a inteligência iluminada pelo Sol espiritual, isto é, para a *intuição.* Em outras palavras, o salto ao qual Henri Bergson convida nossa inteligência pode ser dado mediante a recitação do rosário. Opinião de capuchinho? Seja, mas por que o capuchinho não teria razão alguma vez?

Seja como for, declaro alto e bom som que o Hermetismo prático é antes de tudo o desejo e a capacidade de todos e de toda coisa de aprender; e que o "saber mais" é o seu ataúde.

O "saber mais" - o estado da consciência que se apresenta quando passamos revista ao conjunto dos esforços feitos e do:, resultados obtidos no passado, observando as regras fixadas do jogo - atira a inteligência num tanque de água parada, com um rebordo geométrico e preciso, que a enquadra e a faz recuar, como um lagostim, diante de tudo o que é novo e que exige esforço criador. Ela recua, para o seu elemento de água parada, diante da antinomia do psiquismo mental - obediência crédula e revolta crítica - e diante da antinomia intelectual da tese e da antítese, antinomias essas que se elevam diante dela como duas torres de pedra, inabaláveis e imóveis em sua oposição. E acima dessas antinomias, onde deveria encontrar-se o *terceiro* termo ou a síntese, a inteligência só vê a face humana, a projeção da vontade humana desejosa de conciliação intelectual que a desembarace das contradições inquietantes. Sempre recuando, sempre recusando-se a se decidir ao salto ou ao vôo por cima do "cão" da submissão à autoridade, e do lobo da critica

negadora de toda autoridade, por cima da torre de Babel intelectual das teses e da das antíteses, a inteligência continua, todavia, inquieta, porque gotas imperceptíveis, que emanam da irradiação da síntese eclipsada pela projeção da sombra da vontade humana arbitrária, caem em seu subconsciente. Apesar de eclipsada, a lua - a inteligência iluminada pelo sol - ainda exerce uma influência constante sobre a inteligência, mediante uma espécie de chuva, cujas gotas caem no subconsciente da inteligência, produzindo nele movimento e ruído confuso e inquietante.

Sim, o "saber mais", uma vez dominada a inteligência, coloca-a no centro da lâmina do décimo oitavo Arcano do Tarô, "A Lua". A contextura da lâmina, com a Lua eclipsada no alto, duas torres e dois representantes da espécie canina no meio e o tanque com o lagostim em baixo, diz: perante as antinomias, a anímica e a intelectual, não tens outra escolha a não ser *avançar,* o que significa elevares-te, ou *recuar* e te afundares no elemento estagnado! Escolhe!

Sendo essa escolha de importância capital, é necessário ver sua lógica cem a maior clareza possível. Eis pois a figura quase geométrica subjacente à situação: E eis a figura geométrica:



Essa figura ... um quadrado com dois triângulos opostos, é *mágica.* Ela é principalmente a figura clássica do enfeitiçamento, isto é, da operação mágica ou do mecanismo mágico que imobiliza a vontade consciente per meio de duas antinomias na horizontal (o quadrado) e de uma antinomia na vertical (os dois vértices dos triângulos opostos). Ê claro ,que não se trata da "magia envenenadora", que usa "a água-tofana, buquês aromáticos, túnicas de Nesso e outros instrumentos de morte mais desconhecidos e mais estranhos", dos quais fala Eliphas Levi sob o título do décimo oitavo Arcano do Tarô em seu *Dogme et Rituel de la Haute Magie.* Não, trata-se de coisa mais série e profunda, isto é, do Arcano da *inteligência com a Consciência eclipsada.* Ê o Arcano do mecanismo mágico, que age atrás da superfície do estado de inteligência e se esforça por explicar o movimento pelo imóvel, a vida pelo não vivo, a consciência pelo inconsciente, o moral pelo amoral. Com efeito, como puderam homens inteligentes ver no cérebro não o instrumento, mas o produtor da consciência, na química não o instrumento, mas o produtor da vida, na esfera econômica não o instrumento, mas o produtor da cultura? Como a inteligência humana pôde chegar, em muitos dos seus representantes, a ver o homem sem alma e o mundo sem Deus? Qual a força

secreta e oculta que impele a inteligência humana a dizer a si mesma, primeiro, que os problemas essenciais são incolúveis, sendo incognoscíveis as coisas que transcendem os sentidos e a inteligência, e, depois, a negar sua existência? Em outros termos, como a inteligência humana acabou por se encontrar no *estado de eclipse metafísico?*

É a magia do feitiço, o décimo oitavo Arcano do Tarô, que pode dar-nos a resposta a essas interrogações. "Resposta" - nesse caso preciso e no Hermetismo em geral - que significa "fazer ver" ou "abrir os olhos". Porque o Arcano não é uma doutrina. Trata-se do desabrochar de um sentido interior que permite *ver* as coisas de maneira nova.

A inteligência humana sofreu os efeitos daquilo que não é nem mais nem menos que o feitiço mágico. A sua vontade motriz consciente se imobilizou no quadrado de suas antinomias: autoridade-autonomia e afirmação-negação. Para sair delas, a inteligência devia ou *recuar* para a região do subinteligente, ou *avançar* para a região do superinteligente. Recuar à maneira do lagostim em seu tanque; avançar, superando a si mesma, elevando-se acima de si mesma, mediante o *salto* ou o *vôo,* e não pela construção de torres -de Babel, pelo ganido lamentoso ou pelo uivo furioso à maneira do cão e do lobo.

Muitos representantes da inteligência humana escolheram o recuo.
Outros passam o tempo suspirando sobre o passado romântico, no qual a inteligência estava mergulhada na luz do alto; outros ainda pencam em trovejar contra os erros e fulminar os pecados de um passado trágico, com seu dogmatismo e seu autoritarismo. Outros, enfim, indiferentes ao que se passa no meio intelectual à sua volta, continuam a construir as novas torres de Babel de seus sistemas de afirmação ou negação. E enquanto uns recuam para o subinteligente e se entregam ao método que permite ver no primitivo a causa do avançado e do evolutivo, na matéria bruta a causa da consciência, no irracional a causa do racional e no amoral a causa do moral; enquanto outros se derramam em elegias sobre o século de ouro do passado ou denunciam suas imperfeições, e outros, enfim, constroem suas torres de Babel intelectuais - a consciência reveladora e diretiva se eclipsa.

Vê-se e espera-se apenas a projeção dos impulsos primários e elementares da natureza humana: do prazer (Freud), da vontade de poder (Nietzsche, Adler), do interesse material e econômico (Marx). A projeção do elemento terrestre da natureza humana sobre a luminária noturna - a consciência moral - acaba por eclipsá-la. Não se vê e nem se espera disso muita coisa.

A Lua eclipsada com uma face humana, a Lua que só reflete a luz solar, a planície árida com duas torres, um cão e um lobo uivando-para o céu . . . o tanque de água parada geometricamente enquadrado e abrigando o lagostim ... o conjunto dessas figuras evoca sentimentos e idéias perturbadores, relativos a uma operação mágica de grande envergadura, a um enfeitiçamento, cuja vítima é a inteligência humana.

Com efeito, desde Kant - que apontou os limites da inteligência, mostrou que ela está presa e dirigiu à humanidade uma advertência

grave, que, na linguagem figurada do décimo oitavo Arcano do Tarô, pode ser assim formulada: "O luminar noturno está eclipsado! Encontramos nele a *face do homem* em vez da luz pura da verdade objetiva cósmica! Podemos sair da prisão desse eclipse somente voltando-nos para a consciência moral do Si mesmo transcendente!" - o enfeitiçamenta da inteligência só cresceu. Henri Bergson, que citamos largamente, mostra-o de maneira muito lúcida e bem fundamentada: mas Henri Bergson não foi o único a constatar a prisão subjetiva da inteligência e a pedir que consintamos em sair dela. Sejam quais forem suas divergências em outros pontos, Schopenhauer, Deussen, Vladimir Solovieff e Berdiaeff - para citarmos só os mais conhecidos - estão de acordo a respeito do tema do décimo oitavo Arcano do Tarô. Hegel propôs nova lógica metafísica, a dialética - tese, antítese e síntese - que, no fundo, é simplesmente a reafirmação do aspecto intelectual do método hermético da "neutralização dos binários" que se encontram nos tratados alquímicos, em Jacob Boehme, em Saint-Martin, em Fabre d'Olivet e outros. O que se deseja é que a inteligência saia de sua prisão e se eleve ao "conhecimento objetivo" por meio da intuição intelectual. Finalmente, em nossos dias, Pierre Teilhard de Chardin divulgou uma "dialética da evolução" objetiva, que não é mais somente intelectual, mas também e preferencialmente uma *maneira de ver* os processos químicos, biológicos, psíquicos, intelectuais, morais e espirituais em *evolução,* a qual procede segundo a dialética *objetiva,* isto é, constatável em toda parte e por todos os meios de experiência, *de divergência, de convergência e de emergência,* o que já não é um aspecto do Hermetismo, e sim o Hermetismo puro e simples, compreendendo a Mística, a Gnose e a Magia bem como toda experiência do mundo físico como unidade.

O *fato* do enfeitiçamento da inteligência humana é, pois, reconhecido, e muito esforço está sendo feito para que ele se liberte. Resta, contudo, a questão da "técnica" do feitiço que vitimou a inteligência.

A "técnica" se resume numa só palavra: *dúvida.* A dúvida - *dubium, Zweifel, so-mnenie* etc. - é o estado da consciência perante uma antinomia, perante duas teses que lhe parecem bem fundadas e que se contradizem. Kant, por exemplo, Iormuiou quatro antinomias fundamentais: 1) O mundo tem começo no tempo e limites no espaço - o mundo não tem começo no tempo e é infinito no espaço; 2) a substância é constituída de unidades simples - não existe nada simples no mundo; 3) o determinismo da causalidade natural não é o único, existe também o determinismo de uma causalidade que tem sua fonte na liberdade - não existe liberdade, tudo é determinado pela causalidade natural; **4)** o mundo pressupõe uma causa eficiente, que é um ser necessário - não existe ser necessário no mundo, nem acima do mundo, que seja sua causa eficiente. Em outros termos, as antinomias da criação e da eternidade do mundo, da simplicidade e da complexidade infinita da matéria, da liberdade e do determinismo absoluto, do teísmo e do ateísmo são as que se apresentam à inteligência e podem reduzi-la à impotência e para-

lisá-la. Sejam ou não as únicas ou as mais essenciais, as antinomias kantianas são suficientes para que se veja o *efeito desencorajador e paralisador* que elas têm sobre a inteligência. Ora, a "técnica" do enfeitiçamento da inteligência no curso da história consistiu, em primeiro lugar, em ter sido ela posta na presença das antinomias - reais ou falsas - que a desencorajaram e a paralisaram, isto é, a impediram de caminhar para frente, para o mais profundo. Em seguida, esse efeito foi intensificado pela demonstração da *relatividade* subjetiva das soluções dessas antinomias e da natureza contraditória dessas soluções: em última análise, é o *gosto* pessoal que determina os fundamentos, a estrutura e a arquitetura dos edifícios intelectuais. O idealismo de Platão, o realismo de Aristóteles, o racionalismo de Descartes, o monadismo de Leibniz,
o monismo de Espinoza, o voluntarismo pessimista de Schopenhauer,
ovcluntarismo otimista de Fichte, o absolutismo dialético de Hegel etc. não passam de obras de poesia intelectual, cujas diferenças dependem apenas do gosto e do talento de seus autores: eis o segundo elemento constitutivo da operação de enfeitiçamento da inteligência humana. Enfim uma vez presa nas malhas da dúvida, a inteligência só vê - e só pode ver - as luzes do alto na manifestação dos elementos da psicologia humana, a "face do homem na Lua". A alma é imortal: essa afirmação denota apenas o desejo da preservação de si mesmo. O homem é microcosmo: o desejo de ser importante é que é a raiz dessa idéia. Progresso e evolução são idéias destinadas a tornar suportáveis o sofrimento, o esforço e a morte. Deus é uma idéia que garante que tudo acabará bem. Carma: uma idéia que tranqüiliza e consola o cego, o mudo e o surdo. Hierarquia celeste: o medo do vazio nos fez povoar o céu com seres semelhantes a nós.

Assim, em vez de se perguntar se alguma outra tese é *verdadeira,* a inteligência restringe seu campo aos motivos psicológicos ocultos atrás do pretenso "jogo da racionalização", que dá forma às superestruturas intelectuais. Ela projeta "a face do homem" na Lua e vê nela só essa face.

A esse respeito devo dizer que existem duas categorias de pesscas com as quais tive a maior dificuldade em conversar durante toda a minha vida. Não são pessoas que afirmem ou neguem alguma coisa com paixão no domínio intelectual, mas que *aceitam tudo* com uma tolerância aparentemente perfeita; trata-se dos *psicologizantes* e dos *espiritualizantes.* Com os psicologizantes não podemos falar das *coisas* e das *verdades* objetivas do mundo e da vida; eles só verão nelas manifestações psicológicas, que aceitarão como "fatos psicológicos" indiscutíveis, se bem que interpretáveis. Não podemos, por isso, chegar a um acordo nem a um desacordo com algum deles sobre as coisas do mundo e da vida, uma vez que, se falarmos da Lua, ele verá nela apenas a nossa face ou a sua. Não podemos falar também com espiritualizante, isto é, com pessoa que sustenta que o seu Eu superior e verdadeiro é idêntico a Deus - o Eu superior e verdadeiro do mundo - e que, por isso, só vê e entende manifestações desta verdade absoluta, universal e eterna, que se revela

- só ela - de modo relativo em todas as opiniões filosóficas e religiosas. Do mesmo modo que o psicologizante projeta seu *eu inferior* humano no luminar que ilumina a escuridão das profundezas do mundo e da vida, também o espiritualizante projeta seu *eu superior humano* no mesmo luminar. Um projeta a face humana *anímica,* o outro, a face humana *espiritual,* mas nos dois casos o que é projetado é a face humana. Dizei ao "espiritualizante" que Jesus é o Filho de Deus encarnado, e ele vos responderá que é verdade, uma vez que em Jesus se verificou a verdade universal e eterna da identidade do Eu superior verdadeiro com Deus. Dizei-lhe então que a Encarnação foi ato de sacrifício do amor divino, e ele vos dirá que é verdade, já que o amor é a identidade de todos os "eus" individuais no Eu universal de Deus e que toda individualização comporta uma encarnação e deve necessariamente ser ato de sacrifício da parte do Eu superior universal. Se lhe disserdes que é a vitória sobre a morte ou a Ressurreição de Jesus, que significa a unicidade da obra realizada por Jesus, ele vos responderá que não tem nenhuma razão para negar o fato da ressurreição de Jesus, porque o Eu superior e Universal pode sempre projetar imagens mentais - pela *maya-shakti* - e fazê-las aparecer visivelmente. Ademais, não é o mundo uma manif estação da força mental que torna visível o invisível? Se disserdes que o Pentecostes decorreu da obra de Jesus, ele responderá - com indisfarçável benevolência - que é evidente que o Pentecostes devia necessariamente decorrer da obra do avatar Jesus, porque foi no Pentecostes que também seus discípulos realizaram a verdade universal e eterna da identidade de todos os "eus" individuais no Eu Superior universal e que a sua palavra se tornou a do Eu superior para aqueles que os ouviam. E se, desesperado de chegar pelo menos a um desacordo, afirmardes que o mal existe no mundo e que houve queda e pecado original, ele vos dirá que, sem dúvida, houve queda e pecado original, uma vez que a humanidade chegou à ilusão da pluralidade das consciências individuais, quando elas são idênticas e formam uma coisa só na consciência do Eu Universal. Essa ilusão é o resultado de uma queda.

O psicologizante e o espiritualizante são pessoas com as quais não podemos ter uma conversa útil sobre coisas do mundo e da vida; eles só consideram e só vêem a *face* - anímica ou espiritual do *homem.* Eis o efeito da Arcano da Lua eclipsada pela face do homem.

É, pois, pouco surpreendente que aqueles que não querem ver o mundo como exposição da subjetividade humana e que, por outro lado, não podem ou não sabem dar o *salto* do qual fala Henri Bergson, voltem sua inteligência para O3 "fatos objetivos dos cinco sentidos". E eis que essa inteligência recua para o quadro do tanque com o lagostim da lâmina no décimo oitavo Arcano do Tarô . A operação de enfeitiçamento, o emprego das antinomias e a projeção da face do homem sobre o luminar chamado a iluminar os enigmas e os segredos das profundezas, além da soleira da consciência, vale dizer, da Noite, atingiu seu fim, fazendo a inteligência recuar diante do céu e até para uma região situada

abaixo da superfície da Terra, para uma região "subjacente aos dados dos sentidos" e simbolizada na lâmina pelo tanque com o lagostim.

Qual é então o estado da inteligência que abandonou "toda metafísica" e se decidiu a limitar-se só aos "fatos objetivos dos sentidos"?

O que é mais característico derse estado é que a *inteligência não se move mais para frente, mas para trás.* Ela procura no menos desenvolvido e no mais primitivo a causa e a explicação do que é mais desenvolvido e mais avançado no processo da evolução. Procura a causa eficiente do mundo não nos cimos da consciência criadora, mas nas profundezas do inconsciente; em vez de avançar e elevar-se para Deus, ela recua para a Matéria. O que seria absurdo em relação a uma obra de arte, ela o faz em relação ao mundo: explica-o pelas qualidades - ou, melhor, pelas quantidades - dos materiais dos quais ele é constituído, em lugar de pelo estilo, pela contextura, pelo sentido e pela intenção que nele se revelam. Não seria absurdo, por exemplo, querer alguém compreender um poema de Victor Hugo, analisando quimicamente a tinta com a qual ele foi escrito e o papel usado e contando as letras e as palavras? É isso que a inteligência faz em relação ao mundo, ao mundo do qual o poema de Victor Hugo faz parte; o poema é caso particular da manifestação do grande processo criador do mundo.

Chegou o momento de concluirmos nossa meditação sobre o décimo oitavo Arcano do Tarô.

Doe quatro *Hayot* da Cabala, dos quatro "Animais Sagrados" do Hermetismo - a Águia, o Homem, o Leão e o Touro - encontramos entre os signos do Zodíaco somente *três:* o Touro, o Leão e o Homem ou Aquário. Não encontramos a *Águia.* O lugar da Águia no círculo zodiacal é ocupado pelo *Escorpião.* Onde devia estar a Águia - o princípio da elevação - encontra-se o Escorpião - o princípio do isolamento e do suicídio. Ora, o décimo oitavo Arcano do Tarô é o da Águia e do Escorpião, o Arcano da substituição de um pelo outro. Porque o lagostim da lâmina do Arcano "A Lua" tem o escorpião como protótipo e como fim. A inteligência que preferir o recuo ao vôo deve inevitavelmente chegar ao impasse do absurdo. E o absurdo é o *suicídio* da inteligência. Eis para onde vai "a inteligência-lagostim", depois de ter renunciado a tornar-se "inteligência-águia".

O décimo oitavo Arcano do Tarô pergunta a cada um de nós: queres escolher a via da águia, que se eleva acima das antinomias, ou a via do lagostim, que recua diante delas até ao absurdo total, isto é, ao suicídio escorpiônico da inteligência? Eis a *ponta* - isto é a mensagem para a *vontade* humana - do décimo oitavo Arcano Maior do Tarô.

XVII II

O SOL



O SOL

"Depois que comecei a pintar manda/as, vi que tudo, que todos os caminhos que eu tinha tomado e todos os passos que eu tinha dado levam a um só ponto, a saber, ao centro. Tornou-se cada vez mais claro para mim que a mandala é o centro. Ela é a expressão de todos os caminhos. Ela é o caminho para o centro, para a individuação".
(C. G. Jung, *Erinnerungen, Trãume, Gedanken,* Zurique, 1963, p. 200) .

"Eu sabia que com a manda/a, como expressão do Si mesmo, eu tinha atingido o último para mim. Outro saberá, talvez, mais sobre ela, eu não".
(C. G. Jung, op. cit., p. 200) .

Cor Jesu, Rex et centrum omnium cordium... ("Coração de Jesus, Rei e centro de todos os corações ... ", Ladainha do Sagrado Coração de Jesus).

"Eu sou o Alfa e o ómega, o Primeiro e o último, o Princípio e o Fim" (Ap 22,13).

Sob o esforço combinado da reflexão e das aspirações humanas, o Universo em torno de nós se 'liga e se agita num vasto movimento de convergência. Não só especulativamente, mas também experimentalmente a nossa cosmogonia moderna toma a forma de cosmogênese. . . em cujo termo se delineia um foco supremo de personalidade personalizante ... Identificamos, com efeito (pelo menos no que se refere à sua face "natural") o Cristo cósmico da Fé com o Ponto Ómega da Ciência. Tudo se esclarece, se amplia, se harmoniza em nossas perspectivas (Pierre Teilhard de Chardin, *Christianisme et evolution,* Pequim, 11 de novembro de 1945).

Caro Amigo Desconhecido,

O Arcano precedente - "A Lua" - nos pôs diante de *tarefa* importante: a inteligência humana deve libertar-se do feitiço que a separa da sabedoria espontânea, deve unir-se a ela e chegar à *intuição.* O décimo nono Arcano - "O Sol" - é o da união realizada da inteligência e da sabedoria espontânea, o *Arcano da intuição.*

A intuição decorre da aliança íntima e profunda da inteligência com a sabedoria espontânea. Ora, a lâmina do décimo nono Arcano representa duas crianças sob o Sol, das quais uma está com sua mão direita

no pescoço da outra como se quisesse aproximar dela sua cabeça, e a outra está com a mão direita sobre o coração da primeira. Essas duas crianças representam a inteligência dotada de confiança infantil na sabedoria espontânea do coração e na sabedoria infantil espontânea, que emprega a linguagem do coração e procura atrair a atenção da cabeça, vale dizer, da inteligência para o que tem a dizer. É a imagem de duas crianças unidas pelos laços da confiança recíproca sem reserva, uma das quais indica e a outra compreende, e que estão colocadas sob o signo do Sol, Não se poderia representar melhor a relação entre a inteligência e a sabedoria espontânea na intuição. Porque essa relação pressupõe pureza de intenção que só se encontra na criança, e postula confiança recíproca própria das crianças, sem a sombra da dúvida ou da suspeita. Enfim, essa relação exclui toda tendência para a dominação e a autoridade e todo desejo de passar por pontífice ou de se vangloriar das prerrogativas de guru ou de mestre, o que também é estranho à criança.

"As crianças que se confraternizam sob o Sol correspondem aos *Gêmeos,* uma vez que essa constelação zodiacal nos proporciona os dias mais longos", escreve Oswald Wirth *(Le Tarot des imagiers du M oyen Âge,* Paris, 1927, p. 208), situando assim o décimo nono Arcano no círculo zodiacal dos doze mistérios cósmicos ou, para usarmos a linguagem de C. G. Jung, no círculo das doze forças-imagens arquetípicas do Inconsciente coletivo, que operam no íntimo de toda alma humana. Porque a alma humana conhece o Zodíaco inconscientemente: ele é o livro que a alma comeu um dia e que está presente e operando em "suas entranhas", no seu íntimo, de onde a torna forte ou fraca, fértil ou árida, fervorosa ou tépida, segundo esteja ela ou não em harmonia com seu ensinamento-impulso. Ora, parafraseando o primeiro enunciado da *Tábua de Esmeralda,* de Hermes, podemos exprimir da seguinte maneira o ensinamento-impulso, chamado Gêmeos:

> *"Que o que está em baixo seja como o que está em cima, e o que está em cima seja como o que está em baixo, para fazer os milagres de uma mesma coisa".*

É o princípio da analogia, posto em prática a partir do *princípio de cooperação.* Esse princípio é o contrário da *luta pela existência,* proclamado por Charles Darwin como princípio da evolução; é o "Sagitário". A natureza em evolução nos fornece muitas provas, talvez em número igual, do princípio da cooperação e do da luta pela existência no processo evolutivo, de modo que podemos tomar tanto o princípio da cooperação como o da luta como princípio diretor da evolução natural. De fato, é, por acaso, a luta pela existência dentro de um organismo, digamos do corpo humano, que explica o efeito das atividades de milhões de unidades biológicas - as células - no organismo ou a sua cooperação?

As células dos músculos, do sistema nervoso, das glândulas, do sangue etc. não cooperam entre si, em vez de lutarem, e a vida e a saúde do organismo não são devidas a essa cooperação?

As abelhas e as plantas em flor cooperam entre si. O ar, a luz e as plantas cooperam para a fotossíntese, pela qual se realiza o milagre da transformação da matéria inorgânica em matéria orgânica e "das pedras" em "pães". Enfim, se a humanidade não cooperasse mais do que entra em conflito, teria ela chegado à civilização internacional de hoje? Não se teria aniquilado?

Não há, pois, nenhuma dúvida de que o princípio da cooperação deve ser considerado como princípio diretor da evolução, ao mesmo título que o princípio da luta pela existência do darwinismo. Em outros termos, o princípio diurno dos Gêmeos desempenha, na evolução natural, papel pelo menos igual ao do princípio noturno do Sagitário.

Um dos mais altos aspectos do princípio dos Gêmeos, do princípio de cooperação, é o da cooperação entre a sabedoria espontânea e a inteligência na intuição. Trata-se do estado de consciência no qual a inteligência avança do conhecimento formal para o conhecimento material, isto é, do conhecimento das relações das coisas para o conhecimento das próprias coisas. Ora o conhecimento das coisas como tais comporta duas funções: aquela que Henri Bergson com felicidade designou como "simpatia" e a do aprofundamento continuado da coisa com a qual se estabelece a relação de simpatia. Em outros termos, é necessário primeiramente entrar em contato de simpatia essencial (isto é, de essência a essência): em segundo lugar, não devemos passar para outros contatos da mesma ordem, mas *ficar* onde estamos, a fim de chegarmos a uma intensidade e a uma clareza suficiente para podermos dizer, com toda a honestidade, que se verificou, de fato, um ato de conhecimento material. Eis um exemplo concreto:

Veneramos (isto é, amamos e respeitamos) de maneira desinteressada um ser não encarnado - um defunto, um santo ou um ser hierárquico. A nossa veneração, que compreende o amor, o respeito, a gratidão, o desejo de imitarmos o modelo etc., não pode deixar de criar ligação invisível de simpatia com seu objeto. Um dia sentiremos a sua *presença,* pouco importando que seja de maneira súbita e dramática ou de maneira lenta, gradativa e quase imperceptível. Não uma presença fluida, quase elétrica, perto de nós no espaço, como na aparição de um fantasma, de uma alma do outro mundo, mas o sopro da serenidade irradiante, da qual sabemos, de ciência certa, que emana de uma fonte que não está em nós. Ela nos influencia e nos enche, mas não tem origem em nós, porque vem de fora de nós. Como sabemos, quando nos aproximamos do fogo, que o calor que sentimos não procede de nós, mas do fogo, do mesmo modo tomamos consciência de que o sopro de serenidade que sentimos provém de presença objetiva. Eis uma relação de simpatia. Em seguida, devemos permanecer concentrados e em silêncio, a fim de que a relação estabelecida se desenvolva mais, ganhe intensidade e clareza e se torne *encontro* em plena consciência. O encontro é, então, a relação realizada, isto é, levada ao limite da intensidade da clareza. Ela pode tomar, segundo os casos, o caráter de "conversação por forças" ou de "conversação por palavras". No primeiro caso, são-nos comunicados não pensamentos ou

imagens articuladas e precisas, mas "forças" ou impulsos-sementes espirituais e psíquicos ricos de idéias e de julgamentos morais em germe. No caso de "conversação por palavras", dá-se uma revelação dos pensamentos e das representações articuladas. A revelação aos pastores de Belém pode ser considerada como protótipo do encontro de caráter "conversação por palavras", e a experiência dos magos do Oriente - que "viram a estrela do rei dos judeus no Oriente", mas que ainda deviam informar-se em J eruralém sobre o lugar em que estava o rei dos judeus que acabara de nascer - é um exemplo do encontro de caráter "conversação por forças": "A estrela" do rei dos judeus deu aos magos do Oriente a certeza da vinda de Cristo e um impulso suficiente para procurá-lo onde ele era esperado, mas não lhes deu informações quanto ao lugar e aos pais, ao passo que aos pastores de Belém foi revelado que "nasceu-vos *hoje* um Salvador, que é o Cristo Senhor, na *cidade de Davi.* Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas e deitado numa manjedoura". Aqui é dada aos pastores uma informação precisa e completa quanto ao tempo, ao lugar e às circunstâncias externas.

Ora, o encontro de caráter "conversação por forças" se assemelha sempre à experiência da "Estrela" dos magos do Oriente, e o de caráter "conversação por palavras" se assemelha à experiência dos pastores de Belém. "A Estrela" não fala, mas *move;* a sua revelação deixa intocado o trabalho de pesquisa no domínio da inteligência e dos fatos. O encontro de caráter "conversação por palavras", ao contrário, move *e* ensina, e se refere também ao domínio da inteligência e dos fatos. Ela *guia.*

Não estou em condições de dizer qual das duas formas de encontro revelador é mais freqüente; objetivamente ignoro qual delas deva ser preferida, embora subjetivamente a dos pastores de Belém me pareça preferível à dos magos do Oriente. Seja como for, a *Intuição,* entendida como aliança da sabedoria *ativa* com a inteligência *ativa,* que é o tema do décimo nono Arcano do Tarô e que não só está subjacente ao Hermetismo, mas também é a sua razão de ser, pressupõe a *cooperação* entre os dois princípios e, assim, cai na categoria da revelação de caráter "conversação por forças". Como os magos do Oriente fizeram longa viagem e levaram presentes para o Menino, sempre seguindo a Estrela, do mesmo modo o Hermetismo, de século em século, percorre o caminho para chegar ao Presépio, não de mãos vazias, mas cheias de presentes, que são os frutos do esforço milenar da inteligência humana que segue a Estrela.

O Presépio ... o ponto em que os magos do Oriente e os pastores de Belém se encontram, o ponto do qual C. G. Jung, octogenário, diz chamando-o "Mandala" -

> " *que todos os caminhos que eu tinha tomado . . . levam a um só ponto, a saber, ao centro", e que "se tornou cada vez mais claro para mim que a Mandala é o centro. Ela é a expressão de todos os caminhos. Ela é o caminho para o centro, para a individuação".*

E do qual Pierre Teilhard de Chardin diz que

"Sob o esforço combinado da reflexão e das aspirações humanas, o Universo em torno de nós se liga e se agita em vasto movimento de convergência. Não só especulativamente, mas também experimentalmente nossa cosmogonia moderna toma a forma de uma cosmogênese . . . em cujo termo se delineia um foco supremo de personalidade personalizante ... "

O Presépio - o centro, a individuação da Psique, ou foco supremo da personalidade personalizante do Universo, ou mistério da Encarnação do Verbo na História, adorado pelos magos do Oriente e pelos pastores de Belém - não é ele o centro de movimento de convergência, no tempo e no espaço, de todos os esforços e de todas as aspirações daqueles que se esforçaram, no decorrer dos séculos, por transformar o vil em precioso, por ouvir e entender a mensagem das estrelas, por elevar seus problemas aos Anjos, aos Arcanjos, aos Querubins e aos Serafins, a fim de consultá-los, de nada esquecer e de guardar a recordação de todos os altares e de todos os cálices do passado, numa palavra, também dos hermetistas?

A Estrela que os herrnetistas seguem leva-os ao Presépio - ao centro da História, ao centro da vida psíquica - à individuação, ao centro da evolução universal ou "foco supremo da personalidade personalizante", ao Alfa e Ômega da Revelação, ao Coração que é o centro de todos os corações. Porque há um centro de gravitação dos corações como há um centro de gravitação dos planetas. Esse centro é a causa das "estações" da vida da alma. Por isso, não é sem razão que o Presépio é venerado todos os anos pela Igreja e que urna luz singular brilha em cada Natal sobre o mundo. Quero dizer que o Natal não é somente a festa dedicada à *memória* do nascimento do Cristo histórico, mas também o *acontecimento* do nascimento repetido a cada ano, o momento do tempo no qual Cristo se torna novamente Criança e a história da humanidade se torna o presépio. Então tudo o que há em nós da natureza dos pastores de Belém e da natureza dos magos do Oriente reage como outrora: o que há em nós dos magos do Oriente é cativado pela Estrela e se põe a caminho com um pouco de Incenso, de Mirra e de Ouro recolhidos durante o ano que acaba; e o que há em nós dos pastores de Belém se ajoelha diante do Menino, cuja realeza e presença lhe são reveladas do alto. A repetição anual do nascimento de Cristo como acontecimento real no plano espiritual - como a repetição de seus Milagres, de sua Paixão, de sua Ressurreição e de sua Ascensão - tem sentido preciso, porque, como o Sol exterior recete eternamente a primavera, o verão, o outono e o inverno, também o Sol espiritual revela seu aspecto eterno de primavera, sua infância, no Natal, seu aspecto eterno de verão, seus Milagres, seu aspecto eterno de outono da Paixão e da Ressurreição e seu aspecto eterno de inverno da Ascensão. Isso significa ainda que as idades são eternas, que a infância, a juventude, a idade madura e a velhice são eternas. Cristo é eternamente Criança, Mestre, Crucificado e Ressuscita-

do, e o homem traz em si, ao mesmo tempo, a criança, a adolescência, o homem maduro e o ancião. Do passado nada se perde, nada é destruído: o passado apenas passa do proscênio para os bastidores, do quadro do consciente para o domínio do inconsciente, de onde opera de maneira não menos ativa. O mesmo se pode dizer das épocas e das civilizações passadas da história humana: elas não desapareceram, mas continuam presentes e ativas na instintividade de nossa época e de nossa civilização. O grande mérito de C G. Jung é o de ter descoberto a presença do passado distante na vida psíquica contemporânea e o de ter estabelecido a existência de "camadas arqueológicas" na vida psíquica humana como fizeram a arqueologia em relação aos objetos materiais das civilizações passadas e a paleontologia em relação aos f ósseis materializados do passado biológico. Graças à obra de C. G. Jung novas "escavações psicológicas" podem ser acrescentadas às escavações arqueológicas e paleontológicas e ajudar a compreendê-las.A diferença entre os vestígios do passado, com os quais trabalham a arqueologia e a paleontologia, e as "camadas psíquicas" do passado, estabelecidas por Jung, é que essas últimas *vivem,* embora fora do quadro da consciência dominada e determinada pela inteligência, ao passo que os materiais da arqueologia e da paleontologia estão *mortos;* são cadáveres do passado.

O sentido da *idéia de ressurreição* (tema do Arcano Maior do Tarô seguinte, o Arcano XX) é a atualização da plenitude de todas as forças espirituais, psíquicas e corporais latentes (do latim, *latere,* "estar oculto"), isto é, que se retiraram do domínio da ação e da inteligência para entrarem no da energia latente e do inconsciente (no sentido de Jung!), em outros termos, o domínio que denominamos "passado", mas que, segundo Henri Bergson, que abnu o caminho para Jung, faz parte da *duração* indestrutível, portanto, que pode ser ressuscitada ou *chamada ao presente, seja pela memória,* quando se trata da vida psíquica humana, seja *pela ressurreição,* quando se trata da memória cósmica divina. A ressurreição é, pois, a analogia divma do ato da memória humana: como o homem evoca ou atualiza a parte da duração que denominamos "passado", quando nos lembramos de alguma coisa, do mesmo modo Deus atualiza o que se tornou latente e traz de volta à consciência o que vive no domínio do inconsciente, mediante ato mágico análogo ao da memória humana. "A ressurreição dos mortos" é, portanto. o momento no qual Deus "se lembra" de toda a plenitude da duração passada. É o ato da magia divina, cuja analogia humana é a memória.

Ora, a ressurreição é a "Boa Nova" do Cristianismo. Por isso, a história do Cristianismo é - e será - a da ressurreição de tudo o que é digno dela no passado da história da humanidade e do mundo: ela é - e será - a história de uma série de "renascimentos", à semelhança do renascimento da filosofia e das artes greco-romanas no fim da Idade Média. Esse "renascimento" será seguido de outros, inclusive dos do Egito antigo e da Caldéia. O evolucionismo e o cosmismo moderno são a

sua aurora. Os renascimentos dos quais acabei de falar são apenas o primeiro grau da Ressurreição: eles se referem à vida espiritual e realizam - ou restauram - a sua continuidade, isto é, *a duração espiritual.* Outra série de "renascimentos" restabelecerá a continuidade psíquica e significará o grau de ressurreição *da vida da alma.* Ela será seguida da ressurreição do *corpo,* que será ~eu acabamento.

A ressurreição completa, isto é, a dos corpos, será, portanto, precedida das "ressurreições" - ou restabelecimentos da *duração* sobre a terra - espirituais e psíquicas. Elas são triunfos da memória sobre o esquecimento. E a história do Cristianismo, em última análise, é apenas história desses triunfos.

O mesmo pode-se dizer do ano litúrgico da Igreja. Ele é o esforço anual da memória humana para unir-se à memória divina, a fim de realizar a ressurreição, isto é, de fazer o passado *viver* no presente. As palavras da consagração: "isto é o meu corpo, que é entregue por vós; fazei isto em memória de mim", são a chave do ano litúrgico. Durante o ano litúrgico, são feitas coisas em memória dele, de sua Mãe, dos apóstolos, dos santos e dos mártires, e ele, sua Mãe, os apóstolos, os santos e os mártires *estão presentes,* vivem e agem no presente. O ano litúrgico todo nos diz: não vos esqueçais, lembrai-vos, porque é pela Memória que se cumpre a ressurreição.

Todas as festas do ano são orientadas para a ressurreição. E a do Natal é a ressurreição do Menino que foi adorado pelos pastores de Belém e pelos magos do Oriente. Mas ela é também e ao mesmo tempo a festa da ressurreição dos pastores e dos magos, isto é, o tempo da evocação mágica das forças espirituais e psíquicas usadas pela Revelação e pela Gnose, Porque, como o Menino está presente no Natal, do mesmo modo despertam e são ativadas, no Natal, as forças - inclusive as almas individuais - capazes de receber sua revelação angélica ou estelar. Acontece assim que o Hermetismo também sofre anualmente o efeito rejuvenescedor e inspirador do Natal, e que os hermetistas - muitas vezes sem o saberem - recebem impulsos vivificantes e inspirações iluminadoras para seus esforços. O mistério da Estrela se repete.

Mas aqueles que seguem a Estrela devem aprender uma vez por todas uma lição: não consultar Herodes nem "os sacerdotes e os escribas de Jerusalém", seguir a Estrela que viram no Oriente e que "irá na frente deles". Os clarões da Estrela e o esforço para compreender a sua mensagem são suficientes. Porque Herodes, como força e princípio antirevelador é também eterno. O tempo de Natal não é só o do nascimento do Menino, mas também o do massacre dos meninos de Belém, o tempo no qual a inteligência autônoma é estimulada a matar, isto é, a sufocar e a impelir para o inconsciente todas as tenras flores da espiritualidade que ameaçam a autonomia absoluta que a inteligência se arroga.

Que aqueles que seguem a Estrela o façam de modo total e sem reserva! Que não procurem - quando tiverem a Estrela diante dos olhos - confirmação, aprovação ou sanção científica ou, o que seria pior,

não esperem que a ciência os dirija! Sigam a Estrela que está em cima deles, e *nada mais!* Nobreza obriga.

O exemplo recente de Carl Gustav Jung contém muitos ensinamentos: ele seguiu a Estrela sem jamais procurar apoio de fora. Queiras ler, caro Amigo Desconhecido, sua autobiografia, "Memórias, sonhos e reflexões" *(Erinnerungen, Trãume, Gedanken,* Rascher Verlag, Zurique e Estugarda, 1963) e verás que um mundo inteiro está subjacente nesta exortação: segui a Estrela que está acima de vós, e nada mais!

Refiro-me aqui à biografia espiritual de Jung, à história íntima de sua obra, que dá um exemplo, o de um hermetista, de um mago do Oriente que seguiu a Estrela durante toda a sua vida e que seguiu só a ela. Não levo em consideração os *resultados* de sua obra, que são duvidosos. Eles não me satisfazem, confesso-o - mas com que direito poderia eu censurar Jung por não ter ido mais longe do que foi - e de uma maneira que pode servir de modelo a todos? Modelo de um *método* levado à perfeição *7* O essencial não está nos resultados que Jung apresenta, mas no seu método de trabalho. Refiro-me ao método "da livre associação", no qual é aplicado o primeiro Arcano do Tarô - o "da concentração sem esforço" -; ao método da interpretação dos sonhos e da fantasia espontânea, que é aplicação do segundo Arcano do Tarô: ao método da cooperação entre o inconsciente fecundante e o consciente fecundado, que corresponde ao terceiro Arcano do Tarô; ao método da ampliação dos dados imediatos da manifestação do inconsciente por meio dos mitos, dos mistérios e da alquimia do passado histórico da humanidade, que é uma aplicação do quarto Arcano do Tarô; ao método da cura psíquica, que consiste em fazer o paciente compreender as advertências de seu inconsciente e segui-las, que é a prática do quinto Arcano do Tarô: à passagem corajosa através de tentações inauditas e de conflitos de deveres, tomando decisões segundo "a flecha" da inspiração, e não segundo um código de regras de conduta, o que é o sexto Arcano do Tarô; enfim, ao método de identificação com as forças sobre-humanas dos Arquétipos, sem permitir que elas se apoderem da consciência individual, a fim de que esta não se torne vítima da *inflação,* o que é a aplicação do sétimo Arcano do Tarô ... Quanto ao décimo nono Arcano do Tarô, encontramo-lo em Jung na cooperação ativa de sua inteligência e de seu ser transcendente revelador. Essa cooperação é não só um fruto que amadureceu ao termo de uma longa vida como também a tese principal de seu método de trabalho no domínio da psicologia das profundezas. A *intuição,* que Henri Bergson julgava necessária para a compreensão da vida do mundo, foi posta em prática por Jung para compreender e curar a vida da alma humana. Jung não cometeu o erro dos magos: não consultou Herodes e os seus cortesãos.

Outro exemplo de fidelidade à Estrela são a obra e a vida do Padre Pierre Teilhard de Chardin. Esse mago do Oriente seguiu a Estrela, numa longa viagem, pelos caminhos da evolução universal durante milhões de anos. Ele mostrou a Estrela acima da evolucão universal do mundo, de modo que esta "se liga e se agita aos nossos' olhos num vasto mo-

vimento de convergência", ao termo do qual "delineia-se um foco supremo de personalidade personalizante". A evolução darwiniana, esse pesadelo da luta de espécies sem número pela existência, esse fervilhar de esforços febris, tateantes e cegos, essas voltas conflituosas da vida para produzir o mais viável, tudo isso doravante é o *caminho* que conduz à personalização, é um movimento que tem direção e fim. Tendo percebido a Estrela acima da luta darwiniana pela vida, Teilhard coroou a evolução de Estrela-guia e a transformou, passando do pesadelo das tentativas fervilhantes para o *caminho que leva ao Presépio.* Ele não se deixou desviar do caminho que a estrela lhe indicava, nem pelos tradicionalistas religiosos, nem pelos inimigos do transcendente no campo da ciência: os "sacerdotes" e os "escribas" de Herodes. A sua fidelidade à Estrela lhe deu singular força de alma, a qual lhe permitiu ser - e continuar até seu último suspiro - filho fiel da Igreja bem como trabalhador consciencioso da Ciência. Ele nunca se revoltou contra - nem rompeu com - a Igreja e a Academia. Tendo-lhes sido leal de todo o coração até o fim, a ele se aplica a bem-aventurança do Sermão da montanha: bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus!

Escrevendo sobre a força da alma que resulta da fidelidade à Estrela, força que se manifesta no poder de resistir à fraqueza da revolta - porque a revolta é uma fraqueza na qual a pessoa se deixa levar pela corrente da impaciência emocional, que é a fraqueza fundamental de todos os rebeldes e reformadores religiosos bem como dos revolucionários políticos e sociais mais célebres - força que se manifesta ainda no poder de promover a paz "entre duas aspirações" que são - ou se acredita serem - opostas uma à outra, é difícil para mim deixar de prestar homenagem a dois hermetistas de nosso século - dessa vez, hermetistas declarados - a saber, a Francis Warrain e ao Doutor Paul Carton.

Francis Warrain seguiu a Estrela no estudo do Direito, nas criações do domínio da escultura, na metafísica de Hoéné Wronski, nas matemáticas, na logística e na psicofísica de Charles Henry e através da Cabala e de Jacob Boehme, "combinando, enquanto possível, os recursos do modo intuitivo, próprio da Antiguidade, com os instrumentos colocados à nossa disposição pelo modo discursivo". Ele definiu as condições essenciais de uma gnose intermediária que permite resolver corretamente a antinomia entre o Absoluto e o Relativo, entre a fé e razão. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus!

Paul Carton seguiu a Estrela como médico naturista e como super-naturalista cristão, por caminho estreito entre o Natural e o Miraculoso, o caminho do Hermetismo puro e simples. O seu livro *La Science Occulte et les Sciences Occultes* (Brévannes, Seine-et-Oise, 1935), no qual são estudados também os Arcanos Maiores do Tarô, testemunha seu esforço para unir entre si o Sobrenatural Divino e o Natural Humano

por meio da magia intermediária da Tradição hermética. Bem-aventurados os que promovem a paz porque serão chamados filhos de Deus!

A intuição é portanto a cooperação da inteligência humana com a sabedoria sobre-humana. Ê ela que estabelece a ligação - ou "a gnose intermediária" e "a magia intermediária" - entre o Absoluto e o Relativo, entre o Sobrenatural e o Natural, entre a fé e a razão. Mas a intuição só pode ser desenvolvida em pessoas que tenham fé e razão. Ela é reservada aos pensadores crentes. Quem pensa, mas não crê, jamais terá a certeza das coisas transcendentes que só a intuição pode dar.

A intuicão combina duas certezas: a essencial, da essência, e a consistencial, da consistência. A primeira é de ordem *moral;* a sua força de convicção reside no Bem e no Belo. A segunda é de ordem cognitiva; a sua força de convicção provém da consistência da visão da relação das coisas. A certeza intuitiva é, portanto, uma "fé de primeira mão" combinada com uma "inteligência de primeira mão". Expliquemo-nos. Existe a fé fundada na autoridade extrínseca - de uma pessoa, de instituição, de um livro - e existe a fé fundada na autoridade intrínseca - na experiência interior e íntima do sopro divino e na impressão direta do meio divino. A última é de primeira mão. Existe ainda uma terceira espécie de fé - talvez a mais heróica - a "fé intermediária" entre a fé fundada na autoridade extrínseca e a fundada na autoridade intrínseca da experiência interior: a *fé postulativa,* na qual a pessoa crê sem nenhum apoio, de fora ou de dentro. É a fé "da voz daquele que clama no deserto", a voz da alma que clama, isto é, postula, na solidão completa, no deserto, as coisas sem as quais não pode viver. Os três postulados de Kant: a liberdade da vontade, a imortalidade da alma e Deus, são esse clamor da alma no deserto. Porque não estão fundados nem na autoridade extrínseca, nem na experiência mística, e sim nas exigências quase estruturais da própria alma. É só a realidade da sede e da fome que dá testemunho da existência da água e do pão. "Liberdade, imortalidade e Deus, ou o negro desesperador do nada", tal é o clamor da alma de Kant no deserto em que ele se encontrava.

Tal era também a fé de João Batista antes da experiência da descida do Espírito do céu sobre Jesus, quando do batismo no Jordão. Sua fé, expressa no resumo de sua pregação: "Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo", era um grito no deserto, isto é, a voz da sede e da fome suprema do reino dos céus. Foi precisamente essa fé que fez de João Batista a primeira testemunha quase ocular da realidade da descida do reino dos céus, e o primeiro homem a reconhecer Cristo. Sua fé foi justificada pela experiência. Ele se tornou vidente.

Mas é a fé postulativa, tornada fé de primeira mão ou mística, que chega à certeza perfeita da intuição, com o concurso da inteligência. João Batista ainda teve necessidade desse concurso para ter a certeza completa. Por isso, ele, que tinha visto descer o Espírito sobre Jesus, enviou dois de seus discípulos para lhe perguntarem: "És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?"

E Jesus respondeu, só no quadro da inteligência:

"Os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados" (Mt 11.5).

Em outros termos, Jesus diz que os efeitos fenomenais assinalam a consistência entre a revelação da descida do Espírito, experimentada por João Batista, e a manifestação desse Espírito por Jesus. É a linguagem da inteligência pura e simples, e Jesus a usa para preencher uma lacuna na consciência de João Batista, a do concurso da inteligência. Por causa dessa lacuna Jesus disse que se João Batista era profeta "e mais do que profeta" e que se "entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que ele", apesar disso, ele era menor entre os menores no reino de Deus. Porque o reino de Deus inclui a certeza absoluta do concurso da fé de primeira mão e da inteligência; ele é o *reino da intuição.*

Por isso o Mestre faz apelo não só à fé, mas também à inteligência, não só à certeza essencial, mas também à certeza consistencial, afirmando o princípio fundamental da inteligência: julgamento pelos efeitos, conhecimento das coisas pelos seus frutos.

"Por acaso colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos cardos? Do mesmo modo, toda árvore boa dá bons frutos, mas a árvore má dá frutos ruins. Uma árvore boa não pode dar frutos ruins, nem uma árvore má dar bons frutos" (Mt 7,16-18).

Eis a mais breve e mais completa característica da inteligência e de seu papel. Papel que é imenso, se considerarmos que a inteligência é chamada a ser parte integrante da intuição, a qual, por sua vez, determina a grandeza ou a pequenez do reino de Deus.

Esse papel da inteligência foi compreendido nos meios eclesiásticos da Idade Média. Os crentes aplicaram-se a pensar. Assim nasceu a alta escolástica. Não é verdade que a escolástica procede do desejo de intelectualizar a fé e de substituí-la por uma filosofia, que ela tenha nascido de uma dúvida secreta que tormentava o coração dos crentes da Idade Média. Não, o que estava na raiz da escolástica era o *desejo da plenitude da intuição,* o de "batizar" a inteligência e ganhar seu concurso para a fé. Tratava-se, portanto, não de dúvida, e sim de um ato de fé ardente, que não duvidava que a inteligência humana fosse tão "batizável" e "cristianizável" corno o coração e a vontade. Santo Alberto e santo Tomás de Aquino não eram impelidos pela dúvida quando se empenhavam em sua grandiosa obra do pensamento: estavam confiantes, persuadidos de que o Sangue do Calvário penetraria, aqueceria e transfiguraria o domínio da clareza fria do pensamento. Sua obra era mais apostólica do que apologética. Como os missionários iam aos países não cristãos para levar-lhes a boa nova, também santo Alberto Magno e santo Tomás de Aquino foram ao país não cristianizado da inteligência humana para cristianizá-la. Não se tratava de dúvida, e sim de ato de fé e de zelo apostólico.

Caro Amigo Desconhecido, não desprezes a escolástica medieval. Na verdade, ela é tão bela, tão venerável e tão inspiradora como as grandes catedrais que herdamos da Idade Média. Devemos-lhe muitas obrasprimas do pensamento, na luz da fé. E, como todas as obras-primas verdadeiras, também as da escolástica medieval são salutares. Elas curam as almas desorientadas, febricitantes e confusas. Do mesmo modo que o médico prescreve a certos doentes mudança de clima e permanência de alguns meses nas montanhas, seria bom e salutar que se prescrevesse também a certas pessoas inquietas com os "problemas existenciais" e perturbadas pelas "contradições da vida", que fossem passar algum tempo no clima da alta escolástica e que nela respirassem o ar puro das montanhas mentais. Não se trataria de conversão à filosofia escolástica, mas de *nível* intelectual mais elevado e, sobretudo, de trabalho ccntinuado, por algum tempo, com as noções claras e precisas da escolástica em seu nível elevado.

As "cinco vias" de raciocínio de santo Tomás de Aquino não te convencerão, talvez, mas do trabalho meditativo sobre os cinco argumentos propostos como provas da existência de Deus *sairás* com a cabeça esclarecida e o coração calmo, equipado para procurar e encontrar outros caminhos para a certeza. A *ocupação* do espírito com essas cinco vias do raciocínio torna-nos mais fortes e calmos e nos eleva acima do jcgo confuso dos complexos mistos de sentimentos e acima das preferências do gosto pessoal e dos pensamentos, que são seus porta-vozes. Essa elevação acima dos complexos psicológicos é efeito salutar, até ação curadora da meditação escolástica.

Poder-se-ia objetar: por que não a matemática? Não tem ela o mesmo efeito de desapego e elevação acima das limitações psicológicas pessoais?

Sem dúvida. Mas ela não empenha o ser humano todo como o faz a escolástica, e seu efeito salutar não pode ter o mesmo alcance. Como os temas da escolástica são Deus, a alma, a liberdade, a imortalidade, a salvação, o bem e o mal, segue-se que o triunfo sobre os fatores psicológicos é bem diferente de um triunfo obtido no trato com quantidades e suas funções. Não desprezes, portanto, caro Amigo Desconhecido, a escolástica medieval: ela conserva todo o seu valor.

Não é verdade também que o impulso místico do fim do *século XIII até o século XVII* tenha sido *reação* _pura e sim_ples contra o "intelectualismo seco" da escolástica. Não, a flor da mística dessa época é *fruto* e *resultado* da escolástica, prefigurados na biografia espiritual de santo Tomás de Aquino. Ele, de modo especial, acaba por contemplar Deus e o mundo espiritual místicamente; mas, ao volatr do êxtase, seus escritos lhe pareceram "palha", e ele não escreveu mais nada.

O pensador crente tornara-se místico vidente. E essa transformação não se realizou malgrado sua obra de pensador escolástico, mas graças a ela. E foi seu fruto e seu coroamento.

Santo Tomás de Aquino não está só. Como ele, pelo raciocínio escolástico, chegou à contemplação, do mesmo modo a crista da onda

escolástica chegou à mística, isto é, à *intuição* ou ao estado da umao da fé e da inteligência, que é a meta da escolástica. Um Mestre Eckhart, um Ruysbroek, o Admirável, um são João da Cruz são espíritos nos quais procuraríamos em vão o espírito de oposição à escolástica. Também para eles a escolástica era "como palha", mas eles sabiam por experiência que essa palha era excelente combustível. Eles ultrapassaram a escolástica, mas depois de terem atingido sua meta. Porque a meta do esforço escolástico era a contemplação, e o fruto da árvore escolástica foi a mística.

Os místicos significam o êxito do esforço escolástico: neles a inteligência foi batizada e cristianizada. A obra missionária em relação à inteligência "pagã", iniciada por santo Alberto Magno e santo Tomás de Aquino, foi coroada de sucesso no impulso místico que seguiu a escolástica: o matrimônio da fé e da inteligência se consumou, e os crentes e os pensadores foram reforçados por terceiro grupo: o dos *adeptos da intuição.*

Assim, caro Amigo Desconhecido, não desprezes a escolástica medieval, mas aproveita-a, não só para restabeleceres a saúde de tua alma, mas também para que, pensando sob a luz da fé, chegues à intuição, sem a qual o Hermetismo não passa de coisa literária e de valor literário duvidoso. O Hermetismo vive da intuição, sem ela ele é coisa morta. E é essa coisa morta que é vista pelos crentes e pelos cientistas que se surpreendem sinceramente com as pessoas que a tomam a sério. Eles vêem nela só lantejoulas científicas e religiosas, ou, quando muito, uma fé fraca que usa muletas emprestadas da ciência, ou ainda ciência infantil que não aprendeu a distinção entre aquilo em que se crê e o que se sabe. Eles não se enganam: o Hermetismo, sem o cimento invisível da intuição, não é senão amontoado improvisado de elementos heterogêneos, emprestados da ciência e da religião. Eis uma analogia eloqüente: não foram a palha do Presépio nem os animais presentes que guiaram os magos do Oriente, e sim a Estrela no céu. Do mesmo modo, no Hermetismo encontraremos apenas palha e animais, se não formos guiados pela sua Estrela, que só existe para a intuição. Ora, o décimo nono Arcano do Tarô nos convida a nos ocuparmos de modo muito especial da Estrela do Hermetismo no céu da intuição. Qual é essa Estrela? O *Zohar* diz:

"Elohim fez dois grandes luzeiros . . . Primitivamente os dois luzeiros, intimamente unidos, difundiam claridade igual. Os nomes ... 'Iahweh' e 'Elohim' eram então de perfeita igualdade. Os dois luzeiros tinham nomes completamente iguais: Maçpaç Maçpaç. *Do mesmo modo, os dois luzeiros brilhavam primitívamente ao mesmo tempo e tinham posição igual. Mas ... a Lua se humilhou, diminuindo sua luz e renunciou a manter sua posição superior, aqui na terra, se bem que a sua luz real seja superior à que ela difunde; porque a mulher não pode brilhar, a não ser em união com o marido.*

A grande luz (Sol) designa 'lahweh', e a luz pequena (Lua) designa 'Elohim', que é o *fim de todos os graus, uma vez que ele é o fim do pensamento. Primitivamente Elohim era marcado no alto pelas letras do nome sagrado* (I H V H), *que são em número de quatro; foi só depois que ele se tornou menor que tomou o nome de Elohim. Mas o seu poder se manifesta em todas as direções:* 'EL' *-Deus - preside ao dia, e* 'IM' *(l[A]mer)- à noite, e o* 'HE', *no meio, participa de um lado e do outro" (Zohar,* Bereshith, 20a).

Resta-nos ainda citar uma passagem de fonte antiga, o XI livro das *Metamorfoses* de Apuleio, e estaremos suficientemente equipados para tratarmos do problema da "Estrela" do Hermetismo e do "Sol" do XIX Arcano do Tarô. Apuleio resume sua grande vigília no templo de ísis, os "arcanos da noite sagrada" *(noctis sacratae arcana),* da maneira seguinte:

"Aproximei-me dos limites da morte; pisei na soleira de Proserpina e voltei passando por todos os elementos; no meio da noite vi o Sol brilhar com sua claridade ofuscante; *aproximei-me dos deuses infernais e dos deuses celestes; contemplei-os face a face; adorei-os de perto".*

Procuremos agora a *realidade,* visada tanto pelo *Zohar* como pelo texto de Apuleio. O *Zohar* nos diz que a Lua "renunciou a ocupar sua posição superior" - a de igualdade com o Sol - "aqui na Terra, embora a sua luz real seja superior à que ela difunde". "Desde esse tempo, ela não tem luz própria, mas recebe a luz do Sol". Portanto, *aqui* na Terra a Lua reflete a luz do Sol, enquanto *no alto,* onde seu nome é *Elohim,* "o seu poder se manifesta em todas as direções": *El* preside ao dia, e *Im,* à noite, e o *H* do meio participa de um e outro lado.

Ora, a Lua, enquanto luzeiro noturno aqui na terra, reflete o Sol, mas, enquanto luzeiro noturno no alto brilha com sua própria luz, que é refletida pelo Sol. Em outros termos, a Lua é "solar" no alto e "lunar" aqui em baixo, ao passo que o Sol é "solar" aqui em baixo e "lunar" no alto. É nesse sentido que *El* - parte irradiante do Nome da Lua no alto - "preside ao dia": o Sol visível reflete o dia, a Lua invisível, do mesmo modo que a Lua visível reflete o Sol tornado invisível durante a noite. *A Lua espiritual é, pois, o Sol brilhando no meio da noite.* Foi a Lua espiritual - ou *ísis-Sophia* - que Apuleio "viu brilhar no meio da noite com sua claridade ofuscante". Porque a longa vigília no templo de ísis terminou na visão do princípio cósmico de Isis, isto é, da Lua espiritual ou do "Sol da Meia-noite".

Essa apresentação mitológica oculta e, ao mesmo tempo, revela a realidade profunda da relação da inteligência com a sabedoria e de sua união, a intuição. A inteligência corresponde à Lua, a sabedoria ao Sol, e a intuição, ao restabelecimento da "união íntima das duas luzes". A inteligência reflete *aqui na Terra* seja a sabedoria, seja o mundo terrestre, conhecido pela experiência externa, quando ela está eclipsada

(Arcano XVIII). Mas há outra inteligência *no alto,* uma inteligência transcendente, cuja "luz é superior à que ela difunde aqui na terra" e que, unida intimamente à sabedoria, está "marcada no alto pelas letras do nome sagrado, que são em número de quatro", e que "brilha no meio da noite com uma claridade ofuscante". Essa inteligência superior, esse "Sol da Meia-noite", que é a conjunção do Sol e da Lua espirituais ou a união íntima da inteligência e da sabedoria, são a Estrela do Hermetismo e o Sol do décimo nono Arcano. O Sol do décimo nono Arcano é o da meia-noite - o Sol que Apuleio "viu brilhar com sua claridade ofuscante no meio da noite" - esse Sol é a Estrela do Hermetismo através das idades. Ele é o princípio da intuição ou da união íntima da inteligência transcendente e da sabedoria.

O Arcano da intuição é, pois, o da habilidade que permite elevar a inteligência que reflete à inteligência criadora e efetuar sua união com a sabedoria, isto é, realizar a obra do restabelecimento da união da inteligência, cuja luz é diminuída aqui na terra, com a inteligência cuja luz é completa no alto; e, em seguida, efetuar a obra da união da inteligência assim reunida com a sabedoria divina:

Intuição
O

Inteligência voltada /~
para o alto ~ Sabedoria

Esee triângulo mostra, da maneira mais clara, de que se trata: a inteligência, atraída pela sabedoria, não se une a ela no plano da reflexão, mas se eleva ao plano criador, no qual recupera sua capacidade superior "não decaída" e se une à sabedoria, união essa que é a intuição. Não é, pois, a supressão ou a diminuição da inteligência que permitem atingir a intuição. :É, ao contrário, a intensificação da inteligência, que se torna progressivamente criadora e que se une à sua parte superior transcendente, para, em seguida, poder unir-se à sabedoria. É tornando-se cada vez mais inteligente que se chega à intuição. Devemos assinalar, contudo, que há outra via, a da "insolação" ou do aniquilamento da inteligência pelo brilho da sabedoria: é esse o tempo do vigésimo primeiro Arcano ou *Zero* "O *Louco".*

Mas aqueles que preferem a tradição do Hermetismo - da Mística, da Gnose, da Magia e da Filosofia Hermética - dispensam a vida da "loucura divina" *(yurodivost',* em russo; *Narrheit in Gott,* em alemão) e seguem o caminho indicado pela parábola dos talentos (Mt 25,14-30) confiados pelo senhor aos seus servos, a fim de que os tornem produtivos. Eles *elevam* a inteligência a um nível a partir do qual ela se torna capaz de se unir com a sabedoria, valorizando-a assim ao máximo; é a intuição.

Como na escala da história da civilização ocidental, o movimento escolástico não chegou a um sistema perfeito de filosofia, mas ao

misticismo, do mesmo modo, na escala do desenvolvimento individual, a inteligência chega à intuição, e não a um estado de saber no qual tudo seja explicado. A inteligência não é o fim absoluto: desenvolvendo-se, ela se transforma em intuição. Ela é chamada a efetuar a passagem do raciocínio argumentativo para a intuição compreensiva.

A propósito desse tema, no qual a missão da inteligência se revela como o caminho da intuição, parece-nos interessante sublinhar que a obra filosófica de Immanuel Kant, que anula as pretensões da inteligência autônoma a certezas metafísicas, demonstrando os limites claros do conhecimento, tem efeito comparável ao do vento, que apaga o fogo fraco e intensifica o fogo ardente: uns se tornam céticos, outros, místicos fervorosos. Kant pôs fim à metafísica especulativa da inteligência autônoma e abriu o caminho para a mística, da qual é capaz a inteligência não autônoma ou "razão prática" *(praktische Vernunft),* isto é, abriu o caminho para a inteligência unida à sabedoria de natureza moral ou intuição. Não poucas vezes tive ocasião de observar que os kantistas evoluem, com o tempo, para o misticismo.

Citemos, como exemplo, o filósofo alemão Paul Deussen, autor da síntese do kantismo, do platonismo e do vedanta (em *Elemente der Metaphysik).*

A tese fundamental de Deussen é a seguinte: a incapacidade que a inteligência autônoma manifesta para atingir o númeno atrás do fenômeno exige o recurso à percepção intuitiva da essência das coisas, essência que é mostrada no platonismo e no vedanta. Provavelmente foi para demonstrar a operação do método intuitivo que Deussen traduziu e publicou sessenta upanixades do Veda *(Sechzig Upanishads des Veda).*

Voltemos, porém, à Estrela do Hermetismo, ao Sol da Meia-noite, que é o Sol do décimo nono Arcano do Tarô.

O *Zohar* e Apuleio nos ajudaram a compreender um aspecto importante do Sol, a saber, o da "união íntima da Lua e do Sol" ou da inteligência e da sabedoria, do Sol da Meia-noite. Agora pode ajudar-nos terceiro documento antigo, o Apocalipse de são João, no qual lemos:

> *"Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas"* (12, 1).

O *Zohar* e Apuleio falam da Lua e do Sol unidos ou do sinal ~ , que é o sinal de ísis. Encontramos esse sinal na visão do Apocalipse: a mulher vestida do Sol, a Lua sob seus pés. Mas a visão do Apocalipse acrescenta terceiro elemento: as doze estrelas.

Em outras palavras, a inteligência, unida à sabedoria na intuição, não significa ainda o acabamento da obra de reintegração da consciência, enquanto não estiver coroada de terceiro elemento, que corresponde às "estrelas", do mesmo modo que a inteligência corresponde à "lua", e a sabedoria ao "sol".

Qual é este terceiro elemento?

Para compreendermos seu papel e sua natureza, devemos ainda uma vez examinar - com mais atenção - a experiência dos espíritos que se voltaram do intelectualismo para o intuicionismo. Depois de Paul Deussen, devemos citar Arthur Schopenhauer. Porque foi ele, o autor do célebre livro *Le monde comme volonté et représentation,* que venceu a etapa decisiva da passagem da tese de Kant (segundo a qual os fenômenos ocultam a essência das coisas, essência que é inacessível à inteligência como tal) para a introspecção intuitiva da essência de uma coisa representativa e compreensiva das outras coisas do mundo, de si mesma. Essa introspecção intuitiva lhe permite chegar à conclusão segundo a qual a vontade é a essência das coisas, que são apenas representações da vontade. O mundo é, portanto, segundo Schopenhauer, uma vontade única representando ou "imaginando" a multiplicidade das coisas. E como Schopenhauer descobriu que a mesma experiência leva quase à mesma conclusão na filosofia mística da índia, sobretudo no vedanta, conclusão essa baseada nos upanixades do Veda, afirma: "os upanixades foram minha consolação na vida e o serão também na morte" *(Die U panishads waren mein Trost im Leben, sie werden es auch im Tode sein).*

A filosofia mística da índia é, pois, o protótipo das filosofias intuitivas do Ocidente como as de Schopenhauer, Deussen et Eduard von Hartmann *(Philosophie de l'lnconscient).*

Examinemos, então, a experiência fundamental e a conclusão principal da filosofia mística da índia, representada pelo vedanta da escola advaíta (não dualista).

Essa filosofia funda-se na introspecção intuitiva como método, na experiência da vontade como elemento subjacente a todo movimento intelectual, psicológico, biológico e mecânico, enfim na experiência do "oího interior" ou Si mesmo transcendente separado, que observa os movimentos produzidos pela vontade. A vontade cria a multiplicidade dos fenômenos mentais, psíquicos, biológicos ou mecânicos, enquanto o "Vidente no Ver", o Si mesmo transcendente, é uno. Ele não se move, não muda, sendo, pois, imortal, não é um ser separado da essência real do mundo e forma uma coisa só com ele. O verdadeiro Ego do homem e a essência real do mundo - ou Deus - são idênticos. *Aham Brahma asmi* (" Eu sou Brama"), eis a fórmula que resume a experiência e as conclusões do vedanta.

Basta não se identificar com a vontade e com seus movimentos, mas com o Si mesmo transcendente, o "Vidente no ver", para se atingir o Ser Real e a Essência do mundo na *experiência intuitiva* dos vedantinos e dos filósofos intuitivistas alemães.

Mas, é realmente final e completa a experiência intuitiva do Si mesmo transcendente, de modo que nada suceda a ela nem a ultrapasse? A experiência do Si mesmo transcendente é realmente o *nec plus ultra* ("não mais além") do conhecimento? Não, porque lhe falta uma coisa importante: o conjunto do *mundo* espiritual, isto é, a Santa Trindade e as nove hierarquias espirituais. O "grande sinal" do qual fala o

Apocalipse menciona, além do Sol e da Lua, uma coroa de doze estrelas na cabeca da Mulher.

A experiência intuitiva do Si mesmo transcendente não nos permite, por si mesma, perceber o mundo espiritual e nos tornarmos conscientes dele. Só a união da "Lua e do Sol", no microcosmo humano, não significa ainda a experiência do *macrocosmo* espiritual. Não basta elevar-se ao Si mesmo transcendente: é necessário ainda que esse Si mesmo perceba e se torne consciente de outros "Si mesmos transcendentes", muitos dos quais superiores a ele O Si mesmo transcendente do homem, por mais eterno e imutável que seja, não é a culminância última do mundo em evolução. Ele não é Deus, mas a sua imagem e semelhança segundo a lei da analogia ou do parentesco, mas não é idêntico a Deus. Na escala da analogia, muitos graus ainda separam do alto, de Deus. Esses graus, que lhe são superiores, são suas "estrelas" ou seus ideais. O Apocalipse precisa o seu número: são *doze* os graus superiores ao da consciência do Si mesmo transcendente humano. Para se atingir o Deus *Uno* é necessário, portanto, elevar-se sucessivamente aos graus de consciência de nove hierarquias espirituais e da Santa Trindade. A conclusão vedantina *Aham Brahma asmi* ("eu sou Brama") que identifica o Si mesmo transcendente com o Deus Uno é, pois, erro devido à confusão dos valores nos quais a imagem e a semelhança de Deus 'são confundidas com Deus, e a experiência do divino é confundida com o próprio Deus. Nem tudo o que brilha é ouro e nem tudo o que é transcendente e imortal é Deus. Porque também o Diabo é transcendente e imortal.

Essa confusão pode ocorrer quando alguém segue exclusivamente o método empírico psicológico ou se recusa a ser dirigido pelos princípios de uma metafísica transcendente. Até C. G. Jung quase identificou sua experiência psicológica do sétimo "arquétipo" - o Si mesmo transcendente *(das Selbs)* - com o que as religiões chamam "Deus". Foi somente graças à sua prodigiosa prudência que ele deixou a porta aberta, não pretendendo ter tido a experiência psicológica de Deus. Temos, por outro lado, os discípulos da escola metafísica sanquia (ou *samkya),* da qual diz Krixna: "Separar o sanquia e a ioga é falar como criança, não como sábio; se um homem aplica-se integralmente a um dos dois, obtém o fruto dos dois. A condição que é atmgida pelo *Samkya,* também os homens da ioga a conseguem; aquele que vê sanquia e ioga como uma coisa só, este vê" *(Bhagavad-Gita,* cap. V, 4-5); eles tinham, portanto, a mesma experiência do Si mesmo transcendente que os iogues e os vedantinos, sem, no entanto, chegarem à conclusão segundo a qual o Si mesmo transcendente é Deus. Ao contrário, graças aos princípios de sua metafísica, eles reconheciam a *pluralidade dos "puruxas"* individuais, isto é, a pluralidade dos "Si mesmos transcendentes". Assim, urna experiência idêntica pode motivar interpretações diferentes, até contrárias, quando lhe são aplicados princípios diretores metafísicos diferentes. A ioga e o sanquia "são uma coisa só" quanto à *experiência* do Si mesmo transcendente, mas diferem radicalmente

quanto à interpretação dessa experiência: uns (os adeptos da ioga) crêem ter atingido Deus por meio dela, ao passo que os outros (os adeptos do sanquia) só pretendem ter chegado à experiência do Si mesmo transcendente individual, do puruxa individual ou da *mônada,* no sentido leibnitziano do termo.

Poderíamos também, usando a linguagem simbólica da Bíblia, dizer que a ioga chega à união (= ioga) de dois "luzeiros" - da Lua (inteligência) e do Sol (sabedoria espontânea do Si mesmo transcendente), (do *Ha* ou princípio da Lua e do *Tha* ou princípio do Sol, *Ha-Tha-loga)* - e se detém nela, ao passo que o sanquia também chega a ela, mas leva em consideração, além de uma espécie de "luzeiros", as *estrelas* (entidades superiores do mundo espiritual). O sanquia, embora deixe a porta aberta que transcende o "Si mesmo transcendente", não se ocupa dele de modo explícito, o que lhe valeu a qualificação de "ateu". Mas esse "ateísmo" não significa que ele negue a existência do Puruxa universal, superior a todos os puruxas individuais - do qual ele prof essa não conhecer nada com ciência certa - significa que ele nega a afirmação da ioga (e do vedanta) segundo a qual o "Si mesmo transcendente" *é* Deus.

O Hermetismo judeu-cristão, ao contrário, colocando-se do lado do sanquia quanto à negação da identificação do "Si mesmo transcendente" com Deus, ocupa-se intensamente do terceiro "luzeiro", as estrelas, em seus três aspectos, a saber, de Astrologia, de Angelologia e de Teologia Trinitária, os quais correspondem ao Corpo, à Alma e ao Espírito do terceiro "luzeiro". O Hermetismo judeu-cristão é, pois, o esforço, continuado através dos séculos, para conhecer e compreender os *três* luzeiros em sua *unidade,* isto é, para conhecer e compreender o "sinal grandioso que apareceu no céu: uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas" (Ap 12,1). Nessa visão do Apocalipse é a Mulher que une os três "luzeiros": a Lua , o Sol e as Estrelas, os luzeiros da noite, do dia e da eternidade, e é Ela, a "Virgem da Luz" da *Pistis Sophia* (da "Fé Sabedoria"), a Sabedoria cantada por Salomão, a Shekinah da Cabala e a Mãe, a Virgem, a Rainha Celeste, Maria - que é a alma da luz dos três luzeiros e que é também a fonte e a meta do Hermetismo. *Porque o Hermetismo é, em resumo, a aspiração à participação no conhecimento tanto do Pai, do Filho e do Espírito Santo como no da Mãe, da Filha e da Santa Alma.* Não se trata de ver aqui a Santíssima Trindade com olhos humanos, mas de vê-la com os olhos e na luz de *Maria Sophia* ("Maria Sabedoria"). Porque, como ninguém vem ao Pai senão por Jesus (Jo 14,6), ninguém compreende a Santíssima Trindade senão por *Maria-Sophia.* E como a Santíssima Trindade se *manifesta* só por Jesus, a *compreensão* dessa manifestação só é possível pela apreensão intuitiva daquilo que a Virgem, Mãe de Jesus, compreende, ela, que não só o trouxe em seu seio e o deu à luz, mas também estava presente - como mãe - à sua morte na cruz. E do mesmo modo que a Sabedoria, como diz Salomão, estava presente na Criação (" Quando firmava os

céus, lá eu estava; quando traçava a abóbada sobre a face do abismo ... eu estava junto com ele como o mestre-de-obras", Pr 8,27-31, e "construiu a sua casa, talhando suas sete colunas", Pr 9, 1), do mesmo modo *Maria-Sophia* estava presente na Redenção e nela "trabalhava junto dele", e, do mesmo modo ainda, ela "construiu a sua casa, talhando suas sete colunas", isto é, tornou-se Nossa Senhora das Sete Dores. Porque as Sete Dores de Maria correspondem, na obra da Redenção, às sete colunas da *Sophia,* na obra da Criação. *Sophia* é a Rainha dos "três luzeiros" - Lua, Sol, Estrelas - como o mostra o "sinal grandioso" do Apocalipse. E como o *Verbo* da Santíssima Trindade se fez carne em Jesus, do mesmo modo a *Luz* da Santíssima Trindade se fez carne em *Maria-Sophia;* a luz, isto é, a tríplice receptividade, a tríplice faculdade de reação inteligente ou de compreensão. As palavras de Maria: *Mihi ƒiat secundum ver bum tuum* (" faça-se em mim segundo a tua palavra") são a chave do mistério da relação entre o Ato puro e a Reação pura, entre o Verbo e a Compreensão, enfim, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, de um lado, e a Mãe, a Filha e a Santa Alma, do outro. Elas são a verdadeira chave do "selo de Salomão" ou *hexagrama:* · I!)

Esse símbolo não é o do bem e do mal, mas o do tríplice Ato puro ou *Fogo* e da tríplice Reação pura (o tríplice *Mihi [iat secundum verbum tuum)* ou "Luz do Fogo", isto é, *Água,* significando *Fogo* e *Água* o que age espontânea e criativamente e o que reage refleti damente: o "sim" consciente ou a luz do *mihi fiat secundum verbum tuum.* Eis o sentido quase "elementar" do "selo de Salomão", elementar no sentido dos elemen tos " Fogo" e "Água", considerados no grau mais alto.

Mas o sentido mais elevado ainda que esse símbolo oculta - ou melhor, revela - é o da *Santíssima Trindade Luminosa,* vale dizer, o da *compreensão* da Santíssima Trindade. Ele é então o seguinte He
xagrama:

Pai

Filha ~ Alma Santa

Filho ~ Espírito Santo

Mãe

Esses dois triângulos da *Santíssima Trindade Luminosa* se revelam na obra da Redenção realizada por Jesus e concebida por *Maria-Sophia.* Jesus foi seu agente; *Maria-Sophia* foi sua reação luminosa; eles revelam a *Santíssima Trindade Luminosa* na obra da Criação realizada pelo Verbo criador e animada pelo "sim" da Sabedoria, *Sophia.* A Santíssima Trindade Luminosa é, pois, a unidade do tri-uno *Criador* e da tri-una "Natureza naturante" *(Natura naturans)* do tríplice *Fiat* e do tríplice *Mihi ƒ iat secundum ver bum tuum,* que se manifesta na "Natureza naturada" *(Natura naturata)* ou do mundo criado de antes da queda. Ela é o tri-uno *Espírito divino* e a tri-una *Alma* do Mundo, que se manifestam no *Corpo* do mundo ou na natureza naturada.

O *Zohar* põe em destaque a idéia da Santíssima Trindade Luminosa. Ele ensina que o grande nome de Deus *IHVH* revela o Pai (1 = ~), a Mãe suprema (H = i1), o Filho (V - -)) e a Filha (último *He* do Nome *IHVH).* Tal é o Nome eterno, mas na história do mundo criado revelam-se ainda a *Shekinah,* identificada com a "Comunidade de Israel", que é a verdadeira "Raquel que chora seus filhos", que chora em seu exílio e que é a "bela virgem que não tem olhos" *(Zohar* II, 95ª), o rei Messias, "que desce e sobe através de todos os céus, para exercer, com os profetas que neles se encontram, a função salvadora universal" (Schaya, *L'Homme et L'Absolu,* p. 96). E o *Ruah haqodesh* (o "Sopro" santo ou Espírito Santo), do qual fala Saadya, por intermédio do qual as trinta e duas vias da Sabedoria se incorporam ao ar que respiramos, é -o sopro santo, com a ajuda do qual Deus se revela aos profetas. Ele está na base do segredo da criação e é chamado *sopro do Deus vivo* (Henri Sérouya, *Kabbale,* p. 135). O Messias é o sétimo termo ou princípio do hexagrama Pai, Filho, Espírito Santo: Mãe, Santa Alma ou Shekinah ou "Comunidade de Israel": ele é a *ação* do todo, o resumo ativo da Trindade bipolar ou, como nós a chamamos, da *Trindade luminosa.* Quanto à manifestação concreta da Shekhinah, "ela aparece aos cabalistas visionários com os traços de mulher; assim Abraão Halevi, discípulo de Lúria, viu-a, em 1571, perto do muro das Lamentações, em Jerusalém, como mulher vestida de preto e chorando o marido de sua juventude" (C. G. Scholem, *Les grands courants de la mystique juive,* Payot, Paris, p. 246). A Senhora em prantos de La Salette também chorava ao lado de um muro não menos real do que o das Lamentações em 'Ierusaíêm, o muro do pecado universal que se ergueu entre a humanidade e a graça divina: mas ela difere da Shekinah das visões dos cabalistas e dos *hassidim* por ser não só a personificação de um princípio ou de um aspecto divino, mas também por ser uma pessoa humana que viveu realmente no seio da comunidade de Israel, há vinte séculos. Do mesmo modo, o Messias, que muitos viram e encontraram nos últimos vinte séculos, não é mais do que um espírito "que desce e sobe através de todos os céus, para exercer com os profetas que lá se encontram, a função salvadora universal", mas ele é também pessoa humana que viveu realmente no seio da comunidade de Israel, há vinte séculos. Porque, como o Verbo se fez carne em Jesus, do mesmo modo a *Bath kol,* a "Filha da Voz" se fez carne em *Maria-Sophia.* A Igreja a adora como Virgem, como Mãe e como Rainha celeste, o que corresponde à Mãe, à Filha e à "Virgem de Israel" da Cabala e à trindade *sophiãnica* da Mãe, da Filha e da Santa-Alma, das quais já falamos acima.

Também os atenienses tinham uma tríade feminina, que desempenhava o papel principal nos mistérios de Elêusis: Deméter, a Mãe; Perréfcne, a Filha, e "Atenas, a Salvadora" (Olympiodore, *Commentaire sur le Phédon,* Norvin, p. 111), tríade da qual Atenas era, ao mesmo tempo, a "comunidade de Atenas" ou a "alma de Atenas", análoga à "Virgem de Israel".

Entretanto, as analogias históricas e os paralelismos metafísicos, por si sós, não são suficientes para se atingir a certeza completa da intuição; é ao coração que pertence a última palavra. Eis, pois, "o argumento do coração" que, há vinte e cinco anos, manifestou-se decisivo para aquele que escreve essas linhas.

Não há nada mais necessário e mais precioso na experiência da infância humana do que o amor paterno. Nada mais necessário porque a criança só é viável se, desde os primeiros momentos de sua vida, for recebida no círculo dos cuidados do amor paterno ou, na falta dele, de seu substituto, a caridade. Nada mais precioso porque o amor paterno, experimentado na infância, é o capital moral de toda a vida. Durante a infância recebemos dois dotes para a vida, dois capitais que usaremos durante toda a vida, o capital vital biológico, que é o tesouro de nossa saúde e de nossa energia vital, e o capital moral, que é o tesouro da saúde de alma e de sua energia vital e a sua capacidade de amar, de esperar e de crer. O capital moral é a experiência do amor paterno que tivemos durante a infância. Essa experiência é tão preciosa que nos torna capazes de nos elevarmos às coisas mais sublimes, até mesmo às coisas divinas. É graças à experiência do amor paterno que nossa alma é capaz de se elevar ao amor de Deus - sem ele jamais poderia a alma entrar em relação viva com o Deus vivo - isto é, de amar a Deus. Ela não ultrapassaria a concepção abstrata do "arquiteto" ou da "causa primeira" do mundo. Porque é a experiência do amor paterno, e só ela, que nos torna capazes de *amar* o "arquiteto" ou a "causa primeira" do mundo como *nosso Pai* que está nos céus. O amor paterno traz em si analogias da alma que são verdadeiros sentidos - olhos e ouvidos da alma - para o Divino. Ora, a experiência do amor paterno é constituída de dois elementos, a experiência do amor materno e a do amor do pai. Uma e outra são igualmente necessárias e igualmente preciosas. Uma e outra nos tornam capazes de nos elevarmos ao Divino. Uma e outra significam, para nós, os meios de entrarmos em relação viva - isto é, de amarmos - com o Divino, que é o protótipo de toda paternidade e de toda maternidade.

O amor ensina do modo que lhe é próprio - com uma certeza que exclui toda dúvida - que o mandamento divino "honra teu pai e tua mãe" é realmente *divino,* isto é, que o seu alcance compreende tanto a terra como o céu. "Honra teu pai e tua mãe" se aplica, portanto, não só às coisas passageiras, mas também às coisas eternas. Tal é o mandamento revelado a Moisés no monte Sinai, tal é também o mandamento que emana das profundezas do coração humano. Devemos honrar o Pai que está nos céus *e a Mãe* celeste. Por isso os crentes praticantes da Igreja tradicional, isto é, da Igreja católica romana e da Igreja ortodoxa, pouco se preocupando com a diferença essencial, na teologia dogmática, entre o Pai e a Mãe celeste, amam e honram - em sua prática da oração - tanto a Mãe celeste como o Pai que está nos céus. Por mais que os teólogos dogmáticos ponham os crentes em guarda contra o "exagero" no domínio da mariologia, por mais que os críticos protestantes de-

nunciem o culto da Santa Mãe como "idolatria", os crentes praticantes da Igreja tradicional continuam, e continuarão, a honrar e a amar sua Mãe celeste como se ela fosse a Mãe eterna de tudo o que vive e respira. Se dizemos que o coração tem razões que a razão não conhece, podemos dizer também que "o coração tem dogmas que a razão teologizante não conhece". Com efeito, esse dogma do coração, aperar de não-formulado e reduzido ao domínio do inconsciente, exerce, não obstante, uma influência crescente sobre os guardiães da ortodoxia dogmática, de modo que erres são constrangidos a abandonar, no curso dos séculos, suas posições diante desse impulso irresistível. Nas formas litúrgicas e na prática da oração sancionada pelas autoridades eclesiásticas, o papel atribuído à Santa Mãe de Deus não cessa de crescer. A Rainha dos Anjos, a Rainha dos Patriarcas, a Rainha dos Apóstolos, a Rainha dos Mártires, doe Confessores, das Virgens, de todos os Santos, da Paz é também no texto das orações litúrgicas, Mãe de Deus, Mãe da divina Graça e Mãe da Igreja. E os crentes das Igrejas da Igreja grega ortodoxa cantam: "Mais honrada do que os Querubins, mais gloriosa do que os Serafins, tu, que és a verdadeira Mãe de Deus, nós te honramos"; ora, os Querubins e os Serafins pertencem à primeira hierarquia celeste, e só a Santíssima Trindade está acima dela. Esse "dogma do Coração" é tão poderoso que um dia terá o reconhecimento oficial da Igreja e será formulado. Porque foi assim que, no passado, todos os os dogmas da Igreja chegaram à promulgação: todos viveram primeiramente nos corações dos crentes, em seguida influenciaram sempre mais a vida litúrgica da Igreja, para finalmente serem promulgados como dogmas. A teologia dogmática (. a última etapa do caminho percorrido pelo dogma, que começa nas profundezas da vida das almas e termina cem a promulgação eolene. Esse caminho é exatamente o que se entende por "direção da Igreja pelo Espírito Santo". A Igreja o sabe, e sabe esperar - durante séculos, se necessário - o tempo de amadurecimento da obra do Espírito Santo.

Seja como for, seja qual for a duração do processo misterioso do nascimento do dogma elevando o amor materno ao nível da Santíssima Trindade, ele já está bem começado e agindo através dos séculos. Trata-se, em suma, sempre respeitando a lei da paciência e abstendo-se de toda tentativa de forcar as coisas, de cultivar os sentimentos e as idéias relativas ao amor materno divino e de meditar as antigas doutrinas herméticas que tiram O3 sentidos místico, gnóstico e mágico desse aspecto do amor divino, em outros termos, de meditar o mistério da Trindade Luminosa, cujo símbolo é o "selo de Salomão": ç ,

ou ainda o símbolo da Trindade desenvolvido no da

Trindade Luminosa: 6

O símbolo do desenvolvimento da Santíssima Trindade em Trindade Luminosa, isto é, o triângulo que se torna hexagrama, é, ao mesmo tempo, o sentido divino - o mais alto que conheço - do número nove. Precisaríamos de mais dez exercícios espirituais, depois da meditação

sobre o nono Arcano do Tarô, para ousarmos tratar do tema do desenvolvimento da Santíssima Trindade em Santíssima Trindade Luminosa.

Dissemos acima que na prática da oração e da vida litúrgica da Igreja, as grandes verdades se antecipam à sua promulgação como dogma. Também o mistério do número nove, o do desenvolvimento da Trindade em Trindade Luminosa, vive na prática da oração e do ritual da Igreja.

Refiro-me à prática, universalmente difundida na Igreja católica, da *novena,* cuja forma mais usual é o ato de oração que consiste num pai-nosso e em três ave-marias, repetidos durante nove dias. Quem faz novena se dirige, ao mesmo tempo, ao amor paterno do Pai (o painosso) e ao amor materno da Mãe (as *três* ave-marias) durante nove dias, na intenção de uma pessoa ou de uma causa. Que profundeza nessa prática tão simples! Na verdade, pelo menos para o Hermetismo, nela se manifesta a direção da sabedoria sobre-humana do Espírito Santo!

Igualmente vale do rosário, no qual o apelo aos dois aspectos do amor paterno divino, na prece dirigida ao Pai e à Mãe, se faz durante a meditação dos mistérios da Alegria, do Sofrimento e da Glória. O Rosário - pelo menos para o Hermetista - é obra-prima de simplicidade que encerra e revela coisas de profundeza inesgotável, obra-prima do Espírito Santo!

Caro Amigo Desconhecido, o Arcano "O Sol", que nos interessa aqui, é o arcano das crianças banhadas pela luz do Sol. Não se trata de encontrar coisas ocultas, mas de ver as coisas comuns e simples na luz do Sol e com um olhar de criança.

O décimo nono Arcano do Tarô, o arcano da *intuicão,* é o da *Ingenuidade* reveladora no ato do conhecimento, ingenuidade que torna o espírito capaz de intensidade, de olhar não perturbado pela dúvida nem pelos escrúpulos que ela gera, e capaz da visão das coisas tais como elas são à luz eternamente nova do Sol. Esse arcano ensina a arte de receber a impressão pura e simples que revela, por si mesma - sem hipóteses e superestruturas intelectuais - o que as coisas são. Tornar a impressão *numinosa* é o objetivo do Arcano "O Sol", o Arcano da intuicão.

· Compreendes, assim, caro Amigo Desconhecido, que, falando do amor paterno, de seus dois aspectos, da prática da novena e do rosário etc., não nos afastamos do tema do décimo nono Arcano do Tarô, bem ao contrário, uma vez que penetramos justamente em seu coração. Porque esforçamo-nos para passar da *compreensão* do que é a intuição para o seu *exercício,* da meditação sobre o Arcano da intuição para o emprego desse Arcano.

XX

O JULGAMENTO



O JULGAMENTO

"O estado cerebral continua a recordação e lhe dá oportunidade sobre o presente pela materialidade que lhe confere; mas a recordação pura é uma -maniiestação espiritual. Com a memória estamos verdadeiramente no domínio do espírito".
(Henri Bergson, *Matiêre et Mémoire,* p. 271).

"Como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer. Poraue o Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento ..."
(Jo 5,21-23)

Caro Amigo Desconhecido,

A lâmina que temos diante de nós tem o nome tradicional de "O Julgamento" e representa a ressurreição dos mortos ao som da trombeta do Anjo da Ressurreição. Trata-se, portanto, de exercício espiritual no qual o emprego intencivo da intuição - do décimo nono Arcano "O Sol" - deve ser levado ao máximo, sendo o tema da ressurreição da ordem das "últimas coisas", mas, mesmo assim, acessíveis ao conhecimento intuitivo.

Ora, as "últimas coisas" - ou o horizonte espiritual da humanidade - não são as mesmas para toda a humanidade. Para uns, tudo acaba com a morte do indivíduo e com a dissipação completa - o máximo de entropia - do calor do universo; para outros, existe um "além", uma existência do indivíduo após a morte e uma existência do universo imaterial depois do fim do mundo; para outros ainda, existem não só a vida espiritual depois da morte, mas também um retorno do indivíduo à vida terrestre, ou reencarnação, como há uma reencarnação cósmica ou alternação dos estados de *manvantara* e de *pralaia;* outros, ainda, vêem - para o indivíduo - alguma coisa que se situa além das reencarnações, a saber, o estado de nirvana. Enfim, para uma parte da humanidade, o horizonte existencial se estende não só para além da existência após a morte e a reencarnação, mas também para além da paz da união com Deus. É então a *ressurreição* que é o horizonte do espírito.

Foi nessa corrente judeu-cristã e iraniana - isto é, hoje, no Judaísmo, no Cristianismo e no Islã - que a idéia e o ideal da ressurreição

lançaram raiz. O aparecimento da idéia e do ideal da ressurreição é "como o relâmpago, que parte do oriente e brilha até o poente" (Mt 24,27); o profeta inspirado do Oriente, o grande Zaratustra, no Irão, e os profetas inspirados do Ocidente, Isaías, Ezequiel e Daniel, em Israel, anunciaram-nos quase simultaneamente.

"Então o Saoshyant restaurará o mundo, que daí por diante não envelhecerá nem morrerá mais, não conhecerá declínio nem enfraquecimento, mas viverá e se desenvolverá, dotado do poder de realizar a sua vontade, quando os mortos se levantarem, quando virem a vida e a imortalidade e quando o mundo for restaurado conforme à sua vontade (de Deus).

Tal é a idéia do *Ristakhez,* vale dizer, da Ressurreição, no *Zamyad Yasht* (R. P. Masani, *Le Zoroastrisme,* Paris, 1939, p. 113), ao passo que Isaías diz:

"Despertai e estremecei de alegria, habitantes do pó! Porque teu orvalho é um orvalho vivificante, e a terra dará novamente a luz às sombras" (26,19).

Quais são, então, a idéia e o ideal da ressurreição?

Algumas pessoas se acham perto do leito de um doente e dão suas opiniões sobre o seu estado.

Um diz: ele não está doente. A sua natureza se manifesta assim; esse seu estado é natural.

Outro diz: a sua doença é temporária e será seguida do restabelecimento da saúde. Os ciclos da doença e da saúde se seguem um após o outro. É a lei do destino.

O terceiro diz: A doença é incurável; ele está sofrendo em vão. É preferível pôr fim ao seu sofrimento e, por piedade, dar-lhe a morte.

Então o último toma a palavra: A sua doença é mortal. Ele não se restabelecerá sem auxílio externo. Será necessário renovar seu sangue, que está infectado. Vou aplicar-lhe uma sangria e, depois, uma transfusão; darei meu sangue para a transfusão.

Eis as quatro atitudes principais em relação ao mundo. A atitude pagã consiste em se aceitar o mundo como ele é. O "pagão", isto é, aquele que acredita que o mundo é perfeito e para o qual 'o mundo é o deus Cosmo, nega que o mundo esteja doente. Não houve queda da natureza. A natureza é a própria saúde e a própria perfeição.

A atitude do "naturismo espiritual", isto é, dos espíritos cujo horizonte se alargou além do estado presente do mundo e que reconhecem a evolução cíclica do mundo - evolução que se assemelha às "estações" do grande Ano cósmico -, consiste em que ele crê que a degeneração e a regeneração são cíclicas, que as "quedas" e as "reencarnações" do mundo se alternam como as estações do ano. Para o "naturismo espiritual", o mundo presente está "enfermo", sem dúvida, isto é, degenerado, mas se restabelecerá, isto é, se regenerará necessária e naturalmente, segundo a lei cíclica. Só resta esperar.

A atitude do "humanismo espiritual", isto é, a dos espíritos que se elevam acima da ciclicidade pura e simples do "naturismo espiritual" e que protestam, em nome do ser individual, contra a cadeia interminável da cíclicidade - seja das "estações" do mundo, seja das reencarnacões individuais - vendo nela a escravizacão e o sofrimento intermináveis do ser humano, consiste na *negação* ;adical da natureza presente, passada e futura, espiritual e material, cíclica e única. A vida é sofrimento; seria, portanto, cruel e desumano prolongá-la. A salvação humana, como a dita a piedade, consiste em cortar definitivamente todos os laços do espírito humano com o mundo e sua ciclicidade.

A cosmolatria do paganismo ingênuo é o ponto de vista da primeira personagem de nossa parábola, daquele que diz: ele não está doente. O "naturismo espiritual" do paganismo esclarecido é o ponto de vista da segunda personagem, aquele que diz que a doença é episódio cíclico. A negação do mundo do "humanismo espiritual" é expressa pela terceira personagem, que diz: sendo a doença incurável, é melhor que o doente morra.

Essas três atitudes em relação ao mundo - historicamente manifestadas pelo Helenismo pagão, pelo Bramanismo hindu e pelo Budismo - se distinguem da quarta, isto é, da intervenção ativa para a realização da obra de purificação e regeneração do mundo; porque àqueles faltam o *impulso e a fé terapêuticos,* enquanto a atitude que se manifesta historicamente nas religiões proféticas (iraniana, judaica e islâmica) e na religião da salvação (do cristianismo), nas quais a *renovação* do mundo é a força motriz e a meta final, é essencialmente *terapêutica.* É a quarta personagem de nossa parábola - a que *age* e cura o doente mediante a transfusão de seu sangue - o qual representa a *atitude cristã,* que compreende e realiza as atitudes das religiões proféticas. O ideal cristão é a renovação do mundo, "o novo céu e a nova terra" (Ap 21, 1), ou seja, a Ressurreição Universal.

A idéia e o ideal da Ressurreição vão mais longe do que a negação da natureza, como no caso do "humanismo espiritual" ou Budismo. Eles significam sua transformação completa, a obra alquímica de envergadura cósmica, de transmutação da natureza tanto material como espiritual do "céu" e da "terra". Não existem idéia e ideal mais arrojados, mais contrários a toda experiência empírica, mais chocantes para o senso comum do que os da Ressurreição. Com efeito, a idéia e o ideal da Ressurreição pressupõem força de alma que a torna capaz não só de libertar-se-da influência hipnotizante da totalidade dos fatos empíricos - isto é, de se separar do mundo, de se decidir a tornar-se espírito motor em lugar de espírito movido, de participar ativamente do processo da evolução' do mundo - mas também de se elevar até à participação da consciência na obra da Magia Divina, na operação mágica de envergadura cósmica, cuja meta é a Ressurreicão.

A idéia, o ide;l e a obra da Ressurreição comportam a "quinta ascese". Existe a "ascese natural", que consiste em moderar os desejos

para se manter a *saúde;* existe a "ascese do desapego", que é a do espírito consciente de si mesmo e de sua imortalidade em face das coisas passageiras e de menor valor, para manter a *liberdade;* existe a "ascese do devotamento", a do amor de Deus, na qual quem ama se despoja de tudo o que se interpõe entre ele e o Amado, para conseguir a *união;* existe a "ascese de travessia", da participação ativa na evolução, isto é, o trabalho e o esforço humanos dirigidos para a *perfeição;* existe finalmente a "ascese da Magia Divina", a da Grande Obra da *Ressurreição,* que compreende e coroa todas as outras "asceses", uma vez que a obra da Magia Divina pressupõe a *união* com a vontade divina, a realização e a ultrapassagem da evolução, a liberdade completa do espírito e a ação terapêutica compreendendo toda a natureza.

A idéia, o ideal e a obra da Ressurreição fazem apelo ao que há de mais criativo, de mais generoso e de mais corajoso na alma humana. Porque convidam a alma a se tornar instrumento consciente e ativo da realização - nem mais nem menos do que - de um *milagre* de abrangência cósmica. Eis quanta fé, quanta esperança e quanto amor implicam a idéia, o ideal e a obra da Ressurreição! Em face da idéia da Ressurreição, não há como não recordar-se das palavras de são Paulo:

> *"Onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde está o argumentador deste século? Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que crêem"* 1 Cor 1,20-22).

A loucura da pregação. A idéia, o ideal e a obra da Ressurreição devem ainda hoje, após dezenove séculos, ser qualificados de loucura da pregação? Após dezenove séculos de esforço e de evolução do pensamento humano religioso, filosófico, científico e - *last not least* - hermético? Depois de santo Agostinho, de santo Alberto Magno, de santo Tomás de Aquino, de são Boaventura, depois dos grandes místicos, dos mestres alquimistas, da plêiade de filósofos idealistas, do evolucionismo científico, depois da física da profundeza e da psicologia do profundo, depois de Henri Bergson, de Teilhard de Chardin e de Jung?

Em outros termos, o pensamento humano, dotado de boa vontade, depois de dezenove séculos de pesquisa, não está mais bem equipado para ver na idéia, no ideal e na obra da Ressurreição *mais* do que a "loucura da pregação"?

Uma meditação honesta e profunda sobre a idéia, o ideal e a obra da Ressurreição - isto é, sobre o vigésimo Arcano do Tarô - é o único meio para darmos uma resposta a essa interrogação.

Observemos primeiramente a contextura da lâmina do Arcano. Tanto o Tarô de Marselha (1761) como o de Fautriez (1753-1793) e o de Court de Gébelin representam um homem e uma mulher *contemplando* a ressurreição de *terceira* pessoa, um adolescente. A lâmina representa

uma espécie de "paralelograma das forças ressuscitantes": o Anjo com a trombeta no alto, o amor paterno do pai (à direita) e da mãe (à esquerda), e, em baixo, o surgimento do ressuscitado de um túmulo aberto. O homem e a mulher estão fora do túmulo; o ressuscitado - um adolescente - é seu filho. Temos, então, diante de nós o seguinte para-
lelograma: Anjo

Mãe $p,;

Filho

Essa figura geométrica, tirada da lâmina do vigésimo Arcano, põe em relevo a composição das forças que realizam a Ressurreição: o som da trombeta do Anjo, o amor paterno e materno e o esforço do adolescente ressuscitado para endireitar-se. É a mesma composição das forças operantes que encontramos na ressurreição de Lázaro, em Betânia (Jo 11), na qual Jesus fez ao mesmo tempo o papel do Anjo, do Pai e da Mãe.

> *"Jesus chorou. Diziam, então, os judeus: 'Vede como ele o amava! ... ' Comoveu-se de novo Jesus e dirigiu-se ao sepulcro. Era uma gruta, com uma pedra sobreposta. Jesus disse: 'Retirai a pedra! ... ' Retiraram, então, a pedra. Jesus gritou em alta voz: 'Lázaro, vem para fora!' O morto saiu, com os pés e as mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus lhes disse: 'Desatai-o e deixai-o ir embora' ".*

Ao chorar, Jesus manifestou o amor terno da Mãe: comovendo-se de novo, indo ao sepulcro e dizendo "retirai a pedra", mostrou o amor ativo do Pai: e gritando com voz forte "Lázaro, vem para fora", soa a trombeta, substituindo o Anjo da Ressurreição. A voz forte que gritou "Lázaro, vem para fora", foi o som da trombeta da Ressurreição que transformou em apelo mágico o amor da Mãe e do Pai.

A magia da Ressurreição, tema do vigésimo Arcano do Tarô, é, portanto, a do som da Voz do amor da Mãe e do Pai unidos. Como o Pai e a mãe terrestres dão a vida ao filho, quando de sua encarnação, enquanto o Anjo da Vida soa a trombeta para chamar sua alma à encarnação - e a "trombeta", formada por suas asas em tubo, está então voltada para o alto - também o Pai e a Mãe celestes restituem a vida ao filho quando de sua ressurreição, enquanto o Anjo da ressurreição soa a trombeta para chamar *sua alma e seu corpo* para a ressurreição - e a "trombeta", . com suas asas em tubo, estará então voltada para baixo.

O esquecimento, o sono e a morte são opostos à recordação, ao estado de vigília e ao nascimento; o esquecimento, o sono e a morte são membros de uma mesma família. Dizemos que o sono é o irmão mais novo da morte: poderíamos dizer também que o esquecimento é o irmão mais novo do sono. O esquecimento, o sono e a morte são

três graus de uma só coisa, isto é, do processo de eliminação de um ser consciente e vivo. Devemos notar que a história da ressurreição de Lázaro, que citamos há pouco, menciona também a cadeia esquecimento-sono-morte, como podemos ver pelo trecho seguinte:

"Ora, Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro. Quando soube que este se achava doente, permaneceu ainda dois dias no lugar onde se encontrava ... (depois) lhes disse: 'Nosso amigo Lázaro dorme, mas ·vou despertá-lo' ... Então Jesus lhes falou claramente: 'Lázaro morreu' ... Tomé, chamado Didimo, disse então aos outros discípulos: 'Vamos também nós, para morrermos com ele' " (Jo 11,5-16).

Tomé disse isso por ter compreendido que o Mestre tinha permitido que o esquecimento (permanecendo ainda dois dias no lugar, depois de ter ficado sabendo que Lázaro estava doente), o sono (" Lázaro dorme") e a morte realizassem sua obra. Se essa era a vontade do Mestre, que amava tanto a Lázaro, seria melhor para os discípulos morrerem também com Lázaro. Tomé não se enganava: o Mestre, neste caso, dera plenos poderes ao esquecimento, ao sono e à morte. Donde a conclusão: vamos também, para morrermos com Lázaro.

Consideremos agora mais de perto as duas cadeias analógicas opostas: a do esquecimento, do sono e da morte, de um lado, e a da recordação, do despertar e do nascimento, do outro, a fim de adquirirmos os instrumentos conceituais que nos permitam abordar o mistério da Ressurreição.

Sabemos que nossa consciência pessoal, a consciência que temos todos os dias, no estado de vigília, durante dezesseis horas, é apenas pequena parte da totalidade de nos:.a consciência. Ela é apenas uma fatia do conjunto, um ponto *focal da ação,* isto é, do julgamento, da palavra e do fato.

Com efeito, em cada momento, o conteúdo de nossa consciência no estado de vigília é limitado ao que tem relação com o que estamos julgando, dizendo ou fazendo, ou que estamos para julgar, dizer ou fazer. O resto, isto é, tudo o que não tem relação com a ação interior ou exterior. não está presente em nossa consciência e se acha "alhures". Porque a ação comporta a *concentração* da consciência, isto é, a seleção da totalidade das imagens e dos conceitos de nossa consciência que nos interessam em vista da ação. Assim, tudo o que sabemos a respeito da astronomia, da química, da história e da jurisprudência está ausente e se acha relegado às trevas do esquecimento temporário, como, por exemplo, quando conversamos com o jardineiro sobre nosso jardim. Para agir é necessário esquecer.

Em contrapartida, a ação exige que busquemos nas trevas do esquecimento temporário todas as imagens da memória e todos os conceitos do saber que puderem ser úteis. Para agir é necessário lembrar-se.

Esquecer é, pois, reenviar as coisas que não nos interessam para as trevas da memória latente; e lembrar-se das coisas é chamá-las de

volta à consciência de si ativa, porque elas nos interessam, é fazê-las surgir das trevas da memória latente. É evidente, portanto, que, quando nos lembramos ou nos esquecemos das imagens e dos conceitos, eles não nascem nem morrem, mas se apresentam ao nosso espírito ou se afastam dele. Ser dotado de "boa concentração" significa a faculdade de expulsar depressa ou completamente todas as imagens e todos os conceitos inúteis para a ação. É o domínio da arte de esquecer.

Ser dotado de "boa memória", ao contrário, designa o domínio do mecanismo da recordação, que *torna presentes* as imagens e os conceitos dos quais temos necessidade. É o domínio da arte de lembrar-se.

Existe, então, vaivém contínuo entre a consciência ordinária do estado de vigília (ou consciência cerebral) e o domínio da memória. O "vai" corresponde à ação de adormecer e de morrer. O "vem" corresponde ao despertar e à *ressurreição.* Toda representação que deixa o campo da consciência cerebral experimenta sorte análoga à que é enunciada pelas palavras: "Lázaro, vem para fora!"

A *memória* nos fornece, pois, a chave da analogia que permite à inteligência não permanecer simplesmente impedida em face do problema da ressurreição. Ela o torna inteligível.

Com efeito, a analogia entre "a voz forte" que chamou Lázaro para a vida e o esforço interior que evoca uma recordação revela, com as devidas mudanças, a essência da magia da "voz forte" de Jesus e do "som da trombeta" do Anjo da Ressurreição. É disso que se trata.

A experiência nos ensina que nos ecquecemos facilmente e nos lembramos com dificuldade das coisas às quais damos pouca importância ou que não amamos. Esquecemo-nos do que não amamos e jamais nos esquecemos do que amamos. O amor nos dá o poder de nos lembrarmos, no momento desejado, das coisas que nosso coração conserva "quentes". A indiferença, ao contrário, faz esquecer tudo.

O mesmo se dá com o "despertar e com a ressurreição dos mortos".
A indiferença cósmica (que chamamos "matéria"), nesse caso, não tem nenhuma influência, mas o amor cósmico (que chamamos "Espírito") realizará o ato mágico da ressurreição, isto é, a reintegração da unidade inseparável do espírito, da alma e do corpo, não mediante nascimento (reencarnação), mas por meio do ato mágico da Memória Divina.

Que podemos dizer da Memória Divina?

O conjunto tanto do pensamento de Henri Bergson como da experiência clínica da neuropatologia moderna estabelece como certo que, na realidade, nada é esquecido da vida psíquica humana e que as coisas ditas "esquecidas" se encontram na parte inconsciente (isto é, extracerebral) da vida psíquica Existe uma memória completa nas profundezas do inconsciente, onde nada é esquecido.

O ser humano, o microcosmo, não esquece nada; o macrocosmo, o mundo, também não esquece nada. O que a literatura ocultista chama de "crônica de Akasha" está para a história que se está desenrolando como a memória do eu consciente em ação está para a memória total do inconsciente psíquico. A "crônica de Akasha" é a analogia macrocósmica

da memória total inconsciente (melhor, extraconsciente) microcósmica. E como a memória total psíquica não é inativa e afeta muitas vezes a saúde psíquica, também a "crônica de Akasha" desempenha muitas vezes papel decisivo no desenrolar da história universal.

Esses dois termos analógicos - "memória total psíquica" do indivíduo e "memória cósmica" ou "crônica de Akasha" - são muito gerais. Devemos distinguir e especificar - o que quase não fazem a psicologia das profundezas e a literatura ocultista. Com efeito, uma e outra tratam a "Memória total psíquica" e a "crônica de Akasha" *em bloco,* como se fossem unidades uniformes e homogêneas, sem diferenças e contrastes interiores. Existem, contudo, diferenças e contrastes mesmo aquém de cada um de seus domínios. Na "memória total psíquica" devemos distinguir entre o *quadro* puro e simples do passado inteiro, a *estrutura* ou o "quadro lógico" do passado e o *caminho* percorrido ou o "quadro moral" do passado. Esses três "quadros" da memória psíquica correspondem às três espécies de memória conhecidas de nossa vida consciente: a memória automática, a memória lógica e a memória moral. A "memória automática" é a faculdade psicofísica de reproduzir na imaginação, quase automaticamente, graças ao funcionamento de mecanismos de associação, todos os *fatos* do passado como uma matéria prima à disposição do eu consciente, a fim de que ele a use e tire dela os elementos dos quais tem necessidade. O quadro do passado apresentado pela "memória automática" ou puramente associativa é indiferente no que ce se refere à lógica e à moral: ele é um complexo dos fatos do passado que se desenrolam diante do olho interior como um filme cinematográfico sonoro e em cores. Cabe ao espectador, isto é, ao eu consciente, escolher nele os fatos imnottantes e 9erti.nente•s..
A "memória automática" é o trunfo da infância e da juventude. Graças a ela, as crianças e os jovens podem aprender a enorme quantidade de coisas de que têm necessidade, com a facilidade e a rapidez prodigiosa própria de sua idade. O mesmo não se dá com a pessoa que atingiu a idade madura; a sua "memória automática" se enfraquece à medida que a idade avança. A pessoa de idade madura perceberá que não pode mais confiar em sua memória automática como dez ou quinze anos antes, que já deve fazer algum esforço para preencher os vazios, cada vez mais freqüentes. Nessa altura o esforço lógico vem em socorro do funcionamento quase automático do mecanismo associativo deficiente. Então o encadeamento de causa e efeito substitui, aos poucos, o jogo automático das associações. O quadro quase fotográfico do passado na memória passa a ser substituído cada vez mais pelo quadro dos fatos pertinentes unidos entre si por relação lógica.

A "memória lógica", na qual a força evocadora do passado é a inteligência, e não mais o automatismo irracional do jogo das associações, forma um quadro do passado segundo as linhas dos encadeamentos que a inteligência acha pertinentes. As coisas são recordadas não porque aconteceram, mas porque *desempenharam papel* cujos efeitos se prolongam no presente.

Em seguida, a "memória lógica", que substituiu a memória automática, cede a supremacia à "memória moral".

A "memória moral" apresenta um quadro do passado cuja contextura assinala os fatos e seu encadeamento não enquanto aconteceram, nem enquanto desempenharam papel logicamente pertinente, mas sobretudo enquanto revelam *sentido e valor morais.* Na velhice, a "memória moral" substitui cada vez mais a "memória lógica", e a força da memória depende então da intensidade da vida moral e espiritual. E como não há nada no mundo que seja tão insignificante ou tão elevado que esteja abaixo ou acima dos valores morais e espirituais, a "memória moral" na velhice de uma pessoa de coração desperto pode, em princípio, desempenhar, sem falhas, todas as funções da "memória automática" e da "memória lógica".

Ora, a tríplice memória macrocósmica, a tríplice "Crônica de Akasha" corresponde à tríplice memória microcósmica: à "memória autemática ", à "memória lógica" e à "memória moral". Existem, com efeito, *três* "crônicas de Akasha ", embora a literatura ocultista mencione apenas uma, da qual se costuma falar como de uma espécie de filme cinematográfico do passado do mundo, desenrolando-se diante dos olhos daquele que vê as coisas e os acontecimentos como se deram, em todos os seus pormenores, com exatidão quase fotográfica.

Essa crônica, que, aliás, existe, tem característica singular: quanto mais penetra no passado, mais ela manifesta duas tendências contrárias, a saber, uma subida para as esferas superiores e, simultaneamente, uma descida para as esferas inferiores. Poderíamos dizer que ela se divide em duas partes, uma elas quais se dirige para o alto e a outra para baixo:

Passado Akasha :30 Imagem de

Existem dois processos na "crônica de Akasha": ela se espiritualiza *e* se concretiza ao mesmo tempo, à medida que se afasta do presente no passado. Poderíamos comparar esses processos com o que acontece no outono: as folhas se separam da árvore e caem, mas a árvore, reduzida ao essencial de sua forma, desenha-se em linhas mais austeras e mais precisas sobre o fundo do céu.

Trata-se, com efeito, de procesco comparável ao da *abstração.* Como no processo de abstração tudo o que não é essencial é descartado, do mesmo modo na "Crônica de Akasha" é feita seleção do essencial: com isso destaca-se nova "Crônica de Akasha " espiritualizada, enquanto os "resíduos", como as folhas mortas, constituem outra "Crônica de Akasha ", a crônica interior, a qual desce de esfera em esfera até chegar à esfera subterrânea.

A "Crônica de Akasha" que se apresenta inicialmente como una e indivisa, parte-se então em *duas* "crônicas" distintas, situadas em esferas diferentes. Uma é essencialmente de caráter *qualitativo,* e a outra, de caráter *quantitativo.* Is:::o significa que a "crônica superior"

só retém os fatos-símbolo, os fatos-tipo, representativos de uma sene inteira, com abstração de seu número, enquanto a "crônica inferior" é constituída precisamente por essas séries de fatos, rejeitados como inúteis pela "crônica superior".

Assim, como a "memória lógica" separa-se da "memória automática" e a substitui na idade madura, na vida individual, do mesmo modo a "crônica superior" separa-se da "crônica de Akasha" e substitui o que se torna "crônica inferior" e desce para a esfera subterrânea.

A "crônica superior" é a memória inteligente da história do mundo. Ela é o "Livro da Verdade" que pode não só ser lido, isto é, visto, mas também "comido", vale dizer, assimilado, de modo a tornar-se sempre presente em nós, Livro que "é amargo para o ectômago daquele que o devorou, mas doce como o mel em sua boca" (Ap lU,10). O outro livro, o "Livro dos Arquivos" ou "Livro dos Fatos", não está ligado à iniciação e não pode ser "devorado"; dele podem-se tirar informações somente por processos como os da psicometria e da clarividência mediúnica ou por intermédio dos seres que têm acesso à região subterrânea, na qual ele se encontra.

Existe outro "Livro", o "Livro da Vida", do qual diz o Apocalipse:

> *"Abriram-se livros. Também foi aberto outro livro, o .da vida. Os mortos foram então julgados conforme sua conduta, a partir do que estava escrito nos livros"* (Ap 20,12).

O "Livro da Vida" é a *terceira* "Crônica de Akasha", a qual corresponde à "memória moral" da vida individual humana. Ela só contém o que é de valor eterno, o que é digno de viver eternamente, *o que é digno da Ressurreição.*

A terceira "Crônica de Akasha" ou o "Livro da Vida" contém o passado só enquanto ele tem relação com o futuro, e o futuro só enquanto ele tem relação com a eternidade.

Mas não creias, caro Amigo Desconhecido, que a terceira "Crônica de Akasha" ou o "Livro da Vida" seja constituído somente de "grandes coisas", que nele não se encontrem coisas da vida "cotidiana" ou "comum". Não há nada no mundo que seja tão insignificante que esteja abaixo do valor moral (isto é, eterno), ou tão elevado que esteja acima dele. Essa "crônica" contém de fato, mais de uma coisa considerada "pequena", mas que é grande no contexto da vida moral. Encontram-se nela, por exemplo, textos completos dos manuscritos confiados aos quatro ventos e talvez caídos nas mãos de alguém que eles ajudarão a crescer. Ouve-se nela a prece trazida pelo último suspiro de um moribundo, conhecido como ateu e agnóstico, a prece que ninguém ouviu e pela qual ninguém esperava. Nela se vê o reluzir das pequenas moedas deixadas pelas "pobres viúvas" nos "cofres dos templos" bem como várias outras coisas consideradas pequenas pelo mundo.

O "Livro da Vida" é, portanto, a memória moral do mundo. Ele não contém os pecados perdoados e expiados. O perdão e a expiação trazem mudança no "Livro da Vida" ou na "terceira Crônica de Aka-

sha ". *Por isso ele é constantemente modificado,* escrito e reescrito todos os dias. Porque, como na memória moral individual são canceladas e conscientemente esquecidas as contas daqueles aos quais elas foram perdoadas, do mesmo modo os pecados perdoados e expiados são apagados do "Livro da Vida". A memória divina *esquece* os pecados perdoados e expiados.

A terceira "crônica de Akasha" ou o "Livro da Vida" é a essência do *Carma.* Depois da Encarnação de Cristo, o Carma se tornou assunto do Senhor do Carma, o qual é Jesus. Porque Jesus não só *pregou* a Nova Lei em substituição à Antiga Lei do "olho por olho e dente por dente", mas também a *cumpriu* em escala cósmica, elevando o "Livro da Vida" acima dos "livros de contas" da justiça estrita. Por isso o Carma não é só a lei das causas e dos efeitos, a qual opera de encarnação em encarnação, mas também e principalmente o meio de salvação, isto é, o meio de se efetuarem novas inscrições no "Livro da Vida" e de se apagarem outras. O sentido cósmico do sacramento do Batismo é o ato de passagem da alma do Carma antigo, isto é, da "lei dos acertos de contas", para o Carma novo, para a lei do perdão do "Livro da Vida". É essa verdade que confessamos quando recitamos as palavras do Credo: *confiteor unum baptisma in remissionem peccatorum* ("reconheço um só batismo para a remissão dos pecados"). Porque a remissão dos pecados significa o seu cancelamento da "terceira Crônica de Akasha ", do "Livro da Vida".

As trêsCrônicas de Akasha" se encontram em esferas diferentes:

Crônica moral

Crônica lógica

Crônica dos fatos

É principalmente da primeira crônica, da dos fatos, que as entidades das hierarquias da esquerda, isto é, as da justiça estrita, tiram as provas para as suas acusações. Ela é o arquivo dos procuradores cósmicos.

A segunda crônica, a crônica lógica, é, por assim dizer, o conjunto dos relatórios do debate milenar entre os procuradores e os advogados cósmicos, isto é, entre as hierarquias da esquerda e as da direita ou entre o Bem e o Mal. A segunda "Crônica de Akasha" indica, para cada momento, o *equilíbrio* entre o Bem e o Mal no mundo.

A terceira "Crônica de Akasha" é a fonte da força serena das hierarquias da direita: ela contém as razões que vêm em apoio de sua fé na justiça da causa da evolução do mundo e da humanidade bem como na última salvação universal. A terceira crônica diz respeito à Ressurreição, à reintegração dos seres, ao passo que a segunda é a história do equilíbrio, isto é, do Carma do mundo, do equilíbrio entre o Bem e o Mal. A primeira crônica - a dos fatos puros e simples - fornece os pontos de apoio aos argumentos das hierarquias de direita, que não

crêem na humanidade e a acusam em todos os pontos em que está sujeita a censuras.

Leibnitz enunciou a fórmula clássica do otimismo filosófico mais radical: "Este mundo é o melhor de todos os mundos concebíveis". Esse otimismo radical de um homem que, em sua vida pessoal, foi mais infeliz do que muitos outros, seria incompreensível, se sua experiência noturna da "terceira Crônica de Akasha " não fosse levada em consideração. Ê necessário assinalar de modo especial que algumas pessoas (seu número não importa) são admitidas às vezes à leitura do "Livro da Vida", isto é, que durante o sono a "terceira Crônica de Akasha" é mostrada a eles. Essas pessoas devem esquecer essa experiência em sua consciência diurna, porque ela não poderia suportar tal acréscimo de conhecimento, mas o que lhes resta é um resumo psíquico, penhor da força da fé otimista como, por exemplo, a de Leibnitz. Seu otimismo era resíduo, na consciência diurna, do conhecimento noturno esquecido.

Pode acontecer igualmente que alguém tenha a experiência noturna da leitura da "segunda Crônica de Akasha ". Daí resulta a convicção inabalável, formulada, por exemplo, por Fr. Schiller, segundo a qual "a história do mundo é o julgamento do mundo" *(Die W eltgeechichte ist das Weltgericht),* em outras palavras, a história do mundo está em julgamento perpétuo ou em *Carma,*

Não só existem diversas "Crônicas de Akasha" como também elas podem ser experimentadas ou "lidas" de *diversas maneiras.* Podemos "ver" a Crônica, podemos "ouvi-la", podemos "estar assentados" ou "mergulhados" nela. Isso significa que partes da "Crônica de Akasha" podem ser objeto de visão ou ser entendidas como obra dramática ou musical, ou ainda que podem tornar-se parte integrante ou estrutural do espírito e da alma daquele que as experimenta. Ele se identifica com ela enquanto ela vive e age nele. Essa é a significação da passagem do *Apocalipse* de são João (10,10), na qual ele diz que um livro foi *devorado* e era amargo para o estômago daquele que o devorou, mas "doce como mel na sua boca". Porque é característico da experiência *intuitiva* da segunda "Crônica de Akasha" ocasionar estado de depressão psíquica, devido à importância de seu conteúdo, mas essa depressão se transforma em alegria logo que a experiência intuitiva é percebida e compreendida pela inteligência, isto é, quando ela se torna "palavra articulada". Então ela é "doce como o mel na boca".

Seja qual for a maneira de se ler a "leitura da Crônica de Akasha ", trata-se sempre de partes ou de extratos, porque nenhum espírito humano - mesmo desencarnado - poderia suportar o *todo.* Seria necessário ter a estatura espiritual do Arcanjo Miguel para poder suportar toda a "segunda Crônica de Akasha ", e a estrutura do Querubim Guardião da Porta do Paraíso para suportar toda a "terceira Crônica de Akasha".

Assim, pois, as experiências da "Crônica de Akasha", de ocultistas, esoteristas, místicos e hermetistas são sempre parciais. Em regra geral, sua extensão suportável é maior na experiência intuitiva, diminui na

experiência inspirativa e é mais limitada ainda na experiência visionária. Fabre d'Olivet, por exemplo, fundou sua obra, *Histoire philosophique du genre humain,* em certo número de visões ou de cenas da "segunda Crônica de Akasha ". São extratos, algumas páginas de um livro volumoso, e é sua especulação intelectual que estabelece a ligação entre as cenas isoladas de suas visões e preenche as lacunas entre o que foi e o que não foi visto. Por isso, com razão deu ele à sua obra o título de *Histoire philosophique du genre humain,* porque o essencial dela se deve à sua filosofia, isto é, à interpretação e à especulação inteíectuais. Seria grave erro considerar o livro de Fabre d'Olivet como *revelação* ou exposição pura e simples do que ele leu na "Crônica de Akasha". Encontramos nela não só passagens inituenciadas pelas preferências do autor, mas também preconceitos (contra o cristianismo, por exemplo). Mas isso não põe em causa reu mérito de ter sido o "anjo da tradição" no começo do século XIX e de ter despertado - e salvo, talvez - alguns aspectos importantes da Tradição hermética. Porque ele foi o primeiro a elevar a História ao nível do Hermetismo, ao qual, até então, escapava com muita evidência a visão da história do mundo. Antes de Fabre d'Olivet, o aspecto místico - a grande obra alquímica, a obra interior do homem novo e a da Magia Sagrada ---*z* desempenhava o papel principal no Hermetismo. Graças a ele, desencadeou-se uma corrente de *história esotérica,* cujos representantes foram Saint-Yves d'Alveydre, Blavatzky e Rudolf Steiner, para só citarmos os mais conhecidos. Porque, embora desde o tempo de Fabre d'Olivet, o historismo esotérico tenha conhecido desenvolvimento inaudito e tenham sido publicadas obras grandiosas - por exemplo, sobre *La Chronique de l'Akasha* e os capítulos da história cósmica de *La Science Occulte* do Dr. Rudolf Steiner *(Aus der Akasha-Chronik; Geheimwissenschaft im Umriss)* - o que acabamos de dizer da obra de Fabre d'Olivet se aplica também aos seus sucessores. Seja qual for a extensão de sua experiência e de seus esforços para fazê-la valer, a experiência da "Crônica de Akasha" é fragmentária. Cada um dos autores da história esotérica preenche as lacunas de sua experiência recorrendo à inteligência e à erudição de que dispõe.

Hoje a situação do historicismo esotérico é tal que não se pode jurar sobre uma obra particular, sendo necessário apoiar-se no *trabalho coletivo* prosseguido de geração em geração, isto é, na *tradição viva,* na qual cada um continua o trabalho desses predecessores, para confirmação da verdade, preenchimento das lacunas e correção dos erros de interpretação ou de visão. Hoje ninguém mais deveria "recomeçar tudo de zero" no domínio da história esotérica, ainda que fosse o mais profundo dos videntes e o maior dos pensadores. Daqui para frente, tratar-se-á não de clarões isolados de gênio, mas de esforço coletivo permanente da *tradição,* o que significa o crescimento lento, mas contínuo, da luz cuja aurora foi obra de Fabre d'Olivet.

Caro Amigo Desconhecido, tu. que lês essas linhas escritas em 1965, depois de uns 50 anos de esforço e experiência no domínio do

Hermetismo, não as vejas, peço-te, como -simples voto em favor do progresso do historicismo hermético, mas como testamento que faz de ti, leitor dessas linhas, o mandatário de tal tarefa, contanto que a aceites. Faze o que julgares acertado, mas, rogo-te, não faças uma só coisa, a saber, não fundes uma organização, associação, sociedade ou ordem para cuidar dela. Porque a Tradição vive não graças às organizações, mas apesar delas. Devemos contentar-nos com a amizade pura e simples para preservarmos a *vida* de uma tradição; não devemos confiá-la aos cuidados dos embalsamadores e mumificadores por excelência que são as organizações, salvo aquela que foi fundada por Jesus.

Voltemos à "Crônica de Akasha". Como vês, ela pode revelar-se quer aguda como ponta de flecha, tais as afirmações de Leibnitz e Schiller: "Este mundo é o melhor dos mundos concebíveis" e "A história do mundo é o julgamento do mundo", quer ainda em séries de quadros ou de peças dramáticas que dão origem a obras sobre a história esotérica do mundo e da humanidade. Seja qual for o modo de sua revelação, resumo ao máximo ou desdobramento quase ilimitado, seu *efeito* é sempre o mesmo: o otimismo cósmico (a fé do Pe. Teilhard de Chardin) e o senso ampliado da responsabilidade histórica (preocupação de Carl Gustav Jung). Em outros termos, o resultado é o mesmo, seja que tenhamos a visão dos longos extratos da Crônica em nossa consciência diurna, seja que não tenhamos nada mais do que o resumo psíquico, resíduo da experiência da Crônica experimentada pela consciência noturna durante o sono. A experiência da "terceira Crônica" (do "Livro da Vida") sempre tem por efeito que a crença em Deus e na salvação universal última, inclusive na Salvação do Diabo (a fé de Orígenes!) se torna inabalável; toda experiência da "segunda Crônica" (a do Carma do mundo) sempre tem por efeito despertar e intensificar o sentido da responsabilidade individual em face da sorte universal (é o sentido subjacente à crença em "dez justos que justificam o mundo"!)

A experiência da primeira Crônica (o "filme que reproduz o passado com todos os seus pormenores") pode ser comparada à espionagem organizada: ela fornece grande quantidade de informações úteis e inúteis misturadas, cujos sentido e encadeamento lógico ainda devem ser procurados, a fim de que se possa fazer trabalho que é essencialmente o mesmo que o do jornalista treinado ou do historiador, testemunha ocular de acontecimentos recentes. Essa "Crônica" não ensina quase nada; ela informa. Fornece uma massa de fatos, sem nenhuma seleção e talvez sem relação com o problema que interessa. A alma humana que faz a experiência da "primeira Crônica" se encontra e se sente perdida diante de número excessivo de fatos não compreendidos e até incompreensíveis.

Isso é o essencial da "Crônica de Akasha". E o essencial desse ~~.dal la %1J..li WiilJ,i.a, xak diz~x. Q, ~foi.t.Q, ,,i.,cWR-w.t&- ~ ~'i,~~tw.t&- ~(.{t ela produz quando se torna resumo de resumo. Porque, por mais vasta seja a "Crônica", ela pode ser concentrada numa só palavra, num só som mágico. E essa concentração mágica da "Crônica de Akasha ", da Memória do Mundo, é precisamente a *Trombeta* do Anjo que figura

no "paralelogramo das forças ressuscitantes" representadas pela lâmina do vigésimo Arcano do Tarô.

A trombeta do Anjo é a "Crônica de Akasha" inteiramente concentrada numa só palavra ou num só som, despertante, vivificante e ressuscitante. Em geral o símbolo da trombeta tem relação com a concentração mágica dos conteúdos místicos e gnósticos. Ele significa sempre a transformação de um mundo de experiência mística e de conhecimento gnóstico em ação mágica. No simbolismo hermético, a "trombeta" é a Mística e a Gnose tornadas Magia.

O "paralelogramo das forças" que efetuam a Ressurreição como representado pelo vigésimo Arcano Maior do Tarô é constituído, portanto, das forças seguintes: o amor paterno e materno, o som da Trombeta do alto, isto é, o resumo mágico da "Crônica de Akasha ", e o esforço do ressuscitado para endireitar-se. Depois de nos termos ocupado das três forças do paralelogramo do Arcano - o amor do Pai, o amor da Mãe e o "Som da Trombeta" - devemos aprofundar-nos na meditação da quarta força, a da reação ativa à ação das três forças que foram objeto de nossa meditação.

Os problemas levantados dizem respeito ao papel do esforço humano (problema "das obras" e da graça, na teologia) e ao alcance da ressurreição: é ela completa, abrangendo o espírito, a alma e o corpo, ou é somente espiritual, e qual é a natureza do "corpo ressuscitado"?

É evidente que o homem não pode ressuscitar a si mesmo. Nesse ponto estão de acordo o vigésimo Arcano do Tarô e todas as doutrinas religiosas sobre a Ressurreição (zoroastriana, judaica, cristã e islâmica). O homem não ressuscitará por si mesmo, ele será ressuscitado. Queira ou não? De bom grado ou forçado?

Em outras palavras, a Ressurreição é algo que pura e simplesmente *acontece* ao homem, sem nenhuma participação de sua parte, ou é um ato compreensivo, abrangendo o círculo inteiro do que está no alto e do que está em baixo, inclusive a vontade humana?

Voltemos uma vez mais à ressurreição de Lázaro em Betânia. Lá, depois de se ter "movido interiormente", depois de ter chorado e de se ter "comovido de novo" e depois de ter "dado graças ao Pai por tê-lo ouvido", Jesus "gritou em alta voz: Lázaro, vem para fora!" E o morto saiu, diz o Evangelho, com os pés e as mãos enfaixados e com o rosto coberto com um sudário.

Saiu Lázaro do sepulcro como sonâmbulo, obediente à voz do hipnotizador, isto é, sob coação mágica? Ou saiu porque a voz que ouviu despertou nele todo o amor, toda a esperança e toda a fé que vibravam nela e porque sentiu o desejo ardente de estar junto daquele que o chamava?

No terceiro livro de sua obra *La clef des grands mystêres,* Éliphas Levi adere a essa última hipótese. Eis suas palavras:

"Os livros sagrados nos indicam o procedimento a seguir (para chamarmos a alma do defunto ao seu Corpo). O profeta Elias

e o apóstolo são Paulo o empregaram com sucesso. Trata-se de magnetizar o defunto, pondo os pés em seus pés, as mãos em suas mãos, a boca em sua boca e em reunir toda a sua vontade e chamar longamente a si a alma, com todas as benevolências e todas as carícias mentais de que o operador for capaz. Se ele inspirar à alma defunta muita afeição e muito respeito, se, pelo pensamento que lhe comunica magneticamente, o taumaturgo puder persuadi-la de que a vida ainda lhe é necessária e de que dias felizes ainda lhe são prometidos na terra, ela certamente voltará, *mas para os homens de ciência vulgar a morte aparente terá sido apenas uma letargia"* (p. 237).

Segundo Eliphas Levi, foram a afeição e o respeito que o Mestre inspirava à alma de Lázaro bem como a persuasão de que a vida ainda lhe era necessária e de que experiências preciosas ainda lhe eram prometidas na terra que fizeram Lázaro sair do sepulcro. Com efeito aquele que tem alguma experiência autêntica da espiritualidade do mundo não pode duvidar de que não houve nem sombra de coação no milagre da ressurreição de Lázaro e de que, por conseguinte, não haverá nem sombra de coação no milagre universal da Ressurreição dos Mortos.

A reação do ressuscitado ao "som da Trombeta" e ao amor do Pai e da Mãe constitui, portanto, fator essencial da Ressurreição. O ato do adolescente ressuscitado de endireitar-se representado na lâmina do vigésimo Arcano do Tarô, não é, portanto, resultado quase mecânico da operação efetuada do exterior, mas "sim" livre e consciente do coração, da inteligência e da vontade. Como Lázaro saiu do sepulcro movido pelo amor, pela esperança e pela fé, também o adolescente de nosso Arcano - isto é, do exercício espiritual que tem a Ressurreição como tema - se ergueu, movido não pelo som da trombeta do Anjo e pela força do apelo de seu pai e de sua mãe, e sim por sua própria *reação* a esse apelo e a esse som, por seu amor, sua esperança e sua fé, que responderam a esse apelo.

O *Arcano da Ressurreição é portanto, o da* moralidade *pura e simples, justamente o contrário do ato de poder puro e simples.* Não se trata de habilidade, seja ela divina, seja angélica ou humana, e sim da superioridade da ordem moral sobre a ordem natural, inclusive sobre a morte. A Ressurreição não é ato da onipotência divina, mas o efeito do encontro e da união do amor, da esperança e da fé divinos com o amor, a esperança e a fé humanas. A trombeta do alto faz ressoar todo o amor, toda a esperança e toda a fé divinos; do outro lado, o espírito e a alma humanos e todos os átomos do corpo humano respondem em coro *Sim,* o que é a expressão livre, o grito do coração do ser todo e de cada átomo em particular, do amor, da esperança e da fé do homem e da natureza, que ele representa. Porque o homem representa a natureza perante Deus e representa Deus perante a natureza. Por isso, quando nos dirigimos

ao Pai que está nos céus, dizemos: venha o teu reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no céu.

Para que pedir ao Pai todo-poderoso que o seu reino venha e que a sua vontade seja feita na terra como no céu, se não fôssemos o traco de união entre ele e a natureza? Se o Pai ainda reinasse sobre a natureza, se tudo o que se passa sobre a terra fosse de acordo com a sua vontade? Se ele não tivesse cedido aos outros seu reino sobre a natureza e se não fossem feitas sobre a terra outras vontades?

A terra, isto é, a natureza . . . foi dada pelo Pai aos seres humanos livres como campo no qual se desdobra sua liberdade. E é somente essa liberdade que pode - e que tem o direito de pedir ao Pai, em seu nome e no nome de toda a natureza: que o teu reino venha, que a tua vontade seja feita na terra como no céu.

Essa prece significa: o teu reino, eu o desejo mais do que o meu, porque ele é o meu ideal; e a tua vontade é o coração do coração de minha vontade, que suspira pela tua vontade, a qual é o caminho que a minha vontade procura, a verdade pela qual a minha vontade aspira e a vida da qual a minha vontade vive. Essa prece não é, portanto, somente ato de submissão da vontade humana à vontade divina, mas também e sobretudo a expressão da fome e da sede de união com a vontade divina; ela não procede do fatalismo, e sim do amor. Santo Agostinho, ao qual devemos a notável afirmação de que "Deus é mais eu do que eu mesmo", *sabia* rezar a oração dominical.

Porque existe oração e oração. Aprendemos a rezar a oração dominical aos poucos, tornando-nos cada vez mais conscientes daquilo de que realmente se trata. Por isso a oração dominical cantada na Missa da Igreja Católica depois da Preparação, da leitura da Epístola e do Evangelho, da oblação do sacrifício e da consagração e no começo da participação no sacrifício (Comunhão), é precedida das palavras seguintes: *Praeceptis salutaribus moniti, et divina institutione formati, audemus dicere: Pater noster. . .* (" Esclarecidos pelos mandamentos de salvação e formados pelo ensinamento divino, ousamos dizer: Pai nosso ... "), o que significa que a oração dominical exige esclarecimento e formação prévia. Porque, para pronunciar com verdade as preces da oração dominical, devemos *compreender que a nossa vontade só é verdadeiramente livre quando está unida à vontade de Deus, e que Deus só age na terra por meio de nossa vontade, livremente unida à sua.* Os milagres não são provas da onipotência divina, mas, antes, da onipotência da *aliança* da vontade divina e da vontade humana. Por isso, quem prega a onipotência pura e simples de Deus semeia o ateísmo para o futuro. Porque faz de Deus o responsável pelas guerras, pelos campos de concentração e pelas epidemias físicas e psíquicas que a humanidade já sofreu e ainda sofrerá. E cedo ou tarde chegar-se-á à conclusão de que Deus não existe, porque a sua onipotência não se manifesta onde, sem nenhuma dúvida, deveria manifestar-se. O movimento marxista-co-

munista contemporâneo não tem, na verdade, nenhum outro argumento para a não-existência de Deus senão a falta de intervenção direta da onipotência divina. O seu argumento repete o dos magistrados e dos soldados contra a divindade de Jesus, quando diziam diante do Crucificado:

"A outros salvou, que salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito" - "Os soldados também caçoavam dele; aproximando-se, traziam-lhe vinagre, e diziam: 'Se és o rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo! ... ' " "Um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava, dizendo: 'Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós!'" (Lc 23,35-40).

Mas o outro malfeitor crucificado compreendeu que aquilo de que se tratava não era a onipotência, mas o amor, e disse:

"Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal. E acrescentou: 'Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino'" (Lc 23,41-43).

"Teu reino", disse ele, isto é, o reino do *amor,* e não o da onipotência pura e simples.

É muito perigoso, por isso, pregar a onipotência de Deus e depois deixar os ouvintes se arranjarem com seus conflitos interiores, que a experiência não tardará a fazer surgir. A prece da oração dominical, "seja feita a tua vontade assim na terra como no céu", sendo bem compreendida, preserva-nos de fazermos da onipotência divina o risco da fé. Ela nos ensina que a vontade divina *não é feita* na terra como no céu e que é necessário que a vontade humana lhe *peça* - isto é, se una a ela - para que ela seja feita.

Igualmente acontece com a Ressurreição. Ela não é ato unilateral da onipotência divina, mas ato que resulta da união de *duas vontades,* a saber, da vontade divina e da vontade humana. Ela não é, portanto, acontecimento quase mecânico, segundo o esquema vontade ativa-instrumento, mas *acontecimento moral,* isto é, efeito da união livre de duas vontades livres.
Efeito da união livre de duas vontades livres Qual efeito? A ressurreição é o sistema da vida e da morte ou - usando a terminologia aceita pelo Hermetismo contemporâneo - a "neutralização do binário vida-morte". Isso significa que, depois da ressurreição, o ressuscitado pode *agir* como se estivesse vivo e ao mesmo tempo, que ele está libertado dos *laços* terrestres como se estivesse morto. Cristo ressuscitado aparecia no meio de seus discípulos e desaparecia de novo; por outro lado, comia com eles (Jo 20,19. 20.26-29;21,9-13; Lc 24,28-32.36-43). Ele se materializava e se desmaterializava à vontade. Entrava por portas fechadas e comeu "peixe assado e um favo de mel" (Lc 24,42.43). Portanto, ele estava livre como espírito desencarnado e podia agir - mostrar-se, falar e comer - como pessoa encarnada ...

Mas há uma coisa, um traço singular que a narração evangélica menciona várias vezes: era difícil reconhecer Cristo ressuscitado, ele quase não se parecia com o Mestre que os discípulos e as mulheres conheciam tão bem. Assim, Maria Madalena o tomou pelo jardineiro; os discípulos de Emaús só o reconheceram quando ele partiu o pão; os dois discípulos não o reconheceram na aparição às margens do lago de Tiberíades, e foi só depois que ele lhes falou que João o reconheceu e "disse a Pedro: 'É o Senhor!' E Simão Pedro, ouvindo dizer: 'É o Senhor! ' ... atirou-se ao mar" (Jo 21,7-8).

Por quê? Porque Jesus ressuscitado não tinha idade: ele não tinha o aspecto do Jesus da véspera, no Calvário, nem o do tempo do Batismo nas águas do Jordão. Como ele apareceu transfigurado sobre a alta montanha, na qual conversou com Moisés e Elias, do mesmo modo foi transfigurado em sua ressurreição. O Ressuscitado era a síntese não só da vida e da morte, mas também da juventude e da velhice. Por isso, para aqueles que o tinham conhecido com a idade de trinta ou trinta e três anos, era difícil reconhecê-lo: ele lhes parecia ora mais idoso, ora mais jovem.

Entramos aqui no problema do *Corpo da Ressurreição.* A ciência moderna chegou à compreensão de que a matéria é energia condensada, o que, aliás, era conhecido dos alquimistas e dos hermetistas há milhares de anos. Cedo ou tarde a ciência descobrirá também que o que ela chama hoje "energia" é força psíquica condensada, e esta descoberta a levará, enfim, à constatação de que toda força psíquica é "condensação" da consciência pura e simples, isto é, do espírito. Saberemos, então, com certeza, que caminhamos não graças à existência das pernas, mas que as pernas existem graças à vontade de movimento ou que foi a vontade de movimento que formou as pernas, para se servir delas como de instrumento. Saberemos também que o cérebro não gera a consciência, mas é seu instrumento para a ação.

O nosso corpo físico é, pois, instrumento composto da vontade de agir e de perceber. Sua gênese é vertical:

espírito
força
psíquica
energia
órgãos materiais

Infelizmente essa vertical é atravessada por uma horizontal que contraria a liberdade do espírito na formação, por condensação das forças psíquicas e da energia, do instrumento material apto para a sua tarefa e para a sua missão. Se o nosso corpo físico fosse só produto de nosso espírito, ele seria o instrumento perfeito de nossa liberdade espiritual. Infelizmente não é assim. Porque a linha vertical da condensação é atravessada pela linha horizontal de *hereditariedade:*

condensação +

hereditariedade

E isso que constitui a cruz da existência humana na terra.

A hereditariedade introduz entre o espírito individual livre e seu instrumento de ação (o corpo) um elemento estranho, um fator que pode mudar consideravelmente o processo vertical espírito-força físicaenergia-órgãos materiais. *Outra vontade* se mistura ao processo de formação do instrumento de ação do espírito individual, de modo a que o corpo se torne instrumento não só do espírito individual, mas também da vontade coletiva dos antepassados.

Seja qual for o *mecanismo* físico da hereditariedade, a essência da transmissão dos caracteres físicos ou psíquicos dos ascendentes aos descendentes é a *imitacão* voluntária ou involuntária de um modelo, em vez do ato puramente criador, partindo, por assim dizer, do *nada,* isto é, em vez da criação pura e simples e sem nenhum modelo externo. Imitar ou criar é a escolha e a provação de toda alma que está para se encarnar. Ora, há almas fortes, isto é, criativas, e almas fracas, isto é, imitadoras. Quanto mais forte é uma alma, mais independente ela é da influência quase hipnótica do modelo apresentado pelas gerações precedentes da família que ela escolheu para sua encarnação. Por isso uma alma forte encarnada acusa, em sua personalidade psicofísica, menos traços calcados sobre os .pais, sendo em geral menos representativa de uma família, de um povo e de uma raça do que de si mesma. Ela é mais individualidade do que tipo. A alma fraca, ao contrário, torna-se indivíduo que parece ser apenas a cópia pura e simples de seus pais. No primeiro caso, dir-se-ia certamente que, sendo suficiente a informação disponível sobre a linhagem do indivíduo, os "genes de um antepassado distante desconhecido prevaleceram". Mas, seja o que for que se diga, é incontestável que há casos nos quais a hereditariedade está reduzida ao mínimo, e que há outros nos quais ela se manifesta como quase onipotente.

A hereditariedade que age no domínio orgânico manifesta 1m1- tação análoga à que age nas crianças, no domínio psíquico, quando aprendem a falar, a adquirir hábitos úteis, a formar as primeiras qualidades sociais. Se a criança aprende a falar imitando seus pais, esse processo é simplesmente a continuação da prática anterior e mais profunda que consiste em imitar o sistema nervoso, o sistema circulatório e a estrutura dos músculos e dos ossos da fase pré-natal da formação do organismo no útero.

Todo homem encarnado é, pois, produto de *duas* forças que formam a force de imitacão ou de hereditariedade e a force criativa ou auto-realização da indÍvidualidade eterna. O homem en~arnado é, ao mesmo tempo, representante de seus antepassados e individualidade que representa só a si mesma.

Podemos dizer também que o homem encarnado é produto de "duas hereditariedades", da "hereditariedade horizontal" e da "hereditariedade vertical", sendo esta a impressão da individualidade do alto e aquela, a impressão dos antepassados daqui de baixo. Isso significaria ser ele produto de *duas* imitações, horizontal e vertical, isto é, que, para tornar-se o que é, ele teve de imitar os antepassados do passado e a si mesmo, a imagem do alto. Trata-se, em suma, da hereditariedade que remonta ao arquétipo (ou antepassado dos antepassados) da hereditariedade terrestre, Adão, e da "hereditariedade" que se eleva ao Pai que está nos céus, Deus. Por isso é tão importante permitir que a luz do dogma da Imaculada Conceição nos convença de sua verdade, porque para ela o que importa é a linha vertical da "hereditariedade" DeusHomem. "O Verbo feito carne que habitou entre nós" (Jo 1) pressupõe a descida do alto, em vez de ser produto das gerações precedentes. É a isso que se refere a promessa: "A todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que crêem em seu nome, que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus". É possível anunciar mais alta e claramente o restabelecimento da "hereditariedade vertical" Deus-Homem?

Ora, o corpo de ressurreição é o da liberdade perfeita, isto· é, a manifestação perfeita da individualidade, sem entraves da parte da hereditariedade. Ele não é, portanto, um *instrumento* do qual a alma se sirva, como a alma também não é o instrumento do qual o espírito se serve. A própria noção de "instrumento" pressupõe a relação quase mecânica entre o dono e sua ferramenta: a vontade do dono emprega a ferramenta, sem que ela tenha consentido, nem trazido alguma contribuição, nem tomado parte consciente e voluntária na ação. A relação entre a alma .e o corpo de ressurreição é diferente. É necessário conceber a relação entre o espírito, a alma e o corpo na ressurreição como reflexo da Santíssima Trindade, isto é, como o restabelecimento da imagem e da semelhança de Deus. Isso significa que a relação entre o espírito, a alma e o corpo corresponderá, na ressurreição, à relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O homem será tri-uno como Deus é tri-uno. A sua individualidade eterna será a unidade subjacente ao seu espírito, à sua alma e ao seu corpo. O corpo de . ressurreição será, pois, uma das três "pessoas" da trindade humana, análoga à Trindade divina. Ele será a "pessoa de ação" da individualidade como o espírito e a alma serão a sua "pessoa de coração" e a sua "pessoa de contemplação". Isso significa que o corpo de ressurreição será o *realizador mágico* da individualidade contemplando a Eternidade por seu espírito e tornando-a luz-calor em sua alma.

O corpo de ressurreição, portanto, não terá nada de mecânico, nada de automático. Ele não será conjunto de ferramentas pré-fabricadas uma vez por todas para uso da vontade. Em outros termos, não haverá "órgãos" já prontos e invariáveis. Não, o corpo de ressurreição será totalmente plástico e criará para cada ação o "órgão" que lhe convier. Ele será ora luz irradiante - como a que Paulo experimentou

no caminho de Damasco - ora uma corrente de calor, ora um sopro de frescor vivificante, ora uma forma humana luminosa, ora uma forma humana da carne. Porque o corpo de ressurreição será uma *vontade mágica que condensa e dilata.* Ele será - repetimo-lo - a síntese da vida e da morte, vale dizer, capaz de agir aqui na terra como um vivo e gozando, ao mesmo tempo, de liberdade em relação aos laços terrestres como um morto.
Será ele criação nova? Um dom repentino e gratuito de Deus? Para respondermos a essa questão, devemos aprofundar nossa idéia de "corpo". Em geral, nós o concebemos como uma quantidade de matéria tirada da natureza e organizada de maneira a servir de instrumento de ação e de cena de desenvolvimento da vida psíquica até sua desintegração, isto é, até a morte. "Ele foi feito do pó e retornará ao pó" (Ecl 3,20). Se substituirmos o termo bíblico "pó" pelo termo moderno "multidão de átomos", a fórmula do Eclesiastes exprimirá ainda hoje nossa idéia geral de corpo, creiamos ou não na imortalidade da alma. Os materialistas e os espiritualistas concordam em aceitar a evidência empírica da desintegração completa do corpo individual.

Tal não é, contudo, a idéia de corpo do Hermetismo. Porque, sem negar o fato da desintegração material do corpo, o Hermetismo nega a conclusão tirada desse fato, a saber, que o corpo individual, ao morrer, é completamente aniquilado. O Hermetismo propõe a tese segundo a qual *o corpo, essencialmente, é tão imortal como a alma e o espírito,* que a imortalidade é *tríplice* e que o homem todo *inteiro* é essencialmente imortal. A imortalidade do corpo, como o Hermetismo a entende, difere, é evidente, da imortalidade relativa que lhe concedem a biologia (reprodução e hereditariedade) e a química e a física (conservação da matéria e da energia). Para o hermetismo, trata-se da sobrevivência do *corpo individual* e não da sobrevivência da espécie ou da conservação da matéria amorfa.

Segundo o Hermetismo, a essência do corpo não é a matéria que o compõe, nem a energia que se produz nele, mas a *vontade* inata subjacente à matéria e à energia. Essa vontade é indestrutível, porque existe antes do nascimento do corpo e porque sem ela o nascimento - dessa vez no sentido da encarnação - não seria possível. Há diferença essencial entre nascimento-encarnação e nascimento-propagação-da-espécie. Aquele é adaptado à *individualidade* que se encarna, ao passo que este visa à reprodução pura e simples dos pais e dos antepassados, sem relação com a individualidade que vai se encarnar: ele é, por assim dizer, uma "folha em branco" que convida qualquer individualidade a se encarnar, adaptando-se às condições e às facilidades que a hereditariedade lhe oferece. O nascimento-encarnação é, pois, regido pela lei da *vertical,* ao passo que o nascimentopropagação-da-espécie cai sob a lei da horizontal. O primeiro é orientado para a *individualidade* no alto; o segundo, para a *espécie,* a raça e a família, ou seja, para o passado de baixo. No primeiro caso, a individualidade *se encarna;* no segundo, ela *cai* na encarna-

ção. Isso significa que, no caco de sua encarnação ser regida pela lei da vertical, a individualidade desce conscientemente e com plerto consentimento para o nascimento num meio no qual ela é querida e esperada, ao passo que, no caso de sua encarnação depender da lei da horizontal, ela é arrastada para o nascimento pela corrente da atração terrestre geral. O nascimento-encarnação pressupõe o acordo consciente da vontade da individualidade no alto e da vontade que a recebe em baixo. Isso porque todos os nascimentos-encarnações são *anunciados,* isto é, precedidos do conhecimento da individualidade que vai encarnar-se, conhecimento devido à intuição direta, seja à intuição que se revela em sonhos, seja à revelação por meio de uma visão recebida pelos pais futuros em plena consciência.

Assim, não só a Encarnação Divina foi anunciada a Maria pelo arcanjo Gabriel, mas também a encarnação de João Batista a seu pai, Zacarias, a encarnação de Isaac a Abraão e Sara (Gn 17,16-19), a encarnação de Siddharta (Gautama Buda) à sua mãe, Maia, e a seu pai Suddhodana, rei de Capalivasto, a encarnação de Krixna à sua mãe, Devai etc. Seja qual for a diferença dos modos de anunciação prévia desses nascimentos-encarnações e seja qual for a diferença de seus significados e do peso das individualidades cujo nascimento-encarnação foi anunciado ou revelado em cada caso particular, trata-se de uma coisa comum, a saber, da lei que rege a encarnação da individualidade ou o nascimento sob o signo da vertical, lei essa que exige que as duas extremidades da linha vertical - no alto e em baixo - estejam em livre acordo de vontade. Por isso todo nascimento-encarnação implica dois acontecimentos: a revelação da vontade do alto ou a *anunciação* e o ato de *consentimento* da vontade de baixo. Esses dois acontecimentos - por mais diferentes sejam quanto ao modo, ao alcance e às circunstâncias psicológicas e exteriores de casos particulares - correspondem às fórmulas da saudação angélica (o Ave): *Angelus Domini nuntiavit Mariae ...* e *Ecce ancilla Domini, mihi fiat secundum verbum tuum* (" O Anjo do Senhor anunciou a Maria" e "Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra"). Porque essas duas fórmulas servem para encabeçar as colunas de analogias que abrangem todos os casos particulares de nascimentoencarnação, isto é, do nascimento regido pela lei da vertical.

Disso decorre que o corpo, concedido principalmente em vista da individualidade e não em vista da linhagem, é obra da vontade da individualidade que desce para a encarnação, agindo de acordo com a vontade que a recebe em baixo. É essa vontade unificada que constitui o *núcleo indestrutível e imortal do corpo.* Ela é a "pedra filosofal" que dispõe a matéria e a energia emprestadas pela natureza de tal maneira que ela se adapta à individualidade e que se torna marcada por ela. Um corpo tão "individualizado" restitui à natureza, na hora da morte, as substâncias e as energias que ela lhe emprestara, mas seu princípio ativo, sua energia-vontade formadora, sobrevive à morte. Ele é a recordação viva, a recordação-vontade formadora, do

corpo nascido - e enquanto nascido - sob a lei da vertical. Se, então, um poeta (Beaudeiaire), num momento de iluminação pelo amor, diz:

"E, no entanto, serás semelhante a essa imundície, A essa
horrível infecção,
Estrela de meus olhos, sol de minha natureza, Tu,
meu Anjo e minha paixão!

Sim! Assim serás, ó rainha das graças,
Depois dos últimos sacramentos,
Quando fores, sob a erva e as florações,
Mofar entre os ossamentos.

Então, ó minha formosura! Dize aos vermes
Que te devorarão com tantos beijos,
Que guardei a forma e a essência divina De
meus amores desfeitos!"

não será ele o único a guardar "a forma e a essência divina" do corpo da bem-amada. Existe Alguém, Alguém que é maior do que ele e cujo amor é maior do que o dele, que as guardará por toda a eternidade. Porque, se o amor do amante guarda a "forma e a essência divina" do corpo decomposto da pessoa que ele amava, com mais razão Deus, que é amor, guardará a forma e a essência divina desse corpo. E são essa forma e essa essência que ressuscitarão na Ressurreicão.

, O corpo de ressurreição é preparado, portanto, no decorrer das idades. Como cada encarnação humana particular se efetua segundo *a lei da cruz,* isto é, é vertical e horizontal ao mesmo tempo, e como, na realidade, é a proporção entre a vertical da encarnação e a horizontal da hereditariedade - isto é, a preponderância da vertical sobre a horizontal e vice-versa - que faz com que uma encarnação particular seja da competência da lei da vertical ou da lei da horizontal, o processo de crescimento do corpo de ressurreição é gradual. O corpo de ressurreição amadurece de encarnação em encarnação, embora, em princípio, seja possível que baste uma só encarnação. De fato, são necessárias várias encarnações para levarem o corpo de ressurreição à maturidade.

Qual é a sorte do núcleo do corpo indestrutível, da "forma e da essência divina" do corpo depois da morte? Sobe ele com a alma e o espírito para o mundo espiritual, deixando em baixo o despojo mortal'Z

A morte, a desencarnação, significa a separação da alma e do espírito do corpo físico, inclusive de seu núcleo indestrutível ou "corpo de ressurreição". Enquanto a alma e o espírito sobem, acompanhados da vitalidade (" corpo vital" ou "etéreo") e das forças psíquicas (" corpo astral", hábitos psíquicos, desejos, caráter e disposições psíquicas) para o mundo espiritual, o corpo de ressurreição vai em sentido

oposto, isto é, desce para o centro da Terra. Como durante a vida ele é vontade ativa, a sua descida é devida à distensão progressiva da vontade, a qual se recolhe cada vez mais em si mesma, quando antes concentrava seu esforço no trabalho de tornar e manter o corpo físico conforme à alma e ao espírito da individualidade encarnada. Esse recolhimento do "corpo de ressurreição" em si mesmo depois da morte é o que se entende por "repouso", quando se fala do repouso dos mortos. *Memento ctiam, Domine, famulorum [amularumque tuarum, qui nos proecesserunt cum signo fidei et dormiunt in somno pacis* (" Lembrai-vos também, Senhor, de vossos servos e servas que nos precederam com o sinal da fé e dormem no sono da paz") diz a oração "Memento dos mortos" do ordinário (parte imutável) da Missa católica. O "repouso" inscrito nas sepulturas e o "sono da paz" da prece pelos mortos não se aplicam aos santos (que são ativos e realizam curas e, depois de sua morte, vêm ajudar os vivos), nem às almas do purgatório (que não dormem em seu estado de sofrimento), mas aos núcleos indestrutíveis dos corpos dos falecidos. Do mesmo modo o pecado de Saul, que fez a feiticeira de Endor evocar o falecido profeta Samuel, não consiste em fazer a alma imortal de Samuel descer à terra, mas em fazer *subir* do lugar de repouso o corpo indestrutível do profeta.

> *"Disse a mulher (a feiticeira): 'A quem farei subir para ti?' Ele (Saul) respondeu: 'Faze subir Samuel' ... Disse-lhe o rei (Saul): . . . 'que vês?' A mulher respondeu a Saul: 'Vejo um espectro que sobe da terra ... ' Samuel disse a Saul: 'Por que perturbas o meu descanso, fazendo-me subir?"* (lSm 28,8-15).

Também na descrição que Mateus nos faz da morte de Jesus, não ee trata nem de almas descidas do alto, nem de fantasmas de defuntos, mas dos "corpos de ressurreição" dos santos, que subiram ou saíram dos sepuicros:

> *"Jesus, porém, tornando a dar um grande grito, entregou o espírito. Nisso, o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo, a terra tremeu e as rochas se fenderam. Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos"* (Mt 27 ,50-53).

O evangelho é formal: foram "corpos" *(somata)* dos "santos" *(ton hagion)* que saíram dos sepulcros abertos e apareceram a grande número de pessoas em Jerusalém, e não as almas dos santos descidas do céu e reveladas aos habitantes da Cidade Santa. Por outro lado, esses corpos dos santos não eram corpos materiais, porque, se o fossem, teriam ido em procissão a Jerusalém, em vez de lá *aparecerem.* O Evangelho sublinha que se tratava de corpos dos "santos" *(ton hagion)* e não de quaisquer defuntos. Isso significa que esses corpos eram "corpos de ressurreição" que já tinham atingido grau avançado de maturidade.

Quanto à ressurreição de Lázaro (o sétimo milagre do Evangelho segundo são João), ela é o único caso de milagre *tríplice,* a saber, o do chamamento da alma do defunto para a vida terrestre, o da cura do corpo que estava já há quatro dias no sepulcro e que "já cheirava mal" (Jo 11,39) e, enfim, o da evocação do "corpo de ressurreição" de Lázaro e de sua reunião com o corpo material curado.

As três frases' de Jesus sobre Lázaro: "Lázaro está doente", "Lázaro dorme", "Lázaro está morto" (J o 11) se referem ao tríplice milagre da cura, do despertar e da ressurreição de Lázaro.

A *Assunção* de Nossa Senhora é o único acontecimento no qual não se verificou a separação do corpo, isto é, no qual a morte, como a conhecemos, não foi constatada. Aqui o "corpo de ressurreição" não se separou do corpo material e da alma para descer "ao lugar do repouso, do sono e da paz", mas ficou unido à alma e ao corpo material e, unido à alma, subiu para o mundo espiritual. O corpo material não se decompôs, mas foi inteiramente absorvido pelo "corpo de ressurreição". Ele se desmaterializou e se espiritualizou ao ponto de se tornar uma coisa só cem o "corpo de ressurreição" unido, por sua vez, inseparavelmente à alma da Santíssima Virgem. Com efeito, o sepulcro da Santíssima Virgem estava vazio. Nesse ponto a tradição é exata. Em vão procuraríamos o túmulo terrestre de Nossa Senhora; não o encontraríamos em parte alguma, porque ele não existe. Existe somente o lugar *designado* para nele repousar o corpo da Virgem, mas nunca serviu para esse fim.

O mistério da Assunção de Nossa Senhora não é idêntico ao da Ressurreição. Esta é o último ato do drama da Queda e da Redenção da humanidade, ao passo que a Assunção se enquadra na história do espírito, da alma e da natureza não decaídos. Não se trata de reintegração de um ser decaído, mas do destino da entidade que apareceu no mundo decaído sem jamais ter sido atingida pelo pecado original e pela queda que ele inclui; trata-se da entidade *virgem,* no sentido mais profundo do termo.

A Santíssima Virgem é, portanto, a natureza virgem, a alma virgem e o espírito virgem desde a aurora do mundo, reunidos e manifestandose numa pessoa humana, Maria, filha de Joaquim e Ana. A Santa Maria é, pois, simultaneamente pessoa humana e entidade cósmica: a Sabedoria *(Hokma, Sophia, Sapientia)* de Salomão, a Virgem da Luz da *pístis sophia* gnóstica, a Virgem do Mundo *(Kore Kosmou)* dos hermetistas antigos, a *Shekinah* dos Cabalistas. O diálogo entre o arcanjo Gabriel e Maria, na Anunciação, tem, pois, sentido humano e angélico e sentido cósmico. Foi em nome da Santa e Divina Trindade que o arcanjo anunciou a Encarnação por vir, e foi em nome da tríplice Natureza Virgem - da Mãe, da Filha e da Santa Alma - que Maria deu a resposta que constituiu a reviravolta da história do mundo: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum - idou he doule kyriou, genoito moí kata to rema sou.* Foram a Natureza Naturante *(Natura naturans)* e a Natureza naturada *(Natura naturata)* não decaída que deram sua resposta ao mesmo tempo em que Maria pronunciou essas palavras. Diálogo eterno entre

a Vontade Criadora e a Vontade Executara no qual o Fogo Divino se torna Luz, a Luz se torna Movimento e o Movimento, projetado no tempo e concentrado no diálogo entre o arcanjo e Maria, se torna Forma.

A Assunção de Nossa Senhora não foi, pois, uma desencarnação no sentido de separação da alma e do corpo, nem uma ressurreição no sentido de reunião da alma ao corpo de ressurreição, mas a inversão da corrente da vida, que compreende o espírito, a alma e o corpo no alto, para o mundo espiritual: a subida da entidade integral da Santíssima Virgem ao céu.

De tudo o que precede segue-se que a Ressurreição é a reunião dos espíritos e das almas dos defuntos com seus corpos imortais - com seus "corpos de ressurreição" - que serão despertados "pelo som da trombeta" do alto e subirão ao encontro 'das almas que descem. Eles se unirão a elas para nunca mais se separarem. Assim começará a "encarnação eterna" ou a época da história cósmica chamada na Bíblia "cidade celeste da Nova Jerusalém".

A ressurreição universal tem, entretanto outro aspecto importante, o qual deu ao vigésimo Arcano Maior do Tarô - "O Julgamento" - seu nome tradicional. Embora a lâmina represente só a ressurreição, é chamada "O Julgamento", sendo o julgamento, na Tradição, parte essencial da ressurreição universal. A tradição faz mais do que associar a ressurreição ao último julgamento, ela os vê idênticos, como um só acontecimento visto de dois lados. Em que se apóia essa identificação?

A ressurreição é a vitória final não só sobre a *morte,* como separação da alma e do corpo, mas também sobre o *sono,* enquanto separação da consciência do mundo e das recordações do passado.

Isso significa que a ressurreição traz não só o restabelecimento da unidade integral do ser humano-espírito, alma e corpo, mas também o da continuidade ininterrupta de sua atividade e de sua consciência, da totalidade de sua memória. Ora, a emergência da memória completa do passado equivale, para a consciência, ao último julgamento, no qual o passado todo será revisto à luz da consciência *(conscience,* em inglês; *Gewissen,* em alemão; *sovest',* em russo). É a própria consciência, a própria alma que se julgará. E ela então verá que é culpada, que cai sob todos os pontos de acusação da lei divina viva em sua consciência, completamente despertada. Não haverá então uma só alma que possa justificar-se diante de sua consciência despertada. A sua justificação não é de sua competência, mas da competência divina.

Verificar-se-á então, primeiramente, a realização da igualdade completa de todos os membros da comunidade humana, na consciência de seus erros e de suas faltas. Essa consciência será comum aos grandes iniciados e aos soberanos pontífices, aos chefes das nações e aos simples trabalhadores, nos diversos domínios do esforço humano de outrora.

Essa grande experiência futura da igualdade humana à luz da consciência despertada é prefigurada na preparação para a Missa (ora-

ções ao pé do altar), na prece comum *Conjiteor* ("confesso"), quando tanto o sacerdote como cada membro particular dizem: " . . . pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras. Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa" (e batem três vezes no peito, ao pronunciarem essas palavras). Esse rito, que tem por fim despertar a consciência de todos e de cada um, é, ao mesmo tempo, o da *igualdade* humana diante da lei divina, que age na consciência. Ele prefigura a igualdade do último julgamento.

O último julgamento será, portanto, essencialmente a experiência feita pela humanidade da consciência despertada e da memória completamente restaurada. Será a própria humanidade que se julgará e que fará o papel de acusador. Deus não acusará ninguém. Ele não fará mais do que desculpar, justificar e perdoar. Será em resposta ao "ato de acusação", que consistirá na emergência da recordação do conjunto do passado da: humanidade, que Deus "abrirá o Livro da Vida", isto é, que ele mostrará o que denominamos "terceira Crônica de Akasha", retendo o quadro da Memória divina tudo o que, no passado da humanidade, é digno de eternidade. Será a defesa divina no último julgamento, o ato de indulgência, de absolvição e de perdão. O último julgamento será o Sacramento da Penitência de abrangência cósmica, compreendendo a confissão universal e a absolvição universal. Excluir-se-ão da graça da absolvição universal só os impenitentes, embora seja difícil imaginar a impenitência em tal situação. Orígenes não pôde imaginá-la, por isso acreditou que todos, inclusive as hierarquias do mal, com Satã à frente, serão salvos. Estava ele certo ou errado? À maneira de resposta, porei duas interrogações:

1) Existe no mundo uma pessoa ou um grupo de pessoas que saiba, com certeza, quem será impenitente no futuro distante?

2) Existe no mundo uma pessoa ou um grupo de pessoas autorizado a precisar os limites da misericórdia e do amor de Deus? Autorizado a anunciar e a decretar que o amor de Deus vai até determinado ponto, e não mais longe?

Essas duas interrogações são dirigidas àqueles que se crêem em condições de afirmar que Orígenes estava errado ao acreditar na salvação universal. Caso citem eles, em sua resposta, a Escritura - os Profetas, o Evangelho e o Apocalip:::e - que fala da sorte dos condenados, reflitam que nem os Profetas, nem o Evangelho, nem o Apocalipse consideram a sorte dos condenados como inevitável para quem quer que seja. Eles dizem que *se* os pecadores humanos e hierárquicos forem impenitentes, *se* a sua consciência não despertar até o fim dos tempos, *se* as almas pecadoras se recusarem até o fim a aproveitar as inúmeras ocasiões que se oferecem a elas para se voltarem para o bem, *então* a sua sorte será tal como é pintada na Escritura como a sorte dos condenados. Em outros termos: a sorte dos condenados é real, mas não há ninguém excluído da salvação. Não é o temor do inferno, e sim o. amor de Deus e do bem que deverá motivar a escolha das almas.

O último julgamento será a última crise. O termo grego para julgamento é "crise", *krisis.* Frederico Schiller diz com razão que a "história do mundo é o julgamento do mundo", isto é. gue ela é uma crise contínua, cujas etapas são constituídas pelas "épocas históricas". O último julgamento será, pois, o ponto culminante da história. Ele será, ao mesmo tempo, o fim, o sentido e o resumo da história, a história condensada, a crise da qual se tratava em todas as crises particulares da história. Por isso Jesus, que é o centro de gravitação moral e espiritual da história, estará presente a ele. A segunda Vinda será a manifestação objetiva do que estava em jogo na história. Nesse sentido, Jesus será o "juiz" no último julgamento A sua presença, por si só, porá em relevo tudo o que não é como ele, tudo o que, para a consciência despertada, é incompatível com ele.

Ele não se limitará a estar presente, mas participará do julgamento ativamente, a saber, como Juiz. Julgará, porém da maneira que lhe é própria: não acusará, não condenará e não infligirá penas, mas dará força às almas que estiverem passando pela provação do despertar da consciência e da memória completa. O julgamento de Cristo é o reconforto daqueles que julgam a si mesmos e o mandamento eterno dirigido àqueles que julgam os outros: "Quem dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro a atirar a primeira pedra contra o pecador" (Jo 8,7). É assim que Jesus julgava em sua vida, que julga agora e que julgará no último julgamento.

Nossa meditação sobre o vigésimo Arcano do Tarô, o da ressurreição e do julgamento final, está se encerrando. Não que tudo o que é essencial tenha sido dito, mas porque o essencial do essencial foi tratado nos limites do quadro de um Arcano, limites que devemos impor-nos para podermos levar a bom termo essas "meditações sobre os Arcanos Maiores do Tarô ".

A ressurreição é a operação mágica, ao mesmo tempo divina e humana, na qual o amor divino e o amor humano triunfam do esquecimento, do sono e da morte. Porque o amor jamais esquece, vela sempre e é mais forte do que a morte.

Na ressurreição, o espírito e tt alma humana descem do alto e se unem ao seu corpo imortal, que sobe ao seu encontro.

É o amor do Pai que faz as almas e os espíritos *descerem* para a encarnação eterna; e é o amor da Mãe que faz *subirem* os corpos de ressurreição que repousavam no seio da Mãe.

O homem ressuscitado será a imagem e a semelhança de Deus: será *tri-uno* como Deus é *tri-uno.*

Os três princípios do homem - espírito, alma e corpo - à semelhança da Santíssima Trindade, constituirão a trindade humana, na qual haverá três pessoas, e a sua unidade fundamental será a *individualidade humana.*

Mas a ressurreição é, ao mesmo tempo, o último julgamento. Como diz são Paulo:

> " . . . *a obra de cada um será posta em evidência.* O *Dia torná-la-á conhecida, pois ele se manifestará pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída sobre o fundamento subsistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa. Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do jogo"* (1Cor 3, **13-15).**

XXI

O LOUCO



O LOUCO

Ninguém se iluda; se alguém dentre v6s [ulgar ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio; pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus.

(São Paulo, !Cor 3,18-19)

A loucura é uma disposição que impede de atingir a verdade.

(Platão, *Definições*)

Muito facilmente a consciência se sujeita às influências inconscientes, e estas muitas vezes são mais verdadeiras e mais sábias do que o pensamento consciente . . . Nem sempre a personalidade supõe necessariamente a consciência, ela pode estar adormecida e pode sonhar.

(Carl Gustav Jung, *La Guérison psychologique,* cap. XII)

Caro Amigo Desconhecido,

Devo-te, em primeiro lugar, a explicação por ter mudado - arbitrariamente, na aparência - a ordem das lâminas dos Arcanos Maiores do Tarô, colocando depois do vigésimo Arcano, "O Julgamento", o Arcano "O Doido" ou "O Louco", que não tem nenhum número e, por isso corresponde ao zero, enquanto no jogo do Tarô de Marselha a lâmina do Arcano "O Mundo" tem o número XXI. Eis, pois, as razões não da mudanca do número da lâmina, e sim do fato de termos colocado a *meditação* sobre o Arcano "O Doido" ou "O Louco" depois da meditação sobre o Arcano XX "O Julgamento" e antes da *meditação* sobre o Arcano XXI "O Mundo":

A razão principal é que a meditação sobre o Arcano "O Doido" ou "O Louco" não pode encerrar a série das meditações sobre os Arcanos Maiores do Tarô, série que é uma "escola" de treinamento espiritual, um "sistema" orgânico de exercícios espirituais. Porque a meditação sobre o Arcano "O Doido" ou "O Louco", *como exercício espiritual,* não é de natureza a resumir a série inteira das vinte e uma meditações sobre o Tarô, a fazer o papel de último acorde da experiência que torna possíve1 o simbolismo do Tarô.

Existem ainda outras razões para essa mudança. Uma delas é indicada por Paulo Marteau em seu livro *Le Tarot de Marseille.* Escreve

ele: "Essa lâmina não é precisada por nenhum número, porque ela deveria ser 'O' ou '22'. Ela não pode ser 'O', senão o Doido representaria o indefinido universal, quando ele é móvel e simboliza uma passagem da evolução. Por outro lado, ela não pode ser caracterizada pelo número 22, isto é, por duas passividades, implicando uma inação, o que é absolutamente contrário à atitude da personagem representada nessa lâmina". Eis uma terceira razão:

Em São Petersburgo, na Rússia, há cinqüenta anos mais ou menos, havia um grupo de esoteristas composto da nata da "intelligentsia" da capital. Esse grupo era hierarquizado interiormente, comportando vários "graus": o de Martinista, o de Templário e o de Rosa-cruz. Propriamente falando, era escola de ensinamento e treinamento, compreendendo três "cursos" ou "classes" - a classe primária ou Martinista, a classe secundária ou Templário e a classe superior ou Rosa-cruz.

À frente dessa escola estava o professor de Matemática especial do Colégio dos Pagens *(Pageskiy Korpus)* em São Petersburgo, G. O. Meubes.

Depois da revolução bolchevique (que, nem é necessário dizer, pôs fim ao grupo e ao seu trabalho), aquele que escreve essas linhas encontrou-se com alguns membros desse grupo disperso e tomou-se amigo deles. Sendo a amizade verdadeira, isto é, baseada numa confiança mútua sem reserva, os que pertenciam à elite dita "rosa-cruz" do grupo lhe transmitiram tudo o que sabiam e lhe contaram tudo sobre o trabalho de seu grupo, inclusive as crises e as experiências penosas pelas quais tinham passado. Isso foi em 1920. Então aquele que escreve estas linhas - embora já tivesse estudado o livro magistral do engenheiro Schmakov, *Les Arcanes Majeurs du Tarot (Vellikiye Arkany Taro)* - livro quase duas vezes mais volumoso do que, por exemplo, *Le Tarot des imagiers du Moyen Age,* de Oswald Wirth ou *Le Tarot de Marseille,* de Paul Marteau, e o livro sobre o Tarô de P. D. Ouspensky publicado em 1917 - ficou impressionado ao ver a que ponto o trabalho coletivo sobre o Tarô pode ser frutuoso para o estudo, a pesquisa, o treinamento e o adiantamento no domínio esotérico. Porque todo o trabalho do grupo Martinista -Templário-Rosa-Cruz se fundava no Tarô. O estudo da Cabala, da Magia, da Astrologia, da Alquimia e do Hermetismo era guiado e inspirado nele pelo Tarô, Isso dava ao trabalho todo uma coerência e unidade orgânicas excepcionais. Todo problema da Cabala, da Magia, da Astrologia, da Alquimia etc. era tratado nele como referindo-se a um Arcano particular do Tarô. Assim, por exemplo, meditava-se sobre as 22 letras do alfabeto hebraico, a fim de se descobrir seu sentido cabalístico, à luz dos 22 Arcanos Maiores do Tarô. E se chegou à conclusão de que cada letra do alfabeto hebraico entendida cabalísticamente correspondia a um Arcano Maior do Tarô.

Era o *Shin,* a vigésima primeira letra do alfabeto hebraico, que era atribuído ao Arcano "O Doido" ou "O Louco". Dizia-se que ele era a letra do Arcano do Louco. E se acrescentava confidencialmente: o *nome esotérico* do Arcano "O Louco" ou "O Doido" é Amor.

Embora atualmente o ensinamento e as experiências desse grupo de esoterismo de São Petersburgo representem na alma do autor dessas Cartas apenas um impulso geral, recebido em sua juventude, para o aprofundamento do simbolismo do Tarô (na verdade, até aqui ele quase não se inspirou nesse ensinamento para escrever essas Cartas, tendo-se o Tarô revelado a ele, nos 45 anos que se seguiram, sob uma luz nova, que ultrapassa muito, em extensão e em profundidade, tudo o que ele tinha aprendido do ensinamento e da experiência do grupo de São Petersburgo), mesmo assim existe uma exceção, uma só, a que acabo de mencionar: o Arcano "O Louco" (ou "O Doido") corresponde à letra *Shin;* conseqüentemente seu número é 21, e seu nome esotérico é *Amor.*

Eis, caro Amigo Desconhecido, o motivo pelo qual a meditação sobre o Arcano "O Doido" vem depois da sobre o Arcano "O Julgamento" e precede a meditação sobre o Arcano "O Mundo". Além dessas duas razões relativas à ordem do trabalho meditativo sobre o Tarô e à significação do número 21, era necessário prestar homenagem a esse grupo de esoteristas de São Petersburgo do começo do século.

Primeiramente examinemos a lâmina. Ela representa um homem vestido com roupa de bobo, caminhando apoiado num bastão e levando sacola suspensa em outro bastão, que ele leva no ombro direito. Enquanto caminha, é atacado por trás por um cão que lhe rasga a roupa.

Ele usa boné amarelo, encimado por grande borla vermelha, gola azul com pontas terminando em guizos, calça azul e sapatos vermelhos; seu casaco é vermelho com mangas azuis, saindo de mangas amarelas. Em sua cinta amarela estão presos vários guizos. Numa palavra, são vestes de bobo ou do louco medieval tradicional.

O Louco caminha da esquerda para a direita. Tem bastão na mão direita e com a esquerda segura, sobre o ombro direito, o bastão no qual está suspensa a sacola. A sua cabeça está voltada três quartos para a direita. Ele está, pois, voltado para a direita, é o Louco do bem, não do mal, o que é evidente também pelo fato de ele não se defender do cão, que poderia facilmente espantar com o bastão.

O Louco do bem. . . Bastam essas palavras para evocarem a figura pálida e magra de Dom Quixote de la Mancha, o cavaleiro errante que fazia todo mundo rir e que mereceu, durante sua vida, o epíteto de *El Loco* ("O Louco") e, depois de sua morte, o de *El Bueno* ("O Bom"). Ó Dom Quixote, saíste das páginas do romance de Miguel Cervantes como personagem literária, mas depois tiveste vida singular, bem mais intensa e mais real do que a de personagem literária! Freqüentas a imaginação das gerações, uma após outra, como experiência quase visionária. À tarde, num país árido e rochoso, de perfil irregular, quando as sombras se alongam, não se vê aparecer a tua forma de talhe elevado, rígido, montada no cavalo descarnado?

Imaginação, visão ... que digo? És encontrado muitas vezes em situações históricas difíceis, que se parecem com a paisagem árida e irregular em que os corações são endurecidos e as nucas, rijas. Foste tu, foi a tua voz que ressoou mais forte que o rufar dos tambores em torno

da guilhotina, no dia de termidor ou de frutidor do ano II ou III, gritando do alto do cadafalso: Viva o Rei! antes que a tua cabeça rolasse no pó. Foste tu ainda que, diante da populaça jubilante, arrancaste do muro e rasgaste um cartaz vermelho anunciando ao povo de São Petersburgo a aurora da Nova era na Rússia ... sendo logo atravessado pelas baionetas dos guardas vermelhos. Foste tu que declaraste altaneiramente às autoridades alemãs dos Países Baixos, invadidos e ocupados em 1941, que ocupando esse país, a Alemanha infringia as Convenções de Haia, assinadas por ela trinta anos antes ...

Dom Quixote de la Mancha *age.* Porque Cervantes não o inventou, mas o descreve como ele apareceu em Castela, no tempo do crepúsculo da Cavalaria. Dom Quixote existia e agia bem antes de Cervantes como existirá e agirá depois dele. Porque ele vive, de século em século, a vida do *arquétipo,* revelando-se no decurso das idades, através de muitas pessoas e de muitas maneiras. Cervantes o pintou como cavaleiro errante, e os imaginários da Idade Média no-lo apresentam como o *Doido* ou o *Louco* do Tarô. Como *imagem,* o Louco é medieval. É evidente. Mas, como idéia, como arquétipo, como Arcano enfim, qual é a sua origem? Grega? Creio que sim. Egípcia? Admito-o de boa vontade. Mais antiga ainda? Por que não?

As idéias, os arquétipos, os Arcanos são sem idade. Somente a sua representação, o símbolo representado, pode ser atribuído a uma época determinada. Isso aplica-se não só ao "Louco", mas também ao "Mago", à "Papisa", à "Imperatriz", ao "Imperador", ao "Papa", ao "Amante", ao "Carro", à "Justiça", ao "Eremita", à "Roda da Fortuna", à "Força", ao "Enforcado" ... Porque os Arcanos do Tarô são mais do que símbolos e até mais do que exercícios espirituais: eles são entidades mágicas, arquétipos ativos e iniciadores.

Além de Dom Quixote, também Orfeu, o Judeu errante, Dom Juan, Tijl Ulenspiegel, Hamlet e Fausto perseguem a imaginação do mundo ocidental.

Orfeu significa o sofrimento de estar separado, pela morte, da alma bem-amada, sofrimento levado a grau tal que se torna magia, magia que ultrapassa o rio do sono, do esquecimento e da morte que separa os mortos dos vivos. Orfeu está presente em toda parte e sempre que o amor de uma alma arrebatada pela morte não se contenta com a comemoração piedosa e resignada, mas aspira a encontrá-la além do limiar da morte. Assim era o amor de Orfeu por Eurídice, assim era o amor de Gilgamesh por seu amigo e irmão Eábani. E quem poderá dizer quantos corações humanos bateram, ainda batem hoje e baterão no futuro em uníssono com o de Orfeu e o de Gilgamesh, o herói babilônico?

O Judeu errante ou Aasvero é o arquétipo da "outra imortalidade", a da cristalização, da qual falamos na Carta sobre o décimo terceiro Arcano do Tarô "A Morte". Ele representa o princípio e a alma da magia que aspira à coagulação do corpo vital (corpo etéreo), ao ponto de se tornar "pedra", muito dura para a foice da Morte. A fórmula subjacente a essa magia é o inverso daquela da Vida e da Graça; ela é:

Tu es non dignus ut intres sub tectum meum (" Tu és não digno de entrar em minha casa"), isto é, o contrário da fórmula *Domine, non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbum et sanabitur anima mea* (" Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha casa, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva"). Eis o último segredo e o Grande Arcano daqueles que se talham em pedras e com essas pedras querem edificar o Templo da Humanidade (cf. a Meditação sobre o décimo sexto Arcano "A Torre"). Nem é necessário dizer que somente um punhado dentre eles o sabe: os outros, a maior parte, nem duvidam.

Don Juan não é pura e simplesmente o libertino, mas, antes, o hierofante desse pequeno deus de grande poder, conhecido na antiguidade pelo nome de Eros ou Amor. Ele representa a magia de Eros e preside os mistérios de Eros como sacerdote. Se assim não fosse, se ele fora pura e simplesmente libertino, como teria exercido tanto poder sobre a imaginação de poetas como Molière, Thomas Corneille, Lord Byron, Lorenzo da Ponte, Mozart e Alexis Tolstoi? É principalmente o poema-mistério desse último que revela a essência profunda de Don Juan. Segundo Alexis Tolstoi, ele não era libertino ímpio nem sedutor pérfido, nem aventureiro brutal, mas servo, obediente e corajoso, dessa divindade infantil que ama e comanda o impulso, o arrebatamento e o ardor e que detesta e proíbe pesar, medir e calcular segundo a razão com suas leis de utilidade e lucro, de circunspecção e respeito às convenções, da primazia, enfim, da cabeça fria sobre um coração quente. Entretanto, o Amor tem não só sua razão de ser, mas também sua metafísica, sua filosofia e sua mística transcendentes. Para Alexis Tolstoi, Don Juan é mais do que vítima ou iludido do amor, esse deus aparentemente caprichoso; ele abraçou a sua filosofia e a sua mística, sendo, portanto, seu colaborador consciente e um hierofante iniciado em seus mistérios. Foi assim que ele se tomou *arquétipo, o arquétipo do amor para o amor,* o Amante por excelência.

Don Juan vive pela energia do empreendimento amoroso e para a energia do empreendimento amoroso; ele o alimenta e entretém como fogo que nunca deve extinguir-se. Isso porque ele tem consciência do valor desse fogo e da missão que esse fogo tem no mundo. Nesse conflito eterno entre a lei - do direito, da razão humana e divina - e o amor, ele tomou o partido do amor, porque é necessário ter coragem para isso. Assim Don Juan representa uma idéia, um arquétipo, um arcano. Ele representa o jovem da lâmina do sexto Arcano do Tarô, "Os amantes'; que escolheu o fogo do Amor como tal e a multiplicidade, em vez da unidade do amor de sua alma-irmã eterna, porque foi convencido por Babilônia, a Mulher preposta aos mistérios e à magia eróticos.

Tijl Ulenspiegel, o vagabundo flamengo de Damme, perto de Bruges, herói de muitas narrativas populares de mistificação e farsa, também herói trágico da epopéia de Coster, é o arqueiro do anarquismo revolucionário que não tem fé nem lei, porque ficou completamente desencantado com as autoridades humanas. É o espírito de rebelião contra toda autoriadde, em nome da liberdade do indivíduo, liberdade do vaga-

bundo, que não tem nada, não obedece a ninguém, não tem medo de nada, não espera nenhuma recompensa e não teme nenhum castigo tanto aqui como no além. Espírito zombeteiro, que derruba os templos e os altares da humanidade, fazendo-os ruir por meio de sua varinha mágica: o ridículo. Tocando as coisas, essa varinha as transforma: o solene em pomposo, o emocionante em sentimental, o corajoso em presunçoso, a aflição em lamúrias, o amor em capricho. Porque também essa varinha "não tem outra finalidade senão condensar grande quantidade de fluido emanado do operador . . . e dirigir a projeção desse fluido sobre um pcnto determinado" (Papus, *Traité méthodique de la magie pratique,* p. 204). Esse "fluido condensado" do operador é a fé condensada do operador segundo a qual tudo não passa de grande farsa.

Tijl Ulenspiegel é arquétipo porque está em ação sempre e em toda parte em que algum espírito zombeteiro oura "esclarecer", transformando em ridículo, as coisas, as idéias e os ideais aos quais outros se apegam. Assim, não só os versos do poeta do ateísmo militante bolchevique russo, Memyane Bedny, mas também as obras de um escritor tão respeitável como Voltaire testemunham a presença e a influência de Tijl Ulenspiegel. Entretanto, como arquétipo, ele não é pura e simplesmente um escarnecedor. Esse é apenas um aspecto de seu ser. Há outro, a agitação do povo simples contra aqueles que lhe impõem leis e lhe prescrevem o que deve ou não fazer. Eis um exemplo recente:

Os marinheiros da frota báltica russa fizeram a revolução bolchevique triunfar em 1917, abrindo o fogo dos canhões do cruzador "Aurora" contra o último reduto da resistência das tropas leais ao governo democrático (o batalhão das mulheres-voluntárias) no palácio de inverno de São Petersburgo e tomando-o de assalto. Eles são, pois, heróis incontestáveis e célebres da Revolução de outubro. Há, contudo, um fato não menos incontestável - embora nunca celebrado - a saber, que os mesmos marinheiros da frota báltica se sublevaram em fevereiro de 1921 contra o regime que tinham ajudado decisivamente a se estabelecer em 1917. Tomaram a fortaleza naval de Kronstadt, seguindo-se uma guerra regular de assédio. Depois de um cerco de um mês, Kronstadt foi tomada de assalto pela elite dos guardas vermelhos, os cadetes ou "corredores".

Como explicar essa mudança radical de atitude dos marinheiros da frota báltica? Ela se explica pelo seguinte: em outubro de 191 7, os marinheiros lutaram pela liberdade anárquica, pelos sovietes (conselhos) de operários, de camponeses, de soldados e marinheiros, sem generais e almirantes, sem ministros, sem nada acima dos sovietes. O que eles desejavam era o restabelecimento da comunidade dos camaradas, que existia nos séculos XVI, XVII e XVIII, conhecida pelo nome de "Setsch des Zaporgues ", cossacos da Ucrânia, o ideal da comunidade comunista anárquica. Ora, em 1921, eles se deram conta de que se tinham enganado. O que surgira da Revolução de Outubro não era a comunidade dos irmãos e dos camaradas, mas o estatismo com novo estado forte, policial, ditatorial, governado por uma súcia que tinha tudo a dizer a

massa que não podia dizer nada. Tendo compreendido seu engano, os marinheiros de Kronstadt recorreram às armas. Era ainda Tijl Uíenspiegel que, invisivelmente, estava à sua frente como estivera à frente das multidões que tomaram a Bastilha e como tinha sido o autor da Carmagnole, da ronda revolucionária, dançada em 1793, e da canção que a acompanhava ...

Sôren Kierkegaard, o pensador religioso dinamarquês que começou a corrente filosófica e psicológica conhecida pelo nome de "existencialismo", diz:

> *"que em filosofia moderna se falou muito - e se fala muito - da tese de que a especulação começa com a dúvida . . . Quanto a mim, em vão procurei nela uma resposta à interrogação: em que a dúvida difere do desespero? ... A dúvida é o desespero do pensamento.* O *desespero é a dúvida da personalidade: eis por que insisto tanto na escolha que ela se tornou minha senha, a força de minha visão da vida ...* "

A filosofia "existencial" de nossos dias difere, portanto, da filosofia especulativa tradicional porque se funda no desespero, isto é, na dúvida da personalidade toda, ao passo que a filosofia especulativa se funda na dúvida, vale dizer, no desespero só do pensamento. Ora, todo desespero, toda dúvida da personalidade, se resume na famosa questão de Hamlet: "ser ou não ser" *(to be or not to be).* Porque como Kierkegaard, o pensador dinamarquês, é o autor do existencialismo moderno, Hamlet, o príncipe da Dinamarca, herói da lenda narrada por Saxo Grammaticus e do drama de Shakespeare, é o arquétipo do existencialismo, do desespero da personalidade. Ele é o arquétipo do isolamento da consciência completamente autônoma, desenraizada tanto da natureza como do mundo espiritual, o homem no ponto *zero,* entre dois campos de gravitação, o terrestre e o celeste.

A dúvida é mais do que um estado psicológico de indecisão; ela é a permanência da alma na esfera intermediária entre os dois campos de atração, o terrestre e o celeste, de onde não é possível sair a não ser pelo ato de fé pura e simples, saído da alma, sem que o céu e a terra tomem parte nele. Trata-se, pois, de ato da personalidade livre em face do silêncio completo da terra e do céu. Hamlet é o arquétipo dessa prova, cujo resultado é o ato de fé ou o desespero e a loucura.

O doutor Fausto é a síntese das loucuras e das sabedorias dos *seis* arquétipos dos quais falamos há pouco: como Dom Quixote, ele está à procura de façanhas inauditas. Como Orfeu, ele procura o retomo do dia das trevas da morte e dos séculos passados de Helena de Tróia, que ele ama apaixonadamente, a despeito dos séculos e da soleira da morte,. que o separam dela. Como Don Juan, ele "vê Helena em cada mulher" e procura o "eterno feminino" *(das Ewig-Weiblich]* nos e por meio dos amores particulares. Como Asvero, ele se rejuvenesce por meio de magia tenebrosa, a fim de começar outra vida e nova biografia terrestre, que não será interrompida pela morte, isto é, nova encarnação sem

desencarnação precedente. Como Tijl Ulenspiegel, ele se desfez de todo conforto e de toda autoridade religiosa, científica e política, e, em companhia de Mefistófeles, zomba dos freios morais e outros, que entravam a liberdade de ousar e de querer. Como Hamlet ele sofre a provação da grande dúvida existencial de ser ou não ser sob a forma de "viver ou não viver".

Mas, além de tudo o que tem em comum com esses seis arquétipos, Fausto - pelo menos como Goethe o apresenta - representa ainda outro arquétipo, um arquétipo eterno, o do tentado e provado que encontramos na Bíblia: *o Jó eterno.* Fausto é o Jó da época do humanismo, isto é, da aurora dos tempos modernos. Como o Jó da Bíblia, ele é o objeto de uma aposta proposta por Mefistófeles a Deus e aceita por ele. Mas a provação e a tentação de Fausto diferem das do Jó bíblico porque não se traduzem em reveses da sorte e em desgraças, e sim em vitórias e sucessos. Mefistófeles tinha o poder, concedido do alto, de satisfazer todos os desejos de Fausto. E a provação da qual se tratava consistia em saber se o mundo do relativo e do passageiro poderia satisfazer Fausto, o homem saído da Idade Média, o homem moderno; se todas as alegrias terrenas, isoladas ou juntas, podem adormecer a aspiração do homem ao absoluto e ao eterno, tornando-o completamente satisfeito e feliz. Jó mostrou que a dor que o mundo pode infligir é incapaz de afastar a alma humana de Deus. Fausto mostrou que a alegria que o mundo pode oferecer também é incapaz.

Oswald Spengler, autor do *Déclin de l'Occident,* chama o homem medema de "homem faustiano", e tem razão. Porque Fausto é o arquétipo dominante da época após a Idade Média, caracterizada pelo crescimento imenso do poder da humanidade sobre a natureza e pela facilidade de satisfazer seus desejos - inclusive os dos mágicos mais ousados do passado, como o vôo através dos ares, a visão e a audição à grande distância, o veículo sem cavalos, a evocação das imagens vivas e dos sons dos acontecimentos passados ou dos acontecimentos à grande distância etc. . . . "como se o príncipe deste mundo tivesse obtido todo poder para satisfazer, um após o outro, todos os desejos da humanidade contemporânea, a fim de mostrar, de seu ponto de vista, que o poder e o gozo do mundo terreno, do relativo e do passageiro, podem fazer o homem esquecer o absoluto e o eterno, esquecer a Deus - e, do ponto de vista de Deus, a fim de mostrar às hierarquias do mal que o homem é superior ao relativo e ao passageiro, e que nenhum poder ou gozo terreno jamais poderá satisfazê-lo. A prova de nossa época é a de Fausto. A provação dos desejos satisfeitos.

O fenômeno mais recente de nossa época é o comunismo ou, se preferirdes, o estatismo social e coletivo. Ele procura declaradamente a satisfação tão completa quanto possível das necessidades e dos desejos do maior número possível de pessoas na terra. Pois bem, ele terá êxito, digamos, na Rússia. Cada um terá casa bem mobiliada com telefone, rádio, aparelho de televisão, geladeira, máquina de lavar
E que mais? Cinema, teatro, concertos, balé, esportes ... Mais ain-

da: a ciência fornecerá ocasiões e oportunidades novas para a atividade, a imaginação e . . . o desejo. Serão feitas visitas à Lua, aos planetas . . . Haverá aventuras inauditas de experiências e de conhecimentos que ainda não podemos imaginar, como, por exemplo, a descoberta da existência de outros seres inteligentes, de outras "humanidades" nos planetas ... E depois? Não há mais resposta.

Sim, há uma: ela é dada pela parábola do filho pródigo. Que valem os aparelhos de televisão, as máquinas de lavar, os aviões supersônicos, os navios cósmicos, os planetas, as explorações galácticas em comparação com o abraço do Pai quando o filho retorna à casa paterna?

A prova de nosso tempo é a do desejo satisfeito. Isso se aplica não só aos comunistas, aos capitalistas, aos materialistas, mas também, não direi aos esoteristas, mas aos ocultistas e aos magistas. Porque também eles estão sob o signo da mesma prova.

Claude de Saint-Martin, por exemplo, tomara parte nas operações de magia cerimonial do círculo dos discípulos de Martines de Pasqually. Essa magia mostrara-se a ele eficaz e real. Mas depois de se ter convencido da realidade e da eficácia da magia cerimonial, ele - com pleno conhecimento de causa - voltou as costas às práticas mágicas e abraçou o misticismo de Jacob Boehrne, o mundo das experiências inefáveis, das relações entre a alma e Deus. Ele passou, pois, pela prova. Os fenômenos mágicos - os "passes" - não conseguiram retê-lo em seu movimento para o absoluto e o eterno, enquanto seu companheiro e condiscípulo de outrora, Jean Baptiste Willermoz, se bem que espiritualista e crente sincero, permaneceu fiel à magia cerimonial e ao ritualismo iniciático até a morte.

Eliphas Levi, autor de *Dogme et Ritucl de la Haute Magie,* foi, sem dúvida, o pioneiro da teoria e da prática da magia cerimonial do século XIX. Ele teve a coragem - ou a audácia - de apresentar a magia em público corno coisa real e como coisa inteligível, isso depois da voga do Iluminismo e em plena era do materialismo! Pode-se censurar-lhe alguma falta de coragem? Foi, no entanto, o que fez Madarne H. P. Blavatzky. Ela afirma que mais tarde ele teria renegado seu ensinamento mágico e se teria voltado para o misticismo cristão, com medo de ser criticado pelas autoridades eclesiásticas . . . A verdade é que Éliphas Levi, o rnagista intrépido que, em Londres, evocou Apolônio de Tiana, tendo ultrapassado os limites da magia cerimonial, concentrou-se na mística e na gnose do Hermetismo cristão. Como Saint-Martin, também ele passou pela prova faustiana. Por isso, o que Saint-Martin escreveu a Liebisdorf (Carta CX) sobre as razões de sua conversão da magia cerimonial à mística, aplica-se também ao caso de Eliphas Levi:

> " . . . *essas iniciações, pelas quais passei cm minha primeira escola e que deixei há muito tempo, para me entregar à única que é verdadeiramente segundo meu coração . . . Posso assegurar-vos que recebi pela via interior verdades e alegrias mil vezes acima do que recebi pela via do exterior. Não há mais iniciação senão a de Deus e de seu Verbo Eterno, que está em nós ...* "

Isso aplica-se igualmente a Paul Sédir (Yvon le Loup), que cultivava a magia prática, usando para isso, durante dois anos, um escritório que ele alugara na rua de Savoie, n. 4, andar térreo, em Paris (Dr. Philippe Encausse, *Sciences Occultes ou 25 anées d'Occultisme Occidental: Papus, sa vie, son oeuvre,* p. 49) e que era membro e dignitário de pelo menos vinte irmandades mais ou menos secretas (por exemplo, da *Ordre Kabbalistique de la Rose-Croix,* da *Ordre Martiniste,* do *H. B. of L.,* da *F. T. L.* etc.). Sua atividade nesse domínio começou em 1888, mas em janeiro de 1909, ele se retirou dessas irmandades e renunciou a todos os títulos e postos que elas lhe tinham conferido. Isso surpreendeu seus mais antigos amigos.

"Mas houve em sua vida uma circunstância exterior, um acontecimento solene e decisivo, o qual o fez tocar com o dedo o nada das ciências e das sociedades secretas e que o colocou para sempre na via única do Evangelho" (op. cit., pp. 50-59). Trata-se de seu encontro com Mestre Philippe de Lião. O próprio Sédir, em maio de 1910, numa carta ao *Echo du Merveilleux,* escreveu o seguinte:

> " ... *Quanto a mim, com alguns companheiros, passei por todos os esoterismos e explorei todas as criptas com a mais fervorosa sinceridade, com a mais viva esperança de ser bem sucedido. Mas nenhuma das certezas afinal conseguidas me pareceu a Certeza. Rabinos me comunicaram manuscritos desconhecidos; alquimistas me admitiram em seus laboratórios; sufistas, budistas e taoístas me levaram durante longas vigílias, aos lugares de seus deuses; um brâmane me permitiu copiar suas tábuas de mantras; um iogue me confiou os segredos da contemplação. Mas, uma tarde, depois de certo encontro, tudo o que esses homens admiráveis me tinham ensinado tornou-se para mim como o vapor leve que, na hora do crepúsculo, sobe da terra superaquecida" (Bulletin des Amitiés Spirituelles,* abril, 1933).

O encontro decisivo mencionado por Sédir, também Papus o teve, e ele não foi menos decisivo para ele do que para Sédir, no que se refere à relação entre as certezas e a Certeza, entre os valores e o Valor. Mas - sendo médico e habituado a considerar em primeiro lugar o bem dos pacientes que punham nele sua confiança - não renunciou a nenhuma das responsabilidades aceitas no passado e não se retirou de nenhum grupo cuja responsabilidade tinha assumido, embora seu coração já estivesse em outro lugar . . . Sua mudança consistia na primazia do espiritualismo cristão, a qual ele punha em relevo de maneira radical, o que lhe valeu ser censurado por Robert Ambelain de "ter ternura pelo Catolicismo", e ser tratado com o inevitável epíteto de "jesuíta" por alguns franco-maçons. Mas, diga-se o que se disser e agrade ou não, a evolução de Papus não é nada mais do que a prova faustiana coroada de sucesso.

Esses exemplos, e poderíamos citar outros, bastam para ilustrar a experiência da prova faustiana e sua natureza no domínio do ocultis-

mo. Todo ocultista deve passar por essa prova. Porque é só depois de se ter submetido a ela, isto é, depois de ter conhecido a magia arbitrária, que o ocultista encontra a Magia Divina, a Gnose e a Mística do Hermetismo cristão. Então ele se transformará de erudito em sábio, de magista em Mago, de gnosticizante em Gnóstico e de apreciador de mistério em Místico. Assim seja.

A prova faustiana e o protótipo humano de Fausto estão prefigurados na antiguidade na pessoa - lendária ou real, pouco importa - do mago Cipriano, que se tomou cristão, foi bispo de Nicomédia e mártir sob o imperador Diocleciano. Seguem-se alguns extratos da versão da *Confissão* (a lenda de Cipriano contém três escritos: Conversão, Confissão e Martírio):

"Isto é o arrependimento (metanoia) de Cipriano, o Mago, que se tornou cristão, graças à virgem Justina; que, depois, foi bispo da cidade de Nicomédia e que, por fim, obteve a coroa do martírio com Justina, sob o rei Diocleciano, no dia 20 de Phaopi, em paz. Amém ... 'Eu sou Cipriano, aquele que, desde sua adolescência, foi consagrado no templo de Apolo e instruído, desde a infância, nas imposturas que o Dragão fazia. Porque, antes de ter atingido a idade de sete anos, já me dedicava aos Mistérios de Mitra. Aos quinze anos servi Deméter e andei à sua frente na procissão, levando tochas. Quanto à sua filha, chamada 'a Virgem', usei seu luto, vestindo roupas brilhantes . . . Fui ao Olimpo . . . chamado 'o monte dos deuses'. Iniciei-me nos segredos da imagem, na maneira pela qual ela fala, maneira que consiste na sucessão dos ruídos que se produzem habitualmente numa manifestação de demônios, quando eles se revelam ... Vi lá também coros de demônios, uns cantando, outros armando ciladas, enganando e provocando perturbações. Vi formar-se diante de mim o cortejo de cada um dos deuses e das deusas. Passei quarenta dias e quarenta noites nesses lugares, alimentando-me só da seiva das árvores, depois do pôr do Sol . . . Quando cheguei aos quinze anos, fui instruído pelos sacerdotes, pelos sete profetas e pela profetisa do Diabo, com os quais esses últimos se entretêm boca a boca. São eles, com efeito, que arranjam trabalho para cada um dos demônios ... O *Diabo me ensinou como a terra está solidamente estabelecida sobre seus fundamentos. Ele me ensinou a lei do Ar e do Éter. Visitei o Mar até o Tártaro. Em seguida fui a Argos, celebrei a festa de Hera, e lá me foi ensinado como separar as mulheres de seus maridos e como lançar o ódio entre irmãos e entre amigos. Aprendi a unidade do Ar e do Éter e o modo pelo qual a Terra se associa à Água e como a Água se associa ao Éter. Fui também a uma cidade chamada Thalis (Élida?), que é o país chamado Lacedemônia. Aprendi os mistérios de Hélios e de Ártemis, a lei da luz e das trevas, dos astros, de suas órbitas ... Mais tarde visitei o povo chamado frígios. Aprendi com eles a adivinhação*

. . Fiquei conhecendo os membros do corpo que fazem movimento convulsivo brusco, os nervos que se retraem, provocando pruridos, e outros, que se prendem um no outro; conheci a arte de armar ciladas pelas palavras, pelos números obtidos quando os dedos são atirados para frente e também pelos números que escapam repentinamente dos lábios dos homens. Criei coisas, com minhas palavras, e constatei que eram reais . . . Fui ainda a Mênfis e Heliópolis ... Visitei seus subterrâneos escuros, onde os demônios do ar fazem suas reuniões com os demônios que permanecem na terra; aprendi como eles induzem os homens às tentações . . . e como os espíritos lutam com os demônios. Fiquei sabendo quantos eram os Arcantes das trevas e as relações que eles têm com as almas e os corpos privados de razão, inclusive com os peixes e qual é a obra realizada por eles (Arcantes); um provocando a fuga de um homem; outro agindo sobre a inteligência para que o homem se entregue a ele; outro agindo em sua memória; outro inspirando-lhe terror; outro procedendo por meio de ardis astuciosos; outro, pela surpresa; outro provocando o esquecimento; outro agindo sobre a multidão, para que ela se revolte; e muitos outros fenômenos que são produzidos do mesmo modo ... Vi as almas dos gigantes encerradas nas trevas, suportando a sombra da terra, as quais se pareciam com alguém que carrega pesado fardo. Vi dragões entrarem em contato com os demônios e senti o gosto amargo do veneno que sai de suas bocas . . . veneno usado pelos espíritos do Ar para causarem todos esses males aos homens ... Vi nesses lugares o espírito de mentira com uma aparência de muitos aspectos: o espírito de luxúria, com três faces . . . o espírito de cólera, que é como pedra dura . . . o espírito de astúcia, com grande número de línguas aguçadas ... o espírito de ódio, que é como cego, com os olhos atrás da cabeça, sempre fugindo da luz . . . o espírito de maldade, que se apresenta como osso dessecado . . . Vi também a aparência da vanglória, da virtude e da justiça estéril, pelas quais os demônios enganaram os filósofos gregos; todas elas são, com efeito, impotentes e sem força. Algumas são como a poeira; outras, como as sombras . . . Os demônios que fazem os ídolos agir, induzindo os filósofos gregos em erro, são em número de 365. Todas essas coisas, não poderei vo-las dizer uma a uma, sem escrever vários livros; mas vou contar-vos algumas, que bastarão para tornar claro o ardor de minha impiedade".

"Quando atingi a idade de trinta anos deixei o Egito e fui para o país dos caldeus, a fim de aprender como é o Éter. As pessoas de lá dizem que ele está estabelecido acima do Fogo; mas os sábios dentre eles pretendem que ele fique acima da luz ... Foram-me enumeradas as 365 partes do Éter, cada uma das quais tem sua própria natureza e entra em contato com a força das substâncias materiais que são nossos corpos . . . Algumas dentre elas, entre-

tanto, não obedecem e mantêm atitude contrária à Palavra da Luz. Foi-me ensinado igualmente como elas foram persuadidas a participar do desígnio dos seres materiais, como lhes foi ensinada a vontade da Lua e como elas lhe obedecem. Vi ainda mediadores que se encontram entre elas. Fiquei surpreso com o número dos espíritos das trevas que se encontram no ar ... Aprendi as convenções que eles elaboraram entre si e me surpreendi ao constatar que eles se submeteram a elas. Nesse lugar existe uma constituição, uma boa vontade, um mandamento e um bom senso que lhes permitem gozar da vida em comum . . . Se quiserdes crerme, vi a ele, o Diabo, face a face. Eu o fiz aparecer diante de mim por meio de oferendas. Se tiverdes por verdadeira minha palavra, eu o saudei boca a boca. Falei com ele, e ele pensou que eu fosse um dos grandes que estavam diante dele. Chamou-me de '[ovem dotado que é fácil instruir' e também de 'pequeno digno de minha sociedade' ... disse ele: 'Ajudar-te-ei por meio deles (todos os poderes) em tua vida' - porque eu era considerado por ele . . . Quando eu ia partir, ele gritou meu nome: 'ó muito zeloso Cipriano, sê forte e perseverante em tudo o que fazes' ... E a sua aparência se assemelhava a uma flor de alegria (?) e estava ornada de pedras preciosas; ele tinha na cabeça uma coroa cravejada dessas mesmas pedras, cujo brilho se difundia por todo esse lugar. E a sua veste emitia irradiações tão fortes que o lugar em que ele se achava se mexia ... "

R. P. Festugiêre, O. P., *La Révelation d'Hermês Trismégiste,* Gabalda, Paris, 1950, vol. I, apêndice II, pp. 374-382).

Em seguida, começa a narração da conversão propriamente dita de Cipriano. Pois bem, eis um homem rico de experiência e conhecimento, para o qual, como diz Sédir,

"depois de um encontro (com a virgem cristã J ustina) tudo o que os sábios da Grécia, da Frígia, do Egito, da Caldéia lhe tinham ensinado se tornou como o vapor leve que sobe da terra superaquecida, na hora do crepúsculo",

e que, depois de ter encontrado o Mestre da sabedoria deste mundo face a face, renunciou à sabedoria deste mundo para se entregar à Sabedoria do Amor divino, que é loucura aos olhos dos sábios deste mundo ...

Em outros termos, Cipriano, o bispo e o mártir, pôs numa sacola a varinha, a taça, a espada e o pentáculo mágicos do Cipriano mágico, colocou-a aos ombros e se pôs a caminho, sem defesa contra os Cães que o atacavam e como um bufão ridículo aos olhos do mundo, para omartírio que o esperava. "Eis o Doido", deviam dizer seus co-iniciados gregos, frígios, egípcios e caldeus. "Eis o Louco", diziam as pessoas instruídas e de bom senso da sociedade de seu tempo. Porque, aos seus olhos Cipriano tinha voltado as costas ao princípio da cultura e da civilização humanas, ao intelecto. Ao intelecto, cujo gênio dirigente

ele tinha encontrado face a face, esse gênio que o tinha chamado de "jovem dotado, que é fácil instruir". Porque o Espírito da Ciência pela ciência lhe falara boca a boca e o exortara a ser "forte e perseverante em tudo o que fizesse".

Ora, Cipriano se mostrou mais forte do que a força da magia arbitrária e mais perseverante do que a perseverança requerida para a ciência pela ciência: ele superou a vontade arbitrária e se dedicou à ciência superior, à ciência divina, isto é, à ciência do amor divino. O passo que ele deu é o Arcano "O Doido" do Tarô. Esse é o seu sentido e a sua magia realizadora.

O Arcano "O Doido" ou "O Louco" ensina a habilidade que permite passar da intelectualidade, movida pelo desejo de saber, para o conhecimento superior devido ao amor. Trata-se da passagem da consciência que a literatura teosófica chama "o pequeno *manas",* para a consciência que ela denomina o *"grande manas"* ou *"manas-budhi",* o que corresponde à passagem da consciência do Si mesmo para a consciência do Si mesmo espiritual *(Geistselbst)* da literatura antroposófica. Em outros termos, o Arcano "O Doido" do Tarô tem ligação com a transformação da consciência pessoal em consciência cósmica, na qual o eu não é mais o autor do ato de conhecimento, mas acolhe, daí por diante, o conhecimento, submetendo-se à lei da pobreza, da obediência e da castidade.

O Arcano "O Doido" pode ser compreendido de duas maneiras diferentes: como modelo e como advertência, De um lado, ele ensina a liberdade de consciência transcendente elevada acima das coisas deste mundo, e, do outro, apresenta claramente uma advertência muito impressionante para o perigo que essa elevação contém: a indiferença, a insuficiência, a irresponsabilidade e o ridículo. Numa palavra, a loucura.

Com efeito, o Arcano "O Doido" tem esses dois sentidos. Ele ensina a consciência transcendente e adverte para o perigo que ela encerra. Ele trata dos dois modos do *sacrificium intellectus,* do "sacrifício do intelecto". Porque o intelecto pode ser sacrificado de duas maneiras: ele pode ser *posto a serviço* da consciência transcendente e pode ser simplesmente *abandonado.* O hermetista escolhe a primeira maneira de superação da intelectualidade, ao passo que mais de um místico cristão ou outro escolhe a segunda maneira. Não se confundam, entretanto, essas duas atitudes com o extatismo místico puro e simples, de um lado, e com a mística chamada "sóbria", isto é, racional e prudente, do outro. São João da Cruz foi arrebatado várias vezes em êxtases que iam até a levitação do corpo, e, no entanto, escreveu livros sobre a mística cujas clareza, profundeza e sobriedade de pensamento talvez não tenham sido ultrapassadas.

Nele, como ele mesmo diz, o intelecto se calava diante da Presença Divina e era absorvido por ela pelo tempo determinado por essa Presença Divina, até voltar a ser ativo - *mais* ativo do que antes - depois de ter saído do mergulho na luz absoluta, cuja clareza ofusca o

intelecto e parece mergulhá-lo nas trevas. Mas esse mergulho nas trevas da luz absoluta tinha um efeito profundo sobre o intelecto: ao contato com Arcanos do alto, ele voltava dotado de tendências novas. Cada êxtase de são João da Cruz foi, pois, uma *iniciação,* isto é, a impressão direta da verdade absoluta divina não no domínio do pensamento consciente, mas no domínio da "vontade do pensar", que *produz* os pensamentos conscientes. Não se trata, portanto, da antinomia êxtase-crescimento progressivo da consciência. Não, na superação do intelecto, apresenta-se a escolha entre a decisão de *substituir* o intelecto para tudo de bom pelo sopro do alto e a decisão de *colocar* o intelecto ao serviço ativo desse sopro, produza ele êxtase ou não. Assim o dervixe que gira em torno de si mesmo a fim de excluir a inteligência, ou o monge budista da seita *Zen* que permanece em estado de aturdimento meditativo, durante o qual não medita em nada, somente se mantém desperto, com uma consciência vazia, à espera de uma iluminação súbita, esse dervixe e esse monge *Zen,* digo, fizeram sua escolha: não se decidiram a superar a consciência intelectual, mas a passar sem ela.

A coisa é diferente no caso do monge contemplativo cristão - que medita, por exemplo, a paixão do Senhor e quer compreendê-la, senti-la e aprofundá-la até identificar-se com ela - quando chega ao estado no qual seu pensamento e sua imaginação param diante do excesso de luz. Ele ultrapassa o intelecto e a imaginação, cuja atividade se detém depois de ter atingido seu limite. Essa parada, na realidade, é só aparente, porque, do mesmo modo que uma roda girando em grande velocidade parece imóvel, também o intelecto e a imaginação de uma alma em êxtase parecem imóveis para a consciência comum, embora estejam - melhor, porque estão - superativos.

Ultrapassar o intelecto é, pois, torná-lo superativo, enquanto passar sem o intelecto é reduzi-lo à passividade completa. São duas maneiras bem diferentes do *sacrificium intellectus,* do "sacrifício do intelecto".

Ora, repito-o, o Hermetismo professa a ultrapassagem ativa do intelecto. Por isso ele compreende não só as experiências místicas, mas também a gnose, a magia e a ciência esotérica. Se assim não fosse, ele consistiria só em exercícios ou métodos práticos visando às iluminações devidas à supressão da intelectualidade. Toda a história do Hermetismo no decurso das idades é, de um lado, a da inspiração contínua de século em século e, do outro, a da reação ativa da inteligência humana de século em século.

O vigésimo primeiro Arcano do Tarô é, portanto, o do método que o Hermetismo usa para sacrificar o intelecto à espiritualidade, de maneira que ele cresça e se desenvolva, em vez de se enfraquecer e de se atrofiar. :É o arcano da *conjunctio oppositorum* ("união dos opostos"), do matrimônio dos opostos, a saber, da intelectualidade discursiva e da espiritualidade iluminadora ou, em outros "termos, da obra alquímica da união da sabedoria humana, que é loucura aos olhos de Deus, com a sabedoria divina, que é loucura aos olhos dos homens, de maneira que resulte disso não uma dupla loucura, mas uma só

sabedoria, que compreenda tanto o que está no alto como o que está em baixo.

Para compreendermos melhor do que se trata, examinemos primeiramente as peripécias que intervêm na relação entre a intelectualidade e a espiritualidade, entre o conhecimento e a revelação, no plano histórico.

Quando são Paulo escreve:

> *"Os judeus pedem sinais (semeia), e os gregos andam em busca de sabedoria (sophia): nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder (dynamis) de Deus e sabedoria (sophia) de Deus"* (lCor 1,22-25),

constata com precisão o estado das coisas na relação entre a intelectualidade pagã e a espiritualidade profética judaica de seu tempo. Porque as aspirações dos melhores entre os pagãos - os "filósofos" - convergiam todas para o *Logos* do Cosmo, isto é, para a racionalidade do mundo, enquanto os dirigentes espirituais dos judeus viviam na espera - e da espera - do Milagre trancformador do mundo: a manifestação do poder do Rei celeste por meio de seu Ungido, o rei terrestre. Os primeiros queriam compreender o mundo, ao passo que os outros esperavam a sua transformação mágica miraculosa. Ora, a pregação de Cristo crucificado se chocava com a idéia fundamental dos filósofos de que o mundo inteiro é a encarnação do *Logos,* e contra a tese fundamental do profetismo judaico de que o Rei celeste tem sua sede acima do mundo e só intervém nos acontecimentos do mundo emitindo de seu trono supramundano raios de seu poder por meio dos profetas, dos taumaturgos e do Messias.

Cristo crucificado não satisfazia, portanto, nem àqueles que desejavam compreender o mundo, sendo apenas um fenômeno particular entre outros fenômenos do mundo, nem àqueles que esperavam a manifestação mágica transformadora do poder de Deus, sendo a morte na cruz o malogro e não o triunfo do poder divino. Escândalo, portanto, para os judeus, e loucura para os gregos. Mas são Paulo não desespera:
Cristo crucificado, diz ele, revela o poder de Deus e a sabedoria de Deus aos que são chamados, tanto judeus como gregos, isto é, a Cruz de Cristo não pode ser compreendida senão pela cruz da revelação (milagre) e da sabedoria *(logos* imanente). São Paulo apresenta, pois, à humanidade um problema a ser resolvido - melhor, uma tarefa a ser cumprida. E desde então a história espiritual da humanidade é constituída pelas etapas ·vencidas no cumprimento da tarefa de união da revelação e do conhecimento, da sabedoria divina e da sabedoria humana. Essas etapas são as seguintes:

Em primeiro lugar, a *oposição* pura e simples como a constata são Paulo:

"Se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio; pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (1Cor 3,18-19).

Mais tarde essa oposição se tornou *paralelismo* admitido e tolerado, uma espécie de "coexistência pacífica" dos domínios espiritual e intelectual. A afirmação do Evangelho: Os filhos deste século *(tou aionos toutou)* são mais prudentes *(phronimoterоi)* com sua geração *(eis ten genean heauton)* do que os filhos da luz *(huoi tou photos)* (Lc 16,8), exprime admiravelmente a idéia fundamental subjacente no paralelismo da espiritualidade e da intelectualidade. Esse paralelismo se manifesta historicamente na dualidade, admitida e tolerada, da "filosofia" e da "teologia".

Mais tarde, o paralelismo foi substituído gradativamente pela *cooperação* entre a espiritualidade e a intelectualidade. A "sabedoria dos gregos" - o pensamento de Platão e o de Aristóteles principalmente - que, no tempo de são Paulo, via apenas uma "loucura na pregação de Cristo crucificado", se tornou aliada da revelação Em primeiro lugar os Padres gregos (Clemente de Alexandria e Orígenes principalmente), depois santo Agostinho não hesitaram em recorrer ao pensamento platônico; mais tarde vieram santo Alberto Magno e santo Tomás de Aquino, que abriram o caminho ao pensamento aristotélico no domínio das verdades reveladas.

É sobretudo aos dominicanos que a história espiritual da humanidade deve a aproximação progressiva da espiritualidade e da intelectualidade, uma etapa chamada "escolástica". A escolástica significou um grande esforço humano sustentado durante séculos, tendente a uma cooperação tão completa quanto possível entre a espiritualidade e a intelectualidade.

Esforçando-se sempre para tornar a revelação inteligível, a escolástica servia-se da inteligência somente para apoiar a revelação por meio do pensamento argumentativo ou filosófico. A tese fundamental da escolástica era a de que a filosofia é serva da teologia *(philosophia ancilla theologiae).* A inteligência cooperava para isso, mas desempenhava papel subordinado. A escolástica não conseguiu, portanto, levar ao seu termo a obra alquímica da *fusão* da espiritualidade e da intelectualidade - a obra do "matrimônio do Sol e da Lua" - da qual resulta *terceiro princípio,* chamado na alquimia de "pedra filosofal".

A "pedra filosofal" da alquimia espiritual está descrita na Tábua de Esmeralda de Hermes Trismegisto da seguinte maneira:

"O *Sol é seu pai, a Lua é sua Mãe, o vento a trouxe em seu ventre, a Terra é sua nutriz; o pai de tudo, o Têlemos do mundo todo está aqui; a sua força estará inteira se for convertida em terra.*

Tu separarás a terra do fogo, o sutil do espesso, docemente, com grande aplicação. Ele sobe da terra para o céu, desce de novo para a terra e recebe a força das coisas superiores e inferiores".

Isso significa que os profetas da indução (que sobe da terra para o céu) e da dedução (que desce para a terra), da oração (que sobe da terra para o céu) e da revelação (que desce para a terra) do esforço humano e da ação da graça do alto se unem para se tomarem um círculo inteiro que se aperta e se concentra até tornar-se um ponto no qual a subida e a descida são simultâneas e coincidem. Esse ponto é a "pedra filosofal" ou o princípio da identidade do humano e do divino, do humanismo e do profetismo, da inteligência e da revelação, da intelectualidade e da espiritualidade. Em outros termos, ele é ainda a solução do problema apresentado por são Paulo ou, melhor, o cumprimento da tarefa dada por ele, quando falou da cruz que é loucura para os gregos e escândalo para os judeus, mas que é poder de Deus e sabedoria de Deus para aqueles que são chamados, tanto judeus corno gregos (lCor 1,22-25).

Ora, a missão histórica do Hermetismo consiste em fazer progredir a obra alquírnica que está em execução, a grande obra da "pedra filosofal" ou da *união* da espiritualidade e da intelectualidade. O Hermetismo tem por vocação ser a crista da onda do esforço humano contemporâneo que aspira à fusão da espiritualidade e da intelectualidade. Esse esforço e essa aspiração são mais amplos do que o grupo de hermetistas propriamente ditos, dispersos pelo mundo. Provavelmente existem muitas pessoas que não são hermetistas declarados e que estão engajados no esforço que visa à fusão da espiritualidade e da intelectualidade. Nem Vladimir Solovieff, nem Nicolas Berdiaeff, nem Pierre Teilhard de Chardin, nem Carl Gustav Jung, por exemplo, se declararam hermetistas, embora tenham contribuído muito para o progresso da obra da qual se trata. O existencialismo cristão (Berdiaeff), a gnose cristã (Solovieff), o evolucionismo cristão (Teilhard de Chardin), a psicologia da revelação (Jung) são, com efeito, contribuições inestimáveis à causa da espiritualidade com a intelectualidade. Embora não. tenham feito profissão de Hermetismo, eles serviam a sua causa e se inspiravam nas mesmas fontes. O Hermetismo tem, pois, aliados e colaboradores além de seus adeptos. O Espírito sopra onde quer, mas a tarefa da Tradição hermética consiste em manter - sem pretender o monopólio, Deus a livre disso! - o antigo ideal do "Têlernos de todo o mundo que sobe da terra para o céu, desce de novo para a terra e recebe a força das coisas superiores e inferiores". A sua tarefa consiste em ser o *guardião* da grande obra espiritual.

Ser guardião significa duas coisas: primeiro, o estudo e a aplicação prática da herança do passado, e, depois, o esforço criador continuado, tendente ao avanço da obra. Porque a tradição só vive quando se aprofunda, se eleva e se estende. Só a conservação não é suficiente: apenas o cadáver se presta a urna conservação na forma de mumificação.

A grande obra espiritual, sempre do ponto de vista histórico, se opera sob a ação simultânea procedente de duas fontes opostas: do alto e de baixo, isto é, sob a ação da revelação contínua e do esforço da consciência humana. Em outros termos, ela é produto da colaboração da

revelação e do humanismo, ou dos A vatares e dos Budas, para usarmos os termos da tradição espiritual indo-tibetana. Essa tradição espera tanto uma nova onda de renovação, cujo ponto culminante será Kalki - *Avatar* - como a manifestação de novo Buda - do *Maitreya Buda.* Ao mesmo tempo, o Islã esotérico *(batin)* - o xiísmo e o *sufismo* - espera a parusia do Décimo segundo Imame, "que, no fim de nosso *Aion* ("século"), trará a plena revelação do esotérico de todas as Revelações divinas" (Henri Corbin, *Histoire de la philosophie islamique,* Gallimard, 1964, p. 21), e os judeus esperam a vinda do Messias, sem falarmos da espera da segunda vinda de Cristo.

Existe, portanto, no mundo, um clima de espera, de uma espera mantida, meditada e intensificada no curso dos séculos. Se não fosse alimentada e dirigida do alto, essa energia da espera humana estaria esgotada há muito tempo. Mas ela não se esgota: ao contrário, cresce. Isso porque ela visa a uma realidade, e não a uma ilusão. E essa realização é o cumprimento histórico da grande obra de união da espiritualidade com a intelectualidade, da revelação com o humanismo, na escala de toda a humanidade.

Na escala da história da humanidade inteira, essa obra se apresenta como segue:

Acabamos de mencionar as noções orientais de Avatares e Imames, de um lado, e a de Budas, do outro. Os Avatares e os Imames são pessoas que representam pontos culminantes da revelação do alto, enquanto os Budas (o Gautama Buda foi só um elo da série dos Budas) representam os pontos culminantes de algumas épocas da história humana, não da revelação do alto, mas do despertar da consciência humana, significando o termo *buda* o "despertado", ao passo que *"avatar"* significa "descida": "é a descida do Divino acima da linha que separa o divino do mundo humano ou da condição humana" *(La Bhagavad-Gita,* comentada por Sri Aurobindo, edição Albin Michel, Paris, p. 120). Se, pois, os Avatares são *descidas* do Divino, os Budas são subidas do humano. Eles são pontos culminantes das etapas do *humanismo* em via de evolução. A diferença entre os "revelados" (os Avatares e os Imames) e os "despertados" (os Budas) é análoga à que existe entre os "santos" e os "justos" no mundo judeu-cristão. Nele os santos correspondem aos A vatares enquanto representam a revelação da graça divina por eles e neles, e os justos correspondem aos Budas enquanto põem em evidência os frutos do esforço humano.

Assim, Jó não era santo, mas justo, daqueles justos que por seus méritos "preservam o mundo". Os justos mostram o que vale a natureza humana quando a sua própria essência desperta e se revela. Os justos são verdadeiros humanistas, flores do humanismo puro. Eles dão testemunho de que a essência da natureza humana é feita à imagem e semelhança de Deus. Foi esse o testemunho de Jó e também o de Sócrates. Immanuel Kant, ao declarar que a alma humana, seja qual for o estado de abandono em relação à graça iluminadora e à revelação do alto, traz em si o imperativo *categórico,* a lei moral imanente (denominada

dharma pelos Sábios da 1ndia), que a faz agir e pensar como se ela fosse eterna e imortal e como se aspirasse à perfeição infinita ... , dá testemunho da nobreza da natureza humana. Essa é a sua contribuição *para a fé no homem,* sejam quais forem seus limites e seus erros. Porque, como há dois amores inseparáveis - o amor a Deus e o amor ao próximo - do mesmo modo existem *duas espécies de fé,* também inseparáveis - a fé em Deus e a fé no homem. Ora, os santos e os mártires dão testemunho de Deus, e os justos dão testemunho do homem como sendo a imagem e a semelhança de Deus. Uns restabelecem e fortalecem a fé em Deus, os outros, a fé no homem. A fé em Jesus, no Homem-Deus, une a fé em Deus e a fé no homem como o amor a Jesus une o amor a Deus e o amor ao próximo. Em Jesus temos a união perfeita da Revelação divina e do humanismo mais puro. Isso significa que em Jesus se resumem não só todos os avatares, mas também todos os budas do passado e do futuro, sendo ele o *Logos* feito carne, e tendo sua humanidade realizado o despertar mais completo de tudo o que é de essência divina nela. Porque Jesus é a revelação de que Deus é amor, e é o testemunho de que a essência da natureza humana é amor. E pode-se imaginar algo que seja mais divino e mais humano do que o amor? Por isso todos os avatares, inclusive todos os profetas e todos os imames, e todos os budas, inclusive todos os sábios, todos os iniciados e todos os *bodhisattvas,* eram, são e serão apenas graus e aspectos da revelação divina e do despertar humano realizado em Jesus.

Essa verdade, evidente para toda pessoa cuja cabeça e cujo coração estão unidos no pensamento, isto é, que usa a *lógica moral,* é difícil de compreender e aceitar por espíritos que usam a *lógica formal* no domínio da história da humanidade ou no domínio filosófico.

Assim, Sri Aurobindo, comentando as passagens da *Bhagavad-Gita* relativas à doutrina dos avatares (IV,5-8), onde está escrito:

> *"Muitas são minhas vidas passadas e também as tuas, ó Arjuna ... Embora Eu seja o não-nascido, embora Eu seja imperecível em minha existência própria, embora Eu seja o Senhor de todas as existências, Eu repouso em minha própria natureza e nasço por minha própria Mâyâ. Toda vez que o dharma se apaga e que sobe a injustiça, Eu nasço. Para a libertação dos bons, para a destruição daqueles que fazem o mal, para pôr a justiça sobre trono. Eu nasço de idade em idade ...* "

Ele comenta assim essa passagem:

> *"Ele vem, o A vatar, manifestação da natureza divina na natureza humana, apocalipse de sua qualidade de Cristo, de Krixna, de Buda, a fim de que a natureza humana, modelando seu princípio, seu pensamento, sua sensibilidade, sua ação e seu ser pelas linhas dessa natureza de Cristo, de Krixna e de Buda, possa transfigurarse no Divino. A lei, o dharma, que estabelece a Encarnação, é dada principalmente para isto: Cristo, Krixna, Buda, cada um deles se mantém no centro, arco de entrada, e se faz a si mesmo*

a via que os homens devem seguir. Por isso cada um dos A vatares apresenta aos homens seu próprio exemplo e se declara a via e a porta; ele declara igualmente a própria identidade de seu ser humano com o ser divino, declara que o Filho do Homem e o Pai que está nos céus e do qual ele saiu são uma só coisa: que Krixna, em seu corpo humano ... e o Senhor supremo e o Amigo de todas as criaturas são duas revelações do mesmo Purushottama divino, revelado aqui em forma humana, lá em seu ser próprio" (Oeuvres complétes de Sri Aurobindo [I], *La Bhagavad-Gita,* Paris, p. 122).

Nada mais claro e convincente! Os Avatares são, pois, encarnações periódicas do Divino: eles se encarnam periodicamente para estabelecer a lei, como os profetas surgem para o mesmo fim. Cada vez eles são portas e vias, Filhos de Deus e Filhos do Homem, que são uma coisa só com o Pai que está nos céus. E Sri Aurobindo conclui:

"A [orma, o nome e o aspecto do Divino sob os quais vem o Avatar não importam muito; porque em todas as maneiras, os homens, variando segundo sua natureza, seguem o caminho designado para eles pelo Divino, que, no fim, levá-los-á a ele, e esse aspecto dele que convém, à natureza deles é o que eles melhor podem seguir quando ele vem para conduzi-los; e seja qual for a maneira pela qual os homens aceitam e amam a Deus e nele se alegram, dessa mesma maneira Deus aceita e ama o homem e se alegra nele" (Op. cit., pp. 125, 126).

Tudo isso, afirma-se, vem da pura razão, do ecumenismo mais decidido e da tolerância universal! Mas essa tolerância, esse ecumenismo e essa racionalidade da doutrina dos avatares, como a professa Sri Aurobindo, não é idêntica, em princípio, à racionalidade, ao ecumenismo e à tolerância dos dirigentes do império romano, que tiveram a idéia de um templo dedicado a todos os deuses, o Panteão? Panteão no qual havia lugar reservado a Jesus, ao lado de Júpiter, de Osíris, de Mitra e de Dionísio? Porque todos os deuses têm em comum serem imortais e superiores aos homens. E Cristo não é imortal, uma vez que ressuscitou dos mortos, e não é superior aos homens como o provam seus milagres? Ele pertence, pois, à categoria dos deuses e tem o direito de ser admitido no Panteão, ao mesmo título que eles.

Os avatares de *Vixnu,* no Hinduísmo, teoricamente são dez (p. ex, *Matsyavatara, Yerahavatara, Narasimhavatara, Vamanavatara),* mas Rama e Krixna são os mais populares deles e os mais celebrados. Quanto a *Kalkin,* o avatar que ainda virá, *Kalki-Purana* fala dele como do avatar que marcará o fim da idade do ferro e tomará a forma de gigante com cabeça de cavalo, símbolo este que faz apelo à nossa faculdade de aprofundamento meditativo. Sri Aurobindo menciona deles - e isso muitas vezes - só Cristo, Krixna e Buda.

Entretanto, Buda (que, é verdade, o Hinduísmo incluiu em seu panteão, como o Islã vê em Jesus um dos profetas, dos quais Maomé

foi o primeiro) não corresponde, de forma alguma, à característica fundamental dos Avatares como ela é indicada por Sri Aurobindo, a saber:

> *"Cada um dos A valares apresenta aos homens seu próprio exemplo e se declara a via e a porta; declara igualmente a identidade de seu ser humano com o ser divino ... que o Filho do Homem e o Pai que está nos céus e do qual ele saiu são uma coisa só".*

Ê fato incontestável que o *Sakyamúni,* o Buda histórico, nunca afirmou a identidade de seu ser humano com o ser divino, menos ainda que ele fosse uma coisa só com o Pai que está nos céus e que tivesse saído dele. A *Dighanikaya,* a longa coleção dos discursos de Buda em Páli, confirma isso em cada página e emprega uma multidão de argumentos e de fatos só para convencer o leitor (ou o ouvinte dos discursos de Buda) de que Buda era o *homem despertado,* isto é, de que ele se tornara completamente consciente da experiência comum e normal sobre a terra - a do nascimento, da doença, da velhice e da morte - e que tirou dela as conclusões práticas e morais, resumidas em seu caminho de oito elos. O ponto realçado pela *Dighanikaya* é que não foi uma experiência extraordinária de uma revelação mística ou gnóstica que fez do príncipe de Capilavasto um Buda, mas que ele despertou para uma compreensão nova da experiência humana comum, de condição humana como tal. Foi o homem - e não um mensageiro do céu - que despertou do sono da aceitação passiva, do hábito, da influência entorpecedora dos desejos passageiros e da força hipnótica do conjunto das convenções humanas.

O ensinamento de Buda é o de espírito humano que, num estado de lucidez completa, deu-se conta da condição humana em geral e das conseqüências práticas e morais que dela decorrem. Tal é a análise feita cinco séculos antes de Cristo e situada fora da tradição prof ética iraniana e judaica. O ensinamento de Buda procede do humanismo puro e simples e não tem nada a ver com uma revelação do alto do lado dos profetas e dos avatares.

Devemos, por isso, eliminar Buda dos três Avatares mencionados por Sri Aurobindo: "Cristo, Krixna e Buda".

Quanto a Jesus, ele não veio só "para a libertação dos bons, para a destruição dos que fazem o mal e para pôr a Justiça no trono" *(Bhagavad-Gita,* IV, 8), mas também e sobretudo para vencer o mal e a morte e para fazer reinar o Amor.

Jesus não é somente nascimento divino, mas também - e principalmente - a *morte* divina, isto é, a ressurreição, o que não é o caso de nenhum Avatar passado ou futuro. A obra de Jesus difere da dos A vatares porque significa o *sacrifício expiatório* pela humanidade decaída, o que quer dizer que a humanidade, que, antes de Jesus, não tinha escolha entre a renúncia ao mundo do nascimento e da morte e sua afirmação, depois do mistério do Calvário está em condições de transformá-lo, sendo o ideal cristão "a nova terra e o novo céu" (Ap 21, 1), ao passo que a missão dos A vatares é "a *libertação* dos bons"

deste mundo decaído, sem nenhuma tentativa para transformá-lo. Na obra de Jesus, trata-se da salvação universal, e não só da libertação dos bons: trata-se da obra da Magia e da Alquimia divinas de transformação do mundo decaído. A obra de Jesus é a operação mágica divina do amor, visando à salvação universal mediante a transformação da humanidade e da natureza.

Além de Buda, também Jesus deve, portanto, ser eliminado da lista abreviada de Avatares, proposta por Sri Aurobindo. Resta somente Krixna, que, além de Rama, é o avatar por excelência do hinduísmo.

Devemos, contudo, fazer justiça a Sri Aurobindo: ele tem de Jesus uma noção infinitamente mais elevada e mais próxima da verdade do que teólogos supostamente cristãos da escola protestante, chamada liberal, que consideram Jesus como simples carpinteiro de Nazaré, que ensinava e vivia o ideal moral do amor ao próximo e a Deus. Qualquer muezin do Cairo ou de Bagdá tem noção mais justa de Jesus do que esses teólogos, uma vez que o consideram como profeta inspirado por Deus. Quanto a Sri Aurobindo, vê Jesus como encarnação divina e, pelo fato de sempre colocar Jesus na frente dos outros Avatares ("Cristo, Krixna, Buda"), mostra que pessoalmente o considera um luminar de primeira grandeza no céu dos Avatares divinos!

Voltemos agora ao Arcano da obra alquímica de fusão da espiritualidade e da intelectualidade, do ponto de vista histórico.

Depois de Jesus, o Homem-Deus, que foi a unidade completa não só da espiritualidade e da intelectualidade, mas também da vontade divina e da vontade humana e até mesmo da essência divina e da essência humana, a obra de fusão da espiritualidade e da intelectualidade só pode ser a germinação ou a semente crística na consciência e na natureza humanas. Em outros termos, tratar-se-á do progresso da *cristianização* da humanidade, não só no sentido do aumento do número dos batizados, mas também e principalmente no sentido da transformação qualitativa da consciência e da natureza humanas. Ela se opera segundo a lei: aspiração e langor geral - ponto culminante do sucesso de uma individualidade - difusão geral escalonada sobre certo número de gerações; em outras palavras, o clima da espera geral chega à realização particular, a qual, em seguida, se torna geral. Por isso os budistas esperam a vinda de *Maitreya* Buda, e os hinduístas, a de *Kalki-Avatar.* A manifestação do novo Buda e do novo Avatar fará a evolução espiritual da humanidade dar um passo à frente, e esse passo será a fusão da espiritualidade e da intelectualidade.

Essa espera não se limitou ao Oriente; os teósofos tinham-se lançado num movimento de envergadura nacional, visando à preparação dos espíritos para a vinda - suposta próxima - do novo mestre. Com essa finalidade fundaram a Ordem da Estrela do *Oriente(Order of the Star of the East),* que contava cerca de 250 mil membros, a qual organizou congressos e conferências e publicou centenas de livros e brochuras. Sempre difundindo a idéia da vinda iminente do novo mestre da humanidade, a Ordem da Estrela do Oriente infelizmente se fixou numa pessoa

particular, escolhida não pelo Céu, mas pelos dirigentes da Sociedade Teosófica, os quais a festejaram antecipadamente, o que desagradou a essa pessoa, que se retirou da Ordem.

Mais discretamente e sem pôr ninguém em evidência, o doutor Rudolf Steiner, fundador da Sociedade Antroposófica, predisse a manifestação - na primeira metade do século vinte - não do novo Buda *Maitreya* ou do novo Avatar *Kalkin,* mas do *bodhisattva,* isto é, da individualidade em via de se tornar o Buda futuro. Ele esperava que a Sociedade Antroposófica fosse seu campo de atividade. Novo malogro! Desta vez não devido a erro quanto à individualidade a esperar, nem quanto à época de sua atividade, mas devido à superestimação da Sociedade Antroposófica por seu fundador. Assim a previsão não se realizou.

Seja como for, a idéia da espera da vinda do novo Buda e do novo Avatar continua viva tanto no Ocidente como no Oriente. Os teósofos complicaram muito essa idéia, mas há também espíritos que a vêem com clareza como, por exemplo, Rudolf Steiner.

Numa linha analógica à sua, podemos dizer o seguinte: como o que é visado é a obra de fusão da revelação e do conhecimento, da espiritualidade e da intelectualidade, trata-se da fusão do princípio do A vatar com o de Buda. Em outras palavras, *Kalki-A vaiar,* esperado pelos hinduístas, e *Maitreya* Buda, esperado pelos budistas, manifestar-se-ão *numa só pessoa.* No plano histórico, *Maitreya* Buda e *Kalki-Avatar* serão um só.

O A vatar "de corpo de gigante e cabeça de cavalo" e Buda, "que trarão o bem" serão uma só e mesma pessoa. Ela será a união completa do humanismo mais elevado - o princípio dos budas - e a revelação mais alta - o princípio dos avatares - de modo que tanto o mundo espiritual como o mundo humano falarão e agirão por ela. Em outros termos, Buda-Avatar futuro *não falará só do bem, falará o bem;* ele não só ensinará o caminho da salvação, como também fará avançar nesse caminho; não só será uma testemunha do mundo espiritual e divino, mas também fará dos homens testemunhas autênticas desse mundo; não só explicará o sentido profundo da Revelação, mas também fará os homens chegarem à experiência iluminadora da Revelação, de modo que não será ele a ganhar em autoridade, mas Aquele "que é a luz que ilumina todo homem que vem ao mundo", Jesus, o Verbo feito carne, que é o Caminho, a Verdade e a Vida. A missão do Buda-Avatar futuro não será, portanto, a de fundar nova religião, e sim a de fazer os homens chegarem à experiência da fonte de toda revelação, a única já recebida do alto pela humanidade, a fonte também de toda verdade essencial já concebida por ela. Ele não visará a novidade, mas a certeza consciente da verdade eterna.

O Buda-Avatar *Maitreya-Kalkin* representará a fusão da *prece* e da *meditação,* sendo essas duas formas de atividade espiritual as forças motrizes da Religião e do Humanismo espirituais. A incompatibilidade aparente do estado de consciência representado pelas estátuas do mestre da meditação, Gautama Buda, mergulhado na meditação, na postura da

asana, com o de são Francisco de Assis recebendo os estigmas ajoelhado, essa incompatibilidade aparente, digo, será superada pelo Buda-Avatar futuro, e o fogo da prece se unirá à água límpida da paz da meditação: realizar-se-á nele o matrimônio alquímico do Sol e da Lua, do fogo e da água.

A união dos princípios da oração e da meditação, a ser representada pelo Buda-Avatar futuro será o coroamento de uma longa série de esforços, visando a este fim, no curso dos séculos, e o resultado de uma longa preparação no decorrer da história espiritual da humanidade. Porque não só a prece será introduzida nas escolas estritamente meditativas do Budismo indo-tibetano da mahaiana - na forma do Lamaísmo - e do Hinduísmo, na forma do *Bhakti-Ioga,* mas também a meditação se introduziu no Ocidente como ajuda e complemento da vida de oração na prática espiritual das grandes ordens religiosas. São Boaventura, por exemplo, introduziu-a na ordem franciscana; santa Teresa e são João da Cruz, na ordem carmelita; santo Inácio de Loyola era mestre não só da oração, mas também da meditação. Poderíamos dizer que esse último prefigura, em grande parte, a fusão da espiritualidade com a intelectualidade, da prece com a meditação, o que é a missão do Buda-A vatar futuro. O *calor calmo* da certeza completa, devida à cooperação do esforço humano com a revelação do alto, que santo Inácio tinha e que seus discípulos hauriam dos *Exercícios Espirituais* - nos quais a meditação e a oração estão unidas - fazem dele uma prefiguração impressionante do Buda-A vatar futuro.

Sei que santo Inácio não goza de admiração sem reserva nem de uma corrente de simpatia entre os protestantes, e pouco mais entre os católicos. Quando muito terá ele o respeito frio dos intelectuais mais prudentes das duas confissões. Mas o que caracterizará a obra do BudaAvatar futuro não serão a popularidade e as aclamações, e sim a fusão da espiritualidade com a intelectualidade, quer se queira, quer não. Haverá mais oposição do que estima, porque os partidários da fé pura, como os do saber puro, não tardarão a objetar que se trata do cancelamento perigoso da linha de demarcação entre a fé e a ciência. A controvérsia em torno da obra de Pierre Teilhard de Chardin é exemplo.

Em santo Inácio de Loyola não é só o esforço heróico para unir a espiritualidade com a intelectualidade que nos interessa - a nós, que estamos meditando o Arcano "O Louco" do Tarô - mas também e principalmente o fato de ele ter começado como Louco de espírito e ter chegado à sabedoria do equilíbrio perfeito entre o mundo das revelações místicas e o mundo das tarefas e das ações humanas. Ele aprendeu e viveu diante de todos a lição do vigésimo primeiro Arcano do Tarô.

Com efeito, não agiu ele como Louco de espírito (como o Louco de nosso Arcano), quando, "pondo toda a sua confiança, toda a sua esperança e toda a sua segurança só em Deus, deixou num banco perto do lugar de embarque, em Barcelona, as cinco ou seis moedas de prata conseguidas mendigando", antes de embarcar em navio com destino à Itália? *(Monumenta Historica Societatis Jesu, Scripta de Sancto lgnacio,*

vol. II). E comparai santo Inácio do tempo de sua peregrinação pela Terra Santa com santo Inácio em Roma, à frente da Ordem, dirigindo as atividades, muito diferentes, de sessenta, depois, de quatrocentos e, enfim, de três mil filhos espirituais! O passo que ele deu - embora em direção contrária à de são Cipriano - ainda é a colocação em prática do Arcano "O Louco" do Tarô. Porque esse Arcano é o da quase "higiene" da experiência do homem colocado como intermedário entre dois mundos, o divino e o humano. É o Arcano da ultrapassagem da soleira entre esses dois mundos em duas direções - da de baixo para cima (foi o caso de Cipriano) e do retorno (foi o caso de santo Inácio). Ele é, pois, o Arcano no qual se vêem a loucura, a esquizofrenia, a dupla consciência desunida transformarem-se em *sabedoria.*

Falamos do Buda-Avatar futuro porque ele servirá de guia para a transformação da loucura esquizofrênica potencial na sabedoria da harmonia dos dois mundos e de suas experiências. Ele será o exemplo e o modelo vivo da realização do Arcano do qual nos ocupamos. Por isso enquanto Buda, ele é representado na arte canônica budista não na postura de meditação, com as pernas cruzadas, mas sentado à européia, simbolizando essa postura a síntese do princípio da oração com o da meditação. Por isso enquanto Avatar, ele é ainda imaginado.. na "mitologia" indiana, como gigante com cabeça de cavalo, isto é, como ser de vontade humana de gigante e, ao mesmo tempo, de intelectualidade inteiramente colocada ao serviço da revelação do alto, sendo o cavalo servo obediente do cavaleiro. Ele representará, portanto, a medida prodigiosa das três atividades da vontade humana: procurar, bater à porta e pedir, conforme as palavras do Mestre de todos os mestres: procurai e achareis, batei e abrir-se-vos-á, pedi e vos será dado. Ao mesmo tempo, ele não alegará opiniões pessoais ou hipóteses verossímeis, porque a sua intelectualidade - a sua "cabeça de cavalo" - será movida só pela revelação do alto. Como o cavalo, ela será dirigida pelo cavaleiro. Nada de arbitrário provirá dela.

Eis o que é o Arcano em ação no plano histórico. Quanto à sua aplicação no domínio da vida interior do indivíduo, ela é análoga à obra da alquimia espiritual que se realiza no plano histórico. A alma individual começa vivendo a experiência da separação e da oposição dos elementos espiritual e intelectual, depois avança para o paralelismo, ou se resigna a uma espécie de "coexistência pacífica" desses dois elementos. Em seguida, chega à cooperação - que se mostrará frutuosa - da espiritualidade com a intelectualidade, para, enfim, chegar à fusão completa desses dois elementos num terceiro elemento, a "pedra filosofal" da alquimia espiritual do Hermetismo. Essa última etapa será anunciada pelo fato de a lógica ter sido transformada de lógica formal, isto é, geral e abstrata, em *lógica moral,* isto é, material e essencial, passando pela etapa intermediária da "lógica orgânica": Para ilustrarmos a transformação da lógica formal em lógica orgânica e desta em lógica moral, tomemos como exemplo o exioma da lógica formal: "a parte é menor do que o todo". É um axioma porque a noção de "parte"

só significa uma quantidade inferior à do todo. É evidente que se trata de *quantidades.* Mas esse axioma não vale mais quando referido às *funções* de organismo vivo. Aqui, a parte - até pequena parte - pode ser tão essencial como o organismo inteiro. O coração, por exemplo, é uma pequena parte do corpo, mas afastai-o do corpo, e o organismo todo cessa de viver. Devemos, portanto, modificar nosso axioma, quando referido ao domínio das funções orgânicas, para: "a parte pode ser igual ao todo". E se nos elevarmos do mundo orgânico para o mundo dos *valores,* para o mundo moral, somos ainda obrigados a modificar o axioma, dizendo que "a parte pode ser superior ao todo", porque o raciocínio de Caifás: "é melhor que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda" (J o 11,50) é válido só no domínio quantitativo, e falso no domínio dos valores morais. Porque o "um só homem" que ele propôs sacrificar para salvar o povo era a razão de ser desse povo: o Messias. Ademais, apesar disso, os romanos foram, no ano 70, e destruíram o templo, depois de terem massacrado seus habitantes, exatamente o que Caifás queria evitar ...

A lógica moral, à diferença da lógica formal e da lógica orgânica, intervém com *valores,* não com noções de gramática, de matemática e das funções biológicas. Assim, quando se trata de Deus, a lógica formal não pode ir além de postular a necessidade de um começo na cadeia das camas e dos efeitos, a causa primeira, o "primeiro motor"; a lógica orgânica, a das funções, só pode postular a existência de Deus como princípio ordenador - como "lei das leis" do mundo - a lógica moral, ao contrário, chega ao postulado segundo o qual Deus é "o valor dos valores", ao postulado de que Ele é *Amor.*

E como o ódio e a indiferença não são criativos, é o amor que é a fonte, a causa e a motivação da criação do mundo. Não se cria o que se detesta, não se cria na indiferença e com falta de interesse. Deus é, pois, o amor criador, o Pai, o criador do mundo visível e invisível. Ele é o Pai e dá o ser às criaturas. O ser é dom, não empréstimo temporário, e o Pai não retoma o que deu; logo, os seres criados pelo Pai são *imortais.* Em lógica moral, a imortalidade é uma conclusão necessária da idéia de que Deus é Amor.

E assim por diante, porque os artigos essenciais da fé se mostram como postulados necessários da lógica moral. Esses postulados são confirmados, ampliados e aprofundados pela experiência espiritual, que não tarda a vir em ajuda do pensamento, no qual a cabeça e o coração estão igualmente empenhados. Porque a lógica moral é a língua do mundo espiritual, e fazer uso da lógica moral é começar o *diálogo* com o mundo espiritual. Diálogo porque o mundo espiritual não permanece surdo e indiferente quando alguém se dirige a ele em sua própria língua.

A lógica moral, acabamos de precisar, é a lógica da cabeça e do coração reunidos. Assim ela é o que une a *prece* e a *meditação.* A prece - que pede, agradece, adora e bendiz - é a irradiação, o sopro e o calor do coração desperto, expressos em fórmulas da palavra articulada, em suspiros interiores da alma sem palavras e, enfim, no silêncio tanto

externo quanto interno da respiração da alma atirada no elemento da respiração divina e respirando em uníssono com ela. A prece tem, portanto, aspectos diferentes: o aspecto mágico, isto é, a prece em fórmulas; o aspecto gnóstico, quando ela se torna suspiro interior indizível; e o aspecto "místico", quando ela entra no silêncio da união com o Divino. Por isso, ela nunca é vã e sem efeito; até uma fórmula de oração pronunciada rapidamente, de maneira quase impessoal e desligada, tem efeito mágico, porque a soma total do ardor posto nessa fórmula no passado dos crentes, pelos santos e pelos anjos é evocada só pelo fato da pronunciação da fórmula da prece. Toda fórmula de oração consagrada pelo uso tem virtude mágica, uma vez que é *coletiva:* as vozes de todos aqueles que a pronunciaram são evocadas e se juntam à voz daquele que a pronuncia com intenção séria. Isso aplica-se especialmente às fórmulas de oração litúrgica. Cada frase da Missa católica romana ou da liturgia ortodoxa grega, por exemplo, é uma fórmula da Magia Sagrada divina. Nada há de surpreendente nisso, já que a Missa e a Liturgia são constituídas de orações tiradas dos profetas, dos santos e de Jesus. Ao contrário, o que é surpreendente é ver esoteristas (como Fabre d'Olivet) improvisando cultos, fórmulas de oração, *mantras* novos como se houvesse algo a ganhar com a novidade. Crêem eles que as fórmulas tiradas da Sagrada Escritura ou dos santos acabaram por se gastar e perderam sua eficácia? Longe de tornar gasta uma fórmula de oração, o uso aumenta a sua virtude. É deplorável, por isso, que algumas igrejas protestantes tenham o costume de fazer improvisar pelo pastor ou pelo pregador as orações de sua função divina, acreditando provavelmente que o que é pessoal é mais eficaz do que o que é comum e tradicional.

Deves saber, caro Amigo Desconhecido, que jamais alguém reza sozinho; no alto ou no passado, outros oram conosco no mesmo sentido, no mesmo espírito, com as mesmas palavras. Rezamos sempre como representantes de uma comunidade visível ou invisível e em união com ela. Se rezarmos pela cura, representamos todos os doentes e todos os curadores, e a comunidade dos doentes e dos curadores ora então conosco. Por isso a prece de Nosso Senhor se dirige não a "meu Pai que estais nos céus", mas ao "Pai *nosso* que estais nos céus"; e ela pede ao Pai que o *nosso* pão de cada dia *nos* seja dado hoje, que as *nossas* ofensas *nos* sejam perdoadas, que *nós* não sejamos induzidos em tentação e que *nós* sejamos livres do Mal. Portanto, seja qual for a intenção particular daquele que reza a oração dominical, é em nome de toda a humanidade que ele reza.

Quanto à oração em suspiros interiores indizíveis, à qual chamamos "gnóstica", ela, à diferença da oração "mágica" em fórmulas, é a transformação da respiração psicofísica em prece. Assim ela pode ser feita perpetuamente: de dia e de noite, em estado de vigília e de sono, sem interrupção, por todo o tempo em que dura a respiração. Esse gênero de oração (que é praticado especialmente no Oriente cristão) tem virtude mais do que mágica: ~le transforma o homem em espelho do mun-

do espiritual e divino. Por isso nós o chamamos "gnóstico", sendo a experiência gnóstica o reflexo da experiência mística.

Quanto à oração mística propriamente dita, isto é, ao estado da alma humana unida ao divino, estado no qual ela não tem mais respiração própria, mas respira no e pelo sopro da única respiração divina, ela é o silêncio profundo de todas as faculdades da alma - da inteligência, da imaginação, da memória e da vontade - como a descreve, por exemplo, são João da Cruz em suas obras. Ela é a consumação do amor entre a alma e Deus.

A *meditação,* isto é, o aprofundamento progressivo do pensamento, tem igualmente suas etapas, que compreendem a concentração pura e simples num tema, a compreensão do tema no conjunto das relações que ele tem com a realidade e, enfim, a penetração intuitiva na essência do tema. Como a oração chega à união mística da alma com o divino, do mesmo modo a meditação chega a uma tomada de conhecimento direto dos princípios eternos e imutáveis. René Guénon designa como "a metafísica" essa experiência da união do intelecto particular com o intelecto universal - o *Nous:* de Platino e dos estóicos - bem como as doutrinas que dela decorrem. Ele resumiu suas idéias diretivas sobre a metafísica numa conferência sobre "a Metafísica oriental", feita na Sorbona em 1925. A tese dessa conferência se encontra no livro de Sédir, *Les Rose-Croix* (Bibliotheque des "Amitiés Spirituelles ", Paris pp. 13-14). Apresentamo-la aqui:

"A metafísica é o conhecimento por excelência. Não é um conhecimento natural, nem quanto ao seu objeto, nem quanto às faculdades pelas quais ela é obtida. De modo especial, ela não tem nada a ver com o domínio científico racional. Não se trata de fazer abstrações, e sim de se tomar conhecimento direto dos princípios eternos e imutáveis.

A metafísica não é um conhecimento humano. Não é, pois, enquanto homem que o homem pode atingi-la, mas pela tomada de consciência efetiva dos estados supraindividuais. A identificação pelo conhecimento - sendo o axioma de Aristóteles de que um ser é tudo o que conhece - é o princípio da realização metafísica.

O meio mais importante é a concentração. A realização consiste, primeiramente, no desenvolvimento indefinido de todas as possibilidades virtualmente contidas no indivíduo; em seguida, na superação definitiva do mundo das formas até o grau de universalidade, que é o do ser puro.

O fim último da realização metafísica é o estado absolutamente incondicionado, livre de toda limitação. O ser libertado está então verdadeiramente de posse da plenitude de suas possibilidades. E a união com o Princípio supremo.

A verdadeira metafísica não pode ser determinada no tempo; ela é eterna. E uma ordem de conhecimento reservada a uma elite".

Acrescentemos com Sédir que essa elite se compõe de seres que são só inteligência.

"E, depois, todas as manifestações existentes do Absoluto não são para que nos desviemos delas; abandoná-las porque elas nos embaraçam, como faz o iogue (sic) *ou o* arhat, *não é generoso nem cristão ...* " (Op. cit., p. 14).

A metafísica como "conhecimento direto dos princípios eternos e imutáveis" e como realização da "superação definitiva do mundo das formas até o grau de universalidade, que é o do ser puro", é uma das aplicações da meditação.

Os orientais, que aspiram à libertação, refugiando-se no ponto abstrato da origem de todas as formas espaciais, empregam a meditação para esse fim. Entretanto, os esoteristas judeus - os cabalistas - querem chegar a uma adoração e a um amor de Deus que sejam os mais dignos dele. Por isso seus esforços meditativos visam ao aprofundamento dos mistérios divinos que se revelam na Escritura e na criação. O *Zohar* é uma fonte inesgotável de informações sobre essa escola de meditação e sobre seus frutos.

Também a meditação cristã quer aprofundar as duas revelações divinas: a Escritura Sagrada e a Criação, mas ela o faz principalmente para despertar a consciência e a apreciação mais completa da obra da Redenção de Jesus Cristo. Por isso ela culmina na contemplação dos sete acontecimentos da Paixão: *o lava-pés, a flagelação, a coroação de espinhos, o caminho da cruz, a crucifixão, o sepultamento e a ressurreição.*

A meditação do Hermetismo cristão - cujo fim é compreender e fazer progredir a obra de transformação alquímica do espírito, da alma e da matéria e fazê-lo passar do estado de pureza primordial anterior à queda para o estado posterior à queda e desta para o de reintegração da Salvação - procede, por exemplo, dos sete "dias" da Criação do Gênesis para as sete etapas da queda, daí para os sete milagres do Evangelho de são João, em seguida para as sete afirmações de Jesus sobre si mesmo (Eu sou a ressurreição e a vida; Eu sou a luz do mundo; Eu sou o bom pastor; Eu sou o pão da vida; Eu sou a porta; Eu sou o caminho, a verdade e a vida; Eu sou a verdadeira videira), para terminar com as sete palavras de Jesus na cruz e com os sete acontecimentos da paixão indicados acima.

A meditação pode, portanto, servir de meio para se atingirem fins diversos, mas, seja qual for seu fim, ela é sempre o meio para se despertar cada vez mais intensamente a consciência toda (e não só a inteligência) para os fatos particulares, para as idéias, os ideais e enfim para a realidade da condição humana terrestre e espiritual em geral. Ela é também o meio para se despertar a consciência para as revelações do alto. Meditar é aprofundar, é ir ao fundo das coisas.

Por isso a prática da meditação comporta a transformação da lógica formal em lógica orgânica e desta em lógica *moral.* A última, por sua

vez, ultrapassando a compreensão, se desenvolve em contemplação das coisas que vão além do entendimento, vale dizer, em contemplação dos mistérios que, não sendo incognoscíveis, prestam-se a conhecimento infinito, podendo ser compreendidos e conhecidos sempre mais profundamente sem fim. Atingindo essa contemplação das coisas que ultrapassam o entendimento atual, a meditação torna-se *prece* como a prece que atinge o estado de contemplação sem palavras torna-se *meditação.*

É esse o "casamento alquímico" da prece e da meditação, do sol e da lua do céu interior da alma, o qual opera-se na alma que está realizando o Arcano "O Louco" - o Arcano da união da revelacão do alto ~ da sabedoria humana, evitando a loucura - o Arcano d; formação da "pedra filosofal", na qual está concentrada a dupla certeza, a da revelação do alto e a do conhecimento humano.

São essas as perspectivas que surgem na alma daquele que medita sobre a lâmina do Arcano "O Louco", que representa um homem caminhando, vestido como bufão, carregando sacola e apoiando-se em bastão, que ele não usa para afastar o cão que o ataca.

Outras aberturas, mais profundas ainda, são reservadas aos espíritos futuros, os quais levarão mais longe a meditação sobre esse Arcano. Eu os saúdo e lhes desejo que façam jorrar luzes novas da meditação sobre o Arcano cujo nome esotérico é *Amor!*

XXII O

MUNDO



O MUNDO

Quando traçava a abóbada sobre a face do abismo ... Eu estava junto com ele como o mestre-de-obras. Eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo eu brincava em sua presença,
brincava na superfície da terra e me alegrava com os homens-

(Pr 8,27-31)

Die Lust ist tiefer ais das Herzeleid, Weh spricht: vergeh,
Doch alie Lust will Ewigkeit, Will tiefe, tiefe Ewigkeit
(A alegria é mais profunda do que o sofrimento; O sofrimento diz: passa.
Mas toda alegria quer a eternidade, Quer a profunda, profunda eternidade!)

(Nietzsche).

Só se vive verdadeiramente quando se dança.

(lsadora Duncan)

Caro Amigo Desconhecido,

As citações acima são o prelúdio musical ao vigésimo segundo Arcano Maior do Tarô, "O Mundo", cuja lâmina representa uma mulher dançando dentro de uma grinalda, com varinha na mão esquerda e filtro na mão direita. Ela usa echarpe, atirada negligentemente sobre os ombros. Nos quatro cantos da lâmina vêem-se: o Anjo e a Águia em cima, o Touro e o Leão em baixo. Os quatro Animais sagrados enquadram assim uma grinalda, na qual uma dançarina nua está dançando com sua echarpe esvoaçando.

As primeiras idéias que nos vêm, pois, ao espírito, quando olhamos a lâmina, são as de dança, de floração e dos quatro elementos, o que nos leva a considerar inicialmente problemas como a essência do movimento, do crescimento e da sabedoria espontânea, que chamamos "instinto". A primeira impressão que se tem é de que o último Arcano do Tarô sugere a concepção do mundo como movimento rítmico ou dança da psique feminina, sustentada pelo acompanhamento da orquestra dos quatro instintos primordiais, o que faz aparecer o arco-íris das cores e das formas, isto é, a idéia de que o mundo é uma obra de arte, idéia

essa realçada de maneira impressionante por Edward Carpenter em sua obra *The World as a Work of Art* ("O mundo como obra de arte"). Isso equivaleria à tese segundo a qual o mundo, em última análise, não é nem mecanismo, nem organismo, nem mesmo comunidade social ou escola de grande envergadura ou instituição pedagógica para os seres vivos, e sim obra de arte divina: obra coreográfica, musical, poética, dramática, de pintura, de escultura e de arquitetura.

É esse realmente o último dos vinte e dois Arcanos Maiores do Tarô? A série dos vinte e dois exercícios espirituais, cada um destinado a aprender, a encontrar e a empregar uma chave do mistério do mundo, chega realmente à meditação e à compreensão do mundo como obra de arte?

A lâmina o sugere. Quanto à certeza, não há outro meio de se chegar a ela a não ser a meditação profunda. A certeza pode provir só dela.

Meditemos, portanto, o que sugere a contextura geral da lâmina. A idéia do mundo como obra de arte está implícita em todas as cosmogonias que explicam a origem do mundo pelo *ato criador* ou por uma série de atos criadores, como o *Génesis* de Moisés. A criação, sejam quais forem seus modos - inclusive o rearranjamento demiúrgico de matéria preexistente, do estado caótico em estado cósmico, ou a transformação do caos primordial em cosmo - só é inteligível mediante a analogia com a arte mágica ou com a magia da arte. "No princípio, Deus *(Elohim)* criou (ato mágico) o céu e a terra (= obras de arte)": assim começa a narração da criação do mundo no *Génesis.* Pode-se descobrir aí outra idéia que não seja a do ato que transforma o ideal em real, o inteligível em sensível? E essa transformação daquilo que só existia no pensamento e na vontade divina em realidade objetiva é análoga tanto ao ato mágico quanto ao da criação artística? A magia e a arte divinas, implícitas em a narração da Criação do mundo segundo Moisés, são uma só e mesma coisa?

Também a filosofia platônica concebe o mundo visível como realização do mundo invisível dos arquétipos ou das idéias. Assim o neoplatónico Platino diz que

> *"a idéia Homem preexiste; e quando se realiza em tal homem, produz tal homem, que é ao mesmo tempo Homem.* O *homem que está. assim na matéria saiu, pois, do Homem ideal. que produziu a multidão dos homens, e esse homem ideal é uno e o mesmo na multidão dos homens como um sinete que reproduz uma multidão de impressões"* (Platino, Les Ennéades, traduites par l'Abbé Alta, t. Ili, p. 327).

Edgar Dacqué *(Leben als Symbol* ["Avida como símbolo"], Munique e Berlim, 1928) mostra, por meio dos conhecimentos biológicos disponíveis no século XX, a natureza do "sinete que reproduz uma multidão de impressões" de Platino. Eis algumas citações pertinentes:

"Schopenhauer diz que as coisas se parecem com crianças banhadas de esplendor e com a natureza paradisíaca porque . ele ingenuamente sente em cada coisa particular a idéia da espécie. Esse esplendor da realidade interior se perde inteiramente no homem que chegou à maturidade do pensamento racional, quando ele sai do 'estado infantil' da percepção animada e vive e se dedica à abstração pura. Cada vez que estamos em condição de experimentar a idéia dessa forma, estamos, como a criança, dentro da natureza. Goethe era 'menino' assim" (p. 114).

"Se, pois, como tentei mostrá-lo, o homem é o arquétipo da história da evolução das espécies e o centro da natureza viva; se o reino animal, como os antigos já o sabiam, é o homem desintegrado - o que hoje podemos tomar no sentido realista - temos fundamento sólido do totemismo e do culto dos animais na ciência natural" (p. 191).

Em outros termos, Edgar Dacqué - como P. Teilhard de Chardin - vê o mundo, com seus reinos animal, vegetal e mineral, como variações sobre um mesmo tema, o *Homem,* arquétipo da natureza em evolução. O Homem é, pois, "o sinete" de Platino, e os seres da natureza são suas impressões parciais. Segundo Dacqué, não é o mundo em evolução uma obra de arte em criação, na qual a idéia - Homem - se torna realidade?

Quanto a Goethe, que Dacqué cita como exemplo de percepção do mundo arquetípico nos fenômenos particulares, ele concebia o ato criador artístico como parte integrante, e continuação no homem, da atividade criadora agindo na natureza. Para ele, uma flor que brota do solo e um poema que "brota" do solo da alma do poeta são duas manifestações particulares da mesma força criadora mágico-artística. A essa força ele chamava "metamorfose". Por isso, em toda a sua vida, Goethe se consagrou tanto à observação da metamorfose se processando quanto à composição de obras científicas e artísticas sobre a metamorfose. Sua obra sobre as cores é a descricão e a análise da metamorfose da luz; sua obra *A metamorfose das plantas* é o que seu título diz; seu poema *A metamorfose dos animais* é ainda o que [eu título diz e sua obra magistral, *Fausto,* é a metamorfose da alma humana desde a Renascença ...

Em resumo, devemos admitir que aquele que crê que o invisível se torna visível na criação e na evolução do mundo, crê também que o ato criador, no qual a idéia se transforma em realidade objetiva da arte (e da magia) é análogo ao que se passa no mundo em formação e em transformação. Ele não pode pensar de outro modo, a menos que seja materialista e detenha o pensamento no vestíbulo do edifício do inteligível. Porque o materialista procede como o leitor de um manuscrito que, em vez de ler e compreender o pensamento do autor, se ocupasse com as letras e as sílabas, acreditando que as letras se escrevem e se combinam por si mesmas em sílabas, movidas por atração mútua enquanto efeito das qualidades químicas ou moleculares da tinta como

"matéria" comum a todas as letras e da qual as letras e as sílabas seriam epifenômenos. Não penso aqui no *método materialista, mas na fé* materialista.

Sobre a relação entre a arte e a magia, Joséphin Péladan, artista e magista, escreve:

> *"Quanto aos gênios, são intuitivos que exprimem as leis sobrenaturais em imagens; eles atraem a influência do além e estão em relação direta com o oculto. Nem Dante, nem Shakespeare, nem Goethe faziam evocações, e todos os três sabiam o Oculto; eles se contentaram sabiamente com criar imagens eternas, e nisso foram Magos incomparáveis. Criar no abstrato, criar na alma dos homens reflexos vivificantes do mistério, eis a grande obra" (Introduction aux Sciences occultes,* E. Sansot, Paris, 1911).

A criação artística difere, pois, da operação mágica cerimonial porque esta é mais interior do que aquela. Quanto à magia sagrada, a relação entre a arte sagrada e a magia sagrada equivale à relação entre o Belo e o Bem, isto é, à relação entre as cores e o calor da mesma luz.
O Belo é o Bem que se faz amar; o Bem é o Belo que cura e vivifica. Mas o bem cuja beleza foi perdida de vista se enrijece em princípios e leis e se torna puro dever; o belo que se separou do bem e o perdeu de vista se abranda em pura fruição desprovida de obrigação e responsabilidade. O enrijecimento do bem em código moral e a dissolução do belo em pura fruição e em puro prazer. resultante da separação do Bem e do Belo, seja em moral, seja em religião, seja na arte, tal é a origem da moral legalista e da estética pura. Assim também foi gerado o tipo humano, rijo como estaca, que fez os belos dias do puritanismo na Inglaterra, essa forma de vida e de religião sem alegria e sem arte; assim apareceram também "o fastio huguenote" numa grande parte da França e da Suíça e o tipo humano do "artista" barbudo, mal penteado e licencioso, hoje (1966) um pouco por toda parte.

O vigésimo segundo Arcano do Tarô, que sugere a idéia de que o mundo deve ser apreendido mais artística do que intelectualmente, uma vez que ele é movimento e ritmo (a figura central dançando) não tem outro fim senão o de comunicar esse ensinamento ou, à semelhança do vigésimo primeiro Arcano "O Louco", faz ainda uma advertência? Em outros termos, comporta também ele dois aspectos: ensinamento e advertência? Porque, se o Arcano cuja lâmina representa um louco itinerante nos levou ao seu nome mais profundo, "O Amor", não é possível que o Arcano cuja lâmina representa uma dançarina nua dentro de uma grinalda nos leve até seu segundo nome, oculto, "A Louca"?

Veremos se é assim depois de termos levado nossa meditação sobre o Arcano "O Mundo" bastante longe, para podermos perceber claramente tanto a beleza profunda do mundo como o perigo da beleza do mundo. Seja, pois, a nossa meditação *sóbria* e não deixe escapar nem o ensinamento do Arcano, nem a advertência que ele traz.

Meditação *sóbria,* disse eu. Mas uma vez que se trata de meditar sobre o mundo como obra de arte e não como sistema de leis, não nos condenamos antecipadamente à esterilidade, se renunciarmos ao impulso da embriaguez? Baudelaire, artista de gênio, não nos legou a embriaguez como a chave, única e indispensável, da criação e da criatividade artística?

Essa questão nos atira no coração do Arcano "O Mundo" com seus dois aspectos. Porque como existe Arte e artes humanas, do mesmo modo existe Arte criadora cósmica divina e arte cósmica das miragens; e como há êxtase e iluminações do Espírito Santo, também há embriaguezes do espírito de miragem, daquilo que, no hermetismo cristão, é chamado "falso espírito santo". Eis um critério que permite distingui-los: se procuramos a *alegria* da criação artística, da iluminação espiritual e das experiências místicas, aproximamo-nos inevitavelmente da esfera do espírito de miragem e nos tornamos cada vez mais acessíveis a ele. Se procuramos a *verdade* pela criação artística, pela iluminação espiritual e pelas experiências místicas, aproximamo-nos da esfera do Espírito Santo e nos abrimos cada vez mais a ele. As revelações da Verdade, saídas do Espírito Santo, *comportam* a alegria ou a consolação (espírito consolador - o Paráclito), mas a alegria vem depois, ela *deriva* da verdade revelada (espírito de verdade - *to pneuma tesaletheias, spiritus veritatis,* Jo 16,13), ao passo que as revelações daquilo que acabamos de chamar de "miragem" (o que não é o mesmo que mentira pura e simples, sendo a miragem o reflexo flutuante de uma realidade, mas "flutuante", isto é, fora do contexto da realidade objetiva com suas dimensões morais, causais, de tempo e espaço) seguem a alegria e nascem da alegria.

A sobriedade que nos propomos manter nessa meditação sobre o Arcano "O Mundo" não é, pois, um programa de aridez (embora mais valha a aridez do que a procura da fruição da "produtividade criadora" como tal!), mas a consciência de devermos descartar o espírito de miragem por meio da fidelidade aos votos de castidade, pobreza e obediência, sendo esses votos o único meio de evitarmos os perigos da esfera do espírito de miragem.

A alegria decorrente da verdade, e a crença que decorre da alegria, eis a chave de compreensão do Arcano do Mundo como obra da arte divina criadora, e é ela ainda que nos revelará o mundo como obra da arte da miragem enganadora: o mundo da Sabedoria "que estava junto com ele como mestre-de-obras, todo o tempo brincando em sua presença" (Pr 8,27-31) e o mundo de *Maya,* da grande ilusão, que brinca sem cessar com seu brinquedo Lila, ou, em outros termos: o mundo que revela Deus, manifestando-o, e o mundo que o oculta, encobrindo-o.

Mas trate-se do mundo revelador ou do mundo enganador, trate-se do mundo visto na luz da esfera do Espírito da Verdade ou do espírito da miragem, a *alegria,* a dupla alegria, tem nele o papel-chave.

O que é a alegria? Qual é seu sentido profundo?

À luz do Arcano "O Mundo" - o Arcano do movimento rítmico ou dança - a alegria é o acordo dos ritmos, enquanto o sofrimento é o seu desacordo. O prazer que sentimos no inverno quando nos assentamos perto da lareira é o restabelecimento do acordo do ritmo do corpo com o ritmo do ar que chamamos "temperatura". A alegria proporcionada pela amizade é o acordo dos ritmos anímicos e mentais de duas ou mais pessoas. A alegria de uma boa consciência é o acordo entre os ritmos morais do eu inferior e do eu superior. A bem-aventurança prometida àqueles que têm o coração puro e que "verão a Deus" é a do acordo de seu ritmo próprio com o ritmo divino. A alegria é, pois, o estado de harmonia do ritmo interior com o ritmo exterior, do ritmo de baixo com o do alto, do ritmo da criatura com o ritmo divino.

Ora, o mundo todo é o acordo de ritmos inumeráveis. Porque a sua vida está fundada na preponderância do acordo dos ritmos particulares, e não no seu desacordo. Logo, a vida, no fundo, é alegria.

Não é, portanto, sem razão que a Setenta, a versão grega da Bíblia, feita no século III antes de Cristo, traduz assim o v. 24 do cap. 3 do Gênesis: "E o Senhor Deus o (Adão) expulsou do jardim do Éden para cultivar o solo de onde fora tirado", versão essa que é seguida pela Vulgata (versículo 23, *Et emisit eum Dominus Deus de paradiso voluptatis, ut operaretur ferram, de qua sumptus est),* ao passo que a Bíblia hebraica só diz que "IHVH (lahveh) Elohim o expulsou do jardim do Éden, para que cultivasse a terra *(adamah),* da qual tinha sido tirado". Traduzindo o termo hebraico *gan-eden* por "paraíso de delícias", a Setenta sustenta a tese de que o estado primordial do homem e da natureza era a alegria e que o mundo, enquanto criação divina, é o reino da alegria. Foi só depois da queda que o sofrimento se juntou à alegria.

Essa concepção tradicional é bem apoiada pela lógica e pela experiência. Com efeito, pode-se imaginar um mundo em movimento perpétuo, vivo e animado, desprovido de todo impulso vital, de toda satisfação e de toda alegria de viver? A própria idéia de movimento - biológico, psíquico, intelectual - pressupõe impulso afirmativo, um "sim" consciente ou inconsciente, voluntário ou instintivo, salvo se se tratar de movimento puramente mecânico. Na psicologia e na biologia, fala-se muito do instinto de conservação, mas esse instinto é coisa diferente da afirmação da existência, da manifestação da alegria de viver? Se assim não fosse, a lassidão e o desgosto universais há muito tempo já teriam posto fim a toda vida.

Até o ascetismo mais austero testemunha a favor da alegria de viver, porque quer purificar a mistura posterior à queda: ele aspira à alegria primordial e verdadeira, de ser. O ideal de libertação da vida terrestre, do Budismo e da Ioga, em última análise afirma o ser preconizando a superação definitiva do mundo das formas até o grau de universalidade, que é o do ser puro. E a Ioga avalia o estado do ser puro - não do nada - como bem-aventurança ou felicidade *(ananda),* postulando a equação: *Sat* ("ser") = *Chit* ("consciência") = *ananda* ("Bem-aventurança"). Quanto ao nirvana budista, é o estado da ausên-

eia completa do sofrimento da encarnação terrestre. Se o Nirvana significasse pura e simplesmente o nada, e não a bem-aventurança do ser puro, ninguém - inclusive o próprio Buda - poderia encontrar em si a energia considerável exigida pelo esforço moral e intelectual do caminho que conduz a ele. Para se fazer o esforço, é necessário querer, e não se pode querer o nada, no qual não existe objeto do querer. O suicídio completo? Não, uma vez que o suicídio é ato de desespero, enquanto o Nirvana é a esperança da felicidade da paz, à qual é possível - ou se acredita possível - chegar depois de se ter percorrido longo caminho de disciplina, de renúncia e de meditação. Não pedimos, nós, cristãos, pelas almas dos defuntos: *requiem aeternam dona eis, Domine?* E: *requiescant in pace?* ("o descanso eterno dai-lhes, Senhor" e "descansem em paz"). Os budistas também não querem senão esse repouso eterno, que eles chamam "Nirvana". Resta a questão do suicídio. Afirma-se: tal pessoa se suicidou porque não queria mais viver. Será verdade que ela não queria viver? Não seria, antes, porque queria viver de *outro modo* e pensava que não podia mudar sua vida?

No fundo da depressão e do desespero que levam ao suicídio encontra-se um elemento de *descontentamento,* vale dizer, o desejo e a afirmação de outra forma de vida ou de outra maneira de viver. Ninguém fica descontente, quando não quer outra coisa. Ninguém desespera, se não espera nada. Ninguém se mata, se não toma a vida a sério. Todo descontentamento pressupõe a afirmação de uma felicidade imaginada. Todo desespero pressupõe uma esperança virtual.

Todo suicídio pressupõe, portanto, a afirmação apaixonada de algum valor da vida: amor, glória, honra, saúde, felicidade ...

Até no mundo decaído, no mundo que conserva somente reflexos de seu estado primordial, o da alegria sem mistura, o estado do "jardim plantado por Deus", mesmo em nosso mundo decaído, do qual Schopenhauer diz que a soma total dos sofrimentos excede em muito a da alegria, até nesse mundo, digo, é a alegria de viver que o move. Schopenhauer talvez tenha razão, pode ser que a *quantidade* de sofrimento exceda a das alegrias, mas a *qualidade* das alegrias, mais raras e de menor duração do que os sofrimentos, é de natureza a fazer querer bem à sua memória, a fazer conservar a sua recordação, a despertar a sua esperança, numa palavra a fazer mover o mundo. "A alegria é mais profunda do que o sofrimento; o sofrimento diz: passa. Mas toda alegria quer a eternidade - quer a profunda, profunda eternidade".

(" Die Lust ist tieier als das H erzeleid.
Weh spricht: vergeh,
Docli alle Lust will Ewigkeit,
Will tiefe, tiefe Ewigkeit ...),

diz Nietzsche em seu "Zarathustra ". Ele tem razão: as fontes da alegria são mais profundas do que as do sofrimento. Elas derivam ainda do rio que saía do Éden "para regar o jardim". O mundo da alegria precede o do sofrimento; o Paraíso existia antes do mundo da luta pela exis-

tência e da sobrevivência do mais apto. Como a vida precede a morte, a alegria precede o sofrimento.

Por isso, no livro dos *Provérbios,* Salomão fala da Sabedoria alegre, tema esse que foi retomado por Nietzsche 25 séculos mais tarde; ele opôs "a ciência alegre" *(die [rõhliche Wissenschaft)* ao "espírito pesado" *(Geist der Schwere),* espírito de gravidade da ciência de seu tempo e do nosso. Sabedoria alegre

> *"que estava presente antes que Ele fizesse a terra e o primeiro átomo da poeira do mundo, e quando Ele dispôs os céus: quando ele traçou um círculo sobre a superfície do abismo, quando Ele fixou as nuvens no alto, quando pôs os fundamentos da terra - ela estava trabalhando junto com Ele. E todos os dias ela achava suas delícias em brincar sem cessar em sua presença, em brincar sobre o globo de sua terra, encontrando sua felicidade entre os filhos do homem"* (cf. Pr 8,26-31).

Esse texto salienta não só o espírito artístico que dominava a aurora do mundo, não só a alegria da criação, mas ainda a idéia de que a alegria é a harmonia dos ritmos. Com efeito, a Sabedoria *(Sophia, Hokmah)* "trabalhava junto do Criador e era o seu encanto todos os dias", o que significa que havia então alegria divina ou harmonia entre os ritmos do Criador e da Sabedoria "brincando o tempo todo em sua presença"; e que a Sabedoria "encontrava sua felicidade entre os filhos do homem", isto é, que os homens cujo ritmo se harmoniza com o da Sabedoria "fazem as suas delícias" como ela "fazia as delícias" do Criador, trabalhando em harmonia com Ele.

Pode-se notar que o brinquedo da Sabedoria, "brincando todos os dias em sua presença, brincando sobre o globo de sua terra", está representado na lâmina do Arcano "O Mundo" de um Tarô impresso em Paris em 1500, que teve sua existência assinalada por Oswald Wirth *(Le Tarot des imagiers du Moyen Age,* Paris, 1927), no qual "O Mundo" está representado por um globo análogo ao que o Imperador (Arcano IV) segura com a mão esquerda e em cima do qual dança uma mulher inteiramente nua, a qual com a mão direita, levanta imensa cortina, cujas extremidades reúne na mão esquerda. "É, diz Oswald Wirth, a Verdade manifestando-se sem reserva, afastando o véu das aparências, para comunicar o segredo da essência das coisas" (p. 221).

Esta variante do Tarô representa evidentemente a Sabedoria "brincando sem cessar em sua presença, brincando sobre o globo de sua terra".

A alegria é a harmonia dos ritmos. Salomão fala da alegria primordial, que é a harmonia dos ritmos criadores divinos e formadores artísticos da Sabedoria. Mas ele fala também de outra alegria, a da harmonia com o ritmo da loucura:

> " *A senhora insensatez é impulsiva,*
> *É ingênua e nada conhece.*

Senta-se à porta da casa,
Num assento que domina a cidade,
Para chamar os transeuntes,
Os que seguem o reto caminho:
'Os ingênuos venham para cá,
Quero falar aos sem juízo.
A água roubada é mais doce,
O pão escondido é mais saboroso'.
E não sabem que em sua casa estão as Sombras, E seus convidados, no fundo do Xeol":

(Pr 9,13-18)

A *Setenta* acrescenta ao último versículo:

"Mas apressa-te em partir de lá, não te detenhas lá e não olhes fixamente, porque senão terás de atravessar uma água estrangeira; abstém-te da água estrangeira e não bebas de fonte estrangeira, a fim de que vivas longamente, e anos sejam acrescentados à tua vida",

Existem, portanto, no texto da Setenta, a alegria da Sabedoria e a alegria da embriaguez, chamada "água estrangeira"; a primeira vem da Sabedoria, enquanto a última produz falsa sabedoria, que consiste em miragens. Porque existe no mundo invisível uma esfera de miragens que constitui a principal armadilha para os esoteristas, gnósticos e místicos, para todos os que procuram a experiência espiritual autêntica. Rudolf Steiner a chamava de "cinto da mentira" *(Lügengürtel)* e no Hermetismo cristão tradicional ela é chamada "esfera do falso espírito santo". Essa esfera, ou esse cinto, está mais próxima da esfera da consciência comum, dita "consciência de si", do que a "esfera do Espírito Santo", que é a morada dos Santos, de onde eles agem na consciência humana terrestre. Assim, pois, para se elevar à esfera dos Santos e das hierarquias celestes, é necessário "atravessar" (isto é, recusar-se a reagir contra a sua atração) a "esfera do falso espírito santo". É ao discípulo que "quer a prudência" que é dirigido o texto da Setenta: "não te detenhas lá e não a olhes fixamente, porque senão terás de atravessar uma água estrangeira; abstém-te da água estrangeira e não bebas de fonte estrangeira!" E é ainda ao discípulo que "quer a prudência" que se dirige o falso espírito santo, o espírito de "loucura", quando diz:

"A água roubada é mais doce,
O pão escondido é mais saboroso!"

O engodo da esfera da miragem, segundo o livro dos *Provérbios,* é, pois, a "água roubada", isto é, o elemento plástico que corre e arrasta a consciência numa corrente deliciosa de iluminações e inspirações fáceis, sem que a consciência faça o esforço moral que se resume em três palavras: cruz, oração, penitência. Nela a consciência se acha num estado de arrebatamento e de liberdade que a dispensa de toda lei, de todo

dever de prestar contas a quem quer que seja - como se a cruz não existisse mais - recebendo iluminações que não pediu, a título gratuito, e liberada de toda recordação do pecado, de todo remorso e de toda responsabilidade por seus pecados e erros passados - como se o pecado e o erro fossem bagateías pouco dignas de recordação. Cheia de alegria, saboreando o impulso criador, ela se entrega sem reserva à especulação visionária e inspirada, na qual toda imagem e todo pensamento que se apresentam lhe parecem revelações do alto, impressões dos sinetes da sabedoria sobre-humana . . . A "água roubada" é tanto mais perigosa quanto *inunda* a alma de ondas de energia psíquica, o que é inteiramente novo para sua experiência e a leva a crer que se trata de uma ingerência sobrenatural. Por outro lado, as iluminações que essas ondas encerram concordam com as tendências e os desejos mais íntimos da alma, o que redobra sua força de persuasão e seu domínio sobre ela.

Ê assim que surgem falsos profetas e falsos messias. Foi assim que algumas seitas gnósticas viram florescer iluminações das quais resultaram práticas imorais. Eis, por exemplo, a descrição feita por Epifânio, testemunha e provavelmente ator das reuniões da seita dos barbeliotas, porque ele considerou impossível calar-se:

> *"Eles põem suas mulheres em comum, e quando chega entre eles um estranho, tem eles um sinal de reconhecimento que consiste, quando se dão a mão em saudação, em fazerem uma espécie de cócega na palma da mão, se o recém-chegado pertence à sua religião. Depois de se terem reconhecido uns aos outros, põem-se logo a se banquetear. Servem comidas deliciosas, comem carne e bebem vinho, também os pobres. Depois de se terem banqueteado e, se assim posso dizer, de terem enchido as veias com um acréscimo de poder, passam ao deboche.* O *homem deixa seu lugar ao lado de sua mulher, dizendo a ela: 'Levanta-te e faze o ágape com o irmão ... ' Não terei vergonha de dizer o que eles não têm vergonha de fazer, a fim de provocar nos leitores de suas devassidões um sobressalto de indignação. Depois de se terem assim unido, como se o crime de sua prostituição não bastasse, elevam para o céu sua ignomínia: homem e mulher recolhem em suas mãos a emissão do homem, levantam os olhos para o céu, com sua ignomínia nas mãos, oram à maneira dos Estratióticos e dos Gnósticos e oferecem ao Pai, à Natureza do Todo, o que têm nas mãos, dizendo: 'Nós te oferecemos este dom, o corpo de Cristo ... ' " (etc. descrição de sua comunhão)* (H. Leisegang, *La gnose,* Paris, pp. 131-132).

Ê assim ainda que terminavam às vezes, no século XIX, as reuniões da seita russa "Khlysty ", depois da "descida do Espírito Santo", descambando para orgias de amor livre, resultantes da liberdade comunicada pelo Espírito Santo.

Foi assim também que, graças às revelações da esfera da miragem, por exemplo, várias famílias de camponeses estonianos do século XIX liquidaram seus bens e foram para lugar elevado na costa do mar Bálti-

co, em Lasnamãgi *(Laksberg),* a fim de aí esperarem a chegada do "navio branco", que devia levá-los ao país da liberdade, predito por seus dirigentes profeticamente inspirados, onde não haveria nem barões nem impostos.

Foi assim, finalmente, que os feiticeiros-curandeiros *(medicinemen)* de algumas tribos de Peles-vermelhas da América do Norte, exasperados pelo desaparecimento dos rebanhos de bisões, no final do século passado, tiveram a revelação de um culto mágico novo - a dança do bisão - cuja prática faria reaparecer na pradaria rebanhos de bisões e afastaria os Brancos das terras de caça hereditárias dos Peles-vermelhas ... Foi somente depois da intervenção sangrenta do exército dos Estados Unidos que a prática desse culto mágico teve fim.

Alucinações intelectuais ainda mais amplas devastaram, em nosso século, povos inteiros. Não é necessário ler *Le matin des magiciens* de Louis Pauwels e Jacques Bergier (Gallimard, Paris), para se compreender que a aventura nacional-socialista hitlerista resultou do dinamismo desencadeado por uma alucinação intelectual de poder prodigioso; basta conhecer os fatos da história contemporânea dos quais fomos testemunhas.

Outro exemplo da dominação quase mágica de uma alucinação intelectual sobre povos inteiros é o marxismo-leninismo-stalinismo-mao-ísmo. Porque o sistema intelectual e os princípios subjacentes a esse movimento estão tão em desacordo com a realidade do mundo como o "mito do século vinte" do nacional socialismo alemão. A miragem intelectual marxista pinta um quadro do mundo e da história humana no qual o espírito não passa de uma espécie de exalação das coisas e dos interesses materiais que faz as vezes de ideologias, de religiões e de códigos morais. O espírito é só uma superestrutura epifenomenal dos fatores biológicos e econômicos, produzida por esses últimos e moldada por eles.

O sucesso do marxismo-leninismo - deixado de parte seu apelo aos ressentimentos das classes deserdadas - deve-se à ativação de uma quantidade prodigiosa de energia psíquica derramada sobre as massas de militantes, a partir do contato com a "esfera do falso espírito santo", conhecido de alguns dirigentes ou prof e tas inspirados. É a esfera da miragem que explica não só o domínio quase mágico do bolchevismo sobre as massas como também sua doutrina. Esta é filha de duas experiências diferentes: a experiência da esfera da miragem e a das realidades econômicas materiais. A primeira experiência gera o dogma fundamental do marxismo-leninismo, segundo o qual o espírito - as ideologias, as religiões e os códigos morais - não é mais do que uma projeção dos interesses e das ambições humanas exprimindo a vontade de poder. Isso seria verdade se a experiência da vida espiritual não fosse mais longe do que a esfera da miragem, se ela parasse nessa esfera e não chegasse à esfera do Espírito Santo, isto é, à dos santos e das hierarquias angélicas. Assim aconteceu que os autores da doutrina do marxismo-leninismo descobriram a realidade da esfera da miragem como

fonte quase inesgotável de energia psíquica, de um lado, e como imensa fábrica de superestruturas, na qual todo interesse terrestre recebe sua veste ideológica, religiosa e moral, do outro. E como os interesses e as aspirações puramente terrestres se resumem na vontade de poder, que é a base da luta pela existência e da sobrevivência do mais apto ou da evolução geral das espécies apresentadas por Charles Darwin, e como, por outro lado, no domínio da vida humana terrestre, o poder se resume na riqueza, isto é, no domínio da produção e no gozo dos frutos da produção, a vontade de poder chega ao domínio dos meios de produção. Acrescentemos a essas conclusões, tiradas da experiência da esfera da miragem. as que são tiradas da experiência do domínio econômico terrestre, com sua desigualdade no domínio da produção e do gozo dos frutos da produção e chegaremos inevitavelmente ao segundo dogma fundamental do marxismo-leninismo, a saber, o de que os meios de produção devem pertencer à comunidade ou à rociedade como um todo, e não aos indivíduos ou aos grupos de indivíduos. Todas as outras proposições da doutrina do· marxismo-leninismo, tais como a revolução sccial, a ditadura do proletariado, a sociedade sem classes, o enfraquecimento do Estado etc., decorrem desses dois dogmas fundamentais, fundados no entrelaçamento da experiência da esfera de miragem e do domínio econômico, visto como o campo da luta pela existência e da sobrevivência do mais apto, da luta entre os exploradores e os explorados.

O "mito do século vinte" do nacional-socialismo alemão deve também seu poder sobre as massas e os dogmas de sua doutrina ao influxo de energia e ao efeito iluminador da esfera da miragem. Trata-se, desta vez, não mais da vida econômica, e sim da vida biológica como ela aparece à luz da esfera da miragem. Os fatores da hereditariedade, os do "sangue", no nacional-socialismo, fazem as vezes dos fatores econômicos no marxismo-leninismo. A vontade de poder das classes, de um lado, e das raças, do outro, move e deve mover a história humana.

A miragem do nacional-socialismo dissipou-se subitamente com a dura experiência da derrota militar. Quanto à miragem marxista-leninista, ela dissipa-se aos poucos, com a experiência dura e desenganadora da realidade econômica e da realidade da natureza humana. O "revisionismo'; depois da rejeição do stalinismo, está em ação e não se deterá mais.

As miragens se dissipam, mas a que preço ...

A esfera da miragem ou a "esfera do falso espírito santo" não é só uma tese da doutrina do Hermetismo, mas também sua prova e seu perigo. Ocultistas, magistas, gnósticos e místicos são suas vítimas (ou, devo dizer, seus enganados?) com tanta freqüência como os povos e os dirigentes dos movimentos sociais e políticos. Citamos o caso da aberração moral dos gnósticos barbeliotas, no Egito, e mencionamos o dos sectários "Khlysty" na Rússia, que são quase nossos contemporâneos. Esses casos poderiam parecer-te pouco pertinentes, caro Amigo Desco-

nhecido, uma vez que se referem aos *sectários* antigos e contemporâneos e não aos esoteristas de espírito independente que tinham por divisa: "nem Loyola, nem Voltaire" (Papus). É fato, entretanto, que pode ser observado um pouco por toda parte, que espíritos independentes, ciosos de sua liberdade, que rejeitam toda submissão a uma autoridade exterior à sua consciência, acabam tornando-se sectários de suas próprias revelações e de suas iluminações pessoais. E como eles não são treinados na disciplina, e ninguém tem autoridade bastante para adverti-los a tempo dos perigos que a experiência espiritual lhes reserva, caem facilmente nos engodas da esfera da miragem, contra os quais Salomão nos acautela. Que quereis? A humanidade é uma só, e a experiência de uns está destinada a servir e a ajudar os outros. Não podemos dispensar a experiência dos outros - isto é, da autoridade - se quisermos evitar as armadilhas preparadas ao longo do caminho da experiência espiritual. Na verdade, se o ocultismo é "oculto", e o esoterismo, "esotérico", isto é, se eles exigem a proteção do segredo, é sobretudo para proteger os "espíritos livres" contra os perigos da escravização pela esfera da miragem que Carl Gustav Jung chama de "inflação". Por outro lado, a reserva geral e a recusa em aceitar o ocultismo, o ecoterismo, a gnose e a mística - sem falarmos da magia pura e simples - manifestadas pela opinião pública de todos os tempos, são devidas à mesma razão: a esfera da miragem, no passado, desempenhou nisso papel muito grande. O público sóbrio não quer ilusões; 'ele já teve muitas.

É, pois, o jogo da esfera da miragem a causa histórica do véu de segredo por meio do qual o esoterismo protege os neófitos audaciosos, como é também a causa da desconfiança com a qual o público exotérico se protege contra o perigo de ilusão que ele comporta. Porque o caminho da experiência espiritual pessoal e autêntica do esoterismo comporta necessariamente o enfrentamento da realidade da esfera da miragem ou "esfera do falso espírito santo".

Por isso os místicos do Oriente cristão não se cansam de advertir os principiantes para o perigo que eles chamam de "iluminação sedutora" *(prelestnoye prosveschschteniye,* em russo) e insistem na *nudez* da experiência espiritual, isto é, na experiência do mundo espiritual desprovido de toda forma, de toda cor, de todo som e de toda intelectualidade. A intuição do amor divino e seu efeito na consciência moral é a única experiência à qual se deve aspirar. Ladygensky (Ladizhendskiy), em seu livro *La lumiêre intérieure (Ynutrenniy svet,* publicado em São Petersburgo em 1915 ou 1916), faz uma exposição bem documentada da doutrina dos místicos ortodoxos, que rejeitam, à primeira vista, todas as visões e iluminações de natureza intelectual, ao passo que os místicos do Ocidente cristão as admitem sob certas condicões.

Os místicos do Oriente cristão estão, pois, tão impressionados com a realidade e o perigo da esfera da miragem que preferem renunciar a toda experiência espiritual de natureza visionária ou intelectual, seja ela qual for, e ao perigo de enfrentar a realidade dessa esfera. Quanto aos místicos do Ocidente cristão, também eles têm consciência da rea-

lidade dessa esfera e de seus perigos, mas não rejeitam, à primeira vista, toda visão e toda iluminação intelectual. A sua experiência acumulada sob a disciplina das ordens religiosas (no Oriente não há ordens religiosas) e da Igreja hierarquizada e centralizada (no Oriente não há centro dirigente em condições de acumular e fazer valer a experiência secular - ou milenar - da vida espiritual da humanidade cristã) permitiu-lhes formular os critérios para a distinção entre as revelações privadas provenientes da esfera do Espírito Santo e as provenientes da esfera dos Santos e das hierarquias celestes. Esses critérios se resumem na estrita observância dos votos de obediência, de pobreza e de castidade segundo sua letra e seu espírito.

O espírito casto procura a verdade, e não a alegria da revelação da verdade, como o amor casto procura a união com o amado ou a amada, não o prazer carnal desta união. O espírito casto é portanto sóbrio; ele não se deixará arrastar pelas "águas roubadas, que são mais doces", isto é, pela embriaguez do afluxo gratuito e fácil das ondas de iluminação, contra a qual Salomão, no livro dos Provérbios, nos acautela. O espírito pobre se recusará a beber das águas roubadas, uma vez que procura só o que é essencial à vida do corpo, da alma e do espírito. Ele não procura o supérfluo, ainda que espiritual, e não aceitará o convite para a orgia de iluminações espirituais, que lhe oferece a esfera das miragens. O espírito obediente tem o sentido de obediência despertado e cultivado, isto é, o *ouvido espiritual da vontade,* que a torna capaz de reconhecer a *voz* da verdade e de distingui-la das outras vozes. É a esse ouvido espiritual, desenvolvido pela obediência, que se refere o Evangelho de são João na seguinte passagem:

> *"Quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante; o que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre: as ovelhas ouvem sua voz e ele chama as suas ovelhas uma por uma e as conduz para fora. Tendo feito sair todas as que são suas, caminha à frente delas e as ovelhas o seguem, pois conhecem a sua voz. · Elas não seguirão um estranho, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos"* (Jo 10,1-5).

A verdadeira obediência não é a escravização da vontade a outra vontade, mas a clareza moral, a faculdade de conhecer e de reconhecer a voz da verdade. É ela que torna a alma inacessível aos atrativos da esfera da miragem. Embora nenhum espiritualista esteja ao abrigo da esfera da miragem, aquele que fez dos votos de obediência, pobreza e castidade uma questão de amor sairá vitorioso do confronto com essa esfera. Santo Antão diz de modo radical: "Sem tentação não há salvação", ao que poderíamos acrescentar: sem os três votos, não há tentação vencida.

Infelizmente, à diferença dos religiosos e das religiosas, os esoteristas, em geral, fazem pouco caso dos votos de obediência, pobreza e castidade. Eles parecem ter adotado atitude científica segundo a qual deve-se apostar só na inteligência. Disso decorre muitas vezes

um fogo de artifício intelectual que, à diferença da luz do Sol, não ilumina, não aquece e não vivifica.

Mas a esterilidade não é o perigo principal do impulso intelectual, a expensas do progresso moral e espiritual. Esse perigo reside sobretudo na realidade da esfera da miragem. Porque essa está sempre pronta a fornecer não só visões, mas também iluminações ou miragens intelectuais. Ela pinta quadros intelectuais deslumbrantes ao espírito esquecido da necessidade dos votos de obediência, pobreza e castidade. Deslumbrado com a riqueza e a amplidão artística do edifício intelectual que se apresenta a seus olhos, tal espírito o aceita, acreditando-se favorecido por revelação do alto.

Semelhante miragem intelectual é tanto mais perigosa quanto, em geral, ela não é mentira ou ilusão pura e simples. Verdade e mentira estão inextricavelmente misturadas. O verdadeiro apóia o falso, e o falso empresta ao verdadeiro esplendor novo. É *miragem,* e não pura mentira. E como se trata de mistura do verdadeiro e do falso, o verdadeiro aparece nela na luz do falso. As idéias, verdadeiras em si mesmas, adquirem, pela sua associação com idéias falsas, significação alterada. Uma rede tecida de verdadeiro e de falso apodera-se da alma desenganada.

A esfera da miragem faz também constantemente novas misturas de fatos relativos às vidas anteriores e às relações cármicas. Ela pode, por exemplo, evocar uma série de reminiscências subjetivas ou de cenas do passado distante que, misturando o verdadeiro e o falso, pode desorientar completamente o beneficiário - ou, melhor, a vítima - dessas revelações. Porque disso derivam tarefas e missões a cumprir na vida presente que têm pouco ou nada a ver com as verdadeiras tarefas desta vida. As miragens são particularmente freqüentes nas relações entre pessoas de sexo oposto que se sentem atraídas uma para a outra. Acontece então muitas vezes que as qualidades e a identidade de uma alma sejam projetadas na outra. Mais de um Tristão acredita reconhecer sua Isolda numa graça ingênua como mais de uma Elza de Brabante vê seu Lohengrin em qualquer galanteador.

Impõe-se uma conclusão: o esoterismo prático exige pelo menos a mesma prudência que a ciência exata, mas a prudência que ele exige é de natureza não só intelectual, como também e sobretudo moral. De fato, ela engloba o homem todo, com suas faculdades de raciocínio, de imaginação e de volição. É necessário ser extremamente prudente.

Por isso a regra de todo esoterista sério deveria ser a de *calar* em si - muitas vezes durante longos anos - toda iluminação ou inspiração nova, a fim de lhe dar o tempo necessário para *amadurecer;* calar-se até ter adquirido a certeza que procede do acordo com a consciência moral, com a lógica moral, com o conjunto da experiência espiritual e ordinária pessoal, com a dos companheiros e dos guias espirituais do presente e do passado e com a Revelação divina, cujos dogmas eternos são constelações-guias no céu intelectual e moral. Só depois de ter chegado

a semelhante acordo é que uma iluminação ou uma inspiração pessoal pode ser considerada comunicável e apresentável.

Isso aplica-se não só aos esoteristas, mas também aos artistas. Estes - principalmente aqueles que sustentam o princípio da "arte pela arte" - em regra geral, são joguetes da esfera da miragem. Sempre mantendo-se fiéis ao dogma da autonomia e da independência da arte em relação à moral e à verdade, eles sucumbem facilmente às manobras da esfera da miragem, ao ponto de identificarem essa esfera com a fonte de suas inspirações. Porque quem pouco se preocupa com o "que" e procura só o "como" na criação artística, acabará por se abandonar às iluminações e às inspirações da esfera da miragem, a esfera por excelência da imaginação chamada criadora, subtraída ao controle moral.

Compreenderam-no bem alguns espíritos artísticos. Goethe, por exemplo, que passou sessenta anos escrevendo o seu *Faust,* não só quis descartar a esfera da miragem, mas também revelou, no *Faust,* a realidade e o mecanismo da ação dessa esfera. Para ele, a arte não era produto puro e simples do jogo da imaginação, mas a continuação, no domínio subjetivo, do trabalho criador da natureza no domínio objetivo. Ele insistia na imaginação dirigida, "a imaginação exata" *(exakte Phantasie)* tanto para o conhecimento como para a criação artística.

Podemos, porém, descartar os princípios do método de Goethe, classificando-os na categoria do "classismo" literário, isto é, fazendo deles uma questão de gosto literário, em vez de reconhecermos neles o apelo à consciência artística, apelo para nos desligarmos da arte que tira suas aspirações da esfera da miragem. O preço é elevado, já que *Faust* exigiu sessenta anos de trabalho! Os artistas, como os esoteristas, são obrigados a fazer suas obras passarem pela prova do tempo, a fim de que as ervas daninhas da esfera da miragem sejam arrancadas delas, e fique só o trigo puro e maduro.

Existe, portanto, uma arte sacra, distinta da arte profana, como a magia sagrada se distingue do magismo profano e da feitiçaria.

> *"Toda arte sacra se funda numa ciência das formas; em outras palavras, no simbolismo inerente às formas. Lembremo-nos de que um símbolo é simplesmente um sinal convencional; em virtude de uma lei ontológica, ele manifesta seu arquétipo.*
> *O símbolo é, de certa forma, o que ele exprime. E, aliás, por essa razão que o simbolismo tradicional nunca é desprovido de beleza: segundo a visão espiritual do mundo, a beleza de uma coisa é a transparência de seus invólucros existenciais; a verdadeira arte é bela porque é verdadeira",*

diz Titus Burckhardt na introdução à sua obra *Principe et méthode de l'art sacré* (Paul Derain, Lião, 1948).

A arte sacra funda-se, portanto, numa *ciência das formas,* e não no impulso subjetivo do criador artístico, nem no sujeito como tal.

> " Os *historiadores da arte - que aplicam o termo 'arte sacra' a qualquer obra artística de tema religioso - se esquecem de oue*

\

a arte é essencialmente forma; para que uma arte possa ser chamada 'sacra' não basta que seus temas derivem de verdade espiritual; é necessário também que sua linguagem formal testemunhe a mesma fonte. Tal não é o caso de uma arte religiosa como a da Renascença ou a do Barroco, que não se distinguem em nada, do ponto de vista do estilo, da arte fundamentalmente profana daquela época; os temas que ela tira da religião, de maneira puramente exterior e, de certa forma, literária . . . não bastam para lhe conferir caráter sacro. Merece o epíteto de 'sacra' somente uma arte cujas formas reflitam a visão espiritual própria de uma religião dada". (Idem).

"Ora, segundo a doutrina comum às civilizações tradicionais, a arte sacra deve imitar a arte divina. Isso não significa que seja necessário copiar a criação divina acabada, o mundo como o vemos, porque seria pura "pretensão"; o 'naturalismo' literal está excluído da arte sacra. O *que deve ser imitado é a maneira pela qual o espírito divino opera; é necessário transpor suas leis para esse domínio restrito que o homem molda humanamente, isto é, para o artesanato"* (Idem).

Resta-nos acrescentar ao que diz Titus Burckhardt que a transposição da maneira de agir do Espírito divino para o domínio do artesanato humano pressupõe os três votos tradicionais: de castidade, pobreza e obediência. A purificação deve preceder a iluminação e a perfeição. A arte sacra, imitando a maneira pela qual o Espírito divino opera, exige que a alma do artista se desfaça de suas inclinações e de seus hábitos, que seja pobre, a fim de estar em condições de receber a riqueza do Espírito divino; que ela reduza ao silêncio sua fantasia e suas predileções, que seja casta, a fim de não perturbar as águas límpidas que correm da fonte divina; que ela seja obediente, a fim de poder imitar o Espírito divino em operação, isto é, a fim de poder operar em harmonia com ele.

Ora, a lâmina do vigésimo segundo Arcano "O Mundo" representa a Dançarina com a varinha mágica numa das mãos e um filtro na outra. A varinha simboliza o poder criador da realização em baixo daquilo que está no alto, o gesto da arte sacra, isto é, o gesto que imita a maneira pela qual o Espírito divino criador opera.

Eis o que diz Paul Marteau sobre o filtro que está na mão da Dançarina:

"E o filtro criador da ilusão em todos os planos da natureza, porque o homem pode ter tanto a ilusão do amor como a da espiritualidade. O *filtro é o oposto da varinha, no sentido de que a ilusão criada pelo homem pode dar-lhe realeza efêmera ... " (Le Tarot de Marseille,* Paris, 1949, p. 90).

Em outros termos, o Arcano "O Mundo" tem dois sentidos: ele *ensina* que a alegria, isto é, a "harmonia dos ritmos está no fundo da

criação, e *adverte* pãra o perigo de se procurar a alegria criadora, em vez da verdade criadora. Porque aquele que procura em primeiro lugar a alegria criadora tirará do filtro a poção inebriante da ilusão da esfera do "falso espírito santo" ou da "esfera da miragem", enquanto aquele que procura em primeiro lugar a verdade criadora não só a encontrará pelo esforço sóbrio da elevação vertical, mas ainda participará ativamente da harmonia dos ritmos, isto é, da alegria criadora. E aprenderá a manejar a varinha, isto é, a pôr-se verticalmente em contato com a "esfera do Espírito Santo", com a esfera dos santos e das hierarquias celestes, atravessando imperturbavelmente a "esfera da miragem".

O Arcano "O Mundo" nos comunica, assim, ensinamento de imenso alcance prático.

O mundo é obra de arte. Ele é animado pela alegria criadora. A sabedoria que ele revela é a Sabedoria alegre, a do impulso criador artístico, e não a do engenheiro técnico ou a do projetista industrial. Feliz daquele que procura em primeiro lugar a sabedoria, porque a encontrará alegre! Infeliz daquele que procura em primeiro lugar a alegria da sabedoria alegre, porque será presa de ilusões! Procurai em primeiro lugar a sabedoria criadora do mundo, e a alegria da criatividade vos será dada de acréscimo.

Desse ensinamento decorre uma regra importante de "higiene" espiritual, a saber, que aquele que aspira às experiências espirituais autênticas jamais confunda a *intensidade* da experiência vivida com a *verdade* que se revela - ou não se revela por ela. Que ele não veja a *força* de impacto de uma experiência interior como critério de sua autenticidade e de sua verdade. Porque uma ilusão proveniente da "esfera da miragem" pode perturbar-nos, ao passo que uma revelação verdadeira do alto pode verificar-se na forma de cochicho quase imperceptível. Muitas vezes é difícil *notá-la,* mais difícil ainda é sobressaltar-se ou perturbar-se por causa dela. Se não fosse assim, para que serviriam os exercícios de concentração e de meditação profunda? Porque esses exercícios, que todo esoterismo sério prescreve, são necessários para que a atenção se torne bastante intensa e capaz de perceber o que se passa no domínio calmo e silencioso das profundezas da alma, onde a verdade espiritual se revela. E a verdade age suave e progressivamente, embora haja exceções, como no caso de são Paulo. Mas, como regra geral, o mundo espiritual não se assemelha às ondas do mar, que rompem diques e inundam o país. Não, o que caracteriza o mundo espiritual, isto é, a "esfera do Espírito Santo", é que ele dirige a condição humana. A dose e a freqüência da revelação do alto, destinada a uma pessoa, são medidas com muito cuidado, a fim de que seja evitada toda perturbação do equilíbrio moral e físico. O que o mundo espiritual prefere a tudo é a "inspiração racional", isto é, o fluxo suave da inspiração, o qual se intensifica à medida que as forças intelectuais e morais do beneficiário crescem e amadurecem. Os elementos de uma grande verdade se revelam aos poucos até o dia em que a

verdade toda resplandece na consciência humana assim preparada. Sem dúvida, haverá então alegria, não, porém, perturbação do equilíbrio causada pela embriaguez. Não haverá também superexcitação nervosa nem insônia.

Essa é a lei da varinha que a personagem central da lâmina do vigésimo segundo Arcano segura com uma das mãos. Mas, com o filtro, que está na outra mão, dá-se justamente o contrário. Trata-se, em primeiro lugar, da alegria e da embriaguez que dão origem a revelaçõesmiragens. A maneira de agir da "esfera do falso espírito santo" consiste em convencer as almas da verdade da miragem intelectual ou visionária, mediante a intensidade da impressão produzida. "É verdadeiro o que excita mais", parece ser o critério da esfera da miragem.

É verdade que a escola moderna de psicologia das profundezas que penetra mais no domínio do Inconsciente psíquico, a de Carl Gustav Jung, considera o *Numinoso* na esfera psíquica - isto é, aquilo que a alma sente como algo que lhe é irresistivelmente imposto e que ela não consegue dominar - como a manifestação da *realidade dinâmica* do Inconsciente (ou do Subconsciente ou ainda do Supraconsciente). O Numinoso é, portanto, uma experiência psíquica (sonho, fantasia, fantasia-visão e visão) que subjuga por sua fascinação irresistível. O Numinoso não é posto, ele se impõe. A consciência sofre sua ação bem mais do que a provoca. O Numinoso como tal subjuga o homem, independentemente de sua vontade *(Psychologie und Religion,* 1937, p. 114).

Ora, é essa ação de caráter numinoso sobre a consciência que, segundo Jung, manifesta a *realidade do Inconsciente.* Quanto a este, eis o que diz Jung:

"Por definição e do modo mais ef etivó, o inconsciente não poderia ser circunscrito. Devemos ver nele um campo de atividades sem fronteiras que não tolera limites tanto nas pequenas como nas grandes dimensões. Devemos usar, em relação a ele, a expressão 'micro-cosmo'? Essa questão depende unicamente de saber se é possível mostrar, no inconsciente, a existência de parcelas constitutivas do mundo que residam nele à margem da experiência individual, isto é, se nele se encontram algumas constantes que não foram adquiridas individualmente, mas que estão nele a priori. Hoje é incontestável que se deve responder afirmativamente a essa interrogação, porque fatos dessa ordem há muito tempo foram mostrados pelas pesquisas feitas em torno dos instintos e pelas constatações biológicas motivadas pelas simbioses entre plantas e insetos ... Uma prova geral em apoio da exatidão dessa tese é dada pela extensão ubíqua de mitologemas paralelos, denominados por Bastian como pensamentos dos povos ou idéias originais; uma prova particular é dada pelo ressurgimento autóctone dessas últimas na alma de pessoas das quais se pode excluir uma transmissão direta . . . os mitologemas são as parcelas constituídas do mun-

do mencionadas acima e que estão incluídas na estrutura da psique. Eles representam essas constantes, que exprimem sempre e em toda parte, relativamente idênticas a si mesmas" (La guérison psychologique, Genebra, 1925, pp. 25-26).

O Inconsciente, enquanto campo de atividade da ação numinosa não se limita, portanto, à alma individual, mas ultrapassa-a em todos os sentidos. Sendo "um campo de atividade sem fronteiras", o Inconsciente é o *mundo* visto em seu aspecto psíquico. Isso significa que ele é formado não só pelas tendências e pelas inclinações inatas individuais, mas também que compreende o que designamos como "esferas", a saber, a "esfera do Espírito Santo" e a do "falso espírito santo". A ação de caráter numinoso do Inconsciente assim entendido é critério suficiente para se distinguir entre a manifestação da *realidade* do Inconsciente e a manifestação da subjetividade da alma individual pela fantasia, entre o sentimento e a intelectualidadequase espontâneos, mas ele *não é suficiente* para se distinguir nessa realidade a *verdade,* isto é, para se distinguir entre a ação da esfera do Espírito Santo e a da miragem. Porque a esfera da miragem também é real, mas *realidade* e *verdade* não coincidem. Uma miragem é real, mas não é verdadeira, é enganadora.

Jung tinha consciência tanto do papel compensador, isto é, corretor e diretor, do Inconsciente como da gravidade do perigo que a consciência corre se sofrer sem moderação a inflação nefasta do Inconsciente. Para ele, essa influência pode ser *fasta* e *nefasta,* o que corresponde ao ensinamento do Hermetismo sobre as duas esferas, a do Espírito Santo e a da miragem.

Eis o que ele diz sobre o perigo do Inconsciente para a humanidade:

"A psicologia é também a ciência que nos é mais indispensável. De fato, vê-se hoje com clareza cada vez maior que o grande perigo para o homem não são a fome, os terremotos, os micróbios ou o câncer, mas o próprio homem. A causa é simples: ainda não existe proteção eficaz contra as epidemias psíquicas; ora, essas epidemias são infinitamente mais devastadoras do que as piores catástrofes da natureza! O *maior perigo que ameaça tanto os indivíduos como os povos em seu todo é o perigo psíquico. A seu respeito a razão deu provas de impotência total, explicável pelo fato de seus argumentos agirem na consciência, mas só na consciência, sem nenhuma influência no inconsciente. Em seguida, um perigo maior para o homem vem da massa, em cujo seio os· efeitos do Inconsciente se acumulam, amordaçando e sufocando as instâncias racionais da consciência. Toda organização de massa constitui perigo latente como também depósito de dinamite. Porque dela se seguem efeitos que ninguém quis e que ninguém está em condições de suspender! Devemos, por isso, desejar ardentemente que a psicologia, seus conhecimentos e suas conquistas se espalhem em escala tal que os homens acabem por compreender de onde provêm os maiores perigos que pairam sobre suas cabeças.*

Não é armando-se até os dentes, cada uma por conta própria, que as nações poderão proteger-se das terríveis catástrofes que são as guerras modernas. As armas armazenadas clamam por guerra! Não seria preferível, para o futuro, precaver-se e evitar as condições - atualmente dissimuladas - nas quais o Inconsciente rompe os diques do consciente e demite a este, expondo o mundo ao risco de incalculáveis devastacões?" (L'homme à la découverte de son âme, Editions du Mont-Blanc, Paris, pp. 402-403).

Eis a advertência de homem que fala com conhecimento de causa, com mais competência do que alguns esoteristas experimentados, graças à prodigiosa experiência acumulada durante longa vida dirigida pela vontade de curar. Foi essa vontade de curar que fez dele um explorador e, depois, um conhecedor do mundo das profundezas, cuja porta é a alma humana.

Mas voltemos ao Arcano "O Mundo", o Arcano do movimento: como é movido aquilo que é movido por aquele que o move.

Até aqui estivemos ocupados com a figura central da lâmina, isto é, com a Sabedoria, com sua varinha e seu filtro, e com a maneira pela qual a varinha e o filtro movem a consciência. O movimento que emana da "esfera do Espírito Santo" e o que emana da "esfera da miragem" - os dois movimentos que correspondem à varinha e ao filtro - têm em comum moverem, como que de fora e do alto, a alma humana e o mundo das ações. Para compreendermos o Arcano todo do movimento, vale dizer, o mundo, devemos considerar ainda o *movimento imanente* aos seres e às coisas. Ele é representado na lâmina pela grinalda que cerca a figura central e pelas quatro figuras: as dos três animais e a do anjo nos quatro cantos da lâmina, fora da grinalda.

A grinalda representa o movimento imanente do *crescimento,* e as quatro figuras simbolizam o movimento imanente do *instinto* primordial, ou o que os antigos chamavam "os quatro elementos". Porque os quatro elementos - o "fogo", o "ar", a "água" e a "terra" - não são substâncias químicas, nem estados da matéria, a saber, ígneo, gasoso, líquido e sólido, mas espécies diferentes de movimento imanente de toda substância, tanto inorgânica como orgânica, psíquica e mental. Eles são, pois, os quatro instintos primordiais imanentes do mundo em movimento; por isso eles são figurados na tradição iconográfica religiosa, bem como na lâmina do Arcano "O Mundo", como o quaternário cosmogônico:
Touro, Água, Leão e Anjo.

"O *Anjo e os três animais sagrados estão representados no céu pelas estrelas de primeira grandeza situadas nos quatro pontos cardeais.* Aldebarã *ou o olho do Touro,* Regulus *ou o coração do Leão,* Altair, *a luz da Aguia e* Fomalhaut *do Peixe austral, que absorve a água derramada pelo Aquário. Esses astros marcam as extremidades de uma cruz cujo centro é a estrela polar, que, por sua imobilidade no meio do giro celeste, corresponde no Arcano (" O Mundo") à jovem enquadrada por um oval de ramos verdes, figu-*

rando a zona da eclíptica" (Oswald Wirth, *Le Tarot des lmagiers du Moyen Age,* p. 220).

A idéia subjacente a essa correspondência entre os quatro "animais sagrados" dos Evangelistas e as estrelas dos signos do zodíaco é o *alcance cósmico* ou zodiacal dos quatro "instintos cósmicos" ou "elementos". Ela lhes atribui função universal e tão estável no mundo planetário do movimento como as estrelas fixas do zodíaco.

Mas não são as constelações do zodíaco que manifestam o princípio do quaternário dos elementos ou "instintos primordiais" cósmicos. O princípio está manifestado no nome inefável de Deus, no *Tetragrama* (IOD-HE-VAV-HE), cuja impressão de envergadura cósmica constitui o quaternário em questão. Porque o que conhecemos como categoria (disposição estrutural da inteligência) de *causalidade* (com seu quaternário de causas eficientes, formais, materiais e finais) é só um caso particular dessa impressão. Com efeito, não conseguiríamos perceber nenhuma ordem no movimento universal que chamamos "mundo", se não aplicássemos a ele o princípio de causalidade, isto é, se não distinguíssemos o que move do que é movido, o que forma do que é formado, a fonte do termo, o começo do fim. Sem a aplicação da causalidade ao movimento universal, poderíamos somente contemplá-lo boquiabertos, em lugar de podermos não só deduzir dele uma "evolução universal", uma "história universal", uma "lei da gravitação", mas também encontrar as causas das doenças, dos desastres e de todos os perigos que nos espreitam, a fim de os prevermos e nos protegermos deles.

Ora, o que se manifesta na estrutura de nossa inteligência na forma de categoria de causalidade, o que é venerado pelos Cabalistas sob o nome inefável de Deus, o que ocupa o lugar central na filosofia pitagórica na forma da Tétrade sagrada é o que se manifesta ainda na forma do quaternário dos "instintos" cósmicos (ou Animais Sagrados do Apocalipse e do Profeta Ezequiel), a saber, o da motricidade espontânea, o da reatividade, o da transformabilidade e o da redobrabilidade (enrolamento), ou os quatro "elementos": o Fogo, o Ar, a Água e a Terra.

O impulso, o movimento, a formação e a forma, esses quatro ele-.mentos agem em toda parte. Agem tanto na atividade intelectual como na psíquica e na biologia, tanto na matéria inorgânica como na matéria orgânica, tanto no macrocosmo como no microcosmo. O saudoso doutor Paulo Carton, hermetista cristão eminente, enriqueceu a tradição viva do Hermetismo cristão com sua obra magistral sobre os quatro temperamentos, intitulada *Diagnostic et Conduite dcs Tempéraments* (Librairie Le François, Paris, 1961), na qual os quatro temperamentos (bilioso, nervoso, sangüíneo e linfático) são não só descritos fenomenologicamente, mas também explicados como manifestação da lei universal do quaternário.

"A Sabedoria Antiga tirou do enigma da Esfinge as quatro regras fundamentais da conduta humana: saber *com a inteligência do cérebro humano;* querer *com o vigor do leão;* ousar *ou elevar-se*

com o poder audacioso das asas da águia: calar-se *com a força macica e concentrada do touro.*
Aplicada à conduta dos temperamentos, a alegoria da esfinge ensina que, para se formar integralmente e se desenvolver em harmonia, o homem deve cultivar, equilibrar e hierarquizar normalmente em si mesmo as quatro funções essenciais da vida humana: a energia voluntária do bilioso, a compreensão refletida do nervoso, a força vital do sangüíneo e o sangue-frio do linfático" (p. 20).

Os quatro temperamentos são ainda caso particular do quaternário universal do impulso, do movimento, da formação e da forma ou dos quatro elementos: Fogo, Ar, Água, Terra. No fundo desses quatro elementos encontra-se o quaternário do *instinto,* motor imanente ao mundo. Esse instinto, por sua vez, reflete as quatro entidades cósmicas que puxam a *Merkabah,* o Carro divino: o Anjo, a Águia, o Leão e o Touro da visão do Carro de Ezequiel e da visão de são João. Esse último os descreve assim:

"O *primeiro Ser vivo é semelhante a um leão; o segundo Ser vivo, a um touro; o terceiro tem a face como de homem; o quarto Ser vivo é semelhante a uma águia em vôo* (Ap 4,7),

enquanto Ezequiel acentua sua unidade radical, dizendo:

"Quanto às suas faces, tinham forma semelhante à de homem, mas os quatro apresentavam face de leão do lado direito e todos os quatro apresentavam face de touro do lado esquerdo. Ademais, todos os quatro tinham face de águia" (Ez 1,10).

Eles são uma só coisa, porque o nome divino, o Tetragrama, é uno, apesar de ser formado dos quatro elementos que representam esse nome, que é o Carro divino. O *Zohar* diz que os quatro *Hayot* da visão de Ezequiel tinham a figura de homem,

"que é a síntese de todas as figuras, uma vez que traz a impressão do Santo Nome gravada em quatro letras, correspondentes aos quatro pontos cardeais do mundo: Leste, Oeste, Sul e Norte. Miguel está no Norte, e todas as faces (dos anjos) estão voltadas para ele ... n
"É também a figura de homem, composta de masculino e feminino, que está gravada no carro de Deus, cercado de miríades de anjos (Shinan) *(Salmo ó8,15): o termo* Shinan *designa, pelas letras iniciais que o compõem, as quatro figuras dos anjos: a letra* Shin *designa Shor (o "touro"), a letra* Nun *forma a inicial do termo Nesher ("águia"), a letra* Aleph *é a inicial do termo Aryeh ("leão") e o* Nun *final designa o homem, cuja posição corporal é vertical e que é místicamente masculino e feminino"* (1, 19-a).
"Todos os anjos - prossegue o Zohar *- tiram suas figuras do mistério do termo* Shinan. *Todos os anjos com figuras diferentes da do homem têm duas figuras, a que é particular a cada um deles e*

a que tiraram do homem, olhando-o (isto é. olhando para Miguel); refletindo o traço de força el *para os anjos com figura de touro;*
o *traço de grandeza* Gaddol, *para aqueles com figura de águia;*
o *traço de poder* Gibor, *para aqueles com figura de leão.*
"Como Aquele que tem a figura de homem os olha a todos e como todos olham para ele, segue-se que todos recebem a impressão particular ao homem, chamada nora porque inspira o terror". Por isso, na Escritura (Ne 9,32), *o Santo é chamado "o forte, o grande, o poderoso, o temível".*
Esses quatro nomes estão gravados no carro de Deus "do qual emana o mistério das quatro figuras simbolizadas pelas quatro letras do nome IHVH ".
O *carro de Deus, quando sai,*
"projeta um clarão vivo; dele saem fogos que se desdobram em feixes luminosos, que caem em número iniinito de fagulhas. Como uma árvore frondosa, carregada de frutos, o carro de Deus, marcado pelas quatro figuras, produz todas as almas que constituem a semente do mundo" (1,19-a).

Eis a narração impressionante do *Zohar,* da qual emana não sei qual frescor fascinante e rejuvenescedor, do carro de Deus e dos quatro Espíritos dos quatro elementos, cujos símbolos estão representados nos quatro cantos da lâmina do Arcano "O Mundo".

A grinalda que cerca a figura central põe em relevo a idéia da *imanência* a toda passividade (cor azul), a toda a atividade (cor vermelha) e a toda neutralidade (cor amarela), do mundo em movimento, emanando impulsos dos quatro Espíritos dos elementos. Essas três cores significam os três modos essenciais da energia - passividade e latência, atividade e desdobramento, neutralidade e harmonia do equilíbrio - designadas e descritas na *Bhagavad-Gita* como as três qualidades - *tamas, rajas e sattvas* - que são os três modos de manifestação dos quatro elementos.

Assim,

"uma ação bem ordenada, realizada sem apego, sem atração, nem aversão, feita por aquele que está sem desejo do fruto, essa ação é chamada sáttvica. *Mas a ação que um homem empreende sob o império do desejo, ou com um sentido egoísta de sua pessoa na ação, e que é feita com um esforço imenso, essa ação é chamada* rajásica.
A ação empreendida por cegueira, sem considerar a força ou a capacidade, sem considerar as conseqüências, o desperdício de esforço ou o mal feito a outrem, essa ação é chamada tamásica. *Livre de apego, livre de egoísmo, cheio de resolução firme e de calma retidão de zelo, sem ebriedade no sucesso, sem desencorajamento no insucesso, aquele que age assim é chamado* sáttvico. *Ardentemente apegado à ação, apaixonadamente desejoso do fruto, ambicioso, impuro, muitas vezes violento, cruel e brutal nos meios,*

cheio de alegria (no sucesso) e de desgosto (no insucesso), aquele que age assim é chamado rajásico.
Aqueie que age com mental mecânico, que é obstinado, preguiçoso, facilmente deprimido, adiando sempre a ação a fazer, aquele que age assim é chamado tamásico" *(Bhagavad-Gita,* VIII, 25-28).

Podemos ampliar indefinidamente as manifestações dos três *gunas* em todos os domínios da existência. Assim o reino mineral está em estado *tamásico,* o reino animal em estado *rajásico* e o reino vegetal em estado *sáttvico.* O sábio *(brahmin)* está em estado *sáttvico,* o guerreiro *(kshatrriya)* em estado *rajásico* e o servo *(shudra)* em estado *tamásico.* O Sol é *sáttvico,* o relâmpago é *rajásico* e a Lua é *tamásica* etc. Trata-se sempre do equilíbrio *(sattva),* da atividade *(rajas)* e da passividade *(tamas),* que são os modos de manifestação dos quatro elementos.

Ora, a grinalda tricolor é o *campo* da manifestação dos quatro elementos, os quais agem nos fenômenos da vida na forma do *impulso* vital inerente à corrente da vida. É "o rio que sai do Éden para regar o jardim e que se divide em quatro braços" (cf. Gn 2,10). Os gregos antigos denominavam o rio que se divide em quatro braços "éter", o qual se divide em quatro elementos: Fogo, Ar, Água e Terra. A doutrina hindu denomina o quinto elemento, raiz dos quatro elementos, *akasha,* geralmente traduzido por "éter". E a alquimia medieval deu muita importância à quintessência - de *quinta essentia* - no fundo e na raiz dos quatro elementos. Assim lemos no *Hermetis Trismegisti Tractatus vere Aureus. De lapidis philosophici secreto, cum Scholiis Dominici Gnosii* (Lípsia, 16.1 Õ): ·

"Divide lanidem tuum in quattuor elementa . . . et coniunge in unum et to tum habebis magisterium" ("Divide a tua pedra em quatro elementos . . . e une-os numa coisa só e terás o magistério todo"), isto é, o magistério ou a habilidade da obra é a separação dos quatro elementos da prima materia *('matéria prima') e depois a realização de sua unidade na 'quintessência' ou no 'éter' dos antigos"* (Aristóteles, *De coelo* 1,3).

Isso corresponde à contextura da lâmina do Arcano "O Mundo": quatro figuras dos anjos, a Dançarina no centro. A grinalda tricolor em volta representa o estádio intermediário da análise 1 - 3 - 4 ou da síntese 4 - 3 - 1 (isto é, o progresso dos quatro elementos para as três "qualidades" ou "gunas ", e das três "qualidades" para a unidade da "quintessência "). As três "qualidades" correspondem aos três *regimina* ("regimes") da alquimia, pelos quais os quatro elementos se transformam e se sintetizam na quintessência. Assim o primeiro "regime" transforma a Terra em Água; o segundo "regime" transforma a Água em Ar; e o terceiro "regime" transforma o Ar em Fogo

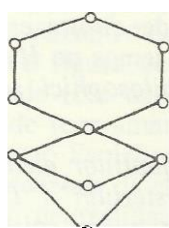
(9em'\7, Vem-fr,e *AemL~d-* O Arcano "O Mundo" é, pois, o da Análise e da síntese. Ele ensina a arte de *distinguir,* no conjunto da experiência do movimento, o

ilusório do real (as duas mãos da Dançarina com o filtro e a varinha), as ~rês "colorações" (ou *gunas* ou *regimina)* do movimento e os quatro "elementos", ou impuleos, inerentes a tudo que se move. Ele ensina ainda a arte de perceber (de realizar, em alquimia) a unidade radical dos quatro "elementos", das três "cores" e dos dois "efeitos", isto é, a "quintessência ".

Em linguagem cabalística, o Arcano em causa é o do *desdobramento* do nome sagrado de Deus e a sua *involução* ulterior, sendo as duas operações análogas à obra da *criação* e à da *salvação.*

Quem desejar aprofundar-se nessa tese deve consultar a obra magistral do professor F. Weinreb, *De Bijbel ais Schepping* (" A Bíblia como criação"), traduzida em alemão e em inglês.

Não é necessário dizer que poderíamos levar mais longe, muito longe, a análise e a síntese do Arcano "O Mundo". Poderíamos, por exemplo, estabelecer a função dos quatro elementos nos quatro planos ou "mundos" - a saber, Emanação, Criação, Formação e Ação *{ Azilut, Beriah, Y eçirali* e *Asiah)* segundo a Árvore *Sefirótica* - tomando a década *Sef irótica* para cada plano e resumindo para cada um desses planos, por meio da síntese, o resultado obtido.



(Azilut) Mundo **da** Encarnação
(Beriah) Mundo da Criação
(Yeçirah) Mundo da Formação
(Asiah) Mundo da Ação

Que obteríamos assim?

Obteríamos o sistema dos Arcanos menores do Tarô, isto é, quatro vezes dez lâminas, de um a dez, e quatro vezes as quatro figuras que sintetizam, para cada plano, o ensinamento numérico de cada elemento. Obteríamos aesim as quarenta lâminas numéricas e dezesseis lâminas de figuras do sistema dos Arcanos menores do Tarô, isto é, dez lâminas numéricas de Decenários, dez lâminas numéricas de Espadas, dez lâminas numéricas de Copas e dez lâminas numéricas de Bastões, bem como quatro lâminas de figuras de decenários, quatro lâminas de figuras de espadas, quatro lâminas de figuras de copas e quatro lâminas de figuras de bastões: Valete (para o mundo da ação), Cavaleiro (para o mundo da formação), Rainha (para o mundo da criação) e Rei (para o mundo da emanação), isto para cada "cor". No que concerne às quatro "cores" - Denários, Espadas, Copas e Bastões - elas correspondem exatamente à estrutura do Nome sagrado *IHVH* e, conseqüentemente, aos quatro elementos. Os Bastões representam o princípio emanante, o *IOD* do Nome; Copas representam o princípio que concebe, o *He* do Nome; Espadas representam o princípio fundador,

o *Vav* do Nome, e Denários simbolizam o princípio da forma, o segundo *He* do Nome.

Os cinqüenta e seis Arcanos Menores do Tarô são, portanto, o desenvolvimento do último Arcano Maior do Tarô "O Mundo", desenvolvimento rigorosamente cabalístico e matemático, cujo sistematismo é levado tão longe que nos perguntamos involuntariamente se não se tra.a de *performance* racionalista pura e simples. É difícil, com efeito, aceitar, à primeira vista, os Arcanos Menores do Tarô como *Arcanos* no sentido dos Arcanos Maiores que acabamos de meditar. Porque o seu arranjo racional é tão evidente que somos tentados a rejeitá-los como ditos espirituosos e, portanto, como algo bem inferior aos Arcanos Maiores do Tarô.

Houve, contudo, uma escola (já mencionada, a de São Petersburgo) no primeiro quarto deste século, na qual se ensinava que os Arcanos chamados "menores" do Tarô são na realidade Arcanos *Maiores* no sentido de significarem grau mais elevado de conhecimento e experiência do que os dos Arcanos ditos "Maiores" do Tarô. Os Arcanos Menores estão para os Arcanos Maiores como a escola superior está para a escola secundária; tal era a tese da escola de São Petersburgo.

Hoje, isto é, depois de mais de quarenta e cinco anos de esforços e estudos, devo dizer-te, caro Amigo Desconhecido, que a tese acima não faz justiça aos Arcanos do Tarô, nem aos Maiores nem aos Menores. Porque nela os Arcanos Maiores são reduzidos à função de escola preparatória para ,os Arcanos Menores, o que eles são somente graças ao uso que deles fez dita escola. A mencionada escola usava os Arcanos Maiores para o ensino enciclopédico da Cabala, da Magia, da Astrologia e da Alquimia. Eles serviam então como programa de ensino geral das ciências ocultas tradicionais para a transmissão de conhecimentos gerais sobre sua natureza e seus métodos. Aos Arcanos Menores era reservado o papel de prática psicúrgica, vale dizer, de uma transformação da consciência que se elevasse de plano e se apresentasse como "escola superior" depois da "escola secundária" dos Arcanos Maiores. Os Arcanos Maiores, em seu conjunto, *não são,* contudo, um programa de ensino das ciências ocultas, e sim uma escola de meditação visando despertar a consciência para as leis e as forças que agem na superfície intelectual, moral e fenomênica, ou seja, para os *Arcanos.* E os Arcanos Menores constituem resumo sistematizado das experiências obtidas durante a meditacão sobre os Arcanos Maiores na forma de ampliação - análise e .sintese levadas ao extremo - do Arcano Maior "O Mundo". Eles são, se quiserdes, uma elaboração pormenorizada do Arcano Maior "O Mundo", ou ainda sua *aplicação* ao domínio dos planos da consciência que se eleva do plano da ação para o da emanação.

Seria presumir demais de tuas disposições, caro Amigo Desconhecido, apresentar-te, além das vinte e duas meditações sobre os Arcanos Maiores do Tarô, cinqüenta e seis meditações sobre os Arcanos Menores. Falta-me, ademais, o tempo necessário para esse empreendimento;

convido-te, por isso, caro Amigo Desconhecido, para fazeres tu mesmo esse trabalho, isto é, para escreveres, à maneira dessas Cartas-Meditações, outras Cartas-Meditações sobre os Arcanos Menores do Tarô.

Para facilitar-te esse trabalho, proponho-te as considerações seguintes, que poderão servir de chave para os Arcanos Menores do Tarô.

Os Arcanos Menores do Tarô representam o caminho para a subida da consciência do mundo da ação ou fenomênico, através do mundo da formação e do da criação, ao mundo da emanação. Trata-se então de quatro graus, incluído o mais elevado, da subida da consciência do mundo das imagens sensuais e intelectuais - que correspondem aos *Denários* - ao mundo ou grau de destruição das imagens, ou "deserto" - que corresponde a *Espadas* - a fim de atingir o grau de pobreza de espírito necessário para se tornar receptáculo da revelação do alto - grau esre que corresponde a *Copas.* O grau mais alto é atingido quando a consciência-copas, que recebe a revelação do alto, transforma-se pela· cooperação com a ação reveladora. Ela mesma, pelo fato de estar ativamente unida ao "mundo da emanação", torna-se então atividade reveladora. Com isso, ela terá atingido o grau dos *Bastões* ou dos *Cetros,* isto é, o da atividade criadora pura.

O caminho começa, portanto, no mundo dos Denários ou dos Pentáculos. :E: o mundo das imagens dos fatos, das construções intelectuais ou dos ideais imaginosos. Nele a consciência cerca-se de clima de imagens, da memória da experiência, das fórmulas e dos esquemas intelectuais, bem como dos da imaginação moral ou ideais. Esse mundo de imagens não é nem realidade nem ilusão. Ele é formado dos valoresimagens *correspondentes* à realidade, logo, são conversíveis em realidade.

/Por isso seus símbolos são "denários". Porque, embora moedas não sejam alimento, aquecimento e alojamento, podem ser convertidas em alimento, aquecimento e alojamento como as imagens da memória, das fórmulas e dos esquemas intelectuais e da imaginação moral que *representam* realidades, são conversíveis em realidades.

Ora, esse mundo de Denários, esse mundo de imagens, tem duas significações. Ele eignifica, de um lado, a *riqueza* adquirida pela consciência e, de outro, o conjunto daquilo a que ela deverá renunciar, se quiser chegar à realidade espiritual. Porque, para se converter o dinheiro em coisas reais, isto é, para comprá-las, é necessário pagá-las.· Para se chegar ao reino dos céus é necessário tornar-se pobre de espírito.

Ora, esse pagamento, esse despojamento da riqueza de espírito é o de Espadas. Nele as imagens-valores (ou Denários), cunhadas pelo esforço intelectual, moral e artístico, são destruídas, uma a uma, na mesma ordem *(sefirótica)* em que se formaram. Isso pode durar um instante, uma hora ou dezenas de anos. Em Santo Tomás de Aquino durou o tempo de um êxtase, enquanto em Platão, ao que parece, foi um processo de vários anos. Quanto a santo Tomás, foi provavelmente no fim de 1273 que ele teve um êxtase tão prolongado que sua irmã, em cuja casa ele se hospedava, inquietou-se e interrogou Frei Reginaldo, *qui dixit ei* (" que lhe disse"):

"Frequenter Magister in spiritu rapitur cum aliqua contemplatur, sed numquam tanto tempore, sicut nunc, vidi ipsum sic a sensibus alienum", Unde post aliquam horam ivit socius ad Magistrum et, trahens ipsum per cappam fortiter, quasi a somno contemplationis ipsum ultimo excitavit. Qui suspirans dixit: 'Raynalde fifi, tibi in secreto revelo prohibens ne in vita mea alicui audeas revelare. Venit [inis scripturae meae, quia talia sunt mihi revelata quod ea quae scripsi et docui modica mihi videntur et ex hoc spero in Deo quod sicut doctrinae meae sic cito finis erit et vitae" (Guillaume de Tacco, *Vita,* cap. 47, p. 120. Cf. P. Mandonnet, "Mélanges Tho-
mistes", 1923, p. 8) *("'Muitas vezes, quando contempla certas coisas, o Mestre é arrebatado cm espirito, mas nunca o vi alheio aos sentidos por tanto tempo como agora'. Por isso, depois de algum tempo, o companheiro se aproximou do Mestre e, puxando-o com força pela capa, despertou-o afinal como que do sono da contemplação. E ele, suspirando, disse: 'Reginaldo, meu filho, revelo-te, proibindo-te dizêlo a alguém enquanto eu estiver vivo: Chegou o fim do meu escrever, porque foram-me reveladas tais coisas que as que escrevi e ensinei parecem-me apoucadas, e agora espero em Deus que, como o fim de minha doutrina chegou, chegue depressa também o fim de minha vida' ").*

O êxtase convenceu santo Tomás de que "tudo o que ele tinha escrito e ensinado era de pouco valor" *(ea quae scripsi et docui modica mihi videntur).* Eis um exemplo da passagem pela Esfera da Espada.

Quanto ao outro "rico", Platão (cujas obras, em oito volumes, estão diante de mim enquanto escrevo essas linhas), fez ele uma surpreendente declaração em sua carta, escrita na idade de setenta e cinco anos, aos parentes e amigos de Dion (é a sétima Carta de Platão, que os antigos denominavam a grande carta - *e megale epistole)*

"De mim, em todo caso, não há sobre a matéria (a realidade (to on) nenhum escrito e não é de se prever que haja algum dia. Ela não se deixa exprimir por palavras como outros conhecimentos. É somente depois de um trato prolongado com o objeto, depois de verdadeira vida em comum, que subitamente - como ao acenderse a chama, produz-si! a claridade - ele aparece na alma e daí por diante se nutre dela sozinho".

Assim, na idade de setenta e cinco anos, Platão faz o seguinte julgamento sobre sua obra filosófica: "Nunca escrevi sobre aquilo que é o objeto de meu esforço". Ou Platão estava ironizando (mas uma ironia desse gênero não corresponderia ao tom geral da VII Carta) ou falava sério. Nesse caso ele se declarou contemplativo, isto é, declarou que o imenso trabalho que ele tinha feito no domínio da argumentação com os quatro elementos das palavras (ou nomes) *(onoma),* das definições *(logos),* das imagens *(eidolon)* e da ciência *(episteme)* não era apropriado ao conhecimento do Ser *(ousia to on),* que ele chama simplesmente

de "objeto de meu esforço" *(peri on ego spoudazo)* e que seu esforço era dirigido para a intuição mística do Ser como tal. Em seus últimos anos, esse esforço se tornou tão forte que lhe pareceu poder afirmar nunca ter escrito "sobre o objeto de seu esforço".

É outro exemplo da passagem pela esfera de Espadas. Platão, como santo Tomás de Aquino, chegou à "pobreza de espírito", necessária para se tornar "copas" e "cetro" (ou bastão), isto é, receptáculo da revelação do Ser, depois cooperador ativo, isto é, *iniciado.*

Os "mundos" ou "esferas" de Denários, Espadas, Copas e Bastões correspondem aos graus do caminho tradicional de *preparação,* de *purificação (purgatio, katharois),* de *iluminação (illumlnatio, photismos)* e de *perfeição (perfectio, unio mystica, ta tele).*

O que é adquirido pela observação, pelo estudo, pelo raciocínio e pela disciplina constitui o *grau de preparação* ou o mundo dos Denários.

Este "mundo", exposto à ação do sopro do Real, constitui o *grau de purificação* ou o "mundo" de Espadas.

O que resta, depois dessa prova, torna-se a virtude ou a faculdade da alma de receber a iluminação do alto. É o *grau de iluminação* ou o "mundo" de Copas.

Finalmente, à medida que a alma se eleva da receptividade para a cooperação ativa com o Divmo, é admitida ao grau de *perfeição* ou ao "mundo" dos Cetros ou Bastões.

Eis, caro Amigo Desconhecido, as coisas que podem servir como chave dos Arcanos Menores do Tarô para teu trabalho sobre esses Arcanos.

Adeus, caro Amigo Desconhecido.

Festa da Santíssima Trindade

21 de maio de 1967

ÍNDICE

11.

As 22 cartas ou arcanos maiores do Tarô são representações simbólicas, e seu conjunto constitui um verdadeiro ensinamento secreto. É esse simbolismo que o autor se propõe explicar, apoiando-se na tradição do hermetismo cristão em sua triplice dimensão - mística, gnóstica e mágica-, mas também na Cabala judaica e nas tradições astrológicas da Caldéia e da Índia. Para ele, as cartas do Tarô são essencialmente imagens arquetípicas que expressam os grandes princípios que regem o cosmo.

O livro nos leva bem longe das simplificações habituais: aqui o Tarô não serve mais para se prever o futuro, nem a astrologia para se determinar o horóscopo. Citando profusamente cientistas, hermetistas, filósofos, teólogos e místicos - antigos e contemporâneos -, o texto desdobra as imagens do Tarô num grande afresco no qual o leitor se inicia no mistério do mundo e dos homens. As preocupações atuais são continuamente confrontadas com as tradições dos grandes mestres, como João da Cruz e Teresa de Ávila, Pico della Mirandol~ e Jacob Bõhme, Teilhard de Chardin e Carl G. Jung. A magia humana, em geral eJ'tendida e usada como poder de dominação, é superada pelosautor numa visão do mistério da graça, no sentido cristão do termo. A obra, enfim, é uma espécie de grande tratado de teologia mística, ao mesmo tempo singular e fascinante.

O autor preferiu manter-se no anonimato. O que lhe importa é apenas a grande corrente dos hermetistas e dos cabalistas, dos quais ele é o último elo.



